Carteira
do
Artista
POR
SOUSA BASTOS
MAN. T. G.

CARTEIRA DO ARTISTA

SOUSA BASTOS
CARTEIRA DO ARTISTA
TIM-TIM POR TIM-TIM
OSÉ BASTOS-EDITOR
RAPHAEL BORDALLO
LITH. C.ᴺᴬᴸ EDITORA

SOUSA BASTOS

CARTEIRA DO ARTISTA

APONTAMENTOS PARA A

HISTORIA DO THEATRO PORTUGUEZ

E

BRAZILEIRO

ACOMPANHADOS DE NOTICIAS SOBRE OS

Principaes artistas, escriptores dramaticos
e compositores estrangeiros

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND—José Bastos
73—Rua Garrett—75

1898

A' minha querida e santa mulher

Palmyra Bastos

Modelo das esposas, espelho das mães

e

exemplo das artistas

O seu marido grato

Sousa Bastos

Minha querida amiga

És sempre tu que me animas em todos os meus trabalhos. A publicação d'este livro devo-a ainda á coragem que me déste; dedico-t'o, pois, cumprindo um dever, e tendo ainda uma vez a satisfação de dizer publicamente o muito affecto que te consagro.

Sousa Bastos

SÓ DUAS PALAVRAS

Não é completo, nem o poderia ser, este trabalho, visto que dependia elle da boa vontade de muitos e de fontes seguras, onde se pudessem ir beber informações exactas.

Compulsando as paginas d'este livro, poderá calcular-se o trabalho d'investigação a que me entreguei por longo tempo. Não ficou uma unica data para que não encontrasse um acontecimento que interessasse ao theatro.

Ha talvez nomes esquecidos n'este livro. Alguns tel-o-hão sido por deficiencia minha; muitos, porém, pela impossibilidade de obter informações, ou porque me foram negadas, ou porque da terra desappareceram todos os que as poderiam fornecer.

N'outros volumes que preparo serão remediadas muitas das faltas que n'este se poderão notar.

Com respeito a retratos, deixam tambem de figurar no livro muitos que se impunham, mas que me não foi possivel obter a tempo de se fazerem as gravuras.

Sousa Bastos

COMO CURIOSIDADE

O original d'este livro será guardado pelo auctor, visto que foi todo elle escripto em papel sahido dos archivos do antigo *theatro do Bairro Alto*.

AGRADECENDO

Seria ingratidão não mencionar aqui os nomes de seis amigos, que muito me auxiliaram, prestando-me as informações ao seu alcance, e fazendo-o da melhor boa vontade. A todos elles dou do melhor grado a parte que lhes cabe, do louvor que possa ter este trabalho d'investigação.

Os seis cavalheiros são:

Francisco da Costa Braga, distincto escriptor dramatico e antigo ensaiador.

Manoel Machado, o fundador e antigo empresario do Gymnasio.

José Antonio Moniz, illustre empregado da Bibliotheca Nacional, antigo actor e ensaiador do theatro de D. Maria.

Joaquim José da Silva Moreira, o distincto actor reformado.

Antonio dos Santos Pires, antigo actor e actualmente fiscal da empresa do theatro *D. Affonso,* do Porto.

O actor Gomes, actualmente tambem no Porto.

Resta-me ainda agradecer o espontaneo offerecimento de preciosas informações do Ex.mo Sr. Manuel de Carvalhaes, do Paço de Cidadelhe, Mezão Frio, que possue a mais completa collecção de obras theatraes, especialmente librettos, que são já quinze mil; e de D. Manuel Amor Meilán, illustre auctor dramatico hespanhol e redactor de *El Regional,* de Lugo.

FONTES

Entre outras muitas, consultei com excellente resultado as seguintes:

Archivo Pittoresco.

Arte Dramatica.

Apontamentos d'um folhetinista.

Acteurs et actrices d'autrefois.

Annuario portuguez.

Contemporaneo.

Correio da Europa.

Diario Illustrado.

Diccionario Bibliographico Portuguez.

Diccionario Bibliographico Brazileiro.

Galérie Illustrée de Célébrités.

Galeria Artistica.

Historia do Theatro Portuguez.

Illustração.

Lisboa antiga.

Madrid de los recuerdos.

Museu litterario.

Musicos portuguezes.

Nos Artistes.

Nos Auteurs et Compositeurs Dramatiques.

Occidente.

Platéa.

Panorama.
Revista Theatral.
Revista Universal Lisbonense.
Revista Contemporanea.
Real Theatro de S. Carlos.
Recordações de Portugal.
Revista Illustrada.
Summario de varia historia.
Teatro in Italia.
Theatros de Lisboa.
Theatro de Manoel de Figueiredo.
Theatro comico.
Tim Tim por Tim Tim (jornal).

JANEIRO

2

JANEIRO

I

1783 — N'um grande jantar dado em Vienna, em honra dos Gran-Duques da Russia, fez-se ouvir, sendo enthusiasticamente applaudida, a celebre cantora portugueza **Luiza Todi**, de quem fallaremos mais largamente na data do seu nascimento, em 9 d'este mez.

1840 — 1.ª representação no theatro da Rua dos Condes da comedia em 3 actos de **Ignacio Maria Feijó**, *O Camões do Rocio*. Esta recita foi em beneficio da actriz Carlota Talassi.

A peça, apresentada ao Conservatorio, teve o seguinte despacho:

«Tendo-se resolvido em conferencia ge-«ral do Conservatorio do primeiro do cor-«rente que a comedia em 3 actos, *O Camões «do Rocio*, merecia ser admittida ás provas «publicas, aconselhando-se ao auctor mais «alguma vivacidade no estylo, digo, no «dialogo, e alguns toques mais caracteris-«ticos na personagem que dá o titulo ao «drama, mando que a dita peça seja entre-«gue ao empresario do theatro nacional «normal de Lisboa para que se represente. «Lisboa, Inspecção Geral dos theatros e «espectaculos publicos, em 4 de dezembro «de 1839. — *J. B. d'Almeida Garrett.*»

Em sessão plena do Conservatorio Real, de 26 de março de 1842, foi resolvido que, entre as peças representadas desde 1839 a 1841, deviam ser dados os premios pecuniarios, determinados pelos Estatutos do Conservatorio, á comedia *O Camões do Rocio*, de **Feijó**, ao drama *Dois Renegados*, de Mendes Leal, ao drama *Os Dois Campeões*, de D. Pedro da Costa de Sousa Macedo e ao drama *O Captivo de Fez*, de Antonio Joaquim da Silva Abranches.

Ignacio Maria Feijó escreveu mais as seguintes peças: *A Torre do Côrvo*, drama em 4 actos, *Remechido o guerrilheiro*, drama em 3 actos, *Carlos ou a familia d'um avarento*, comedia em 4 actos, e *Pedro Sem*, drama em 5 actos. Foram todas representadas com applauso.

Ignacio Maria Feijó morreu em 1857.

1845 — Nasce em Lisboa **Emilia Eduarda.** Casou com 12 annos e meio de edade. Representou pela 1.ª vez, como amadora, no theatro Therpsicore, na rua da Conceição, á Praça das Flores, na companhia do actual empresario Freitas Brito e do fallecido actor Leoni. N'essa recita, em que agradou extraordinariamente, representou tres papeis mui diversos, nas comedias: *Homem de ouro, Util e agradavel* e *Moleira de Marly*.

Tendo enviuvado, entrou para o theatro do Gymnasio, onde se estreiou, em outubro de 1861, na comedia em 1 acto, traduzida por Julio Cesar Machado, *A esposa deve acompanhar seu marido*, em que fez verdadeiro successo. A comedia conservou-se por largo tempo no repertorio. Mais tarde sahiu do Gymnasio para o theatro das Variedades e depois para o Principe Real.

Foi para o Porto com a empreza Moutinho, e alli se tem conservado, sempre festejada, nas emprezas Garraio, Rente, Taveira e José Ricardo.

No anno de 1895 foi com a companhia Taveira ao Rio de Janeiro, sendo tambem ahi muito apreciada.

Emilia Eduarda é intelligentissima.

No theatro teem apparecido diversas producções suas. Escreveu a primeira poesia que Antonio Pedro recitou.

Em diversos jornaes e volumes ha trabalhos seus de merito.

1866 — Nasce em Portalegre o actor **Telmo.**

Vindo com seus paes para Lisboa, **Telmo Larcher**, desde muito creança, só pensava no theatro e não sahia dos palcos.

Em 1880, isto é, com 14 annos, entrou para o Gymnasio e lá tem feito a sua carreira. Nas epochas de verão representa n'outros theatros ou faz *tournées* no Brazil. Só esteve uma epocha na Trindade.

Telmo é o que se chama um bonito rapaz e principalmente um rapaz alegre; um divertido bohemio, ao mesmo tempo que é um filho exemplar; adora os cafés e a estroinice, da mesma fórma que tem fanatismo pela sua casa, que é uma bella habitação de artista.

É o galan querido do Gymnasio e da rapaziada do Suisso. Representa com a mesma alegria e ligeireza a comedia e a opereta ou revista e é capaz de representar ainda mais alegre o drama.

Citar as peças em que mais tem agradado, seria o mesmo que citar todo o interminavel repertorio do Gymnasio.

1892 — Morre no Rio de Janeiro, victima da febre amarella, a actriz **Amelia da Silveira.**

Esta actriz, natural de Portalegre, começou n'um theatro popular do Porto, onde passou desapercebida. Em Lisboa appareceu pela primeira vez no demolido theatro dos Recreios, representando na comedia em 1 acto *Convido o coronel*. Esta comedia fôra traduzida e representada por José Carlos dos Santos, no theatro do Gymnasio. **Amelia da Silveira** fazia agora o papel que fôra innumeras vezes representado por Emilia Letroublon. Agradou e notou-se na estreiante uma certa elegancia, formosura e distincção.

Com taes dotes não surprehendeu que immediatamente lançasse mão d'ella a empreza de D. Maria, quasi sempre afflicta por actrizes que saibam apresentar-se.

Começou apparecendo rasoavelmente, até que se salientou na *Sociedade onde a gente se aborrece*, peça em que fez o papel de miss Lucy. D'ahi por diante entrou em todo o repertorio, e todos, confessando que nunca seria uma notabilidade, concordavam em que era uma grande utilidade no theatro.

Foi por duas vezes com a companhia de D. Maria ao Brazil, onde foi muito applaudida. Voltou alli com a actriz Lucinda Simões. Tendo esta abandonado a scena, **Amelia da Silveira** fez-se emprezaria do theatro Lucinda, e estava no começo da sua exploração, quando a febre amarella a

arrebatou, deixando na orphandade a filhinha, que era o enlevo da elegantissima actriz.

2

1793--Morre n'este dia, com 86 annos de edade, pois que nascera em Veneza, em 1707, o illustre **Goldoni**, o mestre da comedia em Italia e que deixou escriptas 150 peças, todas de primeira ordem.

1890—Morre em Madrid o celebre tenor **Gayarre**, de quem fallaremos detidamente na data do seu nascimento, a 9 d'este mez.

3

1832—Nasce na Bahia o escriptor brazileiro **Manoel Jesuino Ferreira**, jornalista e homem de leis, que foi tambem dramaturgo. Conheço a sua peça *Antes quebrar que torcer*, drama patriotico em 3 actos. Ha n'elle mais manifestação de amor da patria do que qualidades dramaticas.

Jesuino Ferreira morreu no Rio de Janeiro em 4 de outubro de 1884.

4

1823--Estreia-se no novo theatro do Bairro Alto, do largo de S. Roque, a companhia franceza dirigida por mr. Jourdain, com a comedia em 5 actos de Desforges, *La Femme Jalouse* e a comedia em 1 acto de Vial, *Mari et l'Amant*. Esta companhia, que já estivera por muito tempo no theatro do Salitre, acabou desastrosamente por falta de publico.

1835 — Estreia, em Lisboa, no theatro da Rua dos Condes, da companhia franceza de que fazia parte **Emilio Doux**.

Foi esta companhia que desenvolveu no nosso publico o gosto pela escóla romantica, que então triumphava lá por fora em toda a linha.

Emilio Doux, depois de, com a sua companhia franceza dar verdadeiros exemplos de progresso na arte aos actores portuguezes, tomou a direcção do nosso theatro nacional, desenvolvendo notavelmente o gosto pela arte de representar. No tempo em que dirigiu os theatros do Salitre, Rua dos Condes, Gymnasio e D. Fernando, apresentou grande numero de discipulos distinctissimos, que mais tarde foram verdadeiros ornamentos do theatro portuguez. Entre elles basta citar: Theodorico, Matta, Fidanza, Dias, Epiphanio, Tasso, Emilia das Neves, Carlota Talassi, Josepha Mesquita, Florinda Toledo, e outros.

Emilio Doux, apesar dos importantes serviços que prestou, soffreu a maior guerra por parte da imprensa e até de muitos artistas, o que o levou a partir para o Rio de Janeiro, onde prestou ainda bastantes serviços ao theatro e onde morreu em 1876.

5

1827—Nasce no Rio de Janeiro **Antonio de Castro Lopes**, medico em 1848, professor de latinidade no Imperial Collegio Pedro II em 1849, deputado de 1853 a 1855, official da secretaria dos estrangeiros em 1859; foi tambem cavalleiro da Ordem de Christo do Brazil.

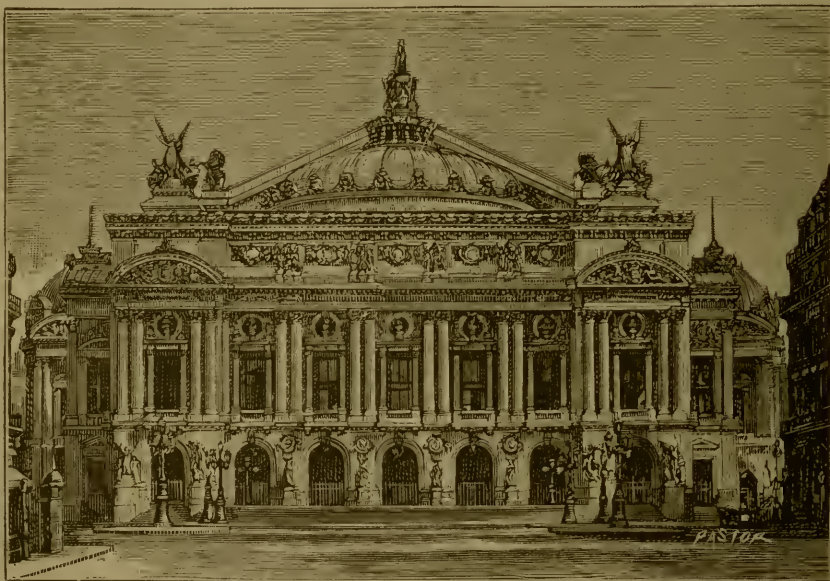
Escreveu **Castro Lopes** para o theatro a tragedia em 4 actos *Abamoacara*, a comedia em 3 actes *Meu marido está ministro* e mais as comedias *Um thesouro*, *O Compadre Susano*, *A Emancipação das mulheres* e *As tres Graças*. Tem ainda o drama em 3 actos *A Educação*.

Todas estas peças são escriptas em linguagem purissima e filiadas n'uma decente e bem entendida escóla realista.

1875—Inauguração da nova **Grande Opera de Paris**, construida pelo notavel architecto Charles Garnier.

Assistiram, por convite especial, a este espectaculo de sensação o marechal de Mac-Mahon, presidente da republica, com sua familia e os officiaes da sua casa, todos os grandes funccionarios publicos, a aristocracia das lettras e das artes, o lord-maire de Londres com todo o seu aparato, o burgomestre de Amsterdam, a rainha Isabel de Hespanha com seu filho Affonso XII, duzentos e cincoenta deputados tirados á sorte. O mais engraçado d'este espe-

ctaculo foi que todos os convidados tiveram de pagar os seus bilhetes! Apenas o architecto foi auctorisado a lançar nas despezas da construcção o preço do seu logar! Extravagancias administrativas, que muitas vezes são inexplicaveis.

Depois de grandes difficuldades em organisar o programma, por faltar scenario. vestuario e accessorios, e para se não adiar a data da inauguração por causa dos convites já expedidos, realisou-se o seguinte programma: symphonias da *Muda de Portici* e *Guilherme Tell,* dois actos da *Hebrea* pelos artistas Villaret, Belval, Bosquin, madame Krauss e Maria Belval; 2.º acto do baile *La Source,* e a scena da benção dos punhaes dos *Huguenottes* por Gaillard e côros.

Grande Opera de Paris

1888 — Estreia-se em S. Carlos a cantora Regina Pacini, de quem vamos fallar no dia immediato, anniversario do seu nascimento.

1728 — Nasce em Lisboa **Domingos dos Reis Quita,** talvez o nosso melhor poeta bucolico. Era cabelleireiro de profissão. Na Arcadia foi conhecido por *Alcino Mycenio.* De condição humilde e conservando-se sempre cabelleireiro, conseguira ser altamente considerado pelo seu engenho.

As suas obras estão compendiadas em dois tomos com o titulo: *Obras poeticas de Domingos dos Reis Quita.* Possuo a primeira edição, impressa em 1766.

N'estas obras estão incluidas as tragedias: *Hermione, Licore* e *Castro.*

A *Hermione* é a sua obra dramatica de mais valor; todavia a *Castro* mereceu ser traduzida em inglez e foi d'ella que João Baptista Gomes tirou a sua *Nova Castro.*

Domingos dos Reis Quita morreu em 26 de agosto de 1770, assassinado por um marido ultrajado.

1850 — Nasce o actor **Taveira.**

Affonso dos Reis Taveira é natural da aldeia de Crestello, freguezia de Fontes, concelho de Santa Martha de Penaguião, provincia de Tras-os-Montes.

Dos 15 aos 20 annos foi empregado tele-

graphico da Companhia dos Caminhos de Ferro.

Quando esteve fazendo serviço na estação do Entroncamento, fundou com outros empregados uma sociedade dramatica.

No Porto estreiou-se como actor n'um pequeno papel do drama *Lago de Kilarney*.

Em 1879 foi pela primeira vez ao Brazil, visitando, com a sua companhia, Pernambuco e Maranhão. Em 1882 entrou para o theatro de D. Maria e em 1883 foi para o Porto, escripturado para o theatro Baquet. Foi por alguns annos actor e ensaiador da empreza Alves Rente, donde sahiu para se associar com José Ricardo e Santinhos, explorando o theatro D. Affonso.

Com a morte de Alves Rente a empreza passou para o theatro do Principe Real. Pouco depois saiam da sociedade Santos e José Ricardo, ficando **Affonso Taveira** emprezario unico. Ainda hoje assim continúa. Nos intervallos dos seus trabalhos no Porto, **Taveira** percorre os theatros das provincias, das ilhas e do Brazil. Já mesmo foi representar a Hespanha, na Galliza, tendo lá sido annunciado como primeiro actor portuguez, o que lhe valeu alguns desapontamentos. No Rio de Janeiro fez já duas epochas, uma d'ellas com bastante felicidade, principalmente por levar á frente da companhia o actor José Ricardo, e porque os portuguezes do Norte, que alli abundam, tomaram a empreza debaixo da sua protecção.

Taveira é um bom administrador de theatro e, como ensaiador, sabe metter em scena uma peça. Não educa artistas; mas tem uma boa escóla para coristas e comparsas.

Como actor sabem todos que **Taveira** tem audacia bastante para fazer o *Kean* e outras peças com que não póde.

São incompletos estes traços, colhidos nas informações dos que com **Taveira** teem atravessado as lides theatraes. Não me foi possivel obter directamente quaesquer dados, para os lançar n'um livro qne se propõe a deixar conhecidos para o futuro os nossos homens de theatro.

Isto mesmo define um pouco o homem de que trato e o seu valor intellectual.

1871—Nasce em Lisboa **REGINA PA-**

CINI, filha de Pietro Pacini, antigo director do theatro de S. Carlos, de quem teremos que fallar n'este livro.

Como acima notámos, debutou no nosso theatro lyrico, a 5 de janeiro de 1887, vespera do dia em que completava 17 annos! A sua estreia foi na *Somnambula*, opera em que Emma Nevada tivera enormes ovações, semanas antes, e em que a celebre Patti acabava de ter quasi um *fiasco*.

O publico ficou assombrado com a noticia da temeridade da pequena **Pacini** e correu ao theatro na convicção de que com a censura ou, pelo menos, com um significativo silencio teria de desanimar a primeira tentativa da sua compatriota.

Não succedeu assim. **Regina Pacini** elevou-se á altura de uma artista talentosa e inspirada, com uma voz deliciosamente timbrada e admiravelmente educada. Ficou desde esse momento consagrada artista superior. Na sua tenra idade ninguem tanto havia conseguido, ninguem mais promettera.

A *Somnambula* seguiu-se a *Lucia*, depois *Chrispim e a Comadre*, *Barbeiro de Sevilha*, *Manon*, *Traviata*, *Elixir d'amor*, *Hamlet*, *Mignon* e outras muitas operas, em que sempre foi, com justiça, applaudidissima.

Do nosso theatro passou ao de Madrid e todos os principaes de Hespanha, a Londres, Italia e Russia, sempre bafejada pe-

los applausos enthusiasticos dos verdadeiros admiradores da arte de canto.

1896 — Morre em Lisboa a actriz **Florinda Macedo.**

Florinda foi uma das cantoras mais notaveis da opereta em Portugal. Tinha apenas 14 annos quando começou a representar, estreiando-se no Gymnasio, na *Somnambula sem o ser,* e fazendo logo depois a *Marqueza,* de Miró, n'uma das suas mais felizes *reprises.*

A sua formosura, voz lindissima e desembaraço captivaram immediatamente o publico, que por muito tempo a distinguiu como a sua actriz predilecta do genero.

Em seguida accentuou o seu valor no *Filho-familias,* no *Andador das almas,* nas *Georgeanas,* na *Viagem á China, Tio Braz,* etc.

Em 1869 passou para a Trindade, onde se havia estabelecido definitivamente a opera-comica e ahi teve então a sua epocha mais brilhante.

O repertorio de **Florinda,** na Trindade, era enorme. Trabalhava constantemente, sem se fatigar, com o ardor e enthusiasmo de quem ama verdadeiramente o theatro e se sente verdadeiramente amada pelo publico.

Citarei apenas algumas das peças em que se tornou mais notavel: *Fausto o petiz, Princeza de Trebizonda, Rosa de sete folhas, Grã-Duqueza, Rouxinol das salas, Pepe Hillo, Amar sem conhecer, Amazonas do Tormes, Dominó preto, Sargento Frederico, Nini, Cem Donzellas, Campanone, Cruz de oiro, Duende, Thesouro escondido, Filha da sr.ª Angot, Giroflé-Giroflá, Marselhesa, Joanna-Joanninha e Joannica, Sinos de Corneville, Milho da Padeira, Filha do Inferno, Babiole, Madame Favart, Orpheu no Inferno, Barba Azul, Dragões d'El-Rei, Mascotte, Volta ao mundo, Luzbelin, Moleiro d'Alcalá, Amor molhado, Noiva dos Girasoes, Miss Helyett, Menina do Telephone, Côrte do Rei Pimpão,* etc.

A sua estreia na Trindade foi na magica *A Gata borralheira,* substituindo Anna Pereira no *Principe Encantador.*

As suas verdadeiras corôas foram: a Margarida do *Fausto o petiz,* a Clarinha da *Angot,* a *Giroflé* e ainda os papeis do *Campanone* e do *Amar sem conhecer.*

Em 1893 entrou para a companhia do theatro de D. Maria e ainda ahi, em genero completamente diverso d'aquelle em que trabalhára sempre, foi distinctissima e utilissima ao theatro, especialmente no *Medico á força* e na *Santa Umbelina.*

Por informações que ultimamente obtive, posso garantir que **Florinda Macedo** nasceu em Rio Maior, a 29 de novembro de 1845.

Antes de representar no Gymnasio, tomou parte n'umas recitas de amadores no antigo theatrinho do Aljube.

Florinda era sobrinha do velho actor Macedo e da grande actriz Emilia Candida, tia da actriz Adelina Nunes, que por muito tempo fez parte da companhia do Gymnasio e nos ultimos annos tem permanecido no Rio de Janeiro. Deixou dois filhos, duas filhas e alguns netos.

Os ultimos annos da sua vida foram de um verdadeiro martyrio pelo muito que uma horrivel doença a fez soffrer.

7

1738 — Representa-se no theatro do Bairro Alto a ultima opera de Antonio José, intitulada *Precipicio de Faetonte.* Acabou com ella o verdadeiro esplendor d'aquelle theatro em tal epocha.

Do seu auctor fallaremos largamente na data do seu nascimento, a 8 de maio.

1897 — Morre o velho actor **Antonio Augusto Xavier de Macedo,** tio da actriz Florinda Macedo e sogro do escriptor dramatico e actor de provincia, Antonio Mendes Leal.

Macedo fez parte da antiga companhia do theatro D. Fernando e chegou mesmo a estar ultimamente no theatro de D. Maria. A sua nomeada, todavia, foi como director de uma companhia que elle trazia fardada e organisada quasi militarmente, e com a qual percorreu as provincias, ilhas e Brazil.

Não fez trabalho que mereça menção especial.

8

1824 — Nasce na villa de Abrantes

Francisco Alves da Silva Taborda, o grande actor **TABORDA**.

Quando elle nasceu já não existia seu pae e a pobre mãe apenas o poude mandar ensinar a ler e escrever. Aos 9 annos veiu para Lisboa entregue aos cuidados do avô, que o mandou aprender a arte de typographo para a officina do Motta, no Rocio.

Este Motta foi quem mandou construir o theatro do Gymnasio, como explicarei quando fallar de Manuel Machado, a 19 de outubro.

Parecendo ao dono da typographia que o seu aprendiz tinha disposição para a scena, convidou-o a fazer parte da companhia com 9$600 réis por mez. Elle acceitou e estreiou-se na abertura do theatro, a 17 de maio de 1846, n'um papel de aprendiz do drama *Os Fabricantes de moeda falsa*.

Foi-se desenvolvendo, sempre com agrado, n'outras peças e o emprezario augmentando-lhe o ordenado. Ganhava já 20$000 réis quando Emilio Doux, indo dirigir o Gymnasio, entendeu que elle nada valia e reduziu-lhe o vencimento a metade! Como Emilio Doux se enganou!

Mais tarde, quando **Taborda** foi representar ao Brazil, o notavel ensaiador e mestre de tantos artistas distinctos, foi abraçal-o ao camarim e retratar-se da injustiça com que o havia apreciado.

Taborda tem representado em quasi todos os theatros de Lisboa, Porto, provincias e ilhas; mas o seu predilecto, aquelle em que mais tempo permaneceu, foi o do Gymnasio. Esteve duas epochas na Trindade, uma em D. Maria.

Nos outros theatros só apparece em recitas extraordinarias, a que elle dá todo o brilho do seu maravilhoso talento, ou em recitas de caridade, que nunca se recusa auxiliar.

O repertorio de **Taborda** é enorme. Deixarei aqui mencionadas apenas algumas peças em que se tornou mais notavel: *A Marqueza, A velhice namorada, O ensaio da Norma, O chinello da cantora, O Misantropo, Miguel o torneiro, José do Capote, Dois primos, Cantor cosmopolita, Reflexões d'um bailarino, Andador das almas, Pedro o tecelão, Novella em acção, Dois mundos, Primavera eterna, Effeitos do vinho novo, Mentiroso, Filho-familias, Tio Matheus, Medicos, Por um triz, Amor pelos cabellos, Medico á força, Medicina de Balzac, Pesca da baleia, O avô, Á espera do estalinho, Para velhaco..., Casamentos ricos, Voz do sangue, Divorciemo-nos, Patifa da primavera, Doente de scisma, Romance de uma mulher honesta, N.º 1 alli á esquina, No dia do noivado, Inglez e Francez, Ditoso fado, Compadre Pantaleão, Dispa-se, Ali Bem, Manos Soisas, Escriptorio d'advogado, Casamento de conveniencia, Dominós brancos, Homens ricos, Sr. Procopio Baeta, Verywell, Actor de provincia, Traviata, Para as eleições, Mysterio da rua da Prata, Pupillas do sr. Reitor, Os advogados, A Grande Duqueza no penultimo andar, O pennacho, Dois candidatos, Amigo dos diabos, Flor de Chá, A Policia, Bella Helena, Á roda da Parvonia, Canção de Fortunio, Um bravo do Mindello, Princeza de Trebizonda, Tio Torquato, Mocidade de Figaro, Amor Londrino, Tagarellas, Cosinha, casa de jantar e sala, Em guerra particular antes da paz geral, Zé Palonso*, etc.

Como artista, **Taborda** é o que temos hoje de mais eminente. Quando a escola romantica ainda dominava o nosso theatro e o gosto do publico, apparecia elle, como o precursor da escola realista, todo verdade, todo naturalidade, fazendo-nos pas-

mar pela singeleza e perfeição do seu trabalho.

Ainda não tivemos artista mais correcto; ainda nenhum dispoz mais das sympathias do publico, sem uma unica vez abusar d'elle.

As suas festas eram outras tantas noites de verdadeiro enthusiasmo, em que os bilhetes eram disputados com ardor e por alto preço.

Como homem, o actor **Taborda** é o verdadeiro modelo da honestidade, a honra e gloria da sua classe.

Pelos serviços prestados á Arte foi reformado pelo parlamento como actor de 1.ª classe.

Nos ultimos annos a doença, e principalmente a surdez, teem-n'o affastado do palco; quando, porém, alli apparece de longe em longe, o publico levanta-se n'um impeto de enthusiasmo, saudando o seu artista, sempre querido e preferido.

A Sociedade de Artistas Dramaticos, que se fundou no theatro da Trindade, n'uma das suas reuniões, acclamou seu presidente honorario o grande **Taborda.** Não podia haver homenagem mais justa.

Apesar de acabrunhado pela doença e principalmente pelos horriveis golpes que ultimamente teem ferido o seu coração amantissimo da familia, conserva ainda **Taborda** o seu ar jovial, a sua inimitavel expressão comica, o seu finissimo espirito. Ha dias contava-me elle que um popular, tão seu admirador como todos, lhe dizia cheio de enthusiasmo:

— Ah! seu **Taborda,** Deus me não mate sem ver o seu enterro!

Como o bom artista ria ingenuamente da declaração do pobre homem, que pensava assim significar que, quando tal fatalidade e tal perda se dér, Lisboa inteira, coberta de crépes, ha de ir prestar a derradeira homenagem ao seu idolo.

Quando ha pouco se fez em D. Maria as *reprises* do *Medico á força* e dos *Medicos,* entrando todos os primeiros artistas do theatro normal, viu-se como, apesar de bons talentos, todos pareciam mesquinhos ao pé do grande, do inimitavel, do glorioso **Taborda.**

1830 — Nasce em Lisboa, na freguezia da Pena, o actor **Justiniano Nobre de Faria.**

Começou muito novo aprendendo o officio de luveiro; mas pouco depois foi empregado para o guarda-roupa do theatro de S. Carlos.

Começou ahi a tomar gosto pela arte e representando em theatros particulares. Um dia resolveu-se a ser actor e conseguiu estreiar-se em papel insignificante, no theatro de D. Maria, a 9 de julho de 1850, no drama *Herdeiro do Czar,* em que entraram seis novos discipulos, entre os quaes **Faria,** Simões, Santos e Cesar de Lima.

Do theatro de D. Fernando chamaram-n'o então, por saberem que elle tinha uma voz rasoavel e alli se estreiou na *Barcarola,* opera comica que n'aquella epocha fez grande furor. Ahi se conservou **Faria** até que o theatro fechou e elle foi então fazer parte da Companhia do theatro das Variedades, onde teve notaveis creações, como a de Sataniel na *Loteria do Diabo*, de Zanguizarra na *Ave do Paraizo,* no *Reino das Fadas,* na *Pomba dos ovos d'oiro, Dois cadís,* etc.

Na Rua dos Condes teve tambem papeis notaveis no *66*, *Fagulha*, *Estrella do Norte*, *Intrigas no bairro*, *Novas intrigas*, *Dois dias no Campo Grande* e muitas outras.

No Principe Real lembram-se todos do extraordinario desempenho que **Faria** deu ao papel do General Boum da *Grã-Duqueza:* lembram-se tambem como era notavel no gallego da *Molestia de pelle e o sr. Raynunculo,* na *Flor de Chá,* etc.

Depois de tudo isto, **Faria,** sempre desgostoso, pelo seu genio excentrico e pelos seus excessivos melindres, partiu para o Brazil, onde soffreu uma doença grave, onde nada teve occasião de fazer no theatro e donde voltou para Lisboa a expensas de um amigo.

Chegado aqui, represeutou ainda na Rua dos Condes e Recreios nas revistas de Argus, *Tutti-li-mundi* e *Etcœtera e tal*, no *Bombeiro* de José Romano, na *Taberna* de Zola e n'outras peças.

Depois, agravou-se a doença que havia muito o minava, recolheu a um quarto do hospital de S. José e alli morreu a 28 de abril de 1883.

Faria poucos amigos teve, porque de toda a gente desconfiava. Era um homem honestissimo, incapaz de prejudicar alguem, ou mesmo de fallar mal de qualquer pessoa; mas o seu genio excessivamente desconfiado afastava-o da convivencia.

O unico amigo, a quem abria o seu peito, de quem acceitava beneficios e com quem desabafava, era o sr. Guilherme Esteves, empregado que era da casa João Candido da Silva, da rua do Ouro, e hoje estabelecido com casa de cambio na rua do Amparo.

Faria, bem observado, dava a perceber um qualquer desarranjo mental. Creou na sua imaginação úma *seita*, como elle dizia, expressamente para o perseguir. Ultimamente caracterisava-se ás escuras no seu camarim, para que ninguem o espreitasse!

Como artista, póde afoutamente dizer-se que em actor burlesco e excentrico é o que temos possuido de melhor, sem deixar de ser bastante correcto nos papeis de outro genero.

Merecia ter sido mais feliz. Todo o desequilibrio das suas faculdades foi devido ao golpe que soffreu, por tel-o abandonado a mulher que adorava, uma actriz hespanhola, que depois figurou no theatro portuguez, Rafaela Gallindo.

1850 — Representa-se pela primeira vez, no theatro de D. Maria, a magnifica comedia de costumes populares portuguezes, **O Mineiro de Cascaes**, original de Joaquim da Costa Cascaes, de quem fallaremos na data do seu nascimento, a 29 de Outubro.

1877 — Pinheiro Chagas apresenta na Camara dos Deputados o requerimento para ser dada a reforma ao grande actor portuguez, **José Carlos dos Santos**, que acabava de cegar.

A reforma foi logo depois approvada.

1753 — Nasce em Setubal a notabilis-

sima cantora **LUIZA D'AGUIAR TODI**, que chegou a ser considerada a primeira artista lyrica do seculo passado.

Juntamente com sua irmã **Cecilia**, foi contractada para o theatro do Bairro Alto. Alli representou no *Tartufo*, traduzido pelo capitão Manuel de Sousa, tendo pouco mais de 14 annos de edade.

A 28 de julho de 1769, isto é, com dezeseis annos, casou com Francisco Xavier Todi, musico da orchestra do theatro.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, na sua *Archeologia Artistica*, estranha que Ribeiro Guimarães na sua *biographia* de **Luiza Todi** affirmasse que o vencimento do rabequista Todi fosse de mil e duzentos por noite, por lhe parecer quantia avultada.

Eu, ao contrario, sustento que Francisco Xavier Todi não podia tocar primeira rabeca; porque estes ganhavam aliás dois mil réis por noite. Possuo muitas e muitas folhas de pagamento aos musicos das orchestras dos theatros do Bairro Alto, Rua dos Condes e Graça, e n'ellas se vê isto claramente.

Luiza Todi, que, ao mesmo tempo que representava no theatro do Bairro Alto, estudava a sublime arte com o insigne musico David Perez, foi contractada como primeira dama comica para o theatro italiano de Londres em 1777. Alli alcançou

extraordinario exito, assim como em Paris e Madrid.

N'uma carreira triumphal percorreu a Italia, Inglaterra, França Austria, Allemanha, Hespanha e Russia, até que em 1796 voltou definitivamente para Portugal.

Luiza Todi enviuvou em 1803. Ficou vivendo modestamente do producto de algumas lições até que em 1813 perdeu um olho e em 1823 ficou completamente cega. Em todo o caso nunca chegou á miseria.

Foi accommettida de um insulto apopletico em junho de 1833 e expirou a 1 de outubro do mesmo anno, tendo 80 annos, 8 mezes e 21 dias de edade, na travessa da Estrella n.º 2, 2.º andar.

Foi sepultada no cemiterio da parochial egreja da Encarnação.

Na *Archeologia Artistica*, de que apenas se extrahiram 250 exemplares numerados, de que possuo o n.º 22, diz com toda a justiça o sr. Joaquim de Vasconcellos:

«Lembramos em nome da patria, em «nome da justiça e em nome de uma gra-«tidão que nos parece dever ser eterna e «sagrada, uma memoria para quem levou «em carreira triumphante e sempre glo-«riosa o nome portuguez atravez de toda a «Europa. Para a cidade de Lisboa, tanto «como para Setubal, deve ser obrigação sa-«grada perpetuar um nome immortal, man-«dando fixar na casa da travessa da Es-«trella, onde acabou essa existencia glo-«riosa, uma lapide commemorativa, para «que não nos suba o rubor ás faces se al-«gum artista ou homem de lettras estran-«geiro perguntar: onde viveu figura tão il-«lustre? e se responder com um: *não sei!*»

1832 — Nasce em Paris o actor **Dieudonnè**, discipulo de Samsão. Debutou em Lisboa por occasião de visitar esta cidade uma companhia franceza em 1856. Com a Rachel fez a *tournée* da America. Contractado no Ambigu, de 1857 a 1859, depois no Gymnasio, de 1860 a 1864, partiu em seguida para a Russia, onde representou até 1874. Regressou a Paris e contractou-se no Palais-Royal até 1875, passando em seguida para o Vaudeville, onde se conserva, tendo ido todavia aos Buffos crear a *Cendrillonette*, ás Novidades *l'Engrenage* e ao Gymnasio *l'Age difficile.*

1832 — Nasce em Lisboa o actor **Vicente José Coelho.**

É irmão do cabelleireiro dos theatros Antonio José Coelho.

Começou a sua vida como pintor, dedicando-se depois á esculptura. Chegou a trabalhar no grande mausoléo que os Duques de Palmella possuem no cemiterio dos Prazeres. Entrou como actor para o theatro de D. Maria, onde se conservou por alguns annos, tendo tido papeis importantes, sem se tornar distincto. Abandonou depois a carreira para se estabelecer com casa de espelhos e molduras, na rua do Principe. A doença affastou-o da vida activa e ha muito não sae de casa, sendo grande o seu soffrimento.

1841 — Nasce em Lisboa **José Bento de Araujo Assis.** Viu a luz na casa onde ainda hoje móra, defronte do jardim do Campo de Sant'Anna, hoje Martyres da Patria.

É fundador da Companhia Lisbonense de Estamparia, secretario da Companhia das lezirias, um dos primeiros empresarios de açougues no concelho de Lisboa e abastado proprietario.

O seu logar n'este livro está indicado como antigo e distincto amador dramatico, como redactor da *Chronica dos theatros* e principalmente como auctor dramatico.

Araujo Assis escreveu as seguintes peças: *O Segredo d'uma esmola,* drama em 2 actos, *Deus nos livre de mulheres,* comedia em 1 acto, *O que é o destino,* comedia em 1 acto, *A sciencia aos trambulhões,* comedia em 2 actos, *Um tutor*, comedia em 1 acto, representadas no theatro da Rua dos Condes; *Duvidas do coração,* drama em 1 acto, *Trevas e luz,* drama em 5 actos, *Enganos e loucuras,* farça lyrica em 1 acto, *Abençoada resignação,* drama em 3 actos, *As lições de Joanninha*, comedia em 1 acto, *O Cabo Simão*, drama em 5 actos, representadas no theatro do Gymnasio; *Protecção e mysterio,* comedia em 1 acto, *Um encontro no omnibus,* comedia em 1 acto; estas duas creio que ainda não foram representadas.

1844 — Nasce em Roncal, na Navarra,

o sublime tenor **JULIÃO SEBASTIÃO GAYARRE.**

Era de condição humilde e no meio de privações passou os primeiros annos da sua vida.

Em 1869, tendo já 25 annos de edade, foi mandado para Madrid por D. Hilarião Eslava, que o ouviu e ficou pasmado das suas excellentes qualidades vocaes.

Cursou o Conservatorio de Madrid e em seguida dirigiu-se a Pamplona a dar dois concertos a fim de obter meios para ir completar a sua carreira a Italia.

Cantou pela primeira vez em Varese, desempenhando a parte de tenor do *Elixir d'amor*. Obteve logo o maior successo.

D'ahi foi de triumpho em triumpho, até alcançar o maior de todos, a enorme revelação da *Favorita* no Scala de Milão, em 1876.

Desde esse momento, o mundo inteiro começou a disputar a honra e o prazer de ouvir um dos justamente considerados primeiros tenores do seculo.

Morreu no apogeu da gloria, tendo apenas 46 annos incompletos. O seu enterro, em Madrid, foi uma das mais imponentes manifestações que a Europa tem feito a um artista dilecto.

Com a Hespanha esteve n'esse momento de lucto o mundo inteiro, porque **Gayarre** era um artista universal.

1861 — Nasce no Porto o actor-ponto **Antonio Malheiro.**

Em março de 1879 estreiou-se como amador no theatro Gil Vicente do Porto. Como actor estreiou-se no theatro da nave central do Palacio de Crystal, entrando n'uma revista *Á vol d'oiseau*, que alli se representou em 1883. No anno seguinte foi fazer parte de uma companhia, dirigida por Julio Soller e Taveira. Esta companhia percorreu as provincias e seguiu depois para os Açores. Em 1887, regressando das ilhas, entrou para o theatro Baquet como actor e contraregra. Voltou ainda aos Açores em 1888 com Taveira, como actor, e, em 1889, foi contractado como contraregra para o theatro D. Affonso por Cyriaco Cardoso.

Durante estas epochas representou, entre outras, nas seguintes peças: *Kean*, *Cão de cego*, *Medico das creanças*, *Fidalgos da Casa Mourisca*, *Martyr da victoria*, *Fédora*, *Princesa de Bagdad*, *Bandeira do Regimento*, *Porto por um canudo*, *Mulher do Saltimbanco*, *Padre* e *Ovo da gallinha pinta*.

Em 1890 entrou para ponto do Gymnasio. Ahi, substituindo diversos artistas, já representou nas peças: *Madrinha de Charley*, *Commissario de policia*, *Homem terrivel*, *Morto-vivo*, *Padre-Filho-Espirito santo*, etc.

Se como actor é mediocre, como ponto é de primeira ordem e de exemplar comportamento.

10

1831 — Nasce em Lisboa **Francisco da Costa Braga**, um verdadeiro homem de theatro.

Como escriptor dramatico popular teve a sua epocha, como poucos a teem tido.

Aos 16 annos começou estudando para pharmaceutico, praticando n'uma botica da travessa de S. Domingos.

Em 1852 entrou como ponto para o theatro da Rua dos Condes. N'esse anno alli foram representadas as suas primeiras traducções: *Os pagens de Luiz XII*, opera comica em 2 actos, *Hei de ser actor*, comedia

em 1 acto, *Loucuras da mocidade*, comedia-drama em 3 actos. A primeira subiu á scena em beneficio do actor Victorino, então ensaiador do theatro.

O primeiro original que **Costa Braga** apresentou ás provas publicas foi a comedia de costumes, em 2 actos, *O que é o mundo*, que se representou no mesmo theatro em 1854.

Esta peça alcançou um exito extraordinario e tornou-se popularissima.

Conservou-se por largo tempo em scena e teve diversas *reprises*.

Depois continuou **Costa Braga** escrevendo com uma fecundidade pasmosa. Tem no seu repertorio 110 peças, originaes e traduzidas, tendo abordado todos os generos: drama, comedia, operetta, magica, revista, oratoria, scena-comica, etc.

Foram tambem de grande successo as suas peças: *O que são as riquezas — O que é Lisboa*, *Paulo e Maria*, *Castigo e arrependimento*, etc.

Quando acima affirmei que **Costa Braga** foi um verdadeiro homem de theatro, não exaggerei; pois que, além de fecundo escriptor, tem sido contraregra, ponto, secretario, gerente, ensaiador e por ultimo, agora, depois de cansado de trabalhar, é um excellente copista.

Esquecia-me mencionar que tambem foi editor, até de sociedade commigo.

Costa Braga foi o primeiro a tomar a iniciativa de uma associação de escriptores dramaticos, de que fallaremos na data de 24 de outubro.

Costa Braga tem sido toda a sua vida um chefe de familia modelo, um bom amigo, um homem honesto.

O seu retrato, que reproduzimos em gravura, foi tirado quando contava 38 annos de idade.

1859 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, no drama original de Antonio Mendes Leal, *Uma Victima*, a actriz **Camilla Amelia Simões**. Esta actriz, que era formosa e se apresentava em scena com distincção, foi depois escripturada para o theatro de D. Maria, onde esteve alguns annos, fazendo papeis importantes; mas sem se tornar notavel em nenhum d'elles. Abandonou a scena por questões de coração e creio que ainda hoje vive.

11

1873 — Inauguração do theatro **Thalia** no Campo de Santa Clara, onde hoje estão os tribunaes militares. Existia alli uma antiga sociedade de amadores que cedeu o seu theatro para ser aberto ao publico n'esta data com o titulo de **Theatro Popular d'Alfama**. Era emprezario o sr. Antonio Maria Campeão. A companhia foi formada da seguinte forma: Ensaiador, Costa Braga; Artistas: Lisboa, irmão de Antonio Pedro e que fez aqui a sua estreia; Carlos Pestana, que foi para o Porto e de lá para o Brazil com a empreza Manzoni e que por lá ficou; Pedro Sousa, que ha já annos abandonou o theatro; Raymundo, tambem estreiante, sem valor e que deixou tambem a carreira; Dorothéa, que lá anda pelo Brazil sem que se sinta a sua falta; Maria da Luz Velloso, e mais tres que não conheço: Julia, Antunes e Brito. As peças do primeiro espectaculo foram 5 comedias, cada uma em 1 acto: duas de Costa Braga, *O vestido rasgado* e *A sombra d'um marido*, uma de João Guilherme Teixeira, *Casamento á pressa*, uma de Antonio José Alves, *Como o diabo as tece* e a ultima de Eugenio Rocha (creio eu), *Dez contos no Inferno*.

Era maestro n'esta companhia o professor Antonio José de Carvalho.

Os preços eram resumidissimos: camarotes de frente 1$000 réis, de lado 800 réis, cadeiras 240 réis, galeria 160 réis, geral 120 réis.

A empreza durou apenas dois mezes, tomando a exploração do theatro o actor Caetano Alberto, que não conheci e que da scena desappareceu com a sua empreza.

A 30 de março de 1873 estreiou-se n'este mesmo theatro um novo actor chamado José Bento d'Oliveira. Foi tambem meteoro; não cheguei a vêl-o. Creio que representou sómente na comedia em 2 actos, *Loucura e arrependimento*.

Tambem n'este theatro e no mesmo dia se estreiou na tragedia burlesca de José Ignacio de Araujo, *A Princesa d'Arrentella*, a actriz Livia, que depois seguiu para o Brazil com Emilia Adelaide, lá casou com o actor Maggiolly e no Rio de Janeiro continua representando.

Pelo local em que foi construido não podia fazer fortuna este theatro. Visitei-o quando as obras estavam a concluir e achei que era muito regular. Nunca assisti alli a espectaculo algum. Duas vezes para lá me dirigi n'esse intuito, de ambas houve contra-anuuncio, o que alli era frequente por falta de publico.

1890 — Inaugura-se o theatro da **Alegria**, construido por iniciativa dos srs. Barata, empregado publico e jornalista e Castanheira, militar. O risco foi do sr. João Augusto Barata, auxiliado pelo machinista Antonio Augusto da Silva. O theatro era todo de madeira e ferro.

O espectaculo de inauguração foi com a revista de 1889, *FF e RR*, original de Baptista Machado. A 6 de março representou-se pela primeira vez uma peça de Antonio de Campos Junior, intitulada a *Torpeza*, que muito chamou a attenção sobre o theatro, por ser magnificamente escripta e principalmente por ser um brado de indignação contra a affronta que, dois mezes antes, haviamos soffrido dos inglezes.

Da companhia faziam parte artistas de merito, como: Joaquim d'Almeida, Conde, Elisa Aragonez, Cerri, Augusta de Mello, etc.

A sahida de Joaquim d'Almeida e depois as desintelligencias entre os emprezarios, obrigaram a fechar o theatro, que ainda mais tárde funccionou com diversas sociedades d'artistas, destacando-se uma, no verão, de que fez parte Joaquim Silva e que pôz em scena com certo exito a peça *Vinte Mulheres do Rei*.

Depois de diversas tentativas infructiferas, o theatro foi vendido em hasta publica e demolido. Não se perdeu muito.

N'aquelle mesmo local, na rua Nova da Alegria, existira pouco tempo antes um theatro-barraca, feito por iniciativa do fallecido escriptor popular, F. Jacobbety, que chegou a ser muito concorrido com uma parodia da *Nitouche* e uma oppereta *O theatro por dentro*, imitada da zarzuela *Coro de señoras*.

1890 — Morre o director do theatro da Trindade e distincto escriptor, **Francisco Palha**, de quem fallarei largamente na data do seu nascimento, a 15 d'este mez.

1890 — Morre o elegantissimo escriptor **Julio Cesar Machado**, de quem fallarei na data do seu nascimento a 1 de outubro.

1891 — Morre quasi repentinamente, em Barcelona, o distinctissimo artista dramatico, **D. José Valero**, decano dos actores hespanhoes.

Contava oitenta e dois annos o glorioso artista, que desde os sete pisava o palco e percorreu durante a sua vida todos os principaes theatros de Hespanha, representando um largo repertorio e alcançando em toda a parte enormes triumphos. Fez quatro excursões á America, voltando victorioso de tres, mas aconselhando-o a ultima a abandonar a scena, o que fez, indo para Barcelona repousar dos louros colhidos.

D. José Valero possuia diversas condecorações e medalhas hespanholas e estrangeiras.

Em 1876, fazendo **D. José Valero** um beneficio no Chili, com o drama *A Gargalhada*, obteve tal successo que, á sahida do theatro, o povo, precedido de bandas de musica, o acompanhou a casa á luz d'archotes, acclamando-o, e chegando o enthusiasmo de alguns a desatrellarem os cavallos da carruagem que conduzia **Valero** e puxarem-n'a elles.

No dia seguinte, visitando uma exposição internacional, que alli havia, estranhou que, entre as das diversas nações, não estivesse a bandeira hespanhola. Disseram-lhe que tal não podia ser, visto que a Hespanha não enviara os seus productos. **Valero** exclamou então:

— Pois não estou eu aqui?! Não me levaram hontem em triumpho?! Não lhes

trouxe a arte dramatica hespanhola, que acolheram com tamanho enthusiasmo?!

Ao ouvirem estas palavras todos os assistentes exclamaram:

— Viva a Hespanha!

Horas depois a bandeira hespanhola tremulava n'um dos logares de honra da exposição. É este o poder do genio.

12

1842 — Nasce em Paris o notavel poeta **François Coppée**, archivista da *Comédie-Française*. É membro da Academia Franceza desde 1884 e commendador da Legião de Honra.

Para o theatro tem escripto verdadeiras obras primas de littteratura, entre as quaes: *Le Passant*, *Severo Torelli*, *Pour la Couronne* e *La grève des Forgerons*.

1855 — Primeira representação, no theatro da Rua dos Condes, da magica *A Romã encantada*, de **Carlos Augusto da Silva Pessoa**.

A magica era fraquissima; mas deu grandes receitas durante algumas epochas, porque então o genero estava pouco explorado.

Silva Pessoa trabalhou muito para o theatro, sem produzir obras de grande valor, mas attrahindo a concorrencia do publico. Foi director da Associação do theatro da Rua dos Condes e por muitas vezes o seu salvaterio. Quando o publico se afastava do theatro, elle escrevia em poucos dias uma peça de espectaculo, sem obrigar a empreza a dispendios, pois que aproveitava o que havia de scenario, guarda-roupa, adereços e ás vezes até musica! Isto não é facil fazer. Foi assim que **Silva Pessoa** escreveu as peças de bastante nomeada: *O Castello de Bronze*, *A Torre Suspensa*, *O Leilão do Diabo*, *A Corça branca*, *A Serpente dos Mares*, *A Oitava Maravilha do Mundo*, etc.

1889 — Primeira representação no novo theatro da Rua dos Condes do *vaudeville* em 3 actos, *O Casamento de Nitouche*.

O novo theatro da Rua dos Condes inaugurára com um espectaculo que cahiu redondamente, a 23 de dezembro. Ensaiava uma comedia em que não havia a menor esperança, quando me lembrei de ver se attrahia o publico com a continuação da afamada *Mam'zelle Nitouche*. Escrevi a peça e ensaiei-a em 5 dias, conseguindo salvar a empreza, que obteve magnificos lucros com o *Casamento de Nitouche*.

Para escrever a musica convidei o professor **Placido Stichini**, que, como maestro, fazia o seu primeiro trabalho importante e ficou desde logo consagrado.

Stichini fôra corista dos nossos theatros e depois musico nas orchestras da Trindade e Avenida.

Continuou escrevendo e alcançou bastante consideração no publico de Portugal e Brazil, onde por vezes esteve.

A musica que lhe deu mais popularidade foi a da minha revista *Tim tim por tim tim*.

Entre outras, agradaram bastante as suas operettas: *Moleiro d'Alcalá*, *D'Artagnan*, *Mam'zelle Diabrete*, *Doutora*, *Em pratos limpos*, etc.

Stichini era natural de Setubal.

Tendo ido para o Pará como director musical da minha companhia em junho de 1897, alli falleceu a 19 de agosto do mesmo anno.

13

1812 — Nasce no Porto **José Maria de Sousa Lobo**.

Escriptor correctissimo e muito apreciado, traduziu para o theatro: *Maria Tudor*, de Victor Hugo, *Marido da viuva*, de Alexandre Dumas, *Os Burgraves*, de Victor Hugo, *Kean*, de Alexandre Dumas. *Dama das Camelias*, de Dumas (filho), *Diana de Lys*, do mesmo auctor. Imitou da *Assurance mutuelle* uma comedia, a que deu o titulo *Por causa de um sobrescripto* e traduziu ainda a *Lady Tartuff* e *Le Pour et le contre*.

1827 — Nasce em Ovar, districto de Aveiro, **Licinio Fausto Cardoso de Carvalho**.

Publicou dois volumes de theatro. No primeiro vem o drama historico *Os dois proscriptos ou o jugo de Castella*, a que de-

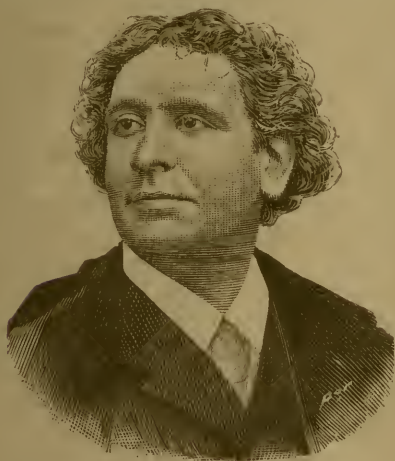
pois, no Brazil, deram o nome de *Dois proscriptos ou a Restauração de Portugal em 1640.* Este drama tem innumeras representações no Rio de Janeiro e ainda hoje atrahe sempre espectadores.

No outro volume, além do drama heroico *O Rajah de Bonnsoló*, ha uma *Historia da origem da arte dramatica*, muitissimo bem feita.

1832 — Nasce no Rio de Janeiro o actor **Flavio.** Estreiou-se em 1859 no theatro de Petropolis no drama *A Graça de Deus*, na empreza do Coronel Veiga.

Nas minhas visitas ao Rio de Janeiro poucas vezes vi trabalhar este artista, que tem merito.

O numero de papeis que póde desempenhar é limitado, porque tem uma cara extraordinaria. É dos homens mais feios que teem vindo ao mundo. Se possuisse veia comica, poderia tirar partido da cara com que o dotou a Natureza. A sério custa a encaral o, a não ser n'um papel de diabo ou feiticeiro.

1833 — Nasce em Lisboa o grande actor

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS, talvez o melhor mestre que tem possuido o theatro portuguez.

O theatro foi sempre o seu unico enlevo. Em casa da familia, quando creança, improvisava theatrinhos, escrevendo, ensaiando e representando as peças que faziam as delicias das pessoas que expressamente se reuniam em sua casa para taes festas.

Logo que a edade lh'o permittiu, começou frequentando os theatros e os botequins em que se reuniam actores e escriptores dramaticos.

Foram estas relações que o levaram primeiramente á scena de D. Maria, onde fez uns pequenos papeis, passando depois para a Rua dos Condes, onde já appareceu brilhantemente, em seguida para o D. Fernando, como um dos primeiros actores, depois para o Gymnasio, em que mostrou todo o seu valor como artista, e mais tarde para D. Maria, onde realisou a epocha mais brilhante da sua carreira.

Quando Francisco Palha deixou de ser commissario regio junto do theatro normal para fundar o theatro da Trindade, de D. Maria sahiram muitos artistas, entre os quaes Tasso, Delfina, Izidoro, Emilia Adelaide, Emilia Letroublon, Joaquim d'Almeida e outros. Esperando que o theatro se construisse, foram representar para a Rua dos Condes. Á frente d'elles ia tambem **Santos**, já como primeiro actor e ensaiador.

Algumas divergencias fizeram com que **Santos** abandonasse a companhia, e, associado com Pinto Bastos, formou nova empreza no theatro do Principe Real. Foi essa a epocha brilhante do *João o Carteiro*, do *Abysmo*, dos *Solteirões*, da *Grã-Duqueza* e do Rossi. Foi ahi que se notabilisou Antonio Pedro; foi ahi que tanto se evidenciou Virginia; foi ahi que Amelia Vieira accentuou o muito que podia dar; foi ahi que appareceu Alvaro, que tanto prometteu.

Sahindo Pinto Bastos da empreza, **Santos** chamou para seu socio José Joaquim Pinto, o actual emprezario do theatro do Gymnasio, e com elle se apresentou ao concurso do theatro de D. Maria, sendo-lhe adjudicado.

Nova epocha brilhantissima teve o theatro.

A companhia era formada por **Santos**, Emilia Adelaide, Theodorico, Gertrudes, Antonio Pedro, Virginia, Cesar de Lima, Emilia Candida, Maggiolly, Amelia Vieira,

Alvaro, Barbara, Brazão, Falco, Cezar de Lacerda, Beatriz, Heliodoro, João Gil, Augusto de Mello, Moniz, etc.

As peças eram ensaiadas com o primor que **Santos** dava a todos os seus trabalhos.

A attestar o brilhantismo da *mise-en-scène* estão ainda as bellas recordações da *Patria*, de Sardou, da *Maria Antonietta*, de Giaccommetti, do *Drama do Povo*, de Pinheiro Chagas.

No repertorio figuraram sempre originaes de Garrett, Feijó, Mendes Leal, Pinheiro Chagas, Cascaes, Ricardo Cordeiro e Gomes d'Amorim. As traducções das obras primas da litteratura dramatica franceza, italiana e hespanhola, foram confiadas a Castilho, Rebello da Silva, Latino Coelho, Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas e outros escriptores notaveis.

Pois, apezar de tudo isto, o favoritismo excluiu do nosso theatro normal o grande actor **Santos**, o mestre de tantos, para o entregar a mãos pròfanas.

A ingratidão não podia ser mais flagrante. **Santos** era expulso do theatro de D. Maria, no fim de prestar á Arte tão relevantes serviços, no fim de proteger as letras, no fim de crear tantos actores distinctos, e no momento em que se approximava a desgraça com a cegueira e a doença que o havia de matar.

N'esse momento solemne ainda houve dedicações. Alguns d'aquelles a quem elle déra a luz da Arte, propozeram-se a companheiros do pobre cego, que, sem a luz dos olhos, no theatro portuguez ainda via mais do que todos os que pretendiam esmagal-o.

Na sua sahida do theatro de D. Maria, **Santos** foi acompanhado por Amelia Vieira, Barbara, Beatriz, Antonio Pedro, Gil, Carlos Posser, Salazar, Augusto de Mello, Pereira, Mathias d'Almeida e José Bento.

Santos ensaiou depois uma epocha no Gymnasio, onde pôz em scena o *Saltimbanco*, de Antonio Ennes. Passou depois outra epocha para a Rua dos Condes, onde fez representar a *Roca de Hercules*, original de Pinheiro Chagas, as *Casas, Criados e Agiotas*, original de Rangel de Lima e tres dramas originaes meus: *Os Ladrões de Lisboa*, *Os Mysterios de Lisboa* e *O Actor*.

Das minhas tres peças uma julgava eu boa e com todo o cuidado a tratei, foi o *Actor*. Tambem me não parecia mau o drama *Mysterios de Lisboa*. Achava detestavel a peça *Ladrões de Lisboa*, que escrevi em dez dias, apezar de ter 5 actos e 6 quadros, e nada confiava n'ella. Resultado final: *O Actor* cahiu redondamente, dando apenas as tres recitas do estylo; os *Mysterios de Lisboa* tiveram agrado, mas não passaram das 20 recitas; os *Ladrões de Lisboa* alcançaram um exito magnifico, um successo ruidoso e enchentes completas em mais de 60 recitas consecutivas! Querem saber porque? **Santos**, o grande mestre, ensaiou com todo o amor de que era capaz, com todo o *savoir-faire*, que ninguem lhe contestava, os *Ladrões de Lisboa*, da primeira á ultima scena, do primeiro ao ultimo dia, descobrindo a cada momento um novo effeito para a peça e para os artistas. Cada papel insignificante, distribuido a um simples discipulo, parecia desempenhado por um actor feito, tal era a fórma por que fôra ensaiado.

Dos *Mysterios de Lisboa* a poucos ensaios assistiu **Santos** porque a doença o atormentava cruelmente. Para *O Actor* não poude **Santos** dar um unico conselho.

Concluí de tudo isto que muitas das peças que tinham obtido exito brilhante nas suas emprezas, o deviam a **Santos**.

Depois d'esta epocha, o grande artista, já cego e torturado pela molestia e pelas ingratidões, percorreu diversos theatros de Lisboa e das provincias, ensaiando algumas peças, recitando poesias e representando o *Camarote da Opera*, a *Leitora* e a *Irmã do Cego*.

Por proposta de Pinheiro Chagas, foi concedida a **Santos** a reforma dos artistas de primeira classe, isto, é, 72$000 réis mensaes, que recebeu até á hora da morte.

Entre os innumeros papeis em que **Santos** foi notabilissimo, citam-se os das seguintes peças: *Probidade*, *Defensor da Egreja*, *Primeiros amores de Bocage*, *João o Carteiro*, *Antony*, *Tartufo*, *Por causa d'uma carta*, *Vida d'um rapaz pobre*, *Solteirões*, *Maria Antonietta*, *Magdalena*, *Marquez de Villemer*, *Demi-Monde*, *Abysmo*, *Córa*, etc.

Santos, ainda que escriptor incorrecto, foi auctor e principalmente traductor dramatico muito applaudido.

Entre as suas peças originaes avultam as seguintes: *A Missão*, drama em 3 actos; *O Segredo d'uma familia*, comedia em 3 actos; *O homem das cautellas*, comedia em 2 actos; *Novella em acção*, comedia em 3 actos; *A saia-balão e o collarinho de papelão*, comedia em 1 acto; *O Anjo da paz*, drama em 2 actos.

As peças traduzidas são innumeras. Citarei algumas que mais agradaram: *Os Piratas*, *O pae prodigo*, *Mocidade e honra*, *Gil Braz de Santilhana*, *O homem não é perfeito*, *A herança d'um tio russo*, *Linda de Chamounix*, *Convido o coronel*, *Amor e marmellos*, *Maria ou o irmão e a irmã*, *O vinho do Batalha*, *Um fidalgo pobre*, *A medalha da virgem*, *Um sujeito e uma senhora*, *Não é com essas!*, *A Taberna*, *Uma chavena de chá*, *Depois do baile*, *Infelicidades d'um marido feliz*, *Comedia em casa*, *Joaquim o Terra Nova*, *Pragas do capitão*, *O bom homem d'outro tempo*, *Dois n'um*, *Onde irei passar as noites?*, *Historia de um homem bonito*, *Um homem e metade de uma mulher*, *Folgares do Rei*, etc.

Santos foi professor de declamação no Conservatorio Dramatico.

Possuia a cruz de S. Thiago e a commenda de Izabel a Catholica, de Hespanha.

No começo da sua carreira, **Santos** teve como companheira a actriz Luiza Candida. Habitavam juntos em 1857 na travessa da Palha, n.º 103, 2.º andar. Mais tarde, no Gymnasio, afeiçoou-se á actriz Emilia Letroublon, com quem viveu muitos annos e de quem sempre cuidou com verdadeiro affecto até que a doença o impossibilitou de tal encargo. A sua ultima companheira dedicada foi a actriz Amelia Vieira, que foi para **Santos**, além de uma boa amiga e discipula reconhecida, uma heroica enfermeira. **Santos** deu-lhe a mão de esposo, legitimando assim dois filhos queridos, o actor Carlos Santos, actualmente do Gymnasio, e D. Alda Santos, já casada.

Não permittem as dimensões d'este livro que me alongue mais sobre o artista notavel, a quem, na minha opinião, mais deve o moderno theatro portuguez. Fal-o-hei largamente n'um volume de *Biographias artisticas*, que espero publicar em breve.

14

1861 — Embarca pela primeira vez para o Brazil o actor **Simões**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 10 de março.

1881 — Morre no Rio de Janeiro o actor **Barreto**.

Este actor, que por algum tempo fez parte da companhia do theatro de D. Maria, onde foi uma utilidade, partiu para o Brazil com a companhia de Emilia Adelaide em 1877. Lá morreu n'esta data.

15

1622 — Nasce em Paris, na rua Saint

Honoré, **JOÃO BAPTISTA POQUELIN DE MOLIÈRE**, o immortal **MOLIÈRE**.

Os paes do pequeno João Baptista dedicaram-n'o á vida de estofador; porém o avô levava-o quasi todas as noites ao theatro, já na esperança de fazer d'elle um comico, para o que lhe achava grande vocação. O rapaz começou a andar triste e apprehensivo a ponto de seu pae o interrogar na presença do avô.

João Baptista declarou que queria estudar, que desejava seguir outra carreira. O avô apoiou as suas idéas e o pae cedeu.

Ficou logo alli resolvido mandal-o para o collegio dos jesuitas. Estudou com tal afinco, que, em cinco annos, concluiu o curso de humanidades e philosophia.

Quando acabou os estudos, ao mesmo tempo que auxiliava seu pae, á testa do estabelecimento que elle possuia, **Molière** com alguns amigos fundava uma sociedade dramatica para dar recitas particulares, como então muito se usava. Representaram muitas vezes para se divertirem; mas começaram pensando que eram actores de merecimento e poderiam de tal profissão tirar bons resultados. Assim fizeram.

O novo theatro do *faubourg Saint Germain* não fez interessés pela má direcção que teve da parte dos que não queriam ouvir os conselhos de **Molière**. A familia d'este sobresaltou-se e chegou a mandarlhe um padre, aconselhando-o a não proseguir em tal carreira, por que era uma deshonra!

Molière, que já começava a ser notado como um talento de primeira ordem, a tudo resistiu, seguindo com a sua companhia para Lyon, em 1653, onde fez representar a primeira das suas peças, *L'Étourdi*. A *troupe* dirigiu-se depois para Languedoc, onde **Molière** foi recebido com extremo agrado pelo Principe de Conti, irmão do grande Condé. Ahi adquiriu **Molière** grande reputação com as suas duas primeiras péças *L'Étourdi* e *Le Dépit amoureux*. O principe, que reconheceu os grandes dotes e qualidades de **Molière**, quiz fazel-o seu secretario particular; mas elle, pelo seu caracter independente e porque sentia o seu enorme talento, recusou e proseguiu na carreira dramatica.

Depois de quatro ou cinco annos de triumphos na provincia, a companhia voltou a Paris, onde conseguiu que o rei lhe cedesse o theatro *Petit-Bourbon* para que representasse alternadamente com os *Italianos*. Em 1660 passaram para o Palais-Royal.

Depois de *L'Étourdi* e do *Dépit amoureux*, deu **Molière** as *Précieuses ridicules*. Esta peça fez tal effeito, que na segunda representação os preços foram triplicados, e assim sempre durante quatro mezes consecutivos. Com successo quasi egual se representou a 28 de março de 1660 o *Cocu imaginaire*. Já assim não aconteceu com a peça *Don Garcie de Navarre ou le Prince jaloux*. Não agradou, e o proprio **Molière** nem consentiu que se imprimisse em sua vida.

Os inimigos de **Molière**, os escrevinhadores da epocha, julgavam já vêl-o por terra, quando elle obteve enorme triumpho, a 24 de junho de 1661, com a *École des maris*, uma das suas melhores peças. A 4 de novembro do mesmo anno representou-se *Les Facheux*, peça que definitivamente o collocou acima de todos os auctores comicos d'aquelle tempo.

Seguiu-se em 1662 com menor successo a *École des femmes*, pelas intenções que se attribuiam ao auctor, o que o levou a escrever a comedia *Critique de l'École des femmes*, que fez representar em 1663, sendo muito festejada.

A 4 de novembro do mesmo anno subiu á scena o *Impromptu de Versailles*, nova desforra de **Molière** contra os cortezãos sem caracter, contra os comicos do *Hôtel de Bourgogne* e contra os seus inimigos.

Depois o grande artista deu successivamente as peças: *Mariage forcé*, *Princesse d'Élide* e *Don Juan ou le Festin de pierre*, que em nada foram prejudicadas pela critica violentissima que soffreram.

Em agosto de 1665 o Rei declarou a companhia de **Molière** debaixo da sua protecção com uma pensão importantissima.

A primeira peça nova dada por esta companhia depois de tal honra foi *L'Avare*, que n'esse momento deu apenas sete representações!

A 9 de setembro de 1668, houve uma *reprise* da peça, e **Molière** ficou bem vingado do publico injusto e ignorante das primeiras representações, pois que esteve depois em scena perto de um anno, com grande concorrencia.

E depois, quantas obras primas, que são outros tantos monumentos da litteratura dramatica! *L'amour médecin*, *Le Misanthrope*, *Le Médicin malgré lui*, *Mélicerte*, *Pastorale comique*, *L'amour peintre*, *Le Tartuffe*, *Amphitryon*, *George Dandin*, *Monsieur de Pourceaugnac*, *Amants magnifiques*, *Bourgeois*

Gentilhomme, Psyché, Fourberies de Scapin, Comtesse d'Escarbagnas, Femmes savantes e *Malade imaginaire!*

Foi esta, o *Malade imaginaire,* a sua ultima peça. Subiu péla primeira vez á scena a 10 de fevereiro de 1673. No dia 17 morria **Molière** na casa que habitava, na rua Richelieu, casa que actualmente tem o n.º 34. **Molière** contava apenas cincoenta e um annos, um mez e dois dias quando a França e o mundo inteiro o perderam.

Molière foi para a comedia o que Corneille foi para a tragedia. Este, porém, ainda em vida viu apparecer o seu competidor. **Molière** ainda não teve quem se lhe pudesse comparar. Como disse Chamfort, o seu throno está ainda vago!

1824—Nasce em Lisboa, **FRANCISCO**

PALHA DE FARIA LACERDA.

Eis aqui um homem que, pela posição de sua familia, pelo alto cargo publico de que estava investido, pelo seu superior talento, poderia satisfazer todas as ambições, quer politicas, quer monetarias, e todavia preferiu a tudo ser homem de theatro, porque era esta decididamente a sua paixão.

No livro ou na imprensa, n'esta principalmente, os seus elevados dotes de escriptor puro e sarcastico valeram-lhe em todos os tempos a admiração de amigos e inimigos.

Como jornalista dizem quanto elle valia os magnificos artigos que publicou em a *Revista Contemporanea*, na *Semana*, no *Diario Popular*, no *Diario Illustrado*, na *Gazeta do Dia*, na *Semana Theatral* e n'outras folhas.

Os *réclames* que durante muito tempo fez aos espectaculos do seu theatro formam uma collecção graciosa e interessantissima.

As tabellas do theatro da Trindade, escriptas pelo seu punho, a galope, umas sobre outras, a proposito da coisa mais insignificante ou mais volumosa, revelavam sempre um espirito caustico e finissimo. Possuo muitas, e, para quem lhes desconhece o valor, vou tirar algumas ao acaso da magnifica collecção e publical-as aqui:

«A actriz E... R... tem, pela sua escri-«ptura, obrigação de fazer todos os papeis «que lhe forem distribuidos, e quanto mais «insignificantes, mais de accôrdo com o «pouquissimo que artisticamente vale. É «portanto multada em 10 % do seu orde-«nado mensal pela maneira por que se «houve hoje na prova do *Rei de Ouros.* E «vá tratando de procurar outro theatro, «pois com este não póde contar.—14-4-87. «—*F. Palha* »

Outra:

«Tendo a corista Silvana *resolvido* não «vir ao theatro durante oito dias, *resolveu* «a direcção dar por findos os trabalhos «scenicos da mesma corista, desejando-lhe «muita saude e muita felicidade.—22-10-89. «—*F. Palha.*»

Mais outra:

«O Club Gymnastico é na rua Nova dos «Martyres e não no theatro da Trindade; e «quem quer fazer cavalhadas vae para «Bemfica ou para o Campo Grande. Fica «prevenido d'isto o corista Ramalho e os «que se entreteem com elle em jogos de «pau e de esgrima. É o primeiro aviso.—9-10-84.—*F. Palha* »

Ainda outra:

«A empreza não escriptura senão quem «lhe convém escripturar. Perde o seu tem-«po quem incommoda os amigos da direc-«ção para aquelle fim.—20-6-83.—*F. Pa-«lha.*»

Uma outra ainda:

«O palco do theatro da Trindade não é a

«praça do Campo de Sant'Anna, e quem «quer fazer gralhada, espere pelo verão e «vá para lá.—13-1-83.—*F. Palha.*»

Só mais outra:

«O sr. H. Baptista, ovelha ranhosa do «corpo coral d'esta casa, fica prevenido de «que ao primeiro acto de menos respeito «para com os seus superiores; á primeira «reflexão que ousar fazer no exercicio de «suas obrigações; ao primeiro pé, emfim, «que lhe escorregue durante o serviço, que «lhe é pago (o que exclue toda a idéa de «favor seu, e de toda a tolerancia da Di-«recção para com a reconhecida má von-«tade e proverbial calaçaria do mencionado «senhor) póde desde esse momento consi-«derar-se como não pertencendo ao pes-«soal do theatro da Trindade. E como é «facil em esquecer o que deve aos que o «dirigem, aos seus collegas e a si proprio, «ficará a tabella presente affixada até que «o corista de quem se trata haja compro-«vado a sua completa emenda.—17 Nov.º 1886.—*F. Palha.*»

Agora a resposta, em tabella, a uma participação que o director de scena lhe mandou a casa:

«Lisboa 3 de Dezembro de 1880.—Con-«vida-me V. a acudir promptamente ao «theatro, porque desmaiou a actriz Esther. «Acho estranho este convite: 1.º porque «não sou facultativo; 2.º porque a adminis-«tração do theatro da Trindade não tem «nada de commum com os desmaios das «actrizes. Se a syncope, porém, de que se «trata, não tem em si importancia alguma, «revela a existencia de um vicio na disci-«plina d'este theatro, vicio que me cumpre «atacar de frente e destruir sem demora. «Vae em 14 annos que o theatro da Trin-«dade funcciona, e nunca se deram n'elle «factos similhantes aos que se estão pre-«senceando hoje, nem mais repugnante «falta de boa camaradagem, devido tudo á «indole, que me abstenho de qualificar, da «actriz Esther. Nem aconselhal-a com bran-«dura, nem prevenil-a amigavelmente das «consequencias infalliveis e desagradaveis «do seu errado caminho, conseguiram ainda «moderar-lhe as demasias; antes vão ellas «crescendo de dia a dia com prejuizo ma-«nifesto da ordem indispensavel n'esta «casa. E a tal ponto chegaram as coisas, «que a empreza está resolvida a rescindir «o contracto da actriz Esther, se porven-«tura os desgostos que tem dado e os que «tem recebido, não influirem salutarmente «no seu espirito irrequieto e desvairado. É «um aviso que a empreza sentirá ver-se «obrigada a pôr em pratica.—*F. Palha.*»

N'estas e muitas outras tabellas revela-se não só o espirito e elegancia de phrase de Francisco Palha, mas ainda o rigor faceto com que administrava o seu theatro.

Como poeta, além das suas obras dramáticas em verso, publicou muitas poesias em periodicos diversos e tres formosos livros, *Muza velha, Poesias* e a *Estatua*. Existe mais a sua obra posthuma, *Cartas do outro mundo.*

Este insigne escriptor que, como o leitor já terá notado pela data do seu nascimento, veiu ao mundo no mesmo dia e mez em que nasceu Molière, deixou no theatro muitas obras festejadissimas, entre ellas: *O Andador das almas,* parodia da *Lucia*, que tem tido centos de representações; *Fabia*, tragedia burlesca em 3 actos; *A Morte de Catimbau*, tragedia burlesca em 1 acto; *Republica das letras,* comedia em 1 acto; *Ha tantas assim!* comedia em 1 acto; *Nini,* parodia ao *Ernani*: *Loteria do Diabo,* magica em collaboração com Joaquim Augusto d'Oliveira; explendidas traducções das operettas: *Pepe Hillo, Ultimo figurino, Barba Azul, Garra de Leão, Ave Azul,* etc.

O nosso grande actor Santos recitou muitas vezes com successo a poesia de **F. Palha**, *Assim é que eu gósto d'ellas!*

Muito e muito deve o theatro portuguez a **Francisco Palha**. Elle auxiliou a sociedade artistica do theatro do Gymnasio nos seus primeiros annos; presidiu á fundação da Associação do theatro das Variedades, dando-lhe os mais difficeis impulsos; como commissario do governo junto ao theatro de D. Maria, levantou-o do abatimento em que jazia para o elevar ao maior grau de prosperidade a que chegou; desenvolveu e animou a litteratura dramatica nacional; obteve a reforma para os artistas; creou o monte-pio dos actores; elevou os ordena-

dos dos artistas; conseguiu que se fizesse o jazigo para os artistas do theatro de D. Maria; organisou uma companhia com que explorou durante uma epocha o theatro da Rua dos Condes, fazendo alli subir á scena com optimo desempenho as magnificas peças: *Familia Benoiton*, *Supplicio de uma mulher*, *Anjo da Meia Noite*, *Demonio do jogo* e outras; fez construir o theatro da Trindade, que dirigiu até á hora da sua morte, durante 23 annos.

Nunca um theatro portuguez attingiu o grau de prosperidade, nem prestou á Arte o verdadeiro culto, como o theatro de D. Maria, na epocha em que foi commissario regio **Francisco Palha**.

Conseguiu elle reunir no theatro normal quasi tudo o que de verdadeiramente notavel havia na scena portugueza. Citarei alguns nomes: Emilia das Neves, Josepha Soller, Manuela Rey, Delfina, Carlota Talassi, Emilia Adelaide, Gertrudes, Emilia Letroublon, Camilla, Rosa (pae), Santos, Theodorico, Taborda, Tasso, Isidoro, Domingos Ferreira, Cesar de Lima, Sargedas, João Rosa, Marcolino, Cesar de Lacerda, Moreira, Correia, etc.

Peças originaes appareciam, de muito valor, e em todas as epochas, firmadas pelos nomes de Cascaes, Ricardo Cordeiro, Mendes Leal, Biester, Pinheiro Chagas, Camillo Castello Branco, Cesar de Lacerda, e outros. As traducções eram feitas por Latino Coelho, Rebello da Silva, Eduardo Vidal, Palmeirim, Pedro Vidoeira, etc.

As peças eram postas em scena com o luxo e propriedade de que todos os d'esse tempo se recordam na *Cora ou a Escravatura*, *Egas Moniz*, *Martim de Freitas*, *Judith*, *Mulher que deita cartas*, e muitas mais.

Conforme já deixei ver acima, quando publiquei as suas tabellas, era um optimo director de theatro; ninguem como elle estimava os seus artistas, mas tambem ninguem como elle os mantinha sob um jugo de ferro.

1884 — Morre no Rio de Janeiro, victimada pela phtisica, a talentosa actriz **Esther de Carvalho**, de quem fallarei na data da sua estreia, a 31 de março.

1885 — Sae o primeiro numero do importantissimo jornal de theatros, **Revista Theatral**, de que eram proprietarios e directores os distinctissimos escriptores da especialidade, Joaquim Miranda e Collares Pereira.

Suspenderam a publicação do 1.º volume em 30 de setembro do mesmo anno.

Reappareceu a **Revista Theatral** em 15 de janeiro de 1895, terminando por completo em 15 de dezembro de 1896.

Pena foi que desapparecesse a melhor folha que sobre theatros se tem publicado na lingua portugueza.

Materialmente era de notavel elegancia, perfeitamente impressa em magnifico papel e com bellas illustrações.

A collecção completa fórma hoje tres volumes interessantissimos.

Na parte critica e litteraria tem artigos notabilissimos, firmados pelos directores do jornal e por nomes laureados, como os de: Affonso Vargas, Campos Junior, Fialho d'Almeida, D. Guiomar Torrezão, Lopes de Mendonça, D. João da Camara, Julio Cesar Machado, Marcellino Mesquita, Moura Cabral, Pinheiro Chagas, Rangel de Lima, Theophilo Braga, Abel Botelho, Acacio Antunes, Alfredo Gallis, Arthur Azevedo, Augusto de Mello, Bruno de Miranda, Fernando Caldeira, Eduardo Schwalbach, Jayme de Séguier, Eduardo Garrido, João de Deus, Lara Everard, Lino d'Assumpção, Luiz Guimarães, Manuel Roussado, Maximiliano d'Azevedo, Mello Barreto, Paulo Midosi, Salvador Marques, Raul Bramão, Visconde de S. Boaventura, Alfredo Ribeiro, Teixeira de Vasconcellos, Castilho, Rodrigues Sampaio, Bulhão Pato, Duarte de Sá Eduardo Vidal, Eduardo Coelho, Ernesto Biester, Ferreira de Mesquita, Francisco Palha, Gomes d'Amorim, Ribeiro Guimarães, Cascaes, Santos Lima, Mendes Leal, Latino Coelho, Luciano Cordeiro, Palmeirim, Dr. Luiz da Costa, Ribeiro de Sá, Marianno de Carvalho, Ramalho Ortigão, Ricardo Cordeiro e outros.

A falta d'este jornal, foi grande perda para o theatro e, no seu ultimo artigo, a empreza não deixou esperanças de reapparecimento.

1896—Morre **Carlos Lima**, filho do tambem já fallecido actor Lima da Trindade.

Começou no theatro dos Recreios, estando depois no Principe Real, Rua dos Condes e Avenida.

Nunca fez um trabalho de vulto; mas por vezes salientava-se por boas caracterisações e feitios extravagantes que adoptava.

Figurava o seu nome por innumeras vezes nas tabellas de multas, pois era refractario a cumprir os regulamentos do palco e chegava a commetter quasi loucuras. D'uma vez, fazendo na *Niniche* o papel do secretario do Conde, quando figurava sahir do banho, mandou que lhe deitassem pela cabeça abaixo um enorme balde de agua. Foi encharcado para a scena e alli esteve mais de um quarto de hora tiritando de frio! Escapou milagrosamente d'uma pneumonia! D'outra vez, no seu papel predilecto, o contraregra da *Nitouche*, quando corria de um lado para o outro e de dentro para fóra a gritar pelos *alfinetes para amenina*, rasgou o salão e enfiou por uma parede!...

Com mulheres era um infeliz. Tinha uma paixão a cada momento. Lembro-me das scenas engraçadas que provocou, em 1884, no theatro dos Recreios, apaixonado por uma bonita corista que o repellia. A corista de então é hoje a actriz Augusta Cordeiro.

Ainda de outra vez se apaixonou pela actriz Maria Falcão, quando ambos faziam parte da companhia do Principe Real. Aconteceu que a companhia foi ao Brazil, levou a actriz e deixou-o a elle. Á partida grandes protestos de parte a parte. Depois algumas cartas apaixonadas... outras mais seccas... e o silencio.

No regresso da companhia, o nosso **Lima** correu á ponte dos vapores, de braços abertos para receber a sua paixão. Oh! desgosto superior ás forças humanas! A ingrata Maria Falcão corria pela ponte fóra, alegre e galhofeira, não para se deitar nos braços do apaixonado **Lima**, mas para mostrar a todos que a viam, que vinha pelo braço de seu marido, o ponto da companhia!

O **Lima** não esteve com uma nem com duas, mediu a altura da ponte, observou que a maré vasava, e catrapuz! estatelou-se lá em baixo na lama!

Tambem o chôro d'esse dia trocou-o d'ahi a pouco em riso vingativo, quando a maluca da Maria trocava o bom do marido por outro, e depois este por outro e assim sempre até que lá foi para o Rio de Janeiro fazer trocas, em vez de se dedicar com alma, vida e coração ao theatro, onde podia ter um tão bello futuro, graças aos seus dotes de formosura e ao talento que não a engeitou. Quantas e quantos têem perdido bellas posições no theatro por falta de juizo!

Por fim o nosso **Lima** conseguira ferir um coração sensivel, uma menina de boa familia, que, por mal dos seus peccados, com elle casou e depois entrou para o theatro com o nome de Virginia Lima e pouco lá se demorou.

16

1808—Inaugura-se no sitio de Buenos Ayres um theatro, de cuja companhia faziam parte os artistas: Catharina Talassi, Rozalina Maria, João Antonio Duarte, João Ignacio Henriques, José Antonio Ferreira, Francisco Antonio Ferreira e Evangelista da Costa.

Vi ha pouco um drama manuscripto, sem titulo, traduzido por João Baptista Gomes Junior e que tinha a indicação de ter sido representado quatro vezes no theatro de Buenos Ayres. O drama é em verso. Tem a indicação do copista, que foi Alexandre José Victor da Costa Sequeira.

1865—Primeira representação no theatro do Gymnasio, em beneficio do actor Taborda, da comedia em 2 actos, em verso, **Nem Cesar nem João Fernandes**, original do notavel escriptor Joaquim da Costa Cascaes, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 29 de outubro.

1890—Morre com 71 annos incompletos o eminente poeta e tambem escriptor dramatico **João de Lemos**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 6 de maio.

17

1600 — Nasce em Madrid **D. PEDRO**

CALDERON DE LA BARCA, continuador da obra de Lope da Vega, que deu a fórma definitiva ao theatro hespanhòl.

Calderon de la Barca era filho de um funccionario da Corte de Filippe II, o que lhe grangeou ficar sendo o poeta de todas as festas palacianas. Aos 9 annos entrou para o collegio dos jesuitas. Depois cursou a Universidade de Salamanca, onde, nos divertimentos escolares, já se revelou poeta dramatico em 1619, indo depois tomar parte nas justas poeticas que se fizeram em Madrid, nas festas de Santo Izidro, em 1620 e 1622.

Calderon seguiu tambem a carreira das armas e acabou por professar, sendo nomeado, em 1653, por Filippe IV, seu capellão honorario e egualmente capellão dos Reis Novos de Toledo. Até á morte de Filippe IV, em 1665, viveu sempre na abundancia, na consideração e no valimento dos monarchas. Carlos II não tinha a paixão dramatica e por isso **Calderon** não teve até á morte, em 25 de maio de 1681, o seu *Mecenas,* como disse Solis.

Transcrevo em seguida a opinião de Theophilo Braga sobre a obra de **Calderon.**

«Compõe-se de comedias famosas e Au-«tos Sacramentaes, escriptos já para as «festas do rei, já para as festividades reli-«giosas das cathedraes de Toledo, Granada «e Sevilha, que durante trinta e sete annos «o occuparam, enriquecendo-o. Os Autos «constam de personagens allegoricos, a «Fé, as Virtudes, o Peccado, em dialogos «cheios de exageradas figuras de rhetorica, «mas em que o espirito catholico tem um «relevo tal, que caracterisa a mentalidade «de uma epocha, como na *Devoção da Missa.* «As comedias são tambem sempre em «verso de redondilha assonantada, no mol-«de das tres jornadas, com os typos du-«plos, em parodia do amo e creado; o que «caracterisa estas composições é, em pri-«meiro logar os sentimentos exaltados, que «dominaram a sociedade hespanhola, como «no *Medico de sua honra;* mas o que ha de «bello é o elemento tradicional e historico «em que essas comedias se fundam, como «o *Principe Constante*, em que é heroe o Infante Santo de Portugal.»

1863—Primeira representação, no theatro da Rua dos Condes, do drama maritimo **O Corsario**, original de José Romano. N'esta peça, que teve muito agrado e deu grande numero de representações, estreiou-se a actriz Adelaide Pessoa, que poucas mais peças fez e se retirou do theatro.

Quando a peça estava em pleno successo, adoeceu o actor Domingos d'Almeida, que fazia o *galan,* e, para não serem interrompidas as representações, prestou-se a ir desempenhar o papel o auctor, que foi bem recebido.

No desempenho sobresahiam os actores Maggiolly, Queiroz e Augusto.

A peça tem tido diversas *reprises.*

Do seu auctor fallarei minuciosamente na data do seu nascimento, a 3 de junho.

1876 —Estreiam-se no theatro da Trindade na *reprise* da magica *A corôa de Carlos Magno,* a actriz Sophia d'Oliveira e o actor **Santos Silva.**

De Sophia fallarei na data do seu nascimento, a 2 de novembro.

Santos Silva foi um actor util no theatro da Trindade. Entre outros papeis, salientou-se nos das seguintes peças: *Lucrecia Borgia, Sultão de Gerinfá, Filha da sr.ª An-*

got, Marselheza, Bandidos, Viagem á Lua, Milho da Padeira, Graziela, Noite e Dia, Duende e *D. Juanita.*

Em 1884 foi para o Brazil n'uma companhia organisada por Furtado Coelho e por lá ficou, estando actualmente em S. Paulo, empregado de uma casa importante.

1886 — Morre no Rio de Janeiro o actor **Foito,** de quem fallarei no dia a seguir a este, que foi a data da sua estreia no theatro.

1892 — Morre **D. Antonio da Costa,** brilhantissimo escriptor e antigo commissario regio junto ao theatro de D. Maria, de quem fallarei na data do seu nascimento, em 24 de novembro.

18

1781 — Morre o architecto e decorador **Ignacio de Oliveira,** que Dom João V havia mandado estudar a Roma, onde foi discipulo de Benedetto Letti e de Paulo Mathei. Foi **Ignacio de Oliveira** o celebre artista que dirigiu o theatro real de Queluz, o dos Congregados do Espirito Santo, o da Rua dos Condes e, durante a ausencia de Bibiena, o da Opera do Tejo.

1860—Emilia das Neves representa pela primeira vez o drama **Joanna a Doida,** no theatro Baquet do Porto, obtendo grande successo. *Vidé* dia 5 de agosto.

1864 — Morre a distinctissima actriz **Josepha Soller de Assis,** de quem fallarei na data do seu nascimento, a 15 de setembro.

1868 — Estreia-se no theatro da Trindade na peça de Sardou, *A Conspiração na aldeia,* o actor **Alexandre Augusto das Neves Foito.**

Era official de encadernador e a paixão pelo theatro levou-o a mendigar um logar na Trindade, onde mostrou decidida vocação para a scena em diversas peças, taes como: *Cosinha, casa de jantar e sala, Viver de Paris, Tagarellas, Medicos, Barbeiro de Sevilha, Pupillas do sr. Reitor, Gata Borralheira, Andador das almas* e outras.

A sua aspiração era subir muito e depressa. Como reconhecesse que não o podia aqui fazer, partiu para o Porto, entrou no Baquet, fez os primeiros papeis e em pouco tempo era o actor mais querido da cidade invicta.

Com a empresa Manzoni foi para o Rio de Janeiro, onde agradou immensamente e onde, em menos de um anno, conquistava um bello logar ao lado dos primeiros comicos.

Infelizmente a maldita febre amarella deitou-lhe a garra adunca e prostrou-o em menos de tres dias. A sua morte foi muito sentida no Rio de Janeiro.

1875 — Morre em Lisboa o velho actor **Gil pai,** como lhe chamavam para o distinguir de seus filhos, tambem actores, Silverio Gil e João Gil.

Antonio da Silva Gil foi actor do velho Salitre, da Rua dos Condes e do Principe Real e percorreu todo o Portugal, em qualquer logar em que houvesse um theatro, ou sitio onde elle se pudesse improvisar. Teve os seus papeis nas peças da velha escola e ainda ultimamente fazia figura no Pinto Ribeiro da *Restauração de Portugal* e no D. Fuas Roupinho do *Milagre de Nossa Senhora da Nazareth.*

O **Pai Gil** foi um verdadeiro bohemio, um homem d'expedientes graciosissimos, um extraordinario director de companhias ambulantes.

No livro que preparo com o titulo *Typos dos nossos theatros,* tem elle um dos primeiros logares. A historia da sua vida theatral é divertidissima.

1876 — Estreia-se na Trindade o actor **Carlos Rocha** na magica *A Corôa de Carlos Magno.* Pouco alli fez e por isso sahiu logo no anno seguinte.

Passando a theatros dramaticos, chegou a ter um certo agrado, desempenhando diversos papeis na Rua dos Condes, Avenida, Recreios e Principe Real. Ultimamente ti-

nha ido para D. Maria com pequeno ordenado e fazendo papeis insignificantes.

Uma terrivel doença afastou-o da scena, tendo apenas, com difficuldade, feito um papel d'uma revista no theatro do Rato. **Carlos Rocha** pertencera á armada.

1885 — Morre o illustre actor **Theodorico Baptista da Cruz**, de quem fallarei na data da sua estreia, a 30 de maio.

1889 — Morre o actor **Pinto de Campos**, de quem hei de fallar na data do seu nascimento, a 21 de dezembro.

19

1825 — Nasce **Manuel Domingues Santos.**

Mais conhecido pelo **Santos** da Maria do Céo, teve grande popularidade nos theatros.

De uma educação esmerada e possuindo notavel illustração, poderia ter tido uma carreira brilhante, se o theatro, d'onde nunca sahia, e a actriz que o prendeu pelo coração, o não tivessem absorvido por completo.

Foi um dos fundadores da Associação do theatro das Variedades.

Occupou alguns cargos importantes e, ainda durante o ministerio formado pelo Marechal Saldanha, depois da emboscada de 19 de maio, foi nomeado administrador do concelho de Castello Branco.

Collaborou em muitos jornaes ao lado de Herculano, Garrett, Mendes Leal, Rebello da Silva, Tullio e toda essa pleiade de homens notaveis que por muito tempo illustraram o jornalismo portuguez.

Para o theatro escreveu diversas peças originaes, imitações e traducções. Foi n'um drama original seu que se estreiou, no theatro do Gymnasio, a actriz Lucinda Simões. Intitulava-se *Bemvinda ou a Noite de Natal.*

Possuira bens de fortuna, mas desbaratara-os por causa do theatro e nos ultimos annos da sua vida passou verdadeiras privações. Valeu-lhe a boa companheira que teve na actriz Maria do Céo e a dedicação de suas filhas, as actrizes Sophia Santos e Clementina Santos.

Morreu victima de uma lesão cardiaca a 7 de julho de 1893, na rua da Alegria n.º 36, 4.º andar.

1885—Morre no Rio de Janeiro o actor **Dias Guimarães.**

Partira para o Brazil muito novo, afim de seguir a carreira commercial. Pouco depois entrou para o theatro, conservando-se actor mediocre.

Conheci-o de 1881 até á sua morte. Já havia abandonado a scena e vivia pobremente. Um seu filho foi corista do meu theatro.

Dias Guimarães era auctor de um drama em 3 actos, cheio de defeitos de toda a especie, mas que se conserva ainda no repertorio das companhias inferiores e nas sociedades d'amadores. Intitula-se *O Poder do Ouro.*

Tambem era auctor da scena dramatica *Cerração no Mar,* que tantas vezes foi representada em Lisboa, no theatro do Gymnasio, pelo actor brazileiro Joaquim Augusto e pelo nosso actor Rodrigues.

20

1863 — Estreia-se no theatro do Gymnasio a actriz **Ernestina de Lorena**, na comedia em um 1 acto de Francisco Serra, *A Carteira de Mauricio Lopes.* A comedia agradou muito e não menos a nova actriz, que foi applaudidissima. **Ernestina** era intelligente, elegante e principalmente formosissima. Fez outros papeis com bastante agrado no mesmo theatro, passando em seguida para o Principe Real, onde mais agradou, e depois para o Baquet do Porto. Por ultimo desceu bastante na carreira que encetára em consequencia de nada estudar e fazer scenas de uma verdadeira desequilibrada. Tentou suicidar-se innumeras vezes e deu outros escandalos. Morreu, no anno de 1886, desgraçada, sem recursos e repellida de todos os theatros.

1864 — Inaugura-se, no Brazil, o theatro de **S. João** do Rio Claro, cidade do actual estado e antigamente provincia de S. Paulo, com o drama *Dalila*.

O theatro foi edificado por uma associação organisada pelo prestimoso membro da colonia portugueza, Antonio Gonçalves de Amorim. O terreno foi cedido pelo sr. Raphael Tobias de Barros. Os trabalhos foram dirigidos por Francisco Gomes Botão. Concorreram tambem muito para se levar a effeito tal emprehendimento o dr. João Guilherme de Aguiar Whitaker e o coronel José Estanislau de Oliveira.

Tem o theatro 152 palmos de comprimento por 74 de largura e 36 de altura.

É actualmente um dos melhores theatros do estado de S. Paulo.

21

1854—Emilia das Neves representa pela primeira vez, no theatro de D. Maria, a tragedia **Maria Stuart.**

Da grande actriz fallarei largamente na data do seu nascimento, a 5 de agosto.

1874 — Antonio Pedro representa pela primeira vez, em seu beneficio, no theatro de D. Maria, o drama **Paralytico**, em que foi verdadeiramente sublime.

Conjunctamente com Antonio Pedro alcançaram bastante exito os actores Cesar de Lima, Brazão, Gil, Maggiolly e as actrizes Virginia e Falco.

A peça foi primorosamente ensaiada pelo grande actor Santos.

Do notabilissimo artista Antonio Pedro fallarei desenvolvidamente na data do seu nascimento, a 15 de maio.

22

1824 — Nasce em Vianna do Castello o actor **Abel.**

Tendo apenas 14 annos d'edade, **Abel** fugiu da casa paterna com a ideia fixa de ser actor. Effectivamente conseguiu-o, estreiando-se no antigo theatro Camões e continuando n'um agrado sempre crescente. Em 1864 veiu para o Gymnasio de Lisboa, onde foi muito estimado e obteve muito successo n'algumas peças, principalmente nas comedias *Tio Paulo* e *Grammatica.*

Passou depois para as Variedades, onde substituiu Izidoro e Antonio Pedro no papel de Abdallah da magica *Loteria do Diabo.*

Foi ao Porto inaugurar o theatro do Palacio de Crystal e regressou a Lisboa, onde se conservou até 1875, epocha em que se contractou para o novo theatro da Trindade do Porto. Pouco depois ardeu esse theatro e por lá ficou representando no barracão dos Carmelitas e ainda n'outras casas d'espectaculo.

Abel era homem extremamente alto; na physionomia parecia-se extraordinariamente com o actor Vasques, do Brazil. Apesar da sua voz arrastada e com o vicio provinciano, que nunca perdeu, era actor de merito e bastante util.

Foi amigo intimo do actor-auctor Braz Martins.

Abel morreu no Porto a 9 de setembro de 1882.

1859 — Nasce em Portalegre a actriz **Beatriz Emilia Rente.**

Seu pai, um modesto alfaiate, era nas horas vagas um amador dramatico distincto. O amor pelo theatro foi a unica herança que deixou á pequenina **Beatriz**, ao mesmo tempo que a deixava orphã aos dois annos e meio de edade. Eram cinco irmãosinhos, que todos ficaram com o unico amparo da pobre mãe e de uma tia ainda mais pobre.

Muito nova ainda começou representando com os curiosos da terra, agradando sempre, principalmente no papel de mendiga do drama *Rainha Santa Isabel.*

Ainda não tinha 15 annos completos quando veiu com sua mãe para Lisboa, acolher-se á protecção de sua madrinha e conterranea, a actriz Emilia Adelaide, que lhe obteve uma pequenina escriptura no theatro de D. Maria. Estreiou-se na come-

dia *Quem empresta não melhora,* agradando bastante. Fez depois outros papeis, salientando-se na senhora de Santis do *Demimonde* e na Martinha das *Sabichonas.*

Acompanhou depois Santos para o Gymnasio e n'este theatro ficou, occupando sempre um dos primeiros logares.

Beatriz é bastante formosa, tem principalmente magnificos olhos. Á sua formosura deve parte da sua carreira. Não foi ainda e já agora não será uma notabilidade; é, porém, uma actriz util e que o publico estima. Tem actualmente um grande repertorio de comedias, em que é sempre mais ou menos correta.

23

1799 — Canta-se no theatro de S. Carlos a primeira opera do grande compositor portuguez Marcos Portugal, intitulada : **La Donna di genio volubile.**

Do notabilissimo compositor hei de fallar na data do seu nascimento, a 24 de março.

1881 — Morre no Rio de Janeiro o excellente compositor portuguez, **Francisco de Sá Noronha,** com 58 annos de edade, pois que nascera em Guimarães, no anno de 1823.

Como compositor era primoroso, como violinista de primeira ordem.

Accusam-n'o como concertista de não ter estylo ; não sei o que lhe faltaria, o que posso affirmar é que o ouvi muitas vezes enthusiasmar o publico com o seu magico violino.

Como compositor, a sua escola era a de Verdi. A melodia facil e espontanea era o seu principal merito.

No nosso theatro de S. Carlos cantou-se apenas uma opera sua, *O Arco de Sant'Anna* e essa mesma deu causa a grandes semsaborias, que fizeram sair de Lisboa, para mais não voltar, o tenor querido do publico, o celebre Mongini.

Noronha escreveu mais duas operas, *Beatriz de Portugal* e *Tagir.*

Operettas escreveu cinco : *Se eu fosse rei, Rainha dos Bohemios, Fagulha, Princeza dos Cajueiros* e *Os Noivos.*

A *Princeza* foi a sua penultima obra. Escripta sobre um *libretto* de Arthur Azevedo, fez grande successo no Rio de Janeiro. Em Lisboa só tarde foi representada no theatro da Trindade; mas montada, ensaiada, representada e cantada por fórma, que foi um completo *fiasco.* O nosso compositor merecia mais algum respeito.

24

1725 — Nasce em Napoles o celebre cantor **Farinelli,** de quem escreve Fétis que foi o cantor mais espantoso do seculo XVIII. Era um verdadeiro phenomeno artistico, pois possuía a mais admiravel voz de soprano, que até alli se tinha ouvido. **Farinelli** era castrado.

Obteve triumphos sem precedentes na Italia, Allemanha, Inglaterra, França e principalmente em Hespanha, onde fixou residencia e conseguiu que Filippe V organisasse um theatro para a opera italiana no palacio do Buen-Retiro, para onde mandou ir os melhores cantores d'Italia.

Farinelli morreu a 15 de julho de 1782.

1841 — Em beneficio da actriz Carlota Talassi, representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes o drama original portuguez, em 5 actos, **O Captivo de Fez** de Antonio Joaquim da Silva Abranches.

Este distincto escriptor, nascido na villa d'Avô, comarca d'Arganil, em 1807, era advogado e membro do Real Conservatorio.

O seu excellente drama **Captivo de Fez** foi premiado e obteve um exito brilhante. No mesmo anno de 1841 representou-se, tambem no theatro da Rua dos Condes, uma farça sua, intitulada *O Barão de Galegos,* que foi muito applaudida.

1852 — Nasce **Carlos de Moura Cabral,** escriptor dramatico verdadeiramente moderno e de bastante merito.

Foi felicissimo na sua estreia, pois conseguiu bastante agrado na sua primeira

comedia, intitulada *Comedia intima*, que se representou no theatro de D. Maria, a 15 de maio de 1879.

Tem mais representadas no theatro de D. Maria as seguintes comedias: *A Kermesse*, 3 actos, 1893 (não agradou), *O Grande Industrial*, 5 actos, extrahido do romance de *G. Ohnet*, 1883. No Gymnasio: *Paris em Lisboa*, 1 acto, 1879; *Scenas burguezas*, 3 actos, 1884; *Bibi*, 3 actos, 1889; *O homem terrivel*, 3 actos, 1892.

Entre outras tem traduzido as peças de successo: *Princeza de Bagdad, Miguel Strogoff, Principe Zilah, Madrinha de Charley, Madame Sans-Gêne, Perfume, Hotel do Livre Cambio, Champignol á força*, etc.

Moura Cabral é um habil jornalista e um primoroso caracter com innumeras sympathias.

1854 — Nasce o popular actor **Alfredo de Carvalho.**

Quando muitos se envergonham de confessar a humildade de que vieram, o actor **Alfredo Carvalho**, que nasceu de familia distincta e que teve bella posição na sociedade lisbonense, orgulha-se em declarar que começou a sua vida de actor n'um barracão que houve em Alcantara com o titulo de *Ilha dos Amores*, de que fallaremos na data da sua inauguração, a 26 d'outubro.

E não foi só na *Ilha dos Amores* que **Alfredo Carvalho** deu as suas primicias na Arte; foi em diversos theatrinhos das feiras de Belem e Amoreiras; foi em mil terreolas das provincias, onde uma barraca, uma adega, uma escola, tudo lhe servia para improvisar theatro.

O que é notavel, é que mesmo em feiras, mesmo nas barracas, o publico reconhecia o seu merito, que consistia principalmente n'uma veia comica inexgotavel. Os emprezarios tambem assim o entendiam e lá o foram buscar para a Trindade, do Porto, para o Gymnasio, para o Rua dos Condes, para o Avenida, para a Trindade de Lisboa.

Alfredo Carvalho tem graça natural e muito sua, graça verdadeiramente portugueza, a que é difficil resistir. Depois de Izidoro ainda não tivemos outro actor para improvisar com tanta felicidade.

Alfredo Carvalho é muito util na comedia, impagavel nas magicas e insubstituivel nas revistas.

O papel que lhe deu maior popularidade, e em que ainda não conseguiram egualal-o os muitos que o tem representado em Portugal e Brazil, é o Lucas da minha revista *Tim Tim por Tim Tim.*

Depois d'esta revista, em que deu um passo enorme na sua carreira, fez tambem com grande exito os compadres das que escrevi expressamente para elle: *Tam Tam*, em que fazia com inexcedivel graça o Cosme, primo do Lucas do *Tim Tim; Sal e Pimenta*, em que deu uma vida extraordinaria ao Felix Telles de Meyrelles, especialmente na scena do balão, em que elle collaborava com uma graça inimitavel, apresentando dia a dia novas pilherias; *Pratos limpos*, em que voltou ao seu papel de Lucas.

Nas suas *tournèes* ao Brazil, **Alfredo Carvalho** tem sido festejadissimo.

1888 — Morre em Paris **Eugenio Labiche,** celebre auctor dramatico. Succumbiu a uma doença de coração, que o atormentou durante quatro annos.

O seu repertorio é enorme. Entre as suas peças de maior exito contam-se: *Chapeau de paille d'Italie, Affaire de la rue de Lourcine, Voyage de Mr. Perrichon, Celimare le bien-aimé, Poudre aux yeux, Choix d'un gendre, Embrassons-nous, Folleville, Le plus heureux des trois*, etc.

Eugenio Labiche foi membro da Academia Franceza desde 26 de fevereiro de 1880. Era elle sem duvida uma das glorias do theatro d'este seculo.

Sem saber explicar o motivo, o publico de Lisboa, que tanto tem applaudido com enthusiasmo as *pochades* e insignificancias de Gandillot, Gaston Marot e outros de egual jaez, nunca acceitou o theatro de **Labiche**!

Chegam a ser extraordinarios, á força de injustificaveis, estes caprichos do publico lisbonense!

25

1841 — Nasce em Boulogne-sur-mer o

grande actor francez **COQUELIN** (ainé). Discipulo de Regnier, obteve o primeiro premio de comedia no Conservatorio de Paris em 1860. Estreiou-se na Comedie Française no *Dépit amoureux* a 7 de dezembro de 1860. Foi nomeado societario no dia 1 de janeiro de 1864. Até 1866 fez 44 creações, entre outras, nas seguintes peças: *Gringoire, Tabarin, Étrangère, Jean Dacier, Fourchambault, Monde où l'on s'ennuie, Rantzau, Deputé de Bombignac, Denise, Parisien, Chamillac, Mr. Scapin,* etc.

Deixou a Comedie Française em 1886. Percorreu a Europa em 1887 e a America em 1888 e 1889. Voltou para a Comedie como pensionista em 1890. Foi novamente á America durante seis mezes e voltou á casa de Molière para crear o *Thermidor,* em 24 de janeiro de 1891 e a *Megère apprivoisée,* em 19 de novembro do mesmo anno. Deixa definitivamente a Comedie em janeiro de 1892. N'este anno visita diversos paizes europeus. Em 1893 volta á America. No anno seguinte vae crear em Lyon os *Cabotins.* Contractado para a Renaissance, alli se estreiou a 6 de fevereiro de 1895 no *Amphitryon.* Depois creou o *Colonel Roquebrune,* em que não se póde dizer obtivesse um successo; mas, em compensação, guindou-se ultimamente ás mais altas regiões da Arte, desempenhando com sublimidade e superiormente a tudo que até alli fizera, o principal papel da notavel peça *Cyrano de Bergerac,* do grande poeta Rostand, no theatro da Porte Saint-Martin.

É **Coquelin** (ainé) auctor de diversas peças, e official da Academia.

Os nossos artistas, que não foram a Paris, tiveram já occasião de admirar **Coquelin**, que tem feito mais de uma visita a Lisboa.

26

1800 — Nasce em Lisboa o notavel ho-

mem de letras **ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,** depois **VISCONDE DE CASTILHO.**

A este cego illustre devem as letras patrias serviços importantissimos. Merece todas as homenagens quem passou uma longa vida entregue ao mais proficuo labor litterario e instructivo.

Sem enumerar os seus muitos trabalhos primorosos, que poucos desconhecem, tenho apenas aqui de referir-me ás suas relações intimas com o theatro.

Castilho foi membro do Conservatorio Real.

Escreveu para o theatro:

Camões, drama em verso, sobre outro francez.

O Tejo, elogio dramatico,

A Liberdade, elogio dramatico.

Adriana Lecouvreur, opera em 4 actos, traduzida do italiano.

O Avarento, traducção de Molière.
O Medico á força, idem.
O Doente de scisma, idem.
As Sabichonas, idem.
O Tartufo, idem.

Sabem todos quanto valem estas brilhantissimas traducções.

Castilho escreveu as biographias das geniaes artistas Ristori e Emilia das Neves.

Consta mais ter escripto as seguintes peças, que nunca se representaram, nem estão impressas:

Canace, tragedia em 5 actos.
A festa do amor filial, drama em 2 actos.
Aristodemo, tragedia de Monti, traducção.

27

1808 — Nasce na cidade do Rio de Janeiro o mais notavel actor brazileiro, **JOÃO CAETANO DOS SANTOS**.

Teve uma educação litteraria muito rudimentar. Encetou a carreira militar e fez, muito novo, a campanha rioplatina.

Como acontece a quasi todos os artistas, quando não ha escola, **João Caetano** começou satisfazendo a paixão do theatro pelas recitas particulares. Depois contractou-se n'uma modesta companhia, que percorria a *roça*, estreiando-se em S. João de Itaborahy, provincia do Rio de Janeiro, n'um papel de galan do drama *O Carpinteiro da Livonia*. Deu-se isto em 1827.

Pouco depois organisou companhia para o theatro de Nictheroy, capital da mesma provincia. Apesar de começar desde logo obtendo grandes triumphos, a empreza quebrou, como ainda hoje aconteceria, se alguem se lembrasse de estabelecer uma empreza theatral n'aquella cidade.

João Caetano resolveu contractar-se em uma companhia portugueza que funccionava no theatro de S. João, que depois passou a chamar-se de S. Pedro d'Alcantara. Estreiou-se ahi no drama *D. José visitando os carceres* e obteve grande triumpho em papel insignificante. Tentou depois o genero comico na farça *O Chapeu pardo* e foi surprehendente.

Por questões com os artistas portuguezes, teve de abandonar o S. João e voltar para a *roça*.

Mais tarde, protegido por Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois Marquez do Paraná, conseguiu organisar uma companhia dramatica, exclusivamente com artistas brazileiros.

Como curiosidade aqui deixo o elenco da primeira companhia dramatica brazileira: Estella Sezefreda, Antonia Borges, João Caetano, Francisco de Paula Dias, João Antonio da Costa, José Romualdo, Joaquim Nostardo de Santa Rita, Jordão, Quintanilha, José Moreira, José Carlos, José Pedro e José Fluminense.

Esta companhia começou tambem funccionando em Nictheroy, estreiando-se a 2 de dezembro de 1833 com um drama que se intitulava *O Principe amante da liberdade ou a independencia da Escocia*. Passou depois para um theatro chamado de Vallongo, mandado construir por uns amigos de **João Caetano** na rua da Imperatriz, do Rio de Janeiro. De tal theatro já não ha vestigios.

A fortuna não quiz sorrir ao artista n'estes dois theatros; viu-se, pois, obrigado a ir representar com alguns collegas para uns logarejos de terceira ordem! Pois foi d'esses logarejos que trouxe os meios para tomar o theatro de S. Pedro, que abriu com o drama *A Expulsão dos hollandezes*.

João Caetano casou com a primeira dama da companhia, Estella Sezefreda, que era uma excellente actriz, muito intelligente e

instruida, á qual, dizem, elle deveu o melhor da sua educação artistica.

D'esse periodo em diante datam as maiores glorias de **João Caetano**, que audaciosamente desempenhou o *Othello, Hamlet, Antonio José, Catharina Howard, Torre de Nesle, Kean, Desertor francez, Aristodemo, D. Cesar de Bazan, Oscar*, etc.

Mais tarde passou para o theatro de S. Januario, que tambem já não existe, e alli fez a *Nova Castro* e a *Zaira*, de Voltaire.

Regressando ao S. Pedro, inaugurou-o com os *Dois renegados*. Fez depois o seu melhor trabalho *A gargalhada*. Seguiu-se o *Lazaro o pastor, O captivo de Fez, 29 ou honra e gloria, Cabo Simão* e *Camões*.

Partiu depois para Lisboa e aqui representou, no theatro de D. Maria, o drama *A Dama de S. Tropez*. O publico portuguez recebeu-o com uma certa frieza, por lhe estranhar a pronuncia e porque não teve ensejo de admiral-o n'outros trabalhos. Ainda assim a imprensa fez-lhe justiça.

D'aqui foi a Paris e regressou depois á sua patria, onde continuou trabalhando com ardor até que uma lesão cardiaca o prostrou a 24 de agosto de 1863.

Foi embalsamado e jaz no cemiterio de Catumby, no Rio de Janeiro. O feretro foi acompanhado por mais de quatro mil pessoas.

João Caetano publicou uma brochura com o titulo de *Lições dramaticas*, trabalho bastante inferior.

João Caetano não jogava nem bebia, mas era doido por mulheres. Deixou, ao morrer, a familia no maior desamparo.

Por iniciativa do já tambem fallecido actor Vasques, em frente da Academia de Bellas Artes levantou-se uma estatua em bronze ao grande actor **João Caetano**, o maior genio que tem illuminado a scena brazileira.

1834 — Nasce em Coimbra o actor **Francisco Emilio Salazar**.

Vindo aos 3 annos com sua familia para Lisboa, ficou orphão em 1853, o que o inhibiu de seguir a carreira militar, como era vontade de seu pae, e aprendeu o officio de polidor, que por algum tempo exerceu.

Conjunctamente representava com amadores e era tido por um dos primeiros de Lisboa. Com a sociedade *Regosijo Thaliense* foi representar á Rua dos Condes a *Pobre das ruinas*, obtendo alli grande successo.

A empreza do theatro fez-lhe n'essa noite mesmo proposta para entrar como actor, o que elle acceitou, estreiando-se pouco depois na peça maritima *A Salamandra*.

Fez depois varios papeis nas peças: *Martyres da Polonia, Estrella do Norte, Naufragio nas costas da Bretanha, Ferro-velho, Conquista do Mexico, Dois dominós, Descascamilho*, etc. Em todas as peças era sempre applaudido.

Passando para o theatro das Variedades, estreiou-se na *Revista do anno*, fazendo depois *S. Jorge, Roberto Macario, Nova Castro, Noite de 20 de Setembro, Rabo do Diabo*, etc.

Seguiu d'aqui para Coimbra, onde esteve dois annos, na companhia de Apollinario d'Azevedo. Quando voltou, foi representar dois mezes a Setubal, na companhia de José Romano, regressando para o Principe Real, empreza Pinto Bastos, depois para as Variedades.

Em 1873 escripturou-se com a empreza Torres para a Rua dos Condes; passou depois para as Variedades, onde representou com Furtado Coelho e Lucinda Simões.

Em 1875 foi ao Brazil com Antonio Pedro e alli representou no Rio de Janeiro, Bahia, Campos e S. Paulo.

Á sua volta a Portugal contractou-se com o grande Santos no Gymnasio, passando depois com elle para a Rua dos Condes. O final da sua carreira foi triste, já pela impertinente doença que o accometteu, já pela visivel decadencia que manifestava de dia para dia, representando no Principe Real, na Avenida, na nova Rua dos Condes e no Rato.

Salazar nunca foi um actor brilhante, nem correcto; mas foi verdadeira utilidade no theatro; tinha dotes, mas faltava-lhe a educação.

Quasi no fim da vida ainda acompanhou ao Rio de Janeiro os seus collegas do Principe Real, em 1892; mas, regressando a Lisboa, poucos dias teve de existencia.

28

1891 — Morre no Rio de Janeiro o actor brazileiro **Galvão**, que cultivava de preferencia o drama romantico. Estivera escripturado com João Caetano, Heller e Furtado Coelho, e fizera parte de varias sociedades artisticas. Uma das ultimas foi no theatro Phenix Dramatica com os preços dos logares reduzidos a metade. Chamavam-lhe por este motivo o *meia porção*, phrase por que nas casas de comida se pedem lá as meias doses.

Os cavallos de batalha de **Galvão** eram o *Homem da Mascara Negra*, a *Ignez de Castro*, *Os Dois Proscriptos*, o *João Brandão*, o *Guarany*, os *Dois Renegados*, os *Sete Infantes de Lara* e o *Fausto*, onde fazia o Diabo.

O seu ultimo papel foi o de *Serpa Pinto* n'um drama escripto pelo já tambem fallecido Navarro de Andrade a proposito da questão de Portugal com a Inglaterra.

1895 — Morre em Lisboa o actor **Joaquim Bento**.

Era funileiro de profissão e o seu principal mistér forrar telhados a zinco. Ainda pouco tempo antes da sua morte, já doente e alquebrado, lá andava á torreira do sol ou ao rigor da chuva, de martello em punho, batendo o zinco dos telhados. Dizia elle que com o zinco é que sempre se tinha achado, porque, nos theatros, umas vezes não tinha logar e outras não lhe pagavam.

Joaquim Bento era extremamente economico. Não gastava dez réis mal gastos; trabalhou toda a vida e morreu pobre.

Quantas vezes me dizia elle que ainda lhe parecia impossivel que eu tivesse tido a habilidade de lhe apanhar a assignatura de um trimestre do meu jornal, *O Palco!* Foram dois tostões que lhe ficaram sempre atravessados na garganta. Isto dera-se em 1863 e em 1880 ainda me fallava nos duzentos réis, que um dia lhe dei em ar de brincadeira, e elle em ar de brincadeira foi guardando.

Joaquim Bento tivera a sua epocha de popularidade no velho theatro da Rua dos Condes. Foi no tempo da *Visinha Margarida*, do *66*, do *Tio e sobrinha*, do *Provinciano em Lisboa*, dos *Dois dias no Campo Grande*, em que era insigne imitando o sapateiro Domingos Conde, na *Revista de 1876*, no *Sr. Ramalho em Lisboa*, etc.

Da Rua dos Condes passou em 1877 para o Principe Real, onde permaneceu até á morte, sendo pouco sensivel a sua falta, porque tambem pouco tinha feito n'este theatro.

29

1847 — Nasce o escriptor dramatico **Eça Leal**.

Empregado de fazenda, tem sido delegado do thesouro em diversos districtos.

Desde muito novo mostrou predilecção pelo theatro, tendo escripto até hoje 69 peças, originaes, imitações e traducções.

Muitas d'ellas teem agradado e algumas até obtido bastante exito, taes como: *Viagem do Rei Carrapato* (verso), *Pato de tres bicos*, *Direito Feudal*, *Cossaca* (verso), *Tio Celestino* (verso), *Miss Helyett* (verso), *Quem me empresta um tio?*, *Marechala*, *Almirante da Esquadra Azul*, *Diogo Alves*, *João o cocheiro*, etc.

Tem principalmente **Eça Leal** muita habilidade para traduzir o verso das operetas, adaptando-o perfeitamente á musica original.

1848 — Nasce na Vieira o actor **Alvaro Filippe Ferreira**, um dos discipulos mais dilectos do illustre Santos.

Alvaro veiu para Lisboa seguir a vida commercial. Nas horas vagas dedicava-se á arte dramatica, representando com amadores. Aconteceu que a sociedade, a que pertencia, deu um espectaculo no theatro do Principe Real, no tempo em que Santos alli era emprezario. O grande mestre assistiu á recita e achou taes disposições em **Alvaro**, que immediatamente o convidou a fazer parte da sua companhia. Acceitando a proposta, estreiou-se logo a 16 de setem-

bro de 1868 n'uma comedia em 1 acto, traduzida em verso por Eduardo Vidal com o titulo *O que fazem as rosas*. Agradou immensamente. Foram pasmosos os progressos que **Alvaro** fez em poucos mezes no Principe Real e depois em D. Maria.

A ambição fel-o acceitar o contracto offerecido por Emilia Adelride e com ella partiu para o Porto, logo depois para os Açores e em seguida para o Brazil. No começo da digressão ainda teve a guial-o a experiencia e saber de José Romano; mas, abandonando este a companhia, **Alvaro** começou trabalhando sem peias, deixando-se arrastar pelo gosto estragado das platéas portuguezas e brazileiras, e, quando no fim d'alguns annos voltou a Lisboa, vinha cheio de defeitos, que ainda assim muitos applaudiam.

Fosse como fosse, o seu nome apparecia em lettras gordas nos cartazes do theatro do Principe Real ou nos annuncios dos jornaes do Brazil e o publico não se cançava de o festejar.

Elle é que se cançou do publico. Depois de reunir um modesto peculio, foi viver n'um verdadeiro descampado, perto da terra do seu nascimento, junto de sua esposa e rodeado de filhos, com o fato em desalinho, barba e cabellos emmaranhados, entregando-se unicamente á caça e pesca, as suas paixões dominantes, cavando ao sol e á chuva como qualquer trabalhador, e esquecendo ingratamente o theatro, onde poderia ter sido um dos primeiros ornamentos, se bem houvesse aproveitado os dotes que possuia e as magnificas occasiões que teve de se impôr.

Voltará ainda á scena portugueza, tão falta de elementos dramaticos? Oxalá.

1875 — No theatro do Principe Real, n'um espectaculo em beneficio do actor Brandão, representam n'esta noite as actrizes Emilia das Neves e Paladini; esta um acto da *Linda de Chamounix* e aquella outro acto da *Adriana Lecouvreur*. Em scena abraçaram-se commovidas as duas artistas. O publico, enthusiasmado, acclamou ambas; mas reconhecendo por essa occasião, e com justiça, que a nossa extraordinaria actriz era muito superior á italiana.

N'esta recita deu-se ainda um facto importante. O actor Brandão, que era actor e ensaiador do theatro, annunciou o seu beneficio com outro espectaculo e mandou distribuir os bilhetes pelos seus antigos convidados de todos os annos, passando a casa. Á ultima hora, obtem de Emilia das Neves e de Paladini que viessem tomar parte na recita. Calculou logo a importante receita que poderia obter e annunciou que ficavam sem valor os bilhetes que havia passado. Mandou fazer outros que vendeu á porta, por alto preço. O publico e principalmente os seus amigos ficaram indignados e caro lh'o fizeram pagar. Abria o espectaculo uma comedia em que Brandão tinha o principal papel. Logo á sua entrada em scena rompeu uma pateada estrondosa e uma chuva de improperios, a ponto de ter de descer o panno sem poder representar-se a comedia.

30

1824 — Nasce em Torres Novas **João de Andrade Côrvo.**

Foi coronel d'engenheria, conselheiro, deputado, par do reino, lente da Escola Polytechnica, ministro, e lente do Instituto Industrial. Tinha a gran-cruz de S. Thiago e a commenda de Christo. Era cavalleiro d'Aviz, de Christo do Brazil e de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia. Era tambem socio effectivo da Academia Real das Sciencias.

Distincto homem de letras, jornalista notavel, romancista primoroso, tem de figurar tambem n'este livro como escriptor dramatico, pois á sua penna se devem as seguintes peças: *Nem tudo que luz é ouro*, proverbio em 1 acto; *O Alliciador*, drama em 3 actos; *O Astrologo*, drama em 3 actos; *Um conto ao serão*, comedia em 3 actos.

1846 — Por um decreto, referendado pelo Conde de Thomar, a empreza do theatro de D. Maria é adjudicada a uma socie-

dade de artistas e collocada no mesmo theatro a escola de declamação que existia no Conservatorio Real de Lisboa. Pelo mesmo decreto é assegurada a subsistencia futura aos artistas do theatro normal. Estabelece-se a censura e outras medidas tendentes a aperfeiçoar a arte dramatica no nosso paiz.

31

1862 — Estreia-se no theatro do Gymnasio a actriz **Florinda Macedo**, tendo 14 annos d'edade.

Já fallei d'esta actriz na data da sua morte, a 6 d'este mez.

1872 — Estreia-se no theatro Baquet, do Porto, na comedia de Camillo Castello Branco, *O Morgado de Fafe*, o actor **Augusto Rosa**, de quem fallaremos mais largamente na data do seu nascimento, a 6 de Fevereiro.

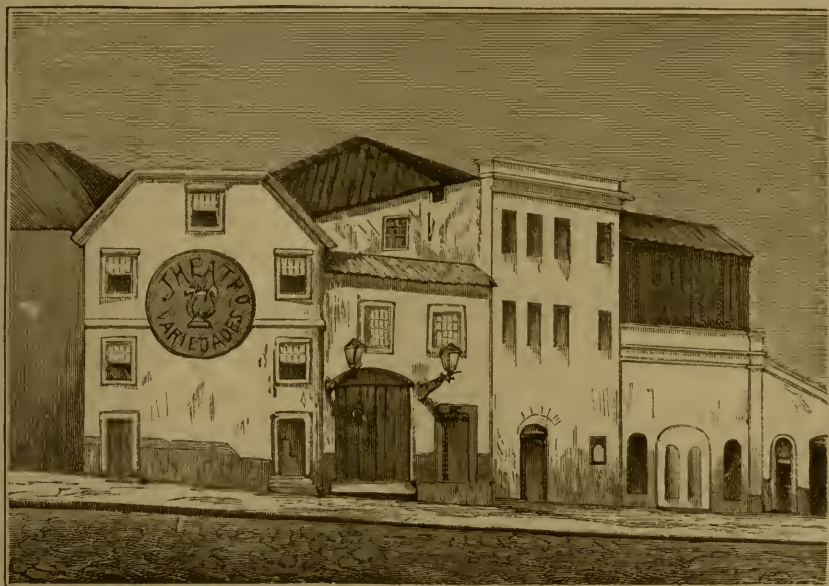
1890—Estreia-se em S. Carlos, na *Gioconda*, a cantora portugueza **Maria Judice da Costa**, de quem fallaremos detidamente na data do seu nascimento, a 12 de junho.

FEVEREIRO

FEVEREIRO

I

1858—Inauguração do **Theatro das Variedades**, de Lisboa. Formou-se uma associação para com este titulo explorar o antigo theatro do Salitre.

A peça de abertura, que teve extraordinario agrado e alcançou grandes receitas,

Theatro das Variedades

foi a magica em 3 actos e 19 quadros, arranjada por Francisco Palha e Joaquim Augusto d'Oliveira, a *Loteria do Diabo*. No papel d'*Abdalah* obteve enorme successo o actor Izidoro.

Na *reprise*, que se fez em 30 de novembro de 1861, Izidoro foi substituido por Antonio Pedro e na de 29 de outubro de 1862 foi este substituido por Abel.

A companhia com que inaugurou o theatro das **Variedades** era assim constituida: Izidoro, Rodrigues, Faria, Queiroz, Nunes, João Ferreira, Sousa, Guerreiro, Gonçalves, Antonio Pedro, Joaquim d'Almeida, Aguiar, Roquette, Luiza Candida, Maria do Céo, Ludovina, Elisiaria, Maria Emilia e Francisca.

De todos estes artistas apenas hoje vivem tres: Queiroz, Joaquim d'Almeida e Gonçalves.

Gonçalves poucas vezes nos apparece e em pequenos papeis. Queiroz e Joaquim d'Almeida é que se conservam nos seus postos de honra.

Houve na abertura do theatro das **Variedades**, em pequenos papeis, duas estreias, que deram ao theatro portuguez dois dos seus mais brilhantes artistas: Antonio Pedro, de quem já promettemos escrever largamente na data do seu nascimento, a 15 de maio, e **Joaquim d'Almeida**, de quem passo a fallar.

Debutou, como disse, n'um pequenino papel, o 2.º *Ephemero* na *Loteria do Diabo*. Rapidamente conquistou um primeiro logar no theatro, fazendo já primeiros papeis nas peças: *Filha da Noite*, *Matheus o gageiro*, *Piratas*; *Glorias do trabalho*, *Duende*, etc.

Quando Marcolino morreu, **Joaquim d'Almeida** foi logo convidado para ir substituil-o no theatro de D. Maria e alli se estreiou no papel de *Manuel Maria* do drama *Pedro*. Em confrontos difficillimos não só com o originalissimo Marcolino, mas ainda com o notavel Sargedas, fez sempre figura brilhante **Joaquim d'Almeida.**

Com Francisco Palha sahiu do theatro de D. Maria para o da Rua dos Condes e depois para a Trindade, tendo sempre honroso logar entre os primeiros.

É verdadeiramente difficil marcar as epochas da sahida e entrada de **Joaquim d'Almeida** para os diversos theatros; assim, tem elle rapidamente passado dos primeiros para os ultimos, voltando de novo ao seu logar, sempre occupado com distincção. Vimol-o em D. Maria, na Trindade, no Gymnasio, Principe Real, Rua dos Condes, Avenida, Alegria, Rato, Restauradores, em todos finalmente. Representa em todos os generos, para todos os publicos, em qualquer theatro.

Papeis brilhantes tem-os como poucos. Basta recordar algumas peças do seu immenso repertorio: *Barba Azul*, *Familia Benoiton*, *Anjo da meia noite*, *Fidalguinho*, *Torre de Babel*, *Bola de sabão*, *Campinos*, *Criado brioso*, *Duas bengalas*, *Viagem á Suissa*, *Lazaristas*, *Luiz XI*, *Mam'zelle Nitouche* e ainda ultimamente no Gymnasio o difficillimo confronto com Antonio Pedro no *Saltimbanco* e a creação em portuguez do *Papá Lebonnard*.

1892—Morre o actor e ensaiador **Brandão.** D'elle fallarei na data do seu nascimento, a 13 de novembro.

1895—Primeira representação no theatro do Gymnasio, da ultima peça de Pinheiro Chagas, **Lição cruel**. Do seu glorioso auctor tratarei na data do seu nascimento, a 13 de novembro.

2

1833 — A primeira representação no theatro da Porte-Saint-Martin do drama de Victor Hugo, **Lucrecia Borgia**, desempenhado por Mademoiselle Georges e pelos actores Lockroy, Frederick Lemaitre, Provost e Chéri.

Em 1870 *reprise* no mesmo theatro com o seguinte pessoal artistico: Marie Laurent, Mélingue, Taillade, Brèsil e Ch. Lemaitre.

Em 1881 nova *reprise* com Mademoiselle Favart, Dumaine, Volny, Clément-Just e Rosambeau, no theatro da Gaité.

1846 — Nasce em Lisboa o actor **Joaquim Nunes da Silva**, conhecido no mundo theatral pelo **Silva (presilhas)**.

Representou pela primeira vez no theatro do Gymnasio, em 1864, na comedia *Prodigos e economicos*, imitação de Aristides Abranches.

Esteve alli duas epochas, seguindo depois para os Açores, dirigindo com o fallecido Borges uma companhia, de que fez parte a actriz Amelia Barros. Regressando das ilhas, foi escripturado para o theatro Baquet do Porto, empreza Moutinho de Sousa.

Passou para ensaiador do antigo theatro Circo e depois para o theatro da Trindade, do Porto, até que elle ardeu.

Veiu pouco depois para Lisboa, escripturado para o theatro das Variedades, na empreza Parisini. Alli trabalhou algum tempo sob a direcção de Furtado Coelho e depois no theatro dos Recreios, empreza Emilia Adelaide.

Quando em 1877 tomei a empreza do theatro do Principe Real, foi alli meu escripturado.

Voltou em seguida para o Porto e lá se tem conservado, ora afastado do theatro, ora exercendo os cargos de actor, ensaiador e director de scena.

É um actor que se apresenta bem e diz correctamente. Póde considerar-se uma utilidade no theatro.

É viuvo da actriz Maria do Carmo Silva, que tambem era uma boa utilidade.

1863 — A primeira representação no theatro de D. Maria da comedia em 3 actos, original de Camillo Castello Branco, **O Morgado de Fafe amoroso**, continuação da comedia em 2 actos do mesmo auctor, *O Morgado de Fafe em Lisboa*.

A peça, que aliás tem um dialogo espirituosissimo, como todas as de Camillo, não conseguiu agradar, apesar do magnifico desempenho que lhe deram Delfina, Emilia Adelaide, Theodorico, Santos e Cesar de Lima. Foi pateada no final e a critica foi bastante severa para com ella. *O Morgado de Fafe em Lisboa* tinha agradado muito.

1872 — Nasce a pequena actriz **Gemma Cuniberti**. Chamo-lhe pequena, porque foi dos seis aos quatorze annos d'edade que ella assombrou o mundo inteiro com o seu talento precoce, que a todos deixava maravilhados. Em vez de uma creança parecia uma velha que a fundo conhecesse pela practica a arte de representar. Desempenhava os mais variados papeis de drama ou comedia em perto de cincoenta peças que auctores notaveis haviam escripto para ella, e não se sabia em qual mais se havia de admirar e applaudir!

Deixou de ser creança, não soube mais representar! Produz quasi sempre isto a precocidade!

Representou em Lisboa, no theatro do Gymnasio, em outubro de 1882, na sua passagem de volta da America, onde obtivera triumphos collossaes.

A companhia com que representava era quasi toda familia sua, inclusivé seu pai, Theodoro Cuniberti e sua mãe, Amalia Fantini.

Deve ter abandonado a scena com uma bella fortuna.

3

1812 — Lei mandando estabelecer uma sociedade composta de Actores e Artifices, que entrassem com o seu trabalho e de Accionistas particulares que constituissem um fundo de seis contos de réis, sob a direcção do antigo director do theatro da Rua dos Condes, Manuel Baptista de Paula, e da immediata inspecção do desembargador Sebastião José Xavier Botelho, auxiliando a mesma sociedade com a mercê de oito loterias, dando-se-lhe depois mais, ou outro qualquer soccorro, com obrigação de representar dramas em portuguez e farças italianas em musica, no theatro de S. Carlos.

Fazia parte d'esta lei o Regulamento Provisorio do Theatro Nacional, documento bastante curioso, que publicarei no livro que tenho quasi concluido com o titulo: *Documentos e Depoimentos*.

1823 — Nasce em Lisboa o conhecidissimo actor-auctor **José Maria Braz Martins.**

Ainda nenhum outro auctor teve a gloria de ver uma peça sua representada vezes sem conto desde o anno de 1854, em que pela primeira vez subiu á scena, até á hora da sua morte, e de lá até á actualidade e seguir-se-ha provavelmente durante muitos annos. E não só em Lisboa; mas em todas as cidades, todas as villas, todas as povoações de Portugal; em todas as cidades, todas as villas e todos os logarejos do Brazil; nas ilhas, nas colonias, finalmente, em toda a parte onde se entende o idioma portuguez.

Qualquer leitor, menos versado em assumptos de theatro, sabe já que me refiro ao mysterio em 3 actos e 4 quadros, *Gabriel e Lusbel ou o Thaumaturgo,* mais conhecido pelo *Santo Antonio.* No Brazil é esta peça quasi sempre annunciada com o titulo *Os Milagres de Santo Antonio.* A musica, que é lindissima e a mesma que em toda a parte se executa, foi composta pelo pranteado maestro, Angelo Frondoni, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 25 d'este mesmo mez.

Braz Martins era um escriptor de muito merito e que muito conhecia o gosto das platéas. Conversei com elle largamente e por muitas vezes. Tinha uma memoria prodigiosa, retinha tudo quanto lia, o que o auxiliava muito nos *cavacos* intimos e nos seus trabalhos litterarios. Tinha sempre uma queixa, contra o publico, contra a imprensa, ou contra os collegas. No theatro só lhe conheci um amigo intimo, o actor Abel.

Não é facil obter hoje a lista de todas as peças de **Braz Martins.** Os archivos dos theatros, que tão bom subsidio podiam ser para estes trabalhos, teem desapparecido completamente.

Quando se falla de **Braz Martins,** acodem logo todos dizendo: o auctor do *Santo Antonio.* Realmente esta peça, se attendermos principalmente á epocha em que foi escripta, tem bastante merito; mas **Braz Martins** deixou outros trabalhos de não menor valor. O *Evangelho em acção,* a sua peça querida, um drama sacro, que levantou grande celeuma da parte dos reaccionarios, que berravam contra o plano e execução da obra, e que acabou por ser prohibida, era um trabalho que honraria qualquer bom escriptor. Em defeza das suas crenças religiosas, **Braz Martins** publicou por essa occasião um opusculo com o titulo: *O Evangelho em acção — Resposta do auctor aos que o condemnaram.*

Posso apontar aqui algumas das suas peças de que me lembro:

Fernando ou o Juramento, um drama que fez successo no theatro do Gymnasio e depois fazia as delicias de todas as sociedades de amadores.

A Engeitada, drama em 2 actos, que foi escripto expressamente para ser representado em 1845 pela Sociedade Thaliense, então a primeira de Lisboa.

O Rei e o Eremita, drama em 5 actos, extrahido da *Notre Dame de Paris,* de Victor Hugo, que fez grande successo no antigo theatro D. Fernando e em que muito agradaram os artistas Santos e Anna Cardoso.

Abençoada diabrura, comedia em 1 acto, tambem representada no theatro de D. Fernando e em que o auctor muito agradava.

Os Quadros Vivos, aproposito, que se representou muitas vezes no Gymnasio.

E ainda o drama em 3 actos, *Bons fructos de ruim arvore,* uma comedia-drama *Fructa do tempo,* uma magica da actualidade, que não fez carreira e muitas outras peças de que não tenho os titulos.

Em 1863 recitou no Gymnasio, no anniversario da morte de D. Pedro V, um poemeto seu, que corre impresso e tem valor.

Escreveu bastante para os jornaes e quasi sempre anonymamente, ao que era obrigado pela sua posição no theatro. No jornal *As Economias* publiquei-lhe eu diversos artigos sobre varios assumptos, que muito agradaram.

Como actor, **Braz Martins** foi tambem muito estimado. Começou no Gymnasio, passando depois ao D. Fernando, voltou ao Gymnasio, indo depois para a Trindade e mais tarde para o Porto.

Lembro-me de o ver muito distinctamente no *Santo Antonio,* que ninguem mais desempenhou como elle, nos *Peccados da Mocidade,* outra peça que elle arranjou do antigo repertorio, na *Guerra particular antes da paz geral,* na *Abençoada diabrura,* nos *Medicos,* nas *Manhas d'André Mattoso,* na *Bella Helena,* etc.

Braz Martins morreu no anno de 1872.

4

1799—Nasce no Porto, **JOÃO BAPTISTA**

DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT, depois **VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.**

É este o homem a quem mais deve o theatro portuguez, já pelas suas obras primas de litteratura dramatica, já pelo muito que luctou para tanto conseguir a favor da Arte e dos artistas.

De **Garrett** dizia Mendes Leal: «De taes «homens não se diz foram, porque não dei- «xaram de ser; diz-se são, porque a sua «melhor vida vem a começar na posteri- «ridade.»

Sinto-me, ao fallar d'elle, estremecer de respeito, inflammar de enthusiasmo, pasmar de admiração, e ajoelho respeitoso ante o mestre sublime de todos os que labutam na litteratura dramatica, o protector sincero dos que mourejam n'estas lides da scena.

A **Garrett** se deve a restauração e a rehabilitação do theatro portuguez. São obra sua as melhores leis e regulamentos que tem tido o theatro nacional; é sua a verdadeira emancipação da classe artistica; é sua a cartilha em que tantos aprenderam o a-b-c theatral; é sua a forma brilhante da nova litteratura dramatica; é obra dos seus persistentes esforços a edificação do primeiro theatro de Lisboa.

Não quero fazer a affronta a nenhum dos artistas, aos quaes este livro é dedicado, de suppôr que ha um só que ignore o muito que devemos a **Almeida Garrett.**

O que ha ainda de bom no theatro, é seu; e muito mais houvera se a morte o não arrebatára tão cedo, e se os que depois vieram não pervertessem a sua obra.

Do valor dos trabalhos theatraes de **Garrett** quem precisa ainda que lhe fallem? Ás peças do grande escriptor citam-se apenas os titulos para admiração de todos. São ellas: *Frei Luiz de Sousa, Um Auto de Gil Vicente, O Alfageme de Santarem, A Sobrinha do Marquez, Philippa de Vilhena, Catão, Merope, Tio Simplicio, Fallar verdade a mentir, As Prophecias do Bandarra* e *O Noivado no Dáfundo ou cada terra com seu uso e cada roca com seu fuso.*

A obra prima do theatro portuguez, o drama *Frei Luiz de Sousa,* foi traduzido em hespanhol por D. Emilio Olloqui, em italiano por Vegezzi-Ruscalla e em allemão pelo Conde de Luckner, e ultimamente em francez.

Quando em 1869 a companhia italiana de Ernesto Rossi esteve em Lisboa, representou no theatro de S. Carlos com extraordinario exito o drama *Frei Luiz de Sousa,* desempenhando Rossi o papel de Manuel de Sousa Coutinho e a grande actriz Casilini o de Maria de Noronha.

É indescriptivel o enthusiasmo que reinou no theatro nas noites em que se representou a sublime peça.

É triste e chega a indignar que no repertorio dos nossos primeiros theatros não figurem constantemente essas obras modelos, que causam sempre a admiração de todos.

Irei n'este livro mencionando as diversas datas das primeiras representações das obras dramaticas de **Garrett.**

1849 — Nasce em Médéah, na Algeria, o notavel escriptor **Jean Richepin.** Começou estudando medicina com seu pai, que era medico militar. Em 1868 matriculou-se na secção de litteratura na Escola Normal. Redactor principal do jornal *L'Est*, durante a guerra, foi voluntario dos franco-atiradores, regressando a Paris em março de 1871, collaborando desde logo no *Mot d'ordre*, no *Corsaire*, na *Vérité* e n'outras folhas.

A sua estreia no theatro foi com a comedia em 1 acto, de collaboração com André Gill, *L'Etoile* e um prologo: *Mesdames et Messieurs* no theatro da Tour d'Auvergne, em 1873. Obtem depois grande successo com o drama em 5 actos, *La Glu*, no Ambigu, em 1883. Em seguida faz representar *Pierrot assassin*, pantomima em 3 quadros (1883), *Nana Sahib*, drama em 7 quadros (1883), *Le Machiniste*, comedia em 1 acto (1884), *Macbeth*, traduzido de *Shakespeare* (1884), *Monsieur Scapin*, comedia em 3 actos (1886), *Le Flibustier*, comedia em 3 actos (1888), *Le Chien de garde*, drama em 5 actos (1889), *Le Mage*, opera em 5 actos com musica de Massenet (1891). *Par le Glaive*, drama em 5 actos (1892), *Le Flibustier*, drama lyrico em 3 actos (1894), *Vers la joie*, conto em 5 actos (1894), *Martyre*, drama em 5 actos (1897). Depois, no Odéon, outra peça admiravel, *Le Chemineau*.

1865 — Debutam em D. Maria, dando provas publicas como discipulas do Conservatorio, as actrizes Emilia dos Anjos e Marianna Rochedo.

De Emilia dos Anjos fallarei na data do seu nascimento, a 22 de maio.

Marianna Rochedo, depois Viscondessa da Trindade e já fallecida, era uma das quatro irmãs Rochedo, que se dedicaram ao theatro. Foi a **Marianna** que, sem ir muito longe, mais conseguiu subir. Era muito formosa. Representou com utilidade e agrado nos theatros de D. Maria, Trindade, Principe Real, Baquet do Porto e no Brazil, n'uma digressão que fez com Antonio Pedro, sendo para alli acompanhada pelo Visconde da Trindade, que lá casou com ella. Não me lembra um papel em que se tornasse notavel, apesar de, como acima disse, a considerar uma boa utilidade no theatro, principalmente pela sua formosura e apresentação.

1865 — Inauguração da **Empreza Pinto Bastos** no theatro das Variedades, com a primeira representação da magica em 3 actos, 1 prologo e 21 quadros, por Joaquim Augusto d'Oliveira, *Os Amores do Diabo*.

N'esta peça estreiaram-se como actrizes duas bailarinas hespanholas, Paca e Cyprianna, ambas formosas, principalmente a Paca. N'uma noite não appareceram para o espectaculo; tinham fugido para Hespanha, segundo se disse, e nunca mais se soube d'ellas. Ha quem affirme que uma d'ellas, a Paca, está casada em Lisboa.

5

1892 — Morre no Rio de Janeiro o actor **Areias.**

Fôra muito novo para o Brazil, afim de seguir a carreira commercial. Lá, fez-se actor e alcançou logo uma certa nomeada. Passado tempo veiu a Portugal para receber uma pequena herança. Entrou para o theatro da Rua dos Condes, onde agradou bastante e d'alli passou para o Gymnasio. O seu genio irrequieto e a sua lingua mordaz malquistaram-n'o com todos os socios, a ponto de se tornar incompativel com elles e ter de partir novamente para o Brazil.

Conheci-o muito no Rio de Janeiro. Andava de empreza para empreza, de companhia para companhia, muitas vezes malquistado com os emprezarios, outras com os collegas, ainda algumas com o publico, e sempre comsigo.

Conservou até final da vida, e bem velho morreu, a sua apreciavel voz de barytono.

Era amigo do theatro; porém mais amigo do dinheiro, por isso deixou alguma coisa a uma filha, sua unica herdeira.

Quem o queria ver satisfeito e orgulhoso,

era proporcionar-lhe occasião de cantar a canção do aventureiro do *Guarany* ou representar a scena comica *O sr. José do Capote*.

Esta scena, dizia elle, que a representava muito melhor do que o Taborda, porque tinha mais voz para cantar os trechos parodiados do *Trovador!* Que triste illusão! Pobre **Areias**!

6

1838 — Nasce em Keinton o grande

IRVING, considerado hoje o primeiro actor inglez e o mais sublime interprete de Shakespeare.

A rainha Victoria concedeu-lhe a honra de *Sir*. É o primeiro actor inglez elevado a tal dignidade.

Irving debutou no Sunderland Theatre em 29 de setembro de 1856. Representou depois nas provincias; esteve em Edimburgo, Glasgow, Manchester, Liverpool, etc.

Toole, actualmente o primeiro comico de Inglaterra, foi quem lhe alcançou, passados sete annos, uma bella collocação em Londres, no theatro Saint James.

Tornou-se principalmente notavel no papel de *Digby Grant* na peça *The Two Roses*. Representou-o 300 noites consecutivas.

Ainda não era considerado um tragico, quando o desempenho da parte de *Mathias* em *The Bells*, no Lyceum Theatre, causou a maior admiração, que augmentou depois no *Charles I*, *Eugene Aram*, *Richelieu* e depois no *Hamlet*. Esta peça foi por elle representada 200 vezes consecutivas, a maior serie que tinha tido.

Tem feito d'ahi para cá todo o repertorio de Shakespeare, como elle nunca tinha sido interpretado, e tem creado diversas peças com um brilhantismo nunca antes visto em Inglaterra.

1851 — Nasce em Lisboa, **Eduardo Brazão**.

Conheci-o creança, filho d'um alfayate, por muitos annos estabelecido na rua dos Fanqueiros e depois na rua do Principe. Começou seguindo a carreira de marinha e n'essa qualidade fez ainda uma viagem. O theatro era, porém, o seu encanto, e por isso, logo que teve ensejo, despiu a tardeta e entrou na companhia do theatro do Principe Real, incumbindo-se de pequenos papeis, em que nada se salientou.

D'aquelle theatro passou para a Trindade, onde já fez melhores papeis, alguns, porém, muito contrarios á sua indole artistica. Todos se lembram d'elle no principe do *Barba Azul* e na *Rosa de Sete Folhas*. Esteve depois no Gymnasio, onde foi recebido com bastante agrado, e fez diversas digressões ao Brazil, onde bastante se desenvolveu como artista e onde deixou um nome considerado.

Quando **Brazão** conquistou verdadeiramente um logar proeminente no theatro, foi quando começou trabalhando debaixo da direcção do grande Santos, que deixou na scena portugueza provas eloquentes do seu alto valor como mestre, nos illustres discipulos: Antonio Pedro, Virginia, Brazão, Amelia Vieira, Augusto de Mello e outros.

De todos os nossos actores dramaticos, **Brazão** é o mais brilhante. Sei que não é impeccavel e muitos lhe notam defeitos; mas, a par d'estes, quantos dotes apreciaveis, quanto estudo, quanta audacia, embrenhando-se no grande repertorio, em que por vezes sae vencedor!

O numero dos seus papeis é considera-

vel, e, se tem errado, como no *Hernani* e ainda ultimamente no *Judeu Polaco*, quantas victorias tem obtido?!... *Amigo Fritz, Kean, Bibliothecario, Elogio mutuo, Severo Torelli, Fidalgos da Casa Mourisca, Surprezas do divorcio, Alfageme de Santarem, Affonso VI, Fura-vidas, Morta, Alcacer-Kibir, Os Velhos, João José,* e muitas e tantas em que affirma o seu brilhante talento, que lhe conquistou com toda a justiça o logar proeminente que actualmente occupa no theatro portuguez.

Pódem outros querer disputar-lhe primasias na correcção da phrase, no estudo das linhas geraes de um personagem, ou em qualquer outro ponto; o que não póde negar-se é que **Brazão** é, repito, o nosso actor mais brilhante da actualidade, um dos raros que ainda consegue enthusiasmar o publico, que o considera o seu primeiro e mais querido actor dramatico.

Como societario do theatro de D. Maria cabem-lhe talvez responsabilidades, que não são para liquidar aqui.

1852 — Na mesma data, e um anno depois de Brazão, nasce em Lisboa o actor **Augusto Rosa**.

Este artista debutou no theatro Baquet, sob a direcção de seu pae, o actor João Anastacio Rosa, em 31 de janeiro de 1872, na magnifica comedia de Camillo Castello Branco, *O Morgado de Fafe em Lisboa.* Foi recebido com extremo agrado.

N'esse mesmo anno, a 5 de dezembro, e na mesma comedia, estreiou-se **Augusto Rosa** em Lisboa, no theatro do Gymnasio.

Ahi esteve até maio de 1874, em que acceitou escriptura para o Porto. Fallindo a empreza, veiu contractado para o theatro da Trindade.

No Gymnasio fizera com muito agrado a *Côrte na aldeia,* com Emilia das Neves e as comedias: *Castro & Filho, Campinos, Filho de Giboyer,* e outras.

Na Trindade estreiou-se a 30 de setembro de 1874 na comedia *A peior inimiga.* Fez depois: *O que o berço dá..., É caso!, Um murro e um lenço, G. F., Um sermão de Vieira, Proezas de D. Quixote, A Filha da sr.ª Angot, Quatro mulheres n'uma casa, Mãos de fidalgo, A botija, O desgêlo, Que sogra!* e a *Corôa de Carlos Magno.*

O seu logar no theatro de D. Maria estava de ha muito marcado e para alli foi occupal-o com todo o brilhantismo em 1876.

Salientou-se immediatamente nas peças: *Illusões perdidas, Andrea, Meia azul, Cunhado, Conspiração na aldeia* e *Familia Americana.*

Depois, quantos trabalhos distinctos estão na memoria do publico! O *D. Cesar de Bazan, Tio Milhões, Alcacer-Quibir, Affonso VI, Duque de Vizeu, D. Leonor Telles, Sociedade onde a gente se aborrece, Alfageme de Santarem* e um largo repertorio, em que tem, ou creações de primeira ordem, ou, pelo menos, a distincção e o porte, a expressão e vigor que o acompanham em todos os papeis.

Augusto Rosa é actualmente societario do theatro de D. Maria com seu irmão João Rosa, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 18 de abril, e com Eduardo Brazão.

É **Augusto Rosa** a alma da empreza Rosas & Brazão.

1869 — Inauguração da **Empreza Pinto Bastos** no theatro da Rua dos Condes, depois de se desligar da empreza com o actor Santos no theatro do Principe Real.

A empreza inaugurou-se com a opereta de costumes populares, em 2 actos, original de Luiz de Araujo, *Dois dias no Campo Grande,* e com a opereta em 2 actos, traducção de Lopes Cardoso, musica do maestro Sá Noronha, *O Fagulha.*

Da companhia era ensaiador Lopes Cardoso, de quem fallarei na data da sua morte, a 22 de junho. Como artistas tinha entre outros: Vicente Franco, Luiza Candida, Joaquim Bento, Felicidade, Faria, Gertrudes Amelia, Marcellino Franco, Luiza Fialho, Carlos d'Almeida, Georgina, Appolinario, Lopes Cardoso, Gama, Pae Gil, Brandão, Abreu, Montedonio, etc.

Do bizarro e arrojadissimo emprezario Pinto Bastos, hei de fallar na data do seu

nascimento, a 23 de junho. Dará elle um bom contingente para a historia do nosso theatro, feita aqui o mais escrupulosamente que posso.

7

1830—Morre o grande musico portuguez **Marcos Portugal**, de quem diremos o muito que merece, na data do seu nascimento, a 24 de março.

1872—Estreia-se no theatro da Trindade a actriz **Emilia Ferreira.**

Conheci-a pequenina por vêl-a todas as noites nos camarotes, nas frizas de preferencia, dos diversos theatros, em companhia de sua mãe e de seu pae, o procurador Jorge Ferreirá. Parecia que aquella familia não tinha outra preoccupação que não fosse o theatro. Não admira, pois, que na pequena **Emilia** se desenvolvesse o gosto pela vida de actriz.

Estreiou-se na opereta em 1 acto *As Meninas Grandes,* fazendo depois um longo repertorio, em que figuravam as festejadas peças: *As tres rocas de crystal, Segredo d'uma dama, Campanone, Gata Borralheira, Filha da sr.ª Angot, Corôa de Carlos Magno, Lucrecia Borgia* (parodia), *Giroflé-Giroflá, Cruz de ouro, Viagem á lua, Duquezinho, Milho da padeira, Filha do Inferno,* etc.

Apezar de ser feia, conseguia agradar, porque a voz era apreciavel e tinha o desembaraço indispensavel no genero.

No theatro era uma grande utilidade, pois de momento substituia qualquer collega, mesmo as primeiras e nos mais difficeis papeis. A empreza da Trindade aproveitou muito do seu merecimento.

Morreu ainda bem nova e desgraçada ao ponto de não ter cama para tratar-se da horrivel doença que a affligia. O final da sua vida deu uma nota bem desagradavel do actor com quem vivia e que, quando ella estava já na agonia, ainda lhe foi arrancar dos pés, para os vender, os sapatos de setim com que entrára n'algumas peças! Depois deixou-a morta no sobrado, sendo preciso que a mãe, que nãó soubera guial-a em vida, na morte, com grande sacrificio, a conduzisse ao cemiterio.

Pobre **Emilia Ferreira**!

8

1828 —Nasce em Nantes o popular e illustradissimo escriptor, **Julio Verne,** o conhecido auctor de tantos livros de viagens.

Fez a sua estreia no theatro em 1850 com uma comedia em 1 acto, em verso, que se representou no Gymnasio de Paris, com o titulo *Les Pailles Rompues.* Em seguida collaborou nas operetas: *Monsieur de Chimpanzé, Le Page de Madame Malborough, Les Compagnons de la Marjolaine* e *Colin Maillard.* Fez depois representar a comedia em 3 actos, *Onze jours de siège,* em collaboração com Sardou (1861), *Un Neveu d'Amérique,* vaudeville em 1 acto (1873), *Le Tour du Monde en 80 jours,* drama em 5 actos com D'Ennery (1874), *Le Docteur Ox,* com musica de Offenbach (1877), *Les Enfants du Capitaine Grant,* drama em 5 actos, com D'Ennery (1878), *Michel Strogoff,* peça em 5 actos, com D'Ennery (1880), *Le Voyage à travers l'Impossible,* peça phantastica em 22 quadros, com D'Ennery (1882), *Kéraban le Têtu,* peça em 5 actos (1883).

Julio Verne é official d'Instrucção Publica e da Legião d'Honra.

Viajando no seu *yacth* de recreio, já esteve em Lisboa.

1886 — Morre o grande actor **Santos,** de quem já fallei na data do seu nascimento, a 13 de janeiro. Foi uma verdadeira perda nacional.

1894 — Morre no Rio de Janeiro a actriz **Amelia Garraio,** irmã mais velha da actriz Delmira Mendes, filha do actor e contraregra Damião Mendes e casada que foi com o escriptor dramatico e ensaiador, Augusto Garraio, de quem ultimamente vivia separada.

Amelia Garraio nasceu em Lisboa, em 1857; morreu portanto com 37 annos de edade, victimada pela terrivel febre amarella, na segunda vez que visitou o Rio de Janeiro, para onde tinha ido agregada á companhia do theatro de D. Maria. Da primeira vez fôra em 1892 n'uma companhia por mim organisada e na qual muito se distinguira, agradando extraordinariamente.

Estreiou-se no Porto, ainda muito nova, na comedia em 2 actos, *Uma fabrica de casamentos*. Foi escripturada pela empreza Moutinho, passando depois a outras e a diversas sociedades artisticas.

Mais tarde veio para Lisboa, contractada pelo emprezario José Joaquim Pinto para o theatro do Gymnasio.

Percorreu com companhias diversas terras das provincias.

Era uma actriz distincta na comedia e egualmente na opereta, emquanto não perdeu a voz.

O seu repertorio era enorme e por isso só citarei ao acaso algumas das peças em que foi mais distincta: *Burro do sr. Alcaide, Huguenottes, Lazaristas, Pompon, Perichole, Duas orphãs, Espelho da verdade, Dragões d'el-rei, Filha da sr.ª Angot, Sinos de Corneville, Moços e velhos, Nossas alliadas, Barba Azul, Rouxinol das salas, Côrte na aldeia, Botija, Paralytico, Argonautas, Palhaço, Nobres e Plebeus, Milho da Padeira, Cunhado, Joanna do Arco*, etc.

1860 — Nasce em Lisboa o actor **José Ricardo**. Os seus biographos contam que elle appareceu pela primeira vez no palco, no theatro do Gymnasio, tendo apenas 4 annos de edade e fazendo o *Anno Novo* na revista de Manuel Roussado, intitulada *Fossilismo e Progresso*. É um erro. Tal não podia ser, porque essa revista era do anno de 1855 e foi representada no começo de 1856. Como poderia entrar n'ella **José Ricardo**, que só nasceu quatro annos depois?!... Se **José Ricardo** aos 4 annos entrou n'uma revista do Gymnasio, foi na *Revista* de Antonio Cesar de Vasconcellos Correia ou nos *Melhoramentos materiaes*, do actor Isidoro.

Contam tambem que, tendo 12 annos, representou em D. Maria na *Mulher que deita cartas*, depois no mesmo theatro na *Patria*, de Sardou, e ainda no Gymnasio no *Lenço branco*.

Eu lembro-me apenas d'elle no Gymnasio, quando Maximiliano d'Azevedo escreveu expressamente para elle as comedias *Paulo* e *As duas creanças*. Em ambas **José Ricardo** foi muito festejado, deixando logo ver que estava alli o estofo para um bom actor. E assim foi.

Quando Emilia Adelaide partiu com a sua companhia para o Brazil, **José Ricardo** devia ir tambem; mas foi impedido n'esse seu desejo por estar sujeito ao recrutamento. Acompanhou-a só até ás ilhas, onde bastante agradou e regressou a Lisboa, sendo logo contractado pelo actor Polla, que ia partir com uma companhia que formára para o Alemtejo e Algarve. Fez ahi com muito exito magnificos papeis na *Torre de Babel, Familia Mongrol, Condessa de Senecey, Lazaristas, Pae da actriz, Engeitados*, etc.

Logo depois acompanhou para o Porto o actor Polla, que tomára de arrendamento o theatro do Principe Real d'aquella cidade. Lá ficou em seguida contractado pela empreza Borges d'Avellar e Costa. Passou depois a fazer parte de uma sociedade artistica; seguiu para a empreza Emilia Adelaide no Baquet. Pouco depois entrou em nova sociedade com diversos collegas, e em seguida para a empreza Alves Rente, onde esteve durante sete annos. Sahiu para formar uma sociedade com Taveira e Santinhos.

Apezar da felicidade que acompanhou a empreza no theatro D. Affonso e depois no Principe Real, apparece-nos d'ahi a pouco Taveira como unico emprezario e **José Ricardo** seu contractado. N'estas condições, mas auferindo lucros especiaes, foi elle ao Rio de Janeiro no anno de 1895, onde alcançou um triumpho completo. Póde dizer-se que foi **José Ricardo** quem salvou a

companhia, no resto insignificante, áparte Emilia Eduarda.

Ainda fez uma epocha no Porto com Taveira.

Em 1896 tomou **José Ricardo** de empreza o theatro D. Affonso.

Quasi todos os annos, no verão, vem **José Ricardo** representar a Lisboa, e é sempre aqui recebido pelo publico como um dos seus actores mais queridos.

José Ricardo é um esmerado ensaiador; tem muito talento e uma feição artistica perfeitamente maleavel.

É assim que no seu immenso repertorio ha papeis de todos os generos nas peças: *Sinos de Corneville, Batalha das Damas, Toutinegra do Templo, Dominós brancos, Testamento da velha, Drama do povo, Filhos do capitão-mór, Varina, 28 dias de Clarinha, Rosalino, Filha do Inferno, Policia, Solar dos Barrigas, Ladrões do mar, Barba Azul, Amigo dos diabos, Milho da padeira, Falsa adultera, Burro do sr. Alcaide, Mosquitos por cordas, Reino das mulheres, Filha do mar, Dragões d'El rei, Crime de Faverne, Princeza das Canarias, Mascotte* e tantas outras.

10

1673 — Primeira representação do **Malade imaginaire,** de Molière, no Palais-Royal de Paris.

1849 — Nasce no Porto **Joaquim de Vasconcellos.**

Estudou em Hamburgo, no collegio Fischer e H°rms, professores muito instruidos, aos quaes **Vasconcellos** confessa dever tudo o que sabe.

O estudo da Arte é a sua predilecção, e, viajando ou estudando no seu gabinete, investiga sempre e produz obras de valor, entre as quaes devo citar *Os musicos portuguezes,* dois grossos volumes e a *Archeologia artistica.*

Joaquim de Vasconcellos póde ter-se enganado uma ou outra vez; póde mesmo ter sido apaixonado algumas; o que é verdade, é que deixa uma obra curiosissima e util aos que estudam a historia da Arte em Portugal.

11

1811 — Nasce **Julio Sandeau.**

Estudante de direito, em Paris, occupava-se mais da litteratura. Aos 20 annos já publicava muitos artigos no *Figaro* e por esse tempo publicou tambem o seu primeiro romance, de collaboração com George Sand, intitulado *Rosa e Branca.*

Para que **Julio Sandeau** tenha um logar eminente no theatro bastam-lhe as suas duas notabilissimas peças *Mademoiselle de la Seiglière* e o *Genro do sr. Poirier,* esta em collaboração com Emilio Augier.

Estas peças não saem do repertorio da Comedie Française, como nunca deveriam sair do repertorio do nosso theatro de D. Maria. Tem ainda outra peça notavel, *Jean de Thommeray.*

Julio Sandeau, membro da Academia Franceza, desde 1858, foi tambem, por graça de Napoleão III, bibliothecario de Saint-Cloud.

Morreu a 24 de abril de 1883.

1846 — Nasce **Guilherme da Silveira.**

Para ter um logar distinctissimo n'este livro, bastava que **Guilherme Squiner da Silveira,** ainda que não houvesse sido um actor de muito merito e no Brazil um emprezario arrojado, bastava, dizia eu, a importante obra que se lhe deve, pois é da sua iniciativa a edificação do theatro D. Amelia, inquestionavelmente um dos primeiros de Lisboa.

Depois de tentar inutilmente aprender musica, por falta de vocação, tentou o officio de chapelleiro, e não foi mais feliz. O seu sonho era o theatro e por isso entrou para as sociedades d'amadores, onde n'esse tempo figuravam tambem o Valle, o Ribeiro, o Eduardo, a Amelia Vieira, a Barbara e a Margarida Clementina, a formosa e talentosa irmã de Anna Pereira, que tão cedo abandonou o theatro e logo depois morreu.

Em agosto de 1863 conseguiu estreiar-se no theatro de D. Maria n'um pequeno pa-

pel do drama *Penitencia*, de Camillo Castello Branco e Ernesto Biester. Apesar de nada ganhar, ainda assim o não quizeram, por entenderem que nada valia, e mandaram-n'o embora, cortando o papel que fazia, tão insignificante elle era.

Como os artistas *de graça* sempre servem, foi nas mesmas condições para as Variedades, onde appareceu no drama, *Carlos III ou a Inquisição de Hespanha.* Foi fazendo outros papeis até que lhe começaram a dar 300 réis por noite de espectaculo, o que, na sua situação, já era magnifico. Quando desempenhou com certo exito um papel maior na *Degolação dos Innocentes,* augmentaram-lhe o vencimento em mais tres vintens por noite.

Por intervenção do actor Taborda entrou para o Gymnasio, a contento, e estreiou-se alli, a 22 de Dezembro de 1864, na comedia *Cura de Pompone*, que cahiu com uma tremenda pateada. Esteve alli ainda cinco mezes trabalhando sem ganhar um vintem, até que lhe estipularam o ordenado de 7$200 réis mensaes.

Saindo Vidal do Gymnasio para entrar em D. Maria, distribuiram a **Silveira** o protogonista da comedia de Goldoni, *O Importuno.* O exito foi tão completo, que immediatamente lhe elevaram o ordenado a 24$000 réis mensaes. Teve depois papeis importantissimos em que se distinguiu. Basta ver nos jornaes da epocha a critica das peças *Evangelho em acção, Picolino, Dente da Baronesa, Nossas alliadas, As sopas de meu genro, Bolsa ou vida, Alegrias na pobreza* e *Bemvinda ou a Noite de Natal*, a peça em que se estreiou Lucinda Simões. Já n'esta epocha **Silveira** tinha o ordenado mensal de 50$000 réis.

Quando o theatro portuguez soffreu uma grande perda, com a morte de Tasso, foi **Guilherme da Silveira** chamado para o theatro de D. Maria com o ordenado de 52$800 réis. Estreiou-se alli, em julho de 1870, no beneficio de Emilia das Neves, na *Marion Delorme*, fazendo o papel que Tasso estava estudando. É dos passos mais audaciosos que se tem dado no theatro portuguez. Em taes condições era difficillimo fazer alli uma boa carreira; ainda assim agradou na *Dalila, Patria, Maria Antonieta* e *Estroinas.*

Em julho de 1872 partiu para o Rio de Janeiro e alli se estreiou, na empreza do actor Valle, na comedia *Nossas alliadas,* em que tambem representaram Silva Pereira e Anna Cardoso. Com bastante successo alli representou até que o fallecimento de sua mãe o trouxe a Lisboa em setembro de 1874, indo por essa occasião tambem visitar Paris e os seus theatros.

Em março de 1875 voltou novamente ao Rio de Janeiro, reabrindo com empreza sua o theatro de S. Pedro d'Alcantara com o drama de Lucotte, *Noites da India.*

Foi accidentadissima e cheia de episodios, como a de todos, a sua vida de emprezario no Brazil. Noites de gloria, noites de enthusiasmo, noites de desalento, noites de desespero, epochas prosperas, outras desgraçadas.

Cançado d'esta lucta infructifera, **Guilherme da Silveira** voltou a Portugal, reapparecendo no Gymnasio a 15 de novembro de 1884 na comedia *Cerco ao Tio.* Agradou immensamente ao publico, que pela primeira vez o via desempenhar um centro comico. Poucas mais peças fez, apesar de estar por tres epochas n'aquelle theatro.

Voltando ao Rio de Janeiro, fez a sua reapparição no theatro Recreio Dramatico, a 27 de outubro de 1887 no drama *Prestidigitador de Paris.* Não podia ter melhor recepção de applausos; mas quantas peças fazia, tantas se negavam a dar dinheiro; até que um bello dia se lembrou de pôr em scena a *Grande Avenida*, de Jacobetty, que foi uma verdadeira mina para o emprezario Dias Braga e para **Silveira,** que recebia uma percentagem da receita.

Com o dinheiro que alli apurou fez algumas obras no theatro de Variedades, antigo Principe Imperial e para alli entrou com o pé direito. Os seus espectaculos começaram a ser concorridissimos e obteve bons capitaes com a exploração das peças *As Andorinhas,* traducção de Eduardo Garrido da *Coquin de Printemps, Mam'selle Nitouche,* traducção de Gervasio Lobato e Urbano de Castro, *O Gato Preto,* magica arranjada por Eduardo Garrido, e a *Galli-*

nha dos ovos de ouro do mesmo auctor. Fez duas magnificas digressões ao estado de S. Paulo, onde tambem obteve optimos resultados. Por ultimo inaugurou, tambem com successo, o novo theatro Apollo, do Rio de Janeiro, com a peça de espectaculo *O Reino das Mulheres*, arranjo meu, e em seguida vendeu por bom preço o espolio da empreza e retirou-se para Portugal.

Logo depois da sua chegada a Lisboa fez construir o magnifico predio em que reside, na rua de D. Pedro V, e, tendo convidado diversos capitalistas, metteu hombros á empreza difficil de construir o magnifico theatro D. Amelia, de que darei larga noticia na data da sua inauguração, a 22 de maio.

1848 — Recita na **Sociedade Thalia**, a que pertencia a alta sociedade de Lisboa. Foi uma noite de grande enthusiasmo. Representou-se em francez o vaudeville em 2 actos de Bayard. *La Lectrice* e em portuguez, pela vez primeira, a comedia em 2 actos de Mendes Leal, *Quem porfia mata caça*.

O desempenho primoroso d'este espectaculo foi devido ás senhoras: D. Emilia Krus. D. Maria da Madre de Deus Azevedo Coutinho e Condessa da Lapa; e aos cavalheiros: Duarte de Sá, Figueiras, Guerreiro, Ernesto Biester, Conde de Mello, Conde de Farrobo, Alexandre Castilho e Antonio Maria Berquó.

1888—Inauguração do **Theatro da Avenida.**

Era sabbado de carnaval e os espiritos, dispostos á chalaça e ao *charivari*, tornaram a recita uma verdadeira *carnavalada*, a despeito dos artistas que tomavam parte no espectaculo.

Abriu a recita com a conhecida comedia em 1 acto, *O Tio Torquato*, que foi salva pelo grande Taborda. Seguiu-se depois uma nova comedia em 3 actos, *De Herodes para Pilatos*, traducção do Dr. Guilherme Celestino, á qual nem puderam acudir o notavel talento de Antonio Pedro e a correcção de outro artista distincto, Pinto de Campos.

O theatro fôra construido n'um terreno pertencente á esposa de João Salgado Dias. Este cavalheiro, e os srs. Alexandre Mó e Silva e Ernesto Desforges, tendo emittido certo capital em acções do valor de 10$000 réis, levantaram a credito outras quantias e levaram ao cabo a obra. Mais tarde o theatro foi hypothecado e, a requerimento dos credores, vendido em hasta publica, pertencendo actualmente ao credor hypothecario, Dr. Daniel Tavares.

Os accionistas e demais credores perderam o seu dinheiro.

A primeira empreza era composta dos promotores da edificação, que em breve a passaram exclusivamente ao socio Ernesto Desforges. Em maio do mesmo anno desistiu este, para alugar o theatro ao emprezario Alves Rente, que alli perdeu dinheiro com a companhia do theatro Prlncipe Real, do Porto.

Tomei em seguida eu a empreza, que, em dois unicos mezes, me deu um bom prejuizo, apesar de ter artistas do valor de Augusto de Mello, Joaquim d'Almeida, Diniz, Pepa, etc.

Foi então o theatro tomado por um tal Drummond, que o explorou com companhias francezas, hespanholas e portuguezas, que nunca deram resultado.

Muitas outras companhias o teem explorado depois, quasi sempre com prejuizo. Apenas duas peças alli deram dinheiro: o meu *Tim Tim por Tim Tim*, que para lá foi já com os creditos estabelecidos, levando comsigo a corrente do publico, e o *Burro do sr. Alcaide*, que subiu á scena quando os outros theatros estavam fechados e que, ainda assim, muito mais dinheiro teria dado n'outro theatro.

Esta casa de espectaculos tem contra si o estar muito distante do centro de movimento da cidade. Na epocha de inverno, a mais propicia aos theatros, o espectador precisa coragem para atravessar a Avenida, quasi sempre de um desabrimento atroz, para chegar áquelle theatro.

Ultimamente tem sido explorado por Salvador Marques, com uma actividade, lucta e esforço extraordinarios; mas sempre sem resultado.

12

1856 — Nasce o primoroso escriptor **Henrique Lopes de Mendonça**, sobrinho do tambem notavel escriptor A. P. Lopes de Mendonça, de quem escreverei na data do seu nascimento, a 14 de novembro.

Henrique Lopes de Mendonça, distincto official de marinha, entrou no campo das lettras com uma pequena comedia em verso, *A Noiva*, que se representou no theatro de D. Maria, a 9 de fevereiro de 1884. A pecinha foi acolhida com muito agrado do publico e da imprensa, e desde logo começaram todos esperando do auctor obra de maior folego. As esperanças não foram illudidas; pois que, a 19 de março de 1886 se representava, tambem em D. Maria, o drama historico em 5 actos, *O Duque de Vizeu*, que obteve um triumpho.

Henrique Lopes de Mendonça estava consagrado dramaturgo de primeira plana, e essa reputação tem sido confirmada nas suas obras posteriores: em D. Maria o drama em 5 actos *A Estatua*, para servir na qual o grande artista Leandro Braga, ha pouco fallecido, fez uma bella estatua, que ultimamente esteve exposta no Palacio Marquez da Foz e actualmente me pertence e que conservo como memoria d'aquelle bom amigo e notavel entalhador; *A Morta*, drama em 5 actos; *O Salto Mortal*, comedia em 1 acto, e *Dôr de cotovello*, traducção de Molière; no Gymnasio a comedia em 1 acto *Batalha eleitoral;* no Principe Real o drama em 4 actos, *Joanna;* na Rua dos Condes, *As Côres da bandeira*, quadro maritimo, e *Paraizo conquistado*, phantasia dramatica.

Lopes de Mendonça collaborou ainda em duas farças que se representaram na Rua dos Condes e Avenida, sendo uma d'ellas o *Zé Palonso*, em cujo desempenho tomou parte a notavel cantora Theodorini.

Tambem fez a letra para a canção patriotica *A Portugueza*, musica de Alfredo Keil.

Acaba agora de escrever outro drama historico, *Affonso d'Albuquerque*.

1882 — Morre o elegante e purissimo escriptor **João Ricardo Cordeiro Junior**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 5 de março.

1887 — Em Milão, no theatro Scala, canta-se pela primeira vez a opera de Verdi, **Otello**, com libretto de Arrigo Boito. A esta recita memoravel, ao lado da primeira sociedade de Italia, estava tambem a primeira sociedade de Londres, de Paris, de Vienna, de São Petersburgo, e os criticos mais notaveis da Europa.

Para se avaliar o interesse com que era esperado o **Otello**, bastará saber-se que no dia seguinte, o *Figaro* de Paris publicava uma critica de tres mil palavras, telegraphicamente enviada pelo seu redactor Augusto Vitu, que fôra expressamente a Milão para tal fim; e o mesmo acontecia, em New-York, aos leitores do *New-York-Herald*.

A parte de **Otello** foi desempenhada pelo grande tenor Tamagno.

Verdi obteve n'esta noite um dos seus maiores triumphos.

Do notabilissimo maestro tratarei mais largamente na data do seu nascimento, a 10 de outubro.

1889 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *Noite e Dia*, a actriz brazileira **Cinira Polonio**, que bastante agradou.

Cinira Polonio é natural do Rio de Janeiro. Foi muito nova para França e depois Italia, onde estudou musica e canto.

Aos 17 annos estreiou-se no theatro lyrico do Rio de Janeiro na Margarida do *Fausto*. O publico recebeu-a com a indulgencia com que se recebe uma compatriota, que tem pelo menos audacia.

Cinira voltou para a Europa um pouco desenganada e dedicou-se então á cançoneta franceza, em Paris. Nem todas o poderiam fazer.

Deu-lhe de novo a nostalgia da patria e ella ahi vae outra vez para o Rio, disposta a entrar n'uma companhia d'opereta. Assim fez. Successo só o alcançou em cançonetas nas revistas do anno, e no *Gallo de*

ouro, opereta traduzida do *Serment d'amour* de Audran. Na *Béarnaise*, nos *Petits Mousquetaires* e no *Petit Chaperon Rouge* teve tres desastres seguidos. A estes seguiu-se ainda um outro particular, que a obrigou a tomar de novo a passagem para a Europa.

D'esta vez parou em Lisboa, e Francisco Palha, que ao tempo luctava com falta de damas, offereceu contracto a **Cinira Polonio**, que immediatamente o acceitou.

A sua estreia na Trindade foi, como já disse, auspiciosa na *Noite e Dia*. Seguiu-se o *Boccacio*, em que o confronto com Anna Pereira lhe deu um grande *chéque*, mas levantou-se um pouco com a *Perichole*. Fez ainda alli a *Garra d'Açor*, *Filha da sr.ª Angot*, e *Noiva dos Girasoes*.

Sahindo da Trindade, foi **Cinira** figurar de emprezaria no theatro da Avenida, estando depois escripturada no theatro da Rua dos Condes, empreza Salvador Marques, e em diversas sociedades artisticas. Ultimamente tem percorrido algumas terras das nossas provincias. Nas cançonetas francezas é que sempre mais agrada; todavia alguns papeis ha em que tem sido bastante apreciada, quando não pela voz que lhe vae faltando, ou pela interpretação dos papeis, que ás vezes é menos correcta, pela sua distincção e elegancia. Assim, tem sido bastante applaudida na *Grã-Duqueza*, *Burro do sr. Alcaide*, *Meia Azul*, *Direito Feudal* e *Mulher do Pasteleiro*.

1895—Representa-se pela primeira vez no theatro do Gymnasio a comedia em 1 acto, original de **Rangel de Lima Junior**, *Ciume com ciume se paga*, interpretada pelos artistas: Barbara, Jesuina Saraiva, Eloy e Carlos Santos. Esta comedia agradou immensamente, fazendo a imprensa inteira justiça ao auctor.

Rangel de Lima Junior é filho do distincto escriptor Francisco Rangel de Lima, de quem escreverei a 14 de abril.

Começou muito novo a tornar-se conhecido por uns deliciosos contos, que publicava em diversos jornaes e por um livro, tambem de contos, que publicou em 1888, com o titulo *Prosas*. Este livro foi prefaciado por Julio Cesar Machado.

Rangel de Lima Junior estreiou-se na litteratura dramatica, fazendo representar por amadores do Club Theatral, a 16 de dezembro de 1882, uma comedia em um acto com o titulo *Dois Romeus*. Um dos amadores foi o festejado escriptor Joaquim Miranda.

Publicou depois uma comedia infantil, intitulada *Um Othelosito*, que sahiu n'um dos brindes do *Diario de Noticias*.

Tendo entrado para a vida activa do jornalismo, **Rangel de Lima Junior** foi um apreciado critico theatral e combateu emquanto poude a bem da Arte, principalmente na *Gazeta de Portugal* e no *Reporter*.

Depois da festejada comedia *Ciume com ciume se paga*, escreveu outra em tres actos, *Feixe de nervos*, que se representou tambem no Gymnasio, a 10 de janeiro de 1896, em beneficio da actriz Beatriz Rente.

Rangel de Lima Junior é ainda muito novo e bastante talentoso, por isso muito ha ainda a esperar dos seus futuros trabalhos theatraes.

13

1832—Nasce em Bemfica **Francisco Xavier da Silva**, que foi empregado do commercio, militar e depois empregado nos telegraphos.

Como escriptor dramatico tem as seguintes producções: *Duas almas nobres*, comedia em 3 actos; *Fernando e Virginia*, comedia em 2 actos; *Um bom general*, comedia em 1 acto; *Revista a galope de 1864*, em 1 acto; as scenas comicas *Uma victima dos espectros* e *Uma rival da Zamacois* (esta desempenhada por Antonio Pedro), e as cançonetas *O sr. Magriço* e o *Zelador Municipal*. Esta ultima teve grande voga.

1843—Nasce em Lisboa o barytono **João Veiga**.

Filho de familia muito rica, **João Veiga**, que adorava a musica, tinha-a como simples distracção.

Para seguir a carreira theatral receiava ferir os preconceitos dos seus. Ainda assim, um bello dia, rompeu com tudo e partiu para Italia, á procura da realisação dos seus sonhos.

Em Lisboa **João Veiga** estudára com o pae de Guilherme Cossoul, depois com este e ainda com Frondoni. Em Milão foi seu professor o barytono Corsi, irmão do tenor Achilles Corsi, que tão estimado foi em Lisboa.

A sua voz, além de potente, era de um timbre agradabilissimo.

Seguia honradamente a escóla italiana; os seus maestros predilectos eram Verdi e Donizzetti; as operas da sua paixão o *Baile de Mascaras*, o *Ernani* e a *Favorita*.

A sua estreia em Milão, com a *Favorita*, a 20 de dezembro de 1879, foi uma victoria em toda a linha.

A 15 de março de 1881, quando estava para partir para Lisboa, a fim de se fazer ouvir dos seus compatriotas, morreu de doença de coração, não chegando, pois, a cantar em Portugal.

João Veiga era irmão do maestro Visconde do Arneiro, de quem escreverei na data do seu nascimento, a 23 de novembro.

1854 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, na comedia *O Recrutamento na aldeia*, a actriz **Maria da Piedade**, que denotava habilidade, mas que em pouco tempo desappareceu do theatro.

14

1807 — Nasce em Paris o notavel escriptor **LEGOUVÉ** (Gabriel João Baptista Ernesto Wilfrid), membro da Academia Franceza e Grande Official da Legião de Honra.

As suas producções dramaticas são vinte e uma, entre ellas as muito apreciadas, que menciono: *Luiza de Lignerolles*, *Adrianna Lecouvreur*, *Contos da Rainha de Navarra*, *Batalha de Damas*, *Por direito de conquista*, *Medéa* e *Dedos de fada*.

1826 — Nasce em Lisboa **Augusto Emilio Zaluar.** Fez os preparaortios e chegou a matricular-se no primeiro anno da Escola Medica; a litteratura, porém, não lhe deixava tempo nem gosto para a sciencia. Collaborou em muitos jornaes. Embarcou depois para o Brazil, chegando á capital do Imperio a 3 de janeiro de 1850. Ahi continuou fazendo livros e jornaes até que a morte o arrebatou. Naturalisára-se brazileiro.

Para o theatro, além de varias criticas, fez o drama em 1 acto *O cofre de tartaruga* e traduziu diversas peças, entre ellas a *Redempção*, de Octave Feuillet, a comedia *Les pattes de mouche*, de Sardou, com o titulo *As garatujas*, o *Demi-monde*, de Dumas (filho) com o titulo *O mundo equivoco* e a comedia em 2 actos *Thereza ou Anjo e Demonio*, de Bayard.

1858 — Nasce em Paris a festejadissima cantora, **Herminia Borghi-Mamo.**

A grande Adelaide Borghi-Mamo cantava na noite de 13 de fevereiro, no theatro dos Italianos, a parte de *Açucena* do *Trovador*, como só ella a sabia cantar, quando, no intervallo do 3.º ao 4.º acto, foi accommettida das dôres de parto, tendo de ser logo transportada a sua casa, na rua Sant'Anna, n.º 55, onde no dia 14, ás 2 horas da tarde, nasceu **Herminia Borghi-Mamo**, que tanto enthusiasmou o publico de Lisboa, nas epochas de 1879 a 1880 e de 1880 a 1881.

Da recemnascida foi madrinha a grande cantora Frezzolini, então no apogeu dos seus triumphos.

Aos 12 annos, no collegio Borde, de Milão, onde foi educada, **Herminia Borghi-Mamo** cantava já operas completas.

Adelaide Borghi, que, a par de enormes triumphos, tivera grandes desgostos, queria afastar da scena a pequena **Herminia**, que não tinha outro sonho. Em Bolonha, n'um concerto intimo, em casa de seus paes, tendo ella apenas 15 annos, produziu a mais viva impressão e causou o maior enthusiasmo, cantando o duetto da *Maria Padilla*, de Donizetti, com a Frezzolini e o da *Mathilde di Schabran*, de Rossini, com sua mãe.

Á força de instancias, conseguiu **Herminia** estreiar-se no theatro de Nice, na opera *Força do Destino*, tendo 17 annos incompletos. De triumpho em triumpho passou ao *Trovador*, ao *Poliuto* e ao *Fausto*.

De Nice partiu para Florença e seguiu os diversos theatros d'Italia.

Tendo apenas 18 annos, no theatro Communale, de Bolonha, resuscitava ella o *Mephistopheles*, que Boito refizera, depois da queda em Milão.

Aos 19 annos, na mesma scena em que quasi nascera, creava ella em Paris a *Força do destino*. De Paris passou **Herminia Borghi-Mamo** ao Theatro Real de Madrid, de lá a Sevilha, n'uma epocha de verão, e depois a Lisboa.

Aqui recordam-se todos das duas epochas brilhantissimas e enthusiasticas que fez no theatro de S. Carlos. Basta citar os nomes das operas em que se tornou tão notavel: *Africana, Aida, Trovador, Poliuto, Fausto, Huguenottes, Guarany, Lucrecia Borgia, D. João, Roberto o Diabo, Mephistopheles* e *Missa de Requiem*, de Verdi.

N'este mesmo anno ouvi-a no Rio de Janeiro, no mesmo repertorio, obtendo exito enorme, ao lado de Tamagno e Battistini.

1863 — Grande concerto no paço da Ajuda com o seguinte programma:

Abertura da opera *Marco Spada* pela orchestra da Real Camara.

Barcarola, com córos, pelo tenor Mongini.

Italia e Portugal, duetto dedicado a Suas Magestades, por Antonucci e cantado pelo auctor e Beneventano.

Romanza da opera *D. João* por Beneventano.

Tercetto da *Lucrecia Borgia*, por Mademoiselle Lotti, Mongini e Antonucci.

Abertura da *Barcarola*, pela orchestra.

Romanza do *Roberto o Diabo*, pela Lotti.

Aria do *Bravo*, por Antonucci.

Duetto do *Poliuto* pela Lotti e Mongini.

Tercetto do *Guilherme Tell*, por Mongini, Beneventano e Antonucci.

Tomaram, pois, parte n'este concerto os mais notaveis cantores que n'aquella epocha estavam em S. Carlos.

1869 — Estreia-se no Gymnasio a actriz **Zitta Carneiro**, que fôra discipula do Conservatorio, déra provas publicas em D. Maria e passou depois para o Gymnasio, onde agradou, mas retirando-se pouco depois do theatro.

15

1838 — Nasce **Luiza Leopoldina Fialho**, de quem poderiamos dizer uma *santa, virgem e martyr*.

Santa no seu proceder amabilissimo para com todos e no cumprimento dos seus deveres; *virgem* no exemplo de honestidade que deixou no theatro, atravessando-o durante muitos annos, sem que a tocasse a mais leve suspeita; *martyr*, porque, sendo ella o amparo e o ganha-pão da familia, viveu durante vinte annos atormentada por não poder acudir ás necessidades de sua familia, porque a accommettera a terrivel *paralysia* que a matou.

Luiza Leopoldina Fialho, que nasceu na torre de S. Julião da Barra, onde seu pae estava destacado, era filha de Luiz Cordeiro Fialho e de Josepha Pereira, que hão de figurar no meu livro *Typos de theatro*.

Representou pela primeira vez n'uma sociedade particular, n'um theatrinho que havia ao lado do antigo Salitre, em 1851. Ainda não completára 13 annos e já conquistára immensos applausos nas peças *Empresta-me dois pintos?*, *Maria ou vinte annos depois* e *Um rapto aereo*.

Não tinha ainda 16 annos quando se estreiou no theatro da Rua dos Condes, a 21 de dezembro de 1853, na peça ornada de musica, *Cosimo*. Foi recebida com immenso agrado e dentro em pouco era a figura mais proeminente do theatro, fazendo com extraordinario agrado os principaes papeis da *Ramalheteira, Graça de Deus, Operarios, Filha bem guardada, Perdão d'acto* e outras.

Do anno de 1856 a 1858 esteve **Luiza Leopoldina Fialho** contractada e representando com o mesmo agrado no theatro de D. Fernando. Fez ahi, entre outras, as seguintes peças, em que foi immensamente applaudida: *Palavra de Rei*, opera comica de Cesar de Lacerda, *Revista de 1856*, de Joaquim Augusto de Oliveira, *Matheus, o gageiro*, do mesmo auctor, e ainda d'elle estas: *Cecilia de castigo, Quem o alheio veste* e *Gloria e amor; Ceia em Carriche*, continuação do *Perdão d'acto*, de Affonso de Lima, etc.

Em 1858 voltou para a Rua dos Condes, e teve então ahi a sua grande nomeada, a sua verdadeira época de gloria. É interminavel a lista do seu repertorio n'essa época. Tinha noites de representar sete actos e, por vezes, ainda nos intervallos cantava uma aria ou fazia uma scena comica. Ao acaso citarei algumas peças em que foi festejadissima: de Silva Pessoa, *Principe Verde*, *Romã encantada*, *Leilão do Diabo*, *Torre suspensa*, *Tres inimigos d'alma*, *Salamandra* e *Corça Branca*; de Garcia Alagarim, *Sapateira industrioso*, *Sessenta e seis*, *Luiza e Augusto* e *Serenos*; de Alcantara Chaves, *Luizinha a leiteira*, *Descasca milho*, *Martyres da Polonia* e *Rainha das Flores*; de Luiz de Araujo, *Intrigas no bairro*, *Novas intrigas*, *João e Helena* e *Criada impagavel*; de diversos, *Amor e loucura*, *Amor aos bofetões*, *Namorado exemplar*, *Guardas do Rei de Sião*, *Noiva de pau*, *Encantos de Medéa*, *Coronel no reinado de Luiz XV*, *Amor a quanto obriga*, *Amor e o Codigo*, *Nogueira da avósinha*, *Castellã*, *Dois irmãos*, *O que é Lisboa*, *Estrella do Norte*, *Conjuração feminina*, *Martyrios de um emprezario*, *Marina* e *Postilhão da Rioja*.

Em 1866, contractada por Pinto Bastos, passou para o theatro das Variedades, fazendo ahi a *Pera de Satanaz* e a *Pomba dos ovos de ouro*, magicas de Garrido, o *Espelho da Verdade*, de Garrido e Roussado, e os *Dois Cadís*, de José Romano, entre outras muitas.

Seguiu o seu emprezario para o Principe Real, creando, entre outros papeis, o de Wanda na *Grã-Duqueza*. Voltou ainda com Pinto Bastos para a Rua dos Condes, onde fez a opera comica de Sá Noronha, *O Fagulha* e a opera comica de Freitas Gazul, *Loucuras de rapaz*. Voltou ainda ao Principe Real a representar na opera burlesca de Offenbach, *A ponte dos suspiros* e na magica de Garrido e Oliveira, *A pelle de burro*.

Sentindo-se já muito doente foi, por conselho dos medicos, fazer uma digressão pela provincia, e, regressando, entrou ainda na Rua dos Condes, onde fez a magica *Cebolla Mysteriosa* e as operetas *Noite de Nupcias* e *Scenas de Coimbra*. Achando-se uma noite em scena, foi accommettida de um pequeno ataque de paralysia. Melhorou um pouco e, no carnaval, no anno de 1873, ainda representou a opereta *João e Helena* na Rua dos Condes, Circo Price e theatro D. Augusto, em Alcantara. Foi a ultima vez que representou, porque repetiu-se o ataque de paralysia por tal fórma, que nunca mais poude levantar os braços.

D'então até á sua morte, a 7 de novembro de 1891, ás 7 e meia horas da manhã, na rua do Cardal de S. José n.º 47, 1.º andar, viveu pobrissima, soffrendo com a maior resignação os horrores da terrivel doença e as privações da miseria.

Foi um talento brilhante, uma trabalhadora infatigavel, uma verdadeira martyr, cuja memoria jámais se deve apagar dos fastos do theatro portuguez.

16

1850 — Nasce na cidade do Funchal, ilha da Madeira, **Maximiliano d'Azevedo**.

Tendo alli concluido o curso do lyceu, veiu para Lisboa, onde frequentou a Escola Polytechnica e a Escola do Exercito, terminando o curso de artilheria em 1875. É actualmente major.

Ainda estudante, escreveu para o theatro os seguintes originaes: *Por força!* comedia em 1 acto, representada no Gymnasio a 3 de fevereiro de 1873; *Paulo*, comedia drama em 1 acto (Gymnasio 1873); *Santos de casa...*, comedia em 1 acto (Gymnasio 1874); *Duas creanças*, comedia em 1 acto (Gymnasio 1874); *Vida airada*, comedia em 1 acto (D. Maria 1875).

Na mesma epocha traduziu **Maximiliano d'Azevedo** diversas peças, entre as quaes: *A Familia Mongrol*, que fez grande successo no Gymnasio e que é traduzida de *L'ennemie*, de Labiche, e o *Fura-vidas*, arranjada da comedia italiana, *Un uomo d'affari*, que foi um dos primeiros successos de Brazão.

Maximiliano d'Azevedo tem escripto mais os seguintes originaes: *Os annos da menina*, 1 acto (Gymnasio 1880); *O epilogo*, 1 acto (D. Maria 1883); *Cinta e bordão*, 1 acto (D. Maria 1886); *O Crime das Picôas*, drama em 5 actos (Principe Real 1892).

A sua peça original de maior valor é o

drama historico em 5 actos, *Ignez de Castro,* representado com muito exito no theatro da Rua dos Condes em 1894, em seguida no theatro do Principe Real, do Porto, depois no theatro do Principe Real, de Lisboa e no theatro Lucinda, do Rio de Janeiro.

Para uma sociedade de amadores fayalenses escreveu a comedia de costumes açorianos, *Ralham as comadres...*, que se representou em 1879 no theatro União, da Horta.

As suas imitações e traducções são innumeras. Citarei apenas as de maior successo: *Os Jesuitas, Tosca, Causa celebre, Purgatorio de Casados, A Mendiga, O Amor, O Convento do Diabo, As surpresas do divorcio, Naná, O Az de Paus,* os *Filhos do Capitão Grant* e *A Honra.*

O seu primeiro trabalho que appareceu no theatro foi a comedia em 1 acto, traduzida do hespanhol, *Entre a victima e o carrasco.*

Maximiliano d'Azevedo continua trabalhando com afinco. Tem sido critico theatral muito consciencioso e a elle se deve um trabalho curiosissimo sobre o theatro da Rua dos Condes, publicado no *Occidente.*

É um caracter honestissimo e sympathico e um litterato de muita illustração.

1890 — Morre o distinctissimo escriptor **João de Andrade Côrvo**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 30 de janeiro.

17

1673 — Morre o grande **MOLIÈRE**, em Paris, na sua casa, na rua Richelieu, e não na scena, durante a representação, como alguns teem escripto.

Molière sentiu-se muito mal durante a representação do *Malade imaginaire*, no dia 16; mas acabou o seu trabalho, foi para casa, acompanhado pelo seu collega e bom amigo Baron e só morreu no dia seguinte.

1820 — Nasce no Porto o fecundo poeta comico, **Faustino Xavier de Novaes.** Filho de um ourives, era a profissão de seu pai que devia seguir, se as lettras e as musas o não chamassem de preferencia. Estudou apenas preparatorios, supprindo o que ignorava com muita leitura e muito talento. Os seus versos fizeram epocha em Portugal e no Brazil. Era um poeta comico de muito valor. A satyra cahia sempre facil e natural da sua penna galhofeira.

Aqui e no Rio de Janeiro publicou diversos volumes de versos, muito estimados e escreveu em varios jornaes.

Para o theatro escreveu poesias comicas de primeira ordem e que eram recitadas a todo o momento por artistas e amadores, entre ellas *O Actor*, o *Usurario*, o *Dinheiro*, etc.

Escreveu tambem a comedia em 2 actos, *Scenas da Foz,* que se representou com muito agrado no theatro S. Pedro d'Alcantara, do Rio de Janeiro, e outra em 1 acto, *Um Bernardo em dois volumes.*

Quando Emilia das Neves esteve na capital do Brazil, **Novaes** escreveu uma excellente poesia lyrica com o titulo: *Á sua primeira actriz os portuguezes no Rio Janeiro.*

Alli falleceu **Faustino Xavier de Novaes** a 16 d'agosto de 1869.

1844 — Nasce no Rio de Janeiro **Luiz Guimarães.**

Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior, filho de mãe brazileira e pai portuguez, é um talento de primeira agua, um dos mais brilhantes poetas entre os muitos distinctissimos que o Brazil tem produzido. Seguiu a carreira diplomatica e foi secretario da embaixada brazileira em Portugal. Desde 1878 reside entre nós. Tem um filho formado na Universidade de Coimbra e continuador da sua obra poetica; é tambem um privilegiado das musas.

Como escriptor dramatico, **Luiz Guimarães** tem escripto as seguintes peças: *Uma scena contemporanea,* comedia; *André Vidal,* drama historico; *Quedas fataes,* drama em 5 actos; *Um demonio,* comedia em 2 actos; *O caminho mais curto,* comedia; *A Gallinha e os pintos,* comedia; *Valentina,* comedia; *Amores que passam,* comedia; *Marquez de la*

Seiglière, traducção. Traduziu ainda diversas comedias para o repertorio dos artistas Cesar de Lacerda e Carolina Falco, quando andaram em digressão pelo Brazil.

Luiz Guimarães é formado em direito pela Faculdade de Pernambuco, official da Ordem da Rosa, commendador de Christo, cavalleiro de S. Thiago e da Conceição, do Santo Sepulchro de Jerusalem e de S. Gregorio Magno de Roma, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa e de muitas sociedades de lettras de Portugal, Brazil, Chili, Hespanha, Italia, etc.

1850—Nasce na rua do Paraizo, em Lisboa, a actriz **Amelia Vieira.**

Aos 7 annos d'edade matriculou-se na aula de dansa do Conservatorio, pelo que era obrigada a figurar nos bailados de S. Carlos, ganhando cem réis por noite de espectaculo.

Foi por esse tempo que a eximia tragica Ristori deu espectaculos no theatro de S. Carlos e escolheu a pequenina **Amelia** para figurar de sua filha na *Medéa.*

Pouco tempo depois, em todas as magicas que se representavam nas Variedades ou na Rua dos Condes, lá apparecia como bailarina a formosa **Amelia**, ao lado da Jesuina, da Pacca, da Cypriana e outras. O publico já não admittia magica sem o valioso concurso d'aquellas engraçadas pequenas, que eram o enlevo das platéas populares. Tomára o nosso theatro lyrico ter hoje aquelle grupo alegre e bem disciplinado.

Quando começou a sentir-se mulhersinha e cresceram com ella as suas ambições de theatro, entrou para a escola dramatica do Conservatorio, então dirigida por Duarte de Sá. Pelas disposições que mostrava foi muito bem recebida e teve logo de remuneração ou subsidio, no primeiro anno sete mil réis mensaes, no segundo oito e no terceiro nove. N'esse tempo ainda havia uns restos de desejos de auxiliar a Arte Dramatica.

Amelia Vieira quiz entrar para o Gymnasio. Ahi recebiam-n'a com muito agrado, mas sem lhe darem retribuição alguma, como era costume da casa. **Amelia Vieira** não poude acceitar, porque, ao mesmo tempo que desejava caminhar na Arte, precisava absolutamente ajudar sua velha tia, com quem vivia. Decidiu-se pelos theatros particulares, onde lhe retribuiam com uma ou duas libras cada recita em que tomava parte. A sua estreia foi no theatro dos *Inglezinhos*, um theatro que tem uma longa e engraçadissima historia e de que hei de fallar no livro *Os Theatros de Portugal*, que estou preparando.

Foi na criada da magnifica comedia em 3 actos, *A Porta falsa*, que **Amelia Vieira** representou pela primeira vez. D'ahi por diante era sempre disputada por todas as sociedades, que a preferiam.

Lembra-me que, em 1864, havia na rua de Vicente Borga, á Esperança, n'um primeiro andar de um velho predio, um theatrinho, onde funccionava uma sociedade com o titulo *Sociedade Curiosidade Dramatica*, de que eu fazia parte com Leopoldo Carvalho, que tambem era discipulo do Conservatorio e já ensaiador da sociedade, como hoje o é do Gymnasio, Bayard, que hoje está em D. Maria, Clemente Bizarro, rapaz de bastante merecimento, que muito agradou depois em D. Maria e em seguida abandonou o theatro, Ernesto Desforges, o emprehendedor emprezario de espectaculos sensacionaes, Moraes, um excellente pintor de carruagens, de quem não tenho noticia ha muito tempo, Diogo, um rapaz que se entregou ao commercio com muita sorte, mas uma terrivel doença matou em pouco tempo, Monteiro, sargento do exercito que lá foi morrer em Africa, José Luiz Affonso, que abandonou o commercio por amor da arte e... da **Amelia Vieira**, depois foi militar e de quem não sei ha muito, mais dois rapazes, cunhados de Ernesto Carvalho, irmão de Leopoldo e não sei se mais alguem.

As nossas duas damas effectivas eram a **Amelia Vieira** e a Jesuina Marques, a magnifica caracteristica do Gymnasio. Eram ambas bailarinas, ambas discipulas do Conservatorio; isto dava tom.

Foi para esta sociedade que eu escrevi a minha primeira comedia, depois de ter escripto uma poesia dramatica que recitou na Rua dos Condes o actor Soares, uma poesia comica *Meus senhores...* que recitou em diversas sociedades o Bayard, que então era amador distincto, e uma scena comica *O Tabaco livre*, que desempenhou o actor Queiroz na Rua dos Condes. A comedia intitulava-se *As figuras de cêra;* tinha cinco papeis de homem e um de senhora; os homens eram Desforges, Moraes, Affonso, Leopoldo e Bizarro. Estes dois ultimos tinham papeis insignificantes, e, sendo os primeiros *actores* da casa, só d'elles se incumbiram em obsequio e attenção para comigo, que era auctor tambem da casa. Da dama, apezar de ser o papel pequeno, é que eu fiz questão; quiz a **Amelia Vieira**, porque entendia que alli nada poderia agradar sem ella.

Esta comedia tem uma historia muito interessante, de que foi protogonista o Desforges e que será contada n'outro livro.

Cesar de Lima, que tinha então empreza no Principe Real, quiz contractar **Amelia Vieira**; mas esta preferiu ir contractada por oito mezes para os Açores pelo actor Ribeiro, e assim se estreiou no theatro de S. Miguel, fazendo as primeiras ingenuas de todo o repertorio, começando pela do drama maritimo *Homens do Mar*.

Ao regressar a Lisboa foi contractada pelo actor Coelho, então emprezario do theatro das Variedades. Debutou n'uma revista do anno de Costa Braga, fazendo o papel de *Lisboa* e em seguida diversos dramalhões, entre os quaes a *Ignez de Castro*, peça estragada pelo actor Izidoro, que tinha tanto de bom actor como de pessimo escriptor; mas que tinha a mania das lettras.

Foi ahi que a viu o grande Santos, que por ella se apaixonou como mulher e como actriz. Deu-lhe quanto lhe podia dar: fel-a sua esposa, mãe de seus filhos e uma das mais distinctas actrizes portuguezas.

Começou representando debaixo da direcção de Santos no Principe Real, depois em D. Maria, Gymnasio, Rua dos Condes e Recreios.

N'essas épocas fez um magnifico repertorio em que muito se distinguiu. Bastará citar as seguintes peças: *Oração da tarde, Saltimbanco, Avó, Moda, Paralytico, Fernanda, Duas Orphãs, Ladrões de Lisboa, Lazaristas, Actor, Judeu Errante, Leitora, Camarote da Opera, Anjo da Meia Noite, Morgadinha de Valflor, Magdalena, Irmã do Cego, Taberna, Linda de Chamounix, Noventa e tres, Mirabeau*, etc.

Já depois de cego, Santos, o inolvidavel Santos, era o guia constante, o mestre unico de **Amelia Vieira**; um conselho d'elle, sem a luz dos olhos, valia mais do que todos os ensaios dos que conservavam a vista.

Chegou, porém, o momento em que elle não podia mais, em que dia a dia se ia despedaçando aquella vida tão preciosa. Elle soffria physica e moralmente, como poucos teem soffrido. Áquelle grande martyrio só é comparavel a grande dedicação de **Amelia Vieira**.

Só quem, como eu, presenciou aquelle grande infortunio do artista e o heroismo da sua enfermeira querida, póde bem avaliar o que valia a grande alma de Santos, o que vale o coração de **Amelia Vieira**.

Depois da morte do esposo e mestre querido, **Amelia Vieira** proseguiu na sua carreira brilhante, quer em Lisboa, nos theatros do Principe Real e Rua dos Condes, quer no Porto e no Brazil, onde chegára antes a sua reputação, que foi confirmada por applausos enthusiasticos.

Nos ultimos tempos o seu variadissimo repertorio tem augmentado consideravelmente e longo seria enumerar todas as peças em que tem continuado a ser distincta; bastará citar os nomes de algumas: *Causa celebre, Vida de um rapaz pobre, Leis Sociaes, Crime e Castigo, Joanna, Crime de Faverne, Dama das Camelias, Condessa Sarah, João o Carteiro, Tezi, Peccadora, Princeza e Favorita, Convento do Diabo, Escravatura branca, Tosca, Voluntario de Cuba, Marido e amante, D. Ignez de Castro, Carvoeira, Segredo do Padre*, etc.

Amelia Vieira faz actualmente parte da *Sociedade de Artistas Dramaticos* do theatro da Trindade, onde muito sobresahiu no papel da condessa de Kerlor dos *Dois Garotos*.

18

1885 — Morre em Vianna do Castello o actor **Murteira**. Era actor mediocre, que esteve durante alguns annos contractado como figura de segunda plana nos theatros da Rua dos Condes e Variedades. Por fim partiu para as provincias na companhia do actor Soares, onde fazia primeiros papeis. Alguns annos antes de morrer ficou paralytico. Os seus companheiros, apezar d'elle não poder trabalhar, conservaram-lhe os seus vencimentos e regalias até á hora da morte e n'uma cadeirinha de rodas o transportavam para toda a parte aonde se dirigiam. O seu enfermeiro dedicadissimo, que lhe dava a comida e até o lavava, foi o actor Amado. Por fim fizeram-lhe um bom enterro e acompanharam-no chorosos até á ultima morada. É assim a maioria dos nossos artistas dramaticos. Em vida e na hora da felicidade parece que todos se odeiam; na hora da morte, ou no momento da adversidade, unem-se todos em obras santas e meritorias. Ha muitos exemplos. Antes assim.

19

1837 — Nasce o escriptor dramatico e critico **Francisco Serra**.

Francisco Ferreira Serra é natural de Lisboa, empregado publico e cavalleiro de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. É um espirito recto e um caracter honesto. Na imprensa periodica, onde militou por muito tempo, foi sempre bastante considerado pela sua illustração e caracter.

Teve em 1856 um jornal de musica e theatros, com o titulo *O Rigoleto*.

Escreveu muito para o theatro; algumas das suas peças se representaram com bastante agrado nos theatros de D. Maria, Trindade, Gymnasio, Principe Real e Rua dos Condes. Peças tem não representadas.

Originaes: *O amor e o dever, De noite todos os gatos são pardos, Rosa de amor, Quadros familiares, Os dous afilhados* e *Fausto*.

Imitações: *Genro e Criado, Á cata de um namorado, A carteira de Mauricio Lopes, O que o berço dá..., O Importuno, O criado de dois amos, O mestre de canto, Uma experiencia, Dever e ambição, O Dr. Paz, A filha do Capitalista, Um quarto alugado a dois, Casa com duas portas é má de guardar.*

Traducções: *Não tenham lá padrinho, O Escravo e o Senhor.*

20

1842 — **Emilia das Neves** representa pela primeira vez, no theatro da Rua dos Condes, a comedia *Proezas de Richelieu*. Foi o primeiro *travesti* que fez; até alli só havia representado *ingenuas*. Alcançou enorme triumpho. Todos os que tinham visto a notavel *Déjazet* na comedia *Les premières armes de Richelieu* foram concordes em que **Emilia das Neves** lhe não era inferior.

Depois d'ella, foi o papel representado em Lisboa por duas actrizes francezas, Madame Dargis no theatro D. Fernando e Mademoiselle Sophie Beroud no theatro de D. Maria e pela distinctissima actriz italia Pasquali em S. Carlos; pois, todas tres estiveram muito abaixo da nossa **Emilia** no desempenho do difficillimo papel.

Depois da morte da grande tragica portugueza, e ainda em sua vida, muitas nossas actrizes a tem substituido no *Camões do Rocio*, na *Camaradagem*, no *Tartuffo*, na *Sensibilidade no crime*, na *Adelaide*, na *Pobre das Ruinas*, na *Adriana Lecouvreur*, no *Livro Negro*, na *Dama das Camelias*, na *Dalila*, na *Córa*, no *Anjo da Meia Noite*, nas *Redeas do governo*, na *Filippa de Vilhena*, e n'outras.

Ainda nenhuma se atreveu a substituil-a na *Joanna a Doida*, na *Judith*, na *Mulher que deita cartas*, na *Faustina*, na *Doida de Montmayour*, na *Maria Stuart*, na *Medéa*, no *Retrato vivo*, na *Cruz de S. Luiz* e principalmente nas *Proezas de Richelieu*.

Lopes de Mendonça escreveu em 1842: «**Emilia das Neves** sobresae extraordinariamente. Comprehendeu na perfeição o caracter de Richelieu e mostra-se verdadeiramente admiravel.»

Ernesto Biester disse: «Tão extraordinario prestigio poucas comedias teem alcançado no theatro, prestigio que anda ligado ao nome da nossa actriz **Emilia**, como uma das provas mais incontestaveis do seu bello talento.»

1869 — Nasce no Porto o actor **Ignacio Peixoto.**

Ignacio representou pela primeira vez na terra da sua naturalidade, no antigo theatro dos Recreios, hoje D. Affonso, n'uma revista de semestre, *Por dentro e por fóra,* de Guedes d'Oliveira, em 16 de julho de 1887.

Passou d'alli para o theatro Chalet, em 1888, debutando n'uma parodia de Jacobetty á *Gran-Via* e que tinha por titulo *Avenida da Ponte.* Seguiu a fazer uma digressão pelas provincias com uma modesta companhia, voltando em 1890 para o theatro Chalet, onde representou, entre outras peças, a revista *Pastilhas do Diabo, Nitouche, Drama no alto mar, Cerco do Porto,* e os *Ladrões de Lisboa* com Antonio Pedro, que alli tinha ido dar alguns espectaculos.

Em 1891 passou para o theatro do Principe Real, empreza Alves Rente, estreiando-se na magica *O Gato Preto* e entrando depois nos *Filhos do Capitão Grant, Giralda,* etc.

Com a morte de Rente, entrou para o theatro D. Affonso, epocha 1891 a 1892, onde representou nas magicas *Corôa de Fogo* e *Lampada Maravilhosa,* nas operetas *Licor de ouro, Collegio de meninas,* etc.

Ainda em 1892, escripturado pelo actor Diniz, veio para Lisboa, para o theatro da Avenida, fazendo muito successo na revista *Pastilhas do Diabo* e continuando a agradar bastante no *Sultão do Chá Preto, Bruxa das Ruinas, Cofre dos encantos, Georgianas,* etc.

Na epocha de 1893-1894, esteve ainda no mesmo theatro, escripturado por Cinira Polonio, representando com muito agrado na magica *Lenda do Rei de Granada* na revista *Tourada,* na opereta *Mulher do Pasteleiro,* etc.

Foi em seguida escripturado para o theatro do Gymnasio, onde se estreiou, a 19 de setembro de 1894, na comedia *Padre, Filho, Espirito Santo,* n'uma substituição do actor Eloy, creando em seguida um importante papel na *Roça de Valentim.*

D'esta data em diante, sempre no Gymnasio, tomando parte em quasi todo o repertorio, os seus sensiveis progressos conquistaram-lhe innumeras sympathias no publico. É actualmente um dos actores mais estimados e dos mais precisos no Gymnasio. Tendo apenas 28 annos de edade e 10 de theatro, muito ha ainda a esperar do seu futuro.

1874—Morre o actor **Domingos Ferreira.**

Este conhecido e apreciado actor foi espingardeiro no Arsenal do Exercito. N'essa mesma epocha fazia parte de uma sociedade dramatica, que dava espectaculos no theatro das Escolas Geraes, onde elle se estreiou no drama *Os dois sargentos.*

Ha quem affiance que elle foi comparsa no theatro de D. Maria. Não pude averiguar isto bem; o que posso garantir é que foi escripturado para o theatro do Salitre pela empreza Vieira. Em março de 1852 passou para o theatro de D. Fernando, fazendo parte de uma *troupe* dirigida por Emilia das Neves, que era, além da primeira actriz, a ensaiadora. D'essa *troupe* faziam parte os artistas: Fortunata Levy, Magdalena (não sei qual), Amaro, Rollão, Pae Gil, Brêa, Matta Castelhanos (que era tambem contraregra) e Costa Braga (ponto).

Em 1853 foi **Domingos Ferreira** contractado para D. Maria e alli se conservou muitos annos, durante a administração do governo, até que se reformou. Ahi tornou-se um actor distincto e muito util. Era centro dramatico e centro comico. Do primor com que representava as peças dramaticas pódem servir de exemplo o pae *Duval* da *Dama das Camelias* e os magnificos papeis que tinha na *Córa ou a Escravatura* e nos *Fidalgos de Bois-Doré.* Do que valia no comico póde attestal-o a magnifica comedia *Historia de um pataco.*

O prazer mais predilecto de **Domingos Ferreira** era um passeio e um petisco em qualquer horta dos arrabaldes. Logo que se reformou tomou de arrendamento a antiga horta do *Pardal,* a Arroyos, e lá passou o resto da vida.

21

1831 — Nasce em Paris o notavel escriptor dramatico **Henri Meilhac.**

Foi no começo da sua vida empregado de livraria, fazendo ao mesmo tempo desenhos e escriptos humoristicos para o *Jornal para rir.*

Começou escrevendo para o theatro em 1856 e d'essa epocha até á sua morte, que ha pouco se deu, ou só, ou de collaboração, principalmente com Halevy, apresentou um numero consideravel de obras primas em todos os generos que abordou.

Possuia a Legião de Honra e era membro da Academia Franceza desde 26 d'abril de 1888.

Para que seja avaliado como escriptor dramatico, basta citar alguns titulos de peças suas que todos conhecem e admiram: *O Autographo, A Scentelha, Ovelhas de Panurgio, Bella Helena, Barba Azul, Vida parisiense, Grã-Duqueza de Gerolstein, Périchole, Frou-frou, Bandidos, Tricoche e Cacolet, As Campainhas, O Verão de S. Martinho, Marquezinha, A Botija, Carmen, Milho da padeira, A Cigarra, Duquezinho, Marido da debutante, Russinha, Mam'zelle Nitouche, De camaradagem, Manon, Cossaca, Condecorado,* e mais oitenta producções, todas de grande valor.

1877 — Representa-se pela primeira vez com muito successo no theatro do Gymnasio o drama em 4 actos, **O Saltimbanco**, original de Antonio Ennes, de quem hei de fallar na data do seu nascimento, a 15 de agosto.

1894 — Morre no Rio de Janeiro, victima da febre amarella, o actor **Lupi.**

Lupi era um actor muito modesto, que accumulava o cargo de contraregra. Não tinha creações. Esteve por algum tempo fazendo papeis secundarios nos theatros da Avenida e D. Maria.

Com a companhia d'este ultimo é que partiu para o Brazil, deixando-se lá ficar.

22

1838 — Primeira representação da comedia em 2 actos, **O Gaiato de Lisboa**, no theatro da Rua dos Condes.

Esta peça era imitada do *Gamin de Paris*, de Bayard.

No desempenho salientaram-se o Matta, a Barbara (velha), e principalmente o Sargedas, que a conservou no seu repertorio até quasi ao fim da vida.

Sargedas fazia o *Gaiato*, que mais tarde vimos desempenhado por Manoela Rey, Anna Pereira, Laura Godinho, Julio Vieira e Antonia de Sousa.

1859 — Lança-se a primeira pedra para a construcção do theatro **Baquet**, cujas obras foram concluidas a 13 de fevereiro de 1860.

D'este theatro hei de tratar largamente na data da sua inauguração, a 19 de julho.

23

1833 — Nasce em Beaune a distincta actriz, societaria do Theatro-Francez, **Maria Favart.**

O seu verdadeiro nome era Pierrette Ignace Pingaud. Do pae adoptivo é que tomou o nome de **Maria Favart**, nome que tanto illustrou no theatro.

Entrou muito nova para o Conservatorio e aos 15 annos já debutava na Comedie Française, como escripturada, na famosa comedia de Scribe, *Valeria.*

Pouco tempo depois passou para as Varietés, onde fez com muito successo, entre outras peças, a *Mignon, Petite Fadette* e *Vie de Bohème.*

De volta á Comedie, teve então ahi a melhor epocha da sua gloria. Foi sempre victoriadissima, com especialidade na *Julie*, de Feuillet, no *Paul Forestier*, de Augier, no *Supplice d'une femme*, de Girardin, na *Helène*, de Pailleron, e depois no grande repertorio, na *Esther*, no *Britanicus*, na *Lucrecia Borgia* e no *Hernani*, na encantadora parte de Dona Sol, que ella desempenhava brilhantemente, substituindo a grande Mademoiselle Mars.

A Comedie Française nomeou-a sua societaria em 1854.

Maria Favart é considerada uma gloria artistica da França.

Em viagem pela Europa, visitou Lisboa, estreiando-se no theatro de D. Maria, a 10 de abril de 1883.

1843—Nasce em Lisboa, na freguezia de Santa Justa, o escriptor dramatico **Antonio de Sousa e Vasconcellos.**

Escriptor correctissimo e com disposições para o theatro, é empregado superior da administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e foi por alguns annos fiscal do governo junto á empreza do theatro de D. Maria, cargo de que pediu a exoneração.

Escreveu as seguintes peças originaes, que muito agradaram: *A Mana do Conselheiro,* comedia em 1 acto (Gymnasio); *Uma amostra de barões,* comedia em 1 acto (Gymnasio); *A Orphã de Aldoar,* comedia-drama em 3 actos (Gymnasio); *Tres mulheres,* comedia-drama em 3 actos (Gymnasio); *A Duqueza de Caminha,* drama historico em 5 actos (D. Maria); *Inglez e Francez,* comedia em 1 acto (Gymnasio).

O drama *Duqueza de Caminha* foi premiado no concurso de 1877-1878.

A comedia *Inglez e Francez,* em cujo desempenho sempre tomou parte o grande Taborda, tem sido representada immensas vezes em todos os theatros de Lisboa e Porto e em quasi todos os das provincias.

1849—Nasce no Porto a actriz **Rosa Damasceno.**

É talvez esta uma das poucas datas que não posso perfeitamente garantir. Que **Rosa Damasceno** nasceu a 23 de fevereiro não ha duvida alguma. Sobre o anno é que ha divergencias e o de 1849 foi aquelle em que achei mais probabilidades. Affiançam uns mais e outros menos; o de 1849 parece-me o mais provavel pela fonte de onde partiu. Perguntar-lh'o seria uma inconveniencia, porque as actrizes que, no theatro tem de ser mais ou menos novas, occultam sempre a edade. Para algumas tenho-me visto na necessidade de mandar tirar as certidões de baptismo.

Ainda ha pouco se deu comigo um caso engraçado: uma actriz dizia-me que me não podia fornecer a data do seu nascimento porque estava perto dos quarenta e desejava que o publico o ignorasse. N'essa occasião tinha eu no bolso os documentos que provavam ter a referida actriz representado em certa peça havia quarenta e tres annos. Formei proposito de não insistir com outra qualquer; não tendo a declaração espontanea, recorro ás certidões, á tradicção e aos collegas mais antigos.

Rosa Damasceno estreiou-se no theatro da Trindade ha mais de trinta annos. Dos seus collegas e frequentadores do theatro uns affirmam que, quando alli appareceu, tinha deseseis annos, outros desoito e ainda outros vinte. Tirei a media e creio que não fiz mal, na opinião de um seu collega consciencioso. O que é certo é que quando se estreiou, ha trinta e um annos, já era mãe, como agora é avó.

Custa a comprehender como um artista intelligente e de espirito, mulher ou homem, tente occultar a edade! Se na scena representa personagens de quinze, vinte ou vinte e cinco annos e o faz com verdade, tendo cincoenta, muito maior é o seu valor. Emilia das Neves e Delfina nunca occultaram a edade, como hoje a não occultam a Falco, a Barbara e ainda outras.

Como disse, **Rosa Damasceno** nasceu no Porto. Tendo fallecido seu pae, que era militar, **Rosa Damasceno** foi com sua mãe para o Alemtejo. Entrou como actriz para a companhia do Lopes, que percorria as provincias, até que, tendo-a visto representar o actor Marcolino, a aconselhou e á mãe a que viesse para Lisboa, pois tinha bastante merito para fazer excellente carreira artistica. O conselho foi acceite e **Rosa Damasceno** partiu com sua mãe para Lisboa. Marcolino apresentou-a ao então commissario regio de D. Maria, o dr. Luiz da Costa Pereira. Este deu-lhe um pequenino papel e prometteu pagar-lhe uma insignificancia ás noites.

Chegando aos ouvidos de Francisco Palha, que em breve ia abrir o theatro da Trindade, as disposições para a scena e os dotes de formosura de que era dotada **Rosa Damasceno**, mandou-a chamar, escripturou-a e ella fez a sua brilhante estreia na recita de inauguração do theatro da Trindade, a 30 de novembro de 1867, nas duas peças que n'essa noite se representaram, a *Mãe dos pobres,* drama de Ernesto Biester e o *Xerez da Viscondessa,* traducção de Francisco Palha.

Com os excepcionaes dotes que possuia, elegancia, formosura, distincção, voz encantadora, olhar expressivo, intelligencia clara, tudo o que o palco reclama, encetou a carreira como poucas a acabam e fez sempre brilhante figura em todas as peças em qne tomou parte. D'estas citaremos as principaes: *Familia Benoiton, Conspiração na aldeia, Sr. Procopio Baeta, Pupillas do sr. Reitor, Boa desforra, Ultima moda, Casamento singular, Amazonas do Tormes, Ouros, copas, espadas e paus, Campainhas, Avarento, Baile da Condessa, Novella em acção, Casa de Orates, Peior inimiga, Quem desdenha..., Um murro e um lenço, Quatro mulheres n'uma casa, Mãos de Fidalgo, Amores de Primavera,* etc.

Da Trindade passou **Rosa Damasceno** para D. Maria n'umas condições excepcionaes. O governo arrancára o primeiro theatro portuguez das mãos do grande mestre da Arte, o infeliz José Carlos dos Santos, para o dar á especulação particular. Attribuiu-se a culpa d'este attentado á influencia de **Rosa Damasceno**. A primeira recita da nova empreza foi tempestuosa. O publico, irritado pela affronta, mostrava ruidosamente a sua indignação. Representava-se a *Côrte na Aldeia.* A pateada e o assobio imperavam n'essa noite; era a **Rosa Damasceno** que se dirigiam principalmente os ataques. Ella soffria resignada, e em pouco tempo o seu notavel talento conseguiu que tudo esquecesse, para o publico só attentar no muito que ella valia.

Começou ahi a sua época mais gloriosa, a do *Amigo Fritz,* dos *Fourchambault, Mantilha de renda, João de Thommeray, Madrugada, Tio Milhões* e tantas outras peças em que tem provado ser eterna a sua primavera de artista notavel.

Rosa Damasceno, em 1892, fez uma digressão ao Brazil, representando no Rio de Janeiro, S. Paulo e Juiz de Fóra. Não teve a recepção que merecia, pelas circumstancias especiaes que se deram.

1876 — Morre em Lisboa o actor **Lisboa**, irmão de Antonio Pedro. Era muito novo. Fizera a sua estreia no theatro Popular d'Alfama, a 11 de janeiro de 1873, na comedia de Costa Braga, *O Vestido rasgado.* Passou d'ahi a pouco para a Rua dos Condes. Sem muito valor, era bastante aproveitavel nos papeis comicos secundarios. Não se fez notar muito e por isso depressa foi esquecido.

1886 — Estreia-se na Trindade a actriz **Izaura Ferreira**, no papel que creara a actriz Herminia na opereta em 1 acto *Os Tres Dragões.*

Izaura, que não é actriz para papeis delicados, tem o seu logar no theatro em papeis que se amoldem ao seu feitio de verdadeira mulher do Norte.

Abandonou o theatro em 1894. De quando em quando annuncia-se a sua reapparição; mas *falha* sempre.

Nos oito annos que esteve no theatro foi bastante util, já remediando em muitos papeis, que não havia na companhia quem fizesse, já substituindo as collegas que adoeciam á ultima hora ou deixavam a empreza.

Dos seus papeis os mais lembrados são: Custodia do *Brazileiro Pancracio* e a creada dos *Trinta botões.*

24

1834 — Nasce **Carolina Falco.**

Seu pai, empregado no theatro de S. Carlos, mandou-a estudar dansa no Conservat rio. Começou tomando parte nos bailados do velho Salitre, passando depois para S. Carlos. Como mostrasse ter

voz muito aproveitavel, o emprezario Porto contratou-a para os córos, fazendo por essa occasião tambem algumas pequenas partes.

Em 1858 foi ao Porto, onde representou com muito successo as operas-comicas *Fra-Diavolo, Dominó preto* e outras.

Em 1863 foi contractada como contralto para uma companhia lyrica no Rio de Janeiro, onde bastante agradou.

Por essa epocha casou com o actor-auctor Cesar de Lacerda, de quem ha annos está separada; com elle percorreu parte do Brazil, representando em portuguez com muito exito.

Regressando depois a Lisboa, foi contractada pelo actor Santos para o theatro do Principe Real, estreiando-se alli nas comedias: *Commoções, Não ha fumo sem fogo* e *Chaile de Cachemira.* Fez ainda alli varias peças, seguindo com a empreza Santos para D. Maria, onde se tem conservado por largos annos.

Carolina Falco, sem ser uma notabilidade, é uma actriz utilissima no theatro, especialmente agora que ellas tanto escasseiam.

Tem uma figura esbelta, porte distincto e physionomia insinuante. Os seus sessenta e quatro annos são preferiveis aos vinte de muitas.

1843 — Nasce na cidade de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, o erudito e fecundo litterato **Theophilo Braga.**

A obra d'este notavel escriptor é não só enorme, mas proveitosissima. Todas as homenagens lhe são devidas.

N'este livro tem elle de direito um logar eminente pelo seu valiosissimo trabalho: *Historia do Theatro Portuguez,* comprehendendo os seguintes volumes: I *Vida de Gil Vicente,* II *A comedia classica e as tragicomedias,* III *A baixa comedia e a opera,* IV *Garrett e os dramas romanticos.*

É quasi o unico trabalho que podem consultar os que estudam o theatro portuguez na sua origem e transformações.

Tem deficiencias e talvez alguns erros; todavia **Theophilo Braga** vae refazel-o, segundo me affirmou, e tudo ha a esperar do seu talento e genio investigador.

Theophilo Braga é socio effectivo da Academia Real das Sciencias e lente do Curso Superior de letras.

Um seu illustre biographo escreveu a seu respeito o seguinte:

«**Theophilo Braga,** o caracter mais energico, a individualidade mais extraordinaria que conhecemos em Portugal, é obra de si mesmo. A sua vida é um notavel exemplo do que póde a força de vontade, quando é dirigida por uma consciencia recta e orientada por um ideal superior.»

1844 — No theatro da Rua dos Condes, no beneficio da actriz Radice, no drama *A Doida de Londres,* estreia-se **Emilia Costa,** discipula de Epiphanio, que immensamente agradou, dando grandes esperanças, e d'ahi a pouco desappareceu do theatro.

1870 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *Mocidade de Figaro,* o actor **José Antonio Galvão.** Presença agradavel, voz muito util, e ainda outros dotes tinha a protegel-o, se mais tivesse estudado nos muitos annos que esteve no theatro da Trindade e aproveitasse o ensejo que teve para progredir. Representou muitas peças sem se tornar notavel em nenhuma. O mesmo lhe aconteceu na epocha que foi fazer ao Porto.

Partiu a 8 de junho de 1892, n'uma companhia minha, para o Brazil e lá se conserva ainda, com relativo agrado, tendo já percorrido S. Paulo, Rio Grande e Minas na companhia de que era emprezaria Ismenia dos Santos.

1875 — Na opereta *A Filha da sr.ª Angot* estreia-se na Trindade a actriz **Ermezinda Augusta Pinheiro,** que alli se conservou por muito tempo sem progressos notaveis, indo depois para D. Maria e de lá para casa, onde continúa.

Pouco valor; mas bastante apresentação e fórmas opulentas a conservaram alguns annos no theatro.

25

1809 — Nasce em Parma, na Italia, o estimadissimo e talentoso maestro **Angelo Frondoni**. Muito novo foi para Milão e ahi compôz logo tres magnificas partitúras, que lhe valeram os maiores louvores e foram dadas á luz, depois de executadas nos theatros, pelos principaes editores da epocha, Lucca e Ricordi.

Em 1839 veiu para Lisboa, contractado pelo Conde de Farrobo, para maestro compositor e ensaiador de S. Carlos. Nunca mais d'aqui sahiu, prestando sempre os maiores serviços á arte musical no nosso paiz.

Compôz diversas operas e bailes para S. Carlos, que foram mui bem recebidos.

Escreveu depois varias operetas, com libretos portuguzes, para a Rua dos Condes e Gymnasio, sendo a sua primeira composição n'este genero *O Beijo*, que teve um exito espantoso, sendo representada na Rua dos Condes, Laranjeiras e D. Maria.

Contractado em 1868 por Francisco Palha para a Trindade, ahi fez verdadeiros prodigios, obrigando a cantar os que nunca pensaram em tal e aproveitando maravilhosamente os que tinham voz. Deu elle á Trindade a sua epocha de ouro. **Frondoni** nunca alli foi substituido á sua altura.

Como compositor, são lindissimas as suas musicas das operetas e oratorias: *Beijo, Caçador do Minho, Evangelho em acção, Sebastianista, O Rei e o Eremita, Qual dos dois?, S. Lourenço, Amores de um soldado, Santo Antonio, A Bruxa, Filho da Sr.ª Angot, Capellão do Regimento, Bom homem d'outro tempo, Gata Borralheira, Lenda do rei de Granada, Rosa de sete folhas, Rouxinol das salas, Tres Rocas de Crystal*, etc.

Frondoni foi membro do Conservatorio Real de Lisboa e cavalleiro de S. Thiago.

Apparentando uns ares rudes, era, ao contrario, affavel na conversação intima. Era um bello cavaqueador, intelligente, ameno e instruido.

Falleceu em Lisboa a 4 de junho de 1891, tendo 82 annos de edade.

1882 — Morre o poeta e dramaturgo, **Luiz de Campos**, de quem hei de escrever na data do seu nascimento, a 1 de março.

1885 — Estreia-se na Trindade, na opereta *Os dragões d'El-Rei*, a actriz **Ernesta Cerri**.

É italiana; veiu para Lisboa n'uma companhia lyrica e por cá ficou. É formosa, mas sem expressão no rosto; o olhar pasmado pela myopia. Ainda assim é muito galante e tem uma pequenina voz graciosa. A sua carreira tem sido muito modesta em quasi todos os theatros de Lisboa, que tem percorrido. Tem no seu repertorio papeis nos *Dragões d'El-Rei, Boccacio, Burro do sr. Alcaide, Homem da bomba, Brazileiro Pancracio, Fada do amor, Cavalleiro da Rocha Vermelha*, etc.

26

1802 — N'esta data, ás 10 horas e meia

da noite, nasce em Besançon o grande poeta philosopho, **VICTOR HUGO**.

Seu pae, o general Hugo, fazendo serviço em Madrid, para alli levou seu filho, que entrou no collegio dos Nobres. Ahi esteve apenas um anno, partindo com sua mãe para Paris, em 1812. Pouco depois de alli residir, entrou no collegio de Cordier, um velho abbade, de mau caracter, segundo o poeta affirma.

Victor Hugo foi logo n'esse collegio a admiração de professores e condiscipulos,

pois que aos 13 annos tinha já composto diversos cadernos de excellentes versos.

A primeira obra dramatica de **Victor Hugo** foi a tragedia *Irtamene*, que desappareceu nos papeis de collegio, seguindo-se outra tragedia, *Os Scandinavos*, que não passou do 2.º acto; nunca a concluiu. Fez depois a *Ignez de Castro*, melodrama em 3 actos com 2 intermedios, que não figura nas suas obras, mas foi impressa áparte.

Do seu notabilissimo theatro, appareceu o *Hernani*, em 1830, *Marion Delorme*, em 1831, *Le roi s'amuse*, em 1832, *Lucrèce Borgia*, em 1833, *Marie Tudor*, no mesmo anno, *Angelo Tyran de Padoue*, em 1835, *Ruy Blas*, em 1838, *La Esmeralda*, em 184 , *Les Burgraves*, em 1843, e *Torquemada*, no mesmo anno.

Victor Hugo, o grande poeta, o grande litterato e o grande dramaturgo do seculo XIX, foi uma das maiores glorias daFrança e venerado pelo mundo inteiro. A sua obra é immorredoura e por isso o seu theatro ha de sempre figurar nas primeiras scenas do mundo civilisado.

1843 — Abertura do theatro das **Laranjeiras**, mandado construir pelo Conde de Farrobo, na sua excellente quinta, que era então um dos maiores attractivos nos arrabaldes de Lisboa.

Esse theatro foi illuminado a gaz, antes de haver gaz na capital.

As operas e operetas eram alli montadas a capricho e no seu desempenho tomavam parte damas e cavalheiros da primeira sociedade, assim como excellentes artistas estrangeiros, contractados especialmente para esse fim.

A recita de inauguração, n'esta data, foi com a opera de Auber, intitulada *Duque de Olonna*. Assistiram ao espectaculo Suas Magestades a Rainha D. Maria II e o sr. D. Fernando, e toda a côrte.

O theatro foi, passados annos, destruido por um incendio.

1866 — Morre em Lisboa a encantadora e talentosissima actriz **Manoela Rey**, de quem fallarei na data do seu nascimento, em 24 de outubro.

1894 — Morre, victima da febre amarella, no Rio de Janeiro, o actor-auctor **Julio Vieira**.

Foi alumno do collegio dos aprendizes do arsenal do exercito.

Apaixonado do theatro, aos 17 annos de edade resolveu a todo o custo entrar para elle, mesmo como comparsa. Assim foi.

Cançado de figurar apenas, acolheu-se á protecção do antigo ensaiador do Gymnasio, o Romão, e d'elle obteve um pequeno papel na comedia *O Importuno*. Como lhe não déssem mais papeis, nem o escripturassem, foi trabalhar para as provincias.

No regresso voltou ao Gymnasio, d'ahi ás Variedades, outra vez para a provincia, até que Cesar de Lima o contractou para o Principe Real por 6$000 réis mensaes.

Foi depois para a Rua dos Condes, voltou ás Variedades, até que em 1874 foi contractado por 45$000 réis mensaes para o theatro da Trindade, do Porto.

No regresso veiu ainda para o Gymnasio, depois para D. Maria, Recreios, etc., até que em 1882 entrou de novo no Principe Real para só de lá sahir quando o destino o levou ao Brazil, para lá ficar dormindo o somno eterno. Como actor, como ensaiador e como auctor, tinha agradado muito no Rio de Janeiro.

Julio Vieira era bastante intelligente e activo.

Como actor tinha vivacidade, desembaraço e uma certa graça.

A sua pequena figura prestava-se a uns papeis de *garotos* e outros *typos*, em que bastante agradava.

Sem conhecimentos importantes, tendo aprendido muito pouco, escrevia ainda assim, e com certa facilidade, umas peças populares, que obtinham os applausos das plateias.

A sua peça mais estimada do publico, foi a parodia á *Morgadinha*, de Pinheiro Chagas, com o titulo *A Morgadinha de Valle de Pereiro*.

27

1841 — Nasce em Bergerac (Dordogne),

o notabilissimo societario da Comedie-Française, **MOUNET-SULLY**.

Entrando para a aula de Bressant no Conservatorio, logo no fim do primeiro anno obteve um segundo premio na comedia e um *accessit* na tragedia. Tinha 27 annos.

Não continuou frequentando o Conservatorio, para immediatamente entrar no Odeon, estreiando-se no *Rei Lear*. Isto em 1868. Sem que a sua estreia passasse desapercebida, teve que abandonar o theatro em 1870 e 1871 para, como official, tomar parte na guerra com a Allemanha.

Em julho de 1872 estreia-se na Comedie-Française, no papel de *Oreste* na *Andromaque*. É indescriptivel o enthusiasmo d'essa noite. O publico e os jornaes, no dia seguinte, affirmavam ter apparecido um novo Talma.

Em seguida cada creação tem sido um verdadeiro successo no *Cid, Phedra, Hamlet, Horace, Athalie, Iphigenie, Zaire, Amphitryon, Hernani, Ruy Blas, Fille de Roland, Jean de Thommeray, Roi Œdipe, Roi s'amuse, Rome vaincue, Étrangère, Aventurière, Alain Chartier, Henri III et sa cour, Antigone, Par le glaive*, etc.

Tendo entrado para societario da Comedie-Française em 1 de janeiro de 1874, é hoje o decano.

É official da Academia, cavalleiro da Legião d'Honra e tem o habito de Christo de Portugal.

1858 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, no drama militar *29 ou honra e gloria*, o actor **Cypriano**.

Cypriano José dos Santos não é um nome desconhecido no theatro. Se como actor não conseguiu elevar-se, pois lembro-me d'elle apenas no *Tio Lucas* do *Descasca-milho*, no *Cabo geral* das *Intrigas no bairro*, n'um centro dos *Martyres da Polonia* e pouco mais, sem se salientar, tem tido ultimamente um cargo importante no theatro.

Quando Francisco Palha, deixando o theatro normal, tomou conta da Rua dos Condes, alli encontrou **Cypriano**, que fez ponto da sua companhia para a Trindade, logo que abriu. Por bastantes annos lá se conservou, estimado de todos, até que passou a ser *caixa* e *fiscal* das emprezas do theatro de D. Maria, onde gosa de toda a consideração que merece a sua probidade e dedicação.

O retrato que apresento foi tirado no tempo de actor.

1890 — Morre em Lisboa, **Rosalina Cassano**.

Quando desappareceu do mundo ninguem já a conhecia pelo seu verdadeiro nome. Por ser filha de um italiano que vendia canarios, tratavam-n'a todos pela **Canaria**. Mal diriam os que d'ella troçavam por a verem em scena já velha e ridicula, arrebicando-se caricatamente, que aquella pobre corista, e tão pobre que morreu miseravelmente, tendo de ser enterrada por subscripção, mal diriam que ella tivera a sua epocha de actriz distincta e cantora brilhante no velho theatro da Rua dos Condes, em S. Carlos, em D. Maria, onde cantou com immenso agrado o *Dominó preto*, de Auber, no D. Fernando, onde fez um grande repertorio, e no Gymnasio, onde cantou a *Marqueza*, de Miró, e outras operas.

Infeliz **Canaria**! Pobre **Rosalina**!

28

1841—Primeira representação no theatro de S. Carlos da opera **Cerco de Diu**, do maestro portuguez Manuel Innocencio dos Santos, de quem tratarei na data do seu nascimento, em 23 de agosto.

29

1792 — Nasce, em Pesara, o grande maestro **Rossini**, o immortal auctor das operas: *Barbeiro de Sevilha*, *Semiramis*, *Moysés*, *Cenerentola* e outras muitas que por muito tempo hão de figurar ainda no repertorio dos grandes theatros lyricos.

1863 — Nasce em Coimbra o actor **Santos Mello.**

Na terra da sua naturalidade representou pela primeira vez como amador, n'uma revista intitulada *O Paiz das Arrufadas*, original de Solano d'Abreu, Pinto da Rocha e Trindade Coelho.

Entrou em seguida para o theatro do Principe Real, do Porto, empreza Alves Rente, em 1885. A sua estreia foi na opereta *Boccacio*. Passou para a companhia Taveira e ultimamente para a de José Ricardo.

Entre innumeros papeis, sobresahiu nos das seguintes peças: *Gato Preto*, *Volta ao mundo*, *Catalina*, *Princeza dos Cajuciros*, *Burro do sr. Alcaide*, *Solar dos Barrigas*, *Rei damnado*, *Magdyares*, *Mil e uma noites*, *Filha do Inferno*, *Filhos do Capitão Grant*, etc.

1868 —Representa-se pela primeira vez em Lisboa, no theatro do Principe Real, a opera burlesca de Meilhac e Halevy, traducção de Eduardo Garrido, musica de Offenbach, **A Grã-Duqueza de Gerolstein.** Foi esta opera que abriu no nosso publico o gosto pelo genero burlesco e pela opereta, que tem dominado por muito tempo. Só depois do extraordinario successo da **Grã-Duqueza**, foi que Francisco Palha, director da Trindade, resolveu abandonar o drama e a comedia e entregar-se ao genero alegre. Teve tambem logo grande exito com a primeira peça, a opera burlesca, tambem de Meilhac e Halevy, traduzida por Francisco Palha, egualmente musica de Offenbach, o maestrino da moda n'essa epocha, *O Barba Azul.*

O grande actor José Carlos dos Santos, então emprezario do Principe Real de sociedade com Pinto Bastos, visitou Paris no verão de 1867 e alli assistiu com Eduardo Garrido á representação da **Grã-Duqueza**, que n'esse momento tinha um successo espantoso. Enthusiasmou-se com a peça e mais com a musica e alli mesmo convidou Garrido para fazer a traducção. Logo que regressou a Lisboa metteu mãos á obra com todo o capricho e o seu extraordinario bom gosto, e o exito não podia ser mais completo. A peça teve centos de representações quasi consecutivas e continuou em scena, em diversos theatros, até á actualidade, com optimos resultados. A **Grã-Duqueza** tem-se representado em Lisboa nos seguintes theatros: Principe Real, Trindade, Gymnasio, Rua dos Condes, Recreios, Colyseu dos Recreios, Real Colyseu, D. Amelia, Circo Price e Colyseu de Lisboa.

A **Grã-Duqueza**, na sua primeira representação, foi ensaiada primorosamente por Santos. A musica foi ensaiada pelos professores Rio de Carvalho e Miguel Gomes. O guarda-roupa foi fornecido pela casa Cruz.

O desempenho, devéras primoroso, foi confiado aos seguintes artistas: A Grã-Duqueza: Emilia Letroublon, magnifica actriz de alta comedia, companheira de Santos, da qual hei de fallar na data da sua morte, a 6 de julho.— Fritz, o actor Menezes, que se estreiou n'esta peça, que tinha uma agradavel voz de tenor e que Santos ensaiou de fórma a parecer um bellissimo actor. Depois nada mais fez em Lisboa nem no Porto, onde tambem representou, abandonando por fim a carreira para se fazer negociante de moveis, e estar agora pregoeiro de fundos na Praça do Commercio e de leilões particulares. Para que lhe havia de servir afinal a voz de tenor! — Principe Cornelio Gil, o actor Carlos d'Almeida, um actor bastante popular, porém cheio de defeitos adquiridos com as platéas baratas, mas que Santos limou a pon-

to de parecer outro.— Barão Puck, o actor Pereira, tambem muito popular e que teve n'este papel uma das suas melhores creações. Fallarei d'elle na data do seu nascimento, a 1 de abril. — General Boum, o actor Faria, de quem já fallei a 8 de Janeiro, que era um actor excêntrico de primeira ordem e que, no desempenho do general Boum, excedeu a espectativa do proprio Santos e do publico. Os que assistiram á representação da **Grã-Duqueza** em Paris, eram unanimes em affirmar que, no desempenho do general Boum, Faria era muito superior ao actor francez — Barão Grog, Antonio Pedro, o artista privilegiado que, em cada papel, fosse de qualquer genero, apresentava trabalho notavel — Népomuc, Domingos d'Almeida, um antigo *galan* da Rua dos Condes, empertigado e affectado, cujo feitio Santos aproveitou n'esta peça — Wanda, a infeliz Luiza Fialho, de quem já fallei a 15 d'este mez, e que na **Grã-Duqueza** ainda mostrou toda a sua vivacidade e os seus excellentes dotes vocaes — As quatro damas que cantam as cartas foram desempenhadas pelas actrizes: Firmina Aguiar, nova e galante, que fôra bailarina, como bailarina foi para Hespanha e lá morreu; Felicidade, uma actriz *chorona*, mas que teve a sua epocha e hoje faz caracteristicas nos theatros do Rio de Janeiro; Maria Adelaide, de quem hei de fallar na data da sua morte a 2 de maio, que era formosa, elegante e intelligente; Carolina, que fôra corista e era aproveitavel em pequenos papeis; um specimen de magreza, d'ahi a pouco morreu phtisica.

Com todos estes elementos, e Santos a dirigil-os, nunca mais houve tão bello conjuncto em opereta. E já agora pouco ha a esperar, porque esses elementos escasseiam de dia para dia.

A primeira representação da **Grã-Duqueza** em Lisboa marcou uma data de transformação no theatro, que, seja dita a verdade, nada favoreceu a Arte.

MARÇO

MARÇO

I

1827 — Nasce o actor **Rosa Mattos.**

Manuel José da Rosa Mattos era typographo e gastava as horas vagas a representar com curiosos n'um theatrinho do palacio do Marquez de Borba e depois no theatro dos Anjos, onde teve por consocios os distinctos amadores José Costa e Francisco Costa, os irmãos Costas ourives, o Cruz do guarda-roupa e o mestre Ganhado.

O director da Associação do theatro da Rua dos Condes, Dr. Duarte Ferreira Severino, viu-o representar como amador, e tanto d'elle gostou, que immediatamente o escripturou com o dobro do ordenado do primeiro actor do theatro. Estreiou-se com muito agrado na comedia *Um amigo desgraçado*. Fez em seguida diversos papeis e entre elles dois salientes na magica *O Principe Verde* e no drama *Guilherme Colmann.*

Por occasião do casamento do rei D. Pedro V, representou-se em quatro theatros ao mesmo tempo uma comedia intitulada *Por causa dos festejos reaes.* Na peça havia um difficil papel de inglez, em que, na opinião geral, **Rosa Mattos,** na Rua dos Condes excedeu todos os que fizeram o mesmo papel nos outros theatros, e eram nada menos do que Sargedas em D. Maria, o Taborda no Gymnasio, e o Rodrigues no Salitre!

Rosa Mattos passou depois para o Gymnasio a fazer os primeiros galans. Em seguida desgostou-se por entender que o desconsideravam e abandonou a scena.

Passado tempo contractou-se no theatro das Variedades para fazer um dos quatro filhos *Aymon,* da *Corôa de Carlos Magno.*

Esteve ainda de novo na Rua dos Condes, entrando no drama *Voluntarios da morte,* de Leite Bastos. D'ahi sahiu por motivo de doença e de vez abandonou o theatro, voltando para a arte typographica que exerceu distinctamente na Imprensa Nacional, onde é revisor. Tem o habito de Christo.

1833 — Nasce em Farminhão, concelho de Vizeu, o poeta e dramaturgo **Luiz de Campos.**

Luiz de Almeida Coelho e Campos, tal era o seu nome todo, estudou no collegio militar e escola do exercito. Chegou a ser capitão. Foi deputado e par do reino. Amigo intimo d'El-Rei D. Luiz, este consultava-o nos seus trabalhos litterarios.

Escreveu quatro dramas em cinco actos: *D. Leonor de Bragança*, *Alma de ouro*, *Um voto no seculo XV* e *Amor pelo remorso*.

Apenas foram representados os dois primeiros no theatro de D. Maria. Denotava um escriptor de pulso, mas com poucas qualidades dramaticas.

Luiz de Campos morreu a 24 de fevereiro de 1882.

1858 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, na comedia *Os Dragões da Rainha*, o actor **Loureiro**, que em 1863 abandonou o theatro para ser empregado no caminho de ferro. Preferiu, com toda a razão, ser um bom empregado, em vez de um mau actor.

Este artista tem uma pagina no livro que preparo, *Historia anecdotica do theatro*.

1872 -- Nasce em Lisboa a actriz **Antonia de Sousa**.

Estreiou-se como amadora, no theatro da Rua dos Condes, em beneficio da Academia Recreativa Portugueza, n'uma poesia d'abertura, *Indulgencia*, e na comedia *Gaiato de Lisboa*, em que foi felicissima. Como amadora fez ainda com muito agrado a *Mam'zelle Nitouche*.

Estreiou-se como actriz no theatro Avenida, na magica *A Lenda do Rei de Granada*. Mais tarde, no theatro do Principe Real, fez papeis importantes de dramas e comedias.

Contractada para o theatro da Trindade, seguiu com a companhia d'este theatro para o Brazil. No regresso tomou o seu logar na companhia dramatica que alli está funccionando.

1884 — Representa-se pela primeira vez no theatro de S Carlos a opera **Laureana**, do maestro portuguez Augusto Machado, de quem escreverei na data do seu nascimento, a 27 de dezembro.

2

1849 — Nasce em Lisboa o actor **Mattos**.

Antonio Joaquim de Mattos é filho do velho Mattos, que foi fiel do theatro de D. Maria durante a administração do governo.

Até aos 14 annos o pequeno viveu inteiramente na caixa do nosso theatro normal, protegido e afagado pelos primeiros artistas portuguezes, Emilia das Neves, Tasso, Soller, Theodorico, Delfina, Izidoro, Gertrudes, Domingos Ferreira, etc.

Acabando a administração do governo, o velho Mattos sahiu do theatro e com elle o pequeno, que começou então a frequentar as aulas e a aprender esculptura nas officinas do sr. Moreira Rato.

Apesar das bellas disposições que tinha para a esculptura, abandonou-a, porque só pensava no theatro. Dirigiu-se á Trindade, pediu um logar de discipulo e obteve-o. Estreiou-se n'um pequeno papel da magica *A Gata Borralheira*, a 15 de setembro de 1869. Entrou depois em muitas peças, sobresaindo no *Pepe Hillo*, *Amazonas de Tormes*, *Barão José Maria*, *Matheus o chapeleiro*, *Tres rocas de crystal*, *Sargento Frederico*, *Nini*, *Cem donzellas*, *Avarento*, *Minhas duas mulheres*, *Cruz de ouro*, *Entre minha mulher e o negro*, *Duende*, *Fructos de ouro*, *Pae da actriz*, *Diabo no poder*, *Filha da sr.ª Angot*, *Botija*, *Coroa de Carlos Magno* e outras.

Em 1878 partiu com a companhia de Emilia Adelaide para os Açores e em seguida para o Brazil, onde vive ha 19 annos e onde é estimadissimo.

Contractado em diversas emprezas, algumas vezes emprezario e outras ensaiador, o **Mattos** é hoje um dos primeiros artistas do Brazil e actualmente talvez o mais querido.

O seu repertorio agora é enorme e em todos os generos. Na opereta, principalmente, tem alcançado justissimos applausos, especialmente no *Surcouf*, *Mascotte*, *Boccácio*, *Amor molhado*, *Rip*, *Maria Angú*, *Garra d'açor*, *Noivos*, *Robinson*, *Falka*, etc.

1850 — Nasce em Lisboa o actor-ensaiador **Carlos Posser.**

Aos 14 annos representava como amador, fazendo parte da Sociedade Recreio Thaliense, no theatro da Rua dos Condes. D'ahi em diante, em Lisboa ou nas provincias, e n'estas por muito tempo, **Posser** não deixou mais de representar, desenvolvendo-se de peça para peça. Um bello dia, desejoso de mais caminhar, matriculou-se na escola dramatica do Conservatorio, onde bastante aproveitou; pois, digam o que disserem, emquanto existiu tal escola, todos os que por ella passaram, e tinham merito, tiraram resultado.

Depois d'isto **Posser** seguiu para a Figueira da Foz n'uma companhia em que eu tambem ia, assim como Leopoldo Carvalho, Maria Joanna, Pai Gil e outros. A historia interessante d'esta digressão tem tambem logar n'outro livro que tenho entre mãos.

De regresso a Lisboa, continuou representando nas sociedades de amadores, salientando-se muito no theatro do Aljube e principalmente no theatro Taborda. Ia tambem com amadores representar nos theatros publicos em recitas de beneficio. Foi assim que, antes de ser actor, adquiriu um nome prestigioso e uma bella reputação. Por essa epocha salientou-se elle nas peças: *Justiça,* de Camillo Castello Branco, *Homem de ouro,* de Mendes Leal, *O Mundo e o Claustro,* de Lino d'Assumpção, *Os Inuteis,* traducção, e principalmente na Trindade, fazendo o Luiz Fernandes da *Morgadinha de Valflor,* de Pinheiro Chagas e em D. Maria os *Lazaristas,* de Antonio Ennes, e os *Homens ricos,* de Ernesto Biester.

Quando Santos foi arremessado do theatro de D. Maria e a sociedade artistica do Gymnasio lhe abriu as suas portas, elle, querendo completar a companhia, contractou **Posser** com o ordenado mensal de cento e vinte mil réis. Nunca pessoa alguma entrára para o theatro em tão vantajosas condições. Isto era, além de proveitoso, honrosissimo para **Posser,** visto que a proposta partira de José Carlos dos Santos.

D'então até hoje, **Posser** tem conservado o seu bom nome de actor em innumeras peças, tem exercido com toda a proficiencia o cargo de ensaiador e tem dirigido technicamente os theatros da Rua dos Condes, Recreios, Principe Real, D. Maria e Trindade.

No Principe Real ficou de memoria a fórma por que poz em scena a *Tosca* de Sardou.

Em D. Maria tomou o supremo poder das mãos dos societarios, como salvaterio, e mais tarde resignou o cargo por questões de dignidade, que muito o honraram.

Carlos Posser faz actualmente parte da Sociedade de Artistas Dramaticos do theatro da Trindade.

1856 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, na magica *A Torre Suspensa* a actriz **Felicidade Perpetua Xavier.**

Por muitos annos **Felicidade** se conservou na Rua dos Condes, passando de empreza para empreza, fazendo papeis importantes sem se salientar em nenhum. Passou para o Principe Real e mesmo sob a direcção do actor Santos não conseguiu tornar-se notada.

Fez diversas digressões ao Brazil até que ultimamente lá casou e se conserva no theatro, representando *caracteristicas* como d'antes representava as *ingenuas* e as *damas galans.* É uma excellente creatura, que tem sabido viver no theatro sem inimizades.

1891 — Estreia-se no theatro da Trindade, no papel de Beatriz do *Boccacio,* a actriz hespanhola **Angela Peco.**

Vindo com uma companhia de zarzuela para o theatro Avenida, cá se deixou ficar, sendo contractada para o theatro da Trindade, onde se estreiou no *Boccacio,* entrando depois na *Sorte Grande,* traducção do *Jaleco blanco, Perichole, Moira de Silves, Miss Helyett, Guerra alegre* e *Gato Preto.*

Como se não salientasse em nenhuma peça, deixou a scena portugueza e começou a estudar musica com cuidado, partindo depois para Italia, onde já se estreiou com o nome de Angela Penchi.

3

1873 — Nasce em Alemquer a actriz **Adelia Soller.**

É filha do actor Alfredo Soller e da actriz Silveria, irmã de Barbara Volckart.

Ainda muito nova, fez parte da antiga companhia Soares, representando um vastissimo repertorio em quasi todos os theatros da provincia.

Em Lisboa estreiou-se no theatro da Trindade, a 22 de novembro de 1888, na comedia *Como se escolhe um genro.* Entrou depois nas peças: *Homem da bomba, Agua das Caldas, Boccacio, Piccolino* e *Orthographia.*

D'ahi foi inaugurar o theatro da Alegria, onde fez poucos papeis por terminar breve a empreza e passou para a Rua dos Condes, onde esteve durante 3 epochas, passando em seguida ao Gymnasio, onde se conserva ainda. Tem feito algum progresso, o que evidenciou nas comedias *Zaragueta, Corda bamba* e *Carteira de D. Pepito.*

1875 — N'esta data, a Grande Opera de Paris fecha as suas portas por terem adoecido, n'este dia, todos os seis tenores que tinha contractados e que eram: Villaret, Salomon, Sylva, Léon Achard, Bousquin e Vergnet.

Reinava na capital da França com toda a força a *influenza.*

1880 — Nasce no Porto a actriz **Luz Velloso.**

Representou como creança alguns papeis. Ainda não tinha completado 13 annos quando começou representando regularmente no theatro D. Affonso, empreza Coelho Ferreira. Passou depois para o theatro do Principe Real, empreza Taveira e com essa companhia foi ao Brazil. Ha duas epochas que voltou para o D. Affonso, onde faz parte da companhia de José Ricardo. É galante e intelligente, luctando apenas com uma voz aspera e desafinada, que bastante a prejudica.

Entre outros muitos, tem representado diversos papeis nas seguintes peças: *Porteiro do Inferno, Lampada maravilhosa, Dominó vermelho, Pão pão queijo queijo, Noivas d'Eneas, Cabo Simão, Kean, Causa celebre, Pescador de baleias, Testamento da velha, Ponte do Diabo, Mulher do pastelleiro, Filhos do Capitão-Mór, Doutora, Cossaca, Cigarra, Retalhos do Porto* e *Dois Garotos.*

4

1810 — Nasce em Lisboa **José Feliciano de Castilho.**

Homem de superior intelligencia e muita illustração, occupou cargos eminentes em Portugal e foi muito considerado no Brazil. Era irmão do grande poeta cego, **Antonio Feliciano de Castilho.**

O numero dos seus escriptos é importantissimo.

Como escriptor dramatico deixou as seguintes obras: *Os Estudantes de Coimbra ou um fidalgo como ha muitos,* comedia original em 5 actos; *Amor e morte,* drama original em 5 actos com prologo e epilogo; *A Precipitação,* drama original em 5 actos; *A Esposa da moda,* comedia original em 1 acto; *Pujol,* drama em 5 actos, imitação; *O Noivado em Paquetá,* drama lyrico em 2 actos, imitação; *A estreia de uma artista,* opera comica em 2 actos, traducção; *Brincar com fogo,* opera comica em 3 actos, traducção.

José Feliciano de Castilho era proprietario do antigo theatro do Gymnasio do Rio de Janeiro, que já hoje não existe.

Era n'esse theatro que trabalhava a companhia de Furtado Coelho. Por desintelligencias com **Castilho,** Furtado conseguiu edificar outro theatro melhor ao lado do Gymnasio. Esse theatro teve o nome de S. Luiz e tambem já não existe.

Conheci ainda os dois theatros em 1881. Eram acanhados e construidos em pessimas condições. Os espectadores, ao mesmo tempo que assistiam á representação, ouviam tudo que se passava nas duas ruas que cortavam os theatros; eram a rua do

Theatro e a rua 7 de Setembro. Muitas vezes uma scena, que precisava ser declamada em tom mais baixo, perdia-se completamente porque na rua passava uma d'aquellas enormes carroças de ferro que são vulgares no Rio e que nos atordoam os ouvidos. D'outras vezes o publico soltava estrepitosa gargalhada no meio d'uma scena altamente dramatica! E o caso não era para menos. Imagine-se um marido ultrajado, exclamar cheio de colera para a esposa traidora:

— Despedaçaste a minha honra, vaes ter o castigo que mereces!

— Perdão! oh! perdão! exclamava a esposa.

— Morrerás! continuava o marido offendido.

— Meu pae! meu pae! perdão para ella, que é minha mãe! acudia uma innocente.

Ao mesmo tempo ouvia-se na rua um preto gritar:

— «Vá empada de parmito e camarão! Tira p'rá acabá»!

Estava perdida a situação. Era impossivel representar em taes theatros. Tinham de acabar.

O Gymnasio ficou ainda celebre, porque nos seus ultimos annos era conhecido pelo *Gato Preto*, e alli se refugiavam muitos desordeiros afamados do Rio de Janeiro, capitaneados pelo pequeno Figueiredo, atrevido *capoeira*, filho do homem a quem ultimamente o theatro pertencera.

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha morreu no Rio de Janeiro a 11 de fevereiro de 1879.

1853 — Representa-se pela primeira vez no theatro de S. João, do Porto, a opera do maestro portuguez Francisco de Sá Noronha, **Beatriz de Portugal**, cantada pelo soprano Stella, tenor Bignardi, barytono Butti e baixo Marinozzi. A opera foi recebida com o maximo agrado.

1869 — Nasce em Vizeu a actriz **Maria Pinto**.

Quando, em 1891, fiz uma digressão com pequena companhia a Vizeu, vi alli representar n'uma recita a amadora **Maria Pinto**, que me pareceu ter bastante desembaraço e bonita voz. Salvador Marques ia abrir com difficuldade o theatro da Rua dos Condes por falta de pessoal. Aconselhei-o a escripturar **Maria Pinto**; acceitou o conselho e não se arrependeu. É ella artista modesta, mas bastante util n'uma empreza. Actualmente é contractada do actor José Ricardo no theatro D. Affonso, do Porto, e elle confessa que a actriz **Maria Pinto** lhe tem sido de grande vantagem. Conserva uma voz agradavel e o seu genero preferido é o das *soubrettes*.

1880 — Morre **José Guilherme dos Santos Lima**, de quem hei de tratar na data do seu nascimento, a 22 de junho.

5

1836 — Nasce em Lisboa o primoroso escriptor **João Ricardo Cordeiro Junior.**

Cursou a Escola Polytechnica, a Escola do Exercito de Lisboa e a Escola de Engenheria e Minas de Paris.

Era primeiro official do Ministerio do Reino. Homem de distincto caracter, afavel, honradissimo, possuia geraes sympathias.

Foi durante algum tempo jornalista; mas os seus melhores estudos e dedicados labores dirigiram-se principalmente á litteratura dramatica, onde conquistou um nome glorioso. As suas obras são todas de primeira ordem, verdadeiros modelos, quer na linguagem primorosa, quer no estudo dos personagens, das epochas e das paixões humanas. As suas traducções são tambem impeccaveis.

Escreveu as seguintes peças originaes, todas representadas no theatro de D. Maria:

Fernando, comedia-drama em 4 actos, *O arrependimento salva*, drama em 1 acto, *Amor e arte*, drama em 3 actos, *A Sociedade elegante*, comedia-drama em 5 actos, *Um cura d'almas*, drama em 3 actos, *Entre o jantar e o baile*, comedia em 1 acto, *A Fa-*

milia, drama em 5 actos, *Os paraizos conjugaes*, comedia em 2 actos.

Do romance de Octave Feuillet, *La Clef d'or* extrahiu uma peça em 5 actos *A chave de ouro*, que se representou no theatro da Trindade.

Traduziu as seguintes peças, que todas foram representadas no theatro de D. Maria: *Elogio mutuo* de Scribe, *Marion Delorme* de Victor Hugo, *O Capricho* de Musset, *Redempção* de Feuillet, *Beatriz* de Legouvé, *Uma dupla lição* e *Rosa Miguel*.

As comedias *Sociedade Elegante* e *Paraizos conjugaes* obtiveram premio.

João Ricardo Cordeiro Junior morreu a 12 de fevereiro de 1882.

1841 — Nasce em Lisboa **José Maria dos Passos Valente.**

Empregado da pagadoria do ministerio da fazenda, foi um amador dramatico distinctissimo, tem escripto anonymamente em diversos jornaes e tambem anonymamente tem traduzido algumas peças para os theatros do Gymnasio e Trindade. Lembro-me das seguintes: *O rascunho*, em 1 acto, *Revista homœopathica*, em 2 actos, *O senhor está no club*, em 1 acto, *As Amazonas de Tormes*, em 2 actos, *Tres noivos distinctos e um só verdadeiro*, em 1 acto.

1859 — Nasce o actor **Jorge Roldão.**

Roldão foi musico do regimento de infanteria n.º 16. Entrou para o theatro como musico da orchestra, passou a ponto e depois actor. Em 1886 começou representando pelas provincias. Em 1892 estreiou-se no theatro *D. Affonso*, do Porto, no drama *O Regimento*. Em 1894 estreiou-se em Lisboa, no theatro da Rua dos Condes na revista de Baptista Diniz, *Zás-Trás*, fazendo diversos papeis, em que muito agradou. Em 1895 passou para o theatro do Principe Real, sobresaindo logo no drama *O Segredo do padre*. Fez tambem alli com muitos applausos a parodia de *Esculapio*, *José João*, n'um papel todo viciado e em que cantava com grande exito um fado de sua composição. Em 1896 contractou-se no theatro da Trindade, debutando alli no papel de *Manjerico* da magica *Gata Borralheira*. Apezar da sua cara feia se não prestar a todos os papeis, é actor muito util. Actualmente está escripturado no theatro Carlos Alberto, do Porto.

1863 — Estreia-se no theatro do Gymnasio, na comedia *Prodigos e economicos*, o actor **Silva**, conhecido no theatro por **Silva (presilhas)**.

D'este actor já fallei na data do seu nascimento, a 2 de fevereiro.

1863 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria o drama em 5 actos *O Jogo*, original de Ernesto Biester, e proposto a premio. A peça foi em beneficio do actor Theodorico.

A critica não favoreceu a peça, mas o publico muito a applaudiu e concorreu a vêl a, seja dita a verdade, porque o desempenho era magistral. Tasso tinha lances em que era sublime; depois d'elle eram tambem admiraveis Delfina, Emilia Adelaide, Santos e Marcolino.

1881 — Inaugura-se o **Theatro Aveirense.**

O theatro é situado na praça municipal de Aveiro, junto ao Lyceu. O terreno foi comprado pela camara com o producto da venda de uma casa na rua dos Mercadores, que José Estevão alcançára do Estado para a edificação do theatro. A primeira pedra foi lançada em 1857. As obras não passaram n'essa occasião dos alicerces. Em 1869 organisou-se uma sociedade, que comprou o terreno á camara e acabou a edificação.

O theatro está em soffriveis condições e tem tamanho sufficiente para a terra.

A inauguração foi feita pela companhia do theatro de D. Maria.

1784 — Nasce **Antonio Xavier Ferreira d'Azevedo**, conhecidissimo escriptor dramatico.

Foi ajudante de seu pae no cargo de meirinho geral dos contrabandos. Foi tambem empregado do tribunal da Inquisição e depois escripturario do Deposito de viveres em Alcantara. Sem conhecimentos alguns, pois além da instrucção primaria, mal conhecia o hespanhol e o francez, por vocação natural começou escrevendo para o theatro, onde obteve grande popularidade. Era um engenho fecundissimo. Escreveu approximadamente cem peças, tendo morrido aos 30 annos!

As suas obras mais conhecidas são as seguintes: *A sensibilidade no crime*, drama em 3 actos, que Braz Martins amodernisou com o titulo de *Peccados da Mocidade*, e depois um tal Araujo estragou para a Rua dos Condes com o titulo de *Nuvem negra em ceu azul*; *Manuel Mendes*, a celebre farça que transplantaram já para o theatro moderno os srs. João de Mendonça e Julio Rocha; *Os doidos, Palafox em Saragoça, Roberto chefe de ladrões, Minas da Polonia, Santo Antonio livrando o pae do patibulo, Zulmira, Parteira anatomica, Frenesi das senhoras, A preta de talentos, Desertor francez, Mulher zelosa, Eunucho, Velho perseguido*, etc.

Antonio Xavier morreu a 18 de janeiro de 1814, victima d'uma phtisica, provocada pelos seus desregramentos amorosos.

7

1832 — Nasce em Paris **William Busnach.**

A principio empregado nas alfandegas, **William Bertrand Busnach**, dedica-se mais inteiramente ao theatro, escrevendo um numero extraordinario de peças. Citarei apenas algumas de maior successo: *Robinson Crusoé, Héloise et Abélard, Pomme d'Api, Liqueur d'or, La belle au bois dormant, Malle des Indes, Ko-si-ki, L'Assommoir, Bas de laine, Nana, Soucoupe, Pot-Bouille, Ventre de Paris, Mathias Sandorf, Germinal, Ali-Baba, Œuf rouge, Remplaçant*, etc.

William Busnach dirigiu durante dois annos o theatro do Atheneu.

1846 — N'esta data, em sessão plena do Conservatorio Real de Lisboa, foi lido o relatorio da commissão mixta, eleita para exame das peças apresentadas ao concurso, para abertura do theatro de D. Maria II. O relatorio foi approvado depois de breve discussão. Foi escolhida para peça de abertura, *Alvaro Gonçalves o Magriço e os Doze de Inglaterra*, drama historico original em 5 actos, por Jacintho Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro.

Possuo o original apresentado ao Conservatorio, escripto pelo proprio punho do auctor e competentemente rubricado em todas as folhas.

Tinham sido apresentadas ao concurso trinta e tres peças.

Além do *Magriço*, foram julgados dignos de se apresentarem ás provas publicas os dramas: *O poder do remorso* e a *Vespera de um desafio.*

Obtiveram menção honrosa as seguintes peças: *Ignez e Constança, Alcaide de Faro, Feiticeira, Geraldo Semsabor, D. Leonor de Mendonça, Herança do Barbadão* e *Alva Estrella.*

Foram rejeitadas as seguintes: *A Innocencia ás bordas do abysmo, Elisa, O Incognito, O Infante Santo, D. João de Castro na India, Uma demão de patriotismo, A Doutora, Os mysterios do theatro de S. Carlos, Gabriella, Condessa d'Athouguia, Nova Astrea, A orphã e o assassino, Cid-Achiu, D. Branca, Um episodio na Côrte de D. João III, D. Sancho II, A mina de Diu, Luiz de Camões, Os Castellãos d'Abrantes, O cura de Santo Aleixo, Os dois nobres, O governo de D. João de Castro na India* e *Que importa um dom!*

1888 — Estreia se no theatro da Trindade na opereta *A Cossaca*, o actor **Salles**.

Conservou-se alli até junho de 1892. Fez alguns papeis importantes, principalmente em substituições d'outros artistas. Era uma utilidade. Foi ao Brazil com a companhia do Principe Real em 1893 e por lá se demorou até 1896, fazendo muito pouco.

Regressou doente a Lisboa e aqui morreu.

1898 — Morre, em sua casa, na rua do Carrião, n.º 60, em Lisboa, o illustre general e distincto homem de lettras, drama-

turgo de primeira plana, **Joaquim da Costa Cascaes**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 29 de outubro.

1898—Recita de despedida da grande actriz **Reichemberg** na Comedie-Française. Foi expressamente a Paris para tomar parte n'este espectaculo a notabilissima actriz italiana Eleonora Duse, que representou com a sua companhia o 4.º acto da *Adrianna Lecouvreur*. Teve uma ovação indescriptivel.

A receita do espectaculo foi a maior que alli se tem feito, pois subiu a 46:000 francos.

8

1849—Nasce **Carlos Borges**.

Aos 18 annos entrou na politica. Ouviram-n'o todos na antiga praça do Campo de Sant'Anna, no celebre *meeting* de 1867, orando brilhantemente ao lado de José Elias Garcia e do conego Castello Branco. O povo fez-lhe uma enorme ovação. Esperto como é, não se deixou illudir. Voltou as costas á politica, que tentava seduzil-o, e tomou por tres caminhos diversos, o do professorado, que exerce, o do commercio, que parece ter abandonado, e o do theatro, que é a sua paixão predilecta.

O publico de Lisboa deve a **Carlos Borges** o ter trazido pela primeira vez a Lisboa a grande actriz Sarah Bernhardt e a prodigiosa actrizinha Gemma Cuniberti.

Foi **Carlos Borges** quem organisou uma companhia portugueza e conseguiu fazel-a representar n'um dos primeiros theatros de Madrid. D'essa companhia faziam parte, entre outros, os seguintes artistas: Taborda, Lucinda Simões, Antonio Pedro, Barbara, Furtado Coelho, Jesuina, Valle, Lucinda do Carmo, Cesar de Lima, Beatriz, Polla, Maria das Dores, Leopoldo, Montedonio, Gil, Diniz, etc.

Tambem tem escripto muito para o theatro, **Carlos Borges**. As suas peças não são originaes, mas ha um trabalho difficillimo, que elle faz perfeitamente, é extrahir um drama d'um romance. Qne o digam os *Fidalgos da Casa Mourisca*, o *Bobo*, o *Arco de Sant'Anna* e o *Sello da roda*.

As suas traducções são innumeras; pódem ser melhor ou peior escolhidas as peças, algumas têem mesmo cahido, mas a culpa é do auctor ou do desempenho, porque a verdade é que as traducções de **Carlos Borges** são sempre correctas.

1855—No theatro da Rua dos Condes, na comedia de costumes *As Criadas*, de Joaquim Augusto d'Oliveira, estreia-se a actriz **Josephina Cordal**.

Da Rua dos Condes passou para o Gymnasio, onde fez papeis importantes durante alguns annos, indo mais tarde para o Brazil. Alli a encontrei, em S. Paulo, em 1882, e mais tarde no Rio de Janeiro, onde creio que ainda vive. Tinha abandonado a carreira theatral.

Que esta actriz conseguisse agradar no Gymnasio, era dos taes milagres que sabia fazer o ensaiador Romão. Era a **Cordal** baixa, deselegante, feia e até fanhosa.

9

1842—Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes, o magnifico drama **Alfageme de Santarem**, de Almeida Garrett.

1842—Nasce em Lisboa a distincta actriz **Amelia Barros**.

Representou pela primeira vez no antigo theatro Esperança, do Funchal, com um grupo de amadores, no drama *Cynismo, Scepticismo e Crença*, de Cesar de Lacerda, e na comedia *Entre a bigorna e o martello*, de Paulo Midosi. Seguindo d'alli para os Açores, estreiou-se no theatro Michaelense, de Ponta Delgada, no drama *Os homens ricos*, de Ernesto Biester. Muitos annos se conservou nas ilhas, até que um dia se resolveu a vir tomar o logar que de direito lhe pertencia nos theatros do continente.

Debutou no Porto, no theatro do Principe Real, na opereta de Cardim, *Joanna do Arco*. Fez ahi uma bella epocha.

Vindo para Lisboa em 1876, estreiou-se

no theatro da Trindade, a 7 de setembro, na comedia em 1 acto, *Um favor ao Procopio*. De então até hoje a carreira artistica de **Amelia Barros** tem sido magnifica.

Para citar as peças em que se tem distinguido, seria preciso enumeral-as todas; apontarei apenas algumas em que foi verdadeiramente notavel: *Giroflé-Giroflá*, *Almas do outro mundo*, *Graziela*, *Barba Azul*, *Duende*, *D. Juanita*, *Boccacio*, *Niniche*, *Cigarra*, *Gato Preto*, *Moira de Silves*, *Burro do sr. Alcaide*, *Sal e Pimenta*, *Fada do amor*, *Gata Borralheira* e *Em pratos limpos*.

Amelia Barros foi ao Brazil, onde a receberam com a maior admiração e festejaram como merecia.

1843 — Na cidade de S. João do Principe, antiga provincia do Rio de Janeiro, nasce o actor **Peregrino**.

Peregrino Lemos de Menezes, filho de paes pobres, apenas recebeu rudimentos de instrucção primaria. Na impossibilidade de seguir a carreira de marinha, que muito desejava, começou aprendendo a arte lythographica, passando pouco depois para marcador da Capatazia da Alfandega e ainda empregado na Typographia Naciocional.

O seu unico divertimento era o theatro. Alli se distrahia e alli procurava instruir-se, porque n'esse tempo o theatro do Rio de Janeiro era mui diverso do de hoje.

O escriptor brazileiro, sr. Dias da Silva Junior, diz: «Então o theatro era um tem-«plo e não um antro de *cancanistas;* era o «tabernaculo da arte e não um museu plas-«tico para exhibição. de fórmas e bellezas «naturaes, onde arlequins exhibem trua-«nesca e parva graçola e d'onde foi banido «tudo, mesmo o idioma patrio.»

Em 1859, **Peregrino**, apaixonado pelo theatro, abandonou antigas occupações e fez-se actor, na companhia que dirigia então Manuel Di-Giovanni, estreiando-se com felicidade no papel de Artur de Sevry no drama, *A Graça de Deus*.

Vinte e dois annos depois, em 1881, vi-o eu pela primeira vez representar e foi ainda n'esse papel.

No Rio continuou representando e conseguiu salientar-se no theatro do Gymnasio, na parte de Antonico do *Phantasma Branco*.

Seguiu depois para a companhia de Domingos Martins de Sousa, que estava em Santos. Percorreu com ella diversas terras, fazendo *à la diable*, centros, galans, comicos, tudo.

Recebeu convite de Furtado Coelho para fazer parte da sua companhia. Acceitou immediatamente, porque via n'elle um bom mestre e voltou para o Rio. Ahi foi consagrado artista e d'essa data em diante teve uma carreira brilhante. Notam-se como seus principaes papeis o *Raphael*, de Ernesto Biester, *Pedro*, de Mendes Leal, *Dr. Darcy* do *Cégo*, o *Abbade* dos *Homens do Campo*, *Martin* na *Lucia Didier*, *Camões e o Jáu*, de Casimiro d'Abreu e ainda nas peças: *Mineiros da Desgraça*, de Quintino Bocayuva, *Intimos*, *Pae d'uma actriz*, *Fortuna e Trabalho*, *Dalila*, *Abel e Caim*, *Mulheres de marmore*, *Dama das Camelias*, *Demonio do Jogo*, *Probidade*, *Joias de Familia*, *Mysterios sociaes*, *Miseraveis*, *Mestre Jeronymo*, *José do Telhado*, *Medico das creanças*, *Piperlin*, *Botija*, *Estatua de carne* e principalmente no *Luiz XVI* da *Maria Antonieta*.

Na primeira companhia que organisei no Rio de Janeiro, em janeiro de 1882, no theatro do Principe Imperial, hoje theatro das Variedades, tive como um dos primeiros artistas o bom do **Peregrino**. Como ensaiador e como emprezario admirei o seu talento e o seu caracter. Infelizmente uma terrivel doença fez com que abandonasse o theatro, o que muito senti.

Sob a minha direcção fez notavelmente o papel de *Erro* no *Espelho da Verdade*, o de *Conde* na *Archiduqueza*, de *Mestre de dança* no *Periquito* e ainda outros.

Era casado com a actriz Jesuina Montani.

Falleceu no Rio de Janeiro, a 20 de Janeiro de 1885, ás 8 horas e 20 minutos da noite. Está sepultado no cemiterio do Cajú.

1852 — Nasce o actor **Manuel dos Santos Oliveira**.

Como quasi todos os actores, pagou o seu tributo nas sociedades de curiosos.

Depois de ser demolido o velho theatro da Rua dos Condes e antes de ser construido o actual, esteve n'aquelle local armado um theatro-barraca, feito de madeira, e a que chamavam Chalet da Rua dos Condes. Essa barraca fôra transportada para alli da Calçada do Salitre e anteriormente de Belem. Pertencia a um individuo de nome Manuel José d'Araujo, dono de um guarda-roupa que ainda hoje existe na rua nova da Palma. Por este facto é ainda hoje conhecido pelo Araujo do Chalet. Tinha sido ourives, depois actor mediocre e chegára a negociar nas feiras com barraca de comidas e bebidas. Associado a outro individuo, conseguira construir o Chalet, que mais tarde ficou sendo seu. A collocação d'esse Chalet na Rua dos Condes, as peças populares de Jacobetty e dois actores comicos muito populares, conseguiram dar ao citado Araujo uma rasoavel fortuna.

Os dois actores comicos a que me referi, eram o Joaquim Silva, de quem hei de escrever na data do seu nascimento, a 11 de dezembro, e o **Oliveira**, de quem estou tractando.

Foi no Chalet da Rua dos Condes que elle debutou, a 26 de julho de 1884, fazendo o papel de jardineiro na magica de Jacobetty, *A Sombra do Rei*. **Oliveira** agradou immensamente.

Fez ainda alli outros papeis com muito agrado, mas principalmente se salientou no Zé Povinho da revista *O Microbio*, tambem de Jacobetty.

Em 1888, **Oliveira** foi fazer parte da Companhia que inaugurou o theatro Avenida, e como a empreza quebrasse, partiu para o Porto, onde se estreiou no theatro Chalet, na preça phantastica *O Espelho da Verdade*. Fez depois ahi com muito applauso os primeiros papeis do repertorio até que voltou para Lisboa. Aqui contractou-se no theatro da Trindade, estreiando-se no *Brazileiro Pancracio* e fazendo ahi uma epocha feliz. Regressou ao Porto para o theatro D. Affonso, passando agora a ser director-gerente e socio da empreza que abriu o novo theatro Carlos Alberto, na praça do mesmo nome.

Oliveira é honesto, trabalhador e tem recursos artisticos.

1861 — N'esta data, n'uma recita extraordinaria dada no theatro do Gymnasio, representa o nosso grande Taborda na opereta **Simbah le marin**, com a cantora Dargis, que viera como cançonetista para o Café Concerto, então estabelecido no Passeio Publico. Foi esta cantora que, em certa noite, estando a cantar. ia morrendo queimada por se lhe incendiarem as saias de gaze na luz da ribalta.

10

1826 — Nasce na freguezia de Beijos bispado de Vizeu, o actor **Simões**.

José Simões Nunes Borges foi musico do batalhão de Caçadores 2. Entrou para uma sociedade de amadores, representando pela primeira vez, em 12 de junho de 1845, no theatro das Escolas Geraes, no drama *Joanna de Flandres* e na farça *O Enredador*. Na recita seguinte encarregou-se do papel de Padre Francisco Cabral no drama *O Captivo de Fez*. N'esta recita desempenhava o papel de dama, Condessa de Tentugal, o actor Izidoro, que assim fez a sua estreia como amador.

A revolução de 1846 fez com que **Simões** seguisse para o Porto, interrompendo o seu divertimento predilecto. Por lá andou ao serviço da Junta do Porto, sob as ordens do Conde das Antas, sendo aprisionado com toda a divisão a 30 de maio de 1847, dando entrada na torre de S. Julião a 4 de junho e em seguida deportado para Peniche. Regressou a Lisboa em agosto, ficando em Caçadores 2, que se formou em Cascaes com o resto dos recrutas do deposito da Graça. Mais tarde seguiu com o batalhão para a Guarda, onde se demorou oito mezes.

Voltando para Lisboa em 1849, tratou de reorganisar a sociedade dramatica com os mesmos elementos e levou a effeito uma recita no theatro do Cascão, com um dra-

ma *Julio assassino*, original do socio Conceição, que era a primeira dama da sociedade. Assistiram a esta recita os notaveis actores Epiphanio e Victorino, que aconselharam **Simões** a seguir a carreira dramatica. Deu baixa a 17 de abril de 1850 e entrou como discipulo para D. Maria, estreiando-se a 9 de julho d'esse mesmo anno no drama *Herdeiros do Czar*. N'essa noite estreiaram-se seis discipulos, entre os quaes Santos, Cesar de Lima e Faria.

Sahiu de D. Maria logo em seguida para fazer parte da sociedade que se organisou para o theatro de D. Fernando e que se inaugurou a 27 de julho com a opera comica *Barcarola* e a comedia de Duarte de Sá, *Trabalhos em vão*. Foi fazendo pequenos papeis até que, a instancias de Emilio Doux, lhe deram a importante parte do Morgado d'Agualva na comedia *Uma hora no Cacem*, tambem de Duarte de Sá. Em 83 recitas consecutivas que a peça teve, nunca **Simões** deixou de ser chamado e muito applaudido, ao sair da scena 2.ª, passada entre elle e Anna Cardoso. Com a companhia do D. Fernando fez **Simões** uma digressão pelo Alemtejo até Badajoz.

De volta a Lisboa, foi logo contractado pelo então commissario regio, Sebastião Ribeiro de Sá, para o theatro de D. Maria, onde esteve desde outubro de 1853 até 30 de novembro de 1854, agradando ahi em bastantes papeis e principalmente na substituição que fez de Victorino no *Camões do Rocio*.

A 18 de Dezembro de 1854 estreiou-se no theatro da Rua dos Condes nas comedias que já fizera em D. Fernando, ambas de Duarte de Sá, *Trabalhos em vão* e *Um par de mortes ou a vida d'um par*. A 12 de janeiro de 1855 entrou na magica de Pessoa, *A Romã encantada*. Logo depois fez o drama biblico *Samsão*, original de José Romano. Estas duas peças tiveram centos de representações ambas na mesma noite! **Simões** adquiriu n'esta epocha uma enorme popularidade e teve peças em que foi festejadissimo. Porque quasi todas as noites me levavam áquelle theatro, ainda nas minhas reminiscencias de creança me recordo da *Torre suspensa, Josephina a costureira, Feio de corpo e bonito d'alma, 29 ou honra e gloria, Feiticeiro de Karnak, Tribulação e ventura, Anjo Maria, Cerco de Badajoz, Tres inimigos d'alma, Má cara e bom coração, As criadas, Manél d'Abalada, Zé Cosme o varredor*, etc.

A 28 d'agosto de 1858 estreiou-se **Simões** no theatro do Gymnasio na comedia *D'estes ha poucos*, de Mendes Leal (Antonio). Teve aqui a sua epocha brilhante o nosso artista em innumeras peças; mas principalmente no Manuel Escota da *Probidade*, no Christovão do *Trabalho e honra*, no João Maria dos *Filhos dos Trabalhos*, no 33 da *Aristocracia e dinheiro*, no *Mestre Jeronymo*, no *Tio Braz*, no *Cabo Simão*, nas *Trevas e luz*, nas *Georgianas*, etc.

Quando em 1860 o notavel actor brazileiro João Caetano veiu a Lisboa, viu representar **Simões** e immediatamente o contractou, partindo ambos para o Rio de Janeiro a 14 de janeiro de 1861 e chegando alli a 3 de fevereiro. **Simões** estreiou-se no Rio, no theatro de S. Pedro, a 26 fevereiro, na *Probidade*, e na poesia *O tio Matheus*.

No Brazil foi recebido **Simões** com tanto agrado que lá voltou mais oito vezes e demorando-se bastante. Falla com saudade das terras de Santa Cruz, onde foi tão festejado do norte ao sul por brazileiros e portuguezes.

Com mais de 70 annos, ainda hoje **Simões** está rijo e com bella apparencia. Raras vezes apparece no palco e, seja dita a verdade, fazendo grande differença do que foi. A geração moderna, em geral, avalia-o mal, julgando-o, sem ter tido occasião de apreciar o seu trabalho.

1845—Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes a comedia-drama **D. Antonio de Portugal**, escripta por José da Silva Mendes Leal Junior. A peça na primeira noite provocou questões na platéa entre os que applaudiam e os que pateavam. As opiniões da imprensa tambem divergiram. O que ficou averiguado foi que o entrecho da peça e a maioria das scenas eram do *D. Cesar de Bazan*, que já se tinha dado no Salitre com o titulo de *Rei e Aventureiro*.

Resultava isto de Mendes Leal trabalhar prodigiosamente. Em menos de quinze dias, além do **D. Antonio de Portugal**, deram-se mais duas peças suas, o drama *Pobre das ruinas* e a comedia em musica *O Caçador do Minho.*

1867 — Morre a actriz **Maria da Gloria**, que foi bailarina de S. Carlos, entrou como actriz para o Gymnasio em 1847 e mais tarde esteve em D. Maria.

Tinha muito merecimento, o que logo revelou quando pela primeira vez, a 1 de agosto de 1847, fez a Maria do *Frei Luiz de Sousa,* no Salitre.

Quando morreu havia muito que abandonára o theatro.

1872 — Recita de gala no theatro de **S. Carlos**, a que assistiram os Imperadores do Brazil, então de passagem em Lisboa. Foi cantada a opera *Martha* pelos artistas: Harris, Vogri, Stagno, Miller e Reduzzi. Foi tambem a dança *O Sonho de Venus*, de Garbagnati, em que entravam as bailarinas Pinchiarra, Broggio e Barris, e os bailarinos Barrachi e Barbary e o mimico Ruby.

A empreza Cossoul & C.ª, aproveitando a influencia que havia para este espectaculo, abriu uma assignatura de seis recitas, em que era comprehendida a de gala, e fez assim optimo negocio.

1872 — No theatro das Variedades, empreza Cesar de Lima, na minha magica *O Diadema de Fogo* estreia-se o actor **Soccorro**, que pouco depois passou para o Gymnasio, onde chegou a fazer com muito agrado papeis importantes. Morreu muito novo, em 1889.

1875 — Morre no Porto o actor **Manuel Devechy**, filho da actriz Gabriella. Era ainda muito novo e demonstrára bastante merecimento em diversos papeis que desempenhára no Gymnasio e Rua dos Condes.

1888—Primeira representação no theatro de S. Carlos da opera **Dona Branca** de Alfredo Keil. D'este maestro fallarei na data do seu nascimento, em 3 de julho.

1891 — Morre em Lisboa, no hotel em que estava hospedado, na rua de Santo Antão, o maestro **Alves Rente**, que viera com a sua companhia portuense dar alguns espectaculos no Real Colyseu.

Do maestro **Rente** tratarei na data do seu nascimento, a 6 de setembro.

11

1856 — Em beneficio do actor Rosa (pae) representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria o drama em 5 actos, **A Pobreza envergonhada**, feito por José da Silva Mendes Leal sobre o drama francez *Les pauvres de Paris.*

Os programmas d'esta recita apresentam uma gravura, o que mostra que ha mais de quarenta annos já os bonecos serviam de *réclame* aos espectaculos, de mais a mais no theatro normal e na festa de um dos nossos primeiros actores.

O drama **Pobreza envergonhada** fez epocha em Lisboa. Muita gente ia ao theatro para ver cobertas de copioso pranto todas as damas que enchiam os camarotes, quando se chegava á tentativa de suicidio no ultimo acto, scena admiravelmente representada por Josepha Soller e Carlota Talassi.

1869 — Morre o actor **Alves** (primeiro marido da actriz Carlota Velloso).

Este actor, que nascera no Porto em 1841, estreia-se n'aquella cidade, aos 11 annos d'edade, e, ahi e em Coimbra, continuou a sua carreira, vindo representar a Lisboa, no theatro das Variedades, no anno de 1863. Apesar da voz batida e desagradavel que possuia, conseguia agradar, porque tinha realmente merito. No theatro das Variedades, o seu principal papel foi o de D. Telesphoro, no drama *Carlos III ou a Inquisição de Hespanha.* Fazia tão ao vivo o tyranno e hypocrita jesuita, que o publico ingenuo, cheio de indignação lhe

dava todas as noites tremenda pateada, que elle vinha agradecer muito commovido.

Alves fez por muito tempo, no Porto, os *galans* nas companhias dirigidas por Emilia das Neves.

Morreu contando apenas 28 annos de edade.

12

1808 — N'esta data o Intendente Pina Manique manda expulsar do reino as figurantes dos theatros e as bailarinas que não fossem casadas!

Que trabalho teria hoje a policia para cumprir taes ordens e como poderiam obter pessoal os theatros!

1865 — Nasce em Elvas a actriz **Umbelina.**

Representou pela primeira vez **Umbelina Antunes**, a 24 de junho de 1886, no Rio de Janeiro, no theatro Recreio Dramatico, estando alli a funccionar a companhia do theatro de D. Maria. Fez o papel de *sr.ª Calmeron* na *Estrangeira*. Representou ainda alli alguns papeis de pequena importancia, mostrando, porém, vocação para a scena.

Regressando a Lisboa, aqui não trabalhou durante uma epocha.

Em junho de 1887, voltou ao Rio de Janeiro com a mesma companhia e alli representou na *Clara Soleil, Nadadoras* e outras peças.

Regressando de novo a Lisboa, assignou contracto com a empreza de D. Maria, estreiando-se a 22 de outubro de 1887, na comedia *Um Parisiense*, em que bastante agradou. Salientou-se tambem nas seguintes peças: *Os velhacos, Deputado de Bombignac, Guerra em tempo de paz, Surprezas do divorcio, Mulheres nervosas, Mãe de minha mulher, Lucta pela vida, Fim de Sodoma* e *Griselia.*

Era um talento promettedor; o theatro perdeu bastante com a sua morte, que teve logar a 15 de outubro de 1892, tendo apenas 27 annos de edade.

Era casada com o actor Augusto Antunes.

1869 — Morre o magnifico actor **Marcolino,** de quem escreverei na data da sua estreia, a 26 de maio.

1892 — Estreia-se na Trindade, na opereta *A menina do telephone*, a actriz **Augusta Cordeiro.**

Quando em 1884 ensaiei no demolido theatro dos Recreios algumas operetas e entre ellas a *Archiduqueza*, de Offenbach e o *Periquito*, de Alvarenga, havia n'aquelle theatro um galante grupo de coristas, que na *Archiduqueza* eram pequenos granadeiros e no *Periquito* endiabradas educandas. N'esse grupo salientava-se uma, cá fóra mais comedida, mas na scena mais graciosa, elegante e viva. Chamava-se **Augusta**. Um bello dia desappareceu do theatro sem nada dizer. Constou-me depois que fôra para a provincia n'uma companhia organisada pelo antigo emprezario Pinto Bastos, que era tambem um habil prestidigitador. Nunca mais ouvi fallar n'ella. Ao findar a digressão Pinto Bastos, deixou-se ella ficar no Algarve e alli representava com amadores, que sempre os tem havido por lá distinctos.

Um dia annuncia-se na Trindade *A menina do telephhone* e de mais a mais com o estimulante da estreia de uma actriz com voz, o que já n'aquelle tempo tanto escasseiava. Corri á Trindade. Estava-me agradando a peça, que, pelo exito que tivera em Paris e pelos *compte-rendus*, de antemão eu sabia que era boa. O que me espantava era a estreiante, que, além de representar bem o seu papel e cantar com afinação, parecia conhecer a scena como os seus dedos. Attentei bem n'ella. A cara não me era desconhecida; a voz egualmente. Perguntei aos que se davam com os artistas do theatro d'onde viera aquella rapariga. Todos me respondiam que do Algarve. Intrigava-me. Depois veiu um raio de luz. No Algarve tinha-a deixado o Pinto Bastos; ella era natural de Santarem e nada mais nem nada menos que a **Augusta** que eu nos Recreios tivera como corista.

O progresso era espantoso. De mais a

maïs o papel que lhe haviam dado para estreia ficava-lhe que nem uma luva! parecia escripto para ella, para a sua voz, para a sua indole, para o seu feitio!

Isto fez-lhe mal. O publico ficou esperando immenso da nova actriz e nunca mais se satisfez. A actriz tem-lhe agradado n'alguns papeis; mas entende que ella anda sempre para traz, porque nunca mais teve papel que tão bem pudesse adaptar ao seu feitio artistico.

Apesar de tudo, foi muito acceitavel na Trindade no desempenho dos papeis do *Tio Celestino, Côrte do Rei Pimpão, Ponte do Diabo, Viagem do Rei Carrapato, D'Artagnan, Tres dias na Berlinda, 28 dias de Clarinha* e *Burro do sr. Alcaide.*

Da Trindade sahiu para o theatro de D. Maria, onde tem tido diversas questões, poucos papeis e nenhum progresso.

Foi já por duas vezes ao Brazil, onde o publico a recebeu sem enthusiasmo, mas com agrado e sympathia.

13

1891 — Morre em Paris, **Théodore de Banville**, um dos mais notaveis poetas francezes e talvez o ultimo da gloriosa escola romantica, a que pertenceram Victor Hugo, Baudelaire e Theophilo Gautier.

Banville morreu com 68 annos.

O theatro deve-lhe magnificas peças em verso, entre as quaes *Gringoire*, que Coquelin representou em Lisboa, e *Socrate et sa femme*, que, traduzida por José Ignacio d'Araujo, se representou no theatro de D. Maria.

1895 — Morre o actor-imitador, **Trindade.**

Era filho do conhecido medico Trindade da freguezia de S. Paulo. Imitava com perfeição alguns dos nossos primeiros artistas e foi com essa habilidade, que outro nome não tem, que pela primeira vez se apresentou ao publico no theatro do Principe Real, em 1870. Continuou fazendo imitações, chegando a representar na Trindade todo o papel do *Rei Bobeche*, do *Barba Azul*, imitando o actor Izidoro.

O actor Cesar Lima, quando tomou a empreza do theatro das Variedades, contractou Trindade, que nenhum trabalho fazia regular.

Depois d'este desengano, partiu para as provincias, que percorreu, fazendo imitações e annunciando espectaculos completos de dramas, tragedias e comedias, que elle *só* representava.

Morreu d'uma phtisica de larynge.

14

1881 — Notavel concerto no salão nobre do theatro de D. Maria pelo celebre pianista **A. Rubinstein**, escripturado para vir a Lisboa pelo emprezario Amann. O notavel artista deu apenas um concerto por ter chegado a noticia do assassinato do Imperador Alexandre, da Russia. Por maiores que fossem as instancias, não quiz ceder, partindo immediatamente. Houve muito quem ficasse convencido de que a morte do Imperador fôra apenas um pretexto, pois que o artista ficára desapontadissimo pela falta de concorrencia ao seu primeiro concerto, o que nunca lhe acontecera em parte alguma do mundo.

Effectivamente era preciso que em Lisboa houvesse muita falta de gosto pela musica e pouca consideração pelos grandes artistas, para se deixar quasi vasio um pequeno salão, ao annunciar-se a estreia de uma notabilidade europea da estatura artistica de **Rubinstein**!

1883 — Depois de uma anciedade de annos, e quasi uma vergonha para a nossa scena lyrica, que desconhecia completamente a maior organisação musical do seculo, Ricardo Wagner, canta-se pela primeira vez em S. Carlos a celebre opera **Lohengrin**. O desempenho foi magistral por parte de Giuseppina De-Reszké, Pasqua, Barbaccini, Aldighieri, Eduardo De-Reszké e Navarini. Ensaiou a opera o maestro Dalmau.

1891 — Primeira representação no theatro de D, Maria, do drama historico em 5 actos, em verso, **Alcacer-Kibir**, original de

D. João da Camara, de quem hei de fallar na data do seu nascimento, em 27 de dezembro.

15

1820 — Nasce **José Maria Martins**, porteiro da caixa do theatro de D. Maria desde a sua abertura e que já fôra porteiro da caixa do theatro da Rua dos Condes antes de se abrir. Era um homem honestissimo, que tinha dado entrada no theatro a diversas gerações d'actores e que os conhecia como ninguem. Ha scenas curiosas e engraçadas, passadas com elle e que terei de narrar no livro, *Typos do theatro.*

Falleceu a 25 de outubro de 1897.

1855 — Nasce o actor **Joaquim Ferreira.**

Quando em 1876 tomei pela primeira vez de empreza o theatro da Rua dos Condes, emquanto ensaiava a peça d'abertura, appareceu-me a direcção d'uma sociedade de curiosos, que tinha a sua installação n'um theatrinho da rua dos Cegos, e alugou-me o theatro para dar um espectaculo. Assisti á recita. Representava-se o drama de Baptista Machado, *Gaspar o serralheiro,* e mais uma comedia de que me não lembra o titulo. Em geral achei maus os curiosos, mas havia dois que me pareceu terem disposição para a scena. Tratei de os chamar e immediatamente contractal-os. Um chamava-se Freitas; era muito doente, mas tinha realmente merito. Trabalhou com immenso agrado tres ou quatro mezes, e, no dia seguinte áquelle em que representou pela ultima vez, morria phtisico. Perdeu-se n'elle um bom actor. O outro era o **Joaquim Ferreira**; tinha uma voz aflautada, mas sua graça e não dizia mal. Descobri que ainda era meu segundo primo e tratei sempre de fazer d'elle o mais que pudesse.

Não é homem para grandes commettimentos, não chegará nunca a notabilidade, mas tem bastantes recursos, e, quer representando drama ou comedia, opereta ou revista, agrada sempre e é festejado. É o que se chama uma boa utilidade. No Brazil tem immensa popularidade. Tem para lá talvez dez ou doze viagens, com companhias diversas e sempre com successo crescente.

Em Lisboa tem representado em todos os theatros, com companhias de todos os generos, tornando-se sempre utilissimo e applaudido. Nunca lhe faltou nem ha de faltar theatro, pela sua utilidade, pelo seu valor e principalmente pela sua modestia. Nunca é exigente. Ganha sempre com isso. O repertorio de **Joaquim Ferreira** é enorme; não ha genero em que não tenha entrado. Tragedia, drama, alta comedia, farça, magica, vaudeville, opereta, revista... em tudo elle é util e ainda não fez má figura.

1856 — Recita extraordinaria no theatro de S. Carlos em beneficio dos pobres do Algarve. Era sabbado d'Alleluia e n'essa epocha os espectaculos eram prohibidos em todas as sextas feiras da quaresma e em toda a Semana Santa, desde domingo de Ramos, inclusivè, até domingo de Paschoa, tambem inclusivè. Obteve-se uma licença especial do governo e do patriarcha, o que foi concedido em attenção ao fim a que era destinado o producto da recita.

Póde calcular-se a enorme enchente, não tendo havido espectaculos nos seis dias anteriores e n'aquelle dia havendo só esse. Demais a mais tomavam parte no espectaculo artistas de todos os theatros. Assim, a companhia de D. Maria representou o drama *O homem do mundo;* a companhia franceza, que tambem estava em D. Maria, representou a comedia *Gardèe à vue;* a companhia do Gymnasio deu a comedia de grande successo *Mariquinhas a leiteira,* e Braz Martins recitou a poesia de Mendes Leal, *Caridade e gratidão:* a companhia da Rua dos Condes fez-se representar pelo seu primeiro actor, Simões, desempenhando a scena comica, que estava na moda, *Manél d'Abalada:* a companhia de S. Carlos cantou o 3.º acto da opera *Marco Visconti* e dançou *Um divertissement* e diversos passos; Guilherme Cossoul tocou harpa e o seu novo instrumento de madeira e palha; Saint-Léon tocou rebeca, e Meumann

orgão-harmonium. Foi uma noite cheia de alegrias para os pobres e festa para os artistas.

1867 — Morre a velha actriz **Trindade**, que na escóla antiga teve nome. Foi primeira actriz no theatro do Salitre.

1867 — No mesmo dia da anterior, morre tambem o actor **Manuel Francisco Corrêa.**

Corrêa era um rapaz intelligentissimo. Traduziu muitas peças. Esteve sempre no theatro de D. Maria, onde desempenhava com toda a correcção os papeis de segundos galans. Nunca conseguiu agradar, porque, na verdade, era feio e antipathico. No theatro não deixou grande lacuna; no publico não deixou saudades; mas os collegas, que melhor o conheciam, sentiram bastante a sua perda.

1887 — Estreia-se no theatro Chalet, do Porto, a actriz **Thereza Mattos.**

Este theatro, que hoje se chama da Trindade, inaugurára-se em 27 de novembro de 1886.

Na magica intitulada *O Diadema Mysterioso*, representada pela companhia Dallot, a que pertencia, se estreiou a actriz **Thereza Mattos.**

D'ahi foi contractada por Cyriaco Cardoso para o theatro Baquet, passando depois para o Principe Real.

Era então conhecida por **Thereza Prata** por ser casada com o ponto do theatro, o Prata, que, no incendio do Baquet, depois de estar salvo, voltou ao meio das chammas para procurar sua mulher, ficando horrivelmente queimado. Tempos depois separou-se d'elle a actriz **Thereza Prata** e por isso voltou a chamar-se **Thereza Mattos**, ficando ella só contractada na companhia do actor Taveira.

1896 — N'esta data de perdas pouco sensiveis, ha tambem a registrar a morte do actor **Assumpção.** Esteve por muito tempo no Gymnasio como societario. Era um actor mediocre, acanhado, sem dote algum que o recommendasse e a prejudical-o ainda a má figura e o ser cego d'um olho.

Ainda assim, teve um papel em que agradou, um fadista que fazia no drama de Cesar de Lacerda, *Os Filhos dos trabalhos.* Repetia sempre umas coplas que cantava no fado.

16

1826 — Nasce em Lisboa o grande romancista **CAMILLO CASTELLO BRANCO,** que mais tarde teve o titulo de **Visconde de Corrêa Botelho.**

Não cabe aqui fallar largamente do abalisado, erudito e fecundissimo litterato.

Tenho apenas que apresental-o como escriptor dramatico. Foi n'este genero que menos brilhou a sua penna illustre; mas ainda assim nas suas obras de theatro, se por vezes, n'algumas peças escasseiam as qualidades theatraes, n'outras ha sentimentos altamente dramaticos, sempre uma linguagem brilhante e castiça e de quando em quando a phrase engraçadissima da genuina comedia portugueza.

Eis a lista das peças que deixou:

Poesia ou dinheiro, drama em 2 actos, *Pathologia do casamento*, drama em 3 actos, *O Marquez de Torres Novas*, drama em 5 actos, *Agostinho de Ceuta*, drama em 4 actos, *Justiça*, drama em 2 actos, *Espinhos e flores*, drama em 3 actos, *Purgatorio e Paraizo*, drama em 3 actos, *O Morgado de Fafe em*

Lisboa, comedia em 2 actos, *Abençoadas lagrimas,* drama em 3 actos, *O ultimo acto,* drama em 1 acto, *O Morgado de Fafe amoroso,* comedia em 3 actos, *O Condemnado,* drama em 3 actos, *O Assassino de Macario* (imitação), em 3 actos.

Nos ultimos annos da sua vida **Camillo Castello Branco**, torturado por desgostos e pela cegueira, viveu retirado em S. Miguel de Seide, e alli se suicidou no dia 1 de junho de 1890.

1848 — Nasce em Boulogne-sur Mer o distincto actor francez, **Coquelin Cadet**.

Alexandre Honoré Ernest Coquelin entrou para o Conservatorio em 1864. Discipulo de Régnier, obteve o primeiro premio de comedia em 1867. Debutou n'esse anno no Odéon na comedia *L'Anglais ou le fou raisonnable.* Em 1868 estreiou-se na Comedie Française, nos *Plaideurs.* Representou ahi todo o antigo repertorio até 1875. N'esse anno deixou a casa de Molière e foi para as Varietés, onde representou a *Guigne, Dada, Boureau des cranes, Trois épiciers* e *Chapeau de paille d'Italie.* Voltou para a Comèdie em 1876, reentrou em todo o repertorio e fez numerosas creações, entre as quaes: *Les Corbeaux, Deputé de Bombignac, Dénise, Parisien, Chamillac, Mr. Scapin, Francillon, Margot, Grisélidis, Vers la joie* e *Petites marques.*

É societario desde 1 de janeiro de 1879. É official da Academia e Cavalleiro da Legião de Honra.

17

1855 — Nasce **Julio Rocha**, escriptor dramatico.

Tem collaborado em diversos jornaes e escripto alguns livros. É modestissimo, tendo aliás muito mais valor do que muitos que pretendem impôr as suas obras sem razão para o fazerem

Julio Rocha aproveita todas as horas que lhe ficam do labor jornalistico para escrever, preferindo sempre o theatro.

Tem ainda ineditas muitas producções de valor, que de certo irão apparecendo nos palcos; mas tem já representadas e applaudidas muitas peças em todos os theatros, desde as barracas das feiras e do Rato até ao theatro de D. Maria.

Entre as suas peças representadas destacam-se: *O capricho da Viscondessa,* comedia em verso, que muito agradou no theatro de D. Maria, os dramas *O favorito de D. Affonso VI, Operarios e agiotas* e *Riqueza do trabalho;* as comedias: *Um inimigo de mulheres, Tribulações de uma solteirona, Anda uma coisa no ar, Hei de ser deputado, Dá Deus nozes..., Mestre fóra..., Santinha de carne e osso, Uma victima da tragedia, Sem amor e sem cochicho;* e as revistas: *Rei pequeno, Á roda da politica, Lisboa no palco* e *Carapuça.*

Collaborando com o fallecido João de Mendonça, traduziu e imitou diversas comedias e transplantou para o theatro moderno, accommodando-as, diversas peças de Antonio José e outros auctores.

1896 — Morre nos Açores o actor **Mathias d'Almeida**.

Conheci-o percorrendo as provincias na companhia do Soares. Fazia então os tyranos e os tristes. Cançava a gente ouvil-o. Veiu para Lisboa, para o theatro das Variedades, passou para a Rua dos Condes, seguiu para o Gymnasio e chegou até D. Maria. De lá desceu outra vez para a Rua dos Condes e acabou pelas companhia ambulantes, pertencendo a uma d'ellas quando a morte o arrebatou.

Era cumpridor dos seus deveres, honesto e sério; isso, porém, não basta para o palco.

Chegou em D. Maria a fazer o *Sr. Laroque* da *Vida d'um rapaz pobre.* Creio que n'esse dia o Tasso estremeceu no tumulo. Quando voltou para a Rua dos Condes ainda confrontou com o Tasso nos *Homens do mar,* no celebre *Matuto!* Coitado!

Elle que me perdoe as torturas por que o fiz passar quando o obriguei a representar papeis burlescos nas revistas. Em compensação, fizera-me elle passar muito maiores torturas quando me obrigava a vêl-o n'um drama.

Era soturno, cavernoso, triste, massador na extensão da palavra. Pobre **Mathias d'Almeida**!

18

1833 — Nasce em Liège, na Belgica, o excellente actor **Dupuis**.

José Dupuis debutou no theatro da terra da sua naturalidade. Indo para Paris em 1854, andou por pequenos theatros até que, em 1860 foi representar para o theatro Déjazet com a directora o *Mr. Garat.* Contractado em 1861 para as Variedades, desde então lá tem representado com enorme successo innumeras peças, entre ellas: *Bella Helena, Campainhas, Barba Azul, A Ingenua, Grã-Duqueza, Niniche, Familia Pont-Biquet, Brigands, Monsieur Betzy, Perichole, Condecorado, Vida Parisiense, Grande Casimiro, Marquezinha, Roussotte, 30 Milhões do Gladiador, Mulher do papá, Carvoeiros, Cigarra, Lili,* etc.

Dupuis é official d'Instrucção Publica.

1865 — Representa-se pela primeira vez no theatro do Gymnasio, interpretada por Taborda, Valle, Rodrigues, Augusto e Florinda, a miscellanea musical, *Mongini ou o dó de peito,* por **Augusto Garraio**.

Apeşar de estar impressa com a designação de original, é esta peça toda baseada na comedia franceza *L'Ut diésis.* Verdade seja que o trabalho de **Garraio** vale bem um original.

Augusto Garraio está hoje quasi esquecido; o seu nome tem andado pouco pelos *réclames* dos jornaes; o seu retrato não anda por ahi em todas as publicações illustradas, como o de tantas nullidades. É preciso, porém, fazer-lhe justiça e recordar que **Augusto Garraio** foi um auctor dramatico festejadissimo, um magnifico traductor de peças, um ensaiador com muitas aptidões, superior mesmo á maioria dos que hoje andam pelos theatros.

Garraio não dá apontamentos da sua vida a pessoa alguma; ainda se não publicou a sua biographia; todavia sabem todos o seu muito valor.

Depois de alcançar verdadeiro successo no Gymnasio com o *Mongini ou o dó de peito,* apparece-nos nas Variedades com a sua parodia em 2 actos *Quem nos livra da Grã-Duqueza?* que fez bella carreira, e com a comedia *A Familia dos Possidonios,* que tambem muito agradou. Passou depois á Rua dos Condes e ahi deu com bello exito a magica *Satanaz Junior* e o drama militar *O Porta-bandeira do 99 de linha.*

Foi depois para o Porto e lá teve a sua melhor epocha de gloria; foi excellente ensaiador, foi director e emprezario do theatro Baquet, escreveu innumeras peças originaes, imitações e traducções, em todos os generos. São d'elle o *Sargento-mór de Villar,* a *Henriqueta,* o *Espelho da Verdade* e muitas outras.

Quando voltou para Lisboa, depois de doença grave, de que teve aqui recahida, ainda exerceu o cargo de ensaiador do theatro Avenida e depois da Trindade.

Se **Augusto Garraio** tivesse querido, ninguem no Porto faria mais fortuna em theatro. Nunca teriam existido emprezas Alves Rente, Taveira e outras.

Aproveitou mal as suas multiplas faculdades theatraes e as muitas sympathias de que chegou a dispôr. Foi realmente pena, porque, pelo seu alto merecimento, ninguem teria mais jus do que elle a uma bella posição no theatro.

19

1844 — Nasce em Sevilha o distincto actor hespanhol, **Rafael Calvo**.

Representou quasi todo o repertorio de Echegaray.

Morreu em Cadiz a 4 de setembro de 1888, tendo portanto apenas 44 annos.

1850 — Nasce a nossa grande actriz dramatica **Virginia Dias da Silva**.

A carreira artistica de **Virginia** tem sido brilhantissima. Estreiando-se em 1869 no theatro do Principe Real, n'um pequeno papel da comedia em 2 actos, *Mocidade e honra,* revelou immediatamente o que d'ella havia a esperar. Physionomia insinuante, olhar expressivo, porte distin-

cto, voz encantadora, tudo fazia prever que estava alli occulto um brilhante, que havia de ter fulgurações estonteadoras, quando um artista de primeira ordem o soubesse lapidar. N'aquelle tempo era emprezario e ensaiador do theatro, Cesar de Lima. A olhos vistos e conforme subia a importancia dos papeis, **Virginia** manifestava progresso importante e alcançava mais profundas sympathias.

Tomou conta do theatro o notavel artista José Carlos dos Santos, e **Virginia**, debaixo da sua competentissima direcção, começou fazendo prodigios no *João o Carteiro*, nos *Solteirões*, no *Abysmo*, e até na *Grã-Duqueza* e na *Flor de Chá*.

Quando Santos passou a emprezario do theatro de D. Maria, collocou immediatamente no logar, vago desde a morte de Manuela Rey, a actriz **Virginia**, que era então inquestionavelmente a *primeira ingenua portugueza*.

Até ultimamente **Virginia** se conservou no theatro de D. Maria, desempenhando um vastissimo repertorio, que alli ficou completamente prejudicado por não haver quem a possa substituir.

Para enumerar as peças em que alli foi distinctissima, seria preciso citar todas em que entrou e que são numerosissimas.

Virginia é actualmente societaria do theatro da Trindade. N'este theatro continua, como primeira dama dramatica, a sua carreira victoriosa.

Em duas viagens ao Brazil, **Virginia** teve as maiores manifestações d'apreço que alli se teem feito a artistas portuguezes.

Virginia é actualmente esposa do distincto actor Alfredo Ferreira da Silva.

1884 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opera comica *Graziella*, traducção da *Petite mariée* de Lecocq, o actor-cantor **Bensaude**. Fez ainda alli a *Gata Branca*, *Boccacio* e *Babuk*.

Com desejos de representar comedia, passou para a companhia de D. Maria, onde era perfeitamente recebido; mas onde o atormentava a saudade da musica.

Em 1888 voltou para a Trindade, reapparecendo na opera-comica *O Chalet*, e representando depois a *Cigarra*, *Comboio de recreio*, *Surcouff*, *Marquezinha* e *Gato Preto*.

Eram maiores as suas aspirações, pelo que partiu para Italia a aperfeiçoar-se na arte de canto e alli se estreiou como barytono de companhias lyricas. Foi desde logo consagrado e é hoje um dos artistas portuguezes que honram o nosso nome nas grandes scenas estrangeiras.

Bensaude é natural dos Açores.

1885—Morre em Lisboa a antiga actriz **Maria Clara de Sousa.**

Esta actriz começou no antigo Salitre, na empreza de Emilio Doux e passou a outros theatros, sem fazer carreira, apesar de não ser destituida de merito. Tinha contra si ser irmã de Emilia das Neves e o publico querer ver n'ella outro talento privilegiado. Quando morreu havia muito que estava afastada da scena.

1886 — Primeira representação com extraordinario exito, no theatro de D. Maria, do drama historico em 5 actos, em verso, **O Duque de Vizeu**, original de Henrique Lopes de Mendonça, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 12 de fevereiro.

1891 — Canta-se pela primeira vez, no theatro de S. Carlos, a opera *Frei Luiz de Sousa*, do maestro portuguez **Francisco de Freitas Gazul.**

Não foi um successo esta tentativa do illustre maestro; todavia os que têem auctoridade na materia consideram o trabalho de **Freitas Gazul** obra de grande valor.

Não me admira que isto acontecesse ao maestro n'uma opera, quando muitas vezes lhe tem succedido na opereta. Ninguem as escreve com maior correcção; mas, umas vezes atraiçoa-o o éstro, outras não quer elle transigir com o paladar um pouco estragado do publico.

Foi em 1856 que elle concluiu o curso de rudimentos no Conservatorio, obtendo logo a medalha de ouro. Começou então estudando harmonia e contraponto, ao mes-

mo tempo que aprendia violoncello; em todos os annos dos cursos foi premiado. Em 1859 começou fazendo parte, com toda a distincção, da orchestra do theatro de S. Carlos. Em 1875 partiu para o Porto como ensaiador de córos da companhia lyrica, que funccionava no theatro de S. João. Voltou em seguida a Lisboa e em diversos theatros, especialmente no da Trindade, tem exercido com toda a proficiencia o cargo de director musical.

Como compositor é **Freitas Gazul** muito distincto. Não tem a popularidade, que muitas vezes só se alcança com obras de nenhum valor; mas tem o respeito que consagram ao seu trabalho os que o sabem avaliar.

Para o theatro começou por escrever os *couplets* da comedia de Baptista Machado, *Uma experiencia*, que se representou no theatro da Rua dos Condes. D'ahi por diante são innumeros os seus trabalhos para comedias, operetas, magicas, revistas, operas-comicas, etc.: *Kalakaua 87*, *Um minuete*, *Sete castellos do diabo*, *37 da 4.ª*, *Cebola mysteriosa*, *Cauda de Belzebuth*, *Satanaz Junior*, *Herança do tambor-mór*, *Conversão de S. Paulo*, *Elixir d'amor*, *Lucrecia Borgia*, *Norma*, *Traviata* (estas 4 em parodia), *Santa Quiteria*, *Noiva*, *Furias d'amor*, *Mocidade de Figaro*, *Garra de Leão*, *Homem da bomba*, *Cigarra*, *Marquezinha*, *Brazileiro Pancracio*, *Tres dias na berlinda*, *Sal e pimenta*, *Fada do amor*, *Retalhos de Lisboa*, *Reino da bolha*, *Harem d'El-Rei*, etc.

Freitas Gazul é professor do Conservatorio e musico da Real Camara.

Em 1895 foi com a minha companhia ao Rio de Janeiro e alli obteve todos os applausos e as considerações devidas ao seu talento e saber.

20

1819 — Nasce na Ilha da Madeira, **D. Luiz da Camara Leme.**

General de divisão reformado, ministro d'estado honorario, antigo deputado, par do reino, socio correspondente da Academia Real das Sciencias, commendador de Aviz, Christo, S. Thiago, Conceição, Torre e Espada, Isabel a Catholica, Carlos III, S. Mauricio e S. Lazaro e Official da Legião de Honra, escriptor distinctissimo em assumptos militares, tem **D. Luiz da Camara Leme** de figurar n'este livro como auctor d'uma obra que, posto não traga o seu nome, ha a certeza de que lhe pertence. Intitula-se essa obra: *Emilia das Neves, documentos para a sua biographia por um dos seus admiradores. — Lisboa. 1875.* É um grosso volume de perto de 600 paginas, em que se relatam os principaes successos da actriz e muitos episodios da sua carreira.

D. Luiz da Camara devia estar bem informado, não só por ter seguido de perto a vida da actriz, mas por ter privado muito com ella, ficando até seu herdeiro.

A proposito do livro *Emilia das Neves, documentos para a sua biographia*, deu-se um caso interessante, que deve ficar aqui mencionado.

Uma grande parte do enorme volume é formada pelas innumeras poesias que dedicaram a Emilia os poetas *alfacinhas*, *tripeiros*, brazileiros e de todas as terras que ella percorreu e que lá estão transcriptas no livro.

No anno em que este sahiu e pouco depois de apparecer, realisou o seu beneficio a actriz Emilia Adelaide. Francisco Palha, que era todo dedicado a esta actriz e que tinha, por diversos motivos, a Emilia das Neves atravessada na garganta, aproveitou o ensejo e fez distribuir na festa de Emilia Adelaide os seguintes versos:

«Tens genio, talento e arte,
«Tens divina inspiração,
«E eis aqui a razão
«Porque sempre, em toda a parte,
«Todos correm pressurosos,
«A dar-te laureis formosos!...

....

«E basta; não, que depois,
«Á custa do estro meu,
«Das minhas longas vigilias,
«Publícas um livro ou dois
«Para entreter as familias,
«E o lucro da venda é teu!»

D. Luiz da Camara, depois da morte de Emilia das Neves, casou com Anna d'Al-

buquerque, escriptora e que por pouco tempo foi tambem actriz no theatro de D. Maria.

1828 — Nasce em Skien, pequena cidade da Noruega, o celebre escriptor dramatico, **Henrik Ibsen.**

Seu pae, que fôra poderoso no alto commercio, acabou pobre n'uma pequena casa de campo, miseravel resto de antiga opulencia.

Collocado como praticante de pharmacia, foi com grandes sacrificios que **Ibsen** poude estudar, obtendo a sua carta de bacharel aos 22 annos. A adversidade e a lucta pela vida fizeram d'elle um revoltado e um energico. Creou um jornal hebdomadario, que não poude vingar.

De 1851 a 1857 foi ensaiador do theatro de Bergen e de 1857 a 1862 director do theatro de Christiania.

Na sua terra era mal reputado como homem e pouco considerado como escriptor. Soffreu muito. A guerra da critica contra elle chegava a ser brutal; em vez de analysarem as suas obras, atacavam-n'o na vida intima, crivando-o de calumnias. A tudo isto accresceu que a politica seguida pela Noruega na guerra da Dinamarca com a Allemanha desgostou altamente **Ibsen**, que julgou a sua patria coberta de opprobrio por ter recusado, assim como a Suecia, dar auxilio á Dinamarca contra a Prussia e a Austria. Abandonou então a terra que lhe fôra berço e foi viver successivamente na Italia, Dresde, Munich, voltou a Italia, e ainda depois a Munich.

Não quiz mais domicilio fixo; viveu onde mais lhe convinha, cuidando apenas da sua obra. As suas habitações são sempre o que ha de mais simples, com os moveis indispensaveis, emprestados ou alugados até o momento de partir para outra terra. Apezar de ser actualmente rico, continúa vivendo da mesma fórma. Não tem compromissos para com qualquer paiz, nem partido. Adoptou a divisa que proclamou n'um dos seus livros: *O homem solitario é sempre o mais forte.*

Damos em seguida os titulos das suas peças mais conhecidas:

Casa de boneca, Espectros, Inimigo do povo, Rosmersholm, Hedda Gabler, Solness, o constructor, Pato selvagem, Comedia do amor, Brand, Pequeno Eyolf, Dama do mar, Esteios da sociedade, União dos moços, Pretendentes á corôa, Guerreiros em Helgeland.

Portugal, que ouviu pela primeira vez o *Lohengrin* trinta e dois annos depois da sua primeira representação em Weimar, ainda tambem não conseguiu que apparecesse na nossa scena uma unica peça de **Ibsen**!

1848 — Nasce em Lisboa a actriz **Barbara Volckart.**

Filha de um modesto artista, **Barbara** ficou orphã de pae aos 5 annos. Eram seis irmãos e de todos cuidou, com o carinho e os sacrificios que só sabe empregar uma boa mãe, a sr.ª Eugenia Mafra. **Barbara** pagou-lhe depois em solicitude, affectos extremos e dedicação suprema até á hora da morte do ente estremecido. Mãe e filha eram raros exemplos de affecto.

Os seis *filhos da viuva*, como então lhes chamavam, começaram logo muito creanças a apparecer na figuração das peças do Gymnasio. No theatro foram crescendo e no theatro ficaram quasi todos. João Diogo, irmão de **Barbara**, foi actor na provincia e acabou em aderecista do theatro de D. Maria, tendo casado com uma modesta actriz, irmã de Elvira Costa e uma das filhas do carteiro Antunes, que deu tambem grande contingente ao theatro.

Irmãs conheço quatro: a **Barbara**, de quem estou fallando; a Silveria, actriz modesta, casada com Alfredo Soller, filho da grande actriz Josepha Soller, a qual Silveria ainda hoje faz seus papelinhos no Gymnasio; Luiza Mafra, que fez bella figura na Trindade e se retirou da scena para casar com o sr. Gazul, irmão do maestro Freitas Gazul; e Maria da Gloria, casada com o actor Domingos Godinho, que tem andado quasi sempre na provincia e

ultimamente fazia pequenos papeis na Rua dos Condes.

Em 1863, frequentava eu com muita assiduidade os theatros particulares, principalmente o dos Inglezinhos, de que hei de fallar largamente n'um outro livro. N'esse theatro havia recitas impagaveis, principalmente pelo burlesco desempenho que tinham os dramas e comedias. As damas, em especial, eram pratinho obrigado para grandes troças e risotas. Acconteceu que uma noite, em vez de troça e gargalhada, a dama nova era recebida com muitos applausos e atè admiração; essa dama era a **Barbara**.

Continuou ella representando com amadores, aqui e fóra, até que, em 1867, entrou definitivamente para o theatro, escripturando-se na Rua dos Condes, na empreza de José Romano e Villar Coelho, e estreiando-se no papel de *Venus* da zarzuela *O Joven Telemaco.* Além de talento e desembaraço, **Barbara** possuia n'esse tempo uma bonita voz. Andou depois de theatro em theatro, da Rua dos Condes para o Principe Real, de D. Maria outra vez para a Rua dos Condes até que assentou arraiaes no Gymnasio, sendo alli queridissima do publico e um dos melhores esteios da empreza.

O repertorio de **Barbara** é enorme. Vou apenas citar de memoria algumas peças em que muito sobresahiu:

Sabichões, Madrinha de Charley, Claudia, Tres mulheres para um marido, Caridade, Primeiro marido de França, Duas orphãs, Primos de minha mulher, Espelho da verdade, Cadeia perpetua, Odio de raça, Testamento da velha, Marido no campo, Sollar dos Barrigas, Vivandeira do 16 de linha, Zaragueta, Rei dos Bandidos, Familia Pont-Biquet, Laço de fitas, Lição cruel, Casamentos ricos, Bigode louro, Medico á força, Hotel do livre cambio, Saltimbanco, Anastacia & C.ª, Cabeça de vento, Kalifa, Rua da Paz 115, Camarões, Joanna que chora e Joanna que ri, Festa de inauguração, Sergio Panine, Corda Bamba, Sonho dourado, Borboleta, Noivas de Eneas, Kikirikokambo, Sua Excellencia, Padre-Filho-Espirito Santo, Chapeu alto, Quem vê caras..., Durand & Durand, Creados patrões, Por Santa Barbara, O Sr. Governador, Por direito de conquista, Cocard & Bicoquet, Morto vivo, Commissario de Policia, Sôra Francisca, Em boa hora o diga, Reino dos homens, Miguel Strogoff, Reino das mulheres, Negro d'Alcantara, etc.

Barbara foi ao Brazil com a companhia do Valle e alli foi bastante apreciada.

1872 — Em beneficio da actriz Luiza Fialho representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes a comedia em 1 acto *Scenas de Coimbra* e a opereta em 1 acto *Que noite de nupcias,* a primeira original e a segunda imitação de **Freitas Barros**, distincto official do exercito e devotadissimo á arte dramatica.

Freitas Barros escreveu em seguida para o mesmo theatro da Rua dos Condes a magica original em 3 actos e 18 quadros *A Cebola Mysteriosa*, que subiu á scena com grande exito a 18 de janeiro de 1873.

Logo em seguida escreveu o monologo *Uma praça da reserva,* que foi recitado pelo actor Samuel.

Tendo partido para o Porto em 1875, alli fez representar duas operetas originaes, *O pastor soldado,* em 3 actos e *O X da Gata*, em 1 acto; ambas com musica do maestro Canedo.

Para o theatro Academico, de Coimbra, imitou **Freitas Barros** uma opereta em 2 actos com o titulo *O Granadeiro.*

Em Vizeu, onde esteve nove annos, fez representar por amadores as suas peças originaes: *O dote de meu tio,* opereta em 1 acto, com musica do Padre Moura, *Os pólos do casamento,* comedia em 3 actos, *A fina flor,* tragedia burlesca em 3 actos, e as imitações: *Anno bisexto,* comedia-drama em 1 acto, *O diplomata,* comedia em 2 actos e *O noivo sem fato*, comedia em 1 acto.

1888 — N'esta noite arde o theatro Baquet do Porto.

Era o beneficio do actor Firmino Rosa. Tinha-se representado a opera comica *Os Dragões de Villars,* traduzida por Jayme Séguier e Borges d'Avellar, musica de Maillard. Estava-se representando a *Gran-Via,* adaptada á scena portugueza por Guedes

d'Oliveira, com musica de Chueca e Valverde. O theatro estava cheio, vendo-se alli, entre outras, as familias dos srs.: Visconde de Pereira Machado, Dr. Antonio Corte Real, Julio Genelioux, José Pereira da Costa, Ignacio Pinto da Fonseca, José de Vasconcellos Monteiro, Francisco José da Naya e Silva, Eduardo da Costa Correia Leite, Zulmiro Ferreira Campos, Bastos do Laranjal, João Vicente Rodrigues, José Henriques Gonçalves, Eduardo Abreu, Julio Cascaes, Catão Simões, Antonio Amaral, Heliodoro Salgado, Antonio Pereira de Sampaio, Maximiano Claudino Ricca, Luiz Firmino d'Oliveira, Carlos Koth, Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, Manuel de Oliveira Ramos, D. Antonia Custodia da Silva Neves, a celebre *Mulher-homem*.

O espectaculo estava agradando immensamente. Acabara de se cantar o tercetto dos *Tres ratas*, por Sanchez, Firmino e Gomes. Fizera-se a mutação, mas o publico pedia furiosamente *bis*, mal pensando que n'aquelle *bis* ia a grande catastrophe. Levantou-se o panno que já tinha descido e que representava o edificio da Caixa Filial do Banco de Portugal, e tornou a apparecer a scena anterior; n'esta evolução foi que se deu o sinistro. O panno do fundo tornou a descer. O publico, não percebendo o que se passava, ria e troçava; Cyriaco de Cardoso, empresario, e que regía a orchestra, ficou estatico, com os braços no ar. Ninguem sabia o que se passava e já o fogo começára segundos antes. Das primeiras filas notou-se grande azafama no palco e percebeu-se que ardia um panno que estava por cima d'uma gambiarra. Depois desceu rapidamente o panno de bôcca. A maior parte do publico, sem perceber que era fogo, deixou-se ficar.

Do camarote n.º 24 havia um postigo para o palco. Os espectadores que lá estavam, vendo o perigo, fugiram correndo e gritando: fogo! A este grito de alarme todos estremeceram. Repetiram machinalmente a voz de fogo! Quizeram todos precipitar-se para a sahida; das senhoras, umas desmaiavam e outras gritavam. Um fumo negro e espesso começou a invadir a sala. O illuminador apagou o gaz. O panno de bôcca incendiou-se, dividindo-se ao meio, indo metade na direcção do tecto e outra metade cahindo a arder entre a ribalta e a orchestra e communicando logo o incendio ao pavimento inferior do palco e á plateia. As linguas de fogo surgiam de todos os lados. Os espectadores cada vez mais se atropellavam e gritavam. Uns subiam, outros desciam, encontravam-se e não podiam romper. Cada vez era maior e mais confusa a gritaria. O fumo invadia tudo, faltava o ar, não havia luz; a confusão crescia; alguem que conseguia passar, sentia que esmagava uma creança ou uma mulher! Começaram os desabamentos. O resto, além de horrivel, é indescriptivel. Além de muita gente ferida, morreram 120 pessoas, no meio das maiores afflicções.

No palco não foi menor a confusão. Artistas, coristas, comparsas e mais empregados procuravam salvar-se n'uma fuga desordenada. Valeu-lhes arrombarem uma grande porta que dava para casa do sr. Miguel Correia d'Abreu e por alli fugiram: todavia lá morreram queimadas a costureira hespanhola Abelarda Rodriguez e a antiga corista Adelaide, que costumava ir ao theatro acompanhar duas irmãs. Tambem o ponto Henrique Prata, depois de estar salvo, suppondo que sua esposa Thereza Prata ficára no theatro, voltou em sua procura e só conseguiu sahir todo queimado e aleijado como hoje está.

Da companhia faziam parte, entre outros, os artistas: Aurelia dos Santos, Dorinda Rodriguez, Elvira Mendes, Virginia Nery, Thereza Prata, Bensaude, Firmino. Gomes, Sanches e Sergio d'Almeida. Era ensaiador Augusto de Mello, e ponto Henrique Prata. O maestro era o emprezario Cyriaco de Cardoso.

Do theatro **Baquet** tratarei ainda na data da sua inauguração, a 19 de julho.

21

1826 — Nasce em Paris o notavel actor **Delaunay**.

Louis Arsène Delaunay, discipulo de Provost, debutou no Odéon, a 26 de novembro de 1845, no *Tartufo*. Na Comedie Française

estreiou-se a 25 de abril de 1848 na *Escola dos maridos*. Ficou como societario a 30 de maio de 1850. Tem numerosas creações, entre ellas: *Maitre Guérin* (1864), *Lion amoureux* (1866), *Fils* (1867), *Paul Forestier*, *Une nuit d'octobre* (1868), *Faux Ménages* (1869), *Jean de Thommeray* (1873), *Sphinx* (1877), *Étincelle* (1879), *Daniel Rochat* (1880), *Le Monde où l'on s'ennuie* (1881), *Mademoiselle du Vigeau* (1883) e *Une rupture* (1885). Retirou-se em 1886. Professor do Conservatorio desde 1877.

É official d'Instrucção Publica e Cavalleiro da Legião d'Honra.

1846—Nasce em Lisboa o notavel artista **Raphael Bordallo Pinheiro.**

O grande caricaturista, o eximio artista da ceramica e decorador, tem tambem um logar proeminente n'este livro como critico dramatico, decorador de theatro e inventor de figurinos para as peças.

Raphael Bordallo, apenas com meia duzia de traços do seu lapis, ao mesmo tempo caustico e investigador, faz uma critica muito superior á dos longos e estudados artigos de quasi todos os nossos *Sarceys*.

Nas immorredouras paginas do *Antonio Maria* e dos *Pontos nos ii* ha louvores que puzeram em evidencia os que caminhavam titubeantes; ha tambem desenhos severos e eloquentes que atiraram verdadeiras nullidades assopradas para o nada d'onde nunca deveriam ter sahido.

Raphael Bordallo foi tambem um distincto amador dramatico, tendo pertencido a uma fallada sociedade, que dava espectaculos no theatro Garrett, da travessa do Forno, aos Anjos.

Como caricaturista os seus primeiros trabalhos, que lhe deram logo fôros de notabilidade, appareceram no *Calcanhar de Achilles*, depois na *Berlinda*, no *Binoculo*, na *Lanterna Magica*; mais tarde no *Mosquito*, no *Psit* e no *Besouro*, do Rio de Janeiro, e por ultimo nas esplendidas paginas dos *Pontos nos ii* e do *Antonio Maria*.

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, o filho illustre de **Raphael Bordallo,** segue as pisadas de seu pae e ha de vir a ter o mesmo prestigio, porque lhe não falta talento nem escola.

1850—Nasce em Lisboa o actor **Roque.**

Filho d'um homem honrado, mas que soffreu graves transtornos na sua vida industrial, **Roque** bem novo começou na lucta pela vida, soffrendo mil contrariedades em tentativas arriscadas, sempre com a mira no bem estar presente e no futuro da sua numerosa familia.

Quando se leva a vida entrecortada de desgostos e de luctas, quando principalmente se não póde estudar, porque se precisa distrahir a attenção para mil cousas, não se póde ser notavel em cousa alguma. Muito tem feito **Roque**, dando-se com elle as circumstancias que acima apontei.

Roque começou aprendendo o officio de entalhador. Aprendia contrafeito, porque o seu sonho, pelas relações intimas que sustentava desde creança com José Peixinho, era ser toureiro. O Peixinho, pelo seu lado, sonhava ser actor. Peixinho fez-se distincto amador dramatico, mas para satisfazer os desejos de seu pae, o grande toureiro entregou-se á tauromachia e ahi foi distinctissimo.

Roque começou na sua aprendizagem de toureiro, mas apanhou tal boléo, que não quiz mais graças com brutos e dedicou-se ao theatro.

Com Barbara, Julio e Alfredo Soller, Julio Vieira, Marques, Guilherme, João Diogo e outros, partiu **Roque** para a provincia na companhia de que era emprezario o João Wolckart, antigo secretario do Price do Circo. Por lá andou tres annos até que veiu fazer parte do pessoal com que se inaugurou o theatro D. Augusto, em Alcantara. D'alli seguiu para o Principe Real, do Porto, onde fez com bastante exito algumas peças, entre as quaes *A Europa na China*, *Pobre Jacques*, *Opio e Champagne*, etc.

De regresso a Lisboa, entrou logo para o Gymnasio, salientando-se bastante na *Mulher-demonio*, onde teve o seu melhor papel, *Purgatorio de casados, Medico á força, Amigo dos diabos* e *Policia*.

Em 1880 contractou-se **Roque** com Salvador Marques para a Rua dos Condes, onde fez a *Taberna, Mirabeau, Campinos*, a revista *Antonio Maria*, e o *93* de Victor Hugo.

A morte de seu pae desgostou tanto **Roque**, que resolveu ir para o Porto, contractando-se no Baquet, onde muito agradou.

Regressando a Lisboa, voltou para a empreza de Salvador Marques, que então estava nos Recreios e ahi fez com agrado papeis importantes. Demolido o theatro dos Recreios, fez parte da infeliz companhia que inaugurou o theatro da Avenida, passando para o novo theatro da Rua dos Condes logo que este abriu. Voltou ainda a fazer uma epocha no Porto, vindo depois tomar parte na revista *Em pratos limpos*, no theatro da Trindade.

Como artista é **Roque** uma utilidade e está-o mostrando ainda agora no theatro do Principe Real, onde está contractado.

Como chefe de familia numerosa é exemplar. Para sustental-a faz todos os sacrificios; conjunctamente com a vida de actor, já foi photographo e até negociante de carvão!

Os touros e os Peixinhos continuam a ser a sua predilecção. Foi amigo do pae, amicissimo do filho, intimo agora do sobrinho, o Raphael, e já tambem amigo de um outro Peixinho, florista, e toureiro nas horas vagas.

1860 — N'uma recita extraordinaria em beneficio, realisou-se no **Casino Lisbonense**, no largo da Abegoaria, onde hoje está uma casa de estofador, um magnifico espectaculo, em que pela primeira vez representou em portuguez Mademoiselle Dargis, uma cantora de cançonetas que veiu de Paris e cá ficou, e em que obsequiosamente tomaram parte os artistas: Taborda, Celestino, Augusto, Izidoro, Luiza Fialho, Crescy e Sá Noronha.

1883 — Morre no Rio de Janeiro o actor portuguez **Joaquim Ferreira Ribeiro**, victima da febre amarella.

Era cabelleireiro o actor **Ribeiro** e foi como cabelleireiro que deu entrada no theatro. Tinha ao mesmo tempo fama de excellente curioso dramatico, pelo optimo desempenho que dava aos papeis de que se incumbia nos theatrinhos dos Anjos e Inglezinhos. Não lhe faltavam ovações, mas queria-as reaes, do publico que julga imparcialmente, porque paga o seu logar. A isso é que elle aspirava.

Exercia o logar de cabelleireiro no theatro das Variedades, onde, ao menos, convivia com actores e podia ver todos os espectaculos dos bastidores. Os artistas quasi que o olhavam como collega e bem superior era elle a muitos que estavam na companhia.

Em 1864 o artista querido das Variedades era o Antonio Pedro, que o publico do theatro já adorava. Por um acontecimento inesperado, Antonio Pedro teve de abandonar a scena, ficando todo o repertorio prejudicado e sem haver quem o substituisse. A direcção do theatro olhou para todos os artistas que tinha e nenhum julgou á altura de substituir Antonio Pedro. Lembrou-se então do cabelleireiro **Ribeiro**, do *curioso* afamado, e fez-lhe uma proposta. Elle acceitou-a, pelo grande desejo que sentia de entrar para o theatro e talvez sem medir bem o perigo.

Ribeiro substituiu Antonio Pedro no agiota da *Mocidade e honra (On demande un gouverneur)* e o enthusiasmo subiu a tal ponto, que a direcção augmentou-lhe o ordenado e distribuiu-lhe logo todos os papeis de Antonio Pedro. Estava começada brilhantemente a carreira que o havia de tornar tão notavel.

No fim de duas epochas, sahindo das Variedades, organisou uma companhia ambulante, a que só elle dava prestigio, percorreu as provincias, e em 1867 foi para os Açores. Ahi teve tambem noites de enthusiasmo e foi sempre festejadissimo.

Voltando a Lisboa em 1869, não encontrou escriptura que lhe conviesse e então organisou nova companhia para a provincia. Não fez fortuna e por isso resolveu vir contractar-se no theatro da Rua dos Condes, onde esteve por quatro annos. Ahi teve bellas creações e tornou-se tão distincto, que Francisco Palha o desinquietou para o theatro da Trindade, fazendo-lhe uma magnifica proposta, que elle acceitou.

A sua passagem na Trindade ficou assignalada por uma ininterrupta serie de triumphos, para marcar os quaes basta citar os titulos de algumas peças em que elle entrou: *Um homem politico* (estreia em 10 de dezembro de 1872), *Nini, Cem donzellas, Avarento, Liquidação social, Tres chapeus, Campanone, Viajem de recreio, Novella em acção, Crimes do Brandão, Duende, Fructos de ouro, Pae da actriz, Creança de 90 annos, Filha da sr.ª Angot, Botija, Corôa de Carlos Magno, Lucrecia Borgia, Furias de amor, Giroflé-Girofiá, Sultão de Gerinfá, Almas do outro mundo, É caso!, Sinos de Corneville, Viagem á lua, Duquezinho, Milho da padeira, Filha do inferno, Madame Favart, Ultimo figurino, Perichole, Mascotte*, etc.

Em junho de 1882 foi por mim contractado para o Rio de Janeiro. A estreia foi com o *Avarento*, em que teve enorme ovação. Estava sendo talvez o actor mais querido da capital do Brazil, quando a morte o arrebatou.

1886 — Morre no Rio de Janeiro com 77 annos de edade o distincto actor portuguez **Gusmão**.

Conheci-o muito alli. Era um homem consideradissimo, de excellente caracter, e a quem muito deveu a sociedade dos artistas dramaticos do Rio de Janeiro.

Ultimamente, velho e alquebrado, tinha a paciencia de percorrer todos os dias os diversos theatros do Rio, recebendo de cada emprezario dez tostões de cada espectaculo para beneficiar o cofre da associação dos artistas. Depois da morte d'elle tudo ficou ao abandono e a sociedade quasi esquecida.

Gusmão foi em Lisboa, nos theatros do Salitre e da Rua dos Condes, um primeiro artista, sustentando dignamente a sua posição ao lado de Theodorico, Victorino e outros actores notaveis da epocha. No Brazil era respeitado como um mestre. Muito distrahido é que elle fôra sempre e as distracções augmentavam de dia para dia a ponto de o obrigarem a sahir do theatro.

Contou-me elle proprio as duas ultimas, que o levaram a tomar a resolução, que nunca mais quebrou, de deixar a scena.

Fazia parte da companhia de Furtado Coelho no theatro S. Pedro. Representava-se certa noite a *Morgadinha de Valflor*, em que tinha o papel de *Leonardo*. Acabou o quarto acto, o nosso **Gusmão** foi para o camarim, despiu-se, tirou a caracterisação e sahiu, sem nem sequer se lembrar de que a peça tinha 5 actos!

O contraregra deu pela falta quando já a orchestra tocava e o recurso foi ir o ponto para a scena, com a peça na mão, lêr a parte de *Leonardo*. O bom do **Gusmão** só no dia seguinte deu por tal, quando lh'o disse Furtado Coelho. Quiz sahir logo do theatro, mas ainda ficou a muitas instancias.

Gusmão tinha comprado uma propriedade no morro de Paula Mattos e para lá fôra morar com sua familia. Era longe e ainda n'esse tempo não havia elevador. O nosso artista comprou um cavallo para o levar ao theatro a ensaios e espectaculos. Emquanto estava no theatro, o animal descansava n'uma cocheira proxima. O cavallo era branco.

Certa noite, emquanto **Gusmão** representava, alguns collegas mais galhofeiros, combinados com o moço da cocheira, arranjaram uma porção de tinta e uma brocha e pintaram o cavallo de preto. Quando o espectaculo findou, o bom do **Gusmão** foi á cocheira, viu todos os cavallos pretos, indagou, e, como nada lhe respondessem, julgou-se roubado e resolveu ir a pé para casa, onde chegou quasi de madrugada.

No dia seguinte recebia o cavallo com uma carta trocista com que se julgou of-

fendido. Viu na brincadeira uma falta de respeito e consideração e não mais voltou ao theatro. Foi pena, porque, affirmavam todos, velho como era, ainda no Rio de Janeiro havia pouco quem representasse como elle.

22

1893 — Canta-se pela primeira vez no Theatro Reggio de Turim, Italia, a opera em 4 actos, **Irène**, versos de Cesare Fereal, musica do maestro portuguez Alfredo Keil.

D'este distincto compositor hei de tratar na data do seu nascimento, a 3 de julho.

23

1881 — Morre em Lisboa a actriz **Maria Labarrère.**

Vièra para Portugal com uma *troupe* franceza, que em 1877 deu espectaculos no theatro do Principe Real. Cá ficou, representando em portuguez no mesmo theatro, em 1878, n'uma revista minha. Cantou depois uma opereta *O Beldemonio* no Gymnasio e andou algum tempo nas provincias.

Era graciosa e possuia bonita voz.

1889 — Canta-se pela primeira vez no theatro de S. Carlos a opera **Otello**, do maestro Verdi, pelos artistas: Eva Tetrazzini, Broghi e Battistini. A opera foi ensaiada e regida pelo maestro Campanini. O successo foi completo. Na actual epocha de 1897-1898 foi de novo cantada por Tetrazzini e regida por Campanini. O barytono foi Ancona e tenor Grani e depois Dupeyron.

1889 — Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes a minha revista **Tim Tim por Tim Tim.** Teve um exito enorme de agrado e dinheiro. Deu 109 representações consecutivas, que foram outras tantas enchentes, parando unicamente por ter de partir para o estrangeiro a actriz Pepa, que desempenhava na peça muitos papeis. Em setembro do mesmo anno houve no Real Colyseu, a preços muito elevados, uma recita com o **Tim Tim,** tomando parte no desempenho todos os artistas e coristas de todos os theatros, que se achavam em Lisboa. Uma enchente colossal. O producto d'esta recita era destinado para a familia do actor Antonio Pedro e para se fazer um jazigo ao mesmo.

Em Fevereiro de 1890 *reprise* do **Tim Tim por Tim Tim** no theatro da Avenida, indo juntar-se á companhia d'aquelle theatro os artistas Pepa e Alfredo Carvalho. Deu 70 representações consecutivas.

Em setembro do mesmo anno nova *reprise* da peça na Rua dos Condes, onde deu 43 representações.

Em março de 1891 reapparece no mesmo theatro o **Tim Tím** com um panorama, appresentando vistas das diversas provincias de Portugal e colonias. Deu mais 44 representações.

Em junho do mesmo anno outra *reprise* no mesmo theatro, com papeis novos desempenhados por Barbara e Telmo. Deu 21 recitas.

Em novembro do mesmo anno, e ainda no mesmo theatro, outra *reprise*, sendo Alfredo Carvalho substituido pelo actor Roque. Deu 37 representações.

Em agosto de 1892 representa-se o **Tim Tim por Tim Tim** pela primeira vez no Rio de Janeiro, fazendo os principaes papeis Pepa, Joaquim Silva e Joaquim Costa.

O exito d'esta peça no Brazil foi ainda muito maior do que em Portugal. No Rio de Janeiro foi logo representada pela minha companhia mais de cem vezes consecutivas com immenso agrado e enchentes espantosas. Depois tem sempre alli estado em scena, chegando a representar-se nas mesmas noites por tres companhias diversas, e até por creanças!

Em S. Paulo é a peça que tem sido mais representada, tanto na capital como nas cidades do interior. Tem tambem grande numero de representações na Bahia, Pernambuco, Pará e Maranhão.

A 22 de dezembro de 1897 representou-se pela primeira vez no Porto o **Tim Tim,** no theatro Carlos Alberto, obtendo egualmente grande exito e grande numero de representações.

Preparo nova *reprise* d'esta peça para a epocha de 1898-1899.

24

1762 —Nasce em Lisboa o notabilissi-

mo musico portuguez **MARCOS PORTUGAL.**

MARCOS ANTONIO DA FONSECA PORTUGAL, tendo 8 annos de edade, isto é, em 1770, entrou para o Seminario Patriarchal e ahi estudou musica, principalmente com o director do Seminario, o distincto professor João de Sousa Carvalho. Aperfeiçoou-se depois com Borselli, cantor da Capella Real e dos theatros regios. Foi elle quem obteve para **Marcos Portugal** o logar de acompanhador de cravo no theatro de Madrid.

O embaixador portuguez na capital de Hespanha de tal modo se enthusiasmou com **Marcos Portugal,** que lhe proporcionou os meios de ir a Italia acabar a sua educação artistica. Partiu para alli em 1787 e logo no anno seguinte escrevia para o theatro de Turim a sua primeira opera *L'Eroe cinese,* que pouco exito obteve. A segunda foi uma opera bufa, *La Bachetta portentosa,* que causou verdadeiro delirio. Nos dois annos seguintes apresentou duas novas operas, que não obtiveram menor exito, *L'Astutto* e *Il Molinaro.* Em 1801 compoz outra opera *L'Isola piacévole.*

De 1787 a 1790 compoz **Portugal** diversas burlettas e dramas allegoricos para o theatro do Salitre.

Quando regressou a Lisboa, **Marcos Portugal** foi nomeado mestre da capella real, compositor organista da egreja patriarchal e regente do theatro do Salitre.

Em 1791 voltou á Italia. Deu em Parma *La dona di genio volubile,* em Roma *La vedova reggiratrice,* e em Veneza *Il principe de Spazzacamino,* que foi até alli o seu maior successo em Italia. Em 1794 canta-se em Milão a sua opera *Demofoonte,* em 1795 em Veneza *I due Gobbi,* em Bolonha, nos mesmos annos, *L'ingano poco dura* e *Il ritorno di Cerse.* Continuou a produzir prodigiosamente até escrever a sua obra prima, *Fernando in Messico,* representada em Roma em 1797, em cujo desempenho tomou parte a notavel cantora Bellington.

Desde esse momento **Marcos Portugal** ficou considerado entre os melhores compositores da epocha, e que eram nada menos que: Cima-Rosa, Monsigny, Paesiello, Richardi, Piccini, Grettry, Zingarelli e Fioravanti.

Voltando a Lisboa em 1799, encontrou já o theatro de S. Carlos em grande florescencia. O celebre Crescentini, então emprezario, deu-lhe o logar de regente-compositor, que ficou accumulando com os da Capella Real, Seminario e organista da Sé.

De 1801 a 1806 **Marcos Portugal** compoz 12 operas! Entre estas *Il ducca di Foix, Ginevra di Scozzia, Zaïra, Il triompho de Clelia* e *Sofonisba.*

Com a entrada dos francezes em Portugal, tendo fechado o theatro por questões financeiras, **Marcos Portugal** partiu para o Rio de Janeiro, onde então se tinha refugiado a Côrte de D. João VI. O rei acolheu o com enthusiasmo, nomeou o mestre da Capella Real e deu-lhe elementos para dirigir o movimento artistico que alli se iniciava. Para o theatro de S. João, recentemente construido, escreveu diversas operas.

Quando a Côrte regressou a Lisboa, **Marcos Portugal** não poude acompanhal-a, porque tivera dois ataques de paralysia e receiou embarcar.

Proclamando-se a independencia, ficou ao serviço do imperador, que fôra seu discipulo. Quando a edade e a doença o não deixavam trabalhar, cortaram lhe quasi todos os rendimentos! Foi a illustre mar-

queza d'Aguiar, quem então lhe abriu as portas do seu palacio e o acolheu carinhosamente.

Ferido pelo terceiro ataque de paralysia, tendo 68 annos de edade incompletos, falleceu a 7 de fevereiro de 1830, e foi sepultado na capella de Sant'Anna, no claustro do convento de Santo Antonio dos Franciscanos, do Rio de Janeiro. Annos depois o sr. M. de Araujo Porto-Alegre mandou encerrar n'uma urna, collocada no mesmo sitio, os restos do grande maestro, que se chamou **Marcos Portugal** e que de Portugal foi honra.

O illustre compositor, além de 18 *missas*, parte das quaes a instrumental, 6 *Te-Deum*, sendo um a 5 orgãos, destinado á basilica de Mafra, diversas *vesperas, psalmos, canticos, ladainhas, arias, duettos* e diversas composições ligeiras para os theatros da Rua dos Condes e Salitre, escreveu 40 operas, quasi todas de enorme exito e reputação europêa. D'estas 40 operas representaram-se em Portugal 20; no Brazil 3; na Italia 29; na Allemanha 7; em França 1; em Inglaterra 1; na Russia 3.

1823 — Grande incendio que reduz a cinzas o theatro de **S. João**, do Rio de Janeiro, inaugurado em 12 de Outubro de 1813 e que havia sido modelado pelo de S. Carlos, de Lisboa. Manifestou-se o incendio depois do espectaculo dado para solemnisar o juramento da nova constituição do estado.

1856 — Estreia-se no theatro do Salitre a companhia hespanhola, de que fazia parte a actriz **Manuela Rey**, que foi depois a primeira *ingenua* portugueza e de quem fallarei na data do seu nascimento, a 24 de outubro.

25

1851 — Nasce em Thomar o actor **Santos Junior.**

Começou por amador e estreiou-se depois no theatro do Principe Real, n'um papel de preto do drama *Cabana do pae Thomaz.* Passou para o theatro do Rato, onde entrou nas peças: *Maria da Fonte, Mar e guerra* e *Seita Negra.* Agradou muito no theatro Chalet do Araujo, fazendo o *Zé Povinho* da revista *Vistorias do Diabo.* Seguiu depois para o Porto, onde representou nos theatros dos Recreios e Trindade. Voltou a Lisboa, indo para o Rato, associado com Alcantara Chaves, Mercedes Blasco, Alfredo Carvalho, Luiz da Luz e Symaria. D'alli voltou á provincia e ilhas. No regresso a Lisboa, fez uma epocha de verão no Principe Real com Salvador Marques e com este emprezario seguiu para o theatro da Avenida. Em companhias secundarias tem utilidade.

1854 — Emilia das Neves representa pela primeira vez, no theatro de D. Maria, o drama de Alexandre Dumas Filho, a **Dama das Camelias.** Exito completo.

D'esta grande actriz hei de escrever largamente na data do seu nascimento, a 5 de agosto.

26

1828 — Nasce em Lisboa **Raphael Croner.**

Raphael José Croner, assim como seu irmão Antonio, tem o seu logar n'este livro, porque abrilhantou a orchestra de S. Carlos como musico muito distincto que foi, e por tomar parte em muitos dos principaes concertos que se deram nos theatros e salões de Lisboa.

Serviu no Batalhão Naval desde 1 de junho de 1845 a 29 de novembro de 1851, tendo acompanhado o batalhão na guerra civil de 1846.

Depois de extincto o batalhão foi contractado para a banda dos marinheiros militares, até que sentou praça de voluntario em 1 de janeiro de 1857, sendo promovido a mestre de musica em 21 do mesmo mez e anno.

Deu concertos nas principaes cidades de Portugal. Fez quatro viagens ao Brazil, em 1862, 1866, 1872 e 1876. Foi alli festejadissimo.

Além das medalhas de merito que possuia, era condecorado com a Ordem de Christo de Portugal, Rosa do Brazil, e Carlos III de Hespanha.

Era primeiro oboé da orchestra de S. Carlos e musico da camara de Sua Magestade.

A 22 de setembro de 1884, estando em Cascaes com o destacamento do corpo a que pertencia e que para alli tinha ido fazer a guarda de honra a el-rei, preparava-se para reger a banda que ia tocar ao jantar de Suas Magestades, quando se sentiu incommodado e logo depois morreu.

El-rei D. Luiz, que muito o estimava, mandou-lhe fazer o enterro a expensas suas.

1855 — Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes, o drama biblico, **Samsão ou a destruição dos philisteus**, original de José Romano. O papel de *Samsão* era desempenhado pelo actor Simões. A peça agradou muito e fez uma excellente epocha. Teve mais tarde uma *reprise*, sendo o papel de *Samsão* desempenhado pelo auctor.

27

1853 — Nasce em Lagos, **João Guerreiro da Costa Junior**.

Era recebedor do concelho e escrivão da administração de Villa Real de Santo Antonio. Era irmão de José Guerreiro da Costa, antigo mestre da banda de infanteria 2 e actualmente de infanteria 24.

João Guerreiro da Costa era um distinctissimo amador de musica e de grande inspiração como compositor. Produziu muitas melodias, valsas, mazurkas, marchas, polkas, passos ordinarios, etc.

Figura n'este livro porque compoz a musica da opereta em 3 actos, *A Moura de Silves*, original de Lorjó Tavares, a qual muito agradou no theatro da Trindade.

Deu-se a triste coincidencia de morrer **Guerreiro da Costa**, em Villa Real de Santo Antonio, a 2 de dezembro de 1890, isto é, um mez antes de se cantar com successo a sua primeira opereta.

1868 – Primeira representação, no theatro de S. Carlos, da opera **O Arco de Santa Anna,** do maestro portuguez Sá Noronha. Tomaram parte no desempenho o soprano Catarina Massini, o tenor Bulterini, a contralto Giuseppina Locatelli, o barytono Mendieroz e os baixos Bagaggiolo e Reduzzi.

Foi por não querer cantar esta opera que sahiu de Portugal, nunca mais aqui voltando, o tenor Mongini que tão querido era.

D'elle tratarei a 11 de outubro, data da sua estreia em S. Carlos.

Do maestro Sá Noronha já fallei na data da sua morte, a 23 de janeiro.

1880 — Inauguração do theatro popular do Rato com o titulo de **Novo Theatro de Variedades.** Era emprezario o Dr. Conceiro; director-gerente e ensaiador o velho actor Macedo e maestro Lagrange. A companhia era assim formada: Actores: A. Portulez, J. Portulez, Alfredo Carvalho, Correia, Fernando Lima, Maldonado, A. Ramos e Filippe Assumpção. Actrizes: Maria do Céo e Maria Candida.

O espectaculo d'abertura constou da comedia em 1 acto, de Costa Braga, *O Crime do Bemformoso*, e da peça sacra de Antonio Mendes Leal, *Martyrio e Gloria ou Torquato o Santo.*

Esta cahiu redondamente na primeira noite, fazendo com que a empreza acabasse ao fim de seis recitas.

1885 — Morre no Rio de Janeiro com mais de 70 annos de edade a actriz **Rosa da Silva Pinto.**

Nasceu em Lisboa **Rosa Adelaide Marchy da Silva Pinto.** Era filha do muito fallado Nicola do botequim do Rocio, tão celebrado por Bocage.

Entrou para o antigo Salitre e esteve em D. Maria nos primeiros annos do theatro, estreiando-se ahi na comedia *Um par de luvas.*

Casou com o actor Feliciano da Silva Pinto e com elle foi para o theatro D. Fernando, estreiando-se no papel de *Seraphina* dos *Trabalhos em vão,* de Duarte de Sá.

Foi depois para o Brazil na companhia de Francisco Fernandes. Ficou viuva no Pará e seguiu para o Rio de Janeiro, onde

se conservou até á morte, sendo amparada por sua filha, a distincta actriz Apollonia.

1886—Canta pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, a celebre artista **Adelina Patti**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 8 d'abril.

28

1810 — Nasce em Lisboa o grande his-

toriador e notavel escriptor **ALEXANDRE HERCULANO.**

Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, Commendador da Torre e Espada, bibliothecario d'el-rei, antigo deputado, socio das Academias de Lisboa, Madrid e Turim, membro do Instituto de França, recusou a Gran-Cruz de S. Thiago e a nomeação de par do reino.

Escriptor purissimo, de primeira plana, critico abalisado, jornalista modelo, poeta primoroso, deixou obras immorredouras, como são: *O Monasticon, As Lendas, A Historia de Portugal*, a *Harpa do Crente*, etc.

No theatro, além do drama o *Bobo*, que foi extrahido do seu romance e representado no theatro de D. Maria, deixou o drama historico portuguez em 3 actos, *O Fronteiro d'Africa ou tres noites aziagas*, representado no theatro do Salitre.

Alexandre Herculano morreu na sua quinta de Val-de-Lobos, proximo a Santarem, aos 13 de setembro de 1877.

1840 — Nasce em Maiorca, proximo da Figueira da Foz, o actor **Dias.**

Muito nôvo ainda, na epocha em que o nosso retrato o representa, foi **Antonio Dias Guilhermino** para Coimbra dedicar-se á vida commercial. D'alli resolveu ir para a Figueira e fez-se praticante de pharmacia no hospital da Misericordia. Passados dois annos veiu para Lisboa continuar a sua carreira na pharmacia Carvalho, da rua dos Fanqueiros. Aborreceu-se da vida da capital e voltou para Coimbra disposto a concluir os preparatorios para seguir o curso. Entrou para diversas sociedades de amadores, onde agradava muitissimo pelas extraordinarias aptidões que mostrava para a scena. Isto fel-o perder o gosto pela pharmacopéa e querer dedicar-se definitivamente ao theatro.

Organisando uma companhia o sr. José Novaes, **Dias** contractou-se e estreiou-se já como artista, na comedia o *Dr. Paz.* Foi logo depois para o Porto e alli esteve representando 20 annos, sendo sempre muito querido.

D'uma vez, em 1878, mandei-o vir para Lisboa. Appareceu na minha *Revista de 1877* e teve logo um enorme successo, principalmente n'um papel de *sacristão*, que elle desempenhava com immensa graça. Fez depois as *Ruas de Lisboa, Verde Gaio*, parodia dos *Sinos de Corneville*, que escrevi expressamente para elle, *Capitão Satanaz, Roca de vidro, Princeza Azulina, Narciso com dois pés, Processo da Luz electrica* e prinpalmente a *Revista de 1878*, em que desempenhava diversos papeis, salientando-se muito n'um *asylado* e n'um *inglez.*

Deu-lhe a nostalgia do Porto, que era afinal a sua terra predilecta, e **Dias** para lá voltou n'uma empreza de Alves Rente.

Em 1880 foi ao Rio de Janeiro. Appareceu, agradou; mas não parava em theatro algum. Quando eu alli cheguei, em 1881, **Dias** estava representando com Herminia n'um circo detestavel, juntamente com um *homem de forças* e não sei que mais. Pensei

em libertal-os d'aquella vergonha. Ia começar a minha empreza no theatro do Principe Imperial, convidei-os, ambos acceitaram. A Herminia foi e lá se conservou commigo por muito tempo; o **Dias** fez dois ensaios; ao terceiro dia faltou; perguntei por elle, disseram-me que tinha embarcado para a Europa.

Quando regressei do Brazil, achei-o novamente no Porto. Lá esteve outra vez com o Rente e depois com Cyriaco Cardoso.

Em 1890 chamei-o de novo para crear o papel de *Benjamim* do *Reino das mulheres*. Foi felicissimo. Esteve essa epocha na Rua dos Condes, depois duas no Avenida e lá voltou para o Porto, que era afinal onde se sentia bem.

Em setembro de 1893, estando a representar o *Solar dos Barrigas*, n'uma *matinèe*, no theatro do Principe Real, do Porto, caiu fulminado para não mais se levantar.

Foi pena, porque era um actor de merito e engraçadissimo. No principio da sua carreira teve a preoccupação de imitar o Taborda e procurava mesmo fazer o seu repertorio. Depois tomou uns feitios seus, que reproduzia muito, mas que eram realmente engraçados.

Os seus principaes papeis eram: *Benjamim* do *Reino da mulheres*, *Sacristão* e *Azylado* das *Revistas*, *o velho* do *Assassino de Macario*, que Camillo Castello Branco arranjou expressamente para elle, o *Juiz* da *Bilha quebrada*, o *Candieiro d'azeite* do *Processo da Luz electrica*, o *protogonista* do *Heroe á força*, *D. Bartholo* do *Barbeiro de Sevilha*, o *Pomponnet* da *Angot*, o *Simão* da *Mascotte*, o *D. Nicomedes* dos *Dragões d'El-Rei*, *Frei José* dos *Madgyares* e o *Judeu* do *Juiz*.

1843 — Canta-se por amadores na Academia Philarmonica o drama lyrico, **Os Infantes em Ceuta**, letra de Alexandre Herculano, musica do maestro Miró.

1876—Representa-se pela primeira vez, no theatro da Trindade, a opera comica de Charles Lecocq, **A Filha da sr. Angot.** A distribuição dos papeis era a seguinte: *Angelo Pitou*, Queiroz; *Pomponnet*, Leoni; *Larivaudière*, Ribeiro; *Trenitz*, Augusto Rosa, *Louchard*, Mattos; *Mademoiselle Lange*, Herminia; *Clarinha Angot*, Florinda; *Amarante*, Emilia Ferreira.

Foi para esta peça que Francisco Palha foi buscar Herminia ao theatro do Principe Real, pagando a Pinto Bastos um conto de réis de multa pela quebra da escriptura. Herminia tinha ido um mez antes offerecer-se e experimentar a voz á Trindade e havia sido regeitada!

Tambem com esta peça se deu outro caso interessante. Era n'esse tempo representante em Portugal da Sociedade dos auctores dramaticos francezes o actor Apollinario de Azevedo. Este, logo que recebeu a peça, traduziu-a. Palha leu e não gostou da traducção; traduziu-a de novo. Apesar d'isso combinou dar a Apollinario por cada representação quatro mil e quinhentos réis, o que, n'aquelle tempo, era uma libra a valer, no bello oiro. Não se annunciou nome de traductor. Ao chegar ás cem representações, Palha disse a Apollinario de Azevedo que se contentasse, que lhe não dava mais. Effectivamente, cem libras em oiro por uma pessima traducção, que não poude aproveitar-se, já não foi máu.

29

1875 — Morre o critico theatral **José Maria de Andrade Ferreira**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 18 de novembro.

1882 — Canta-se pela primeira vez no theatro de S. Carlos a opera *Beatriz*, de **Frederico Guimarães**.

A opera, que não obteve successo, foi cantada pelos artistas: Cepeda, Gini, Bulterini, Kaschmann, Bertocchi e Banchi.

Frederico Guimarães nasceu em Lagos, em 1849. Entrou para o Conservatorio com 11 annos de edade e fez um explendido curso de rudimentos, rabeca, harmonia e contraponto, sendo premiado e obtendo sempre distincções e louvores.

Actualmente é no mesmo Conservatorio professor de harmonia, contraponto e composição.

Tem exercido os mais importantes cargos da Associação Musica 24 de Junho.

Foi primeiro violino da orchestra do theatro de S. Carlos e regente de varias orchestras. É musico da Real Camara.

Além da opera *Beatriz*, tem feito diversas composições sacras e profanas.

1896 — Morre no Rio de Janeiro, victimado pela febre amarella, o actor **Venancio**.

Este **Venancio**, conhecido pelo das *imitações*, era um bohemio, um infeliz. Contava-me elle que fôra achado na rua, nunca o haviam baptisado e que as pessoas a quem chamava pae e mãe o não eram.

Perdia as noites em orgias, e, de dia, ou dormia, faltando ás suas obrigações, ou procurava quem lhe matasse a fome.

Tão depressa ria despropositadamente, commettendo toda a sorte de disparates, como chorava copiosamente, maldizendo a sua vida e prégando o suicidio.

Estreiou-se no theatro do Rato, fazendo imitações n'uma revista. Teve muito agrado, porque realmente nunca apparecera um imitador tão perfeito. Excedia muito os afamados Trindade e Pedro Moreira.

Do Rato passou para o Avenida e logo depois para a Trindade, onde tive a maxima paciencia com elle. Pediu-me depois para o levar ao Brazil; levei-o. Passado um mez sahiu da minha companhia e lá ficou pelo Rio de Janeiro, n'uma epocha de terrivel epidemia, sem resguardo algum, apanhando sol, perdendo noites em ceias e orgias. N'estas condições, para um recem-chegado a morte era quasi inevitavel. Realisou o suicidio que premeditára. Em toda a sua curta carreira não teve um unico papel em que se salientasse, tendo aliás bastante merecimento. Representava como um doido. Foi um infeliz.

Coroação de Voltaire

30

1778 — N'esta data recorda-se um acontecimento notavel, de que não ha outro exemplo nos annaes do theatro. Na Comedie Française representava-se pela sexta vez a tragedia *Irène*, de **Voltaire**.

Á vista do publico, trouxeram para a

scena o busto do auctor, e sobre elle todos os artistas vieram depôr uma corôa. **Voltaire**, que estava n'um camarote, assistiu á sua apotheose, e, n'esse momento, todos os espectadores que enchiam a sala, voltando-se para elle, irromperam em applausos e acclamações phreneticas.

1834 — Nasce no Porto **Jacintho Heller.**

N'aquella cidade, na rua de Santo Antonio, teve o pae do **Heller** um armazem de instrumentos. Como a fortuna o não protegesse, fez-se actor e seguiu com a familia para o Brazil. **Jacintho Heller** tinha então apenas 3 annos.

Quando completou 15, estreiou-se tambem como actor no Rio Grande do Sul.

Passados annos foi contractado por João Caetano para o Rio de Janeiro, trabalhando com muito agrado no theatro de S. Pedro d'Alcantara.

Com a morte de João Caetano, passou para o antigo theatro de S. Januario e depois para o Gymnasio, contractado por um fallecido emprezario Heliodoro, o primeiro que explorou no Brazil o drama intimo e a alta comedia.

Entrou mais tarde para uma sociedade artistica que dava alternadamente espectaculos na Phenix Dramatica e no Pedro 2.º, hoje Theatro Lyrico.

Ao desfazer-se a sociedade, **Heller** tomou sobre si os pezados encargos de emprezario e director de scena.

Querendo conservar intactas as tradicções que ao theatro brazileiro legára o seu mestre João Caetano, luctou muito e foi vencido.

Teve de transigir com o gosto do publico, principalmente pervertido pelos espectaculos que n'essa epocha lhe offerecia o Alcazar.

Começou **Heller** explorando com enorme felicidade o genero alegre. A opereta e as parodias imperavam então.

A Phenix tornou-se o theatro da moda. **Jacintho Heller** dava as leis, obtendo successos espantosos e successivos com as magicas *Loteria do diabo, Corôa de Carlos Magno, Mil e uma noites, Ali-Baba, Corça dos bosques,* as parodias *Orpheu na Roça* e *Filha de Maria Angú* e as operetas *Sinos de Corneville, Barba Azul, Niniche, Princeza dos Cajueiros, Robinson, Noivos, Mulher do papá, Mosqueteiros no convento, Milho da padeira, Madame Favart, Dia e Noite, Ave do Paraizo, Toutinegra do Templo* e outras, especialisando o *Boccacio* e a *Mascotte.*

Em quanto não teve concorrente tudo correu ás mil maravilhas. Depois foram apparecendo companhias do mesmo genero. **Heller**, para melhor luctar, mudou a sua companhia para o theatro Sant'Anna, que era mais central. Assim mesmo foi vencido.

Elle, que poderia talvez ter enriquecido, lucta com difficuldades, sem empreza e, por vezes, tomando o logar de ensaiador de companhias de existencia ephemera.

Pobre **Heller**! Merecia melhor sorte.

1887 — **Antoine** inaugura em Paris o Theatro Livre, com o drama *Jacques Damour.*

Antoine foi um antigo empregado da Companhia do Gaz, de Paris. Representava como amador em salões, quando se lembrou de fundar o Theatro Livre.

A primeira recita teve logar na passagem do Elyseu de Bellas Artes. Mais tarde o Theatro Livre mudou-se para a Gaitè-Montparnasse, depois para os Menus-Plaisirs. Nos tres primeiros annos foram representados 125 actos ineditos.

Mais tarde o Theatro Livre deu uma serie de representações no Porte-Saint-Martin, foi ás provincias e estrangeiro.

Antoine esteve em Lisboa, no theatro D. Amelia, onde teve admiradores, sem fazer sensação.

Antoine esteve contractado no Gymnase, onde pouco se demorou e menos parou na direcção do Odeon.

Resuscitou agora o Theatro Livre, que em Paris tem publico enthusiasta, mas limitado.

31

1755 — Inaugura-se com a opera de David Perez, intitulada *Alessandro nell'Indie*, o grandioso theatro chamado **Opera do Tejo**, junto aos Paços da Ribeira.

Não havia em toda a Europa theatro de taes dimensões e tão fabulosa riqueza. Foram seus architectos e decoradores os illustres artistas Bibiena, Marcos, Paulo, Berardi, Bernardes, Azolini, Narciso e Lourenço da Cunha. Foi machinista Petronio Manzoni e scenographo Nicolau Servandoni. Os primeiros cantores do mundo alli estavam contractados: Elisi, Cafarelli, Manzuoli, Giziello, Veroli, Balbi, Luciani, Raaf, Raina, Guadagni e Balino. Cada um d'estes artistas recebia por dois mezes dez e doze contos de réis, o que n'aquella epocha era espantoso. O director era o celebre David Perez.

Na opera *Alessandro nell'Indie*, letra de Metastasio, entrava um esquadrão de cavallaria; a phalange macedonica era representada por 400 homens. Havia uma grande marcha para manejar em scena o cavallo de Alexandre, o celebre *Bucephalo*.

Para nada faltar ao luxo de tal theatro, até havia gravadores celebres para illustrar os libretos das operas, que eram distribuidos aos espectadores.

Sete mezes depois de concluida esta monumental obra, que não tinha rival em todo o mundo, um terrivel incendio e o terramoto a reduziram a um montão de ruinas.

1880 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *O Cão de Malaquias*, a actriz **Esther de Carvalho**.

Era tão talentosa quanto desequilibrada e foi isso que a matou.

Esther de Carvalho, filha de excellente familia, nasceu em Montemór-o-Velho. Ainda muito pequenina foi para a Figueira da Foz. Alli se educou e desenvolveu. Ainda muito nova tambem, no tempo dos banhos, já fazia a admiração e era o encanto de todos os frequentadores das assembléas e clubs. Tinha uma conversação espirituosa, tocava admiravelmente pianno e cantava com arte n'uma voz melodiosissima. Todos a adoravam, todos a applaudiam e festejavam. A epocha dos banhos era para ella um encanto e um orgulho. Ia-se o ultimo banhista e lá se ia tambem a alegria da **Esther**. Esta intermitencia de gloria era-lhe muito desagradavel. D'uma vez não teve paciencia para esperar por ella e foi ao seu encontro. Mas já que dava tal passo, queria uma gloria a valer, coisa que a elevasse mais alto. Deixou a Figueira e a familia n'uma bella manhã e chegou a Lisboa com o proposito firme de entrar no theatro da Trindade. E entrou. D'ahi a pouco annunciou-se a sua estreia, o theatro encheu-se e o publico pasmava do que via. Em vez das hesitações de uma debutante, **Esther** parecia antes conhecer o palco como os seus dedos, tal era o desembaraço e firmeza com que se apresentava, ella que nem ao menos ainda uma vez representára como amadora! Esta poderia dizer que foi logo consagrada. De papel para papel ia obtendo mais agrado e firmando os seus creditos de actriz e cantora.

Assim foi no *Orpheu no Inferno*, no *Doutor Rosa*, *Rouxinol das salas*, *Filha do Inferno*, *Dragões d'El-Rei*, *Estrella do Rei Uff* (caindo a peça, mas sendo ella applaudida), *Ultimo figurino*, *Filha da sr.ª Angot*, *Tres Dragões*, *Perichole*, *Chalet*, *Mascotte* e *Dragões de Villars*.

O seu viver é que era desregrado e inconveniente no palco. Francisco Palha cançou-se de a multar e de a reprehender em tabellas vehementissimas. Nada conseguia. Faltava a ensaios, faltava a espectaculos, proferia a toda a hora inconveniencias, insultava as collegas e chegava a vias de facto!

Aquelle viver pacato e methodico do theatro da Trindade não se dava com o seu feitio turbulento. Um bello dia metteu-se a bordo de um vapor, desembarcou d'ahi a 15 dias no Rio de Janeiro, hospedou-se no primeiro hotel que encontrou e mandou-me

ao theatro do Principe Imperial, de que eu era emprezario, um bilhete em que só me dizia: «Meu caro Sousa Bastos — Quer-me «no seu theatro? — **Esther**».

É claro que não fiz mais do que tomar uma carruagem e correr a buscal-a, não só para o theatro, mas para casa, com medo de que me escapasse. Cahi em boa.

Fiz logo d'ahi a dias a sua estreia no *Sino do Eremiterio*. O agrado não podia ser maior. Ella convenceu-se não só de que era precisa; mas de que devia ser emprezaria para auferir todos os interesses que o seu talento pudesse produzir.

O que ella fez d'ahi por diante é indescriptivel. Passava os dias na rua, de porta em porta, de estabelecimento em estabelecimento, fazendo propaganda a seu favor, lamentando-se, até formar um partido, que fez quasi uma revolução no Rio de Janeiro. Fallava ás turbas das janellas, dava audiencias a toda a caixeirada inferior, preparava os meios de combate e recebia mil presentes de todos os generos. Os seus espectaculos começaram a ser tumultuosos, não passando muitas vezes do meio do primeiro acto. A lucta entre Estheristas e Pepistas chegou a incommodar devéras a policia do Rio de Janeiro. D'uma vez, na primeira representação da *Perichole*, no theatro Recreio Dramatico, o escandalo chegou a tal ponto, que a auctoridade que presidia ao espectaculo, mandou-o suspender e levou presos para a estação de policia, vestidos como estavam em scena, a actriz **Esther** e o actor Ribeiro. Todos os espectaculos em que tomava parte a actriz Pepa eram interrompidos pelos Estheristas, e, da mesma fórma, aquelles em que entrava a **Esther** tornavam-se tumultuosos por causa dos Pepistas. Os escandalos passaram das salas d'espectaculo para as praças publicas. Os que sahiam d'assistir ás recitas n'um dos theatros eram atacados pelos contrarios e vice-versa. As ruas em que moravam as duas actrizes estavam sempre em estado de sitio; havia diariamente alguns ferimentos e muitas prisões.

As luctas nos estabelecimentos eram engraçadissimas. Quasi todas as importantes casas commerciaes do Rio de Janeiro teem grande numero de caixeiros; entre elles havia Pepistas e Estheristas. A uma phrase inconveniente, a uma qualquer allusão, desatavam todos á pancada, sem se importarem com os freguezes, nem mesmo com os proprios patrões.

Lembro-me que seguia eu uma noite com a actriz Pepa n'um *bond* que subia a rua da Assembléa; á nossa frente ia um sujeito carrancudo que nos olhava de revez. Ao chegarmos ao largo da Carioca, entraram para o *bond* quatro Pepistas que desataram logo aos vivas á Pepa. O sujeito carrancudo levantou-se n'um impeto, cheio de colera e gritou: — Viva a **Esther**!... Os quatro saltaram-lhe em cima, atiraram-n'o á rua e dariam cabo d'elle, se eu não interviesse e a Pepa, pedindo-lhes que deixassem o pobre homem, que estava no seu direito em ser admirador da **Esther**, que na verdade tinha talento bastante para admirar.

Para terminar essa lucta, que afastava já dos theatros as familias e promettia tornar-se um dia causa de scenas mais desagradaveis, parti para S. Paulo com a minha companhia.

Esther e Ribeiro, juntando-se ao maestro Alvarenga, que eu mandára ir da Europa e estimava como amigo, fizeram-se emprezarios no theatro Recreio Dramatico. Foi na estreia d'essa empreza que os Pepistas lá foram manifestar-se e que, querendo Ribeiro e **Esther** desaffrontar-se da scena, roceberam voz de prisão, acabando tudo em tumulto.

Resultado final das loucuras da **Esther**: o Alvarenga morre assassinado á paulada pelo amante de uma costureira do theatro, a quem elle fazia a côrte; o Ribeiro, depois de passeiar um dia em carro descoberto, apanhando um sol violentissimo, n'uma epocha de epidemia, chega a casa, despe-se, e deita-se a dormir sobre as lajes d'uma varanda. Quando se levantou, atacara-o a febre amarella, que o matou no dia seguinte. A **Esther**, sósinha, á frente d'uma empreza, commettia uma loucura cada dia e trabalhava brutalmente por um tolo capricho. Morreu em breve, phtisica e des-

graçada, a ponto de lhe venderem o ultimo movel e o senhorio querer pôl-a fóra da porta, moribunda, quando até já cortára a trança de cabello para vender. E que bonitos cabellos ella possuia!

Ribeiro e **Esther** lá estão no cemiterio de S. João Baptista, do Rio, n'um lindissimo jazigo que tinham mandado fazer e não chegaram a pagar.

Os Estheristas, com algumas excepções dos mais prudentes, ficaram quasi todos desempregados. Alguns deram em comparsas dos theatros, outros em cocheiros e muitos tiveram de sair do Rio de Janeiro.

Desgraçada **Esther**! Com elementos para ser uma primeira actriz e querida de todos, tão attribulada viveu pelo seu feitio impossivel, e tão infeliz morreu, porque nem sabia conservar amizades e dedicações!

ABRIL

ABRIL

I

1842 — Nasce em Lisboa o actor **Pereira.**

Augusto José Pereira era filho d'aquelle velho e roliço Pereira, da Boa Hora, que se rebolava por aquellas escadas e se esganiçava a gritar pelas testemunhas. No tribunal não queria elle metter o filho, porque bem sabia as inclemencias e semsaborias que passava, sem muitas vezes ganhar para comer. Mandou ensinar ao rapaz o officio de carpinteiro. Elle, porém, sonhara com o theatro e principalmente com o da Rua dos Condes, que frequentava da geral ou varandas, quasi todas as noites.

Por intermedio de um amigo que era ajudante de aderecista, **Pereira** conseguiu para alli entrar como comparsa.

O ensaiador do theatro, Alcantara Chaves, lembrou-se um dia de fazer representar uma comedia por discipulos e figurantes, para ver se apurava algum de habilidade. A comedia escolhida intitulava-se *As duas casacas.* Foi á scena, depois de muito trabalho, e **Pereira**, que fazia um *gato pingado*, foi o unico applaudido que prometteu vir a ser um actor. Logo depois, na comedia de Costa Braga, intitulada *O que é o mundo*, deram-lhe o papel do janota que compra dez réis de sardinhas e foi muito applaudido. Ficou sendo actor, ganhando por noite sete vintens e uma vela de cêbo para se alluminar.

Da Rua dos Condes passou para as Variedades, d'ahi para o Principe Real com Santos e Pinto Bastos. Mais tarde foi para as Variedades, em seguida para D. Maria, depois com Santos para o Gymnasio e Rua dos Condes e finalmente para o Principe Real, indo com esta companhia por diversas vezes ao Brazil, agradando sempre lá tanto como aqui.

Pereira era um actor muito util e com bastantes sympathias nas platéas. Era por vezes exaggerado, mas d'esses mesmos exaggeros tirava partido. Descia á bocca da scena, voltado para o publico, acenava com a cabeça e levantava os braços, ges-

ticulava, gritava e não sahia d'alli emquanto lhe não dessem palmas, o que nunca falhava.

Morreu repentinamente, na força da vida, quando podia ser ainda muito util ao theatro.

O seu repertorio era enorme em todos os generos. Citarei apenas algumas peças em que foi mais apreciado: *Pera de Satanaz* (o celebre Rei Caramba), *Pomba dos ovos de ouro* (Confucio), *Grã-Duqueza* (o Barão Puck), *Mil trovões*, *Bandeira do regimento*, *Corsario Negro*, *Ladrões do mar*, *João o Cocheiro*, *Vivandeira do 16 de linha*, *Ladrões de Lisboa*, *Mysterios de Lisboa*, *Correio de Lyão*, *Engeitados*, *Córa*, *Maria Antonieta*, *Cofre dos encantos*, *Capitão Phantasma*, etc.

1850 — Canta-se pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, a opera **O Propheta**, de Meyerbeer. Os interpretes foram: damas Marietta Gresti e Marietta Marinangeli, tenores Gaetano Baldanza e Carlo Liverani, baixos Nicolau Benedetti e Luiggi Rocco, barytono Celestino.

A opera agradou muito, o desempenho menos, porque a Gresti, que era um soprano agudo, teve que transportar muitos trechos, e o Baldanza, que tinha uma voz portentosa, não deu colorido ao cantabile. O que houve de mais notavel, foi que, o que mais agradou e mais impressionou o publico, foram os effeitos do Sol obtidos pela luz electrica, o que era novidade em S. Carlos.

1865—Representa-se pela primeira vez com enorme successo no theatro de D. Maria, em beneficio do actor Santos, o drama em 5 actos, **Vida de um rapaz pobre**, original de Octave Feuillet, traducção de Joaquim José Annaya.

1871 — Nasce em Angra do Heroismo **Faustino da Fonseca**.

Tem militado na imprensa republicana, dirigindo por muito tempo o jornal *A Vanguarda*. Preso por delictos d'imprensa, quando sahiu da cadeia escreveu o livro *Tres mezes no Limoeiro*.

Para o theatro tem escripto: *Patria e Liberdade*, drama historico em 5 actos, representado por amadores no theatro de Angra do Heroismo em 1892; *Dramas do Limoeiro*, darma em 5 actos e 6 quadros, representado em 1897 no theatro do Principe Real; *O Mar*, poesia dramatica, recitada no theatro do Principe Real; *A Descoberta da India*, drama em 5 actos e 8 quadros, para entrar no concurso aberto pela Commissão executiva do centenario da India, impresso pela Companhia Nacional Editora.

Faustino da Fonseca tem ainda ineditos diversos trabalhos para o theatro.

2

1822 — Nasce o illustre escriptor **Rebello da Silva**.

Era natural de Lisboa **Luiz Augusto Rebello da Silva**. Occupou os mais altos cargos e foi reputado um dos primeiros homens de lettras da sua epocha.

N'este livro tem de figurar por ter sido membro do Conservatorio Dramatico desde 1845, fiscal do theatro de D. Maria em 1846, e, como escriptor dramatico, ser auctor da peça em 5 actos, *Mocidade de D. João V*, de collaboração com Ernesto Biester, e ter imitado ou traduzido as seguintes peças: *Por direito de conquista* de Legouvè, o *Othelo* de Shakespeare, *Honra e dinheiro* de Ponsard, *Angelo* de Victor Hugo, *Gusmão o bom* de Mery, *Fada* de Octave Feuillet, *Redeas do governo* e *Infante Santo*.

1840 — Nasce em Paris **Emile Zola**.

Foi empregado da livraria Hachette, aproveitando as horas de repouso para collaborar em diversos jornaes. Entregando-se completamente ás lettras, publicou o seu primeiro volume, *Contes á Ninon* em 1864. Dahi por diante, n'uma nunca interrompida serie de publicações de uma nova escola, foi de triumpho em

triumpho, alcançando uma reputação brilhante no mundo inteiro.

Foi eleito presidente da *Societé des gens de lettres*. A Academia é que systematicamente se tem opposto á sua entrada no numero dos immortaes, apesar de ter elle concorrido a todas as cadeiras vagas desde 1890.

Para o theatro **Emile Zola** tem feito as seguintes peças: *Mystères de Marseille* (1869); *Thereze Raquin* (1873); *Héritiers Rabourdin* (1874); *Bouton de rose* (1878); *Assommoir* (1879); *Nana* (1881); *Pot-Bouille* (1883); *Ventre de Paris* (1887); *Renèe* (1887); *Le Rêve* (1888); *Tout pour l'honneur* (1888); *Germinal* (1888); *Attaque du moulin* (1889); *Madeleine* (1889); *Au Bonheur des Dames* (1896); *Messidor* (1897).

Emile Zola, á custa de todos os riscos e de todos os sacrificios, acaba de sustentar em França uma tremenda campanha a favor do direito e da jústiça, na celebre questão Dreyfus-Estherazy. Foi condemnado e arriscou a sua vida; mas o futuro lhe fará justiça.

1877 — Estreia-se no theatro dos Recreios, com o drama *Norma*, a companhia da tragica **Carolina Civile**. Não impressionou Lisboa.

1879—Nasce no Rio de Janeiro a actriz **Lucilia Simões**.

Filha de Lucinda Simões, vê-se bem que herdou boas qualidades, e, mais se vê, que ainda não teve outro mestre, pois segue religiosamente as pisadas da sua progenitora. Tomou no todo a sua maneira de representar.

Tendo vindo muito nova para Portugal, aqui se educou. Representou pela primeira vez em Coimbra, a 4 de maio de 1895, fazendo a parte de D. Maria de Noronha na scena primeira do 2.º acto do *Frei Luiz de Sousa*, com seu avô, o actor Simões, que desempenhou a parte de Telmo Paes.

Mais tarde representou na empreza de sua mãe, no theatro da Rua dos Condes, fazendo, entre outras peças, a *Francillon*. Representou em seguida no Porto e outras terras da provincia. Quando regressou a Lisboa, evidenciou-se n'alguns papeis que desempenhou no theatro de D. Amelia, ainda na companhia de sua mãe, e com a mesma seguiu para o Rio de Janeiro, sua terra natal. Foi perfeitamente recebida pelo publico e, aqui e lá, todos são concordes em que muito ha a esperar do seu talento, se fôr convenientemente aproveitado.

1894 — Morre **Fernando Caldeira**.

Era uma alma de oiro, um fidalgo em toda a extensão da palavra, um poeta primoroso e um dramaturgo de fino quilate.

As suas peças, muitas em verso, deixavam encantados os que as ouviam. Estão na memoria de todos os verdadeiros successos obtidos pelas encantadoras comedias: *Mantilha de renda, Madrugada, Sapatinho de setim, Varina, Medicas* e tantas outras.

3

1848 — Nasce em Paris o festejado escriptor **Jorge Ohnet**.

É formado em direito e jornalista. Os seus romances fizeram verdadeira sensação.

Como dramaturgo estreiou-se a 4 de dezembro de 1875, fazendo representar no theatro Historico o drama em 5 actos, *Regina Sarpi*. Dois annos depois dá no Gymnasio a comedia em 4 actos, *Martha*. Seguem-se depois verdadeiros successos: *Serge Panine* (1882), *Révérend* (1883), *Maitre de forges* (1883), *Comtesse Sarah* (1887), *Grande Marnière* (1888), *Dernier amour* (1890), *La Revue quand même* (1894) e *Colonel Roquebrune* (1896).

Jorge Ohnet é cavalleiro da Legião de Honra e vice presidente da Sociedade dos Auctores e Compositores Dramaticos.

1854—Representa-se pela primeira vez no theatro do Gymnasio o mysterio em 3 actos e 4 quadros, **Gabriel e Lusbel ou o Thaumaturgo**, vulgo **Santo Antonio**, original de José Maria Braz Martins, musica de Angelo Frondoni.

N'esta primeira epocha a distribuição da peça era a seguinte: Fr. Antonio — Braz

Martins (o auctor da peça); Gabriel, anjo bom — Emilia Letroublon (depois a grande actriz de comedia e companheira de Santos); Lusbel, anjo mau — Ramos (um actor feio, de voz rouquenha e que só servia para diabos); Ezelino—Rodrigues (actor de merito, mas muito infeliz. Morreu ha pouco ainda, no Brazil. Era pae da actriz Judith Rodrigues, que no Brazil está tambem); Fr. Elias — Abreu (uma utilidade em theatro, que esteve tambem na Rua dos Condes); o Sacristão-mór—Roquete (uma nullidade, que passou para o theatro das Variedades, onde nada fez tambem, e acabou em guarda da alfandega); Ignacio, leigo—Sargedas (era um actor comico de muita graça, primo do Sargedas de D. Maria; fez-se depois padre e era um prégador afamado); Martim de Bulhões — Assumpção (o actor cégo de um olho e meio cambaio, de quem já fallei); Leonardo — Izidoro (o grande actor, de quem hei de fallar na data do seu nascimento, a 2 de novembro); Bertha — Joaquina (uma mulher muito alta, muito feia e muito semsaborona); Olivia — Eugenia Camara (de quem hei de escrever a 9 d'este mez, data do seu nascimento); Marco Aurelio — Marques (o velho Marques, actor e copista, auctor, ensaiador, ponto, etc. Tinha um enorme nariz e um rosto vermelho, denunciando o muito que bebia); Um magistrado — Romão (o illustre ensaiador, que tantos discipulos deu ao theatro e que foi mais tarde director de scena do theatro de D. Maria); Uma mulher do povo — Emilia Candida (depois uma actriz de primeira ordem, da qual fallarei a 18 de maio); Outra mulher do povo — Margarida (Margarida Lopes, que tanto appareceu depois em damas centraes e caracteristicas).

Na distribuição encontram-se ainda nomes para mim desconhecidos: Sousa (será o que depois foi conhecido por Sousa Vaqueiro por se tornar tão distincto no saloio do *Izidoro o Vaqueiro* e depois acabou em mau corista e completamente ignorado?), Ferreira (seria o irmão de Izidoro?), Maria d'Assumpção (provavelmente alguma parenta de Assumpção), Ludovina (seria a que mais tarde fazia umas velhas muito engraçadas nas Variedades?), Cunha, Cruz e Domingos (completamente desconhecidos).

D'este enorme grupo hoje só vive a excellente actriz Emilia Candida; mas infelizmente pouco pode trabalhar. Nem ella nem outras pessoas que frequentavam o theatro n'essa epocha se lembram dos desconhecidos que apresento.

O **Santo Antonio** é a peça que maior numero de representações tem em Portugal e Brazil. D'ella e do seu auctor já fallei a 3 de fevereiro.

1869—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria, o drama em 5 actos, **A Morgadinha de Valflor**, original de Pinheiro Chagas. Teve um exito brilhantissimo.

A distribuição da peça era a seguinte: Luiz Fernandes — Tasso (o grande artista, de quem fallarei a 27 de maio); Leonardo Fernandes — Theodorico (o notavel actor, de quem tratarei a 30 de maio); Capitão-mór — Cesar de Lima (o distincto artista que ainda felizmente existe); Rodrigo de Azeredo — Joaquim d'Almeida (de quem já fallei em 1 de fevereiro); Fr. João Ignacio — Moreira (actor hoje reformado, de quem escreverei a 6 de junho); Bernardo Rodrigues — Bizarro (que tinha verdadeiro merito, mas pouco depois deixou de ser actor); José Felix — Polla (bom actor, de quem hei de fallar a 13 d'este mez); Diogo Barradas — Bayard (que está ainda hoje no theatro de D. Maria); Leonor Coutinho —Emilia Adelaide (a distinctissima actriz, de quem hei de tratar a 1 de novembro); Thereza Coutinho — Delfina (a notabilissima artista, de quem hei de escrever a 20 d'este mez); Mariquinhas — Rosa Damasceno (a excellente actriz, de quem já fallei a 23 de fevereiro); Um camponez — Leal (um modesto e antigo actor d'aquelle theatro); Outro camponez—Amaro (outro actor modesto, de quem fallarei a 28 de Outubro).

Se a peça era excellente e servia de estreia a um talento brilhantissimo, o magnifico desempenho tambem não concorreu pouco para o immenso agrado que a peça obteve.

São innumeras as representações d'este drama em Portugal e Brazil.

O papel de Morgadinha tenho eu visto representar pelas seguintes artistas de todas as classificações: Emilia Adelade, Amelia Vieira, Ismenia dos Santos, Apollonia Pinto, Pasquali, Helena Cavallier, Barac, Margarida da Silva, Paladini, Maria José Soares, Emilia Ribeiro, Iva Ruth, Carmen e não sei se mais alguma.

4

1845 — Inaugura-se o theatro **Lethes**, de Faro. O espectaculo foi desempenhado por amadores e constou do drama original de Serpa Pimentel, *Almansor* e da farça traduzida do francez *O Urso e o Pachá*.

Este theatro, ainda hoje bom, era, na epocha, dos melhores que existiam em Portugal. Foi mandado construir pelo afamado medico Dr. Lazaro Doglione e sua esposa D. Maria Crespim, tios do Dr. Cuman, que depois o conservou com todo o esmero. O velho edificio, em que o theatro foi construido, foi comprado á fazenda nacional. O theatro tem bellas accommodações e admitte 500 espectadores. Tem duas ordens de camarotes e uma espaçosa varanda em roda.

As primeiras pinturas do theatro e scenario foram feitas pelo Dr. Cuman e pelo conego Rasquinho.

O Dr. Doglione deu ao seu theatro o nome de theatro **Lethes**, por ser esta a denominação do rio do *esquecimento* e por desejar que dentro da sua casa d'espectaculos se esquecessem todas as divergencias politicas. É original esta lembrança.

1848 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria, a excellente comedia de Garrett, *A Sobrinha do Marquez*.

1850 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria, a notavel peça **Frei Luiz de Sousa**, de Garrett. Tambem pela primeira vez n'esta noite foi o theatro illuminado a gaz, o que produziu bello effeito.

O **Frei Luiz de Sousa** tinha sido primeiro representado por amadores, na quinta do Pinheiro, a 4 de julho de 1843 e depois no theatro do Salitre, a 1 d'agosto de 1847.

Foi n'esta epocha, no Salitre, que o papel de *Maria*, no *Frei Luiz de Sousa*, teve um optimo desempenho pela actriz Maria da Gloria, que alcançou extraordinario e merecidissimo exito. Esta actriz nunca mais depois se salientou em outro qualquer papel. Vendo que, apezar d'aquelle triumpho, não conseguia ser boa actriz, quiz ser uma boa dona de casa, na companhia do tabellião João Baptista Ferreira, o incansavel traductor da Rua dos Condes e de D. Maria.

5

1833 — Nasce em Portalegre o popular escriptor **Luiz de Araujo**.

Como elle proprio explicou em um folhetim do *Diario de Noticias*, chamava-se **Luiz Antonio de Araujo Junior**. Começou por tirar o **Antonio**, depois o **Junior** e ficou simplesmente **Luiz de Araujo**.

É filho do advogado e escriptor dramatico Luiz Antonio d'Araujo.

Na primeira peça que escreveu, obteve logo um grande triumpho. Foi essa peça a comedia *Por causa d'um algarismo*, em que Isidoro muito se popularisou, fazendo um sacristão tartamudo. Entravam tambem: Taborda, Pereira, Sargedas, Eugenia Camara e Joaquina.

São innumeras as peças que tem escripto. Citarei unicamente as que alcançaram maior successo, collocando em primeiro logar a celebre parodia ás operetas, *Intrigas no bairro*, que teve um exito espantoso, alcançou muitos centos de representações e é um modelo no genero. Depois citarei como melhores das suas despretenciosas producções: *Novas Intrigas*, *O meu casamento*, *Não se casem assim*, *Dois dias no Campo Grande*, *Campanha eleitoral*, *Abaixo as decimas!* *Ciumes, amores e cosinha*, *O sr. João e a sr.ª Helena*, *Na casa da guarda* e *Amanhã vou pedil-a*.

1847 — Estreia-se no theatro de D. Maria, no drama *Gonçalo Hermiges*, a notavel actriz **Josepha Soller**, de quem tratarei na data do seu nascimento, em 15 de setembro.

1859 — Nasce no Porto o actor **Alfredo Ferreira da Silva.**

De ha muito tempo não apparecia no nosso theatro quem tão rapidamente e com tanta justiça empolgasse as plateas.

Ferreira da Silva, por ter verdadeiro amor á Arte, abandonou o curso que tão distinctamente seguia na Universidade, para se estreiar no theatro de D. Maria, na comedia *O Desquite*, traduzida por Jayme de Séguier. Essa feliz estreia realisou-se em dezembro de 1886.

Desde esse momento ficou consagrado artista. De dia para dia, de papel em papel, mais tem firmado a sua reputação artistica. Fez-se sem *réclame*, sem favor de pessoa alguma. Vale porque vale. Deixou ultimamente o theatro de D. Maria para entrar como societario para a nova empreza do theatro da Trindade.

Ferreira da Silva é marido da distinctissima actriz Virginia da Silva.

Dos seus muitos papeis, em variados generos, posso citar alguns dos melhores nas seguintes peças: *Deputado de Bombignac*, *Leonor Telles*, *Alcacer-Kibir*, *Velho thema*, *Casamento d'Olympia*, *João José*, *Salto mortal*, *A madrugada* e *Os Velhos*.

1860 — Nasce o actor **Cardoso.**

Antonio José Ferreira Cardoso era serralheiro, assim como seu pae. Verdadeiro amante do theatro, entrou como curioso para a sociedade Guilherme Cossoul, estabelecida na rua do Oliveira, ao Carmo. Representou pela primeira vez como amador, na comedia *Casar por annuncio*, em 1878.

Convidado por Alcantara Chaves, que lhe achou muita disposição para a scena, contractou-se no theatro do Rato em 1881 e ahi bastante agradou nas peças *Zé Povinho*, *Seita Negra*, *Maria da Fonte*, *Quatro noivos n'um sarilho* e principalmente na *Filha do sr. Chrispim*, onde se tornou bem saliente.

Em 1883 foi contractado para o Gymnasio, onde se conserva e onde de epocha para epocha affirmou o seu merecimento até occupar no theatro um dos primeiros logares e ser estimadissimo pelo publico.

Cardoso tem realmente bastante merito e dispõe d'uns olhos e de uma rotundidade que provocam sempre a gargalhada.

Na epocha de verão de 1893 fez parte da sociedade artistica que então funccionava no theatro da Trindade e ahi creou com muito exito o *Regedor* do *Brazileiro Pancracio*. Foi elle, a principio, e o actor Augusto no afamado *Cabo d'ordens*, que salvaram e obrigaram o publico a ver innumeras vezes essa peça desconchavada, que todos citam como um verdadeiro *bamburrio* em theatro.

O repertorio de **Cardoso** no Gymnasio é hoje immenso e seria fastidioso cital-o todo. Limitar-me-hei pois a apontar as peças de maior successo, que são: *Medalha da Virgem* (estreia no Gymnasio), *Piperlin*, *Noivo d'Alhos Vedros*, *Dr. Jojó*, *Commissario de policia*, *Casa Tamponin*, *Hotel Luso-Brazileiro*, *Zaragueta*, *Em boa hora o diga*, *Quem vê caras...*, *Noivas de Eneas*, *Assassino de Macario*, *O mesmo para duas*, *Kalifa*. *Fidalgos da Casa Mourisca*, *Os Pimentas*, etc.

1864 — Nasce em Sevilha a notavel bailarina hespanhola **Vicenta Guerrero.** Apresentou-se pela primeira vez em publico, aos 14 annos, causando um verdadeiro enthusiasmo em Madrid. Em 1882 dansou em Lisboa no theatro dos Recreios e o successo não foi menor, o que não admira, porque, além de eximia bailarina no seu genero, era formosissima.

Vicenta Guerrero era filha de dois bailarinos, que Lisboa tambem muito applaudiu, Manuel Guerrero e Petra Camara. D'esta é que se podia dizer: filha de... peixe, sabe dansar.

1870 — Estreia-se em S. Carlos a companhia viennense de baile, dirigida pela distincta bailarina **Katti-Lanner.**

As principaes figuras eram: **Katti-Lanner**, Bertha Linda, Maillard e De Francesco.

Deu esta companhia os seguintes bailes: *Gizela, Sitala, Esmeralda, Hirka, Rosa de Sevilha, Uriela, Roberto e Bertram, Delirio de um pintor* e *Carnaval de Veneza.*

1835 — Nasce em Lisboa o actor **Domingos d'Almeida.**

Este actor, hoje completamente esquecido, teve a sua epocha de agrado, fazendo todos os *galans* na velha Rua dos Condes, onde era conhecido pelos collegas e pelos espectadores, pelo **Dominguinhos.**

Desde muito creança o seu enlevo era o theatro. E, na verdade, quem n'aquella epocha, 1846 a 1857, frequentasse assiduamente o theatro de D. Maria, não poderia deixar de ter o maximo respeito e admiração pelo grupo notavel de artistas que alli funccionava, entre elles: Emilia das Neves, velha Barbara, Talassi, Josepha Soller, Delphina, Carolina Emilia, Epiphanio, Rosa pae, Theodorico, Tasso, Assis, Sargedas, Victorino, Carvalho e outros mais. Causava, pois, a admiração de **Domingos d'Almeida** esse brilhante grupo nas peças: *O Magriço, A Prophecia, O Templo de Salomão, O Alcaide de Faro, Tres cidras do amor* e outras.

Para angariar os meios de subsistencia empregou-se n'uma fabrica, em que os filhos do proprietario eram amadores dramaticos. Convidaram-n'o para entrar n'uma recita, o que elle acceitou com alvoroço. Entrou, pois, para socio do theatro do Cascão, a que tambem pertencia Simões, antes de ser actor.

O **Dominguinhos** estreiou-se como curioso no velho drama *O Filho banido,* fazendo o *galan.* N'outra recita entrou no *Homem da mascara negra.*

Convidado por José Manuel, que depois foi ponto, mais tarde ensaiador e por fim empregado no escriptorio da empreza de D. Maria, entrou para uma companhia que foi explorar o velho theatro do Salitre. Estreiou-se no *galan* do dramalhão *Os Fugitivos das prisões de Leão.* Pouco tempo alli esteve, porque a empreza falliu.

Por intervenção do seu particular amigo, o actor Rollão, foi **Domingos d'Almeida** escripturado com a quantia de 9$000 réis mensaes para o theatro da Rua dos Condes. A sua estreia n'este theatro foi na comedia *Um noivo em mangas de camisa.* Era ensaiador do theatro o Areias, que sympathisou com o **Dominguinhos** e lhe deu um bom papel na *Graça de Deus,* em que agradou bastante.

Teve depois a sua epocha de *galan* feliz, sobresaindo principalmente nas peças: *Coronel no reinado de Luiz XV, Casamento em miniatura, Romã encantada, Castello de bronze, Torre suspensa, Leilão do Diabo, Principe Verde, Estrella do Norte, Samsão, Diluvio Universal, Tres inimigos d'alma, Marquez em 2 volumes, Ramalheteira, Conquista do Mexico, Martyres da Polonia, Miseraveis* e *Providencia* (drama original seu).

Escripturou-se depois com Pinto Bastos para as Variedades, sobresahindo ahi nos *Mysterios de Paris, Scenas da guerra da Italia* e *Miseraveis de luva branca.*

Passou depois para o Principe Real, escripturado pelo grande Santos e alli fez, entre outras peças, a *Seraphina, Solteirões, Grã-Duqueza* e outro original seu, *Luctas do coração.*

Em 1870 partiu para o Porto n'uma companhia formada por Moutinho de Sousa. Estreiou-se no theatro Baquet na comedia *Recordações da mocidade* e ahi fez papeis nas *Lagrimas abençoadas, Homens de marmore, Zuavo, Sargento-mór de Villar, Homens do mar, Juiz, Córa, Alfageme de Santarem, Livro negro, Falsa adultera, Medicos,* etc.

Uma grave doença o afastou da scena. Quando melhorou, passou a ser fiscal de uma sociedade de artistas e depois secretario e thesoureiro. Só por falta de actores representava um ou outro papel.

Os seus encargos e a falta de saude afastaram-n'o completamente da scena.

A sociedade artistica, no fim de 5 annos, deixou de existir, passando **Domingos d'Almeida** a ser fiscal da companhia lyrica no theatro de S. João.

Passou depois para fiscal da empreza Alves Rente no theatro do Principe Real e mais tarde da empreza Taveira, onde se conserva ainda hoje.

A data do nascimento de **Domingos d'Almeida** foi-me fornecida por elle mesmo. Muitos dos seus collegas affirmam que elle não nasceu em 1835, mas sim anteriormente. Creio que a data é 1825.

1839 — Nasce o actor **Silva Pereira.**

Francisco Teixeira da Silva Pereira começou a sua carreira artistica no velho theatro da Rua dos Condes, estreiando-se n'um pequeno papel da comedia-drama de Costa Braga, *O que é Lisboa.*

Continuou alli fazendo pequenos papeis. Lembro-me de o ter visto na magica *A Corça Branca,* de Silva Pessoa. Fazia um pequeno papel de camponez, que só alli entrava para ser corrido á bofetada pelo comico, que era o Queiroz.

Alli esteve até 1863, em que entrou para o Gymnasio com o Valle, estreiando-se a 19 de fevereiro d'esse anno na comedia *Verduras da mocidade.*

No Gymnasio o **Silva Pereira** fez carreira dentro e fóra do theatro, isto é, adquiriu as sympathias do publico, o que lhe deu amigos, e arranjou amigos cá fóra, o que lhe deu publico.

Fez um grande repertorio no Gymnasio, sobresaindo nas peças: *Tribulações de Mané Côco, Rosario, batina e chambre, Moços e velhos, Dente da Baroneza, Georgianas, Torre de Babel, Naufragar em terra firme, Rainha Santa Izabel* e *Fidalguinho.*

Em 1872 partiu para o Brazil, estreiando-se nos *Moços e velhos* no theatro do Gymnasio, do Rio de Janeiro, onde já tinha empreza o actor Valle.

Durante nove annos **Silva Pereira** percorreu as principaes cidades do Brazil e, notavelmente no Rio de Janeiro, soube sempre conquistar as sympathias de que é digno.

Voltou a Portugal em 1881, reapparecendo na Trindade, na comedia, que já representára no Brazil, *Piperlin.*

D'ahi em diante, em D. Maria, no Gymnasio, no D. Amelia, na Rua dos Condes e n'alguns passeios ás provincias e Rio de Janeiro, tem gasto a sua vida, que não é tão longa como muita gente imagina. Tem apenas 59 annos e quasi todos o julgam com mais de 70, em conseqeencia de ter sido moda na imprensa chamar-lhe velho, para o arreliar.

1873 — Reabre o theatro das **Variedades** com uma empreza, sob a direcção de Pinto Bastos e de que fazia parte o escriptor Bernardino José de Senna Freitas.

A peça d'abertura foi um drama militar em 5 actos, *Os Filhos da Republica,* traduzida por J. Volckart, o marido da actriz Barbara.

N'esta peça estreiou-se a actriz **Paulina,** que não era feia, apesar de certo geitinho n'um olho. Não lhe sobrava o talento, nem o amor ao theatro e por isso em breve o abandonou por outra especie d'amor.

A empreza pouco tempo durou.

1879 — Primeiro concerto dado no Salão da Trindade sob a direcção do notavel maestro hespanhol, **Francisco Asenjo Barbieri.**

Causaram verdadeira surpresa em Lisboa estes concertos, porque nunca as nossas orchestras tinham attingido tal perfeição.

Barbieri é um dos mais notaveis maestros hespanhoes. As suas zarzuelas marcam uma epocha brilhantissima no genero. Basta citar os titulos de algumas d'ellas para se aquilatar, sem favor de especie alguma, o grande valor de **Barbieri** como compositor São notabilissimas as seguintes: *Jugar con fuego, Pan y toros, Comediantes de antaño, Barberillo de Lavapiés, Secreto de una dama, Diamantes de la corona, Mis dos mujeres, El Diablo en el poder, Relampago, Proceso del Cancan,* etc.

1882 — Morre em Paris o primoroso escriptor **Guilherme de Azevedo.**

Quando em Lisboa, em 1874, começou a fazer ruido e a dispertar curiosidade o nome de **Guilherme de Azevedo,** pela publicação do seu livro *Alma Nova,* já eu o conhe-

cia por outros dois livros que publicára, *Apparições*, em 1867 e *Radiações da Noite*, em 1871 Já o conhecia por ter fundado na sua terra natal, Santarem, um jornal com o nome de *Alfageme* e por ter collaborado n'uma magica com Lino d'Assumpção. Essa magica foi representada por curiosos no velho theatro de Santarem.

Depois da *Alma Nova*, o que tornou mais conhecido e apreciado **Guilherme d'Azevedo**, foi a folha satyrica *Lanterna Magica*, em que collaborou com Guerra Junqueiro e Raphael Bordallo. Em seguida tornaram-se notaveis no jornalismo os seus artigos humoristicos na secção *Zigs Zags* da *Gazeta do Dia*, onde fui redactor e tive occasião de admirar a *verve* e espontaneidade do **Guilherme**, e os *Cris-cris* do *Diario da Manhã*.

Guilherme d'Azevedo era um dos frequentadores da Livraria do Carmo, o cunhado do Gervasio Lobato, onde se reunia um grupo de rapazes que depois tanto se evidenciaram. Foi elle, o pobre Carmo, o primeiro a desapparecer do mundo. Já tambem não existe o bom Gervasio, tão prematuramente roubado ás lettras e ao theatro. Do grupo lá morreu trucidado na India o infeliz Alfredo Maia; mas existem ainda Jayme Séguier, Ferreira d'Almeida, Sousa Viterbo, Luciano Cordeiro, Pequito, Mendonça e Costa, Gomes Percheiro, Pereira Lobato, Maximiliano d'Azevedo, Fernandes Costa, Talone, Augusto de Mello e tantos outros, que alli discutiamos politica, litteratura e bellas artes. N'um dos meus livros tem um capitulo especial a Livraria do Carmo.

Guilherme d'Azevedo era côxo, toda a gente o sabia; mas ignorava-se a causa. Só depois da sua morte se desvendou o mysterio. Tivera em pequeno um tumor; fôra mal tratado e a perna encolheu. Mais tarde abriram-se-lhe umas fistulas, não o disse; as fistulas alastraram, tornaram-se chagas, e elle, sempre fazendo mysterio da doença, deixou chegar o mal a ponto de não ter remedio e morrer em Paris, apenas com 33 annos de edade, nos braços de Raphael Bordallo. Está sepultado no cemiterio de Saint Ouen.

Além da magica em que collaborou no começo da sua carreira e a que já me referi, **Guilherme d'Azevedo** escreveu para o theatro a comedia *Rosalino*, que na primeira noite cahiu redondamente no theatro D. Maria e, depois de refundida, com o córte de um acto e de toda a parte dramatica, ficou uma encantadora *charge*, que muito agradou no Gymnasio, no Porto e no Brazil.

Com Guerra Junqueiro escreveu a revista *Viagem á roda da Parvonia*, que na primeira representação teve uma quéda monumental, sendo prohibida no dia seguinte. Esta recita, que teve logar no Gymnasio, ficou memoravel pelo *charivari* que produziu na platéa e camarotes. A indignação do publico chegou ao ponto de ir á porta da caixa esperar os auctores para os espancar! Felizmente elles tinham tido o bom senso de sair antes. Era um caso novo nos nossos theatros e por isso produziu grande escandalo. A policia prohibiu a peça por lhe constar que se preparavam grandes manifestações de desagrado para a segunda representação, havendo até quem dissesse que iriam deitar fogo ao theatro!... A peça, apesar de não ter condições theatraes, principalmente para o genero, estava magnificamente escripta, e os nomes dos auctores impunham mais consideração; os espectadores, porém, na sua maioria, começaram a encaixar as carapuças das allusões transparentes da revista e indignaram-se, commettendo disparates, que os tornaram mais inconvenientes do que os auctores.

1888 — Canta pela primeira vez no Real Theatro de S. Carlos a artista portugueza **Mathilde Marcello.**

Esta senhora, cujo verdadeiro nome é **Mathilde de Sousa Sant'Anna e Vasconcellos**, é filha do fallecido Visconde das Nogueiras, mais conhecido em Lisboa como o celebre estroina, Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos.

1888 — Morre a actriz **Thomazia Velloso**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 22 d'este mez.

7

1813 — Nasce o notavel actor e ensaia-

dor portuguez **EPIPHANIO**.

Vive ainda muita gente que o conheceu no esplendor da sua gloria. A tradicção e os documentos de auctoridades competentissimas no assumpto declaram que **Epiphanio Aniceto Gonçalves** foi verdadeiramente um actor e um mestre de primeira ordem.

Pouco tempo trabalhou debaixo da direcção de Emilio Doux. Em resultado de uma campanha que contra este se levantou, obrigando-o a deixar o theatro normal, então na Rua dos Condes, ficou **Epiphanio** á testa de uma sociedade artistica, de que faziam parte, entre outros: o velho Theodorico, o Matta, o Lisboa, o Ventura, o Tasso, a Emilia das Neves, a Carlota Talassi, a Josepha Mesquita e outras. **Epiphanio** foi de triumpho em triumpho em cada peça que ensaiava e representava.

Na *Revista Universal Lisbonense*, jornal redigido por Castilho e em que collaboravam Herculano, Garrett, Mendes Leal, Oliveira Marreca, Pereira da Cunha, Silva Tullio, José Castilho, Rivara, Silva Leal, José Silvestre Ribeiro, Rebello da Silva, Ribeiro de Sá, Silvestre Pinheiro e outros notaveis escriptores, escrevia-se o seguinte:

«O theatro da Rua dos Condes nobilita-«se cada vez mais pela briosa perseve-«rança, com que atravez de difficuldades, «grandes e de todo o genero, progride ani-«moso para a perfeição a que afinal ha de «chegar.

. . . .

«Quanto ao primor da execução artistica, «a propria inveja confessa pelo seu silen-«cio, que o sr. **Epiphanio**, tão superior em «conhecimentos theoricos e praticos ao sr. «Doux, tem dado, em quantas peças ahi se «hão visto desde que é ensaiador, outras «tantas ostentações brilhantes da sua pe-«ricia e zelo em tal mistér.»

A primeira representação do *Alfageme de Santarem* de Garrett, por esta companhia, foi de um exito até alli nunca visto nos nossos theatros. O desempenho foi um verdadeiro triumpho. O papel de Alda desempenhado por Emilia das Neves foi de um extraordinario encanto; a parte de D. Nuno Alvares Pereira encontrou em Tasso um interprete sublime; mas, superior a tudo, o desempenho que o grande **Epiphanio** deu ao papel de Froilão Dias; foi notabilissimo. Ainda ha poucos annos dizia Luiz Augusto Palmeirim, que **Epiphanio** foi, em tal papel, «bom, santo, portuguez, portuguezissimo, não se confundindo de fórma alguma com os parochos d'aldeia que teem pretendido imital-o no theatro!»

Apesar de ter sido elle quem substituiu a velha declamação de theatro pela escola franceza de 1830, accusavam-n'o alguns de não ter seguido os progressos da Arte; todavia era elle quem mais commovia o espectador, era elle quem mais o enthusiasmava. Chorava devéras para commover, sentia verdadeiramente para fazer sentir; isto póde ser um erro nos meios a empregar, todavia ainda se não encontraram outros para mais conseguirem os fins. Com elle, com o seu modo de representar, e com a sua escola, seguida por Tasso, Theodorico, Talassi, Emilia das Neves, Soller e muitos outros, os espectadores commoviam-se, soluçavam, estremeciam, enthusiasmavam-se.

As platéas hoje são de gelo; assistem impassiveis ao espectaculo e saem indifferentes. Não o poderiam fazer em frente de

Tasso, Theodorico, Rosa (pae) e principalmente de **Epiphanio**.

Póde afoutamente dizer-se que **Epiphanio** foi o primeiro ensaiador portuguez de verdadeiro valor.

Pela fórma por que ensinava, deixou discipulos illustres, que foram honra do theatro portuguez.

Onde mais se notou o seu fino gosto e apurado tacto de ensaiador, foi nas peças de grande espectaculo, que elle movimentava d'uma maneira admiravel. Basta, n'este genero, citar o *Alcaide de Faro*, o *Templo de Salomão* e a *Prophecia*.

Como actor era immenso o seu repertorio. Os seus grandes papeis, porém, eram no *Alfageme de Santarem*, *Trapeiro de Paris*, *Pobreza envergonhada*, *Casal das Giestas*, *Alcaide de Faro* e *Espinhos e flores*.

Epiphanio era homem de theatro e só homem de theatro. Só no theatro vivia e n'elle pensava.

Dizia com muita graça Julio Cesar Machado que **Epiphanio**, quando não estava no palco, estava no camarim; quando não estava no camarim nem no palco, estava no salão; e quando não estava no salão, nem no palco, nem no camarim... passeiava no Rocio a olhar para o theatro.

A terrivel epidemia da febre amarella, que assolou Lisboa em 1857, matou o nosso grande artista a 15 de outubro.

1842 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, na opera-comica *O Campo dos desafios* do compositor Herold a actriz **Radice**, que foi bastante applaudida. A critica achou-lhe boa voz, mas de pouca agilidade, e entendeu que a nova actriz não tinha figura para o papel de rainha de Navarra, que desempenhava.

Esta actriz chegou a ter bastante nomeada, porque a merecia, e ainda hoje vive em Lisboa na companhia de seu filho.

1845—Primeira representação pela Sociedade Thalia da comedia em 1 acto **Fallar verdade a mentir**, arranjada por Garrett do *vaudeville* de Scribe—*Le menteur veridique*. Agradou immensamente. Tem-se representado depois muitas vezes em theatros publicos e particulares e sempre com muito agrado.

1853 — Estreia-se no Gymnasio, na comedia *Atraz d'uma mulher* o actor **Izidoro**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 2 de novembro.

8

1843 — Nasce em Madrid a notavel cantora **Adelina Patti**.

Filha de um barytono, Salvador Patti, e de uma cantora Catharina Basili, que cantou no theatro de S. Carlos, de Lisboa, em 1841, **Adelina**, tendo apenas 7 annos de edade, estreiou-se em New-York. Teve logo um grande successo e por isso seus paes com ella percorreram todas as cidades da America, fazendo uma fortuna. No regresso **Adelina** começou a estudar sériamente a musica com seu cunhado, Strakosth, um musico distinctissimo.

A 24 de novembro de 1859, contando apenas 16 annos, debutava a **Patti** em New York, não já como menina prodigio, mas como cantora a valer, na *Lucia*. Foi esse o seu primeiro triumpho indiscutivel.

Passou a Londres, onde se estreiou em 14 de maio de 1861 e depois a Paris, onde cantou a *Somnambula*, a 19 de novembro de 1862. As duas grandes cidades acclamaram-n'a cantora sem rival e d'ahi em deante a sua vida artistica tem sido uma serie de triumphos incomparaveis.

Adelina Patti, mulher formosissima e d'uma simplicidade encantadora, dispondo da mais formosa voz que se tem ouvido e de um talento fascinante, teve em Lisboa uma verdadeira apotheose, quando aqui cantou pela primeira vez a 27 de março de 1886.

Adelina Patti, cujo verdadeiro nome é **Adelia Joanna Maria**, possue uma fortuna monumental, que poderá calcular-se, sabendo-se que logo no primeiro anno em que foi acclamada celebridade, recolheu uma quantia muito superior a cem contos

de réis. Hoje deve possuir milhares de contos de réis.

1882 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *Noite e Dia*, a actriz **Delmira Mendes.**

Ainda creança começou fazendo papelinhos ao lado de sua irmã, Amelia Garraio, no theatro Baquet, do Porto.

Depois, já mulher, entrou para a companhia do theatro do Principe Real, do Porto, distinguindo-se nas peças: *Bébé, Amigo dos diabos, Redeas do governo, Moços e velhos, Filha da sr.ª Angot, Périchole, Pompon, Mascotte* e *Senhora Archiduque.*

Com esta companhia veiu a Lisboa representar no demolido theatro dos Recreios e tanto agradou, que Francisco Palha, sem hesitar, a contractou para a Trindade, onde se estreiou, como disse, na opereta *Noite e Dia,* alcançando bastante agrado. Fez depois, ainda em 1882, as operetas *Marido de sobejo* e *Princeza de Trebizonda;* em 1883, *A Mascotte, Volta ao mundo em 80 dias, Boas noites sr. D. Simão, Gaiato de Lisboa, Um favor ao Procopio, Manon, Filha do Inferno, D. Juanita* e *Dragões d'El-rei;* em 1884, *A Noiva, Piperlin, Graziela, Gata Branca* e *Boccacio.*

Em seguida abandonou o theatro contrahindo nupcias. Foi pena, porque fez falta.

1895 — Morre em Lisboa, na calçada do Salitre, o notavel escriptor **Pinheiro Chagas**, de quem tratarei na data do seu nascimento, a 13 de novembro.

O enterro de **Pinheiro Chagas** foi uma imponente manifestação, em que tomaram parte todas as classes da sociedade. Á beira do seu tumulo oraram com a voz cortada pelas lagrimas, entre outros, o ministro Lobo d'Avila, Jayme Victor, Visconde de S. Boaventura, etc.

1819 — Nasce em Vianna do Castello o distincto litterato, **Antonio Pereira da Cunha.**

Era chefe do partido legitimista e um caracter de primeira agua.

Collaborou distinctamente nos jornaes: *Trovador, Revista Universal, Nação, Chronica litteraria*, antiga *Illustração* e outros.

Foi eleito deputado em 1856, mas retirou se da camara por não querer prestar juramento.

Foi socio do Instituto de Coimbra, presidente da Sociedade Artistica de Vianna, membro do Conservatorio Real de Lisboa, etc.

Poeta notavel, romancista eximio, historiador apreciadissimo, polemista distincto, foi tambem um dramaturgo de primeira ordem. São originaes suas as excellentes peças: *As duas filhas*, drama representado na Rua dos Condes em 1843 e premiado pelo Conservatorio; *Brazia Parda*, drama representado no mesmo theatro; *A Herança do Barbadão*, drama representado no theatro de D. Maria; *D. Leonor de Mendonça*, drama em verso, apresentado ao concurso para a abertura do theatro de D. Maria; *Um poeta no tempo de el-rei D. João V*, comedia em 5 actos; *A Companhia monstro*, comedia em 3 actos; *Victor Hugo em Guimarães*, comedia em 1 acto.

Antonio Pereira da Cunha falleceu em 1890.

1837 — Nasce a actriz **Eugenia Camara.**

Estreiou-se no Gymnasio em 20 de fevereiro de 1852. Fez uma bella carreira, mas em 1858 resolveu partir para o Porto, onde se estreiou, no theatro de S. João, a 29 de outubro. Pouco depois foi contractada para o Gymnasio, do Rio de Janeiro. Agradou muito, não só ahi, como em todos os theatros do Brazil, que percorreu, regressando ao Rio de Janeiro em 1867 e ahi trabalhando até á sua morte em 1879. Quando, em 1881, pedi noticias d'ella, disseram-me alli que por fim muito havia perdido no conceito do publico por se entregar ao vicio da embriaguez. Contou-me o seu ultimo emprezario que, havendo prohibido que para o camarim da actriz entrassem garrafas com vinho, este entrava em cafeteiras, como se fôra café, a fim de illudir por esta fórma a vigilancia dos porteiros.

Eugenia Infante da Camara era tambem escriptora. Quando esteve no Porto, publicou alli um volume de versos com o titulo de *Esboços poeticos*.

No Brazil escreveu um drama original em 1 acto, com o titulo *Uma entre mil*, que foi muito applaudido.

Traducções fez muitas para o Gymnasio, entre ellas: *Duas primas, Uma escada, Lição de clarim, Uma paixão de rapazes, Madrasta, Trincaferro, Uma trempe de calças, O braço de Ernesto, Relogio conjugal, Ella por ella*, etc.

1848 — Nasce em Brionze (Orne) o notavel escriptor dramatico francez, **A. Bisson.**

Partiu para Paris em 1869 com o proposito de se fazer escriptor theatral.

Foi a sua primeira peça a comedia em 1 acto, *Quatre coups de canif*, que se representou nas Folies-Marigny a 19 de novembro de 1873. D'ahi em deante, com as suas muitas producções, foi de triumpho em triumpho. Citarei apenas as suas peças de maior exito, que tem sido: *Voyage d'agrément, Un lycée de jeunes filles, 115 rue Pigalle, Deputé de Bombignac, Une mission délicate, Un conseil judiciaire, Ma Gouvernante, Roi Koko, Surprises du divorce, Feu Toupinel, Joies de la paternité, Famille Pont Biquet* e *Monsieur le directeur*.

Alexandre Carlos Augusto Bisson é cavalleiro da Legião d'Honra e Official d'Instrucção Publica.

1876 — Estreia-se no theatro da Trindade o actor **Verdial.**

Miguel Henriques Verdial fôra já actor no Porto e de lá veiu contractado para a Trindade, onde se estreiou, fazendo o papel de *Louchard*, da *Filha da sr.ª Angot*. Conservou-se na Trindade até 1880, desempenhando papeis em muitas peças; entre esses, os melhores foram: *Sultão de Gerinfá, Marselheza, Sinos de Corneville, Viajem á lua, Segredo d'uma dama, Educandas de Sorrento, Duquezinho, Milho da padeira, Filha do Inferno, Graziella, Babiole, Perichole, Amar sem conhecer* e *Orpheo no Inferno*. D'aqui regressou ao Porto e lá continuou representando.

Sempre actor modesto, não foi o trabalho artistico que lhe deu a notoriedade que disfructa.

Conhecem todos o actor **Verdial**, não pelas suas creações no palco, mas pela parte activa que tomou na revolta republicana de 31 de janeiro de 1891, no Porto.

Miguel Verdial foi sempre um republicano esturrado. No celebre movimento revolucionario collocou-se, com outros, á frente das tropas insurrectas e foi um dos que fallaram ás massas das janellas da Camara Municipal. Tendo abortado a revolução, foi preso, julgado em conselho de guerra e condemnado a 3 annos de degredo para a Africa. Fugiu do desterro e mais tarde foi amnistiado.

Verdial continúa sendo um actor modesto e luctando pelos seus ideaes politicos.

10

1883 — Estreia-se no theatro de D. Maria a companhia franceza de **Maria Favart.** Esta companhia não teve exito, não só porque a **Favart** começava a decair, mas principalmente por ter vindo logo depois da Sarah Bernhardt, que fanatisára o nosso publico.

O successo da companhia da **Favart** fôra principalmente para Jeanne May, que a nossa platéa e a nossa imprensa acharam com toda a justiça de um talento encantador.

1887 — Morre no hospital de S. José o actor **Andrade.**

Este pobre **Andrade**, que viveu e morreu ignorado, tinha ainda assim a sua historia. Morreu pela Arte, que troçava d'elle. Já duro, e tendo um estanco lá para Alfama, não poude resistir mais á sua vocação ardente e entrou para o theatro, como comparsa das Variedades. Fartou-se de andar de lança na mão nas magicas *Loteria do Diabo, Reino das Fadas* e outras muitas.

Em 1867, ao abrir o theatro da Trindade, o Izidoro, que o conhecia de lhe comprar cigarros, empenhou-se com Francisco Palha e lá conseguiu que o **Andrade** entrasse para o novo theatro como *discipulo*,

elle que já tinha edade para se aposentar como mestre.

D'esse dia em diante era ver o bom do **Andrade**, bamboleando-se todo empertigado e dando-se ares.

Começaram distribuindo-lhe uns pequeninos papeis, que elle assassinava o melhor que podia. Verdade, verdade, o que elle fazia bem era caracterisar-se. Em abrindo, porém, a bocca era asneira certa. E não se contentava só em estropiar as palavras do papel; mettia sempre de sua casa alguma coisa, para ser maior a asneira.

Em certa occasião, farto de ouvir disparates, Francisco Palha prohibiu-o expressamente de fallar em scena. D'ahi em diante só lhe distribuiram papeis mudos; as asneiras, porém, subiam-lhe á garganta e quasi o afogavam. Se não fallasse, rebentava.

Representava-se n'essa occasião a opereta *Rouxinol das salas*. O infeliz **Andrade** fazia uma sentinella, que recebia ordens, mas nada tinha que dizer. N'uma noite, Francisco Palha recommendou-lhe muito que não abrisse bocca.

O nosso homem foi para a scena, recebeu ordens de serviço e ficou de sentinella, girando d'um lado para o outro. Momentos depois entra um actor e pergunta-lhe:

— Viu por ahi o sr. Garat?

O **Andrade** olhou-o, ainda abriu a bocca; mas fez um supremo esforço e continuou o seu passeio.

O actor retorquiu: — Viu ou não viu o sr. Garat?

O **Andrade** não poude mais; pára, olha para elle e responde:

— Não ha *cá Garats!*

Rebentou uma tempestade de risota. Francisco Palha multou-o. D'essa data em diante o homem ficou conhecido pelo **Cagaraz**!

Por esse tempo fez-se emprezario das Variedades o escriptor Parisini, que era amigo do **Andrade** e o contractou como actor.

No primeiro dia em que entrou n'aquelle theatro, rodeado de todos os seus collegas e da empreza, lembrando-se dos tempos em que alli fôra comparsa, exclamou em alta voz:

— Ora cá está o meu *breço!*

Começou então a fazer grandes papeis e entre elles o principal do drama *Trabalho e honra*. Nunca em palco portuguez se ouviu tanta asneira junta.

Rebentou a empreza e elle voltou para a Trindade como discipulo mudo. Cahiu em grande tristeza até que a morte se lembrou de acabar com aquella existencia amargurada.

1891 — Recita extraordinaria no theatro da Rua dos Condes, promovida por uma commissão, de que faziam parte, entre outros: Rosa Araujo, Gervasio Lobato, Sabino Puga, D. João da Camara, Henrique Lopes de Mendonça, Salvador Marques e Sousa Bastos.

Pertencia-me a recita, como director de scena do mesmo theatro, e cedi-a a favor da Sociedade Promotora de Créches. Nomeou-se depois a commissão para a organisação do espectaculo, que foi assim formado:

A Orphã, monologo pelo actor Augusto de Mello; *O Melro*, monologo por Augusto Rosa; *O Riso*, monologo pela actriz Virginia; *A Mosca*, monologo pelo actor Brazão; *Job*, poesia pelo actor Ferreira da Silva; *Versos* de Lopes de Mendonça, pela pequena actriz Libania; *Um solo de flauta*, scena comica pelo actor Silva Pereira; *Um pandego de tres assobios*, cançoneta pela actriz Pepa; *Le Printemps* de Gounod pela cantora Bulicioff; *O sr. José do Capote*, scena comica pelo grande Taborda; *Dolores*, aria de Manzocchi pela prima-dona Leonardi; *Durante a tempestade*, poesia por Brazão; *Ave-Maria* de Luzzi, por Emma Leonardi; *Mignon*, aria por Nadine Bulicioff; *Zé Palonso*, farça escripta expressamente para esta recita por Gervasio Lobato, Lopes de Mendonça e D. João da Camara. Esta farça foi desempenhada por Taborda, Valle, João Rosa, Mello, Dias, Jesuina Marques, Amelia da Silveira e a notavel cantora Theodorini. Esta querida artista representou em portuguez uma lavradeira de Vianna do Castello, accentuando graciosamente

o *soutaque* minhoto e dansando a *caninha-verde.*

O theatro estava vistosa e ricamente adornado. Assistiu á recita a familia real e tudo o que de mais distincto tem Lisboa.

O producto foi importantissimo, pois que a enchente era completa, tendo-se vendido cada logar de platéa por uma libra; os camarotes foram vendidos em leilão, tendo produzido enorme receita.

Em 24 de março de 1898 representa-se pela segunda vez em Lisboa o *Zé Palonso*, no theatro de S. Carlos, em beneficio do cofre da Associação dos Jornalistas.

Theodorini foi substituida pela *prima-donna* Tetrazzini. Valle, que não poude tomar parte no espectaculo, foi substituido por Augusto Rosa.

Os papeis que da primeira vez tinham sido confiados aos artistas já fallecidos Amelia da Silveira é Dias, foram agora feitos por Virginia e Ferreira da Silva.

11

1842—Nasce em Lyon o notavel maestro **Edmond Audran.**

O seu primeiro trabalho, *L'Ours et le Pachá*, deu-se em Marselha, em 1862.

Depois de Offenbach e Lecocq, ainda nenhum outro compositor ligeiro obteve celebridade egual á de **Audran.** Effectivamente podem outros saber mais, mas nenhum tem maior inspiração do que o festejado auctor da *Mascotte.*

E, para vermos quanto é justa a gloria do seu nome, basta citar algumas das suas obras, que teem obtido successo universal, taes como: *Grand Mogol, Noces d'Olivette, Mascotte, Gillette de Narbonne, Serment d'amour, Fiancée des Verts-Poteaux, Miss Helyett, Oncle Célestin, Poupée* e *Mr. Lohengrin.*

Audran é official da Instrucção Publica.

1844—A sociedade Thalia, formada pela primeira sociedade de Lisboa, representa pela primeira vez a comedia **Tio Simplicio,** escripta expressamente para ella por Almeida Garrett.

1874—Morre em Baependy, Minas Geraes, Brazil, **João Ferreira Neves,** que nascera em Itaguahy, provincia do Rio de Janeiro, em 1845.

Escreveu duas peças: *O dote de Laura,* opera em 4 actos, e *Os amoladores,* parodia á opereta franceza *Les Bavards.*

1891—Estreia se no theatro da Trindade o actor **Luiz Miranda.**

Já representára no Porto, na companhia de Cyriaco de Cardoso.

Tem uma soffrivel voz de baixo, que o levou a querer encetar a carreira lyrica. Desistiu depois d'essa idéa e voltou a ser actor no Porto.

12

1832—Nasce no Pará o **Barão de Marajó.**

Deve ter menção n'este livro o **Barão de Marajó, José Coelho da Gama e Abreu,** porque muito se deve a elle a construcção do monumental theatro da Paz, do Pará.

Toda a sua influencia de homem politico e preponderante tem sempre o **Barão de Marajó** posto a favor da causa do theatro, na terra da sua naturalidade.

É elle tambem um decidido protector das companhias lyricas e dramaticas, que visitam o Pará.

Quando, em 1896, estive com a minha companhia na cidade de Belem, do Pará, e tive a infelicidade de alli perder um dos meus artistas mais queridos, o actor Portugal, a primeira e mais sentida mensagem de pezames que recebi, foi do illustre **Barão de Marajó.**

1851—Assigna-se uma convenção litteraria entre Portugal e França.

1890—A **Estudantina portugueza,** que visitára Madrid, dá um concerto no theatro Principe Alfonso, offerecido aos estudantes hespanhoes.

Executaram-se algumas musicas portuguezas, sendo principalmente applaudidos os fados nacionaes. Reinou grande enthusiasmo.

13

1831 — Nasce no Algarve o actor **Cezar Polla.**

Na terra da sua naturalidade exerceu diversos cargos politicos importantes, como administrador de concelho, secretario do governo civil, etc.

Ao mesmo tempo, **Cezar Polla** cultivava o theatro como amador distinctissimo.

N'uma occasião, foram renhidas e altamente disputadas as eleições para deputados. Elle trabalhou d'alma, vida e coração; venceu, e quando o governo indagou o premio que **Polla** pretendia, respondeu-lhe este: — Ser classificado actor no theatro de D. Maria.

Foi immediatamente satisfeita a sua ambição.

Quando entrou para o theatro contava já 34 annos. Estreiou-se em D. Maria, então administrado pelo governo, no drama *Os Diffamadores*, original de Ernesto Biester. Apezar de ter ao lado de si artistas distinctissimos e dos mais notaveis que o nosso theatro tem possuido, conseguiu evidenciar-se, o que mostra o seu grande valor.

A sua carreira em D. Maria, no Gymnasio, no Principe Real, no Porto e outras terras da provincia e no Brazil foi brilhante, e assignalados ficaram os seus notaveis trabalhos nos *Lazaristas*, na *Fernanda*, na *Maria Antonieta* e outras peças. Eram effectivamente os seus melhores papeis o *Ernesto de Magalhães*, o *Pommerol* e o *Mirabeau*. Teve ainda outras peças em que bastante se distinguiu, e em todas as que representou foi correctissimo.

Deixou no theatro viuva e filha, a estimada actriz Maria das Dores e a principiante Mathilde Polla, que ultimamente casou e abandonou a scena.

Cá fóra, para não renegar a terra da sua naturalidade, o Algarve, era um fallador eterno. A toda a hora e com toda a gente discutia arte e politica. Por ambas tinha paixão. Um proverbio nosso diz que quem muito falla pouco acerta; elle fallava sempre... mas ás vezes acertava, mais na Arte do que na politica.

Morreu com 60 annos e fez falta ao theatro.

1840 — Grande festejo no **Conservatorio Dramatico** de Lisboa, de que era presidente El-rei D. Fernande e vice-presidente João Baptista de Almeida Garrett, para solemnisar o anniversario da rainha D. Maria II, protectora do mesmo estabelecimento.

A esta festividade assistiram Suas Majestades e tudo quanto em Lisboa havia de mais illustre nas sciencias, lettras e artes.

Foi Garrett, que além de vice-presidente do **Conservatorio** era tambem inspector geral dos theatros, quem determinou que esse instituto désse um testemunho publico do seu amor e lealdade á rainha, e ao mesmo tempo uma prova dos zelosos e constantes esforços que fazia para aperfeiçoar em Portugal as artes de declamação, musica e dansa, tudo em proveito da sublime Arte Dramatica. Foram encarregados os professores das respectivas escólas de compôr divertimentos analogos para serem executados pelos alumnos de cada uma d'ellas.

O programma organisado foi o seguinte: **Escola de musica** — Director, João Domingos Bomtempo; professor de orchestra, Francisco Xavier Migone; professores de canto, Antonio Porto e Frondoni (substituto); professor de rabecão e violoncello, João Jordani; professor de rabeca e violeta, Tito Mazoni; professor de clarinete, Canongia; professor de trompa, clarim e trombone, Francisco Kuchenbuck; professor de rudimentos, Theodoro Hygino da Silva.

Por esta classe foi executada uma *Cantata* do professor Migone, poesia de Cesar Perini de Lucca, traduzida em portuguez por Corrêa Leal

Os personagens, que eram *Venus*, *Camões* e *Apollo* foram desempenhados pelos alumnos: D. Henriqueta de Lima Carvalho, Julio Cesar Gallouin Torres e Manuel Germano Rodrigues dos Santos. Entravam tambem tres baixos, que foram cantados

pelos alumnos: Antonio José de Sousa, Augusto Francisco Toscano e Eduardo dos Santos Smith.

Os alumnos que formaram a orchestra foram os seguintes: 1.os violinos João Antonio, Filippe Real e João Avelino; 2.os violinos — João Zingler, Luiz Caldeira e Nunes dos Reis; viola — Nascimento Menna; 1.º clarinete — Joaquim José da Silva; 2.º clarinete — Polycarpo Lima; 1.º trompa — José Romano (depois escriptor dramatico e ensaiador); 2.º trompa — Manuel Morate; trombones — João Rufino e Joaquim Caetano; violoncellos — Corrêa de Lemos e José Maria do Carmo (depois compositor distincto); contrabaixos — Feliciano Passos e Antonio Joaquim de Vasconcellos.

No fim d'esta **Cantata** abriu-se o fundo do theatro e appareceu no meio, sobre um magnifico pedestal o busto da rainha D. Maria II, sendo coroado por Apollo e varios amores, que tinham nas mãos instrumentos artisticos e grinaldas de flores. Em volta do pedestal estavam agrilhoadas as figuras da Ignorancia, Odio e Discordia.

Executou depois a orchestra uma *Symphonia* do professor Schira.

Seguiu-se a homenagem da Escola de Declamação. Era director o professor Cesar Perini de Lucca; professor de historia João Nepomuceno de Seixas; de recta pronuncia e linguagem José Augusto Corrêa Leal.

Representou-se o drama de Garrett, sem apparecer o nome do auctor, *Amor e Patria*. Esta peça foi depois refundida por Garrett com o titulo de *Philippa de Vilhena*.

O desempenho foi confiado aos alumnos: Maria Nascimento Barata Salgueiro, Maria José dos Santos, José da Silva Reis, Candido Lopes, Francisco Caetano Lobo, José Gonçalves Ramos, José Gerardo Moniz, Antonio Joaquim Pereira, e Vasco da Gama Cabral. Estes tres ultimos foram depois tres distinctissimos artistas.

Seguiu-se o seguinte: *Variações de Hertz* para piano pela discipula Thereza de Lima Carvalho. *O Parricida*, scena composta e executada pelo discipulo Antonio da Silva Reis. *Variações de Osborne e Beriot* para rabeca e piano por Thereza de Lima Carvalho e João Ziegler.

Fechou o espectaculo a Escola de Dansa, de que era director Francisco Yorck, professor de musica Luiz Montani e professora ajudante Emilia Moreno.

Foi executada a dansa em 2 actos, composição de Francisco Yorck, musica de Jordani, *Bella, Rica e Boa ou As tres cidras do Amor*.

Esta dansa foi executada pelos alumnos: Francisca Leonildes, Jacintho Ribeiro, Adelaide Christina, Maria Luiza, Maria da Gloria, Judith Rugali, Bernardo da Silva, Francisco Apparecido, Pedro Monteiro, Henriques, Evangelista dos Santos, Travassos, Angelina Pernetti, Anna Jacintha, Julia Brites, etc.

1846 Inaugura-se definitivamente o theatro de **D. Maria**, para festejar o anniversario de Sua Magestade a Rainha D. Maria II.

A peça que por esta occasião subiu á scena, por ter sido approvada no concurso aberto pelo Conservatorio, foi o drama historico em 5 actos, *Alvaro Gonçalves, o Magriço, e os Doze de Inglaterra*, original de Jacintho Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro.

A peça, apezar de fraca na acção dramatica, tem qualidades. Se mereceu a censura de alguns, teve o louvor de muitos dos primeiros criticos da epocha. O auctor defendeu a sua obra no *Diario do Governo*.

A pateada que por vezes se ouviu nas primeiras representações, foi principalmente attribuida ao desempenho, e em especial ao actor Tasso, que não sabia o papel.

O drama subiu á scena com grande luxo e apparato, especialmente o 4.º acto, o do torneio

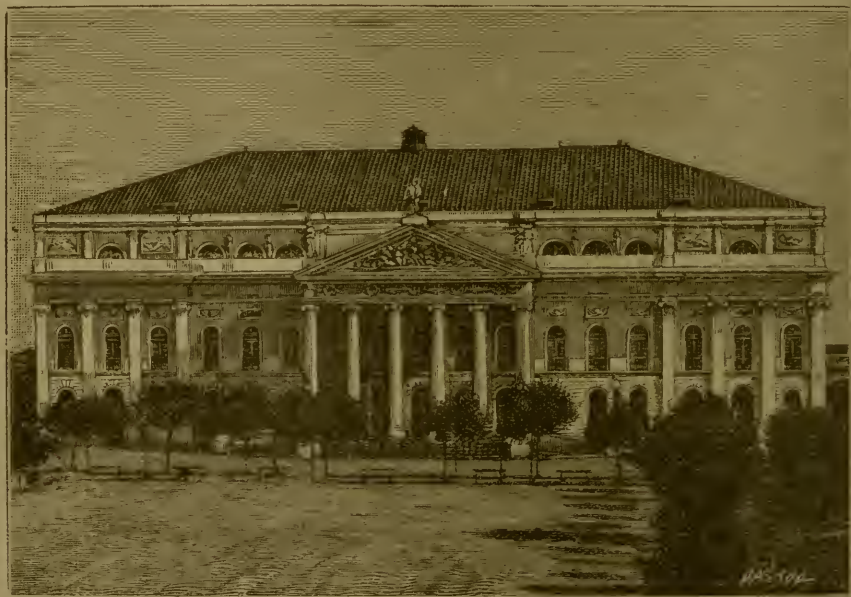
Possuo o original d'esta peça, todo pela letra do auctor, com dedicatoria ao Conde de Thomar e ao Jury que a havia de julgar. Todas as paginas estão rubricadas por um membro do Conservatorio.

Nas *Memorias do Conservatorio* existe completa a historia da edificação do theatro de D. Maria. Essa historia hei de pu-

blical-a na integra no meu livro *Documentos e Depoimentos.*

O theatro portuguez creara-se nos paços dos nossos reis e andára sempre mal accommodado pelos barracões do Bairro Alto, Graça, Pateo do Patriarcha (S. Roque), Salitre e Rua dos Condes, depois de ter estado nos pateos da Bitesga ou Mouraria, Arcas, etc.

Foi em 1836 que o conselheiro Larcher, governador civil de Lisboa, tratou de formar uma associação para construir o theatro Nacional e apresentou uma proposta ao governo com o exame de varios terrenos, escolhendo principalmente o que então havia no largo da Annunciada.

Por essa occasião Passos Manuel incumbiu Garrett do plano para a formação

Theatro de D. Maria II

da sociedade e edificação do theatro e para a creação da Arte Dramatica entre nós.

Garrett apresentou immediatamente o plano, que foi convertido no decreto de 12 de novembro de 1836, que creou a Inspecção geral dos theatros, o conservatorio da Arte Dramatica e a sociedade para a edificação do theatro.

Foi escolhido então o palacio da extincta Inquisição, no Rocio, para theatro escola. Encarregou-se do plano da obra o architecto Luiz Chiari. As despezas foram orçadas em sessenta e cinco mil cruzados.

O risco Chiari não foi approvado e então o governo mandou que os lentes da Academia de bellas-artes propozessem o plano definitivo.

Metteu-se a crise politica e tudo ficou adiado até outubro de 1838. Por iniciativa de Garrett voltou-se ao assumpto e foi nomeada uma commissão, composta do Conde de Farrobo, Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Castilho e Caetano Martins, para promover a formação da companhia para a construcção do theatro.

Por este tempo já o governo, em pagamento de uma divida, tinha cedido o palacio do Rocio á Camara Municipal.

De novo se foi procurar terreno, sendo escolhida a cêrca do Convento de S. Francisco, proximo á Bibliotheca. O governo cedeu-a, apesar da muita opposição levantada.

Abriu-se a subcripção para a companhia. Suas Majestades subscreveram com dez

contos de réis, o Conde de Farrobo com doze contos e varias pessoas com oito contos e setecentos mil réis, o que prefazia um total de trinta contos e setecentos mil réis.

Teve que esperar-se a sancção do corpo legislativo, o que só se conseguiu a 4 de maio de 1839.

O governo commetteu immediamente a execução do decreto ao inspector dos theatros e este ia dar-lhe andamento, quando o Conde de Farrobo declarou que não podia constituir a sociedade; mas que se o terreno lhe fosse vendido por baixo preço, ficando o theatro propriedade sua, o edificaria á sua custa.

Garrett, que só tinha em mira que o theatro se edificasse, insistiu com o governo para que se fizesse a vontade ao Conde de Farrobo. O negocio foi levado ás camaras e assim se resolvéu.

Aconteceu, porém, que as coisas andaram mal encaminhadas de repartição para repartição, foram crescendo as clausulas e as exigencias, e o Conde de Farrobo, julgando-se offendido, desistiu de tudo e o negocio ficou parado.

Em 1840 Garrett apresentou uma nova proposta na camara dos deputados; foi nomeada outra commissão e tornou-se de novo a escolher terreno, sendo novamente preferido o do Rocio, para o que se faria transacção com a Camara Municipal. Esta, em 18 de maio de 1841, cedeu o terreno por dez contos de réis por ser para fim tão util. Abriu-se concurso para o risco.

O governo, tendo readquirido o edificio, dava-o para a construcção do theatro e assim todos os materiaes que estivessem á sua disposição, com a condição de approvar o risco, fiscalisar a obra, e o theatro ficaria sendo propriedade nacional. Levantava-se um emprestimo de cem contos em apolices de cem mil réis, ficando o theatro e suas dependencias hypothecados ao pagamento do emprestimo, que tambem era garantido pelo producto do aluguer da casa, pela terça parte de qualquer subsidio annual, pelo producto de quatro beneficios por anno e de tres loterias em tres annos.

Tratava-se da subscripção e de outras formalidades, quando, por desintelligencias com o governo, foi demittido de inspector dos theatros Almeida Garrett. Deu-se isto a 16 de julho de 1841. Ficou tudo paralysado.

Em 27 de julho de 1841 tomou o logar de inspector geral dos theatros o conselheiro Larcher.

Nenhum dos riscos para a edificação do theatro tinha sido approvado. Offereceu-se Fortunato Lodi para fazer um novo risco; a commissão não acceitou. Até o fim de abril de 1842 estava tudo n'estes termos e tudo perdido.

Então Larcher propoz ao governo e este acceitou uma transacção com os contractadores do tabaco e, obtidos os meios, fez approvar o risco do architecto Lodi.

A 7 de julho de 1842 começaram os trabalhos sob a direcção do auctor do risco.

A commissão que superintendeu nas obras ficou composta do conselheiro Larcher, vice-presidente do Conservatorio e Inspector geral dos theatros, do Inspector geral das Obras-publicas, e de Jacintho J. Dias de Carvalho, thesoureiro. No fim alguns annos de lucta terminou-se o magestoso edificio.

Foi assim que Lisboa conseguiu ter o magnifico theatro de D. Maria.

1863—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria, em beneficio da actriz Emilia Adelaide, o drama em 5 actos, **Pedro**, original de Mendes Leal Junior.

O publico quiz ver retratada n'elle a vida do proprio auctor e isso lhe deu maior popularidade.

Para o muito agrado da peça bastante contribuiu o excellente desempenho que lhe deram: Santos, Emilia Adelaide, Theodorico e Marcolino.

1895 — Estreia-se no theatro da Trindade, na peça phantastica, *A Fada do Amor*, a actriz **Rosa Paes**, de quem hei de tratar na data do seu nascimento, a 12 de junho.

1896 — Morre o actor **Sergio d'Almeida**, de quem hei de escrever na data do seu nascimento, a 9 de setembro.

14

1839 — Nasce em Lisboa, na freguezia de S. José, o distincto escriptor dramatico **Francisco Rangel de Lima.**

Rangel de Lima, chefe de repartição no Ministerio da Marinha, funccionario publico exemplar, caracter honestissimo, começou ao mesmo tempo a sua carreira burocratica, a sua vida jornalistica e de escriptor dramatico.

Foi em 1864 que entrou como amanuense para a secretaria; no mesmo anno para o jornalismo, collaborador do *Commercio de Lisboa*, importante folha, dirigida por Eduardo Tavares e em que collaboravam, entre outros, Mendes Leal, Cesar de Vasconcellos e Lobo d'Avila, o actual Conde de Valbom; eu era revisor da folha; ainda no mesmo anno de 1864, a 12 de Novembro, representou-se a sua primeira peça, a comedia em 1 acto, original, *Uma Travessura*, que foi representada no theatro do Gymnasio e não agradou.

A comedia teve por interpretes: Taborda, Romão, Braz Martins e uma estreiante, Lucia, conhecida pela Lucia do Sette. Era uma elegante e formosissima mulher, que, custa a comprehender o publico tivesse coragem de patear. Era uma *mundana*, que queria elevar-se a *estrella* e era *loira*. Hoje teria carreira segura, porque a estão fazendo outras com muito menos valor. N'aquelle tempo o excesso de moralidade no theatro dava d'estes resultados. A Lucia foi atirada para fóra da scena e a comedia teve portanto a mesma sorte!

Lembro-me, como se fosse hontem, da tristeza com que, ao terminar a comedia, todos os que collaborávamos no *Commercio de Lisboa* sahimos do theatro e entrámos na redacção. Isto mostra quantas sympathias já alli tinha o novo collaborador.

A desforra do primeiro desastre foi completa. **Rangel de Lima** alcançou depois grandes triumphos nas representações das suas peças originaes:

A Condessa do Freixial, drama em 5 actos, em cujo desempenho tomou parte a grande Emilia das Neves e que foi representado em D. Maria e no Gymnasio; *A pedra de escandalo*, drama em 5 actos, em D. Maria; o drama em 5 actos, em collaboração com Ferreira de Mesquita, *Visão Redemptora*, em D. Maria e no S. João, do Porto; a comedia em 3 actos, *Vingança de mulher*, no Gymnasio; no mesmo theatro a comedia em 3 actos, *Legitimas consequencias*, a comedia em 3 actos, *Como se enganam mulheres*, a comedia em 1 acto, *Esperteza de rato*, a comedia em 1 acto, *Antes do baile*, o aproposito n'um acto, *Recordações de Mabille*, a comedia em 1 acto, *Ao calçar das luvas* e a comedia em 1 acto, *Coimbra e Tarimba;* em D. Maria mais as seguintes: *Abençoado progresso!* comedia em 1 acto e *Feios e bonitos*, comedia em 1 acto; na Rua dos Condes a comedia em 3 actos, *Casas, creados e agiotas;* nas Variedades, as duas comedias em 1 acto, *A minha noiva* e *Nem tanto ao mar*.

Em theatros particulares representaram-se ainda duas comedias originaes suas: *O Calafrio* e *Os Sustos*.

Rangel de Lima tem innumeras traducções de magnificas peças, representadas em todos os theatros de Lisboa, Porto e Brazil.

1860 — O actor Izidoro representa pela primeira vez, no theatro das Variedades, com muito agrado o drama **Kean**. Despertou muita curiosidade esta recita, porque o publico estava só habituado a admirar Izidoro na comedia e na magica.

1873 — Estreia-se no theatro da Trindade, na zarzuela *Segredo d'uma dama*, a actriz **Luiza Mafra.**

Esta actriz é irmã de Barbara Volckart. Apesar do defeito em um dos olhos era galante e tinha habilidade e uma bonita voz.

Salientou-se n'algumas peças, entre ellas: *Equilibrios d'amor*, *Tres chapeus*, *Viagem de recreio*, *Cruz de ouro*, *Boas noites sr. D. Simão*, *Thesouro escondido*, *Pae da actriz*, *Diabo no poder*, *Creança de 90 annos*, *Quatro mulheres n'uma casa*, *Atrevido na côrte*, *Botija*, *Flor de laranjeira*, etc.

Abandonou o theatro em 1876 para contrahir matrimonio com o sr. Manuel de Freitas Gazul, irmão do maestro do mesmo appellido.

Na familia da Barbara, depois d'ella, era a de maior valor **Luiza Mafra**, que muita pena foi deixasse o theatro, actualmente tão falto de boas actrizes.

15

1710 — Nasce em Bruxellas a celebre bailarina **Camargo**.

D'ella e de outra bailarina. Mademoiselle Sallé, escrevia Voltaire:

«Ah ! **Camargo**, que vous êtes brillante,
«Mais que Sallé, grands dieux, est ravissante!
«Que vos pas sont légers et que les siens sont doux !
«Elle est inimitable, et vous êtes nouvelle.
«Les Nymphes sautent comme vous,
«Mais les Grâces dansent comme elle.»

1841 — Recita de despedida de **Mademoiselle MARS** na Comedie Française com o *Misanthropo*, de Molière e com *As Falsas Confidencias*, de Marivaux. Na primeira peça **Mademoiselle Mars** representou o papel de Célimène e na segunda o de Araminte.

Foram suspensas todas as entradas de favor.

16

1879 — Morre o escriptor **Silva e Albuquerque**, de quem hei de fallar na data do seu nascimento, a 24 de dezembro.

17

1843 — Representa-se pela primeira vez no theatro nacional da Rua dos Condes o drama em 3 actos, **As Duas Filhas**, original de Antonio Pereira da Cunha.

Era a sua primeira obra, e, porque era de um desconhecido, tal valor lhe acharam, que muitos a attribuiram a Garrett. N'isto estava feito o seu elogio.

Antonio Pereira da Cunha tornou-se depois, como é sabido, um litterato notavel.

1854 — Canta-se pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, com grande exito, a opera **O Trovador**, de Verdi, desempenhada pelo soprano Adelaide Castellan, contralto Ersilia Agostini, tenor Miraglia, barytono Bartolini e baixo Bianchi.

1875 — Representa-se pela primeira vez no theatro do Gymnasio o drama em 3 actos, **Os Lazaristas**, original de Antonio Ennes.

O facto de ser o primeiro trabalho theatral do já muito conhecido e notavel jornalista e de ser tambem uma peça de combate anti-reaccionario, deu um exito extraordinario ao drama.

As questões suscitadas sobre a doutrina da peça maior *réclame* lhe fizeram.

A peça deu em Lisboa innumeras representações, levantou sérios attritos nas povoações provincianas e fez quasi uma revolução no Rio de Janeiro, onde a sua exhibição no palco foi prohibida. Quiz dar-se uma recita unica com o caracter de particular, a policia invadiu o theatro e fez evacuar a sala. Tudo isto concorreu para que a *Gazeta de Noticias*, do Rio, que publicou a peça em folhetins, alcançasse tal popularidade, que immediatamente se tornou uma das folhas mais poderosas do Brazil.

Verdade, verdade, a peça, escripta aliás no estylo brilhante de Antonio Ennes, não tem qualidades dramaticas que a recommendem. Theatralmente é talvez mesmo a peça de menos valor do illustre litterato.

Do distincto escriptor hei de tratar na data do seu nascimento, a 15 de agosto.

18

1843 — Nasce em Lisboa o distincto actor **João Rosa Junior.**

É costume dizer-se que no theatro erra o proverbio, que o *filho de peixe não sabe alli nadar.* Em prol d'esta affirmativa apresentavam-se os exemplos da irmã de Emilia das Neves, da irmã de Emilia Adelaide, da irmã de Virginia, do irmão de Antonio Pedro, do irmão de Marcolino e até de um filho do mesmo Marcolino, que era ao mesmo tempo sobrinho de Santos e afilhado de Taborda e que sahiu uma verdadeira negação para a scena.

Em contraposição a estas opiniões poderiam apresentar-se os irmãos Andrades, as irmãs Marchisio, os irmãos De Reské, as irmãs Tettrazini, a filha da Borghi-Mamo e principalmente a familia **Rosa**. O Rosa (pae) foi um actor notavel; notavel é o actor Augusto Rosa e, quanto a mim, mais notavel é o actor **João Rosa**, que, pelo estudo correcto dos personagens, é quasi sempre irreprehensivel e consegue vivissimos applausos e ser considerado um primeiro actor, apesar do defeito physico, que tão bem sabe disfarçar. Ao ouvil o declamar no palco, ninguem dirá que está em frente de um artista que possue tão pronunciado defeito de pronuncia, que tornaria outro qualquer insuportavel na scena.

João Rosa representou pela primeira vez no Porto, ao lado de seu pae, na comedia de Cesar de Lacerda, *As Joias de Familia,* a 13 de novembro de 1864.

Obteve bastante agrado, e, passando para Lisboa, aqui representou pela primeira vez, no theatro de S. Carlos, no drama *Ricardo III,* a 15 de agosto de 1865.

No theatro de D. Maria estreiou-se a 31 de outubro do mesmo anno, no drama *Sabina Maupin* com feliz exito. Logo em seguida muito se salientou nos *Fidalgos de Bois Doré, Nobres e Plebeus, Amores de Condé, Lucrecia Borgia, Beatriz* e *Patria.*

Em 1872 sahiu do theatro de D. Maria para o Gymnasio, onde se estreiou a 18 de outubro na comedia *Filha unica,* fazendo depois muitas outras peças, mas salientando-se principalmente no *Filho de Giboyer, Opinião Publica* e *Mulato.*

Entrou para a Trindade em 1874 e ahi pouco teve ensejo de fazer, pelo que se retirou no fim da epocha. De 1875 a 1876 representou no theatro do Principe Real, com seu pae e Lucinda Simões, a celebre comedia *Marquez de la Seiglière,* e no theatro das Variedades, com Lucinda Simões e Furtado Coelho, as deliciosas comedias *Os intimos* e o *Sapatinho de setim.*

Voltou depois ao theatro de D. Maria, onde se tem conservado até hoje, a principio como escripturado e depois como societario.

Não vem para aqui fallar das responsabilidades que lhe possam competir na administração do theatro.

O que desejo é deixar assignalada a carreira brilhante que este distincto actor tem feito no theatro de D. Maria. São innumeras as suas creações e todas notaveis. Na impossibilidade de citar todo o seu repertorio, basta dizer que tem em cada papel um trabalho digno de admiração.

Como actor classificado de 1.ª classe na epocha em que entre nós ainda se pensava um pouco no theatro, obteve a sua reforma por longos annos de serviço. Foi tambem professor do Conservatorio no tempo em que existia escola dramatica.

1858 — Nasce em Kansas, na America do Norte, **D. Corinna de Vivaldi Coaracy.**

Com seu pae, o jornalista Vivaldi, foi muito nova para o Brazil e, depois de convenientemente educada e instruida, encetou a carreira jornalistica nos jornaes brazileiros e de New-York.

Casou com o illustre escriptor Visconti Coaracy.

Tem escripto e traduzido varias obras. Para o theatro escreveu o drama em 5 actos *Moema* e traduziu o drama *A rehabilitação* e a comedia *A alegria causa medo.*

1890 — Morre **Antonio Pereira da Cunha,** o notavel escriptor, de quem escrevi na data do seu nascimento, a 9 d'este mez.

19

1828 — Nasce a actriz **Margarida Lopes.** Morreu n'este mesmo dia, no anno de 1896. Completou, pois, exactamente 68 annos de edade.

Margarida Lopes começou a sua carreira no Gymnasio; esteve depois pouco tempo em D. Maria, casando com o excellente actor d'este theatro, Carvalho, que falleceu em 1857, victimado pela febre amarella.

Esteve por diversas epochas no Porto, e nos ultimos annos da sua carreira fez parte da companhia do theatro do Principe Real, de Lisboa.

Tempo houve em que ninguem queria contractal-a, porque adquiriu uma terrivel reputação de *azarenta.* Corria como certo que acabaria desastrosamente a empreza que a contractasse, cahiria toda a peça em que ella entrasse e até succederia qualquer fatalidade na noite em que ella assistisse a um espectaculo! Por este motivo ninguem a queria contractar, nenhum auctor lhe distribuia papel nas suas peças e até lhe recusavam entrada nos theatros.

Commigo deu-se o seguinte facto: Tendo em scena com grande successo uma revista minha no theatro da Rua dos Condes, de que era emprezario, fui com a minha companhia ao Porto, em 1877.

A peça da estreia foi a revista. Na primeira representação grande enchente e enormes applausos; na segunda ainda maior concorrencia e as mesmas demonstrações de agrado.

Antes de começar a terceira representação, appareceu-me a **Margarida Lopes**, que me deu um forte abraço e me pediu desculpa de não ter ido já procurar-me.

— Mas, disse ella, hoje cá estou para ver a tua peça.

Dei-lhe immediatamente um camarote.

Os artistas ficaram todos a tremer, e diziam uns para os outros:

— Temos desgraça!

Eu assistia da friza de bocca ao espectaculo com Camillo Castello Branco, que se estava divertindo, porque nunca vira representar uma revista e achava o genero interessante.

Pobre Camillo! Escolheu a noite da **Margarida Lopes** e ficou sem ver a revista, porque, logo ao meio do primeiro acto, o tumulto foi de tal ordem, que a auctoridade suspendeu o espectaculo, a peça foi prohibida e nunca mais se representou no Porto!

Vim depois a saber que o tumulto fôra preparado pela propria auctoridade e seus amigos politicos por se apresentarem em scena as caricaturas dos ministros, que então eram regeneradores.

É claro que todos os artistas e empregados do theatro attribuiram o acontecimento á presença da **Margarida Lopes.**

Só eu não acreditei em tal e provei-o, escripturando-a para a primeira empreza que formei em Lisboa, no theatro do Principe Real e para ella escrevi expressamente papeis de responsabilidade nas minhas peças originaes e traduzidas: *Capitão Maldito, Povo, Navalha, Niniche, Fada de Coral, Demonio Negro, Dramas da Taberna* e outras.

Margarida Lopes, se nunca fez trabalhos notaveis, tambem nunca prejudicou uma peça. Era actriz conscienciosa e uma grande utilidade no theatro.

Convenceram-se todos depois que ella não tinha *azar;* o que tinha era *má lingua* e outras qualidades, que não a deixavam ser estimada pelos collegas.

Foi em diversas epochas ao Brazil e alli trabalhou com bastante agrado.

Durante a vida nunca soube estar quieta; que descance agora em paz.

1838 — Nasce **Joaquim José de França Junior.**

Era natural do Rio de Janeiro o festejado escriptor **França Junior**, que se formou em direito pela faculdade de S. Paulo e occupou distinctamente diversos cargos publicos. Morreu com 50 annos de edade. Todos o julgavam mais novo, pelo parecer menineiro e pela extravagancia e garridice no trajar. Era um bom caracter e um espirituoso cavaqueador.

Collaborou em diversas folhas fluminenses e tiveram principalmente popularidade os seus folhetins da *Gazeta de Noticias.*

O seu genero predilecto, aquelle em que alcançou maiores louvores e mesmo alguns triumphos, foi o theatro, e com especialidade as peças de costumes.

São originaes suas as seguintes obras dramaticas: Em 5 actos — *Duas pragas familiares:* em 4 actos — *Direito por linhas tortas;* em 3 actos *Typos da actualiade, O beijo de Judas, Como se fazia um deputado, Cahiu o ministerio* e *De Petropolis a Paris!* em 2 actos — *Trunfo ás avessas;* em 1 acto — *Meia hora de cynismo, Uma republica modelo, Entrei para o Jockey-Club, Amor com amor se paga, O defeito de familia, Typos brazileiros, Maldita parentella, Tres candidatos, A lotação dos bonds, Inglezes na costa* e *O Carnaval no Rio de Janeiro.*

Traduziu tambem do francez diversas peças.

1865 — Estreia-se em Lisboa, no theatro do antigo Circo Price, a celebre tiple hespanhola **Elisa Zamacois**, que fez um verdadeiro fanatismo. Toda a companhia de zarzuella, a que ella pertencia, era de primeira ordem.

Zamacois veiu mais tarde a Lisboa, em 1877, cantando no theatro dos Recreios. Estava velha e cansada; quasi não agradou.

1882 — Representa pela primeira vez em Lisboa, no theatro do Gymnasio, na *Dama das Camelias,* a grande actriz franceza **Sarah Bernhardt**, que causou enorme enthusiasmo.

Da notabilissima artista fallarei na data do seu nascimento, a 22 de outubro.

20

1738 — Nasce no Rio de Janeiro, na freguezia de Nossa Senhora da Candelaria o poeta **Thomé Joaquim Gonzaga Neves.**

Veiu para Portugal afim de se formar em direito pela Universidade de Coimbra, o que conseguiu com muito louvor.

Depois de formado, foi despachado para Auditor do segundo regimento de infanteria da Bahia, para onde partiu e se conservou até ser transferido em 1783 para egual posto com a graduação de capitão do regimento de cavallaria 7. Em março de 1805 foi despachado desembargador honorario da Relação do Porto.

Teve o habito e foi cavalleiro professo da ordem de S. Bento d'Avis.

Como grande amador do theatro italiano, traduziu em verso, por mais de vinte annos consecutivos, quasi todas as operas que se representaram no theatro de S. Carlos, n'essa epocha. Isto lhe dá direito a figurar n'este livro

Falleceu a 21 de dezembro de 1819, tendo 81 annos d'edade.

1818 — Nasce a notavel e distinctissima actriz **DELPHINA**.

Delphina Perpetua do Espirito Santo, conhecida nos bastidores pelo nome carinhoso da *Arósinha,* foi inquestionavelmente uma das maiores e mais justificadas glorias do theatro portuguez.

Ao mesmo tempo que nos enche o peito de saudades pelos vultos gigantes que a scena tem perdido, consola fallar ou escrever d'esses artistas de *raça* que tanto nos enthusiasmaram

Delphina era em 1828 bailarina do theatro de S. Carlos. Era entre o corpo de baile d'este theatro que o Conde de Farrobo recrutava damas para o seu theatrinho das Laranjeiras. Foi alli que **Delphina** se estreiou, representando a creada da comedia, *Mulher, marido e amante.* Apesar de ter mui

poucos ensaios, revelou grande talento para a scena e foi festejadissima.

Por aquella epocha Emilio Doux dirigia despoticamente o theatro da Rua dos Condes. Para o guerrear formou-se uma sociedade para o theatro do Salitre, com o nome de *Associação de Gil Vicente*. Essa sociedade era composta do velho actor Dias, que ha muitos annos morreu no Brazil, dé Antonio Feliciano de Castilho, depois Visconde de Castilho (o poeta cego), de Paulo Midosi, pae do advogado e escriptor dramatico ha pouco fallecido, e de Cesar Perini de Luca, afamado dramaturgo da epocha, ensaiador e professor do Conservatorio.

Foi difficil a organisação da companhia pela falta que existia de artistas. Além do velho Dias, só dois havia de verdadeiro merito, a velha Barbara e o velho Ignacio. Fez-se recrutamento de novos, houve boa escolha de repertorio e a concorrencia não se fez esperar. Duas peças fizeram bastante successo, o *Fronteiro de Africa* de Alexandre Herculano e *Os ultimos tres dias de um condemnado*.

Quando esta mesma empreza fez subir á scena o *Roberto o Diabo*, contractou **Delphina** para fazer em mimica a scena do sonho. Pelo bem que d'esta scena se sahiu e pelo que já fizera no theatro das Laranjeiras, a conselho do Conde de Farrobo, foi **Delphina** escripturada para o Salitre, fazendo a sua estreia como actriz no *Peão fidalgo*, arranjo do Capitão Manuel de Sousa do *Bourgeois gentilhomme* de Molière.

N'esta e n'outras peças mostrou **Delphina** desde o começo da sua carreira um grande talento scenico e muita disposição para o naturalismo, tão raro então, que apenas lhe prestavam culto as velhas actrizes Barbara e Florinda, e, mais tarde, o nosso querido Taborda.

Quando uma associação de artistas tomou de empreza o theatro da Rua dos Condes, por indicação de Garrett, para alli foi contractada **Delphina**, estreiando-se no drama *As duas filhas*, de Pereira da Cunha.

Entre outras peças, fez por essa occasião com grande exito o *Dote de Suzanna*, *Magdalena* e *Reinado de Luiz XV*.

Quando a sociedade dos artistas passou para o theatro de D. Maria, que acabava de construir-se, um jury, composto de Castilho, Rebello da Silva, Mendes Leal e Folner, classificou **Delphina** como primeira actriz comica, ao lado da eminente Barbara.

D'ahi em deante, quantas creações notabilissimas, quantos papeis de generos bem diversos, elevaram **Delphina** á cathegoria de um dos primeiros talentos do theatro portuguez!

Na ingenua *Maria* do *Mineiro de Cascaes*, na mulher do sapateiro do *Diabo a quatro*, na tapuia do *Odio de raça*, na baroneza do *Antes na provincia*, na creada da *Afilhada do barão*, na *Justina* dos *Fructos e flores*, e na *Fortuna e trabalho*, na *Penitencia*, na *Vingança*, no *Tempo dos francezes*, no *Jogo*, nos *Homens do mar*, e em innumeras outras peças foi sempre notabilissima.

Acompanhando Francisco Palha na sua sahida do theatro de D. Maria, fez com Tasso, Santos e outros artistas distinctos, uma epocha brilhante no velho theatro da Rua dos Condes, representando alli com talento superior a *Familia Benoiton*, *Demonio do jogo* e outras peças.

Construido o theatro da Trindade, para alli foi a nossa grande actriz até que a morte a arrebatou.

Se a ultima epocha da sua carreira não foi a mais gloriosa, foi sem duvida a que mais manifestou a maleabilidade d'aquelle talento superior, que abordou todos os generos theatraes, sem nunca conhecer um *fiasco* e sahindo sempre victoriosa das maiores difficuldades.

Na Trindade representou ainda o drama distinctissimamente; fez um sem numero de comedias com verdadeiro primor; prestou magnifico concurso á opera-comica e á opereta, e teve creações notabilissimas na opera burlesca, bastando-nos citar o *Barba Azul* e a *Princeza de Trebizonda*.

Delphina ainda até hoje não teve substituta no palco. Ella, que entrára na carreira de actriz representando uma peça de Molière. quiz tambem acabal-a n'outra obra do grande mestre do theatro francez, o *Avarento*. Foi a ultima peça que estudou.

Representou **Delphina** pela ultima vez no theatro da Trindade, a 22 de setembro de 1880. Exactamente um anno depois, a 22 de setembro de 1881, deixava de existir a *avósinha.*

Quando o grande Salvini esteve em Lisboa, vendo representar **Delphina**, classificou-a de primeira actriz portugueza. Esta classificação valeu mais do que todas as distincções que em vida recebeu a eximia e querida artista.

Por occasião do seu enterro, voz auctorisada proclamou que ella déra todo o seu talento á Arte e todo o seu dinheiro aos pobres. N'isto está feito o seu elogio como actriz e como mulher.

1850 — Nasce a actriz **Jesuina Marques.**

Tinha apenas 13 annos quando representou pela primeira vez na comedia *A cisinha Margarida,* em um theatrinho improvisado n'uma sobreloja da rua de S. Bento, á esquina do largo das Côrtes.

O dono da casa era um bello homem, estabelecido com uma tabacaria á Esperança. Os artistas eram dois filhos da casa, um d'elles com muita habilidade. Ambos morreram phtisicos pouco depois. Havia mais dois actores, o Leopoldo Carvalho, actual ensaiador do Gymnasio e seu irmão Ernesto, um professor distincto, que casou com uma filha da casa, que tambem n'essa noite representou no *Tio Torquato.* Eu tomei tambem parte no espectaculo, recitando a poesia *O prego,* de Eduardo Garrido.

Desde essa noite fiquei conhecendo a **Jesuina**, que, como eu já rabiscava, pediu-me para lhe fazer uma scena comica. Fiz-lhe uma cousa qualquer que tinha por titulo *A Castanheira,* que a nova actrizinha representou pela primeira vez n'um theatro construido na fabrica de tabacos a Santa Apolonia.

Por este tempo **Jesuina** era bailarina e dansava por esses theatros em companhia da Amelia Vieira, Paca, Cypriana e outras.

Já quando fallei de Amelia Vieira me referi á Sociedade Curiosidade Dramatica, da qual sociedade **Jesuina** era tambem uma das damas.

Quando se crearam as aulas de declamação no Conservatorio, dirigidas por Duarte de Sá, para lá entrou **Jesuina**, indo depois dar as provas publicas do seu adeantamento ao theatro de D. Maria, onde fez bella figura e onde ficou desde logo contractada.

A peça da sua estreia official foi a bonita comedia *L'Autographe,* de Meilhac, traduzida por Duarte de Sá com o titulo *Duas lições n'uma só.*

D'ahi em deante começou a ser notada como uma actriz distincta e de grande utilidade no theatro. Em D. Maria fez, entre outros muitos papeis, com immenso agrado aquelles de que se encarregou na *Guerra aos nunes, Estroinas, Fernanda, Maria Antonietta, Gavaut, Minard & C.ª, Redeas do governo* e *Casa Nova.* O seu genero predilecto e para que tinha grande disposição, era a *soubrette.*

Sahindo do theatro de D. Maria em 1870 por desintelligencias com a empreza, escripturou-se no Gymnasio, onde se estreiou com grande exito na comedia *O Crescente da visinha,* traduzida por Gervasio Lobato, em que fazia diversos papeis, entre elles o de um garoto.

No Gymnasio desenvolveram-se e muito mais se manifestaram os seus recursos artisticos. De peça para peça ia firmando a sua reputação de excellente actriz.

Jesuina engordou e, sendo ainda bem nova, apresentou um aspecto de velha, que aproveitou magnificamente para as *mães nobres* e *caracteristicas.*

No Gymnasio é uma das artistas mais queridas e o seu repertorio é enorme.

Em 1877 escrevia d'ella Gervasio Lobato:

«Não existem nos nossos theatros muitas actrizes com as variadas aptidões de Jesuina. Tem talento, vocação, vontade, docilidade e modestia. Não faz questão de papeis e estuda todos que lhe dão com egual consciencia. Quando é preciso ser feia, sacrifica-se da melhor vontade e é feia...»

Agora faz differença. As suas qualidades phisicas só a deixam fazer *caracteristicas.*

1895—Recita de despedida de **GOT**, na

Comedie Française.

Foi verdadeiramente notavel o programma d'esta recita extraordinaria e por isso o deixo aqui registrado:

La Pomme, comedia em 1 acto, em verso, de Theodoro de Banville, representada por Georges Berr e Ludwig.

Le Roi s'amuse, de Victor Hugo, o 2.º acto desempenhado por **Got** *(Triboulet)*, Mounet-Sully, Worms, Prudhon, Silvain, Baillet, De Ferandy, Boucher, Paul Mounet, Villain, Bartet e Pauline Granger.

Concert pelos professores do Conservatorio: Diemer, Gillet e Delsart.

Falstaff, de Shakespeare, traduzido por A. Vacquerie e P. Meurice, o 2.º acto, interpretado por **Got** *(Falstaff)*, Silvain, Le Bargy, De Férandy, Truffier, Leloir, Albert Lambert, Laugier, Berr e Pierson.

Sigurd, duetto por Delna e Alvarez.

Arioso, por Delna.

Reine de Saba, aria por Deschamps.

Herodiade, por Alvarez.

Thaïs, aria por Delmas.

La Flûte enchantée, duetto por Delna e Fugère.

Sapho, aria por Delna.

Plaisir d'amour, por Fugère e córos do Conservatorio.

Chansons de 1830, por Auguez e Cooper.

Le Chirurgien du Roi s'amuse, monologo de Arnold Mortier, recitado por Coquelin Cadet.

L'Amour médecin, scenas da opera comica de Charles Monselet, musica de Ferdinand Poise, por Fugére, Clement, **Got** (Macroton), Worms, Mounet-Sully, Paul Mounet, Reichemberg e Du Minil.

Sonetos ineditos dedicados a **Got**, na presença de todos os artistas da Comedie Française, e recitados por Mounet-Sully, Worms, Reichemberg, Barretta e Bartet.

Do grande artista **Got** tratarei na data do seu nascimento, a 1 de outubro.

21

1850—Estreia-se no theatro de D. Maria a actriz **Gertrudes Rita da Silva.**

Brilhante foi a estreia, como brilhante foi a carreira artistica de **Gertrudes**, uma das mais notaveis damas de comedia que o nosso theatro tem possuido.

Appareceu pela primeira vez na comedia em 3 actos *Dois casamentos de conveniencia*, o primeiro trabalho dramatico de Luiz Augusto Palmeirim.

Percorrendo os jornaes da epocha, achamos, entre outros, um artigo de Antonio de Serpa, que se enthusiasmou com o muito que fez e o muito que promettia a nova actriz, discipula do grande Epiphanio.

Logo depois de apparecer em scena foi classificada pelo Conservatorio e Conselho Dramatico como primeira dama de alta comedia.

Gertrudes era formosa, elegante, distincta e representava com grande naturalidade, o que n'aquelle tempo era raro. Foi por isso que se impoz ao publico e ficou sendo desde logo uma das suas artistas mais queridas.

Em Lisboa conservou-se sempre no theatro de D. Maria. Visitou tambem o Brazil, onde foi muito apreciada.

O seu vastissimo repertorio era dos mais escolhidos. Citarei apenas algumaas peças em que mais notavel se tornou: *Contos da Rainha de Navarra, Idéas da sr.ª Aubray, Côrte na aldeia, Lei dos Morgados, O primo*

e o relicario, Filho natural, Flores e fructos, Visão Redemptora, Como se sobe ao poder, Casamento e despacho, Pena de Talião, Homens sérios, Operarios, Condessa de Senecey, Amor virgem n'uma peccadora, Duas epochas da vida, Frei Caetano Brandão, Sabina Manpin, Amigos intimos, O luxo, Mães arrependidas, Escala social, Consciencia, O Morgado de Fafe, Filippa de Vilhena, Marquez de la Seigliére, Gazeta dos Tribunaes, Amores de Leão, Cruz de S. Luiz, Redempção, Um conto ao serão, Garaut, Minard & C.ª, Fidalgo do seculo XIX, Um quadro da vida, Amor por conquista, Elogio mutuo, Fernanda, Princeza Jorge, Por causa d'uma carta, O Condemnado, Rabagas, Claudia, Posições equivocas e *Sociedade onde a gente se aborrece.*

Muitas d'estas peças são originaes de Garrett, Palmeirim, Alexandre Dumas, Rangel de Lima, Cascaes, Mendes Leal, Ferreira de Mesquita, Antonio de Serpa, Biester, Bulhão Pato, Silva Gayo, Sardou, Antonio Ennes, Camillo Castello Branco, Ponsard, Andrade Côrvo, Scribe e Pailleron.

Na vida intima era **Gertrudes** de um fino espirito e d'uma mordacidade engraçadissima.

Lembro-me que, em certa occasião, se discutia na caixa do theatro o procedimento d'uma gentil actriz. Affirmavam uns que era honestissima e sustentavam outros que estava deshonrada. Accudiu a **Gertrudes**, com ares de compaixão:

— Não calumniem a pequena; é honradissima. É verdade que já teve um filho; mas foi uma creança tão pequenina, que não vale a pena fallar n'isso!

Por muitos annos foi conhecida por **Gertrudes Palmeirim**; mas, como ella diria, nada tinha com o illustre escriptor. O apellido pegou-se-lhe pela extraordinaria sympathia que elle professava pela artista!

Morreu a 4 de julho de 1888.

1888 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *Dragões d'El-Rei*, a actriz **Carmen Cardoso.**

É hespanhola, pois nasceu, em 1872, em Jerez de la Frontera, na Andaluzia.

Carmen foi a principio corista de S. Carlos.

Na primeira epocha, em que esteve na Trindade, além dos *Dragões d'El-Rei*, tomou parte nas seguintes peças: *Copo de prata, Almas do outro mundo, Cavalleiros Andantes, Boccacio, Cigarra, Piccolino, Orthographia, Homem da bomba, Marquezinha, Gato Preto* e *Ultimo figurino.*

N'estas peças pouco se salientou e por isso não lhe quizeram augmentar o ordenado, que fôra primeiro de trinta mil réis mensaes e depois de trinta e seis. Por este motivo sahiu da Trindade e acceitou o convite que lhe fiz para o theatro da Rua dos Condes, onde se estreiou na rainha Suavita do *Reino das Mulheres.* Entrou depois na *Filha do Tambor-mór*, na *Archiduqueza* e na revista *Fim de Seculo.*

Terminada a epocha, foi contractada para Madrid, onde trabalhou em companhias de zarzuella, genero *chico*, nos theatros Eslava e Principe Alfonso.

De Madrid seguiu para o Porto, contractada pela empreza Taveira, onde fez poucos papeis, mas com agrado, especialmente a criadinha do 3.º acto dos *28 dias de Clarinha.*

De novo a contractei em 1894 para a Trindade, onde se salientou cantando o fadinho do *Carro do Jacintho* da revista *Sal e Pimenta.*

Depois de estar duas epochas sem escriptura, foi novamente contractada para a empreza Taveira, do theatro Principe Real, do Porto.

Carmen é galante, viva e sympathica. Enfeita uma companhia. Como cantora, tem voz pequena, mas agradavel.

N'uma companhia de opereta é uma utilidade.

22

1828 — Nasce **Guilherme Cossoul.**

Teve por professor de rudimentos de musica Francisco dos Santos; de composição e contraponto Santos Pinto; de violoncello, seu pae; de harpa, sua mãe.

Desde 1852 esteve em Paris estudando no Conservatorio. Regressando a Lisboa, foi desde 1857 director da orchestra do thea-

tro de S. Carlos. Em 1861 entrou para professor de violoncello do Conservatorio e foi durante algum tempo director interino do mesmo Conservatorio.

Foi musico da Real Camara e vice-presidente da Associação Musica 24 de Junho.

Foi tambem o primeiro bombeiro voluntario de Lisboa e o fundador da Associação dos bombeiros voluntarios.

Era condecorado com os habitos de S. Thiago e da Conceição.

Era um talento musical de primeira ordem.

As suas principaes composições são: *Te Deum*, feito expressamente para a chegada d'el-rei D. Pedro V de uma viagem; outro *Te Deum* para o casamento d'el-rei D. Luiz; um solo cantado pelo tenor Mongini n'um *Te Deum* pelo restabelecimento de Campos Valdez; as *Variações* cantadas pela prima-dona Harris Zagury na opera *Filha do Regimento; Homenagem a Camões*, marcha escripta por occasião do centenario.

Foi emprezario do theatro de S. Carlos, de sociedade com Campos Valdez, desde 1864 a 1873.

Era estimadissimo em Lisboa. A sua morte, em 26 de novembro de 1880, foi sentidissima.

1865 — Nasce a actriz **Thomazia Velloso.**

Ha no velho repertorio um drama de Dumanoir e D'Ennery, que se intitula *Le Vieux Caporal*. Essa peça foi em tempos traduzida por Araujo Assis para o theatro do Gymnasio com o titulo *O Cabo Simão*. O protogonista era desempenhado pelo actor Simões.

D'ahi a annos organisou-se uma companhia para dar espectaculos no theatro de Setubal. O director-emprezario era José Romano, que era tambem ensaiador e actor. Incluiu o *Cabo Simão* no repertorio, fazendo elle o principal papel. No prologo da peça ha um combate e o velho cabo entra em fogo, levando escarranchado ás costas um filhinho que o acompanha. Foi desempenhando o papel de filho que **Thomazia Velloso** entrou pela primeira vez em scena aos 6 annos de edade, ás costas de José Romano. E creiam que não entrou mal, porque, apesar do desdem com que hoje se falla d'elle, José Romano foi homem de theatro e alguns bons artistas fez sob a sua direcção.

Eu assisti a essa estreia e n'essa noite tive o prazer de beijar a insinuante creança, que d'ahi a pouco partiu para o Porto com sua mãe, a actriz Carlota Velloso. Passaram-se annos sem ouvir fallar d'ella, até que, em 1878, formando eu companhia para o theatro do Principe Real, me aconselharam a que mandasse buscar ao Porto uma raparignita que demonstrava muito talento em pequenos papeis que fazia no antigo barracão das Carmelitas. Assim fiz. A nova *estrellinha* era nada mais e nada menos que a **Thomazinha**, que eu vira ás costas do José Romano. Por coincidencia feliz o ensaiador que eu escolhera para a minha companhia era o proprio José Romano. Fiz toda a diligencia por bem aproveitar aquelle talento promettedor e o publico dentro em pouco a consagrou artista querida.

Thomazia Velloso possuia um talento espontaneo, facil e gracioso.

Era uma vocação completa, perfeita, profundamente artistica. Corria todos os generos com a mesma facilidade de execução.

Cantava musica séria, cantava musica ligeira, era petulante, graciosa, labrega, fidalga, simploria, picante; saltava da opera para o drama com toda a facilidade; representava uma ingenua dramatica com a mesma espontaneidade com que desempenhava uma gaiata *soubrette*.

Esta era tambem das que fugiram á regra, de que no theatro *os filhos de peixe não sabem... representar*. Esta sahiu *peixe* muito mais fino do que a mãe e do que a tia.

Tudo isto já se pensava e escrevia d'ella na epocha de 1878 a 1879.

No fim da epocha voltou para o Porto e lá fez uma curta mas brilhantissima carreira, que a morte tão cedo cortou. **Thomazia Velloso** morreu aos 24 annos de edade!

Quando se deu o terrivel incendio do theatro Baquet, a **Thomazinha**, que morava

defronte e já estava deitada, ergueu-se em camisa e descalça e correu levianamente para a janella, onde se conservou por algumas horas, apesar do tempo desagradavel que fazia. Quando voltou á cama, estava constipadissima; d'ahi a pouco declarou-se um typho e morreu em poucos dias.

Com a sua morte bastante perdeu o theatro, pois, trabalhando no drama, na comedia, ou na opereta, era uma actriz de grande merito e ainda de maior futuro.

Da familia **Velloso**, que tem produzido quatro actrizes, **Thomazia** era inquestionavelmente a de maior valor.

1892 — Morre no Rio de Janeiro o actor **Castro**.

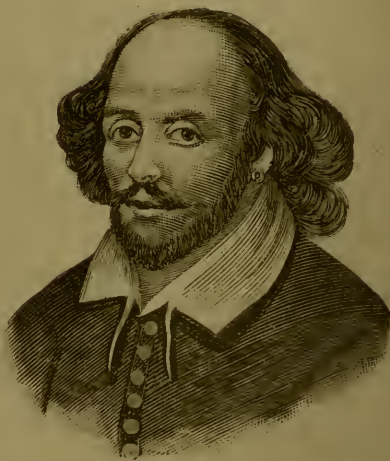
Era natural do Porto; nascera nas Fontainhas e fôra baptisado na Sé; tripeiro da gemma. Era orphão desde os 5 annos, e fôra educado por seu tio, o actor Pereira José, que o fez seguir a carreira commercial, enviando-o para o Brazil em 1860. Pouco tempo esteve no commercio; resolveu seguir a arte typographica, onde foi distincto. Não era, porém, ainda esse o caminho que desejava trilhar, que o fascinava. Fez-se actor, conseguindo agrado relativo. Era já muito para quem começava, mas elle tinha maiores aspirações e por isso alliou-se a uma companhia ambulante, indo percorrer diversas cidades do Brazil, fazendo grandes papeis e obtendo geraes sympathias e immensos applausos.

Cançado d'essa vida inquieta, resolveu ir tentar fortuna nos theatros do Rio. Contractou-se na companhia Dias Braga. Dentro em pouco era considerado um dos primeiros artistas da capital fluminense.

O seu talento era perfeitamente maleavel; no drama, na comedia, na opereta, na magica ou na revista o seu trabalho era sempre correcto e por vezes enthusiasmava o publico. A sua morte prematura foi uma verdadeira perda para o theatro.

O seu nome todo era **Antonio Pereira Fontana e Castro**, mas todos o conheciam pelo **Castrinho** do Recreio.

23

1564 — Nasce em Stratford-sur-Avon o

grande dramaturgo inglez **WILLIAM SHAKESPEARE**.

Aos 15 annos era cortador de um talho. Quando casou, aos 18 annos, fez-se mestre de escola, depois official de procurador e em seguida caçador de profissão.

Para ganhar a vida caçava por vezes fóra do tempo permittido, o que lhe valeu diversas condemnações.

Indo para Londres, angariava os meios de subsistencia exercendo uma industria então muito usada, segurar cavallos ás portas dos theatros.

Shakespeare arranjava sempre meio de penetrar nos theatros e vêr pedaços dos espectaculos. Depois entrou para comparsa d'um pequeno theatro, em 1587, sendo a primeira peça em que figurou a que tinha o estapafurdio titulo: *O Gigante Agrapardo, rei da Nubia, peior do que seu irmão, o fallecido Angulafer.*

D'ahi a pouco começou a desempenhar pequenos papelinhos e foi sempre caminhando, porque, além de tudo, era um bello rapaz, cabeça alta, barba castanho-escura, olhar ardente e fixo e uma apparencia de triumphador.

Depois d'actor fez se emprezario e compunha, á pressa, as peças para a sua companhia.

A vida de **Shakespeare** foi quasi sempre

amarga e morreu obscuro. A critica quasi o insultava.

Ainda depois da sua morte muitos o vilipendiaram. La Harpe na *Introducção do Curso de Litteratura* chama-lhe um poeta grosseiro!

O principal inimigo posthumo de **Shakespeare** foi Voltaire. Verdade seja que as suas diatribes fizeram acordar a Inglaterra. Em Londres começou então a ser discutido o grande dramaturgo, reimprimiram-se e representaram-se as suas obras e uma corrente de admiração despertou o povo inglez e fez-lhe vêr a toda a luz o vulto enorme que a Inglaterra deixava na sombra.

D'então para cá **Shakespeare** começou a ser considerado o mestre entre os mestres.

Muitos dos seus originaes se perderam; sabe-se, porém, que escreveu trinta e quatro composições dramaticas, das quaes se conhecem as seguintes:

Tempestade, Henrique VIII, Conto de inverno, Troïlus, Antonio e Cleopatra, Rei Lear, Coriolano, Julio Cesar, Hamlet, Othello, Segunda noite, Muita bulha para nada, Henrique V, Henrique IV, Como lhe convier, Romeu e Julieta, Mercador de Veneza, Sonho d'uma noite de verão, Comedia dos erros, Penas perdidas d'amor, Rei João, Dois gentis-homens de Verona, Ricardo III, Cymbelina, Macbeth, Timon d'Athenas, Henrique VI, Féra domesticada e *Pericles.*

Shakespeare morreu na terra da sua naturalidade, a 23 d'abril de 1616, isto é, no proprio dia em que completava cincoenta e dois annos.

1835 — Nasce em Coimbra o jornalista **Eduardo Coelho.**

Veiu para Lisboa muito novo, dedicando-se ao commercio; passou em seguida a exercer a arte typographica e por fim tudo abandonou para seguir a carreira das letras e do jornalismo.

Conheci-o quando elle era noticiarista da *Revolução de Setembro* e do *Conservador*, fazendo ao mesmo tempo comedias para a Rua dos Condes.

Em 1865 era eu collaborador e revisor do *Commercio de Lisboa,* folha que teve importancia emquanto se não entregou á politica facciosa.

No escriptorio da redacção reuniam-se á noite diversos individuos e entre elles o Simas, administrador do jornal e o Thomaz Quintino Antunes, proprietario da typographia, a da rua dos Calafates, a mesma onde hoje se imprime o *Diario de Noticias.*

O *Commercio de Lisboa* tinha, entre outros correspondentes dedicados, o de Beja, Dr. José Maria Ganso d'Almeida.

Este cavalheiro veiu a Lisboa expressamente com o fim de fundar em Portugal o jornal barato, á similhança do *Petit Journal.* Na redacção do *Commercio* fallava elle com o maior enthusiasmo do seu plano, que se lhe afigurava infallivel. Empregou todos os meios; nada porém poude conseguir e voltou desanimado para Beja.

Thomaz Antunes, que n'esse tempo vivia bastante embaraçado, luctando com mil difficuldades, anteviu n'aquella idéa o seu salvaterio e tratou de a pôr em pratica.

O primeiro passo a dar seria arranjar redactor. Foi ter com **Eduardo Coelho,** expoz-lhe o plano, que o Ganso d'Almeida não pudéra levar á execução, e declarou que ia fazer o jornal barato, convidando-o para redactor. **Eduardo Coelho** viu logo o futuro da folha e declarou que acceitava com a condição de ser socio. Acceite o alvitre, atirou-se para a rua com o *Diario de Noticias,* em pequeno formato e com uma fórma nova em Portugal.

Tinha acabado o *Conservador* e foi no antigo escriptorio d'elle, na typographia Universal, que se fizeram as dependencias do *Diario de Noticias.* Dedicações não lhe faltaram. Thomaz Antunes sustentava o quadro typographico e fornecia o papel; Simas fazia milagres de boa administração; **Eduardo Coelho** dirigia superiormente a folha noticiosa e incolor, para a qual ninguem tinha mais competencia; ás duas toscas mesas de redacção trabalhavam com amor, desinteressadamente e com esperança no futuro, além de **Eduardo Coelho,** o Costa Pereira, o João de Mendonça, o Leite Bastos, estes todos já fallecidos, e

mais o Pimentel, Brito Aranha, Luiz de Araujo e alguns menos assiduos, entre os quaes eu lá ia quando me davam tempo os trabalhos do *Commercio de Lisboa* e a minha mania de coisas de theatro.

Dia a dia era espantoso o progresso do jornal e o que elle produziu e está produzindo sabem todos os que lêem o *Diario de Noticias*. **Eduardo Coelho** deixou aos seus descendentes bastos meios de fortuna, adquirida em poucos annos. Thomaz Antunes transformou-se no abastado Conde de S. Marçal, ha pouco fallecido.

A creação e o caminho inalteravelmente seguido pelo *Diario de Noticias* são o melhor padrão de gloria de **Eduardo Coelho**.

Antes da creação da sua folha querida, **Eduardo Coelho** foi redactor da *Chronica dos Theatros* e do *Jardim Litterario* e correspondente do *Nacional* do Porto.

Escreveu um pequeno romance *A Vida d'um principe*, um volume de poesias *Primeiros versos*, dois volumes de viagens *Passeios na provincia* e *Passeios no estrangeiro*, e diversos contos nos brindes do *Diario de Noticias*.

Para o theatro escreveu muitas comedias, entre ellas: *Amor aos bofetões*, *Amor e amizade*, *Amor conjugal*, *Comedia na rua*, *Castellã*, *Namorado exemplar*, *Segredo da cortezã*, *Sombra de 1859*, *Tribulações de um poeta* e *Vingança de um beijo*. Tambem escreveu a peça patriotica *Oppressão e liberdade* e traduziu o drama em 5 actos *O Prestigiador*, que se representou no theatro de D. Maria.

Eduardo Coelho foi fundador da antiga associação de jornalistas e commendador de S. Thiago. Era membro de muitas associações instructivas e humanitarias.

Falleceu a 14 de Maio de 1889 com 54 annos de edade.

1850 — Nasce **Gervasio Lobato**.

Bem creança entrou para o Collegio Godinho da rua dos Mouros e d'alli sahiu para a Aula do Commercio, de que frequentou só o primeiro anno pela antipathia que tinha ás cifras. Matriculou-se depois no Curso Superior de Lettras, que completou em dois annos.

Pensou ainda em seguir a carreira diplomatica; mas tudo abandonou para se entregar definitivamente ás lettras, que o fascinavam.

Tinha apenas 15 annos quando, com outros condiscipulos, fundou o jornal *A Voz Academica*. Foi depois correspondente do *Braz Tizana* do Porto e collaborador da *Gazeta de Portugal*, *Diario Popular*, *Gazeta Litteraria*, *Recreio*, *Jornal da Noite*, *Diario Illustrado*, *Progresso*, *Correio da Noite*, *Discussão*, *Diario da Manhã*, *Correio da Manhã*, *Reporter*, *Pimpão* e *Occidente*.

Escreveu os romances: *Lisboa em camisa*, *Invisiveis de Lisboa*, *Dramas de Africa*, *Mysterios do Porto*, *Comedia do Theatro* e *Grande Circo*.

O seu grande successo foi no theatro, onde alcançou verdadeira e justa notoriedade. Era um escriptor correctissimo, com immensa graça; mas uma graça especial, muito sua e que debalde outros teem querido imitar. O que n'elle era espontaneo e graciosissimo, nos imitadores sae forçado e tolo

Teve o maior exito em muitas das suas peças originaes, *Rapto de um noivo*, *Debaixo da mascara*, *Grotescos*, *Condessa Heloisa*, *Medicina de Balzac*, *Diz-se*, *Sua Excellencia*, *Seguro de vidas*, *Medicas*, *Burgueza*, *Commissario de policia*, *Em boa hora o diga*, *As noivas do Enéas*, *Zé Palonso*, *O Burro do sr. Alcaide*, *Solar dos Barrigas*, *Cócó*, *Reineta e Facada*, *Testamento da velha*, *Tio Rufino*, *Manas Felgueiras*, *Annos da menina*, *Ensaio da festa*, *Valete de Copas* e *Festim de Balthazar*.

As suas traducções para o theatro são innumeraveis. Basta citar aqui as de grande exito: *Primeiro marido de França*, *Almas do outro mundo*, *Amigo dos diabos*, *Armario das afflicções*, *Voz do sangue*, *Sociedade onde a gente se aborrece*, *Tres mulheres para um marido*, *Homem da bomba*, *Durand & Durand*, *Cocard e Bicoquet*, *Nitouche*, etc.

Todos os theatros sentiram a sua perda; mas o Gymnasio está ainda de luto por elle, visto não ter ainda encontrado quem o pudesse substituir na infinita graça, que

era o enlevo dos frequentadores d'aquelle theatro.

No começo da sua carreira de jornalista **Gervasio** fôra um critico theatral consciencioso, sisudo, justo e delicado, o que hoje vae sendo raro encontrar-se.

Commigo, Salvador Marques e Pedro Vidoeira fundou o jornal *O Contemporaneo*. Os que lhe sobrevivemos recordamo-nos com saudade d'essa epocha, em que o seu excellente caracter e bom humor nos enchiam de alegria e o seu talento de admiração.

Foi tambem professor de declamação, quando existia a escola dramatica no Conservatorio.

Era official do Ministerio do Reino e condecorado com o habito de S. Thiago.

1868 — Estreia-se no theatro da Trindade, na comedia *Tempestade na familia* a actriz **Helena d'Alberny**.

Representou ainda alli mais tres comedias: *Infausta sorte do Fausto*, *Um criado feliz* e *Em guerra particular antes da paz geral*.

No Gymnasio fez um repertorio maior, tambem de comedias, e com certo agrado.

Helena d'Alberny viera para Lisboa com sua mãe, que subia n'um balão, sahindo aos domingos da praça do Campo de Santa Anna. Mãe e filha ficaram em Lisboa, entrando a pequena para o theatro, para o que tinha realmente disposição.

D'aqui seguiram para o Brazil. Lá as fui encontrar em 1881. A mãe já não fazia ascensões; mas a filha subira na Arte, sendo uma actriz muito apreciada. Casára e por isso era conhecida pela actriz **Helena Cavallier**. O marido, de quem hoje vive separada, é o maestro Cavallier, cunhado do celebre Arton, do Panamá, que por muitos annos tambem viveu no Brazil.

24

1809 — Nasce **José Frederico Parisini**.

Foi continuo da Junta do Credito Publico, passando depois para a Junta dos juros, onde fez parte de diversas commissões. Pertenceu á guarda nacional, sendo ajudante do batalhão do Commercio. Tendo-se matriculado na Aula do Commercio, pediu a demissão do emprego que tinha para se fazer guarda-livros de importantes casas e companhias.

Era um bom homem e um homem habilidoso; sem nunca ter aprendido e apenas por curiosidade, sabia encadernar livros, tirar retratos a crayon, fabricava fogo d'artificio, trabalhava em prestidigitação e até fez um diaphanorama.

Uma outra habilidade era fazer umas peças, massadoras á leitura, mas que conseguiam agradar quando repesentadas. A sua peça de maior exito foi a magica *O Cofre dos Encantos*, que teve seguidamente 297 representações!

Fez, imitou e traduziu muitas outras peças que tiveram agrado, entre ellas: *Os talismans do diabo*, *A Ponte do diabo*, *Entre Scyla e Caribides*, *Parocho virtuoso*, *Tres cães batendo á porta*, etc.

Nas epochas de 1874 a 1876 tomou a empreza do theatro das Variedades, onde fez uma rasoavel administração, auxiliado pelo seu amigo e secretario João Antonio Lopes.

Falleceu com 76 annos de edade, a 26 de março de 1885.

1809 — Nasce em S. João da Barra (Brazil) **Fernando José Martins**.

Alli morreu em 1873. Foi militar e depois advogado por provisão na terra da sua naturalidade. Redigiu o jornal *O Parahybano* e collaborou n'outros. Escreveu a *Historia do desenvolvimento e povoação da cidade de S. João da Barra*.

Escreveu tambem duas comedias, com os titulos: *O tolo fingido* e *O logro não previsto*. Ambas se representaram em Campos e a primeira está impressa.

1821 — Nasce **Joaquim José da Silva Mendes Leal**.

Joaquim Mendes Leal era irmão dos fallecidos escriptores José da Silva Mendes Leal e Antonio Mendes Leal.

Em 1834 interrompeu a sua carreira de estudante por motivo dos successos politicos da epocha. Até 1843 esteve empregado no commercio, passando depois para a Contadoria do Hospital de S. José, onde ainda hoje é empregado.

Collaborou n'alguns jornaes, foi revisor do *Jornal do Commercio* e possue o habito da Torre e Espada.

Como escriptor póde considerar-se inferior a seu irmão Antonio e ambos muito inferiores a seu irmão José.

Joaquim Mendes Leal é auctor de uma *Descripção da ermida de Nossa Senhora do Monte*, de um *Epitome de Melhoramentos no Hospital de S. José* e de dois *Relatorios da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Anjos.*

Como auctor dramatico apenas lhe conheço uma comedia representada no Gymnasio com o titulo *O Consorcio de Lucrecia* e tres representadas na Rua dos Condes: *Ir á força para casar, O mercado das creadas* e *Um par desegual.*

25

1827 — Nasce em Santos (Brazil) **João Cardoso de Menezes e Sousa**, actualmente **Barão de Paranapiacaba.**

Formou-se em S. Paulo na faculdade de direito e seguiu depois para o Rio de Janeiro a exercer a advocacia. Mais tarde foi nomeado chefe do Contencioso do Thesouro Nacional.

Homem de grande honestidade, vasta erudição e talento superior, tem sido sempre estimadissimo nos diversos cargos que tem exercido.

É auctor de diversas obras scientificas, collaborador de diversos jornaes importantes, tem o titulo de conselho e a ordem da Rosa.

Pertence-lhe um logar n'este livro, pois que por muitos annos exerceu o cargo de director do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro, sempre com a maior dignidade e a contento de todos.

Devo-lhe attenções e finezas, que d'aqui mesmo lhe agradeço.

1887 — Morre a actriz **Maria do Céo**, de quem hei de fallar na data do seu nascimento, a 5 de setembro.

1896 — Morre no Rio de Janeiro a actriz **Emilia Brazão.**

Era uma artista modesta, mas que tinha aptidões.

Começou a salientar-se no theatro Avenida, fazendo a D. Mansa do *Burro do sr. Alcaide.*

Logo depois levei-a eu ao Brazil n'uma companhia de opereta em 1892. Agradou bastante.

Na terceira digressão que fez ao Rio de Janeiro, lá ficou para sempre.

Era uma utilidade no theatro e uma boa collega.

26

1654 — Recebe o gráu de doutor em theologia, em Evora, **André Fernandes,** natural de Vianna do Alemtejo.

Sendo mestre de rhetorica n'aquella cidade, no anno de 1635, quiz celebrar a chegada á cidade d'el-rei D. João, compondo uma comedia-tragica intitulada *S. Evstachius Martyr*, que fez representar com grande luzimento na presença de toda a côrte.

1869 — Nasce em Lisboa o actor **José Baptista.**

Entrou para a classe commercial em 1882 e ao mesmo tempo fez-se amador dramatico. Passou depois a trabalhar na provincia até que, em 1891, foi escripturado para o theatro do Rato, estreiando-se no drama *Filhos da Noite*. Fez alguns papeis importantes sob a direcção scenica do actor Salazar. Quando o theatro fechou, foi com um grupo de artistas do theatro de D. Maria dar alguns espectaculos fóra de Lisboa, e, á volta, tornou para o Rato, contractado pelo actor Freitas. Entrou ahi na revista *Feira da ladra*, nos dramas *Conde de Monte Christo, Duas orphãs, Piratas,* etc. Tendo-se ahi salientado, mostrando merecimento e apresentando-se bem, o emprezario do Gymnasio contractou-o em 1894 e lá o tem conservado sem se arrepender, porque realmente **José Baptista** é correcto, estudioso e tem boa apresentação.

Desde a epocha em que entrou para o Gymnasio tem tomado parte em quasi todo o repertorio, salientando-se na *Roça de Valentim* e *Primos de minha mulher*, peças com

que alli se estreiou, e mais nas seguintes: *Zaragueta*, *Cadeia perpetua*, *Corda Bamba*, *Saltimbanco*, *Receita dos Lacedemonios*, *Festa da inauguração*, *Madrinha de Charley*, *Hotel do livre cambio*, *Pimentas*, etc.

1892—Representa-se pela primeira vez, no theatro de D. Maria, a magnifica peça em verso **A Madrugada**, original de Fernando Caldeira. Obteve um successo.

27

1850—Modificação do **Decreto de Moscou.**

1850—Nasce em França a actriz **Rosa Villiot.**

Foi para o Brazil em 1874 e entrou para o theatro do Casino no Rio de Janeiro em 1876. Alli representou n'algumas pequenas peças.

Entrou depois para a Phenix Dramatica, em 1878, representando com grande successo o *Fausto Junior*. Fez depois, sempre com exito crescente, a parodia da *Filha da sr.ª Angot*, *Niniche*, *Mademoiselle Favart*, *Manjerona*, *Giroflé-Giroflá*, *Mulher do papá*, *Sinos de Corneville*, *Princeza dos Cajueiros*, etc. Com a mesma companhia, de que era emprezario o Heller, seguiu para o theatro Sant'Anna, onde continuou a obter o mesmo exito, fazendo tambem ahi grande numero de operetas, sobresahindo na *Gillete de Narbonne*.

Passou depois para a empreza Braga Junior, com que percorreu todo o Brazil, fazendo o seu repertorio, e, por ultimo, contractou-se com Guilherme da Silveira, no theatro de Variedades, indo depois a S. Paulo e voltando ao Rio para inaugurar o theatro Apollo. Alli se conservou até 1894, fazendo, entre outras peças, com muito successo: *Mam'zelle Nitouche*, *Andorinhas*, *Reino das mulheres*, *Pera de Satanaz*, *Gallinha dos ovos de ouro* e diversas revistas.

Em 1896 voltou á Europa. Contractei-a eu para o theatro da Trindade, onde fez a *Falote*, *Princeza Colombina* e a revista *Em pratos limpos*.

N'esta epocha (1897-1898) foi contractada para o theatro D. Affonso, do Porto, onde se estreiou no *Hotel da Barafunda*, traducção da opereta franceza *L'Auberge Tohu-Bohu*.

Não terminou alli a epocha, regressando a Lisboa, e seguindo pouco depois para o Rio de Janeiro, onde actualmente é proprietaria.

1853—Nasce em Vennecy (Loiret) **Julio Lemaitre.**

Começou estudando no Seminario de Orleans. Foi depois para Paris, entrando para a Escola Normal em 1872. Foi nomeado professor de rhetorica no lyceu do Havre em 1875 e alli esteve cinco annos. Em 1880 passou para a Escola superior de letras d'Alger; em 1882 professor da faculdade de Besançon; em 1884 egual cargo para Grenoble. Deixou logo depois a carreira para se entregar completamente aos seus trabalhos litterarios.

A 9 d'abril de 1889 fez representar no Odéon a comedia em 4 actos *Revoltée;* em 1890, no Vaudeville, a comedia em 4 actos *Le Député Leveau;* em 1891, na Comedie Française, o drama em 3 actos *Mariage blanc;* em 1893, no Vaudeville, a comedia em 3 actos *Filipote;* no mesmo anno, no Renaissance a peça em 4 actos, *Les Rois;* em 1895, no Gymnase, a comedia em 3 actos, *L'Age difficile;* no mesmo anno, na Comedie Française, a comedia em 3 actos *Le Pardon;* em 1896, no Vaudeville, a comedia em 2 actos, *La Bonne Hélène.*

Julio Lemaitre é membro da Academia Franceza e official da Legião d'Honra.

28

1845—Despede se do publico de S. Carlos o tenor **Tamberlick**, cantando uma aria de despedida com letra portugueza e musica do maestro Miró.

1883—Morre o actor **Faria**, de quem já tratei na data do seu nascimento, a 8 de janeiro.

29

1827 — Nasce em Livorno o grande

actor **ERNESTO ROSSI.**

Poucas vezes Lisboa se tem commocionado pela admiração de um artista como lhe aconteceu com **Rossi**, quando elle pela primeira vez veiu a Lisboa, contractado pelo notavel actor Santos para o theatro do Principe Real, onde se estreiou no *Kean* a 22 de novembro de 1868.

Ernesto Rossi pertencia a uma familia relativamente abastada e seu pae dedicava-o á advocacia. Ao passar na terra da sua naturalidade uma companhia ambulante, **Rossi** seguiu com ella por ter-se apaixonado pela vida de actor.

Foi assim que elle começou, mas passou logo depois para companhias importantes e dando dia a dia passos de gigante.

O seu repertorio era enorme e em todo elle era **Rossi** notavel, especialmente nas obras de Shakespeare, que elle tanto vulgarisou pelo mundo inteiro.

Em 1866, por uma excepção verdadeiramente extraordinaria e honrosa, representou na Comedia Franceza o *Cid* de Corneille. O exito foi tal, que a Escola de Bellas Artes obrigou os seus alumnos a assistir ás representações.

As recitas foram dadas em commemoração do centenario da morte do grande poeta e por um convite especial do administrador da Comedia, que lhe dizia: «que a França não encontrava outro actor egual a elle para representar tal papel».

Rossi tinha uma bella figura e um rosto insinuante. A critica portugueza que, da primeira vez que o viu, se prostrou a seus pés, commovida de admiração, na ultima vez em que elle veiu representar no Gymnasio, descobriu-lhe defeitos, alguns dos quaes eram as suas principaes qualidades. É que, em Lisboa, já se ia vendo o theatro por outro prisma, ao mesmo tempo que o grande actor italiano começava a decahir.

Ernesto Rossi morreu quasi repentinamente em Italia, no anno de 1896.

1838 — Sob a direcção do antigo actor Dias e com a primeira representação do drama *Antony*, de Alexandre Dumas, inaugura-se uma nova empreza no theatro do **Salitre**, a fim de servir de escola dramatica, pois que na Rua dos Condes se especulava, na opinião da critica e de grande parte do publico, com uma escola que não era nossa e se desprotegia os verdadeiros artistas.

O theatro do **Salitre**, que todos conhecemos depois transformado em theatro das Variedades, era maior que o da Rua dos Condes, mas ainda muito mais feio, um enorme corredor tortuoso e deselegante. Foi construido em 1782 pelo architecto João Gomes Varella.

1839—Nasce no Rio de Janeiro o actor **Vasques.**

Já tambem morreu, tendo primeiro abandonado o theatro, o popularissimo actor Martinho, de quem o **Vasques** era irmão por parte da mãe.

Quem dizia **Vasques** no Brazil, dizia Taborda em Portugal. Não podia ser mais popular. Além de tudo, entre **Vasques** e Taborda havia ainda outro ponto de contacto; ambos tiveram por mestre no começo da carreira theatral Emilio Doux e com ambos se enganou o perspicaz francez, que descobria o talento onde elle mais se occultava.

Desde que Taborda visitou o Rio de Janeiro, entre elle e **Vasques** havia a mais sincera amizade e verdadeira admiração. Nas minhas digressões ao Brazil, á partida de Lisboa, ou na occasião do embarque no Rio, eu recebia sempre e infallivelmente um estreito abraço do Taborda para o **Vasques** e outro mais apertado do **Vasques** para o Taborda.

Não quero fazer a comparação entre os dois primeiros actores comicos de Portugal e Brazil. Eram bem diversos os meios em que cada um vivia; era principalmente diverso o publico para que cada um representava.

Sou tão apaixonado de Taborda, tenho por elle tal admiração. que nunca encontro actor que para mim o eguale, nem espero encontrar quem o exceda.

Com certeza ha actores de mais talento e mais recursos do que era o **Vasques**, o que decerto não havia era actor mais querido do publico.

Francisco Corrêa Vasques nasceu de sete mezes, e era tão pequenino, que despertou em todos que o viram ao nascer a primeira gargalhada.

Aos seis annos já fazia papeis de creança com o maior agrado. Chamavam-lhe o **Chico** e assim o ficaram chamando todos os que o tratavam com intimidade.

Aos 11 annos quizeram torcer-lhe a vocação, mandando-o para despachante da alfandega; mas elle alli mesmo arranjava publico para o ver representar. Tiveram de mandal-o embora, porque, com as scenas comicas, nem trabalhava, nem deixava trabalhar os mais empregados.

Os primeiros papeis que representou foram os de Queiroga nos *Trabalhos em vão* e de Califourchon na *Corda sensivel.*

Seria um nunca acabar citar todas as peças em que fez creações, algumas notaveis.

De permeio com os papeis comicos e burlescos, desempenhava a primor alguns altamente dramaticos, como os das suas peças *Lagrimas de Maria* e *Honra d'um taberneiro.*

Dos seus trabalhos comicos basta citar os seguintes: Dr. Escorrega da *Princeza dos Cajueiros*, André da *Mascotte*, *Robinson*, o Gregorio da *Niniche* e outros na *Mulher do papá*, *Mosqueteiros no Convento*, *Sinos de Corneville*, *Mil e uma noites*, *Loteria do diabo*, *Boccacio*, etc.

Tinha o **Vasques** uma singularidade que o afastava completamente de todos os outros actores comicos. Taborda, Valle e outros muitos dispõem de magnificos olhos, que manejam com extraordinaria facilidade e de que tiram grande partido. **Vasques**, para fazer rir devéras, cerrava completamente os olhos! Só elle possuia tal segredo.

Vasques era condecorado com o habito de Christo, de Portugal.

Como escriptor dramatico era tambem o **Vasques** popularisimo. Eis as suas producções. Dramas: *A honra de um taberneiro*, *Lagrimas de Maria*, *Filha de um condemnado*, *Estranguladores*; operetas: *Giralda-Giraldinha*, *Orpheu na roça*, *Orpheu na cidade*, *Rainha Crinoline*, *Faustino*; comedias: *Os dois infernos*, *Quero casar minha sobrinha*; as scenas dramaticas: *O sello da roda*, *O Brazil e o Paraguay*; e uma infinidade de scenas comicas, entre as quaes: *Ah! como eu sou besta!*, *Diabruras do Souto*, *Variações de Flauta*, *Aguente-se no balanço*, *Advogado dos caixeiros*, *Rocambole no Rio Janeiro*, *Mais um copologo*, *O menino Monclar*, *O Vasques pelos ares*, *O Diabo no Rio de Janeiro*, *Os namorados da Julia*, *O Gymnasio de roupa nova*, *Joaquim sachristão*, *O sr. Domingos fóra do sério*, *A Orphã*, *Por causa da Emilia das Neves*, *Dona Rosa*, *O Graça e o Vasques*, *A questão anglo-brazileira*, *Viva o Circo Grande Oceano*, *Um bilhete para o beneficio do Graça*, *Um actor sem theatro*, *Um dos taes*, *As pitadas do velho Cosme*, *Joaquim da Costa Brazil*, *O Beberrão*, *José Maria assombrado pelo magico*, etc.

Como se vê pelos titulos, muitas d'estas scenas comicas eram apropositos, que o **Vasques** annunciava para realisar os seus beneficios dando aos logares de platéa e camarotes preços elevados. O publico era por vezes mystificado; mas gostava tanto do **Vasques**, que tudo lhe perdoava e ainda mais o applaudia.

D'uma vez lembrou-se o popular actor

de annunciar n'um seu beneficio que n'um dos intervallos, á vista dos espectadores, comeria um homem vivo. Calculem o effeito que produziu só o annuncio. Na noite da recita a enchente era suffocante, apesar de terem sido enormemente elevados os preços.

Passaram os dois primeiros actos no meio da maior anciedade. No fim do segundo, ninguem se levantou da platéa nem da galeria. Deu o signal; o publico mal conteve um grito, mas teve um estremecimento. A orchestra executou um trecho funebre. Terminado este, houve alguns momentos de espera, em que se não ouvia sequer respirar. Ergueu-se o panno... scenario lugubre. O **Vasques** entrou com modos e cara de antropophago, caminhou até ao proscenio. Foi a primeira vez que não teve palmas ao apparecer em scena. Depois de um significativo silencio, disse:

— Meus senhores, venho, no cumprimento do programma que distribuí, disposto a comer um homem.

Gargalhada geral.

— Perdão; rogo-lhes se não riam, porque o caso é muito sério.

Maior gargalhada.

— Creio que os senhores ainda não tomaram o caso a sério, como eu. Confesso que estou arrependido da promessa que fiz; mas está feita e hei de cumpril-a. como costumo. Passei o dia inteiro procurando por toda a cidade e arrabaldes algum infeliz que não tivesse amor á vida e desejasse acabar nos meus dentes. Não encontrei um! É uma terra de gente feliz este Rio de Janeiro! Para cumprir a minha promessa é indispensavel que um dos senhores espectadores se preste ao sacrificio. Se ha por ahi alguem que deseje ser comido por mim, que se apresente!

Da galeria gritou um espertalhão:

— Prompto! cá estou eu!

— Quer?

— Quero!

— Salte cá ao palco.

Dito e feito. O espectador, com ares de pimpão, desceu da galeria, atravessou a platéa, entrou na orchestra e trepou para o palco.

— Então o amigo quer mesmo ser comido vivo?

— Sim senhor; respondeu o sujeito com desejos de obrigar o **Vasques** a um *fiasco.*

— Por onde quer que comece?

— Por onde quizer.

— Diga lá, por onde?

— Por este braço.

E o sujeito arregaçou a camisa, tendo já despido o casaco.

O **Vasques** ferrou-lhe os dentes como quem ia devéras a devoral-o.

— Ai! ai! gritou o outro, fugindo com o braço.

— Mau; assim não podemos entender-nos. Eu prometti comer um homem; o senhor prestou-se a ser comido. Sem lhe arrancar a carne aos pedaços, não o posso comer. Dê cá o braço!

— Livra! gritou o outro, saltando do palco e deitando a fugir pelo theatro fóra, no meio de uma assuada enorme dos espectadores.

— Outro! Venha outro! gritava o **Vasques**. Quero cumprir o programma.

Vendo que ninguem se prestava, declarou:

— Meus senhores, vêem bem que eu, conforme annunciei, estou disposto a comer um homem vivo, á vista do publico. Os senhores é que não cumprem o programma, deixando-se comer, portanto passem muito bem.

O panno desceu para de novo subir por mais de vinte vezes para todos applaudirem com enthusiasmo o actor, que afinal os *tinha comido a todos*, enganando-os com o annuncio espertalhão.

Pobre **Chico**! Afinal foi a morte que lhe fez a ultima *partida*, fazendo-o cumprir o programma que elle traçára no enterro do grande actor Guilherme de Agüiar, companheiro do **Vasques**. Este dissera á beira do tumulo do seu collega: «Amigo, acabaste de representar a tua peça; eu ainda estou no ultimo acto, que breve acabará».

E assim foi. Poucos mezes depois, o querido **Vasques** acabava victimado por uma horrivel doença, um cancro na bocca, a 9 de dezembro de 1892.

1853 — Nasce em Lisboa o actor **Joaquim Costa.**

Estreiou-se no theatro de D. Maria, à 12 de dezembro de 1870, na comedia em 1 acto, *Juiz e parte*. Fez toda a sua aprendizagem sob a direcção do grande Santos e isso muito lhe valeu.

Joaquim Costa tem estado contractado, por diversas epochas, em todos os theatros de Lisboa e tem feito varias digressões ao Brazil, percorrendo-o com diversas companhias do Norte ao Sul.

É um actor bastante estimado e com muita utilidade. Representa sempre com agrado o drama, a comedia e a opereta. Consegue ser tão notavel nos *Velhos* de D. João da Camara, como no *Burro do sr. Alcaide.*

Na epocha de 1896-1897 foi ensaiador do theatro da Trindade. N'este mesmo theatro está agora como societario.

1863 — Primeira representação no theatro de D. Maria da magnifica comedia **A Sociedade elegante** do notavel escriptor João Ricardo Cordeiro, de quem já escrevi na data do seu nascimento, a 5 de março.

A **Sociedade elegante** é uma comedia primorosa pela contextura e pelo estylo, como todas as que sahiam da penna do brilhante dramaturgo.

1885 — Inaugura-se o theatro **Sá de Miranda**, em Vianna do Castello.

O projecto d'este theatro foi elaborado pelo architecto Sardinha, lançando-se a primeira pedra em dezembro de 1875.

A iniciativa foi devida principalmente ao conselheiro Antonio Alberto da Rocha Paris, José Affonso d'Espergueira, Sebastião da Silva Neves, José Alves de Sousa Ferreira, Major José Maria Pereira Vianna e Dr. José Alfredo da Camara Leme.

A sala d'espectaculo é em semi-circulo. Tem 20 frizas, 21 camarotes de 1.ª ordem e 16 de 2.ª, todos amplos e luxuosos, dando para espaçosos corredores e para um vasto salão.

A platéa tem 82 cadeiras e 132 logares de geral. Estes logares estão muito á vontade e podem elevar-se a perto de 300.

A decoração é muito bonita e graciosa. O tecto foi perfeitamente pintado por João B. do Rio.

O palco é muito espaçoso. O primeiro scenario da casa foi pintado pelo fallecido Lambertini. Por baixo do palco ha 17 magnificos camarins e diversas arrecadações. Bom machinismo, excellente serviço de ventilação, conveniente illuminação, nada falta ao elegante theatro, um dos melhores das provincias. Teem alli representado quasi todos os nossos primeiros artistas, todas as companhias do Porto e as principaes de Lisboa.

30

1775 — Nasce no Funchal **Luiz José Baiardo.**

Foi famulo do bispo D. Joaquim de Menezes e Athaide, ao qual se attribuem muitas das peças que foram publicadas com o nome de **Baiardo.**

Quando veiu para Lisboa, no anno de 1821, **Baiardo** viveu sempre ao serviço das emprezas da Rua dos Condes e Salitre.

Escreveu muitas peças originaes e traduziu outras.

Posso apenas citar as seguintes: *O Mouro de Ormuz* (magica), *Miguel Valadomir elevado ao throno de seus maiores* (drama), *O combate de touros* (farça), *Gullistan* (drama), *O Marquez de Pombal ou o terremoto de 1755* (drama que depois teve *reprise* no theatro das Variedades), *A virtude triumphante ou os magicos de Granada* (magica que depois se representou no theatro das Variedades com o titulo *A Flor Magica), Hariadan Barba-Roxa* (drama), *As luvas amarellas* (comedia que teve grande exito em mais d'um theatro) e *Christierno Rei de Dinamarca, viajando incognito pelos seus estados ou a constancia e heroismo d'uma mulher* (drama), *Templo da Innocencia* (magica). *Figaro* (comedia), *O Delator* (drama), *Alberto I* (drama) e *O caminho escuro* (drama).

Luiz José Baiardo redigiu em 1838 um jornal que tinha por titulo *Atalaia dos theatros.*

MAIO

MAIO

I

1829 — Nasce em Alagadiço Novo (Me-

cejana) a 10 kilometros da cidade da Fortaleza, capital do Ceará, o distinctissimo escriptor brazileiro **JOSÉ DE ALENCAR**.

José Martiniano de Alencar, filho natural d'um presbytero de egual nome, que tambem foi litterato, deputado e senador, foi muito novo com sua familia para o Rio de Janeiro, onde começou estudando, e seguiu depois para S. Paulo, onde se formou em direito, em 1850.

José de Alencar provou mais uma vez o que tantas se tem dito sobre a aptidão para armas e letras dos filhos illegitimos. Já o nosso Camões dizia:

> «Sempre foram bastardos valerosos
> «Por letras, ou por armas, ou por tudo;
> ....

Em 1846, isto é, aos 17 annos, de sociedade com alguns condiscipulos fundou um periodico, *Ensaios litterarios*, onde logo escreveu artigos de grande valor.

No anno em que terminou o curso, 1850, foi estabelecer-se como advogado no Rio. A sua verdadeira estreia na imprensa foi em 1853, no *Correio Mercantil*, nos folhetins *Ao correr da penna*. N'esse mesmo jornal redigiu com toda a proficiencia uma secção juridica e escreveu ainda notavelmente sobre outros assumptos. Por esta epocha

collaborou tambem no *Jornal do Commercio.*

Os seus maiores triumphos jornalisticos datam de 1856, em que se encarregou da direcção politica e litteraria do *Diario do Rio de Janeiro.*

José d'Alencar foi chefe de secção do ministerio da justiça, depois consultor do mesmo ministerio, deputado pelo Ceará e ministro da justiça no gabinete do fallecido visconde de Itaborahy em 1868.

José d'Alencar foi tambem um orador notavel.

Os seus livros: *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos, O marquez de Paraná, A constituinte perante a historia, Carta aos eleitores da provincia do Ceará, Alfarrabios, Ao correr da penna, Cinco minutos, A Viuvinha, Luciola, Um perfil de mulher, Diva, Iracema, Cartas politicas de Erasmo, Ao povo, Pagina da actualidade, A côrte do Leão, O Marquez de Caxias, Uma these constitucional, Discursos, O systema representativo, Questão de «habeas corpus», Relatorio do ministerio da justiça, Discussão do voto de graças, Viagem imperial, Reforma eleitoral, Guerra dos Mascates, José Martiniano de Alencar* (biographia de seu pae), *O vate bragantino, Senhora, A propriedade, Esboços juridicos,* e os romances *O Sertanejo, Ubirajaba, Encarnação, Til, Sonhos de ouro, O tronco do Ipé, A pata da gazella, O gaúcho, As minas de prata* e principalmente *O Guarany,* são considerados obras notaveis e dignas de fazerem a reputação de um escriptor em qualquer parte do mundo.

Como escriptor dramatico, **José de Alencar** é ainda hoje considerado no Brazil o primeiro entre todos.

As suas obras de theatro são: *O Demonio familiar,* comedia em 4 actos; *O Rio de Janeiro verso e reverso,* comedia em 2 actos; *As azas de um anjo,* comedia em 4 actos, prologo e epilogo; *O Credito,* comedia em 5 actos; *O Jesuita,* drama em 4 actos; *A Mãe,* drama em 4 actos; *A expiação,* comedia em 4 actos; *A noite de S. João,* opereta em 2 actos.

Este illustre escriptor brazileiro morreu no Rio de Janeiro, a 13 de dezembro de 1877.

1842—Primeira representação no theatro do Salitre, do drama em 3 actos, **O Pagem d'Aljubarrota**, original de Mendes Leal Junior.

Esta peça foi muito discutida e muito criticada na imprensa. Luiz Augusto Rebello da Silva publicou uma serie de artigos em que elevava o valor da peça e o talento superior de Mendes Leal.

2

1886—Morre a actriz **Maria Adelaide.**

Esta actriz, apesar de pequena de estatura, era elegante, formosa e vestia bem. Estas qualidades mais a recommendavam no theatro do que o talento.

Veiu de Setubal e entrou para o theatro de D. Maria protegida pelo actor Tasso.

Esteve tambem no Gymnasio e no Principe Real e foi depois ao Brazil, d'onde regressou para em breve morrer.

Desappareceu sem que no theatro se sentisse a sua falta.

3

1873—Estreia-se no theatro das Variedades no drama *Pedro Sem* o actor **Torres.**

Tinha sido sargento de infanteria n.º 2 o actor **Frederico Torres.**

Das Variedades passou para a Rua dos Condes. Foi á provincia e ás ilhas dos Açores com a companhia de Emilia Adelaide e, voltando a Lisboa, entrou para o theatro do Principe Real, onde teve a sua melhor epocha. Fez alli, principalmente, com muito exito o diplomata da *Niaiche* e o surdo do drama *A Navalha.*

Passou por fim para o theatro de D. Maria, onde fez pequenos papeis por pouco tempo, porque a doença o afastou da scena e em breve o prostrou.

1885—Morre no Pará o actor **Camillo.** Este actor era uma verdadeira utilidade

no theatro, porque, além de ser correcto, possuia uma prodigiosa memoria. Por muito grande que fosse o papel, elle, lendo-o apenas uma vez, d'um momento para o outro ia substituir qualquer collega.

Fez parte das companhias dos theatros da Rua dos Condes e Principe Real, nunca despertando enthusiasmos, mas agradando nos differentes papeis de generos diversissimos que fazia.

Foi por varias vezes ao Brazil, onde agradou. Lá morreu, na capital do Pará, victimado pelo *beri beri*.

1891 — Inaugura-se no Rio de Janeiro, em frente da Academia de Bellas Artes, a estatua erguida á memoria do grande actor **João Caetano**.

A estatua foi levantada por subscripção publica e pelo producto de beneficios nos theatros, tudo devido á louvavel iniciativa do fallecido actor Vasques.

De **João Caetano** já fallei na data do seu nascimento, a 27 de janeiro, e do Vasques a 29 d'abril.

4

1891 — Morre no Rio de Janeiro, victimada pela febre amarella, a actriz **Rosa Pereira**, de quem tratarei na data do seu nascimento a 31 de outubro.

1896 — Morre no Pará, victima de uma congestão cerebral, o actor **Portugal**, de quem hei de escrever na data do seu nascimento, a 20 de setembro.

5

1832 — Decreto de Agostinho José Freire para *«promover a Arte da Musica e fazer «aproveitar os talentos, que para ella appare«cem.»* Creou-se o **Conservatorio de Musica** para ensinar *«musica sacra, propria dos offi«cios divinos e a profana, incluindo o estudo «das peças do theatro italiano.»*

A direcção do **Conservatorio** foi dada ao notavel musico **João Domingos Bomtempo**.

Ordenou-se que o archivo *«fosse augmen«tado com todas as peças notaveis dos auctores «modernos assim naturaes como estrangeiros»*.

Foram nomeados os seguintes professores: preparatorios e rudimentos, José Theodoro Hygino e Silva; instrumentos de latão, Francisco Kukenbuk; instrumentos de palheta, José Avelino Canongia; instrumentos de arco, João Jordani; orchestra, Frei José Marques; canto, Antonio José Soares.

1888 — Morre o actor **Augusto José Pereira**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 1 de abril.

6

1819 — Nasce em Pezo da Regoa o illustre escriptor **João de Lemos**.

Foi até á morte um honrado membro do partido legitimista o notavel jornalista e homem de lettras, **João de Lemos Seixas Castello-Branco**, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, socio do Instituto da mesma cidade e membro do Conservatorio Real de Lisboa.

João de Lemos foi um jornalista de pulso, do que deu exhuberantes provas principalmente na folha legitimista *A Nação*, e um poeta primoroso. Os seus bellos versos appareceram nos periodicos *Revista Universal*, *Nação*, *Revista Academica*, *Trovador*, *Prisma* e *Illustração*.

Existem quatro volumes das suas encantadoras poesias: *O livro de Elisa*, *Flores e amores*, *Religião e Patria* e *Impressões e Recordações*.

Para o theatro escreveu ainda em Coimbra o drama em 4 actos, *Maria Paes Ribeira*, que se representou em 1845 no theatro Academico e que obteve grande exito da parte do publico e da critica.

Ha impressa na collecção do *Theatro Moderno* uma comedia em 2 actos, original sua, intitulada *Um susto feliz*.

João de Lemos falleceu a 16 de janeiro de 1890.

1832 — Nasce em Lisboa **Aristides Abranches**.

Foi antigo empregado do Conselho de saude publica, sendo depois addido ao Ministerio do Reino.

Foi ensaiador do theatro da Trindade e depois director de scena do theatro de D. Maria, cargo que exercia quando falleceu, a 16 de agosto de 1892.

De muito novo começou escrevendo para o theatro. Se fazia bons originaes, melhor imitava e traduzia.

Quando a obra demandava graça exaggerada, elle não a tinha para lh'a dar e era desastre certo, como aconteceu na peça phantastica *A sexta parte do mundo* e na magica *Reino das Fadas*. O drama ou comedia arranjava elle ou traduzia muito bem.

Epocha houve em que no Gymnasio, e depois na Trindade, quasi só se representavam trabalhos seus.

A primeira peça que escreveu foi *O Conde de Paragará*, comedia original em 2 actos, que se representou pela primeira vez no Gymnasio, a 8 de julho de 1855.

Em seguida deu com muito successo no mesmo theatro as comedias originaes *Mariquinhas a leiteira* em 1 acto, e *Mosquitos por cordas* em 2 actos.

Por uma nota que tenho presente, escripta pelo seu proprio punho, **Aristides Abranches** fez, imitou ou traduziu as seguintes peças: *Mariquinhas a leiteira, Um agiota em miniatura, Posso fallar á sr.ª Queiroz?, Dois pescadores, Trovoadas de maio, Como se descobrem mazellas, Nem todo o matto é ouregãos, Quem tem medo.. , Um casamento á queima roupa, A mãe dos Gracchos, Uma alma d'este mundo, Que faria se o fosse!, Tres estrellas, Lembranças da menina Aspasia, Só morre quem Deus quer*. Todas em 1 acto.

Em dois actos: *O Conde de Paragará, O gaiato de Lisboa* e *Mosquitos por cordas*.

Em tres actos: *Stambul, As tres rocas de crystal, Os Medicos, Um homem politico, Prodigos e economicos, Entre a cruz e a caldeirinha, Amor carraça, Marquezinho, As minhas duas mulheres, Casa de Orates, Dominó preto, Rosa de sete folhas, Fausto o petiz, Rouxinol das salas, Filhos de Adão, Amar sem conhecer, Amor e mysterio, Robinson* e *O Capitão negreiro*.

Em quatro actos: *O Reino das Fadas, A mãe dos escravos, Matheus o chapelleiro, Atirar ao pae para caçar a filha, Senhora da Bonança* e *O Sargento Frederico*.

Em cinco actos: *A Familia do Colono, O advogado dos pobres* e *Os contos de Boccacio*.

Escreveu mais em collaboração:

Com Rangel de Lima: *Edmundo Dantés, Conde de Morcerf, Mosqueteiros do Rei, Calumnia, Pena de Talião, Dois pobres a uma porta, Vejam-se n'este espelho, Como se conhece o villão* e *Muito padece quem ama*.

Com Eduardo Garrido: *O valle dos encantos, Dar corda para se enforcar, Valentim o diabrete* e *O medico dos mortos*.

Com Guilherme Celestino: *O Capitão Carlota, A Mosqueteira* e *A Estrella do Rei Uff*.

Com Carlos Borges: *As Pilulas do diabo* e *O Visconde de Létorière*.

Com Manuel Macedo: *O diabo côxo*, que foi o seu ultimo trabalho.

Com Cunha Moniz: *O positivo*.

Com Duarte dos Santos: *A mosca branca* e *A creança de 90 annos*.

Aristides Abranches foi o creador do *Almanach Taborda*, que durou alguns annos e que era uma publicação interessantissima.

1843 — Apresenta Garrett ao Conservatorio o seu drama **Frei Luiz de Sousa**.

1853 — Nasce em Porto Alegre, Brazil, **Damasceno Vieira**.

Cursou a escola normal do Rio Grande e, deixando o professorado, empregou-se na alfandega, onde tem logar importante.

É um escriptor distincto e muito apreciado.

O theatro brazileiro deve-lhe os dramas *Adelina, Arnaldo* e *Amalia;* as comedias *A boneca de Lucia, Os gaúchos* e *Por um retrato;* a scena dramatica *A voz de Tiradentes* e a opereta *A familia Paschoal*, para a qual fez a musica o maestro Luiz Roberti.

1856 — Morre **Rodrigo de Azevedo Sousa da Camara**.

Nascera em Lisboa em 1804. Foi empregado da Intendencia Geral de Policia e exerceu ainda outros cargos de confiança.

Em 1838 redigiu um jornal com o titulo de *Desenjoativo theatral*, de que sahiram apenas 16 numeros.

Publicou um opusculo com o titulo *Bre-*

res noções sobre a arte dramatica, que não posso avaliar, porque nunca consegui vêl-o. Sei que existe, por vir mencionado nas *Memorias do Conservatorio* e no *Diccionario Bibliographico.*

Escreveu dois dramas originaes: *D. Pedro no Porto ou o heroismo de poucos* e *D. Maria Telles,* e a farça *Um dia de eleições em Lisboa.*

Tambem traduziu as seguintes peças: *Pobre Jacques, O Baile ou a rival de si mesma, O Fugitivo da Bastilha, Valeria, Torquato Tasso* e *O Remorso.*

1863 — Estreia-se no Rio de Janeiro, na opera *Trovador,* o barytono portuguez **Celestino.**

Teve uma magnifica recepção e foi alli muito considerado pelo publico e pela imprensa.

Apesar de tudo, a sua vida no Brazil foi atribulada por desgostos intimos e acabou por uma enorme desgraça. Estando á janella de sua casa, mão traiçoeira lhe arremessou á cabeça uma garrafa, fazendo-lhe ferimentos, que lhe causaram a morte. Deixou dois filhos, um que era rabequista no Rio de Janeiro e alli morreu tambem, e outro que era commerciante em Buenos Ayres e ignoro se ainda vive.

Antonio Maria Celestino fez parte de diversas companhias de opera comica em Lisboa e esteve por diversas epochas escripturado como barytono no theatro de S. Carlos.

1873 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta em 1 acto *Equilibrios d'amor,* a actriz **Josepha d'Oliveira.**

Não tenho informações exactas do seu nascimento e dos seus primeiros annos. O que posso affirmar é que nasceu em Vizeu. Não sei a data em que veiu ao mundo; mas sabem todos que devia ter, pouco mais ou menos, vinte annos quando, ha vinte e cinco annos appareceu pela primeira vez na Trindade. A conta é facil de fazer approximadamente.

Na noite da sua estreia o publico, tantas vezes injusto, importou-se mais de saber d'onde ella vinha, do que do que promettia e pateou-a. Sahiu logo do theatro e d'ahi a pouco seguiu para o Porto, onde se estreiou com muito agrado no theatro da Trindade, que ardeu, passando depois para o Baquet. Chegou então a Lisboa a fama dos seus triumphos e Francisco Palha não descançou emquanto não a trouxe de novo para a Trindade de Lisboa. Veiu, fazendo aqui a sua segunda estreia a 25 de abril de 1878, na *Viagem á Lua.*

D'esta vez foi applaudidissima. Era ainda formosa como da primeira vez que se apresentára, tinha a voz desenvolvida e d'um timbre agradabilissimo e já se impunha como actriz.

Na Trindade esteve até 1892. Entre outros, desempenhou com muito agrado os papeis do *Segredo d'uma dama, Duquezinho, Milho da padeira, Filha do Inferno, Graziela, Madame Favart, Filha da sr.ª Angot, Piperlin, Boccacio, Ave azul, Noite e o Dia, Gillette de Narbone, Moleiro d'Alcalá, Ditoso fado, Surcouf, Pato de tres bicos, Menina do telephone* e *Ponte do Diabo.*

Sentindo a voz cansada e tendo difficuldades no canto, resolveu-se a representar a comedia, para o que se escripturou no Gymnasio. Entre outros papeis, fez alli com muito agrado os das *cocottes* do *Primeiro marido de França* e *Casa Tamponin.*

Em 1895 foi n'uma companhia minha ao Rio de Janeiro. Voltára á opereta e continuava a faltar-lhe a voz. Ainda assim foi recebida com bastanre agrado, principalmente quando representava comedia.

Continúa contractada no Gymnasio.

7

1842—Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes a comedia **Primeiras proezas de Richelieu.** Para guerrear a empreza levantou-se contra a peça uma enorme campanha, capitaneada por Antonio Feliciano de Castilho. A comedia foi classificada de immoralissima! Apesar de tudo, o theatro enchia-se e a peça teve diversas *reprises,* agradando sempre extra-

ordinariamente. N'ella era insigne, no desempenho do papel de protogonista, a grande Emilia das Neves.

1844 — Nasce em Lisboa **Lino d'Assumpção.**

Thomaz Lino d'Assumpção é um trabalhador infatigavel. Tem o curso de conductor de obras publicas do Instituto Industrial e o Curso Superior de Lettras. O que elle principalmente tem é talento e o curso da sua bibliotheca, pois nunca se cansa de estudar. Esteve no Brazil, onde foi jornalista, escriptor dramatico, livreiro e engenheiro. Regressando á Europa, estabeleceu a residencia em Paris e mais tarde voltou a Portugal. Aqui ou alli, trabalhou sempre. Hoje é empregado superior da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Ao-lado de Antonio Ennes, redigiu e administrou por muito tempo o jornal *O Dia*, que n'essa epocha teve uma existencia brilhante.

Lino d'Assumpção é um apreciado critico d'arte, o que bem raro é na nossa terra. São muitos os volumes que ultimamente tem publicado sobre assumptos diversissimos e principalmente d'investigação.

Para o theatro escreve desde bem novo. Começou fazendo peças para os amadores de Santarem, onde por algum tempo residiu; continuou a escrevel-as para os theatros da Rua dos Condes e Gymnasio; algumas escreveu no Brazil e depois para a Trindade e D. Maria.

Como é natural, para este ultimo theatro fez as mais cuidadas. A primeira que alli se representou, *Eva*, teve uma queda desastrosa, em grande parte devida ao desempenho; mas depois no mesmo theatro teve merecidos applausos no *Monsenhor*. Ultimamente passou alli quasi desapercebida a sua peça *Ajuste de contas*, que só deu quatro representações.

Lino d'Assumpção tem peças ainda não representadas e continúa escrevendo. São tambem muitas as suas traducções.

Se não póde contar no seu repertorio grandiosos successos, é sem duvida um auctor apreciado e sempre digno d'incitamento, porque, como acima disse, é um escriptor de talento e trabalhador infatigavel.

1861 — Nasce em Azambuja o actor **Portulez.**

Aprendeu em Lisboa a gravador e lytographo e ao mesmo tempo representava como curioso nos theatros Garrett e Taborda.

Percorreu com diversas companhias algumas terras da provincia, indo depois para o theatro Recreios, do Porto, escripturado pelo emprezario Coelho Ferreira. Passou em seguida para a companhia Taveira, com o qual ainda continúa contractado.

1863 — Faz o seu ultimo beneficio no theatro da Rua dos Condes o actor **Carreira.** Despede-se do publico, declarando que abandonava a scena por intrigas.

Joaquim Pedro Carreira fôra sapateiro e era aleijado d'um braço. Pertenceu á companhia dramatica do antigo theatro do Salitre, dirigida por Emilio Doux. Trabalhava na baixa-comica com muito agrado.

Em 1852 passou a ser socio da empreza do theatro da Rua dos Condes, com José Vicente Soares, marceneiro e proprietario de um antigo guarda-roupa que existiu no largo do Calhariz.

Nos ultimos annos da sua vida foi ensaiador do theatrinho dos doidos, em Rilhafolles.

Carreira morreu de edade avançada.

A sua grande peça de combate era o drama *O Rachador escocez*. Agradou tambem muito no drama *Naufragio da fragata Meduza*.

Quem conheceu ainda o pobre **Carreira** fica assombrado de que no theatro chegasse a ter um bom nome e a ser festejado um actor, que é assim descripto por um litterato da epocha:

«Um desgraçado. Com a cabeça pendente «sobre o hombro esquerdo, os olhos pe«quenos e orlados de vermelho, ligeira«mente cambaio e, além d'estas contrarie«dades physicas, maneta!»

Tudo isto é verdade; mas, na epocha actual, n'algum dos nossos primeiros theatros, não haverá tambem deformidades?

8

1705 — Nasce no Rio de Janeiro o celebre poeta comico e notavel escriptor dramatico **ANTONIO JOSÉ, O JUDEU.**

Antonio José da Silva era filho de João Mendes da Silva, que exercia a advocacia no Rio. Veiu com seu pae para Lisboa em 1713 e parece que para acompanhar sua mãe, que para aqui foi trazida por ordem da Inquisição, que a accusava de judaismo.

Tambem **Antonio José** por duas vezes esteve nos carceres do sinistro e infame tribunal, conseguindo escapar da primeira vez, mediante a penitencia que lhe foi imposta no auto de fé de 13 de outubro de 1726. Da segunda só sahiu para a fogueira em 19 de outubro de 1739. Por esta mesma occasião foram queimadas sua esposa, de 27 annos de edade, e sua mãe de 61. Esta infeliz familia foi sempre atrozmente perseguida pela maldita Inquisição.

Não é para o pequeno espaço de que podemos dispôr n'este livro tratar largamente da vida aventurosa e martyrisada de **Antonio José**. Quem pretender estudal-a minuciosamente, póde fazel-o no processo original do infeliz **Judeu**, que existe archivado na Torre do Tombo desde 1821. Podem tambem sobre o assumpto ser consultados os seguintes livros: *Bibliotheca lusitana*, de Barbosa; *De la litterature du midi de l'Europe*, de Sismondi; *Résumé de l'Histoire Litteraire du Portugal*, de Ferdinand Denis; *Florilegio da poesia brazileira*, de Varnhagen; *Plutarco Brazileiro*, de João Manuel Pereira da Silva; *Ensaio biographico-critico sobre os poetas portuguezes*, de José Maria da Costa e Silva; *Il Giudeo Portoghese*, de Vegezzi Ruscalla; *Estudo biographico* inserto na *Revista Popular* do Rio de Janeiro, do Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro; *O Judeu*, romance de Camillo Castello Branco; e *Historia do Theatro Portuguez*, de Theophilo Braga, tomo 3.º

Antonio José frequentava a Universidade de Coimbra quando, aos 21 annos, foi pela primeira vez agarrado e mettido na Inquisição. O seu crime era ter feito alguns versos maliciosos e principalmente pertencer a uma familia abastada, onde não havia tonsurados. Os crimes que inventaram para o torturar foram: que se deixára induzir por uma tia para seguir o judaismo; que pretendera seduzir uma criada; que tinha relações intimas com sua prima Brites Eugenia, com um primo e até com seus dois irmãos! Todas estas pessoas foram tambem prezas.

Antonio José foi por essa occasião declarado apostata, hereje, ficto, falso, confitente, diminuto e impenitente, incorrendo em pena de excommunhão maior e confiscação de todos os seus bens. Por ordem da Inquisição foi posto a torturas. Saiu penitente no Auto de Fé celebrado na egreja de S. Domingos a 15 de outubro de 1726, com a condição de ser doutrinado.

No intervallo de 1727 a 1733 fez **Antonio José** a sua formatura em Coimbra, vindo depois advogar para Lisboa.

Aqui começou **Antonio José** a escrever para o theatro do Bairro Alto, estreiando-se em outubro de 1733 com a opera *Vida do grande Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança.*

Em seguida escreveu as suas peças: *Esopaida ou Vida de Esopo,* representada em Abril de 1734; *Os Encantos de Medéa,* em maio de 1735; *Amphitryão ou Jupiter e Almena,* em maio de 1736; *Labyrintho de Créta,* em novembro de 1736; *Guerras do Alecrim e Mangerona,* no carnaval de 1737; *As Variedades de Proteo,* em maio de 1737; e *Precipicio de Faetonte,* em Janeiro de 1738.

Antonio José demonstrou nas suas peças uma imaginação ardentissima, uma veia comica inexgotavel e uma alta propensão para ser o creador de uma escola e o reformador de um theatro, se n'elle se tivessem dado outras circumstancias, que não as de uma vida atribulada por odios, invejas e perseguições.

Variam muito as opiniões sobre a fórma por que eram representadas no theatro do Bairro Alto as operas de **Antonio José**.

O sr. Theophilo Braga, convicto de que eram actores que representavam as peças, diz: «Depois da morte de **Antonio José**, o «theatro do Bairro Alto recorreu outra vez

«aos espectaculos dos *Bonifrates e Prese-* «*pios.*» Dá assim a entender que em vida de **Antonio José** eram actores que representavam.

N'outra passagem, diz ainda Theophilo Braga que «**Antonio José da Silva** se quei- «xava da impossibilidade de escrever para «actores rudes e sem escola, como os do «Bairro Alto, de 1733 a 1738.» Para provar esta affirmativa, transcreve o seguinte periodo extrahido do prologo do primeiro volume do *Theatro Comico Portuguez:*

«Saberá discernir a difficuldade da co- «mica em um theatro, d'onde *os represen-* «*tantes se animão de impulso alheio;* d'onde «os affectos e accidentes estão sepultados «*nas sombras do inanimado,* escurecendo es- «tas muita parte da perfeição, que nos «theatros se requér, por cuja causa se faz «incomparavel o trabalho de compôr *para* «*similhantes interlocutores,* que *como nenhum* «*seja senhor das suas acções,* não as pódem «executar com a perfeição que devia ser.»

Ora isto, pelo que acima sublinhei, parece provar exactamente o contrario do que affirma o sr. Theophilo Braga.

Accresce ainda que, na dedicatoria do mesmo volume, se lê:

«Parece que *a alma do arame no corpo da* «*cortiça* lhe infunde verdadeiro espirito e «novo alento.»

Isto mostra bem claro que as peças, ou operas, eram representadas por *bonifrates* ou *fantoches* feitos de *cortiça* e movidos por *arames* e era de dentro que se fallava, como ainda hoje acontece nos theatrinhos de feira.

No citado prologo ainda se falla no «leitor dos papeis»; sem duvida o sujeito que lia dentro os papeis emquanto os bonecos representavam.

Nem era natural que o auctor das obras que se estavam representando, e que tencionava escrever outras, fallasse com tanta aspereza e desprezo pelos actores com quem provavelmente convivesse e de quem precisaria para outros trabalhos. Se assim fallava, era evidentemente porque se referia aos *bonifrates.*

Como acima disse, **Antonio José**, conhecido pelo **Judeu**, foi queimado nas fogueiras da Inquisição a 19 de outubro de 1739, contando apenas 34 annos de edade. Se o tivessem deixado n'uma vida tranquilla e o não assassinassem, que enormes serviços elle poderia ter prestado ao theatro portuguez! Ainda assim, o nome de **Antonio José** viverá eternamente nos fastos do nosso theatro.

1768 — Nasce em Lisboa **Sebastião Xavier Botelho.**

Par do reino, commendador de Christo, formado em direito pela Universidade de Coimbra, exerceu importantissimos cargos e entre elles o de inspector dos theatros e membro do Conservatorio.

Pertenceu á Nova Arcadia. Foi-lhe conferida a inspecção do theatro de S. Carlos em 1812.

Traduziu as tragedias de Racine: *Berenice, Mithridates, Phedra* e *Bajazet;* e as de Voltaire: *Mahomet, Zaira, Bruto, Marianna, Œdipo* e *Semiramis.*

Xavier Botelho falleceu a 21 de maio de 1840 e jaz sepultado no cemiterio dos Prazeres, de Lisboa.

1809 — Nasce em Lisboa o actor **Gusmão.**

Miguel Archanjo de Gusmão trabalhara em Lisboa debaixo da direcção de Emilio Doux. Fez a sua estreia no theatro do Salitre, a 25 d'abril de 1844, no drama *Os Mysterios de Londres,* agradando muito.

Embarcou para o Brazil a 4 de julho de 1847, chegando ao Rio de Janeiro a 7 de agosto do mesmo anno. Estreiou-se no theatro de S. Pedro, dirigido então por João Caetano, a 16 de setembro de 1847, no drama *Côrte da Suecia,* agradando extraordinariamente. Logo em seguida, a 21 d'outubro representou o *Fronteiro d'Africa* e a farça *Pagar o mal que não fez,* causando grande enthusiasmo e recebendo por essa occasião uma riquissima corôa.

Gusmão, no Rio de Janeiro, trabalhou sempre ao lado de João Caetano, Florindo, Ludovina, Martinho, Areias, Furtado Coelho e outros artistas distinctos d'essa epocha.

Falleceu a 21 de março de 1886, de he-

morrhagia cerebral, no seu predio da rua de Paula Mattos n.º 113, no Rio de Janeiro, e está sepultado no cemiterio publico de S. Francisco Xavier (Cajú), no carneiro n.º 2:257, comprado exclusivamente para elle por seu distincto filho, o dr. Francisco Gusmão.

Sobre os meritos e especiaes qualidades do illustre actor **Gusmão**, já fallei n'este livro, na data da sua morte, a 21 de março, e apresentei o seu retrato.

1854 — Nasce o distincto scenographo **Eduardo Machado.**

Desde pequeno que a scenographia era a sua aspiração. Ainda creança, e sem nada saber, fazia vistas para os theatrinhos particulares.

Fez depois com distincção o curso de desenho da Academia de Bellas Artes e passou em seguida a ajudante do grande scenographo Procopio, fazendo com elle muitos trabalhos que tiveram successo na Trindade.

D'alli passou para S. Carlos, a acabar a sua educação artistica com os notabilissimos scenographos Rambois e Cinatti.

D'ahi em deante a sua carreira tem sido uma longa serie de triumphos, principalmente em D. Maria no *João de Thommeray, Estrangeira* e *Caridade;* na Trindade na *Volta ao mundo, Grão-Mogol, Noiva dos girasoes, D. Juanita, Rei Carrapato, Sal e Pimenta* e *Em pratos limpos;* no Gymnasio na *Filha do mar, Sargento-mór de Villar* e *Lisboa por um oculo;* nos Recreios no *Diamante vermelho;* na Rua dos Condes (velho e novo theatro) na *Taberna, Judeu Errante, Ruas de Lisboa, Bandeira do regimento, 93, Tutti-li-mundi, Espelho da Verdade, Revista de 1876, Tim tim par tim tim, Tamtam, Filhos do Capitão Grant, Reino dos homens* e *Fim de seculo.*

No Porto tem estado por diversas vezes, pintando com muito successo um sem numero de scenas.

Tem decorado diversos theatros, entre os quaes o Real Colyseu de Lisboa, Circo Saraiva de Carvalho, da Figueira da Foz, Colyseu dos Recreios de Lisboa, Gymnasio, de Lisboa, e D. Affonso, do Porto, etc.

Póde afoutamente dizer-se que, depois de Procopio, Portugal ainda não teve outro scenographo como **Eduardo Machado.** Pena é que muitas vezes a accumulação de trabalho o não deixe ser pontual no cumprimento das suas promessas para com as emprezas, o que obriga estas, para evitar prejuizos, a recorrerem a outros artistas inferiores.

1889 — Morre em Paris o emprezario de S. Carlos, **Campos Valdez**, de quem fallarei na data do seu nascimento a 5 de agosto.

1591 — Fernão Dias Latorre assigna com o Hospital de Todos os Santos o contracto para a construcção de dois *pateos* no praso de um anno.

Estes *pateos* eram ligeiros theatros, primeiramente ao ar livre, para representações de dia, e depois cobertos e com paredes de alvenaria, podendo já n'elles representar-se de noite.

O primeiro *pateo* construido por Latorre foi o **Pateo da Bitesga**, a que tambem depois se chamou **Pateo da Mouraria.** O segundo foi o **Pateo das Arcas**, na antiga rua das Arcas, no segundo quarteirão da rua Augusta, e que tambem depois foi chamado **Pateo da Rua da Praça da Palha.**

Qualquer d'estes dois *pateos* teve a sua epocha gloriosa.

1881 — Nasce a actriz **Elvira de Jesus.**

Estreiou-se no theatro do Rato na revista *O Pecego.* Foi depois com uma companhia para os Açores e ahi desempenhou com agrado diversos papeis de operetas. De regresso a Lisboa, entrou no theatro do Principe Real na opereta *Beldemonio* e passou logo depois para o theatro da Avenida, onde tem conseguido um certo agrado e mostrado aptidões.

1895 — Morre o distincto actor hespanhol **Ricardo Calvo.**

Possuia um enorme e variado repertorio, fazendo com o mesmo brilho drama ou comedia.

10

1838 — Recita no Théatre Français, revertendo o producto para a subscripção para o monumento a **Molière.**

O espectaculo constou de: *L'Impromptu de Versailles,* comedia em 1 acto, em prosa, de **Molière,** nunca mais representada depois da sua morte; Discurso em verso, em honra de **Molière,** de Lemercier, da Academia Franceza, pronunciado por Mr. Joanny; *L'École des maris,* comedia em 3 actos, em verso, de **Molière,** desempenhando a parte de *Isabel,* Mademoiselle Mars; a grande scena nova com córos do 5.º acto da *Stradella,* cantada por Duprer e Ferdinand-Prévost.

1852 — A primeira representação por distinctos amadores, no theatro de S. Sebastião de Ponta Delgada da peça lyrica **Haydé,** extrahida do romance de Alexandre Dumas, *Conde de Monte Christo,* por Luiz Filippe Leite, musica do violoncellista Cezar Augusto Cazella e de sua esposa Mademoiselle Cazella. Agradou immenso.

11

1828 — Nasce em Lisboa o distincto escriptor **Antonio Cezar de Vasconcellos Corrêa.**

Conheci-o muito na redacção do *Commercio de Lisboa.* Era um espirito vivo e illustrado.

Foi empregado no Ministerio da Marinha.

Collaborou nos jornaes: *O Patriota, Commercio de Lisboa, Parlamento, Revolução de Setembro, Conservador,* etc.

Como escriptor dramatico, que o foi distincto, estreiou-se no antigo theatro da Rua dos Condes, n'um drama original em 3 actos, *O Anjo Maria,* que teve enorme exito.

Depois escreveu quasi sempre e com grande successo para o Gymnasio muitas peças. Lembro-me das seguintes: *Pretos e brancos, A Italia, Flores sem cultura, O Mentiroso, Á cata d'um namorado* e uma *Revista do Anno.*

Para as Variedades escreveu o drama *D. João I.*

Cezar de Vasconcellos morreu a 5 de maio de 1870.

1840 — Nasce em Lisboa **José Abranches.**

Sobrinho do escriptor dramatico Silva Abranches e irmão do escriptor e ensaiador Aristides Abranches, traduziu para os theatros do Gymnasio e Rua dos Condes as comedias em um acto: *Quatro alminhas do Senhor, Antes geito que força, Um homem sem defeitos, Por causa d'um chapeu* e *Quanto vale um canario.*

1882 — Primeiro concerto no theatro de S. Carlos, dirigido pelo notavel maestro **E. Colonne.** Os concertos foram organisados pela Associação Musica 24 de Junho.

Eduardo Colonne conseguiu que se executassem na nossa capital algumas excellentes composições classicas que em Lisboa nunca tinham sido ouvidas.

12

1842 — Nasce em Monteaux (Loire) o distinctissimo maestro **Massenet.**

Foi alumno laureado do Conservatorio de Paris.

A sua estreia no theatro foi pela opera-comica em 1 acto, letra de Adenis e Grandvallet, intitulada *La Grande Tante* e representada na Opéra-Comique em 3 de abril de 1867.

Em 30 de novembro de 1872 na mesma scena se cantou a sua opera-comica em 3 actos, *Don César de Bazan.*

Entrou depois na Grande Opéra, a 27 de abril de 1877, com o *Roi de Lahore.* Voltou á Opéra-Comique, a 19 de janeiro de 1884, com a celebre *Manon.* A 30 do mesmo mez e anno, deu nos Italiens, a opera *Herodiade.* que já se havia cantado em Bruxellas.

E em seguida: *Le Cid, Esclarmonde, Le Mage, Werther, Thaïs* e outras obras notaveis de theatro e concerto.

É um dos primeiro compositores do seculo.

1878 — Estreia-se como amador no theatrinho Garrett, aos Anjos, o actor **Carlos dos Santos.**

Esteve depois como discipulo nos theatros dos Recreios e Rua dos Condes.

Com Stichini, Lucinda do Carmo e outros fez uma excursão ás ilhas, onde agradou.

Foi depois contractado para o Porto, onde tem representado com applauso.

1880 — Representa, pela primeira vez depois de cego, o grande actor **José Carlos dos Santos,** no theatro do Principe Real, no drama em 3 actos, *A Irmã do Cego.*

1891 — Morre em Lisboa a actriz **Luiza Lopes.**

Filha do Lopes, director de uma companhia, foi ahi que ella começou trabalhando. Na mesma companhia se estreiou Rosa Damasceno.

Vindo para Lisboa, appareceu no Gymnasio e depois no antigo theatro das Variedades, fazendo mais tarde parte das companhias dos theatros da Rua dos Condes, Principe Real e ultimamente de D. Maria. Representou tambem no Brazil.

Era uma actriz modesta, mas de utilidade.

Era esposa do actor-auctor Baptista Machado.

Nascera em 1846, na ilha de S. Miguel.

1897 — Morre **Garcia Alagarim.**

Joaquim José Garcia Alagarim foi musico de profissão. Era professor do Conservatorio, leccionava particularmente e tocava nas orchestras dos theatros.

As suas horas vagas applicou-as desde muito tempo a imitar e traduzir peças para os theatros, dando a preferencia ás operetas n'um acto. Fazia isto com uma certa habilidade e felicidade. Algumas das suas adaptações tiveram grande exito, entre ellas as seguintes: *O 66, O Amor e o Codigo, O Sapateiro industrioso, Tio e Sobrinha, Os Serenos, Bolsa e Cachimbo, Thesouro do tio Jacob, Luiza e Augusto,* etc.

13

1699 — Nasce em Lisboa **SEBASTIÃO**

JOSÉ DE CARVALHO E MELLO, depois **CONDE DE OEIRAS** e mais tarde **MARQUEZ DE POMBAL.**

Não é para aqui fallar do alto valor politico e administrativo do celebre ministro de D. José I.

Cumpro o dever da gratidão que lhe pertence n'um livro d'este genero.

Foi o **Marquez de Pombal** quem publicou o decreto levantando o stigma que pesava sobre os artistas dramaticos.

Foi elle quem deu aos comicos do seu tempo fóros de cidadãos.

Tambem elle ainda, protegendo as artes, não esqueceu o theatro.

Era-lhe devida esta homenagem.

Veja-se a data de 30 d'este mez.

1798 — Inaugura-se o theatro de **S. João** do Porto. O panno de bocca fôra pintado pelo celebre Domingos Antonio de Sequeira.

A peça de inauguração foi a comedia *A Virandeira.*

Entre os bellos serviços prestados á cidade do Porto pelo seu antigo corregedor, Francisco de Almada e Mendonça, tem distincto logar a fundação do theatro de **S. João.** Foi elle quem promoveu constituir-se a sociedade de capitalistas para edificar o theatro.

Deu-se-lhe aquelle nome em honra do principe D. João, que regia o reino no impedimento da rainha D. Maria I.

Foi encarregado do risco o italiano Vicente Manzoneschi, que fôra chamado a Lisboa, annos antes, por Sebastião da Cruz Sobral para pintar o scenario do theatro da Rua dos Condes.

Não sei se seria bom pintor; mas com certeza era máu architecto. Alguma coisa que ha de bom no theatro **S. João** foi copiado do de S. Carlos, de Lisboa. A fachada é simplesmente horrorosa. Falta-lhe salão d'entrada. A ornamentação da sala já foi melhorada, mas está longe de ser boa. Ainda assim, por emquanto o theatro de **S. João** é o melhor do Porto.

1798 — Debuta no theatro de S. Carlos o celebre sopranista **Crescentini.**

Girolamo Crescentini nasceu em Urbania, na Italia. Começou a estudar aos dez annos, fazendo-se-lhe por essa occasião a extracção dos orgãos sexuaes. Seguiu para Bologna a ser discipulo de Gibelli.

Estreiou-se em Roma, no carnaval de 1783, com um brilhante exito. Percorreu depois os principaes theatros de Italia, sempre acolhido com o maior enthusiasmo.

Para elle escreveu Zingarelli expressamente a sua opera *Gli Orazzi e Curiazzi.*

Em 1797 cantou **Crescentini** em Vienna d'Austria, indo depois fazer o carnaval de 1798 a Milão e seguindo para Lisboa.

A voz de **Crescentini** era de meio soprano, de agradavel timbre e forte; tinha muita expressão no canto e excellente methodo de emittir as phrases musicaes. Executava com presteza e correcção verdadeiramente admiraveis as maiores difficuldades vocaes. Bastante agradou em Lisboa.

Na epocha de 1799 ao entrudo de 1800 **Crescentini** e um outro celebre castrado Domingos Caporalini foram os emprezarios do theatro de S. Carlos.

Até 1803 se conservou em Lisboa **Crescentini**, ora como emprezario, ora como artista, estabelecendo-se grande rivalidade entre elle e a celebre prima-dona Angelica Catalani. O publico dividiu-se em dois partidos, ficando afinal vencedora a Catalani pela protecção que lhe dispensou o intendente Pina Manique.

Crescentini, depois de fazer grande successo em Paris, para onde tinha ido por instancias de Napoleão I, voltou em 1812 para Italia, indo residir em Napoles, onde exerceu as funcções de mestre de canto no Real Collegio de Musica, e n'aquella cidade falleceu em 1846.

1821 — Debuta no Porto, na peça de grande espectaculo *Os mouros de Hespanha,* a actriz **Carlota Talassi**, de quem hei de fallar na data do seu nascimento, a 20 de setembro.

1840 — Nasce em Nimes o notavel es-

criptor **ALPHONSE DAUDET.**

Foi para Paris em 1857 e começou logo publicando diversos trabalhos que impressionaram o publico.

Redigindo varios jornaes, foi em 1874 critico dramatico do *Journal Officiel.*

A sua primeira peça foi a deliciosa comedia em 1 acto, *Dernière Idole,* representada no Odeon a 4 de fevereiro de 1862. Depois *Les Absents* na Opera-comique a 26 de outubro de 1864; *L'Œillet blanc* na Comédie-Française, a 8 de abril de 1865; e em seguida, em diversos dos principaes

theatros, as admiraveis peças: *Le Frère ainé, Le Sacrifice, Lise Tavernier, L'Arlésienne, Fromont jeune et Risler ainè, Le Char, Le Nabab, Jack, Les Rois en exil, Sapho, Numa Roumestan, La lutte pour la vie, L'Obstacle* e *La Menteuse.*

Alphonse Daudet era laureado da Academia Franceza, presidente da Academia dos Goncourt e official da Legião de Honra.

Morreu repentinamente em Paris no dia 16 de dezembro de 1897.

1844 — Nasce em Lisboa **Sousa Bastos**, o auctor d'este livro.

Antonio de Sousa Bastos estudou em Lisboa apenas instrucção primaria, fazendo o curso dos lyceus em Santarem. Voltando a Lisboa, começou a estudar no Instituto Agricola o curso de agronomo, que abandonou, para se entregar á vida de jornaes e theatros, as unicas duas carreiras que o fascinavam.

Em jornaes começou no *Album litterario*, pertencendo depois ás redacções do *Commercio de Lisboa, Diario Commercial, Gazeta Setubalense, Economias* e *Gazeta do Dia.*

Creou e sustentou por largo tempo os jornaes de theatros: *O Palco, O Espectador Imparcial, A Arte Dramatica* e o *Tim Tim por Tim Tim.*

Publicou em 1895 um livro com o titulo *Coisas de theatro.*

Tem sido ensaiador nos theatro do Principe Real, Rua dos Condes, Avenida e nos do Brazil.

Em Lisboa tem tido as emprezas dos theatros da Rua dos Condes, Principe Real, Avenida e Trindade, de que ainda hoje é emprezario.

Dirigiu por alguns annos companhias no Brazil, tendo sido emprezario e ensaiador nos theatros de: S. Pedro d'Alcantara, Principe Imperial, Novidades, Lucinda e Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro; S. José, Apollo, Minerva e Polytheama, de S. Paulo; Paz, do Pará; Santa Izabel, de Pernambuco; e nos de Santos, Campinas, Porto Alegre, Cachoeira, Pelotas, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paranaguá, Antonina, Curityba, Lapa, etc.

Como escriptor dramatico as suas peças de maior successo teem sido as populares, e entre estas as revistas do anno.

As suas principaes peças originaes são:

Revistas do Anno: *Coisas e loisas de 1869, Coisas e loisas de 1873, Entre as broas e as amendoas* (1.º trimestre de 1874), *Lisboa no palco* (1874), *Scenas de Lisboa* (1875), *Cosmorama de 1876, O nosso espelho* (1877), *Tres horas de chalaça* (1878), *O Valle em Lisboa* (1879), *Do Céo á Terra* (1880), *Do Inferno a Paris* (1882), *O Juizo do Anno* (1884), *Casamento do Bilontra com a Mulher-Homem* (1885), *Tim Tim por Tim Tim* (1888-1889), *Tam Tam* (1890), *Fim de Seculo* (1891), *Sal e Pimenta* (1894), *Tim Tim Fim de Seculo* (1895), *Em pratos limpos* (1896).

Dramas originaes: *A consciencia do bem, O Tormenta, O Jesuita Malagrida, Os Ladrões de Lisboa, Os Mysterios de Lisboa, O Actor, A Navalha, O Povo, O Demonio Negro, O capitão maldito.*

Magicas: *O Primo de Satanaz, O Diadema de Fogo, O Castello Azul, O Feiticeiro da Torre Velha, A fada de coral, A fada do amor.*

Apropositos: *Os irmãos da Bemposta, O tabaco livre, A bella Helena da Pampulha, O nariz flauta, Traupmann e os seus cumplices, O Frontão, A questão do muro, Os portuguezes no Pará, O natal do Redemptor, Has de ganhar muito com isso, Os Sinos de Corneville, Um arabe do Price, Tim Tim Junior, recordações do Tam Tam, Nini, Boccacio Junior, A companhia das aguas, Thugs em Lisboa.*

Operetas originaes, imitadas e traduzidas: *O casamento de Nitouche, Os dois sargentos, A Condessinha, O Archiduque, A Archiduqueza, Na China, O Reino dos homens, A roca de vidro, A filha do Tambor-mór, Niniche, A estreia d'uma actriz, Boas noites sr. D. Simão, A Perichole, O ultimo figurino, Mascotte Junior, O Periquito, D. Juanita, O cavalheiro Mignon, Mam'zelle Nitouche, O Reino das mulheres, A Falote, As duas rainhas, Bearneza.*

Comedias: *Uma casaca castanha com botões amarellos, As figuras de cêra, Á procura*

dos ministros, *Um quarto com duas camas*, *Não ha fumo sem fogo*, *Taborda no Pombal*, *Um criado brioso*, *Que noite!*, *No dia dos meus annos*, *Quando menos se espera...*, *A valsa*, *O rei dos ladrões*, *Uma lição ás mulheres*, *Fructa secca*, *O Cuco*, *Os nossos rendimentos*, *Livrem-se lá d'esta!*, *A casa de campo*, *A prima Francisca*, *O ensaio da magica*, *Os creados*, *Plantas sem abrigo*, *A sociedade fastidiosa*, *Ernesto*, *Uma divida sagrada*, *O barão de Catanea*, *O Mysterio da rua da Rosa*, *O cerco de Granada*, *A Bohemia*.

Dramas traduzidos ou imitados: *Mãe e filha*, *A roubadora de creanças*, *As Ruas de Lisboa*, *O incendio da fragata Diana*, *Rocambole*, *A escrava Andréa*, *Os dramas da taberna*, *O centenario*, *Mysterios da inquisição*, *O Vesuvio*, *A mulher do saltimbanco*, *O crime de Carnac*, *Marianna a Virandeira*.

Monologos, cançonetas e scenas comicas: *Ao publico*, *Meus senhores...*, *Desabafos d'um gêbo*, *De pernas para o ar*, *José Liborio*, *Viva o progresso!*, *Aventuras do sr. Ventura*, *O sr. Ramalho em Lisboa*, *A volta do sr. Ramalho*, *A rinca*, *O grumete da Guanabara*, *Um pandego de tres assobios*, *Caluda*, *José!*, *A castanheira*, *Sim*, *Cegueira ou bebedeira?* *Mais ratices do amigo Banana*, *Um conquistador*, *É queijo!*, *Et cætera e mais coisas e tal!*, *O Banho*, *Os sete peccados mortaes*, *Pois foi assim!*, *O sacristão da Revista*, *O engraxáte*, *O andarim*, *Eu ámanhã vou votar*, *Eu quero ser deputado*, *Minha biographia*, *Mimi*, *Meus manos*, *Miss Alice*, *O porteiro do Passeio*, *Pepita*, *Querem provar?*

1892 — Morre em Lisboa, no Hospital Estephania, onde soffrera uma dolorosissima operação, a actriz **Thereza Aço**, de quem hei de tratar na data do seu nascimento, a 18 d'este mesmo mez.

1895 — Morre o actor **Amaro**, de quem escreverei na data do seu nascimento, a 28 de outubro.

14

1870—Estreia-se na Trindade, na opera burlesca *A Princeza de Trebizonda*, a actriz **Zitta Carneiro**.

Entrou ainda depois nas peças: *Rosa de sete folhas*, *Grãn-Duqueza*, *Dalila*, *Rouxinol das salas*, *Papafinas*, *Contos de Boccacio*, *Fructo prohibido* e *Pepe Hillo*.

Tendo alcançado pouco exito, e já desenganada no Gymnasio, onde tambem nada fizera, abandonou o theatro.

D'esta actriz já tive occasião de fallar na data de 14 de fevereiro.

1879 — Recita de caridade no Salão da Trindade.

Representaram-se as comedias:

Gringoire pelas sr.as Condessa de Ficalho, D. Izabel Lisboa, Dr. Carlos Mayer, Marquez d'Incisa, Barão da Regaleira e Fernando d'Azevedo; *La joie fait peur* pelas sr.as Condessa de Ficalho, D. Izabel Lisboa, Baroneza da Regaleira, Marquez d'Incisa, Barão de Salzberg e Fernando de Azevedo; *Furnished appartement* pelas sr.as Viscondessa de Castillon, D. Izabel Lisboa, Condessa de Ficalho, Baroneza da Regaleira, Marquez d'Incisa, Barão da Regaleira e Fernando d'Azevedo; *O meu muzeu* por D. Fernando de Sousa.

Foi uma recita brilhante, a que concorreu tudo o que Lisboa tem de distincto.

1886 — Estreia-se no theatro da Trindade a actriz **Salud Othon**, no papel de *Beatriz* da opera comica *Boccacio*.

Nascera em Hespanha; viera para Lisboa como corista de S. Carlos e entrou depois para a Trindade, onde fez diversas peças, mas cantando principalmente com primor o *Estudante pobre*, *Amor molhado*, *Coração e Mão*, *Copo de Prata*, *Chalet* e *Andador das almas*.

Foi concluir o estudo de musica e canto em Italia, seguindo depois com muita felicidade a carreira lyrica.

Uniu-se pelo matrimonio ao nosso compatriota Faustino Rosa, que começou tambem a carreira lyrica, como baixo, e que actualmente é emprezario e agente theatral.

1889 — Morre **Eduardo Coelho**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 23 de abril.

15

1836—Nasce o notavel actor portuguez

ANTONIO PEDRO.

Antonio Pedro de Sousa, filho de modestos operarios, násceu em Lisboa, na rua de S. Pedro, em Alfama.

Começou aos 12 annos aprendendo o officio de penteeiro, que era o do pae, que já havia fallecido.

Aos 17 annos entrou para socio do theatrinho da calçada do Cascão, debutando na comedia *Depois da meia noite* e recitando a poesia *Minha patria*, então muito em voga nas sociedades. Fez depois varios papeis nas comedias: *Primeiros amores*, *Á porta da rua* e *Um ensaio geral n'uma casa particular*.

D'ahi passou para o theatro da Graça, considerado o melhor de todos os particulares. Estreiou-se n'uma comedia em 2 actos, fazendo um *galan*, depois o escravo do drama *Affonso III*, em seguida *Os desafios*, *O Magnetismo*, e com Queiroz, que já era actor, a *Saia-balão*.

Quando se formou a sociedade que abriu o velho theatro do Salitre com o titulo de Variedades, o popular escriptor Joaquim Augusto d'Oliveira e o distincto actor Isidoro, um accionista e outro ensaiador, foram buscar **Antonio Pedro**, de quem corria a fama de ter *muita habilidade*.

Só o muito desejo de entrar para o theatro o resolveria a acceitar o contracto de trabalhar um mez de graça e depois ficar ganhando 4$800 réis mensaes. E esses mesmos quatro mil e oitocentos réis, depois, que difficuldades para os obter aos tostões!

Estreiou-se fazendo o *Sol* na magica *A Loteria do Diabo* de F. Palha e Oliveira. Na mesma noite se estreiou Joaquim d'Almeida.

Antonio Pedro fez em seguida com muito successo um pequeno papel de enfermeiro na *Revista de 1858*, de Oliveira.

Começou o notavel artista a agradar cada vez mais nos *Dois irmãos unidos*, na *Senhora para viajar*, na *Corôa de Carlos Magno*, no *Perdão d'acto*, no *Corregedor de Sevilha* e principalmente no *Marquez feito á pressa*, n'um papel mudo de menino d'escola, em que tinha ovações extraordinarias. Lembro-me que, para o admirar, vi essa comedia mais de vinte vezes.

Quando Isidoro sahiu das Variedades, passou **Antonio Pedro** a ganhar tres libras por mez, visto que foi substituir o seu mestre no importante papel de *Abdallah*, da *Loteria do Diabo*. E fel-o com tal agrado, que a magica se conservou em scena por diversas epochas.

Depois, na *Mocidade e honra*, no *Duende*, na *Ave do Paraizo*, no *Zelador municipal*, nas *Memorias do Diabo*, nos *Tafues de Paris*, no *Já ouvi espirrar este nariz*, na *Ave Azul*, no *Collegial*, no *Cantor improvisado*, no *Recruta*, no *Entre Scylla e Carybides*, no *Exemplar dos maridos* e em outras muitas peças **Antonio Pedro** foi sempre calorosamente applaudido.

Quando Pinto Bastos tomou a empreza das Variedades, contractou o já mui distincto artista com 24$000 réis mensaes. Estreiou-se com grande exito na magica *Amores do Diabo* e egual successo teve depois nas *Scenas da guerra da Italia*, *Madgyares*, *Cantador*, *Caramba! buenas mujeres!*, *Pera de Satanaz*, *Vendilhões de Lisboa*, *Tres mosqueteiros*, *D'um argueiro um cavalleiro*, *João Baptista ou o coração de ouro*, *Beijo*, *Mineiro de Cascaes* e outras.

Por essa occasião traduziu o grande José Carlos dos Santos para as Variedades a comedia *O homem não é perfeito*, e foi en-

saial-a. Teve então ensejo de avaliar o talento de **Antonio Pedro.**

Quando Santos tomou com Pinto Bastos a empreza do theatro do Principe Real, escripturou **Antonio Pedro** com 36$000 réis mensaes.

Foi então que, debaixo da direcção do eximio ensaiador, o talentoso artista começou a mostrar o muito que valia.

Abriu-se desde esse momento novo horisonte ao talento genial de **Antonio Pedro.**

Lembram-se ainda muitos da bella galeria de typos que elle apresentou no Principe Real no *João o carteiro, Herdeiros do millionario, Solteirões, Bébé, Vida d'um rapaz pobre, Abysmo, Sr. Rainunculo, Monarcha das Coxilhas, Grã-Duqueza, Falsos viciosos, Por causa d'uma carta, União iberica, Ponte dos suspiros, Flor de chá* e em tantas outras peças, em que teve enormes triumphos.

Para o theatro de D. Maria seguiu com a empreza de Santos e alli despertou o maior enthusiasmo nos importantes papeis que desempenhou na *Marion Delorme, Juiz, Pedro Ruivo, Louco d'Evora, Duas noivas de Boisjoly, Conductor d'omnibus, Mosca branca, Sabichões, Audiencia na sala, Dote de Maria, Rabagas, Beatriz, Condessa do Freixial, Helena, Porteiro da casa n.º 15, Tartufo, Patria, Filippa de Vilhena, Entre a flauta e a viola, Condemnado, Córa ou a escravatura, Victimas do folhetim* e no *Paralytico,* uma das suas mais assombrosas creações.

Quando José Carlos dos Santos se viu obrigado, por motivos que n'aquelle momento produziram grande escandalo, a sahir do theatro de D. Maria para o Gymnasio, **Antonio Pedro** acompanhou-o, destacando-se, entre os trabalhos que fez n'esse theatro, o *Falla-só* do *Saltimbanco,* que deixou assombrado pelo desempenho o proprio auctor da peça, que assim o disse em publico.

Do Gymnasio foi ainda com Santos para a Rua dos Condes e ahi fez com muito exito diversos papeis e principalmente o dos *Ladrões de Lisboa.*

As quatro digressões que fez ao Brazil, percorrendo-o de norte a sul, foram outras tantas viagens triumphaes, em que colheu muitos louros e fartas receitas, que lhe permittiram mandar construir a casa em que falleceu.

Trabalhou ainda em D. Maria com a sociedade Rosas, Brazão & C.ª, evidenciando-se principalmente no pequeno papel do coveiro do *Hamlet,* em que obteve ruidosas ovações.

Já muito doente, conseguiu obter a reforma, que foi justissima.

Quando ultimamente apparecia n'alguma peça do seu antigo repertorio, no theatro do Principe Real, era sempre acclamado pelo publico, que tinha por elle o maior enthusiasmo.

A 23 de julho de 1889, ás 8 horas e meia da manhã, finou-se o grande actor, depois d'um cruel soffrimento de alguns annos. Tinha 53 annos de edade apenas.

Tinha a consciencia do seu estado, a ponto de, cheio de resignação, tres dias antes da sua morte, percorrer todos os theatros a abraçar e despedir-se de todos os seus collegas.

O seu sahimento funebre foi uma imponente affirmação da popularidade, da estima, do grande nome de que gosava o morto. Uma interminavel fila de trens, onde seguia tudo que em Lisboa havia de mais alto na politica, nas sciencias, nas artes e nas lettras, caminhando entre alas compactas de povo commovido, dava a medida do seu valor. As frentes dos theatros cobriram-se todas de crepes e todas as emprezas deixaram de dar espectaculos. Ás portas do Real Colyseu e do theatro do Principe Real tocavam as orchestras.

Pouco depois realisava-se no Real Colyseu um espectaculo extraordinario com a minha revista *Tim tim por tim tim,* desempenhada excepcionalmente pelos artistas de todos os theatros, revertendo o producto para um mausoléo a **Antonio Pedro** e para accudir ás necessidades de sua familia. Os preços foram elevadissimos e o producto do espectaculo extraordinario.

Por haver fallido a casa em que o dinheiro estava depositado, a familia pouco recebeu e o mausoléo nunca se fez.

1851—Recita memoravel no theatro de S. Carlos. Representava-se a opera *Fingal*

e o baile *O véo encantado*. Havia enchente completa. No seu camarote estavam a rainha D. Maria II e o rei D. Fernando.

Apresentava-se alli pela primeira vez o Marechal Duque de Saldanha, que tomára conta do governo, depois de, por meio da revolta, fazer cahir o Conde de Thomar. Saldanha pela primeira vez entrava no camarote dos ministros quando já estava em meio o primeiro acto. Todos á uma se levantaram, inclusivè o rei e a rainha, e o Marechal teve a mais estrondosa ovação que alli se havia feito. O espectaculo esteve interrompido por tres quartos de hora. Nunca se vira mais imponente e grandiosa manifestação. Isto repetiu-se por varias vezes durante a recita e no final do espectaculo.

1875 — Morre o actor **Venancio**, irmão do actor Marcolino.

Venancio, que fóra do theatro era um rapaz engraçadissimo, no palco era um semsaborão de primeira ordem. Fez em D. Maria uns pequeninos papeis, em que custava a supportal-o.

16

1716 — Para o Pateo das Arcas é contractada a companhia de **José Ferreira**. Foi esta companhia que começou a apresentar essa incalculavel e riquissima collecção de comedias de *cordel*, em que tanto se manifestou a originalidade.

1857 — Estreia-se o actor **Vidal**, de quem tratarei na data da sua morte, a 20 de setembro.

1860 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, na comedia *Os Zuavos*, imitada por Antonio Mendes Leal, uma actriz de nome **Gertrudes Saraiva**, que teve uma certa aura, mas que breve desappareceu do theatro.

17

1846 — Inauguração do theatro do **Gymnasio** de Lisboa, com o drama *Os fabricantes de moeda falsa*, original de Cesar Perini de Luca.

N'esta peça estreiou-se o grande actor Taborda.

O theatro do **Gymnasio** foi construido no local onde havia um antigo circo. A obra foi feita a expensas do proprietario do mesmo circo, um tal Motta, dono de uma typographia que existia n'um primeiro andar do Rocio, onde se imprimiam cartazes e cautellas das loterias. A iniciativa para a construcção foi de Manuel Machado, de quem hei de escrever na data do seu nascimento, a 19 de outubro.

Da companhia que inaugurou o theatro faziam parte os artistas: Romão, Vasco, Ramos, Assumpção, Marques, Pereira, Moníz, Taborda, Maria José d'Almeida, Emilia Costa, Emilia Candida, Massey, Maria Izabel, Ludovina, Joaquina, Paula Maire, Fortunata Levy e Josephina.

1850 — Inauguração do theatro **Santa Izabel** de Pernambuco pela companhia de Germano de Oliveira, com o drama *O Pagem de Aljubarrota*.

A prímeira pedra havia sido lançada a 1 de abril de 1841. O projecto foi traçado pelo engenheiro francez Vauthier, director das obras publicas de Pernambuco n'essa epocha.

Em 29 de Setembro de 1869 foi o theatro devorado pelas chammas. Esteve dois annos em ruinas até que, em 1871, começou a sua reconstrucção, sob a direcção do engenheiro pernambucano, José Tiburcio de Magalhães.

Cinco annos se gastaram na reedificação, que custou grandes sacrificios aos cofres da provincia.

A 16 de dezembro de 1876 foi inaugurado o novo theatro por uma companhia lyrica italiana, de que era emprezario Thomaz Passini, com a opera *Um baile de Mascaras*.

A reconstrucção foi feita com uma grandeza e sumptuosidade, que tornaram o theatro de **Santa Izabel** um dos primeiros do Brazil. As suas decorações são elegantissimas e sumptuosas. A ornamentação da sala d'espectaculo, toda em magnificos relevos dourados, produz á noite, com as luzes, um effeito deslumbrante.

As entradas do theatro, por entre grandes columnas de marmore de Carrara e estatuas allegoricas em bronze, são esplendidas. Os salões e corredores são todos de marmore.

1871 — Estreia-se no theatro da Trindade, na zarzuela *Pepe Hillo* a actriz **Emilia Rochedo.**

Pertence á familia Rochedo, de quem já fallei, tratando de sua irmã Marianna.

Emilia Rochedo conservou-se na Trindade até 1887, fazendo um longo repertorio, em que foi verdadeira utilidade. Passou depois a outros theatros, indo tambem com uma companhia de opereta aos Açores. Continúa a ser utilidade.

18

1774—Primeira representação no theatro da Rua dos Condes da opera *L'amore senza malicia*, de Ottani. No desempenho tomou parte a celebre **Zamperini**, de quem terei occasião de fallar.

1823 — Nasce em Lisboa a actriz **Emilia Candida.**

Como muitas das actrizes da sua epocha, foi primeiramente bailarina em S. Carlos.

A sua estreia como actriz foi em Beja, na companhia do Macedo, que era seu parente, no drama *O Sineiro de S. Paulo.*

Veiu mais tarde para Lisboa e estreiou-se aqui, no theatro do Gymnasio, no drama *Fernando ou o juramento*, de Braz Martins.

A carreira de **Emilia Candida** no Gymnasio foi brilhantissima. Ao lado de Taborda e Izidoro creou um nome notavel e extraordinarias sympathias, que realmente merecia pelo seu alto valor.

Emilia Candida manifestou-se logo uma actriz intelligente, graciosa e com variadas aptidões para a scena.

O magnifico repertorio de comedias, durante muitos annos no Gymnasio, teve a dar-lhe brilhantismo a graça e talento de **Emilia Candida.**

Seria quasi impossivel citar todas as peças em que ella se tornou insigne; basta apontar algumas: *Velhice namorada, Duas bengalas, Amor londrino, Os medicos, Tia Maria, Nem Cesar nem João Fernandes, Campanologos portuguezes, Probidade, Trabalho e honra, Projectos de minha tia, Autographo, Cosinha casa de jantar e sala, Tia Anna de Vianna, Nossas alliadas, Quatro alminhas do Senhor, Ensaio da Norma, Uma mulher que se deita da janella abaixo, Juiz eleito, Meia do saloio, Zé Canaia, Prodigos e economicos, Mysterios sociaes, Os lanceiros, Emilia Travêssa, Maridos de 50 annos*, etc.

Passando para o theatro de D. Maria, sabem todos como tem sustentado os seus creditos de actriz distinctissima egualmente n'um longo repertorio, de que citarei: *Mantilha de renda, Abbade Constantino, D. Cesar de Bazan, Guerra em tempo de paz, Casamento d'Olympia, Sociedade onde a gente se aborrece, Bibliothecario, Madrugada, Os Ve'hos, Fim de Sodoma, Segredo da confissão, Solteirões, Mosca branca. Claudia, Fernanda, Antony, Tartufo, Rogerio Laroque, Força da consciencia, Sobrinha do Marquez, Odette, Mulheres de marmore, Helena, Sarah* e *O luxo.*

1829 — Nasce em Lisboa o actor **Rollão.**

Joaquim Antonio Rodrigues Rollão era filho de um barbeiro e amolador da travessa da Palha. O seu unico divertimento em creança era o theatro. Quem o quizesse ver feliz e louco de alegria era prometter leval-o a um espectaculo.

Aconteceu que foi aprender o officio de alfaiate para um estabelecimento das Portas de Santo Antão, defronte de S. Luiz Rei de França, d'onde eram freguezes todos os actores do theatro da Rua dos Condes, entre os quaes o Tasso, Rosa (pae), Epiphanio, Theodorico, Sargedas e outros.

Por esta convivencia o mestre todas as semanas ia ao theatro e levava o aprendiz.

Rollão começou tambem por esse tempo a representar por sociedades particulares e dentro em pouco pertencia a quasi todas de Lisboa.

Quando foram fazer parte da companhia do Gymnasio os melhores artistas que ha-

via no Salitre e á frente d'elles Emilio Doux, foi para este theatro escripturada nova gente, onde entrou o **Rollão**, que se estreiou no drama *As minas da Polonia*.

Isto passava-se em 1847.

Continuou fazendo diversos papeis, distinguindo-se no *Rachador escocez*.

Quando em 1851 a actriz Emilia das Neves contractou actores para o Porto, para alli foi **Rollão**, representando então, ao lado da grande artista, principaes papeis no *Retrato vivo, Afilhada do Barão, Adelaide, Mulher que se deita da janella abaixo, Adriana*, etc.

Regressando a Lisboa, representou ainda com Emilia das Neves, em S. Carlos e no D. Fernando.

Em seguida escripturou-se no theatro da Rua dos Condes, empreza José Vicente, sendo ensaiador o actor Victorino. Formou-se depois a Associação do mesmo theatro e **Rollão** lá ficou contractado. N'essa epocha representou com muito agrado nas peças: *Ramalheteira, Um amante como ha poucos, Ulysses, Operarios*, etc.

No anno seguinte voltou ao theatro D. Fernando, onde se salientou no *Martyr* (drama de Cesar de Lacerda), no *Laço de fitas* (de Mendes Leal), *Novello mysterioso, Conjurados*, etc.

Quando terminou a empreza, em 1857, escripturou-se de novo na Rua dos Condes e ahi se salientou muito nos principaes papeis das seguintes peças: *Anjo Maria, Fidalgo e o ladrão, Segredo de uma esmola, Viagem ao outro mundo, Sciencia aos trambulhões, Atraz de um genro, Honra e trabalho, Zuavos, Honra de um portuguez, Grandeza d'alma* e *O que são apparencias*.

Por algum tempo alli foi tambem ensaiador. Em 1862, por divergencias com a direcção do theatro, sahiu, ficando alguns mezes desempregado e percorrendo depois as provincias com varios artistas de D. Maria.

Mais tarde foi ainda contractado para as Variedades; mas a doença já o impedia de trabalhar.

A 25 de julho de 1864 deixou de existir.

Rollão não era um grande actor; tinha vicios de declamação e exaggeros de sentimentos; todavia estudava e fazia grandes esforços para agradar, o que muitas vezes conseguia. Era muito estimado cá fóra do theatro por ser um homem de bem.

1841 — Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes, a primeira peça de Joaquim da Costa Cascaes, intitulada **O Valido**. A peça teve muito exito. Do seu auctor hei de fallar na data do seu nascimento, a 29 de outubro.

O **Valido** subiu pela primeira vez á scena em beneficio do Theodorico velho. Além d'elle entraram na peça: Theodorico novo, Epiphanio, Dias, Tasso, Victorino, Lisboa, Tallassi e Josephina.

1852 — Nasce em Silves, no Algarve, a actriz **Thereza Aço**.

Debutou muito nova no theatrinho de Lagos, em uma recita de amadores.

O Dr. Cumano, proprietario do theatro Lethes, de Faro, sabendo que muito agradára a nova actriz, mandou contractal-a para o seu theatro e ahi fez com muito valor papeis importantes, especialmente o da *Morgadinha de Valflor*.

O actor Taveira, n'uma digressão ao Algarve, em 1879, propoz casamento a **Thereza Aço** e esta acceitou, entrando tambem definitivamente na vida artistica.

Em 1881 entraram os dois na companhia de D. Maria e lá estiveram apenas uma epocha sem deixarem grandes vestigios da sua passagem pelo normal. Verdade seja que isso tem acontecido a muito actor distincto.

Seguiram no anno seguinte para o Porto e provincias, fazendo parte de diversas companhias, onde **Thereza** representou com bastante agrado diversos papeis na *Martyr, Tomada da Bastilha, Marquez de la Seiglière, Fidalgos da Casa Mourisca, Princeza de Bagdad, Cabo Simão, Filha do mar, Senhora da Bonança, Noites da India, Filho da noite, Falsa adultera, Cão de cego, Cabana do pae Thomaz*, etc.

Por duas epochas foi **Thereza Aço** aos

Açores, onde bastante agradou. De lá veiu com o começo da horrivel doença, que a obrigou a entrar para o hospital Estephania, a 6 de maio de 1892, sujeitando-se a uma delicada operação, em resultado da qual falleceu no dia 13 do mesmo mez e anno.

1860 — Nasce **Eduardo Schwalbach Lucci.**

Um rapaz cheio de talento, que é difficil prever aonde chegaria se pudesse trabalhar com vagar e pensadamente.

Começou a carreira militar, que abandonou. Quiz logar mais consentaneo com as suas aptidões, obteve-o na Bibliotheca Nacional; quiz ser director do Conservatorio, ainda hoje o é. É commendador de S. Thiago, socio da Academia, jornalista distincto e ainda não foi deputado porque... foi eliminado o subsidio.

Um dia lembrou-se de ser escriptor dramatico. Sabem todos o brilhantismo com que o conseguiu e abordando com o mais feliz exito todos os generos.

Depois de escrever n'uma noite a sua primeira comedia, *As surprezas*, que foi representada no Gymnasio, em beneficio do Taborda, eil-o a saltar de D. Maria para a Trindade, do Gymnasio para a Rua dos Condes, do drama para a farça, da comedia para a revista e sempre vencendo.

O seu grande exito no theatro foi a comedia *O Intimo*, que fez verdadeiro successo em D. Maria. Segue depois para o Gymnasio, dá a *Anastacia & C.ª* e o *Filho de Carolina*. Volta a D. Maria com o drama *Santa Umbelina* e *Quanto mais agua...*, vae á Trindade para dar o *Rei Carrapato*, os *Filhos do capitão-mór* e a revista *Retalhos de Lisboa;* desce á Rua dos Condes para dar outra revista *O Reino da Bolha* e ainda depois no Gymnasio as comedias *Os Pimentas* e *Sr.ª Ministra* e volta á Rua dos Condes para nos apresentar ainda uma revista, *Formigas e Formigueiros*.

Tem tambem muitas traducções feitas com a maior facilidade e felicidade.

Schwalbach está em todo o vigor do seu talento, ha de produzir muito ainda, e, se quizer, muito melhor do que tem produzido.

Sobejam-lhe talento, dotes de escriptor moderno e largo conhecimento do publico para quem escreve.

19

1803 — Morre em Lisboa o actor-auctor **Antonio José de Paula.**

Este actor gosou no seu tempo de grande nomeada. Era de côr parda e parece que natural de Cabo Verde, pois que declara no prologo de uma das suas obras que era filho das ilhas portuguezas. Tivera por certo alguma educação litteraria, visto que traduzia do francez e do hespanhol e fazia versos muito acceitaveis.

Começou a sua carreira artistica no theatro do Bairro Alto. Já ahi era considerado um primeiro actor. Eu sei-o, porque possúo os recibos dos ordenados, passados por elle.

Foi com a sua companhia, organisada para Lisboa e Porto, dar espectaculos no Brazil, onde ganhou dinheiro.

Á volta, em 1794, tomou a empreza do theatro do Salitre, tendo escripturados os seguintes artistas: Antonio Filippe de S. Thiago, Victorino José Leite, José Felix da Costa, Manuel Baptista dos Reis, João Anacleto de Sousa, José Martins, João Ignacio, Antonio de Borja Garrido, José da Cunha e José dos Santos. Não havia damas na companhia porque n'esse tempo era prohibido que as mulheres representassem. Os papeis femininos n'esta companhia eram desempenhados por Victorino, João Ignacio e outros. **Antonio José de Paula** era o principal actor.

Bocage tinha sido seu intimo amigo e admirador, mas tornou-se inimigo figadal, crivando-o de satyras.

Antonio José de Paula escreveu e traduziu diversas peças para serem representadas pela sua companhia, entre ellas: *A Gratidão*, drama; *Frederico II rei da Prussia*, comedia em 3 partes; *O Cid*, tragedia de Voltaire, traduzida; *Mafoma*, tambem de Voltaire.

1892 — Morre no Porto o actor **Amaral**.

Muito pouco conhecido em Lisboa, pois só aqui representou quando nos visitavam as companhias portuenses, era ao contrario conhecidissimo em todo o norte.

Amaral era um actor conscienciosissimo e que teve a sua epocha, fazendo parte de diversas companhias. Foi elle que creou em quasi todas as cidades e villas do norte o papel de *Santo Antonio* na peça de Braz Martins e isso lhe deu immensa popularidade.

Ultimamente a doença collocara-o em tristissimas circumstancias. Para accudir á sua miseria, tres dias antes da sua morte, eu e o querido actor Taborda, que eramos seus verdadeiros amigos, promovemos-lhe um beneficio, que se realisou no theatro de D. Maria, com o concurso de todas as companhias de Lisboa. O producto serviu para alimentar a infeliz viuva, que pouco depois falleceu.

20

1822 — Nasce em Phalsbourg, **Emilio Erckmann**.

Depois de fazer os primeiros estudos na terra da sua naturalidade, foi continual-os para Paris, mas abandonou-os para se entregar completamente á litteratura.

Todas as suas obras estão assignadas de collaboração com **Chatrian**.

Erckmann-Chatrian publicaram muitos romances e artigos em jornaes.

No seu theatro sobresae notavelmente a adoravel peça *Amigo Fritz*.

A sua estreia foi em Strasbourg, em 1849, com a peça *A Alsacia em 1814*, prohibida na segunda representação; depois, em Paris, no theatro Cluny, a 15 de junho de 1865, deram o *Judeu polaco;* em seguida, no theatro Beaumarchais, a 14 de dezembro de 1872, *A Judia;* a 4 de dezembro de 1876, na Comedie Française, o *Amigo Fritz;* a 31 de dezembro de 1881, na Opera Comique, a opera comica *A Taberna dos Trabans;* a 27 de março de 1882, na Comedie Française, a esplendida comedia *Os Rantzaus;* a 9 de outubro do mesmo anno, no Châtelet, a peça militar *Madame Thereza;* a 29 de setembro de 1883, na Renaissance, a opera comica em 1 acto *O Doido Chopine;* a 27 de março de 1885, na Gaitè, a opera comica *Myrtille;* a 23 de dezembro de 1885, no Châtelet, o drama militar *A Guerra.*

Chatrian morreu em Villemonble, a 3 de setembro de 1890.

Os dois collaboradores por fim desavieram-se por questão d'interesses. O secretario de **Chatrian** publicára no *Figaro* artigos diffamatorios de **Erckmann**, o que deu logar a um processo escandaloso.

1858 — Primeira representação no theatro de D. Maria da peça de Joaquim da Costa Cascaes, intitulada **A Pedra das Carapuças**. Veja-se o dia 29 de outubro.

21

1789 — Despede-se do publico de Paris a grande cantora **Luiza Todi**, tendo alli obtido os maiores triumphos. Esta artista portugueza chegou na grande capital ao cumulo da gloria. Veja-se o dia 9 de janeiro.

1845 — Inauguram-se em Lisboa, no Hotel da Peninsula, ao Loreto, as leituras de litteratura dramatica ingleza pelo distincto poeta **Sheridan Knowles**, que estava de passagem em Portugal.

Foram tres as conferencias, nos dias 21, 23 e 24. Eis os programmas:

1.º dia: O genio de Shakespeare.— Diversidade dos seus caracteres.— Conservação da individualidade.— Perspicacidade poetica. — Identificação extraordinaria. — Juizo da posteridade.

2.º dia: Effeito dos dramas *Julio Cezar* e *Hamlet.*— Scena da leitura do actor *Kean* com *Ophelia,*— Causas por que desagradam algumas composições dramaticas. — Dogmas dos criticos.— Figuras de dicção monosyllabica.- *Bruto* e *Cassio.*

3.º dia: Unidade da acção.— *Mercador de Veneza.*— *Climax.*— Unidade de caracteres.

— Illusão do drama.— Theorias absurdas. — Caracter mixto das tragedias de Shakespeare.— Arrebatamento.

As leituras foram variadas por grande copia de exemplos.

Os bilhetes de entrada custavam 2$400 réis.

1879 — Morre o actor **Guilherme da Fonseca.**

Depois de percorrer as provincias, esteve escripturado em Lisboa nos theatros da Rua dos Condes e Principe Real. N'este ultimo adquiriu bastantes sympathias como actor comico. Vi-o desempenhar dois papeis com bastante graça, na opereta *Amor e dinheiro,* em que se estreiou a actriz Herminia, e nos *Argonautas*, opereta de Gomes Cardim e Garraio.

1895 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta de sua composição, *Mimi*, o actor **Leroy.**

Vi-o desempenhar umas cançonetas de sua lavra, em que bastante agradava. Contractei-o para o theatro da Trindade e para duas digressões ao Brazil.

Tem realmente valor como cançonetista, mas é pouco util como actor.

Ultimamente fez parte da sociedade artistica que trabalhou no Real Colyseu, onde nada progrediu.

22

1765 — Nasce na ilha da Madeira o poeta dramatico **Manuel Caetano Pimenta de Aguiar.**

Veiu para Lisboa em 1778, entrando no Collegio dos Nobres, onde estudou até 1785, passando então para França a seguir o curso de artes e sciencias.

Por occasião da revolução de 1790 esteve ao serviço militar do governo francez, alcançando o posto de capitão de cavallaria e a cruz da Legião de Honra. Logo depois da lucta pediu a sua demissão e regressou á patria.

Em 1823 foi eleito deputado ás côrtes pela terra da sua naturalidade. Em 1828 teve de abandonar a politica e homisiar-se para fugir á perseguição das auctoridades de D. Miguel.

Pimenta de Aguiar, como auctor dramatico, teve uma certa originalidade; mas, com estylo incorrecto, tornava-se fatigante pela enormidade dos dialogos. Escreveu muitas tragedias, entre as quaes: *Arria*, *Caracter dos Luzitanos*, *Conquista do Perú*, *Dois irmãos inimigos*, *D. João I*, *Destruição de Jerusalem*, *D. Sebastião em Africa*, *Eudoxia Licinia*, *Morte de Socrates*, *Virginia*, etc.

Manuel Caetano Pimenta de Aguiar morreu em Lisboa a 21 de fevereiro de 1832 e foi sepultado na egreja de S. Paulo.

1813 — Nasce em Leipzig **Ricardo Wagner.**

Guilherme Ricardo Wagner ficou orphão de pae aos cinco mezes, casando sua mãe em segundas nupcias com o actor Geyer.

Os primeiros estudos de **Wagner** fizeram-se em Dresde, onde tambem começou aprendendo musica e piano.

Muito novo ainda, escreveu uma tragedia, em que morriam em scena 42 personagens e appareciam outros tantos espectros.

Traduziu por essa occasião tambem algumas obras de Shakespeare.

Na Universidade de Leipzig estudou philosophia e esthetica, ao mesmo tempo que se dedicava ao estudo de harmonia e contraponto. Esta dupla e completa educação explicam o papel especial que elle devia representar na historia da arte, como critico e como musico.

Impressionando-o profundamente o *Freychutz*, de Weber, e as symphonias de Beethoven, começou a procurar a applicação á arte, que queria professar, d'um systhema esthetico já em elaboração.

Aos 19 annos **Ricardo Wagner** escrevia pequenas composições symphonicas, que se executavam em concertos, e alguns trechos para piano e orchestra.

Em 1833 escreveu **Wagner** uma opera phantastica *As Fadas*, que pouco impressionou. Em 1834 é nomeado director da orchestra do theatro de Magdeburgo. Em

1835 escreve a sua segunda opera *O Amor perdido*, que não agradou.

Em 1837, sendo director do theatro de Koenigsberg, casou com a actriz Minna Planr, e foi em seguida estabelecer se em Riga, pobre e desgostoso. Foi ahi que começou a escrever a opera *Rienzi*. Escreveu ainda o *Navio Phantasma* e seguiu para Paris, onde se conservou até 1842, luctando com mil difficuldades. D'essa epocha vingaram apenas tres melodias suas, *Mignonne*, *Dors mon enfant* e *Attente*.

Para viver, **Ricardo Wagner** viu-se obrigado a arranjar para piano, rabeca e cornetim as operas novas italianas e francezas.

Apesar da recommendação de Meyerbeer para o director da Opera, **Wagner** nada conseguiu, pois que os criticos musicaes achavam obstrusas as suas partituras e inintelligiveis as suas romanzas.

Em 1842, voltando á Allemanha, consegue que o *Rienzi* seja pela primeira vez executado em Dresde e que o rei da Saxonia o nomeie mestre de musica da sua capella.

A 2 de janeiro de 1843 sóbe á scena em Dresde a opera *Hollandez voador*, que desagrada completamente. Em 1844 esta mesma opera cae ruidosamente no theatro de Berlim. Era a propria Allemanha a receber hostilmente o reformador. Valeu-lhe a sua vontade de ferro e o seu caracter altivo para sustentar uma lucta colossal. Tinha a consciencia do valor do seu trabalho e de que havia de vencer.

Depois do *Rienzi* cahir no theatro de Hamburgo e ser rejeitado por todos os outros theatros, cae tambem, a 20 de outubro de 1845, no theatro de Dresde, o *Tannhauser*, que apenas então conseguiu duas representações!

O grande luctador não desanima ainda. Em 1847 escreve o *Banquete dos Apostolos* grande scena biblica para vozes de homens e orchestra; depois *Os Mestres cantores de Nurenberg*; em seguida *O Crepusculo dos Deuses*; e sempre sem vencer, sem nada conseguir.

Ia quasi desanimando, quando o grande Franz Liszt lhe deu a mão e o tornou victorioso.

A 28 de agosto de 1850, é cantado pela primeira vez no theatro de Weimar o *Lohengrin*, já concluido havia tres annos, e que marca o primeiro grande triumpho da notavel obra reformadora de **Ricardo Wagner**. D'ahi em deante a victoria foi completa. Foi em Weimar e, sob a protecção e auctoridade de Liszt, que se organisou o *Wagnerismo*.

Ricardo Wagner, além de notavel musico, foi um philosopho, um critico, um poeta. Na epocha em que residiu em Paris, **Wagner** foi mais notado como litterato do que como musico.

Em 1852 publíca, com o titulo *O Judaismo na musica*, uma critica violenta a *Mendelsohn*, *Meyerbeer* e *Halevy*.

Em 1855, **Ricardo Wagner** dirige em Londres oito concertos com enorme successo.

Em 1857, os imperadores da França e da Austria teem uma entrevista em Stuttgard, onde é executado o *Tannhauser*. Os correspondentes dos jornaes francezes falam da opera, e a musica de **Wagner** começa a executar-se nos concertos de Paris.

Em 1860 volta á capital da França e dá uma serie de concertos no theatro dos Italianos. Protegido pela imperatriz Eugenia, luctando com mil difficuldades, consegue que o *Tannhauser* se represente na Opera de Paris a 13 de março de 1861. A opera foi acompanhada de gritos e assobios e retirada de scena á terceira representação.

Em seguida partiu para S. Petersburgo, onde dirigiu alguns concertos. Até 1864 dá concertos na Russia e na Allemanha. Na sua patria começam então a ser apreciadas as suas obras.

N'esse anno Luiz II é acclamado rei da Baviera, chama **Wagner** para a sua côrte, e dá-lhe uma pensão de 4:000 florins e um palacio nas margens do Wurm, encarregando-o de concluir e de fazer executar o grande drama das origens mythologicas e lendarias do povo allemão, o *Nieblung*.

Em 1865 dá-se em Munich o *Tristão e Isolde*; em 1868 os *Mestres cantores de Nurenberg*; em 1869 e em 1870 o *Ouro do Rheno* e a *Walkiria*. Em 1871 compõe o grande maestro a *Marcha Imperial*.

Tratando-se da construcção d'um thea-

tro especial para as suas obras, o rei Luiz quiz fazel-o na capital, mas a côrte oppoz-se tenazmente. O maestro escolheu então Bayreuth. Lançou-se a primeira pedra a 22 de maio de 1872. Os meios pecuniarios para a construcção do theatro foram fornecidos principalmente pelo rei da Baviera e pelas subscripções publicas abertas em Londres, Pesth, New-York, Chicago, Milão, etc. O theatro ficou concluido em 1875 e começou a estudar-se *O annel do Niebluny*, que se representou finalmente completo em 1876.

O prologo *O ouro do Rheno* foi executado a 13 d'agosto de 1876; a 1.ª parte, *A Walkiria* a 14; a 2.ª parte, *Siegfried* a 16; a ultima finalmente, *O crepusculo dos Deuses*, a 17.

Esta maravilha da arte musical foi escutada por uma assembléa de imperadores, reis, artistas e criticos de todas as nações.

Na exposição de Philadelphia, a 10 de maio de 1876, executou uma numerosissima orchestra, dirigida por Theodoro Thomas, uma marcha escripta expressamente por **Wagner** para a abertura da exposição, a convite das commissões americanas de senhoras.

A 26 de julho de 1882 representa-se em Bayreuth o seu ultimo drama musical, o *Parsifal*.

A 13 de fevereiro de 1883, **Ricardo Waner** morre em Veneza. O seu corpo foi transportado com todas as honras para Triebschen, onde jaz ao lado da sepultura d'um cão, que foi o seu amigo querido, o *Rus*. N'essa sepultura havia **Ricardo Wagner** mandado gravar o seguinte: *Rus aqui espera.*

Ricardo Wagner deixou um unico filho, Siegfried, afilhado de Madame Judith Mendès, filha de Theophilo Gautier, e esposa de Catulle Mendès.

1841 — Nasce em Bordeus o notavel escriptor **Catulle Mendès.**

Como muitos affirmam e o appellido parece indicar, é de origem portugueza.

Tendo ido para Paris seguir a carreira litteraria, fundou, aos 18 annos, a *Revista phantasista*, orgão dos Parnasianos, na qual publicou a sua primeira peça em verso, *O romance d'uma noite.*

Ao mesmo tempo que apresentava trabalhos poeticos e romanticos, caminhava no theatro, entrando sempre com grande successo litterario na Comedie Française, Cluny, Ambigu, Lyrique, Théatre Libre, Renaissence, Vaudeville, Casino, Menus-Plaisirs, Folies-Bergère, etc.

São suas as peças: *Bar-Kokéba, Chant d'habits, Docteur Blanc, Joyeuses commères de Paris, Soleil de Minuit, Reine Fiamette, Isoline, Femme de Tabarin, Gwendoline, Mères ennemies, Capitaine Fracasse, Justice, Frères d'armes* e *Part du Roi.*

Catulle Mendès foi o promotor do movimento *wagneriano* em França, fazendo notaveis conferencias sobre o grande maestro de Bayreuth.

Tem collaborado no *Gil Blas, Echo de Paris* e *Journal.*

É cavalleiro da Legião de Honra.

1846 — Nasce em Lisboa a actriz **Emilia dos Anjos.**

Conheci-a representando com muito prestigio nos theatros particulares, principalmente no da Floresta, um lindo theatrinho de ferro e crystal, construido no centro dos jardins da antiga Floresta Egypcia, fundada por José Osti na antiga rua do Collegio dos Nobres, hoje rua da Escola Polytechnica.

Conheci-a tambem sahindo da sua modesta casa, ao Bemformoso, para ir estudar no Conservatorio, seguida por seu pae, um pobre sapateiro á antiga portugueza, de capote e chapeu exaggeradamente alto.

N'esse tempo ainda no Conservatorio havia aulas de declamação, e, por mais que digam o contrario, sempre alguma coisa lá se aproveitava.

Emilia dos Anjos, apezar do seu modesto nascimento, procurou sempre estudar e instruir-se, sendo uma das nossas actrizes que mais lêem, mais sabem e melhor conversam.

A 4 de fevereiro de 1865 deu **Emilia dos Anjos** as provas publicas do curso do Con-

servatorio no theatro de D. Maria, representando com o grande Santos a deliciosa comedia de Feuillet, *Le cheveu blanc*, traduzida por Duarte de Sá com o titulo *Por um cabello*. Agradou e ficou fazendo parte da companhia do theatro normal, classificada na segunda classe.

D'ahi a pouco passou para a Rua dos Condes, ao lado de Delfina, Emilia Adelaide, Santos, Tasso e outros que acompanharam Francisco Palha na sua sahida de D. Maria. Seguiu depois para o theatro da Trindade, onde fez com bastante agrado a *Mãe dos pobres*, a 30 de novembro de 1867, na inauguração do theatro e depois *Duas bengalas*, *Familia Benoiton*, *Conspiração na aldeia*, *Provincianos em Lisboa*, *Mão da Justiça*, *Tempestade na familia*, *Carta anonyma*, *Medico á força*, *Diario de Noticias*, *Bons visinhos*, *Medicos*, *Gata borralheira*, *Viver de Paris*, *Rosa de Sete folhas*, *Grande Duqueza*, *Dalila*, *Rouxinol das salas*, *Posso fallar á sr.ª Queiroz?*, *Rascunho*, *Ultima moda*, *Papafinas*, *Contos de Boccacio*, *Fructo prohibido* e *Pepe Hillo*.

O periodo mais brilhante da sua carreira foi no Gymnasio, onde representou um enorme e delicioso repertorio, sobresaindo no *Lenço branco*, *Bola de sabão*, *Familia Mongrol*, *Lazaristas*, *High-life*, *Eugenia Milton*, *Engeitados*, *Saltimbanco*, etc.

D'alli passou a ser societaria do theatro de D. Maria, onde prestou bellos serviços ao theatro, até que os seus consocios entenderam pôl-a de parte, com agravante injustiça, e ella tambem entendeu que devia abandonar o theatro, o que fez ha já alguns annos.

1862—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria o drama **Cora ou a Escravatura**, de Julio Barbier, traducção de Ernesto Biester. O desempenho, que foi magnifico, estava confiado a Emilia das Neves, Emilia Adelaide, Carlota Talassi, Santos, Theodorico, Tasso, Domingos Ferreira, Cesar de Lima, Cesar de Lacerda e outros artistas de valor.

O scenario, principalmente o panorama do Mississipi, explendido, pintado pelos notaveis scenographos Rambois e Cinatti.

A peça fez n'essa eocha enorme successo e teve depois varias *reprises*.

A que ultimamente se fez no Principe Real falhou pela deficiencia do desempenho.

1894 — Inaugura-se o theatro **D. Amelia** de Lisboa com a opera-comica *A filha do Tambor-mór*, representada pela companhia de opereta italiana Gargano.

Este theatro foi construido por iniciativa do actor Guilherme da Silveira, de quem já tratei a 11 de fevereiro. O terreno pertence á Casa de Bragança, com a qual foi feito o contracto. Guilherme da Silveira associou-se para conseguir o seu intento com alguns capitalistas, entre os quaes o emprezario brazileiro Celestino da Silva, o Visconde de S. Luiz de Braga, antigo ponto nos theatros do Rio e depois emprezario, enriquecido com o advento da republica por meio de negocios de fundos e incorporação de companhias, Antonio Ramos, socio de uma casa importadora do Rio de Janeiro, Miranda, tambem negogociante no Rio, etc.

O theatro interiormente é de bella apparencia, especialmente no *foyer* e jardim de inverno. O constructor foi Luiz Ernesto Reynaud. A decoração deve-se principalmente aos scenographos italianos Rossi e Manini.

As obras de construcção começaram em junho de 1893, gastando-se n'ellas menos de um anno.

Da companhia Gargano, com que abriu o theatro, faziam parte os artistas: Amelia Soarez, Aristides Gargano, Dario Acconci e Favi, que foram os que mais agradaram.

Teem mais trabalhado alli as companhias:

Opera lyrica de Turpini; zarzuela de Berges; opereta portugueza de Cyriaco de Cardoso; zarzuela de Ortiz; opereta italiana de Rafael Tomba; zarzuela de Lacasa; companhia portugueza Taveira; companhia dramatica italiana de Dora Lambertini; sociedade artistica portugueza de Lucinda do Carmo; companhia dramatica italiana de Ermete Novelli; companhia de variedades de Edna y Vood; o transfor-

mista Frégoli; concertos da Capella Russa; zarzuela de Enrique Cebada; prestidigitador Faure Nicolay; companhia dramatica franceza de Suzanne Devoyod; companhia dramatica italiana de Giovanni Emanuel; companhia de opereta italiana de Bonazzo-Milzi; companhia portugueza de Valle e Lucinda do Carmo; companhia de zarzuela de Ventura de la Vega; companhia dramatica italiana de Novelli; companhia dramatica franceza de Burguet e Antoine; companhia de zarzuela Ortiz; companhia portugueza de Lucinda Simões; companhia dramatica italiana da grande actriz Duse, etc.

Theatro D. Amelia

23

1797 — Nasce em Lisboa **Francisco Xavier Pereira da Silva.**

Foi official de secretaria da Junta do Infantado e tenente de voluntarios realistas no tempo de D. Miguel, pelo que foi demittido quando vingaram as idéas liberaes. Era tambem cavalleiro de Christo e da Conceição.

Foi redactor do jornal *O Ramalhete,* que teve muita voga, de 1837 a 1844. Tambem em 1841 publicou outro jornal com o titulo de *Serões Recreativos.*

No fim da sua vida era conhecido pelo **Xavier dos Cartazes,** porque redigia com muita originalidade e graça, em prosa e verso, cartazes de espectaculos, principalmente de touros.

Escreveu tambem para o theatro diver-

sas farças, entre ellas : *O arraial em Loures*, *O morgado da Ventura* e *A velhice namorada sempre leva surriada.* Esta ultima teve um successo enorme no Gymnasio durante algumas epochas. Era n'ella que o grande Taborda imitava perfeitamente e com a maior graça um fiel de feitos de appellido Paixão.

Tambem traduziu o drama *Casal das Giestas.*

O **Xavier dos Cartazes** morreu no hospital de S. José a 27 de abril de 1866.

1843 — Lei de Costa Cabral, contendo todas as providencias e disposições necessarias para assegurar, sem onus para o thesouro, a edificação de um theatro nacional, digno da capital. Foi esta lei que fez com que exista hoje o theatro de D. Maria.

1868 — Estreia-se no theatro da Trindade, na comedia *Tentações do Demonio*, a actriz **Anna Pereira**, de quem escreverei na data do seu nascimento, a 27 de julho.

1884 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opera-comica *Boccacio* a actriz **Catharina Fantony**.

Nascida, na Republica Argentina, de pae italiano e mãe franceza, foi bem nova para Marselha. Fez-se actriz de companhias de provincia e para o Rio de Janeiro seguiu com uma companhia franceza em 1880. A companhia partiu e ella ficou. De quando em quando apparecia nos theatros fluminenses, em noites de beneficios, cantando arias ou cançonetas.

No fim de 1881 contractou-se no theatro Sant'Anna, na companhia do Heller, para substituir a Pepa na princeza Beatriz da *Mascotte.* Agradou. Entrou ainda no *Dia e Noite* e depois sahiu do theatro ruidosamente.

Quando se contractou no Sant'Anna, era amante de um rapaz do commercio. Entrou no theatro e passou logo para os braços do Vasques. O antigo apaixonado jurou vingar-se e assim fez. O popular artista annunciou o seu beneficio com a *Mascotte;* o amante trahido da Fantony convidou-a para um jantar, fazendo-lhe ao mesmo tempo mil promettimentos; ella acceitou, e lá foram os dois festejar a reconciliação para a Tijuca. Chegou a noite, o theatro encheu-se a trasbordar; o enthusiasmo era grande, como em todas as festas do Vasques. No momento de começar o espectaculo, dá-se pela falta da **Fantony**! Calcule-se o desapontamento e o borborinho. Uma outra amante de Vasques, a gorducha Izabel Porto, sacrificou-se e foi de improviso fazer a Princeza, e força é confessar que o sacrificio foi enorme; porque representou e cantou detestavelmente!

A exigencias do Vasques, o Heller expulsou do theatro a **Fantony**, que eu contractei para o theatro de que era emprezario, fazendo-a estreiar-se no Capitão Fortunio da opera burlesca de Offenbach, *A Archiduqueza (Madame L'Archiduc).*

Commigo esteve ainda algum tempo no Rio, percorrendo tambem com a minha companhia a provincia de S. Paulo. Voltando ao Rio, contractou-se de novo com o Heller, depois voltou para a minha companhia, até que um bello dia, em 1884, veiu para Lisboa, estreiando-se com muito successo no *Boccacio.*

D'ahi em diante nunca mais fez peça em que tivesse bastante agrado. Na Trindade ou no Avenida, no Porto ou nos Açores, era bem recebida e estimada, apesar da sua leviana cabecinha.

O que ella era principalmente, era uma grande utilidade n'um theatro, pois de um momento para o outro substituia as collegas em qualquer papel, tirando as emprezas de difficuldades; era tambem uma boa companheira, uma boa collega, e uma grande infeliz. Soffreu difficillimas operações por doenças atrozes, foi esquecida por quasi todos os collegas e por ultimo abandonada até pelos que tinham o dever de protegel-a, lá se ficou n'um catre de caridade, indo para a vala raza da obscuridade, sem um amigo a acompanhal-a.

Quando a doença tocou o extremo e chegou a hora fatal, eu estava ausente no

Brazil. Emquanto estive em Portugal, conservei-lhe sempre o seu ordenado e promovi-lhe um beneficio, que foi rendoso.

Resta-me a consolação de que, dias antes da sua morte, me escreveu, agradecendo-me tudo o que por ella fizera, contando-me as suas desditas e convicta de que se eu não estivera ausente, ella não passaria taes torturas. E de certo que não.

Pobre **Fantony**!

24

1833 — Nasce em Lisboa **Manuel Roussado.**

Foi empregado na Procuradoria Geral da Corôa. Em setembro de 1869 foi elevado a Consul de Portugal, logar que tem exercido em Cadiz, Bordeus, Marselha e Liverpool. Em 1871 recebeu o titulo de Barão de Roussado e a commenda de Izabel a Catholica.

Na imprensa jornalistica tem sido principalmente folhetinista, collaborando no *Ecco das provincias, Almadense, Folhetim, Nacional, Revolução de setembro* e *Diario Popular.*

Entre os seus livros sobresaem: *Roberto ou a dominação dos agiotas,* parodia ao *D. Jayme,* de Thomaz Ribeiro; *Noites de Lisboa, Entre estrangeiros, Coisas alegres* e *Folhetins humoristicos.*

Entrou tambem na celebre *questão coimbrã,* escrevendo o folheto: *Bom senso e bom gosto, resposta á carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.mo sr. Antonio Feliciano de Castilho.*

Para o theatro escreveu **Manuel Roussado,** entre outras, as seguintes alegres peças: *Ditoso fado, Lucrecia, Dois surdos* e *Nas armas do touro.*

Escreveu tambem uma revista do anno de 1855, que se representou no Gymnasio com o titulo de *Fossilismo e Progresso.* Esta revista teve um grande exito por ser um genero novo entre nós e porque, além de ter espirito na observação dos nossos costumes, caricaturava muitas individualidades em evidencia. Moveram-se altos empenhos para que a peça fosse retirada de scena; mas a isso se oppoz o liberal homem de estado, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que era então ministro do Reino.

Quando já nada mais tinham a que recorrer os que, por se verem copiados fielmente em scena, desejavam ver a peça supprimida, procuraram Rodrigo da Fonseca e disseram-lhe: «É indispensavel prohibir tal revista. Se até apparece em scena caricaturado o Marechal Saldanha!»

—«Pois, meus amigos, respondeu o ministro, façam favor de dizer ao auctor e ao emprezario, que tirem o Marechal e me ponham a mim! Olhem que o publico ha de gostar de vêr-me em scena vestido de *rapoza* (era a alcunha do eminente homem de Estado!) O que eu quero é que o publico se divirta e os artistas ganhem dinheiro.»

N'essa epocha estava eu no collegio do celebre excentrico Ferrea Aragão, que quasi ia endoidecendo por se vêr caricaturado no personagem do *Fossilismo,* desempenhado pelo actor Pereira.

No dia seguinte á representação a que assistimos, levei-o a casa de Rodrigo da Fonseca, que era meu padrinho. O Aragão expoz a sua queixa, a que o ministro respondeu:

—«Já vem tarde. Se cá tivesse vindo hontem, eu mandava-o tirar da peça e que me puzessem em seu logar; agora já não póde ser porque estou lá a substituir o Saldanha.»

Ministros como o Rodrigo tem havido mais. Nas minhas primeiras revistas era caricatura obrigada a do Fontes com o seu cavaquinho, com as suas pinturas e com as suas velhas. Quando um dia uma auctoridade foi toda indignada contar-lhe o que se passava a seu respeito na revista, Fontes perguntou-lhe:

—«Olhe lá, vae gente ao theatro e applaude?»

—Muita gente e applaude muito.

—«Pois isso é que eu quero. Deixe-os lá ganhar a vida. Tenho pena de não poder ir ver.»

Ainda n'outra revista minha eu metti a Emilia das Neves, ao lado do Rossi, do Tamberlik e d'outros artistas em decadencia, que entravam em muletas. Inventando

um futil pretexto, o governador civil, que era então D. Luiz da Camara Leme, mandou-me prohibir a peça.

Fui queixar me ao ministro, que era então Antonio Rodrigues Sampaio, o qual me ouviu com toda a benevolencia e me disse:

—«Olhe lá, tenho informações de que entra na peça o D. Luiz da Camara.

— Não senhor, respondi-lhe; quem entra é a Emilia das Neves.

—«Pois isso ainda é peior. Tire-a e metta-me a mim. Olhe que o publico gosta muito de me ver em scena e de que me fallem no *Espectro* e no *Pepino*.»

— Mas tudo isso já lá está.

—«Tudo é que não póde ser. Deixe-me ficar e tire a Emilia. Verá depois como tudo se arranja.»

E assim foi. Eu, que tinha então o sangue na guelra, fiz *meeting*, affixei cartazes incendiarios, arranjei que Pinheiro Chagas interpellasse o governo nas camaras, havendo ao mesmo tempo manifestações nas galerias; mas o caso é que, se quiz tornar a representar a peça, supprimi a Emilia.

1841 — Publicação dos *Estatutos do Conservatorio*.

O artigo 1.º dizia: «O Conservatorio Real de Lisboa tem por objecto restaurar, conservar e aperfeiçoar a litteratura dramatica e a lingua portugueza, a musica, a declamação e as artes mimicas. E promoverá outrosim o estudo da archeologia, da historia e de todos os ramos de sciencia, de litteratura e de arte, que pódem auxiliar a dramatica.

25

1533 — Gil Vicente representa no paço de Evora a sua tragicomedia **Romagem de Aggravados.**

Esta tragicomedia, que é uma satyra, foi offerecida a D. João III, por occasião do parto da rainha D. Catharina e nascimento do infante D. Filippe.

Existe impressa a pagina 495 do tomo II das *Obras de Gil Vicente*, publicadas em 1834 em Hamburgo.

26

1854 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, na comedia *O Perdão d'acto em perspectiva*, o actor **Marcolino Ribeiro Pinto.**

Alli se conservou algum tempo, passando depois para o theatro de D. Fernando, em seguida para o Gymnasio e por fim para D. Maria.

Desde a creação do *Mendonça* do *Perdão d'acto*, em que foi insigne, até aos ultimos papeis que fez no theatro normal, **Marcolino** manifestou-se sempre um excellente artista e talvez o unico que temos tido no seu genero. N'uns papeis typicos muito especiaes chegava a ser notavel, porque seria muito difficil egualal-o.

Fazia uns aprendizes, uns garotos, uns excentricos com a maxima naturalidade e perfeição.

O afinador de pianos das *Espertezas de Simplicio*, o batoteiro do *Jogo*, a sentinella do *Casamento á queima-roupa*, o aprendiz de pintor da *Nobreza do artista*, o *Zé da Adiça* da *Revista de 1856*, e ainda muitos outros papeis eram extraordinariamente bem feitos.

Para os que bem o conheceram, **Marcolino** deixou no theatro uma memoria honrosissima e um vacuo que ainda não poude ser preenchido.

1876 — Publicação no *Diario do Governo* do programma para o concurso da adjudicação do **Theatro de D. Maria.**

Appareceram duas propostas: *Santos & C.ª* e *Biester, Brazão & C.ª*

O artigo 6.º do programma, que era o essencial, dizia o seguinte:

«Os concorrentes deverão apresentar documento pelo qual provem que têem organisada uma companhia completa de declamação, em que figurem actores e actrizes justamente considerados de subido merito, sendo n'elles representados os generos ou indoles artisticas indispensaveis para o desempenho das peças que devem constituir a principal parte do repertorio.»

Dizia mais o programma em dois paragraphos a este artigo:

«Em egualdade de circumstancias será preferida a empreza representada por um ou mais artistas dramaticos.

«Será preferido o concorrente que apresentar mais completa e perfeita companhia.»

Por todas as exigencias d'este artigo a adjudicação devia ter sido feita á empreza *Santos & C.ª*

O documento que mostrava estar organisada uma companhia completa era unicamente o apresentado por *Santos & C.ª* (o grande actor José Carlos dos Santos e José Joaquim Pinto, o actual emprezario do Gymnasio). N'esse documento figuravam tres das maiores glorias da nossa scena, José Carlos dos Santos, Rosa (pae) e Antonio Pedro, hoje infelizmente já todos fallecidos. Nenhum d'esses notaveis artistas figurava no elenco da empreza *Biester, Brazão & C.ª*

A preferencia, por figurar na proposta um artista dramatico, devia ser dada a Santos, que era emprezario havia bastantes annos e tinha uma escriptura de sociedade em poder do governo, e não a Brazão, que manifestamente emprestára o nome para a taboleta da nova empreza.

Tirava, porém, toda a duvida sobre a adjudicação o paragrapho que dizia:

«Será preferido o concorrente que apresentar mais completa e perfeita companhia.»

Os primeiros artistas apresentados por *Biester, Brazão & C.ª*, eram: Emilia das Neves, Virginia, João Rosa, Augusto Rosa e Theodorico. Todos estes figuravam tambem no documento apresentado por *Santos & C.ª*

A nova empreza apresentava mais: Rosa Damasceno, Anna Pereira, Gertrudes Carneiro e Luiza Lopes. A antiga apresentava Emilia Candida, Carolina Falco, Barbara, Amelia Vieira e Beatriz.

Com respeito a actores a nova empreza apresentava: Brazão, Joaquim d'Almeida, Augusto Antunes, Lima da Trindade e Julio Vieira. A antiga tinha: Santos, Antonio Pedro, Rosa (pae), Cezar de Lima, João Gil, Carlos Posser, Salazar, Pereira, Mathias d'Almeida, José Bento, Cezar de Lacerda, Joaquim Costa e Sousa.

Além de tudo, no elenco das companhias deveria ter-se attendido a um ponto importantissimo, o nome do director de scena; e nenhum havia que se podesse comparar a José Carlos dos Santos.

A condição 7.ª do contracto obrigava a empreza a pôr em scena peças originaes; Santos, durante a sua administração apresentára-os de Garrett, Feijó, Mendes Leal, Pinheiro Chagas, Cascaes, Ricardo Cordeiro e Gomes de Amorim. Déra tambem Santos as obras primas da litteratura dramatica franceza, italiana e hespanhola, em magnificas traducções de Castilho, Rebello da Silva, Pinheiro Chagas, Latino Coelho e Ramalho Ortigão.

Santos apresentava este passado como garantia; que faria a nova empreza?

A condição 10.ª do programma do concurso obrigava a pôr as peças com esplendor. Santos podia já apontar a *Maria Antonieta*, a *Patria*, o *Drama do Povo* e muitas outras. Que faria a nova empreza?

A empreza *Santos & C.ª* tinha já em deposito nas mãos do governo, como garantia, quatro contos de réis, e tinha o theatro seguro. A nova empreza nada d'isto tinha.

Ainda por outras vantagens apresentadas pela empreza *Santos & C.ª* a favor da Arte, dos artistas e dos escriptores dramaticos, era essa proposta que devia ser preferida. Pois não foi! A nova empreza trazia no seu elenco uma actriz formosa e de vontade soberana e por isso foi a preferida. Commetteu-se esse gravissimo escandalo, contra o qual se insurgiu então o publico e grande parte da imprensa.

N'esse tempo escrevia eu:

«Triumphou a immoralidade e a corru«pção Acima da justiça, da arte e de todos «os sentimentos dignos, collocaram-se as «poderosas influencias do coração e da «bolsa.

«Depois de atravessar uma epocha cala«mitosa, a protecção que o theatro portu«guez encontra é vêr afastados da nossa «primeira scena os mais distinctos artis-

«tas, é vêr expulsar do edificio nacional o «primeiro actor e primeiro ensaiador por«tuguez e uma empreza digna, que fielmen«te cumpriu o contracto a que se obrigára, «para n'elle dar entrada a uma companhia «relativamente mediocre e a uma empreza «que nenhuma confiança inspirava».

Ainda hoje sinto a mesma indignação por tal escandalo e por isso aqui o deixo mencionado.

Os factos mostraram depois quanto soffreu o theatro portuguez com tal patifaria, que outro nome não tem.

1895 — Morre em Lisboa **Gervasio Lobato.** Veja-se o dia 23 de abril, data do seu nascimento.

27

1811 — Nasce em Lisboa o compositor **Francisco Xavier Migone.**

Começou estudando musica com o distincto compositor Fr. José Marques, passando depois para o Seminario patriarchal, que era então no largo da Ajuda.. Muito aproveitou, porque ás disposições naturaes juntava um estudo aturado.

Em 1830, depois de ter o curso de piano, harmonia e contraponto, foi nomeado lente de musica na Universidade de Coimbra. Em 1835 veiu para o Conservatorio de Lisboa como professor de piano e secretario do conselho da direcção.

Com a morte de Bomtempo, tomou a direcção d'esse estabelecimento, então importante e ahi prestou relevantissimos serviços.

Accumulou depois o cargo de chefe da orchestra do theatro de S. Carlos e em seguida foi nomeado director geral do mesmo theatro.

O excesso de trabalho occasionou-lhe terrivel enfermidade, a que succumbiu em 10 de junho de 1861.

Migone compoz duas operas que se cantaram com bastante agrado no theatro de S. Carlos. A primeira subiu á scena a 4 de abril de 1853; intitulava se *Sampiero* e foi cantada pela prima-dona Rossi-Caccia, comprimaria Persolli, tenor Prudenza, barytono Bartolini e baixo Dell'Aste. A segunda, que se intitulava *Mocana*, representou-se a 26 de abril de 1854, cantada pelos seguintes artistas: prima-dona Castellan tenor Miraglia, barytono Bartolini e baixo Figueiredo. Assisti á primeira representação da *Mocana* e lembro-me de que o maestro, que disfructava muitas sympathias, teve uma grande ovação.

1834 — Recita turbulenta no theatro de S. Carlos.

Representava-se a opera *Pirata* de Bellini e a dansa *Clazimiro e Slawiza ou o usurpador punido.* Havia poucos dias que D. Pedro IV regressara a Lisboa depois da convenção de Evora Monte.

Parte do partido liberal, descontente pela moderação de D. Pedro, alguns pretendentes não attendidos e por isso cheios de despeito e alguns miguelistas victimas de represalias, expandiram-se n'esta noite, no theatro de S. Carlos, insultando o Duque de Bragança com os epithetos de traidor, despota, etc.

D. Pedro não poude conter-se e exclamou: «Fóra, canalha!»

Levantou-se uma voz para dizer-lhe: «Lembre-se Vossa Magestade que as bayonetas que lhe deram o throno, tambem lh'o podem tirar!»

Os gritos succederam-se; as vozes de «fóra! fóra!» ouviam-se de toda a parte. Ao mesmo tempo tocavam-se hymnos, davam-se vivas! Foi uma noite de *charivari* infernal no nosso primeiro theatro.

Desde esse dia D. Pedro nunca mais teve saude, e d'ahi a quatro mezes, a 24 de setembro, fallecia em Queluz.

1849 — Canta-se no theatro das Larangeiras, do Conde de Farrobo, a opera comica *La part du Diable* de Auber, desempenhada pelos distinctissimos amadores: Carlota O'Neill, Cecilia O'Neill, Maria Joaquina Quintella, Carlos Munró, Carlos da Cunha, Francisco de Sá e E. Bourgard.

Distinguia-se entre todos Carlota O'Neill, que, além de formosissima e muito elegante, era uma notavel cantora, podendo rivalisar com as primeiras artistas.

Morreu a 24 de abril de 1858, tendo apenas 34 annos de edade.

1870 — Morre em Lisboa o actor **Tasso**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 22 de agosto.

1882 — Inaugura-se o theatro circo da explanada dos **Recreios Whittoyne.**

A inauguração foi feita pelo Real Gymnasio Club Portuguez, que realisou um saráu gymnastico-equestre, a beneficio dos Albergues Nocturnos.

Era um explendido theatro-circo, onde trabalharam, além de companhias gymnasticas, acrobaticas e equestres, algumas de opera, opereta e zarzuela.

Foi demolido em 1887 para se construir a Estação central da companhia dos caminhos de ferro portuguezes.

28

1804 — Nasce o escriptor **Luiz Antonio de Araujo.**

Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, exerceu por muitos annos em Lisboa a carreira de advogado, sem grande brilhantismo, pois que as causas que em geral defendia eram-lhe entregues á ultima hora pelos juizes, que tinham de nomear patronos aos réos sem defeza.

Nos theatros do Gymnasio, Rua dos Condes e Variedades foram representadas muitas peças suas, originaes ou traduzidas. D'entre ellas mencionaremos as seguintes: *Afflicções de um Perdigoto, Baptisado, Banhos das Caldas, Cabelleireiro Leonardo, Dragão de Chaves, Dois maridos, Diabo a quatro n'uma hospedaria, Duello aos beijos, Infernos de Paris, Juiz eleito, Mestre Egreja muito em cima, Chapeo de chuva do sr. Pantaleão, Uma ceia no campo, Mystificador* e *Tio Barnabé vindo do Brazil.*

Era pae do popular escriptor Luiz de Araujo Junior e filho de Luiz Antonio de Araujo, que traduziu em portuguez, para servir de continuação ao *Theatro de Manuel de Figueiredo*, a *Historia critica do theatro, na qual se tratam as causas da decadencia do seu verdadeiro gosto.*

O Dr. **Luiz Antonio de Araujo** falleceu no Campo Grande, a 17 de dezembro de 1876.

29

1794 — Nasce em Lisboa a actriz-escriptora **Gertrudes Angelica da Cunha.**

Como actriz parece que não foi má, pois chegou a ser societaria da companhia do theatro da Rua dos Condes, que era a melhor. Como escriptora perpetrou uma tragedia com o titulo *Norma*, que nunca vi, mas provavelmente de valor egual a outras duas obras suas. Estas duas obras intitulam-se: *Collecção curiosa de varias producções poeticas*, que é simplesmente detestavel, e *Miscellanea constitucional.* Esta chega a ser phantastica. E' um commentario aos artigos da Carta Constitucional, feito em horriveis quadras. O mais triste é que n'essas quadras ella tambem se queixava de só comer batatas e pão e ter vendido a cama por se encontrar na ultima miseria. Foi talvez por este motivo que ella emigrou para o Rio de Janeiro, onde teve uma vida menos attribulada.

Foi mãe da actriz Gabriella De Vechy, que era vinho d'outra pipa.

1872—Estreia-se no theatro de S. Carlos a companhia dramatica italiana de **A. MAYERONI**, de que fazia parte a distincta actriz Elvira Pasquali.

Esta companhia, que teve pouca concorrencia de publico, deu o seguinte repertorio: *Estatua de carne, Clotilde, Demi-Monde, Dama das camelias, Dama de S. Tropez, Calumnia, Fausto, Dois sargentos, Kean, Adriana Lecouvreur, Othello, D. João d'Austria, Soror Thereza, Força da consciencia* e *Frei Luiz de Sousa.*

A Pasquali agradou immensamente, com especialidade na comedia. **Mayeroni** foi julgado artista muito inferior a Salvini e Rossi.

30

1771 — Decreto, referendado pelo **Marquez de Pombal**, para a instituição da Sociedade para a subsistencia dos theatros publicos da Côrte.

O artigo X resava assim:

«E por quanto um dos motivos, que tem «embaraçado chegar a arte scenica áquelle «grau de perfeição, de que tanto depende a «acção dramatica, que em outros tempos «conseguiu, e que actualmente embaraça «acharem se pessoas capazes de bem a «exercitar, é a idéa da infamia inherente á «mesma profissão; attendendo a que a dita «infamia procede meramente da legislação «dos romanos, a qual sómente recahia, «conforme a opinião de muitos auctores, «sobre as pessoas dos mimos e pantomi-«mos, que com a torpeza das suas acções «e palavras eram o horror e escandalo dos «espectadores honestos e bem morigera-«dos; e que outrosim nas republicas da «Grecia foi sempre esta Arte olhada com «consideração e respeito, e muitas vezes «premiados e honrados com os logares pu-«blicos os que louvavelmente a professa-«vam; o que tambem se viu depois entre «os mesmos romanos no governo dos Im-«peradores; he Sua Majestade servido de-«clarar, que a dita Arte por si é indiffe-«rente, e que *nenhuma infamia irroga áquel-«las pessoas que a praticam nos theatros pu-«blicos,* quando aliás por outros principios «não a tenham contrahido».

1808 — Nasce o maestro **Casimiro Junior.**

Ainda o conheci. Tinha muita popularidade; era querido e respeitado entre os collegas, que o admiravam como um genio musical.

Foi mestre de capella da Sé de Lisboa e deixou innumeras composições sacras e profanas.

No theatro davam-lhe um acto com oito ou dez numeros de musica para escrever, e elle mandava avisar para ensaio no dia seguinte, pois que n'essa noite a compunha.

D'uma vez, convidado para dirigir a festa da Senhora da Salvação da Arruda, que se fazia com grande explendor em 15 de agosto, acceitou e, na vespera, embarcou com os collegas n'uma das faluas, em que então se fazia a viagem rio acima até Alhandra. Depois de partirem deram pela falta da musica; para voltarem atraz, não chegariam depois a tempo. **Casimiro** removeu de prompto a difficuldade; pediu papel, pautou-o a lapis como se fosse de musica; sentou-se no fundo do barco, fez do banco meza e alli mesmo, em poucas horas, compoz a magnifica *missa da Arruda*, que ainda hoje se executa com muito agrado.

Nos theatros foi quasi o compositor exclusivo do seu tempo. Grande parte do seu repertorio perdeu-se; mas muitos se lembram ainda d'elle com saudades.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, na sua obra *Os musicos portuguezes*, trata, na opinião sensata de illustres professores, o maestro **Joaquim Casimiro Junior** com uma injustiça e um desprezo que revolta.

Chega a dizer que **Casimiro** nunca foi artista! Que os musicos portuguezes lhe perdôem esse e outros sacrilegios.

A despeito da má vontade do sr. Vasconcellos para com **Casimiro Junior**, este terá sempre uma memoria respeitada pelos que admiram o verdadeiro talento.

1837 — Estreia-se no velho theatro da Rua dos Condes, na comedia *Armario das modas*, o actor **Theodorico Baptista da Cruz.**

Nascido em 1818, representára primeiro como amador e entrára depois para o theatro do Salitre,

sob a direcção de Bernardino José Ferreira.

Em 1837 passou para a Rua dos Condes, sob a direcção de Emilio Doux, e, protegido por seu padrinho, o magnifico actor do mesmo nome.

Em tempos ouvi dizer a velhos collegas e frequentadores dos espectaculos da epocha, que **Theodorico**, antes de entrar para o theatro, vendia pelas ruas sapatos de ourello, industria então muito usada.

O talento de **Theodorico** tinha duas feições diametralmente oppostas: prestava-se tão facilmente a dar os centros e os tyrannos dos negros dramalhões d'aquella epocha, como os ridiculos *vegêtes* das farças e comedias de então. Em papeis do primeiro genero, fazia tremer as pedras e provocava o chôro e a raiva nos corações mais empedernidos; nos do segundo, tinha em constante gargalhada as mais circumspectas platéas. Sempre exaggerado no gesto e na palavra, como era pecha da sua escola dramatica, ajudava-o immensamente o vozeirão forte e cavernoso de que tirava effeitos de colera e ameaça, que abajavam o theatro nos alicerces. Como tyranno era de metter medo, e as senhoras ensopavam lenços e lenços a chorar a sorte das pobres victimas d'aquelle perverso que, afinal, na vida particular, era o mais inoffensivo e bondoso dos homens, apesar do seu genio concentrado, que o fazia parecer um misanthropo.

Em D. Maria, onde por muitos annos trabalhou, teve sempre a estima e consideração dos collegas e o applauso unanime do publico.

Quando o grande Santos começou a introduzir no theatro novos processos de representar, **Theodorico**, embora pouco affecto a innovações, foi-se sujeitando disciplinadamente ás exigencias da arte moderna e d'isso deu prova na fina comedia *Verão de S. Martinho.*

Foi enorme o repertorio de **Theodorico.** Entre os seus melhores trabalhos sobresaem os papeis que desempenhou no *Alcaide de Faro, Prophecias do Bandarra, Louco d'Evora, Camões do Rocio, Drama do povo, Doença de medo, Marquez de la Seiglière, Brazileiro, Porteiro da casa n.º 15, Duende, Caridade, Espertezas de Simplicio, Patria, Córa,* etc.

Perto de cincoenta annos trabalhou no theatro; gosou durante dez as regalias da reforma.

Morreu de uma lesão cardiaca aos 65 annos de edade.

Nunca se prestou a ser retratado. No *Album das glorias* fez Raphael Bordallo Pinheiro uma explendida caricatura de **Theodorico**, que era um verdadeiro retrato, e que n'este livro vae aproveitada.

1840 — A primeira representação, por discipulos do Conservatorio, no theatro do Salitre, do drama **Amor e Patria**, de Almeida Garrett.

Foi este drama que depois teve o titulo de **Philippa de Vilhena.**

1869 — Estreia-se no theatro de S. Carlos com o drama *Morte Civil*, o grande actor **SALVINI.**

Na companhia vinha tambem a notavel actriz **Virginia Marini.**

O repertorio d'esta companhia compunha-se das peças: *Othello, Samsão, Morte civil, Sampiero, Orestes, Vida d'um rapaz pobre, Filho das selvas, Zaira, Torquato Tasso* e *Milton.*

Para vergonha nossa é preciso ficar notado que estava quasi sempre vasio o theatro nas noites em que alli representou

Salvini, o maior actor que até hoje nos tem visitado!

Attribuiram uns tal abandono á má escolha do theatro para declamação, outros á epocha em que veiu, quando as familias começavam a retirar-se para o campo, e ainda outros a estar o publico cansado de declamação italiana, porque havia pouco tinha sahido de Lisboa Ernesto Rossi.

Coisa alguma póde desculpar a indifferença de tal publico para com o notabilissimo artista.

1875 — Nasce em Aldeagavinha, proximo de Alemquer, a actriz **Palmyra Bastos**.

Pae e mãe, hespanhoes, percorriam diversas terras portuguezas com uma modesta companhia, que se desfez pelo desapparecimento do chefe, que ainda até hoje se não sabe se é vivo ou morto, nem para onde se dirigiu.

A pobre mãe ficou sem meios alguns de subsistencia e com o encargo de tres filhas. Dirigiu-se logo para Lisboa e aqui trabalhava dia e noite para sustentar as pobres creanças. De dia empregava-se a coser em casa d'uma modista e de noite era corista nos theatros. Esteve primeiro na Trindade e depois na Rua dos Condes.

A pequena **Palmyra** acompanhava sua mãe ao theatro e era de vêr o empenho com que a pobre creança se escondia pelos bastidores e pelo urdimento para assistir aos espectaculos e ensaios. Em casa o seu divertimento e o de sua irmã Augusta era imitar o que viam fazer no theatro e que aprendiam n'um momento. O meu *Tim tim por tim tim* era o que ellas mais tinham visto e por isso o que mais imitavam.

Quando puz em scena a peça phantastica *Reino das mulheres*, convidei a mãe de **Palmyra** a deixal-a entrar para o theatro. Assim foi, e a pequena mostrou logo muita desenvoltura n'uns papelinhos insignificantes. Depois fez já mais alguma coisa no *Reino dos homens* e principalmente na revista *Tam tam*, em que substituiu á ultima hora quasi todas as actrizes, que adoeceram, e em que fazia com muita graça a *gatinha branca*.

Da Rua dos Condes passou para o popular theatro do Rato, onde muito se salientou n'uma revista do anno, em que fez os principaes papeis. Alli a foi buscar a empreza do theatro Avenida, onde mostrou então já quanto valia na *Grã-Duqueza*, *Direito feudal*, *Burro do sr. Alcaide*, *Madgyares*, *Joven Telemaco*, *Georgianas* e outras peças.

Convidada pela empreza do theatro de D. Maria, foi com ella ao Brazil e ahi fez verdadeiros prodigios, agradando extraordinariamente em papeis dramaticos que lhe distribuiam á ultima hora e em que tinha de confrontar com primeiras artistas.

Quando voltou a Lisboa, recusou ficar em bellas condições na companhia do theatro normal por não querer abandonar o genero alegre, em que começára com tanta felicidade.

Contractou-se então na Rua dos Condes para fazer os principaes papeis da revista *O Sarilho* e lembram-se todos da enorme ovação que alcançou logo na primeira noite ao cantar deliciosamente os *couplets* da *Gazetilha*.

Em seguida começou ensaiando para uma *tournèe* ao Brazil, que não foi a effeito pelos acontecimentos politicos que se deram n'aquella nação.

Em maio de 1894 convidei-a a fazer parte da companhia da Trindade, onde se estreiou com muito agrado, no final da epocha, nas peças *Burro do sr. Alcaide* e *Brazileiro Pancracio*.

No dia 1 de julho d'esse mesmo anno deu-me a mão de esposa. A 18 d'esse mesmo mez fazia os principaes papeis da revista *Sal e Pimenta*, continuando a entrar no repertorio da epocha.

Em junho de 1895 partiu com a minha companhia para o Brazil, obtendo um exito completo no Rio de Janeiro, S. Paulo e Pará, no *Sal e Pimenta*, *Tim tim por tim tim*, *Fim de seculo*, *Fada do Amor*, *Cigarra*, *Burro do sr. Alcaide*, *Dragões d'El-rei*, *Brazileiro Pancracio*, *Aposta*, *Solar dos Barrigas*, etc.

Na epocha de 1896-1897 foi a *estrella* que-

rida do theatro da Trindade na *Gata Borralheira, Noite e Dia, Falote, Em pratos limpos*, etc.

Com a transformação que teve a Trindade na epocha de 1897-1898, **Palmyra Bastos** tomou o logar de primeira ingenua de uma importante companhia dramatica, e o que ella vale pódem affirmal-o os que assistiram ao brilhante desempenho dos papeis de que se incumbiu na *Honra, Bohemia, Martyr, Musotte, Dois Garotos*, e principalmente no *João Darlot*.

Torno-me suspeito para fallar do seu alto valor artistico. Como esposa devo-lhe todo o respeito e gratidão que lhe consagro no prologo d'este livro.

1890 — Morre em Porto Alegre (Brazil) **Carlos von Kozeritz.**

Nasceu em Dessau, na Allemanha, em 1830. Partiu para o Brazil em 1851 com a força allemã ao serviço do imperio.

Naturalisou-se cidadão brazileiro, estabelecendo-se na provincia do Rio Grande do Sul. Foi inspector geral das colonias d'aquella provincia, hoje estado, director das exposições provinciaes de 1866 e 1875, presidente da exposição brazilico-allemã de 1881 e deputado á assembléa provincial. Era membro honorario de muitas sociedades scientificas do Brazil e Allemanha.

Collaborou em muitas folhas riograndenses; foi redactor e proprietario d'algumas; escreveu diversas obras instructivas e litterarias.

Para o theatro escreveu varias peças, entre as quaes os dramas *Nini* e *Ignez*, que se representaram no theatro de Pelotas.

31

1840 — Nasce em Lisboa o escriptor dramatico **Lucotte.**

Vive ha muito em França **Léon de Claranges Lucotte.** Apezar de se ter sempre dedicado ao commercio e ultimamente exclusivamente a elle, por muito tempo, emquanto residiu em Lisboa, se dedicou tambem ao theatro e alcançou bastante popularidade, porque as suas peças eram cheias de effeitos dramaticos, tendo agradado muito no Gymnasio de Lisboa e em varios theatros do Brazil.

As principaes são:

Segredos d'Estado, comedia-drama em 4 actos; *Coração de mãe*, drama em 5 actos; *A Filha do mar*, drama em 4 actos e prologo; *Noites da India*, drama em 5 actos; *As apparencias*, comedia em 4 actos; e *A espera d'uma carta*, comedia em 1 acto (imitação).

1882 — Morre **Pedro Jorge Pacini.**

Estivera no Porto, em 1865, no theatro S. João, e viera para Lisboa como baixo bufo e director de scena do theatro de S. Carlos.

Começou a exercer este cargo na empreza Ferreira & C.ª, que teve uma vida attribulada e que, ainda assim, se aguentou por tres annos, graças aos bons serviços de **Pacini**, que tudo dirigia e em tudo pensava, procurando sempre remover difficuldades.

Em seguida conseguiu **Pacini** organisar uma sociedade por acções para alcançar os meios de explorar o theatro lyrico.

Foi assim que se fundou a Sociedade Lyrica Luzitana com o capital de 30 contos de réis, em 120 acções de 250$000 réis cada uma.

Esta sociedade entendia-se particularmente com a firma Troni & C.ª, á qual tinha sido adjudicado o theatro. Isto constou ao governo, que lhe rescindiu o contracto por uma portaria de 23 de setembro de 1876.

Foi depois d'isto que o theatro foi adjudicado á empreza **Pacini & C.ª** Á frente d'este negocio estava Diogo Maria de Freitas Brito, que conseguiu passar algumas acções de 500$000 réis. Arranjou-se uma direcção, mas a verdade era que Freitas Brito punha e dispunha a seu bel prazer dos destinos da sociedade.

As difficuldades surgiram de todos os lados e foi ainda a habilidade e fino tacto de **Pacini** que conseguiram debellar muitas d'ellas.

A sua grande actividade e qualidades

poderiam ter feito prosperar uma empreza, onde não faltassem capitaes e, principalmente, onde as intrigas e os desvarios não arrastassem tudo pela lama.

A empreza passou depois para a firma Freitas Brito e C.ª e **Pacini** continuou senda director technico, mas soffrendo toda a especie de contrariedades.

Em maio de 1882, **Pedro Jorge Pacini** partiu para Madrid a fim de escripturar uma companhia de opereta italiana para o Colyseu dos Recreios. Sendo accommettido na viagem d'uma febre violentissima, retrocedeu e, peiorando sempre, falleceu n'este dia, o que para elle foi de certo um descanso, visto que, como por algumas vezes m'o confessou com as lagrimas nos olhos, arrastava uma vida cheia de torturas. Infeliz **Pacini**, bem digno de melhor sorte!

JUNHO

JUNHO

1809 — Nasce no Rio de Janeiro **Francisco José Pinheiro Guimarães.**

Formou-se em direito em S. Paulo e foi depois chefe de repartição na secretaría dos negocios estrangeiros.

Foi um violento critico dramatico. Escreveu duas comedias em 5 actos, *A ciumenta* e *O brazileiro em Lisboa,* que se representaram no theatro de S. Pedro d'Alcantara, a primeira em 1843 e a segunda em 1844; traduziu em verso o *Hernani,* de Victor Hugo e egualmente traduziu os libretos das operas *Capuletos, Anna Bolena, Torquato Tasso, Dama do Lago, Norma, Belisario, Elixir d'amor* e *Furioso.*

Pinheiro Guimarães (pae), morreu a 18 de novembro de 1867.

1865 — Nasce o ponto **Caetano da Silva.**

Em 1881 representou pela primeira vez como amador, no drama *Scenas do Brazil,* n'um pequenino theatro da rua do Bemformoso.

Continuou em sociedades de curiosos, umas vezes representando e outras pontando. Foi depois com companhias para a provincia até que, em 1886, foi contractado para ponto da companhia do theatro do Principe Real e ahi se conservou até 1894, tendo feito durante esse praso tres viajens ao Brazil.

Na epocha de 1894-1895 foi contraregra do theatro da Rua dos Condes e com essa companhia foi aos Açores.

No regresso voltou para o mesmo theatro, como ponto da companhia de Lucinda Simões, com a qual tambem esteve no theatro D. Amelia.

Actualmente é ponto do theatro da Trindade.

É um empregado exemplar, pontualissimo e intelligente, no qual as emprezas e os directores de scena pódem confiar cegamente.

Além de um bom ponto, é o verdadeiro auxiliar do ensaiador em todo o serviço do palco.

É dos raros que no theatro são estimadissimos por todos, desde a empreza até o mais infimo empregado. Digo-o desassombradamente, porque n'este livro não faço *réclames,* faço justiça.

1890 — Suicida-se em S. Miguel de Seide o grande escriptor **Camillo Castello Branco**. Veja-se o dia 16 de março, data do seu nascimento.

1892 — Inaugura-se o theatro **Garcia de Resende**, de Evora, pela companhia do theatro de D. Maria, que representou a comedia *O Intimo*, de E. Schwalbach.

Nos seguintes espectaculos deu a mesma companhia as peças: *Marquez de Villemer, Amigo Fritz, D. Cesar de Bazan, Madrugada* e *Leonor Telles*.

Em 1880, alguns socios do Circulo Eborense lembraram-se de dotar a cidade de Evora com um theatro e para esse fim organisaram uma sociedade com o capital de vinte contos de réis, realisavel por meio de acções.

Subscripto o capital, escolheu-se o terreno, que foi cedido nas melhores condições pelo sr. Conde da Costa.

A 16 de abril de 1881 deu-se começo á construcção, que caminhava apressadamente; mas no fim d'esse anno estavam esgotados os recursos. Tentou-se uma nova emissão de acções, que não foram subscriptas, e assim era de prever, visto que da primeira emissão de vinte contos, mais de dezoito tinham sido tomados pelo rico lavrador José M. Ramalho Diniz Perdigão.

Estiveram os trabalhos parados até setembro de 1888, em que recomeçaram por iniciativa do Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso, que se promptificou a concluir o edificio, concorrendo com a despeza necessaria. E fel-o com tal bizarria, que d'ahi a quatro annos se inaugurava um dos primeiros theatros de Portugal, sob todos os pontos de vista.

As riquissimas e artisticas decorações são devidas a Antonio Ramalho, João Vaz e Leandro Braga. O scenario foi pintado por Luiz Manini.

A sala do espectaculo tem magnificas condições acusticas e é elegantissima. Tem tres ordens de camarotes; a platéa tem 100 logares de superior e 200 de geral. Na 3.ª ordem ha tambem uma galeria.

O theatro, depois de prompto, foi cedido ao municipio de Evora.

A grandeza do edificio é talvez demasiada para uma cidade da provincia; mas nem por isso deixa de ser ainda mais louvavel o acto generoso praticado pelo Dr. Barahona e sua esposa.

As companhias, quando as despezas não são garantidas, receiam muito ir a Evora, porque a concorrencia ao theatro falha quasi sempre e os prejuizos são grandes. Pena é que a população, no seu amor pelo theatro, não corresponda á magnificencia do edificio.

2

1849—Primeira representação no theatro de D. Maria do drama em 5 actos, **O Eremitão da Serra de Cintra**, original de Antonio Xavier Pinto de Campos.

Esta peça, apesar dos muitos defeitos que tem, alcançou n'aquella epocha um bello exito.

Conheci ainda o auctor, que a toda a hora me fallava da sua peça.

1878 — Recita de despedida da companhia de opereta italiana de **Achille Lupi** no theatro do Principe Real, com a opereta *Giroflé-Giroflá*.

Esta companhia havia-se estreiado no Gymnasio, onde nada fez; deu uma unica recita na Trindade com a *Filha da sr.ª Angot*, e foi depois tabalhar com certo exito no theatro dos Recreios.

Perto do theatro havia um pequeno Circo, onde a companhia guardava todo o seu importante material de scenario, vestuario e adereços. Uma bella noite o Circo ardeu e a empreza ficou quasi sem recursos.

Esta companhia fôra mandada vir d'Italia por Ernesto Desforges, que com ella teve grandes prejuizos.

O elenco era o seguinte: Maria Frigerio, Sandoni, Marvaldi, Belincioni, Geminiani, Ferrari, Soave, Ficarra, Fabris, Lucerna, Benfenati, Landi, etc.

D'estes artistas sei que: Maria Frigerio era ha pouco mestra de musica em Buenos Ayres; a Sandoni tambem não ha muito era a caracteristica da Companhia Tomba; a Giminiani morreu; o Ficarra é mestre-escola no alto Amazonas, Brazil. Este ul-

timo encontrei eu por diversas vezes na America, em má situação, apesar do seu incontestavel valor como artista, ensaiador e *arreglador* de peças. Dedicara-se, depois da morte da sua esposa Geminiani, demasiadamente ao bom vinho e ao bello sexo.

3

1825 — Nasce o popular escriptor dramatico e ensaiador **José Romano.**

José Filippe Ovidio Romano nasceu em Lisboa, na antiga rua Occidental do Passeio Publico, hoje Avenida da Liberdade.

Era filho do musico **José Romano** e com seu pae aprendeu essa arte, chegando a ser primeiro trompa do theatro de S. Carlos, logar que deixou, por lhe ser impossivel tocar o seu instrumento em consequencia de haver sido mordido por um bicho venenoso e ter ficado aleijado da mão direita.

A vida de **José Romano** é das mais accidentadas e extraordinarias que conheço. Tratei muito com elle e tive bastantes occasiões de conhecer o seu caracter e o seu valor.

Seis mezes antes de fallecer seu pae, concluira elle os preparatorios para entrar na Universidade de Coimbra a matricular-se nas faculdades de mathematica e philosophia.

O ter aprendido a arte musical valeu a **José Romano** poder acudir ás necessidades de sua infeliz mãe e cinco irmãos menores, que ficariam ao desamparo com a morte do chefe da familia.

Ao mesmo tempo que exercia a profissão de musico, **José Romano** estudava noite e dia e começou a escrever, mas sem se atrever a publicar os productos da sua imaginação.

Um dia foram uns versos seus surprehendidos por José Martiniano da Silva Vieira. Pediu-lhe para ver quanto havia escripto, animou-o a que continuasse e indicou-lhe os livros que deveria ler de preferencia e estudar. Passados alguns mezes apresentou **José Romano** ao seu protector uma comedia original em 1 acto, *Um quadro da vida contemporanea*, que, depois de emendada, se representou no theatro de D. Maria.

D'ahi em diante **José Romano** não deixou mais de escrever para o theatro até á hora da sua morte. Teve innumeras peças nos repertorios de todos os theatros e a maioria d'ellas originaes.

Foi por muito tempo moda dizer mal das peças de **José Romano**; mas o que é verdade, é que o publico estimava-o, as suas obras faziam bellas carreiras e com ellas as emprezas enchiam os seus cofres. E **José Romano** escreveu em todos os generos, desde a cançoneta á magica, desde a farça ao alto drama.

Se as suas peças tinham defeitos, como realmente tinham, peccando muitas vezes pela impropriedade da linguagem, inverosimilhanças na acção e má definição dos caracteres, tinham tambem qualidades que as faziam vingar e applaudir. Sabia, como poucos, preparar situações e fechar actos.

Quando o publico se enthusiasma e corre durante muitas noites consecutivas a ver uma peça, é porque dentro d'ella alguma coisa ha de bom.

Entre os seus grandes successos, lembro-me dos seguintes: *Samsão, Martyres da Germania, 29 ou honra e gloria, Corsario, Feio no corpo bonito na alma*, parodias da *Traviata, Norma* e *Lucrecia Borgia, Tribulação e ventura, Casa mysteriosa*, etc.

Como ensaiador, **José Romano** foi dos melhores que temos tido, áparte a aspereza com que muitas vezes exercia o cargo, no começo da carreira. E foi ensaiador nos principaes theatros de Lisboa, D. Maria, Trindade, Gymnasio, Principe Real, Rua dos Condes e Variedades.

Um dia lembrou-se de visitar Paris e foi. Partiu a pé de Lisboa com um *pinto* (480 réis) na algibeira, foi pedindo, procurando trabalho no caminho e lá e assim se sustentou miseravelmente, mas conseguindo ver o que tanto desejava. Levou tres mezes na viagem e lá esteve tres annos! Contou-me que d'uma vez esteve quasi tres dias sem comer absolutamente nada; ia

aos marcos fontenarios e enchia o estomago d'agua para disfarçar a fome. Valeu-lhe ser um homem robustissimo para resistir a tal jejum. Isto define o caracter de **José Romano**, emprehendedor, teimoso, orgulhoso, e com uma vontade de ferro.

Foi por vezes emprezario; mas sempre com prejuizo. Em tendo interesses directos em qualquer negocio, a fortuna não o auxiliava.

Todos os homens de merecimento teem a sua mania. A de **José Romano** era ser actor, o que tentou por diversas vezes com total infelicidade. A sua figura desproporcionada, o seu pessimo andar, a mão aleijada, a falta de vista que o obrigava, quando largava o monoculo, a fazer grandes caretas e principalmente o defeito de pronuncia, tornavam-no um actor desastradissimo.

Houve uma epocha em que bastante representou na Rua dos Condes sem nunca conseguir agradar. Fez alli, por doença de Domingos d'Almeida, o *galan* do seu drama *O Corsario*. Fez depois o protogonista do *Sineiro de S. Paulo;* o barytono da opereta *O amor e o codigo;* e por fim a sua poesia comica *As pragas de Lisboa*, em que se caracterisou tão ridiculamente e que disse tão mal, que foi estrondosamente pateado e troçado, o que o levou, pelo seu genio irascivel, a descer á platéa e desafiar os espectadores. Desde esse momento a direcção do theatro prohibiu-o de representar.

D'outra vez deu, tambem na Rua dos Condes, uma recita, em que representou o *Othello!* Essa recita ficou memoravel nos annaes das troças de theatro.

Em Setubal, no antigo theatro Bocage, assisti eu a uma representação em que elle fazia detestavelmente o *Kean*. Lembro-me que no acto da taberna, querendo imitar o Rossi, que havia pouco fizera o papel em Lisboa, se escarranchou n'uma cadeira, para assim declamar, e d'ahi a pouco foi a cadeira para um lado em pedaços e elle para outro, deixando ao mesmo tempo cair o chinó, pois que **José Romano** era careca!

Nas horas da adversidade andava por essas ruas com o calçado roto, o fato cheio de sêbo e o chapeu alto, que nunca largava, amolgado. No dia seguinte áquelle em que se empregava, apparecia limpo e elegante dos pés á cabeça; mas pouco lhe durava o aceio e a elegancia. No fim de quinze dias era o mesmo besuntão; mas sempre com o aprumo de quem se julga superior a tudo e a todos.

Ninguem o via com a familia; mas nunca se separava da amante d'occasião, que por essas ruas e nos theatros corria atraz d'elle para o poder acompanhar no seu passo constantemente apressado.

José Romano morreu ainda no vigor da vida.

1832—Nasce em Paris o insigne maestro **Lecocq.**

Carlos Alexandre Lecocq foi discipulo do Conservatorio de Paris, onde obteve o primeiro premio de harmonia em 1850 e o segundo premio de fuga em 1852.

Estreiou-se no theatro com o *Doutor Milagre*, opereta que se reprentou no Buffos-Parisienses, em 1857. Fez em seguida representar o *Beijo á porta* e *Lilina e Valentim*, operetas em 1 acto, nos Campos Elysios, em 1864; as *Ondinas*, tambem em 1 acto, nas Folies-Marigny, em 1865; ainda as operetas em 1 acto *Myosotis* no Palais-Royal em 1866 e a *Taberna de Ramponneau* nas Folies-Marigny em 1867. Deu depois no Atheneo, em 1868, a opera burlesca em 2 actos *O amor e o seu carcaz.* No mesmo anno e no mesmo theatro teve um grande successo com a sua opera burlesca em 3 actos, *Flôr de Chá.*

D'ahi em diante as suas musicas foram e continuam sendo recebidas com verdadeiro enthusiasmo e com o maior alvoroço. Entre as suas partituras brilhantissimas e de maior exito contam-se: *O Gentil Dunois*, *Cem Virgens*, *Filha da sr.ª Angot*, *Giroflé-Giroflá*, *Prados S. Gervasio*, *Pompon*, *Petite-mariée*, *Manjerona*, *Duquezinho*, *Noite e dia*, *Coração e a mão*, *Princeza das Canarias*, *Are Azul*, etc.

Muitos dos apaixonados da opereta o preferem a Offenbach.

Lecocq é cavalleiro da Legião de Honra.

4

1836 — Nasce em Lisboa **Adolpho Sauvinet.**

Dedicou-se á carreira commercial. De 1868 a 1875 residiu no Rio de Janeiro, sendo por muito tempo guarda-livros de um importante banco.

Foi sempre apaixonado da musica, como seus irmãos. Em concertos de amadores cantou de tenor e depois barytono.

É tambem um amador distincto de pintura, dedicando-se a marinhas.

Sem ter estudado musica, é compositor. Toca piano de ouvido e assim faz melodias, que outros instrumentam. Foi d'esta fórma que compoz a opera *Flavia*, que foi ouvida no salão da Trindade, e a opereta *Principe Rubim*, que se representou no verão de 1897 no theatro da Trindade de Lisboa, e depois no Porto.

1850 — Nasce na povoação do Gradil, proximidades de Lisboa, **João Soler.**

João Soler, tendo usado por muito tempo o pseudonymo de **Affonso Gomes**, é empregado da Companhia geral dos Tabacos. Tem-se dedicado muito ao theatro, havendo trabalhos seus representados em quasi todas as casas d'espectaculo de Lisboa.

Original apenas conheço uma revista em 1 acto, que fez de collaboração com José Ignacio de Araujo para o theatro Avenida com o titulo *Um sonho do citado auctor*, e com o mesmo collaborador mais um quadro de revista *A Aurora do Futuro.*

Arreglos, imitações ou traducções tem muitos, representados com bastante agrado, principalmente no Gymnasio e Principe Real, e alguns em D. Maria, Trindade e Rua dos Condes. D'estas as que mais agradaram, foram: *O voluntario de Cuba, De má raça, João José, Chapéo alto, Sr. Director, Huguenottes, Hotel Luzo-Brazileiro, Prima Aurora, Lobos do mar, Prato de resistencia, Puritanos* e *Manelich.*

1891 — Morre em Lisboa, com 82 annos de edade, o Maestro **Angelo Frondoni**, de quem tratei na data do seu nascimento, a 25 de fevereiro.

5

1835 — Nasce o compositor **Carlos Bramão.**

Tinha realmente bastante merito e muito mais poderia ter produzido **Carlos Augusto Pereira Bramão**, se a morte o não roubára tão cedo, aos 3 de maio de 1874, tendo portanto 39 annos incompletos. Foi victima de uma phtisica galopante.

Com a sua morte deixaram de apparecer dois trabalhos seus importantes, o *Diccionario musical*, que não chegou a completar e um *Methodo de piano*, que estava affecto ao Conselho Superior d'Instrucção Publica.

A sua primeira composição tornou-o logo popular e obteve-lhe os maiores louvores da imprensa; foi a opera-comica em 2 actos, de Cesar de Lacerda, *Palavra de rei*, que se cantou no theatro de D. Fernando em 1855, tendo elle 20 annos.

Depois foram muito applaudidas as musicas que escreveu para as seguintes peças: *Uma vingança*, opereta em 1 acto; *Raphael o diabo*, em 3 actos; *Lampada maravilhosa*, magica; *Banquete dos antropophagos*, em 3 actos; *S. Jorge*, oratoria; *O Timbaleiro*, opereta em 1 acto; *A herança do Tambor-mór*, opereta em um acto, em que se estreiou em Lisboa a actriz Anna Pereira; *Precisa-se d'uma senhora para viajar*, comedia do actor Izidoro, ornada de musica; *Pelle de burro*, magica.

Compoz muitas valsas, polkas, marchas, recitativos, etc.

Foi o primeiro collecionador dos cantos populares portuguezes, dos quaes alguns publicou.

Era um trabalhador e um artista de merito incontestavel.

Foi ao Brazil, chegando a dar concertos na Bahia; mas regressou logo por falta de saude.

Tocava diversos instrumentos; mas eram o piano e o fagote aquelles em que tinha mais valor.

1850 — Nasce em Lisboa **Thomaz Del Negro.**

Descendente de uma familia de negociantes italianos, estabelecida em Lisboa desde o principio d'este seculo, foi creado no meio de notaveis amadores musicaes, entre elles José Del Negro, seu tio, que era intimo do Conde de Farrobo e primeiro violinista do theatro das Larangeiras e seu pae, que, depois de revezes commerciaes, buscou recursos de subsistencia na arte em que tinha sido amador.

Joaquim Thomaz Del Negro matriculou-se no Conservatorio em 1861 e rapidamente concluiu os cursos de rudimentos e trompa, terminando este com grande brilhantismo e tendo obtido premio em todos os annos.

Em 1867 já occupava o logar de primeiro trompa na orchestra do nosso theatro lyrico, e, emquanto quiz, foi sempre o preferido em todas as orchestras de Lisboa.

Todos os annos dava um concerto, em que se fazia ouvir a solo, produzindo o maior enthusiasmo n'um instrumento tão ingrato.

Em 1879 foi a Madrid e alli tocou a solo em dois concertos da sociedade Union, dirigida por Thomaz Breton. Alli foi por essa occasião a concurso para o logar de primeiro trompa no theatro Real e na Capella Real, disputando o cargo com alguns notaveis artistas hespanhoes. Apesar de tudo foi elle o preferido.

Como se não désse bem com o clima de Madrid, resignou os logares e voltou a ser o primeiro trompa do theatro de S. Carlos.

Um bello dia lembrou-se de ser contramestre da excellente banda da Guarda municipal de Lisboa. Immediatamente obteve o logar. Logo depois, com o seu genio inconstante, mudou de rumo; pediu a demissão.

Quiz então ser compositor, emprezario theatral e ensaiador. Tambem o foi. Como ensaiador começou na companhia Taveira, passou para a sua e mais tarde para a de José Ricardo. Actualmente é-o da Trindade de Lisboa. Como emprezario foi-o uma epocha e parece que ainda está disposto a tornar a sêl-o.

Como compositor tem demonstrado bastante gosto nas suas operetas: *Kinfá na China, Tentação, Capitão Lobishomem, Aventura regia, Mestre d'armas, Filhos do Capitão-mór, Retalhos, Kiki* etc.

1860 — Inauguração do theatro de S. **Geraldo** de Braga com a representação do drama *Joanna a Doida*, pela companhia de Emilia das Neves.

Foi fundado o theatro de **S. Geraldo** por uma empreza particular, organisada em 1857.

O nome foi-lhe dado em memoria a S. **Geraldo**, um dos mais venerandos prelados que cingiram a fronte com a mitra primacial de Braga, o qual baptisou o primeiro rei de Portugal.

A architectura é singela, mas elegante. A sala tem uma decoração simples.

O theatro está situado junto ao Campo de Sant'Anna.

1606 — Nasce em Rouen o grande es-

criptor **CORNEILLE.**

Pedro Corneille estudou no collegio dos Jesuitas da terra da sua naturalidade. Exerceu por algum tempo a advocacia sem brilho e sem resultado.

A sua primeira comedia, *Mélite*, appareceu em 1625. Todos viram n'ella originalidade e o caminho aberto para o desenvolvimento d'essa litteratura, inspirando confiança ao ponto de se organisar uma nova *troupe* de comediantes.

Corneille succedia a Hardy e inquestionavelmente lhe era muito superior.

A critica por vezes o atacou; mas elle creava novo animo e dava em seguida *Clitandre, Galerie du Palais, Veuve, Suivante* e *Place Royale.*

Um dos serviços devidos a **Corneille** foi libertar o theatro de tudo quanto era licencioso.

A sua primeira grande obra foi a tragedia *Cinna*, depois a *Medéa*. Em seguida cahiu muito na comedia *Illusion comique;* mas immediatamente se levantou com brilhantismo no *Cid.* Nunca até alli peça alguma tivera tão enorme exito. Em seguida justificou a sua sublime reputação nos *Horaces* e na *Polyeucte* e ainda na *Pompèe.*

A comedia *Le Menteur*, recebida ainda hoje com agrado, não era isenta de defeitos, que tambem se manifestaram no *Don Bertrand de Cigaral* e no *Gêolier de soi même.* Para corresponder ao successo do *Menteur*, fez-lhe **Corneille** uma continuação, que não agradou.

Veio depois a obra que **Corneille** considerava acima de todas, *Rodogune.* Muitos são de opinião que effectivamente *Rodogune* e *Cinna* são as suas duas melhores peças.

Agradaram-lhe ainda: *Héraclius, Andromède* e *Nicomède.* Foram recebidas com a maior frieza *Théodore* e *Don Sanche d'Aragon* e cahiu desastrosamente a *Pertharite.*

Depois d'esta queda **Corneille** afastou-se do theatro com tenção de não voltar lá mais.

Aconselhado pelos jezuitas que sempre respeitára como mestres, dando expansão aos sentimentos religiosos de toda a sua vida e porque o seu genio activo o não deixava ocioso, emprehendeu a traducção em verso da *Imitação de Jesus Christo.* Esta sua obra teve um successo prodigioso e consolou-o de haver abandonado o theatro.

Só no fim de seis annos **Corneille**, atormentado pelas saudades, voltou ao theatro com a tragedia *Œdipe*, que foi outra victoria. Logo depois, para festejar o casamento do rei, deu-se a melhor peça de machinismos até então apresentada e em que **Corneille** continuou triumphando, *La Toison d'Or.*

Depois seguiram-se *Sertorius, Sophonisbe, Agésilas, Othon, Attila, Bérénice, Pulchérie* e *Suréna*, todas ellas obras primas.

Depois da ultima, que se representou em 1675, **Corneille** renunciou de vez ao theatro e só pensou em morrer christãmente.

Corneille foi quem levantou o theatro em França. Não se lhe deve só o ter escripto tanta obra superior, deve-se-lhe abrir o caminho a tantos outros com o incitamento, com o exemplo e com as lições.

Pedro Corneille morreu no anno de 1684.

1814 — Nasce no Rio de Janeiro o distincto actor brazileiro **Florindo Joaquim da Silva.**

Estreiou-se no theatro Fluminense, chamado actualmente S. Pedro d'Alcantara, em 19 de março de 1837, no drama *Santo Antonio livrando o pae da forca*, fazendo o papel de *Eugenio.* No mesmo anno representou na tragedia *Oscar, filho de Océan*, fazendo a parte de *Dermidy*, e depois, em seu beneficio, no drama *Catharina Howard.*

Florindo Joaquim da Silva foi um artista de muito valor e bastante estimado.

Em 1868 abandonou o theatro para se empregar na Camara Municipal.

Falleceu a 10 de janeiro de 1893, tendo 79 annos de edade.

1815 — Nasce em Lisboa o distincto compositor **Santos Pinto.**

Francisco Antonio Norberto dos Santos Pinto estudou musica com o professor de canto Theotonio José Rodrigues, de rabeca José Maria Christiano, de trompa Faustino José Garcia e de harmonia Manuel Joaquim Botelho.

Foi membro do Conservatorio de Lisboa, professor da aula d'instrumentos de metal, musico da Real Camara e da orchestra de S. Carlos.

Tem grande numero de composições sacras ainda hoje muito apreciadas.

Para o theatro trabalhou tambem com afinco. Só para o theatro de S. Carlos compoz musica para vinte dansas, que foram muito applaudidas. Para peças portuguezas escreveu musicas que muito agradaram e se tornaram popularissimas nas peças: *Doutor Sovina, Bolero, Theatro e seus mysterios, Hymeneo de Thétis e Cloé, Casa mysteriosa, Alcaide de Faro, O que convem para a fortuna das mulheres, Templo de Salomão, Odalisca, Conde de Santa Helena, Raridades, Tributo das cem donzellas, Amores de um fidalgo, Estrangeirado, Diabo a quatro, Mineiro de Cascaes, Fada do Fritz, Propheta, Tres cidras do amor, Degolação dos Innocentes, Baile de creados, Rainha e Aventureira, Ultimo dia de um arraial de saloios, Familia do Avarento* e *Alfageme de Santarem.*

Vê-se por isto que elle, além de escrever as dansas para uma orchestra como a de S. Carlos, que n'aquelle tempo era composta de eximios professores e que o applaudiam e acatavam, era chamado para fazer musica para as peças de José Romano, que devia escolher bem por pertencer á classe, de Garrett, Mendes Leal, Cascaes, etc.

Parece que o sr. Joaquim de Vasconcellos no seu livro, *Musicos portuguezes,* tem ainda pouca razão quando desdenha de **Santos Pinto.**

1821 — Nasce em Lisboa o actor **Moreira.**

Joaquim José da Silva Moreira começou muito novo a tomar parte em recitas particulares, principalmente no theatro do Desterro, onde hoje está o hospital, e então era quartel da Guarda Nacional e conselho de guerra. Ahi fazia **Moreira** os principaes papeis dos dramas: *Bravo de Veneza, Christierno rei da Dinamarca, Corôa hereditaria, D. João Tenorio, Carrasco de Amsterdam* e outros.

O ensaiador era o distincto actor Vasco da Gama Cabral, que, reconhendo merito no **Moreira,** o convidou e fez admittir no theatro do Salitre, em 1842.

N'essa epocha faziam parte da companhia: Izabel Rogali, primeira dama dramatica, Marianna Trindade, dama central, Guilhermina Trindade, ingenua, Maria José dos Santos, dramatica, Reis, galan, Vasco, actor de muito merito tambem em galans, Pereira, actor comico que depois muito brilhou no Gymnasio, Moniz, tambem outro excellente comico, Gama, actor da antiga escola, mas de valor, Bernardo Victor de Mendonça, que teve tambem a sua epocha, Ignacio, actor caracteristico de primeira plana, Ferreira, tambem de merito, e Marques (depois o Marques do Gymnasio).

Eram emprezarios o José Vicente, dono do guarda-roupa do Calhariz, Cyriaco, irmão do actor Victorino e Silva Vieira, magnifico ensaiador.

Moreira debutou n'esta companhia n'um papel secundario de um dramalhão com o titulo *Os Tartaros na Polonia.* Passou depois a fazer outros de maior importancia nas peças: *D. Rodrigo, Sete Infantes de Lara, Santa Cecilia, Peão fidalgo* e outros.

Em 1844 tomou Emilio Doux conta do theatro do Salitre e **Moreira** alli ficou fazendo os primeiros galans da companhia de que foram tambem fazer parte: o amador Antonio Maria de Assis, que morreu depois como primeiro actor do theatro de D. Maria e casou com a actriz Josepha Soller, de notavel merito, Gusmão, que fôra barbeiro e curioso dramatico, fazendo-se um actor de primeira plana, que morreu no Brazil, Delphina, a distinctissima actriz, Assumpção, o Carreira maneta, um bom comico, a Josephina, que depois casou com o maestro Miró e que hoje vive na miseria, Maria Clara, irmã de Emilia das Neves, Joaquina, caracteristica, etc.

O Vasco e o Reis partiram para o Brazil e lá falleceram.

Sendo n'esta companhia **Moreira** primeiro galan, fez importantissimos papeis nas peças: *Louca de Londres, Orphãs de Valneige, Fidalga no tempo de Napoleão, Mysterios de Londres,* etc.

Em 1846 passou **Moreira** para o theatro do Gymnasio, onde esteve até que, com a commoção politica da Maria da Fonte, a empreza falliu e elle passou novamente para o Salitre, associado com alguns collegas. Foi essa empreza que pela primeira

vez fez representar o *Frei Luiz de Sousa* de Garrett, ensaiado pelo lente do Conservatorio, Cesar Perini de Luca e fazendo **Moreira** o papel de *Fr. Jorge*.

Em janeiro de 1849 entrou **Moreira** para o theatro de D. Maria, d'onde sómente sahiu quando foi reformado. Alli, estreiou-se no galan da comedia em 2 actos *O filho bastardo*. Logo que o governo tomou conta do theatro, **Moreira** foi classificado actor de segunda classe. Entre os seus melhores trabalhos contam-se os que fez nas peças: *Prophecia*, *Gladiador de Ravena*, *Maria Stuart*, *Mulheres de marmore*, *Escala social* e *Joanna a doida*.

O Dr. Luiz da Costa Pereira, quando foi commissario regio, encarregou **Moreira** da direcção e fiscalisação dos ensaios. O seu comportamento no theatro foi sempre digno e exemplar.

Em 1871 deixou **Moreira** o theatro por ter sido reformado com 45$000 réis de ordenado mensal, em attenção ao tempo de serviço prestado, conforme a lei.

Em 1874 e 1876 foi **Moreira** ensaiador do theatro das Variedades, emprezas Parisini e Fernando de Lima. Em 1880 foi no theatro dos Recreios, empreza Emilia Adelaide, director do palco e segundo ensaiador, visto que o primeiro era José Carlos dos Santos.

O actor **Moreira** escreveu tambem e traduziu diversas peças, que se representaram com agrado.

1857 — Nasce em Paris a notavel actriz **Réjane**.

Gabriella Carlota Réju, conhecida por **Réjane**, teve em 1874 o segundo premio de comedia no Conservatorio. É discipula de Regnier.

Debutou no Vaudeville a 25 de março de 1875; passou em 1882 para as Variedades; entrou em seguida para o Ambigu, depois Palais-Royal, voltou ao Vaudeville e ás Variedades e, em 1888, entrou no Odéon, para ainda no mesmo anno voltar ao Vaudeville e Variedades. Ainda tornou em 1890 ao Odéon; passou em 1893 para o Vaudeville ainda outra vez. Em 1895 fez uma magnifica *tournèe* na America.

É uma actriz de grande merito. Tem tido os seus principaes papeis nas peças: *Casa da boneca*, *Madame Sans-Gêne*, *Ma Camarade*, *Odette*, *Clara Soleil*, *Glu*, *Decorè*, *Sapho*, etc.

7

1855 — Inaugura-se com uma recita de amadores o theatro **Oliveirense**, em Oliveira de Azemeis.

É um theatro modesto, feito por subscripção e com auxilio da camara municipal. Tem 160 logares de platéa, 50 de galeria, 12 camarotes de 1.ª ordem e 13 de 2.ª ordem.

1856 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes a actriz **Raphaela Gallindo**, cantando uma aria da opera *Dois Foscari*. Em seguida fez importante papel na magica *A Torre suspensa*, de Silva Pessoa.

Foi por esta actriz **Gallindo** que teve grande paixão e ficou sempre um pouco perturbado das faculdades mentaes, o actor Justiniano Nobre de Faria. Veja-se o dia 8 de janeiro.

8

1502 — **Gil Vicente** representa o monologo do *Vaqueiro* nos paços do Castello, n'uma visitação que fez ao parto da rainha D. Maria e nascimento do principe D. João, terceiro do nome em Portugal.

Foi a primeira obra de **Gil Vicente** e a primeira que em Portugal se representou, estando presente o rei D. Manuel e a rainha D. Beatriz, sua mãe e a Duqueza de Bragança, sua filha, na segunda noite do nascimento do dito principe.

Estando a familia assim junta, entrou **Gil Vicente**, vestido de *Vaqueiro* e recitou o monologo. No fim entraram certas figuras de pastores e offereceram presentes ao Principe.

Por ser coisa nova em Portugal, a rainha velha gostou tanto d'esta representação, que pediu ao auctor que lhe representasse aquillo mesmo nas matinas do Natal, endereçado ao nascimento do Redemptor.

Gil Vicente fez para esse dia outra obra, o *Auto Pastoril Castelhano.*

1844 — Nasce o ensaiador **Leopoldo de Carvalho.**

Começou estudando as primeiras letras no antigo collegio Annaya. As difficuldades com que luctava sua numerosa familia, unicamente sustentada pelo magro soldo de seu pae, o major reformado, José Maria de Carvalho, um liberal ás direitas e um bom velho, que muito estimei, obrigaram **Leopoldo** a começar muito novo angariando os meios de vida, o que lhe roubava o tempo para estudar. Empregou-se modestamente no commercio. Como alli pouco ganhasse e não visse futuro a sorrir-lhe, foi estudar desenho de figura na Academia de Bellas Artes e em seguida aprendeu a gravar em madeira na officina dos Castros. Tendo terminado a unica publicação illustrada, que então havia no genero, o *Archivo Pittoresco,* ficou sem trabalho.

Por este tempo representava como amador em diversas sociedades particulares, ao lado de seu irmão, Ernesto de Carvalho, que era um dos primeiros curiosos da epocha.

N'esse tempo eu e **Leopoldo** eramos inseparaveis. Assistiamos todas as noites a algum espectaculo e, em seguida. passavamos horas esquecidas a fallar sobre arte e artistas Muitas vezes nos surprehendeu o dia quando a discussão era mais acalorada. **Leopoldo** era um apaixonado intransigente da Soller e do Theodorico; eu da Emilia das Neves e do Tasso. Elle era doido pelo Isidoro, eu pelo Taborda. No final das discussões chegavamos sempre a um accôrdo, que o theatro era a melhor coisa d'este mundo e por isso elle fugia do commercio e da gravura, e eu dos jornaes a que me dedicára, para só pensarmos no theatro.

Leopoldo chegou aos vinte annos sem modo de vida e por isso se resolveu a entrar para o Conservatorio, para seguir o curso de arte dramatica, sob a direcção dos professores Duarte de Sá e Alfredo de Mello.

Leopoldo concluiu o curso como discipulo pensionado, e por isso foi obrigado a dar provas publicas no theatro de D. Maria.

A primeira prova realisou-se a 22 de maio de 1867 nas comedias: *O Mealheiro* e *Viagem á China.*

Leopoldo sobresahia nas sociedades de amadores nos centros dramaticos. Em D. Maria apresentou-se n'um galan e n'um vegête. Apezar de applaudido, o jury não o classificou e elle ficou desempregado durante anno e meio, em que passou mil torturas.

Fez durante esse tempo algumas digressões ás provincias, sempre sem resultado vantajoso.

Em 1869 foi escripturado pelo actor Santos para o theatro do Principe Real, onde esteve até 1870, sem se tornar saliente.

Em 1871 foi convidado para a companhia do Gymnasio, e, salvo uma epocha que fez como ensaiador no Porto, no Gymnasio se tem conservado. De simples actor, passou a accumular os cargos de actor e ensaiador e logo depois só o de ensaiador.

Estudando sempre, tem conseguido traduzir innumeras comedias do hespanhol, muitas das quaes teem feito bella carreira.

Como ensaiador tem bastantes aptidões, que muitos artistas teem aproveitado. O Gymnasio, da mesma fórma que tem os seus artistas predilectos, tem o seu ensaiador preferido e com uns e outro lá vae vivendo. São actualmente bem poucos os ensaiadores e, entre tres ou quatro que possuimos de merito. **Leopoldo de Carvalho** é um d'elles.

1852 — Nasce em Lisboa **Julio Howorth.**

Apezar de se ter dedicado ao commercio, a que ainda hoje pertence como guarda-livros do Banco de Credito Nacional, sempre cultivou as letras, collaborando em diversos jornaes e tendo fundado e dirigido os seguintes: *Ensaios litterarios, Rossi* e *Gazeta dos Empregados no Commercio e Industria.*

Para o theatro tem escripto diversas pe-

ças, estreiando-se aos 16 annos com a comedia em um acto *As informações*, que se representou no theatro do Gymnasio para estreia tambem do actor Augusto de Mello.

Para D. Maria escreveu o *lever de rideau*, em verso, *Ça mord;* para o Principe Real os dramas *A mulher pirata* e *Os escravos do trabalho*, este em collaboração com Mendonça e Costa, o aproposito *Camões em Coimbra* e a comedia *O que elle faz... faço eu;* para as Variedades as comedias em um acto *Ratices do mano Antunes* e *As botas do papá;* para a Rua dos Condes a comedia *Alugam-se quartos;* para os Recreios a comedia *Cazem-se, rapazes!;* para os theatros particulares os dramas *A herança do marinheiro* e *A visão do crime*, a comedia *O segredo do Theodoro* e o monologo em verso *Um heroe*.

Para quem só póde escrever nas horas vagas, não tem feito pouco. Algumas das suas peças foram bastante applaudidas, tendo a comedia *O que elle faz... faço eu* dado innumeras representações.

9

1858 — Nasce em Lisboa o escriptor **Antonio de Menezes** (**Argus**).

Que saudades ao lembrar-me d'elle e como ainda se me marejam de lagrimas os olhos ao ter de fallar do meu bom **Antonio**, que estimei como um filho querido e foi por tanto tempo o meu sincero e devotado amigo! Quasi me morreu nos braços, quando ainda estava collaborando commigo em uma peça, em que depois fiz a sua apotheose.

Antonio de Menezes era filho de outro escriptor de merito, Balthasar de Sousa Menezes, que morreu occupando um logar importante em Africa.

De pequeno conheci o **Antonio**, que era intelligentissimo e poderia ter seguido qualquer carreira illustre, se o theatro o não attrahisse por todas as fórmas.

Ainda frequentava o collegio de Barros Proença, a Escola Nacional, então na rua de Santa Martha, quando me manifestou enormes desejos de aproveitar o pouco francez que sabia, para traduzir uma comedia. Dei-lhe uma que elle traduziu d'um dia para o outro e que logo se representou no theatro do Principe Real com o titulo *Um Tartufo*. A comedia agradou e elle ficou doido de alegria.

Appareceu-lhe outra aspiração, escrever para os jornaes. Por iniciativa de um seu parente entrou para o *Jornal da Noite*, dirigido por Teixeira de Vasconcellos.

D'ahi por deante, como se adivinhasse o pouco tempo que lhe restava de vida, começou desesperadamente e sem descanço a collaborar em diversos jornaes, fazendo diariamente as gazetilhas do *Jornal da Noite* e do *Diario Illustrado* e a trabalhar incessantemente para o theatro em originaes, imitações e traducções.

Não deixaria obras de vulto, mas deixou obras com que o publico muito se divertiu e passou horas bem alegres. Deixou obras em que revelou muito talento e muitissima graça.

Com o pseudonymo **Argus** firmou muitas gazetilhas que hoje formam um bello volume com o titulo *Tantans*.

No theatro teve duas revistas festejadissimas: *Tutti-li-mundi* e *Et cætera e tal*. Escreveu outras duas: *Pim pam pum* e *Antonio Maria* e collaborou n'outra *O Juizo do Anno*.

Agradaram muito as suas peças populares *Zé Povinho*, a parodia da *Muscotte*, a *Questão dos chouriços* e outras.

Antonio de Menezes era um coração de ouro e um caracter finissimo. Tinha innumeros amigos, que elle divertia com a sua conversa animada e graciosissima.

Nos jornaes gostava por vezes de tomar á sua conta algumas personalidades, sem intenção de offensa, mas para se divertir. Houve epocha em que o seu alvo era a illustre escriptora D. Guiomar Torrezão.

Aconteceu que, entrando com alguns amigos, em certa noite, n'um camarote do theatro dos Recreios, estava n'outro camarote ao lado D. Guiomar Torrezão. Esta senhora, alludindo ao queixo comprido que

tinha o **Menezes**, não poude conter-se que não exclamasse:

— Olha o *Queixada!*

Os amigos de **Menezes** fizeram-lhe notar a alcunha e elle, sem se alterar, como era tambem repentista, improvisou:

«Tu chamaste-me *Queixada,*
«Eu com isso não me escamo!
«Se tu soubesses, coitada,
«O que eu ás vezes te chamo!

Uma terrivel tisica de laringe matou **Antonio de Menezes**, n'uma casa da rua de S. Bento, no dia 17 de dezembro de 1884, tendo ainda na vespera escripto uma magnifica gazetilha sobre a proxima abertura das Côrtes, e no proprio dia emendado uns *couplets* para a peça em que estava collaborando commigo e *Pan-Tarantula.*

O seu enterro foi uma imponente manifestação de saudade.

1875 — A Opera-Comica de Paris festeja a 900.ª representação do *Dominó noir.*

10

1580 — Morre o grande poeta **LUIZ DE**

CAMÕES.

Não é para aqui fallar largamente d'este notavel portuguez, illustre entre os mais illustres, e que, como escriptor, resume em si uma litteratura inteira.

Quero apenas deixar mencionadas tres comedias suas, *El-Rei Seleuco, Os Amphitriões* e *Filodemo,* que estão impressas nas suas obras e que teem o cunho do grande poeta.

1827 — Nasce em Lisboa **João Carlos Massa.**

Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, era advogado em Lisboa, onde tambem exerceu o cargo de syndico do hospital de S. José.

Collaborou em diversos jonaes e publicou algumas obras e artigos importantes.

Para o theatro escreveu. que me conste, tres peças: *Quem desdenha quer comprar,* em 1 acto, que se representou no theatro Academico de Coimbra: *Um logro na casa do bilhar,* comedia em 3 actos, que se representou no theatro de D. Maria; e ainda o drama em 3 actos, *O Trovador,* que deixou inedito.

1867 — Nasce na Alhandra o actor **Antonio Salvador.**

É filho do talentoso escriptor dramatico e emprezario theatral Salvador Marques.

Antonio Salvador Marques da Silva começou representando como amador em diversas sociedades de que faziam parte tambem os filhos dos actores Antonio Pedro, Pereira e Lima.

Entrou como discipulo para o theatro da Rua dos Condes, empreza de seu pae, em 1889. Passou d'alli já escripturado para o Principe Real e ultimamente para o Avenida.

Tem um feitio comico e extravagante de que tira partido n'alguns papeis, principalmente em typos das revistas do anno. Caracterisa-se bem. Na ultima epocha sobresaiu nas peças *Regimento Vermelho, Casamento escandaloso* e *Carapuça.*

É um bohemio na extensão da palavra, o que lhe prejudica a carreira; mas tem a grande qualidade de ser bom filho e bom irmão.

1880 — Inauguração do theatro **Luiz de Camões**, na calçada da Ajuda em Belem, pela companhia Soares.

Diversas tentativas se tem feito de sustentar alli modestas companhias; mas sempre sem resultado.

11

1809 — Nasce em Lisboa **Rodrigo Felner.**

Era um escriptor correctissimo e de vasta erudição.

Na edade de 3 annos foi com sua familia para o Rio de Janeiro e d'ahi, em 1816, para o Maranhão. Em 1824 regressou a Lisboa e aqui completou os seus estudos de instrucção secundaria. Foi primeiro official do Thesouro, cavalleiro da Conceição, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, do Conservatorio Real de Lisboa, da Associação Maritima e Colonial, collaborador effectivo do importantissimo jornal *O Panorama*, Secretario da Inspecção Geral dos theatros e do Conservatorio da Arte Dramatica, Inspector dos theatros, Vogal da Commissão Inspectora do theatro de D. Maria, Membro do jury encarregado da classificação dos artistas dramaticos, Censor regio do theatro de D. Maria, etc.

Foi elle que redigiu a *Memoria offerecida ao ill.mo e ex.mo sr. Visconde de Oliveira pela Sociedade dos Artistas do theatro de D. Maria II.*

Não me consta que deixasse peça alguma original o distincto escriptor **Rodrigo José de Lima Felner**; mas deixou magnificas imitações e traducções do italiano, francez e hespanhol, que foram applaudidissimas nos nossos principaes theatros, entre ellas as seguintes: *O amigo martyr, Nabuchodonosar, O homem do mundo, O Regente, É meu primo, Gisella, O Vampiro, Os empyricos de algum dia, Os roes de divida, O Templario, O villão em casa de seu sogro, Quem tem mazella tudo lhe dá n'ella, Innocencia e calumnia, Belizario, A rosa amarella, Gato por lebre, Pae da actriz, Tres ginjas, Uma entalação, O cego, A burra, As parvoices*, etc.

Nos ultimos annos da sua vida, **Rodrigo Felner** era visto passeiando todas as tardes na Praça de D. Pedro, com o actor Theodorico, de quem era muito amigo.

1844 — Nasce a actriz **Maria das Dores.**

Filha de uma costureira do theatro de D. Maria, alli se creou, entrando em scena quando as peças exigiam papeis de creança. Logo que cresceu começou representando no mesmo theatro pequenos papeis de generos diversos sem que o publico a notasse. Com a morte de umas actrizes e sahida de outras do theatro normal, **Maria das Dores** começou tendo melhores papeis, a ponto de substituir a talentosissima Manuela Rey n'um dos seus melhores papeis, a *Mulher que deita cartas.* Se ahi não poude ainda distinguir-se, teve ensejo de o fazer na *Pena de Talião, Cysterna d'Albi, Bertha a flamenga* e ainda n'outras peças.

Em 1869 foi contractada para o theatro do Gymnasio pela empreza Lacerda, Machado & C.ª e ahi já teve ensejo de mostrar maior valor. Afastou-se depois da scena até que, em 1872, voltou para o Gymnasio, collocada como primeira ingenua, ao lado de Emilia dos Anjos, Margarida Cruz, Maria Adelaide, Polla, João Rosa, Augusto Rosa, Pinto de Campos, etc.

N'uma campanha injustissima, de que tenho a penitenciar-me por n'ella ter entrado, ao lado de Teixeira de Vasconcellos, Gervasio Lobato, Rangel de Lima, Pedro Vidoeira, Salvador Marques, Coutinho de Miranda, Maximiliano d'Azevedo e outros, para se atacar sem dó nem consciencia a empreza Santos & C.ª, que funccionava em D. Maria, tratavamos por todas as fórmas de elevar o theatro do Gymnasio e os artistas alli contractados. Tratámos, pois, de elevar ás nuvens a ingenua **Maria das Dores** a proposito de todos os papeis que fazia e até dos que não fazia. Deu-se a scisão no nosso partido, que se dividiu entre a **Maria das Dores** e a Margarida Cruz. Por fim acabámos todos por concordar que as melhores estavam em D. Maria e eram a Virginia e a Amelia Vieira.

Ainda assim devemos confessar que **Maria das Dores** teve no Gymnasio papeis em que foi muito feliz, entre elles a *Avó, Filha unica, Orphã de Aldoar, Como se enga-*

nam mulheres, *Familia Mongrol*, *Lazaristas*, etc.

Maria das Dores uniu-se ao actor Polla, com quem depois casou. Com elle fez varias digressões ás provincias e Brazil, onde sempre agradou, e por fim foram para o Principe Real, onde ella ainda hoje se conserva, fazendo damas centraes e caracteristicas.

Pelo menos devemos confessar que **Maria das Dores** tem sido uma utilidade no theatro. Se melhor carreira não fez, deve o á figura um pouco acanhada e á voz aflautada, que a prejudicaram sempre. Merito relativo ninguem lh'o póde contestar.

1870 — Estreia-se no theatro do Gymnasio, na comedia em 1 acto *As informações*, original de Julio Howorth, o actor **Augusto de Mello**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 13 de julho.

12

1870 — Nasce no Algarve a cantora portugueza **Maria Judice da Costa**.

Foi discipula do professor de canto Melchior Oliver.

Estreiou-se com muito agrado n'um concerto promovido pela imprensa a favor das victimas do incendio do theatro Baquet.

Foi depois estudar para Italia e estreiou-se em S. Carlos em 1890 na *Gioconda*, fazendo a Cega. Foi recebida com enthusiasmo. Fez depois tambem com agrado o *Rei de Lahore*. Continúa percorrendo com bastante exito as diversas scenas lyricas do mundo.

No theatro lyrico do Rio de Janeiro foi recebida com as maiores manifestações de agrado.

1880 — Nasce a actriz **Rosa Paes**.

Era quasi uma creança quando começou a representar nas sociedades de curiosos.

Vi-a trabalhar pela primeira vez n'uma *matinée* dada por amadores no theatro D. Amelia.

Contractei-a logo para o theatro da Trindade, onde se conserva ainda hoje.

A peça phantastica *A fada do amor* foi a que serviu para a sua estreia e logo ahi mostrou aptidões.

Com pouco mais de tres annos de theatro já tem trabalhado muito e conseguido muitas sympathias. É graciosa e principalmente alegre e viva em scena, o que quasi sempre captiva o publico.

Com o seu valor relativo poucas actrizes terão conseguido tanto em tão pouco tempo.

Na opereta ou na comedia tem o seu logar e, estudando, póde tornar-se bem util ao theatro.

1881 — Inaugura-se o modesto theatro do **Barreiro** com a representação da peça sacra de Braz Martins, *Gabriel e Lusbel ou o Thaumaturgo*, vulgo *Santo Antonio*.

13

1846—Representa-se pela primeira vez, no theatro nacional de D. Maria, o drama em 5 actos, **A Madresilva**, original de Mendes Leal Junior.

A peça, posto que agradasse em geral ao publico, teve asperas censuras da critica. Os melhores actos eram o primeiro e o quarto. A linguagem era por vezes affectada, as situações falsas, e personagens havia perfeitamente dispensaveis na acção. Eram estes os principaes defeitos apontados pela imprensa.

Do notavel escriptor José da Silva Mendes Leal Junior hei de tratar na data do seu nascimento, a 18 de outubro.

1852 — Inauguração, no theatro da Rua dos Condes, da empreza **Carreira** e **José Vicente**.

Carreira era o antigo actor maneta, **José Vicente** era o dono de um guarda roupa que existiu por muito tempo no largo do Calhariz.

Esta empreza estreiou-se com o drama em 3 actos *Lisbeth ou a reparação*.

O ensaiador da companhia era o actor Victorino Cyriaco da Silva.

Maestros eram Rodrigues Cordeiro e Valuchi.

D'esta companhia fizeram parte: Cesar de Lima, Antonio José Mendes, Nunes, Florindo, Gonçalves, Caetano, José Carlos dos Santos, Queiroz, Adelaide Douradinha, Marianna Barral, Francisca Queiroz, Maria da Piedade, Victorina e Maria Luiza Fialho. Tambem se esteiaram em papeis de creança Carlota Vellozo e Maria da Luz Velloso.

Do Salitre sahiram para entrar n'esta companhia: Lobão, Rollão, Franco, Carreira, J. Ferreira, Joaquim Bento, Maria Izabel, Maria Emilia, Ludovina e Guilhermina Gazzaniga.

Do Brazil veiu o actor Areias.

Esta empreza acabou em fevereiro de 1853.

1868 — Primeira representação da opera burlesca **O Barba Azul** no theatro da Trindade.

Esta opera, com musica de Offenbach e libreto traduzido por Francisco Palha, marcou uma epocha de prosperidade para o theatro da Trindade.

Francisco Palha, director technico do theatro, vendo o successo que o actor Santos obtivera com a *Grã-Duqueza de Gerolstein* no theatro do Principe Real, tratou de lhe seguir as pisadas, abandonando o genero dramatico.

O Barba Azul a principio foi recebido com certa frieza e até com provas de desagrado; mas, teimando-se com a peça, ella chegou a fazer uma bella carreira em diversas epochas.

A distribuição primitiva da peça foi a seguinte:

Barba Azul, Queiroz; *Rei Bobeche,* Izidoro; *Conde Oscar,* Joaquim de Almeida; *Popolani,* Leoni; *Principe Saphir,* Brazão; *Alvarez,* Lima; *Carlota,* Anna Pereira; *Rainha Clementina,* Delphina, *Princeza Hermia,* Rosa Damasceno.

D'estes distinctos artistas já falleceram quatro: Izidoro, Leoni, Lima e Delphina. Dos cinco restantes estão no theatro de D. Maria tres: Brazão, Rosa Damasceno e Anna Pereira; um na Trindade, o Queiroz

e outro no Gymnasio, o Joaquim d'Almeida.

1887 — Morre no Porto **Apollinario de Azevedo.**

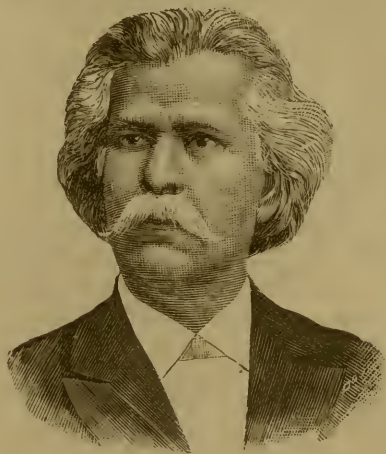
D'este actor-ensaiador-escriptor-photographo-jornalista-commissario-emprezario, etc., fallarei na data da sua estreia no Gymnasio, a 5 de outubro.

14

1812 — Inauguração do theatro de **S. João** da Bahia com o drama *A Escoceza.*

Este theatro, n'uma situação magnifica, foi construido de 1809 a 1812. É cheio de defeitos; mas, ainda assim, vantagens houve na sua edificação, porque só ha pouco pensaram em reformal-o, do que estava precisado. Muitas companhias portuguezas alli teem trabalhado com vantagem.

Ha annos que este theatro tem sido prejudicado pela concorrencia do theatro Polytheama, que quasi todos os emprezarios preferem pelo maior rendimento e condições de commodidade para o publico.

1839 — Nasce em Campinas, no Brazil,

o notavel maestro **CARLOS GOMES.**

Tendo manifestado desde creança grande disposição para a musica, **Antonio Carlos Gomes** seguiu em 1859 para o Rio de Janeiro, onde se matriculou no Conservatorio. Logo se tornou conhecido pelas suas

composições sacras e profanas e principalmente pela *Noite no Castello*, que se representou na Opera Nacional com grande exito. Em 1863 compoz a opera *Joanna de Flandres*, que impressionou por tal fórma o Imperador, que immediamente proporcionou a **Carlos Gomes** os meios de se ir aperfeiçoar em Italia. Foi, pois, matricular-se no Conservatorio de Milão.

Em 1870 fez representar no theatro Scala com enorme successo o *Guarany*.

As principaes operas de **Carlos Gomes** são: *Guarany, Fosca, Salvador Rosa, Maria Tudor, Escravo* e *Condor*.

Posto que seja ainda o *Guarany* a mais popular e festejada opera do notavel maestro brazileiro, alguns criticos collocam acima d'ella a *Fosca* e outros preferem, pela fórma por que foi tratado o elemento dramatico, o *Escravo*.

Do notavel maestro apenas foi ouvido em Portugal o *Guarany*, que se cantou em S. Carlos em 1880, interpretado pelos distinctos cantores Herminia Borghi-Mamo, Tamagno e Pandolphini.

Carlos Gomes seguiu sempre a pura escola italiana, em que foi educado e para a qual o chamava a sua fogosa inspiração.

Victima de horrivel enfermidade, falleceu, depois de dolorosa agonia de mezes, na cidade de Belem, do Pará, na casa n.º 59 da travessa Quintino Bocayuva, a 16 de setembro de 1896.

Desde muito tempo que era esperado o desenlace fatal ao terrivel soffrimento que atormentava o genial artista; todavia a triste nova echoou no mundo inteiro como uma verdadeira perda artistica. O mais inspirado estro musical brazileiro emmudecera para sempre. Do mundo artistico desapparecera uma das suas mais pujantes organisações. A propria Italia chorou a falta do filho adoptivo, que tanto a ennobreceu como discipulo dilecto d'aquella grande escola d'arte.

Da grande dedicação dos paraenses pelo illustre maestro, honra das artes brazileiras, posso dar testemunho, porque alli estava quando **Carlos Gomes** se acolheu áquella terra hospitaleira para lá soltar o seu ultimo suspiro.

15

1727 — Nasce em Avignon **MADAME**

FAVART.

Maria Justina Benta Durouceray era filha d'um musico da capella real. Em 1744 estreiou-se ella em Paris com grande successo n'uma peça intitulada *As Festas publicas*, por occasião do primeiro casamento do Delphim. No fim d'este anno **Mademoiselle Durouceray**, conhecida no theatro por **Mademoiselle Chantilly**, desposou o sr. **Favart**, que seguiu com ella para Bruxellas, a fim de dirigir os espectaculos d'aquella cidade.

Madame Favart alliava a um talento superior uma esmerada educação artistica e litteraria. Alcançava por este motivo egual successo declamando, cantando ou dançando.

Voltando a Paris, **Madame Favart** estreiou-se no Theatro Italiano a 5 d'agosto de 1749. Não havia memoria de exito tão completo. D'ahi em deante foi de triumpho em triumpho; todos os generos lhe eram faceis e em todos brilhava egualmente. Pasmava-se de a vêr representar n'uma noite em quatro differentes peças e com todo o brilhantismo quatro papeis diametralmente oppostos e muitas vezes em diversos idiomas! Foi tambem **Madame Favart** a primeira a vestir rigorosamente, conforme os costumes das epochas e as condições dos personagens.

Em 1771, contando apenas 44 annos de edade, deixou de existir essa artista superior, que figura como um dos primeiros vultos na historia do theatro francez.

1875—É destruido pelas chammas o théatro da Trindade do Porto. Felizmente o incendio declarou-se depois de terminar o espectaculo, o que fez com que não houvesse victimas. Tinha-se n'essa noite representado com uma enchente real a magica *A Pata de Cabra.*

Este theatro estava edificado ao cimo da rua de D. Pedro, no sitio chamado *Cancella Velha*, em frente da rua Formosa. As trazeiras davam para a rua do Laranjal.

A construcção do theatro era elegante; a sala era vasta, tendo tres ordens de camarotes, amplos *fauteuils* almofadados, além dos logares inferiores. Tinha largos corredores, um bello atrio, tendo á esquerda um espaçoso botequim e á direita bilhares e tabacaria. O palco era grande, com um pateo ao fundo e á direita um annexo com muitos e bons camarins.

Foi edificado por uma sociedade gerida por Antonio Paes da Silva.

A companhia, que pouco tempo funccionou, porque o theatro pouco tempo durou, teve dois ensaiadores: Romão Antonio Martins e Francisco da Costa Braga; era maestro Alves Rente, e machinistas João d'Amil e Luiz Vieira. Dos artistas lembro-me que estiveram alli escripturados: Josepha d'Oliveira, Maria do Carmo, Carlota Velloso, Maria da Luz Velloso, Virginia Simas, Marianna Rochedo, Pepa Ruiz, Miguel Verdial, Gil (Pae), Portugal, Diniz, Silva (Presilhas), Joaquim Bento, Taveira, Samuel, Salazar, etc.

16

1818—Nasce em Paris o illustre maestro **Charles Gounod.**

Depois dos primeiros estudos na terra da sua naturalidade, onde obteve os primeiros premios, partiu para Italia, onde esteve até 1843.

Começou as suas composições por musicas sacras e, regressando a Paris, foi durante seis annos mestre de capella na egreja das missões estrangeiras.

Protegido pela notavel cantora Paulina Viardot, conseguiu que fossem cantadas as suas operas.

O seu maior successo universal foi o *Fausto* e depois *Romeu e Julieta.*

Tem, entre outras, as operas *Sapho, Philemon e Baucis, Freira ensanguentada, Mireille, Rainha de Sabá* e *Cinq Mars.*

Gounod morreu a 18 de outubro de 1893.

1842—Nasce em Orvieto (Italia) o maestro **Marino Mancinelli.**

Compositor distincto e eximio director de orchestra, depois de ter sido festejadissimo em Italia, Hespanha e Portugal, fez-se emprezario, partindo para o Rio de Janeiro com uma companhia de primeira ordem. Alli mal lhe correram os negocios, principalmente por causa do pessimo cambio e, vendo-se perdido, faltou-lhe a coragem e deu um tiro nos miolos, morrendo instantaneamente, em 1894.

1843—Representa-se pela primeira vez no theatro nacional da Rua dos Condes, a comedia em 5 actos **O Pae da actriz,** traducção de Rodrigo Felner da comedia franceza *Le père de la débutante.*

A traducção d'esta peça, em que se passou para Portugal a acção e os caracteres, valeu os maiores louvores da critica e applausos do publico a Rodrigo Felner.

A sociedade de artistas notaveis que a representou teve tambem os maiores encomios, principalmente o ensaiador, o eximio actor Epiphanio.

No desempenho sobresahiram Sargedas, que fazia incomparavelmente o pae da actriz, ao que assisti mais tarde no theatro de D. Maria e Rosa (Pae) que representava a parte de auctor dramatico.

1845—Nasce na Bahia **João José de Brito.**

Com pequena cultura instructiva, tem revelado muito merecimento nos seus escriptos. É official da bibliotheca publica da

sua terra e, no tempo do imperio, foi deputado provincial, manifestando dotes oratorios.

Escreveu tres dramas originaes com os seguintes titulos: *Rogerio, Octavio* e *Amor fatal.*

1868 — Nasce em Lisboa o actor **Francisco Sampaio.**

Estreiou-se no theatro do Principe Real, em 1 d'abril de 1893, substituindo o actor Julio Vieira, no drama *O Regimento.* Alli esteve durante duas epochas, passando para o theatro Avenida, depois para a Rua dos Condes, empreza de Lucinda Simões, depois com a mesma para o D. Amelia, e ultimamente para o da Trindade, onde tem feito progressos, manifestados nos dramas *A Honra* e *Os dois garotos* e na comedia *Os nossos rendimentos.*

1873 — Morre o actor **Matta,** conhecido pelo **Matta castelhanos.**

Fôra sapateiro e entrára para o theatro do Salitre, passando em seguida para a Rua dos Condes. Foi artista de muito merecimento na sua epocha. Conheci-o muito no final da sua vida e ainda o vi representar com muita correcção, no theatro de S. Carlos, o papel de general no *Gaiato de Lisboa,* n'uma recita dada pelo actor Sargedas.

O seu nome todo era **João dos Santos Matta.**

1885 — Estreia-se no theatro da Trindade, no papel de Gaspar da opereta *Os Sinos de Corneville,* o actor **Costa Lima.**

Tendo ido para o Brazil entregar-se ao commercio, comprou o *Panorama de Portugal* que para alli levára o photographo Henrique Nunes quando lá foi com Taborda. Compoz uma peça de costumes portuguezes intitulada *A Espadelada* e n'ella applicou-o panorama, obtendo bastante dinheiro.

Quando regressou a Portugal, **Costa Lima** representou em Lisboa, no Gymnasio, nas suas peças: *Espadelada* e *Pupillos do escravo,* em que fazia um preto com muito merito. Foi depois ao Porto e no theatro Baquet deu tambem uma serie de espectaculos com as mesmas peças.

Quando regressou a Lisboa entregou-se ao commercio e representava como amador em theatros particulares.

Em 1885 Francisco Palha contractou-o para a Trindade para fazer o *Gaspar* dos *Sinos de Corneville.* Pouco mais fez e foi despedido no fim da epocha.

Nunca mais voltou ao theatro. Quiz fazer-se fazendeiro proximo de Caneças, voltando depois para Lisboa a negociar em moveis usados e acabou por ser associado d'uma casa de espingardeiro na rua Augusta.

Morreu em novembro de 1897.

17

1811 — Nasce em Paris **D'Ennery.**

O fecundissimo escriptor **Adolpho Filippe D'Ennery** começou a sua vida por escrevente de tabellião, passando depois a pintor e jornalista.

Estreiou-se como auctor dramatico em 1831 com a peça *Emilio ou o filho d'um par de França.* D'ahi em diante até á actualidade nunca mais se deixou de representar peças suas em quasi todos os theatros de Paris, das provincias e do estrangeiro. Impossivel é haver auctor mais popular; ninguem como elle conhece o publico para o interessar, para o commover, para o divertir e para o enthusiasmar.

D'Ennery tem feito representar duzentas e dez peças, formando um total de seiscentos e cincoenta e nove actos! Tem abordado todos os generos: dramas, vaudevilles, operas, comedias, revistas, magicas e operetas!

No livro de Jules Martin, intitulado *Nos Auteurs et Compositeurs Dramatiques,* vem uma lista completa e exactissima com as datas das primeiras representações de cada uma das peças de **D'Ennery.** Aqui limitar-me-hei a citar as principaes e de maior successo: *Naufragio da fragata Medusa, A Graça de Deus, A cisterna d'Alby, A*

noite das bofetadas, Dom Cesar de Bazan, Os sete castellos do diabo, A dama de S. Tropez, Maria Joanna, O templo de Salomão, Condessa de Sennecey, Galinha dos ovos de ouro, Judeu errante, O palhaço, A aldeã pervertida, Se eu fosse rei..., *A pastora dos Alpes, A cabana do pae Thomaz, Cabo Simão, Sete maravilhas do mundo, Prece dos naufragos, 500 Diabos, Medico das creanças, Paraizo perdido, A mulher que detesta o marido, Falsa adultera, O cego, Fausto, Cartouche, Naufragio de La Perouse, Historia d'uma bandeira, Prestidigitador, Tomada de Pekin, O lago de Glenaston, Rhotomago, Castello de Pontalec, Filho do cego, Lampada maravilhosa, A avó, Dramas da Taberna, Centenario, Duas orphãs, Volta ao mundo em 80 dias, Causa celebre, Filhos do capitão Grant, Miguel Strogoff, Mil e uma noites, Cid, Martyr, Thesouro dos Radjahs*, etc.

D'Ennery tem, entre outros romances, a *Martyr* e *Duas orphãs*, extrahidos das suas peças.

Com o titulo *Viagens no theatro* publicou em volume as peças escriptas com Julio Verne.

D'Ennery tem a commenda da Legião de Honra e muitas outras estrangeiras.

1827 — Nasce na cidade de Ponta Delgada, capital da ilha de S. Miguel, o distincto escriptor **José de Torres**.

Depois de exercer diversos cargos na terra da sua naturalidade, veiu para Lisboa, onde obteve o logar de primeiro official do Ministerio das Obras Publicas.

Deu largas provas das suas aptidões litterarias como redactor e collaborador de importantes jornaes politicos e litterarios e em diversos volumes que deixou publicados.

Tem logar n'este livro pelas duas comedias que escreveu e se representaram no theatro do Gymnasio, uma em 3 actos, *Tudo no mundo é comedia* e outra em 1 acto, *Já viu o cometa?*

José de Torres falleceu de amollecimento cerebral a 4 de maio de 1874.

1828 — Nasce na Bahia **Constantino do Amaral Tavares**.

Illustre official da marinha brazileira, fez a guerra do Paraguay e exerceu diversas importantes commissões de serviço.

Falleceu na terra da sua naturalidade a 28 de abril de 1889.

Entre muitos trabalhos scientificos e litterarios que deixou, contam-se os seguintes para o theatro, que alcançaram exito: *Elogio dramatico, Saudação allegorica aos Imperadores, S. Gregorio*, drama sacro, *O Conde de Zampieri*, drama, *Os tempos da independencia*, drama historico, *Gonzaga*, drama historico, *O Lucas da feira de Sant'Anna*, drama, e *Um casamento da epocha*, drama.

1848 — Nasce em Marselha o notavel barytono **Victor Maurel**.

Fez os primeiros estudos no Conservatorio de Marselha, passando depois para o Conservatorio de Paris, onde obteve os primeiros premios de canto e opera em 1867.

Estreiou-se na Grande Opera de Paris em 1868, deixando-a em 1869 para ir cantar no Scala, de Milão. Seguiu depois a sua brilhante carreira em Nova York, Cairo, S. Petersbourgo, Moscow, Italia, Londres, etc.

Reentrou na Opera de Paris em 8 de novembro de 1879, cantando o *Hamlet*.

Cantou alli ainda a *Aïda* e o *Fausto* e partiu para Hespanha.

De volta a Paris, em 1883, fez-se director do Theatro Italiano, onde teve grandes prejuizos. Depois de curta *tournée*, entra na Opera-Comica para cantar a *Estrella do Norte* e o *Sonho d'uma noite de verão*.

Depois de diversas *tournées* na Europa e America, em 1894, volta a Paris, creando na Opera-Comica o *Falstaff* e na Grande Opera o *Othello*.

N'estas duas operas lembram-se todos do fanatismo que elle causou no theatro de S. Carlos, quando esteve em Lisboa.

1877 — Morre em Lisboa **José Manuel Alves Junior**.

José Manuel foi um typo popularissimo dos nossos theatros. Ainda que muito ignorante, tinha uma certa perspicacia e da pratica aproveitou alguma coisa para o theatro.

Foi socio de algumas sociedades artisticas, ponto por muitos annos e depois ensaiador dos theatros populares. Tinha uma certa aptidão para metter em scena comparsaria em peças de espectaculo, principalmente em marchas e contra-marchas das velhas magicas.

Tambem se dava como auctor de algumas peças, tendo tido apenas o trabalho de lhes fazer alguns córtes e pequenas substituições. Tinha um grande repertorio antigo, que aproveitava para este fim.

Quando morreu era empregado do escriptorio da empreza *Santos & C.ª*, no theatro de D. Maria.

José Manuel morreu com 53 annos, pois nascera em 1824.

José Manuel tinha um genio excentrico e tratava com mais affabilidade os pequenos do que os grandes.

Tinha de ordinario uma phrase aspera para o emprezario e modos bruscos para os primeiros artistas; mas de cara aberta para coristas e comparsas. Mesmo sendo socio da empreza ou director de scena, ia sempre procurar amores ás ultimas camadas do theatro.

18

1854—Nasce em Saintes (França) **Mauricio Ordonneau.**

Estudou em Versailles e depois em Paris. Tinha 20 annos quando se representou a sua primeira peça.

Tem tido uma brilhante carreira no theatro, onde se tem representado com successo cincoenta e seis producções suas.

Nos theatros de Lisboa e principalmente no Gymnasio e na Trindade muito teem agradado as suas peças: *As meninas Godin*, *Juramento d'amor*, *Princeza Colombina*, *Durand e Durand*, *Noiva dos Girasoes*, *Tio Celestino*, *Roça de Valentim*, *Madrinha de Charley*, *Artigo 214*, *Falote*, etc.

Ordonneau redige as noticias theatraes do jornal *Le Matin*.

19

1845 — Nasce na ilha de S. Miguel o actor **João Augusto Soares Brandão.**

Partiu para o Brazil em 1856, dedicando-se no Rio de Janeiro ao commercio. Em 1862 fez-se actor, estreiando-se no drama *Caravagio* no theatro de S. Januario, que existia na Praia de D. Manuel, d'aquella cidade.

Seguiu depois para os theatros de provincia, ou da *roça*, como se diz no Brazil, e por lá alcançou nome e popularidade durante muitos annos.

A primeira vez que o vi representar no Rio de Janeiro foi em 1892, no theatro Apollo, fazendo um papel de *roceiro* na revista *O Tribofe*, de Arthur Azevedo. Achei-o engraçadissimo e extraordinario de naturalidade; tinha feito um verdadeiro successo n'aquella peça.

Vi-o depois n'outras em que me agradou mais ou menos; mas é injustiça negar-lhe valor, como muitos affirmam que o não tem.

Parte da imprensa e parte do publico acham-n'o exaggeradissimo e classificam-n'o até de palhaço; mas o que é verdade é que tem publico seu e poucos actores no Rio de Janeiro são applaudidos como elle.

Faz umas coisas extraordinarias, mas que ao seu feitio não ficam mal. Enterra o chapéo até ás orelhas, deixa cair as calças, deita para fóra a fralda da camisa, chega a ver-se-lhe a carne, esbogalha os olhos, escancara a bocca, ajoelha, dá pernadas, grita, gesticula exaggeradamente; mas tudo isto que era insuportavel n'outro, n'elle faz-nos rir a valer. De mais a mais improvisa, e por vezes com felicidade.

Eu rio sempre com elle quando o vejo representar a revista, a magica, a opereta ou a comedia; mas rio muito mais quando o **Brandão** toma *pose* e *ares* para soltar uma tirada dramatica! N'essas occasiões é delicioso! E olhem que se não exime a esses papeis; já uma vez representou um dos

mais dramaticos da tragedia *Ignez de Castro!*

1861 — Morre com 33 annos de edade, pois nascera em 1828, o primoroso escriptor **D. José de Almada e Lencastre.**

Dispondo de limitadissimos recursos, poucos terão estudado como elle. A sua dissertação para o concurso á cadeira do Curso Superior de Lettras attesta bem o seu grande valor.

Sob o titulo *O Orador sagrado* publicou um semanario com sermões eloquentissimos e de que se teem valido muitos prégadores de fama.

Foi redactor da *Nação* nos bons tempos em que aquelle jornal era redigido por pennas illustradissimas do partido legitimista, em que **D. José d'Almada** tambem militava.

A sua obra posthuma *Contos sem arte* é de uma singeleza e de um encanto indiziveis. Lembro-me do enorme exito que alcançou logo que foi posta á venda.

Os seus trabalhos para o theatro foram tambem de primeira ordem. Estreiou-se com o drama biblico *A Prophecia ou a Queda de Jerusalem,* que alcançou um verdadeiro triumpho no theatro de D. Maria.

Um dos criticos mais abalisados da epocha escreveu:

«Na aurora esplendida de um talento in«dubitavel, o sr. **D. José de Almada** acaba «de fazer subir á scena, no theatro de D. «Maria, a *Prophecia,* drama que exige esta «saudação, porque tem direito a ella. A «imprensa, prestando homenagem ao man«cebo, que tão auspiciosamente enceta a «carreira dramatica, deve ufanar-se de ter «de registar esta obra na chancellaria das «creações perduraveis, porque ella é, con«siderada litterariamente, um elemento «constitutivo, e, para o seu auctor, um di«ploma authentico que lhe sancciona os «foros de homem de lettras.»

A *Prophecia* foi considerada peça modelo entre o drama moderno e a tragedia classica, o élo entre o *Frei Luiz de Sousa* de Garrett e o *Polyeucte* de Corneille.

O modo por que foi recebida a *Prophecia* collocou **D. José de Almada** n'uma posição litteraria de primeira ordem.

Procurando assumpto ainda em harmonia com o seu plano e as suas idéas religiosas, escreveu em doze dias o drama *Santo Agostinho,* de que fallavam com grande louvor todos os que o leram ou ouviram ler, mas que nunca foi representado! N'aquella occasião não subiu á scena porque a censura dramatica, que então existia, lhe ordenou córtes, a que elle não quiz sugeitar a sua obra, por não concordar com elles. Depois da sua morte terminou a censura; mas ignora-se onde pára o manuscripto.

Entregue quasi completamente ao jornalismo, poucos momentos lhe ficavam vagos; mas esses dedicou-os ainda ao theatro, onde obteve verdadeiros successos com as suas peças: *Casamento singular, Associação na familia, Meia do saloio, Jantar amargurado, Artista, Ambições d'um eleitor, Vamos para Carriche, Lição, Boa lingua* e *Casamento infeliz,* representadas innumeras vezes nos theatros de D. Maria, Gymnasio e Variedades.

Alquebrado pelo trabalho, offendido no intimo d'alma pela grave injustiça da classificação de um concurso, succumbiu quando tanto ainda havia a esperar d'elle.

Os seus amigos erigiram-lhe modesto mausoléo no cemiterio do Alto de S. João, para onde foram trasladados os seus restos mortaes a 24 de julho de 1863.

1874 — Nasce em Lisboa a actriz **Juliana Santos.**

Com a chamada companhia dos Silvas, que percorria as provincias e ilhas, foi estreiar-se na ilha da Madeira, no drama *Vida de um rapaz pobre,* fazendo a parte da pequena *Christina Oyadeck;* entrou depois no *Supplicio de uma mulher* e outras peças, que tinham creanças.

Em seguida fez parte da companhia Taveira, quando visitou os Açores, e com a mesma companhia seguiu para o Porto.

Ahi fez o papel de *Raul* da *Princeza de Bagdad*, o Mez de Dezembro da revista *O Porto por um canudo*, a parte da filha no *Martyr da Victoria*, etc.

Em 1888, contando já 14 annos, estreiou-se no Gymnasio na comedia em 1 acto *A Grammatica*. D'ahi em diante começou agradando mais de dia para dia, especialmente nas peças: *Patifa da primavera*, *Sua excellencia*, *Durand & Durand*, *Alfaiate das senhoras*, *Filha do regedor*, *Por direito de conquista*, *Festa da inauguração*, *Zaragueta*, *Madrinha de Charley*, etc.

Em 1896 fez parte de uma companhia organisada por diversos artistas do theatro de D. Maria para uma *tournée* á provincia e por essa occasião fez com muito agrado diversos papeis na *Martyr*, *Grande Galeoto*, *Bibliothecario*, *Velhos*, etc.

Esta actriz não tem sido aproveitada talvez como merecia. Por vezes estaciona quando podia progredir.

1891 — Morre em Lisboa o actor **Cesar Polla**, de quem já escrevi na data do seu nascimento, a 13 de abril.

20

1887 — Morre o notavel musico da orchestra de S. Carlos, **Augusto Neuparth.**

Filho do mestre d'uma banda de regimento francez, que mais tarde se estabeleceu em Portugal, **Augusto Neuparth** aqui estudou com excellente aproveitamento, tendo por professores Casimiro Junior e Francisco dos Santos, dois musicos distinctos. Depois tornou-se eximio no clarinete, no corne-inglez, no saxophone, no oboé e principalmente no fagote, sob a direcção de seu pae e de Filippe Titel.

Em 1852 **Neuparth** visitou a França e a Allemanha, buscando sempre aperfeiçoar-se na sua arte.

Foi escolhido para primeiro fagote da orchestra do theatro de S. Carlos quando apenas contava 18 annos e fez logo uma figura brilhantissima, merecendo sempre os maiores louvores de todos os regentes.

Entrou para o Conservatorio em 1862 como professor substituto da aula de rudimentos, sendo transferido em 1865 para a aula de instrumentos de palheta, e despachado professor effectivo em 1870 depois d'um concurso brilhantissimo.

Á iniciativa de **Augusto Neuparth** se deve a organisação dos concertos classicos, que foram dirigidos por Barbieri e Colonne.

Neuparth foi secretario do Conservatorio, presidente da Associação Musica 24 de Junho, musico da Real Camara, presidente do Monte-pio Philarmonico, delegado do Conservatorio ao Conselho superior de instrucção publica, proprietario e redactor da revista musical *O Amphion*, professor da Real Academia dos Amadores de Musica, cavalleiro de S. Thiago, de Christo e de Carlos III de Hespanha e proprietario do importante armazem de musica e instrumentos da rua Nova do Almada.

O funeral de **Neuparth** foi concorridissimo, seguindo o prestito a pé até ao cemiterio dos Prazeres.

21

1828 — Nasce no Rio de Janeiro **José Joaquim Vieira Souto.**

Destinara-se de principio á vida militar; mas preferiu ser empregado civil, occupando o cargo de chefe da repartição de fazenda.

Redigiu diversos jornaes importantes; publicou alguns livros elementares e traducções de alguns romances.

Escreveu um drama original em 7 actos, *Ermolai ou o servo russo*, que foi prohibido pelo Conservatorio do Rio por advogar a emancipação dos escravos, o que n'aquella epocha era quasi crime.

Para os theatros de S. Pedro d'Alcantara, Santa Thereza, Gymnasio e S. Januario, traduziu 49 peças, entre as quaes: *Trapeiro de Paris*, *Mysterios de Paris*, *Conde de S. Germano*, *Filho da Noite*, *Doutor Negro*, *Torre de Londres*, *Mulheres de marmore*, *Dama das Camelias*, *Por direito de conquista*, *Medico das creanças*, *Genro do sr. Poirier*, etc.

1839—Nasce o distincto escriptor brazileiro **Machado de Assis.**

É natural do Rio de Janeiro **Joaquim Maria Machado de Assis.** Exerceu a arte typographica, que abandonou para seguir a carreira das letras, onde se tem notabilisado como jornalista, poeta, critico, romancista e dramaturgo.

Foi membro do Conservatorio dramatico do Rio de Janeiro.

Para o theatro escreveu com muito applauso as seguintes comedias: *O caminho da porta*, *O protocollo*, *Os deuses de casaca*, *As forcas caudinas*, *Debaixo de ruim capa...*, *O espalhafato*, *Quasi ministro* e *Tu só tu puro amor...*

Entre muitas peças que tem traduzido, contam-se as seguintes: *A Familia Benoiton*, *Montjoie*, *Anjo da meia noite*, *Barbeiro de Sevilha*, *Supplicio d'uma mulher*, *Pipelet* e *As bodas de Joanninha.*

1854—Nasce no Maranhão (Brazil) a actriz **Apollonia Pinto.**

É filha dos artistas portuguezes já fallecidos, Felicianno da Silva Pinto e Rosa Adelaide Marchy Pinto. D'ambos terei occasião de fallar.

Apollonia estreiou-se no Maranhão, a 21 de junho de 1866, no dia em que completava 12 annos, n'um papel do drama *A Cigana de Paris*, na companhia dirigida pelo fallecido emprezario Vicente Pontes d'Oliveira, muito conhecido e estimado no norte do Brazil.

Continuou a sua carreira no norte e sul, fazendo sempre progressos, a ponto de ser considerada uma das primeiras artistas brazileiras. Hoje está afastada da scena por uma impertinente surdez que a accommetteu.

Desde 1882 tem sido emprezaria em diversas terras do Brazil e por vezes com bastante felicidade, que lhe proporciona o prestigio do seu nome.

Vi-a trabalhar muitas vezes no Rio de Janeiro e em S. Paulo, em diversos theatros e pareceu-me que se tivesse tido uma vida menos accidentada e melhor direcção, poderia ter prestado importantissimos serviços ao theatro brazileiro, tão falto de actrizes de verdadeiro merito.

1871—Nasce em Lisboa **Luiz Vianna Ruas.**

É o marido da actriz Adelina Ruas e actual emprezario do theatro do Principe Real, de Lisboa.

Ficou emprezario desde 1892, por morte de seu pae Francisco Vianna Ruas Junior e de seu tio Julio Ruas, que o foram por alguns annos, desde a morte do pae de ambos o velho Francisco Vianna Ruas, de quem hei de fallar na data da inauguração do theatro do Principe Real, a 28 de setembro.

22

1827—Nasce em Lisboa o popular escriptor **Joaquim Augusto d'Oliveira**, conhecido pelo **Oliveira das magicas.**

Filho do medico de marinha, Joaquim José d'Oliveira Soares, ainda estudou tres annos como aspirante para seguir a carreira de seu pae; sentindo-se, porém, sem vocação para ella, passou para o commercio.

Foi durante muitos annos guarda-livros da companhia de seguros Bonança, que, attendendo aos seus serviços, lhe deu a reforma.

Em Portugal poucos escriptores teem trabalhado para o theatro tanto como elle. Não fazia originaes, mas accommodava magnificamente ao nosso meio e ao nosso idioma qualquer peça de qualquer genero. Ainda ninguem arranjou magicas como elle. São tambem magnificas as suas revistas, operetas, comedias, oratorias, farças e dramas.

Começou trabalhando para o Gymnasio e percorreu depois todos os theatros, sempre com successo.

O seu repertorio é enorme e por isso apenas citarei aqui as suas peças de maior exito: *A Filha do ar*, *Cabo da caçarola*, *Fragata Medusa*, *Lago de Kilarney*, *Cartas do*

Conde Duque, Olho vivo, Somnambula sem o ser, Util e agradavel, Festejos reaes (esta peça representada ao mesmo tempo em quatro theatros), *As Creadas, Lampada maravilhosa, Revista de 1858, Corôa de Carlos Magno, Ave do Paraizo, Loteria do Diabo, Amores do Diabo, Revista de 1865, A Ramalheteira, Corôa de loiro, Favorita do rei, Lenda do Rei de Granada, Dama dos cravos brancos, Má cara e bom coração, Matheus o gageiro, Merediano, Isidoro o vaqueiro, Opio e Champagne, Bloqueio de Sebastopol, Creada ama, Moura encantada, Gata Borralheira*, etc.

Joaquim Augusto d'Oliveira foi dos fundadores da Associação do Theatro das Variedades. Para o theatro do Conde de Farrobo, ás Laranjeiras, escreveu tambem uma comedia *A filha bem guardada.*

No Brazil têem sido representadas quasi todas as suas peças.

1828 — Nasce em Lisboa **José Guilherme dos Santos Lima.**

Seguiu sempre a carreira commercial, mas todas as suas horas vagas dedicava-as ás letras.

Foi collaborador de diversos jornaes; conheci-o escrevendo na *Democracia,* ao lado de Elias Garcia, Gomes da Silva, Caetano Pinto e outros. Deixou um volume de contos e alguns romances publicados no *Archivo Pittoresco.*

Para o theatro escreveu diversas peças, que foram recebidas com muito agrado. Entre ellas, lembro-me: em D. Maria a comedia em 3 actos *Era uma vez um rei!* e o drama em 2 actos *Modesta;* na Rua dos Condes a comedia em 1 acto *Uma mulher por duas horas;* no D. Fernando esta mesma e outra tambem em 1 acto *Rochedos de Constancia;* nas Variedades a comedia *Zizania entre o trigo;* e no Gymnasio a farça *Morte de gallo.*

Santos Lima morreu em Lisboa a 4 de março de 1880.

1830 — Nasce na Bahia **Caetano Alves de Sousa Filgueiras.**

Formou-se em direito pela faculdade de Pernambuco. Foi depois para o Rio de Janeiro, onde estabeleceu banca de advogado e se casou. Foi presidente da provincia de Goyaz.

Estabeleceu-se depois como advogado na Parahyba e alli morreu a 28 de julho de 1882. Pouco antes de fallecer fôra eleito alli deputado provincial.

Redigiu varias folhas, e publicou diversas obras scientificas, litterarias e poeticas, e para o theatro escreveu as seguintes comedias: *Constantino, Lagrimas de crocodilo, A Baroneza de Cayapó* e *Por minha mãe que está cega!* esta traduzida de Giacommetti. São tambem suas as scenas comicas: *O chapeu* e *Ora! bolas!*

1861 — Nasce **Francisco Bruno de Miranda.**

É empregado da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez, redactor effectivo do jornal *O Reporter* e secretario da empreza do Theatro da Trindade.

Foi redactor gerente do jornal *O Portuguez,* fundador do segundo periodo do jornal *Gabinete dos Reporters* e do jornal *A Ribalta,* que dava photographias de artistas e escriptores.

Para serem representadas por amadores compoz as seguintes peças: *A Morgadinha de Bragança,* opereta em 1 acto; *Collegio em Algures,* opereta em 1 acto; *O Campino,* monologo; *Revista da Nogueira,* revista de Azeitão em 1894; *Revista do Olmo,* revista de Azeitão em 1897.

Nos theatros de D. Amelia e Rua dos Condes representou-se uma traducção sua da opereta em 3 actos *La Marjolaine.* No theatro da Trindade representou-se tambem a sua traducção da opereta em 3 actos *La Princesse Colombine;* no theatro D. Affonso, do Porto, a traducção da zarzuela *Os Africanistas.*

Tem já feitos mais os seguintes trabalhos:

Henrique de Navarra, drama em 5 actos; *O Morgado d'Agra de Freimas,* comedia em 4 actos, extrahida do romance de Camillo Castello Branco, *A Queda de um anjo; A Czarina,* opera comica em 1 acto; *Keraban o Cabeçudo,* peça de espectaculo extrahida do romance do mesmo titulo, de Julio Verne.

1864 — Nasce no Porto a actriz **Maria Pia d'Almeida.**

Fez a sua estreia no theatro da Rua dos Condes, a 28 de fevereiro de 1895, na peça de Pailleron, *Os Cabotinos.*

Em maio de 1897 foi representar no theatro do Principe Real do Porto nas comedias *Hotel do livre cambio* e *Tres mulheres para um marido,* em que bastante agradou.

Em seguida tomou parte na *tournée* realisada por alguns artistas do theatro de D. Maria, nos mezes de julho, agosto e setembro. Em diversas terras da provincia representou com muito agrado nas peças: *Marechala, João José, Metter-se a redemptor, Bibliothecario, Medico á força* e *Barcarola.*

Entrou depois **Maria Pia d'Almeida** para societaria da empreza do theatro da Trindade, tendo alli representado com muito agrado egualmente nas peças: *Honra, Bohemia, Martyr, Preciosas ridiculas, Dois garotos* e *Parteira anatomica.*

1875 — Sendo ministro do reino Antonio Rodrigues Sampaio, publica-se n'esta data um decreto nomeando **uma commissão para estudar o estado do nosso theatro** e propôr ao governo os meios de levar a effeito as reformas que a arte dramatica exigia.

Para essa commissão foram nomeados: Conde do Casal Ribeiro, Thomaz Ribeiro, Luiz d'Almeida e Albuquerque, Duarte de Sá, Cascaes, Palmeirim, Ferreira de Mesquita, Cunha Bellem e Julio Cesar Machado.

Escusado será dizer que a commissão nada fez e o governo ainda menos. Em se tratando de theatro portuguez é sempre assim.

1887 — Morre na Bahia **Manuel da Silva Lopes Cardoso.**

Tinha sido fundador e era proprietario e redactor do *Diario de Noticias* da Bahia.

Nascera em 1835 em Portugal, em Fão, concelho de Esposende.

Foi para a Bahia aos 11 annos para a companhia de um tio. Aos 15 annos, morrendo o tio, foi para o Rio de Janeiro.

Esteve durante 10 annos no commercio, fazendo-se depois actor.

Veiu a Lisboa em 1865 com intenção de formar companhia para o Brazil.

Aqui luctou pela vida durante oito annos, ao lado da actriz Gabriella da Cunha De-Vecchy.

Esteve nos theatros do Principe Real, Rua dos Condes e D. Maria.

Apezar de muito intelligente, pela sua figura tacanha e pronuncia affectada, nunca conseguiu agradar em Lisboa.

Traduziu e imitou diversas peças, entre ellas: *Conquistei o Mexico, Christovam Colombo, Filha unica* e *Idéas da sr.ª Aubray,* que muito agradaram.

Voltando para a Bahia com companhia, pouco fez pelo theatro. Teve então a feliz idéa de crear um jornal á imitação do *Diario de Noticias,* de Lisboa, o que fez com que vivesse desafogadamente e morresse em posição satisfatoria.

23

1843 — Nasce no Porto **Antonio Gonçalves Pinto Bastos.**

Aos 13 annos veio para Lisboa como marçano para uma loja de fazendas brancas na rua Augusta. Oito annos alli esteve. As horas vagas empregava as a estudar prestidigitação, que era a sua mania.

D'aquella casa passou **Pinto Bastos** para outra em que tinha mais liberdade e por isso n'ella se podia mais facilmente entregar aos seus estudos.

Por aquella epocha veiu a Lisboa o celebre prestidigitador Hermann. Correu a admiral o **Pinto Bastos** e então, pedindo a demissão do logar que exercia, fechou-se em casa dia e noite, a estudar incessantemente, até que, a 27 de setembro de 1863, se estreiou como prestidigitador portuguez no Circo Price, obtendo grande exito.

A sua segunda sessão foi a 6 de outubro do mesmo anno a beneficio do cofre

da Associação protectora da indigencia. Teve n'essa noite uma completa ovação. A sua terceira sessão foi ainda de caridade, em beneficio do Azylo da Mendicidade e foi para elle a terceira noite de festa.

Acompanhado pelo escriptor dramatico Costa Braga, que tomou o logar de seu secretario, **Pinto Bastos** percorreu as provincias, fazendo bons interesses e sendo muito festejado.

Chegando a Lisboa, tomou de aluguer o theatro das Variedades, reabrindo-o a 4 de fevereiro de 1865 com a magica *Amores do diabo* de J. A. d'Oliveira. A nova empreza caminhou brilhantemente e, n'aquelle velho theatro, **Pinto Bastos**, durante tres annos, poz em scena com grande esplendor, além de outras, doze peças de grande espectaculo, entre as quaes a celebre *Pera de Satanaz* de Eduardo Garrido, que teve magnifica carreira.

Associado com o grande actor Santos tomou **Pinto Bastos** o theatro do Principe Real, onde esperava, como realmente fez, implantar as mais arrojadas idéas de progresso e brilhantismo dramatico.

Essa empreza inaugurou os seus espectaculos a 26 de outubro de 1867 com o drama *João o Carteiro*. Para o elenco da companhia eram indispensaveis os artistas Emilia Letroublon e Antonio Pedro, que estavam já contractados por Francisco Palha para a Trindade. Não hesitou um momento **Pinto Bastos**, que pagou dois contos de réis pela rescisão das duas escripturas.

Em 29 de fevereiro de 1868 **Pinto Bastos** e Santos fizeram subir á scena a opera burlesca *Grã-Duqueza de Gerolstein*, que obteve um dos maiores successos que tem havido em theatros portuguezes e abriu novo caminho para se explorar o genero.

Com a celebre peça deu **Pinto Bastos** espectaculos extraordinarios e concorridissimos no antigo Circo Price e no Palacio de Crystal do Porto.

Em novembro de 1868 foi **Pinto Bastos** agraciado com o Habito de Cristo. A 22 d'esse mez, **Pinto Bastos** e Santos fizeram estreiar no seu theatro a companhia do celebre tragico Ernesto Rossi, que teve em Lisboa um exito colossal.

No fim d'esse anno desligou-se **Pinto Bastos** de Santos e foi explorar o theatro da Rua dos Condes. Abriu a sua epocha com a opera-comica *O Fagulha* de Sá Noronha e a opereta *Dois dias no Campo Grande* de Luiz de Araujo.

D'alli passou para o Circo Price e depois novamente para o Porto.

Em 1870, com o producto de uma tourada promovida a favor de **Pinto Bastos**, por uma commissão de que faziam parte todos os emprezarios de Lisboa, partiu elle para a provincia a trabalhar de prestidigitador, levando comsigo o actor comico Vicente Franco.

Ao regressar, foi convidado **Pinto Bastos** para ir dirigir uma sociedade emprezaria do theatro do Principe Real. Acceitou e fez alli magnificas epochas, pondo em scena revistas, operetas e dramas populares.

Mais tarde voltou ainda á provincia, acompanhado do actor Salazar e da actriz Carlota Velloso, e, ao voltar, tomou o theatro das Variedades, abrindo com o drama militar *Os filhos da republica*. D'ahi a pouco o theatro foi mandado fechar, por ameaçar ruina e lá foi de novo **Pinto Bastos** para a provincia, d'esta vez com o actor Julio Vieira.

De regresso a Lisboa foi **Pinto Bastos** de novo dirigir o theatro do Principe Real, pondo em scena magicas, revistas, operetas e dramas. Foi n'esta occasião que recebeu da empreza da Trindade um conto de réis para lhe ceder a actriz Herminia, que havia pouco chegara do Brazil.

Em janeiro de 1875 contractou a companhia de Paladini, que fez grande successo na primeira epocha.

Por essa occasião fez tambem **Pinto Bastos** contractos especiaes com Emilia da Neves, Rosa (pae), Augusto Rosa, Pinto de Campos, Anna Pereira, a companhia de zarzuela de D. Juan Molina, a companhia italiana de Dominici, a companhia franceza da Preziosi e Maria Denis e a companhia dramatica italiana da Pezzana.

Depois **Pinto Bastos** fez ainda diversas excurções ás provincias e ilhas e actualmente descança da sua vida trabalhosa, em que foi sempre digno e generoso, en-

contrando em paga grandes ingratidões, em que nem sequer falla.

Durante a sua exploração de companhias portuguezas, **Pinto Bastos** teve contractados 5 ensaiadores, dos quaes já morreram 3, José Carlos dos Santos, Alcantara Chaves e José Manuel. Teve 6 maestros, dos quaes já morreram 3, Sá Noronha, Frondoni e Alvarenga.

Fizeram parte das suas companhias 105 artistas, dos quaes morreram já: Emilia das Neves, Emilia Letroublon, Luiza Fialho, Maria Adelaide, Luiza Candida, Maria Joanna, Maria do Céo, Marianna Rochedo, Maria Peres, Luiza Lopes, Gertrudes Amelia, Anna Lanchol, Paulina, Emilia Calegal, Firmina Aguiar, Amelia Menezes, Olympia, Maria da Gloria, Maria Candida, Maria Julianna, Santos, Rosa (pae), Antonio Pedro, Pinto de Campos, Maggiolly, Faria, Pereira, Ribeiro, José Bento, Eduardo, Salazar, Guilherme, Montedonio, Carlos d'Almeida, Abreu, Brandão, Julio Vieira, Lopes Cardoso, Joaquim Bento, Vicente Franco, Torres, Faustino, Diniz, Samuel, Camillo, Appollinario, Soares, Amaro, Pimenta, Gil (pae), Nunes, Aguiar, Murteira, Maldonado, Bernardo Mendonça, Sousa, Mendes e Daniel.

Em tão curto espaço de tempo deixaram de existir 64!

1853 — Representa-se no theatro das Laranjeiras a opera comica **Annel de Salomão**, poema de Mendes Leal Junior, musica do maestro Coppola. Os interpretes foram: Carlota Quintella, Emilia Teixeira de Mello, Joaquina Damasio, Henrique Morley e Conde de Farrobo.

24

1820 — Nasce em S. João de Itaborahy, provincia do Rio de Janeiro, o notavel escriptor brazileiro **Joaquim Manuel de Macedo**.

Era formado em medicina, professor de historia e chorographia no collegio Pedro II, official da Ordem da Rosa, membro do Instituto Historico e Geographico, etc.

Macedo foi inquestionavelmente um dos melhores romancistas brazileiros, do que existem provas na *Moreninha*, no *Moço louro*, nos *Dous amores*, na *Rosa*, na *Vicentina*, no *Forasteiro*, na *Carteira de meu tio*, na *Nebulosa*, nas *Memorias do sobrinho de meu tio*, nos *Romances da semana*, no *Culto do dever*, nas *Mazellas da actualidade*, no *Rio do quarto*, na *Luneta magica*, nas *Victimas algozes*, nas *Mulheres de mantilha*, na *Nina*, no *Noivo a duas noivas*, nos *Quatro pontos cardeaes*, na *Baroneza de amor*, na *Namoradeira*, etc.

Esta pasmosa fecundidade, alliada á correcção e ao extraordinario engenho, davam real valor aos trabalhos do distincto escriptor brazileiro, que tambem se evidenciou como poeta, jornalista e auctor de obras d'instrucção.

Com o mesmo valor e a mesma fecundidade trabalhou **Joaquim Manuel de Macedo** para o theatro.

São suas as seguintes peças, algumas das quaes obtiveram grande exito: *O Cégo*, drama em 5 actos, em verso; *Cobé*, drama em 5 actos, em verso; *O Fantasma branco*, opera em 3 actos; *O primo da California*, opera em 2 actos; *O sacrificio de Isaac*, drama sacro em 1 acto; *O amor da patria*, drama em 1 acto; *A torre em concurso*, comedia em 3 actos; *O livro*, comedia em 4 actos; *O novo Othello*, comedia em 1 acto; *Luxo e vaidade*, comedia em 5 actos; *Lusbela*, drama em 5 actos; *Remissão de peccados*, comedia em 5 actos; *Cincinato quebralouça*, comedia em 5 actos.

Joaquim Manuel de Macedo morreu no Rio de Janeiro, no anno de 1882, deixando grande vacuo na litteratura brazileira.

1839 — Inaugura-se o **Theatro Academico** de Coimbra.

1875—Nasce **Alda Soller**, filha do actor Alfredo Soller e da actriz Silveria.

Estreiou-se **Alda** n'uma companhia modesta que seu pae levou a Benavente, representando a parte de *Clementina* na comedia *Novella em acção*. Em Lisboa appareceu pela primeira vez no Gymnasio, em 1896, representando na comedia *Cadeia perpetua*. Tem continuado a fazer pequenos

papeis, mostrando certa disposição para a scena. Já representou tambem no Porto, Coimbra e Setubal.

1881 — Estreia-se no antigo theatro dos Recreios a **Companhia de operetas** do theatro Principe Real, do Porto.

Era ensaiador d'esta companhia Augusto Garraio e maestro Alves Rente.

A companhia estreiou-se com a opereta *Pompon* de Lecocq.

Os artistas que então mais agradaram, foram: Thomazia Velloso, Amelia Garraio, Delmira Mendes, Irene Manzoni, Firmino, Gama e Foito.

25

1825 — Nasce em Tulle a eximia actriz franceza **Marie Laurent.**

Esta não cursou o Conservatorio; estudou apenas no palco, onde appareceu aos 13 annos. A sua estreia foi na *Fada Carabosse* em Génève. Passou depois a Rouen, Toulouse, Bruxellas, Marselha e finalmente a Paris.

Na grande cidade tem percorrido, com enorme successo e admiração de todos, os theatros: Odéon, Ambigu, Porte Saint-Martin, Gaité, Chatelet, Renaissance, Historique, Vaudeville, Gymnase e Grand-Théatre.

As suas creações são numerosissimas e notaveis, no *Germinal, Erynnies, Miguel Strogoff, Martyr, Noventa e tres, Theodora, Duas orphãs* e em todos os grandes dramas modernos.

É fundadora e presidente do Orphelinato das Artes.

26

1839 — Nasce em Lisboa a actriz **Amelia Virginia de Lima.**

Aos 9 annos entrou para o Conservatorio e d'alli foi como bailarina para o theatro de S. Carlos.

Em 1859 debutou como actriz no theatro da Rua dos Condes, na magica *Os encantos de Medea.* Fez depois, entre outras peças, a *Cruz do Matrimonio* e *Falsos mendigos.*

Em 1870 foi para o Porto, para o theatro Baquet, contractada pela empreza Moutinho de Sousa, representando nos *Lobos do mar, Intimos, Sello da Roda, Fidalgos da Casa Mourisca, Mulher que deita cartas,* etc.

D'ahi em diante conservou-se sempre no Porto. Dotada de uma voz aspera e com uma declamação falsa, nunca poude fazer boa carreira.

1878 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opera comica *Educandas de Sorrento* a actriz **Irène Manzoni.**

N'este theatro fez ainda as operas comicas *Gentil Dunois, Mestre Peronilha, Amar á força, Embaixatriz, Perichole* e *Orpheo nos infernos.*

Irène Manzoni viera para Lisboa contractada para o theatro de S. Carlos, onde se estreiou no *Nabucodonosor,* cantando depois *Maria di Rohan, Baile de mascaras, Dinorah* e *Rigoletto.* Foi depois que seguiu para o theatro da Trindade, a cantar opera comica.

Vamos á sua historia artistica antes de vir para S. Carlos.

Irène Faller Manzoni nasceu em Pago, confins do Montenegro, perto da Turquia, a 17 de maio de 1853, diz ella; mas com certeza não passou de 1843. Estudou em Milão e ahi se estreiou no theatro de Santa Redegonda. Percorreu depois diversos theatros d'Italia. Cantou em Turim o *Barbeiro de Sevilha,* em Bergamo a *Lucrecia Borgia,* em Alexandria o *Rigoletto,* a *Favorita,* o *Ruy Blas* e a *Linda de Chamounix;* foi em seguida para a Grecia, cantando em Athenas a *Lucrecia,* e a *Julieta e Romeu;* foi a Smyrna, e voltou a Milão a cantar a *Lucrecia.* Ahi foi escripturada pelo emprezario Cazella para cantar na Ilha de S. Miguel a *Norma, Trovador, Maria di Rohan, Rigoletto, Favorita* e *Julieta.* Depois d'esta epocha é que veiu para S. Carlos, passando d'este theatro para a Trindade. Aqui gostavam de a ouvir cantar; mas achavam-n'a muito má como actriz.

Foi então para o theatro Baquet do Porto, onde nunca fez grande carreira.

Em 1883 era eu emprezario no Rio de Janeiro. Recebi uma carta do fallecido

jornalista e escriptor portuense Borges d'Avellar, pedindo-me com todo o empenho para contractar a **Manzoni.**

Cahi n'essa asneira, e digo assim, porque será difficil haver outra que faça passar taes torturas a um emprezario. Ella muito pouco valia, mas cantava bem em certos dias e o publico do Rio de Janeiro dava a isso muito valor. Além de tudo, um dos primeiros papeis que fez foi o da opereta *D. Juanita,* de Suppé. Como é sabido, o papel é de um homem que se disfarça em mulher. O feitio e os modos da **Manzoni** eram de um homem; adaptou o papel á sua individualidade e conseguiu agradar devéras. Logo que se viu precisa, não houve coisa alguma que não fizesse para prejudicar a empreza, a ponto que tive de lhe dispensar os serviços. Verdade seja que quasi sempre procedia inconscientemente; a toda a hora do dia e da noite bebia cognac e vinho do Porto. O cognac principalmente era a sua bebida predilecta, a ponto de lhe transtornar o juizo e inutilisar-lhe a voz. O publico já não a conhecia por **Irène Manzoni,** mas sim por *Marie Brizard,* nome da celebre fabricante do melhor cognac.

Passados tempos, julguei-a emendada, por se achar em más circumstancias, e contractei-a de novo. Fez-me muito peior. O tolo fôra eu.

D'ahi a pouco deixou de representar por já o não poder fazer e por não haver quem a aturasse. Quando ultimamente voltei ao Rio de Janeiro, era ella costureira de roupa branca. Bebia talvez menos, mas tomava mais rapé.

27

1791 — N'esta data já a **Comedie Française,** nos seus annuncios, prevenia o publico que se acautellasse com os contractadores, que compravam de manhã os bilhetes para á noite os venderem mais caros.

D'este annuncio deprehendem se duas coisas: a primeira é que já n'esse tempo havia os contractadores de bilhetes, de que o publico ainda hoje se queixa; a segunda é que tambem já n'essa epocha se faziam bons *réclames,* pois outra coisa não era declarar que os bilhetes se vendiam todos de manhã, e á noite só com agio. Provavelmente ninguem censurava a **Comedie Française** por chegar a braza á sua sardinha. Se fosse em Portugal e na actualidade... credo! o que não diriam os *Catões!* Hoje não se faz arte, mas grita-se contra os que trabalham.

1880 — Morre o actor **José Bento,** de quem fallarei na data da sua estreia, a 4 de dezembro.

28

1888 — Estreia-se com uma companhia de zarzuela, na *Cadiz,* no Real Colyseu, a actriz **Florentina Rodriguez,** de quem tratarei na data do seu nascimento, a 25 de julho.

29

1634 — Morre o franciscano **Fr. Boaventura Machado,** mais conhecido por **Simão Machado.**

Era natural de Torres Novas e professou a regra de S. Francisco no convento de Barcelona.

José Maria da Costa e Silva, ao fallar d'elle, escreveu:

«**Simão Machado** foi um genio eminentemente dramatico, egual a Gil Vicente na facilidade do dialogo e muito superior a elle na contextura dos dramas, na variedade dos lances e no desenho e desempenho dos caracteres. As comedias de *Alphea* executadas por bons actores e decoradas com o necessario apparato por machinistas habeis e boas pinturas, ainda hoje seriam mui applaudidas no theatro como dramas magicos. Foi na verdade uma desgraça para a scena portugueza que elle a abandonasse tão cedo para metter-se a frade.»

D'elle só restam conhecidas: *Comedias do Cerco de Diu* (1.ª e 2.ª partes), *Comedias da Pastora Alfêa* (1.ª e 2.ª partes), dois entremezes e quatro loas.

Estão todas estas obras impressas com o titulo: *Comedias portuguezas feitas pelo excellente poeta Simão Machado.* Em Lisboa, por Antonio Alvares, 1631. É um volume em 4.º

1863 — Nasce o actor **Pato Moniz.**

A primeira vez que representou **Nuno Alvares Pereira Pato Moniz** foi na ilha da Madeira no drama *Alfageme de Santarem*, em 1885.

No anno de 1887 esteve escripturado no theatro Baquet, do Porto, na empreza de Perry & C.ª

Em 1888 representou em Lisboa no theatro da Avenida, passando depois para o Principe Real, onde se conserva ainda hoje, tendo já ido por mais d'uma vez ao Brazil com a sua companhia.

Pato Moniz tem feito ultimamente importantes papeis dramaticos n'um longo e violento repertorio e tem conseguido agradar bastante ás platéas populares.

Tem realmente valor e dotes que o tornam preciso no theatro dramatico.

30

1793 — Inauguração do theatro de **S. Carlos** de Lisboa com a opera *La ballerina amante*, de Cimarosa.

Esta opera foi cantada pelo tenor Guariglia, pelo baixo buffo Marchesi e pelos sopranistas Caporalini, Cavanna e Olivieri.

N'este tempo era expressamente prohibido que as mulheres representassem ou cantassem nos nossos theatros. Assim o tinha determinado um estupido decreto da rainha D. Maria I.

Os papeis de mulheres eram, pois, desempenhados pelos sopranistas, ou homens a quem tinham supprimido os orgãos sexuaes para impedir o desenvolvimento da larynge e o engrossamento da voz.

Os sopranistas ou castrados chegaram a ser uma industria no mundo inteiro, pois eram ouvidos nas primeiras scenas lyricas com grande enthusiasmo e admiração. Os mais notaveis que existiram foram: Caffarelli, Farinelli, Guadagni, Crescentini e Velluti.

Caffarelli cantou em Lisboa no grande theatro da Opera do Tejo, que foi destruido pelo terremoto de 1755.

Crescentini, que esteve no theatro de **S. Carlos** e d'elle foi emprezario, chegou a ter tal prestigio nos *dillettanti* portuguezes, que sustentou grande e prolongada lucta partidaria com a celebre cantora Catalani.

O theatro de **S. Carlos** foi mandado construir pelos negociantes e capitalistas Joaquim Pedro Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral, Jacintho Fernandes Bandeira, Antonio Francisco Machado, João Pereira Caldas e Antonio José Ferreira Solla.

Foi Joaquim Pedro Quintella quem cedeu o terreno para a edificação, com a condição de ter a propriedade para si e seus descendentes de um grande camarote na ordem nobre (antigamente 2.º *andar das forçuras*, hoje 1.ª ordem) junto ao proscenio, com varias salas dependentes e entrada particular e independente para a rua. Este grande camarote, que, por morte do Conde de Farrobo, foi vendido em hasta publica, comprou-o el-rei D. Fernando. Ultimamente foi tambem vendido em leilão, comprando-o a Condessa d'Edla, viuva de el-rei D. Fernando, a qual o mandou dividir em dois pequenos camarotes, um para seu uso e outro para alugar. Triste lembrança de pessoa tão abastada!

O risco do theatro de **S. Carlos** foi do architecto José da Costa e Silva, copia do theatro de S. Carlos de Napoles, que ardeu a 13 de fevereiro de 1816. A inspecção das obras foi dada a Sebastião Antonio da Cruz Sobral; o mestre das mesmas obras foi Joaquim Pereira.

O intendente Pina Manique, com o seu fino gosto e vontade de ferro, muito e muito auxiliou a rapida e economica construcção do bello edificio, removendo todas as difficuldades que appareciam e facilitando a acquisição de bons operarios por modicos preços, a chegada de materiaes necessarios, etc.

As obras começaram a 8 de dezembro de 1792 e foram concluidas dentro de seis mezes! Chega a pasmar-se de que tal se conseguisse.

O custo do edificio, incluindo os trabalhos do aterro do Picadeiro, o paredão da rua do Outeiro e largo de S. Carlos, foi de 165:845$196 réis!

Quanto não custaria hoje, se em tal se pensasse!

Em 1854 o governo indemnisou os herdeiros dos edificadores com a quantia de 50 contos nominaes em inscripções, que era, pouco mais ou menos, o que elles tinham a receber de saldo por um contracto especial com a Casa Pia, e ficou o edificio pertencendo ao estado. Verdade seja que este já tem gasto até agora mais de 100 contos em obras.

O theatro tomou o nome de **S. Carlos** em honra da princeza D. Carlota Joaquina.

A primeira empreza que tomou conta do theatro e o inaugurou foi de Francisco Antonio Lodi, associado com André Lenzi, de 1793 até 1799.

Depois, por uma unica epocha, passou para os emprezarios associados Crescentini e Caporalini, dois castrados que tive-

Theatro de S. Carlos

ram grande reputação no mundo lyrico. Outra epocha foi a empreza de José Durelli e do Conde da Ribeira Grande.

De abril de 1801 a 6 de julho do mesmo anno foi emprezario o dr. Sousa Bahiano. Voltou depois por uma epocha Crescentini de sociedade com os artistas. Teve em seguida a empreza por tres annos Francisco Antonio Lodi.

Por outros tres annos, de 1805 a 1808, foi o theatro de **S. Carlos** dado para explorar a Fernandes Bandeira e Pereira Caldas.

O general Junot obrigou Francisco Antonio Lodi a ser emprezario de 1808 a 1809. Ainda o mesmo Lodi teve o theatro de 1809 a 1810, constrangido pelo intendente de policia Lucas Seabra e Silva. De 1811 a 1812 foi emprezaria uma sociedade de artistas.

Até 1818 a empreza pertenceu a Manuel Baptista de Paula & C.ª De 1818 a 1820 a Luiz Chiari e Mari. Em 1821 e 1822 foi emprezario Antonio Simão Mayer. Fizeram depois uma epocha João Baptista Hilberath e Margarida Bruni. De janeiro de 1823 a junho do mesmo anno dirigiu o theatro uma commissão nomeada pelo governo e presidida pelo barão de Quintella. Voltaram por dois annos a ser emprezarios João Baptista Hilberath e Margarida Bruni. Deveria ser por tres annos, mas como fizessem uma pessima administração, o governo tirou-lhes o theatro e deu-o a Antonio Mar-

rare, que o teve até 1828. N'este anno ainda voltou a ser emprezaria Margarida Bruni; mas, dando-se os acontecimentos politicos que opprimiram a patria, esteve o theatro de S. Carlos fechado até 1834.

Na dictadura de D. Pedro IV foi o theatro cedido por tres annos a Antonio Lodi, cunhado do barão de Quintella, que foi então elevado a Conde de Farrobo.

De 1837 a 1838 foi emprezario Antonio Porto. N'este mesmo anno e até 1840 foi a empreza do conde de Farrobo, que marcou uma epocha brilhantissima no nosso theatro lyrico.

De 1841 a 1842 foram emprezarios os caixas do Contracto do Tabaco, Freitas Guimarães e Brandão.

De janeiro a abril de 1843 foi a empreza de Vicente Corradini e Domingos Lombardi. De maio de 1843 a setembro de 1844 de Gomes Lima & C.ª Em seguida, até 1846, voltou para Corradini e Lombardi. De 1846 a 1850 ficou só emprezario Vicente Corradini.

Por tres annos se fizeram depois emprezarios Cambiagio, Lucote e Frescata. Em seguida, por outros tres annos, Antonio Porto e Domingos José Marques Guimarães. Em 1854 foi o theatro adjudicado ao bailarino Yorch, que, apezar de trazer a Lisboa n'uma epocha verdadeiras celebridades como a Alboni, Saint Léon, Castellan, Bartolini, etc., quebrou logo na primeira epocha, passando o theatro á empreza Martins & C.ª, que ainda logo depois a trespassou a Ruas & C.ª

De 1856 a 1860 foi o theatro de S. Carlos administrado por conta do governo, sendo commissario regio D. Pedro do Rio. Apezar da rectidão e honradez do illustre funccionario, o governo, durante os quatro annos perdeu perto de duzentos contos de réis. Por este motivo poz novamente o theatro a concurso, sendo adjudicado a Vicente Corradini, que tinha por socio capitalista João Maria de Figueiredo Frescata. Logo um anno depois, 1861, foi emprezaria a firma Frescata & C.ª, de que era já socio Campos Valdez.

De 1864 a 1873 passou a empreza para Cossoul & C.ª, sendo socios Guilherme Cossoul, Campos Valdez, Guilherme Lima e Bento da França.

A doença, que em breve havia de matar Guilherme Cossoul, e os graves prejuizos soffridos por Campos Valdez, fizeram terminar a honesta e intelligente empreza, sendo o theatro adjudicado á firma Ferreira & C.ª, de que eram socios M. J. Ferreira e Antonio de Castro Pereira. A adjudicação era por tres annos, mas tendo fallecido o socio Ferreira, entrou para gerente o dr. Adolpho Troni. Esta administração foi de principio a fim deploravel por todos os motivos.

De 1876 a 1879 foi o theatro de S. Carlos adjudicado a uma sociedade por acções, sob a firma Pacini & C.ª D'essa sociedade era já a alma Diogo Maria de Freitas Brito, o qual tomou depois o theatro, com a firma Diogo Freitas Brito & C.ª, de 1879 a 1884, quebrando, porém, em novembro de 1883. O governo ficou por essa occasião com o theatro lyrico por sua conta, nomeando commissario regio Campos Valdez.

Posto o theatro novamente a concurso, foi adjudicado á firma Mattos & Valdez, que d'elle tomou conta em 1 de fevereiro de 1884. D'ahi a pouco ficou só Campos Valdez, que o teve até á hora da sua morte, em 8 de maio de 1889.

Por conta dos credores da empreza teve então S. Carlos uma administração formada pelo maestro Augusto Machado, Mattoso da Camara e Nicoleta Valdez, sendo fiscal do governo Augusto Fuschini.

Esta administração durou até 1892, em que o theatro foi adjudicado por cinco annos a Freitas Brito.

Em 1897, posto novamente a concurso por outros cinco annos, foi cedido a José Pacini, o actual emprezario.

A quem interessam as nossas coisas de theatro e especialmente de opera, aconselho a leitura do excellente livro *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, estudo historico por Francisco da Fonseca Benevides.

Como o livro do sr. Benevides chega só até o anno de 1883, julgo bastante util e curioso deixar aqui os seguintes apontamentos sobre as operas cantadas pela pri-

meira vez em S. Carlos desde 1884 até hoje.

1884 — *Laureana*, de Augusto Machado e *Rei de Lahore*, de Massenet.

1884-1885 — *Carmen*, de Bizet e *Derelitta*, do Visconde do Arneiro.

1885-1886 — *Gioconda*, de Ponchielli, e *Herodiade*, de Massenet.

1886-1887 — *Dorias*, de Augusto Machado *Pescadores de Perolas*, de Bizet e *Simão Boccanegra* (refeita) de Verdi.

1887-1888 — *Dona Branca*, de Alfredo Keil e *Romeu e Julieta*, de Gounod.

1888-1889 — *Otello*, de Verdi e *Lackmé*, de Léo Delibes.

1889-1890 — *A Estrella do Norte*, de Meyerbeer.

1890-1891 — *Frei Luiz de Sousa*, de Freitas Gazul e *Mala Pasqua*, de Gastoldon.

1891-1892 — *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni.

1892-1893 — *Orpheo*, de Gluck, *Tanhäuser* e *Navio Phantasma*, de Wagner.

1893-1894 — *Falstaff*, de Verdi, *Freyschutz*, de Weber e *Manon*, de Pucini.

1894-1895 — *Manon Lescaut*, de Massenet.

1895-1896 — *Iréne*, de Alfredo Keil.

1896-1897 — *Bohème*, de Pucini, *Palhaços*, de Leoncavallo e *Asrael*, de Franchetti.

1897-1898 — *André Chenier*, de Giordano, *Mario Wetter*, de Augusto Machado e *Samsão e Dalila*, de Saint-Saens.

JULHO

JULHO

I

1771 — Alvará approvando os estatutos da **Sociedade estabelecida para a subsistencia dos Theatros Publicos da Côrte.** O fim da sociedade era ter dois theatros abertos, um para a representação de dramas em linguagem portugueza, o do Bairro Alto, e outro para as representações das operas e comedias italianas, o da Rua dos Condes.

O fim principal de tal sociedade era mandar fechar os outros theatros. E o monopolio chegou a ponto de se prohibir as representações em casas particulares!

Tudo isto foi urdido pelo Conde de Oeiras e outros amantes da celebre Zamperini. Quando o Marquez de Pombal deu por tal, tirou o privilegio á Sociedade e mandou a Zamperini pela barra fóra.

A Zamperini era a cantora que andava sempre de chapeu á banda e por isso ainda hoje se diz: *chapeu á Zamperini!*

Era veneziana e veiu para Lisboa em 1770 como prima-dona, á frente d'uma companhia italiana trazida pelo notario apostolico Galli, banqueiro da Curia romana.

1831 — Nasce em Parada de Gonta, proximo a Tondella, districto de Vizeu, o poeta **Thomaz Ribeiro.**

Em 1885, **Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira** concluiu o curso de direito na Universidade e começou a exercer a advocacia. Tem sido deputado, par do reino, ministro d'estado, e ainda ha pouco representou Portugal perante a Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Como litterato e poeta alcançou grande nome, publicando em 1862 o seu excellente poema *D. Jayme ou a dominação de Castella.*

No theatro foram recitadas tres poesias suas de grande successo: *As Novas conquistas*, pelo actor Tasso; a *Festa e a Caridade,* pelo actor Santos; e a *Judia*, por Emilia Adelaide.

Tambem se representaram no theatro de D. Maria com muito agrado, duas peças suas, uma em 1 acto, *A Indiana* e outra em 2 actos, *A mãe dos engeitados.*

1834 — Nasce em Paris **Ludovic Halévy.**

Seguiu por algum tempo a carreira burocratica, mas abandonou-a em 1865 para se entregar exclusivamente ao theatro.

Grande parte das suas peças foram feitas com Meilhac. A collaboração d'estes dois notaveis escriptores muito produziu no theatro.

É difficil enumerar todas as peças que **Halévy** escreveu ou em que collaborou. Citarei apenas as que em Portugal obtiveram maior successo: *Orpheo no Inferno, Canção de Fortunio, Ponte dos suspiros, Sr. Procopio Baeta, Orelhas de Panurgio, Bella Helena, Barba Azul, Viver de Paris, Grã-Duqueza de Gerolstein, Perichole, Froufrou, Tricoche e Cacolet, Bandidos, Campainhas, Verão de S. Martinho, Archiduqueza, Botija, Carmen, Milho da padeira, A Cigarra, Duquezinho, Marido da debutante, Russinha* e *Abbade Constantino.*

Halévy era membro da Academia Franceza, vice-presidente da Sociedade de auctores dramaticos e official da Legião de Honra.

1855 — Nasce o actor **Pedro Cabral.**

Conheci-o empregado no commercio, mas já com a mania do theatro. Traduziu diversas comedias e escreveu para o theatro das Variedades uma parodia á opereta *Filha da sr.ª Angot* com o titulo *O neto da sr.ª Angot.*

Como actor estreiou-se no Gymnasio, a 29 de novembro de 1877 na comedia de Sardou, *Les gens nerveux,* traduzida por José Romano com o titulo *Todos assim.* Em 1879 passou para o theatro do Principe Real. Em 1880 pertenceu á companhia de Emilia Adelaide no demolido theatro dos Recreios, indo em seguida para o Porto. Em 1883 voltou para os Recreios, empreza Salvador Marques. Em 1885, depois de ter estado no norte do Brazil com a companhia Brandão e Gil, voltou para o Porto, onde se conservou até 1888, em que veiu fazer parte da infeliz companhia com que abriu o theatro da Avenida. Em 1890 foi dirigindo uma companhia de opereta aos Açores. Esteve depois duas epochas na Rua dos Condes, até que voltou aos Açores. No regresso fundou uma sociedade com Valle, Gil, Silva Pereira, Lucinda do Carmo e outros artistas, explorando os theatros da Trindade, D. Amelia e Rua dos Condes. Por ultimo ainda voltou ao Pará (Brazil) onde esteve apenas dois mezes, e, regressando a Lisboa, formou nova sociedade para explorar com opereta o Real Colyseu. Pouco durou essa sociedade.

Pedro Cabral é intelligente e trabalhador; póde prestar bons serviços n'uma empreza.

Como actor, porém, nunca passou de mediocre.

1875 — **Recita de despedida** dos actores Antonio Pedro e Gil no theatro de S. Carlos.

Foi enchente completa e uma das noites de maior gloria para Antonio Pedro, que alli recebeu uma das melhores ovações que teve na sua carreira. Gil tambem foi muito festejado.

No espectaculo tomaram parte: Rosa (pae), Santos, Virginia, Brazão, Cesar de Lima, Gertrudes, Emilia Adelaide, Barbara, etc.

2

1794 — Inaugura-se no theatro do Salitre a empreza do actor-auctor **Antonio José de Paula.** Esta empreza durou até 1804.

Veja-se o que sobre este artista escrevi a 19 de maio, data da sua morte.

1872 — Inaugura-se no largo dos Jeronymos, em Belem, um theatro construido de madeira, a que deram o titulo de **Theatro D. Affonso.**

Da companhia faziam parte os seguintes artistas: Florindo, Eduardo, Estevão Moniz, Mendonça, Santos, José Pedro, Guilherme, Villar, Pinto, Carlos, Vieira, Alves, Fonseca, Candida, Olympia, Resgate e Carlota.

O theatro esteve n'aquelle local durante dois annos.

3

1806 — Nasce em Lisboa **Jacintho Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro.**

Tendo concluido quasi os estudos preparatorios para dar entrada na Universidade, as luctas civis obrigaram-n'o a entrar no serviço militar até 1828, em que obteve baixa pela junta de saude.

Até 1835 esteve na quinta d'Albergaria, proximo de Santarem, entregue á lavoura, sua occupação predilecta.

Todas as suas horas vagas as applicava ás lettras, collaborando em diversos jornaes e redigindo alguns. Foi vice-presidente do Atheneo Lisbonense das Sciencias e das Lettras.

Escreveu diversas peças para o theatro, entre as quaes o drama historico *Alvaro Gonçalves o Magriço e os Doze de Inglaterra*, que foi premiado e approvado pelo Conservatorio para a inauguração do theatro de D. Maria. Veja-se o dia 13 de abril.

Outras peças suas se deram e algumas ficaram ineditas. Innocencio Francisco da Silva citou estas: *O Tragamouros, Zoroastro, Triumpho de Mardocheo, D. Mencia, Herdeiro de si mesmo* e o *Impostor da Ericeira*, que, refundido pelo Visconde de Castilho (Julio), se deu ha pouco no Gymnasio, com grande desastre.

1851 — Nasce em Lisboa o maestro **Alfredo Keil.**

Temperamento de artista, além de musico distincto, é tambem um magnifico pintor.

Não tendo cursado qualquer conservatorio, á força de continuo estudo tem conseguido o muito que tem feito e a consideração que tem obtido.

Tem innumeros trabalhos de valor, como se poderá ver da seguinte lista:

Pensée musicale, romance; *Aurora*, polka; *Teus olhos negros*, valsa; *Roses pompons*, valsa; *Morenita*, polka; *Souvenir de Vienne*, valsa; *Salvé!*, recitativo; *Saudação*, recitativo; *Fandango da Ribeira; Sonhando*, valsa; *Carnaval*, polka; *Canção de um chefe indiano;* Um volume de *12 melodias sem palavras: Impressões poeticas*, 12 melodias: *L'abime, Ressemblance, Les voici, Lilia, Icibas, Adieu!*, seis romances com palavras francezas, publicados pelo editor Choudens, de Paris; *Beauté*, folhas d'album para piano; *Patria*, palavras de Gomes Leal para piano e canto; *O passarinho*, polka; *Hymno do Infante D. Henrique*, executado no Porto, por occasião do centenario, por 1:120 executantes; *Patria*, cantada com lettra de Schiappe Cadet, executada no Colyseu dos Recreios por grande orchestra, córos e sólos; *As Orientaes*, cantata de Cesar Fereal, executada por grande orchestra, córos e sólos no Salão da Trindade; *Suite d'orchestre*, Inumeros; *Marcha festiva* para banda; *Rose d'amour*, canto choral; *A Portugueza*, marcha patriotica; *Ave Maria*, côro acompanhado a orgão; *Marche à l'antique* para orchestra; *Romance* para violino, violoncello e piano; *Sérénade* para os mesmos instrumentos; *Aubade* para violoncello e piano; *Juin langoureux* para os mesmos instrumentos; *Credo* de uma missa; *4 Cantos* extrahidos das *Manuelinas* do Visconde de Castilho; *Marcha de Gualdim Paes*, executada no centenario em Thomar; *Benção*s, palavras de Thomaz Ribeiro para córos e orchestra; *Hymno dos alumnos do collegio de Campolide; Poema da primavera*, cantata para grande orchestra, córos e sólos; *Derniers beaux jours*, valsa para banda.

Para o theatro, onde tem obtido os seus melhores successos, tem escripto **Alfredo Keil** o seguinte:

Suzanna, opera comica em 1 acto, lettra de Hygino de Mendonça, representada no theatro da Trindade, em janeiro de 1882.

A Morta, cinco trechos para o drama de Lopes de Mendonça, representado no theatro de D. Maria.

Dona Branca, opera em 1 prologo e 4 actos, extrahido do poema de Garrett por Cesar Fereal, representada pela 1.ª vez no theatro de S. Carlos, a 10 de março de 1888.

Irène, opera em 4 actos, poema de Cesar Fereal, representada pela primeira vez no theatro Reggio, de Turim (Italia), a 22 de

março de 1893, e no theatro de S. Carlos, de Lisboa, em 1896.

Serrana, opera em 3 actos, poema de Lopes de Mendonça, adaptação italiana de Cesar Fereal, que devia ser cantada no theatro de S. Carlos na epocha transacta, o que se não realisou por doença do barytono Francisco Andrade.

A India, opera ainda não terminada, que estava escrevendo para ser cantada nas festas do centenario da descoberta do caminho maritimo para a India e que não entrou no programma pelas grandes despezas que exigia.

4

1810 — Nasce no Rio de Janeiro **João José de Sousa e Silva Rio.**

Foi official maior do ministerio da guerra e membro do Conservatorio Dramatico.

Falleceu a 12 d'agosto de 1886.

Collaborou em diversas folhas, publicou interessantes relatorios do estado da contadoria de guerra, deu á luz diversas novellas e escreveu as peças *O caloteiro por bailes*, drama, *O desafio*, drama, *A viuva da moda*, comedia e *Cincoenta mil cruzados de dote*, comedia.

1843 — No theatro particular da Quinta do Pinheiro representa-se pela primeira vez o celebre drama **Frei Luiz de Sousa**, de Almeida Garrett, fazendo o auctor o papel de *Telmo Paes*.

1888 — Morre a actriz **Gertrudes Rita da Silva**, de quem já escrevi na data da sua estreia, a 21 de abril.

1896 — Morre no Ceará o actor **Joaquim Silva**, de quem hei de escrever na data do seu nascimento, a 11 de dezembro.

5

1781 — N'um sarau do palacio de Queluz, para festejar o anniversario de D. Pedro III, canta-se pela primeira vez a opera *Seleuco, Rè di Siria*, do distincto compositor, **João de Sousa Carvalho.**

Este notavel musico escreveu diversas operas, que se cantaram nos paços de Queluz e da Ajuda, entre os annos de 1769 e 1789. Estas operas tinham por titulos: *Amor industrioso, Eumene, Angelica, Testoride argonauta, Seleuco, Everardo II, Tomiri, Endimione, Alcione, Adrasto, Nettuno e Eglé* e *Numa Pompilio.*

1893 — Estreia-se no theatro da Trindade, na peça popular *O brazileiro Pancracio*, a actriz **Adocinda Lobato**, que parece ter rapidamente desapparecido do theatro, onde não deixou saudades.

6

1817 — Nasce no Rio de Janeiro **João Pinto Carneiro.**

Foi um distincto militar, que chegou a general. Na sua carreira obteve sempre os maiores louvores e distincções.

Figura n'este livro porque fez magnificas traducções e imitações de diversas peças, e, principalmente, porque foi durante algum tempo director de scena do theatro de D. Maria, para o que tinha summa competencia pelos muitos estudos que fez sobre arte dramatica.

1825 — Nasce no Rio de Janeiro o actor **Joaquim Augusto.**

Filho de um pobre alfaiate, **Joaquim Augusto Ribeiro de Sousa**, aos 12 annos, dedicou-se á vida de caixeiro. Não era esta a carreira que lhe sorria; pensava constantemente em ser actor e, aos 16 annos, em 1841, conseguiu realisar os seus ardentes desejos, entrando para a companhia dirigida pelo grande João Caetano no pequeno theatro de S. Francisco.

Quatro mezes depois foi despedido da companhia por entender o mestre que elle para nada prestava.

Joaquim Augusto começou então, para se alimentar, a trabalhar como pintor e a fazer copias e tirar papeis para os theatros.

D'ahi a pouco voltou para o S. Francisco, mas como contraregra, e, como a empreza quebrasse, foi então para o theatro de Nictheroy como corista e actor. Ahi teve mais sorte e, principalmente no drama *Arthur*, obteve os maiores applausos.

Em 1845 foi contractado para os theatros do Rio Grande do Sul, onde foi magnificamente recebido. Em 1849 voltou ao Rio de Janeiro, já como primeiro artista e entrou no theatro de S. Januario.

Emilio Doux, que em Lisboa revolucionára o theatro portuguez, chegando ao Rio de Janeiro em 1851, ahi fez egualmente completa reforma no theatro brazileiro, e **Joaquim Augusto** foi o seu discipulo amado.

Teve n'essa epocha bellas noites de enthusiasmo, principalmente nos papeis de que se incumbiu nas peças: *Vida de um rapaz pobre*, *Honra da familia*, *Pedro*, etc.

Foi em seguida para S. Paulo, onde creou grande reputação, chegando a ser essa a sua terra predilecta.

Ao crear-se no Rio de Janeiro a Sociedade Dramatica Nacional, a rogos de todos os socios, foi **Joaquim Augusto** tomar a sua direcção e ahi obteve grandes triumphos. As suas peças de maior successo por essa occasião foram: *Penélope Normanda*, *Pelotiqueiro* e *Homens serios*.

Joaquim Augusto foi o actor mais querido do Brazil depois de João Caetano.

Falleceu a 17 de janeiro de 1873, tendo completado apenas 42 annos de edade.

Esteve em Lisboa, representando no theatro do Gymnasio com muito agrado a scena dramatica *Cerração no mar*.

1876 — Estreia-se no theatro dos Recreios a companhia dramatica italiana, de que faziam parte os artistas **Dominici** e **Barac.**

Dominici viera primeiramente a Lisboa com a companhia de Paladini, agradando extraordinariamente. Isto animou-o a cá voltar como director e trazendo a distincta actriz **Maria Barác**. Foi um completo insuccesso.

Maria Barac, ao imprimir-se esta folha do livro, está em Lisboa, representando as damas centraes da companhia de Novelli, que pela segunda epocha trabalha, com pequenissima concorrencia, no theatro D. Amelia.

1895 — Morre em Lisboa a distincta actriz **Emilia Letroublon.**

Era franceza. Ainda pequena veiu para Lisboa com sua mãe, que estabeleceu uma hospedaria na rua da Prata. Era muito nova ainda a **Emilia Letroublon** quando fugiu de casa com um ourives; d'ahi a pouco já tinha fugido a este para o poder de um tal Loforte.

A mãe procurou Manuel Machado, então gerente do Gymnasio, para metter na companhia a **Emilia,** a fim de ver se tomava juizo. Foi contractada com doze mil réis mensaes, estreiando-se com bastante agrado n'uma comedia de A. P. Lopes de Mendonça, intitulada *Como se transforma um caloiro*.

De papel para papel mais ia agradando; mas conforme mudava de papel mudava de amante e para ella não havia coisa mais natural do que faltar ao theatro em noite em que houvesse espectaculo.

Chegou a julgar-se que nada se poderia fazer d'ella; mas um bello dia entendeu que devia tomar juizo e com isso bastante ganhou o theatro, que teve n'ella uma das suas melhores actrizes de comedia.

O tempo do seu esplendor foi tambem o de Emilia das Neves e de Emilia Candida. Das tres lindas Emilias, **Letroublon** não era de certo a menos formosa e menos elegante. Trajava distinctamente, no rigor da moda. Nas esperas de touros era vista a cavallo, em traje masculino, ao lado dos primeiros estroinas da epocha. Tocava guitarra a primor e cantava deliciosamente o fado.

No Gymnasio havia n'essa epocha muitas actrizes formosas, attrahentes e seductoras. Nada menos que as seguintes: a Maria do Carmo, que era galantissima,

muitissimo elegante e quasi esculptural; a Emilia Candida, cheia de graça e d'uma belleza que respirava saude; a Ludovina, muito esperta, viva e engraçada; a Maria Izabel, a quem tambem não faltavam attractivos; a Fortunata Levy, toda romantica e enlevos; a Massey, galante tambem e possuidora dos mais lindos braços... pois a Emilia Letroublon não ficava atraz de nenhuma d'ellas.

O publico do Gymnasio tinha-a como uma das suas actrizes predilectas. Ainda n'esse theatro, **Emilia Letroublon** alliou-se de corpo e alma ao grande actor Santos, que conseguiu fazer d'ella uma notavel actriz de comedia. Do Gymnasio juntos passaram os dois artistas para D. Maria, onde **Emilia Letroublon** teve epochas magnificas para affirmar o seu talento e qualidades excepcionaes de comediante distincta. Passou temporariamente á Rua dos Condes, onde se salientou no *Anjo da meia noite*, *Familia Benoiton*, etc.

Quando Santos, alliado a Pinto Bastos, tomou o theatro do Principe Real, para alli foi tambem **Emilia Letroublon**, obtendo o melhor quinhão do excepcional desempenho e notavel successo que alcançou a opera burlesca *Grã-Duqueza de Gerolstein*.

A fórma por que **Letroublon** interpretou a voluvel duqueza foi verdadeiramente primorosa e não poude mais ser esquecida, prejudicando o trabalho de todas as outras actrizes que a substituiram.

Pouco tempo depois d'este ultimo successo, **Emilia Letroublon** adoeceu para não mais voltar ao palco, apezar de viver ainda 27 annos! Envelheceu quasi repentinamente; os cabellos embranqueceram, os seus alvissimos dentes tornaram-se amarellos, a deliciosa bocca entortou-se, os olhos lindissimos perderam o brilho, a hydropesia avolumou-lhe enormemente o ventre; a sua encantadora voz ficou roufenha; e até um amollecimento cerebral lhe obscureceu a razão!

O estado decretou-lhe a pensão mensal de 48$000 réis, sahidos do cofre das aposentações dos artistas, e assim viveu inconscientemente a desditosa actriz, em companhia de uma familia dedicada, até que exhalou o ultimo suspiro.

Quem diria, ao ver tantas vezes juntos no palco, unidos pelo amor e pela gloria os dois grandes artistas, que deveriam ter tão desgraçado fim a louca **Letroublon** e o cégo Santos!

7

1791 — Canta-se pela 1.ª vez em Lisboa, no theatro da Rua dos Condes, a opera **Barbeiro de Sevilha** de Paesiello.

1855 — Nasce no Maranhão, de paes

portuguezes, o distincto escriptor brazileiro **ARTHUR AZEVEDO**.

Nunca o theatro brazileiro teve trabalhador mais infatigavel e quem melhor o conhecesse.

Desde a sua primeira comedia, *Amor por anexins*, desde a sua primeira opereta de costumes, *Vespera de Reis*, escriptas em 1875, **Arthur Azevedo** tem assistido durante vinte e tres annos á sua apotheose, que outra coisa não é o aclamar constante em todos os theatros do Brazil das obras que a todo o momento apresenta ás provas publicas o feliz, illustrado e talentoso escriptor.

Não ha no theatro genero que não tenha tentado e sempre com o melhor exito e sempre manifestando grande progresso.

As obras theatraes de **Arthur Azevedo** formam hoje um catalogo extensissimo e

com modelos em todos os generos. Assim, em revistas podemos citar: *O mandarim*, *O bilontra*, *Mercurio* e *Viagem ao Parnaso;* como comedias: *A joia*, *Amor por anexins*, *Liberato* e *Casa de Orates;* como peças de costumes: *Vespera de Reis* e os *Noivos;* como operetas: *Princeza dos Cajueiros* e *Donzella Theodora;* como parodias: *Maria Angú*, *Mascotte na roça*, *Abel Helena* e *Casadinha de fresco;* como monologos: *O Alfacinha* e *Hellar e Fagundes;* como dramas: *O anjo do mal* e *Duas irmãs;* como magicas: *A filha do fogo*, etc.

São tambem innumeras e correctissimas as suas traducções para o theatro, devendo citar-se como as melhores: *Niniche*, *Gillete de Narbonne*, *Falka*, *Flor de liz*, *Genro e sogro*, *Coquelicot*, *Tres boticarios*, *Dia e noite*, *Filho de Coralia*, *Mascaras de bronze*, *Mulheres do mercado*, *Perola negra*, *Proezas de Richelieu*, etc.

Arthur d'Azevedo é um distincto funccionario publico, empregado na Secretaria da Agricultura e um habilissimo jornalista, fazendo actualmente parte da redacção do importante jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro.

1839—Primeira representação, no theator de S. Carlos, da opera **Ignez de Castro**, do compositor portuguez Manuel Innocencio dos Santos, interpretada pelos artistas: Claudia Ferlotti, E. Secchioni, Domingos Conti, Filippe Coletti, Luciano Mariani, Eckerlin, Crosa e Ramonda.

1839 — Sóbe á scena, no theatro da Rua dos Condes, a primeira peça de José da Silva Mendes Leal Junior, o drama em 5 actos **Os dois Renegados**.

Em volta d'esta peça fez-se um enorme ruido, que mais contribuiu para o seu exito e popularidade do nome do seu auctor, até alli desconhecido.

A peça fôra premiada pelo Conservatorio e alcançára grande successo. A critica da epocha não a poupou. Mendes Leal foi no começo da sua carreira bastante guerreado, chegando-se até a negar-lhe a paternidade das peças que apresentava, que eram attribuidas a um frade que o protegia!

Mais tarde attribuiam-se a Mendes Leal as peças que apresentava seu cunhado Ernesto Biester! Teve sempre d'estas vilezas certa critica dramatica cá da terra. Miseraveis e invejosos não faltam em todas as epochas.

Os dois Renegados foi peça de grande carreira no theatro e estimadissima pelos amadores dramaticos, que a representavam sempre que podiam.

1844 — Nasce na villa da Alhandra **Salvador Marques**.

E' talvez o homem mais extraordinario e original que tem apparecido no theatro portuguez.

Reservo-me para tratar largamente de **Salvador Marques** n'outro livro que trago entre mãos e em que elle apparecerá bem a proposito.

Estudou preparatorios no Seminario de Santarem, onde fomos condiscipulos. Já alli fez uma figura brilhante, porque é intelligentissimo.

Veiu depois para Lisboa cursar a Escola Polytechnica e passou para a Escola Medica, sempre com grande aproveitamento e a boa amizade de professores e condiscipulos.

Ainda estudante, um dia, quando ninguem o esperava, casou.

Quando estudava o 3.º anno de medicina, morre-lhe o pae na Alhandra, e elle ahi vae a tomar conta da casa, sem querer saber do curso.

Os condiscipulos e professores perguntavam noticias do **Salvador**, ninguem as sabia dar! Estava a meia duzia de leguas de Lisboa, como se estivesse no fim do mundo! E isto durante oito annos!

Por esse tempo estava escrivão de fazenda em Arruda dos Vinhos o conhecido escriptor Francisco Antonio de Mattos. Eu ia alli diversas vezes ter com elle e com diversos parentes, pois de lá era na-

tural minha mãe, a fim de darmos diversos espectaculos de amadores.

É na Alhandra que se apeia quem vae para a Arruda. Um bello dia, á porta de uma loja, dou de cara com o **Salvador Marques**. Scena de reconhecimento e estreitamento de relações. Elle não ia aos espectaculos da Arruda; mas ia eu aos da Alhandra.

As peripecias que ahi se deram, ao ponto de ter eu, de improviso, de representar o papel de *centro* do drama *Os campinos*, ficam para o tal livro, em que tenho muito a contar do **Salvador**.

Que estivera elle a fazer oito annos na Alhandra? Ninguem o poderia imaginar. Deu cabo de uma rasoavel fortuna que o pae lhe legou, a imaginar que estava doente, a comprar quantas cauteilas e bilhetes de loterias lhe passavam pela porta, a dar recitas de amadores para quem elle escrevia e a quem ensaiava, e a compor peças, que depois se viu valiam muito mais, do que as que alguns escriptores de nomeada faziam aqui na capital para os nossos theatros.

Um bello dia veiu ter ao theatro da Rua dos Condes um drama seu em 1 acto, com o titulo *Fome e honra*. Representou-se logo e agradou bastante.

Depois, no mesmo theatro, representa-se a sua oratoria *Santa Quiteria*, que ainda mais agradou.

Por ultimo apparece no Gymnasio um drama de costumes do Ribatejo, perfeitamente escripto e observado. Era a peça em que eu me vira entalado na Alhandra, *Os campinos*. Foi exito completo em toda a linha, no publico e na imprensa. **Salvador Marques** estava consagrado.

Omitto aqui para occasião opportuna os trabalhos para trazer para a capital homem de tanto valor. Veiu afinal e desde logo se entregou ao theatro de alma, vida e coração. Não escreveu mais e magnificos originaes, porque infelizmente se não quiz dar a esse trabalho. Adaptações, imitações e traducções tem muitas e de grande valor.

Salvador Marques fundou diversos jornaes, tem sido editor, livreiro e não sei que mais, para procurar os meios de subsistencia; todavia a melhor parte do seu tempo e da sua vida teem sido gastos no theatro. É emprezario ha muitos annos e difficilmente deixará de o ser.

Em **Salvador Marques**, como emprezario e director de theatro, ha perfeitamente duas entidades; uma d'um raro bom senso, com umas theorias admiraveis sobre arte, artistas e administração theatral, outra, praticamente a negação da primeira, que, ao administrar, o faz commetter toda a sorte de disparates.

Salvador Marques tem sido emprezario dos theatros dos Recreios, Rua dos Condes, Principe Real, Avenida e Rato. Actualmente, além de emprezario, é ensaiador, para o que tem bastante competencia.

1850 — No theatro de D. Maria, no drama *O herdeiro do Czar*, estreiam-se os actores: Simões, Santos, **Cezar de Lima** e Faria.

De Simões já fallei a 10 de março; de Santos a 13 de janeiro, e de Faria a 8 de janeiro.

Resta-me fallar de **Cezar de Lima**. Ainda pessoa alguma conseguiu obter d'elle apontamentos biographicos de especie alguma e por isso temos de recorrer á nossa reminiscencia e á d'alguns collegas mais velhos para podermos dar algumas notas sobre a carreira do distincto actor.

Nunca se soube ao certo a edade de **Cezar de Lima**, mas por todos os calculos e probabilidades póde affirmar-se que já ha muito completou sessenta annos.

Pouco tempo esteve em D. Maria na sua primeira estreia e chegou mesmo a suppôr-se que não faria carreira como actor, como tambem não a fizera nos diversos modos de vida que os parentes lhe tinham querido dar. Começou aprendendo para compositor, ourives, dourador, alfayate e livreiro. Nada aprendia, fugindo de toda a parte em que o collocavam.

Foi na Rua dos Condes que elle começou a ser visto como actor de merito. D'alli

foi novamente contractado para D. Maria, mas já então fazendo papeis importantes. Em seguida foi para o Gymnasio, onde fez bella figura, e depois voltou ao theatro normal classificado como actor de primeira classe.

De quando em quando sahia para se fazer emprezario do Principe Real ou das Variedades, mas assim mesmo obteve a reforma e, depois de a gosar, contractou-se no Gymnasio e depois ainda em D. Maria.

Além de emprezario, no Principe Real e Variedades foi ensaiador. Foi elle quem primeiro escripturou os artistas: Anna Pereira, Margarida Clementina, Virginia, Gama, Bayard, José Bento e outros.

Como actor teve uma epocha de grande e justissima nomeada. Ainda talvez não tivessemos outro *galan* comico como elle. Só póde affirmal-o quem o viu desempenhar brilhantemente a *Historia d'um pataco*, *Solitarios*, *Chavena de chá*, *Timidez de Cornelio Guerra* e outras peças a que elle dava enorme valor.

Quando passou a fazer *centros*, foi tambem felicissimo e ainda ultimamente desempenhou com a maior graça e brilhantismo diversos papeis.

Cezar de Lima tambem pagou, como quasi todos os seus collegas, o tributo de uma viagem ao Brazil. Foi ao Rio de Janeiro, não com a mira de se mostrar como artista, mas para o seguimento de uma das suas ultimas aventuras amorosas, brilhantemente descripta por Bordallo Pinheiro n'uma das suggestivas paginas do *Antonio Maria*.

Pouco ou nada lá fez e por isso depressa voltou.

Ficam para outro livro, onde melhor hão de caber, as historietas engraçadissimas e os episodios altamente comicos em que se desdobra a longa e galhofeira vida de **Cezar de Lima**.

Vae aqui apenas uma amostra:

Cezar de Lima, que era popularissimo no theatro, mais popular se tornou cá fóra, porque falla a toda a gente, grita com todos, faz caretas á primeira velha que encontra, troça de qualquer janota e solta chalaças em voz estridente, obrigando todos os que passam a parar e rir com as suas pilherias.

D'uma vez dava-se no theatro D. Fernando uma recita de curiosos. Elle passava junto do theatro e encontrando-se com Eduardo Garrido, disse-lhe:

— Ó Eduardo, vamos ver a recita do *Simão o ladrão?*

— Que vém a ser isso?

— É o dramalhão que alli estão a representar uns curiosos muito ordinarios.

— Mas se não temos bilhetes...

— É o mesmo; anda commigo.

Entraram no theatro. **Cezar** dirigiu-se á direcção:

— Eu e este meu amigo queriamos ter a honra de assistir ao espectaculo.

— Ora essa! sr. Cezar! está ás suas ordens.

E ahi vae um dos directores abrir um camarote de 3.ª ordem, desculpando-se de não ter outro melhor para offerecer.

Instalados no camarote, o Garrido prestava toda a attenção ao que se passava na scena, mas o **Cezar** começou soltando exclamações a proposito da acção da peça e de quando em quando desatava n'um berreiro, fingindo-se lavado em lagrimas. A platéa a principio começou a encavacar com a interrupção, mas por fim já dava toda a sua attenção ao **Cezar** e ria a bandeiras despregadas. O Garrido estava compromettidissimo e sem atinar que fazer.

O **Cezar** levanta-se e sae pela porta fóra. O Garrido ficou radiante e julgou-se livre de perigo. Começou a dar toda a attenção ao espectaculo e, ao cahir do panno no fim do acto, juntava os seus applausos aos da platéa enthusiasmada. De repente, abre-se a porta do camarote, entra precipitadamente o **Cezar de Lima**, a gritar: bravo! bravo! e arremessa para o palco um enorme molho de cebolas que tinha ido buscar a uma tenda proxima!

As cebolas fizeram um estrondo enorme e espalharam-se pela scena. Do publico parte ria e outra parte estava indignada. O **Cezar** tinha desapparecido *in continenti*, e o Garrido viu-se na rua sem as costellas quebradas e ainda hoje o não quer crer.

O **Cezar de Lima**, quando esteve a prin-

cipio em D. Maria, tinha sempre no *prego* o fato de que não precisava para o espectaculo da noite. Acontecia por vezes que se mudava a peça e lá estava elle atrapalhado, recorrendo a expedientes para poder apresentar-se em scena.

D'uma vez, tres dias antes de se representar um drama novo, foi ter com a direcção do theatro e disse-lhe que não tinha botas altas para se apresentar. O commissario auctorisou-o a mandar fazer as botas e que pagaria na noite da recita quando o sapateiro as apresentasse.

Uma hora antes do espectaculo, estava o commissario regio no seu escriptorio, quando foi prevenido de que estavam lá fóra doze sapateiros com doze pares de botas grandes para o actor **Cezar de Lima** e que nenhum as queria deixar sem dinheiro!

O commissario espantado mandou chamar o actor. Chega este.

— Que é isto, sr. **Cezar**? Não foi um par de botas que eu o auctorisei a mandar fazer?!

— É verdade, sr. commissario; mas, como V. Ex.ª sabe, os sapateiros são muito mentirosos e faltam sempre ao que promettem. Com receio de que não podesse haver espectaculo, encommendei as botas a doze sapateiros, esperando que, pelo menos, faltassem dez ou onze. D'esta vez foram todos pontuaes; a culpa não é minha.

O commissario teve que pagar os doze pares de botas altas. **Cezar** serviu-se sempre com o mesmo par e, durante onze dias, foi vendendo um par em cada dia, o que lhe proporcionou onze pandegas rasgadas.

Em certa tarde, depois do ensaio, **Cezar de Lima** e Santos, o que faziam muitas vezes, foram alugar dois cavallos ao Poço do Borratem e partirám para o campo, onde foram jantar. Quando regressaram eram duas horas da noite.

Havia em Alcantara, n'um theatro particular, uma recita com a tragedia *Ignez de Castro*. A protogonista era desempenhada por uma engommadeira, que tinha paixão pelo **Cezar**. Para lá se dirigiram os dois actores. Quizeram assistir ao resto do espectaculo, e foi-lhes prohibida a entrada sob pretexto de que elles faziam *troça* em toda a parte. O **Cezar** enfureceu-se e foi á porta da caixa. Mandou chamar a engommadeira. A pobre mulher appareceu com vestido e manto de veludilho, enfeitado a papel dourado e uma corôa de papelão na cabeça.

— Que queres tu, ó meu **Cezar**? exclama a *Ignez de Castro* d'Alcantara.

— Quero que a senhora venha immediatamente commigo!

— Eu não posso; tenho ainda que morrer!

— Não quero que tu morras! Vem, vem commigo!

— E como ha de acabar o espectaculo? Se eu ainda tenho que dar tambem beija-mão!

— Nunca! exclamou o **Cezar** cheio de indignação. Sou uma fera de ciumes! Não quero que pessoa alguma beije a tua nivea mão!

— Oh! meu **Cezar**! tu bem sabes que te faço tudo, mas isso não posso; ainda tenho que morrer!

— Pois bem... fique; mas nunca mais me verá! Ou morres como *Ignez de Castro* n'esse theatro de papelão, ou vives como Engracia das Dores nos braços do teu **Cezar**!

A isto não poude resistir a rapariga. Atirou-se para os braços do **Cezar** que saltou com ella para cima do cavallo e gritou para o Santos:

— A caminho!

Era já dia claro e grande o ajuntamento no Rocio e Praça da Figueira quando alli appareceram o Santos n'um esgalgado cavallo e n'outro ainda mais lazarento o **Cezar**, trazendo á garupa a engommadeira Engracia com as bochecas cheias de vermelhão, a corôa de papelão á banda e o manto cheio de lama!

Por pouco não foram todos para a estação!

No theatrinho d'Alcantara cobriram com um lençol a primeira mulher que encontraram e lá representaram o resto da peça sem as fallas

Da misera e mesquinha
Que depois de morta foi rainha!

São innumeras as partidas engraçadissimas do **Cezar de Lima.**

Em certo anno, pelo Natal, estavam, conforme era costume, enormes rebanhos de perús, guardados pelos respectivos donos, no largo de S. Domingos. **Cezar** sahia do ensaio do theatro de D. Maria. De que se ha de lembrar? Entra n'um celleiro proximo, compra uma grande porção de milho, chega ao meio do largo e atira com elle para o monte. Os perús, esfaimados, correm todos para cima do milho e agora o vereis. Estabelecida a confusão, ninguem mais poude saber a que rebanho pertencia qualquer dos perús. D'ahi a pouco havia pancadaria entre todos os guardas e nunca mais nenhum d'elles poude saber quaes eram os seus perús.

Uma ultima partida do **Cezar:**

Sahiu do theatro certa noite com alguns amigos brazileiros; desceram o Rocio conversando e entraram na rua Augusta. Ahi dizia um dos amigos:

—Lisboa é realmente bonita e tem grandes commodidades, mas acho aqui um grande defeito.

—Qual é?

—Aqui não ha policia!

—É verdade, accode outro, não ha aqui policia nenhuma!

—Ah! sim?! atalha o **Cezar** e mette á bocca o apito, tocando desesperadamente.

De todos os lados accodem municipaes, policias e cabos.

—Que é isto? gritam os agentes da ordem.

—Não é nada, camaradas, responde o **Cezar**; estes senhores accusavam Lisboa de não ter policia, e eu quiz-lhes mostrar o contrario!

Calculem as caras dos brazileiros e da policia.

Com o **Cezar de Lima** não ha meio de pessoa alguma se zangar.

O excellente actor tem passado a vida n'uma chalaça permanente; verdade é que d'essa chalaça o publico tem partilhado bastante.

10

1820—Primeira representação no theatro de S. Carlos da opera **Os turcos na Italia**, de Rossini, desempenhada por Carolina Balbi, Paulo Rosick, Copini e Veglia.

11

1594—Inauguração do **Pateo da Bitesga** ou **Theatro da Mouraria**, sob a direcção de Manuel Rodrigues.

Depois do Pateo das Arcas é este o mais antigo e que durou muito mais de um seculo, havendo epochas em que floresceu e outras em que esteve reduzido a espectaculos de *bonifrates,* como aconteceu em 1735, conforme affirma Costa e Silva no seu *Ensaio biographico critico.* Julga-se que o levantaram depois as operas de Antonio José, o Judeu.

1849—Nasce em Taubaté, provincia de S. Paulo, hoje estado de S. Paulo (Brazil) **Antonio Cardoso de Menezes.**

Filho do illustre homem de lettras, Barão de Paranapiacaba, Antonio Frederico Cardoso de Menezes e Sousa é um musico e compositor distincto, tendo n'esse genero grande numero de trabalhos festejados.

Como escriptor é tambem muito apreciado, principalmente pelos seus artigos de critica d'arte e artistas.

Para o theatro escreveu as seguintes peças: *Sebastião de Carvalho,* drama; *Um deputado pela eleição directa,* drama que se representou no theatro Recreio Dramatico; *O doutor negro,* drama traduzido, que se representou no theatro Sant'Anna; *Camões,* drama em um acto, que escreveu por encommenda minha e que conservo inedito.

1866—Assigna-se a convenção litteraria e artistica com a França. Este tratado leonino prejudicou os theatros, sem vantagem para os escriptores e artistas portuguezes.

12

1853—Nasce em Pelotas (Brazil) **Francisco Lobo da Costa.**

Começou por escrevente de um cartorio, foi depois telegraphista, em seguida official de gabinete do governo de Santa Ca-

tharina; mais tarde jornalista e outros cargos até 1886, em que voltou para Pelotas, extenuado de corpo e espirito e se recolheu ao hospital. D'ahi, illudindo a vigilancia dos enfermeiros, fugiu, sendo encontrado o seu cadaver n'um fosso a 18 de junho de 1888.

Collaborou e redigiu muitos jornaes do Rio Grande, publicou diversos volumes de versos e romances e escreveu para o theatro os seguintes dramas: *A bolsa vermelha ou o segredo de um breve, O maçon e o jezuita, O filho das ondas, Assumpção ou a morte do tyranno Lopez em Aquidaban, Os amores de um cadete* e a scena dramatica *Um veterano.*

1894 — Morre na Bahia (Brazil) o velho actor portuguez **Carlos Antonio Rodrigues.**

Chegou no começo da carreira a fazer parte da companhia do theatro de D. Maria; mas a sua nomeada como bom artista alcançou-a na Rua dos Condes, nas Variedades e depois no Gymnasio. Trabalhava por egual no drama e na comedia, nos *galans* ou *centros*. Era um artista utilissimo.

Tendo partido para o Brazil, apesar de muito agradar, não fez fortuna, o que o obrigou a regressar á patria em 1877. Contractei-o n'essa occasão para a minha companhia do theatro da Rua dos Condes, mas pouco se demorou, porque desgostos de familia o constrangeram a voltar para o Brazil.

Ainda alli o tive contractado, no Rio de Janeiro, em 1882; mas estava então já desmemoriado e quasi inutilisado para a scena. Em 1883 partiu para a Bahia, onde tinha bons amigos. Foi por algum tempo administrador do novo theatro Polytheama Bahiano, passando depois para gerente do hospital de Beneficencia Portugueza na Bahia, cargo em que morreu.

Rodrigues deixou uma filha, a conhecida actriz Judith Rodrigues, que foi apreciada como boa artista de comedia no theatro do Gymnasio, onde se poderia conservar com utilidade do repertorio, se não preferisse a vida um pouco aventurosa que tem atravessado no Brazil, onde ainda hoje se conserva.

O actor **Carlos Rodrigues** morreu com 80 annos de edade.

13

1845—Nasce em Lucca (Italia) a actriz **Celestina de Paladini.**

Aos 17 annos entrou para a companhia de Massa, com a qual percorreu as principaes cidades d'Italia, obtendo muito agrado desde o começo da sua carreira. Passou depois para a companhia de Duse e Lagunaz, onde fez grandes progressos e teve exitos de primeira ordem, especialmente nas peças: *Izabel, rainha de Inglaterra, Dama das camelias* e *Sapho*. Entrou em seguida para as companhias Castel-Vecchio e Colterini, augmentando sempre o seu repertorio e triumphando em especial na *Maria Stuart, Marcellina* e *Maria Davidson.*

Ligada á companhia Rossi, partiu **Paladini** para a America, percorrendo as principaes cidades. Lá tambem se desligou de Rossi e fez companhia sua.

Ao voltar á Europa com a sua *troupe*, desembarcou em Lisboa, escolhendo o theatro do Principe Real para as suas recitas. O exito foi completo e até exaggerado. A imprensa fez-lhe o que nunca fizera á Ristori nem á Pasquali.

O beneficio de **Paladini,** n'essa epocha, foi talvez a maior festa que se tem feito nos theatros de Lisboa.

Representava se o drama *Causas e effeitos.* Victoriada constantemente durante o espectaculo e nos finaes dos actos, **Paladini**, ao terminar a peça, teve vinte e cinco chamadas, saudando-a todo o publico de pé!

Houve durante toda a noite uma chuva de camelias. O poeta Gomes Leal recitou versos de um camarote. Tres corôas lhe foram offerecidas em scena, uma do emprezario Pinto Bastos, outra da grande Emilia das Neves e outra finalmente ri-

quissima da imprensa periodica de Lisboa, levada ao palco pelo decano dos jornalistas, o eminente escriptor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que pronunciou as seguintes palavras:

«Mademoiselle. La presse de Lisbonne, «frappée de vos talents exceptionels, a de«cidé de vous rendre un hommage public «de sa haute admiration. Je dépose donc «entre vos mains cette couronne au nom «des journalistes de la capitale et je suis «heureux d'être aujourd'hui l'interprete de «cette manifestation qui honore à la fois «l'art et le pays.

«D'ailleurs dans cette circonstance nous «ne sommes que l'expression fidéle de «l'unanimité du sentiment public le plus «éclairé. C'est la mission de la presse.»

A commissão dos jornalistas era composta dos seguintes: Balthasar Radich, Carlos José Barreiros, Eduardo Coelho, Brito Aranha, Alfredo Ribeiro, Pinheiro Chagas, Visconde de Benalcanfor, Cunha Belem, Maximiliano d'Azevedo, Teixeira de Vasconcellos, Carrilho, Francisco Serra, Albano Coutinho, Carlos Borges, Melicio, Tito de Carvalho, Antonio Ennes, Antonio de Castilho, Emygdio Navarro, Silva Barros, Pequito, Lorena Queiroz, Patricio Alvares, Assis de Carvalho, Miguel Pedroso, Luciano Cordeiro, Rangel de Lima, Santos Lima, Hermenegildo d'Alcantara, Pedro Vidoeira e Salvador Marques.

Quer dizer, a manifestação foi principalmente pela aristocracia do jornalismo. E foi ella exaggerada? Creio que sim, porque tal nunca se havia feito a artistas de muito maior valor, como o Salvini, o Rossi, a Pasquali, a Casilini, a Ristori e a nossa Emilia das Neves.

De mais a mais, á volta de **Paladini**, na sua segunda epocha, o publico abandonou-a e a imprensa tratou-a por tal fórma, que quasi lhe pediu a corôa que lhe offerecera.

Mais tarde **Paladini** veiu representar em portuguez para o theatro de D. Maria e os diversos papeis que fez quasi se contaram por *fiascos*.

Por conta do emprezario Celestino da Silva foi ainda com companhia portugueza ao Brazil, ao lado de Simões, Brazão e Moniz e tambem lá não causou enthusiasmos.

De volta d'esta *tournée* dirigiu-se para Italia e nunca mais de lá nos vieram eccos de qualquer triumpho seu.

1853 — Nasce em Lisboa o actor-ensaiador **Augusto de Mello.**

Tinha apenas tres annos quando o mandaram para Reguengos, no Alemtejo, entregue aos cuidados de um tio medico. Ahi aprendeu as primeiras lettras, indo depois cursar escolas em Mourão, Moura e Evora.

Veiu para Lisboa em 1861. Pouco tempo depois morria seu pae e **Augusto Xavier de Mello** entrava para um escriptorio commercial para começar ganhando a vida.

O seu sonho era o theatro e por isso **Mello** foi ter com o actor Valle, que é seu primo, e pediu-lhe instantemente que intercedesse para que o admittissem no Gymnasio. Assim foi, e **Mello** estreiava-se a 11 de Junho de 1870 na comedia em 1 acto *As informações.*

Passou depois a fazer pequenos papeis, ás noites, no theatro de D. Maria, até que se evidenciou n'um papel de creado da *Princeza Jorge* e foi escripturado. Por essa epocha agradou bastante nos dramas: *Helena,* de Pinheiro Chagas e *Condessa do Freixial,* de Rangel de Lima.

Quando a empreza *Santos & C.ª* sahiu do theatro de D. Maria, **Mello** andou quatro mezes representando nas provincias, fazendo parte da companhia dirigida por Emilia Adelaide.

Veiu depois para Lisboa, sendo então escripturado no theatro da Rua dos Condes. Representou alli com muito agrado um papel de *reporter* na revista do anno e diversos papeis de comedia, entre ellas a *Valsa,* que fazia com primor.

N'esse theatro ficou quando Santos tomou conta da empreza, evidenciando se em diversas peças, principalmente na excellente comedia *Condessa Heloisa,* de Gervasio Lobato.

D'ahi em diante **Augusto de Mello** tem

percorrido todos os theatros de Lisboa: Gymnasio, Trindade, D. Maria, Rua dos Condes, Principe Real, Recreios, Avenida, sempre n'um progressivo caminhar, ao ponto de ser considerado hoje um dos nossos primeiros actores e um dos nossos raros *diseurs*.

Como ensaiador, **Augusto de Mello**, que tem exercido esse cargo nos Recreios, Avenida, Rua dos Condes, D. Maria, Trindade e no Baquet, do Porto, é hoje inquestionavelmente dos primeiros.

Do grande mestre Santos é **Augusto de Mello** dos melhores discipulos como artista e como ensaiador.

Mello é bastante illustrado, do que tem dado provas no theatro e no jornalismo. Fez agora parte, como director de scena e actor, da sociedade artistica do theatro da Trindade.

1889 — Estreia-se no theatro da Trindade, fazendo o papel de *Fada*, na magica *O gato Preto*, a actriz-cantora **Blanche Barbe**.

Entrou depois no mesmo theatro na opereta *A moira de Silves*, de Lorjó Tavares e nada mais fez em Lisboa.

Contractada pelo actor Guilherme da Silveira, partiu para o Brazil; mas quando lá chegou, em vez de cumprir o seu contracto, foi escripturar-se n'outra empreza, onde fez pequena carreira.

Conserva-se no Rio de Janeiro, quasi esquecida, pois apenas de mezes a mezes toma parte n'algum espectaculo de beneficio.

Tem voz agradavel e extensa, mas poucas qualidades artisticas e nada deve á formosura. Cremos que é principalmente isto que a afasta do theatro.

Viera para Lisboa em 1888, como comprimaria n'uma companhia lyrica, para o theatro de S. Carlos. Foi d'ahi que passou para a Trindade.

É natural de Buenos Ayres.

14

1771 — Nasce o actor **José Joaquim Arsejas**.

Foi por diversas vezes director e até emprezario de varias companhias dramaticas, installadas nos antigos theatros do Salitre e Rua dos Condes.

Como actor, da sua escola e do seu tempo, foi muito distincto, desempenhando com grande applauso *centros dramaticos*, ou *paes nobres* como então eram classificados.

Representou tambem no Porto, Evora e outras terras da provincia.

N'uma publicação ingleza, do começo do seculo, lembro-me ter visto duas bellas gravuras dos actores portuguezes **Arsejas** e José Felix da Costa, nos papeis de não sei que tragedia. Para tal succeder era preciso que ambos tivessem muito valor.

José Joaquim Arsejas morreu a 12 de novembro de 1838 em Thomar, onde jaz sepultado. Viveu 67 annos.

Conheci um filho seu, empregado na Bibliotheca Nacional, editor do *Almanach Arsejas* e proprietario de uma pequena livraria, onde havia gabinete de leitura por assignatura. D'essa livraria ficou herdeiro o neto do actor **Arsejas**, o sr. José Ignacio Rufino Arsejas, que ainda actualmente dirige a antiga livraria Lavado, da rua Augusta, e que é um grande amador de theatro.

1844 — Estreia-se na Comedie-Française o grande actor **Got**, de quem escreverei na data do seu nascimento, a 1 de outubro.

1863 — Nasce em Chaves o actor **Gomes**.

Estudou em Villa Real e depois no Porto até adquirir uma certa instrucção e ao mesmo tempo era um amador dramatico distincto. O theatro attrahia-o, e por isso, ao passar na terra da sua naturalidade a companhia ambulante dos Silvas, uniu-se a ella e começou desempenhando papeis que de dia para dia mais demonstravam a sua vocação para a scena. O primeiro que fez como actor foi o de *Ruy de Vasconcellos* nos *Lazaristas*. Com

essa companhia percorreu diversas terras das provincias, Açores e Madeira.

Em 1887 estreiou-se no Porto, no theatro de S. João, na *Princeza de Bagdad*, contractado pela empreza Perry & C.ª. No Pòrto continuou por tres epochas, fazendo grandes progressos na empreza de Cyriaco de Cardoso.

Veiu para Lisboa em 1890 fazer parte da companhia do theatro da Rua dos Condes, salientando-se em muitos papeis, mas principalmente no *Zebedeu* da minha revista *Fim de Seculo*. Foi logo na epocha seguinte contractado para a Trindade, onde em diversas peças substituiu Joaquim Silva e creou varios papeis.

Em 1894 foi ao Brazil, representando no Rio de Janeiro e S. Paulo com muito agrado. Tendo regressado bastante doente, logo que melhorou foi contractado por José Ricardo para o theatro D. Affonso, do Porto, onde é verdadeiramente estimado pelo publico.

Gomes é intelligente e correcto; prejudica-o por vezes o crear diversos papeis no mesmo molde. Agrada ainda assim no palco, e mais agrada cá fóra aos que o tratam, pelo seu caracter honesto e dedicado, apezar da apparencia de *mazombo*.

15

1725 — Nasce em Lisboa o notavel poeta dramatico **Manuel de Figueiredo**.

Estudou na Congregação do Oratorio e depois na Universidade de Coimbra. Dedicou-se tambem bastante ao estudo da calligraphia e desenho, segundo elle mesmo declara.

Aos 8 annos de edade já era apaixonado do theatro, a ponto de, assistindo a um espectaculo da companhia hespanhola de Antonio Rodrigues, no Pateo das Arcas, em que se representava a peça *Reynar despues de morir*, de Guevara, quando viu morrer na scena D. Ignez de Castro, desatou n'um tal berreiro, que o pae foi obrigado a pôl-o na rua aos bofetões. É elle tambem que o conta, no tomo VI do seu *Theatro*. E acrescenta que, passados annos, quando viu a mesma peça representada em Hespanha, não poude assistir até final do espectaculo! E peior ainda quando a viu no theatro do Bairro Alto, traduzida por Nicolau Luiz, fazendo de Ignez de Castro a distinctissima actriz Cecilia Rosa d'Aguiar, irmã da celebre cantora Luiza de Aguiar Todi.

Ainda não tinha completado quinze annos, quando **Manuel de Figueiredo** começou fazendo versos, que os collegas admiravam; mas que o padrinho, que o protegia, lhe prohibiu de continuar, a fim de não prejudicar outra carreira mais util.

Tendo terminado os estudos em 1745, partiu para Hespanha, d'onde regressou definitivamente em 1753. Parte d'este tempo foi gasta em commissão do governo a proposito do tractado de limites. Ao voltar de Hespanha exerceu o logar de official da Secretaria dos Negocios Estrangeiros e da Guerra até 17 de novembro de 1797, em que foi aposentado, mas acceitando unicamente o pouco de que precisava para viver.

A paixão pela litteratura dramatica foi sempre n'elle intensissima.

Era copiosissima a sua instrucção, que adquiriu na constante leitura dos melhores modelos latinos, francezes, italianos, inglezes e hespanhoes. Todos estes idiomas elle conhecia a fundo.

Só pensava na reforma do theatro portuguez. Que enormes serviços lhe poderia ter prestado este homem intelligentissimo, recto, probo, conhecedor das obras primas de todas as litteraturas, espirito observador, se não tivesse de luctar com a epocha em que viveu!

Ainda assim, muito e muito fez, afrontando o máu gosto do publico, que só applaudia chocarrices e phantasmagorias, e luctando com a indifferença dos academicos.

D'este vulto respeitavel da historia da litteratura dramatica dizia Garrett:

«Vivia aqui ha coisa de cincoenta para «sessenta annos, n'esta boa terra de Por«tugal, um figurão exquisitissimo que ti«nha inquestionavelmente o instincto de «descobrir assumptos dramaticos nacio«naes, ainda ás vezes, a arte de desenhar

«bem o seu quadro, de lhe grupar não sem «merito as figuras; mas ao pôl-as em acção, «ao coloril-as, ao fazel-as fallar... boas «noites! era semsaboria irremediavel. Dei- «xou uma collecção immensa de peças de «theatro, que ninguem conhece, ou quasi «ninguem, e que nenhuma soffreria talvez «representação; mas rara é a que não po- «deria ser arranjada e apropriada á scena. «Que mina tão rica e fertil para qualquer «mediano talento dramatico! Que bellas e «portuguezas coisas se não podem extrair «dos treze volumes — são treze volumes e «grandes! — do theatro de *Ennio* — **Manuel** «**de Figueiredo**! Algumas d'essas peças, «com bem pouco trabalho, com um dialogo «mais vivo, um estylo mais animado, fa- «riam comedias excellentes. Estão-me a «lembrar estas: *O casamento da cadêa*, ou «talvez se chame outra coisa, mas o as- «sumpto é este; comedia cujos caracte- «res são habilmente esboçados, funda-se «n'aquella nossa antiga lei que fazia casar «da prisão os que se suppunham poderem «reparar certos damnos de reputação fe- «minina. *Fidalgo de sua casa*, satyra mui «graciosa de um tão commum ridiculo «nosso. *As duas educações*, bello quadro de «costumes: são dois rapazes, ambos es- «trangeiramente educados, um francez, ou- «tro inglez, nenhum portuguez. É eminen- «temente comico, frisante .. *O cioso*, co- «media já remoçada da antiga comedia de «Ferreira, e que em si tem os germens da «mais rica e original composição. *O avaro* «*dissipador*, cujo só titulo mostra o enge- «nho e invenção de quem tal assumpto «concebeu: assumpto ainda não tratado «por nenhum de tantos escriptores drama- «ticos de nação alguma, e que é todavia «um vulgar ridiculo, todos os dias encon- «trado no mundo. São muitas mais, não «fica n'estas, as composições do fertilissi- «mo escriptor, que, passadas pelo crivo de «melhor gosto, e animadas sobretudo no «estylo, fariam um rasoavel repertorio para «acudir á mingua dos nossos theatros. «Uma das mais semsabores porém, a que «vulgarmente se haverá talvez pela mais «semsabor, mas que a mim mais me diver- «te pela ingenuidade familiar e sympathica «de seu tom maguado e melancolicamente «chôcho, é a que tem por titulo *Poeta em* «*annos de prosa*... Oh! Figueiredo! Figuei- «redo, que grande homem não foste tu, pois «imaginaste este titulo, que só elle em si «é um volume!»

Que opinião mais auctorisada sobre as comedias de **Manuel de Figueiredo**, do que esta de Garrett!?

Theophilo Braga, na sua *Historia do theatro portuguez* diz que «de todos os poetas «que escreveram para o theatro portuguez, «**Manuel de Figueiredo** foi o que teve ver- «dadeiramente a consciencia da sua mis- «são.»

Villela da Silva nas suas *Observações criticas* diz de **Manuel de Figueiredo**: «Foi um «dos que mais contribuiram para a restau- «ração da poesia portugueza, e que mais «honra fazem á nação com os seus escri- «ptos. O seu theatro nos manifesta um «homem, não só conhecedor da lingua em «que escrevia, e que mais que nenhum ou- «tro soube apropriar á poesia dramatica a «metrificação que lhe convém; mas um «philosopho, que conhecia a fundo o cora- «ção humano, e que não ignorava as regras «do genero da poesia a que se applicou «com especialidade.»

Manuel de Figueiredo, proposto por Corrêa Garção, foi um dos primeiros socios da *Arcadia*, sob o nome de *Lycidas Cynthio*.

Possuo o *Theatro de Manuel de Figueiredo* em 14 volumes, publicado o primeiro em 1804 e o ultimo em 1815. Contém 42 peças, sendo 24 comedias originaes e 5 imitadas ou traduzidas, 12 tragedias, sendo 8 originaes e 4 traduzidas, e uma comedia em verso castelhano. Possuo egualmente as *Obras posthumas de Manuel de Figueiredo*, 2 volumes, impresso o 1.º em 1804 e o 2.º em 1810. No 1.º estão incluidos os discursos que proferiu na *Arcadia* sobre o theatro portuguez.

Manuel de Figueiredo viveu celibatario e, por morte de seus paes, foi sempre dedicadamente acompanhado por seu irmão mais novo, Francisco Coelho de Figueiredo, modelo de amor fraterno e dedicação sem limites. D'elle fallarei na data do seu nascimento, a 4 de outubro.

Manuel de Figueiredo foi Cavalleiro da Ordem de Christo. O seu retrato pintado a oleo pelo pintor José Thron e os seus autographos e manuscriptos originaes existem na Bibliotheca Nacional de Lisboa, offerecidos pelo referido irmão.

Manuel de Figueiredo morreu em Lisboa a 27 de agosto de 1801.

16

1842 — Nasce em Lisboa a actriz **Silveria Soller.**

Irmã da actriz Barbara Volckart, com ella começou bem nova a sua carreira. Era conhecida no Gymnasio por uma das filhas da viuva e alli figurou no *Santo Antonio, Pretos e brancos, Familia do colono*, etc.

Andou representando pelos theatros particulares até que foi escripturada para a empreza de Villar Coelho e José Romano, na Rua dos Condes. Passou depois para as Variedades e em seguida percorreu algumas terras da provincia na companhia Volckart, fazendo as ingenuas. De regresso á capital contractou-se na empreza Pinto Bastos, no theatro do Principe Real, casando por essa occasião com o actor-ensaiador-ponto Alfredo Soller.

Seguiu depois para as provincias com a companhia Soares e por lá andou 16 annos.

Voltando a Lisboa, tem feito pequenos papeis n'alguns theatros, conservando-se actualmente no Gymnasio n'essas condições. É mãe das actrizes Alda e Adelia Soller.

1854—Primeira representação no theatro da Rua dos Condes da comedia em 1 acto **Um casamento em miniatura**, traduzida do francez por Antonio Mendes Leal.

Foi esta comedia desempenhada pelos actores: Santos, que depois foi o grande artista mestre; Brêa, um actor comico de primeira ordem que a epidemia da febre amarella matou em 1857; Marcolino, outro artista de grande merito, que depois tanto se salientou no Gymnasio e em D. Maria; Josefina Cordal, actriz de pouco merito, mas que, pela protecção que teve do ensaiador Romão, fez excellentes papeis de drama e comedia e que vive ignorada e já muito velha no Brazil; **Carlota Velloso** e **Maria da Luz Velloso**, que ahi começaram a sua carreira theatral.

Fallemos um pouco d'estas duas ultimas, visto que me não foi prossivel obter as datas dos seus nascimentos.

Pelos papeis que faziam e pelas informações de parentes e artistas da epocha, deviam então ter: a **Carlota** 14 annos e a **Maria da Luz** 10. Isto não é de certo exaggerado porque dá na actualidade a **Carlota Velloso** 58 annos e a **Maria da Luz** 54. Não podem ter menos.

Carlota Velloso é actualmente viuva de dois actores, o Alves e o Salazar.

A sua carreira foi a começo bastante auspiciosa, chegando a estar perfeitamente collocada no theatro de D. Maria. Depois circumstancias da vida fizeram-n'a andar pelos theatros de 3.ª ordem em Lisboa e Porto e em companhias de provincia, até que desappareceu do theatro, vivendo hoje ignorada no Porto.

Maria da Luz é viuva do antigo professor do Conservatorio e ensaiador do Gymnasio, o escriptor dramatico Alfredo de Mello.

Pouco tempo durou aquella lua de mel, seguindo **Maria da Luz** outro rumo. Teve tambem, como sua irmã, uma certa aureola, chegando tambem a estar no theatro de D. Maria e depois a ser *estrella* de opereta no Porto e no theatro do Principe Real, de Lisboa; foi porém decahindo e ultimamente, nas companhias Taveira e José Ricardo, do Porto, faz papeis de menos importancia.

1889 — Realisa-se no theatro da Rua dos Condes uma recita extraordinaria, promovida por uma commissão de escriptores, a favor dos orphãos do fallecido escriptor dramatico **Francisco Jacobetty.**

Conheci-o muito novo, empregado nos caminhos de ferro e rabiscando já nos jornaes litterarios. Ninguem dava nada por elle. Se tivesse pretendido guindar-se a grandes alturas, dando-se ares de litterato afamado, não passaria da obscuri-

dade. Teve o bom senso de seguir a sua verdadeira vocação e dedicar-se áquillo para que tinha verdadeiro prestimo.

Jacobetty conseguiu uma enorme popularidade com as suas peças. Os theatros em que alcançou nome, interesses e applausos foram os do Rato, da Alegria e Chalet. Foi elle quem deu a maior parte da fortuna que disfructa o ex-emprezario Manuel José d'Araujo.

Um dia **Jacobetty** quiz ir mais longe. Collaborou n'uma revista para o theatro dos Recreios. Cahiu redondamente. Não estava alli á vontade, nem lá tinha o seu publico.

D'uma occasião fez-se emprezario e appareceu pela primeira vez o theatro da Alegria; começou com muita sorte; mas acabou mal.

Jacobetty era um verdadeiro bohemio. O seu feitio impedia-o de pensar no futuro ou de tractar a serio questões d'interesses. Angariava, á custa de quaesquer sacrificios, os meios para as extravagancias de momento sem querer saber do que se seguiria depois.

Um bello dia, não tendo que fazer em Lisboa, organisou modestissima companhia e partiu para o Algarve. O negocio não foi bom; mas ia vivendo e por lá se deixou ficar, até que a morte o surprehendeu, quando se julgava na força da vida.

Algumas das peças de **Jacobetty** tornaram-se popularissimas e póde dizer-se que ainda não appareceu escriptor que melhor comprehendesse aquellas platéas alegres e enthusiastas.

Desappareceram, póde dizer-se, os theatros populares desde que d'elles sahiram os actores Alfredo Carvalho, Joaquim Silva e Oliveira e desde que morreu **Francisco Jacobetty**.

Entre os seus trabalhos, que parecendo muito ligeiros, demandam notaveis e raras aptidões, citam-se como os melhores as revistas: *O microbio*, que deu 246 representações consecutivas, e o *Anno das pontas*; as parodias *Dragões de Chaves* (aos *Dragões d'El-Rei)*, *Calixto* (á *Mascotte)*, *Drama no fundo d'um poço* (ao *Drama no fundo do mar)*, *Barbeiro da Mouraria* (ao *Barberillo de Lavapiés)* e *Duque de Vizella* (ao *Duque de Vizeu)*; a magnifica accommodação da *Gran Via* com o titulo *Grande Avenida*, que arrastou Lisboa inteira ao theatro do Rato, a do *Coro de señoras* com o titulo *Theatro por dentro*, que agradou immensamente no theatro Alegria; e as comedias *Cabeço de Bolla*, *Juliana* e *Menina das tres saias*.

17

1842 — Começam as obras para a edificação do theatro de D. Maria II. Veja-se a data de 13 de abril.

Os trabalhos proseguiram a despeito da guerra movida contra o architecto e a sua obra, que alcunharam de theatro *Agrião*, pelo facto de ter-se gasto muito tempo e muito dinheiro nos alicerces do edificio, por se ter encontrado muita agua.

1844 — Estreia-se em Lisboa, no theatro de S. Carlos, na opera *Gemma di Vergy* de Donizetti, o celebre tenor **Tamberlick**, a mais linda, forte e sonora voz que alli se tinha ouvido. Este tenor tornou-se principalmente notavel por dar sem difficuldade alguma o *dó sustenido* do peito.

1875 — Morre no hospital de S. José, de Lisboa, o actor **Heliodoro**.

Heliodoro de Almeida Franco começou a apparecer na scena do Porto, na companhia de Emilia das Neves, que lhe era muito affeiçoada e comsigo o levou a uma excursão no Brazil.

Ao regressar a Lisboa, entrou para o theatro de D. Maria e ahi, apezar de ter já adiantada a phtisica de larynge que o matou, tornou-se bastante distincto nos papeis de que se incumbiu e em especial nos seguintes: *Gladiador de Ravenna*, *Conde d'Alba* da *Patria*, substituição de Tasso no *Jogo*, *Miguel de Vasconcellos* do *Louco de Evora*, *Luiz XIII* da *Marion Delorme*, *Armand Duval* da *Dama das Camelias*, o *Rei Filippe* da *Joanna a Doida*, etc.

Heliodoro tinha um aspecto magestoso, um gesto largo e uma figura imponente, que muito o auxiliavam. A sua perda foi bastante sensivel para o theatro. Era intelligente, consciencioso e amava a sua profissão. Se não foi um actor notavel, foi, pelo menos, distinctissimo.

18

1850 — Nasce em Semur (Côte-d'Or) a actriz **Anna Judic.**

Estudou apenas um anno no Conservatorio de Paris. Debutou em 1867 no Gymnasio, nas *Grandes Demoiselles*, sem se tornar saliente, a não ser pela sua frescura e belleza.

Em 1868 entrou para o Eldorado a cantar cançonetas, obtendo então grande triumpho pela fórma delicada e ingenuamente picante por que dizia e cantava.

Durante a guerra franco-prussiana foi para a Belgica, onde obteve egual successo de cançonetista.

De volta a Paris, reappareceu em 1871 na Gaité fazendo a *Princeza Cunegundes* do *Roi Carotte*, de Sardou e Offenbach. Começou ahi a ser mais notada como actriz.

Entrando para os Bouffes-Parisiens em 1872, ahi creou com successo a *Timbale d'argent*, *Petite Reine*, *Branche cassée*, *Madame L'Archiduc*, etc.

Em 1876 entrou nas Variedade e ahi teve a sua epocha gloriosa do *Docteur Ox*, *Charbonniers*, *Niniche*, *Femme à papa*, *Roussotte*, *Lili*, *Mam'zelle Nitouche*, *Cossaque*, *Noce à Nini*, *Japonaise*, etc.

Além d'estas creações, todas magnificas, algumas das quaes não se conservam no seu repertorio pela deficiencia das peças, fez em confrontos: a *Perichole*, *Belle Hélène*, *Grande-Duchesse*, *Fiacre 117*, *Grand Casimir*, *Divorçons*, etc.

Fez tambem no Eden-Thèatre a *Fille de Madame Angot*.

Depois de muitas *tournées* brilhantes no estrangeiro, vindo por duas vezes a Portugal, onde obteve o maior successo; depois de voltar ás cançonetas no Eldorado e no Alcazar d'Été, reentrou nas Variedades em 1894, fazendo a *Lili*, *Nitouche* e *Femme à papa*, creando tambem a *Rieuse*.

Foi em seguida ao Gymnasio entrar na *Age difficile*.

Judic foi condecorada em Constantinopla pelo Sultão.

Em 1897 voltou a Portugal, para o theatro de D Amelia, de Lisboa, onde deu poucas recitas. A sua belleza bastante apagada pela excessiva gordura, não nos encantava como outr'ora. Se, como actriz, mostrava ainda o que tinha sido na *Lili* e na *Mam'zelle Nitouche*, n'outras peças demonstrou ter entrado na epocha da decadencia, principalmente na *Perichole* e na *Filha da sr.ª Angot*.

1890 — Primeira representação na Rua dos Condes da peça phantastica **O Reino das Mulheres**, imitação de Sousa Bastos.

N'esta peça, que obteve grande exito, crearam os principaes papeis os artistas: Pepa Ruiz, Carmen Cardoso, Barbara Volckart, Candida Palacio, Dias, Telmo, Corrêa e Setta da Silva.

No Porto os principaes papeis foram primeiramente feitos por Angela Pinto, Morini, Thereza Aço, Dores Aço, José Ricardo, Taveira, Justino Marques e Santinhos.

No Rio de Janeiro crearam os principaes papeis: Rosa Villiot, Manarezzi, Rosa Pereira, Machado, Augusto Mesquita e Rangel.

19

1826 — Nasce o actor **Florindo.**

Antonio Florindo da Costa entrou em 1838 para aprendiz de espingardeiro no Arsenal do Exercito e ahi se conservou até 1853. Durante este tempo representou como amador no theatrinho do Cascão, por onde passaram tantos dos nossos artistas.

Em 1851 estreiou-se como actor no theatro da Rua dos Condes, empreza José Vicente. Por essa epocha foi a *Graça de Deus* a peça em que mais se salientou.

Em 1858 foi contractado para o theatro de S. João, do Porto, por Couto Guimarães,

e em seguida andou por diversas terras da provincia, até que voltou a Lisboa, em 1860, epocha em que se fez emprezario do theatro D. Fernando, onde não foi feliz, indo em seguida a Evora com uma companhia e voltando já escripturado para o theatro das Variedades, onde se estreiou no papel de *Derviche* da magica *Loteria do Diabo*. N'esse theatro se conservou com diversas emprezas, sendo a ultima a de Pinto Bastos.

Depois de percorrer diversas terras da provincia, contractou-se como actor e ensaiador n'um theatro popular de Belem e por alli esteve até que, vendo-se sem theatro e com familia numerosa a sustentar, diligenciou e obteve o logar de sub-prefeito na Casa Pia.

Convidado pelo emprezario Parisini para fazer parte da companhia do theatro das Variedades, alli voltou, estreiando-se na magica *O cofre dos encantos*.

Em 1874 conseguiu empregar se na Camara Municipal de Lisboa, onde se conserva, tendo deixado definitivamente o theatro em 1879.

1852 — Nasce em Castello Branco o actor **Francisco Costa**.

Em 1871 entrou para o theatro da Rua dos Condes como figurante. Passou depois a discipulo, estreiando-se no drama maritimo *Naufragio do Brigue Mondego*. Entrou em seguida nas peças *Porta-bandeira do 99 de linha*, *Voluntarios da morte*, *Santa Quiteria*, etc.

A primeira escriptura que teve foi no theatro do Principe Real em 1875.

Em 1876 foi contractado na companhia de Emilia Adelaide, indo ao Porto, depois aos Açores e em seguida ao Brazil. Alli muito se desenvolveu e augmentou o seu repertorio.

Em 1878 voltou para Lisboa, entrando de novo no Principe Real, mas já então sendo um actor muito util.

Em 1885 foi contractado para o theatro de D. Maria, onde apenas lhe deram dois papeis insignificantes, o que o obrigou a voltar na epocha seguinte para o Principe Real, e ahi se conservou fazendo com muito agrado primeiros papeis até 1896.

Durante a estada no Principe Real voltou por diversas vezes ao Brazil, sendo sempre alli muito considerado e recebido com immensos applausos.

Na epocha de 1896-1897 fez parte da Sociedade Artistica do theatro da Rua dos Condes, onde, apezar de ser n'um genero muito contrario á sua vocação, foi dos artistas que mais conseguiram agradar na revista e nas operetas que alli se representaram.

Foi ultimamente societario do theatro da Trindade, tendo agradado bastante nas peças que alli se representaram.

N'este mesmo theatro continúa escripturado.

Francisco Costa é uma grande utilidade no theatro; o seu trabalho é sempre correctissimo e digno de louvor. Como homem é tambem estimadissimo entre os collegas pelo seu exemplar procedimento.

1860 — Inauguração do theatro **Baquet** do Porto pela companhia do theatro do Gymnasio, de Lisboa, representando-se a comedia em 3 actos, *Segredo d'uma familia*, do actor Santos.

Este theatro foi mandado construir pelo alfayate francez Antonio Pereira Baquet, que tinha o seu estabelecimento na rua de Santo Antonio, ao lado do local em que foi edificado o theatro.

Tinha 68 camarotes em tres ordens, duas frizas de bôcca, platéa e varandas. Ardeu a 20 de março de 1888 Veja-se esta data.

No *Archivo Pittoresco* escrevia n'aquella epocha Vilhena Barbosa o seguinte:

«O fundador fez um bom serviço ao Porto, dotando-o com um theatro de declamação, que não desdiz da riqueza e notavel engrandecimento da cidade, ao mesmo tempo que satisfez uma necessidade, porquanto não tinham as companhias dramaticas portuguezas onde representassem dignamente, a não ser no theatro de S. João, alternando-se com as companhias italianas de opera lyrica; porém uma sala cons-

truida expressamente para dar realce ao canto e á musica instrumental, é sempre defeituosa, mais ou menos, para a declamação.

«Começaram as obras do theatro **Baquet** no dia 22 de fevereiro de 1858. As desegualdades do terreno offereciam não pequenas difficuldades, porque a rua de Santo Antonio está na altura de mais de um terceiro andar em relação ao terreno onde se abriram os alicerces do edificio, de modo que foi preciso construir, para servir de base ao theatro, um grande predio, que se compõe de armazens e andares, com portas e janellas para a viella da Neta, e que fica subterraneo para o lado d'aquella rua.

Theatro Baquet

Não obstante, correm os trabalhos com tal rapidez, que no dia 13 de fevereiro de 1859, por occasião do carnaval, se inaugurou o theatro com um baile de mascaras.

Porém a inauguração solemne, depois de concluidas todas as obras de ornamentação, realisou-se em 16 de julho de 1859.

«O desenho da fachada do theatro foi feito por Guilherme Corrêa e a planta do resto do edificio pelo proprio Baquet. As quatro estatuas, que corôam o edificio, são de marmore e representam a Comedia, a Musica, a Pintura e as Artes. A fachada é construida da melhor qualidade de granito em que abundam os arrabaldes da cidade.»

1897 — Centessima representação da opera **Parsifal** no grande theatro Wagner, de Bayreuth.

20

1835 — Nasce o actor **Augusto**.

Esta data de nascimento foi-nos fornecida por antigos collegas. Elle responde invariavelmente a quem lhe pergunta a edade, que nasceu em 1875. É provavel que apenas troque o 3 em 7. Seja como fôr, o que é facto, é que nasceu a 20 de julho e se não foi em 1835, foi em 34 ou 36. A differença só poderá ser de um anno mais ou menos.

Raros actores, como elle, não terão feito tirocinio nas sociedades de amadores. Entendeu que não podia perder tempo e, da primeira vez que representou, foi logo como actor, no velho theatro da Rua dos Condes, em 1855, fazendo um pequeno papel na comedia *A Ramalheteira.*

Não tardou em fazer progressos notaveis n'outras comedias e vaudevilles, *Os aspirantes de marinha, Tribulação e ventura, Coronel no reinado de Luiz XV*, etc.

Lembro-me do **Augusto** desde 1861, em que, ao lado do Queiroz, deliciava o publico da Rua dos Condes com as scenas comicas *O pilha, O pilhado, O sebastianista, Ferro e fogo*, nas comedias *Rei dos creados, Feio no corpo bonito na alma* e outras muitas, nas operetas *Marina, Serenos, Sapateiro industrioso, Luiza e Augusto* e tantas mais.

Da Rua dos Condes passou **Augusto** para o Gymnasio, representando comedia com muita discrição, salientando-se por exemplo no *Joaquim o Terra Nova* e em operetas, como no *Tio Braz.*

Tendo o theatro da Trindade mudado o seu genero para o da opereta, alli estava indicado o logar do **Augusto**, que Francisco Palha foi buscar ao Gymnasio, fazendo-o estreiar-se a 25 de setembro de 1868.

Na Trindade, perfeitamente á sua vontade e no seu genero, **Augusto** evidenciou-se logo na peça da estreia, *A Flôr de Chá*, alcançando de dia para dia novos exitos, que lhe deram um dos primeiros logares no theatro e geraes sympathias dos amadores do genero alegre.

Citar todo o repertorio que **Augusto** tem feito na Trindade chegaria a ser fastidioso. Apontarei apenas algumas das peças em que mais sobresahiu: *Mancilio, Bella Helena, Canção de Fortunio, Tagarellas, Gata Borralheira, Princeza de Trebizonda, Rosa de sete folhas, Rouxinol das salas, Ilha de Tulipatan, Pepe Hillo, Só morre quem Deus quer, Amar sem conhecer, Amor e mysterio, Amazonas de Tormes, Tres rocas de crystal, Sargento Frederico, Nini, Campanone, Cruz de oiro, Duende, Tres dragões, Lucrecia Borgia, Néné, Giroflé-Giroflá, Fausto o Petiz, Marselheza, Sinos de Corneville, Viagem á lua, Milho da Padeira, Filha do inferno, Babiole, Perichole, Barba Azul, Ultimo figurino, Mascotte, Volta ao mundo, Boccacio, Toutinegra do Templo, Moleiro d'Alcalá, Amor molhado, Cigarra, Surcouf, Gato Preto, Pato de tres bicos, Ponte do diabo*, o celebre *Cabo d'ordens* do *Brazileiro Pancracio*, peça que deve unicamente a **Augusto** o successo que teve, o festejado *Tudocaebem* do *Sal e Pimenta* e outras muitas.

Na epocha de 1895-1896, em que a companhia da Trindade esteve ausente no Brazil, **Augusto** representou com muito agrado no theatro do Principe Real.

Voltou depois para a Trindade, reapparecendo nos seus antigos papeis da *Gata borralheira* e *Brazileiro Pancracio* e fazendo com muito agrado os novos papeis nas operetas *Falote* e *Princeza Colombina.*

Augusto continúa na Trindade.

1838 — Nasce no Maranhão o escriptor brazileiro **Joaquim Serra**.

Lente de litteratura no lyceu do Maranhão, deputado provincial e mais tarde deputado geral, director do *Diario Official*, redactor e collaborador de diversos jornaes politicos e litterarios, auctor de obras apreciadissimas, **Joaquim Maria Serra Sobrinho** é um dos nomes mais queridos na litteratura brazileira.

Para o theatro escreveu: *Rei morto, rei posto*, revista do anno em 3 actos, em verso, representada no theatro Phenix em

1874; *A perola sem fel*, comedia em 3 actos, representada no theatro de S. Luiz, em 1873; *O jogo de libras*, comedia em 3 actos, representada no mesmo theatro em 1868; *O remorso vivo*, drama phantastico em 4 actos e 8 quadros, em collaboração com Furtado Coelho e representado em quasi todos os theatros do Brazil; *As cousas da moda*, comedia em 2 actos; *Quem tem bôcca vae a Roma*, proverbio.

Joaquim Serra escreveu tambem a biographia do distincto actor brazileiro Germano Francisco d'Oliveira, e, com o pseudonymo *Griphus*, um bello livro de critica artistica galhofeira com o titulo de *Galeria Theatral*.

1872 — Inaugura-se o theatro **D. Augusto**, em Alcantara.

Era um theatro feito de madeira e no local em que hoje está a estação do caminho de ferro. Foi mandado construir por Villar Coelho, que foi tambem o emprezario de uma modesta companhia, de que era ensaiador Apollinario d'Azevedo.

Nem este theatro, nem outros que se teem construido no mesmo bairro, teem feito coisa alguma.

O theatro **D. Augusto** deu grave prejuizo.

O espectaculo de inauguração constou da comedia em 2 actos *O homem das cautellas* do actor Santos, da comedia em 1 acto *Um annuncio no Diario de Noticias* de Villar Coelho e da comedia em 1 acto *Gato por homem*, do actor Romão. Da companhia faziam parte, entre outros, os seguintes artistas: Guilherme Fonseca, João Ferreira, Felicidade, Julia, Roque, Augusta, Carvalho, Antonio Ricardo, José Pedro, Soares, Palhares, Luiza e Emilia.

1872 — Nasce o actor **Henrique Alves.**

Começou a sua vida como caixeiro de commercio. Estreiou-se como artista, no theatro da Avenida, a 30 de fevereiro de 1892, na revista em 1 acto *Um sonho do citado auctor*, de João Soler e José Ignacio de Araujo. Demonstrou logo merecimento e no mez d'outubro d'esse mesmo anno foi contractado para o theatro de D. Maria, onde se conserva. Tem feito visiveis progressos, manifestados dia a dia, e é hoje n'aquelle theatro uma bella utilidade.

Em diversas excursões ás provincias e Brazil tem sempre conseguido o agrado publico.

Este tem realmente futuro.

21

1854 — Nasce em Montpellier o compositor **Victor Roger.**

Depois de fazer cantar diversas canções e pequenas peças em 1 acto, obtem grande successo, a 20 de março de 1886, nos Bouffes-Parisiens, com a opera burlesca em 3 actos *Josephine vendue par ses sœurs*.

Tem escripto musica para mais de 20 operetas; mas os seus maiores successos, além da peça de estreia, tem sido: *Douze femmes de Japhet, Mademoiselle Asmodée, 28 jours de Clairette, Clary-Clara* e *L'Auberge Tohu-bohu.*

Victor Roger é critico musical e official da Instrucção Publica.

1857 — Nasce no Maranhão **Hugo Leal.**

Veiu para Portugal em 1869. Começou estudando medicina em Lisboa, passou para Paris, mas nunca acabou o curso.

Voltou para Lisboa, onde se filiou no partido republicano e seguiu depois para o Rio de Janeiro, onde continuou a vida de jornalista, que começára em Lisboa, e onde publicou varios livros.

Extrahiu um drama do romance de Victor Hugo, *Noventa e tres* e escreveu mais dois: *Plebea e pobre* e *Córa.*

Falleceu no Rio de Janeiro a 16 de março de 1883.

22

1849 — Nasce a actriz **Amelia Vianna.**

Estreiou-se em 1875 no theatro das Variedades, na magica *O Cofre dos Encantos* de Parisini, que era tambem emprezario do theatro.

Em 1876 contractou-se no velho theatro da Rua dos Condes, onde esteve até que elle foi demolido, passando com a empreza para o theatro dos Recreios. Esteve depois

no Principe Real e em D. Maria, tendo sido ultimamente societaria do theatro da Trindade.

É actriz com que o publico mui pouco sympathisa no theatro.

1850 — Reabre o theatro de **D. Fernando**, no largo de Santa Justa, sob a direcção de Emilio Doux.

A companhia fôra reforçada com os artistas: Luiza Persolli, Lisboa, Rolick. Sargedas, Faria e Simões.

A peça de reabertura foi a opera-comica *A Barcarola*, que agradou immensamente.

1881 — Morre no Porto o actor **Luciano**.

Era um rapaz de grande merecimento e bella figura para scena. Começára no theatro das Variedades, onde logo demonstrou merito. Passou para a Rua dos Condes e Gymnasio e em ambos os theatros adquiriu muitas sympathias.

Fôra ultimamente contractado para o Porto, onde morreu pouco tempo depois de lá estar, não contando ainda 30 annos.

23

1837 — Nasce no Rio de Janeiro **Duarte José de Mello Pitada**.

Formou-se em direito pela faculdade de Pernambuco.

Conheci-o no Rio de Janeiro, onde por vezes me apparecia a fim de que lhe fizesse representar algum dos seus trabalhos litterarios. Li apenas um, que me pareceu muito deficiente.

Creio que nenhuma peça tem original. Entre os seus arranjos contam-se: *Os miseraveis*, drama extrahido do romance de Victor Hugo; *A conversão de um calceta*, outro drama extrahido do mesmo romance; *A Condessa de Monte-Christo*, drama traduzido do francez; *Os bandidos*, traducção da opereta *Les brigands*.

Creio que o **Dr. Mello Pitada** ainda vive, pois que não ha muito tempo continuava trabalhando para deixar espolio litterario.

1879 — Morre em Lisboa o notavel scenographo **José Cinatti**.

Nasceu em Sienna, na Toscana, em 1808. Foi educado em Milão, onde seu pae residia e por elle foi principalmente ensinado.

Dedicando-se á scenographia, estava trabalhando em Lyon, França, quando o emprezario Antonio Lodi, em 1836, o foi contractar para o theatro de S. Carlos, onde já trabalhava Achilles Rambois, tornando-se os dois distinctissimos scenographos inseparaveis até á morte.

Durante mais de 40 annos o nosso theatro lyrico apresentou trabalhos admiraveis de **Rambois** e **Cinatti**. Basta citar a fórma por que subiram á scena as operas *Macbeth*, *Propheta* e *Roberto o Diabo* e a celebre dansa *Esmeralda* para se avaliar o talento dos dois grandes artistas.

Tambem os notabilissimos scenographos apresentaram trabalhos de primeira ordem no theatro de D. Maria, como foram os da *Mulher que deita cartas* e da *Córa ou a Escravatura*, em que sobresahia o maravilhoso *panorama do Mississipi*.

Egualmente foram apreciadissimos pelos seus trabalhos para o theatro das Laranjeiras do Conde de Farrobo, palacio da Pena em Cintra, jardim publico de Evora e muitos palacios e casas particulares.

Em 1851 a Rainha D. Maria II conferiu a **José Cinatti** o habito da Conceição pelos valiosos serviços que prestou á exposição a beneficio das casas d'azylo da infancia desvalida.

1839 — Morre em Lisboa o grande actor **Antonio Pedro**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 15 de maio.

24

1852—Primeira representação no theatro de D. Maria, dirigido pela Sociedade Artistica, do drama de grande espectaculo **A Prophecia ou a Queda de Jerusalem**, original de D. José d'Almada e Lencastre, de

quem já tratei na data da sua morte, a 19 de junho.

A **Prophecia** foi posta em scena com um esplendor nunca visto em Portugal. Nunca até alli se tinha observado no theatro portuguez tanta riqueza e magnificencia. O desempenho era optimo, a musica excellente e os bailados de primeira ordem.

Apesar de tudo isto e do agrado que alcançou, a peça não deu resultado pecuniario que compensasse os sacrificios feitos.

1863 — Trasladação dos restos mortaes de **D. José d'Almada** para o jazigo que fôra mandado erigir no cemiterio do Alto de S. João, por subscripção publica.

1877 — Nasce em Lisboa **Izabel Gomes Perez.**

Filha de paes hespanhoes, nasceu em Portugal e obteve sempre distincção em todo o curso do Conservatorio de Lisboa. Foi tambem discipula do habil professor Vellani.

Foi ouvida em publico, no theatro D. Amelia, cantando a parte de *Elvira* no *Ernani,* executado por artistas portuguezes. Foi applaudidissima.

Na epocha de 1897-1898 por duas vezes esteve annunciada nos cartazes para se estreiar no theatro de S. Carlos; da primeira adoeceu ella, da segunda recusou-se a cantar o barytono Beltrami.

Esperamos ouvil-a na epocha futura.

25

1777 — Nasce em Lisboa **Fernando Antonio Vermuel.**

Formou-se em direito na Universidade de Coimbra e exerceu em Lisboa as profissões de advogado e tabellião.

Traduziu a comedia em 3 actos *O thesouro,* de Andrieux e a comedia em 2 actos *D. Branca,* de Scribe.

Para a velha e estimada farça de cordel contribuiu com alguns trabalhos, entre os quaes a comedia *O Enredador,* que obteve um grande exito e foi representada innumeras vezes nos theatros de S. Carlos, Rua dos Condes e Salitre.

1815 — Nasce em Lisboa o compositor **Antonio Luiz Miró.**

Era filho de um musico hespanhol e discipulo do notavel prefessor Bomtempo.

Foi director musical do theatro de S. Carlos e para lá escreveu as operas *Somnambulo* em 1835, *Atar* em 1836, *Virginia* em 1840. Para o theatro das Larangeiras escreveu em 1844 a opera *Il sogno del Zingaro.* No mesmo anno, para a Academia Philarmonica o drama lyrico *Os Infantes em Ceuta.*

A 4 de outubro de 1848 cantou-se pela primeira vez no theatro do Gymnasio a opera comica *A Marqueza,* letra de Paulo Midosi e musica de **Miró.** Esta opera-comica agradou immensamente e a sua symphonia foi por muito tempo pratinho obrigado das orchestras de todos os theatros.

Miró apaixonou-se loucamente pela formosa actriz Josephina, do Gymnasio, que hoje vive para ahi n'um pequeno quarto quasi cega e ignorada, esmolando um pedaço de pão. Com ella casou e com ella se foi para o Brazil. Lá morreu, no Maranhão.

1864 — Morre o actor **Rollão,** de quem já fallei na data do seu nascimento, a 18 de maio.

1867 — Nasce em Cartajena (Hespanha) a actriz **Florentina Rodriguez.**

Aos 20 annos alli se estreiou n'uma companhia de zarzuela e d'alli seguiu com Cereceda, o conhecido emprezario, para Barcelona, Valencia, Alicante, Murcia, Madrid e depois Lisboa.

Na nossa capital estreiou-se com a mesma companhia de zarzuela, a 28 de junho de 1888, na *Cadiz,* no Real Colyseu.

Apesar de estar no começo da sua carreira, foi a mais applaudida de todas as tiples.

Quando a companhia retirou, ella deixou-se ficar em Lisboa com a familia, attrahida pelas promessas de um emprezario pouco

escrupuloso, e d'ahi a tempos a vimos representar em portuguez no theatro da Avenida.

Tinha dotes de formosusa e de artista e por isso, apezar da sua pronuncia hespanhola, conseguia sempre agradar.

O tal emprezario, que o foi do Avenida, do Alegria e do Principe Real, poucos mezes em cada um, acabou por ter uma vida difficil e a pobre **Florentina** sempre sacrificando-se do melhor grado.

Por fim elle lá vae pelo mar fóra, phantasiando uma herança de milhares de contos com que promettia pagar aos innumeros crédores d'aqui. Com elle lá foi a infeliz **Florentina**, bem digna de melhor sorte.

Chegados ao Rio de Janeiro, elle começou angariando meios de subsistencia, que alli nunca faltam aos que querem trabalhar. Quando a pobre rapariga começava a ver uma existencia tranquilla e certo o pão de cada dia, a terrivel febre amarella matou-a, aos 25 annos de edade! Desgraçada **Florentina**!

26

1829 — Nasce **Pedro Carlos d'Alcantara Chaves.**

Tendo apenas estudos primarios, entrou em 1842 para a Imprensa Nacional como aprendiz, a fim de seguir a profissão de seu pae, que era typographo. Alli e n'outras officinas exerceu a arte typographica até que, em 1855, entrou como ponto para o theatro da Rua dos Condes.

De ponto passou a ensaiador, logar que chegou a exercer ao lado do grande José Carlos dos Santos.

Como escriptor dramatico teve a sua epocha e foi mesmo muito popular. Das suas peças as que alcançaram maior nomeada foram: *Luizinha a leiteira, O Descasca-milho, O casamento do Descasca-milho, O baptisado do filho do Descasca-milho, Morte do Descasca-milho, Ainda o Descasca-milho, Culpa e perdão, Martyres da Polonia, Martyrios e Rosas, Milagre da Senhora da Nazareth, Visinha Margarida, Garibaldi, Querem ser artistas, Provinciano em Lisboa, Campanologos portuguezes*, etc.

Nos theatros era conhecido pelo **pae Chaves**, pela sua bonhomia.

Era um excentrico. Vestia um fato novo que parecia velho no dia seguinte, e só o largava quando se rompia por todos os lados. Affastava-se systematicamente dos primeiros artistas do theatro para andar sempre acompanhado por discipulos, coristas, ou pessoal inferior, com quem bebia e jogava o dominó, uma das suas paixões.

No fim da vida ainda foi contraregra; mas mal podia trabalhar e teve de recolher-se a casa até que a morte se lembrou de o aliviar de uma existencia pesada.

Tinha incontestavelmente talento e aptidões; mas foi sempre um bohemio e um desleixado. Isto prejudicou-o.

27

1813 — Nasce o distincto actor **Chrispiniano Pantaleão da Cunha Sargedas.**

O pae, um honesto sapateiro, queria que elle fosse padre, para o que o mandou aprender latim; o rapaz, porém, preferiu ir para a Academia de Bellas Artes aprender desenho; mas portando-se de fórma, que em pouco tempo foi riscado das aulas. Fallecendo-lhe o pae, entendeu que era preciso ganhar a vida e entrou como caixeiro n'uma loja, d'onde sahiu em 1833 para sentar praça no batalhão movel do commercio, em cujas fileiras fez a campanha da defeza das linhas de Lisboa.

Terminada a lucta civil, achou-se **Sargedas** desempregado, lançando então mão do que poude para angariar a subsistencia; pintava casas, tirava copias e até fazia escripturações.

Por este tempo Emilio Doux annunciava as suas lições de declamação. **Sargedas**, que sempre amára o theatro, matriculou-se na aula de Doux e com tal aproveita-

mento, que, em maio de 1837, debutava no *Anniversario*, obtendo o mais lisonjeiro exito e alcançando em breve fóros de actor distincto nas creações do *Pae da actriz, Duas educandas, Gaiato de Lisboa, Gaiato de Paris, Prophecias do Bandarra, Retrato vivo* e outras.

Garrett tinha a maior sympathia por **Sargedas**, a ponto de lhe ler as suas peças e ouvil-o com toda a attenção.

Quando se constituiu a sociedade artistica do theatro da Rua dos Condes, **Sargedas** foi eleito secretario da direcção, o que mostra a consideração em que era tido. Entregue mais tarde o theatro de D. Maria a essa sociedade, foi **Sargedas** classificado primeiro actor comico com o ordenado, então fabuloso, de noventa mil réis mensaes.

Em 1846, por desintelligencias com os collegas, sahiu do theatro de D. Maria e andou em companhias ambulantes a que só elle dava prestigio.

N'esse periodo de vagabundagem artistica, algumas vezes vinha a Lisboa, representando então no Gymnasio.

A 6 de outubro de 1853 foi readmittido no theatro de D. Maria, onde se conservou até ao fim da sua carreira, conquistando muitos applausos, principalmente no seu antigo repertorio, porque creações novas poucas mais fez, em consequencia da falta de memoria que o accommetteu, que o inhibia de estudar papeis novos, e a custo lhe deixava, muito ajudado pelo ponto, representar os antigos.

Em 1866, estando **Sargedas** n'uma loja maçonica, que existia na Carreirinha do Soccorro, hoje rua Fernandes da Fonseca, morreu repentinamente.

1845 — Nasce em Cadafaes a actriz **Anna Pereira**.

Cegando seu pae, em breve a miseria bateu á porta de sua casa e toda a familia veiu para Lisboa em procura de arrimo. Romão Martins, o ensaiador do Gymnasio, que era amigo do pobre cego, sempre que havia peças que mettessem

creanças, dava preferencia a **Anna Pereira** e a sua irmã Margarida Clementina.

Foram crescendo as duas filhas do cego, como eram conhecidas no theatro do Gymnasio, e por lá se conservaram fazendo papelinhos, até que, em 1862, Emilia das Neves as contractou para o Porto; d'ahi passaram para Coimbra, onde reprsentaram n'algumas peças, no theatro D. Luiz.

Em setembro de 1861 vieram ambas escripturadas para o theatro do Principe Real de Lisboa pela empreza Cesar de Lima e Ruas.

Margarida teve muito maior successo do que **Anna Pereira**. Era formosa, fina, elegante e tinha uma voz adoravel. Em duas ou tres peças, e principalmente na comedia em 3 actos, *Condessa de Villar*, de Florencio Sarmento, ficou consagrada predilecta do publico. Mas... d'ahi a pouco, menos d'um anno, o hymineo roubou-a á Arte e, em menos de dois, a morte roubou-a ao esposo.

Anna Pereira, apesar de não ter por si a formosura, nem a elegancia, nem outros dotes, que tão apreciavel tornavam Margarida, tinha graça e desenvoltura. Lembro-me de a ter visto fazer n'essa occasião com muito valor um papel de caldeireiro na opereta *A herança do Tambor-mór*, de José Ignacio de Araujo.

Do Principe Real passou **Anna Pereira** para o Gymnasio, representando drama e comedia sem grande saliencia, mas correctamente. Com Silva Pereira representava ella mui distinctamente a comedia em 1 acto *Discordias de Concordia*, imitação de Coutinho de Miranda e que depois Emilia dos Anjos e Leoni representaram com o titulo *O sr. está no club*, arranjo de Passos Valente.

A epocha brilhante de **Anna Pereira** foi no theatro da Trindade, onde se estreiou a 23 de maio de 1868, na comedia *Tentações do Demonio*, de Sardou.

O genero que a reclamava era a opereta, onde tinha o seu campo de gloria. Logo o primeiro papel do genero a collocou ao lado das primeiras, a *Carlota* do *Barba Azul*, representado pela primeira vez a 13 de junho do mesmo anno. Seguiu-se a

opera burlesca *Flôr de Chá,* depois a comedia *Miguel o Torneiro,* em seguida a magica *Gata borralheira,* depois o *Viver de Paris,* o *Fausto o Petiz,* a *Princeza de Trebizonda, A rosa de sete folhas*... e **Anna Pereira** a mais agradar de dia para dia e mais a firmar-se no conceito publico como a nossa primeira actriz de opereta.

Seguiram depois as peças: *Grande Duqueza, Sol de Navarra, Durante o combate, Rouxinol das salas, Ilha de Tulipatan, Contos de Boccacio, Pepe Hillo, Só morre quem Deus quer, Robinson, Amor e mysterio, Meninas grandes, Tres rocas de crystal, Sargento Frederico, Cem donzellas, Liquidação social, Minhas duas mulheres, Viagem de recreio, Entre minha mulher e o negro* e *Paulo e Virginia.*

Em 1874, ou porque **Anna Pereira** estivesse farta de aturar Francisco Palha, ou este a ella, a actriz sahiu da Trindade e durante seis annos andou representando drama, comedia, vaudeville e opereta em D. Maria e no Principe Real.

Convenceu-se de que o seu logar era na companhia de opereta da Trindade e Palha convenceu-se de que ella lhe fazia falta e eil-a a reapparecer no palco das suas glorias, no *Rouxinol das salas,* a 9 de setembro de 1880.

Voltou depois ao *Barba Azul,* cahiu com a *Estrella do Rei Uf,* levantou-se no *Ultimo figurino,* em que não se cançavam de lhe pedir *bis* ás *peteneras:* fez depois *Valentim o Diabrete, Noite em claro, Piperlin, Dragões de Villars, Burgueza, Noite e Dia,* reprise da *Princeza de Trebizonda, Mulher do papá, Gaiato de Lisboa, D. Juanita, Boccacio, Ave azul, Mocidade de Figaro, Garra de Leão, Estudante pobre, Heloisa e Abeilard, Papão, Rei de ouros, Amor molhado* e *6.ª parte do mundo.*

Tendo cahido estrondosamente e com grande troça esta ultima peça, **Anna Pereira**, para evitar represental-a segunda vez, tomou grande porção de arsenico, o que a inutilisou para a scena por mais de um anno.

A 13 de fevereiro de 1890 reappareceu no 1.º acto do *Rouxinol das salas.* Fez depois a opera comica em 3 actos *D. Cesar* e a opereta em 1 acto *Academicos e Futricas.*

Tomando conta do theatro em 1892 uma sociedade artistica, com ella se contractou **Anna Pereira**, representando nas operetas: *Côrte do Rei Pimpão, Leitora da Infanta, D'Artagnan, Brazileiro Pancracio* e *Tres dias na berlinda.*

Por exigencias desarrasoadas de novo sahiu da Trindade em 1894, contractando-se na companhia dramatica que então funccionava no theatro da Rua dos Condes. Poucos papeis alli fez; mas um com bastante successo, o da *Marechala.*

Mais tarde **Anna Pereira** voltou para o theatro de D. Maria, onde se conserva, fazendo com distincção papeis caracteristicos, tendo sobresahido principalmente no drama *João José.*

28

1824 — Nasce em Paris **ALEXANDRE**

DUMAS (Filho).

Este glorioso homem de lettras, continuador do brilhante nome de seu pae, é inquestionavelmente um dramaturgo dos modernos de mais forte pulso.

Foi elle quem, com a sua *Dama das Camelias,* marcou o caminho da nova litteratura dramatica. A sensação que esta peça produziu, no começo da sua carreira, foi a mesma que depois produziram essas obras admiraveis, que se chamam *Demi-Monde,*

O filho natural, Estrangeira, O pae prodigo, Princeza de Bagdad, Heloisa Paranquet, Idéas da sr.ª Aubray, Amigo das mulheres, Mulher de Clandio e tantas outras de egual valor.

Morreu em dezembro de 1895 esse mestre de todos os dramaturgos modernos, que para a scena transplantava as grandes questões que agitavam a sociedade, dando-lhes a fórma propria e indicando aos que lhe seguiram os passos o caminho da probidade litteraria.

1844 — Morre em Bemfica **Antonio Maria de Sousa Lobo.**

Era natural de Cuba e sahiu bacharel em direito pela Universidade de Coimbra em 1827. Viveu por muito tempo no Porto, na sua casa do Laranjal. Em 1832 tomou armas, alistando-se nos voluntarios de cavallaria de D. Pedro.

Cultivava com desvello a litteratura; mas era a dramatica que mais o captivava.

Foi nomeado membro do Conservatorio Dramatico de Lisboa, presidindo á delegação que se estabeleceu no Porto. Collaborou tambem nas *Memorias do Conservatorio.*

No theatro nacional da Rua dos Condes se representaram tres dramas seus, que foram muito applaudidos: *O Emparedado, A Moura* e *A Cigana.*

Falleceu n'esta data, victima de um aneurisma, e jaz sepultado no cemiterio dos Prazeres.

1883 — Morre em Lisboa o actor **João Maria Ferreira.**

Era irmão do actor Izidoro. Percorreu quasi todos os theatros de Lisboa, passando dos papeis mais importantes aos mais insignificantes, sem que elle se incommodasse, nem o publico désse por isso. O seu tom de declamar era inalteravel, quer em papeis comicos ou dramaticos. O que elle fazia com mais correcção eram os papeis de preto; para isso tinha uma certa quéda. Foi tambem por muito tempo contraregra em diversos theatros.

Da mesma fórma que o irmão, tinha tambem a mania de escrever. Algumas comedias fez, que o conservavam como auctor á mesma altura em que estava como actor.

Era um bom homem e, nos ultimos annos da vida, companheiro de Joaquim Bento, com quem até se vestia no mesmo camarim.

29

1779 — Nasce em Villa Rica, Ouro Preto, Minas, a escriptora brazileira **D. Beatriz Francisca de Assis Brandão.**

Estudou com afinco as litteraturas portugueza, franceza e italiana e produziu trabalhos de bastante valor em prosa e verso.

Morreu em 1860.

Escreveu para o theatro diversas allegorias á coroação de D. Pedro I, ao nascimento de D. Pedro II e ao anniversario da imperatriz D. Leopoldina.

Traduziu as seguintes operas: *Alexandre na India, José no Egypto, Sonho de Scipião, Angelica e Medoro, Semiramis reconhecida* e *Diana e Endemião.*

1804 — Morre em Lisboa **Manuel Rodrigues Maia.**

Professor de latim e director de um collegio na rua dos Calafates, empregava as horas vagas em escrever criticas aos costumes do seu tempo.

Para o theatro escreveu diversas farças no gosto das de Antonio Xavier, taes como: *As desgraças graciosas do feirante, A cardadeira por vida ou os amantes embuçados, O aprendiz de ladrão, A madrinha russiana O periquito ao ar, Os tres rivaes enganados* e principalmente *O doutor Sovina*, que escreveu para ser representada no theatro de S. Carlos e depois teve *reprises* em todos os theatros, alcançando immensa popularidade.

1852 — Nasce em Lisboa **José Rodrigues Chaves.**

É difficil encontrar homem mais habilidoso, mais trabalhador, mais cheio de paciencia e, ao mesmo tempo, mais infeliz.

Aos 9 annos escreveu uma peça para representar no collegio com os condiscipulos. Ensaiava-se nas horas de recreio e

representava-se ás quintas feiras. Pouco a pouco todos os discipulos queriam entrar na peça; elle ia fazendo papeis novos para todos, acabando por só haver actores e nem um espectador.

Aos 14 annos, ao mesmo tempo que aprendia o officio de relojoeiro, entrou para discipulo do theatro das Variedades, estreiando-se na magica *A Pomba dos ovos de ouro.*

Depois d'isto foi para o theatro do Principe Real com a empreza Santos e Pinto Bastos, em seguida para D. Maria e d'ahi voltou para o Principe Real. Fez innumeros papeis, mas agradando principalmente no general *Boum* da *Grã-Duqueza,* que fez em confronto com Faria, que n'elle tinha sido notabilissimo.

Foi depois para o theatro das Variedades, para uma empreza que muito prometteu e nada cumpriu e por isso logo acabou. Ficando desempregado, teve de voltar para D. Maria outra vez como discipulo e ganhando ás noites. D'ahi foi ainda para o Principe Real e depois para o Gymnasio, para uma empreza dirigida por José Romano e que tambem pouco durou. Foi novamente para as Variedades, mas tropeçando sempre com difficuldades.

Escreveu varias cançonetas, monologos e scenas comicas, sendo a mais representada a que tem por titulo *A Duqueza por um sabio,* que tem desempenhado mais de 600 vezes! É de fazer com perfeição essa scena que o alcunharam de **Chaves gallego,** porque o personagem é um cidadão de Tuy.

D'esta epocha em diante é que o **Chaves** começou a luctar mais desesperadamente, mostrando as suas habilidades, mas sem resultado.

Apparece em Lisboa o Holden com os seus *fantoches* e elle trabalha dia e noite durante 16 mezes e apresenta uma magnifica collecção com que perdeu o tempo, o dinheiro e que acabou por arder!

De volta de Hespanha, onde fôra com a sua collecção de *fantoches* e onde ficára entalado, vem para o theatro dos Recreios, a fim de pagar com o seu trabalho o que mandára pedir para regressar á patria, e ahi representa, pinta scenario, faz adereços, ensaia, faz *réclames,* etc., e no fim sae d'alli sem um real!

Vê no Colyseu o ventriloquo O'Kil e executa os seus trabalhos, sendo muito applaudido e nada mais! Quiz fazer um beneficio, transferiu-o cinco vezes e acabou por desistir!

Seria um nunca acabar fazer a citação de quantos trabalhos tem imitado sempre com muito louvor, mas sem resultado pecuniario.

Imitou Serini com as desapparições de pessoas vivas; imitou Chrowther com os extraordinarios golpes de sabre, cortando barras de chumbo, carneiros, etc.; imitou a Dicka com o gabinete negro; fez uma collecção de instrumentos excentricos, escrevendo elle proprio as musicas para n'elles se executarem; inventou trabalhos de prestidigitação completamente novos; pintou quadros a oleo em cinco minutos; fez caricaturas instantaneas no genero do François; fez os trabalhos de hypnotismo, suggestão e transmissão de pensamento de Onofroff, que foram prohibidos pela auctoridade quando lhe começavam a dar dinheiro; fez os celebres calculos mentaes do Inaudi, n'uma recita em seu beneficio, não chegando a receita para as despezas seraes!

Por occasião do casamento de El-rei D. Carlos, tendo falta de trabalho, apresentou-se ao architecto Valentim Correia e nas ornamentações, sem que nunca tivesse estudado, fez trabalhos de primeira ordem.

D'outra vez, por intermedio d'um amigo, entrou para uma fabrica de papeis pintados, e, estudando muito, conseguiu fazer papel marmore e madeira egual ao estrangeiro. Logo que a fabrica se viu habilitada a tal melhoramento, prescindiu dos seus serviços!

José Rodrigues Chaves, procurando sempre os meios de subsistencia para sua numerosa familia, tem lançado mão de toda a especie de trabalho. Já pintou um quadro sacro; em pasta tem feito immensos trabalhos, imitando em baixos relevos objectos d'arte antigos. Ainda ultimamente fez em tamanho natural, em medalhão, o

busto do Conde de Paris, que offereceu á rainha D. Amelia.

Abriu o theatro Bijou na rua de D. Pedro V na intenção de apresentar os seus *Androidos*, os *fantoches* que lá arderam. Depois transformou-o em theatro infantil, onde deu provas da maior paciencia, ensaiando e dirigindo uma companhia de creanças, que ensinava a representar e que tinha já um longo repertorio, quando uma noite o theatro foi pasto das chammas!

D'ahi em deante a lucta do **Chaves** para angariar os meios de subsistencia dos seus tem sido mais desesperada e desanimadora. Persegue uma estrella fatidica este homem, que, com a habilidade e o amor ao trabalho que tem, devia viver desassombrado e legar aos seus o producto de um trabalho incessante e que denota alto merito.

1864 — Nasce em Lisboa **Penha Coutinho.**

Nos jornaes e n'outras publicações, **José Maria Olavo da Penha Coutinho** tem usado o pseudonymo de **Morpheu.**

Em diversos theatros e por diversas epochas tem sido ponto e um bom ponto.

Se não fôra a vida bohemia a que se entregou e o pouco cuidado que tem pelos seus interesses e pelo seu bom nome litterario, poderia ser um escriptor muito mais considerado, visto que lhe não falta talento e aptidão, o que tem demonstrado em perto de cincoenta cançonetas que tem escripto e outros tantos monologos.

Fez tambem muitas comedias, entreactos, monologos e cançonetas, proprias para collegios e que estão publicados com o titulo de *Theatro das creanças.*

É auctor de quatro revistas do anno: *A Cega-rega*, *Portugal em balão*, *Zas traz*, com Baptista Diniz, e *Carapuça* com Salvador Marques e Julio Rocha.

São suas quatro operetas: *Amante do rei*, *Depois da corrida de touros*, *Regimento vermelho* e *Corsarias;* as duas ultimas em collaboração com Dupont de Sousa.

Magicas escreveu duas: *El rei Bota-abaixo* e *Mulher do Diabo*, com Baptista Machado.

Fez uma oratoria com A. Miranda, *O Martyr do Golgotha;* a parodia ao drama *Tosca;* as comedias: *Aereonauta á força*, *Pagina 115*, *Estylo figurado* e *Dois matutos.*

Tambem tem escripto os dramas: *O filho do povo*, *Honra e dedicação*, *Garra d'abutre*, *Honra e crime*, *O Proletario*, *Morte de Marat* e *Pedro o salteador.* Imitou mais os seguintes: *Dedo de Deus*, *Ciume* e *Trapeiro de Paris.*

1878 — Morre em Paris o distincto escriptor **Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos,** de quem tratarei na data do seu nascimento, a 1 de novembro.

30

1812 — Nasce no Havre (França) **Luiz Antonio Burgain**

Logo nos primeiros annos foi para o Brazil em tristes condições. Alli, á força de estudo, conseguiu elevar-se a professor de francez e geographia no Rio de Janeiro e ser nomeado membro do Conservatorio Dramatico Brazileiro.

Escreveu diversas obras elementares para o ensino das materias que professava. Essas obras tiveram grande voga.

No theatro teve tambem grande popularidade no Brazil, pois que quasi todas as suas peças obtiveram grande exito e algumas ainda hoje são representadas. Eis a relação: *Fernandes Vieira ou Pernambuco libertado*, drama em 4 actos em verso; *A Casa maldita*, comedia em 4 actos; *O remendão de Smyrna ou um dia de soberania*, vaudeville em 3 actos; *A Castro romantica*, tragedia em 4 actos; *A ultima assembléa dos Condes livres*, drama em 5 actos; *O noivo distrahido ou uma scena da Torre de Nesle*, comedia em 2 actos; *O amor de um padre ou a Inquisição de Roma*, drama em 4 actos; *A quinta das lagrimas*, tragedia em 5 actos; *O barbeiro importuno*, comedia em 1 acto; *O Vaticinio*, drama allegorico em 1 acto em verso; *A morte de Camões*, drama em 4 actos; *O governador de Braga*, drama em 4 actos; *Pedro Sem que já teve e agora não tem*, drama em 5 actos; *O mosteiro de Santo-Iago*, drama em verso; *Luiz de Camões*, drama em 5

actos. Tambem traduziu do italiano a comedia *O mentiroso*, de Goldoni.

1841—Nasce o actor **Manuel Ferreira Nunes,** mais conhecido no theatro pelo **Ferreira das velhas.**

Estreiou-se no theatro das Variedades, fazendo o *diabo* n'uma das ultimas *reprises* da magica *Loteria do Diabo.* Fez diversos papeis na empreza Fernando de Lima e passou depois para o Gymnasio, onde me lembro de o ter visto agradar muito n'um papel de velho *maioral* no drama de Salvador Marques, *Os Campinos.*

Do Gymnasio passou para o Principe Real, onde se conserva ainda hoje, tendo já ido por diversas vezes ao Brazil com aquella companhia.

Ferreira Nunes é um actor de carreira modesta, mas tem sido uma utilidade nos theatros, onde não faz exigencias e tem exemplar comportamento.

1864—Despede-se no theatro da Rua dos Condes, por ter de partir para os Açores com uma companhia, o actor **Soares.**

Manuel Maria Soares, mais conhecido nos theatros pelo **Lambegaças,** foi um actor mediocre, mas que em todo o Portugal adquiriu muita popularidade, pois durante perto de 20 annos percorreu todas as provincias do paiz, fazendo tambem pequenas estações em Lisboa e Porto, como director de uma companhia, sempre organisada com artistas modestos, mas com um enorme repertorio. **Soares** era modelo de honestidade e honradez e por isso querido em todo o paiz. Depois da sua morte a companhia pouco tempo existiu.

31

1827—Nasce em Lisboa **José Ignacio de Araujo.**

É ourives de profissão. Tem cultivado as letras como amador, mas enriquecendo-as com versos faceis e espontaneos no genero comico, epigrammatico e satyrico.

N'este genero tem feito para o theatro os seguintes trabalhos: *A Princeza d'Arrentella, O Espectro, A Sombra do sinciro, Um progressista d'escacha pecegueiro, Um bico em verso, Por causa de uma Seraphina, Dois curiosos como ha poucos, Um velho de bom gosto, O Principe Escarlate, Procopio iman de corações, Cosme Parola, Morte de Renhaunhau, Symphronio e Giralda, O sr. Galvão, Herança do tambor-mór, Ultimos momentos de um Judas, O trapeiro, Um homem que tem cabeça* e a *Viuva Felizarda.* Traduziu para o theatro de D. Maria a comedia em verso *A mulher de Socrates,* e collaborou com João Soler n'uma revista do anno que se representou no theatro da Avenida e na traducção da zarzuela *El plato del dia.*

1845—Primeira representação no theatro da Rua dos Condes do drama em 5 actos **O Tributo das cem donzellas,** imitação de Mendes Leal Junior.

Rebello da Silva escreveu n'essa occasião que aquella imitação valia mais que muitos originaes.

A peça agradou immensamente, tecendo todos os maiores elogios a Epiphanio, que ensaiou a peça a primor e teve as honras do desempenho no papel de *Adelgastro,* ao lado de Talassi, de quem n'esse momento diziam não ter rival. Ao Tasso dizia a critica que continuava a dar esperanças de vir a ser um *primeiro amoroso.*

A critica foi n'esta peça muito severa para com Emilia das Neves, dizendo que «ella exaggerava a candura e cahia n'uma «pieguice que lhe ficava mal; que desco«nhecia o valor de certas passagens e des«toava a miudo no declamar, adoptando «por ultimo uma nota aguda, similhante a «grito d'ave, que arripiava e molestava o «ouvido!»

Quantas vezes vimos depois esse talentoso critico e distincto escriptor boquiaberto em frente do talento assombroso, da voz argentina e dos gritos dilacerantes de Emilia das Neves!

1848—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria o drama em 5 actos **O Alcaide de Faro,** original de Joaquim da Costa Cascaes.

Foi o primeiro e verdadeiro grande successo alcançado no theatro de D. Maria.

A peça obteve o maior agrado e deu enchentes consecutivas.

Foram muito louvados o *mise-en-scene* do actor Epiphanio e o desenho dos costumes, de Rosa (pae).

No desempenho a critica da epocha destacou Theodorico, Epiphanio, Rosa (pae) e Josepha Soller. Continuava censurando o Tasso pelas entonações improprias do dialogo.

1849—Primeira representação no theatro de D. Maria do drama biblico **O Templo de Salomão,** de Mendes Leal Junior.

Houve na imprensa grave discussão, em que o auctor teve de intervir. Mendes Leal era accusado de plagiar a peça franceza *Le Jugement de Salomon.* Provou-se que esta peça era deficientissima e que Mendes Leal déra muito maior valor á obra, que ainda assim não podia ser classificada de original.

O Templo de Salomão, posto em scena com grande apparato, ao ponto de até se mandarem vir de fóra dois camellos para entrarem na peça, deu muitissimo dinheiro ao theatro. Ninguem em Lisboa deixou de ver tal peça e todos os dias chegava gente de fóra para assistir a tão extraordinario espectaculo.

No desempenho sobresahiram Rosa (pae) e Josepha Soller.

A peça foi montada pela Sociedade Artistica e posta em scena pelo actor Epiphanio.

1850—Nasce em Paris **Roberto Planquette.**

O illustre maestro estudou no Conservatorio, onde obteve alguns premios e começou, como a maioria dos compositores, a sua carreira escrevendo cançonetas e saynetes para os cafés-concertos.

Depois de compôr uma pequena opereta em 1 acto, apresentou logo, a 19 de abril de 1877, nas Folies Dramatiques, a deliciosa musica dos *Sinos de Corneville,* que lhe deu a maior popularidade no mundo inteiro.

Nunca mais teve um successo de tal ordem, porque d'esses são rarissimos; todavia continuou honrando o seu nome glorioso com outros trabalhos, talvez de menos ruido, mas não inferiores. Que o digam as bellas partituras do *Panurge, Talisman, Sureouf, Princeza Colombina, Rip* e outras.

São ainda d'elle as partituras seguintes: *Babel-Revue,* revista; *Chevalier Gaston,* opera-comica; *Voltigeurs de la 32e,* opera-comica; *Cantinière,* opereta; *Crémaillére,* opera-comica; *Cocarde tricolore,* opera-comica; *Floréal,* opereta, etc.

1822—Morre em Lisboa o notavel scenographo **Rambois.**

Achilles Rambois nasceu em Milão e alli estudou scenographia com Sanchirico. Veiu para Lisboa em 1834, escripturado para o theatro de S. Carlos pelo emprezario Antonio Lodi.

O seu contracto era para auxiliar o scenographo Bulcher, mas, com a morte d'este, tomou o primeiro logar.

Como a sua especialidade fosse architectura, a empreza contractou para o auxiliar o paysagista **José Cinatti,** em 1836.

Desde esse momento **Rambois** e **Cinatti** tornaram-se inseparaveis. Mais de quarenta annos trabalharam juntos, alcançando os maiores triumphos.

Veja-se a data da morte de **Cinatti** a 23 de julho.

Depois da morte de **Cinatti,** o seu inseparavel **Rambois** nunca mais tornou a pegar no pincel e, passados dois annos, foi acompanhar na ultima viagem o seu unico amigo intimo e o seu querido collaborador.

AGOSTO

AGOSTO

1

1851 — Nasce em Lisboa **Antonio José Henriques.**

Distincto empregado da Imprensa Nacional, dedicado do coração ao principio associativo, collaborador de muitos jornaes e auctor de muitas poesias, tem de figurar n'este livro pelos seus trabalhos para o theatro, que são numerosos e dos quaes destacaremos os que foram distinguidos com os applausos do publico nos theatros populares. São elles: *A Jiga-joga*, revista em 3 actos; *A Feira da Ladra*, revista em 3 actos; *O Proletario*, poemeto; *Um capricho*, scena de imitações; *O Frontão*, poesia comica; *A paixão do sr. Paixão*, cançoneta; *O Povo*, poemeto; *O Clarim do regimento*, comedia em 1 acto, e *De noite*, cançoneta.

1897 — Inaugura-se o theatro **D. Amelia**, de Setubal.

Começou o espectaculo pela comedia em 1 acto *O livro de Mesmer*, do dr. Alfredo da Cunha, representada pelos artistas Virginia e Ferreira da Silva. Seguiu-se a cançoneta *Ventura o bom velhote*, por Taborda, e um monologo por Simões. Terminou o espectaculo o drama *Barcarola*, do escriptor setubalense Arronches Junqueiro.

O theatro **D. Amelia**, de Setubal, é talvez a mais bonita e elegante casa de espectaculos de Portugal.

O lindissimo vestibulo, em estylo neo-grego, honra sobremodo os pintores setubalenses João Vaz, Amaral e Flamengo. Ao fundo tem um bello medalhão da rainha D. Amelia, obra do esculptor Simões d'Almeida. Á direita e esquerda ha duas bellas salas, destinadas a café e restaurant. A da direita, no estylo de D. João V, possue lindas marinhas de João Vaz, e a da esquerda, além das pinturas de Vaz e Amaral, tem um bello quadro decorativo, representando a entrada de Setubal, pintado por Isaias Newton.

A decoração da sala, de Amaral e Flamengo, sob a direcção de Vaz, é tambem magnifica. O panno de bocca, egualmente pintado por João Vaz, tem bellas qualidades de composição e execução.

A construcção do theatro foi dirigida pelo architecto italiano Bigaglia.

As obras tinham começado a 4 de outubro de 1894.

O theatro é bem illuminado a bico Auer.

A sala tem 222 logares de platéa, 8 frizas, 17 camarotes de 1.ª ordem, 10 camarotes de 2.ª ordem, 2 balcões e galeria ao fundo da ultima ordem.

O palco tem accommodações razoaveis e bastante scenario pintado por Eduardo Machado, João Vaz, Flamengo e Augusto Pina.

O theatro, completamente isolado, evitando d'esta fórma, n'um caso de incendio, que este se communique a outras propriedades, está n'uma bella posição, na Avenida Todi. Em vez de **D. Amelia**, deveria chamar-se theatro Todi, prestando-se assim homenagem á grande cantora, que, honrando a sua patria, enthusiasmou todo o mundo lyrico; ou, melhor ainda, deveria ser theatro Cecilia d'Aguiar, a notavel actriz setubalense, de quem hei de fallar a 23 d'este mez.

2

1835 — Nasce em Lisboa **Rodrigo Paganino.**

Medico distincto, condecorado com a Torre e Espada e a medalha da camara municipal pelos serviços prestados durante a epidemia da febre amarella, em 1857, quasi abandonou a clinica, não só por ser nomeado em concurso official da secretaria das obras publicas, mas principalmente pela paixão que tinha pela litteratura e pelo jornalismo.

Collaborou em quasi todas as folhas importantes da sua epocha e dirigiu outras.

Publicou um delicioso e singelo volume com o titulo *Contos do tio Joaquim,* que é um verdadeiro encanto.

Imitou e traduziu diversas peças para o theatro, entre ellas: *O Luxo, Recordações de viagem, Sobrinha do Celibatario, Os Infantes improvisados,* etc.

Escreveu tambem um drama original em 4 actos, *Os dois irmãos,* que foi representado no theatro de D. Maria.

Rodrigo Paganino falleceu em Carnide, no palacio do Sarmento, a 22 de setembro de 1863, tendo portanto 28 annos de edade.

3

1843 — Nasce em Hussaby (Suecia) a celebre cantora **Nilsson.**

Estreiou-se em Stockolmo em 1860.

Christina Nilsson partiu depois para Paris, onde recebeu lições de Wartel e de Victor Massé. Ahi estreiou-se no Theatro Lyrico na *Traviata.* Fez depois com grande exito a *Flauta encantada, Martha, D. João, Sardanapalo, Ultimo dia de Pompeia,* etc.

Em 1867 fez com muito successo uma *tournée* em Inglaterra. Estreiou-se na Opera de Paris a 9 de março de 1868, creando a *Ophelia* do *Hamlet* com exito enorme, só egual ao que obteve depois na *Margarida* do *Fausto.*

Em 1871 fez uma *tournée* brilhante nos Estados Unidos. Em seguida triumphantemente percorreu por alguns annos as principaes scenas lyricas da Europa. Por fim apenas tomava parte em concertos de beneficencia. Retirou-se definitivamente do theatro em 1888.

Christina Nilsson, condessa de Casa-Miranda pelo seu consorcio, condecorada com diversas ordens, era a unica verdadeira rival da Patti.

1893 — Morre em Pernambuco, victima da febre amarella, o actor **Julio Sant'Anna**, de quem tratarei na data do seu nascimento, a 6 de novembro.

4

1855 — Inaugura-se no Porto, no local onde hoje existe o **Theatro do Principe Real**, um barracão de madeira para cavallinhos com o nome de **Circo.**

Doze annos depois foi demolido para se fazer outro de pedra e cal com 21 camarotes e duas frizas. Este já servia alternadamente para companhias dramaticas, equestres e gymnasticas.

Passados annos foi de novo demolido para se fazer o que hoje existe e que tomou o titulo de **Theatro Circo do Principe**

Real. Foi explorado de inverno por diversas sociedades dramaticas e de verão por companhias de cavallinhos.

A primeira empreza que alli houve foi dos negociantes de tabacos Freitas e Azevedo, depois de João Ferreira, negociante de algodões, outra de diversos artistas sob a direcção de Augusto Garraio, ainda outra do maestro José Candido, Brandão, Joaquim Ferreira e Lourenço de Magalhães, depois Alves Rente, em seguida Taveira com José Ricardo e Santos e por ultimo só Taveira.

Não posso precisar a epocha em que tambem foi emprezario do **Principe Real** o ponto de uma companhia lyrica que esteve no Porto, e que se chamava Lanovelli. Foi elle quem fez representar o *Fausto* em portuguez com um grande exito e foi ainda elle quem no Porto desenvolveu o gosto pela opereta.

1864 — Estreia-se no theatro lyrico do Rio de Janeiro, no drama *Joanna a Doida*, a grande actriz portugueza **Emilia das Neves**, que obteve logo calorosa ovação.

Desta eminente artista vou escrever no dia seguinte a este, data do seu nascimento.

5

1820 — Nasce em Bemfica, proximo de

Lisboa, a grande actriz **EMILIA DAS NEVES**.

Filha de paes pobrissimos, querendo aproveitar a sua formosura, elegancia e bellas fórmas esculpturaes, lembrou-se de ser bailarina. Mostrando, porém, uma grande disposição para a scena, o sr. Henrique Nunes Cardoso aconselhou-a a ser actriz e apresentou-a a Emilio Doux para que a leccionasse.

Garrett, tendo-a ouvido declamar, exigiu que se desse a **Emilia das Neves** o papel de *Beatriz* do seu *Auto de Gil Vicente*, que foi representado a 15 de agosto de 1838. **Emilia** obteve enorme triumpho, ao lado do que alcançou Garrett com a sua peça. Esta estreia brilhante teve logar no velho theatro da Rua dos Condes.

A segunda peça em que **Emilia das Neves** mostrou a sua brilhante vocação foi o drama *O meu amigo Grandet*, de Ancelot. Fez em seguida a comedia em 2 actos *O Depositario*, que primitivamente estudára com Emilio Doux. Logo depois outra comedia em 2 actos *Um erro* e o drama em 5 actos *A camara ardente*. De dia para dia as suas poderosissimas qualidades se manifestavam mais brilhantes e foi pasmoso o exito obtido no drama *Luiza de Lignerolles*.

Citar todas as peças em que se tornou notabilissima é quasi impossivel; limitar-me-hei a apontar aquellas em que as extraordinarias ovações a consagraram actriz sublime em todos os theatros de Lisboa, Porto, Provincias, Hespanha e Brazil.

Citarei, pois, os seguintes originaes: De Mendes Leal — *Os Dois Renegados*, *O homem da mascara negra*, *Auzenda*, *Pobre das Ruinas*, *Madre Silva*, *Homens de marmore*, *Egas Moniz*, *Martim de Freitas*, *Côrte na aldeia*. De Garrett — *Um auto de Gil Vicente*, *Alfageme de Santarem* e *Filippa de Vilhena*, De Luiz Antonio Bayard — *O Marquez de Pombal*. De Feijó — *O Camões do Rocio* e *Pobre Carlos*. De Cascaes — *O Castello de Faria*, *O valido* e *A lei dos Morgados*. De Ignacio Pizarro—*Lopo de Figueiredo* e *Diogo Tinoco*. De Cesar Perini de Luca — *O Padre Malagrida*. De Corrêa de Lacerda — *A Rainha e a Aventureira* e *Fazer Fortuna*. De José de Serpa — *A actriz* e *As duas corôas*. De Pereira da Cunha — *Brazia Parda*. De Felner — *Innocencia e Calumnia*. De D

Pedro da Costa — *Os dois Campeões*. De Silva Abranches — *O Captivo de Fez*. De Andrade Côrvo — *D. Maria Telles* e *O Astrologo*. De Paulo Midosi — *Arte e coração*. De Aguiar de Loureiro — *Alvaro Gonçalves o Magriço*. De José Romano — *Os Martyres da Germania*. De Luiz Augusto Palmeirim — *Como se sobe ao poder*. De Ernesto Biester — *Um drama no mar* e *A mocidade de D. João V*. De Camillo Castello Branco — *Abençoadas lagrimas*. De Silva Gayo — *Frei Caetano Brandão*. De Rangel de Lima — *Condessa do Freixial*,

Das muitas peças traduzidas em que se tornou notavel citarei: *Dianá de Chivri, Estella, Mulher marido e amante, A calumnia, Copo d'agua, Convidado de pedra, Sensibilidade no crime, Graça de Deus, Primeiras proezas de Richelieu, Duas educandas, Cigana de Paris, Magdalena, Dote de Suzana, Capitão Paulo, Adelaide, Tributo das cem donzellas, Dama de S. Tropez, Retrato vivo, Duas mães, Adriana Lecouvreur, Simão ladrão, Gentil Bernard, Condessa de Sennecey, Livro negro, Viuva de 15 annos, Cruz de S. Luiz, Mulher que engana seu marido, Dama das Camelias, Dalila, Gazeta dos tribunaes, Joanna a Doida, Coração e Arte, Judith, Medéa, Mulher que deita cartas, Córa ou a escravatura, Maria Stuart, Angelo, Vida de uma actriz, Anjo da meia noite, Tentações diabolicas, Lady Tartuffo, Amores de Leão, Redeas do governo, Casa Nova, Tentação, Doida de Montmayour, Faustina, Bertha a flamenga, Drama da Rua da Paz, Cisterna d'Albi, Pena de Talião, Marion Delorme, Lucrecia Borgia, Gladiador de Ravenna, Patria, Juiz* e *Beatriz*.

Emilia das Neves, a mais extraordinaria actriz que temos possuido, e que teria fama universal se houvesse nascido n'outro paiz, ha de ser immorredoura nos fastos do theatro portuguez.

Fadou-a a natureza com todos os dotes para conquistar a celebridade; a sua figura nobre e elegante, o seu rosto formoso e expressivo, a sua voz melodiosa, terna e varonil quando a situação o requeria, o seu olhar dominador e insinuante, o seu gesto imperioso, tudo concorria para a tornar o modelo das actrizes. O seu talento era de primeira ordem e, se fôra auxiliado por uma larga instrucção, que não teve, póde calcular-se o que mais teria conseguido.

Na tragedia, no drama, ou na comedia era sempre sublime, arrebatava as platéas, impunha-se como genio rutilante que era.

Sinceramente apaixonado do theatro, admirador convicto d'esses talentos notaveis, que, quaes *metéoros*, teem atravessado a nossa scena e que o mundo inteiro tem admirado, com os nomes de Ristori, Salvini, Duse, Rossi, Novelli, Sarah Bernhardt, Pezzana, Civili, Favart e outros, confesso que ainda nenhum levantou no meu espirito os fremitos de admiração e enthusiasmo que senti por **Emilia das Neves** na *Joanna a Doida*, na *Judith*, na *Mulher que deita cartas*, na *Cruz de S. Luiz*, nas *Proezas de Richelieu*, na *Medéa*, na *Adelaide*, no *Gladiador de Ravenna*, na *Doida de Montmayour*, na *Maria Stuart* e ainda n'outras peças, a muitas das quaes só dava valor o sublime talento de **Emilia das Neves**.

É que os outros tinham escóla, é que os outros tinham educação artistica, é que os outros tinham modelos a seguir, é que os outros apresentavam-nos um repertorio que levava annos a acertar e a emendar; e a nossa grande **Emilia**, sem nenhum de taes elementos, valendo só pelo muito que era, arrebatava-nos, commovia-nos, enchia-nos de admiração!

Emilia das Neves é o maior vulto dramatico que tem existido no theatro portuguez.

Um seu admirador publicou em 1875 um volume de 600 paginas com apontamentos sobre a vida e triumphos de **Emilia das Neves**. É nada ainda para o que se poderia escrever sobre tão luminoso astro da nossa scena.

Quantos volumes não daria o que sobre o merito de **Emilia das Neves** escreveu a critica séria e valiosa da sua epocha, á frente da qual se viam os nomes respeitados de Garrett, Castilho, Rebello da Silva, Felner, Palmeirim, Tullio, Andrade Ferreira, Ribeiro de Sá, Alexandre Herculano, Teixeira de Vasconcellos, Antonio de Serpa, Oliveira Marreca, Camillo Castello

Branco, Gomes de Amorim, Cascaes, Casal Ribeiro, Andrade Côrvo, João de Lemos, Silvestre Ribeiro, Ribeiro de Sá, Lopes de Mendonça, Thomaz de Carvalho, Alexandre Magno de Castilho, Ribeiro Guimarães, Pereira da Cunha, Sousa Lobo, Mendes Leal, Silva Leal, José Silvestre Ribeiro, Cunha Belem e outros que na sua maioria desappareceram no tumulo, fugindo os que ainda existem á camaradagem de alguns analphabetos e ignorantes que se arvoram em criticos, como se fôra facil tarefa.

Alguns d'estes tentaram ainda abocanhar, nos ultimos annos da sua existencia, a reputação artistica de **Emilia das Neves**! Que atrevida é a ignorancia! Que ridiculo espectaculo o d'esses histriões, que nada produzem por incapacidade intellectual e pelo vicio da ociosidade, e apenas sabem morder os calcanhares dos que valem e dos que trabalham!

A viagem de **Emilia das Neves** ao Brazil foi novo triumpho para ella. No Rio de Janeiro fez a *Joanna a Doida, Dama das Camelias, Angelo, Cruz de S. Luiz, Magdalena*, etc. Em seu beneficio e despedida representou alli, no theatro de S. Pedro d'Alcantara, a *Medéa*. Foi uma noite de verdadeiro delirio. Teve de andar de camarote em camarote abraçando todas as senhoras, de quem se despedia. Mais de duas mil pessoas a acompanharam a casa com archotes e banda de musica á frente, estendendo nas ruas os casacos para ella pisar. Offereceram-lhe por essa occasião um album, em que estava impressa a *Dama das Camelias*, corôas de ouro, prata e flores, innumeras poesias, felicitações de todas as corporações, etc.

Na representação da *Doida de Montmayour*, foi ao palco de D. Maria o grande Rossi offerecer uma corôa a **Emilia das Neves**.

Por occasião de representar a distincta actriz o drama *Faustina*, o notavel artista Salvini foi tambem ao palco offerecer-lhe um rico broche e um exemplar da tragedia allemã *O Gladiador de Ravenna*, que ella mandou traduzir por Latino Coelho e depois representou.

Emilia das Neves era socia honoraria de muitas instituições artisticas e de caridade.

N'um grupo de actrizes celebres, publicado em Paris por Disderi, ao lado da Rachel, Rose Cheri, Ristori e outras notabilidades, figurava **Emilia das Neves**.

A 19 de dezembro de 1883, dia nefasto para o theatro portuguez, apagou-se aquelle facho esplendido, deixando após si um sulco luminoso, que não se extinguirá jámais.

O seu testamenteiro e bom amigo de muitos annos, D. Luiz da Camara Leme, mandou fazer pelo illustre e infeliz esculptor Soares dos Reis o busto em marmore da grande actriz, que é uma obra prima e que está collocado no salão d'entrada do theatro de D. Maria.

1837 — Nasce em Alcacer do Sal, **Antonio de Campos Valdez**.

Destinado pela familia á carreira militar, cursou as aulas da Escola Polytechnica; todavia applicava-se muito mais á musica.

Aos 20 annos era um bello musico e um excellente pianista. Era tambem assiduo e dos mais enthusiastas frequentadores de S. Carlos. Foi mesmo cabeça de motim, auctor de grandes pateadas e chefe de enormes applausos, em diversas epochas.

Em 1861, isto é, aos 24 annos, **Campos Valdez** começou a ser emprezario do nosso theatro lyrico e foi-o durante largos annos, mostrando a sua competencia e fazendo verdadeiros serviços á arte.

Foi elle quem trouxe a Lisboa o Mongini, o Naudin, a Lotti, a Galletti, o Fancelli, o Junca, a Borghi-Mamo, a Volpini, a Rei Balla, as Marchisios, o Petit, o Squartia, o Pandolphini, a Fricci, o Cotogni, a Benza, a Harris, o Massini, a Ferruci, a Patti, a Devriés, a Nevada, a Van-Zandt, a Theodorini, a Tetrazzini, o Battistini, o Devoyod e outros artistas notaveis no mundo lyrico.

Foi **Campos Valdez** quem nos fez ouvir

pela vez primeira as operas: *Fausto, Africana, Hebrea, Chrispim e a Comadre, Ione, Ruy Blas, Caligula, Carmen, Rei de Lahore, Romeu e Julieta, Pescadores de perolas, Lakmé, Gioconda* e o *Othello*, de Verdi.

Foi o corajoso e fino emprezario quem abriu as portas do nosso theatro lyrico aos nossos compatriotas, cantores distinctos: os Andrades e a Regina Pacini. Foi elle ainda quem nos fez ouvir as operas dos maestros portuguezes: *O Arco de Santa Anna*, de Sá Noronha; *Eurico*, de Miguel Angelo; *Derelita*, do Visconde do Arneiro; *Laureana* e os *Dorias*, de Augusto Machado; e a *D. Branca*, de Alfredo Keil

Campos Valdez trouxe tambem a Lisboa a grande companhia de baile viennense da Katti Laner.

Tendo partido para o estrangeiro a fim de organisar a companhia lyrica da futura epocha, **Campos Valdez** morreu repentinamente em Paris, no Grand Hotel, a 8 de maio de 1889.

1841—Nasce em Paris **Henri Blondeau.** É official da Instrucção Publica, cavalleiro da ordem de Izabel a Catholica de Hespanha e de Christo de Portugal.

Blondeau é o collaborador inseparavel de Monréal. Teem escripto ambos 26 revistas do anno de grande successo, diversas magicas, parodias, operetas e comedias.

1854—Por carta de lei d'esta data foi o governo auctorisado a comprar o theatro de S. Carlos, pagando 50:000$000 réis nominaes aos liquidatarios do contracto do tabaco, findo em 1817.

1855—Nasce na cidade do Funchal, ilha da Madeira, **J. de Freitas Branco.**

Matriculou-se na Universidade de Coimbra em 1871, faculdades de mathematica e philosophia. Uma doença gravissima obrigou-o a interromper os estudos no 2.º anno, recolhendo-se á terra da sua naturalidade, onde recuperou a saude, passado um anno. Durante essa epocha traduziu e publicou no Funchal a celebre obra de Douglas Jerrold, *Mrs. Caudle's Curtain Lectures.*

Quando a saude lh'o permittiu, resolveu continuar os estudos no estrangeiro, dedicando-se especialmente á linguistica e litteratura.

Esteve primeiro em Inglaterra, seguindo depois para Vienna (Austria), onde aprendeu tambem composição musical. Passados annos seguiu para França, voltando depois para Portugal, onde começou a tornar conhecidos os nomes dos principaes escriptores estrangeiros, especialmente os scandinavos, até então completamente desconhecidos até em França.

Publicou estudos e criticas litterarias sobre Ibsen, Rudyard Kipling, Maeterlink, A. Silvestre, Garrett, etc.

Traduziu a *Casa da boneca*, de Ibsen, muitos annos antes de se fallar em França n'este auctor, e depois *Os Esteios da Sociedade*, tambem de Ibsen, e *Uma fallencia*, de Bjornson.

Freitas Branco foi o primeiro que, entre nós, tornou conhecidos os nomes dos principaes escriptores dramaticos allemães modernos, taes como Sudermann, Schanfert, Halbe, Blumenthal, Schinthan, Mozer, Kneisel e Klopp, traduzindo directamente dos originaes as suas principaes obras.

D'estas subiram á scena em D. Maria: *Os penedos do inferno*, comedia de Blumenthal e *O fim de Sodoma*, drama de Sudermann.

No Gymnasio teem-se representado as suas traducções: *Aranha de ouro, Festa da inauguração, O Kalifa Harum al Rachid, Os Innocentes* e *O Gatuno.*

Freitas Branco, além de um escriptor correctissimo, é um bello caracter e um perfeito cavalheiro.

1829—Nasce no Maranhão **João Climaco Lobato.**

Formado em direito pela faculdade de Pernambuco, exerceu diversos cargos de magistratura.

Cultivou a litteratura, publicando diversos romances e escreveu os seguintes dramas: *Maria, A doida ou a justiça de Deus, O ouro, A nota do pescador* e *Parangueira* e as comedias: *O diabo, A mãe d'agua, As duas fadas* e *O diabinho no meu quarto.*

1841 — Nasce na Bahia (Brazil) o actor **Xisto Bahia.**

Com um grupo de artistas distinctos que percorria o Norte do Brazil andou por muitos annos **Xisto Bahia,** adquirindo muitas sympathias e nomeada.

Chegando ao Rio de Janeiro, foi logo contractado para a companhia de Furtado Coelho, onde era bastante considerado. Em seguida passou para o theatro Recreio Dramatico, empreza Guilherme da Silveira, e ahi fez com muito louvor, entre outros, um importante papel na *Marianna a Vivandeira.*

N'aquelle mesmo theatro se organisou uma sociedade, de que **Xisto Bahia** fez parte, sobresaindo muito nos principaes papeis das peças: *Como se fazia um deputado, Um deputado da eleição directa, Fagundes & C.ª, Vaz Telles & C.ª, Cahiu o ministerio, Cigana de Paris, Roma encantada* e *Botucudos.*

Em seguida contractei-o eu para a minha companhia no theatro das Novidades, fazendo com muito louvor o protogonista da opera comica de Offenbach, *A filha do Tambor-mór,* o *inglez* da *D. Juanita* e o *Mandarim* da *Flor de Chá.*

Mais tarde **Xisto Bahia** entrou para a companhia que funccionava no theatro Appollo, onde fez importantes creações.

Bahia era principalmente extraordinario n'uns papeis em que imitava roceiros, capadocios e outros typos populares do Brazil. Todos o admiravam no *Capadocio, Como se fazia um deputado* e principalmente na *Vespera de Reis,* no impagavel *Bermudes.*

1842 — Nasce em Lisboa, na rua da Quintinha, **Augusto Cesar Ferreira de Mesquita.**

É empregado superior do Ministerio da Fazenda e official do exercito.

A primeira vez que o seu nome figurou nos cartazes dos theatros, foi traduzindo para o Gymnasio uma comedia em 2 actos, de Scribe, a que deu o titulo de *Tres talentos* e que se representou a 2 de agosto de 1864.

N'esse mesmo theatro, a 7 de fevereiro de 1865, se representou tambem a sua primeira peça original com o titulo *Dois medrosos.*

Tem escripto mais os seguintes originaes: *O portador d'esta,* 1 acto (Gymnasio); *Amores de leoa,* 1 acto (D. Maria); *O sr. João José,* 1 acto (Gymnasio); *Quem o feio ama...,* 1 acto (Gymnasio); *Guerra e Paz,* 1 acto (Gymnasio); *Visão Redemptora,* 5 actos (D. Maria); *O Fidalguinho,* 3 actos (Gymnasio); *Ver e crer,* 1 acto (Gymnasio).

Ferreira de Mesquito imitou e traduziu mais as seguintes peças: *Força do sexo fraco, Um visinho insupportavel, Circular n.º 99, Egoismo, João o Carteiro, Casa Nova, Barbeiro do Valle, Abysmo, Direito e avêsso, Judeu polaco, Parentescos exquisitos, Os estroinas, Perola preta, Conde de Neubourg, Luiz XI e o Poeta, Paralytico, Pae prodigo* e *Meia azul.*

Nas peças *Casa Nova* e *Meia azul* entrou Emilia das Neves; no *Egoismo* sobresahiu muito Theodorico; no *Paralytico* teve uma das suas corôas Antonio Pedro; no *Abysmo* e *João o Carteiro* muito se salientou o actor Santos; nas comedias *Portador d'esta...,* e *Barbeiro do Valle* teve magnificos papeis o actor Valle. Está, pois, **Ferreira de Mesquita** ligado á historia de alguns dos nossos primeiros artistas.

1850 - Nasce em Guimarães o actor **Machado.**

João Machado Pinheiro e Costa, apezar de ter nascido em Guimarães e ser filho de um antigo actor portuense, é artista brazileiro.

Com 11 annos de edade partiu para o Rio de Janeiro em companhia de seu pae a fim de se entregar alli ao commercio.

O theatro attrahia-o e por isso, n'uma companhia de provincia, ou *mambembe,* como por lá dizem, foi estreiar-se na cidade de Vassouras nas comedias: *Marido no prégo* e *Marido victima das modas.*

Por *mambembes* andou em peregrinação artistica, até que foi estreiar-se com muito agrado no antigo theatro do Gymnasio do Rio e depois passou para o Re-

creio Dramatico, onde teve uns papeis em que bastante sobresahiu.

Quando cheguei pela primeira vez ao Rio de Janeiro, em 1881, visitando todos os theatros, encontrei no Recreio, onde a Herminia era a estrella, um actor que me pareceu de bastante merito e estar mal aproveitado. Era o **Machado.**

Ao formar a minha primeira empreza no Brazil, tractei logo de o contractar, dando-lhe um dos primeiros logares na companhia, ao lado da Herminia, da Pepa e do Peregrino.

Fez elle então a epocha mais brilhante da sua carreira, tornando-se notavel principalmente no *Patapuf* do *Espelho da Verdade*, no *Gaspar* dos *Sinos de Corneville*, no *Simão XL* da *Mascotte*, no *porteiro* das *Furias d'Amor*, no *Liborio* do *Periquito*, no *Alcaide* da *D. Juanita*, no *azylado* do drama *O Povo*, no *Griolet* da *Filha do Tambor-mór*, no *Archiduque* da *Archiduqueza*, no *Tibaut* do *Sino do Eremiterio*, no *banheiro* da *Niniche*, no *Floridor* da *Nitouche* e n'outros ainda.

Com a minha sahida do Brazil, **Machado** começou fazendo parte de outras companhias como actor e ensaiador.

Teve o primeiro logar na companhia de Guilherme da Silveira, sobresaindo na *Nitouche*, *Pera de Satonaz*, *Volta ao mundo*, *Andorinhas*, *Galinha dos ovos de ouro*, etc.

Depois, ainda no theatro Apollo, com diversas emprezas, teve papeis em que se tornou distincto e continuou merecendo o agrado publico, que ainda hoje conserva.

O que é forçoso confessar é que, passada certa epocha, **Machado** deixou-se arrastar por uma onda de loucura que invadiu os theatros do Rio de Janeiro. Em quasi todas as casas de espectaculo o genero predilecto era a revista levada ao extremo da libertinagem e a *pochade* desbragada. Os artistas transformaram-se na sua maioria em *clowns* e bailarinos. **Machado**, sem de todo perder o merito que lhe reconhecem, perdeu muito do seu valor por transigir de mais com as platéas avidas de cambalhotas e ditos mais do que equivocos. Foi pena, porque estava alli o estofo para um bellissimo artista. Não chegará breve o dia da regeneração para o theatro brazileiro? Oxalá. Ainda por lá ha escriptores do valor de Arthur Azevedo, Moreira Sampaio, Figueiredo Coimbra, Valentim de Magalhães, Filinto d'Almeida e outros que podem fazer muito mais do que fazem. Actores e actrizes ainda restam alguns que podem prestar bons serviços ao theatro: Ismenia, Martins, Apolonia, Mattos, Peixoto e outros.

1854 — No theatro da Rua dos Condes estreia-se o actor **Antonio José de Faria.**

Foi no entreacto *O maestro e o seu gallego* que elle appareceu juntamente com o actor Justiniano Nobre de Faria.

Lembro-me depois de os ver a ambos n'um aproposito da guerra da Russia com a Turquia, intitulado *O bloqueio de Sebastopol.*

Creio que **Antonio José de Faria** pouco mais representou. No theatro distinguiu-se por ser um magnifico aderecista, o melhor que temos possuido.

Quando morreu, occupava esse cargo no theatro de D. Maria.

1881 — Morre a actriz **Maria Peres**, de quem direi o que me fôr possivel na data da sua estreia, a 5 de Dezembro.

7

1843—Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes o drama original de José da Silva Mendes Leal, **O Pagem de Aljubarrota**, agradando bastante.

Esta peça já fôra representada por amadores no theatro do Salitre, a 1 de maio do mesmo anno, em beneficio das victimas das innundações na ilha da Madeira.

Em dezembro de 1842 apparecera um prospecto, annunciando que se ia publicar a peça, acompanhada de um prologo do auctor, pelo preço de 360 réis pagos no acto da entrega do volume. As assignaturas faziam-se nas livrarias de João Henriques, na rua Augusta, proximo ao Arco, e de Plantier, na rua do Ouro.

8

1846 — Nasce no Porto o maestro **Cyriaco de Cardoso.**

Ainda creança, mostrou a maior disposição para a arte que abraçou com a maxima felicidade, dando concertos e fazendo umas pequenas composições.

Tornou-se depois distincto e partiu para o Rio de Janeiro, onde o seu nome é bastante considerado.

De regresso fez-se emprezario theatral no Porto, conseguindo verdadeiros milagres com a execução brilhante de algumas difficeis partituras.

Foi na sua empreza que se deu a enorme catastrophe do theatro Baquet, em 1888.

Passou depois para o theatro D. Affonso, onde continuou a sua tentativa, até que se desilludiu, convencendo-se de que era impossivel sustentar em Portugal uma companhia de opera-comica á altura a que elle a desejava.

A falta de elementos portuguezes obrigava-o a recorrer aos artistas estrangeiros, que exigiam enormes ordenados e não satisfaziam o paladar do publico, principalmente por desconhecerem o idioma em que tinham de representar.

Foi n'esta epocha e n'estes theatros que **Cyriaco** fez cantar a *Carmen, Freyshutz, Fra-Diavolo, Valle de Andorra* e outras operas.

Desilludido e prejudicado na sua tentativa, **Cyriaco** veiu para Lisboa, alliando-se a uma sociedade artistica no theatro Avenida e ahi obteve grande successo com a sua musica popular do *Burro do sr. Alcaide.*

O libretto era de Gervasio Lobato e D. João da Camara.

Animados com a primeira tentativa, continuaram collaborando com mais ou menos felicidade no *Solar dos Barrigas, Valete de copas, Cócó, Reineta e Facada* e *Testamento da velha.*

Cyriaco havia-se contractado como director musical do theatro Avenida. D'alli foi para a empreza Taveira, do Porto, e lá se conserva, prestando bons serviços.

Cyriaco de Cardoso é intelligentissimo, alegre cavaqueador e tem a *pose* necessaria para o cargo que occupa. Como maestro tem grande felicidade e conhece o gosto do publico, adaptando com extrema habilidade musicas populares e outras. Como regente de orchestra, além de habilissimo, sabe impôr-se. Como ensaiador de musica é de primeira ordem.

1851 — Nasce em Lisboa a actriz **Guilhermina de Macedo.**

Representou pela primeira vez, como amadora, em Sobral de Mont'-Agraço, fazendo o papel de *Mathilde* na comedia *O Tio Matheus,* em 1870.

Como actriz estreiou-se no velho theatro da Rua dos Condes, em 1872, empreza José Torres, na magica *Cebola mysteriosa.* Fez n'essa mesma epocha, e na mesma empreza, o papel de *Gabriel* do *Santo Antonio,* no Circo Price.

Tendo-se retirado do theatro, voltou em 1877 para as Variedades, empreza Fernando de Lima, estreiando-se na magica *Pomba Azul.* Em 1878 foi por mim contractada para o theatro do Principe Real, estreiando-se no drama *As ruas de Lisboa* e fazendo depois diversos papeis em dramas, operetas e revistas.

Em 1879 fez parte d'uma companhia que percorreu o Alemtejo, da qual era emprezario José Antonio da Rosa e primeira actriz a Labarrère.

Voltou em 1880 para a Rua dos Condes, empreza Salvador Marques, e ahi esteve até 1882, em que o theatro foi demolido.

Em 1883 entrou com a mesma empreza para o tambem já demolido theatro dos Recreios, fazendo ahi importantes papeis.

Esteve depois pouco tempo no theatro da Avenida até que foi fazer parte da companhia que inaugurou o novo theatro da Rua dos Condes. Ahi se conservou com agrado até que, em 1891, foi ao Rio de Janeiro com a companhia de Lucinda Simões Percorreu depois com outra companhia todo o estado de S. Paulo até que regressou a Portugal em 1893, fazendo então uma digressão ao Algarve.

Em 1894 fez parte da companhia do thea-

tro D. Affonso do Porto. Em 1895 veiu para o theatro da Rua dos Condes, passando em seguida para o Principe Real. Com essa companhia foi novamente ao Brazil, regressando de lá em 1897. Por motivo de doença tem-se ultimamente conservado retirada do theatro.

Guilhermina de Macedo nunca foi boa actriz, mas têm sido uma bella utilidade nas companhias a que tem pertencido.

1874—Inauguração do theatro **Principe D. Carlos**, na Figueira da Foz, por amadores, que representaram o drama patriotico *Oppressão e liberdade*, original de Eduardo Coelho.

O theatro **Principe D. Carlos** foi construido na praça do Commercio, em terreno conquistado ao mar pelas obras da barra e cedido pelo Estado.

Os promotores da construcção foram: José Fera, Nestorio Dias, B. Augusto Lopes e Affonso de Barros.

A direcção das obras foi do engenheiro Adolpho Loureiro.

Tem tres ordens com 42 camarotes, 250 logares na platéa e 80 na galeria.

Posto que simples, é elegante, bem ventilado e em condições de segurança.

Estava um tanto prejudicado depois da construcção do theatro-circo Saraiva de Carvalho.

Actualmente este ultimo foi transformado n'um club, que é, nem mais nem menos, do que uma casa de jogo como outras tantas e tantas que existem na Figueira da Foz, Espinho, Granja, Povoa de Varzim, Cascaes, etc.

A Figueira era, na epocha dos banhos, uma bella estação theatral para as companhias de Lisboa e Porto; actualmente a febre do jogo acabou com isso, sendo portanto quasi inuteis os theatros alli.

9

1807—Napoleão I, a fim de remediar a enorme crise que atravessavam os **theatros de Paris**, ordena que se feche a maior parte d'elles, para que pudessem prosperar os que ficavam abertos. Assim se fez.

1825—Nasce em Lisboa **Luiz Augusto Palmeirim.**

Foi alumno do Collegio Militar, primeiro official do ministerio das obras publicas, deputado ás côrtes, e quando falleceu era director do Conservatorio de Lisboa.

Era commendador de Izabel a Catholica, e de Nossa Senhora de Guadalupe, do Mexico, cavalleiro da Legião de Honra, de França, e de Leopoldo, da Belgica.

Foi assiduo e distincto collaborador de diversos jornaes e escreveu varias obras, alcançando na sua epocha uma exaggerada fama de poeta notavel, chegando a ser tratado pelo *Béranger* portuguez!

O que é verdade é que na sua epocha não havia poeta mais popular e que em todas as salas, em todos os theatros e em todas as reuniões se recitavam versos seus ou se cantavam as suas canções. D'estas ultimas eram as mais estimadas *A Virandeira* e o *Guerrilheiro.*

Não é como poeta que elle figura n'este livro, mas como director do Conservatorio e principalmente como auctor das comedias representadas no theatro de D. Maria com os titulos: *Dois casamentos de conveniencia, Domadora de féras, Como se sóbe ao poder* e *Sapateiro d'escada.* N'esta ultima, que teve grande exito, muito sobresahiu o actor Theodorico.

Tambem para o theatro de D. Maria traduziu **Palmeirim** as seguintes peças: *A chuva e o bom tempo, O Marquez de La Seiglière, João Baudry, O primo e o relicario* e *Os amigos intimos.*

Foi feliz no theatro, egualmente feliz na imprensa, mas felicissimo na poesia, onde lhe encontramos menos valor. E note-se que os seus versos appareciam sempre publicados ao lado dos de Garrett, Herculano, João de Lemos, Antonio de Serpa, Mendes Leal, etc.

Todos estes lhe eram superiores e nenhum era mais querido. É que a epocha era propicia aos seus cantos, dirigidos ao coração do povo, e este attende mais á idéa e ao sentimento do que á fórma.

1834 — Nasce em Itú (S. Paulo, Brazil), o compositor **Elias Lobo**.

Elias Alvares Lobo de pequeno se dedicou á musica, podendo dizer-se que quanto sabe o deve a si proprio, á sua perseverança.

Entre muitas composições sacras e profanas, escreveu musica para a comedia lyrica em 2 actos, letra de José de Alencar, *A noite de S. João*, que se executou no Rio de Janeiro pela companhia de opera nacional, a 14 de dezembro de 1860, e para a opera em 4 actos, letra do dr. Varejão, *A Louca*, que nunca chegou a cantar-se.

Tive occasião de observar que **Elias Lobo** era um musico muito estimado no Brazil e especialmente em S. Paulo.

1851 — Arde o theatro de **S. Pedro d'Alcantara**, do Rio de Janeiro. Mais tarde foi reconstruido.

1851 — Nasce na Bahia **Moreira Sampaio**.

Doutor em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, não exerce a clinica. Foi official da Bibliotheca Nacional e depois do ministerio do interior.

A paixão dominante do **Dr. Francisco Moreira Sampaio** tem sido e continua a ser o theatro. Já por vezes tem sido emprezario e agora mesmo faz parte da sociedade que elle dirige no theatro Apollo do Rio de Janeiro.

É um escriptor dramatico fecundo e que conhece bem as platéas para que escreve. Elle e Arthur Azevedo são os auctores dramaticos, na actualidade, mais queridos dos brazileiros.

A primeira peça que **Moreira Sampaio** escreveu foi a comedia em 3 actos *Entre o Cassino e a Phenix*, que se representou em 1876 no theatro Cassino, hoje Sant'Anna.

Não posso apresentar o catalogo completo dos trabalhos theatraes de **Moreira Sampaio** por falta de apontamentos, mas citarei muitos. Revistas: *O Mandarim*, *A Cocota*, *O Bilontra*, *O Carioca*, *Mercurio*, estas em collaboração com Arthur Azevedo; *O Abacaxi* e *Vóvó*, estas duas em collaboração com Vicente Reis; *Dona Sebastiana* e *O Rio Nu*. Scenas-comicas: *Grogs e apoiados*, *A Romã* e *As desgraças de um Ambrosio*. Comedias: *O diabo e o sapateiro*, *Fagundes & C.ª*, *Os Botucudos* e *A rosa murcha*. Apropositos: *O Martins no inferno*, *O meu anjo Camillo* e *O Carnaval em 1882*. Magicas: *A Cornucopia do amor* e *Os amores de Psyché*. Parodia *Rosa da Pureza*. Drama *Peccados velhos e penitencia nova*, em collaboração com Azeredo Coutinho. Operetas: *O Napoleão das moças* e *A Condessinha*, esta em collaboração comigo.

Tem arranjado, imitado e traduzido grande numero de peças, entre as quaes: *O pae de Marcial*, com Azeredo Coutinho; *Amor molhado*, *O diabo na terra*, *A dama de espadas*, *A orthographia*, *Cadiz*, *Flor de Chá*, com Azeredo Coutinho; *Mimi Bilontra*, *Dez dias nos Pyrineos*, com Soares de Sousa; *Rapaz de saias*, *Duo da Africana*, *Gran Via* e ainda outras.

10

1823 — Nasce em Caxias, provincia do Maranhão (Brazil) o notavel poeta **Gonçalves Dias**.

Antonio Gonçalves Dias, formado em direito pela Universidade de Coimbra, cavalleiro da Ordem da Rosa, professor de historia e latim, primeiro official da secretaria dos negocios estrangeiros, socio effectivo do Instituto historico brazileiro, do Conservatorio Dramatico e de muitas outras corporações, morreu desgraçadamente no naufragio da barca «Ville de Boulogne», na barra de S. Luiz, capital da provincia de que era natural, a 3 de novembro de 1864, contando apenas 41 annos de edade.

Entre outras obras notaveis, que não vem para aqui mencionar, deixou com o titulo *Cantos* tres valiosos volumes dos mais primorosos versos.

De theatro deixou **Gonçalves Dias** as seguintes obras: *Leonor de Mendonça*, drama

em 3 actos e 5 quadros em prosa; *Patkull,* drama em 5 actos; *Beatriz Cenci,* drama em 5 actos, e *Boabdil,* drama em 5 actos.

1824 — Nasce **José Manuel Alves Junior.** Conheci-o muito. Sei que fôra militar e confeiteiro.

Entrou para o theatro como actor, no velho Salitre; passou a ponto, depois ensaiador em diversos theatros e quando morreu era escripturario do theatro de D. Maria. A sua morte deu-se a 17 de junho de 1877. Já n'esta data d'elle fallei.

1835 — Nasce **José Monteiro Torres.**

É um dos mais extraordinarios e curiosissimos typos dos nossos theatros, e d'elle hei de tratar largamente n'um dos volumes que brevemente publicarei.

Foi por alguns annos emprezario do antigo theatro da Rua dos Condes.

A fórma por que elle administrava a sua empreza, os seus amores, os socios capitalistas que arranjava, e mil peripecias engraçadissimas a que o seu original feitio dava logar, não podem descrever-se aqui.

Em 1876 deixou de ser emprezario para nunca mais voltar a essa lucta. Empregou-se na secretaria da Escola Polytechnica, onde ainda hoje se conserva.

Quando os seus collegas e amigos Alexandre Mó, Ernesto Desforges e Salgado Dias fundaram o theatro da Avenida, elle ahi passava todas as suas horas vagas do dia e da noite. Agora é quasi sempre visto nos circos.

Do meu livro *Typos do theatro* ha de **José Torres** dar um dos mais interessantes capitulos.

1896 — Morre no Rio de Janeiro a actriz **Izabel Porto.**

O appellido era do marido, o actor Porto, de quem esteve quasi sempre separada. O seu companheiro e protector no theatro fôra o popular actor Vasques.

Izabel Porto nascera no Rio de Janeiro em 1848. Estreiou-se no theatro Phenix Dramatica, na magica *A Filha do ar.*

Teve uma certa utilidade emquanto não engordou despropositadamente. Nos ultimos annos de vida, tendo perdido o protector, pouco fez no theatro, de que estava quasi sempre afastada.

11

1812 — Nasce em Saint-Lô (departa-

mento da Mancha), França, o notavel dramaturgo **OCTAVE FEUILLET.**

Estreiou-se nas lettras em 1845, collaborando com P. Bocage e Albert Aubert no romance *Le grand viellard.* Entrou para a Academia Franceza em 1852, na vaga de Scribe e teve depois, em 1863, o officialato da Legião d'Honra.

Entre outras peças, escreveu as seguintes, que entre nós obtiveram, quando traduzidas, grande exito: *A Fada, Dalila, Vida d'um rapaz pobre, Tentação, Redempção, Montjoie, Nobres e Plebeus, Caso de consciencia, Julia, A Sphinge, Palma* e o *Acrobata.*

Falleceu em Paris a 28 de dezembro de 1891, com 78 annos de edade completos.

1831 — Primeira representação no theatro da Porte-Saint-Martin do drama **Marion de Lorme,** de Victor Hugo.

N'esta primeira representação a peça foi representada por Dorval, Bocage, Gobert, Chéri, Auguste e Provost.

Em 1838 foi desempenhada no Théatre-Français por Dorval, Beauvallet, Geffroy, Menjaud, Desmousseaux e Provost.

Em 1873, no mesmo theatro, foi interpretada por Favart, Mounet-Sully, Bressant, Delaunay, Maubant, Got e Febvre.

Esta peça, representada dezoito mezes depois do *Hernani*, tinha sido escripta tres mezes antes. Ambos os dramas foram compostos em 1829, a *Marion de Lorme* em junho e o *Hernani* em setembro. Primeiramente o *veto* da censura e depois o capricho do auctor, demoraram dois annos a representação da notavel peça de Victor Hugo.

1841 — Nasce em Lisboa o actor **Montedonio.**

João Baptista Montedonio começou aos 9 annos a aprender o officio de encadernador. Dois annos depois quiz ser marceneiro e d'ahi a pouco carpinteiro de machinas.

Em todas as occupações que procurava se sentia mal e ambicionava outras. Assim foi até o fim da sua vida. Tendo tido por vezes occasião de se firmar bem como artista ou commerciante, a sua inconstancia obrigava-o a tudo desfazer, a ponto de morrer quasi na miseria. Quando o theatro mais o chamava, elle abandonava-o. Hoje estabelecia-se como dourador e negociante de espelhos, ámanhã liquidava para se fazer ferrageiro, no outro dia queria ser quinquilheiro, depois passava a taberneiro! Despresou muitas vezes a sorte, até que ella o abandonou de todo.

Como artista, **Montedonio** tinha realmente merito. Aos 16 annos entrou como discipulo para o theatro da Rua dos Condes, fazendo pequenos papeis; mas o pae dissuadiu-o do seu proposito e convenceu-o a entrar como aprendiz para uma officina de entalhador.

Em 1861 entrou de novo como actor, mas para o Gymnasio. Em pequenos papeis revelou merecimento. Andou depois em companhias ambulantes pelas provincias e ilhas.

Regressando a Lisboa em 1867, contractou-se no theatro da Rua dos Condes, onde o publico começou a festejal-o, reconhecendo-lhe muito valor.

Em 1871 **Montedonio** abandonou outra vez o theatro para se entregar ao commercio, até que em 1878 entrou de novo no Gymnasio e ahi teve a melhor epocha da sua carreira. No *Penacho*, em que reappareceu, no *Amigo dos Diabos*, no *Sello da roda*, na *Policia*, na *Medicina de Balzac*, na *Mascara verde*, na *Pesca da Baleia*, no *Bailarino* e n'outras muitas peças, **Montedonio** se affirmou como um distinctissimo centro comico.

Convidado por Furtado Coelho para uma *tournée* no Brazil, para alli partiu em 1884. Agradou immensamente e durante um anno de escripturado conseguiu, fazendo economias, obter um certo peculio, que logo depois perdeu em dois mezes de emprezario. Quando pela segunda vez fui ao Rio de Janeiro, em 1885, achei-o em pessimas circumstancias e desgostosissimo. Tractando de fazer empreza, escripturei-o, dando-lhe um dos primeiros logares da companhia.

Tendo ido commigo, em 1880, ao Rio Grande do Sul, por lá se deixou ficar, novamente com a mania do commercio, e em pouco tempo, sem nada ter conseguido, bebendo demasiadamente para esquecer e afogar os desgostos, morreu na cidade de Pelotas, em 1887.

1870 — Estreia-se no theatro da Trindade o actor **José Antonio Godinho.**

Fôra empregado na egreja dos Anjos e já representára no theatro das Variedades em 1869. Lembro-me que fizera o *diabo* de uma magica que para aquelle theatro escrevi com o titulo de *Primo de Satanaz.*

Na Trindade estreiou-se na magica *A rosa de sete folhas.* Entrando em muitas peças, alli esteve até 1874, em que abandonou o theatro para se empregar na Camara Municipal de Lisboa, onde continua como funccionario zeloso e muito estimado. Ganhou a burocracia sem que o theatro perdesse.

12

1878 — Estreia-se em Lisboa, no theatro dos Recreios, a graciosa cantora de zarzuela **Romualda Moriones.**

Alcançou um grande exito, principalmente pela sua graça e formosura. A zarzuela *Processo do Can-can*, a que **Moriones** dava grande brilho, fez uma epocha de sensação. Toda Lisboa correu n'esse momento ao theatro dos Recreios.

Moriones fazia parte da companhia de D. João Molina, que fôra escripturada pelo emprezario João Luiz Soares.

Romualda Moriones nasceu na Navarra a 7 de fevereiro de 1852.

13

1811 — Nasce no Rio de Janeiro **Domingos José Gonçalves de Magalhães.**

Formou-se em medicina na mesma cidade, foi professor de philosophia e deputado, e entregou-se depois á carreira diplomatica, tendo sido addido á legação brazileira em Paris, encarregado de negocios nas côrtes de Turim e Napoles e ministro residente em Vienna d'Austria. Possuia diversas condecorações honorificas.

As suas obras, de bastante valor, formam 8 grossos volumes. Era um escriptor notavel.

Para o theatro traduziu a tragedia *Othelo* de Ducis.

Escreveu tambem duas tragedias originaes com os titulos: *Olgiato* e *Antonio José*, que, se não diminuem, tambem não augmentam o valor do notavel escriptor.

A tragedia *Antonio José* teve grande numero de representações em diversos theatros.

Domingos Magalhães morreu em Roma, onde estava como enviado extraordinario do Brazil, a 10 de julho de 1882.

1827 — Nasce em Avelomar, provincia do Minho, **Francisco Gomes de Amorim.**

D'este poeta-operario, como por tanto tempo foi chamado, escreveu o desditoso e notavel homem de lettras, A. P. Lopes de Mendonça, o que segue:

«Esta vocação é d'aquellas vocações im-«periosas, que nenhum obstaculo separa «do seu destino, que nenhuma catastrophe «faz esmorecer no seu culto. É um homem «que nasceu poeta, é um poeta que se tor-«nou homem de lettras, roubando ao re-«pouso as horas, para as dedicar ao estu-«do. Não ha, realmente, exemplo entre os «poetas da nova geração, de uma tão de-«cidida e irresistivel inclinação littera-«ria.»

A necessidade obrigou-o a partir bem novo para o Brazil, a fim de tentar fortuna. A negação para o commercio e as saudades da patria fizeram-n'o voltar a Portugal, mas já aspirando á gloria litteraria, enthusiasmado pelas obras de Garrett, que elle adorava.

Voltando a Lisboa, em 1846, viu-se abandonado e aprendeu o officio de chapelleiro para ganhar o pão de cada dia.

Começaram apparecendo poesias e artigos seus em diversos jornaes, revelando-se um escriptor distincto.

Diz ainda Lopes de Mendonça:

«A revolução de 1848, elevando o seu «pensamento ás profundas questões que «se agitavam n'aquella grande lucta, aca-«baram de amadurecer o seu engenho e de «firmar a sua carreira. *Garibaldi* — *A Que-«da da Hungria* — trechos lyricos de um «grande vigor poetico, deram ao seu no-«me a importancia de um acontecimento.»

Os homens de lettras, presididos por Garrett, deram um jantar a **Gomes d'Amorim** e ahi começaram as suas relações de estreita amizade com o cantor de Camões, que elle nunca mais abandonou, de quem foi confidente, o intimo amigo e a quem cerrou os olhos na hora derradeira.

Os ultimos annos da vida de **Gomes de Amorim** foram um supplicio atroz. Uma

doença cerebral o inutilisou, acabando por matal-o.

Tinha sido ajudante do escrivão da Pagadoria geral do Ministerio da Marinha e depois Conservador da Bibliotheca e Museu de Antiguidades navaes, o que lhe dava um modesto ordenado, com que vivia.

Além dos seus versos publicados com os titulos de: *Cantos Matutinos* e *Ephemeros*, tem outras obras de valor.

Muito escreveu para o theatro e por vezes com successo.

Eis a lista das suas peças:

Ghigi, drama em 5 actos; *D. Sancho II*, drma em 5 actos; *O Corsario*, drama em 5 actos; *A comedia da vida*, em 5 actos; *A escravatura branca*, drama em 5 actos; *O Melodrama dos Melodramas*, disparate carnavalesco em 4 actos; *O cedro vermelho*, drama em 5 actos; *Odio de raça*, drama em 3 actos; *O casamento e a mortalha...*, comedia em 2 actos; *A Viuva*, comedia em 2 actos; *Os incognitos do mundo*, comedia-drama em 5 actos; *Os herdeiros do millionario*, comedia em 3 actos; *A prohibição*, comedia em 3 actos; *Historia de um enforcado*, comedia em 3 actos.

São estes os titulos com que as peças foram representadas, posto que algumas d'ellas estejam impressas com outros nomes; assim o *Melodrama dos Melodramas* passou a chamar-se *Figados de Tigre;* a *Comedia da vida* está publicada com o titulo de *Abnegação;* á *Escravatura branca* deu o auctor depois o titulo de *Aleijões sociaes*, etc.

Entre todas as peças de **Gomes de Amorim** as mais populares são as que, depois de terem obtido grande exito no theatro de D. Maria, teem sido representadas innumeras vezes por quasi todas as sociedades de amadores e companhias ambulantes de Portugal e Brazil. Essas peças são o *Ghigi*, drama que tem a singularidade de n'elle não entrarem mulheres, e o *Odio de raça*.

N'esta peça alcançaram enorme successo os artistas: Delfina, Tasso e Theodorico. Delfina fazia magistralmente o papel da *tapuya*, sendo notavel na bebedeira. Tasso agradava immensamente no preto *Cazuza*. Theodorico fazia com tanta verdade e arte o *mulato* repellente, que era brindado com grandes pateadas, provocadas pela indignação dos espectadores.

D'uma vez assistia ao espectaculo um honesto pharmaceutico do largo do Conde Barão. Era um bello homem, mas extremamente nervoso, Na scena em que Theodorico commettia uma das suas perversidades, o boticario não poude conter-se, deu um grito e atirou para a scena um mólho de chaves, que, se apanham a cabeça do actor, o matavam.

O pharmaceutico sahiu desesperado do theatro e, como entre as chaves que atirou para a scena iam as de sua casa, ficou toda a noite passeiando ao frio e á chuva.

Perguntaram-lhe no dia seguinte por que motivo não tinha ido ao palco pedir as chaves.

— Deus me livre! respondeu. Se lá encontrasse o maroto do Theodorico, com a raiva de que estava possuido. dava cabo d'elle!

Felizes tempos em que as peças tanto emocionavam o publico, em que os actores tanto se incarnavam nos papeis, e em que o publico era tão sincero!

1869 — Nasce em Vizeu **Augusta Cruz**.

Manifestando desde creança aptidões para a arte do canto, os paes deram-lhe uma educação artistica condigna.

Na terra da sua naturalidade começou estudando musica com o professor Luiz Dalhunty. N'uma *soirèe*, que se realisou em 1887 no Gremio d'aquella cidade, **Augusta Cruz** alcançou enorme ovação cantando diversos trechos.

No anno seguinte partiu para Lisboa a estudar com o maestro Pontechi.

Em outubro de 1888, n'uma festa de caridade, no theatro de S. João, do Porto, tomou parte no desempenho do *Fausto*, fazendo o *travesti* de *Siebel*. O triumpho foi completo.

Em 17 de agosto de 1889 partiu para Mi-

lão a fim de completar a sua educação artistica, sob a direcção do habilissimo professor San Giovani.

A sua estreia como artista foi a 11 de novembro de 1890 no theatro Garibaldi de Padua, no *Trovador*. Teve um grande exito.

D'ahi, de triumpho em triumpho, tem percorrido todos os theatros d'Italia, Austria, Russia, Mexico, Havana, Brazil, etc.

O seu repertorio é já grande, contando-se, entre outras, as seguintes operas: *Trovador, Ville, Romeu e Julieta, Huguenottes, Ruy Blas, Força do Destino, Cavalleria rusticana, Lohengrin, Roberto o Diabo*, etc.

Augusta Cruz está no vigor da vida e muito ha ainda a esperar d'ella.

14

1513 — Gil Vicente faz representar pela primeira vez a sua tragicomedia **Exhortação da guerra**, perante El-rei D. Manuel, em Lisboa, na partida para Azamor do Duque de Bragança e de Guimarães.

1820 — Nasce na capital do Maranhão (Brazil) **Antonio do Rego**.

Filho de um medico do exercito portuguez, que fôra nomeado physico-mór para o Maranhão, seguiu a profissão de seu pae, vindo formar-se a Coimbra. Exerceu a homœopathia na terra da sua naturalidade, vindo para Lisboa em 1869.

Traduziu os seguintes dramas: *Gaspar Hauser, O Cavalleiro da Casa Vermelha, Mademoiselle de Belle Isle, Simão o ladrão, O orphão da Ponte de Nossa Senhora, O jogador de bilhar, Os dois serralheiros, A estalagem da Virgem, O cazal das Giestas* e *Clara Harlowe*.

1842 — Nasce em Lisboa o actor **Carlos O'Sullivand**.

Estreiou-se em 1867, no theatro das Variedades, fazendo a parte de *Senso Commum* da *Revista do anno*. Fez ahi com muito agrado diversos papeis na parodia da *Grã-Duqueza, Familia dos Possidonios*, etc.

Passou para o Principe Real, emprezas dos actores Santos e Cezar de Lima, nas quaes desempenhou importantes papeis. Foi depois para a Rua dos Condes e em seguida para uma *tournée* ao norte do Brazil. D'alli veiu em companhia do actor Brazão. Obteve então modesto logar de actor e contraregra no theatro de D. Maria, onde ainda hoje se conserva.

1871 — Nasce o actor **Sebastião José Alves.**

Tendo se dedicado desde muito novo ao commercio, applicava as horas d'ocio a amador dramatico. Representou pela primeira vez, em 1887, no theatro Garrett, aos Anjos, na comedia *Os Advogados* e na cançoneta *Do outro lado*. Fez depois parte do grupo dramatico Tasso. Em 1890 abandonou o commercio para entrar como discipulo no theatro do Gymnasio, fazendo pequenos papeis no *Piperlin, Patifa da primavera*, etc.

Em 1891, tendo mostrado aptidões, a empreza do mesmo theatro escripturou-o e alli se tem conservado até hoje.

É já grande o seu repertorio de comedias, tendo porém sobresahido nas seguintes: *Genro do Caetano, Madrinha de Charley, Receita dos Lacedemonios, Filho da Carolina, Roça de Valentim, Padre-Filho-Espirito Santo, Zaragueta, Hotel Luzo-Brazileiro, Commissario de policia, Grillos, Sôra Francisca, Huguenottes*, etc.

1890 — Inauguração do **Colyseo dos Recreios**, na rua de Santo Antão.

É a maior casa de espectaculos que se tem construido em Lisboa. Foi edificada nos vastissimos terrenos proximos á egreja de S. Luiz Rei de França, adquiridos pela antiga empreza dos Recreios Whittoyne, cujo circo, theatro, galerias, café e jardins foram expropriados para se construir a estação central dos Caminhos de Ferro, Hotel Avenida Palace, palacio Marquez da Foz, etc.

As obras do grande **Colyseo dos Recreios** começaram em 1888, sob a direcção de Manuel Garcia Junior e projecto de Goullard.

Foram importantes os trabalhos de desaterro de 16 metros de altura e exigiram grossas muralhas de supporte de 6 metros de espessura!

O sr. Castanheira das Neves dirigiu a construcção metallica, sendo a admiravel cupula de ferro feita em Berlim por Hein Lehmann.

O circo tem um lindissimo aspecto. Póde comportar á vontade 6:000 pessoas, mas já lá têem estado 8:000, em 110 camarotes, 1:500 cadeiras, duas enormes galerias, vastissimo *promenoir* e uma espaçosissima geral em toda a volta do circo.

É magnifica a decoração da sala, trabalho do scenographo Eduardo Machado.

O palco é de grandes dimensões e presta-se a ser explorado com peças de grande espectaculo. Pena é que esteja collocado de fórma, que nada se ouve da declamação em quasi toda a sala.

Á frente do Colyseo está instalada em grandiosas salas a Sociedade de Geographia de Lisboa.

Colyseo dos Recreios

O edificio deve já ter custado mais de 200 contos.

Para isto concorreu a verba entregue pela Sociedade de Geographia e a indemnisação que a companhia dos caminhos de ferro deu pela demolição dos antigos Recreios Whittoyne. O resto do capital foi coberto por acções e obrigações, tendo os portadores abatimento de 50 °/₀ no preço dos differentes logares em um espectaculo cada semana.

A recita de inauguração do **Colyseo dos Recreios** realisou-se com a opera comica *Boccacio,* cantada por uma companhia italiana.

Esta casa d'espectaculos, que tem tido seguidamente epochas desastrosas, dando enormes prejuizos a todas as emprezas que a teem explorado, parece querer agora levantar-se sob a direcção de Santos Junior, porque elle conseguiu não ter concorrente.

Aluga de sua mão o Real Colyseo com a condição de não fazerem exploração egual á sua.

Assim, com um circo só a explorar companhias equestres, gymnasticas, acrobaticas e de variedades, deve obter o resultado que por muito tempo teve Thomaz Price, quando era só em campo.

Lisboa sustenta bem um circo; dois morrem de fome.

15

1788 — Nasce em Lisboa **José Maria da Costa e Silva.**

Homem honesto, trabalhador infatigavel e escriptor fecundissimo, apezar de motejado por Bocage a pagina 374 do tomo 1.º das *Poesias*, n'um soneto satyrico; apezar do motejo de Castilho, de paginas 173 a 180 das *Excavações poeticas*, apezar de desfavoravelmente apreciado no *Boletim geral de instrucção publica*, n.º 17 de 1862, pagina 247; apezar de censurado por Camillo Castello Branco no romance *Cavar em ruinas*, a pagina 89; tem a louval-o grande numero de homens eruditos, entre os quaes Innocencio Francisco da Silva, Pato Moniz, José Agostinho de Macedo e principalmente Garrett.

São innumeras as obras poeticas de Costa e Silva, salientando-se os poemas: *O Passeio, Izabel ou a heroina de Aragão, Emilia e Leonido, O espectro ou a Baroneza de Gaia* e as traducções dos *Argonautas* e *A Imaginação.*

É tambem obra sua muito apreciada o *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*, em 10 volumes.

Costa e Silva viveu exclusivamente do theatro durante mais de 20 annos, tendo feito representar, segundo affirma Innocencio, mais de duzentos dramas originaes, imitados e traduzidos e uma immensidade de elogios dramaticos!

D'estes cita Innocencio no seu *Diccionario Bibliographico* os seguintes: *Elysa e Luzo, O Juramento de Marte, O Alcaçar do Genio Luzo, A rebellião debellada, D. Affonso Henriques no Elysio* e o *Festejo dos Genios.*

São tambem conhecidas as suas tragedias originaes: *D. Sebastião, D. Affonso Henriques* e *D. João de Castro.*

Entre as peças traduzidas citam-se: *Macbeth* e *Rei Lear*, de Ducis; *Alzira* e *Zaira*, de Voltaire; *Salto de Leucate*, de Pindemonte; *Myrrha* e *Saul*, de Alfieri; *Zulmira* e *Cerco de Calais*, de Belloy; *Catão*, de Adisson; e *The Fair Penitent*, de Rowe.

Costa e Silva morreu repentinamente a 25 d'abril de 1854, na rua da Boa Vista, 73. Está sepultado no cemiterio dos Prazeres.

1827 — Nasce em Ouro Preto, Minas Geraes, Brazil, **Bernardo José da Silva Guimarães.**

Bacharel em direito pela faculdade de S. Paulo, foi um escriptor distinctissimo e um poeta primoroso. Publicou diversos volumes de poesias e bastantes romances e contos.

Não ha noticia certa dos seus trabalhos theatraes; mas vejo mencionados no *Diccionario Bibliographico Brazileiro* dois dramas seus: *A voz do Pagé* e *Os dois recrutas.*

1836 — Nasce em Paris **Ernesto Blum.**

Filho de um actor, muito cedo começou a trabalhar para o theatro. A sua primeira peça, *Une femme qui mord* representou-se nas Variedades, quando elle contava 18 annos.

Blum tem já representadas 120 peças em diversos generos, dramas, comedias, operetas, revistas, vaudevilles e magicas.

Com bastante successo se teem representado em Portugal, entre outras, as seguintes: *A Casa Tamponin, O perfume, As mulheres nervosas, Mysterios de Paris, Uma noite em claro, Reino das mulheres, Gata borralheira, Rocambole*, etc.

1838—Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes o drama **Um Auto de Gil Vicente**, de Almeida Garrett, estreiando-se n'essa peça a nossa grande actriz Emilia das Neves. A peça interessou verdadeiramente o publico e provocou da parte do governo o intento de se edificar um theatro digno de n'elle se representarem obras primas. Emilia das Neves foi desde logo julgada um astro rutilante que havia de illuminar a nossa scena.

1848 — Nasce em Lisboa **Antonio Ennes.**

Este homem illustre teve a precocidade dos cabellos brancos e do talento. Aos 30 annos já todos affirmariam que era um velho, pela apparencia e pela uberrima fecundidade do seu espirito.

Depois de uma brilhante frequencia no lyceu, **Antonio Ennes** entrou para o Curso Superior de Lettras e nunca lá passou talento mais brilhante.

Ennes entregou-se um pouco á vida commercial e chegou até a ir ao concurso para lente de escripturação no Instituto Industrial. Fez, como não podia deixar de fazer, uma brilhante lição sobre direito commercial, mas ficou vencido pelo sr. Pequito, que era todo *cifras*.

D'essa data em diante **Antonio Ennes** entregou-se completamente ao jornalismo e á politica. O seu poderoso talento e caracter de ouro fizeram-n'o chegar em pouco tempo ás mais altas culminancias que um politico póde ambicionar. Deputado, conselheiro d'estado, ministro, commissario regio em Africa, inspector geral das Bibliothecas, nosso representante junto do governo do Brazil, todos os cargos difficeis lhe teem sido confiados e a todos tem correspondido com o brilhantismo do seu talento e a bizarria do seu caracter.

Como jornalista foi distincto entre os mais distinctos. Fallam por mim as collecções dos excellentes periodicos *Gazeta do Povo*, *Paiz* e *Dia*.

Lembrou-se de ser escriptor dramatico e ainda ninguem começou com maior ruido. A sua primeira peça, *Os Lazaristas*, que se representou pela primeira vez no Gymnasio, conseguiu o maior enthusiasmo e um successo ruidoso. Representou-se em quasi todo o paiz, provocando n'algumas terras questões serias e até conflictos. No Rio de Janeiro quasi produziu uma revolução. E' aos *Lazaristas*, que, depois de prohibidos na scena, foram publicados em folhetins da *Gazeta de Noticias*, que este jornal devê o ter-se feito repentinamente para nunca mais cair.

Os *Lazaristas* não são uma peça impeccavel; ao contrario, teem defeitos de estructura e até negavam ao auctor qualidades de dramaturgo. Todavia mereciam o enorme triumpho alcançado como obra litteraria e como peça de propaganda liberal.

Quando **Antonio Ennes** apresentou a sua segunda peça, o drama *Eugenia Milton*, que tambem se representou no Gymnasio, o publico esperava tanto, que sahiu desapontado, posto que, como obra theatral, esta peça valesse muito mais do que os *Lazaristas*, especialmente o segundo acto.

Antonio Ennes, que não é homem para se deixar vencer em qualquer campo, tirou logo depois a desforra, obrigando o publico enthusiasmado a victorial-o na representação, ainda no Gymnasio, do seu novo drama de propaganda, *Os Engeitados*.

Ennes estava consagrado dramaturgo, o que foi confirmado com a representação das suas peças: *O Saltimbanco*, que se representou no Gymnasio e em que foi notavel o actor Antonio Pedro, e *O Luxo*, que se representou em D. Maria.

Para uma digressão que realisaram ao Brazil os actores Antonio Pedro, Gil e Posser escreveu expressamente **Antonio Ennes** um drama com o titulo *A emigração*, que parece não ter lá agradado e aqui nunca se representou.

A politica afastou completamente do theatro **Antonio Ennes**, o que é bastante para sentir.

1865—Representa pela primeira vez em Lisboa o actor **João Rosa Junior**, estreiando se no theatro de S. Carlos, no drama *Ricardo III*, posto em scena por seu pae.

1865—Nasce a actriz **Adelina Ruas**.

É caso averiguado que os *meninos prodigios* quasi sempre se tornam depois inuteis. No theatro quasi só assim tem acontecido.

Com a actriz **Adelina** tal não succedeu. Em creança tinha muito merecimento e hoje não tem menos.

Não era uma pequena bonita, mas viva, esperta e util na scena desde os cinco annos, em que appareceu pela primeira vez no theatro de D. Maria, na comedia *Os meninos grandes*.

Como creança ainda lá foi applaudida e festejada no *Botão d'Ancora*, *D. Leonor de Bragança*, *Varina*, *Missionarios*, *Mulher que deita cartas* e *Oração dos naufragos*.

Depois, na Rua dos Condes, fez papeis tambem de creança nos *Mysterios de Lisboa*, no *Actor* e no *Palhaço*.

Ainda como creança entrou no Principe Real na *Revista de 1878.*

A primeira vez que representou, já como mulher, foi no Rio de Janeiro, para onde tinha ido com a companhia do Principe Real, incumbida das ingenuas. D'ahi começou verdadeiramente a sua carreira, que teria sido bem auspiciosa se a orientação das emprezas do Principe Real por vezes não a tivesse prejudicado.

Adelina Ruas, que antes de casar se chamava **Adelina Abranches,** tem realmente talento e grandes aptidões. Apesar da sua pequenina figura, o publico acceita-a perfeitamente nas ingenuas, damas *galans* e *soubrettes.* Faz egualmente com grande desembaraço uns *travestis* de garotos. Quando é preciso, tambem finge que canta.

Casou com Luiz Ruas, que é actualmente emprezario do theatro do Principe Real.

O melhor documento do valor da **Adelina** foi atrever-se a fazer a *Dama das Camelias* e, a despeito dos dotes que lhe faltam, de não ser bem acompanhada, e do mestre que lhe faltava, ter conseguido fazer-se applaudir.

16

1832 — Nasce em Lisboa **José Miguel Fernandes.**

Entrou para o theatro de D. Fernando como fiscal dos porteiros. Passou depois para D. Maria como interprete de uma companhia franceza. Em 1854 partiu para o Rio de Janeiro. Em 1855 com o actor Areias e outros montou pela primeira vez no Brazil o drama sacro de Braz Martins, *Santo Antonio.*

Em 1857 voltou a Portugal. Esteve alguns annos, como fiscal dos porteiros no theatro da Trindade.

Em fevereiro de 1878 partiu de novo para o Rio de Janeiro, onde residia seu irmão, o fallecido aderecista e antigo emprezario Francisco Fernandes. Lá vive ainda hoje.

Tem sido alli bilheteiro e empregado de confiança de diversas emprezas e ainda hoje o é do theatro Lucinda.

O **Fernandes** é um typo original. Bom homem, serviçal e dedicado; mas de uma rudeza unica. De manhã á noite grita constantemente e descompõe toda a gente, a começar pelos freguezes, os frequentadores do theatro, que por vezes precisam muita paciencia para o aturarem. Verdade seja que elle, quanto mais estima as pessoas, mais lhes grita.

1849 — Nasce em Lisboa **Ernesto Desforges.**

Foi pela primeira vez emprezario do velho theatro da Rua dos Condes em sociedade com José Torres, de quem é cunhado.

Mais tarde alugou o theatro do Gymnasio e alli apresentou a primeira companhia de opereta italiana que veio a Lisboa, dirigida por Achilles Luppi e Maria Frigerio e de que fazia parte o actor comico Ficarra.

Foi infeliz n'esta tentativa; mas é forçoso confessar que o nosso publico foi bastante injusto para com elle. A companhia Frigerio era muito superior a algumas que depois teem vindo a Lisboa, obtendo grande exito. Se a tentativa foi infeliz, nada perdeu o credito do emprezario, pois que além de ser magnifica a companhia, era completa novidade em Lisboa.

Ernesto Desforges foi um dos fundadores do theatro Avenida. Alli teve primeiro empreza sua com companhia portugueza e depois dirigiu a empreza Drummond, que, entre outras, trouxe a Lisboa uma companhia franceza de opereta.

Desforges é principalmente eximio em preparar *tiros,* ou espectaculos isolados com poucos atractivos e muito *réclame,* conseguindo muitas vezes fazer optimas receitas com recitas insignificantes.

Em matéria de *réclames* é dos mais habeis que temos tido.

Tambem **Desforges** é applaudido escriptor dramatico. No velho theatro da Rua dos Condes representaram-se as suas peças: *O Barba Roxa, O Cego da guitarra, A familia do bailarino, Ali-Baba, Duetto de harpa e rabeca* e *Variações de flauta;* no Gymnasio: *Casamento e mortalha, Othello em calças pardas* e a *Favorita da Favorita;* nos Recreios: *Os quadros vivos;* na Avenida:

Lisboa em camisa; no Rato: *Á volta de Lisboa em 365 dias,* etc.

Ernesto Desforges é actualmente secretario da empreza do Colyseo dos Recreios.

1850 — Nasce em Lisboa o actor **Samuel**

Foi empregado fiscal do seguro.

Estreiou-se em 1868 no theatro das Variedades, n'uma empreza do Costa Marreca, na opereta em 2 actos, *O Caldeireiro.* **Samuel**, além de ter habilidade, possuia uma bonita voz de barytono.

Depois do Costa Marreca, ficou uma empreza dirigida por Avellar Machado e mais tarde outra do actor Cezar de Lima. **Samuel** pertenceu a todas e sempre agradando e distinguindo-se.

Lembro-me que **Matheus Samuel da Silva** alli entrou na minha primeira revista, a de 1869, intitulada *Coisas e loisas;* nas minhas primeiras magicas *Primo de Satanaz* e *Diadema de Fogo;* na minha primeira opereta *Os dois sargentos;* e fez uma das minhas primeiras cançonetas, *José Liborio.*

Lembro-me tambem de o ter visto alli n'outra magica, *A flor magica,* na parodia da *Gata borralheira* e não sei em que mais peças. O que posso garantir é que sempre foi bem recebido.

Em 1871 foi contractado para a Rua dos Condes e depois para o Principe Real. Em ambos os theatros fez muito boa figura.

Em 1874 foi escripturado pela empreza Paes para o theatro da Trindade do Porto, onde muito agradou. Quando este theatro ardeu, em 1875, passou para o theatro das Carmelitas e depois para o Principe Real e Baquet. N'estes dois ultimos theatros muito se popularisou. Era dos actores mais queridos do Porto quando falleceu, n'uma casa da rua do Bomjardim, em 6 de março de 1878.

Está sepultado no cemiterio do Repouso, n'um jazigo feito a expensas da Associação dos bombeiros voluntarios, a que elle pertencia.

1853 — Inauguração do theatro **Novo Gymnasio Lisbonense,** no largo do Poço do Borratem, no local onde hoje existe uma estancia. Era um barracão de madeira. O espectaculo compunha-se de bailados, quadros vivos, etc. O preço da superior e galeria era de 160 réis e da geral 120 réis.

17

1853 — Estreia-se no Gymnasio o actor **Areias**, que viera do Brazil. D'este actor já fallei na data do seu fallecimento, a 5 de fevereiro, e hei de novamente fallar na data do seu nascimento, a 11 de novembro.

18

1837 — Nasce em Lisboa a actriz **Adelaide Amaral.**

Foi para o Brazil com 12 annos de edade e estreiou-se no Rio de Janeiro, no theatro de S. Pedro d'Alcantara, no drama *Terremoto das Antilhas,* na companhia Romeu.

Trabalhou durante muitos annos em diversos theatros e alcançou certa nomeada, principalmente nas peças: *Othello, Ignez de Castro, Mulheres de marmore, Homem de ouro, Irene, Gaspar Hozer, Lobella, Filha do Duque de la Seigliére, Romance de um moço pobre, Redempção, Lisbeth ou a filha do lavrador, Moça rica, Dama das Camelias, Omphalia,* etc.

Ainda a vi representar no Rio de Janeiro em 1881. Declamava como a nossa actriz Carlota Talassi. Diziam-me que fizera uma bella carreira e que n'aquelle momento estava em decadencia. O que é verdade é que d'ahi a pouco deixou de representar.

Ultimamente vivia em más circumstancias em casa d'uma amiga e estava quasi paralytica, na rua do Ipiranga, n.º 10, nas Laranjeiras, arrabalde do Rio de Janeiro.

1839 — Nasce em Paris **Armand Silvestre.**

Paulo Armand Silvestre começou estudando para seguir a carreira militar, mas abandonou essa idéa e entrou para o ministerio das finanças, onde foi

nomeado sub chefe da Bibliotheca e archivos. Em 1892 foi nomeado inspector das Bellas Artes.

Armand Silvestre tem sido o brilhante collaborador do *Echo de Paris, Gil Blas, Revue de Paris* e de outros periodicos notaveis. As suas criticas d'arte são primorosas.

Em volumes de verso e prosa tem obras valiosissimas, que lhe dão um dos primeiros logares no mundo litterario da França contemporanea.

No theatro tem representadas muitas obras, que nem todas teem feito carreira, mas a que imprime sempre o cunho do seu talento superior. Entre estas citarei: *Izeyl, Drames sacrés, Commandant Laripête, Griselidis, Marchande de Sourires, Jocelyn, Tési, Mari d'un jour, Henri VIII, Rue de Babylone, Galante Aventure, Coquelicot, Sapho*, etc. **Armand Silvestre** é cavalleiro da Legião de Honra.

1852 — Inauguração do **Theatro do Calvario**, que era situado no local onde hoje existe uma grande serralheria, em frente da estação da Companhia Carris de Ferro, a Santo Amaro.

Fôra primeiro um theatro particular e depois, n'esta data, abriu ao publico, sob a direcção de um actor Filippe, conhecido pelo *Papagaio saloio*.

Pouco tempo durou este theatro.

1865 — Nasce em Lisboa o ponto **Antonio Ricardo (filho)**.

É irmão do actor José Ricardo e filho do antigo actor e ponto Antonio Ricardo.

Estreiou-se como actor no demolido theatro dos Recreios e passou depois a ponto nos theatros do Rato, Belem, Alegria, Avenida, provincias e Porto, primeiro na empreza Taveira e depois na de seu irmão.

É dos melhores pontos que os nossos theatros têem possuido.

19

1819 — Nasce no Funchal, capital da Ilha da Madeira, o **Dr. Luiz da Costa Pereira**.

Formou-se em mathematica pela Universidade de Coimbra, obtendo o *accessit* do 5.º anno da mesma faculdade em 23 de julho de 1844.

Durante a sua frequencia na Universidade mostrou grande vocação para a arte dramatica, representando no theatro Academico, entre outras peças, o *Othello*.

Voltando ao Funchal, onde casou, foi nomeado lente da cadeira de mathematica do lyceu d'aquella cidade, sendo por essa occasião condecorado com o habito da Conceição. Ahi continuou dedicando-se de preferencia á arte dramatica, que elle amava sobre tudo, estudando com ardor quanto até então se publicára sobre tal assumpto, e representando varias vezes.

Em 1853 foi convidado pelo governo para vir exercer o logar d'ensaiador no theatro de D. Maria, o que acceitou. N'esse tempo traduziu varias peças, entre ellas a *Calumnia*, de Scribe, e representou o papel de *Bernardim Ribeiro* no drama de Garrett, *Um Auto de Gil Vicente*, por occasião da acclamação do rei D. Pedro V, sendo condecorado com o habito de Christo.

No theatro de D. Maria foi o **Dr. Luiz da Costa** por muitos annos ensaiador e depois commissario regio.

Foi repetidor na Escola Polytechnica, membro d'exames, reitor e professor no lyceu de Braga.

Foi tambem professor da arte de representar no Conservatorio de Lisboa.

Por algum tempo ensaiou no Gymnasio e voltou ao theatro de D. Maria, na empreza de Biester, Brazão & C.ª, exercendo o logar de ensaiador, representando no drama *Camões*, de Cypriano Jardim, por occasião das festas do centenario em 1880.

N'esta epocha já a doença o tinha abatido consideravelmente.

D'aqui em deante fallará por mim a sua extremosissima filha, a distincta professora D. Anna da Costa Pereira. Copiarei textualmente a parte dos apontamentos que teve a amabilidade de enviar-me:

«Cheio de desalento e dôr, foi para Vianna «do Castello, onde eu vivia, regendo uma «cadeira e rodeada de filhos, querendo es-«tar junto da filha e netos que adorava.

«Ahi luctou com immensas difficuldades, «pois não conseguia ganhar o sufficiente «para alimentar-se e a minha mãe e irmã.

«Publicou um volume — *Reflexos* —. N'es«sa occasião, instado por alguns rapazes «para os ensaiar em diversas peças, con«descendeu, e elles promoveram-lhe um «beneficio, em que meu pae tomou parte, «fazendo o papel de Bulnoy no *Conde Ja«cques*, de Gondinet.

«Afinal quiz voltar para Lisboa, a fim de «ver se podia ganhar mais alguma coisa. «Alguns amigos fizeram-lhe então um be«neficio no theatro de D. Maria.

«Desde então a sua vida foi uma prolon«gada agonia, que apenas tinha lenitivo «quando eu vinha no mez de setembro pas«sar as férias junto do melhor de todos os «paes.

«Em 1890 publicou os seus *Rudimentos «da Arte Dramatica.*

«Deixou alguns manuscriptos, de que «poderia fazer-se um volume, mas infeliz«mente faltam-me os meios para o publi«car.

«Finalmente, a 18 de janeiro de 1893, en«tregou a alma a Deus.

«Peço mil desculpas pelos mal alinha«vados apontamentos; mas é com profun«da dôr que recordo todos os soffrimentos «por que passou o meu adorado pae, por «quem a minha alma sente um culto.

«Alma mais nobre, generosa e caritativa «que conheci! Talento superior e culto «passou desapercebido e morreu abando«nado!

«Bem haja, pois, V que se lembra do «pobre finado, que muito lhe queria e tinha «em elevada consideração.»

Consola na verdade ler o respeito, o culto, a adoração, que uma filha tão digna presta á memoria de um pae respeitavel.

Quanto sinto que, entre outros papeis, se me extraviasse a correspondencia que, durante annos, recebi do **Dr. Luiz da Costa Pereira**! A publicação de taes cartas seria agora interessantissima, pelas idéas que apresentava sobre theatro e pela sua valiosissima opinião sobre tantos dos nossos artistas.

O livro *Rudimentos da Arte Dramatica* é sob todos os pontos de vista, de grande interesse para os que se dedicam de coração a tal arte.

O **Dr. Luiz da Costa Pereira** foi um dos primeiros eruditos de theatro que Portugal tem possuido.

1839 — Nasce no Rio de Janeiro, na rua da Carioca, o actor **Francisco Paula Monclar.**

Teve uma certa nomeada. Morreu em 28 de abril de 1873. Era pae da actriz Izolina Monclar.

20

1846 — Nasce em S. Thiago de Cabo Verde o purissimo escriptor **José de Sousa Monteiro.**

Estudou preparatorios no Collegio de Campolide, sendo sempre premiado; seguiu o curso superior de lettras e o de diplomatica com distincção. É empregado superior da secretaria dos Negocios Estrangeiros, socio da Academia das Sciencias e commendador de Carlos III de Hespanha, de Leopoldo da Belgica, etc.

Tem publicado notaveis artigos no *Jornal do Commercio, Atlantico, Jornal da Noite, Economista, Jornal do Domingo, Occidente, Reporter, Gazeta de Portugal* e *Novidades.*

É auctor de dois valiosissimos livros de versos com os titulos: *Sonetos* e *Poemas.*

Entre outros trabalhos de muito valor, tem para o theatro: *Pelo perfume,* comedia em um acto, representada no theatro de D. Maria em 1883; *N'um cantinho da Bohemia,* comedia em 2 actos, em verso; *Uma comedia auspiciosa,* em verso, imitada do *Mariage forcé* de Moliére; *Morre e verás,* comedia em 4 actos, em verso, imitada do hespanhol. Estas peças estão apontadas no *Diccionario Bibliographico.* Já depois escreveu a peça em 5 actos, em verso, *Ignez de Castro,* que todos que a ouviram ler affirmam ser trabalho de grande valor litterario, e o *Auto dos esquecidos,* o drama que alcançou o premio no concurso aberto pela commissão executiva do centenario da India e foi representado no theatro da Trindade e em recita de gala em S. Carlos.

1853—Morre o antigo e distincto actor **Moniz,** de quem hei de escrever na data do seu nascimento, a 23 de setembro.

1861—Morre no Pará o actor **Feliciano da Silva Pinto.**

Era portuguez. Fez parte da antiga companhia do velho theatro do Salitre.

Casou com a actriz Rosa Adelaide Marchy, filha do celebre Nicola do botequim do Rocio, tão cantado pelo Bocage. Em 1851 seguiram para o Norte do Brazil, regressando a Portugal em 1856. Estiveram no theatro de D. Fernando, de Lisboa, onde representaram na comedia *Trabalhos em vão* e n'outras. Voltaram depois para o Brazil e lá morreu **Silva Pinto.** Era pae da actriz brazileira Apollonia Pinto.

21

1858—Inaugura-se na rua Oriental do Passeio, hoje Avenida da Liberdade, junto ao largo da Annunciada, o **Theatro Mechanico,** ou de *fantoches.* Agradou immensamente, fazendo os emprezarios, que eram italianos, grandes interesses. O scenario e machinismo eram esplendidos. Os preços estabelecidos eram: cadeiras numeradas 500 rs., segunda platéa 300 rs., terceira platéa 140 rs. Funccionou por muito tempo.

O theatro, propriedade dos emprezarios, era construido de madeira e armava e desarmava com a maior facilidade.

1862—Nasce em Lisboa **Luiz Filgueiras.**

Foi distincto alumno do Conservatorio e discipulo digno dos illustres professores Monteiro de Almeida, Antonio Croner e Freitas Gazul.

É professor distincto, compositor de bastante merito e, principalmente, eximio director de orchestra, do que tem dado exhuberantes provas na direcção de operas no theatro D. Amelia e Real Colyseu e ultimamente dirigindo o magnifico septimino do theatro da Trindade.

22

1820—Nasce o grande actor **TASSO.**

Nascido na obscuridade, sem illustração que o guindasse, só o genio, o fogo sagrado elevaram **Joaquim José Tasso** ao apogeu da gloria, tornando-o um actor notabilissimo.

Todas as incorrecções, as faltas de memoria e outros defeitos que lhe notavam, esqueciam por completo, quando o publico, n'um fremito de enthusiasmo, o aclamava delirantemente, arrebatado pelos seus rasgos vehementes, que nos faziam estremecer.

Tasso era um actor privilegiado; era o eterno *galan,* era o rei da elegancia e da distincção, era, sobre tudo, o actor que mais commovia e enthusiasmava o publico.

Estreiou-se no velho theatro da Rua dos Condes, a 18 de dezembro de 1839, n'um pequeno papel do drama *Jaquelina de Baviera.*

Por muito tempo passou desapercebido no theatro, fazendo *rabulas.*

Com a morte do notavel galan e distincto actor Ventura, foi **Tasso** encarregado de o substituir no papel de *Roberto* do drama *Barba roxa* e no de *Albino* do drama *Sineiro de S. Paulo.*

Apesar das grandes difficuldades dos confrontos com actor tão querido como era Ventura, conseguiu **Tasso** tomar desde

logo o logar que ficára vago de primeiro *galan* da scena portugueza.

Teve em seguida importantes papeis na *Pobre das ruinas, Tributo das cem donzellas* e *Abbadia de Viterbo*. Se n'estas tres peças foi festejadissimo, a sua reputação de artista chegou ao mais alto apogeu no drama *Adelina de Ormilly*.

Tasso seguiu da Rua dos Condes com a sociedade de artistas para o theatro de D. Maria e alli se conservou até que Francisco Palha, saindo de commissario regio, seguiu por uma epocha para a Rua dos Condes e depois inaugurou o theatro da Trindade. **Tasso** fez parte d'essa companhia até á morte, que se deu inesperadamente a 27 de maio de 1870.

Em toda a sua carreira artistica o grande **Tasso** desempenhou approximadamente setecentos papeis de *galan!* Seria impossivel escrever aqui os titulos de todas as peças em que entrou. Limitar-me-hei a dar uma nota das peças em que mais sobresaiu, com as respectivas epochas em que foram representadas:

Proezas de Richelieu, Alfageme de Santarem e *Abbadia de Viterbo*, 1841. *Pobre das Ruinas* e *Tributo das cem donzellas*, 1845. *Alvaro Gonçalves o Magriço*, 1846. *Latude ou trinta e cinco annos de captiveiro* e *O habito não faz o monge*, 1847. *Os dois seminaristas*, 1848. *Mysterios de Paris* e *Templo de Salomão*, 1849. *Herdeiros do Czar* e *Duende*, 1850. *O operario* e *Se Deus quizer ..*, 1851. *A prophecia*, 1852. *Anjo e Demonio, Raphael* e *Maria Stuart*, 1853. *Odio de raça, Homem de ouro, Honra d'uma familia* e *Dama das Camelias*, 1854. *Consciencia, Mulheres de marmore, Cão e gato, Dalila* e *Adriana Lecouvreur*, 1855. *Casamento e despacho, Como se sobe ao poder, Mocidade de D. João V* e *Cedro vermelho*, 1856. *Caminho mais longo, Anjo da reconciliação, Escala social* e *Melodrama dos melodramas*, 1857. *Obras de Horacio, Livro negro, Homens serios, Caridade na sombra, Cego* e *Cesar ou João Fernandes*, 1858. *Flores e fructos, O luxo* e *O medico das creanças*, 1859. *Judith* e *Dito e feito*, 1860. *Um anno em quinze minutos*, 1861. *Vingança* e *Homens do mar*, 1862. *O jogo, Sociedade elegante, Penitencia* e *Daniel Lambert*, 1863. *Os homens ricos*, 1864. *Os diffamadores* e *Nobres e Plebeus*, 1865. *Coração e arte*, 1866. *Demonio do jogo, Supplicio de uma mulher, Familia Benoiton* e *Mãe dos pobres*, 1867. *Conspiração na aldeia, Pupillas do sr. Reitor, Chave de ouro* e *Tentações do demonio*, 1868 *Barbeiro de Sevilha*, 1869, *Peccadora e mãe*, 1870.

Quando **Tasso** morreu estava estudando o *Othello*.

Um biographo, seu contemporaneo, escrevia de **Tasso**:

«Ahi vae agora o retrato d'elle. Depois «de admirar o inspirado artista, vou ver se «consigo retratar o homem. O primeiro faz «desejar o segundo.

«Imaginem um homem de elevada esta«tura, uma figura arrancada de um quadro «da idade média, e vestida com trajo con«temporaneo, dotado de aspecto nobre, de «olhar affavel, a sua presença desperta «sympathias em quantos o vêem. A sua «conversação não tarda em ser intima: pa«rece que só nasceu para viver entre ami«gos.

«Por traz d'aquelle semblante logo se «adivinha alguma coisa extraordinaria, «n'aquellas feições nota-se um claro-escu«ro, a imaginação e a paixão... mas quan«do se anima, quando falla, quando repre«senta, quando discute, o seu rosto parece «então um espelho, onde se reflectem to«das as sensações da alma.

«Discute, e os seus olhos brilham como «o relampago e a sua voz resoa como o «trovão.

«Falla, e a sua voz tomou o colorido do «que conta; é tetrica se descreve tristezas, «parece um gemido se refere desgraças, «chora e ri, canta e desafina; mas é sem«pre enthusiasta, sempre pittoresca.

«Estimado por toda a gente, é rodeado «sempre pelas maiores attenções.»

Tasso era cavalleiro de S. Thiago.

1882 — Estreia-se no theatro dos Recreios a actriz **Virginia Marini**.

Esta actriz trazia grande reputação de Italia e principalmente de Hespanha. O publico de Lisboa recebeu-a friamente e a critica foi por vezes severa de mais com ella.

O grande merito da **Marini** era a pureza da dicção; mas faltava-lhe a principal qualidade para enthusiasmar o nosso publico, a expressão physionomica.

Talento possuia bastante e a prova era que conseguia agradar e ser applaudida, apezar do seu rosto cheio e carnudo nunca traduzir a expressão do que sentia.

Estreiou-se com a *Fernanda* de Sardou e despediu-se a 16 de setembro com a *Soror Thereza*.

Não deixou saudades e por isso não voltou.

23

1746 — Nasce em Setubal a notavel actriz **CECILIA ROSA D'AGUIAR.**

Para authenticar a data e naturalidade publicamos a seguinte certidão:

«Do livro 14.º dos termos de baptismos «da freguezia de Nossa Senhora da An«nunciada de Setubal, a folhas 170, consta «o seguinte: Aos seis dias de setembro de «mil setecentos quarenta e seis baptisou «de minha licença o Padre Manuel Bello «Freitas a **Cecilia**, filha de Manuel José «d'Aguiar e de Anna Joaquina de Almeida, «recebidos n'esta freguezia; nasceu em 23 «de agosto, e foram padrinhos Victorino «José d'Almeida e D. Francisca Josefa Iza«bel. O Prior Clemente Rodrigues Monta«nha.»

Esta certidão foi-me obtida pelo meu velho amigo e illustre poeta setubalense, Manuel Maria Portella, que me diz, n'uma nota, a proposito do prior, o seguinte:

«Este padre Clemente Rodrigues Mon«tanha (Dr.) foi um dos socios da Acade«mia Problematica, de Setubal, a qual teve «a sua primeira sessão em 30 de maio de «1721, discutindo-se então: Qual fizera «mais, se Alexandre em conquistar o mun«do, se Diogenes em despresal-o.»

Cecilia d'Aguiar era irmã da celebre cantora Luiza Todi. Esta tornou-se muito mais conhecida, porque, com a sua deliciosa voz e excellente methodo de canto, enthusiasmou a Europa inteira; todavia é opinião assente, que, representando no theatro do Bairro Alto as quatro irmãs, Luiza, **Cecilia**, Izabel e Iphigenia, a mais notavel de todas como actriz era a **Cecilia**, que, entre outros papeis, desempenhou com grande mestria as tragedia *Alzira* e *Zaira* de Voltaire, traduzidas pelo arcade, o medico Seixas, a *Ignez de Castro* e o *Belizario* de Nicolau Luiz.

A superioridade e excellencia de **Cecilia Rosa d'Aguiar** como actriz é citada por Manuel de Figueiredo nas suas obras, por Costa e Silva no *Ensaio biographico-critico*, affirmando ser ella a primeira actriz d'aquelles tempos, e por outros.

A mim, o que principalmente me convence do seu alto merito é a collecção de documentos que possuo, e que ainda hão de ser publicados, nos quaes vejo as vantagens e regalias que lhe eram concedidas. Pelos recibos que tenho assignados pelo seu punho, vejo que lhe eram garantidos dez mezes de ordenado em cada anno e que esse ordenado era mensalmente de sessenta mil réis, o que equivaleria hoje a seiscentos. Além d'isto a empreza pagava-lhe casa, mobilia, carruagem para ir aos espectaculos e ensaios, fato e calçado para a scena e até meias e espartilhos! De tudo isto possuo documentos.

Averiguado e provado quanto digo, é de estranhar que tão pouco seja citada **Cecilia d'Aguiar** e, principalmente, que no theatro de D. Amelia, de Setubal, em que se lançaram homenagens a Luiza Todi e diversos mui illustres artistas setubalenses, não se fizesse uma unica referencia á grande actriz do nosso primeiro theatro no seculo passado.

1802 — Nasce em Lisboa o maestro **Manuel Innocencio.**

Discipulo do celebre musico Fr. José Marques, o que muito auxiliou a sua extraordinaria vocação, **Manuel Innocencio Liberato dos Santos**, ainda muito novo, era já distincto.

Foi o professor musical das infantas D. Anna, D. Izabel Maria, D. Maria Thereza, D. Maria d'Assumpção, de D. Pedro IV, de D. Miguel, D. Pedro V, D. Luiz, D. Augus-

to, D. João, D. Fernando, D. Marianna e D. Antonia.

Foram composição de **Manuel Innocencio** os hymnos de D. Pedro V, D. Fernando e D. Luiz e os *Te-Deum* que se cantaram nas aclamações e casamentos de D. Pedro V e D. Luiz.

Para o theatro de S. Carlos compoz **Manuel Innocencio** duas operas: *Ignez de Castro*, que se cantou em 1839, e *Cerco de Diu*, cantada em 1841.

O illustre maestro era commendador da Conceição e de Christo, e cavalleiro de S. Thiago de Portugal e S. Gregorio de Roma.

Falleceu em Lisboa ás 8 horas da manhã do dia 11 de novembro de 1887.

1821 — Nasce em Chantilly o distincto actor francez **Maubant**.

Discipulo de Provost, obteve o segundo premio de comedia no Conservatorio de Paris. Estreiou-se na Comedie Française, no *Œdipo*, em 1842.

Depois de 45 annos de serviços retirou-se do theatro. Era o pae nobre da antiga tragedia, figura proeminente do velho repertorio. Deixou na scena um vacuo, que ainda não foi preenchido.

É professor do Conservatorio, official da Academia e cavalleiro da Legião de Honra.

24

1821 — Executa-se pela primeira vez, no theatro de S. Carlos, o **Hymno da carta**, composto por D. Pedro IV.

1863 — Victima de uma lesão cardiaca, morre o notavel actor brazileiro **João Caetano dos Santos**, do qual já fallei na data do seu nascimento, a 27 de janeiro. Está sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula, em Catumby, Rio de Janeiro.

25

1814 — Nasce em Lisboa **Luiz Maria Bordallo.**

Era official da armada e morreu desastrosamente na explosão da fragata D. Maria II, em Macau, a 29 de outubro de 1850.

Deixou ineditos quatro dramas com os seguintes titulos: *O arabe em Granada, O proscripto de Veneza, O dia 24 de julho de 1833* e *A orphã e o assassino.*

Deixou impresso um outro drama que se representou no theatro do Salitre e fez as delicias de todas as sociedades de amadores durante muitos annos. O drama tem 4 actos e intitula-se *O Judeu*, mas era geralmente conhecido e por vezes annunciado com o titulo de *Judeu Jonathas*.

1870 — Nasce em Lisboa **Eduardo Fernandes (Esculapio)**.

Tem tanto de bohemio como de talentoso. Escreve correctissimamente e com a maxima facilidade.

Tem sido redactor dos jornaes *Patria, Vanguarda, Tribuna* e *Seculo*, onde se conserva. Tem collaborado no *Antonio Maria* e n'outras folhas.

É um reporter de primeira ordem e um gazetilheiro cheio de *verve*. No genero não tem quem com elle possa competir.

Apezar de ter abandonado o curso de medicina para se entregar ao jornalismo, de boamente deixaria este para só escrever para o theatro, a sua paixão dominante.

Os seus trabalhos para a scena teem tido quasi todos exito, e muito maior poderiam ter se elle os cuidasse d'outra fórma e melhor os pensasse, em vez de os escrever sobre o joelho e em poucas horas.

Estreiou-se por um monologo, *As noites do Conselheiro*, que foi recitado pelo actor Carlos Santos na noite do beneficio de sua mãe, a actriz Amelia Vieira, no theatro do Principe Real a 10 de março de 1892.

Collaborou em seguida com Baptista Machado na revista *O Sarilho*, que obteve bastante successo na Rua dos Condes.

Para o theatro do Principe Real escreveu o *José João*, parodia ao drama *João José*, de Dicenta. Esta peça agradou immensamente e fez uma bella epocha.

Tem um sem numero de cançonetas e monologos representados em diversos theatros.

Traduziu comigo a opera comica *A Falote*, que se representou na Trindade; escreveu *O Vicente*, parodia ao *Regente*, drama de Marcellino de Mesquita, que subiu á scena no theatro do Principe Real; traduziu em verso com alto merito *As Preciosas Ridiculas*, de Molière; fez uma engraçada parodia á opera *Bohème*, que se representou no theatro D. Affonso, do Porto; e escreveu em hespanhol uma zarzuela *El Sobresaliente*, que teve grande exito no theatro D. Amelia, quando representada pela companhia Ortiz.

26

1770 — Morre, assassinado por um marido offendido na sua honra, o poeta dramatico **Domingos dos Reis Quita**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 6 de janeiro.

1853 — Nasce na Figueira da Foz, **Acacio Antunes**.

Em 1878 veiu residir para Lisboa, onde obteve um logar de amanuense no ministerio da marinha.

Collaborava ao mesmo tempo em diversos jornaes, n'alguns dos quaes fazia diariamente gazetilhas bastante espirituosas. Foi tambem critico dramatico em diversas folhas.

Começou escrevendo com bastante felicidade para o theatro, deixando por esse motivo o emprego official.

Quando, em 1895, levei companhia ao Brazil, contractei-o como ensaiador. Por lá se deixou ficar e lá continúa trabalhando para o theatro.

Acacio Antunes é um escriptor correctissimo, elegante e um poeta apreciado.

Traduz com immensa facilidade o verso das operetas, accommodando-o á musica com toda a precisão, o que é tão difficil, que raros o fazem.

Tem muitas peças originaes, imitadas e traduzidas.

É perfeitissima a sua traducção em verso do *Roi s'amuse*, de Victor Hugo.

Entre os seus trabalhos de maior successo no theatro contam-se os arranjos das peças: *Tio Milhões*, *28 dias de Clarinha*, *Pão fresco*, *Cigarra*, *Rei damnado*, etc.

27

1801 — Morre **Manuel de Figueiredo**, de quem já tratei na data do seu nascimento, a 15 de julho.

1811 — Nasce no Rio de Janeiro, **Joaquim José Teixeira.**

Advogado, bacharel em lettras pela universidade de França, formado em sciencias juridicas pela Academia de S. Paulo, juiz dos orphãos, delegado de policia, deputado provincial e geral, presidente de Sergipe, socio de varias academias e condecorado com a Ordem da Rosa, collaborou em diversos jornaes e publicou varias obras, principalmente romances.

Nos diversos theatros do Rio de Janeiro representaram-se com agrado as seguintes peças suas: A tragedia *Camões*; os dramas: *Uma paixão*, *O parricida* e *O ministro traidor*; as comedias: *João*, *A aposta*, *A familia do barão*, *O ministro e o seu secretario*, *Os dois compadres*, *As eleições*, *O juiz de paz*, *Tres dias de ministro*, *A rica de honra* e *Os dois descontentes*.

1892 — Estreia-se no theatro do Gymnasio com o drama *Morte Civil* a companhia do notavel actor hespanhol **Antonio Vico.**

É um artista de grande reputação em Hespanha e inquestionavelmente um artista de grande valor, sem todavia chegar á craveira dos celebres Salvini, Rossi, Novelli e outros.

Possue o fogo sagrado, tem arte, representa admiravelmente o drama, mas nunca podia ser um actor tragico de primeira ordem.

A sua peça de grande successo em Lisboa foi a *Mala raza* de Echegaray.

Ultimamente **Antonio Vico** voltou a Lisboa, estreiando-se no theatro do Principe Real, a 30 d'abril de 1898, com a *Morte civil*. Accusava cançaço e decadencia.

O publico abandonou o illustre artista, a quem Novelli deu um beneficio no theatro D. Amelia para poder sahir de Lisboa.

Seguiu para o Porto, onde não foi mais feliz.

28

1835 — Morre d'uma apoplexia o padre **José Manuel d'Abreu e Lima**, de quem hei de fallar na data do seu nascimento, a 31 d'este mez.

1856 — Nasce no Porto **Navarro de Andrade.**

Veiu para Lisboa em companhia de sua familia aos 13 annos d'edade e aqui fez o curso do lyceu e o curso superior de lettras.

Entrou na vida jornalistica protegido por Teixeira de Vasconcellos no *Jornal da Noite*, escrevendo depois tambem na *Revolução de Setembro* e *Diario Illustrado*.

Por morte de seu pae, o Barão de Sande, **João de Campos Navarro de Andrade** partiu para o Brazil em 15 de fevereiro de 1879. Tendo-se dirigido a S. Paulo, alli casou e viveu por alguns annos. Alli o conheci em 1883, redactor da *Provincia de S. Paulo*.

Desgostos de familia levaram **Navarro de Andrade** a fazer uma viagem á Republica Argentina e, no regresso, fixou residencia no Rio de Janeiro, onde escreveu no *Paiz* e *Diario do Commercio*.

Foi fundador dos jornaes *O Binoculo* e *O Brazil Contemporaneo*.

Era um jornalista de pulso e um escriptor dramatico de muito merito, tendo sido representadas com bastante exito no Brazil as suas peças: *Ás armas pela patria!* drama patriotico em 5 actos; *A prisão do padre Amaro*, aproposito em 1 acto; *As mulheres são o diabo!*, vaudeville em 4 actos; *Os Ratazanas*, vaudeville em 3 actos; *Mysterios dos conventos*, drama em 5 actos; *O Marquez de Pombal*, drama em 5 actos.

Navarro de Andrade falleceu no Rio de Janeiro, victima da febre amarella, a 23 de abril de 1891.

1867 — É creado o **Monte-pio dos actores portuguezes**, instituição que tem prestado bellos serviços e que poderia estar n'um invejavel grau de prosperidade se a maioria dos actores lhe não fosse indifferente. A dedicação de poucos é que ainda sustenta o **Monte-pio**, que proporciona pensões ás familias dos socios fallecidos e presta outros serviços. Bastaria que todos os artistas e outros empregados dos theatros se associassem e promovessem annualmente um beneficio em cada theatro para que tal instituição fosse a mais prospera de quantas existem entre nós.

29

1844 — Nasce em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (Brazil), **Apolinario Porto Alegre.**

É professor de diversas disciplinas na terra da sua naturalidade.

É muito amante das lettras, e para o theatro tem escripto as seguintes peças: *Cham e Japhet*, drama em 3 actos; *Os filhos da desgraça*, drama em 5 actos; *Sensitiva*, drama em 3 actos; *Ladrões da honra*, drama em 3 actos; *Mulheres*, comedia em 4 actos; *Epidemia politica*, comedia em 4 actos, e *Benedicto*, comedia em um acto.

1847 — Nova modificação do **Decreto de Moscou.**

1891 — Morre em Cintra o purissimo escriptor **Latino Coelho**, de quem fallarei na data do seu nascimento, a 29 de novembro.

30

1836 — Estreia-se no theatro do Salitre o velho actor-ensaiador **Bernardo Victor de Mendonça.**

Foi no começo da sua vida sacristão da egreja de S. José.

Entrou para o theatro protegido pelo velho actor Theodorico, o primeiro d'este nome. **Bernardo Mendonça** foi sempre um actor mediocre; apenas se salientou no papel de inglez da farça *A Castanheira*. Mais tarde Emilio Doux acceitou-o como

actor e seu ajudante para conter o respeito nos ensaios, quando elle estava ausente e para metter em scena a comparsaria.

Em 1852 entrou para a Rua dos Condes como actor e ensaiador e alli continuou na empreza da Associação como segundo director de scena.

Durante alguns annos, em que esteve desempregado, dedicou-se a ensaiar amadores, mediante a retribuição de uma libra por cada espectaculo que ensaiava! E, ainda assim, nunca tinha ganho tanto dinheiro na sua vida. Quando foi ensaiador de uma sociedade, a que eu pertenci, e que dava espectaculos no theatro da Graça, ouvi-lhe dizer que tinha mezes de ensaiar vinte espectaculos de vinte sociedades diversas, o que lhe produzia vinte libras por mez!

Era d'uma ignorancia crassa e a toda a hora soltava uma asneira. Contam-se diversos episodios comicos que se davam emquanto ensaiava; ha mesmo uma explicação que deu n'um ensaio no theatro da Rua dos Condes, que é engraçadissima, mas que não posso aqui apresentar por obscena, apesar d'elle a ter dado com a maior innocencia.

Mais tarde foi para ensaiador das Variedades, empreza Pinto Bastos.

Em 1840 **Bernardo Victor de Mendonça** assentou praça no 3.º batalhão provisorio e chegou a sargento.

Era um *patuléa* exaltado. No dia em que se abriu a cadeia do Limoeiro, a 29 d'abril de 1848, deu um grito sedicioso na rua do Ouro, pelo que abriram-lhe a cabeça com uma coronhada, moeram-n'o de pancada e ainda o tiveram preso por algum tempo.

A ultima vez que representou foi no theatro da Rua dos Condes, no drama *1640 ou a Restauração de Portugal*, n'uma sociedade artistica que alli se formou antes de lá entrar Pinto Bastos.

Bernardo morreu a 29 de setembro de 1877 bastante velho, ignorado e pobre.

1855 — Inauguração do theatro da **Floresta Egypcia**, na sala de Crystal que existia nos jardins da **Floresta**.

A **Floresta Egypcia** era situada na rua da Escola Polytechnica. Era formada por grandes jardins onde havia toda a especie de divertimentos, salas para bailes, concertos, fogos d'artificio, montanhas-russas, jogos de toda a especie, carroussel, balanças para pezar, balouços, etc. A entrada custava 160 réis e depois lá dentro tudo se pagava. Tinha magnificos restaurant e café. O emprezario era o José Osti, o pyrotechnico da epocha, o que introduzira os phosphoros em Lisboa e que já fôra emprezario do Jardim Mythologico em Alcantara.

Foi tambem José Osti o emprezario do theatro da **Floresta**.

A companhia era dirigida por Francisco Fernandes, que foi actor, emprezario de provincia, excellente aderecista e como tal se estabeleceu no Brazil. Ainda alli o conheci em 1881, empregado da empreza Furtado Coelho. Morreu pouco tempo depois, deixando um filho, Anisio Fernandes, que é um bello machinista e aderecista de theatros.

Da companhia faziam parte a velha Ludovina, Maria José Fernandes, Amelia, Guilhermina, J. Ramos, Costa *(marreco)*, João Ferreira, Sá, Pinto de Campos (tio), Maldonado. Era ponto Costa Braga.

Em 1857 foi esta companhia substituida por outra intitulada *Companhia portugueza lyrico-dramatica*, que era formada assim: Andrade Ferreira, Eduardo Roque, Luiz Lassance, Antonio Apparicio e Carolina d'Oliveira.

O theatro era todo envidraçado. Tinha frizas a 1$400 réis, camarotes a 1$600 réis e platéa a 240 réis. É claro que, além d'estes preços se pagava 160 réis pela entrada nos jardins.

31

1763 — Nasce **José Manuel d'Abreu e Lima.**

Em 1787 tomou ordens sacras; mas d'ahi a pouco foi prohibido de exercer o sacerdocio, a não ser como prégador, em consequencia da sua paixão pelo theatro, que o não deixava sair de S. Carlos, Rua dos Condes e Salitre.

Como prégador era muito estimado, pois

imitava os actores da epocha na exaggerada declamação.

No primeiro quartel d'este seculo as peças que se representavam nos nossos theatros com mais agrado eram originaes, imitações e traducções do **Padre José Manuel d'Abreu e Lima.**

Estando a prégar na capella do Conde de Redondo, ahi morreu de uma apoplexia em 28 de agosto de 1835.

As producções theatraes de **Abreu e Lima**, de verdadeiro merito, não ficaram impressas. Algumas se perderam; mas na sua maioria estão em poder dos descendentes do sr. Conde de Redondo, a quem elle as legára por gratidão.

O seu drama *Pedro o Grande ou os falsos mendigos*, que havia feito um enorme successo, teve duas *reprises* na Rua dos Condes com muito exito e outra no Principe Real.

Os titulos das outras suas peças, que existem em poder dos herdeiros do sr. Conde de Redondo e de que o sr. D. Fernando de Sousa Coutinho deu nota para Brito Aranha, continuador da obra de Innocencio, são os seguintes:

Naufragio venturoso, Inglez melancholico, Exemplo interessante, Annos de Fileuna, Castellos no ar, A Virtude encontra-se onde menos se espera, Mentiroso enganado, Amores de Milfont e Dauvelt, Doring e Christina, As duas portas, Tyranno de Grod, Despertador, Frederico ou o retrato de muitos homens, Actriz virtuosa, Experiencia judiciosa ou o tambor nocturno, Visionario, O sabio moderno ou o original de que ha muitas copias, Aviso ás senhoras casadas, Pedro o Grande ou o desertor moscovita, Ophis, A innocencia triumphante da intriga, Paulo e Virginia, A ilha chimerica, O casamento por mania ou os dois militares, O velho prudente e sensivel, A dama espirituosa ou a mascarada, Nina, O filho natural, Efigenia ou o inglez sensivel, O empecionado ou o heroe de Somosierra, Curar o mal com o mesmo mal, O espelho ou o marido prudente, Um por outro, Um quarto de hora de silencio, O Mago da Persia, O pintor naturalista, O retrato, O ministro de honra, Honra e indigencia, O dia jubiloso, Egilde de Montfaucon, O papagaio, 1798, O retrato do tempo presente, Dama astuciosa, A experiencia judiciosa, Exemplo ou as aldeãs portuguezas, O duende ou os dois granadeiros e *O orphão portuguez.*

1867 — Nasce em Lisboa o actor **Justino Marques**

Depois de fazer exame d'admissão no Lyceu, começou aprendendo o officio de entalhador. Ao mesmo tempo representava como amador na Sociedade Taborda.

Em 1885 representou como amador ainda, no theatro do Principe Real, no drama *Homens do mar*, de Cezar de Lacerda. Este, que era auctor da peça e ensaiador, e que ia para o Porto dirigir uma companhia no theatro Baquet, convidou **Justino** para se escripturar alli como actor, o que elle acceitou, estreiando-se no drama *Mar e Guerra.*

No fim d'essa epocha, a instancias de seu pae, abandonou o theatro e veiu dirigir uma marcenaria a vapor, que durante tres annos funccionou sob a firma de Marques & Filho.

Em 1889 abandonou a fabrica para se entregar de novo ao theatro, entrando para o Avenida e depois para a Rua dos Condes. Em 1890 voltou ao Porto para o theatro D. Affonso, empreza José Ricardo, Taveira e Santos. Com a mesma empreza passou para o theatro do Principe Real. Em 1892 regresssou a Lisboa, para o theatro da Trindade, onde esteve duas epochas. Outras duas epochas passou em digressão artistica nos Açores e Madeira.

Contractado por Taveira foi com a sua companhia ao Rio de Janeiro em 1896. Com a mesma empreza ficou depois no Porto e alli se conserva.

Justino Marques tem feito a sua carreira quasi sempre fóra de Lisboa e por isso pouco tenho acompanhado os seus progressos. Na epocha em que comigo esteve contractado na Trindade, salientou-se no papel de *Zé da Paula* do *Brazileiro Pancracio.*

1869 — Nasce em Lisboa a actriz **Sophia Santos.**

Filha da actriz Maria do Ceo e do escriptor dramatico Manuel Domingues Santos,

estreiou-se no theatro dos Recreios, em 1886, na comedia *Maridos que choram,* empreza Salvador Marques.

Quando o theatro dos Recreios foi demolido, passou para o do Rato, dépois Alegria, Avenida e Rua dos Condes, fazendo de preferencia desde muito nova papeis caracteristicos.

Tem estado diversas epochas desempregada, mas sempre representando com amadores para angariar os meios de subsistencia.

Foi uma filha extremosissima; trabalhou sempre para occorrer ás necessidades de sua familia; foi uma dedicada enfermeira de pae e mãe; é egualmente uma irmã modelo.

Com tão raras qualidades a sorte não a tem bafejado; outras com muito menos valor teem feito melhor carreira.

SETEMBRO

SETEMRRO

I

1856—Estreia-se no theatro D. Fernando, no drama de Braz Martins *O Rei e o Eremita*, a actriz **Anna Cardoso**, de quem hei de escrever na data da sua morte, a 12 de outubro.

Como n'outro logar se verá, já tinha representado no theatro da Rua dos Condes.

1856—Nasce no Cartaxo o festejado dramaturgo **Marcellino Mesquita**.

É inquestionavelmente um dos nossos mais talentosos escriptores dramaticos contemporaneos. Póde talvez saber menos ou ser menos poeta que outros, mas nenhum dos mais festejados possue mais qualidades de dramaturgo. Sabe sempre empolgar o publico e fazer-se applaudir com enthusiasmo, o que, entre nós, muito poucos conseguem.

Os seus successos no theatro quasi se contam pelo numero das suas peças. A primeira que escreveu foi o drama *Leonor Telles*, que subiu á scena em D. Maria, representado por amadores estudantes, n'um beneficio de caridade. O seu maior elogio é dizer-se que passou para o repertorio da companhia do mesmo theatro e ainda hoje alli se conserva como das peças mais applaudidas e mais rendosas para os cofres da empreza.

A sua segunda peça, *A Perola*, subiu á scena no theatro do Principe Real, a 23 de maio de 1885. Entrou depois no Gymnasio, em 1887, com a comedia *O sr. Barão*.

Em D. Maria tem mais quatro legitimos successos: *Os Castros, O velho thema, Dôr suprema* e *O Regente*.

De collaboração com Gualdino Gomes escreveu para o theatro Avenida uma revista do anno com o titulo *A Tourada*. Se lhe faltavam qualidades para o genero, tinha muita graça e valor litterario. N'uma revista já não é pouco.

No vigor da vida, com amor ao trabalho e talento superior, muito ha a esperar ainda da sua penna vigorosa.

Marcellino Mesquita foi um dos concorrentes quando a commissão executiva dos

festejos, por occasião do 4.º centenario da descoberta da India, abriu concurso para um drama historico sobre tal assumpto. Entre doze peças que appareceram, a segunda classificada foi a de **Marcellino Mesquita** e com certeza nenhuma das outras tinha tantas qualidades theatraes.

1865 — Nasce em Lisboa a actriz **Clementina Santos.**

É tambem filha da actriz Maria do Céo e do escriptor Manuel Domingues Santos. Estreiou-se como actriz com sua irmã Sophia e acompanhou-a na sua modesta carreira, até que em 1893 abandonou o theatro.

1870 — Entra para camaroteiro do theatro do Gymnasio **Antonio de Sant'Anna.**

É popularissimo, querido dos frequentadores do Gymnasio e não menos querido dos emprezarios, artistas e donos do theatro. O **Sant'Anna** é uma figura proeminente d'aquella casa de espectaculos e a prova são os seus beneficios, que são outras tantas noites de festa para elle e para os seus muitos amigos.

Sant'Anna nasceu em Carapinheira do Campo, concelho de Montemór-o-Velho. Foi de muito novo empregado no commercio. Foi depois segundo sargento de infanteria 10. Dando baixa, entrou como prefeito no Collegio Europeu, onde esteve quatro mezes, sahindo d'alli para ser camaroteiro do Gymnasio, onde se conserva. Tem servido com os emprezarios: Machado, Cruz, Lacerda, José Romano, Alfredo de Mello, Couto d'Almeida, Xavier d'Almeida, Polla, Desforges e José Joaquim Pinto.

2

1838 — N'esta data, no Real Theatro de S. Carlos, sendo emprezario o Conde de Farrobo, subiu pela primeira vez á scena em Portugal, com grande esplendor, a notavel opera de Meyerbeer, **Roberto o Diabo,** que causou grande enthusiasmo. Foi cantada por Santina Ferlotti, Claudia Ferlotti, João Paganini, Alexandre Zambaiti e Luiz Maggiorotti. O scenario foi pintado por Rambois e Cinatti.

1840 — Nasce o actor **Gama.**

Joaquim Carlos da Gama estreiou-se como actor na recita de inauguração do theatro do Principe Real, de Lisboa, na comedia em 3 actos de Rangel de Lima e Aristides Abranches, *Dois pobres a uma porta.*

Na mesma noite se estreiou o actor Bayard. Ambos tinham sido amadores dramaticos muito festejados.

Cezar de Lima, ao organisar companhia para inaugurar o theatro que ia dirigir, convidou os dois distinctos curiosos, que acceitaram as escripturas que lhes foram offerecidas.

Gama foi depois escripturado para o theatro Baquet do Porto pelo emprezario Moutinho de Sousa. Ahi agradou immensamente.

Passou depois a ser societario da empreza do theatro do Principe Real, do Porto, com Garraio, Soller e Firmino. Mais tarde foi socio da empreza do Baquet com Soller, Taveira, Alvaro, Verdial e Pires.

Em 1885 seguiu para o Rio de Janeiro, fazendo parte da companhia de opera comica, organisada pela Manzoni. Agradou alli bastante, principalmente nos *Sinos de Corneville*, na *Filha da sr.ª Angot* e na *Princeza das Canarias.*

Voltando a Portugal, esteve escripturado em diversas epochas nos theatros do Gymnasio, D. Maria, Principe Real e Avenida.

Fez uma epocha no Porto com a empreza Alves Rente, voltando depois a Lisboa. Ultimamente foi de novo escripturado para o theatro Carlos Alberto, do Porto.

Entre as innumeras peças que tem representado, merecem citar-se as seguintes: *Egas Moniz, Cardeal Dubois, Sargento-mór de Villar, Arco de Sant'Anna, Parasitas, Marquez de la Seiglière, Ingleza, Francillon, Cunhado, Lago de Kilarney, Pompon, Sinos de Corneville, Mascotte, Perichole, Sr.ª Angot, Princeza das Canarias, Lenda do Rei de Granada, Tim tim por tim tim, Parisiense, Filha do mar, Quem morre... morre, Noites da India*, etc.

1845 — Nasce **Francisco Antonio de Mattos.**

É um habilissimo e distincto empregado de fazenda, mas que, por muitos motivos, tem o seu nome ligado ao theatro.

Como empregado publico é exemplar. Como escriptor publicou duas obras utilissimas, o *Diccionario chorographico de Portugal*, e um livro sobre contribuições, a sua especialidade burocratica.

Como jornalista, desde 1863, tem collaborado em muitas folhas litterarias, artisticas e politicas e redigido outras.

Publicou tambem um interessante livro de contos com o titulo *Campestres*.

Como acima disse, o seu nome anda sempre mais ou menos ligado ao theatro. Quando, como escrivão de fazenda, andou, ao capricho da politica, de provincia para provincia, de terra para terra, o seu primeiro cuidado era fundar uma sociedade theatral, aproveitando e melhorando os theatros da localidade, ou construindo-os, se não os havia. Ahi era elle machinista, scenographo, aderecista, fiscal, ensaiador, actor, contraregra, tudo emfim.

Tambem **F. A. de Mattos** é escriptor dramatico apreciavel. Ainda ultimamente escreveu uma opereta em 3 actos, que se representou no Porto com musica de Del-Negro.

Escreveu mais as seguintes peças: *O guerrilheiro carlista, Portuguezes de 1640, Liberdade, Patria e honra, Uma noite de S. João em Alcacer do Sal, Abençoada rosa, Coisas da minha creada, O amigo Placido, Uma costureira de marca X* e a magica *Alfange do diabo*. Algumas d'estas peças foram bastante applaudidas no theatro da Rua dos Condes, outras representadas em diversas terras da provincia.

Mattos é director do *Almanach dos Theatros*, que ha bastantes annos se publíca em Lisboa.

Foi tambem durante algum tempo secretario da empreza do antigo theatro dos Recreios.

1846 — Nasce **Luiz Quirino Chaves.**

Filho de um pharmaceutico, estabelecido em Bemfica, bem cedo **Quirino Chaves** se dedicou ao jornalismo, fazendo parte, quando morreu, da redacção effectiva do *Jornal do Commercio.*

Traduziu diversos romances e escreveu a *Biographia do actor Tasso,* de quem era muito amigo.

Para o theatro traduziu correctissimamente diversas comedias, entre as quaes fizeram muito successo *Os dominós brancos,* em que Taborda tinha magnifico trabalho e *Os crimes do Brandão,* uma das corôas do actor Ribeiro.

Quirino Chaves falleceu muito novo.

1860—Nasce a actriz **Estephania Pinto.**

Começou no theatro da Trindade em 1874, ainda creança, e quasi sempre alli se tem conservado. Foi já por duas vezes, em companhia minha, ao Brazil e alli tem agradado. Não fura paredes; mas é uma boa utilidade no theatro. Apresenta-se bem e substitue qualquer collega, quando assim é preciso. Na vida intima do palco é bastante disciplinada, o que já hoje vae sendo raro.

1875 — Morre no Rio de Janeiro **Constantino José Gomes de Sousa.**

Nascera em Sergipe, no anno de 1827. Começou a estudar medicina na Bahia e acabou de formar-se no Rio de Janeiro. Luctou constantemente com a adversidade, morrendo d'uma congestão cerebral, em completo abandono, não se lhe encontrando sequer os meios para lhe fazerem o enterro.

Era muito dado á litteratura. Escreveu diversos romances e redigiu algumas folhas litterarias.

No theatro apresentou os seguintes dramas: *A filha do salineiro, O espectro da floresta, O engeitado, Os tres companheiros, Vingança por vingança, Os libertinos* e *Os ladrões titulares.*

1883 — Morre o actor **Lima.**

Joaquim Gregorio de Sousa Lima estreiou-se na abertura do theatro da Trin-

dade, em 30 de novembro de 1867, no drama *A mãe dos pobres*. Fez depois correctamente innumeros papeis até 1876, em que sahiu da Trindade para D. Maria, depois Principe Real e Rua dos Condes. Nunca foi um actor distincto; mas foi utilidade nos theatros.

3

1793 — Accusados de inimigos da Republica, são presos todos **os artistas do theatro de la Nation**, de Paris. Tornaram-se suspeitos ao Comité de salvação publica por terem sido protegidos por Maria Antonieta.

1858 — Nasce no Lumiar o escriptor dramatico **Joaquim Miranda**.

É um bello talento, um escriptor conscienciosissimo e honesto, um devotado ao progresso do theatro.

Ao fornecer-me os apontamentos que lhe pedi, escreveu algumas paginas tão brilhantes e tão sinceras, que antecipadamente lhe peço licença para as publicar na integra no livro que proximamente apparecerá com o titulo de *Documentos e Depoimentos*.

Por hoje, quanto cabe n'este volume, darei apenas a nota dos seus trabalhos theatraes.

Como critico sincero e auctorisado os seus trabalhos foram apreciadissimos no *Economista*, *Illustração*, *Correio da Manhã* e principalmente na magnifica folha *Revista Theatral*, que fundou com Collares Pereira, e què inquestionavelmente foi o primeiro jornal do genero em Portugal. D'elle já fallei na data do apparecimento do seu primeiro numero, a 15 de janeiro.

Quando, em 1892, foi nomeada uma commissão para a reforma do theatro, presidida por Pinheiro Chagas, foi escolhido para secretario **Joaquim Miranda**.

Para a scena os seus trabalhos teem sido os seguintes:

O adorado Celimare, traducção de Scribe, representada no Gymnasio; *A culpa dos paes*, comedia-drama em 4 actos, o seu primeiro original, representado no Principe Real; *O beijo de Fausto*, comedia original em 1 acto, representada em D. Maria; *N'guro*, drama original em 3 actos, representado em D. Maria; *Uma idéa genial*, comedia original em 1 acto, representada em D. Maria; *Os peixes dourados*, comedia em 4 actos, traduzida do allemão, representada em D. Maria; *Dito e feito*, comedia original em 1 acto, representada no Gymnasio.

1866 — Primeira representação, na Rua dos Condes, empreza Francisco Palha, do drama phantastico em 6 actos, **O Anjo da Meia noite**. Poucos dias depois representou-se tambem a mesma peça no theatro de D. Maria, sendo commissario regio o Dr. Luiz da Costa Pereira.

Para a Rua dos Condes foi traduzida por Ernesto Biester e para D. Maria por Antonio Mendes Leal.

Nos principaes papeis confrontaram os artistas: Emilia das Neves com Emilia Letroublon, Marianna Rochedo com Emilia Adelaide, Vidal com Tasso, Polla com Santos, João Rosa com Leoni, Rosa (pae) com Izidoro, Pinto de Campos com Queiroz.

Foi opinião unanime na imprensa e no publico que o desempenho da companhia da Rua dos Condes foi muito superior ao que deu á peça a companhia de D. Maria, sendo todavia o d'esta correctissimo

Nenhum dos theatros ganhou dinheiro com a peça. Quasi sempre assim accontece quando dois theatros exploram a mesma obra.

O drama **Anjo da Meia noite** teve depois duas *reprises*, uma no theatro dos Recreios empreza Emilia Adelaide, e outra no theatro da Rua dos Condes, empreza José Torres. Nunca conseguiu attrahir concorrencia. Ao contrario, no Brazil, tem sido peça felicissima para os cofres das emprezas que d'ella se teem lembrado.

1868 — Nasce em Lisboa o actor **José Pinto de Campos**.

É filho do fallecido actor Pinto de Campos, que teve um bello logar na scena portugueza e do qual fallarei a 21 de dezembro.

José Pinto, acompanhando seu pae n'al-

gumas digressões pelas provincias, estreiou-se aos 16 annos de edade, em Thomar, na comedia *Bola de sabão.* Nas mesmas digressões fez os *galans* das comedias *Gaiato de Lisboa, Tio Padre,* etc.

Para o theatro em Lisboa só entrou depois da morte de seu pae. Foi para a Rua dos Condes, empreza Salvador Marques. Fez uns pequenos papeis.

Em 1890 deixou o theatro até que, em 1895, foi contractado para a empreza de Lucinda Simões, na Rua dos Condes, como contraregra. Em 1897, pela mesma empreza foi escripturado para o theatro D. Amelia, representando papeis de maior importancia na *Francillon* e *Sr. Director.*

Em seguida fez parte da companhia dramatica que explorou o theatro da Trindade. É ao mesmo tempo empregado no Governo Civil e *reporter* de jornaes.

1890 — Morre em Villemonble (França) o notavel escriptor **Chatrian.**

Na data de 20 de maio já me referi ao celebre collaborador de Erckmann, sobre os seus trabalhos litterarios e sobre a questão que no fim da vida dividiu os dois inseparaveis escriptores e amigos. Veja-se essa data.

4

1709 — Morre com 54 annos de edade

o celebre comediographo **REGNARD.**

D'elle disse Eduardo Fournier que, se

Molière era mais francez, **Regnard** era mais parisiense.

O seu theatro, todo composto de comedias e farças, é d'uma *verve* extraordinaria, provocando sempre o bom riso francez e a alegria parisiense.

Algumas das suas peças, verdadeiros modelos, não saem do repertorio da Comédie-Française e do Odéon.

1880 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta phantastica *A filha do Inferno,* o barytono **Gustavo Godffroy.**

Dotado de uma apreciavel voz, tentou a carreira theatral; mas faltavam-lhe muitos dotes, que a voz não compensava.

Representou ainda nas operetas e operas-comicas: *Fanchette, Filha da sr.ª Angot, Valentim o diabrete, Sargento Frederico, Lucrecia Borgia, Dragões de Villars* e *Chalet.* Foi n'esta ultima que mais agradou.

É filho do antigo cabelleireiro do mesmo appellido, muito estimado em Lisboa.

Em 1881, desenganado, **Gustavo Godffroy** deixou o theatro.

1888 — Morre em Cadiz, com 44 annos de edade, o distincto actor hespanhol **Rafael Calvo.**

1891 — Morre a actriz **Carlota Talassi,** de quem hei de fallar na data do seu nascimento, a 20 d'este mez.

5

1783 — Representa-se no paço de Queluz, para festejar o anniversario de D. Pedro III a opera *Siface e Sofonisba,* primeiro trabalho no genero de **Antonio Leal Moreira.**

Este distincto musico, que morreu em Lisboa, em 1839, compoz para serem cantados no paço da Ajuda os dramas allegoricos *L'Imminei di Delfo, Esther* e *Gli Eroi spartani;* para se cantar na Casa Pia, então no Castello de S. Jorge, *Gli Affetti del genio lusitano;* para se cantar no palacio de Anselmo José da Cruz Sobral *Il Natale Augusto;* para o theatro de S. Carlos as seguintes obras: *A Heroina lusitana, La serva*

reconoscente, A Saloia enamorada, Raollo e *A vingança da Cigana.*

1835 — Nasce em Lisboa a actriz **Maria do Céo.**

Maria do Céo e Silva Santos entrou para a aula de dansa do Conservatorio aos 8 annos, e aos 12 entrou para S. Carlos como bailarina.

Começou depois representando com curiosos, até que Duarte de Sá a aconselhou a entrar para o theatro da Rua dos Condes, onde teve por primeiro ensaiador Emilio Doux. Estreiou-se alli aos 15 annos.

Passou depois para o theatro das Variedades, onde fez magnificas epochas. Voltou á Rua dos Condes; passou ao Principe Real e por ultimo aos Recreios, de cuja companhia fazia parte quando falleceu.

Não foi actriz de grande nomeada; mas teve bastante agrado n'alguns papeis, principalmente nos que desempenhou nas seguintes peças: *Opio e Champagne, Martyres da Germania, Bloqueio de Sebastopol, Loteria do Diabo, Miguel Strogoff, Ave do Paraizo, Niniche, Thereza Raquin,* etc.

Maria do Céo era mãe das actrizes Sophia Santos e Clementina Santos.

Era uma artista de excellentes qualidades moraes e por isso muito estimada pelos collegas.

Victimada por um scirro no utero, falleceu a 24 de abril de 1887, na rua Nova da Alegria n.º 36, 4.º andar.

1846—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria o drama **Adelaide**, em que Emilia das Neves obtem grande triumpho. Esta peça é a mesma que em Lisboa tem sido representada por diversas companhias italianas com o titulo *Maria Joanna.*

1861 — No theatro do Gymnasio realisa-se um grande concerto por 70 professores, em beneficio do maestro **Guilherme Cossoul**, o qual alli tinha dirigido uma serie de concertos populares.

6

1846 — Nasce em Lisboa o actor **Marcellino Franco.**

Marcellino Augusto Franco era fabricante de sedas e ao mesmo tempo um amador dramatico muito apreciado.

Quando José Romano, de sociedade com Villar Coelho, tomou a empreza do velho theatro da Rua dos Condes, convidou diversos curiosos a fazerem-se artistas, entre elles os irmãos Francos, o Vicente e o **Marcellino.**

Este estreiou-se no drama de José Romano, *Simão o Tanoeiro.* Fez depois muitos e variados papeis com agrado. Tendo passado para o theatro das Variedades, ahi se salientou muito na magica de Parisini, *O Cofre dos encantos*, em que cantava com a Fanfan o popular duetto do *malmequer.* Fez ainda ahi com muito applauso diversos papeis de magica e comedia.

Passando para o Principe Real, ahi fez, entre outros papeis, o Fritz da *Grã-Duqueza.* **Marcellino** possuia uma voz de tenorino muito apreciavel.

Voltou para o theatro da Rua dos Condes e d'ahi para o dos Recreios, salientando-se principalmente no *Zé Povinho* das revistas do Argus. Lembram-se todos do successo que elle alcançou no *Tutti-li-mundi* e na *Etcœtera e tal,* principalmente no quadro das *Mulheres soldados,* em que todas as noites cantava interminavelmente a canção do *Quédeia a chave?...*

Entrando para o Gymnasio, **Marcellino Franco** revelou uma nova phase do seu muito merecimento, entrando desafrontadamente no campo da comedia, em que tem tido papeis, que desempenha na perfeição.

Se o Gymnasio não ensaiasse a galope o seu repertorio, dando invariavelmente duas peças por mez, o que chega a ser pasmoso; se os artistas fossem menos sobrecarregados de papeis e tivessem o tempo material para os decorar, pensar e compôr, **Marcellino Franco** teria ainda trabalhos muito mais completos.

1851 — Nasce no Porto o maestro **Alves Rente.**

Começou aos 8 annos a estudar musica com o professor Antonio Candido. Aos 14 já tocava primeiro violino na orchestra do theatro de S. João e d'ahi a pouco dava concertos, em que era muito festejado.

A primeira opera comica que compôz, foi o *Schah em Pancas*, letra de Manuel Maria Rodrigues e em que se estreiou no Porto a actriz Josepha d'Oliveira, no theatro da Trindade, que pouco depois ardeu.

Para o mesmo theatro compôz ainda a musica das operetas *Verde Gaio* e *Diabrete* e da magica *Pata de cabra.*

Para o theatro popular dos Carmelitas fez a musica das magicas *Rapé da bruxa Martha* e *Romã encantada* e do drama biblico *Samsão.*

Compôz diversas valsas, que tiveram grande exito, especialmente uma intitulada *Mon Etoile*, que alcançou muita voga em Paris.

Em 1878 mandei-o contractar para o theatro do Principe Real, de Lisboa, onde eu era emprezario. N'essa epocha obteve aqui grande exito com as suas operetas: *Verde Gaio, Roca de vidro, Guizo, Princeza Azulina, Revista de 1878* e *Processo da Luz Electrica.*

Em 1879 foi para o Porto como emprezario do theatro do Principe Real e ahi fez bellas epochas. Compôz, entre outras, musicas para as seguintes peças: *Filha do tambor-mór, Se eu fôra rei..., Chapeu de tres bicos, D. Cezar de Bazan, Bilha quebrada, Rei de ouros*, etc.

Costumava **Alves Rente** trazer na primavera a sua companhia a Lisboa, a fim de apresentar aqui o seu repertorio. Foi o que fez em março de 1891, mas d'essa vez minava-o já a terrivel doença que o matou a 10 d'esse mez, tendo ainda na antevespera empunhado a batuta para reger o espectaculo da sua companhia. Matou-o uma anemia cerebral, ás seis e meia horas da tarde de 10 de março de 1891, no hotel em que estava hospedado, na rua de Santo Antão.

Alves Rente era trabalhador infatigavel e tinha verdadeira inspiração. Foi muitas vezes accusado de plagiario, mas, pelo menos, sabia cerzir musica ao paladar do publico.

7

1831 — Nasce em Paris o notavel escriptor dramatico **Victorien Sardou.**

Dedicou-se primeiro á medicina, mas logo depois começou a estudar historia.

Nas lettras estreiou-se por alguns artigos em revistas litterarias.

No theatro appareceu o seu nome pela primeira vez, no Odéon, a 1 de abril de 1854, na comedia em 3 actos *A Taberna dos estudantes.* Foi um completo *fiasco.*

Tinha escripto antes, quando estudante, uma tragedia em verso com o titulo *A Rainha Ulfra*, que nunca chegou a representar-se.

Um critico disse algures que **Sardou** foi a ruina dos emprezarios e dos artistas, pelo scenario, adereços, mobiliario e pelas grandes *toilettes* que começou a exigir nas suas peças.

A sua segunda entrada no theatro foi em 1859, no Palais-Royal, collaborando com Barrière na comedia *Gens nerveux.*

O seu primeiro grande successo foi o vaudeville *Premières armes de Figaro*, fazendo o protogonista a Dejazet.

Victorien Sardou tem até hoje escripto mais de 60 peças, quasi todas com grande exito. As que entre nós mais teem agradado são as que se representaram nos nossos principaes theatros com os seguintes titulos: *Por causa d'uma carta* (a celebre *Pattes de Mouche*, que abriu ao auctor as portas da Academia) *Os Intimos, Os Solteirões, Familia Benoiton, Conspiração na aldeia, Casa Nova, Seraphina, Patria, Fernanda, Rabagas, Familia americana, Dora, Divorciemo-nos, Fedora, Tosca* e *Madame Sans-Gêne.*

Victorien Sardou é membro da Academia Franceza, presidente da Sociedade de auctores e compositores dramaticos, commendador da Legião de Honra, de S. Miguel da Baviera, da Rosa do Brazil, de S. Estanislau da Russia, de Saxe Coburgo-Gotha, de S. Mauricio e S. Lazaro d'Italia e de S. Thiago de Portugal.

Apezar de quantos defeitos a critica lhe queira apontar, **Sardou** conhece theatro como poucos. As suas peças são deliciosas, encantadoras.

Ninguem como **Sardou** comprehendeu o verdadeiro organismo do theatro e soube tirar partido d'elle.

Sardou trata de cada uma das suas peças como do filho mais querido. Não abandona um momento o theatro desde que se trata de ensaiar uma producção sua.

Um seu distincto biographo diz o seguinte:

«O eixo principal de todas as suas producções gira sempre sobre o successo da actualidade, com os ditos da moda e os typos de successo em redor d'elle, como satellites gravitando em torno do grande planeta. O dialogo, ironico por vezes, é sempre espirituoso.

«Depois de imaginado o enredo, vae accumulando n'um enorme caderno todas as impressões que recebe e todos os bons ditos que ouve aqui e acolá. Escreve o dialogo, risca-o, torna a fazel-o, rabisca-o, e isto tres e quatro e muitas vezes, cortando, ajuntando sempre, fazendo continuamente alterações até uma hora antes de subir o panno para a primeira representação.

«**Sardou** no theatro é extraordinario de actividade e, quando tem uma peça a ensaios, a sua excitação nervosa toca o auge.

«Não se reveste da philosophia desdenhosa de Dumas, despresando a execução da sua peça e confiando só na sua obra. Não tem as apprehensões de Feuillet, nem a indulgencia do velho Hugo.

«Não tem coisa alguma d'essas e tem-n'as todas juntas.

«É timido, nervoso, phrenetico, e, em quanto que este receia os actores, aquelle o enredo, outro o plano geral da peça, este a phrase, aquelle o publico, **Sardou** receia tudo, tem medo de tudo e não confia em coisa alguma. O seu zelo estende-se á decoração, ás figuras, á comparsaria, a todos os detalhes materiaes; n'uma palavra, nada escapa á sua infatigavel attenção.»

1854 — Nasce em Paris a notavel actriz **Reichemberg.**

Angelica Carlota Suzanna Reichemberg entrou para o Conservatorio em 1866.

Discipula de Régnier, em 1868, obteve o primeiro premio de comedia.

Estreiou se na Comédie Française nas *Femmes Savantes* de Moliére, a 14 de dezembro de 1868. Foi alli societaria desde 1872.

Esta notabilissima artista, que na primeira scena franceza fez todo o grande repertorio, creou alli egualmente com grande primor papeis importantissimos do theatro moderno, e entre elles os das seguintes peças: *Amigo Fritz, Fourchambault, Sociedade onde a gente se aborrece, Dionisia, Parisiense, Francillon, João Darlot, Romanticos,* etc.

Fez a sua recita de despedida a 7 de março de 1898. Veja-se esta data.

1888 — Estreia-se no theatro Phenix Dramatica, do Rio de Janeiro, o actor **Cruz Gomes.**

Nasceu na mesma cidade em 1864.

Cruz Gomes tem boa figura e sabe dizer. É uma boa utilidade no theatro, mas é mais util no jornalismo, a que pertence como *reporter*.

1889 — Morre a actriz **Maria Joanna.**

Era muito galante e possuia uma bella voz quando começou a ser notada nas sociedades de amadores, tomando parte nos seus espectaculos.

Lembro-me tel-a visto pela primeira vez em 1861, representando no theatro da Floresta Egypcia, nas comedias *Marido,*

mulher e tio, *Uma hora no Cacem*, *O Soldado da guerra peninsular* e cantando n'um dos intervallos uma aria intitulada *As Corôas*.

N'esse mesmo anno, tendo sahido do theatro das Variedades a actriz Luiza Candida, foi contractada para a substituir **Maria Joanna**, que muito agradou. A sua estreia foi na magica *A Loteria do Diabo*.

Conservou-se alli algumas epochas, fazendo innumeros papeis.

Passou depois para os theatros da Rua dos Condes, Principe Real, Gymnasio, Trindade e Baquet do Porto.

Maria Joanna chegou a ser muito apreciada e a ter magnificos contractos. Salientou-se muito fazendo parodias de operas, para o que tinha uma graça especial. Foi principalmente devido a ella o exito das parodias: *Lucrecia Borgia*, *Traviata*, *Norma*, *Trovador*, *Elixir d'amor*, etc.

Maria Joanna era incorrectissima na declamação, mas tinha uma cara alegre, uma voz bonita e uma certa gaiatice provocadora que a auxiliavam no palco. Chegou a ter muita popularidade, que foi desapparecendo á proporção que a doença lhe foi roubando a formosura e as aptidões scenicas.

Morreu quasi esquecida.

8

1876 — Estreia-se no theatro da Trindade, na comedia *Um favor ao Procopio*, a actriz **Amelia Barros**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 9 de março.

9

1840 — Nasce o actor **Sergio d'Almeida**.

Em 1861 era curioso dramatico. Vi-o representar n'essa qualidade nos theatros dos Inglezinhos e dos Anjos.

Achei-o mau curioso, como depois me pareceu sempre mau actor, a não ser n'uns papeis em que bem assentava o seu feitio *grosso* e a sua natural brutalidade.

Como actor dramatico era um berrador insuportavel; como actor comico era de uma semsaboria atroz, elle que, fóra da scena, tinha quasi sempre graça.

Ainda assim tinha admiradores, e, verdade, verdade, tres papeis houve em que pouco havia que se lhe dizer: o *Tachadas* do *Solar dos Barrigas*, o *Ullysses* do *Tim Tim por Tim Tim* e o *Miguel Strogoff*.

Fez parte das companhias das Variedades, Rua dos Condes, Principe Real, Gymnasio e Avenida.

Fez uma digressão ao norte do Brazil, onde não desagradou.

Morreu em Lisboa a 13 de abril de 1896.

1848 — No theatro de D. Maria, n'uma recita em beneficio do actor Rosa (pae), foi estrondosamente pateado, ao entrar em scena, o actor **Theodorico**, por se lhe attribuir a prohibição de que Emilia das Neves n'essa noite alli fosse recitar duas poesias de Palmeirim.

Rosa (pae), que não entrava na peça que se representou, por estar de ha muito doente, recitou a poesia *Camões*.

Emilia das Neves pretendia recitar na festa do seu collega, e a pedido d'elle, a *Ceifeira* e a *Lareira*. A direcção do theatro não consentiu, porque Emilia das Neves sahira da companhia e fôra discutir para a imprensa os actos da direcção, dirigindo-lhe diversas accusações.

Theodorico foi n'essa recita a victima do desforço do publico, que tanto desejava sempre ouvir a sua actriz predilecta.

1862 — Morre em Lisboa **Henrique Van Deiters**.

Conheci-o muito, porque foi meu condiscipulo e visinho. Quando me dei com elle já não tinha pae, que fôra hollandez, e a mãe tinha uma pequena loja de luvas na rua do Ouro.

Henrique Van Deiters era intelligentissimo. De muito novo começou escrevendo nos jornaes, tendo collaborado na *Illustração*, *Panorama*, *Estrella d'Alva*, *Revista Contemporanea* e principalmente na *Nação*, para onde o attrahiam as idéas politicas que professava.

Para o theatro escreveu, de collaboração com Avellar Machado, as comedias: *Dois cães a um osso*, *Scenas intimas* e *Não envenenes tua mulher*. Traduziu um drama *Os Moedeiros falsos*, que se imprimiu, mas não chegou a representar-se.

Henrique Van Deiters morreu com 23 annos de edade, victima de tisica pulmonar.

10

1845 — Provas publicas das quatro unicas disciplulas que n'esse anno teve o **Conservatorio Dramatico.**

As provas constaram de exercicios de leitura em trechos dos *Lusiadas* de Camões, tragedia *Castro* de Ferreira e drama *Frei Luiz de Sousa* de Garrett. Representaram tambem uma comedia escripta expressamente para as quatro alumnas, visto que n'esse anno não houvera discipulos.

As quatro alumnas eram: Gertrudes Saraiva, Maria Saraiva, Eliziaria e Fortunata Levy.

1846—Nasce em Bruxellas **Albert Vanloo.**

Estudou em Paris e alli começou a sua carreira litteraria

É o collaborador assiduo de Leterrier. D'essa magnifica collaboração teem saído innumeras peças applaudidas e alguns verdadeiros successos, tanto em França como no estrangeiro.

No nosso theatro da Trindade foram representadas com muito agrado as operetas de Leterrier e **Vanloo**: *Rei de ouros*, *D. Juanita*. *Garra d'Açor*, *Noite e Dia*, *Graziella*, *Viagem á lua*, *Giroflé-Giroflá*, etc.

1855 — Nasce em Lisboa a actriz **Elvira Costa.**

Estreiou-se em 1870 no velho theatro da Rua dos Condes, na comedia em 4 actos de Luiz de Araujo, *Abaixo as decimas!*

Pertence á familia Antunes, cujo chefe era cabo de figurantes no theatro de D. Maria. Houve epocha em que nos diversos theatros de Lisboa eram os filhos do Antunes que desempenhavam todos os papeis de creanças.

Antunes não deixou um artista distincto no theatro. Ainda assim foi **Elvira** a mais aproveitavel.

Tem sido uma boa utilidade nas diversas companhias a que tem pertencido nos theatros de Lisboa e Porto e nas oito digressões que tem feito ao Brazil.

Foi casada em primeiras nupcias com o fallecido actor Guilherme, e actualmente é esposa do actor Francisco Costa.

11

1761 — Nasce em Beja o **Padre José Agostinho de Macedo.**

A 15 de novembro de 1778 professou no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, tomando o nome de Fr. José de Santo Agostinho. Faltando-lhe a vocação para a vida do claustro, taes escandalos commetteu, que passou uma grande parte da vida de frade enclausurado nos carceres da Ordem e acabou por ser d'ella expulso a 18 de fevereiro de 1792. A 20 de março de 1794 foi, por um Breve da Sé Apostolica, passado ao estado de presbytero secular.

Foi um notavel prégador, o que lhe fornecia principalmente os meios de subsistencia.

Além de possuir grande talento e ser bastante erudito, era um escriptor fecundissimo; são innumeros os seus trabalhos em todos os generos.

Cabe-me apresental-o aqui apenas como escriptor dramatico e por isso vou citar as suas obras no genero.

São as seguintes:

Branca de Rossi, tragedia; *Elogio* que se recitou na abertura do Real theatro de S. Carlos; *D. Luiz de Athaide ou a Tomada de Dabul*, drama heroico; *Elogio* recitado no theatro da Rua dos Condes pela actriz Maria Ignacia da Luz; *A impostura castigada*, comedia; *Elogio* recitado no theatro da Rua dos Condes pelo actor Ignacio da Silva; *O Sebastianista desenganado á sua custa*, comedia; *Monologo* ao começo do anno de 1812; *Clotilde ou o triumpho do amor*

materno, drama heroico; *Entre as perseguições da inveja se apura e se descobre o merito e o talento,* monologo; *O vicio sem mascara ou o philosopho da moda,* drama em 1 acto; *O voto,* elogio dramatico; *O preto sensivel,* drama em 1 acto; *A volta de Astréa,* drama allegorico; *Apotheose de Hercules,* elogio dramatico.

José Agostinho de Macedo poucos amigos teve. Odiavam-no principalmente pelo seu genio atrabiliario e orgulhoso.

Foi nomeado prégador régio em 1802, Censor do Ordinario em 1824, Socio da Academia de Roma e da Academia de Bellas Artes de Lisboa, com o nome de *Elmiro Tagideo;* Deputado ás Côrtes pelo circulo de Portalegre em 1822; e Chronista do Reino em 1830.

Morreu em Pedrouços a 2 de outubro de 1831. Está sepultado na egreja do antigo Convento do Rato.

1850—Representa-se pela primeira vez no theatro do Gymnasio o **Andador das Almas,** parodia em 3 actos á opera *Lucia di Lammermoor.* A parodia era em verso e original de Francisco Palha. Obteve um grande exito e teve diversas *reprises* no Gymnasio e na Trindade. N'esta peça Taborda desempenhava brilhantemente o papel do protogonista.

1864 — Nasce em Penafiel o actor **Rangel Junior.**

Partiu para o Brazil a 24 de agosto de 1879, contando 15 annos de edade, a fim de seguir a carreira commercial.

Estreiou-se como actor em S. João d'El-Rei, no anno de 1885, fazendo o *galan* da comedia *Novella em acção.*

No Rio de Janeiro representou pela primeira vez na revista de Vicente Reis, *Cresça e appareça.*

Vi-o apenas representar uma vez, no theatro Sant'Anna, fazendo o *Vivarel* dos *28 dias de Clarinha,* que alli se representava com o titulo de *Rapaz de saias.*

Pareceu-me um actor de bastante merito.

São os *galans* a sua especialidade. Ha alguns annos que é associado das emprezas do actor Mattos, tendo ultimamente trabalhado no theatro Apollo.

O Brandão, que lhe chama o seu *compadre* e que andou muito tempo com elle na *roça,* affirmava-me que o **Rangel** tem muito merecimento. O Mattos é da mesma opinião.

12

1871 — Morre o notabilissimo escriptor **Julio Diniz.**

O seu verdadeiro nome era **Joaquim Guilherme Gomes Coelho**; mas em todas as suas obras adoptou o pseudonymo de **Julio Diniz.**

D'elle fallarei mais largamente na data do seu nascimento, a 14 de novembro.

13

1828 — Nasce em Lisboa **Luiz Filippe Leite.**

Caracter respeitavel, professor distinctissimo, jornalista eximio e circumspecto, abordou diversos generos de litteratura.

Para o theatro fez os seguintes trabalhos:

Haydée, tragedia lyrica em dois actos, com musica de Casella, que se representou no theatro de D. Maria; *Seraphina,* comedia em 5 actos, traduzida de Victorien Sardou e representada pela companhia de Santos no theatro do Principe Real; *O demonio do jogo,* drama em 5 actos, traduzido de Théodore Barrière e Crisafulli, e representado pela companhia de Francisco Palha no theatro da Rua dos Condes. N'esta peça alcançou Tasso enorme successo.

Luiz Filippe Leite falleceu em Pedrouços a 17 de abril de 1898.

1830 — Nasce em Lisboa **Valentim José da Silveira Lopes.**

Foi durante muitos annos professor de instrucção secundaria e director de collegios em Lisboa. Depois partiu para o Brazil.

Além de diversas obras instructivas e

de recreio, escreveu as seguintes peças: *O mestre d'aldeia,* comedia em 1 acto, publicada em Lisboa; *Sete de setembro,* drama em 2 actos, representado no Rio de Janeiro; *A granja feliz,* comedia em 2 actos, representada no theatro da Rua dos Condes; *O Brazil,* allegoria em 1 prologo e 2 actos; *O Mundo-Novo,* allegoria comica em 2 actos; *Pobres e ricos,* comedia-drama em 4 actos; *O harem do Pachá,* comedia em 2 actos; *Amor e dinheiro,* drama em 4 actos, representado no Gymnasio. Tambem traduziu a comedia de Sardou, *La Papillone* com o titulo *O Borboletismo.*

1852 — Nasce no Rio de Janeiro **Francisco Diogo Ferreira da Silva.**

É typographo distincto, dirigindo em varias epochas diversas typographias.

Tem publicado varias obras interessantes. Para o theatro escreveu o drama *A orphã Gabriella,* a comedia *Um tolo como muitos* e a scena dramatica *O cégo.*

1852 — Nasce em Lisboa o **José Rapaz.**

José Theodoro dos Santos era o seu nome; mas no theatro e fóra era apenas conhecido pelo **José Rapaz.**

Nos nossos theatros ainda não houve talvez quem começasse tão baixo e acabasse por tanto predominar, sem ter educação, nem conhecimentos litterarios ou artisticos.

Começou de pequeno no velho theatro da Rua dos Condes a fazer recados e depois passou a moço do palco. Era esta a posição que tinha quando a companhia de Francisco Palha alli esteve e com essa companhia seguiu para a Trindade sem mudar de cathegoria.

N'essa epocha, na Trindade dispensava-se muitas protecções. De lá sahiu o Moniz ensaidor para excellente logar no Caminho de Ferro do Minho e depois para a Casa Real; de lá sahiu o ponto Cypriano para caixa e empregado de confiança do theatro de D. Maria; de lá sahiu o actor Godinho para um bom cargo da Camara Municipal; de lá sahiram até chefes de repartições.

O **José Rapaz** não sahiu; mas de simples moço do palco foi subindo a illuminador, machinista, contraregra, aderecista, fiscal, chefe dos porteiros, escripturario, archivista e não sei quantos mais cargos, que todos accumulava com grande satisfação sua e desespero dos empregados

Não tinha um amigo sincero no theatro; mas era adulado por todos.

Conseguiu por muitas vezes ser elle a vontade suprema do theatro da Trindade. Francisco Palha suppunha dominal-o e era o **José Rapaz** que o mettia na algibeira, sabendo, por meios diversos, conseguir que só a sua opinião prevalecesse. Assim aconteceu a Mattoso da Camara, e assim me aconteceu a mim, que para lá entrei bem disposto a fazer com que o **José Rapaz** não sahisse das suas attribuições.

Verdade seja dita, que elle tinha grandissima utilidade no theatro, mantendo a ordem e conseguindo que todos os serviços fossem modelo de disciplina; além de tudo estar conservado e na melhor arrumação, não havia difficuldades que se não vencessem na montagem d'uma peça ou na substituição de um qualquer espectaculo.

José Rapaz não sahia do theatro; alli vivia dia e noite e quasi alli morreu, pois ainda na vespera para lá se arrastou e lá se conservou ao fundo do palco, durante o espectaculo, já quasi na agonia final.

José Rapaz tinha uma relação dos dias anniversarios de todas as pessoas suas conhecidas para as brindar por essa occasião. Brindava tambem todos os artistas que faziam beneficios. Distribuia entradas de favor para o theatro e salão de baile com grande prodigalidade, e tudo isto dava em resultado que as recitas que fazia em seu beneficio eram enchentes extraordinarias e por essas occasiões recebia centenas de presentes de toda a especie e de todos os valores. Improvisava sempre no palco um grande camarim, que se enchia completamente de objectos de ouro e prata, de mobilia, louça, *bibelots,* comestiveis, vinho de todas as qualidades, licôres, flores, versos, livros, pombos, cabritos, gallinhas, etc.

Quando morreu, a 19 de novembro de 1895, deixou grande valor em todos esses presentes, que conservava accumulados em casa, e alguns contos de réis, na maior parte em bom metal sonante. Isto não aconteceu a Francisco Palha e de certo me não acontecerá a mim.

1877 — Morre na sua casa, proximo a Santarem, o grande escriptor **Alexandre Herculano**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 28 de março.

14

1831 — Nasce em Lisboa **Francisco Ferreira da Silva Vieira.**

Typographo de profissão, por muitos annos administrou a imprensa do *Diario Popular*. Foi traductor de grande numero de obras, quasi todas impressas pelo editor Francisco Gonçalves Lopes, na typographia do *Futuro*.

Para o theatro adaptou as seguintes peças: *Rocambole*, drama em 5 actos; *Parentes e adherentes*, comedia em 4 actos; *Duzentas mulheres por um vintem*, comedia em 1 acto; *O capitão que Deus haja*, comedia em 1 acto; *O cortiço do tio Guilherme*, comedia em 3 actos; *Idéas da sr.ª Aubray*, comedia em 4 actos.

Por difficuldades de vida, **Silva Vieira** partiu para o Brazil. Tive occasião de o abraçar na Bahia, quando alli passei em 1884. Era empregado no *Diario de Noticias*, jornal do seu particular amigo Lopes Cardoso. Poucos mezes depois tive noticia do seu fallecimento.

1871 — Nasce o actor **Carlos d'Oliveira.**

Estreiou-se no theatro da Rua dos Condes, em 1895, empreza Lucinda Simões, na peça *Madame Sans-Gêne*.

Fez ainda alli papeis no *Demi-Monde*, *Francillon*, *Cabotinos*, *Amantes legitimos* e *Morgadinha de Valflor*.

Foi em 1896 escripturado para o theatro de D. Maria, estreiando-se na comedia *Os Intimos*. N'aquelle theatro continúa.

Tem aptidões, boa figura e o agrado publico anima-o a progredir.

15

1765 — Nasce em Setubal o grande poeta

portuguez **Bocage.**

Depois de Camões ainda nenhum outro poeta nacional conseguiu mais popularidade e admiração do que **Manuel Maria Barbosa du Bocage.**

Barbosa era o appellido de seu pae e Bocage o de sua mãe, franceza de nascimento.

Não cabe no pequeno espaço de que posso dispôr n'este livro, narrar a vida aventurosa e cheia de peripecias comicas e extravagantes do notabilissimo poeta.

Tambem não é para aqui enumerar a quantidade importante dos seus trabalhos poeticos e litterarios.

No *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva e Brito Aranha pódem os leitores encontrar a bibliographia bocagiana e a lista das mais importantes obras que tratam do grande poeta.

Para o theatro escreveu **Bocage** o seguinte: *Eufemia ou o triumpho da religião*, drama de Arnaud, traduzido em verso; *A gratidão*, elogio dramatico para ser recitado por Claudina Rosa Botelho no dia do seu beneficio; *A virtude laureada*, drama representado no theatro do Salitre; *Ericia ou a Vestal*, tragedia traduzida em verso.

Bocage falleceu a 21 de dezembro de 1805, tendo apenas 40 annos de edade.

1822 — Nasce em Lamego a distinctis-

sima actriz **JOSEPHA SOLLER**.

Filha de José Soller, director de uma modesta companhia hespanhola que percorria as nossas provincias, **Josepha Soller** aos tres annos de edade já representava em Vizeu.

Assim continuou até que, tendo vindo para Lisboa, matriculou-se na aula de dansa do Conservatorio e entrou logo depois como bailarina para o theatro de S. Carlos. Ser bailarina fôra sempre o seu ideal, e, logo que o conseguiu, julgou-se feliz.

Uma fatalidade cortou a carreira, que ella tanto adorava. Uma extensão nervosa na perna esquerda impossibilitou-a de dansar.

Teve então de recorrer á carreira dramatica, que com tanto gosto abandonára e para onde se voltava, constrangida pela necessidade.

Estreiou-se no theatro do Salitre, passando depois á Rua dos Condes e por fim a D. Maria.

A sua estreia no Salitre foi no drama em 3 actos, traduzido pelo tabellião João Baptista Ferreira, *A Ciganinha*. Foi uma noite de bellas esperanças e applausos enthusiasticos.

Josepha Soller casou com o actor Assis, um *galan* muito distincto da epocha.

Vi representar a **Soller** em diversas peças, entre ellas na *Mulher que deita cartas*, *Casamento á queima-roupa*, *Prestigiador*, *Pobreza envergonhada*, *Ultimo acto* e n'outras, e posso garantir que era uma actriz dramatica de primeira ordem. Media-se com a grande Emilia das Neves, ella que era tão pequena de estatura, e quantas vezes egualava aquelle vulto gigante da scena portugueza!

Além das peças que acima citei, **Soller** foi notavel no *Casal das giestas*, na *Mulher que engana o marido*, no *Czar*, na *Modesta*, nos *Dragões da rainha*, no *Palhaço*, na *Prophecia*, no *Trapeiro de Paris*, na *Honra e dinheiro*, etc.

Intrigas de bastidores affastaram do nosso theatro normal a distinctissima actriz, que apenas uma vez appareceu no palco da Rua dos Condes, fazendo as suas despedidas ao publico, a 27 de dezembro de 1859, nas peças *Ultimo acto* e *Uma actriz no tempo de Luiz XIV*.

Em 1861 ainda voltou a occupar o seu posto de honra no theatro de D. Maria, mas no anno seguinte abandonou de novo a scena. Falleceu em Lisboa a 18 de janeiro de 1864.

Josepha Soller morreu torturada de desgostos pelas injustiças de que foi victima no theatro, ella que tanto valia!

Duas circumstancias se dão com esta actriz para a tornarem ainda lembrada. Uma, que foi ella quem abriu o caminho para o aproveitamento das creanças, trazidas a Portugal por modestas familias de artistas hespanhoes. E é notavel que, as que por tal fórma teem entrado na scena portugueza, são talentos verdadeiramente aproveitaveis. Basta citar os nomes de **Josepha Soller**, Manuela Rey, Pepa Ruiz e Palmyra Bastos.

A outra circumstancia é que deixou **Josepha Soller** uma geração de artistas; assim, foi esposa do actor Assis, mãe dos actores Julio Soller e Alfredo Soller, avó das actrizes Adelia Soller e Alda Soller e sogra da actriz Silveria Soller.

Apezar de n'este grupo haver um actor muito distincto, como é Julio Soller, e de ser Alfredo Soller um bom trabalhador de theatro, pois que tem sido actor, ensaiador, ponto, contraregra e não sei que mais, ainda nada conseguiram accrescentar ao

glorioso nome de **Josepha Soller**, uma das raras actrizes notaveis que tem possuido o theatro portuguez.

1869—Primeira representação no theatro da Trindade da magica em 3 actos e 15 quadros, **A Gata Borralheira**, arranjada da magica franceza *Cendrillon* por Joaquim Augusto de Oliveira e com musica de Angelo Frondoni. Obteve um grande exito. Na primeira epocha o desempenho foi confiado a Delfina, Anna Pereira, Rosa Damasceno, Emilia dos Anjos, Marianna Ferraz, Lucindá da Silva, Carolina Felgas, Izidoro, Queiroz, Augusto, Leoni e Bayard.

A peça teve *reprise* em 1874 e ultimamente outra em 1896.

O papel de *Morgada de Val de Pavões* tem sido desempenhado por Delfina, Anna Pereira e Amelia Barros; a *Gata Borralheira* por Rosa Damasceno e Rosa Paes; o *Principe Encantador* por Anna Pereira, Florinda, Emilia Ferreira e Palmyra Bastos; *A Fada* por Emilia dos Anjos, Carolina Felgas e Julia de Castro; o *Rei* por Izidoro e Alfredo de Carvalho; o *Mangerico* por Leoni e Roldão; o *Feiticeiro* por Bayard, Lima, Godinho, Correia e Leroy. Os papeis de *Intendente* e *Marquez* foram sempre desempenhados por Queiroz e Augusto.

N'esta peça e n'esta data estreiou-se no theatro da Trindade a actriz **Carolina Felgas**.

Apparecera pouco antes no theatro da Rua dos Condes, na comedia em 1 acto *Duas conquistas*.

Na Trindade se conservou até 1874, em que abandonou a scena.

Foi correcta em alguns papeis; mas não deixou grande lacuna no theatro.

1871—Nasce no Rio de Janeiro **Vicente Reis**.

É formado em direito, mas não exerce a advocacia.

A sua predilecção é o theatro, para onde tem escripto algumas peças applaudidas, mas que primam por pornographicas.

A primeira foi uma revista representada na Phenix Dramatica com o titulo *Cresça e appareça*. A que deu mais representações foi a que se representou nos theatros Apollo e Sant'Anna, feita em collaboração com Moreira Sampaio, intitulada *O Abacaxi*.

Tem seu merecimento, mas abusa das liberdades e ditos equivocos, o que já lhe tem custado dissabores.

É por vezes leviano, sahindo do caminho recto por interesses de bastidores.

16

1854—Estreia-se no velho theatro da Rua dos Condes o actor **Pires**, na comedia em 4 actos *A Ramalheteira*.

Pires, que esteve mais tarde no theatro das Variedades, onde me lembro de o vêr representar n'um drama intitulado *Os tafues de Paris*, morreu ainda novo e pobremente. Era infeliz e orgulhoso, o que o fez ir morrer a casa de um amigo, o contractador de bilhetes de nome Seabra, do qual mesmo não quiz acceitar soccorro algum, apparecendo um dia na cama morto de fome.

1857—Morre em Lisboa, victima da febre amarella, a velha actriz **Barbara**.

Chegou a estar ainda no theatro do Bairro Alto, passando para o do Salitre, depois para a Rua dos Condes e por fim para D. Maria.

Foi insigne nos papeis de *lacaia*, como então se chamava as *soubrettes* e depois nas *caracteristicas*.

Segundo informações de Luiz Augusto Palmeirim, que a conheceu, a **Barbara** era uma mulher gorda, feia e de notavel desenvoltura de lingua. Apresentava-se nos ensaios vestida de chita, com um grande lenço pelos hombros, pregado e repregado á antiga portugueza e na cabeça uma manta de algodão ou um velho chapeu, deformado pelo tempo.

Tinha graça natural, que exaggerava a contento das platéas, salgando as mais innocentes phrases e encaminhando-as para a obscenidade. Ignorava completamente o

que fosse arte, mas isso ainda hoje acontece a alguns dos que são mais festejados.

A velha **Barbara** foi, ainda na opinião de Palmeirim, no genero comico, a representante mais directa das facecias do velho repertorio portuguez do seculo passado.

Já muito velha e alquebrada ainda se salientou muito em D. Maria na avósinha do *Gaiato de Lisboa* e nas duas peças de Cascaes, *O Estrangeirado* e *A noite de Santo Antonio na Praça da Figueira*. N'esta ultima peça houve-se de fórma, que o seu auctor nunca mais consentiu que a peça se representasse por lhe faltar na interpretação a velha **Barbara**.

O seu nome era **Maria Candida Leal Barbara**.

1896 — Morre no Pará o illustre maestro brazileiro **Carlos Gomes**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 14 de junho.

17

1819 — Nasce em Insua, aldeia no concelho de Penalva do Castello, **João Ferreira da Cruz**.

Dèixou a terra natal em 1835 e veiu para Lisboa, onde esteve empregado no commercio até 1843, anno em que embarcou para o Rio de Janeiro, onde se empregou como caixeiro e mais tarde se estabeleceu.

Tendo tido uma instrucção muito limitada, dedicou-se com afinco á leitura de bons livros e assim conseguiu escrever diversas obras para o theatro. Chegou a ser membro effectivo do Conservatorio.

As suas obras, parte das quaes muito applaudidas no theatro, são: *Alvaro da Cunha ou o Cavalleiro d'Alcacerquibir*, drama em 5 actos; *O anão e o corcunda*, farça em 1 acto; *O louco de Evora ou Portugal restaurado*, drama em 5 actos; *A illuminação a gaz*, comedia em 1 acto; *Diabo, defunto e militar*, comedia em 2 actos; *Uma sessão de magnetismo*, comedia em 1 acto; *Turcos e russos*, comedia em 2 quadros; *A pacotilha*, comedia em 1 acto; *Os dois governadores*, drama em 4 actos; *Os maniacos*, comedia em 2 quadros; *O chefe dos sebastianistas*, comedia em 2 actos e 7 quadros; *O Estudante e o gazeteiro*, comedia em 1 acto.

Julgo que em Lisboa apenas se representou o seu drama patriotico, *O Louco de Evora*, que fez um enorme successo no theatro de D. Maria.

A peça é cheia de defeitos na confecção e no estylo e foi pobremente montada pela empreza Santos & C.ª, porque contava com ella apenas para fazer uma recita festiva do 1.º de Dezembro.

O desempenho foi magnifico, principalmente da parte de Theodorico, Heliodoro, Antonio Pedro e Virginía.

As enchentes foram consecutivas e por muito tempo. Os direitos de representação subiram a uma avultada quantia, que o auctor se recusou a receber, mandando que fossem applicados a um instituto de caridade.

A peça *Louco d'Evora* foi depois representada n'outros theatros, mas sem successo.

1834 — Nasce em Paris o primoroso escriptor **Pailleron**.

Eduardo Julio Henrique Pailleron, official da Legião de Honra e membro da Academia Franceza, começou a vida como escrevente de tabellião.

Estreiou-se no theatro com a comedia em 1 acto, *O Parasita*, que se representou no Odéon, a 1 de setembro de 1860. A maioria das suas peças, que muitas são já, tem obtido grande exito no mundo litterario, especialmente as seguintes: *Faux Ménages*, na Comédie; *L'Autre Motif*, Comédie; *L'Age ingrat*, Gymnase; *L'Étincelle*, Comédie; *Le Monde où l'on s'ennuie*, Comédie; *La Souris*, Comédie; *Cabotins*, Comédie e *Mieux vaut doucer... Et violence*, tambem na Comédie.

1841 — Nasce em Lisboa o escriptor **Francisco Leite Bastos**.

Era um excentrico; vestia caricatamente; andava por essas ruas n'um carrinho, que era mais uma carroça, puxado por um

cavallo esqueletico, que elle mesmo limpava, abraçava e beijava como o seu melhor amigo.

Parava á porta de todas as tabernas e pedia quatro decilitros, dois para elle e outros dois para o cavallo, que acòstumára a beber como um homem que bebe. Houve tempo em que o rapazio se divertia com a figura grotesca de **Leite Bastos**, mas por fim já o deixava em paz nas suas excentricidades.

Conheci-o muito desde o seu começo de escriptor.

Tinha tanto de ignorante como de talentoso.

Escrevia a galope romances incorrectos e estapafurdios, mas o publico comprava-os de preferencia aos de outros auctores correctos e instruidos.

Abordou o theatro com certa felicidade e peças fez que obtiveram successo. Começou por uma comedia em 1 acto, *Consequencias d'uma inicial,* que foi bem recebida. Depois, para o beneficio do seu amigo, o actor Pereira, companheiro de patuscadas, fez um drama em 3 actos, *Glorias do trabalho,* que muito agradou.

Escreveu em seguida outra comedia em 1 acto, *Malditas cartas,* que tambem foi applaudida.

Depois teve outras peças festejadas: *O numero 13, Abençoados infortunios, Honras do pobre, Trapeiros de Lisboa, O propheta* e o *Incendiario da Patriarchal.* Quando d'uma vez se representava esta ultima peça, rebentou a pateada; **Leite Bastos**, que assistia, d'uma friza do Gymnasio, com a familia ao espectaculo, assomou á frente e começou insultando o publico, que, dizia elle, era uma besta e não comprehendia a sua peça. O publico, que o conhecia, tomou o insulto á boa parte e desatou ás gargalhadas e ás palmas.

Pobre **Leite Bastos**! Morreu bem novo, minado pela doença que provocára com o desregramento da vida, e sempre azedo com os collegas e com o publico.

Foi collaborador do *Diario de Noticias* desde a sua fundação e era muito estimado por Eduardo Coelho, que lhe desculpava todas as caturrices.

1866 — Nasce em Lisboa o actor **Alfredo Santos.**

* Estreiou-se no theatro do Principe Real, a 22 de novembro de 1885, no drama *O Incendio do brigue Atlantico.* Passou para o theatro do Rato em 1886 e d'ahi para D. Maria; em seguida fez uma epocha na Rua dos Condes, e voltou para D. Maria, onde se conserva.

É um actor correcto, que se apresenta magnificamente e tem utilidade. Se tivesse vivido n'outra epocha, seria talvez notavel, pela disposição que tem para os papeis tetricos e pela voz cavernosa que possue. Foi d'aquella massa que se fez o Theodorico. Essas qualidades que então o elevariam, são-lhe agora apontadas como defeitos. Em todo o caso. no theatro de D. Maria é uma verdadeira utilidade.

1880 — Estreia-se no theatro da Trindade, fazendo um pagem na opera burlesca em 3 actos *O Barba Azul,* a actriz **Amelia d'Avelar.**

Alli se conservou com pequenos progressos até 1884.

Tendo-se retirado da scena, a ella voltou em 1889, sendo escripturada para o theatro da Avenida. Fez ahi alguns papeis de mais importancia, e em 1890 tornou para a Trindade, estreiando-se ahi de novo no *Barba Azul,* mas fazendo o papel da *Princeza,* que fôra creado pela Rosa Damasceno.

Em seguida entrou nas seguintes peças: *Noiva dos Girasoes, Amor e marisco, Pato de tres bicos, Sorte grande, Collegio de meninas, Miss Helyett, Guerra alegre, Academicos e futricas* e *Gato Preto.*

Abandonou de novo o theatro em 1892 e até agora ainda lá não voltou.

Esta actriz era formosissima, elegante e possuia uma bonita voz. Tinha elementos para fazer uma bella carreira, se alguma vez tivesse tomado o theatro a sério.

18

1781 — Nasce em Lisboa, no Arco do Cego, o notavel poeta e litterato **Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.**

Discipulo e admirador sincero de Bocage, sustentou guerra encarniçada na imprensa, durante muitos annos, com José Agostinho de Macedo.

Em 1820 entrou encarniçadamente na politica, defendendo as idéas liberaes, o que lhe deu em resultado ser degredado para a ilha do Fogo, de Cabo-Verde, onde morreu em 1827.

As suas obras para o theatro são as seguintes:

A queda do despotismo, drama que se representou no theatro da Rua dos Condes; *A gloria do Oceano,* drama representado no mesmo theatro; *A estancia do Fado,* drama representado no mesmo theatro; *Elogio,* recitado no mesmo theatro em beneficio de Victorino José Leite; *Dos triumphos bretões se apraz Diana,* drama representado no mesmo theatro; *O mez das flores,* drama representado no theatro de S. Carlos; *O throno,* drama representado no mesmo theatro; *O nome,* elogio dramatico representado no mesmo theatro; *Elogio* recitado no theatro de S. Carlos no anniversario do Principe Regente; *Thermacia,* tragedia em 5 actos; *Os captivos portuguezes em Argel,* drama em 3 actos, que José Agostinho de Macedo affirma ter sido pateado na primeira recita; *O Anti-Sebastianista desmascarado,* drama em 3 actos em censura a José Agostinho.

Na sua obra *Exame analytico e parallelo do Oriente*, affirma **Pato Moniz** ter escripto desde 1808 a 1813 mais quarenta e tantas composições que todas se representaram.

1869—Primeira representação no theatro do Principe Real da opera sacra, original de Cesar de Lacerda, **A Harpa de Deus.**

Esta peça foi posta em scena pelo actor Santos. A musica foi composta pelo maestro Cardim.

Foi expressamente escripta por Cesar de Lacerda, na intenção de fazer sobresair os meritos de sua esposa a actriz Carolina Falco, que tinha no seu papel scenas dramaticas e comicas, cantava e dansava.

A tentativa foi infeliz, porque a peça desagradou por completo, apesar de n'ella entrarem, além do auctor e sua mulher, Virginia, Amelia Vieira, Magiolly, Pereira, Leopoldo, Maria Adelaide, Florindo, Firmina Aguiar, Gil, Lugan, O'Sulivand, Menezes, Maria Emilia e Amelia Menezes.

19

1849 — Nasce em Lisboa **José Antonio Moniz,** filho do antigo actor José Gerardo Moniz.

Por morte do pae, partiu com sua mãe para a companhia de um tio, boticario em Vianna do Alemtejo, onde esteve até aos 14 annos.

Em 1863 voltou para Lisboa, entregue aos cuidados de seu tio, Francisco Gonçalves Lopes, o honrado Lopes do *Futuro,* importante editor, que fez com que o sobrinho aprendesse a arte typographica.

Moniz, que poucas aulas cursou, lia constantemente na idéa de alcançar uma instrucção proveitosa, o que effectivamente conseguiu.

Em 1865 entrou como revisor para o *Jornal do Commercio.* Em 1866 matriculou-se nas aulas de declamação do Conservatorio, onde obteve premios e todas as distincções.

Em 1868 deu provas publicas no theatro de D. Maria, no drama *Máus conselhos* e na comedia *O menino e a mãe vão bem.* O conselho dramatico approvou-o e collocou-o desde logo no theatro normal, na 2.ª classe.

Estreiou-se como artista no drama *Palma ou a noite de sexta feira santa,* traduzido pelo actor Primo da Costa e ao lado dos artistas: Polla, Carolina Emilia, Heliodoro, Carlota Velloso, Vidal, Maria das Dores, Moreira, Georgina, Amaro, etc. Era ensaiador Braz Martins.

Em 1869 o governo entregou o theatro á

especulação particular, que dispensou varios artistas e entre elles o **Moniz.**

Entrou n'essa epocha para o theatro do Principe Real, empreza Santos, e ahi fez, entre outros papeis, o que teve na *Seraphina* de Sardou e em que muito agradou. Com a mesma empreza passou para o theatro de D. Maria.

Nas horas vagas trabalhava como compositor, revisor e traductor na typographia de Mattos Moreira.

Em 1875 foi a concurso para professor e obteve boa classificação. Foi reger a cadeira de portuguez, para o Collegio Europeu e abandonou a scena. Ainda n'esse anno partiu para S. Thiago de Cacem como professor de portuguez, francez e agricultura. Lá se conservou até 1878, em que as febres palustres o obrigaram a regressar a Lisboa. Aqui resolveu-se a voltar para o theatro e por isso se contractou no Gymnasio.

A 25 de maio de 1880 foi com Brazão e Paladini para o Rio de Janeiro. Era emprezario o actor Simões, que nomeou **Moniz**, além de actor, ensaiador.

Em 1881 ficou ensaiador de uma sociedade artistica no theatro Phenix Dramatica do Rio. Ahi começou fazendo peças ao gosto popular; muitas d'elias tiveram bastante exito.

Em 1882, unido á actriz Apollonia, formou uma companhia, de quatro figuras apenas, e partiu para Campos. No fim de 6 mezes a companhia tinha 22 figuras, scenario, guarda-roupa, repertorio, etc. Percorreu então todo o Sul do Brazil.

Em 1887, por fallecimento de sua mãe, veio **Moniz** a Lisboa. Para se entreter ia para a Bibliotheca Nacional ajudar á catalogação a que se procedia. Ainda n'esse anno foi alli collocado no quadro effectivo.

É um empregado modelo e intelligentissimo d'aquelle importante estabelecimento. Actualmente **Moniz** é paleographo e lente de bibliologia.

Tem feito importantes trabalhos de catalogação na Bibliotheca, pelo que já foi elogiado no *Diario do Governo.*

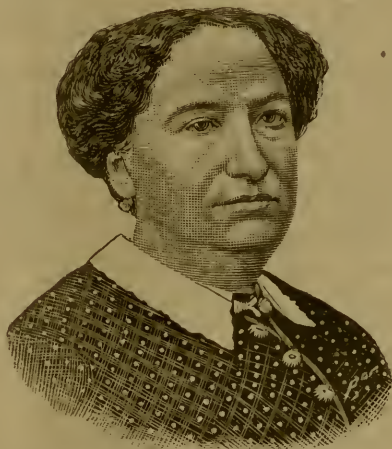
Moniz tem a preoccupação das viagens. Além de ter percorrido todo o Brazil, já esteve em Montevideu, Buenos Ayres, Hespanha, França, Suissa, Italia e Allemanha.

Moniz foi na epocha de 1895-1896 ensaiador do theatro do Principe Real e actualmente é ensaiador do theatro de D. Maria.

Além de intelligente e instruido, prima pela belleza do seu caracter.

1866 — Estreia-se na Comédie Française, no papel de Filippe II do *D. João d'Austria,* o distinctissimo actor **Frederico Febvre**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 20 de fevereiro.

20

1811 — Nasce no Porto, na freguezia de

Santo Ildefonso, a actriz **CARLOTA TALASSI.**

Era filha da actriz Catharina Talassi e neta do poeta Angelo Talassi, que veiu para Portugal ao serviço da rainha D. Maria I. Angelo Talassi foi o auctor do poema *L'Olmo abbatuto*, que dedicou ao principe D. João.

Contava apenas 9 annos de edade **Carlota Talassi** quando pela primeira vez representou, no theatro de S. João, do Porto, na peça *Os Mouros em Hespanha.*

Quando veiu para Lisboa, em 1825, representou primeiramente no theatro do Salitre, depois na Rua dos Condes, onde

teve por mestre Emilio Doux, e por ultimo em D. Maria.

Os biographos d'esta actriz dizem ter ella deixado o theatro em 1860 e sendo o *Luxo* a ultima peça em que ella representou. Posso garantir que a vi representar ainda no drama *Córa ou a Escravatura,* que se representou pela primeira vez a 22 de maio de 1862. N'este anno foi que ella abandonou o theatro, bem contra sua vontade. Quando Francisco Palha, então commissario regio junto ao theatro normal, lhe participou que estava reformada e por isso podia retirar-se para casa, **Talassi**, lavada em lagrimas, declarou que não queria sair do theatro, supplicando que a deixassem morrer na scena.

Então, Francisco Palha, com a sua fleugma e o seu bom humor habitual, respondeu-lhe:

— Não dê esse desgosto aos espectadores.

Effectivamente sahiu do theatro em 1862 e foi a *Córa* a ultima peça que representou.

No grande repertorio da **Talassi** figuram peças notaveis, como: *Templo de Salomão, D. Ignez de Castro, Incendiarios, 30 annos ou a vida d'um jogador, Luiza de Lignerolles, Catharina Howard, Sineiro de S. Paulo, Maria Tudor, Camara ardente, Captivo de Fez, Auto de Gil Vicente, Torre de Nesle, Lucrecia Borgia, Mascara de ferro, Filippa de Vilhena, Alfageme de Santarem, Pobre das ruinas, Sobrinha do Marquez, Livro Negro, Cego,* etc.

Carlota Talassi era intelligentissima e instruida. Traduziu magnificamente algumas peças; entre ellas: *Erros da mocidade, Luiza Bernard, Marido rapaz e mulher velha, Paula ou a esposa virtuosa, Camara ardente,* etc.

Carlota Talassi falleceu na sua casa do Campo Grande, onde morou por largos annos, a 4 de setembro de 1891. Era viuva do sr. Caetano Silva.

Esta actriz deixou no theatro portuguez uma memoria respeitadissima pelos seus meritos de artista e pela sua honestidade. Era exemplar no theatro e por isso foi sempre querida e considerada pelos collegas e pelo publico.

1838 — Nasce em Lisboa o maestro **Rio de Carvalho.**

Desde muito novo começou a sua educação musical no Conservatorio e com tal aproveitamento que, aos 14 annos, já fazia parte da orchestra do theatro de S. Carlos, e depois foi elevado á invejavel posição de chefe d'essa mesma orchestra.

Como compositor estreiou-se **João Pedro Augusto do Rio de Carvalho** escrevendo a musica da magica *A Filha da Noite*, que se representou no theatro das Variedades.

São innumeras as suas composições sacras e profanas. Foi elle quem compôz o *Te Deum* que se executou na acclamação de D. Carlos. Para bandas militares tem grande numero de trechos, sobresahindo a *Batalha 12 de agosto,* que foi executada nos concertos da Exposição Industrial.

O seu grande campo de combate tem sido o theatro, onde tem alcançado grandes successos. As suas composições de tal genero contam-se ás centenas; tem sido d'uma fertilidade pasmosa. Bastará citar algumas das suas musicas de maior successo: *O sonho do Vizir,* dansa executada em S. Carlos; as magicas *Amores do Diabo, Pomba dos ovos d'ouro, Pera de Satanaz* e *Diabo Negro;* os dramas com musica *Senhora da Bonança, 93, João o Carteiro, Anjo da meia noite* e *Miguel Strogoff;* as revistas *Etc. e tal, Microbio, Fim de seculo* e *Sarilho;* as operas comicas *Dois cadís, Estrella do Norte* e *Flor de Laranjeira;* as operetas *Nitouche, Dois sargentos* e *Sem-fato e sem noiva.*

Rio de Carvalho é musico da Real Camara e da Sé Patriarchal e condecorado com os habitos de Christo e S. Thiago.

1851 — Nasce em Coimbra o actor **Portugal.**

Tendo representado com muito agrado em algumas recitas de amadores na terra da sua naturalidade, **Antonio Augusto Portugal** resolveu-se a seguir a car-

reira d'actor, para o que foi contractar-se no Porto, no theatro da Trindade, que ia inaugurar-se, e ahi se estreiou com muito exito na opereta de Alves Rente *O Diabrete*.

Quando esse theatro ardeu, passou para o Baquet e appareceu magnificamente, cantando os tenores de innumeras operetas.

Em 1878 Francisco Palha mandou-o contractar para a Trindade de Lisboa, e aqui se estreiou a 1 de outubro d'esse anno, na opera comica *Gentil Dunois*. Agradou ahi francamente, porque pouco tinha que representar e a sua voz de tenor era lindissima.

Concordando todos que nunca a Trindade possuira tão bom tenor, começaram ainda assim a depreciai-o como actor e chegavam ás vezes a troçal-o. Isto era uma gravissima injustiça, porque papeis houve que fez com muita perfeição, e porque mesmo lá fóra, onde ha outros elementos, o publico desculpa quaesquer faltas no jogo de scena ou na declamação aos que são bons cantores.

Agora que elle desappareceu, deixando-nos quasi impossibilitados de representar o genero por falta de tenores, é que muitos já lastimam a sua perda e confessam o quanto elle valia.

O seu repertorio no theatro da Trindade foi enorme, mas aqui citarei apenas as peças em que se tornou mais distincto: *A Filha do Inferno, Filha da sr.ª Angot, Perichole, Dragões d'El-rei, Chalet, Noite e Dia, Boccacio, Estudante pobre, D. Cezar, Guerra alegre, Duetto da Africana,* e principalmente nas duas peças que cantou melhor, *Os Dragões de Villars* e *Coração e mão* e nas duas que melhor representou: *Os 28 dias de Clarinha* e a revista *Sal e pimenta*.

Em 1895 partiu n'uma companhia minha para o Brazil. Agradou immensamente no Rio de Janeiro e S. Paulo, e mais estava ainda agradando no Pará, quando uma congestão cerebral o matou, a 4 de maio de 1896.

Antonio Portugal era um exemplar chefe de familia e um modelo de honestidade. Seguindo as tradições de sua familia, era um partidario acerrimo do rei desthronado. Sustentava correspondencia com o Senhor D. Miguel II e publicou um album legitimista que lhe dedicou.

Foi muito sentida a morte de **Portugal**.

1869 — Morre, victima d'uma tisica de larynge, o talentoso actor **Vidal**.

Gravador de profissão, era tambem um distincto amador dramatico. Aconselhado a abraçar a carreira d'actor, assim o fez, e de certo teria alcançado um dos primeiros logares na scena portugueza se a morte o não roubasse tão cedo. Bella figura, elegancia, rosto sympathico e expressivo, voz agradavel, sentimento dramatico, intelligencia clara, possuia todos os dotes para ser o primeiro galan do theatro portuguez.

Começou no theatro das Variedades, passando ao Gymnasio e por fim a D. Maria, onde substituiu o grande Tasso, quando este abandonou a scena do Normal para seguir com Francisco Palha para a Rua dos Condes e depois para a Trindade.

Vidal fez tambem diversas digressões ao Porto e provincias com a notavel Emilia das Neves, que muito estimava e protegia o talentoso actor. D'isto deixou elle prova, porque, quasi á hora da morte, escrevia o seguinte á nossa unica tragica:

«4 de setembro, meia noite e um quarto.

«Estou encostado a dois amigos, aca-«bando de ter uma afflicção mortal... De-«pois de sacramentado e ungido, não se «me tira da idéa a minha santa mãe Emi-«lia das Neves.

«Com um adeus de despedida, com eterna «gratidão.—**Vidal**.»

O actor **Vidal** foi casado com uma actriz mediocre, Luiza Vidal, que o atraiçoou com um collega, separando-se d'ella n'essa occasião.

Foi muito fallada esta historia nos theatros de Lisboa. **Vidal** era intimo amigo do actor Rodrigues, a esse tempo grande bohemio. Em certo dia **Vidal** recebeu no theatro um bilhete do Rodrigues, quasi inseparavel companheiro das frescatas, para que o esperasse sem falta ás 2 horas da tarde

no botequim do Freitas, no Rocio. A essa hora pontualmente lá estava o **Vidal**, mas o Rodrigues só appareceu ás 4 horas! O **Vidal**, muito espantado, perguntou-lhe:

—Onde estiveste até agora?!

O Rodrigues, com o maior cynismo, respondeu-lhe:

—Em tua casa, deitado com tua mulher!

Houve uma scena de pugilato, em que intervieram varios actores que muito frequentavam o Café Freitas, e assim acabou a amizade dos dois artistas bohemios, indo d'ahi a pouco um para o Brazil, onde ha pouco morreu, e outro, o pobre **Vidal**, para o cemiterio.

Parece-me estar ainda a vêl-o com a sua *pose* altiva, a sua grande cabelleira e o seu inseparavel casaquinho de velludo.

Pobre e infeliz **Vidal**!

1871 —Estreia-se no theatro da Trindade, na zarzuela *Amar sem conhecer*, o tenor **Silva**.

De proposito lhe não chamo actor, porque o publico nunca o acceitou como tal. Grande generosidade é chamar-lhe tenor, porque para isso mesmo só fingia ter voz.

Antonio José da Silva era um honesto empregado do Banco Hypothecario, que pintava o bigode para fazer de *galan* e tenor no theatro da Trindade. Era máu artista, mas excellente pessoa.

A empreza da Trindade deveu-lhe, ainda assim, á falta de outro, o poder pôr em scena algumas peças de successo, como: *Amazonas do Tormes*, *Tres Rocas de Crystal*, *Sargento Frederico*, *Segredo d'uma dama*, *Campanone*, *Cruz de oiro*, *Educandas de Sorrento* e outras.

1882 —Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *Marido de sobejo*, o actor **Silva Junior**, conhecido pelo **Silva pencudo**.

Apesar de possuir um enorme nariz, que para a scena era grande defeito, tinha o seu merecimento relativo e alguns papeis fez com bastante relevo durante os cinco annos que fez parte da companhia da Trindade.

Foi depois para o Porto e lá morreu muito novo.

1883—Representa-se pela primeira vez no theatro S. Luiz, do Rio de Janeiro, o drama em 3 actos, de propaganda abolicionista e escripto expressamente para a pequena actriz Julieta dos Santos, *A filha da escrava*, original de **Arthur Rodrigues da Rocha**.

Este auctor, natural do Rio Grande do Sul, escreveu mais dois dramas: *José* e *O filho bastardo* e duas comedias: *Anjo e sacrificio* e *Por causa d'uma camelia ou um marido por meia hora*.

1884 — Estreia-se na Trindade, na opera comica *Boccacio* o actor **Setta da Silva**.

Conheci-o em 1861 como curioso dramatico. Vi-o representar no theatro dos Inglezinhos. Não sei a epocha em que partiu para o Brazil e lá se fez actor.

Em 1879 appareceu-me no theatro do Principe Real, onde eu era emprezario, com uma carta de recommendação do Leite Bastos. Contractei-o. Salientou-se alli nas peças *Princeza Azulina*, *Revista de 1879* e *Processo da Luz Electrica*. Em 1880 seguiu para o Porto contractado por Alves Rente e logo depois voltou ao Brazil, onde se escripturou com o Heller na Phenix Dramatica.

Quando em 1882 formei empreza no Rio de Janeiro, contractei **Setta da Silva**, que alli se salientou em diversos papeis. Lá voltou para o Heller, depois entrou de novo na minha companhia, até que um dia o procurei e tinha embarcado para Lisboa.

Foi n'essa occasião que se contractou na Trindade, onde foi uma utilidade até que d'alli sahiu para ir novamente para o Porto. Pouco tempo depois desgostou-se e regressou á Trindade, onde se conservou pouco tempo, indo escripturar-se na Rua dos Condes, onde fez apenas uma epocha, para se contractar de novo no theatro da Trindade e logo em seguida no da Avenida. Voltou á Rua dos Condes com Lucinda Simões; foi depois ao Brazil; regressou a Lisboa; voltou ao Brazil; quando menos se esperava, appareceu aqui antes da volta da companhia com que fôra contractado; entrou para o Colyseu da Rua da Palma, e... está de novo contractado para o Porto.

Este artista, apesar do seu mau physico para a scena, poderia ser um actor util, se não tivesse dois grandes defeitos. O primeiro é que é elle principalmente quem se ri das graças que solta, o que faz com que o publico se não queira rir, e isto principalmente depois que desempenhou com muito agrado a cançoneta *Pão fresco*. Reproduz em quasi todos os papeis esse personagem grotesco.

O outro defeito é que só se sente bem onde não está e as emprezas por esse motivo não podem contar muito com a sua permanencia, o que lhes prejudica o repertorio.

21

1852 — Nasce na Amora o notavel professor de musica **José Antonio Vieira.**

Apresentou-se pela primeira vez em publico em 1867, no Salão da Trindade, n'um concerto dado pelos irmãos Croner. Teve uma ovação.

Fundou a Sociedade dos Concertos de Lisboa, a Sociedade dos Quartettos e a Sociedade orchestral de concertos populares.

Era distincto professor de piano do Conservatorio.

Victima de uma pneumonia, falleceu em 1894.

1856 — Cantam pela primeira vez no theatro de S. Carlos, na opera *Os Puritanos*, alcançando um grande exito a primadona **Parepa** e o tenor **Nery-Baraldi.**

1874 — Estreia-se no theatro da Trindade na opereta *Estreia de uma actriz* a cantora **Segri Mariotti**.

Viera para Portugal n'uma companhia lyrica, para o Porto. Italiana de nascimento, fallava muito mal o portuguez; mas cantava bem, do que deu principalmente provas na opera comica *As Educandas de Sorrento.*

Fez apenas uma epocha na Trindade como actriz; depois já alli voltou como corista. Desceu na escala artistica, mas ficou melhor collocada.

Actualmente é uma das mais velhas, mais feias, mas tambem melhores coristas de S. Carlos.

22

1853 — Publica-se o decreto e regulamento dos theatros, pelo qual é dissolvida a **Sociedade Artistica** que administrava o theatro de D. Maria.

Como curiosidade dou em seguida o elenco da companhia dramatica, que esta Sociedade dirigia:

Actrizes: Josepha Soller, Barbara, Carlota Talassi, Maria da Gloria, Gertrudes Saraiva, Maria Izabel, Julia, Radice, Elisiaria, Carolina Emilia, Marianna, Carolina Xavier, Maria Saraiva, Trindade, Mesquitas (mãe e filha), Antonina, Adelaide e Carlota.

Actores: Epiphanio, Theodorico, Rosa (pae), Tasso, Carvalho, Corrêa, Lage, Leal, Machado, José Antonio, João Ribeiro, Moreira, Luiz, Farruja, Christiano, Mendes, José Carlos dos Santos, Cardoso e Cesar de Lima.

Ensaiador: Epiphanio.

Contraregra: Meyrelles.

Ponto: Joly.

1881 — Morre a notavel actriz **Delfina**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 20 de abril.

1882 — Estreia-se no theatro do Gymnasio a actriz **Lucinda do Carmo**, de quem hei de fallar na data do seu nascimento, a 15 de dezembro.

1887 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *Mam'zelle Nitouche*, o actor **Antonio José Ribeiro**, mais conhecido pelo **Ribeirinho.**

Ainda muito novo, começou a ser notado este rapaz como companheiro inseparavel da nossa *jeunesse dorée* e como bom cantador do fado. Começaram a suppôr-lhe geito para o theatro, e um bello dia appareceu-nos na Trindade, mostrando que effectivamente estava

alli um actor muito util. Provou-o depois em muitas peças, principalmente no *Ditoso fado, Homem da bomba, Cossaca, Cigarra, Tio Celestino* e em especial na *Miss Helyett.*

Resultado de uma vida extravagante, matou-o a tisica ainda muito novo e quando promettia sensiveis progressos na Arte.

Se na scena era um actor de merito, cá fóra era um bom rapaz e engraçadissimo. Durante muito tempo foi a alegria do theatro da Trindade, o unico em que trabalhou.

Francisco Palha, o chorado director, gostava immenso d'elle; mas divertia se á sua custa.

D'uma vez, quando o **Ribeirinho** ia a entrar em scena, Palha chegou-se a elle e disse-lhe:

— Queres ganhar cinco tostões?

— Se quero! respondeu o actor, que andava sempre sem vintem e desesperado por dinheiro para a pandega.

— Pois então, quando entrares em scena, has de dar um trambulhão.

— Está dito; venham os cinco tostões. Palha deu-lhe o dinheiro, e elle, mal entra em scena, finge que tropeça e estende-se ao comprido no palco!

Quando recolheu aos bastidores, ficou espantado de uma tabella em que o director do theatro o multava em 10 % do seu ordenado mensal por brincar durante a representação!

D'outra vez deram ao **Ribeirinho** uma porção de prendas de bazar. Ficou radiante e fez logo um leilão alli no palco, que lhe rendeu seis mil e tantos réis. O melhor freguez foi o Palha. Mas logo em seguida, multou-o em 20 % por fazer leilões, o que era contrario ao regulamento.

Escusado será dizer que nunca pagava estas e outras multas.

1897 — Morre em Lisboa a actriz **Eliziaria.**

Esta actriz, que estava agora completamente esquecida, fez epocha em Lisboa, não tanto pelo seu talento, mas pela formosura.

No começo da segunda parte d'este seculo era escripturada do theatro de D. Maria, e ahi se salientou pelos seus dotes de belleza, sendo muito requestada.

Vi-a depois muitas vezes no theatro das Variedades, em diversas comedias e magicas. Imitava um pouco a Talassi a declamar.

23

1791 — Nasce em Berlim o grande maestro **Giacomo Meyerbeer.**

A 2 de janeiro de 1804, isto é, apenas com 13 annos d'edade, fez a sua brilhante estreia como concertista, alcançando um verdadeiro triumpho.

Como compositor teve por mestres os grandes Weber e Vogler.

A sua primeira obra foi uma oratoria intitulada *Deus e a Natureza,* que lhe valeu o diploma de compositor da côrte. Fez depois uma opera *A filha de Jephte,* que pouco agradou.

Em 1813 foi a Vienna dirigir os ensaios da sua opera *Abimelek ou os Tres Califas,* que cahiu redondamente. Dominava ainda a escoia italiana e o publico não acceitou a musica das tradições germanicas.

Partiu **Meyerbeer** para Italia a estudar as causas dos grandes successos de Rossini, e, comprehendendo-as, escreveu e fez cantar em Padua, em 1818, a opera joco-seria *Romilda e Costanza,* que foi bem acceita. Maior exito teve depois a *Semiramide Reconosciuta,* cantada em Turim em 1819 e a *Ema di Resbourgo,* cantada em Veneza em 1820. Esta obra teve grandes ovações em muitos theatros d'Italia e abriu ao seu auctor as portas do Scala de Milão para a sua nova opera *Marguerita d'Anjou,* que teve enorme successo, sendo cantada em muitos theatros d'Italia, Allemanha, França e Belgica.

Novos triumphos teve em 1823 com o *Esule di Granata* e em 1824 com o *Crociato,* ambas representadas em Italia.

A fama do seu nome corria já toda a Europa e por isso foi a Paris, convidado para dirigir os ensaios da sua ultima opera, que alli obteve um exito estrepitoso.

Depois, já com o pulso firme, compoz as suas tres grandes obras, *O Propheta*, *Os Huguenottes* e *A Africana*, que o tornaram immortal.

Poderão cair no esquecimento os nomes de outros maestros laureados e queridos, mas nunca o do divino **Meyerbeer**.

1818 — Nasce em Lisboa, na calçada de Sant'Anna, **Luiz de Vasconcellos de Azevedo e Silva.**

Foi amanuense do Ministerio da Fazenda, redactor de diversos jornaes e traductor de alguns romances.

Morreu em Lisboa a 11 de fevereiro de 1863.

Escreveu para o theatro de D. Maria as seguintes peças: *A Cruz*, drama em 5 actos; *Anjo da reconciliação*, comedia em 3 actos, imitação; as comedias em 1 acto, tambem imitadas: *Historia de um pataco*, *Mulher economica*, *Doença de medo*, *Situação difficil*, *Lagrimas de crocodilo*, *Lucia*, *A chavena quebrada*, *A condessa de Lidiane*, *O tyrano domestico* e *As tranças de minha mulher*. Para o Gymnasio traduziu as comedias em 2 actos *Um homem honrado* e *O mudo d'Ingouville*. Tambem imitou para o theatro de S. João, do Porto, a comedia em 2 actos, *Nobreza por nobreza*.

1820 — Nasce em Lisboa o actor **Moniz.**

José Gerardo Moniz, filho de um antigo pharmaceutico do largo de S. João da Praça, começou praticando pharmacia, mas abandonou esta carreira por desejar entrar para o theatro.

Começou no Salitre, e, entre outros papeis em que se distinguiu, foi muito festejado n'um criado comico esfomeado do drama *Zacharias* e no *Seringuinhos*, o escudeiro da magica *As pilulas do Diabo*.

Moniz cursou o Conservatorio, tendo por professor o auctor dramatico Cezar Perini de Luca.

Em poder de seu filho, José Antonio Moniz, actual ensaiador do theatro de D. Maria, está o diploma de alumno do Conservatorio, assignado por Garrett, que muito estimava o actor **Moniz**, assim como Emilio Doux, que foi seu padrinho de casamento.

Do Salitre passou **José Gerardo Moniz** para o Gymnasio, logo depois da sua inauguração. Ahi tornou-se notavel e popularissimo.

Julio Cesar Machado, que muito conheceu e conviveu com **Moniz**, descreve-o da seguinte fórma:

«**Moniz**, homem sêcco, fusco, pelle de pergaminho, côr de terra, hirsuto, todo elle escuro: cabello, olhos, rosto, fato; tinha o quer que fosse de um defuncto que se houvesse feito velho dentro de um armario. Era um dos comicos de maior graça, de quantos teem pisado taboas de theatro em Portugal, e na vida o homem mais melancolico e taciturno. Tinha a arte da careta: um tregeito da physionomia d'elle fazia estalar as gargalhadas. Depois, em enxugando o rosto dos borrões da pintura, embrulhava-se no seu sobretudo, accendia um charuto, e não dava mais palavra.»

José Gerardo Moniz morreu a 20 de agosto de 1853.

1855 — Nasce no Porto o actor **Diniz.**

Tinha 18 annos **Diniz Pinheiro** quando se estreiou no theatro da Trindade d'aquella cidade, no drama *Um martyr da Victoria*.

Passou ao theatro Baquet, onde fez bella carreira, e veiu depois para o Gymnasio de Lisboa, onde tambem agradou bastante.

A 20 de dezembro de 1884 estreiou-se na Trindade, na opereta *Ave azul*, sendo muito festejado. Conservou-se n'este theatro até 1892, sobresaindo nas seguintes peças: *Ave azul*, *Mocidade de Figaro*, *Princeza das Canarias*, *Moleiro de Alcalá*, *Cavalleiros andantes*, *Gato preto*, *Moira de Silves*, *Sorte grande*, *Collegio de meninas* e *Tio Celestino*.

Saindo da Trindade, começou tentando diversas emprezas, que só lhe deram desgostos e prejuizos.

Com o genio arrebatado que tinha e as contrariedades que o não deixavam, andou nos ultimos tempos da sua vida n'uma grande excitação nervosa, que o trazia em constantes conflictos e acabou por lhe dar um fim desgraçado.

Na madrugada de 12 de abril de 1894 suicidou-se n'uma rua do Porto, acabando assim o seu penar aos 39 annos.

O retrato que acompanha este artigo foi tirado no começo da sua carreira.

1856 — Nasce em Taboaço **Abel Botelho.**

Distincto official do exercito é tambem illustre jornalista e tem publicado diversas obras litterarias.

Os seus trabalhos dramaticos são os seguintes:

Germano, drama que nunca chegou a ser representado e que occasionou uma deploravel questão entre o auctor e a empreza do theatro de D. Maria. Foi impresso em maio de 1886.

Jucunda, comedia em 3 actos, representada pela primeira vez no theatro do Gymnasio, a 1 de fevereiro de 1889. Teve grande exito e representou-se durante duas epochas.

Claudina, comedia representada pela primeira vez no theatro do Principe Real, a 18 de março de 1890, na festa artistica da actriz Lucinda Simões.

Os Vencidos da vida, peça representada uma unica vez no theatro do Gymnasio, a 23 de março de 1892. Foi pateada e depois prohibida pela policia, em vista do escandalo que provocava, por ser uma violenta *charge* a um conhecido grupo de homens em evidencia, um dos quaes occupava uma cadeira do poder n'essa occasião.

No Parnaso, farça lyrica em 1 acto, escripta expressamente para uma recita de academicos, no theatro de S. Carlos, a 3 de maio de 1894.

A Immaculavel, comedia em 4 actos, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria, a 21 de Janeiro de 1897. Não agradou.

Abel Botelho tem em poder da empreza do theatro de D. Maria um drama da nova escola, com o titulo *Fatal dilemma.*

1876 — Morre em Lisboa o popularissimo actor **Izidoro**, de quem hei de tratar na data do seu nascimento, a 2 de novembro.

1896 — Morre em Lisboa a actriz **Adelaide Douradinha.**

Lembro-me d'ella como corista de S. Carlos, corista da Trindade e dama de sociedades de curiosos, sendo o seu cavallo de batalha o drama *A Pobre das ruinas,* de Mendes Leal.

Um bello dia começou fazendo caracteristicas nos theatros publicos e a ter certa popularidade. No Principe Real fez por vezes successo na *Frochard* das *Duas Orphãs* e n'outros papeis identicos, como o da *Nana,* etc.

Adelaide Douradinha pertencia de direito á galeria excentrica dos nossos theatros Quando fallava do homem com quem vivia, como lhe não podia chamar marido, dizia sempre: «o pae dos meus filhos!» Vestia caricatamente, não se penteava, o chapeu á banda, um velho chaile traçado e as saias arrastando na lama. Conduzia sempre um enorme sacco, em que ia mettendo de mistura tudo o que encontrava barato para comprar. D'uma vez, no Principe Real, despejaram-lhe o sacco e encontraram-lhe dentro os papeis que ensaiava, um pacote de rapé, um pão de milho, quatro queijos esborrachados, um masso de pregos, dois repolhos, um cartucho d'assucar, um jornal, um pouco de carvão e uma grande pescada, cortada ao meio e quasi pôdre! Isto parecerá incrivel, mas pódem confirmal-o os muitos collegas que assistiram ao exame a que procedeu o ensaiador Brandão.

D'outra vez estava contractada no theatro da Rua dos Condes, sendo emprezario o José Torres. Os negocios corriam mal e estavam atrazados os pagamentos aos artistas.

Ensaiava-se como peça de salvaterio uma comedia em 4 actos, de Luiz d'Araujo,

Abaixo as decimas! Por signal que na primeira representação cahiu redondamente com estrondosa pateada e enorme troça.

Ninguem esperava tal desfecho, e a peça que se havia de representar á noite, tinha ensaio geral, annunciado na tabella para as dez horas e meia da manhã.

A **Douradinha** tinha um dos papeis principaes e ao meio dia ainda não apparecera! O emprezario passeiava furioso no corredor junto á porta da entrada. O ensaiador não podia começar o ensaio sem a actriz. Mandou-se procurar a casa, não estava lá, indagou-se na Praça da Figueira, seu passeio predilecto, ninguem lá a vira! Que transtorno! Finalmente passava da uma hora da tarde quando a **Douradinha** assomou á porta da caixa, toda afadigada. O emprezario, furibundo, de braços erguidos, avançou para ella, exclamando:

—A senhora está doida! Não sabia que tinha ensaio geral da peça d'esta noite, ás 10 horas e meia?

—Que quer? respondeu ella, cheia da sua razão, o senhor não me paga, e eu hei de arranjar dinheiro para dar de comer aos meus filhos e ao pae, que os fez e está de cama. Hoje andava a roda, andei por casa dos freguezes a vender cautellas.

Resposta do José Torres:

—Não me faltava mais nada do que ter uma actriz cautelleira!

Era isto a **Adelaide Douradinha**. Uma pobre mulher, que tinha mais de trapeira do que d'actriz, mas que estava a pintar para as *Frochard* e outras megeras similhantes.

24

1792 — Nasce em Novi, ducado de Genova, **Luiz Vicente de Simoni.**

Chegou ao Rio de Janeiro a 14 de julho de 1817. Formado em medicina pela universidade de Genova, exerceu por muitos annos a clinica na capital do Brazil. Foi tambem professor distincto e jornalista. Era cavalleiro das ordens de Christo, do Cruzeiro e da Rosa.

Falleceu a 10 de setembro de 1881.

Deixou grande numero de obras, principalmente poeticas.

Para o theatro traduziu e adaptou as seguintes peças e operas: *O Califa de Bagdad, Francisca de Rimini, Marilia de Itamaracá, Volta de Columella, Dom Chico esfomeado, Os Puritanos, A Rainha de Chypre, A Favorita, Merope. Poliuto, O Bravo de Veneza, D. Paschoal, Leonor, Attila, O Trovador, Roberto o Diabo, Moysés no Egypto, Os Lombardos, Marco Visconti, Norma, Belisario, Elixir d'amor, Os Salteadores, A Vestal, La Fidansata corsa, Maria de Rudenz, Anna la Prie, Luiza Miller, Macbeth, O Templario* e *Semiramis.*

25

1829 — Acaba Victor Hugo de escrever o **Hernani**, que começára a 29 de agosto do mesmo anno. Gastou, pois, apenas 28 dias a confeccionar o seu notavel trabalho.

1844 — Nasce o actor **Firmino.**

Antonio Firmino da Rosa estreiou-se no theatro do Principe Real do Porto na parodia *Quem nos livra da Grã-Duqueza*, fazendo em seguida *Os Madgyares.*

Passou para o theatro Baquet, onde fez grande repertorio.

Em Lisboa representou pela primeira vez no demolido theatro dos Recreios com a companhia do Porto, a que pertencia, e ahi agradou bastante, o que levou Francisco Palha a convidal-o para fazer parte da companhia do theatro da Trindade, o que elle acceitou, estreiando-se a 16 de setembro de 1882, na opereta em 1 acto *O Néné.* Alli esteve até 1887, representando nas seguintes peças: *Néné, Princeza de Trebizonda, Volta ao mundo, Boas noites sr. D. Simão, Duende, Gaiato de Lisboa, Favor ao Procopio, Filha do Inferno, D. Juanita, Piperlin, Babuk, Princeza dos Cajueiros, Niniche, Mocidade de Figaro, Ponte dos suspiros, Estudante pobre, Gillette de Narbonne* e *Moleiro d'Alcalá.*

Em 1887 voltou para o Porto. Estava contractado na empreza Cyriaco de Cardoso e era a noite do seu beneficio quando se deu o terrivel incendio do theatro Baquet.

Firmino continúa ainda no Porto, tendo feito ultimamente parte da companhia do actor José Ricardo.

1868 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opera burlesca *A Flor de Chá*, o actor **Augusto**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 20 de julho.

1892 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opera comica *Guerra alegre*, a actriz **Morini**.

É italiana a actriz **Izabel Morini**, que possue bella voz, mas tem completa negação para a scena.

No theatro da Trindade, além da *Guerra alegre*, só fez a *Fada* do *Gato Preto*.

Foi depois para o Porto, trabalhando nos theatros D. Affonso e Principe Real. Tambem lá não conseguiu agradar.

Em 1895 foi com companhia minha para o Rio de Janeiro. Desagradou lá por completo, a ponto de não ter mais theatro algum que a contractasse. Lá ficou fazendo flores, no Rio de Janeiro.

26

1851 — Nasce em Libourne a notavel actriz **Tessandier**.

Estreiou-se no Theatro Francez, de Bordeus, na comedia *Ovelhas de Panurgio*. Partiu em seguida para Bruxellas e Reims. Foi depois para o Cairo, onde se demorou dois annos e, voltando a França, percorreu algumas terras de provincia até que se contractou no Gymnasio de Paris, onde se estreiou, a 30 de setembro de 1878, na *Dama das Camelias*. Ahi creou a *Edade ingrata* e *O Filho de Coralia*.

A 31 de outubro de 1880 apparece no Odéon, na *Carlota Corday*. Faz em seguida a *Viagem de nupcias, Othello, Amrha, Severo Torelli, Macbeth, Arlesianna, Antony*, etc.

Vae depois crear diversas peças ao Vaudeville, Porte-Saint-Martin, Nações, Ambigu e Odéon. Entre outras, faz as seguintes: *Georgette, Patria, Os 5 dedos de Birouk, Maria Joanna, Affaire Clemenceau, Athalia, Fanny Lear*, etc.

Debuta na Comedia Franceza em 1889; volta ao Gymnasio, depois entra no Gran-Thèatre e torna ao Odéon, sempre artista distinctissima, o que continúa a mostrar na *Bucheronne, Ultimo amor, Lysistrata, Sapho, Vercingétorix, Senhor Affonso, Pour la Couronne*, etc.

1851 — Morre o distincto actor **Assis**. Tinha apenas 33 annos d'edade quando falleceu, e era casado com a actriz Josepha Soller.

Antonio Maria de Assis era um magnifico actor de alta comedia e drama. Possuia todos os requisitos para um perfeito *galan*. Um elegante escriptor, que muito o conheceu, descreve-o d'esta fórma:

«Era alto, elegante, extremamente sympathico de physionomia, e de uns olhos expressivos e animados que lhe coloriam a expressão.

«Havia-se estreiado em theatros particulares, e apenas a 8 de abril de 1844 fez a sua estreia no theatro do Salitre, no drama em 5 actos, *O infanticidio ou a ponte de Saint Cloud*. Tinha 22 annos então.

«No theatro normal, o seu repertorio foi sempre o mais escolhido e o mais litterario.»

A actriz Soller, que com elle casára por paixão, teve grande sentimento pela sua morte.

1861 — No theatro da Rua dos Condes realisa-se uma recita pela **Sociedade Regosijo Thaliense**, com o drama *Os sete infantes de Lara*, em que tomam parte como amadores os actores Valle e Sergio d'Almeida.

1863 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria o drama em 5 actos, original de Ernesto Biester, **Fortuna e trabalho**.

Esta peça, considerada a melhor do fecundo dramaturgo, representou-se em beneficio da distincta actriz Delfina, e foi pelo seu auctor dedicada á classe typographica, que foi em commissão ao palco agradecer-lhe n'uma allocoção e offerecer-lhe uma corôa de louro, tendo pendentes largas fitas, em que estava impresso a oiro o seguinte: *Dia 26 de setembro de 1863 — Ao*

insigne dramaturgo Ernesto Biester — A classe typographica.

Da commissão faziam parte os distinctos typographos Velloso, Vieira da Silva e Thomaz Quintino Antunes.

Foi uma verdadeira noite de festa no theatro normal.

A peça agradou immensamente e mais ainda o desempenho, em que muito sobresairam Delfina, Manuela Rey, Emilia Adelaide, Tasso e Santos.

1882 — Parte para Berlim, tendo apenas 13 annos de edade, o notavel pianista **José Vianna da Motta.**

Tinha já o curso completo do nosso Conservatorio e deu, antes de partir, um concerto no Salão da Trindade, em que teve um espantoso successo.

Foi victoriadissimo nos concertos que deu em Berlim, estudando ao mesmo tempo no Conservatorio Scharwenka.

Alli compoz algumas peças para instrumentos de corda, uma sonata para piano, uma *Ave Maria* para dois sopranos e dois contraltos com acompanhamento d'orchestra e uma symphonia para grande orchestra, intitulada *D. Ignez de Castro.*

Em 1885 foi recebido como discipulo pelo grande Liszt, que lhe teceu os maiores elogios.

Em Weimar estudou composição com Hartung. Estudou depois piano e orchestração com Schaffer, e estylo com Hans von Bulow.

D'ahi em diante, em todo o mundo civilisado, os seus successos teem sido enormissimos.

Com o notabilissimo violinista Pablo Sarasate fez uma brilhante *tournée* por diversas cidades allemãs e dinamarquezas. Depois outra *tournée* na Russia. No Brazil foi egualmente muito victoriado.

Em Lisboa recordam-se todos da fórma delirante por que o publico o acolheu nos concertos realisados no Salão da Trindade.

Vianna da Motta é um optimo compositor e como pianista é uma verdadeira celebridade, que honra a sua patria no mundo inteiro.

27

1857 — Entra para o theatro do Gymnasio como ponto **Antonio Ricardo** (pae).

Foi um magnifico ponto e um pessimo actor.

Era pae do actor José Ricardo e do ponto Antonio Ricardo (filho).

Morreu ha alguns annos no Porto.

Vou trancrever os apontamentos que elle deixou, escriptos pela sua mão:

«Entrou para o theatro do Gymnasio como ponto em 27 de setembro de 1857, com o ordenado mensal de 9$600 rs. Exerceu o logar de ponto tres mezes e quatro dias, isto é, até 31 de dezembro do mesmo anno.

«No dia 1 de janeiro de 1858 passou a ser actor com o mesmo ordenado, estreiando-se na noite de 18 de janeiro na comedia em 1 acto, *Um beijo ao portador.*

«Representou pela ultima vez no Gymnasio na noite de 29 de outubro de 1863 e despediu-se em 31 de outubro, estando n'aquelle theatro seis annos, um mez e tres dias.

«Entrou para o theatro de D. Maria como ponto em 22 de dezembro de 1863, com o vencimento mensal de 19$200 réis; em setembro de 1865 passou a ganhar 21$000 réis e em julho de 1866 ficou ganhando 24$000 réis.»

1859 — Nasce em Badajoz (Hespanha) a actriz **Pepa Ruiz.**

Tendo apenas seis annos de edade, veiu para Lisboa em companhia de sua mãe e de sua irmã Mathilde, que veiu contractada como corista da companhia de zarzuela da Zamacois, e depois passou a corista da Trindade.

Pepa appareceu pela primeira vez em scena no theatro da Rua dos Condes, fazendo uns pequenos papeis n'uma revista do anno minha, em 1875. Representou ain-

da alli n'uma magica e n'algumas comedias, indo em seguida para o Porto, onde pouco tempo esteve e poucos papeis fez nos theatros da Trindade e Baquet.

Em 1879 reappareceu em Lisboa, no theatro do Principe Real, na opereta *Intrigas no bairro.* Fez alli bastantes progressos, sendo muito applaudida e festejada nas *Revistas de 1879 e 1880,* na magica *Fada de Coral,* nas operetas *Filha do Tambor-mór* e *Dois Sargentos,* nos vaudevilles *Niniche, Lanceiros* e *Estreia d'uma actriz,* na comedia *Meia de lã* e no drama *A navalha.*

Em 1881 partiu para o Rio de Janeiro, onde fez grande successo na *Mascotte, Archiduqueza, Sinos de Corneville, Ultimo figurino, Estreia d'uma actriz, Grumete da Guanabara, Processo da Luz Electrica,* etc.

Voltando a Lisboa em 1884, fez com muito exito no theatro dos Recreios a *Archiduqueza, Niniche, Periquito* e *Furias d'amor* e na Trindade a *Mascotte* e *Sinos de Corneville.*

Foi novamente ao Brazil em 1885, percorrendo todo o Sul com grande successo.

Regressando a Lisboa em 1888, representou poucos mezes no theatro da Avenida, passando depois a inaugurar o novo theatro da Rua dos Condes. Ahi foi a sua mais feliz epocha com o *Casamento da Nitouche,* o *Caluda, José!* e principalmente com as revistas *Tim Tim por Tim Tim, Tam Tam* e *Fim de Seculo.*

Pepa tornou-se popularissima e effectivamente ainda em theatro portuguez não apparecera outra actriz como ella para dar vida e animação a uma revista. Tinha petulancia, graça e *chic* para o genero.

Em 1892 voltou **Pepa** ao Brazil e o desempenho do *Tim Tim* alcançou-lhe maior nomeada.

Vindo a Lisboa em 1893, contractou-se no theatro da Trindade, onde apenas se salientou na opereta *28 dias de Clarinha.*

Enfastiou-se do publico de Lisboa, que parecia tambem enfastiado d'ella, e em 1894 seguiu novamente para o Brazil, onde se conserva, fazendo ainda do *Tim Tim* o seu cavallo de batalha.

Poderia ter conseguido muito mais no theatro, se estudasse e caprichasse em progredir. Na scena quem não caminha e com passos firmes, quasi sempre escorrega e retrocede. Foi pena que não aproveitasse dotes naturaes quem d'elles dispunha com abundancia.

1874 — Estreia-se no theatro do Principe Real, na opereta em 1 acto, de Costa Braga, musica de Alvarenga, *Amor e dinheiro,* a actriz **Herminia.**

Filha de um padre, sem saber do pae nem de outra qualquer pessoa de familia, foi ao acaso para o Rio de Janeiro e ao acaso por lá viveu até que se lembrou de vir a Lisboa fazer-se artista.

No paquete que a trouxe, vinha de volta de uma digressão ás terras de Santa Cruz o actor Brazão, que, ao chegar aqui, sabendo das intenções da **Herminia,** a apresentou e recommendou ao Francisco Palha, para a Trindade. Este mandou-lhe experimentar a voz. Ella cantou a *Traviata* com tal desafinação e requebros extravagantes, que o Palha mandou-a immediatamente embora.

A rapariga não desanimou. Foi ter com o Pinto Bastos, que então era emprezario do Principe Real e que immediatamente a escripturou. O successo por ella obtido na estreia foi enorme.

Francisco Palha, que queria montar a *Filha da Sr.ª Angot* e não tinha *Lange,* foi então buscar a **Herminia,** pagando-lhe o dobro do ordenado que ella tinha no Principe e dando ainda á empreza que a cedeu um conto de réis de multa!

Bem empregado foi esse sacrificio, porque **Herminia** conseguiu levantar o theatro da Trindade do abatimento em que então havia cahido.

A 10 de dezembro de 1874 fazia a sua segunda estreia em Lisboa, e agora na Trindade, a desenvolta e graciosa actriz, na opereta em 1 acto, *Os tres Dragões.* O successo então foi ainda muito maior. No dia 29 do mesmo mez substituia Anna Pereira e Florinda no *Principe Encantador* da magica *A gata borralheira,* e o publico festejou-a sem sentir saudades algumas das

suas duas antigas actrizes mais predilectas.

Veiu depois a *Filha da Sr.ª Angot* e o successo accentuou-se em toda a linha. A parte de *Mademoiselle Lange* era representada e cantada brilhantemente. A seguir, cada papel de **Herminia**, ou novo ou em confronto com Anna Pereira, era um verdadeiro triumpho.

O publico, frequentador da Trindade, não póde esquecer quanto admirou **Herminia** na *Botija, Lucrecia Borgia, Fausto o petiz, Marselheza, Barba Azul, Rouxinol das salas, Sinos de Corneville, Duquezinho*, etc.

Em 1879, **Herminia Adelaide**, que bem conhecia o enthusiasmo do publico do Rio de Janeiro pelos artistas e ao mesmo tempo a generosidade dos admiradores, correu para lá a realisar os seus sonhos dourados.

Chegou ao Rio, contractou-se na Phenix Dramatica, estreiou-se no *Barba Azul* e obteve um exito collossal.

Novas ambições. Quiz ser emprezaria. Tomou o theatro Recreio Dramatico. Continuou a agradar, mas não soube administrar e, um bello dia, teve de partir com a sua companhia para Campos.

D'ahi a pouco a companhia regressava e ella ficava em Macahé, realisando os sonhos d'um admirador; este, porém, accordou, e ella teve de voltar ao Rio, na companhia do actor Dias, que não a abandonára e, para terem onde trabalhar, foram fazel-o n'um circo, com intervallos de homem de forças e não sei que mais.

Coincidiu isto com a formação da minha primeira companhia no Rio, no theatro do Principe Imperial. Foi **Herminia** a primeira figura que contractei, do que nunca me arrependi, pelo brilho que dava a todos os papeis e o prestigio que dava á companhia.

Em emprezas minhas ou nas de outros, que os artistas lá capricham em andar saltando de theatro para theatro sob qualquer futil pretexto, **Herminia** manteve sempre a sua reputação de artista, ainda que, ás vezes, um pouco empanada pelos seus exaggeros e excessos libidinosos.

Chegou a Republica ao Brazil e com ella a febre do jogo. Eu não estava lá e por isso não posso bem explicar como a **Herminia** deixou o Rio para viajar na Europa e comprar uma propriedade em Pau (França), onde residiu por alguns annos.

Em 1895 fez uma viagem ao Rio da Prata, aportou ao Rio de Janeiro, sem ao menos saltar em terra e voltou á Europa.

Agora, 1898, vejo annunciada a sua reapparição no theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro. Seria a necessidade de trabalhar para sustentar-se, ou a nostalgia da scena que a levou de novo ao theatro? De qualquer fórma, bemvinda seja, que muito ainda precisam do seu talento os theatros do Rio de Janeiro e de Lisboa.

28

1836 — Portaria de Passos Manuel, mandando que Almeida Garrett propozesse, sem perda de tempo, um plano para a **fundação e organisação de um theatro nacional** n'esta capital, o qual, sendo uma escola de bom gosto, contribuisse para a civilisação e aperfeiçoamento moral da nação portugueza, e satisfizesse aos outros fins de tão uteis estabelecimentos, e informasse ao mesmo tempo ácerca das providencias necessarias para levar a effeito os melhoramentos possiveis dos theatros que existiam.

Garrett metteu immediatamente mãos á obra que lhe fôra incumbida e, por proposta sua, logo a 15 de novembro do mesmo anno, foram creados a Inspecção geral dos theatros e espectaculos nacionaes e o Conservatorio da Arte Dramatica. Formou-se tambem uma sociedade para a edificação do Theatro.

1865 — Inauguração do **Theatro do Principe Real**, de Lisboa.

Francisco Vianna Ruas, avô dos actuaes emprezarios d'este theatro, era um afamado mestre d'obras e proprietario d'uma estancia de madeiras á Boa Vista. Foi elle quem reedificou o theatro do Gymnasio. O velho Ruas achou-se d'uma vez emprezario do theatro de S. Carlos. Déra com os burrinhos n'agua o emprezario York, a quem o theatro fôra adjudicado por 3 annos; passou a empreza a Martins & C.ª e pouco de-

pois a Ruas & C.ª Este pouco tempo lá esteve, mas ficou-lhe o vicio dos espectaculos.

N'um terreno desoccupado que havia depois da abertura da nova rua da Palma, á esquina da carreirinha do Soccorro, edificou Ruas um salão, a que deu o nome de *Waaxhall* e realisou alli bailes de mascaras, que pouco resultado deram. Como fosse infeliz na tentativa, mudou o nome do salão para *Salão Meyerbeer* e em que realisou sem resultado tambem alguns concertos. Aproveitando as paredes, transformou o salão n'um modesto theatro e convidou o actor Cezar de Lima a associar-se a elle para formar companhia. Assim foi, e n'esta data inaugurou-se o **Theatro do Principe Real** com a comedia em 1 acto *Muito padece quem ama* e a comedia em 3 actos *Dois pobres a uma porta*, ambas imitadas por Aristides Abranches e Rangel de Lima.

Theatro do Principe Real

Da companhia faziam parte dois distinctos amadores das primeiras sociedades de curiosos, o Gama e o Bayard, que muito promettiam e deram muito menos do que se esperava. De Gama já fallei na data do seu nascimento, a 2 de setembro.

Bayard, que se estreiou na inauguração do theatro do Principe Real, era um amador dramatico muito festejado. No começo da sua carreira d'actor deu tambem grandes esperanças, a ponto de Francisco Palha o contractar para a sua companhia da Trindade, na supposição de fazer d'elle o substituto de Tasso.

As esperanças foram-se perdendo, foi chegando a desillusão e **Carlos Antonio Bayard**, já mal collocado na Trindade, por lhe distribuirem pequenos papeis de indole muito diversa da sua, deixou aquelle theatro e contractou-se no Gymnasio. Ahi teve uma posição satisfatoria até que a doença o alquebrou e o fez descer na escala artistica. Passou ao theatro da Avenida, onde pouco fez, e depois para D. Maria, onde se conserva em modesto logar, que desempenha a contento da empreza e do publico.

Bayard é muito estimado pelo seu excellente caracter.

Tomou tambem parte no espectaculo de inauguração do theatro do Principe Real o actor **Paulo Martins**, um excentrico, de fraca figura, magrissimo e rosto antipathico, mas muito intelligente, e que fazia com muita graça papeis caracteristicos.

Paulo Martins era natural de Lisboa. Tinha uma certa illustração e traduzira diversas peças.

Como actor tinha sido muito festejado no Baquet do Porto, nos theatros dos Açores e no Gymnasio de Lisboa.

N'este ultimo theatro e com este actor deu-se um episodio engraçado. Fazia em certa comedia um galan comico; ao acaso, caracterisou-se de fórma que reproduziu a cara do rei D. Fernando com a maior fidelidade.

Houve grande borborinho na platéa e a auctoridade foi ao palco, obrigando-o a mudar a caracterisação.

Calcule-se o effeito, quando o artista voltou á scena a continuar o papel, tendo mudado de cara!

Ainda no espectaculo de inauguração do theatro do Principe Real, representou pela primeira vez em Lisboa, a actriz **Margarida Clementina,** irmã da actriz Anna Pereira. Ao contrario da mana, que todos sabem é feia, **Margarida** era formosissima e possuia um bello talento, acompanhado de bellos dotes para a scena. Agradou alli extraordinariamente, com especialidade na protogonista da comedia, original de Florencio Sarmento, *A Condessa de Villar*.

Infelizmente para o theatro, que tinha n'ella uma bella esperança, **Margarida Clementina** deixou a scena para casar com o industrial e capitalista Julio Cezar da Silva e mais tarde morreu de parto.

1888 — Morre o distincto professor e musico da orchestra de S. Carlos, **Antonio José Croner,** do qual hei de tratar na data do seu nascimento, a 11 de novembro.

29

1821 — No ultimo theatro do Bairro Alto, edificado no largo de S. Roque, onde hoje são as cocheiras da Companhia Lisbonense de Carruagens, tem logar a primeira representação da tragedia de Garrett, **Catão** e da farça do mesmo auctor, **O Corcunda por amor.**

1836 — Nasce em Lisboa **Pedro Vidoeira.**

Em 1854 foi nomeado para fazer serviço no Correio Geral com o ordenado de réis 10$560 mensaes. Hoje é chefe de repartição com o vencimento annual de 1:280$000 réis. Empregado modelo, tem tido todas as considerações, havendo já sido nomeado para fazer parte de dois congressos postaes, um em Lisboa e outro em Paris.

Desde muito novo se dedicou tambem ás lettras, sendo um estimado escriptor.

Além de ter collaborado em diversas folhas politicas e litterarias, foi creador do jornal de theatros e caricaturas *O Duende*, e comigo, Salvador Marques e Gervasio Lobato, creou o *Contemporaneo*.

Cunhado do velho actor Rosa e por isso quasi de creança ligado ao theatro, n'elle tem continuado as suas relações intimas, como tio dos festejados artistas João e Augusto Rosa.

Traductor correctissimo, era elle quasi o que exclusivamente preparava os dramas para os beneficios do pae Rosa.

Pedro Vidoeira tem traduzido perfeitamente innumeras peças, muitas das quaes tem feito successo em Lisboa. Citarei as de que me lembro: *O Conde Hermann*, *Medico das creanças*, *Luiza Marion*, *Ricardo III*, *Livro Negro*, *Filho de Giboyer*, *Ciumes*, *Testamento de Cesar Girodot*, *Drama no fundo do mar*, *Rogerio Laroque*, etc.

Nas suas criticas theatraes mostra **Pedro Vidoeira** o muito que conhece theatro, e do seu bom senso e apurado gosto dava prova a exigencia que seu cunhado, o Rosa (pae), tinha de que elle assistisse aos ensaios geraes das peças que representava. Muitas vezes o velho Rosa alterou o seu trabalho conforme com as impressões

boas ou más que **Vidoeira** lhe manifestava.

1861 — Nasce a actriz **Julia Anjos.**

O seu verdadeiro nome é **Julia de Carvalho**, mas como andou muito tempo pelas provincias em companhia do fallecido e afamado guitarrista João Maria dos Anjos, ficou mais conhecida pela **Julia Anjos.**

É mãe da actriz Libania, que, quando creança, tanto agradou em D. Maria, no drama *Rogerio Laroque.*

Em Lisboa, **Julia Anjos** tem pertencido a algumas companhias, onde tem agradado, mas com pouca sorte, porque nunca subiu aonde teem chegado outras com muito menos merecimento.

Em 1897 foi ao Brazil com a companhia de Lucinda Simões e alli agradou bastante, com especialidade no papel da *Zepherina* dos *Dois garotos.*

Entre outros muitos, tem no seu repertorio as seguintes peças: *Tim Tim por Tim Tim, Lenda do Rei de Granada, 20 mulheres do rei, Moleiro d'Alcalá, Miguel Strogoff, Roda viva, Carapuça, Ave do Paraizo*, etc.

1877 — Estreia-se em Lisboa, no theatro do Principe Real, a companhia da grande actriz italiana **Giacinta Pezzana.**

A critica considerou-a uma actriz de primeira ordem, uma verdadeira notabilidade, mas o publico não concorreu aos seus espectaculos.

A estreia foi com a tragedia *Medea.* Poucos espectaculos deu esta companhia, sendo o ultimo a 5 de novembro com a *Dama das Camelias*, em que **Pezzana** foi applaudidissima.

Em 1882 assisti a alguns espectaculos d'esta companhia no Rio de Janeiro. O publico tambem alli não concorreu.

1881—Primeira representação no theatro da Trindade da opereta, traduzida por Eduardo Garrido, musica de Audran, **A Mascotte.**

Como em toda a parte, onde tem sido representada, esta opereta causou o maior enthusiasmo e deu grande numero de representações.

Os interpretes da primeira serie de representações em Lisboa foram os artistas: Florinda Macedo, Esther de Carvalho, Leoni, Queiroz, Augusto e Ribeiro. D'estes já hoje só existem Queiroz e Augusto.

30

1877 — Estreia-se no theatro do Gymnasio a companhia de opereta italiana, de que era director Achille Lupi e de que fazia parte a primeira actriz **Maria Frigerio.**

Foi Ernesto Desforges quem mandou contractar esta companhia.

No Gymnasio a concorrencia foi sempre diminuta, apesar de ser boa a companhia, que trazia como primeiro comico o Ficarra.

Deu um unico espectaculo na Trindade com a opereta *A filha da sr.ª Angot.*

Passou a companhia para o theatro dos Recreios, onde teve mais alguma concorrencia, mas ahi esperava-a outra fatalidade. Perto do theatro havia um circo, que estava inutilisado e ahi era o deposito de todo o material da companhia, scenario, guarda-roupa, adereços, etc. Uma noite ardeu o circo e lá se foi tudo o que a empreza possuia. Deu ainda alguns espectaculos no theatro do Principe Real, mas sem resultado.

Ultimamente **Maria Frigerio** vivia em Buenos Ayres do producto de algumas lições que dava. Lupi tinha fallecido.

Ficarra é hoje professor n'uma cidade do Amazonas.

1877 — Morre o actor-tenor **Pimenta.**

Foi por alguns annos corista do theatro da Trindade. Alli o foi buscar o Pinto Bastos para tenor do theatro do Principe Real, onde agradou, cantando a opereta *Amor e dinheiro*, o Fritz da *Grã-Duqueza* e outros tenores de diversas operetas.

Em 1875 Francisco Palha contratou-o e fel-o cantar na Trindade no *Amor e dinheiro*, com que se estreiou, na *Aventura de Gil Braz*, na magica *Corôa de Carlos Magno*, na parodia á *Lucrecia Borgia*, na comedia com musica *Furias d'amor* e nas operas burlescas *Sultão de Gerinfá* e *Barba Azul.*

Eduardo Avelino Pimenta era um actor mediocre, mas que possuia uma bonita voz de tenor. Morreu bem novo, fazendo falta aos theatros d'opereta.

1882 — Estreia-se em Varesi (Italia) o

tenor portuguez **ANTONIO D'ANDRADE**.

Filho de um distincto jurisconsulto, o tabellião José Justino de Andrade e Silva, **Antonio d'Andrade**, assim como seu irmão Francisco, teve uma esmerada educação litteraria. Não se estreiou no mundo lyrico, como a maior parte dos cantores, sem conhecer absolutamente nada da arte dramatica, da arte de representar Ao mesmo tempo que estudava musica e canto com Casimiro e Pontechi, aprendia a declamar com José Romano e com o illustre professor do Conservatorio o Dr. Luiz da Costa Pereira.

Foi isto que fez com que os irmãos **Andrades** rapidamente subissem na carreira lyrica.

Antonio Andrade, infelizmente hoje retirado da scena, porque a surdez que o accommetteu tem sido rebelde a todos os tratamentos, tinha ainda um largo futuro de glorias. Era um magnifico actor e um cantor de voz suavissima e apaixonada.

Festejado em Lisboa e no Porto e festejadissimo no estrangeiro, **Antonio Andrade** contava no seu repertorio, como primores de desempenho, as operas: *Favorita, Lucia, Rigoleto, Fausto, Promessi sposi, Baile de mascaras, Linda de Chamounix, Carmen, Força do Destino, Luiza Miller, Ruy Blas, Traviata, Willis, Marcellina, Lucrecia Borgia, Giordano Bruno, Trovador, Gioconda, Roberto o diabo, Guilherme Tell, Vesperas sicilianas, Africana, Aïda, Lituani, Barbeiro de Sevilha, Poliuto, Salvador Rosa, Guarany, Puritanos, Somnambula*, etc. Um repertorio como actualmente não possue qualquer outro tenor.

Oxalá **Antonio Andrade** se liberte da surdez que o opprime e possa voltar ao campo das suas glorias, conquistando, ao lado de seu irmão Francisco, mais triumphos para a nossa patria, tão escassa de artistas que vão lá fóra honrar Portugal no campo da Arte.

1892 — Suicida-se em Paris, dando um tiro na cabeça o distincto escriptor francez **Hector Cremieux.**

Escreveu muito para o theatro, onde obteve grandes triumphos.

Fez de collaboração com Halevy, entre outras operetas, a *Ponte dos Suspiros* e o *Orpheu nos Infernos.*

As suas ultimas peças foram: *Carta forçada*, comedia em 2 actos e *Á roda do casamento*, em 5 actos, de collaboração com Gyp.

Foi **Cremieux** quem extrahiu do romance de Halevy o *Abbade Constantino.* Só esta peça lhe deu mais de cem mil francos de direitos.

Ficou triste e apprehensivo desde a morte de sua mulher, que elle adorava. O unico lenitivo era a companhia da filha unica. Quando esta casou, vendo-se sósinho, desanimou e suicidou-se.

OUTUBRO

OUTUBRO

I

1822 — Nasce em Lignerolles o grande actor francez **GOT.**

Edmundo Francisco Julio Got, antigo discipulo laureado do lyceu Carlos Magno, licenceou-se em direito; depois sentou praça no regimento de caçadores a cavallo.

Deixou o serviço para entrar no Conservatorio, para a aula de Provost; obteve em 1841 o segundo e em 1842 o primeiro premio de comedia.

Estreiou-se no Theatro Francez a 14 de julho de 1844 no papel de *Alexis* dos *Heritiers*. Foi nomeado societario em 30 de junho de 1850.

O seu repertorio era quasi todo o da Comedia Franceza até 20 d'abril de 1895, em que teve logar a sua recita de despedida, com o notavel programma que mencionei na respectiva data.

Got é professor do Conservatorio, official de Instrucção Publica e condecorado com a Legião de Honra.

Já apresentei o seu retrato na data de 20 d'abril.

1833 — Morre em Lisboa a notavel cantora portugueza **Luiza Todi**, de quem fallei largamente na data do seu nascimento, a 9 de janeiro.

1835 — Nasce em Lisboa **Julio Cezar Machado.**

O primoroso escriptor foi aos tres annos de edade levado por sua familia para a sua casa da Durruivos, proximo de Obidos. Regressou a Lisboa em 1844 a fim de seguir os estudos. Morrendo seu pae em 1851, viu-se constrangido a procurar os meios de subsistencia, o que fez, cultivando as lettras.

No seu interessante livro *Apontamentos d'um folhetinista* conta-nos elle com a *verve* que sempre o acompanhava o muito que luctou até vencer.

Foi revisor e collaborador de diversas folhas, entre ellas *A Lei, Ecco das provincias, Ecco Litterario, Doze d'agosto, Revista Universal Lisbonense, Rei e Ordem, Politica*

Liberal, Moda Illustrada, Chronica Moderna, Jornal do Commercio, Figaro, Revolução de Setembro e *Diario de Noticias.*

Deixou livros interessantissimos, no seu estylo facil e galhofeiro, estudando os nossos costumes ou narrando assumptos contemporaneos, com personagens conhecidos e que a todos interessavam. Entre esses livros contam-se: *Claudio, A mulher casada, Estevão, A vida em Lisboa, Modesto de mais, Contos ao luar, Scenas da minha terra, Passeios e phantasias. Recordações de Paris e Londres, Historias para gente moça, Contos a vapor, Em Hespanha, Do Chiado a Veneza, Quadros do campo e da cidade, Trechos de folhetim, Da loucura e das manias em Portugal, Á lareira, Manhãs e noites, Lisboa na rua, Lisboa de hontem, Fóra da terra, Apontamentos d'um folhetinista* e *A vida alegre.*

Tambem traduziu a *Historia de Gil Braz de Santilhana.*

Julio Cezar Machado tem n'este livro um logar distinctissimo pelos motivos que vou apontar.

Foi critico theatral durante muitos annos, sempre de luva de pellica, com o sorriso nos labios, mas ensinando o bom caminho a escriptores e artistas.

Publicou a primeira parte dos *Theatros de Lisboa,* em que fez a historia alegre dos theatros de S. Carlos, D. Maria e Trindade.

Escreveu as biographias dos notaveis artistas: Tasso, Taborda, Josepha Soller, Izidoro e Sargedas.

Deixou as seguintes peças originaes: *Amigos... amigos!* proverbio em 1 acto; *O tio Paulo,* drama em 3 actos, escripto expressamente para o theatro das Variedades, a fim de que o grande comico Izidoro pela primeira vez desempenhasse um papel dramatico; *O annel da alliança,* comedia em 1 acto; *Amor ás cegas,* comedia em 1 acto, que se representou com muito agrado no theatro de D. Maria; *Primeiro o dever!* comedia-drama em 3 actos, em collaboração com Alfredo Hogan.

As suas traducções para o theatro são innumeras; houve epocha em que quasi só elle preencheu o immenso repertorio do Gymnasio.

Algumas das suas peças fizeram bastante successo, como *Para as eleições* e *Depois das eleições,* que foram representadas por Taborda, Izidoro e Queiroz.

Das traducções lembro-me terem bastante agradado a *Visita de casamento, Filho-familias, Esposa deve acompanhar seu marido, Capitão Biterlin, A senhora está deitada,* etc.

Julio Cezar Machado era um coração de ouro, como tive muitas vezes occasião de avaliar na intimidade que com elle conservei por alguns annos. Todos o estimavam, todos o festejavam, muitos lhe louvavam o talento e os primores da sua penna de ouro, mas poucos sabiam o quanto valia aquelle coração amantissimo, de que deu a ultima prova, suicidando-se por não poder resistir á dôr enorme de perder o filho unico e queridissimo.

Pobre **Julio Machado**! Mal diriam os que conheciam o teu espirito, sempre tão jovial, que havias de ter tão tragico fim!

1865 — Nasce a actriz **Julia Moniz.**

Estreiou-se como amadora no theatro Taborda, representando no drama *Trapeiro de Paris.* Foi em seguida contractada pelo actor Taveira para o Porto e alli representou, entre outras peças, a *Bandeira do Regimento, Martyr da victoria, Pescador de baleias, Kean,* etc.

Do Porto seguiu para os Açores com a mesma empreza, e, quando regressou, contractou-se no Gymnasio de Lisboa, onde fez 6 epochas, entrando no *Commissario de policia, Anastacia & C.ª, Em boa hora o diga, Amendoas, Fernando o Felizardo, Zaragueta,* etc.

Esteve depois contractada com a actriz Lucinda Simões no theatro D. Amelia, entrando no *Demi-monde, Francillon* e *Sr. Director.*

Fez no verão de 1897 uma *tournée* com alguns artistas do theatro de D. Maria, tomando parte no desempenho das seguintes peças: *Marechala, João José, Metter-se a redemptor, Bibliothecario* e *Medico á força.*

Julia Moniz é irmã da actriz do theatro do Gymnasio, Julianna Santos, e é casada com o actor do theatro do Principe Real, Pato Moniz, do qual está separada.

1882 — Canta pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, na opera *Aida*, a notavel meio-soprano **Giuseppina Pasqua**, que obteve grande successo.

Esta distincta artista cantou mais, durante a epocha, as seguintes operas: *Favorita*, *Trovador*, *Capuletos e Montechios* e *Lohengrin*.

Foi de grande enthusiasmo esta epocha em S. Carlos, em consequencia da lucta entre os partidarios da **Pasqua** e os da De-Reszké.

2

1831 — Morre em Pedrouços o **Padre José Agostinho de Macedo**, de quem já tratei na data do seu nascimento, a 11 de setembro.

1850 — Parte para Genova o vapor de guerra *D. Luiz*, posto pelo governo á disposição da empreza de S. Carlos, a fim de ir buscar a companhia para esse theatro e para o de S. João do Porto.

Muitos enthusiastas da epocha alcançaram licença para irem no vapor, que á volta devia fazer uma alegre viajem.

Entre outros muitos, foram: o socio da empreza Onofre Cambiaggio, Narciso de Freitas Guimarães, Antonio Pedro Lopes de Mendonça, Dr. Luiz Brignoli, Demetrio Ripamonti e Carlos Testa.

Vieram n'essa companhia as celebres cantoras **Novello** e **Stoltz**, cujos partidarios tanta animação deram á epocha.

1854 — Estreia-se no theatro do Gymnasio a companhia de **Quadros vivos** do emprezario Keller, a melhor que n'este genero tem vindo a Portugal. Fez immenso successo.

Achando-me na capital do Estado de S. Paulo, no Brazil, em 1896, tive necessidade de mandar chamar ao hotel em que me achava hospedado, um calista. Indicaram-me um que habitava n'uma cella do convento de S. Bento. Veiu o homem. Era um pobre velho alquebrado e tremulo; o rosto não me era desconhecido; interroguei-o com certo geito sobre theatro e sobre Portugal. Perguntou-me logo pelo Taborda. O velho calista era nem mais nem menos que o Keller dos *Quadros vivos*. Pobre homem! Com perto de oitenta annos, depois de percorrer o mundo inteiro, expondo os seus quadros e as suas formosas raparigas, eil-o habitando por esmola n'um quarto acanhado e vivendo de extrahir calos, martyrisando os que lhe caem nas unhas.

Perguntei-lhe quem o tinha reduzido áquella posição.

— Foram ellas, respondeu-me; as minhas artistas! Se ellas eram tão boas!... E ao pobre velho ainda se incendiavam os olhos de antigas recordações.

1877 — Morre a actriz **Carolina Emilia**, de quem fallarei na data da sua estreia, a 16 d'este mez.

3

1733 — Nasce em Lisboa o Intendente **Pina Manique**.

Não é para aqui discutir os processos que empregou **Diogo Antonio de Pina Manique** no exercicio do alto cargo em que estava investido. Para isso cumpria estudar a epocha e lembrar as difficuldades com que elle luctava. O meu fim, unicamente, enfileirando-o na galeria d'este livro, é render-lhe a homenagem que se lhe deve, pelos serviços prestados ao theatro.

Fallará por mim o illustre escriptor Francisco da Fonseca Benevides, a quem peço venia para transcrever da sua magnifica obra *O Real Theatro de S. Carlos*, o que disse do energico intendente:

«Auxiliou immensamente a fundação do theatro de S. Carlos o intendente geral da policia, **Diogo Ignacio de Pina Manique**, homem de extraordinario merecimento, dotado das mais bellas qualidades de administrador, energico e de uma vontade de ferro, e que realisou, violentamente, pois não lhe foi permittido usar de outros meios,

muitos melhoramentos em Lisboa, e que, se tivesse vivido em uma epocha menos calamitosa, e sob o reinado de um chefe de estado mais intelligente do que D. Maria I, e menos indolente que D. João VI, teria, por certo, largamente engrandecido e aformoseado a capital d'estes reinos.

«Ao famoso intendente da policia attribuimos nós, em grande parte, a rapidez e economia com que se levou ao fim a construcção do theatro de S. Carlos; eliminando todas as difficuldades que appareciam, facilitando a acquisição de bons operarios, e por baixos salarios, bem como a chegada dos materiaes necessarios, pondo a sua influencia, e a sua vigorosa vontade, directa e indirectamente, ao serviço da edificação do novo theatro lyrico, **Pina Manique** contribuiu poderosamente para a prompta conclusão do edificio.

....

«Quanto **Manique** se empenhou e influiu para que se levantasse, na côrte d'este reino, um digno theatro lyrico, é por elle mesmo declarado no officio dirigido ao ministro do reino em 21 de junho de 1793.»

1859 — Nasce n'um comboyo em via-

gem, proximo de Veneza, a maior actriz da actualidade, a grande **ELEONORA DUSE**.

Á hora do seu nascimento os milanezes acolhiam os francezes como seus libertadores. Por este motivo. muitas vezes os paes lhe diziam, quando ella fazia travessuras:

— Não admira que sejas revoltosa; nasceste em 1859, tens a guerra no sangue.

Eleonora Duse estreiou-se no theatro aos 4 annos, n'um papel de creança dos *Miseraveis*. Aos 14 já tinha representado *Os filhos de Eduardo, Kean, Monte Christo, Fualdés, A graça de Deus, Angelo* e *Romeu e Julieta.*

Aos 20 annos alcançou em Napoles o seu primeiro exito ruidoso na *Theresa Raquin*. D'ahi a pouco Rossi qualificava-a de grande artista. Foi isto em Turim, em 1881.

Começou as suas grandes viagens pela Europa e America; nunca as houve mais triumphantes.

Em 1884 **Duse** foi trabalhar para um theatro do Rio de Janeiro; n'outro trabalhava Sarah Bernhardt.

Todos festejavam e applaudiam com enthusiasmo a grande actriz franceza; mas curvavam-se cheios de respeito e admiração pelo enormissimo talento da extraordinaria actriz italiana.

Duse é um verdadeiro genio. A sua voz, perfeitamente graduada, tem sempre o timbre que a situação exige; a sua linha de mulher regularmente magra harmonisa-se com as outras qualidades. A **Duse** sente quanto diz e faz; ha alli arte, mas não artificio.

O maior triumpho que a **Duse** podia obter foi ser acclamada e victoriada pelo publico de Paris, tão indulgente para os seus artistas, como rebelde para festejar notabilidades estrangeiras. Abriu uma excepcção ante o assombroso talento da **Duse** e cahiu-lhe prostrado aos pés.

Não podia uma artista italiana conseguir maior victoria.

Eleonora Duse, a consagrada do mundo inteiro, na historia artistica da Italia n'este seculo formará ao lado da divina Ristori.

Na recita de despedida da Reichemberg, na Comedie Française foi a **Duse** representar o 4.º acto da *Adriana Lecouvreur*. Não podia para uma artista estrangeira ser maior a honra, que só foi egualada no triumpho que obteve.

Eleonora Duse estreiou-se no theatro D. Amelia de Lisboa, na peça de Dumas filho, *A mulher de Claudio,* a 12 de abril de 1898. Da extraordinaria impressão que produziu, fallarei no *Appendice* d'este livro.

4

1738 — Nasce em Lisboa **Francisco Coelho de Figueiredo.**

Foi irmão mais novo do honrado e notavel auctor dramatico, Manuel de Figueiredo. Morreu em 1822 com 84 annos de edade.

Ouçamos o que d'elle diz Innocencio Francisco da Silva:

«Foi elle que por devoção fraternal fez imprimir á sua custa todo o volumoso *Theatro* de seu irmão, de quem era admirador enthusiasta, reimprimindo os quatro primeiros volumes, e continuando a publicação dos ineditos até o XIII, bem como das *Obras lyricas* em dois volumes. É quasi inteiramente de sua propria lavra o intitulado tomo XIV do *theatro,* no qual sob o novo rosto ou titulo — *O Portuguez teimoso, Melancholia entretida, ou Semsaborias amontoadas* dá incessantes demonstrações do seu genio folgasão, e sentimentos patrioticos, entresachando varias noticias, memorias e anecdotas de toda a especie, que não são para despresar a quem pretender instruir-se nos usos e costumes peculiares dos portuguezes durante a segunda metade do seculo XVIII.»

Ouçamos agora o Dr. José Ribeiro Guimarães:

«As obras de Figueiredo, despresadas desde que appareceram, mostram todavia que elle possuia bastante talento, e são ainda hoje um peculio, para quem cultiva o theatro, porque alli acha muita coisa aproveitavel.

«**Francisco Coelho** julgou que a maior prova de gratidão que podia dar ao muito de que elle se confessava devedor ao irmão, era fazer uma impressão completa do seu *theatro.* Com effeito, de 1804 a 1810 fez imprimir dois volumes de obras posthumas do irmão, na Imprensa Nacional. É uma impressão magnifica, ornada de uma estampa allegorica, e de bellas vinhetas, tudo feito sobre desenhos de Domingos Antonio de Sequeira e gravado por G. F. de Queiroz. Devia custar-lhe bom dinheiro. No mesmo anno de 1804 principiou a impressão do *Theatro,* que durou até 1815.

«Era, como disse, este o monumento que elevava á gloria de seu irmão. Elle proprio diz, alludindo a uma conversa que tivera com um amigo, que não fazia esta impressão com tanto cuidado, melindre e disvelo, para ganhar dinheiro, mas para o gastar, comtanto que cá fique a obra do irmão.

«Em uma nota do mesmo volume XIV, pag 20, diz elle tambem: «Tenho 76 annos feitos; não tenho descendencia, nem boa nem má, nem mais posteridade que a impressão d'este theatro.» Era pois o seu pensamento constante erigir esse padrão do seu reconhecimento ao irmão.»

Ouçamos ainda o Dr. Theophilo Braga:

«Torna-se impossivel avançar um passo na biographia do fecundo Manuel de Figueiredo, sem tocarmos em um facto unico na historia, a admiravel amizade que por elle teve seu irmão mais novo **Francisco Coelho de Figueiredo**, que salvou a maior parte dos seus manuscriptos.

«Bem haja tão santo irmão, que com a sua crença profunda em um genio então desconhecido, nos obriga a respeital-o e a estudal-o.»

Depois de todos estes documentos, **Francisco Coelho de Figueiredo** não podia deixar de ter uma referencia n'este livro.

Do notavel reformador do theatro nacional, Manuel de Figueiredo, já fallei na data do seu nascimento, a 15 de julho.

1848—Representa-se pela primeira vez no Gymnasio a **Marqueza**, opera comica, lettra de Paulo Midosi, musica do maestro Miró. Foi um successo collossal, que teve diversas *reprises.* Ainda ouvi o Taborda cantar a sério aquella parte de tenor e a gente desesperada por não poder rir-se com elle.

A musica era lindissima. A symphonia da **Marqueza** foi por muitos annos pratinho obrigado de todas as orchestras.

1851 — Nasce no Porto **Alberto Braga.**

É empregado no gabinete do ministerio dos negocios estrangeiros e socio do Instituto de Coimbra.

É um escriptor primoroso e elegante, com raras aptidões. A sua linguagem é sempre portugueza de lei.

Como jornalista tem collaborado brilhantemente nas *Novidades, Occidente, Reporter, Tempo* e *Jornal do Commercio.* Foi principal redactor da *Semana de Lisboa.* Com o pseudonymo de Diogo Matheus escreveu magnificas chronicas litterarias para o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e egualmente collaborou nos jornaes de Paris *Soleil, Gaulois* e *Temps.*

Alguns dos seus bellos contos estão traduzidos para o francez e sueco.

Tem publicadas as seguintes obras, que foram muito elogiadas em toda a imprensa: *Contos da minha lavra, Contos d'aldeia, Novos contos, Contos escolhidos* e *Os confidentes.*

Escreveu tres dramas, que se representaram no theatro de D. Maria. Só um foi applaudido incondicionalmente. Contra os outros dois levantou-se uma guerra cruel e inexplicavel. Para subir á scena o ultimo foi preciso obter um parecer favoravel da Academia das Sciencias e ser depois a empreza constrangida a representa1-o, manifestando ainda assim toda a sua má vontade contra a peça na noite da primeira representação.

Contra as peças d'este auctor ha sempre uma guerra inexplicavel e antecipada, dentro e fóra do theatro.

As tres peças representadas em D. Maria são: *A estrada de Damasco,* comedia 4 actos, *A Irmã,* drama em 4 actos, e *O Estatuario,* drama em 4 actos.

Escreveu tambem em francez a comedia em um acto *Le buste,* que se representou n'um salão particular e depois traduziu e foi representada no theatro da Rua dos Condes por Lucinda Simões e Christiano de Sousa.

Tambem para a empreza Lucinda traduziu a *Francillon* de Dumas (filho).

5

1820 — Grande enthusiasmo nos theatros de S. Carlos e Rua dos Condes, onde o publico exigiu que se cantasse o Hymno Constitucional e se interrompessem os espectaculos para se ouvirem os elogios poeticos. Estas manifestações de alegria foram motivadas pela entrada em Lisboa do general Cabreira e do exercito, depois de sacudida a vergonhosa tutela militar de Beresford.

1859 — Estreia-se no theatro do Gymnasio, na comedia *O tal sujeito* o actor **Apollinario d'Azevedo.**

N'esta vida é bom dedicarmo-nos d'alma, vida e coração a um unico mistér, para n'elle sermos alguma coisa. Quem pretende ser *faz-tudo,* acaba por não saber fazer nada.

Foi isto que aconteceu ao **Apollinario,** que era intelligente e tinha aliás aptidões e acabou por não ter prestimo para coisa alguma.

Na sua insaciedade de profissões desbaratou uma sorte grande e duas heranças.

Tentou a pintura, a musica, a carreira commercial, a burocracia, o jornalismo, a photographia, a agencia de negocios, a representação de sociedades estrangeiras, o *bric-à-brac,* tudo... e nada fez.

Antes de ser tudo isto, no meio e depois, abordou o theatro, que é o bem parado dos que nada sabem ou nada querem fazer.

No theatro o **Apollinario** continuou a ser *faz-tudo.* Foi actor, ensaiador, emprezario, director de scena, auctor e traductor. Resultado final: um pessimo actor, um mau ensaiador, um inhabil emprezario, um incompetente director de scena, um deploravel auctor e peior traductor.

O que elle era sem duvida, um excel-

lente rapaz, cuja morte prematura no Porto todos deploraram.

1867 — Nasce **Francisco Pinto**.

Foi ponto em alguns theatros de Lisboa, Porto e Brazil. É muito intelligente e trabalhador.

Ha publicados diversos monologos, cançonetas e comedias suas, algumas dedicadas aos amadores dramaticos.

Para o theatro tem bastantes trabalhos ineditos, tendo-se ja representado os seguintes: *A campainha dos apuros*, comedia em 1 acto, *48 p'ra homens e 39 p'ra mulheres*, opereta em 1 acto, *Provas praticas*, opereta em 1 acto, e, em collaboração as seguintes: *A Companhia das Aguas*, a proposito em 1 acto, *Mam'zelle Diabrete*, vaudeville em 3 actos, *Um marido na reserva*, vaudeville em 4 actos, *A roubadora de creanças*, drama, e *Os milhões do criminoso*, drama.

Partiu ha pouco para Pernambuco.

1875 -- Estreia-se no theatro das Variedades o actor **Nunes**, na cançoneta *O beberrão*.

Chegava n'esta occasião dos Açores. Era dos actores mais infelizes do nosso theatro. Tão depressa apparecia na Rua dos Condes, cantando os tenores das operetas, como ia para a Trindade cantar córos; tão depressa estava nas Variedades fazendo primeiros papeis, como era visto a representar nas feiras.

Era um pobre homem, um desgraçado; mas tambem um desleixado de primeira ordem.

D'uma vez foi contractado para a feira de Belem. Poz logo por condição cantar o seu cavallo de batalha, o tango *O Africano*, em que elle se transformava n'um preto selvagem, apesar de dizer:

«Nasci em Loanda,
«Bento me chamo.

No que elle tinha bem reparado era que tambem cantava:

«Como azeviche
«Negro nasci.

Pintava de um negro retinto a cara, o pescoço e os braços. O peito e as pernas eram cobertos com uma camisola e umas ceroulas de malha preta.

Como havia muitos espectaculos por dia e noite, deixava-se ficar d'uns para os outros vestido e pintado, e, alta noite, deitava-se da mesma fórma, para no dia seguinte não ter trabalho de se pintar de novo. Aconteceu que a camisola e as ceroulas foram abrindo pequenos buracos, e elle, para os disfarçar, dava tinta d'escrever nas partes que appareciam. A feira durou dois mezes. Quando tirou as ceroulas e a camisola, parecia um tigre! Nunca mais houve agua que o lavasse! Vê-se por isto quem era o **Nunes**! Pois a representar era a mesma coisa exactamente.

1880 — Morre o popularissimo maestro **Jacques Offenbach**.

Ainda nenhum outro musico conseguiu tão rapidamente uma revolução na sua arte e um nome tão universalmente conhecido em poucos annos.

Discipulo de Halevy, mal diria este que educava o creador da opera burlesca não só na França, mas no mundo inteiro.

Halevy, o grande maestro da *Hebrea*, desde as primeiras lições prophetisou a **Offenbach** uma brilhante carreira; mas foi muito além das suas mais douradas prophecias o espantoso successo do revolucionario *maestrino*.

As primeiras composições de **Offenbach** foram talvez hesitantes, por não serem moldadas no verdadeiro genero, que a sua Musa lhe inspirava; mas os *Dois cegos*, que marcam o alvorecer da nova escóla, fez um ruido espantoso, que foi n'um crescendo admiravel até se extinguir esse genio, que chegou a dominar todos os theatros do mundo.

Para que dizer mais do incomparavel *maestrino*, que todos conhecem e admiram? Basta citar os titulos das suas obras, extraordinarias de melodia, de sarcasmo, de *verve*. São ellas: *Apothicaire et Perruquier*, *Barbe Bleu*, *Bagatelle*, *Boule de Neige*, *Bri-*

gands, Docteur Ox, Fille du Tambour-Major, Fleurette, Gran-Duchesse de Gerolstein, Lischen et Fritzchen, Orphée aux enfers, Princesse de Trébizonde, Une demoiselle en loterie, Vie Parisienne, 66, Le Violoneux, Mariage aux lanternes, Contes de Hoffmann, Roi Carotte, Boite au lait, Pont des soupirs, Barardes, Perichole, Madame l'Archiduc, Belle Helene, La Boulangère a des écus, etc.

6

1856 — Nasce em Lisboa **Arthur Lobo d'Avila.**

Estudou preparatorios no lyceu e concluiu o curso da Aula do Commercio, carreira a que a principio se dedicou.

Em 1874 foi nomeado empregado das alfandegas e n'esse mesmo anno acompanhou seu pae, que foi nomeado governador de Macau. Alli esteve até 1877, servindo na secretaria da junta de fazenda e como secretario das legações da China, Japão e Sião.

Regressando a Lisboa, fez serviço na alfandega d'aqui, estudando ao mesmo tempo o curso superior de lettras, que concluiu em 1880, obtendo sempre distincções.

Em 1885 foi nomeado primeiro official da Caixa geral de depositos.

Tem sido redactor e collaborador dos jornaes: *Diario de Lisboa, Epocha, Commercio de Lisboa, Jornal da Noite, Diario da Manhã, Diario de Noticias, Commercio de Portugal*, etc,

Publicou as seguintes obras: *A Caixa economica portugueza e a reforma de 15 de julho de 1885; A protecção á agricultura e o commercio dos cereaes;* os romances: *Memorias do Padre Vicente, Os ministros do sr. Moura, Vasco*, publicado pelo jornal *As Novidades*, e *A Descoberta e conquista da India pelos portuguezes*, premiado no concurso litterario aberto pelo *Diario de Noticias* e publicado no mesmo jornal, devendo sahir brevemente uma outra edição illustrada.

No theatro estreiou-se em 1881, escrevendo a comedia em 1 acto, *Uma noiva no prego*, que se representou pela primeira vez no Gymnasio, em beneficio do actor Montedonio e que foi representada por elle, Mello, Moniz e Beatriz. Não desagradou, mas fez pequena carreira.

Em 1898 concorreu ao concurso de um drama historico, aberto pela commissão do centenario da India, com o drama em 5 actos, *A Descoberta da India ou o reinado de D. Manuel*, que obteve o terceiro logar, sendo premiado e por isso publicado em edição official.

1857 — Morre em Lisboa, victima da febre amarella, o engraçadissimo actor **Brêa.**

Não posso garantir, por falta de elementos, em que theatro se estreiou **Antonio José Brêa.**

Uma irmã sua, fallecida ha alguns annos, e que era galinheira na Praça da Figueira, affiançou-me que o vira representar no velho Salitre.

Posso affirmar que, no anno de 1852, fazia elle parte d'uma companhia, de que era emprezario o Gil (pae) e que estava trabalhando em Aldeia Gallega.

Nas minhas recordações de rapaz lembro-me de o ter visto no theatro da Rua dos Condes, n'uma comedia intitulada *Protesto de viuva*, em que fazia um papel de sapateiro d'escada, sendo applaudidissimo. Ahi cantava elle uns *couplets*, com o estribilho: *Mas eu cá não o digo a ninguem!* que eram repetidos innumeras vezes.

Tambem me lembro d'elle na *Revista de 1855*, no theatro de D. Fernando, em que n'um papel de asylado causava tambem grande enthusiasmo, repetindo egualmente vezes sem conto outros *couplets*, que terminavam sempre com esta phrase: *Fóra o mais que eu não quero contar!*

Era um bello actor comico e com grande popularidade.

1875 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria o drama original de Silva Gayo, **Fr. Caetano Brandão.**

Esta peça, que já tinha sido impressa, obteve um grande exito da parte do publico e da critica.

Distinguiu-se muito no desempenho o actor Pinto de Campos.

7

1880 — Dá um concerto em Lisboa, no theatro dos Recreios, a pianista brazileira **Luiza Leonardo**, sendo muito festejada.

Esta pianista eximia, que tinha diante de si um futuro brilhante, preferiu a ser uma notavel professora e concertista, uma actriz má.

Dedicou-se á vida do theatro e nunca conseguiu agradar no Rio de Janeiro. Ultimamente tem andado como primeira figura da companhia de Moreira de Vasconcellos, um actor-auctor que percorre com mediocres artistas o norte e sul do Brazil.

1891 — Morre em Lisboa, victimada por uma congestão cerebral, a actriz **Luiza Candida**.

Começou no theatro de D. Fernando, fazendo ingenuas e protegida pelo actor Santos. Quando se inaugurou o theatro das Variedades, em 1858, fazia parte da companhia e póde dizer-se que quasi era ella a *estrella* d'aquelle grupo, de que já fallei, a 1 de fevereiro.

Apaixonou-se ahi por ella o Manuel Montanha, rapaz conhecidissimo em Lisboa, e que depois fundou o Café do Arco do Bandeira, que ainda hoje tem o seu appellido. Por causa da **Luiza Candida** andava quasi maluco, ao ponto de uma vez, durante a representação, levantar-se na friza em que estava e desafiar toda a platéa! N'essa mesma noite resolveu que ella não voltaria ao theatro e assim foi.

Do Montanha passou a **Luiza Candida** para o filho do Neves alfaiate, que com ella fez tambem extravagancias diversas. Quando não teve quem a sustentasse, e para não mecher no capital que juntára, voltou para o theatro, Rua dos Condes, Principe Real, Variedades... Ainda apaixonou dois emprezarios, ambos de bigode e pera, tres actores, todos tres Carlos, e não sei quantos espectadores, com bigodes e sem e'les e de nomes diversos.

No fim da vida, já não podendo explorar, foi explorada, mas ainda deixou um predio e mais valores a uma filha unica, modelo de bondade e honestidade e que ainda em vida da mãe casou satisfatoriamente, como muito o merecia.

Como actriz, **Luiza Candida**, teve certo prestigio no publico emquanto possuiu mocidade e uma voz fresca, depois foi decahindo a ponto de ninguem a querer contractar.

Tinha no theatro a especialidade de fazer na perfeição as mulheres populares do Norte, viciando muito bem a pronuncia.

Dizia-se geralmente que não admirava esta habilidade, porque viera pequena de Ovar e vendera peixe em Lisboa. Não sei o que n'isto haveria de verdade e já agora não vale a pena dar ao trabalho de averigual-o.

8

1812 — Nasce em Belem o distincto escriptor dramatico e jornalista **José Maria da Silva Leal**.

Desde os 16 annos que começou a cultivar as boas lettras, ao lado de Garrett, Castilho e Herculano. Se teve parte activa no movimento politico e jornalistico do seu tempo, muito maior a teve no movimento litterario e artistico.

Foi secretario do Real Conservatorio de Lisboa, vogal da commissão inspectora do theatro nacional, presidente da commissão do jury dramatico em 1879, membro da commissão organisadora d'uma nova academia dramatica, sendo sua a redacção do projecto d'estatutos, commendador da Ordem de Christo e tivera o titulo de conselho.

Advogou sempre a causa da Arte e o theatro teve sempre n'elle um defensor nos muitos jornaes que fundou, redigiu e em que collaborou. Entre estes citarei: *O Beija-flor*, *A Illustração*, *O oculo*, *Revista Universal Lisbonense*, *Revista do Conservatorio Real de Lisboa*, *Bibliophilo*, *Ecco*, *Gazeta de Portugal*, *Minerva*, *Mosaico*, *Ramalhete*, *Panorama*, *Universo Pittoresco*, *Sentinella do palco*, *Espelho do palco*, *Revista dos theatros*, *Jornal das Bellas-Artes*, *Espectador*, *Ecco dos theatros*, *Revista dos espectaculos*, *Entreacto*,

Dramaturgo, Archivo Pittoresco, Instituto, Revolução de Setembro, Jornal da Noite, Rataplan, Commercio de Portugal, etc

Traduziu do francez e hespanhol mais de 50 peças, algumas das quaes tiveram grande successo, como: *Baile de creados, As ligas de minha mulher, Os herdeiros do Czar, A Giralda, O Judeu errante, Fé, esperança e caridade, O filho do Diabo, A Fada das rosas, O Duende, O Diabo a quatro, A Condessa de Sennecey, O Conde de Monte-Christo, A Campainha do Diabo, Os ciganos de Paris,* etc.

Peças originaes escreveu as seguintes: *O Intrigante de Veneza,* drama em 5 actos; *D. João I,* drama historico em 5 actos em collaboração com o notavel jurisconsulto Silva Bruschy; *A Côrte de Carlos II,* comedia em 2 actos com musica e baile; as comedias em 1 acto: *Qual dos dois?* em collaboração com Mendes Leal e musica de Frondoni; *A Industria,* com musica de Manuel Xavier; *O Futuro,* com musica de J. G. Daddi; *O conselho dos dez,* em collaboração com Paulo Midosi e musica de Miró; *A Bruxa,* com musica de Frondoni; *Um bom homem de outro tempo,* tambem com musica de Frondoni, assim como *Os amores de um soldado.* Fez duas operas comicas, *Um passeio pela Europa,* em 4 actos, musica de J. G. Daddi, que foi expressamente escripta para o theatro das Laranjeiras, e *O Casamento e a mortalha no ceu se talha,* em 2 actos, musica de F. M. Carrara, tambem para o mesmo theatro. Compôz duas farças lyricas em 1 acto, *Um par de luvas,* para a qual escreveu musica o maestro Casimiro; e *O Beijo,* a celebre composição que iniciou brilhantemente o genero entre nós, para a qual escreveu deliciosa musica o maestro Frondoni e que foi immensas vezes representada nos theatros do Salitre, Rua dos Condes, S. Carlos e Laranjeiras. Foi impressa em tres grandes edições, que se esgotaram.

Silva Leal, um mestre da nossa lingua, pelo que o alcunhavam de *Recta pronuncia,* morreu em Lisboa, na rua Direita dos Anjos, a 20 de março de 1883, com setenta annos e cinco mezes de edade. Foi sepultado no jazigo n.º 2:977 do cemiterio dos Prazeres.

Segundo informação fornecida por seu filho, o sr. Sebastião Correia da Silva Leal, o escriptor distincto de que tratamos deixou inedito um drama em 5 actos, *A escrava portugueza* e uma comedia em 1 acto com musica, *Casamento de entrudo.* Deixou tambem incompletas duas peças: *Luiz de Camões* e *Bernal francez.*

1831 — Nasce em S. Bartholomeu de

Messines (Algarve) o sublime poeta e auctor da *Cartilha Maternal,* o grande lyrico **JOÃO DE DEUS.**

Não precisa a memoria do maior poeta lyrico que Portugal tem possuido, e não precisa porque todos o amaram e todos aindam choram por elle, as creancinhas que educava com tanto carinho, a mocidade que elle ensinou a amar e os velhos que o contemplavam com respeito, não precisa, repito, a memoria d'esse vulto gigante da nossa litteratura, que registremos aqui os seus maravilhosos triumphos litterarios e pedagogicos. Falta-nos tambem competencia para o fazer.

Cumpre-me apenas deixar mencionado que **Joao de Deus** traduziu de dois poetas francezes, grandes como elle, Ponsard e Mery, cinco lindissimas comedias, que estão impressas com os seguintes titulos: *Horacio e Lydia, Amemos o nosso proximo, Ser apresentado, Ensaio de casamento* e *Viuva inconsolavel.*

João de Deus, o auctor do *Campo de Flo-*

res, morreu em Lisboa a 11 de janeiro de 1896 e está sepultado no convento dos Jeronymos, ao lado de Camões, Vasco da Gama e Alexandre Herculano.

1847 — Nasce em Lisboa o popular escriptor **Baptista Machado.**

A sua preoccupação desde creança foi o palco; estudando no collegio, no Lyceu ou na Escola Polytechnica, no que menos pensava era nas lições. Era um distincto amador dramatico nas sociedades de curiosos e começára a ser um auctor applaudido.

Quando era ainda muito novo, escreveu para o theatro da Rua dos Condes uma comedia em 1 acto, *Uma experiencia,* ornada de musica de Freitas Gazul, que então era tambem um novo. A comedia, que fez um enorme successo, representou-se depois em quasi todos os theatros de Lisboa, Porto, provincias, ilhas, ultramar e Brazil. Tinha apenas 3 personagens, uma engommadeira, um marujo e um sacristão. Mostrou logo ahi **Baptista Machado** a indole dos trabalhos, em que havia de primar. Não quer isto dizer que não poderia ter ido tambem muito longe em trabalhos de mais folego, se a elles se entregasse com cuidado e não os fizesse todos a galope.

Baptista Machado, como escriptor dramatico, tem abordado todos os generos e com felicidade. Seria longo enumerar todas as suas producções e mesmo a elle seria talvez difficil catalogal-as, mas vou tentar recordar-me das que mais successo alcançaram:

Dramas — *Mil Trovões, Corsario negro, Intrujões, Gaspar o serralheiro, Longe da vista* e *Bombeiro municipal.*

Comedias — *Tio Padre, Uma experiencia, União iberica, Não tem titulo, Tio Matheus* e *Gata borralheira.*

Revistas — *1870, Coisas do arco da velha, Coisas e loisas* e *Faz-me arranjo.*

Magicas — *Castello azul* e *Lotelim Rapioca.*

Monologos e scenas comicas — *Rataplan, Fui ver a Grã-Duqueza, O Cahos, Grande conquistador,* etc.

Sendo guarda-livros do theatro de D. Maria, aconteceu que, certa noite, n'uma recita em homenagem a Alexandre Herculano com o drama *O Bobo,* adoeceu repentinamente o actor Joaquim d'Almeida e a empreza ficou em serios embaraços. **Baptista Machado** offereceu-se para o substituir, quasi de improviso, em tão difficil papel.

A empreza acceitou, **Baptista Machado** foi, agradando, e desde esse momento ficou sendo actor.

N'esta carreira não estudou mais. Da mesma fórma que escreve a brincar, a brincar representava; os collegas riam e o publico quasi não o chegava a tomar a serio. Elle comprehendeu-o e retirou-se a tempo.

Baptista Machado tem por muitas vezes exercido o logar de ensaiador em diversos theatros, e, diga-se a verdade, com muito mais competencia do que outros que ainda actualmente o exercem.

Ultimamente **Baptista Machado** tem-se dedicado quasi exclusivamente ás lides jornalisticas. A *laracha* e por vezes a verrina são os seus melhores elementos de combate.

Atacado de terrivel doença de olhos, pouco vê, o que bastante é para lastimar, porque poderia ainda prestar bons serviços ao theatro, quando a isso se resolvesse.

1861 — Nasce em Nova-York a notavel cantora **Van Zandt.**

Estudou com sua mãe e depois com Lamperti em Milão.

Estreiou-se no papel de *Zerlina* do *D. João* em Turim.

Em seguida foi contractada para o Covent-Garden de Londres, estreiando-se ahi com grande exito em maio de 1879, na *Somnambula.*

Em Paris cantou pela primeira vez na *Mignon,* na Opera Comica, a 20 de março de 1880.

Por contractos que anteriormente tinha

assignado foi cantar de novo a Inglaterra e á Dinamarca.

Reentrou para a Opera Comica de Paris, a 23 de maio de 1881, sendo a primeira opera que então ahi cantou o *Perdão de Ploermel*. Logo em seguida fez a parte de *Cherubim* do *Casamento de Figaro*, e creou a *Lakmé* a 14 de abril de 1883.

Começou a entregar-se ao vicio da embriaguez, chegando a ir para a scena em estado deploravel. Isto deu causa a muitas representações tumultuosas do *Barbeiro de Sevilha* e da *Lakmé* e por fim a ser rescindida a sua escriptura a 27 de março de 1885.

D'ahi em diante **Maria Van Zandt** tem continuado a sua carreira percorrendo as principaes scenas lyricas do mundo. Esteve em Lisboa, onde bastante agradou, mas onde tambem acabou por desgostar o publico, que, já de antemão prevenido, julgava vel-a sempre *com um grão na aza*.

1865 — Morre o desditoso e distincto escriptor **Antonio Pedro Lopes de Mendonça**, de quem hei de tratar na data do seu nascimento, a 14 de novembro.

1873 — Morre em Lisboa o actor **José Antonio.**

Nunca se soube o appellido d'este actor, companheiro de outro, o Leal, ambos da mesma mediocridade e que morreram no mesmo anno, com o intervallo de 37 dias. Do Leal direi o pouco que ha a dizer no dia 16 de novembro, data do seu fallecimento.

O **José Antonio** fôra actor do antigo Salitre, onde só consta que se salientára no papel de *José Maria Truz* do drama de Cesar Perini de Luca, *Os tres ultimos dias de um sentenciado.*

Esteve o **José Antonio** depois na Rua dos Condes e passou para D. Maria, onde nada fez de bom.

Obteve uma pequena reforma, ao mesmo tempo que o Leal, e por essas ruas passeiavam os dois juntos até que a morte se lembrou de os levar.

10

1813 — Nasce em Roncolo, na Italia, o grande maestro **José Verdi.**

É esta a verdadeira data e localidade do seu nascimento, conforme o *facsimile* da sua certidão de baptismo, que vi, e não em Busseto, a 9 de outubro, no anno de 1814, como erradamente tem dito quasi todos os seus biographos.

Verdi era filho de um pobre estalajadeiro, sem os meios precisos para lhe dar a educação artistica, que a sua vocação reclamava. Os primeiros rudimentos de musica recebeu-os de um pobre organista, de nome Provesi.

O capitalista Antonio Barezzi, reconhecendo as aptidões de **Verdi**, forneceu-lhe generosamente os meios de ir educar-se a Milão. Foi com uma filha de Barezzi que o maestro mais tarde casou.

Em Milão esteve **Verdi** até 1836, estudando sob a direcção do mestre do theatro Scala, o illustre Lavigna.

Durante esta epocha, trabalhando com afinco, já produziu **Verdi** algumas ligeiras composições, em que revelava surprehendentes qualidades de inspiração.

Voltou para junto de sua familia até 1839, nunca deixando de trabalhar e produzir.

Em 17 de novembro d'esse anno, **Verdi** conseguiu fazer representar no Scala de Milão com bastante successo a sua primeira opera *Oberto di San-Bonifacio*. A opera foi cantada pela meio-soprano Marini, pelo tenor Salvi e pelo baixo Marini.

Em seguida a este exito a empreza do Scala contractou por tres annos **Verdi** com a obrigação de escrever n'esse periodo tres operas.

No cumprimento d'este contracto, o seu primeiro trabalho *Il finto Stanislau* ou *Un Giorno di regno*, foi quasi uma queda; mas logo em seguida se levantou victoriosamente com o *Nabuchodonosor*, a 7 de março de 1842.

Logo depois, a 11 de fevereiro de 1843

outro grande successo com a sua opera *I Lombardi*, em cujo desempenho tomou parte a celebre Frezzolini.

D'ahi em diante até á actualidade, tantas operas quantos os triumphos.

O mundo inteiro se tem curvado em reverente adoração, para se levantar enthusiasmado nas mais phreneticas ovações a **Verdi**, o sublime compositor do *Ernani, I due Foscari, Giovanna d'Arco, Alzira, Attila, Macbeth, I Masnadieri, Assidio di Arlem, Il Corsario, Luiza Miller, Stiffelio, Rigoletto, Il Trovatore, La Traviata, Vesperas Sicilianas, Aroldo, Simone Boccanegra, Un ballo in maschera, Don Carlos, La forza del Destino, Aïda, Missa de requiem, Falstaff* e *Otello*.

1816 — Nasce em Lagos, no Algarve, **Francisco Duarte de Almeida Araujo.**

Era redactor das sessões da Camara dos Pares, cavalleiro da Conceição e de S. Thiago. Era um homem intelligentissimo e de muita illustração, mas completamente desauctorisado pelo seu constante estado de embriaguez. Ultimamente era visto sempre de taberna em taberna, com um pequenino cão ao cólo e discursando pelas ruas, nos cafés ou nos theatros.

N'uma noite representava-se no velho theatro da Rua dos Condes a sua comedia, *Ha mais Marias na terra*. Agradava muito e o publico applaudia com enthusiasmo. Só elle, que lá estava com o cão ao cólo, pateava desesperadamente. Protestos geraes dos espectadores e elle pateando cada vez mais e interrompendo o espectaculo. Interveiu a auctoridade, querendo pôl-o fóra. Então levantou-se indignado e exclamou:

— Porventura um pae não póde castigar uma filha?! A comedia é minha; não gosto, estou no meu direito de patear!

Em elle assistindo a algum espectaculo, o escandalo era quasi sempre certo. Embirrava com o primeiro sujeito que se lhe approximava, empurrava-o e, gaguejando, perguntava-lhe:

— O se...nhor quer... u...ma lucta... comigo?

Foi pena entregar-se a tal vicio, porque grandes serviços poderia ter prestado ás lettras patrias.

Ainda assim collaborou brilhantemente em diversos jornaes e deixou ficar obras valiosas, entre as quaes: *Historia de Portugal até á morte de D. Maria II, Chronica da Rainha D. Maria II, Tomada de Santarem, Leiria. Immortalidade da alma, Batalha de Campo d'Ourique*, etc.

Traduziu a *Historia dos Girondinos* de Lamartine e traduziu e annotou a *Historia do Consulado e do Imperio* de Thiers.

Para o theatro escreveu de collaboração com Costa Braga o drama patriotico *1640 ou a Restauração de Portugal* e a comedia *Ha mais Marias na terra*, que fizeram muito successo. Escreveu tambem um drama *Vasco da Gama*, que nunca se representou, mas foi impresso.

Foi socio da Associação do theatro da Rua dos Condes, e elle com o livreiro Verol e o regedor Torrezão eram a nota burlesca d'umas celebres assembléas geraes, que ficaram memoraveis pela troça e pelos escandalos.

1834 — Nasce no Porto **Antonio Moutinho de Sousa.**

Depois de fazer os seus primeiros estudos, seguiu a vida commercial no estabelecimento de seu pae.

Em 1858 embarcou para o Rio de Janeiro na intenção de ir alli seguir a carreira dramatica. Entrou para o theatro do Gymnasio d'aquella cidade a 3 de abril do mesmo anno e a 28 de julho casou com a actriz brazileira, Ludovina De-Vecchi, que morreu dois annos depois.

Em 1863 **Moutinho de Sousa** regressou a Portugal.

No *Correio Mercantil*, folha que se publicava no Rio de Janeiro em 1858, n'um dos numeros de maio, lia-se n'um artigo sobre theatro o seguinte:

«A arte dramatica brazileira, que ha alguns annos nada havia produzido que mereça attenção, acaba de ser enriquecida com dois raros talentos, d'aquelles que nascem com o individuo, os srs. Furtado Coelho e **Moutinho de Sousa**. Para elles a

arte appareceu-lhes sob a fórma de uma d'essas mulheres bellas e voluptuosas de que fallam esses phantasticos contos allemães, cujos caprichos e encantos fascinavam a todos que as cercavam, e fascinou-os pelo amor e pela gloria.»

Transcrevi aqui este periodo para notar a coincidencia que se deu com os dois artistas, alli tão enthusiasticamente louvados. Ambos depois casaram com duas filhas do actor Simões, a Lucinda e a Amelia, e ambos egualmente se divorciaram d'ellas.

Moutinho de Sousa foi por diversas vezes emprezario e ensaiador nos theatros do Porto. Tambem foi ensaiador no theatro da Trindade, de Lisboa.

Como escriptor conheço dois dramas seus originaes, *Amor e honra* e *Fumo sem fogo*; um imitado, *Pelayo ou a vingança de uma affronta*, e outro traduzido, *Romance de um mancebo pobre*.

Moutinho de Sousa falleceu quasi repentinamente no Porto, a 27 de abril de 1898.

1842 — Nasce **Henrique Luiz Feijó da Costa.**

Viveu apenas 22 annos, pois que morreu victima de uma tuberculose a 12 de março de 1864; mas foi bem sentida a sua morte, pelo muito que se dedicou ao estudo das bellas-artes.

Descreveu mais de 1:200 desenhos no catalogo da Academia e colligiu apontamentos para biographias de 200 artistas. Foi alumno distincto do Curso Superior de Lettras.

Deixou impressos tres interessantes volumes, um de magnificos contos, outro de biographias artisticas e ainda outro com a descripção das armas e brazões do reino.

Para o theatro escreveu a comedia-drama em 2 actos *Mysterios do mundo* e a comedia em 1 acto *Um morgado*.

1866 — Constitue-se em Lisboa uma sociedade com o capital de 80 contos de réis para a edificação do **Theatro da Trindade** e salão de concertos e bailes.

D'esta empreza tomára a iniciativa Francisco Palha, auxiliado com os capitaes de Francisco Chamiço, Fortunato Chamiço, Duque de Palmella, Frederico Biester, Oliveira Machado, Freitas Guimarães, Ribeiro da Cunha, Antonio Thomaz Pacheco e outros.

II

1857 — Morre em Lisboa, na travessa da Palha, hoje rua dos Correeiros, á esquina da travessa e hoje rua de Santa Justa, victimado pela febre amarella, o excentrico escriptor **Antonio Pereira Ferrea Aragão.**

Conheci-o bastante, porque fui alumno interno no seu collegio e com elle estudei instrucção primaria, latim e francez.

Ferrea Aragão, cavalleiro de Christo, doutor em mathematica pela Universidade de Paris, professor de Humanidades, director de varios collegios de educação, escrivão do tribunal da Relação, nasceu na aldeia da Torre, a duas leguas de Trancoso no anno de 1801.

Era conhecido em Lisboa pelas suas excentricidades. Tendo ficado viuvo pela primeira vez, logo depois foi á Santa Casa da Misericordia. Perguntaram-lhe o que desejava. Respondeu:

— Quero casar!

Movimento geral de espanto.

— Não olhem para mim; quero uma mulher.

Perguntaram-lhe se era uma creada que ia buscar.

— Já lhes disse que quero uma mulher para casar.

E assim foi. Casou com uma rapariga perfeita, que tinha fama de boa e posso affiançar que boa sahiu como dona de casa, como mãe excellente e esposa digna.

Todos os domingos de tarde era visto no Passeio Publico o **Ferrea Aragão** com o seu barrete de seda preta, que elle chamava *soli Deo*, por baixo do chapeu alto, levando a esposa ao lado, e á frente um rancho de raparigas gordas e córadas, que eram as filhas.

Era uma familia aquella que dava alegria.

Quando a maldita febre amarella atacou Lisboa, em 1857, depois de nos ter dizimado o cholera em 1856, morreram familias inteiras.

Quasi assim aconteceu á familia **Aragão**.

N'uma semana morreu o chefe, dois filhos, o Antonio e o Arthur, dois bellos rapazes, as filhas Gloria, Iria, Leopoldina e Virginia, a antiga criada Brigida e o prefeito do collegio.

Ficaram apenas a filha Emilia, que casou com o publicista Silva Lobo, morrendo pouco depois, e a viuva, que casou em segundas nupcias com o pae dos musicos Lami. Tambem já ella desappareceu.

Ferrea Aragão tinha duas manias, a mnemonica e a litteratura. Por causa da primeira sustentou enormes luctas com a classe do professorado; queria applicar a tudo a mnemonica; entendia elle que quem sabia mnemonica nada mais precisava saber.

A litteratura foi tambem um dos seus flagellos.

Escrevia odes com que massava a humanidade em geral e em especial o Papa Pio IX, a rainha D. Maria II e o rei D. Fernando, aos quaes as dedicava.

No campo do romance póde avaliar se o massador que seria pelos titulos das obras. Nada menos que os seguintes: *Virginia, Affonso e Corina, ou o mais nobre sacrificio do coração de duas virgens: A Orphã portugueza e o seu tutor, ou as duas ultimas venerandas victimas da usurpação dos Filippes; Elisa ou a portugueza virtuosa*, etc.

A sua maior preoccupação, porém, foi o theatro.

Passou metade da vida a fazer peças, sem nunca conseguir vêl-as representadas.

Lembro-me que d'uma vez convidou os artistas do theatro de D. Maria para ouvirem a leitura de um seu drama. Á hora competente sahiu de casa com o manuscripto debaixo do braço e eu acompanhei-o. A leitura era no salão nobre; estava a companhia em peso e diversos jornalistas e auctores dramaticos. Sentaram-se todos e começou a leitura.

Quando findou o primeiro acto, quasi todos dormiam. Durante o segundo foram sahindo á formiga, a ponto de, quando elle acabou a leitura, olhar em roda e só me ver a mim, já com abrimentos de bocca e olhos vermelhos.

Ergueu-se n'um impeto, metteu a peça debaixo do braço e sahiu do theatro tão cego de colera, que foi esbarrar n'um dos frades de pedra, que circumdavam o Rocio, cahiu, quebrou uma perna e esteve dois mezes de cama!

Nunca os actores estudaram uma unica peça sua!

Duas apenas foram representadas por curiosos: *O Cego da fonte de Santa Catharina*, no theatro de D. Fernando, fazendo o principal papel e ensaiando a peça um sapateiro de appellido Ferreira, por quem o **Aragão** tinha grandes considerações em reconhecimento; e a comedia *Os Estudantes da Polytechnica ou o sabio improvisado*, que, apezar de ter um só acto, levava duas horas a representar-se, e que eu com outros companheiros de collegio, ensaiados pelo actor Bernardo Victor de Mendonça, démos no theatro da Graça.

As outras peças de **Ferrea Aragão**, que se não representaram, mas se imprimiram, foram: *D. Pedro Duque de Coimbra, A Rainha Santa Izabel e D. Diniz, Affonso e Virginia* e *As Duas orphãs portuguezas*.

1862—Canta pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, o sublime tenor **Pietro Mongini**, um dos mais notaveis que teem vindo a Portugal.

Mongini causou fanatismo na platéa de S. Carlos.

Na epocha de 1862 a 1863 cantou nas seguintes operas: *Martha, Lucia de Lammermoor, Vesperas sicilianas, Somnambula, Rigoletto, Baile de mascaras, Barbeiro de Sevilha, Lucrecia Borgia* e *Othello*.

Em 1863 a 1864 cantou o *Trovador, Gemma di Vergy, Puritanos, Semiramis, Guilherme Tell, Propheta* e *Fingal*.

Em 1864 a 1865 cantou a *Favorita* e *Anna Bolena*.

Em 1865 a 1866 cantou a *Traviata, Fausto, Vestal* e *Joanna de Napoles.*

Em 1866 a 1867 cantou *Os Lombardos, Luiza Miller, Ernani* e *Huguenottes.*

Em 1867 a 1868 cantou a *Muda de Portici* e *D. João.*

N'esta ultima epocha a empreza resolveu fazer cantar a opera *Arco de Sant'Anna* do maestro Sá Noronha.

Recusaram-se a entrar n'ella o barytono Boccolini e o tenor **Mongini**, que foram substituidos por Mendieroz e Bulterini.

A opera agradou muito.

O publico resolveu patear os que se tinham recusado a cantar a producção nacional.

A primeira vez que Boccolini appareceu em scena, foi recebido com uma estrondosa pateada. **Mongini**, a quem estava destinado o mesmo acolhimento, protestou que tal não lhe havia de succeder e quebrou a escriptura, recusando-se a cantar mais em S. Carlos.

Mongini possuia a mais linda, extensa e flexivel voz que se tem ouvido no nosso theatro lyrico. Era de um timbre purissimo, pastosa e sentimental, adaptando-se com maravilhosa facilidade a todos os generos.

É esta a auctorisada opinião de Fonseca Benevides, que accrescenta: «**Mongini** tinha tambem agilidade, cantando magistralmente o duetto de *Moysés* e o *Othello;* mas de todas as qualidades que possuia a mais notavel era a expressão e o sentimento, ao que a extraordinaria voz que tinha se prestava de um modo surprehendente. Ficaram memoraveis, pela maneira especial com que foram executados pelo celebre tenor, o duetto da opera *Moysés*, de Rossini, o tercetto de *Guilherme Tell,* de Rossini, a romanza do 1.º acto, settemino do 3.º e duetto do 4.º da opera *Huguenottes,* de Meyerbeer.»

Felizes tempos aquelles em que um tenor como **Mongini** era reconduzido em seis epochas consecutivas e ainda acompanhado de outros do valor de Neri, Capponi, Tombesi, Stagno, Naudin e Bulterini.

Mongini morreu de uma lesão cardiaca, a 27 de abril de 1874, em Milão.

1879 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *Babiole,* uma das quatro manas Rochedo, a **Hortense**, que é graciosa em scena, mas nunca passou de fazer pequeninos papeis e cantar córos.

1890 — Estreia-se no theatro da Trindade, fazendo a *Fada* da magica *O Gato Preto,* a actriz **Rogelia Cardó**.

Veiu para Lisboa com uma companhia de zarzuela para o theatro dos Recreios. Deixou-se cá ficar, casando com o Nery, então dono do botequim d'aquelle theatro e que depois foi camaroteiro de S. Carlos, morrendo em 1897.

Quando **Rogelia Cardó**, por seu marido estar desempregado, se viu falta de recursos, fez-se actriz portugueza. Nem a pronuncia nem a figura a ajudam e por isso a carreira tem sido modestissima aqui e no Porto.

Na Trindade, além do *Gato Preto,* só fez a *Beatriz* do *Boccacio.*

Ultimamente esteve contractada na empreza de Salvador Marques, no theatro da Avenida.

12

1813 — Inauguração do **Theatro de S. João**, do Rio de Janeiro, com a opera *Juramento dos Numes,* poema de Gastão Fausto da Camara, musica de Marcos Portugal.

Este theatro foi destruido por um incendio em 24 de março de 1823, sendo depois reconstruido com o nome de *theatro de S. Pedro d'Alcantara.*

1860—Estreia-se no theatro de S. Carlos, na opera *Lucia di Lammermoor*, a cantora **Elisa Hensler**.

Cantou depois as operas *I Masnadieri, Gemma di Vergy* e *Baile de mascaras.* N'esta ultima fazia o *pagem*, em que apparecia elegantissima.

Tambem cantou n'algumas recitas uma valsa de Venzano, sendo muito applaudida.

Terminando a epocha, ficou em Lisboa. Tomou depois o titulo de Condessa d'Edla, casando com o rei D. Fernando, pae dos

reis D. Pedro V e D. Luiz I. Depois de viuva continuou vivendo em Portugal.

1864 — Nasce a actriz **Luiza d'Oliveira.**

Começou por amadora. Estreiou-se como artista no theatro do Principe Real, na magica *A Princeza dos cabellos de oiro.* D'ahi foi para o theatro Alegria, em seguida para o da Avenida, depois para a Rua dos Condes. Fez duas digressões aos Açores e actualmente trabalha no Porto, no novo theatro Carlos Alberto.

Pouco tem progredido e já agora pouco ha a esperar d'ella. Em companhias populares tem sua utilidade, porque se apresenta regularmente e remedeia em papeis de diversos generos.

1878 — Morre a distincta actriz **Anna Cardoso.**

Era o que se podia chamar uma mulher feia, mas uma mulher de talento.

Estreiou-se no theatro da Rua dos Condes em 1853 e appareceu depois brilhantemente, no theatro de D. Fernando, fazendo a *Emparedada* da peça de Braz Martins *O Rei e o Eremita.*

Passou para o Gymnasio, onde esteve mais de vinte annos, fazendo distinctissimamente um grande repertorio de dramas, comedias e farças, sobresaindo na *Tia Maria, Dente da Baroneza, Fidalguinho, Tia Anna de Vianna, Nem Cesar nem João Fernandes,* etc.

Foi depois ao Brazil, onde muito agradou, e, regressando a Portugal, entrou para o theatro de D. Maria, onde ainda se tornou distincta nos dramas *Morgadinha dos Canaviaes, Loucura ou santidade, Visconde de Letorières,* etc.

1886 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *Gilette de Narbonne* o actor **José Cardoso Galvão.**

Começou a carreira d'actor no Porto, onde tinha um certo nome e prestigio, o que lhe deu escriptura para a Trindade, e ahi teve alguns papeis de agrado.

Esteve depois no theatro da Avenida e na Rua dos Condes. Com a companhia de Lucinda Simões deu tambem alguns espectaculos no theatro D. Amelia.

Tem percorrido varias terras da provincia e foi por duas vezes ao Brazil, a primeira com a companhia de opereta da Manzoni e a segunda com a companhia dramatica de Lucinda.

Do seu repertorio citam-se como os seus melhores papeis os da *Filha do Tambor-mor, Princeza das Canarias* e *Surcouf.*

13

1854—Estreia-se no theatro de S. Carlos, o celebre choreographo, bailarino e violinista **Saint-Léon,** uma verdadeira notabilidade europêa.

Como choreographo era de notavel originalidade e delicadeza, o melhor que tem apparecido no genero; como bailarino fazia enormes difficuldades e tinha o segredo de fazer-se applaudir e não tornar-se ridiculo; como violinista tinha grande expressão e gosto e tocava algumas peças que elle mesmo compunha.

Saint-Léon esteve contractado em Lisboa até 1856, isto é, fez duas epochas, nas quaes fez subir á scena as seguintes espectaculosas e lindissimas dansas: *La Rozière, Saltarello, Lia la bayadére, As Abelhas, O Duende do Valle, As afflicções de Zepherina, As flores animadas, A Vivandeira, A Rabeca do Diabo, Bailados allegoricos, Sataniel ou a estatua encantada, Paquerette ou o desertor, Triumvirato amoroso, Os saltimbancos, As estrellas cadentes, Stradella* e *Bailados chinezes.*

1865 — Estreia-se no theatro de D. Maria, no drama *Sabina Maupin,* o actor **João Rosa Junior,** que já havia representado no Porto e no theatro de S. Carlos, em recitas dadas por seu pae com o drama *Ricardo III.*

Do distincto actor **João Rosa** já fallei na data do seu nascimento, a 18 de abril.

1869 — Nasce em Bellas o actor **Luiz Ramos.**

Estreiou-se no theatro do Principe Real em 1893, no drama *Os Tavoras.*

Entrou ahi em diversas peças, passando depois para a companhia de Lucinda Simões, no theatro da Rua dos Condes.

Em 1897 foi escripturado para o theatro da Trindade, onde se estreiou com applauso no drama *A Honra* e, entre outros papeis, fez bem caracterisado um antigo sapateiro na *Parteira anatomica.* É aproveitavel.

14

1679 — Nasce na Guarda **Luiz da Costa e Faria.**

Musico distincto, escreveu: *Fabula de Alfeo,* com que se festejou a 24 de junho de 1712 o nome do Rei D. João V; *El poder de la Harmonia,* zarzuela que se representou a 22 de outubro de 1713 no paço de D. João V; *Vilhancicos* que se cantarám a 22 de janeiro de 1719, em honra de S. Vicente, e depois outros em egual dia dos annos de 1721, 1722 e 1723.

1888 — Inaugura-se em Paris, no angulo do boulevard Haussmann e da Avenida Messine a estatua do grande poeta inglez **Shakespeare.** É magnifico o trabalho de Paulo Fournier.

Em volta do pedestal leem-se os nomes das principaes obras do poeta: *Othelo, Ricardo III, A tempestade, Romeu e Julieta, Henrique VIII, Macbeth* e *Rei Lear.*

O conselho municipal de Paris, em sessão de 22 de junho de 1888, acceitou por unanimidade que a estatua de **Shakespeare** fosse collocada n'um dos bairros de Paris mais habitados pela colonia britanica.

15

1812 — Publicação do **Decreto de Moscow,** com que Napoleão I organisou a Comedia Franceza.

Este decreto tem sido por diversas vezes modificado.

O que actualmente rege verdadeiramente a casa de Molière é o decreto de 27 d'abril de 1850, com algumas modificações determinadas em 19 de novembro de 1859 e 22 d'abril de 1869.

1857 — Morre, victimado pela febre amarella, que n'esta epocha assolou Lisboa, o grande actor **Epiphanio,** de quem disse o muito que valia, na data do seu nascimento, a 7 de abril.

1859—Estreia se no theatro de S. Car-

los na tragedia *Medea* a sublime e incomparavel tragica **ADELAIDE RISTORI.**

No céu da Arte nunca resplandecera nem tornou a brilhar astro mais fulgurante.

Lisboa inteira, como acontecera em todas as grandes cidades que percorreu, ficou assombrada com as maravilhas de aquelle genio collossal.

Passados 18 annos ainda voltou a S. Carlos a grande tragica.

No mundo sublime da Arte, **Ristori** ainda não foi excedida. Só ultimamente a critica tem approximado do seu pedestal a prodigiosa actriz Eleonora Duse.

No apogeu da sua gloria fizeram-lhe os mais rasgados e mais justos elogios os illustres escriptores Paul de Saint Victor, Maffei, Cavour, Samson, Giacometti, Martinez de la Rosa, Theophilo Gautier, Wolfsonchs, Legouvé, Vigny, Alexandre Dumas, Lamartine, Jules Janin, e, entre nós, o grande cégo Castilho.

A critica d'esta celebridade está feita a letras de ouro por centenas de notabilidades litterarias do mundo inteiro.

Em Lisboa representou sublimemente, entre outras, as seguintes peças: *Medea, Maria Stuart, Judith, Phedra, Francisca de Rimini, Izabel rainha d'Inglaterra, Myrrha, Adriana Lecouvreur* e *Maria Antonieta.*

Da notabilissima tragica italiana dizia em novembro de 1859 o nosso eminente poeta Castilho:

«**Ristori** resuscitou a tragedia, ou antes **Ristori** foi o Pigmalião d'esta poesia estatua, que ficará de pé no meio d'esta litteratura, tão diversa em tudo, emquanto subsistir a fada que a evocou.

«A tragedia e **Ristori** morrerão no mesmo dia.»

Na *Revista Contemporanea* dizia Ernesto Biester: «Saudemol-a com um bravo intimo; é o mais a que podemos aspirar. Nunca a nossa penna de chronista nos pareceu tão mal aparada. Agita-nos a impressão e debalde tentamos transformal-a em palavra.»

1887 — Estreia-se no theatro da Trindade na comedia em 1 acto, *Carneiros na sobreloja* a actriz **Augusta de Mello.**

Este livro, seguindo a ordem chronologica, feito por datas, obriga-me por vezes a verdadeiras torturas de espirito.

Agora, por exemplo, depois de me concentrar em adoração pela sublime Ristori e elevar-me ás ideaes regiões da Arte, pela fatal lei dos algarismos, sou obrigado a despenhar-me nas profundezas da vulgaridade para fallar da actriz **Augusta de Mello.**

Vale-me a consolação de bem pouco ter que dizer, porque **Augusta de Mello**, que começou nas provincias e no Chalet da Rua dos Condes, passou ao theatro dos Recreios, depois á Trindade, Alegria e Avenida, sem que, em qualquer dos theatros, mostrasse grandes aptidões ou esperanças de futuro risonho.

Quando magra, ainda tinha certa utilidade, mas engordou despropositadamente, o que lhe prejudicou os dotes physicos, sem que a pratica da scena lhe désse maior valor como actriz.

1895 — Estreia-se no theatro de D.

Amelia, o notavel actor **NOVELLI.**

No mesmo dia em que completavam 36 annos que se estreiára em Lisboa a incomparavel actriz italiana Ristori, estreia-se o eximio actor **Ermete Novelli.**

A Italia, que nos tem enviado astros de primeira grandeza, talentos sublimes como os de Ristori, Salvini, Rossi, Mayeroni, Emanuel, Pasquali, Casilini, Catalani, Pezzana, Boccabadati, Marini, Alboni, Tedesco, Tessero, Mongini, Fricci, Cotogni e outras notabilidades tragicas, dramaticas e lyricas, talvez nunca nos enviasse um artista que tanto impressionasse o publico, os artistas e a imprensa, como **Novelli.**

Daria motivo a grande controversia e a profundas investigações o procurar as causas do agrado excepcional de **Novelli**, que é inquestionavelmente um artista de primeira ordem, mas sem ter aquella sublimidade tragica de Salvini, que nos fazia estremecer de sagrado terror; sem ter aquelle aspecto encantador do Rossi, que nos enchia de enthusiasmo; sem ter aquella voz cheia, intensa e maleavel e aquella grandiosidade tragica da Ristori, que nos assombrava; sem ter aquella figura imponente e o gesto vibrante de Mayeroni, que empolgava o publico; sem ter de Emanuel aquella maneira tão sua e tão justificada que nos constrangia a respeital-o.

Ermete Novelli, se por vezes está abaixo de si proprio, tem desculpa no repertorio

que escolheu e em que estão incluidos trabalhos de todos os generos. Do programma dos seus espectaculos devia banir a *Madrinha de Charley, Mam'zelle Nitouche* e ainda outras peças inferiores.

Parece-nos que deveria tambem banir a tragedia. Sem qualidades algumas para a representar á altura grandiosa da sua sublimidade, quer tornal-a vulgar, fazendo-a *á moderna*, e cae n'uma vulgaridade deploravel, atraiçoando por completo o genero.

Onde **Ermete Novelli** é verdadeiramente grande e admiravel, é na comedia. Ahi é que elle se revela um actor *moderno*, realista e digno de todos os louvores, todos os enthusiasmos e toda a admiração. Que o testemunhe o maravilhoso desempenho que dá ao *Papá Lebonnard*, ao *Pão alheio* e outras peças que vivem principalmente dos pormenores de observação naturalista, em que **Novelli** é o primeiro.

O grande artista voltou a Lisboa, estreiando-se pela segunda vez a 29 de abril de 1898, com o drama *Alleluia* e a comedia *O gabinete n.º 13*. O publico, que acabava de pagar preços exhorbitantes para admirar a Duse, não concorreu por preços baixos a ver de novo o **Novelli**.

Não admira, porque o mesmo aconteceu á Ristori, ao Rossi, á Sarah, ao Coquelin, á Paladini e o mesmo acontecerá á Duse, se cahir na asneira de cá voltar.

Novelli seguiu d'aqui para Paris, onde deu poucas representações na Renaissance, agradando muito á critica no *Papá Lebonnard*, mas deixando n'outras peças inferior impressão, e não conseguindo attrahir nem emocionar o grande publico.

16

1843 — Estreia-se no theatro normal da Rua dos Condes, na comedia em 3 actos, traduzida do francez *O homem de cinzento*, a actriz **Carolina Emilia**.

N'um artigo de Mendes Leal, que tenho presente, elogia-se muito no desempenho d'esta comedia o actor Victorino e a nova actriz **Carolina Emilia**, que muito promettia.

Effectivamente depois, no theatro de D. Maria, muito agradou esta artista, que fez magnificos trabalhos, especialmente na comedia. Lembro-me de a ver fazer muitissimo bem uma pretenciosa ridicula n'uma peça de Cesar de Lacerda, que se intitulava *Joias de familia*.

Carolina Emilia, que se achava reformada pelos serviços prestados no theatro normal, morreu em Lisboa, como já mencionei, a 2 de outubro de 1877. Foi muitos annos companheira do actor Theodorico.

1847 — Nasce em Itaborahy, antiga provincia do Rio de Janeiro, **Francisco Gomes de Carvalho**, mais conhecido pelo **Chico Carvalho**.

Consta ter-se estreiado como regente de orchestra no theatro S. Januario, do Rio de Janeiro, em 1865.

Quando pela primeira vez fui á capital do Brazil, em 1881, era elle ensaiador de córos e primeiro violino da orchestra do theatro do Heller.

No começo de 1882 fundei a minha primeira empreza no Rio de Janeiro, no theatro Principe Imperial, e para ahi contractei o **Chico Carvalho**, como ensaiador de musica e regente da orchestra. Arranjou tambem diversas musicas para a peça phantastica *O Espelho da Verdade*, para a parodia *Mascotte Junior* e para outras peças.

Por diversas vezes e em diversas epochas foi meu empregado de confiança, mostrando sempre muita aptidão e zelo no cumprimento dos seus deveres.

Compoz musica para o vaudeville *Trem de Recreio*, que se representou no Principe Imperial, na empreza de Guilherme da Silveira, e para a peça d'espectaculo *Os Portuguezes na Africa*, de Moreira de Vasconcellos, que se representou na Phenix.

A sua especialidade como compositor são os tangos, que elle faz como ninguem; sendo os mais populares e de maior successo os seguintes: *As laranjas da Sabina*, *Mugunzá*, *Feijoada*, *Beringella*, etc.

17

1841 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, na comedia com musica *Belizario*, a actriz **Rozalina Cassano**.

Os jornaes da epocha tecem-lhe elogios, apezar de a acharem de estatura exaggerada e de a prejudicar a pronuncia italiana.

Rozalina Cassano, mais conhecida pela *Canaria*, por ser filha de um italiano, que vendia canarios no largo da Annunciada, possuia uma bella voz e durante muito tempo fez as delicias do publico de Lisboa, cantando quantas operas-comicas se davam na Rua dos Condes, D. Maria, Gymnasio e D. Fernando, tornando-se notavel no *Dominó preto*, e chegando a ser contractada para S. Carlos desde 1847 a 1850.

Por fim acabou em corista da Trindade, morrendo tão pobre, que se lhe fez o enterro por subscripção aberta no theatro.

Os frequentadores da Trindade lembram-se bem da velha *Canaria*.

1874 — Estreiam-se no theatro das Variedades, no drama *A Cabana do pae Thomaz* a actriz **Casimira** e o actor **Lara**.

Casimira, actriz de pequena estatura e myope, fez depois successo nas feiras das Amoreiras e Belem, cantando a parodia dos *Sinos de Corneville*. Ha muito que deixára de representar. Parece que voltou agora ás feiras.

Lara esteve n'uma companhia que organisei para a Rua dos Condes e andou depois pelas provincias. Desappareceu do theatro.

Com qualquer dos dois a Arte pouco ou nada perdeu.

18

1820 — Nasce o notavel poeta dramatico **José da Silva Mendes Leal Junior**.

Começou modestamente na imprensa, e pelo seu talento superior subiu aos mais elevados cargos. Assim, foi **Mendes Leal Junior** bibliothecario-mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa, deputado ás côrtes, socio effectivo e secretario da 2.ª classe da Academia Real das Sciencias, membro do Conservatorio e de outras associações litterarias e scientificas de Portugal e Brazil, conselheiro d'estado, ministro da marinha e dos negocios estrangeiros, commendador e grã-cruz de muitas ordens nacionaes e estrangeiras, socio das sociedades de geographia de Lisboa, Paris e Londres, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Madrid e depois em Paris. Foi exercendo este ultimo cargo que morreu.

A tudo isto subiu e tudo isto conquistou palmo a palmo, luctando sempre. E bem cruel foi por vezes a lucta que lhe moveram! Tudo conseguiu com muita honra, sem sollicitações, sem queixumes, trabalhando durante muitos annos, sem descanso, sem interrupção, sem esmorecimento, gastando a vida, offuscando a luz de seus olhos, debilitando o corpo, provando o animo nos revezes e privações.

Foi d'essa lucta tremenda que sahiu victorioso, respeitado na vida publica e litteraria, exercendo a sua intelligencia na poesia lyrica, na tragedia, no drama, na comedia, no romance, na philologia, na critica, na eloquencia academica e parlamentar, na historia, na biographia, nas bellas-artes, na politica doutrinal e na polemica.

Como jornalista illustre, os seus notaveis artigos encontram-se no *Tempo*, na *Lei*, na *Imprensa e Lei*, na *Opinião*, na *Restauração*, no *Telegrapho*, no *Estandarte*, na *Patria*, no *Jornal Mercantil*, no *Jornal do Commercio*, na *Politica Liberal*, no *Commercio de Lisboa*, no *Commercio do Porto*, na *Revista Contemporanea*, no *Mosaico*, no *Cosmorama Litterario*, na *Revista Universal*, na *Aurora*, na *Illustração*, no *Panorama*, na *Epocha*, na *Semana*, na *Revista Lusitana*, na *Illustração Luso-Brazileira*, na *Revista Peninsular*, na *Revista de Lisboa*, no *Archivo Pittoresco*, etc.

Publicou grande numero de estudos historicos e biographicos do maior valor, magnificos romances, e muitos e primorosos volumes de poesias.

A sua grande nomeada de litterato illus-

tre, alcançou-a no theatro, para o qual escreveu com espantosa fecundidade excellentes peças.

Foi **Mendes Leal** o primeiro continuador da obra de Garrett, o que lhe seguiu as pizadas, o primeiro a alcançar premio nos concursos de obras dramaticas.

Se nem todas as suas obras de theatro são perfeitamente originaes, ainda assim, essas, cuja origem foi beber na litteratura estrangeira, teem grande valor pela excellente adaptação. A maioria é portugueza e bem portugueza na fórma e no assumpto.

São innumeros os trabalhos de **Mendes Leal** na litteratura dramatica Procurarei citar o maior numero que me fôr possivel.

Dramas — *Os Dois renegados*, a sua primeira peça, representada no theatro da Rua dos Condes a 9 de julho de 1839 e premiada pelo jury dramatico: *O Homem da mascara negra*, *A Pobre das ruinas*, *D. Maria de Alencastre*, *O Pagem de Aljubarrota*, *Madre-Silva*, *O Tributo das cem donzellas*, *Os homens de marmore*, *O homem de ouro*, *Pedro*, *A Pobreza envergonhada*. *Alva estrella*, *A escala social*, *O braço de Nero*, *Marino Faliero*, *Os ultimos momentos de Camões*, *Ausenda*, *D. Antonio de Portugal*, *O Templo de Salomão*, *Pae e ministro*, *Saul*, *O Capitão Urgel*, *Viriato*, *Judith*, *Egas Moniz* e *Martim de Freitas*.

Comedias — *O Caçador*, *a Afilhada do barão*, *As tres cidras do amor*, *Quem porfia mata caça*, *A herança do chanceller*, *O tio André que vem do Brazil*, *Receita para curar saudades*, *Quem tudo quer tudo perde*, *Um romance por cartas*, *O bombardeamento de Odessa*, *Epitaphio e epithalamio*, *Flores e fructos* e *As cinco epochas*.

1834 — Nasce na cidade de S. Paulo (Brazil) **Clemente Falcão de Sousa**.

Formou-se na faculdade de direito da terra da sua naturalidade e alli foi lente cathedratico do 4.º anno juridico. Falleceu a 4 de abril de 1887.

Além de collaborar distinctamente em diversas folhas e escrever livros scientificos, são da sua penna os dramas representados com geraes applausos: *O mendigo de S. Paulo*, *Coração e dinheiro* e *O libertino*.

1880 — Estreia-se em Paris, no Odéon, o distincto actor **Paul Mounet**.

Nascido em Bergerac, em 1853, formou-se em medicina.

A sua estreia como actor foi no *Horace*. Representou depois *Andromaque*, *Iphigénie*, *Arlésienne*, etc. Creou *Formosa*, *Amhra*, *Severo Torelli*, *Jacobites*, *Numa Roumestan*, *Jacques Damour*, *Aveu*, *Marchande de Sourires*, etc.

Estreiou-se na Comédie Française a 15 de julho de 1889 no papel de *D. Salustio* do *Ruy Blas*. Nomeado societario em 1891.

Na Comédie já creou *Par le glaive*, *Reine Juana*, *Voile*, etc.

1884 — Morre em Lisboa o estudioso e benemerito critico d'arte, **Joaquim José Marques**, que nascera em 1836.

Tendo apenas 48 annos de edade, a morte roubou-nos este modesto e consciencioso investigador, citado com grande elogio por nacionaes e estrangeiros. Fétis faz-lhe referencias honrosissimas, assim como Theophilo Braga, Joaquim de Vasconcellos e outros.

Conheci-o muito em Lisboa, onde com elle collaborei na *Arte Musical* e no *Echo Musical* e conheci-o tambem no Rio de Janeiro, onde se empregou n'outros mistéres, mas sem abandonar os seus estudos predilectos.

Ás suas severas investigações se devem preciosas descobertas artisticas.

Á sua penna recta e sincera se devem justissimas criticas d'Arte.

Deixou, além de muitos trabalhos dispersos nos jornaes, grande numero de biographias artisticas e dois trabalhos superiores: *Chronologia da opera em Portugal* e *Estudos da historia da musica em Portugal*.

1739 — É queimado nas fogueiras da Inquisição, em auto de fé que se celebrou no Campo da Lã, onde hoje é o Terreiro do Trigo, o celebre poeta comico, **ANTONIO**

JOSÉ, o **JUDEU**, de quem já tratei largamente na data do seu nascimento, a 8 de maio.

1806 — Nasce na freguezia da Carvoeira. proximo a Torres Vedras, **Manuel Machado**, mais conhecido pelo **Machado do Gymnasio**.

Começou a sua vida de theatro como fiscal de S. Carlos, na empreza do Conde de Farrobo.

No local onde hoje existe o theatro do Gymnasio, havia em 1846 um barracão servindo de circo de arlequins. O circo era propriedade de um tal Motta, que tinha uma typographia no Rocio.

Manuel Machado foi desinquietal-o para transformar o circo em theatro, promettendo elle organisar a companhia. Assim foi. O Motta fez o theatro, que continuou a ser barracão e o **Machado** tratou do resto.

A nova casa de espectaculos abriu com sorte. Tinha bons actores, boas peças e a iniciativa e a actividade do **Manuel Machado** a cuidar da prosperidade da casa.

D'ahi a tempos convenceram-se os socios, ou, mais acertadamente, convenceu-se o **Machado** de que a barraca era indecente, e foi ter com o Ruas, mestre de obras, que foi depois emprezario de S. Carlos e do Principe Real, para lhes transformar o theatro n'uma casa d'espectaculos decente, pagando elles a despeza em prestações. O Ruas pensou no caso, teve medo do *calote* e disse que não. O **Machado** não desanimou; correu a procurar o Rodrigo da Fonseca Magalhães, amigo e protector dos artistas, e expoz-lhe as difficuldades em que se via. O Rodrigo mandou-o ir socegado para o theatro, e, no dia seguinte, lá appareceu o Ruas prompto para tudo.

D'ahi a mezes o Gymnasio era um bonito theatrinho, mas pequeno. O **Machado** não estava satisfeito. Tanto luctou que, no fim de alguns annos, estava constituida uma sociedade, que fazia obras importantes, dando muito maiores dimensões e muita mais belleza ao Gymnasio.

O **Machado** era para tudo. Sem elle quasi não se comprehendia o theatro. Era elle que organisava companhia, que escolhia repertorio, que obtinha os meios para a montagem das peças, que tudo via, que tudo fiscalisava, que tudo fazia progredir.

O **Manuel Machado** era a alma do Gymnasio e nunca se acreditou que elle d'alli sahisse.

Pois sahiu... e pobre, sem recursos e sem saude. Tem hoje 92 annos, está em casa entrevado e vive de esmolas! Quem tanto trabalhou merecia melhor sorte.

1888 — Em beneficio da viuva e orphãos do violinista Marques Pinto, vão ao Porto cantar a opera **Fausto** os amadores de Lisboa: D. Sophia de Mello e Castro, D. Maria Augusta Coelho da Cruz, Alvaro Roquette, D. Francisco de Sousa Coutinho, D. José d'Almeida e João Carlos Pinto Ferreira.

Foram ensaiadores os maestros Pontecchi e Antonio Duarte.

20

1833 — Nasce em Paris **Magdalena Brohan**.

A illustre artista, discipula de Samsão, obteve em 1850 o primeiro premio de comedia no Conservatorio.

Estreiou-se na Comedia Franceza em outubro de 1850 nos *Contes da Rainha de Navarra*. Representou depois com grande exito: *Caprices de Marianne*, *Demoiselles de Saint Cyr*, *Misanthrope*, *Tartuffe*, *Jeux de l'amour*, *Lion amoureux*, *Mariage de Figaro*, *Étrangère*, *Monde où l'on s'ennuie*, etc.

Foi nomeada societaria em 1852 e deixou o theatro em 1885.

1842 — Nasce em Lisboa o distincto escriptor **Eduardo Garrido**.

D'uma vez, tinha eu os meus 17 annos, entre outros crimes litterarios, perpetrei o de uma poesia comica, com o titulo *Meus senhores*..., que foi recitada pelo actor Bayard, que

era então um amador dramatico distinctissimo. A poesia agradou bastante, apesar de não prestar para coisa alguma, e eu fiz o disparate de a mandar imprimir. Na terceira pagina fiz uma dedicatoria a **Eduardo Garrido**, que então contava 19 annos e eu admirava como auctor festejado das poesias *O Prego* e *A Bengala*, ambas recitadas pelo grande Santos.

Mandei tirar um exemplar em papel velino e imprimir a ouro o nome de **Garrido**. Procurei-o em casa e fiz-lhe o offerecimento. Data d'ahi o meu conhecimento com o **Eduardo**, o bom **Eduardo**, um rapaz, deixem-me dizer assim, porque o seu espirito juvenil ha de conserval-o rapaz até á morte, um rapaz cheio de talento, de espirito e de bondade.

Poucos terão escripto para o theatro mais do que elle; nenhum tem tido tantos exitos, tão completos e tão consecutivos.

Com as extraordinarias aptidões de que dispõe, **Eduardo Garrido** poderia ter na sua bagagem litteraria originaes que lhe dessem um primeiro logar entre os nossos escriptores de theatro; não quiz; tem passado a sua vida de homem de lettras a fazer adaptações, principalmente do theatro francez, alijando para a bagagem alheia valiosissimas scenas, que são muito suas.

Como adaptador e traductor ainda ninguem o excedeu. Peças em verso, couplets d'operetas ou vaudevilles, fal-os elle admiravelmente, porque é um poeta comico de primeira ordem.

Elle proprio não sabe quantas peças tem accommodado á scena portugueza e brazileira. Aqui ou no Brazil o seu nome é garantia segura de exito.

Se tem ganho rios de dinheiro, com que poderia viver independente e até rico, se outro fosse o seu feitio, as emprezas mais teem ganho com os seus primorosos trabalhos.

O repertorio da Trindade chegou a ser quasi exclusivamente seu. No Rio de Janeiro, por vezes, todos os theatros tinham em scena peças arranjadas pelo **Garrido**.

Citam-se como modelos os seus arranjos das seguintes peças: *Joven Telemaco, Mascotte, Pera de Satanaz, Sinos de Corneville, Filha do Inferno, Timidez de Cornelio Guerra* e muitas outras.

A sua estreia como auctor dramatico foi de collaboração com Francisco Serra e Alfredo Athaide, n'uma engraçadissima comedia em um acto, intitulada *De noite todos os gatos são pardos,* que se representou pela primeira vez, no theatro do Gymnasio, de Lisboa, a 29 de outubro de 1859.

1845 — Nasce em Lisboa, na rua do Bemformoso, o distincto actor **Valle**.

O engraçadissimo actor **José Antonio do Valle,** que com a sua cara feia e os seus olhos expressivos tem feito escancarar de riso as bôccas de toda a geração d'esta metade de seculo, de Portugal e Brazil, representou pela primeira vez n'um theatrinho improvisado em casa de um visinho de appellido Paes.

Foi depois representar como amador um papel de creança na comedia *Casamento em miniatura*, no theatro da Rua dos Condes.

Entrou para socio da Regosijo Thaliense, uma agremiação a que pertenceram muitos que depois foram actores.

Em publico representou pela primeira vez no theatro das Variedades, n'uma comedia em 1 acto de Parisini, *Um parocho virtuoso*, em que fazia com graça um pregoeiro de leilões.

Passou logo depois para o Gymnasio, estreiando-se na comedia em 3 actos *Prodigos e Economicos* e na comedia em 1 acto *A tia Anna de Vianna.*

Com uma bella cara para a scena, um bello talento comico, um magnifico ensaiador como era o Romão e um bom protector como era o Taborda, **Valle** caminhou a passos agigantados, empolgando o publico e fazendo-se querido de todos.

Um bello dia partiu para o Rio de Janeiro, estreiou-se alli no theatro de S. Luiz, de que era emprezario Furtado Coelho, nas comedias *Mestre Jeronymo* e *Quem o feio ama...* Agradou immensamente. De dia para dia mais querido era. Teve um suc-

cesse espantoso no desempenho do *Vasco* da magica de Garrido, *A Pera de Satanaz.*

D'ahi a pouco **Valle** era emprezario e dava a lei nos theatros do Rio de Janeiro. Foi elle quem para lá levou o Silva Pereira, o Silveira, a Anna Cardoso e outros.

Chegou-lhe depois a hora da adversidade, que infallivelmente accomette os emprezarios do Brazil, quando por lá se demoram mais do que o tempo conveniente. Luctou, cançou e resolveu-se a voltar a Portugal

Esteve n'uma empreza, dirigida por mim, no theatro do Principe Real, onde fez com muito agrado o *compadre* da *Revista de 1879*, um velho marinheiro no *Capitão maldito*, o *Centenario* e outros papeis em que muito agradou.

Foi depois para-o Gymnasio occupar o logar que lhe pertencia, desde que o Taborda o deixára vago e ahi mostrou então bem o seu valor no *Commissario de Policia*, *Primeiro marido de França*, *Em boa hora o diga*, *Madrinha de Charley*, *Noivas de Eneas*, *Anastacia & C.ª* e tantas outras comedias a que elle dava o maximo valor.

Sahindo do Gymnasio por desintelligencias com a empreza, tem tomado parte em varias sociedades artisticas nos theatros da Trindade, D. Amelia e Rua dos Condes. N'este ultimo continúa como actor, ensaiador e gerente.

21

1848 — Embarca para regressar á sua patria, Genova, **Cesar Perini de Lucca.**

Tendo nascido em 1807, aos trinta annos de edade emigrou para Portugal por motivos politicos.

Em Lisboa foi professor da cadeira de declamação no Conservatorio Real e ensaiador nos theatros do Gymnasio e Salitre.

Escreveu diversas peças em portuguez, entre ellas: *A vespera de um desafio*, *O Marquez de Pombal*, *O Cigano*, *O Conde Andeiro* e *Os fabricantes de moeda falsa*, com que abriu o theatro do Gymnasio.

1854 — Representa-se prela primeira vez, com grande successo, no theatro de D. Maria, em beneficio do actor Tasso, o drama em 3 actos, original de Gomes de Amorim, **Odio de raça.**

1862 — **Emilia das Neves** realisa o seu ultimo beneficio, no theatro de D. Maria, com o drama *Tentação.*

1875 — Estreia-se no theatro da Trindade, na comedia em 3 actos, *Que sogra!* a actriz **Margarida Cruz**, mais conhecida pela **Margarida (loura).**

Começára no Gymnasio em 1873, na empreza Xavier d'Almeida. Pela sua muita formosura agradára desde logo, e, como realmente possuia talento, elevou-se acima de algumas artistas antigas da casa, o que provocou rivalidades, que obrigaram **Margarida** a sair do Gymnasio e entrar na Trindade N'aquelle tempo não era a Trindade bom campo para fugir ás invejas e intrigas, e por esse motivo a loura **Margarida**, que, como disse, alli se estreiou na comedia *Que sogra!*, só entrou n'outra que tinha por titulo *A meia noite.*

Saindo d'este theatro, **Margarida**, a formosissima e talentosa actriz, abandonou por algum tempo a scena, até que teve ensejo de entrar para o Principe Real como *estrella*, fazendo um repertorio de grande responsabilidade, em que se houve por vezes com grande distincção e sempre com muito agrado do publico.

Com essa companhia partiu **Margarida** para o Rio de Janeiro e lá agradou bastante como actriz e mais como mulher, pelo que lá se resolveu a ficar, sendo dentro em pouco victimada pela febre amarella.

1890 — Estreia-se na Trindade a actriz **Mercedes Blasco.**

Estivera primeiro nos theatro populares do Porto com outros nomes. Em Lisboa foi que se chrismou em *Mercedes Blasco*, trocando o nome, como mais tarde trocou os cabellos pretos pelos louros, que tão mal lhe ficam.

Aqui appareceu primeiro no theatro do Rato. Depois, em 1890, foi contractada para a Trindade, estreiando-se na *Mam'zelle Nitouche,* perdendo muito no confronto com Lucinda do Carmo. N'essa epocha entrou ainda n'uma comedia n'um acto *Amor e marisco* e nas operetas *Moira de Silves, Noiva dos Girasoes* e *Collegio de meninas.* Na epocha seguinte entrou na opereta *O piparote,* em que pouco fez e na *Miss Helyett,* em que conseguiu agradar. Sahiu por essa occasião da Trindade e passou nos theatros da Avenida e Rua dos Condes, sempre com intermittencias. Voltou á Trindade em 1893, estreiando-se então na opereta *Leitora da Infanta,* que não agradou. Fez depois um confronto no *Segredo d'uma dama* e o *morgadinho* do *Brazileiro Pancracio,* para que ella mesmo compoz um fadinho, que cantava.

Contractei-a eu no anno seguinte para o mesmo theatro, mas adoeceu antes de trabalhar e por isso, durante toda a epocha, em poucas recitas entrou da revista *Sal e Pimenta* e em menos da peça phantastica *A Fada do Amor.*

Ultimamente esteve na Rua dos Condes, onde entrou na revista *Reino da bolha,* e passou para o Colyseu da rua da Palma, onde fez algumas operetas e entrou notavelmente despida n'outra revista *Farroncas do Zé.* Essa empreza findou os seus espectaculos em pouco tempo.

Mercedes Blasco é bastante intelligente e possue uma bonita voz; pena é que a tornem inutil uma excessiva vaidade e a preoccupação de agradar pelos requebros libidinosos.

22

1720—Inauguração do **Real Theatro do Paço da Ribeira,** com a opera *Il Triumfo delle virtu.*

Foi esta a primeira scena em que appaceu a opera italiana em Lisboa.

Só depois, em 1735, é que a companhia Pagheti improvisou outro theatro n'umas casas que alugou para esse fim defronte do convento da Trindade. Devia ser esse theatro no actual largo da Abegoaria.

1836—Nasce a actriz **Dorothea.**

Estreiou-se em 1868 na Trindade n'um pequeno papel da peça de Sardou, *Conspiração na aldeia.* Passou desapercebida, assim como nos outros pequenissimos papeis que fez no mesmo theatro.

No anno seguinte, quando no theatro das Variedades se representou a minha magica *O Primo de Satanaz,* foi ella a caracteristica, por signal que bem má.

D'ahi por deante não a perdi mais de vista e nunca lhe conheci progressos. Andou por quasi todos os theatros de Lisboa e provincias, tendo apenas uma occasião de se salientar, na Rua dos Condes, no papel de *Bicha feia,* no drama de José Romano, *Os Bombeiros.* Esse papel estava no seu feitio.

Ha annos foi para o Brazil e por lá se tem deixado estar, sem que o publico dê por isso.

A fallar é um catalogo de disparates. Nunca por ella passou o talento, e como mulher nunca teve mocidade.

É mãe da actriz Adelaide Coutinho, que ha muitos annos está tambem no Brazil.

1844—Nasce em Paris, no bairro la-

tino, rua da Escola de Medicina n.º 5, Rosina, que depois foi conhecida pela grande actriz **SARAH BERNHARDT.**

O apellido é de sua mãe, uma modista allemã de nome Julia Bernhardt; o pae era incognito.

Sarah começou estudando no convento de Grandchamps, proximo de Versailles. Passou depois ao Conservatorio de Paris e ahi alcançou o segundo premio de comedia, em 1862, na classe de Provost.

N'esse mesmo anno se estreiou na Comedia Franceza na *Iphigenia*. Esteve depois pouco tempo no Gymnasio e. com um nome supposto, na Porte-Saint-Martin, representando na magica *Biche-au-Bois*.

Em 1864 estreiou-se no Odéon. Ahi representou o *Testamento, Phedra, Rei Lear, Ruy Blas*, etc.

A 6 de novembro de 1872 voltou para a Comedia Franceza, onde se estreiou na *Mademoiselle de Belle Isle*. representou o repertorio da casa e creou *Roma vencida, Estrangeira*, etc. Foi nomeada societaria em 1875.

Deixou a casa de Molière para fazer uma *tournée* á America em 1880. Em 1881 foi representar á Russia. Em 1882 tomou a direcção do Ambigu-Comique. Foi crear a *Fédora* de Sardou, ao Vaudeville, a 11 de dezembro de 1882. Comprou em seguida o theatro da Porte-Saint Martin, onde representou *Froufrou, Dama das Camelias, Nana Sahib* e *Theodora*.

Tornou a viajar na America em 1886 e 1887. Voltou para a Porte-Saint-Martin, onde creou a *Tosca*, em novembro de 1887. Tornou a viajar na America em 1888 e 1889. N'este anno reentrou na Porte-Saint-Martin e ahi representou pela primeira vez a *Joanna d'Arc*, a 3 de janeiro de 1890 e a *Cleopatra* a 23 de outubro do mesmo anno. Viajou ainda de 1891 a 1893, fazendo-se n'esse anno emprezaria do theatro da Renaissance, onde já deu as seguintes peças: *Os Reis, Phédra, Izeïl, Mulher de Claudio, Gismonda, Magda, Cidade morta*, etc.

Já por tres vezes **Sarah Bernhardt** visitou Lisboa, representando nos theatros do Gymnasio, D. Maria e S. Carlos.

Reconhecem todos o seu grande valor. É uma artista superior, de um talento excepcional, estudando com enorme cuidado as situações em que ha de empolgar o publico, mas ainda assim adaptando frequentemente os diversos personagens á sua individualidade.

Extraordinaria como artista e como mulher superior, não tem sido menos extraordinaria na *réclame* de que se faz sempre preceder e acompanhar. Tem ganho e dissipado umas poucas de fortunas.

Ultimamente confiou de mais na paixão patriotica dos francezes e, julgando pôr mais em evidencia a sua superioridade, abriu as portas do seu theatro á grande actriz italiana Duse. Esta obteve o maior triumpho de que ha memoria em Paris. **Sarah**, apezar de ferida na sua vaidade, fez de generosa e de submissa admiradora da arte italiana.

1849 — Nasce o actor **Augusto Antunes**.

Era compositor typographico e amador dramatico.

Em 1868 estreiou-se no theatro das Variedades, no drama *O Amor da patria ou o que são os portuguezes*, n'uma empreza d'um tal Costa, conhecido pelo *Costa marreco*, que vendia na Praça da Figueira. A empreza passou para um tal Almeida, depois para uma sociedade dirigida por Avellar Machado, e **Augusto Antunes** continuou sempre na companhia, fazendo papeis de diversos generos.

Em 1869 foi contractado para o Principe Real, onde se estreiou na magica *Pelle de Burro* e n'aquelle theatro continuou até ser, em 1876, contractado para o theatro de D. Maria, onde appareceu no drama maritimo de Cezar de Lacerda, *O Botão de Ancora* e lá se tem conservado até hoje.

Augusto Antunes tem boa figura, caracterisa-se admiravelmente, e, se não é para grandes commettimentos, pois que de ha muito estacionou, é todavia uma bella utilidade no theatro.

1861 — Nasce em Lisboa **Faustino da Rosa**.

Filho do emprezario José Antonio da Rosa, quando este se viu sem recursos, **Faustino** foi protegido por seu primo, o benemerito Rosa Araujo, que o mandou para Italia, a fim de seguir a carreira lyrica.

Faustino da Rosa estudou em Padua com o professor Antonio Selva.

Estreiou-se em Rovigo, a 21 de abril de 1889, cantando a parte de baixo do *Ernani*. Pouco estudou e curta foi a sua carreira.

Casou em Lisboa com a cantora Salud Othon, de quem fallei na data de 14 de maio.

Ultimamente **Faustino da Rosa** fez-se emprezario e agente theatral na Republica Argentina e em Madrid.

1885 — Inaugura-se no Porto o **Theatro dos Recreios**, mandado construir por um sujeito de apellido Miranda Lima, que em tempos fôra emprezario do theatro de S. João.

O primeiro emprezario do **Theatro dos Recreios** chamava-se Julio Cezar. A peça de inauguraçâo foi o *D. Quichote*, arranjado da antiga peça de Antonio José. O protogonista era feito pelo actor Alfredo de Carvalho.

Theatro D. Affonso

Era ensaiador o actor Costa, conhecido pelo *Costa da luneta*, já fallecido.

Seguiu-se a empreza Coelho Ferreira, que pôz em scena o *Fausto*, a *Sombra do rei* e poucas mais peças, porque não acabou a epocha, indo concluil-a Joaquim Barbosa e o fallecido Seraphim, alfayate da rua de Santo Antonio.

De 1887 a 1888 a empreza d'este theatro foi formada pelos artistas Taveira, Santos, Salazar, Pires, Santos Mello, Portulez, Dores Aço, Thereza Aço, scenographo Machado e outros, fazendo-se obras no theatro. A peça de inauguração foi o drama *Filho da Noite*. A epocha foi toda má e terminou por occasião do incendio do Baquet.

Em seguida Cyriaco de Cardoso fez obras mais importantes no theatro e deu-lhe o nome de **Theatro D. Affonso**. A companhia era de opera comica e com elementos estrangeiros, taes como o tenor hespanhol Rihuet, o barytono italiano Verdini, a cantora hespanhola Eutalia Gonzalez, etc. Representaram-se por essa occasião em portuguez as operas *Carmen*, *Fra Diavolo*, *Guarany*, *Freischutz*, etc.

Em 1890, tendo terminado a empreza de Cyriaco, tomou conta do theatro uma so-

ciedade formada pelos artistas Taveira, José Ricardo e Santos. Foi uma epocha feliz, pois tres peças deram bastante dinheiro: o *Reino das mulheres, Porto* e *Tres mulheres para um marido.*

Passando esta sociedade, pela morte de Alves Rente, para o theatro do Principe Real, de 1891 a 1895 alli estiveram diversas emprezas, entre as quaes a do maestro Benjamim, a de Guerra e a de Coelho Ferreira.

Na epocha de 1895 a 1896 foi emprezario o maestro Del Negro. Em 1896 tomou o theatro o actor José Ricardo, que alli foi feliz, principalmente com a revista *Retalhos do Porto* e o drama *Os Dois garotos.*

A nossa gravura representa o theatro **D. Affonso** com a ultima modificação que soffreu.

23

1801 — Nasce em Lisboa **João Baptista Ferreira.**

Foi muito conhecido pela alcunha do *Musica*, porque elle, desde muito, applicava constantemente essa palavra em diversos sentidos. Quando perguntava a alguem pela saude, dizia sempre: «Como vae essa *musica?*» Quando os negocios lhe corriam mal, dizia: «Hoje a *musica* vae mal.» E assim sempre.

Era um bello e honesto homem. Estudou em Coimbra, emigrando para o estrangeiro por motivos politicos, pois era um grande liberal; esteve como militar no cerco do Porto e acabou em tabellião de notas com escriptorio por muitos annos no Chiado.

As suas relações intimas eram com os principaes artistas dos nossos theatros, com os auctores e traductores dramaticos e com os criticos d'Arte. Assim, muito conviveu com Luiz Palmeirim, Mendes Leal, Pereira da Cunha, Lopes de Mendonça, Rodrigo Felner, D. José de Lacerda, Rebello da Silva, Theodorico, Rosa (pae), Emilio Doux, etc.

João Baptista Ferreira foi durante muito tempo o traductor official e correctissimo dos theatros da Rua dos Condes e D. Maria. É immensa a lista das peças que traduziu.

J. B. Ferreira, o bom do *Musica*, morreu em Lisboa, na rua do Salitre, a 26 de dezembro de 1877.

1841 — Nasce o actor **Sanguinetti.**

João Henriques Sanguinetti trabalhou como amador em diversas sociedades de Lisboa. Como actor estreiou-se no Porto, no theatro Baquet, na empreza Moutinho, onde representou, entre outras, nas seguintes peças: *Recordações da mocidade, Intimos, Fausto, Trabalho e honra, Sargento-mór de Villar* e *Parasitas.*

Como não passasse de mediocridade, deixou a scena e fez-se fiscal e aderecista dos theatros Baquet e Principe Real.

Morreu a 28 de novembro de 1896. Era pae da já tambem fallecida actriz Belmira Sanguinetti.

1892 — Morre em Paris o brilhante escriptor **Albert Millaud**, que nascera em 1836.

Jornalista distinctissimo, foi redactor do *Figaro* desde 1867 até á morte.

Entre outras peças, era festejado auctor das seguintes: *Madame l'Archiduc, Niniche, Femme á papa, Roussotte, Pincés* e *Créole.*

24

1843 — Nasce em Mondoñedo (Hespa-

nha), a notavel actriz **MANUELA REY.**

Nasceu em Hespanha, mas foi Portugal que adoptou por patria e onde morreu. Foi

artista portugueza e, ao lado dos nossos, occupou um dos primeiros logares.

Manuela era filha de paes pobrissimos, que a entregaram aos cuidados de uma familia, que formava uma companhia dramatica ambulante.

O director da companhia e chefe da familia chamava-se Manuel Rey, o que leva a crer que d'elle tomou o nome a pequenita, que a essa epocha ainda não estaria baptisada.

Com pouco mais de cinco annos já **Manuelita** representava pequenos papeis e recitava poesias e já n'esse tempo era o encanto dos que a ouviam.

Foi crescendo o seu repertorio, e quando tinha oito annos representou admiravelmente o *Gaiato de Paris*.

Correndo de terra em terra, em busca de fortuna, entrou em Portugal a companhia a que só dava prestigio a linda e talentosa creança. Entraram primeiro em Valença, onde pouco fizeram, succedendo-lhes o mesmo em Chaves, Bragança, Regoa, Porto, Vianna do Castello e Ponte de Lima.

Em Vianna recitou **Manuela Rey**, pela primeira vez no idioma de Camões, uma poesia, que conservou na memoria até á hora da sua morte.

Em 1856 veiu a joven actriz com uma companhia hespanhola para o theatro do Salitre e alli se estreiou no drama *O Filho do cego*, deixando a todos assombrados com o seu enorme talento A admiração foi crescendo ao ponto de, quando a companhia partiu para Setubal, já estar **Manuela** contractada para representar no theatro portuguez.

Regressando a Lisboa, foi convidada a ir ao salão do theatro de S. Carlos, onde, em frente dos membros do conselho dramatico, recitou varios trechos em hespanhol e leu em portuguez. Foi voto unanime que se aproveitasse cuidadosamente aquelle raro talento, incumbindo-se Duarte de Sá de lhe ensinar a lingua portugueza e arte de declamar.

A estreia de **Manuela Rey** no theatro de D. Maria foi na epocha em que a terrivel epidemia da febre amarella mais affligia os habitantes de Lisboa. Por esse motivo, na noite da sua estreia, quasi todas as pessoas que assistiam ao espectaculo trajavam lucto. Por uma coincidencia ainda notavel, os personagens da peça em que **Manuela** se estreiava tambem vestiam de luto! Triste presagio! A talentosa creança em breve deixaria coberta de luto a scena dos seus triumphos. E assim foi.

A comedia intitulava-se *A alegria traz o susto* e n'ella entravam tambem os artistas: Rosa, Tasso, Corrêa, Talassi e Emilia Adelaide.

Nunca em theatro houve estreia mais promettedora.

Artista privilegiada, a unica talvez que poderia contar tal gloria, nunca desempenhou um papel em que não alcançasse uma corôa! Os seus triumphos contam-se pelo numero dos papeis que lhe distribuiram.

É longo o repertorio de **Manuela Rey** apezar de tão cedo a morte a arrebatar á scena. Citando os titulos de algumas peças em que figurou, não faço mais do que trazer á memoria tantos typos angelicaes em que quasi era adorada!... Adorada é a verdadeira phrase; Lisboa inteira tinha um culto intimo por **Manuela Rey**.

Foi ella admiravel na *Helena, Homens de marmore, Fortuna e trabalho, Diffamadores, Penitencia, Vida d'um rapaz pobre, Fogo no convento, Nobres e plebeus, Cura d'almas, Valeria, Luva e o leque, Mulher que deita cartas, Vingança, Abnegação, Homens do mar, Joias de familia, Sociedade elegante, Cruz do matrimonio, Fidalgos de Bois-Doré, Córa* e tantas outras.

Manuela Rey era formosissima, um typo de belleza e elegancia como raras vezes se encontra. Ella sabia que era bonita e tinha principalmente a maior e mais justa vaidade pelos seus cabellos de oiro. Nunca se pintou para a scena, porque não precisava fazel-o.

A notavel artista era de uma atroz infelicidade, nem ao menos teve a ventura de gosar os privilegios que lhe eram devidos. O decreto em que era classificada actriz de merito transcendente apenas sahiu na folha official dias depois da sua morte.

Ao passo que tantas mediocridades da nossa scena teem os gabinetes e as salas cheias de corôas, *bouquets*, poesias e brindes, a pobre **Manuela** apenas possuia duas modestissimas corôas, unicas que lhe tinham offertado em toda a sua carreira brilhante!

Manuela Rey deixou alguns escriptos de merecimento e entre elles a comedia em 2 actos, *A actriz* e o proverbio *Por este deixarás pae e mãe.*

A eximia actriz escrevia n'um estylo elegantissimo. Leiam-n'a fallando do affecto maternal:

«Mãe! palavra magica que faz das nos-«sas almas um sacrario! palavra onde não «entram odios, vingança... nada que não «seja santo e puro!»

Leiam agora o que ella escrevia da mulher:

«Pequenos! que não comprehendem o «que é a mulher... talham-lhe um cami-«nho cheio de espinhos e ai! da que se «affastar d'esse caminho!... Para que as «amam então?... E se a mulher dá, sem «lh'o pedirem, o coração, exclamam — bai-«xeza d'alma! Miseraveis! que não sabem «avaliar a grande prova de abnegação e «affecto que a mulher dá, quando desce «assim espontaneamente até ao homem que «ama! Cegos! que a não consideram como «metade da sua alma, senão como precisa «á sua vaidade e aos seus caprichos... «para ao outro dia se affastarem d'ella, «como se desviariam de um lamaçal, não «se lembrando que dias antes eram elles «proprios que jubilosos se engolphavam «n'essa lama!»

As ultimas recitas em que tomou parte deram-se em janeiro de 1866 com o drama de Ricardo Cordeiro, *O Cura d'almas*, que a eximia actriz representou pela primeira vez em seu beneficio, a 4 do mesmo mez. N'essa noite recitou tambem admiravelmente a posia de Eduardo Vidal *Primeiros amores.*

Manuela, que nunca conheceu os carinhos de uma verdadeira mãe, tambem nunca encontrou um ente que a comprehendesse, o ente que deveria ser o seu bom companheiro. Illudiu-se por vezes; porém o desengano breve chegava! Foi isso que a matou.

Nos fins de janeiro espalhou-se na cidade a noticia de que **Manuela** adoecera gravemente. As circumstancias que revestiam tal boato fizeram logo receiar pelo resultado da doença; os receios cresceram até que, ás 6 horas da tarde de 26 de fevereiro de 1866, exhalava o ultimo suspiro a grande actriz e grande martyr.

A noticia da morte de **Manuela** causou grande sensação em Lisboa. O seu enterro foi uma enorme homenagem de sentimento, como nunca tinha havido por outro artista. O exterior do theatro de D. Maria estava ornado de longos crepes, assim como o templo de S. Domingos, d'onde sahiu para o cemiterio dos Prazeres o cortejo funebre, formado por centenas de carruagens, conduzindo quasi todos os collegas da finada, muitos homens de lettras e grande numero de senhoras e cavalheiros admiradores da eximia actriz.

Á beira da sepultura algumas vozes entrecortadas pelas lagrimas se despediram da infeliz **Manuela**; entre essas vozes foi ouvida a do seu collega, Cesar Polla.

Manuela Rey foi sepultada no jazigo dos actores do theatro normal.

Nunca, em parte alguma do mundo, uma actriz chegou a alcançar tanta gloria, no curto prazo de nove annos, que tantos foram aquelles que pizou o palco portuguez a notabilissima artista, cuja perda o theatro ainda hoje deplora.

1854—Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes a parodia em 2 actos ás operas comicas, original de Luiz de Araujo, musica coordenada de diversos maestros e trechos populares, **Intrigas no bairro.**

O desempenho era o seguinte: *Mestre Jacintho, (sapateiro)* — Queiroz; *Gregorio, (barbeiro)* — Capistrano; *Bento, (taberneiro)* — Faria; *Manuel, (soldado do 7)* — Augusto; *Bulhões, (cabo geral* — Cypriano; *Um carteiro* — Amado; *Rita, (peixeira)* — Luiza Fialho; *Joanna, (vendedeira de melancias)*— Luiza Candida.

Esta peça popular agradou immensa-

mente, levando toda a gente ao theatro da Rua dos Condes. Tem sido representada innumeras vezes em todos os theatros de Portugal e Brazil.

1873—Por iniciativa do escriptor Francisco da Costa Braga, reunem-se no salão do theatro do Principe Real muitos escriptores dramaticos a fim de lançarem as bases de uma associação de classe.

Discutiu-se largamente e, a fim de dar andamento aos trabalhos, elegeu-se a meza, que ficou assim composta: Presidente, Cesar de Lacerda; vice-presidente, Joaquim Augusto de Oliveira; secretarios, Carlos Borges e Sousa Bastos.

Nunca mais houve reunião nem em tal se pensou, perdendo a sua boa iniciativa o bem intencionado escriptor dramatico Costa Braga.

25

1867—Nasce em Paris **Jeanne Ludwig**.

Discipula de Delaunay, obteve o primeiro premio de comedia do Conservatorio em 1887.

Estreiou-se na Comedia Franceza no papel de *Lizette* do *Jeu de l'Amour et du Hasard*, em 24 de outubro de 1887. Representou muitas peças do repertorio e creou papeis nas seguintes peças: *Flibustier*, *Pepa*, *Bûcheronne*, *Conversion*, *Thermidor*, *Grisélidis*, *Rosalinde*, *Article 231*, *Ami de la maison*, *Qui?*, *Petites Marques*, *Vie de Bohéme*, etc..

Foi nomeada societaria a 12 de janeiro de 1893.

Esta talentosa e graciosissima actriz morreu ultimamente, contando apenas 30 annos de edade.

1881 — Estreia-se em Lisboa, no theatro de S. Carlos, na opera *Barbeiro de Sevilha* a illustre prima-dona, **Bianca Donadio**.

Já em 1880 cantára com grande exito n'uns concertos do Colyseu.

Voltou ainda ao theatro de S. Carlos em 1884.

Era muito formosa e possuia uma bella voz de soprano, cantando com muita correcção e agilidade; era principalmente notavel nas grandes difficuldades de execução. Era admiravel nas variações de Proch. nas operas *Hamlet*, *Barbeiro de Sevilha*, *Dinorah*, *Somnambula*, etc.

Cantou pela primeira vez na Grande Opera de Paris, em 18 de fevereiro de 1873.

Em 1886 abandonou o theatro para entrar n'um convento em Roma, morrendo para o mundo. Sempre tivera vocação religiosa e fizera-se cantora unicamente para ajudar seus paes.

Teve optimas propostas de casamento, rejeitando todas. O seu appellido era Dieudonnè, que ella italianisou quando se dedicou ao canto.

Quando se recolheu ao mosteiro depositou o seu capital no Banco de França para assegurar a subsistencia de seus paes.

1889 — Morre em Croissy o notavel

litterato e distinctissimo escriptor dramatico **EMILIO AUGIER**.

Succumbiu o illustre dramaturgo aos resultados da queda que déra de um carro. Contava 69 annos.

Foi um escriptor de primeira ordem e um dramaturgo de raça.

São do seu pulso vigoroso muitas das

obras primas de litteratura dramatica contemporanea, que ficarão classicas.

Todos os primeiros dramaturgos francezes, e entre elles Sandeau, Sardou e Dumas, o consideravam como mestre. No seculo actual não se assignala escriptor dramatico de mais valor.

Emilio Augier era academico e condecorado com a Legião de Honra.

No seu theatro ha preciosidades de valor incalculavel e que teem por titulos: *Effrontés, Ciguë, Aventureira, Maitre Guérin, Genro do sr. Poirier, Gabriella, Casamento d'Olympia, Leoas pobres, Madame Caverlet, Filho de Giboyer, Fourchambault, João de Thommeray, Contagio*, etc.

26

1867 — Inaugura-se em Alcantara, na rua da Fabrica da Polvora, uma barraca de madeira e lona a que deram o pomposo nome de **Theatro da Ilha dos Amores**.

Do espectaculo fazia parte o drama de Costa Braga, *Paulo e Maria ou a Escravatura branca.*

Na companhia figuravam os actores: Estevão Moniz, Possidonio, Ferreira, Maia, Chaves, Guedes, Carolina de Lacerda e Adelaide.

N'este theatro estreiou-se depois o actor Alfredo Carvalho.

1875 — Estreiam-se no theatro das Variedades, tendo regressado do Brazil, o actor **Furtado Coelho** e sua esposa a actriz **Lucinda Simões**.

A peça escolhida foi a *Dalila*, que muito agradou.

Pela imprensa queixaram-se os dois artistas de que lhes tinham fechado as portas todos os outros theatros e por isso tinham ido para aquelle, onde estava uma modesta companhia. O publico e a imprensa festejaram muito os artistas recemchegados, que, além da *Dalila*, alli representaram a *Vida d'um rapaz pobre, Os Intimos, A estatua de carne, Demi-monde* e o *Sapatinho de setim*, escripto para elles por Fernando Caldeira. Tambem **Furtado Coelho** alli deu concertos no seu *copophone.*

1881 — Estreia-se no theatro da Trindade, na comedia *Piperlin*, a actriz **Maria Visconti.**

Apesar da má pronuncia e da frieza com que representava, o publico acceitava-a por ser muito vistosa em scena.

Conservou-se na Trindade até 1884 e alli entrou nas peças: *Ernesto, Viagem á Italia, Noite e Dia, Mulher do papá, Volta ao mundo* e *Gata Branca.*

Deixou depois o theatro.

1893 — Estreia-se na Trindade na zarzuela *Segredo d'uma dama* a actriz **Gerarda de Amorim Vianna.**

Entrou depois n'outra zarzuela em 1 acto *O Lobishomem.*

Por mostrar poucas aptidões, apezar de cantar algumas vezes afinada, a empreza dispensou os seus serviços.

Foi depois contractada para o theatro D. Affonso, do Porto, onde tambem esteve só uma epocha.

Mais tarde appareceu como segunda dama de uma modesta companhia lyrica, que esteve no Colyseu da Rua da Palma, e até em S. Carlos na ultima epocha da empreza Freitas Brito.

Voltou depois para a opereta, estando escripturada no theatro Carlos Alberto, do Porto.

27

1874 — Estreia-se no theatro da Trindade, na zarzuela *O Diabo no poder*, o barytono **Hermogeneo Hermogenes Lisboa.**

Eram dois irmãos **Lisboas**. Ambos cantavam nas egrejas. Um d'elles, o **Francisco Bibiano Pereira Lisboa** em 1859 entrou para S. Carlos como segundo baixo e lá se conservou até 1875, isto é, até ser desthronado pelo Reduzzi, como o celebre Bruni foi desthronado pelo Beretta.

O mano **Hermogeneo**, depois de varias tentativas, entrou para a Trindade, onde esteve uma epocha, cantando, além da peça da estreia, tres operas-comicas: *Quatro cães a um osso, Atrevido na côrte* e *Educandas de Sorrento.*

Lembro-me que, em certa noite, o **Lisboa** deu parte de doente; Francisco Palha não

lh'a acceitou e obrigou-o a trabalhar. Elle, pretextando que não podia, começou cantando horrivelmente; o Palha multou-o. De scena para scena a multa ia crescendo e o **Hermogeneo** ia cantando melhor. No fim do espectaculo estava multado em 50 °/₀ do ordenado, mas já tinha a voz perfeitamente clara! O Palha fazia por vezes d'estes milagres.

Hermogeneo Lisboa, depois de sair da Trindade, nunca mais teve contracto.

1884 — Estreia-se em Lisboa, no theatro da Trindade, na opereta *Lili*, a actriz franceza **Anna Judic**, de quem já fallei a 18 de julho.

28

1825 — Nasce o actor **Amaro**.

Começou no theatro de D. Fernando, n'uma empreza que Emilia das Neves alli teve, o actor **Amaro José da Costa e Silva**. D'alli seguiu para a provincia tambem com Emilia e com ella veiu para D. Maria.

Era sabido que Emilia das Neves organisava umas companhias economicas afim de arrecadar a melhor parte dos lucros. Era assim que tinha poucos artistas de valor e se via obrigada a dar, a principiantes e a actores maus, papeis magnificos.

Foi o que aconteceu ao **Amaro** e por isso muito sentiu quando em D. Maria lhe distribuiram alguns papeis insignificantes e mais sentiu quando d'alli o despediram.

Andou depois muito tempo pelos theatros de segunda ordem de Lisboa e Porto, e acabou por trabalhar *ás noites* e assim mesmo não o queriam.

Pobre **Amaro**! Como elle se queixava amargamente dos emprezarios e dos collegas!

Morreu pobrissimo, no hospital de S. José, a 13 de maio de 1895.

Amaro deixou duas filhas. Ambas representaram no theatro Chalet da Rua dos Condes e no Rato. Uma d'ellas, a Emilia, nunca teve geito para a scena; a outra, a Ermelinda, em creança agradou muito, mas, crescendo, perdeu todo o valor.

1847 — Decreto n'esta data, concedendo ao **theatro de D. Maria II** um subsidio de seis contos de réis annuaes e promulgando dois regulamentos para o mesmo theatro, o do palco e outro sobre leitura, censura e representação das peças dramaticas.

1849 — Nasce em Barcelona a bailarina e depois actriz **Raphaela Montero**.

É filha d'um artista equestre, Felix Montero.

Foi bailarina na Opera Comica de Paris. Contractada para o Rio de Janeiro, fez parte do corpo de baile no antigo theatro Provisorio, do Campo de Sant'Anna. Pertenceu em seguida a uma companhia de variedades, que esteve no Alcazar.

Dansou depois em diversos theatros do Rio e outras terras e por fim entrou como actriz de opereta para diversas companhias. Ultimamente tem estado desempregada. Se não valia muito como bailarina, menos vale como actriz. Tem má pronuncia, voz desafinada e com a edade foi-se-lhe extinguindo alguma formosura que possuia.

Foi companheira dedicada do actor Peixotinho nos ultimos annos da vida d'este actor, que tinha prestimo, mas se perdeu pelo abuso das bebidas alcoolicas.

1854 — Nasce em Paris a notavel actriz **Bartet**.

Joanna Julia Regnault, conhecida por **Bartet**, discipula de Regnier, foi premiada no Conservatorio em 1873.

N'esse mesmo anno se estreiou no Vaudeville na *Arlesianna*. Fez em seguida o *Oncle Sam*, *Burguezes de Pontarcy*, *Dora*, *Mademoiselle Caverlet*, *Club*, etc.

Appareceu na Comedia Franceza, no papel de *Lea* do *Daniel Rochat* em 16 de fevereiro de 1880. Logo a 24 de dezembro do mesmo anno foi nomeada societaria.

Alli tem representado, entre outras, as

seguintes peças: *Ruy Blas*, *Genro do sr. Poirier*, *Iphigenia*, *João Beaudry*, *Noite d'outubro*, *O Rei diverte-se*, *Hernani*, *Rantzau*, *Estrangeira*, *Dionisia*, *Francillon*, *Pepa*, *Griselia*, *Thermidor*, *Chamillac*, *Antigona*, *Mademoiselle de Belle Isle*, *Sabichonas*, *Adriana Lecouvreur*, *Escola dos maridos*, *Visita de nupcias*, *João Darlot*, *Berenice*, etc.

É uma artista de primeira ordem, com uma dicção incomparavel e uma justissima interpretação dos mais difficeis e variados papeis. Segundo os criticos mais auctorisados, **Mademoiselle Bartet** é na actualidade a artista mais correcta e mais perfeita da França.

1871—Inauguração, no theatro do Principe Real, d'uma sociedade emprezaria dirigida por **Pinto Bastos**, de que faziam parte, além d'elle, o velho Ruas, Domingos Parente e Costa Braga.

A inauguração foi feita com um drama maritimo de Baptista Machado, *O Mil Trovões*.

Estreiou-se n'esta recita o actor Eloy, que era um apreciado amador.

Da companhia faziam parte: Salazar, Pereira, Augusto Antunes, Eloy, Julio Vieira, Carlos O'Sulivand, Nascimento, Joaquim Bento, Sygman, Sousa, Costa, Luiza Lopes, Maria Emilia, Marianna Rochedo, Gertrudes e Rosalia. O maestro era Augusto José de Carvalho e director de scena Costa Braga.

1881—Estreia-se no theatro do Principe Real do Porto, a actriz **Aurelia dos Santos**.

Anna Aurelia dos Santos nasceu em 1852 na cidade de Angra do Heroismo, ilha Terceira.

Estreiou se no papel de princeza *Beatriz* da *Mascotte*, entrando depois na *Gillete de Narbonne*, *Filha do Tambor-mór*, *Copo de prata*, *Dragões d'El-rei*, *Noite e Dia*, *Archiduqueza*, *Mosqueteiros da Rainha*. etc.

Em 1881 entrou para a Trindade de Lisboa, onde appareceu apenas em dois papeis, os da *Mascotte* e da *Noite e Dia*. Esteve alli só durante uma quinzena. Voltou para o Porto, onde quasi sempre se tem conservado nas emprezas de Cyriaco, Taveira e José Ricardo.

Já fez uma epocha no theatro da Avenida de Lisboa e varias digressões ao Brazil.

Aurelia dos Santos, se poucos progressos tem feito como actriz, em compensação conserva a sua bella voz, das melhores que o theatro portuguez de opereta tem possuido.

Se não é boa actriz, é boa cantora, boa collega e boa... rapariga.

É uma das actrizes portuguezas que possue maior numero de joias valiosas.

29

1815—Nasce em Aveiro o distinctissimo escriptor dramatico **Joaquim da Costa Cascaes**.

O general **Cascaes** foi um dos mais respeitaveis caracteres e um dos vultos mais sympathicos e notaveis das nossas lettras e armas.

Não é aqui o logar para fazer a apologia d'esse portuguez illustre que todos respeitavam e consideravam. São importantissimos os seus serviços á patria como litterato, como militar e como homem de sciencia.

Limitar-me hei a apontar quanto lhe deveu a litteratura dramatica portugueza, visto que é essa a indole do meu livro.

A primeira peça de **Cascaes** foi o drama em 5 actos *O Valido*, que se representou pela primeira vez, no theatro da Rua dos Condes, a 18 de maio de 1841. É original, como todas as suas peças. Já d'ella fallei na data da primeira representação.

Seguiram-se depois as seguintes:

O Castello de Faria, drama em 5 actos, representado pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes, a 4 de fevereiro de 1843, em beneficio do actor Epiphanio. O desempenho foi confiado a Epiphanio, Rosa (pae), Victorino, Matta, os dois Theodori-

cos, Emilia das Neves, Rugali e a velha Barbara.

Giraldo sem sabor ou uma noite de Santo Antonio na Praça da Figueira, peça de costumes populares em 3 actos, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria, a 31 de julho de 1846. Foi interpretada esta peça pelos artistas: Barbara (velha), Delfina, Joanna Carlota, Theodorico, Lisboa, Sargedas, Vianna, Leal, Vannez, Tasso e Correia.

O Alcaide de Faro, drama de grande espectaculo em 5 actos, representado pela primeira vez no theatro de D. Maria, a 31 de julho de 1848. Já fallei d'esta peça na data da sua primeira representação.

O Mineiro de Cascaes, comedia de costumes populares em 1 acto, ornada de canções nacionaes, representada pela primeira vez, no theatro de D. Maria, a 8 de janeiro de 1850. Foi desempenhada por Barbara, Delfina, Radice, Epiphanio, Theodorico e Tasso.

O Estrangeirado, comedia em 2 actos, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria, a 6 de fevereiro de 1850. Foi interpretada por Barbara, Carolina Emilia, Theodorico, Tasso, Epiphanio, Rosa (pae), Victorino, Leal e Correia.

Nem russo nem turco, comedia em 2 actos, em verso, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria, a 30 de setembro de 1854, em beneficio do actor Theodorico. Foi desempenhada por este artista e os seguintes: Sargedas, Tasso, Carvalho, Domingos Ferreira, Barbara, Delfina e Gertrudes.

A Pedra das carapuças, drama de costumes portuguezes, em 4 actos, representado pela primeira vez no theatro de D. Maria, a 20 de maio de 1858, por occasião do consorcio de El-rei D. Pedro V. Foi esta peça interpretada por Delfina, Soller, Theodorico, Cezar de Lima, Rosa (pae), Tasso, Domingos Ferreira e Sargedas. Nos apontamentos que me forneceu **Cascaes**, dizia-me: «A pedra ainda creio que lá existe á «entrada da porta travessa da freguezia de «S. João das Lampas, Cintra. O moralis«simo e original costume, a que não fazia «inveja o preconisado francez da *festa da* «*Rosa,* esse é que desappareceu!»

Nem Cesar, nem João Fernandes, comedia em 2 actos, em verso, representada pela primeira vez no theatro do Gymnasio, a 16 de janeiro de 1865, em beneficio do popularissimo actor Taborda, desempenhando este tres diversos papeis, escriptos expressamente para elle. Entravam n'esta peça: Braz Martins, Valle, Augusto, Marques, Abel, Anna Cardoso, Maria José, Emilia Candida e Florinda.

A lei dos morgados, drama em 5 actos, representado pela primeira vez no theatro de D. Maria, a 16 de dezembro de 1869, em beneficio do actor Theodorico. Além d'este artista, tomaram parte no desempenho os seguintes: Emilia das Neves, Delfina, Gertrudes, Carolina Emilia, Tasso, João Rosa, Joaquim d'Almeida, Moreira, Polla e Pinto de Campos.

A Caridade, drama em 5 actos, representado pela primeira vez no theatro de D. Maria, a 30 de dezembro de 1875, em beneficio do actor Theodorico. Foi desempenhado por Virginia, Gertrudes, Barbara (a que está agora no Gymnasio), Emilia Candida, Theodorico, Alvaro, Maggiolly, Antonio Pedro e Mello.

O Carnide ou um camarada do Marquez de Sá, scena dramatica desempenhada com muitos applausos pelo distincto actor Antonio Pedro.

Ha mais de 30 annos que **Cascaes** escreveu uma outra peça, a unica que não foi representada e de que chegou a mandar fazer figurinos coloridos, desenhos de scenas, etc. Essa peça é a comedia em 5 actos *A Inauguração da estatua equestre.* Tem-se opposto principalmente á sua representação a despeza que demanda e que tem feito vacillar as emprezas. A proposito da não representação d'esta peça ha um artigo de **Cascaes** e considerações honrosissimas da redacção, no *Jornal do Commercio* de 29 de abril de 1862. É notavel que todas as peças do illustre escriptor fizeram bella carreira.

O illustre dramaturgo falleceu em Lisboa a 7 de março de 1898.

1845 — Representa pela primeira vez, no drama historico *A Rainha e a Aventureira,* a actriz **Fortunata Levy**.

Cursára o Conservatorio, recebendo o primeiro premio de declamação no anno de 1844.

Logo depois da abertura do Gymnasio foi para alli escripturada, fazendo com muito brilho papeis importantes na *Gargalhada, Amor maternal, Mulher de juizo* e em outras peças. Foi seu ensaiador Emilio Doux.

Convidada por Emilia das Neves, acceitou uma escriptura para o theatro de S. João, do Porto. Ahi representou com muito louvor os segundos papeis do repertorio de Emilia. Assim, entrou na *Joanna a Doida, Judith, Adriana Lecouvreur, Maria Stuart, Medéa,* etc.

Por essa occasião levou em seu beneficio o drama *O Trovador,* traduzido expressamente para esse fim pelo escriptor Sousa Lobo.

Acompanhou Emilia das Neves em toda a sua *tournée* pelas provincias.

Quando foi a abertura do theatro de D. Maria, **Fortunata Levy** fez parte da sociedade artistica, sendo classificada por portaria do governo.

Pouco tempo alli se conservou, pedindo a sua demissão, em consequencia de divergencias na distribuição d'algumas peças.

Fortunata Levy retirou-se muito cedo da scena.

1849 — Inauguração do **Theatro de D. Fernando.**

Este theatro foi edificado no largo de Santa Justa, no local onde existia a egreja da mesma invocação e onde depois se edificou um predio em que tem estado estabelecido o Hotel Pelicano.

A primeira peça alli representada foi o drama *Adriana Lecouvreur,* representando o principal papel Emilia das Neves e sendo ensaiador Emilio Doux.

O theatro era de feia construcção e foi sempre de grande infelicidade. Nenhuma empreza alli fez fortuna, apezar de lá terem funccionado magnificas companhias portuguezas e estrangeiras, de drama, comedia, opera comica e zarzuela.

Foi demolido antes de 1860.

1854 — Nasce **Libanio da Silva.**

É um dos primeiros typographos de Lisboa; illustrado, intelligentissimo e sabendo a fundo da sua arte, que elle ama do coração.

É actualmente proprietario de uma das mais importantes imprensas da capital, aquella em que o nosso livro é impresso.

O seu caracter honestissimo e independente, o seu trato affavel, a sua conversação sempre amena e proveitosa, fazem d'elle um dos mais queridos artistas de Lisboa.

Do theatro tem sido um apaixonado e nos theatros são todos seus amigos e dedicados. É principalmente no Gymnasio que elle passa as suas horas de mais alegre repouso.

Se as suas occupações lh'o permittissem poderia ter já dado para o theatro, que elle conhece bem, muitos trabalhos importantes.

De François Copée traduziu tres obras primorosas com o maior esmero de poeta correctissimo. São ellas: *Le coup de tampon,* que o actor Eloy recitou no Gymnasio com o titulo *O Choque, La veillée, Le Trésor* e *Le Passant.* Tem tambem alguns monologos e cançonetas. Com o pseudonymo *A. Dão,* escreveu durante bastante tempo gazetilhas em varios jornaes, entre elles *Reporter, Debates* e *Paiz.*

Para a opereta em um acto, *A Roseira encantada,* que se representou no theatro da Avenida, na empreza de Cinira Polonio, fez elle os versos, tendo sido a prosa de Santos Gonçalves, esse doido cheio de talento, que lá mesmo da Africa onde está trabalhando, ainda sonha com os theatros de Lisboa.

Libanio da Silva ainda escreveu *O Noivado de Procopio,* engraçada parodia á deliciosa pecinha de Gonsalves de Freitas, *Noite de nupcias.*

1861 — Representa-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes, o facto historico em 4 actos, 7 quadros e 1 prologo, original de Francisco Duarte de Almeida Araujo e Francisco da Costa Braga, **1640 ou a Restauração de Portugal.**

Esta peça, feita ao gosto popular e despertando sentimentos patrioticos, agradou immensamente e foi representada durante muitas epochas em diversos theatros, principalmente na Rua dos Condes e Principe Real.

Da primeira vez que se representou, a empreza era a Associação do Theatro da Rua dos Condes. A peça era desempenhada pelos seguintes artistas: Pereira, Loureiro, João Gil, Cypriano, Soares, Maggiolly, Silverio Gil, Gil (pae), Queiroz, Soller, Capistrano, Rollão, Murteira, Silva Pereira, Santos, José Fialho, Joaquim Bento, Augusto, Felicidade, Amelia, Luiza Fialho, Carolina Pereira, Joanna Carlota e Francisca Queiroz.

1861 — Nasce a actriz **Izabel Berardi.**

Aos 30 annos de edade, por uma serie de circumstancias particulares, viu-se forçada a tentar a carreira d'actriz como modo de vida. Estreiou se com amadores no theatro do Rato e em 1892 entrou para o theatro da Rua dos Condes, onde pouco fez. Passou logo para o Principe Real e ahi foi util, porque tem figura e apresentação. Foi com uma companhia aos Açores e, á volta, esteve contractada por Lucinda Simões na sua empreza do theatro da Rua dos Condes. Ultimamente, sem escriptura, tem representado com amadores em diversas sociedades e sempre com agrado.

1882 — Morre em Lisboa **João Luiz da Silva Vianna.**

Era natural de Benguella. Um excellente rapaz, bastante intelligente e muito dedicado ao theatro.

Collaborou em diversos jornaes, onde se dedicou muito á critica dramatica.

Traduziu e imitou diversas comedias e entre ellas as seguintes: *A. B. C.*, *Força do Destino*, *Quem será?*, representadas no theatro de D. Maria; *Por causa d'uma viuva*, representada no Gymnasio; *Um modelo* e *Guerra ás mulheres*, representadas no Principe Real.

Publicou um folheto com o titulo de *Decadencia da arte dramatica em Portugal.*

Silva Vianna morreu muito novo.

1896 — Morre em Lisboa o actor **Bravo.**

Tinha uma modesta carreira no theatro de D. Maria, pois nunca se salientou em qualquer papel.

Tinha uma bonita voz de tenor, mas que não podia aproveitar em companhias de opereta, porque a figura era desastrada. Só brilhava quando tinha uma aria a cantar dentro dos bastidores.

Bravo foi por mais de uma vez ao Brazil, sem tambem alli se salientar.

Morreu ainda novo.

30

1569 — Morre com 41 annos de edade o erudito escriptor **Antonio Ferreira.**

Foi lente da Universidade de Coimbra, Dezembargador da Casa da Supplicação, etc.

O seu logar n'este livro é-lhe marcado por ser auctor da tragedia *Castro*, que tão disputada lhe foi até que se provou ser elle o seu verdadeiro auctor e outros os plagiarios.

A edição mais antiga d'essa tragedia, a qual se representou pela primeira vez em Coimbra, foi feita em 1587.

Antonio Ferreira, que nascera em Lisboa, morreu da peste que, em 1569, assolou esta capital.

31

1832 — Nasce em Lisboa o actor **Queiroz.**

Começou a vida por operario tecelão e, nas horas vagas, amador dramatico. O amor do theatro e a ambição da gloria espicaçaram-n'o ao ponto de atirar com elle para o velho theatro da Rua dos Condes, onde se estreiou em 1851 na farça *O Janota almofadado*. Em 1852 percorreu as provincias e em 1853 voltou á Rua dos Condes, onde reappareceu na comedia *Pagens de Luiz XII.*

Em 1855 passou para o theatro de D. Fernando, onde se conservou até que, em

1858, foi contractado para a abertura do theatro das Variedades, antigo Salitre.

Em 1861 voltou para a Rua dos Condes e só de lá sahiu para ir inaugurar o theatro da Trindade, donde nunca mais sahiu até hoje.

O repertorio de **Queiroz** é talvez o maior e mais variado que tem tido um artista portuguez. Trabalha sem interrupção ha 47 annos, tendo feito um numero incalculavel de papeis. Das peças em que tem entrado seria facil obter a relação, porque elle de tudo toma nota, mas seria tambem fastidioso publical-a. Citarei apenas aquellas em que mais distincto se tem tornado e principalmente aquellas em que o publico mais o tem festejado: *Revista de 1858, 66, Sr. João e sr.ª Helena, Intrigas no bairro, Nogueira da avósinha, Precisa-se d'um creado de servir, Marina, Postilhão da Rioja, Castello de bronze, Tres inimigos d'alma, Salamandra, Corsario, Familia Benoiton, Sr. Procopio Bacta, Barba Azul, Gata Borralheira, Fausto o petiz, Pepe Hillo, Segredo d'uma dama, Campanone, Cruz de ouro, Filha da sr.ª Angot, Giroflé-Giroflá, Marselheza, Sinos de Corneville, Mestre Perouilha, Duquezinho, Graziella, Madame Favart, Dragões d'el-rei, Mascotte, Noite e Dia, Boccacio, Trinta botões, Moira de Silces, Conspiração na aldeia, Duetto da Africana, Fada do Amor*, etc.

Tenho de considerar **Queiroz** debaixo de quatro pontos de vista: como homem é d'uma honestidade exemplar e de um comportamento invejavel no theatro; como escriptor compoz para o theatro algumas comedias engraçadissimas, em que sobresaem *A criada diplomata* e *Por causa de um par de botas:* tambem, de collaboração com Izidoro, escreveu uma boa comedia, com o titulo *Quem procura sempre acha;* como actor é muito util, correcto e trabalhador; como cantor, possue, ainda aos 66 annos, uma apreciavel e bonita voz de barytono, que aproveita com grandes vantagens.

Queiroz dispõe de grande estima entre os collegas e o publico.

No meu livro, que brevemente apparecerá com o titulo *Documentos e depoimentos*, publicarei um de Francisco Palha, que muito honra este actor.

1838 — Nasce o estimado monarcha

El-Rei **DOM LUIZ I.**

O illustrado principe dedicara-se muito ao estudo das coisas maritimas, desenvolvendo as theorias que adquirira, com a pratica das longas viagens, que teve de abandonar, por ser inesperadamente chamado ao throno pelo prematuro fallecimento de seu irmão D. Pedro V.

Não vem para aqui fazer a critica do reinado do senhor **D. Luiz I.**

Figura n'este livro apenas pelos seus trabalhos litterarios com relação ao theatro.

Mais tarde as chronicas narrarão acontecimentos, alguns dos quaes podem ter relação com a Arte e com os artistas.

El-Rei **Dom Luiz** dedicou-se em especial a traduzir Shakespeare.

Estão impressas as suas traducções do *Hamlet, Mercador de Veneza, Ricardo III* e *Othello.*

Segundo consta, ficaram ineditas as suas seguintes traducções: *Romeu e Julieta, Estupro de Lucrecia, Venus e Adonis* e *Féra domesticada.*

Quando no theatro de D. Maria foi representada a peça de Sardou, *Fédora,* correu geralmente, que, apesar de ser apresentada com outro nome, a traducção era de El-Rei **D. Luiz**, que adquirira a propriedade da peça em Paris. Nada posso affirmar a esse respeito.

Dom Luiz I era tambem um musico dis-

tincto, como compositor e como executante de diversos instrumentos, principalmente violoncello, tendo sido ouvido por vezes em concertos no paço.

1854 — Estreia-se no theatro de S. Carlos, na opera de Rossini, *Cenerentola*, a notavel cantora **Marieta Alboni.**

Era uma verdadeira celebridade, que causou fanatismo em Lisboa, como o fizera em toda a Europa.

A **Alboni** cantou no nosso theatro lyrico, além da *Cenerentola*, a *Favorita*, a *Anna Bolena*, a *Filha do Regimento*, o *Barbeiro de Sevilha*, a *Pêga ladra* e a *Semiramis*.

A epocha de 1854 a 1855 foi das mais brilhantes que conta o nosso theatro lyrico. Na companhia figuravam, além da **Alboni**, outra grande dama, a Castellan, o notavel tenor Miraglia e o celebre barytono Bartolini. Fazia tambem parte da companhia o distinctissimo choreographo e bailarino Saint-Léon.

Cantaram-se pela primeira vez as operas *Trovador*, *Rigoletto*, *Stefano*, *Galioto Manfredi* e *Luigi Rola*.

Subiram á scena com grande esplendor os notaveis bailes *Saltarello*, *Abelhas*, *Duende do valle* e *Flores animadas*.

Houve concertos pelo celebre violinista Camillo Sivori e não menos celebre violoncellista Léon Jacquard.

Por concessão do governo foram elevados os preços do theatro, mas, depois d'essa elevação custavam as frizas 3$200 réis, a 1.ª ordem 4$000 réis, a 2.ª ordem 3$200 réis, a 3.ª ordem 2$400 réis, as torrinhas 1$600 réis, a superior 960 réis e a geral 500 réis!

1869 — Nasce em Valença do Minho a actriz **Rosa Pereira.**

Veiu para Lisboa aos 15 annos, e aos 17 estreiava-se no theatro da Alegria, que n'essa epocha era digido pelo fallecido escriptor popular Jacobetty. A peça em que primeiro appareceu e em que bastante agradou era uma parodia ao *Processo do Cancan*.

Entrou depois nas comedias *Cabeço de Bolla*, *Theatro por dentro*, *30 botões* e *Tio Padre*, sempre com agrado crescente. Quando a empreza terminou, foi n'uma digressão ás provincias, até que no fim de 1889 foi contractada para o theatro Chalet, do Porto, onde representou com muito successo na revista *Pastilhas do Diabo*, na magica *Sete Castellos do Diabo* e na comedia *O Rosalino*.

Em 1890 veiu para Lisboa. Contractei-a logo para tomar parte n'uma *reprise* da revista *Tim Tim por Tim Tim*, no theatro da Avenida. Ahi agradou immensamente.

Foi ainda representar ao Porto e Povoa de Varzim, embarcando depois para o Rio de Janeiro, contractada por Guilherme da Silveira. Estreiou-se alli a 12 de fevereiro de 1891 com enorme exito.

Poucas peças poude representar, porque a terrivel febre amarella a matou a 4 de maio do mesmo anno.

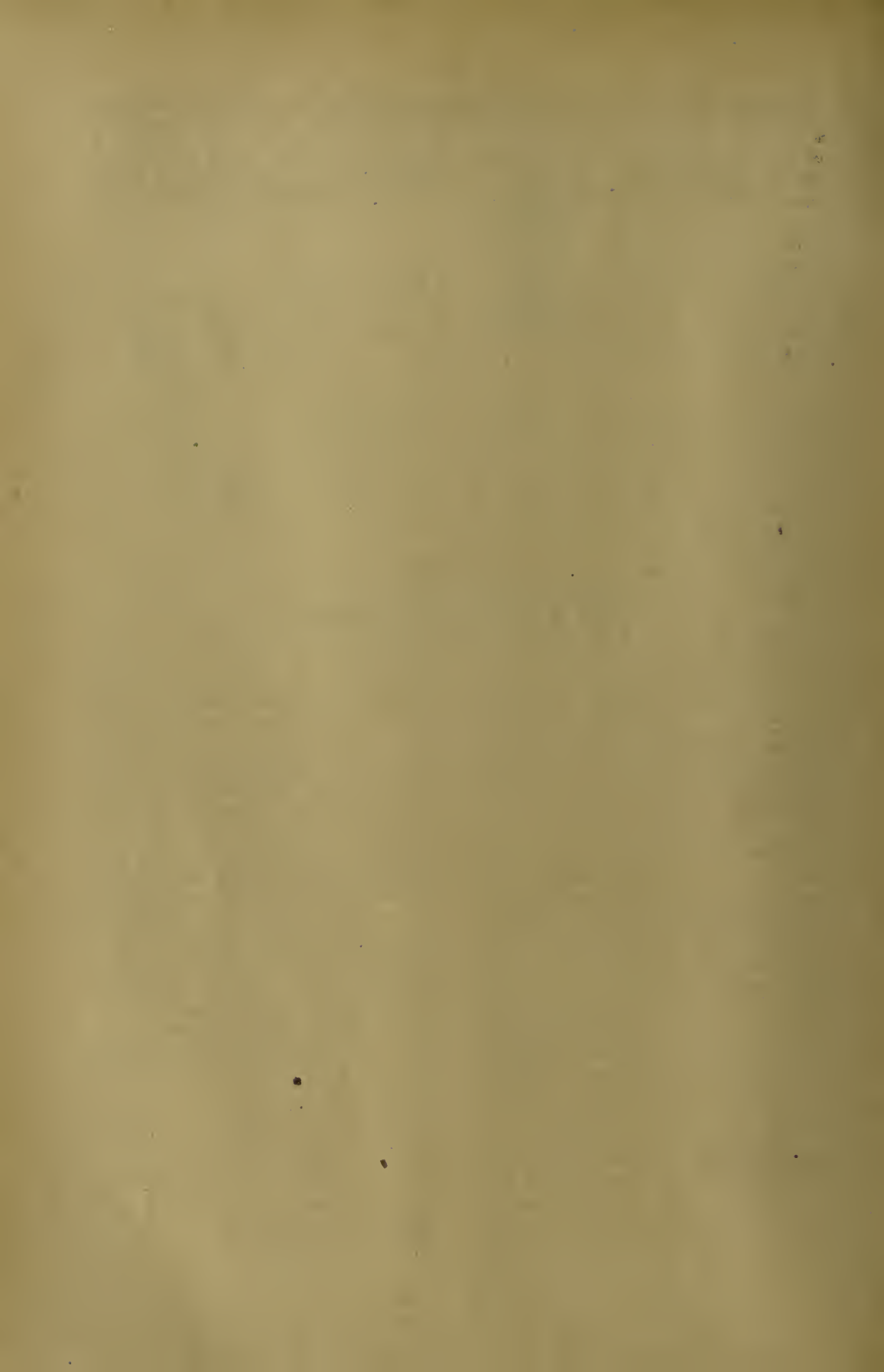
Entrou ainda assim na revista de Arthur Azevedo, *Viajem ao Parnaso*, nas magicas *Gato preto* e *Galinha dos ovos de ouro*, no vaudeville *As andorinhas*, na comedia *A menina Rosa* e na cançoneta *Caluda, José!*

Rosa Pereira era formosa, engraçada e dizia bem o *couplet*.

Pena foi que a morte a arrebatasse aos 21 annos de edade, porque tinha futuro.

NOVEMBRO

NOVEMBRO

I

1531 — Gil Vicente representa em Alvito, na presença de D. João III e para festejar o nascimento do principe D. Manuel, o seu **Auto da Luzitania**.

1755 — Desmoronamento e incendio, motivado pelo terremoto, do grande e sumptuoso theatro **Opera do Tejo**, que se havia inaugurado a 31 de março do mesmo anno. Veja-se esta data.

Era dos mais sumptuosos theatros lyricos do mundo.

1816 — Nasce no Porto, na rua Escura, o notabilissimo jornalista e distinctissimo litterato **Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.**

São sufficientemente conhecidas as brilhantissimas qualidades de escriptor e o pulso vigoroso de jornalista ardente e publicista energico, que adornavam **Teixeira de Vasconcellos.** Foi atacado e censurado como poucos, mas teve tambem as honras e distincções que mereceu como raros.

Além de redactor e collaborador de importantes jornaes politicos e litterarios, fundou os seguintes: *A Opposição Nacional*, *A Illustração, O Arauto, Gazeta de Portugal* e *Jornal da Noite.*

Publicou diversos estudos, perfis e apontamentos biographicos e os romances: *Roberto. Valença, Prato de arroz doce, Viagens na terra alheia, Ermida de Castromino* e *Lição ao mestre.*

No ultimo quartel da vida, frequentando muito os camarins dos artistas do theatro do Gymnasio, a pedido d'estes, escreveu duas comedias que muito agradaram, especialmente a que se intitulava *O Dente da Baroneza.*

Pena foi que mais cedo se não houvera dedicado ao theatro quem tanto talento possuia e que, n'um simples ensaio, mostrou as aptidões de que poderia dispôr para aquelle genero de litteratura.

Teixeira de Vasconcellos morreu em Paris a 29 de julho de 1878.

1826 — Nasce a actriz **Josephina Miró**.

Tinha 20 annos quando entrou para o Gymnasio, estreiando-se no drama *O Cabrito montez*. Era formosa, elegante e não lhe faltavam qualidades para a scena. Fez andar a cabeça á roda a muito janota da epocha, mas preferiu a todos o afamado maestro Miró, que por ella se apaixonou loucamente e com ella casou.

Josephina chegou a estar no theatro de D. Maria, bem collocada, mas partiu com seu marido para o Brazil em busca de melhor sorte. Miró morreu em Pernambuco, seguindo ella depois para o Rio de Janeiro, onde trabalhou ainda por muito tempo.

Regressando a Portugal já velha, nunca mais poude trabalhar. Vive hoje, quasi cega, na ultima miseria, esmolando o negro pão de cada dia.

1836 — Nasce n'uma aldeia, proximo de Castello Branco, a distincta actriz **Emilia Adelaide**.

Veiu para Lisboa aos 18 annos. Era formosa, captivante, tinha um sorriso adoravel, olhar expressivo e meigo, uma voz seductora, todos os dotes que a tornavam disputada pela *jeunesse dorée* da epocha. Um d'elles descobriu-lhe qualidades para o theatro e para lá a levou.

Estreiou-se em D. Maria, em 1856, na comedia em 1 acto, *A Chavena quebrada*. Agradou, e, dia a dia, progrediu, sobresahindo primeiramente no drama do seu protector, Ernesto Biester, *Caridade na sombra*. Mais tarde salientou-se sobremodo nas peças: *Fidalgos de Bois Doré*, *Vida d'um rapaz pobre*, *Nobres e plebeus*, *Morgadinha de Valflor*, *Judia*, *Frei Caetano Brandão*, *Angelo*, *Antony*, *Redempção*, *Mademoiselle de Belle Isle*, *Idiota*, *Aventureira*, *Maria Antonietta*, *Tartufo*, *Fernanda*, *Fortuna e trabalho*, *Homens ricos*, *Dama das Camelias*, etc.

Estava no apogeu da sua gloria, querida de todos, quando se lembrou de formar companhia com que percorreu as provincias, ilhas e Brazil. Teve por lá grandes successos, mas não fez a fortuna que ambicionava, e, quando regressou a Lisboa e foi representar nos theatros dos Recreios e Principe Real, deixou o publico desapontado pela decadencia artistica em que se mostrou.

Voltou mais tarde ao Brazil, onde nada mais fez e por lá ficou vivendo da reforma que o governo portuguez lhe concedeu pelos serviços prestados em D. Maria.

No Rio de Janeiro tem feito algumas tentativas infructiferas, porque perdeu de todo o prestigio que tinha no publico. Foi pena realmente que estragasse um nome artistico bem illustre, que poderia ter conservado.

1863 — Nasce no Rio de Janeiro **Luiz de Castro**.

É filho do velho Castro, distinctissimo jornalista, que foi redactor do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

Luiz de Castro é tambem habil jornalista, fazendo parte da redacção da *Gazeta de Noticias*.

Representa no Brazil a Sociedade dos Auctores Dramaticos de Paris.

Luiz de Castro têm feito diversos trabalhos para o theatro. A sua primeira peça original, o drama em 4 actos *Edith Valdora*, foi traduzida em italiano e representada em 1891 no theatro de S. Pedro d'Alcantara, do Rio, tomando parte no desempenho os notaveis artistas Emanuel e Virginia Reiter. A sua primeira traducção foi do *Principe Zilah*, que se representou no theatro Recreio Dramatico, em 1884.

1879 — Nasce em Lisboa a actriz **Maria Costa**.

Começa a sua carreira com promessas de bom futuro. Appareceu primeiramente no theatro Bijou Infantil do actor Chaves. Como creança, fazia o que podia e lhe ensinavam, agradando sempre.

Depois estreiou-se na Rua dos Condes, n'uma revista *Zás Trás*, em que mostrou muitas disposições para o theatro.

Contractei-a para a Trindade na epocha de 1896-1897 e ahi continuou agradando na revista *Em pratos limpos*, na magica *Gata Borralheira* e na opereta *Princeza Colombina*.

Continuando na Trindade, salientou-se na seguinte epocha no desempenho do papel do *tisico Claudino,* no drama *Os dois garotos.*

Maria Costa tem aptidões para a scena e, se estudar, tem segura a sua carreira.

2

1828 — Nasce em Lisboa, na travessa

da Pereira, á Graça, o notavel actor **IZIDORO.**

Filho de um pobre operario accommettido pela cegueira, calcule-se como seria cortada de privações e miseria a infancia do notavel actor **Izidoro Sabino Ferreira,** que nem poude frequentar a escóla, e que, se conseguiu aprender a ler escrever, a si unicamente o deveu, estudando com esforço e pertinacia e valendo-se dos rapazes da sua edade para lhe explicarem os pontos mais obscuros.

Começou aprendendo os officios de chapeleiro e tecelão; mas os seus sonhos dourados só podiam realisar-se no theatro, e, para alli entrar de qualquer fórma, depois de fazer papeis de dama nas sociedades de curiosos, conseguiu ser comparsa em D. Maria.

Em 1849 tomou parte n'uma recita publica no theatro d'Almada, onde bastante agradou.

A 30 de novembro do mesmo anno estreiou-se como actor, em Lisboa, no velho theatro do Salitre, na comedia *Uma fraqueza.* Como ganhasse ahi muito pouco e só nas noites em que representava, resolveu-se a ir com uma companhia para as provincias. O resultado pecuniario foi tão infeliz, que tomou a determinação de voltar ao officio, para não morrer de fome.

Como a gloria do palco o attrahisse e o não deixasse socegar um momento, pediu e obteve um logar de discipulo no Gymnasio e ahi se estreiou, a 7 de abril de 1853 na comedia *Atraz de uma mulher.*

Se n'esta comedia pouco agradou, teve logo a desforra, a 19 de julho, fazendo successo no *Manuel (ferreiro)* do *Andador das Almas.* D'ahi em diante mais agradava e mais se popularisava em cada papel. Choveram logo as propostas d'outros theatros e especialmente de D. Maria.

Izidoro era protegido pelo Taborda e por isso despresou tudo para continuar no Gymnasio, até que, tendo uma proposta vantajosissima, foi inaugurar o theatro das Variedades, em 1858. Ahi entrou logo com o pé direito, no papel de *Abdallah* da *Loteria do Diabo.*

Nas Variedades, como actor e como ensaiador, **Izidoro** confirmou o seu muito merecimento em innumeras peças de diversos generos.

A 11 de junho de 1861 foi **Izidoro** classificado como actor de primeira classe pelo conselho dramatico.

N'essa occasião fez o eximio artista uma excursão a Evora, e, á volta, entrou de novo para o Gymnasio. Ahi teve então uma epocha brilhantissima, desempenhando primorosamente e com graça inexcedivel centos de comedias, entre as quaes: *Não é com essas!, Por um triz, Jantar amargurado, Agiota em miniatura, Filho-familias,* etc.

A 1 de novembro de 1863 entrou para o theatro de D. Maria, dando-se-lhe o maior ordenado da casa. Ahi agradou immensamente nos *Homens ricos,* nos *Caturras,* na *Paz domestica,* no *Coração e arte,* etc.

A 30 de junho de 1866, juntamente com Santos, Tasso, Emilia Adelaide e outros, sahia **Izidoro** de D. Maria para fazer uma epocha no theatro da Rua dos Con-

des, indo em seguida inaugurar o da Trindade.

N'este theatro esteve **Izidoro** até 1876, tendo apenas um intervallo em que descançou e deu algumas recitas no Gymnasio, em 1873.

No seu ultimo repertorio podem destacar-se as peças que fez mais brilhantemente: *Duas bengalas*, *Familia Benoiton*, *Conspiração na aldeia*, *Procopio Baeta*, *Filha do avarento*, *Nas armas do touro*, *Pupillas do sr. Reitor*, *Barba Azul*, *Gata borralheira*, *Cosinha, casa de jantar e sala*, *Criada ama*, *Fausto o petiz*, *Rosa de sete folhas*, *Pepe Hillo*, *É caso!*, *Quatro mulheres n'uma casa* e *Botija*.

Izidoro morreu em setembro de 1876.

Escreveu para o Gymnasio uma revista em 2 actos, arranjou em prosa a *Nora Castro*, imitou e traduziu diversas comedias que tiveram muito agrado, entre ellas: *Sem jantar*, *Dois irmãos unidos*, *Precisa-se d'uma senhora para viajar*, *Homens de bronze*, etc.

Izidoro era condecorado com o habito de S. Thiago.

1848 — Nasce a actriz **Sophia d'Oliveira**.

Estreiou-se no theatro da Trindade, a 17 de janeiro de 1876, na magica *A corôa de Carlos Magno*.

N'esse mesmo anno a contractei eu para o theatro da Rua dos Condes e depois para o Principe Real.

Voltou para a Rua dos Condes, d'ahi para os Recreios e mais tarde para o Porto e provincias.

Ultimamente foi com a companhia Taveira ao Rio de Janeiro e nos theatros de lá se deixou ficar, sem que por cá tenha feito falta.

Quando tinha uma voz bonita, era de certa utilidade na scena. Actualmente canta mal, como mal tem representado toda a sua vida. Ainda assim, chegou a ter uma certa utilidade nos theatros secundarios, e, seja dita a verdade, com louvores mais justificados do que os que hoje concedem a muitas, que nada absolutamente valem.

1896 — Morre no Rio de Janeiro o aderecista **Domingos Costa**.

Era portuguez, natural de Braga, onde nascera em 1846. Foi para o Rio de Janeiro em 1858 e alli exerceu o officio de serigueiro.

Entrou como aderecista, em 1870, para o theatro Alcazar, empreza Arnaud, sendo a primeira peça para que fez adereços a *Madame L'Archiduc*.

Trabalhou depois com grande actividade e perfeição para todos os theatros do Rio de Janeiro.

Era um bellissimo homem, serviçal, afavel, habilidoso e honestissimo. A sua morte foi muito sentida por todo o mundo theatral do Brazil.

3

1843 — Grande pateada no theatro de S. Carlos por occasião de se dansar pela primeira vez o baile *Gisella*. Do camarote de bôcca de 3.ª ordem foram arremessadas ao palco diversas immundicies e um mólho de cebollas.

A policia prendeu dois individuos que encontrou no mesmo camarote, José Antonio de Carvalho e Thomaz Rodrigues. Apurou-se que estes dois sujeitos e outros que na platéa pateavam, obedeciam a suggestões de um tal José Stephene, que tinha sido despedido de bailarino do theatro, juntamente com outros.

1849 — Nasce o actor **Eduardo Soares**.

Estreiou-se no theatro do Principe Real em 1872, n'um beneficio do actor Salazar, na peça *Darlington o ambicioso*

Apesar de ter estado nos theatros do Principe Real, Variedades e Rato, é pouco conhecido, porque passou grande parte da sua carreira nas provincias, estando por muitos annos na companhia do Soares.

Ultimamente voltou para o Principe Real. É um tanto prejudicado pelos modos bruscos e a voz de *papão* que tem, mas não é destituido de merecimento. É mesmo

bastante util no genero que explora o theatro em que está agora contractado.

No mundo theatral é este actor mais conhecido pelo **Soares rapa tachos**.

1859 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, na comedia *Grandeza d'alma*, o actor **Capistrano**.

Apezar de ser muito nervoso e um pouco tartamudo, tinha o seu merecimento em papeis comicos.

Fez n'aquelle theatro um grande repertorio e foi depois para o Porto, onde bastante agradou.

Nos ultimo annos da vida a doença impossibilitou-o de trabalhar e viveu, ao abrigo da miseria, de uma subscripção que entre muitos collegas lhe alcançou o bondoso actor Amaral.

1863 — Nasce **Germano de Sousa**.

Começou exercendo a arte typographica, que abandonou para se empregar na empreza de transportes Salazar.

Resolvendo fazer-se actor, entrou para a companhia do theatro da Rua dos Condes em 1881, estreiando-se n'um pequeno papel do drama *Noventa e tres*. Com essa companhia passou para o theatro dos Recreios, depois para o Rato, Alegria e Principe Real. Foi sempre um actor muito mediocre.

Em 1890 foi escripturado como ponto para o theatro de D. Maria, tornando-se um dos mais distinctos que tem tido o nosso theatro.

Era um bohemio, mas um excellente rapaz. Victima de um tysica mesentherica, falleceu em Lisboa a 13 de julho de 1898.

Durante os oito mezes da sua gravissima enfermidade a empreza Rosas & Brazão louvavelmente lhe conservou os ordenados e encarregou-se depois de fazer-lhe o enterro.

4

1737 — Inauguração do **theatro d'Ajuda** no palacio real, com opera italiana. Este theatro teve um grande esplendor durante o reinado de D. João V, chegando no de D. José a ser considerado um dos primeiros da Europa.

Foi construido pelo architecto italiano João Carlos Bibiena, que depois construiu tambem o sumptuoso theatro da Opera do Tejo.

1787 — Canta-se pela primeira vez, em Praga, a opera de Mozart, **D. João**.

A partitura foi concluida a 28 de outubro e por isso estudada e ensaiada em 7 dias!

Mozart contava então 31 annos d'edade.

A opera foi cantada pelos artistas: Bassi, Baglioni, Ponziani, Teresa Saporiti e Catalina Bondini.

Os ensaios, foram dirigidos por Mozart, que no primeiro ensaio geral se escondeu no palco. Quando se executava o final do 1.º acto, não estando satisfeito, saltou á scena e fez repetir tudo. No momento de saltar, agarrou-se inesperadamente á cantora Bondini, que, assustada, soltou um grande grito.—Assim, assim, disse Mozart, assim é que deve dar o grito.

No segundo acto reprehendeu um musico que não tocava o trombone á sua vontade, e como elle recalcitrasse, pegou n'um lapis e riscou-lhe toda a parte.

Na vespera da representação perdeu a noite com os amigos, sem ter ainda escripto a symphonia. Foi de manhã para casa fazel-a, ao lado dos copistas que iam trabalhando.

O exito foi completo, sendo repetidos quasi todos os trechos.

Em Italia esta opera só se cantou em 1814.

1787 — Nasce em Londres o grande tragico inglez **EDMUNDO KEAN**.

Era filho de um pobre alfaiate, Aarão Kean, mas pretendia ser bastardo do duque de Norfolk.

Aos cinco annos de edade, os paes mandaram-n'o para o Drury-Lane, aos cuidados de um bailarino, que lhe deslocou os membros e o obrigou a figurar na scena dos espectros do *Macbeth*.

Mandaram-n'o depois para um collegio,

mas não quiz sujeição, fugiu e engajou-se como moço de bordo de um navio que viajava para a Madeira. Não lhe convindo o rigor de bordo, fingiu-se surdo para entrar n'um hospital, d'onde depois tambem se safou.

Á volta a Londres, tendo-lhe morrido os paes, sem ter casa nem pão, lançou mão do ultimo recurso, contractando-se n'uma companhia de saltimbancos, onde foi fazer um papel de macaco. Assim percorreu diversas terras.

De regresso ainda a Londres, protegido por uma actriz, obteve collocação n'um theatro inferior, passando depois para outro, o York Shire, onde, logo aos 15 annos, começou a ser muito festejado.

Protegido pelo Dr. Drury, esteve depois tres annos n'um collegio, mas ambicionando uma vida mais livre, fez-se actor ambulante.

Aos 20 annos cazou com uma modesta actriz, o que mais lhe difficultou a vida.

Protegido ainda pelo Dr. Drury, conseguiu, a 26 de janeiro de 1814, estreiar-se no Drury-Lane, no papel de *Shylock* do *Mercador de Veneza.* Foi uma revelação extraordinaria. Deu uma nova feição, a verdadeira, ao notavel personagem de Shakespeare. Foi completo o exito.

Passou logo a fazer outras creações em que se tornou notabilissimo: o *Hamlet,* o *Iago*, o *Romeu* e principalmente o *Othello* e o *Ricardo III.*

Foi tal o exito, que o theatro, em menos de seis mezes, fez de receita mais de cincoenta mil libras, cabendo á parte de **Kean** treze mil!

A riqueza repentina embriagou-o por fórma, que se entregou a uma prodigalidade sem limites, pôz em pratica as mais excentricas phantasias e abraçou os vicios mais crapulosos.

Satisfazia os mais dispendiosos caprichos, vivendo n'um luxo asiatico, ao mesmo tempo que não abandonava a taberna, convivendo intimamente com os vadios mais repellentes, entregando-se ao jogo e á embriaguez.

Quantas vezes foi preciso ir arrancal-o á taberna, para leval-o ainda bebedo para a scena! Por vezes tambem foi indispensavel ir tiral-o da scena pelo estado inconveniente em que alli se achava!

Quando foi representar a Paris, teve alli grande exito, mas conservou os seus detestaveis habitos, tendo o emprezario de ir sempre buscal-o ao Café Inglez para o obrigar a ir para a scena.

Quanto ganhava, tudo desbaratava. Só um talento superior e extraordinario conseguiria ser querido e adorado, com os habitos repugnantes que tinha.

Os seus ultimos triumphos assignalaram-se em 1827 e 1828.

N'este ultimo anno deu algumas representações no Covent-Garden, reentrando depois definitivamente no Drury-Lane.

Em 1832, quando o seu talento devia estar em toda a pujança, morreu arruinado pelo deboche e pelas extravagancias, deixando na maior miseria a familia.

Kean foi sempre considerado um prodigio.

1835 — Nasce em Lisboa o conhecido e estimado emprezarario **José Joaquim Pinto.**

Empregado no Supremo tribunal de Justiça, só em 1869 se fez emprezario, associando-se com o grande actor Santos, no theatro do Principe Real. N'esse tempo subiram alli á scena, entre outras peças: *Os solteirões*, *O abysmo*, *A ponte dos suspiros*, *A harpa de Deus*, *A flor de Chá*, *Os herdeiros do millionario* e *Antony*.

Associado a Santos, tomou a empreza do theatro de D. Maria, em concurso, até junho de 1876. As principaes peças d'essa epocha foram: *O juiz*, *Tartufo*, *Sabichonas*, *Drama do povo*, *Caridade*, *Duas orphãs*, *Patria*, *Maria Antonietta*, *Mademoiselle de Belle Isle*, *Magdalena*, *Paralytico*, *Condessa do Freixial*, *Condemnado*, *Louco d'Evora*, *Marquez de Villemer*, *Gladiador de Ravenna* e *Fernanda*.

Com Santos sahiu Pinto para o theatro do Gymnasio, onde por essa occasião, entre outras peças, subiu á scena o *Saltimbanco* de Antonio Ennes.

Passando ainda com Santos para a Rua dos Condes, fez representar ahi as seguintes peças originaes: *Condessa Heloisa*, *Casas, criados e agiotas*, *Ladrões de Lisboa*, *Mysterios de Lisboa* e *O actor*.

Deixando a sociedade com o actor Santos, ficou **Pinto** com a empreza da Rua dos Condes, onde por essa occasião se representaram os dramas: *Vivandeira do 16 de linha*, *Bandeira do regimento*, *Medico negro*, *Corsario negro* e a peça phantastica *Espelho da Verdade*.

Em setembro de 1881 tomou **José Joaquim Pinto** a empreza do Gymnasio, em que tem sempre conservado magnifica companhia de comedia ou drama e feito representar peças de muito valor no genero, como: *Sargento-mór de Villar*, *Amigo dos diabos*, *Voz do sangue*, *Commissario de policia*, *Em boa hora o diga*, *Noivas de Eneas*, *Dinheiro do anão*, *Familia Pont-Biquet*, *Filho de Carolina*, *Anastacia & C.ª*, *Primeiro marido de França*, *Hotel do Livre Cambio*, *Madrinha de Charley*, *Scenas burguezas*, *Tres mulheres para um marido*, *Pimentas*, *Sr.ª Ministra*, *Gatuno*, *Kalifa*, etc.

José Joaquim Pinto é queridissimo dos seus artistas e do publico. É um cavalheiro, digno de toda a consideração. Ninguem ha em Lisboa que não conheça e estime o **Pinto do Gymnasio**, como elle é mais conhecido.

1874 — Nasce em Lisboa a actriz **Maria Falcão.**

Já n'outro logar d'este livro tive occasião de me referir a esta graciosa actriz, que tem tanto de talentosa como de leviana. Se aproveitasse os muitos dotes que possue para a scena, poderia occupar no theatro um bellissimo logar.

Estreiou-se no Principe Real no papel do *delphim* da *Maria Antonieta*. N'aquelle theatro, no Brazil e depois em D. Maria, onde se estreiou no drama *Affonso VI*, fez sempre boa figura. Salientou-se principalmente na peça de Marcellino Mesquita, *O velho thema*.

Andou depois pelo Brazil, sem se importar muito com o theatro e ha pouco regressou a Lisboa. Substituindo a actriz Laura Cruz, acompanhou á provincia a companhia de D. Maria.

1891 — Morre o poeta e dramaturgo **Francisco Gomes de Amorim**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 13 de agosto.

5

1815 — Nasce no Rio de Janeiro **Luiz Carlos Martins Penna.**

Cursou a aula do commercio, frequentando ao mesmo tempo a Academia de Bellas Artes. Teve principios geraes de architectura, pintura, estatuaria e musica.

Estudou muito a litteratura e idiomas principaes, manejando perfeitamente o inglez, francez e italiano.

Em 1838 foi nomeado amanuense da mesa do consulado no Rio de Janeiro, e em 1843 entrou para a secretaría dos negocios estrangeiros. Em outubro de 1847 seguiu para a Europa, nomeado addido de primeira classe á legação brazileira em Londres Um anno depois, atacado de tuberculose pulmonar, veiu para Lisboa, na intenção de seguir para o Brazil, mas não o conseguiu, morrendo aqui a 7 de dezembro de 1848.

Primou principalmente este distincto escriptor dramatico nas comedias de costumes. As suas peças, que tiveram grande popularidade, ficaram e ainda hoje são representadas com immenso agrado.

Está impresso um volume com o titulo de *Theatro Brazileiro*, que contem as magnificas comedias de **Martins Penna**: *O Juiz de paz da roça*, *A familia e a festa da roça*, *O Judas em sabbado da Alleluia*, *Os Irmãos das almas*, *Os dois ou o inglez machinista*, *O dilettante*, *O noviço*, *O caixeiro da taverna* e *Quem casa quer casa*. Todas estas peças foram representadas no theatro de S. Pedro.

No mesmo theatro se representaram mais as seguintes: *Os namorados ou a noite de S. João*, *Os tres medicos*, *O Cigano*, *Witiza*

ou Nero de Hespanha, Bolgngbroch ou as casadas solteiras, Os meirinhos, Os ciumes de um pedestre, As desgraças de uma creancinha, O terrivel capitão da Matta, O Segredo de Estado e *A barriga de meu tio.*

Escreveu ainda os seguintes dramas: *Itaminda ou o guerreiro de Tupan, D. Leonor Telles, D. João de Lyra* e *Fernando ou o Santo Accusador*, e as comedias: *Um Sertango, O Jogo de prendas* e *O Usurario.*

As obras de **Martins Penna** honram o theatro brazileiro.

1838—Nasce em Lisboa **Carlos Cohen.**

Pertence-lhe a gloria de ter introduzido na arte de *costumier*, a par d'um raro gosto harmonico nas côres e d'uma justeza de linhas inteiramente artistica, um pouco d'essa sciencia dos estylos historicos e das epochas, que antes d'elle quasi se desconhecia em guarda-roupas de theatro portuguez.

É este o caracteristico que faz da sua obra vastissima todo um museu para a historia do costume, e que a descrimina por completo das tentativas banalmente inventivas dos seus antecessores e contemporaneos.

Carlos Cohen, mais do que pelo interesse, exerce o officio de *costumier* por verdadeiro amor á sua arte.

Seria longo e fastidioso ennumerar todas as peças, em todos os theatros de Lisboa, que elle tem vestido com extraordinario gosto e riqueza.

Bastará citar algumas, que foram verdadeiras maravilhas: *Patria, Fausto o petiz* (a que elle primeiro vestiu), *Rouxinol das salas, Tres rocas de crystal, Fructos d'oiro, Corôa de Carlos Magno, Filha da sr.ª Angot, Joanna Joanninha e Joannica, Grão-Mogol, Duquezinho, Reino das Mulheres, Fim de seculo, Sal e Pimenta*, etc.

Carlos Cohen póde gabar-se de que a sua passagem nos theatros de Lisboa fica assignalada como de grande progresso e verdadeiras innovações na historia do costume em Portugal.

1864—Inauguração do **Theatro de Ponta Delgada** com um concerto por distinctos amadores da terra, ensaiados e dirigidos pelo maestro Angelo Frondoni.

O **Theatro de Ponta Delgada** é o primeiro dos Açores. O risco foi dos srs. Pedro Augusto Serra e Herculano Gomes Machado.

Tem 45 metros de extensão e 26 de frente. O comprimento da sala é de 11 metros, a largura do proscenio 9; o palco tem 17 metros de comprimento.

Ha no theatro 52 camarotes, divididos em tres ordens e sobre elles uma galeria com 180 logares. A platéa geral tem 243 logares e as cadeiras são 46.

1872—Nasce em Lisboa o actor **Carlos Santos.**

Estreiou-se no theatro de D. Maria na comedia em 1 acto *O Leque* e na comedia em 3 actos *A kermesse.* Fez depois papeis diversos nas seguintes peças: *Salto mortal, Alcacer-Kibir, Estrangeira, Sociedade onde a gente se aborrece, Intimo, Segredo de confissão, Klephta* e *Irmã.*

Em 1894 passou para o theatro do Gymnasio, estreiando-se na comedia em 1 acto *Os primos de minha mulher.* Tem alli entrado em grande numero de peças, entre as quaes: *Hotel do livre cambio, Senhora Ministra, Nono não desejarás, Papá Lebonnard, Namorados, Toupinel que Deus haja, Por direito de conquista, Festa da inauguração, Carteira de D. Pepito, Gravata branca, Gralha, Ciume com ciume se paga, Zaragueta, Lição cruel, Madrinha de Charley*, etc.

Carlos Santos é filho do grande actor Santos e da actriz Amelia Vieira. Intelligente como é, por herança, illustrado pelo curso que seguiu e pela leitura, com boa figura e modos distinctos, não alcançou ainda o logar que de direito lhe devia pertencer.

No theatro de D. Maria não foi aproveitado como poderia ter sido; no Gymnasio parece não se dar bem com o repertorio habitual da casa a sua indole artistica.

Tem dotes, intelligencia e qualidades para muito conseguir, se a tempo se libertar de alguns defeitos que lhe prejudicam o trabalho.

1825 — Nasce em Paris o notavel architecto da Grande Opera, **Charles Garnier.**

Simultaneamente architecto, musico, critico e poeta, pertence á vigorosa raça de artistas do seculo XVI, de quem parece ter herdado a figura e as feições.

Estudante distinctissimo, viajante observador e illustre, buscando a convivencia de grandes mestres, em pouco tempo se tornou notado.

Quando em 1861 se abriu concurso para a construcção do novo theatro da Opera, **Charles Garnier** viu deante de si aberto o caminho para a realisação dos seus mais gigantescos sonhos.

Como elles se tornaram realidade, demonstra-o a maravilhosa obra, que é o assombro de todos os visitantes da grande capital.

1855 — Estreia-se no theatro de D. Maria, com o drama *D. João d'Austria* a companhia franceza do grande actor **Fréderick Lemaitre,** do qual hei de tratar no *Appendice* d'este livro.

1865 — Nasce em Cezimbra o actor **Julio Sant'Anna.**

Dedicou-se de muito novo ao commercio, assim como outros seus parentes. Aproveitava as horas vagas para se entregar á arte dramatica, sendo um curioso distincto.

Em dezembro de 1891, a meu convite, estreiou-se como actor no theatro da Rua dos Condes, na opereta em 1 acto, *O Tio Braz.*

Foi recebido com o maior agrado e maior exito obteve nos papeis que lhe confiei nas operetas *A Filha do Tambor-mór* e *Archiduqueza* e na revista *Fim de Seculo.*

Em junho de 1892 partiu com a minha companhia de opereta para o Brazil, agradando immensamente no *Burro do sr. Alcaide, Tim tim por tim tim, Miss Helyett, Grã-Duqueza, Moira de Silves* e n'outras operetas, no Rio de Janeiro, S. Paulo e Pernambuco.

Foi em Pernambuco, no dia em que teve logar a despedida da companhia que **Julio Sant'Anna** foi accommettido da febre amarella, que o impediu de embarcar com os seus companheiros, e que o matou tres dias depois.

A mocidade de Pernambuco que muito o estimava, honrou a sua memoria creando uma sociedade para dar espectaculos, com o titulo de *Arcadia Dramatica Julio Sant'-Anna.*

1875 — Inauguração dos **Recreios Whittoyne.**

No local onde hoje existe o Avenida-Palace, o palacio do Marquez da Foz e a *gare* do caminho de ferro, inaugurou-se n'este dia o estabelecimento que, por meio de acções, tinha sido creado pelo celebre clown Henry Whittoyne. Tinha um circo, theatro, café, restaurant, casa de jogos diversos, alamedas illuminadas, etc.

Alli se construiu depois o grande Colyseu e alli se deram grandes festas ao ar livre.

No theatro e no circo trabalharam diversas companhias portuguezas e estrangeiras.

1882 — Canta pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, na opera *A Favorita,* alcançando enorme agrado, o notavel tenor **Gayarre,** de quem já fallei na data do seu nascimento, a 10 de janeiro.

1891 — Morre em Lisboa o actor **Francisco d'Almeida.**

Era cunhado do actor Roque. Magro e excessivamente alto, a figura não o ajudava para a scena.

Esteve por alguns annos no theatro do Principe Real, tendo primeiramente representado na Rua dos Condes e Variedades.

Nunca poude salientar-se.

7

1827—Nasce em Lisboa **Florencio Sarmento.**

Cursou o lyceu de S. João Nepomuceno, a Escola Polytechnica e a Aula do Commercio, **Florencio José do Lago Sarmento.** Dedicado ao commercio, foi por muitos annos guarda-livros da Companhia de Lanificios de Torres Novas.

Foi sempre amador das bellas lettras e para o theatro escreveu muitas peças, entre as quaes as seguintes:

No tempo dos francezes, comedia-drama em 4 actos e 6 quadros, cujo assumpto é a glorificação do Regimento 19, de Cascaes, celebre na batalha do Bussaco em 1810. É interessante a historia d'esta peça. Representou-se pela primeira vez em beneficio da distincta actriz Delfina, no theatro de D. Maria, sendo commissario regio Francisco Palha, a 7 de dezembro de 1864. A peça foi n'essa noite pateada por alguns espectadores. Espalhou-se que essa pateada fôra mandada dar por Ernesto Biester, o auctor sempre preferido do theatro. No fim do espectaculo **Florencio Sarmento** conseguiu agarrar o seu original e a copia da peça e levou-os para casa, na intenção de que nunca mais se representasse. O dia seguinte era sanctificado, annunciara-se a segunda representação do drama e os logares foram todos vendidos logo de manhã. Procurou-se a peça, não se encontrou; mandou-se a casa do auctor e tambem não foi encontrado. Reuniu-se a companhia, o ponto escrevia, cada um dizia o seu papel e conseguiu-se arranjar outra copia. Estava tudo remediado. Como os actos eram muito pequenos e na vespera a recita acabára pouco depois das dez horas, por um aviso affixado no salão, foi prevenido o publico de que o espectaculo começaria pela comedia em 1 acto, desempenhada por Santos e Emilia Letroublon, *Onde irei passar as noites?* Como era dia sanctificado correram ao theatro muitos membros da classe commercial, na idéa de festejarem o seu collega e de repellirem a affronta dos pateantes assalariados. Assim foi. Quando, no meio do segundo acto, alguns patearam, a platéa levantou-se em pezo e aos empurrões e á pancada pôz fóra os pateantes. O que houve de mais engraçado n'essa recita foi que os mesmos que se indignavam contra a aristocracia litteraria no theatro, que acclamavam o auctor porque era do povo e elles mesmos populares, deram um publico testemunho de mau senso e intransigencia, apupando e fazendo sahir da platéa uma mulher que alli se apresentára de capote e lenço! A pobre senhora sahia do theatro corrida e vexada, quando Francisco Palha, o illustre commissario, a foi buscar e mesmo de capote e lenço a fez sentar no logar principal da sua friza. A platéa então, na sua maioria, cahiu em si e fez uma ovação ao commissario regio. A recita correu depois sem mais incidentes, sendo a peça muito applaudida. *No tempo dos francezes* não era um trabalho impeccavel, tinha mesmo defeitos de contextura, mas representava um laborioso estudo historico e um esforço e uma promessa que mereciam ser animados.

A Condessa de Villar, comedia em 3 actos, representada pela primeira vez no theatro do Principe Real, empreza Cesar de Lima e Ruas, em 30 de dezembro de 1865, em beneficio da talentosa actriz Margarida Clementina. É esta a melhor peça de **Florencio Sarmento** e francamente agradou. Como Margarida Clementina se retirasse do theatro para casar, morrendo depois de parto, foi o papel da protogonista dado a sua irmã, a actriz Anna Pereira. A magnifica comedia conservou-se em scena por muito tempo, sempre com bello exito.

A Varinha de condão, comedia phantastica em 4 actos e 9 quadros, representada no theatro do Principe Real, empreza do actor Santos, em 1866. Esta peça não agradou.

Florencio Sarmento escreveu mais o drama em 5 actos *O Cabelleireiro poeta* (Domingos dos Reis Quita) e as comedias: *Caçadores de casamentos,* 4 actos; *As Aguas-livres,* 5 actos; *Nicolau Tolentino,* 5 actos; *Na feira do Campo Grande,* 2 actos; *Em casa do sr. Rebello,* 3 actos e *O Compadre Barnabé,* 1 acto.

Desanimado pelo desastre da *Varinha*

de condão e obedecendo á sua excessiva modestia e genio concentrado, não tem **Florencio Sarmento** procurado fazer representar as outras suas producções, de certo superiores a muitas que por ahi apparecem nos nossos theatros.

1852 — Estreia-se no theatro de D. Maria com muito agrado uma companhia de **Quadros plasticos.**

1891 — Morre a actriz **Luiza Fialho**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 15 de fevereiro.

1892 — Morre em Lisboa o actor **Marques.**

Foi muito conhecido o actor **Manuel Hypolito Ferreira Marques.**

Todos lhe chamavam o **Marques** do Gymnasio, porque n'este theatro esteve durante muitos anos e alli fez papeis em que se tornou saliente. Lembram-se todos do *Marco Aurelio* do *Santo Antonio* e do gallego da *Morte de gallo.*

Marques era um bello copista de peças, que durante muitos annos trabalhou para todos os theatros, copiando e tirando papeis de milhares d'ellas. Por fim faltou-lhe a vista ao ponto de o obrigar a não exercer tal mistér. Os olhos parecia quererem saltar-lhe das orbitas, encarniçados e injectados, attribuindo isso muitos ao excesso de bebidas.

Marques era bastante intelligente; traduziu algumas comedias e escreveu um drama em 3 actos, *Deus, Justiça e Caridade*, que se representou no theatro da Rua dos Condes.

No ultimo quartel da vida alimentava-se de uma subscripção feita nos theatros, mas, pouco antes de morrer, herdou de um parente um predio e mais alguma coisa e isso o livrou da miseria.

1893 — Morre o actor **Ramos.**

Foi por muito tempo societario do Gymnasio. Era um máu actor, que em toda a sua carreira apenas se salientou no *diabo* do *Santo Antonio.*

Reconhecendo, ainda que tarde, que o destino o não chamára para aquelle caminho, deixou a scena e começou negociando em vinhos e outros generos.

8

1838 — O grande actor francez **Frederick Lemaitre** representa pela primeira vez, no theatro da Renaissance, o drama de Victor Hugo, *Ruy Blas*, em que foi verdadeiramente sublime.

D'este notabilissimo artista fallarei no appendice d'este livro.

1857 — Morre o distincto actor **Carvalho.**

Chamava-se **Bernardino Augusto de Carvalho** e era um actor caracteristico de primeira ordem, tendo no theatro um largo e bello futuro, se a epidemia da febre amarella, que grassava em Lisboa, o não mata ainda tão novo.

Era dos mais considerados artistas do theatro de D. Maria, onde, em pouco tempo, fez papeis em que muito se salientou, como: o escudeiro da magica *Fada do Friths*, o *Thomé das Chagas* da *Mocidade de D. João V* de Rebello da Silva, o *procurador* do *Duende* e outros.

Era casado com a actriz Margarida Lopes. Como morreu de febre amarella, diziam muitos que uma peste o livrára de outra.

1860 — Morre o antigo ponto dos theatros da Rua dos Condes e D. Maria e festejado escriptor dramatico **Ricardo José Fortuna.**

Nascera em 1774 em Lisboa. Dez annos antes de morrer foi aposentado.

Era um folgasão. Frequentára muito o celebre botequim do Nicóla e fôra amigo e companheiro de Bocage. Era muito estimado pelos actores, principalmente por Epiphanio, Tasso e Theodorico.

Escreveu bastante para o theatro e diversos poemas e elegias. Foi muito acusado de plagiario. Innocencio da Silva cita-

lhe no seu *Diccionario* dois plagiatos descarados.

Do que não resta duvida é que elle tinha geito para fazer farças que agradassem ás platéas e que era o auctor obrigado de todas as coplas bisadas pelo actor Theodorico em diversas peças.

Dos seus trabalhos para a scena agradaram principalmente os seguintes: *Astucias de Zanguizarra, Velho perseguido, Aviso da Gazeta* e *Pagar o mal que não fez.*

1868 — Nasce o maestro brazileiro **Costa Junior**.

É um professor de bastante merecimento. A sua primeira obra para theatro foi a musica da revista de Arthur Azevedo, *O Homem*, que se representou no theatro Lucinda.

A primeira orchestra que dirigiu foi a do theatro de Variedades, em 1889.

É professor do Instituto Profissional e do Conservatorio de Musica.

1800 — Morre em Lisboa, no palacio do Conde de Pombeiro, seu amigo e protector, o erudito litterato **Caldas Barbosa**.

Nascera na Bahia em 1738 e era filho de um portuguez e de uma africana, **Domingos Caldas Barbosa**, que fez os seus estudos no collegio dos jezuitas, d'onde o expulsaram, obrigando-o a assentar praça pelo seu genio satyrico, não poupando pessoa alguma á sua veia comica implacavel. Esteve depois algum tempo no Rio de Janeiro até que veio para Lisboa, onde, protegido pelo Conde de Pombeiro, continuou seus estudos até ser presbytero secular e obter um beneficio e um logar na casa da supplicação.

Caldas Barbosa, apresentado pelo Conde de Pombeiro e pelo Marquez de Castello Melhor, relacionou-se e era querido de toda a nobreza, o que lhe valeu as invejas e odios de muitos, entre os quaes Bocage e o Padre José Agostinho de Macedo. Até censuravam elle ser mulato.

Foi **Caldas Barbosa** fundador e presidente da Nova Arcadia.

Era um escriptor correcto e um poeta muito acceitavel, bem longe de merecer as disparatadas censuras que lhe atiravam.

Escreveu em 1790 para o theatro do Salitre um drama jocoso em musica, intitulado *Os viajantes ditosos.*

Para o theatro de S. Carlos compoz em 1793 a farça dramatica *A Saloia namorada ou o remedio é casar;* em 1794 o drama jocoserio *A vingança da cigana*, e em 1795 o drama jocoso *A escola dos ciosos.*

1839 — Por iniciativa de Garrett, a censura theatral, que estivera nas mãos dos frades, dos desembargadores e das camaras municipaes, passa por decreto d'esta data para os membros do Conservatorio.

1856 — Nasce em Lisboa o actor **Alexandre Ferreira**.

Estreiou-se a 20 de setembro de 1875, no theatro das Variedades, na magica *Lenda do Rei de Granada* e ahi fez pequenos papeis de algumas peças. Em 1877 passou para o theatro D. Augusto, em Alcantara, onde fez melhores papeis. Em 1879 entrou para o theatro D. Fernando, da rua do Olival, onde representou na revista de Jacobetty, *O reinado do prior* e n'outras peças. Em 1880 passou para o theatro chalet da Rua dos Condes, salientando-se ahi, principalmente nas revistas *Vistorias do diabo, Pontos nos ii, D. Quichote, Zézinho* e *Microbio*, fazendo em todas com muito agrado uma imitação do fallecido politico Fontes Pereira de Mello. Em 1887 seguiu com o emprezario do Chalet para o Rato, onde entrou na *Grande Avenida*. Em 1888 representou no theatro Avenida na peça *20 mulheres do rei* e n'esse mesmo anno foi escripturado para o Gymnasio, onde se estreiou a 16 de setembro, nas comedias *Dr. Jojó* e *Ave Maria Purissima*. Alli continua, tendo entrado em quasi todo o repertorio e sendo uma utilidade.

Nas epochas de verão tem trabalhado no theatro da Trindade, creando a parte do *Padre* do *Brazileiro Pancracio* e alguns papeis da revista *Sal e pimenta.*

1859 — Nasce em Lisboa o actor **Caetano Reis.**

Estreiou-se no antigo theatro dos Recreios, no drama *Os Campinos.*

Deu grandes esperanças a principio, mas estacionou e hoje é uma utilidade nos theatros, porque faz, como póde ou sabe, papeis em todos os generos e substitue rapidamente qualquer collega que adoeça.

Tem estado contractado em quasi todos os theatros de Lisboa e Porto e tem feito diversas digressões ao Brazil.

É casado com a actriz Encarnação Reis.

1868 — Inaugura-se no salão do theatro de D. Maria o busto de **Almeida Garrett**, feito em marmore pelo actor Rosa (pae)

A commissão que dirigiu esta homenagem foi composta dos srs. Eduardo Coelho, Francisco Palha, Guilherme Cossoul, Pereira Rodrigues, Sousa Telles, Taborda e Tasso.

1895 — Inauguração da empreza Lucinda Simões, no theatro da Rua dos Condes, com a primeira representação da peça de Sardou, traduzida por Moura Cabral, **Madame Sans-Gêne.**

Esta peça foi montada com grande luxo e propriedade.

A empreza não chegou a concluir a sua primeira epocha, tendo perdido quantia importantissima, pelas enormes despezas que fizera.

1897 — Morre no Rio de Janeiro o actor **Augusto Mesquita.**

Nascera em Lisboa em 1861 e fôra muito novo para o Brazil a fim de seguir a carreira commercial. Estreiou-se como actor no drama *Correio de Leão,* na companhia de Furtado Coelho.

Tinha dotes bastantes a recommendal-o e poderia ter sido um bom actor, se não fôra um incorrigivel bohemio.

Levava uma vida irregularissima, que lhe prejudicava a saude e que acabou por matal-o.

Perseguido pelos credores, correndo para as orgias e em constante convivio com as *cocottes* e com os extravagantes, do que menos queria saber era do theatro.

Tinha uma bella apparencia, boa voz, boa dicção e desembaraço; por isso agradou em muitos papeis que não chegou a estudar.

Os ensaios eram o seu phantasma e por isso ou faltava a elles, ou chegava sempre tarde.

Para se avaliar o que era no theatro o **Augusto Mesquita**, bastará contar dois factos.

Furtado Coelho era um emprezario exigente e um ensaiador rispido Queria na sua empreza a maior pontualidade. Todos os artistas da companhia se esforçavam por decorar os papeis no menor espaço de tempo possivel e rigorosamente estavam para o ensaio antes da hora. A unica excepção era o **Mesquita**, que nem estudava, nem apparecia a tempo nos ensaios.

Farto de lhe ralhar, de lhe dizer mesmo improperios, de o multar, de o ameaçar com a despedida, de lhe pedir com muito bons modos, finalmente de empregar todos os meios brandos ou severos, resolveu um dia não começar o ensaio sem que chegasse o **Augusto Mesquita**, para ver se assim o envergonhava. Assim foi. Ás onze horas, marcadas na tabella, estava toda a gente no theatro, e todos se sentaram, esperando no palco a chegada do **Mesquita.** Já a Lucinda estava impaciente e o Furtado quasi de cabeça perdida, quando depois da uma hora da tarde entrou o actor bohemio, com a cara estanhada que a Natureza lhe dera, e disse para todos:

— Boas tardes, meus senhores.

O Furtado tirou da algibeira o relogio, examinou-o attentamente e disse em seguida para o retardatario:

— Ó sr. **Mesquita**, para que não estejamos aqui todos incommodados á sua espera, queira ter a bondade de dizer-me a que horas, d'amanhã em diante, poderei pôr o ensaio na tabella.

Augusto Mesquita, sem se perturbar, scismou um pouco e respondeu placidamente:

— Ás duas horas, sr. Furtado.

Rebentou uma gargalhada geral, não

sendo Furtado o que riu menos com o descaramento do artista bohemio.

Augusto Mesquita perdia completamente as noites em bambochatas e, como não tinha casa, de madrugada saltava a grade do portão do theatro e ia dormir para o camarim.

Foi assim que se deu o outro caso. Era eu o emprezario e ensaiador do theatro Lucinda e tinha o **Augusto Mesquita** contractado. O seu proceder era o mesmo que tinha tido para com o Furtado. Eu já quasi não contava com elle para os ensaios; mas d'uma vez precisei d'um dia para o outro fazer *reprise* da peça phantastica *O Espelho da Verdade.*

Na vespera chamei o **Mesquita**, expuz-lhe a situação e roguei-lhe que não faltasse ao ensaio do dia seguinte, que teria logar ao meio dia. Prometteu-me que seria pontualissimo.

Ao meio dia, hora marcada para o ensaio, o **Mesquita** não apparecia. Deu uma hora e depois duas e nada. Perdi a paciencia; começei em alta voz a vociferar contra o actor relaxado.

De repente, abre-se a porte d'um camarim, ao fundo do palco, e apparece o **Augusto Mesquita**, nu em pello, que me diz:

— Não se zangue, sr. Sousa Bastos; visto-me n'um instante e já lá vou!

Era impossivel conservar seriedade n'um theatro com tal empregado.

Quando parecia tender um pouco para se regenerar, a morte deu cabo d'elle.

10

1849 — Estreia-se no theatro do Gymnasio, na comedia de A. P. Lopes de Mendonça, *Como se transforma um caloiro,* a distincta e elegante actriz **Emilia Letroublon**, de quem já fallei na data da sua morte, a 6 de julho.

1889 — Estreia-se no theatro de S. Carlos, na opera *Mignon,* com grande exito, a notavel cantora **Van-Zandt**, de quem já tratei na data do seu nascimento, a 8 de outubro.

11

1819 — Nasce em Lisboa o actor **Areias.**

Antonio José Areias foi educado na Casa Pia.

Chegando ao Brazil em 1837, contractado como pintor pela Associação Colonial do Rio de Janeiro, começou logo a trabalhar no palacete do Dr. Bivar. Sentindo grande vocação para a scena, em 1838, entrou como amador para o theatrinho de Vallongo.

Em 1841 foi convidado por João Caetano para trabalhar na sua companhia; acceitou, estreiando-se no theatro de S. Francisco, que depois se chamou Gymnasio, até ser demolido. Foi depois n'uma companhia a Campos.

Voltou em seguida ao Rio de Janeiro, para o theatro de S. Pedro, empreza Romeiro.

Em 1845 foi contractado pelo emprezario Francisco Fructuoso Dias, o distincto actor portuguez Dias, companheiro de Epiphanio, Victorino e outros, como galan comico e scenographo, para os theatros do Rio Grande do Sul.

Novamente chamado por João Caetano, **Areias** voltou ao Rio de Janeiro em 1847, e alli se demorou até 1852, epocha em que veio a Lisboa.

Aqui estreiou-se n'uma recita em seu beneficio, no theatro da Rua dos Condes, fazendo-se annunciar como discipulo de João Caetano.

Foi em seguida trabalhar para o nosso Gymnasio, como socio. Saindo d'alli, passou a ser director e ensaiador da companhia da Rua dos Condes até que, em 1854, chamado por João Caetano, voltou ao Rio.

Em 1857 fez parte da companhia do Gymnasio, de que era emprezario Joaquim Heliodoro

Em 1858 partiu para o Rio Grande do Sul para exercer o cargo de director de scena na Associação theatral riograndense.

Em 1861 fez-se alli emprezario e lá permaneceu até 1866.

Voltando ao Rio de Janeiro, esteve de-

pois contractado com os emprezarios: Furtado Coelho, Valle, Guilherme da Silveira, Martins, Ismenia e Heller.

Foi artista durante cincoenta e quatro annos, tornando-se distincto em muitas peças e principalmente nas seguintes: *Mysterios de Paris, Seis degraus do crime, Antonio José, Othelo, Recordações da mocidade, Testamento, Marquez de la Seiglière, Pae da actriz, José do Capote, Devoto de Baccho, Anjo da meia noite, Amores do Diabo, Baroneza de Cayapó, Omphalia, Filha do ar, Fausto, Guarany, Dia e noite, Toutinegra do Templo, Donzella Theodora, Filha do mar, Amar sem conhecer, Lago de Kilarney, Manuel Mendes, Judeu errante, Mysterios de Lisboa, Doutor Gramma, Graça de Deus, Quadros vivos*, etc.

Como se vê d'este variadissimo repertorio, **Areias** trabalhava em todos os generos, e na opereta era utilissimo, porque possuiu até á morte uma bella e volumosa voz de barytono.

Por uma errada informação marquei o fallecimento de **Areias** a 5 de fevereiro, quando elle se deu a 18 de janeiro. Fica assim feita a rectificação, visto que quando recebi noticias exactas já estavam impressas as folhas relativas áquelles mezes.

1826 — Nasce em Lisboa **Antonio José Croner.**

Musico distinctissimo, fez parte como primeiro flauta da orchestra do theatro de S. Carlos.

Solista de primeira ordem, com seu irmão Raphael, eximio clarinetista, fez diversas viajens, realisando concertos notaveis no Brazil, Hespanha, França e Inglaterra.

Antonio Croner foi tambem professor do Real Conservatorio.

Falleceu a 28 de setembro de 1888.

1856 — Morre em Lisboa **João Xavier Pereira da Silva.**

Era auctor de dois dramas historicos: *A lusa marroquina*, em 5 actos, approvado pela inspecção dos theatros, e *O Grão Mestre de Aviz*, em 4 actos e representado pela Sociedade Dramatica do Desterro.

São duas peças muito inferiores.

João Xavier era irmão do Xavier dos cartazes, um escriptor de mais merito, de quem fallei na data do seu nascimento, a 23 de maio.

1865 — Nasce em Lisboa a actriz **Jesuina Saraiva.**

Começou a representar aos 8 annos de edade, no theatro da Rua dos Condes, ensaiada por Alcantara Chaves.

Frequentou a aula de declamação do Conservatorio, que era então regida pelo notavel actor Santos, mas não chegou a fazer exames.

Aos 12 annos começou a representar em theatros particulares, agradando sempre bastante em papeis de diversos generos.

N'uma *tournée* ás provincias, dirigida pelo actor Julio Vieira, evidenciou-se como artista de merecimento e mais ainda n'uma epocha de verão que fez no Principe Real, onde sobresahiu no papel, que creou, de *Mariquinhas* na *Morgadinha de Val-de-Pereiro*, parodia á *Morgadinha de Val-Flor.*

Continuou depois representando em sociedades de amadores até que, em 1892, o emprezario Pinto a escripturou para o Gymnasio, onde ainda se conserva. Alli estreiou-se na comedia *Hotel Luzo-Brazileiro.*

Em muitas comedias do repertorio do Gymnasio tem papeis que desempenha com bastante agrado, especialmente na comedia *Ciume com ciume se paga*, em que se salientou por fórma, que parece o auctor ter escripto para ella com amor aquelle papel e até talvez lh'o ensinasse particularmente. Em todo o caso não perdeu o tempo, porque a discipula aproveitou bem as lições.

Jesuina Saraiva não é bonita, mas tem desenvoltura e é uma actriz util.

1887 — Morre o illustre maestro **Manuel Iunocencio**, de quem fallei na data do seu nascimento, a 23 de agosto.

12

1803 — Nasce em Lisboa o distincto escriptor **Alexandre Magno de Castilho.**

É este outro irmão illustre do notavel poeta cego.

Cultivou as lettras com a maxima distincção.

Foi elle o fundador do *Almanach de Lembranças*, que tão estimado foi e ainda hoje existe.

Para o theatro escreveu a comedia em 3 actos *O Cavalheiro de S. Jorge*, as comedias em um acto *Namorada do principe*, *Mulher de dois maridos* e *O Coronel* e traduziu o drama *Carlos III ou a Inquisição de Hespanha*.

Alexandre Magno de Castilho, victima de uma tisica pulmonar, morreu em Lisboa, a 23 de maio de 1860.

1865 — Morre o distincto actor **Sargedas**, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 27 de julho.

1890—Representa-se pela primeira vez no theatro Bouffes-Parisiens a opereta **Miss Helyett**, de Maxime Boucheron, musica de Ed. Audran.

Esta opereta agradou tanto em Paris, que teve mais de 800 representações consecutivas, fazendo-se depois ainda varias *reprises*.

Concorreu muito para o seu agrado o desempenho, principalmente da actriz Biana Duhamel.

Tem obtido grande exito no mundo inteiro.

Em Lisboa, representou-se pela primeira vez no theatro da Trindade, a 5 de dezembro de 1891; no Rio de Janeiro, no theatro Lucinda, a 10 de novembro de 1892. Agradando em ambas as partes não fez o successo esperado por deficiencias de desempenho.

1895 — Pela terceira vez dá uma serie de representações em Lisboa com a sua companhia a notavel actriz franceza **SARAH BERNHARDT**, estreiando-se no theatro de S. Carlos, com o drama *Tosca*.

Desta vez obteve grande exito de agrado e pecuniario.

Da notavel actriz já fallei na data de 22 de outubro.

13

1830 — Nasce em Paris o distincto escriptor dramatico **Henri Chivot**.

Escrevente de tabellião aos 17 annos, entrou aos 20 para empregado dos caminhos de ferro, onde chegou a ser chefe de secretaria e depois reformado.

A maior parte das suas obras foi escripta em collaboração com Duru. Ambos já falleceram.

As suas principaes peças são as seguintes: *A mulher de Jephté*, *Meus olhos meu nariz minha bocca*, *Crimes do Brandão*, *Flor de Chá*, *Ilha de Tulipatan*, *Carnaval d'um melro branco*, *Gentil Dunois*, *Cem Virgens*, *Garra d'Açor*, *Pompon*, *Madame Favart*, *Inquilinos do sr. Blondeau*, *Filha do Tambor-mór*, *Mascotte*, *Boccacio*, *Manhas d'Arthur*, *Gillette de Narbonne*, *Princeza das Canarias*, *Ave Azul*, *Grão Mogol*, *Nupcias d'um reservista*, *Cigarra e a formiga*, *Surcouf*, *Viagem de Suzette*, *Fada das Cabras*, etc.

Henri Chivot morreu na sua rica propriedade de Vesinet, arrabalde de Paris, a 21 de setembro, de 1897.

1838 — Nasce em Lisboa o actor **Brandão**.

Sem nunca se notabilisar como artista, foi bem conhecido em Portugal e Brazil o actor **José Antonio Brandão**.

Em 1851, tendo portanto 13 annos d'edade, partiu para o Brazil, a fim de ir para a casa commercial de seu tio, negociante em Pelotas. Este maltratava-o, o que o obrigou a abandonar a casa em que estava empregado e contractar-se como actor na companhia do distincto artista Florindo Joaquim da Silva, estreiando-se na mesma cidade de Pelotas, em janeiro de 1854, no drama *Os filhos de Eduardo*.

Até 1857 andou sempre em companhias que exploravam os theatros do Rio Gran-

de do Sul, sendo a ultima do afamado actor brazileiro Joaquim Augusto.

Tendo adoecido gravemente, embarcou para o Rio de Janeiro e de lá para Lisboa.

Em outubro de 1857 foi escripturado no theatro de D. Maria, estreiando-se no drama *A Redempção*. Ahi pouco trabalho lhe davam e por isso se desgostou e sahiu.

Por essa occasião ensaiou uma recita que se deu no theatrinho Therpsycore, á Praça das Flores, e em que pela primeira vez representaram a actriz Emilia Eduarda e o actor Leoni.

Em 1858, abrindo o theatro das Variedades por conta d'uma associação, **Brandão** para alli foi escripturado, estreiando-se nas comedias *Um edito de Luiz XV*, de Antonio Mendes Leal, e *Uma lição á velhice*, do actor Moreira.

N'esse theatro começou **Brandão** a ser muito festejado, principalmente nos galans de comedia e nos principes das magicas. Teve ahi um grande repertorio, em que sobresahiam as peças: *Memorias do diabo*, *Mocidade e honra*, *Se Deus quizer*, *Loteria do diabo*, *Corôa de Carlos Magno*, *Ave do Paraizo*, *Estrella das montanhas*, *Filha da noite*, *Cerco do Porto*, *Santa Cecilia*, *Degolação dos innocentes*, *Tchactas*, etc.

Entrando Pinto Bastos para emprezario das Variedades, augmentou o ordenado de **Brandao**, que ahi fez novas epochas magnificas, sobresahindo nas peças: *Piratas*, *Homens d'Aljubarrota*, *Amores do diabo*, *Terremoto de 1755*, *Revista de 1865*, *Castigo e arrependimento*, *Thugs*, *Pera de Satanaz*, *Pomba dos ovos de ouro*, *Ladrões de Londres*. *Tres mosqueteiros*, *Trapeiro de Paris*, *Mysterios de Paris*, *Scenas da guerra d'Italia*, *Kean*, *Madgyares*, etc.

Com Pinto Bastos e Santos passou para o theatro do Principe Real, estreiando-se ahi no drama *João o carteiro* e entrando no *André Gerard* e na comedia *A virtude de minha mulher*, em que se estreiou uma irmã da actriz Virginia, que logo depois abandonou o theatro.

Com Pinto Bastos ainda passou **Brandão** novamente para a Rua dos Condes, conservando-se ahi com diversas emprezas e sociedades, nos cargos de actor e ensaiador.

Fez diversas *tournées* ao Brazil, sendo uma com a companhia de Emilia Adelaide, sempre como primeiro actor e ensaiador.

Por fim esteve durante algumas epochas no theatro do Principe Real, tambem como artista e como director de scena.

Brandão nunca foi um bom actor nem um bom ensaiador, mas era utilissimo a uma empreza, porque fazia todos os papeis e até de improviso, e, como ensaiador, não encontrava difficuldades. Por mais difficil que fosse a peça, era capaz de a pôr em scena n'uma semana! Substituia os primeiros artistas por discipulos ou coristas! Todas as scenas e todos os fatos lhe serviam; quando era preciso um carcere, elle substituia-o por um bosque! Uma peça passada no tempo de Luiz XV, elle vestia-a á Directorio ou á actualidade. Se tinha falta de damas, trocava os papeis para homens! Foi assim que d'uma vez, n'um carnaval, estando a dirigir o theatro da Rua dos Condes, e tendo uma pequena companhia, que difficilmente chegava para alli, deu tambem espectaculos no Circo Price e no D. Augusto em Alcantara! Os pobres artistas andavam toda a noite em *char-a-bancs* d'um lado para o outro e até comparsas fizeram papeis importantes.

A arte de representar soffreu torturas nas mãos do **Brandão**, mas o que é certo é que as emprezas sempre ganharam em o ter por director. Não deixava que se puzesse um contra-annuncio, faltasse o que faltasse, nem consentiu que se deixasse de montar uma qualquer peça, por mais difficuldades que offerecesse.

Trabalhou muito; trabalhou, apezar de gravemente enfermo, até o fim da vida.

1842 — Nasce o notavel escriptor **Manuel Pinheiro Chagas.**

Homem verdadeiramente superior, largo estudo proporciona a quem tiver de o biographar, apresentando-o como festejado romancista, illustre poeta, abalisado orador, distincto dramaturgo, invejado jornalista, notavel politico, celebre historia-

dor, privilegiado humorista e eximio homem de estado.

A sua gloria é das maiores de Portugal, porque dava para as glorias de muitos.

Cabe-me apenas o dever de apresental-o aos meus leitores como distincto critico theatral, que o foi por muito tempo em artigos notaveis, e como dramaturgo illustre, entre os mais illustres de Portugal.

Pinheiro Chagas estudou no Collegio Militar, frequentando depois a Escola Polytechnica e a Escola do Exercito. Foi capitão do exercito, ficando n'esse posto por ter passado, a seu pedido, para a inactividade. Era lente do Curso Superior de Lettras, conselheiro d'Estado, ministro d'Estado honorario, depois de o ser effectivo, deputado, socio effectivo da Academia Real das Sciencias e de outras academias e corporações nacionaes e estrangeiras, gran-cruz da ordem de S. Thiago, de Carlos III de Hespanha, de Leopoldo da Belgica, grande official da Legião de Honra, de França, etc.

Pinheiro Chagas trabalhava prodigiosamente em innumeros jornaes, n'alguns dos quaes era redactor, em obras historicas, romanticas, poeticas e criticas, todas de grande valor. Pasmava-se de ter elle tempo para produzir em cada dia a enorme porção de original que espalhava pelos jornaes e livros.

A sua primeira peça, representada no theatro de D. Maria a 3 de abril de 1869, em beneficio da actriz Emilia Adelaide, foi talvez dos successos mais ruidosos que temos tido nos nossos theatros. Foi o drama em 5 actos, *A Morgadinha de Valflor.* E foi successo n'essa epocha, ha quasi 30 annos, como o é ainda hoje cada vez que se representa em Portugal, no Brazil, em Italia, em Hespanha, em França, na Allemanha e na Suecia. Creio que tal ainda não aconteceu a outra peça portugueza. Em italiano já foi representada por tres companhias em Lisboa, sendo a protogonista interpretada pelas distinctas actrizes Pasquali, Paladini e Barac. Ha duas traducções italianas, sendo uma do maestro Angelo Frondoni. A traducção hespanhola é de Calvo Asencio e as traducções francezas de Octave Saunier, Renato Baptista e Henri Faure.

Depois da *Morgadinha* escreveu **Pinheiro Chagas** outras peças não menos notaveis, algumas das quaes alcançaram tambem grande successo: *Magdalena, Helena, Drama do Povo, Roca de Hercules, Quem desdenha...*, *India, Á volta do theatro, Deputado venha a nós, Durante o combate* e *Lição cruel.*

Fez tambem traducções de peças que valem bem os originaes, e entre ellas: *Botija, Conspiração na aldeia, Gravata branca, Meia de lã, Oração da tarde, Janto com minha mãe, Campainhas, Caso de consciencia*, etc.

Pinheiro Chagas morreu em Lisboa, a 8 de abril de 1895.

1864—Estreia-se no Porto, na comedia de Cezar de Lacerda, *Joias de familia*, o actor **João Rosa**, do qual já fallei na data do seu nascimento, a 18 de abril.

14

1826—Nasce o distincto homem de lettras **Antonio Pedro Lopes de Mendonça.**

Foi um litterato illustre e o creador do folhetim em Portugal, deputado, socio da Academia Real das Sciencias e lente da cadeira de litteratura moderna no Curso Superior de Lettras. Esta ultima nomeação, substituindo Antonio Feliciano de Castilho, obrigou-o a estudos excessivos que lhe transtornaram as faculdades intellectuaes. Esteve doido durante cinco annos, até que falleceu a 8 de outubro de 1865.

Foi collaborador effectivo da *Revolução de Setembro* e de outros jornaes importantes. Deixou diversas obras de bastante valor e, entre ellas, as seguintes theatraes: *Affronta por affronta,* drama em 4 actos; *Casar ou metter freira,* proverbio em 1 acto; *Como se perde um noivo,* proverbio em 1 acto; *Lições para maridos*, comedia em 3 actos; *Já é tarde,* proverbio em 1 acto; *Tutor e*

pupilla, comedia em 1 acto; *A côrte de Filippe IV*, drama em 4 actos; *A bom entendedor meia palavra*, proverbio em 1 acto, e a traducção da comedia *Uma porta deve estar aberta ou fechada.*

Quasi todas estas peças foram representadas com agrado nos theatros de D. Maria, Gymnasio e D. Fernando.

1839—Nasce no Porto o primoroso escriptor **Julio Diniz.**

Usava este pseudonymo, mas o seu verdadeiro nome era **Joaquim Guilherme Gomes Coelho.**

Figura n'este livro, não porque escrevesse alguma vez para o theatro, mas porque de alguns dos seus encantadores e purissimos romances extrahiram alguns escriptores dramas, que abrilhantaram o repertorio dos nossos theatros. Assim, fez Ernesto Biester *As Pupillas do sr. Reitor*, Carlos Borges *Os Fidalgos da Casa Mourisca* e Baptista Machado *A Morgadinha dos Canariaes.*

Julio Diniz morreu no Porto a 12 de setembro de 1871, tendo apenas 32 annos de edade.

1843—Nasce em Lisboa o actor **Julio Soller.**

Filho da distincta actriz Josepha Soller, é quem mais tem conservado o brilho do apellido **Soller** na scena portugueza.

Aos 17 annos estreiou-se no theatro do Gymnasio, onde, sob a direcção do ensaiador Romão Martins, começou fazendo uma bella carreira. D'alli foi contractado para o theatro de D. Maria, mas apenas lá esteve seis mezes, seguindo para o Baquet do Porto, empreza Moutinho. Passou depois alli para diversas emprezas e sociedades artisticas, até que voltou para o Gymnasio de Lisboa, onde muito agradou e mais ainda depois no Principe Real e Rua dos Condes. Fez em seguida uma *tournée* pelas provincias com Virginia, Ferreira da Silva, Mello e outros artistas do theatro de D. Maria e voltou ao Porto, para a empreza Taveira, onde se conserva.

Apezar de instado, nunca quiz ir ao Brazil.

Julio Soller é artista de bastante merecimento, que se tem evidenciado em grande numero de papeis, especialmente nas peças: *Palhaço, Consciencia, Regimento, Ignez de Castro, Marido e amante* e outras.

1852—Nasce em Lisboa a actriz **Ernestina Duarte.**

Aos 17 annos, a 26 de dezembro de 1867 estreiou-se no theatro da Trindade, na comedia de Sardou *A Familia Benoiton*, agradando muito no papel de *Fanfan*, nome por que ficou conhecida no theatro.

Na Trindade esteve até 1870, passando depois para o Gymnasio e em seguida para as Variedades, onde se evidenciou, principalmente na magica *Cofre dos encantos.* Era ella que cantava com Marcellino Franco o popular duetto do *malmequer.*

O ultimo papel que fez foi o *principe* da *Grã-Duqueza* no demolido theatro dos Recreios.

Foi pena que não continuasse progredindo e que abandonasse o theatro, porque o publico tinha por ella bastante sympathia.

15

1836—Sae publicado o decreto de Passos Manuel creando a *Inspecção geral dos theatros e espectaculos nacionaes*, o *Conservatorio da Arte Dramaticas* e a *Sociedade para a edificação do theatro.* Tudo isto foi devido á iniciativa de Garrett.

1843—Nasce o actor **João Gil.**

Estreiou-se no velho theatro da Rua dos Condes, no papel de *Governador do Castello de Palmella* da peça patriotica *1640 ou a Restauração de Portugal*, a 29 de outubro de 1861.

João Gil é filho do actor Gil (pae), já fallecido, e irmão de Silverio Gil, que aban-

donou a arte para se estabelecer com alfayateria, que ainda hoje tem, na Rua Augusta.

João Gil andou a principio muito nas provincias e ilhas até que veiu definitivamente para a empreza do actor Cesar de Lima, no theatro do Principe Real, onde continuou na empreza Santos. Com este bom mestre fez notaveis progressos e o acompanhou em todas as suas emprezas. Voltou depois para o Principe Real; em seguida para uma empreza artistica na Trindade, D. Amelia e Rua dos Condes. Agora faz parte da companhia de D. Maria, onde já estivera com Santos.

Tem feito muitas digressões ao Brazil, percorrendo-o todo do Norte ao Sul e sendo lá muito estimado. N'essas *tournées* era companheiro inseparavel de Antonio Pedro, Brandão e Alvaro.

É notavel que, sendo **João Gil** um homem de bem, um beilo caracter e bom amigo, agrade principalmente na scena fazendo papeis de patifes, tendo sobresahido no sapateiro Simão da *Maria Antonieta*.

1845 — Estreia se no theatro do Salitre, no drama *A Ciganinha*, a notavel actriz **Josepha Soller**, de quem já tratei na data do seu nascimento, a 15 de setembro.

1869 — Nasce em Lisboa a actriz **Angela Pinto**.

Talento de primeira ordem, dispondo de esmerada educação e bastantes conhecimentos, poderia subir a todas as culminancias da arte, se não fôra uma desequilibrada. Começou em barracas de feira, deu depois alguns espectaculos na Rua dos Condes, onde bastante agradou, e contractou-se em seguida para o Porto, onde fez uma carreira brilhante.

Veiu mais tarde para Lisboa. Aqui dispôz de innumeras sympathias, e na epocha passada contractou-se ainda uma vez para o Porto.

Salienta-se notavelmente em todos os papeis que faz, pois para tudo tem talento. Se quizesse, poderia abordar a tragedia, pois nem para isso lhe faltam dotes.

O seu trabalho por vezes é irregular, mas pelas razões que já apontei. Noites ha em que desempenha detestavelmente o mesmo papel que na noite anterior fizera com todo o brilhantismo!

Umas vezes desapparece á hora do espectaculo, obrigando as emprezas a fecharem as portas dos theatros, outras, sem se importar com os contractos que firmou, deixa de os cumprir; é uma verdadeira desequilibrada, sendo ao mesmo tempo uma excellente rapariga.

De pequenina a conheço; sempre doida, mas sempre cheia de talento. Poderia ser no theatro uma verdadeira notabilidade.

Para citar as peças em que se tem distinguido, seria preciso citar muitas do seu repertorio.

16

1857 — Nasce em Lisboa o actor **Francisco Senna**.

É empregado na Bibliotheca Nacional.

Estreiou-se **Francisco Alberto da Costa Senna** no theatro da Trindade, na opereta *Os bandidos*, a 30 de abril de 1877. N'este theatro esteve até 1881, fazendo pequenos papeis. Em 1882 entrou para o Gymnasio, onde esteve até 1886, epocha em que foi ao Brazil com a companhia do theatro do Principe Real. No regresso voltou para o Gymnasio, onde se conserva ainda hoje, sem melhorar de posição.

Tem boa figura e é um actor limpo, mas faltam-lhe dotes que o façam progredir.

1873 — Morre o actor **Leal**.

Era este o companheiro inseparavel do José Antonio, de quem fallei na data da sua morte, a 9 de outubro.

Como então notei, elles que foram inseparaveis em vida, morreram com o intervallo apenas de 37 dias.

O **Leal** era um actor mediocre, de má figura, mas ainda assim, salientou-se no

creado *Jasmim* do *Marquez de la Seiglière* e no *estalajadeiro* do *Duende*.

1891 — Morre a cabelleireira **Camilla.**

Foi um typo disfructavel dos nossos theatros a rotunda **Camilla**, eximia cabelleireira, que durante muitos annos penteou as primeiras actrizes e a primeira sociedade de Lisboa.

Ganhou rios de dinheiro, que desbaratou em proveito dos actores que conseguiam apaixonal-a. A historia da **Camilla** ha de apparecer mais tarde n'outro livro sobre theatros.

Deixou um filho, Cesar de Lima Junior, que é actor no Brazil, tendo representado antes em Lisboa.

17

1747 — Morre o celebre escriptor francez **LESAGE.**

Alain-René Lesage, que nasceu em Vannes, Bretanha, em 1668, ficou aos sete annos orphão de pae e mãe e entregue aos cuidados d'um tio, que lhe estragou a grande fortuna do pae e descurou a sua educação. Felizmente o seu talento e amor ao estudo tudo substituiram.

Lesage é o illustre auctor do *Diabo côxo*, do *Gil Braz de Santilhana* e outros livros que lhe deram a maior popularidade.

Para o theatro produziu mais de cem peças que fizeram successo. Entre ellas são as mais notaveis: *Turcaret*, comedia em 5 actos, *Chrispim rival de seu amo*, em 1 acto, *O ponto de honra*, em 3 actos e *D. Cesar Ursin*, em 5 actos.

1839 — Canta-se pela primeira vez, no theatro Scala, de Milão, a primeira opera de Verdi, **Oberto, comte di San Bonifacio.**

1860 — Estreia-se no theatro de D. Maria, no drama *A Dama de S. Tropez*, o grande actor brazileiro **João Caetano**, de quem já fallei na data do seu nascimento, em 27 de janeiro.

1862 — Canta pela primeira vez em Paris, no theatro Italiano, na opera *Somnambula*, a grande artista **Adelina Patti**, da qual já tratei na data do seu nascimento, em 8 de abril.

1872 — Morre o festejado actor-auctor, **José Maria Braz Martins**, de quem escrevi na data do seu nascimento, a 3 de fevereiro.

1877 — Morre em Lisboa o actor **Vicente Franco.**

Era irmão do actor Marcellino Franco; tinha o officio de sapateiro de senhoras; estreiou-se no mesmo dia que seu irmão, no theatro da Rua dos Condes, e fez uma boa carreira nos theatros secundarios, até que o matou uma phtisica de larynge. A baixa-comica era o seu genero predilecto e agradava bastante.

Os seus melhores papeis foram os dos *Dois dias no Campo Grande*, *Sete Castellos do Diabo*, *Revista de 1876*, *Oitava maravilha do mundo* e *Joven Telemaco*.

18

1823 — Nasce em Lisboa **José Maria de Andrade Ferreira.**

Foi um distincto jornalista e principalmente um critico abalisado. Artistas e escriptores tinham por elle o maximo respeito e attendiam gostosamente os seus conselhos e advertencias.

Deixou importantes trabalhos sobre critica d'Arte.

É elle o illustre auctor das seguintes obras, que me cumpre mencionar:

Biographia da actriz Delphina, *Biographia do actor Rosa*, *Antes na provincia*, comedia em 3 actos, representada no theatro de D. Maria; *Melhoramentos materiaes*, revista do anno de 1859, representada no theatro do Gymnasio e depois prohibida pela policia; *Litteratura, musica e bellas-artes*, obra em 2 volumes, em que estão incluidos artigos publicados em diversos jornaes.

Em 1858 annunciou-se a proxima publicação de uma obra sua com o titulo *A Litteratura dramatica em Portugal*, que nunca chegou a sahir.

José Maria de Andrade Ferreira era um

caracter honesto, mas um pouco irascivel e excessivamente nervoso.

Por uma questão jornalistica viu-se em certa occasião envolvido n'um duello á espada. Feitas as reuniões preliminares entre os padrinhos, resolveu-se que o duello tivesse logar de madrugada por de traz da egreja de Bemfica. Á hora aprazada lá estavam os dois antagonistas, os respectivos padrinhos e medicos. Procedeu-se ás ceremonias costumadas, e quando metteram na mão de **Andrade Ferreira** a espada, dálhe o nervoso, perde a cabeça e corre para os padrinhos, medicos e duellista como um furioso, brandindo ás cegas o espadagão. Fugiram todos adiante d'elle pela estrada de Bemfica e Sete Rios; os transeuntes fugiam da mesma fórma; os saloios que iam para o mercado com as suas hortaliças, fructos e leite, iam tambem em debandada, como se atraz de todos fosse um regimento de cavallaria! Só ás portas de S. Sebastião puderam segurar **Andrade Ferreira**, que estava como louco e teve de recolher á cama.

José Maria de Andrade Ferreira, sendo administrador do concelho de Oeiras, alli morreu a 29 de março de 1875.

Teve um irmão **Joaquim de Andrade Ferreira**, conhecido pela alcunha do *Tranca*, que tambem escrevia, traduzindo algumas peças para o theatro, entre ellas um drama *Os Tafues de Paris*, que se representou em 1861 nas Variedades.

19

1841 — Uma commissão especial, que fôra nomeada pelo governo, apresenta o seu parecer, declarando que de todas as peças representadas durante os annos de 1840 e 1841, mereciam ser premiadas as seguintes: *Os dois Renegados*, de Mendes Leal; *O Camões do Rocio*, de Feijó; *Os dois Campeões*, de Costa Macedo; *O Captivo de Fez*, de Silva Abranches.

1859 — Nasce em Lisboa **Eduardo Baptista Diniz.**

Sabendo pouco, escrevendo de encommenda e quasi de improviso, tendo a maior parte das vezes por interpretes actores maus, é preciso ter valor para conseguir agradar.

Quando se vae ouvir uma revista de **Baptista Diniz** espera-se sempre um bom quinhão de pornographia.

Creio que d'isto o maior culpado é o publico, que só o applaude quando elle lhe fere essa nota.

Baptista Diniz tem já sido actor, ensaiador e emprezario.

Das suas peças algumas teem feito carreira nos theatros populares, entre ellas as revistas: *Da Parreirinha ao Limoeiro*, *Zás Traz* e *Seculo XIX*, representadas no Principe Real, Rua dos Condes e Rato.

1897 — Morre a antiga actriz **Adelaide Pessoa.**

Lembro-me de a ver estreiar-se no velho theatro da Rua dos Condes, em 1863, n'um importante papel do drama *O Corsario*, de José Romano.

Fez depois a comedia em um acto *O marido no prégo*. Retirou-se da scena pouco depois.

Foi por muitos annos e até á morte companheira dedicada do actor Joaquim d'Almeida.

20

1825 — Nasce em Coimbra **Antonio de Serpa Pimentel.**

O illustre homem de estado, por tantas vezes ministro, actual chefe do partido regenerador e occupando logares eminentes, salientou-se no começo da sua carreira como jornalista de primeira plana e primoroso homem de lettras.

Como quasi todos os que na nossa terra se teem elevado pela penna, tambem **Antonio de Serpa** abordou o theatro com dois trabalhos magnificos: uma brilhante traducção da *Dalila* de Octave Feuillet e uma comedia em 3 actos, original, *Casamento e despacho*; ambas se representaram com muito agrado no theatro de D. Maria.

1845 — Nasce em Mafra a actriz **Maria do Carmo Silva.**

Começou modestamente a sua carreira no theatro das Variedades, indo em seguida n'uma companhia para os Açores e depois para o Porto. Mais tarde voltou para as Variedades de Lisboa, onde trabalhou com Furtado Coelho e Lucinda.

Esteve depois no theatro dos Recreios na companhia de Emilia Adelaide e no Principe Real com companhia minha.

Regressou mais tarde ao Porto, onde trabalhou em differentes theatros até que morreu, em 5 de dezembro de 1891.

Maria do Carmo fazia com correcção damas centraes, o que a tornava nos theatros uma boa utilidade.

Era casada com o actor Joaquim Nunes da Silva.

21

1814 — Nasce na quinta das Varandas, em Coimbra, **José Freire de Serpa Pimentel,** depois **Visconde de Gouvêa.**

Exerceu varios cargos de magistratura, chegando a ser juiz de direito e governador civil do Porto.

Foi membro do Instituto de Coimbra e do Conservatorio de Lisboa.

Publicou diversas poesias, odes, soláos, cantatas, romances, etc.

Para o theatro escreveu: *D. Sisnando, conde de Coimbra,* drama em 3 actos; *O Almansor Aben-Afan, ultimo rei do Algarve,* drama em 3 actos, em verso; *D. Sancho II,* drama historico; *A boda em trajes de frasqueira,* farça; *A Actriz,* drama em 3 actos; *Uma judia na côrte d'el rei D. João III,* drama em 5 actos e 9 quadros.

O drama *Almansor* foi premiado pelo jury dramatico do Porto; o *D. Sancho II* foi rejeitado para a abertura do theatro de D. Maria; o *D. Sisnando* foi approvado pelo Conservatorio; o drama *A Actriz* e a farça *A Boda* foram representados no theatro da Rua dos Condes.

José Serpa morreu na sua quinta do Loureiro, a 18 de janeiro de 1870.

1837 — Nasce no Rio de Janeiro **José Alves Visconti de Coaracy.**

Antigo membro do Conservatorio e secretario da sociedade propagadora de bellas artes no Rio de Janeiro, era um escriptor distincto, que em diversos jornaes fluminenses e varios livros deu grandes provas de talento.

Em 1884 publicou com o titulo *Galeria theatral, esboços e caricaturas,* com o pseudonymo de *Gryphus* uma serie de artigos interessantissimos, verdadeiros estudos do theatro na capital brazileira.

Recebi ultimamente do Rio de Janeiro esta informação. De outra fonte o pseudonymo *Gryphus* é attribuido a Joaquim Serra.

Escreveu um drama em 4 actos com o titulo *Os Tartufos de cá,* e uma comedia em 2 actos *O Theatro por dentro.* Do celebre romance de Alencar *O Guarany,* extrahiu, de collaboração com Luiz José Pereira da Silva, um drama em 4 actos e 11 quadros. Traduziu as seguintes peças: *Mulher, marido e amante, Filha unica. A desforra, A cabeça de Medusa, A actriz, Mademoiselle Lavallière, O vampiro* e *Os tres amantes.*

1840 — Nasce na Bahia a notavel actriz brazileira **Ismenia dos Santos.**

Representou pela primeira vez como amadora, n'um theatrinho particular da sua terra, fazendo a *Estella,* de Scribe. Por tal fórma se houve no difficilimo papel de que se incumbiu, que todos a aconselharam a seguir a carreira dramatica, o que era tambem o seu desejo.

Tendo casado, conseguiu que seu marido a levasse para o Rio de Janeiro e lá obteve d'elle auctorisação para se escripturar no theatro do Gymnasio, onde se estreiou em 1865, na comedia *Não é com essas!*

Em poucos mezes **Ismenia** era considerada a primeira actriz brazileira, logar que ainda hoje conserva.

Quando, em 1896, estive no Rio, annunciou-se uma recita extraordinaria da companhia Dias Braga, fazendo **Ismenia** a *Morgadinha de Valflor.* Apezar de reconhecerem o talento da actriz e saberem de ante-

mão o que ella fizera n'aquelle papel, esperavam todos um *fiasco*, pela edade em que ella já estava e pelas fórmas descommunaes. Lembro-me de que assisti á recita n'um camarote com Eduardo Schwalbach, que tambem estava no Rio, e pela primeira vez ia ver representar **Ismenia dos Santos.** Apezar da rotundidade, dos muitos annos e de tudo, applaudimos com enthusiasmo, assim como todo o publico, porque a talentosa artista representou e disse magnificamente o seu papel, valendo ella só muito mais do que todos os outros artistas juntos!

Ismenia tem um passado illustre como artista. O seu repertorio é de primeira ordem, tendo sobresahido nas seguintes peças: *Divorciemo-nos, Soror Thereza, Princeza de Bagdad, Intimos, Ferreol, Redempção, Magdalena, Anjo da meia noite, Naná, Familia Benoiton, Condessa Romani, Dalila, Heloisa Paranquet, Pedro, Supplicio de uma mulher, Filho de Coralia, Judia, Dama das Camelias, Duas orphãs, Estatua de carne, Froufrou, Morgadinha de Valflor, Justiça*, etc.

Ismenia, sempre com brilhante exito e merecidos louvores, creou grande parte do seu repertorio, confrontando com Ristori, Duse, Sarah Bernhardt, Pezzana, Emilia das Neves, Emilia Adelaide e Lucinda Simões. Creio que n'isto está feito o seu elogio.

Ismenia dos Santos tem sido por vezes ensaiadora e emprezaria.

1859—Estreia-se no theatro da Rua dos Condes, na comedia *Ih! como cheira!* a actriz **Carolina Pereira.**

Esteve no mesmo theatro durante alguns annos, sem passar de mediocridade. Deixou uma filha, Georgina, que tinha merecimento e pouco tempo esteve no theatro.

1894—Morre no Rio de Janeiro o actor **Thomaz Antonio Espiuca.**

Contava 59 annos de edade, pois nascera no Porto, em 1835.

Aos oito annos de edade foi mandado por seus paes para o Brazil, a fim de tentar fortuna. Esteve no commercio até 1851, anno em que se apresentou ao grande João Caetano para que o tomasse como discipulo.

Em tão boa hora o fez, que começou logo agradando e progredindo immensamente.

Em 1859 seguiu para o norte, contractado pelo actor Germano. No anno seguinte foi trabalhar no Rio Grande do Sul; depois voltou ao norte, até ao Pará. Em 1866 obtinha calorosos applausos no Gymnasio Dramatico do Rio. Em 1869 foi escripturado por Lopes Cardoso para a Bahia.

D'alli seguiu para Pernambuco, onde teve ainda bastantes noites de gloria, mas que depois esqueceu para se entregar a uma nova vida; fez-se dentista!

Explicava elle a sua resolução pelo desgosto que teve em ver o estado de abandono a que chegou a arte dramatica no Brazil.

Tendo voltado para o Rio, alli obteve um logar no Ministerio da Agricultura, logar que exerceu até á morte.

Os seus artistas predilectos tinham sido: Manuela Lucci, Emilia Adelaide, Antonio Pedro, Xisto Bahia e Eduardo Brazão.

Era um actor de merito e um ensaiador intelligente.

Escreveu algumas peças que se representaram com agrado, entre ellas os dramas *Voluntarios da honra, Martyrio e loucura, Scenas da monarchia, Actriz e escrava:* e as comedias *Viuva do meu amigo, Romaria do Senhor de Mattosinhos* e *Club do Capim.*

22

1832—Primeira representação no Theatro Francez do drama de Victor Hugo, **Le roi s'amuse.**

Os primeiros interpretes foram: Ligier, Perrier, Joanny, Beauvallet, Samson, Geffroy, Mariûs, Anaïs, Dupont e Eulalie Dupuis.

A peça foi prohibida no dia seguinte, como farei notar.

1836 — **Garrett** é nomeado Inspector geral dos theatros.

1838 — Nasce em Macau o maestro **Visconde do Arneiro.**

José Augusto Ferreira da Veiga, Visconde do Arneiro, formou-se em direito pela Universidade de Coimbra e já no tempo de estudante era um musico distincto. Estudou os primeiros rudimentos musicaes com Antonio José Soares, mestre de capella da Sé, um bello musico, que fez diversas composições para o theatro; harmonia e composição com Manuel Joaquim Botelho, professor da orchestra de S. Carlos; contraponto e fuga com Vicente Schirri, director que foi da orchestra do nosso theatro lyrico.

O Visconde do Arneiro estreiou-se como compositor n'uma pequena opereta *A questão do Oriente,* que se cantou no theatro Academico de Coimbra.

Depois de compôr diversas musicas sacras e profanas, alcançou grande successo no theatro de S. Carlos, a 2 de março de 1865, com a lindissima musica do baile phantastico *Ginn.*

Em 1870 compôz um *Te Deum,* que foi executado na egreja dos Paulistas pela sociedade orpheonica de Lisboa; era uma obra magnifica, que, no anno seguinte, foi cantada n'um concerto de amadores, no theatro de S. Carlos.

Deu-lhe depois o titulo de *Symphonie Cantate* e executou-se em Paris com muito exito.

Em 1876 cantou-se pela primeira vez no theatro de S. Carlos a opera do **Visconde do Arneiro,** *Elixir da Mocidade,* em cujo desempenho tomaram parte a Vitali, o Corsi, o Rota e o Vidal.

Partiu depois para a Italia a continuar os seus estudos e os seus trabalhos.

Em 1885 executou-se no theatro de S. Carlos a sua opera *Derellita,* que tambem não desagradou.

1857 — Estreia-se no theatro de D. Maria, na comedia *A alegria traz o susto,* a notavel actriz **Manuela Rey,** da qual já escrevi na data do seu nascimento, em 24 de outubro.

1868 — Estreia-se em Lisboa, com um exito enorme, no theatro do Principe Real, no drama *Kean,* a companhia italiana do celebre tragico **Ernesto Rossi,** de quem tratei na data do seu nascimento, a 29 d'abril.

Da companhia faziam parte, além de **Rossi** e seu irmão. os actores: Orlandini, Brizzi, Cavara, Maschini, Rosa, Peruchetti, Mazzoni e Pizani, e as actrizes Cazillini, Maschini, Scotti, Orlandini e Peruchetti.

1882 — N'este dia, em que completava exactamente 50 annos, que pela primeira vez se tinha representado a peça de Victor Hugo, **Le roi s'amuse,** sendo prohibida no dia seguinte, faz-se *reprise* no Theatro Francez, da mesma peça, desempenhando os principaes papeis: Got, Mounet-Sully, Maubant, Febvre, Féraudy, Prudhon, Baillet, Bartet e Samary.

23

1611 — Nasce em Lisboa o notavel historiador, poeta, orador e critico-moralista **D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO.**

Rebello da Silva classificou-o «como um dos primeiros eruditos do seu tempo, e talvez o prosador mais substancioso e conciso da lingua portugueza»

Antonio José Viale diz d'elle: «As obras de **D. Francisco Manuel de Mello,** por muito varias, moraes e repassadas do mais fino atticismo, são maravilhosamente adoptadas para a leitura util e agradavel de mais de uma qualidade de leitores, nas mais diversas situações da vida. Consolam no infortunio, recreiam na prosperidade.»

A outros pertence largamente demonstrar o alto valor do varão insigne, benemerito da patria e das lettras; eu tenho apenas de cital-o como auctor das comedias: *Labyrintho de Amor, Los secretos bien guardados, De burlas haze amor veras* e *El Domine Lucas;* da tragedia castelhana *La Impossible* e da farça *Auto do Fidalgo aprendiz.*

Morreu a 13 de outubro de 1666.

1832 — Ás 10 horas da manhã foi intimado Jouslin de la Salle, director de scena

do Theatro Francez, para suspender as representações do drama **Le roi s'amuse**, de Victor Hugo, que subira á scena na vespera.

No dia seguinte, por ordem do ministério, foram definitivamente prohibidas as representações da mesma peça.

1869 — Nasce no Porto o actor-tenor **Antonio de Sá.**

Em 1888 entrou como corista para o theatro D. Affonso, passando depois para o Principe Real e Chalet

A 3 de setembro de 1892 estreiou-se como actor, no theatro do Principe Real, empreza Taveira, na peça *Kin-Fá na China.*

Com a empreza Taveira foi ao Brazil e com a mesma empreza e a de José Ricardo tem trabalhado em Lisboa.

Tem uma voz muito agradavel que lhe attenua os defeitos de actor. Tem sobresahido nas peças: *Principe Rubim, Bibi & Comp.ª*, *Burro do sr. Alcaide, Rei damnado, Sinos de Corneville, Noite e Dia, Granadeiros, Ponte do Diabo,* etc.

Actualmente está contractado na Trindade, de Lisboa.

24

1824 — Nasce em Lisboa o purissimo e abalisado escriptor **D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo.**

Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, moço fidalgo com exercicio, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, secretario geral do governo civil de Leiria, deputado ás côrtes, primeiro official da Direcção geral de instrucção publica, ministro d'estado no ministerio Saldanha, depois da emboscada de 19 de maio, foi tambem commissario do governo junto ao theatro de D. Maria II.

Deixou obras sobre instrucção e direito valiosissimas.

N'este livro figura não só como antigo commissario regio junto ao theatro normal, e por dois relatorios que sobre o assumpto publicou, mas pelo seu drama historico original, em 5 actos, *Molière,* que a critica da epocha considerou trabalho de primeira ordem.

D. Antonio da Costa morreu em Lisboa, a 17 de janeiro de 1892.

25

1836 — Nasce em Lisboa, n'um predio em frente do theatro da Rua dos Condes, **João Antonio Lopes.**

Desde muito novo frequentou theatro, privando com os artistas da companhia de Emilio Doux.

Aos 17 annos empregou-se no commercio, por não poder seguir nos estudos em consequencia do fallecimento de seu pae.

Nas horas vagas traduzia peças para o theatro.

Ainda muito novo, escreveu para uma sociedade de curiosos, de que era director, uma comedia em um acto, com o titulo *Grande coisa é ter dinheiro,* que se representou no theatro da Floresta e depois nas Variedades.

Traduziu para outra sociedade o drama em 3 actos, *A Cega,* que se representou nos theatrinhos dos Anjos e Aljube, assim como a comedia em um acto *Um rapaz apressado.* Traduziu depois do hespanhól o drama em 4 actos *Filha e mãe,* e do francez o drama em 5 actos *A policia,* a comedia em 1 acto, *Nem uma nem outra* e a comedia em 1 acto *Os serões da Viscondessa,* representadas no theatro do Gymnasio. Para as Variedades traduziu o drama em 5 actos *Os Thugs ou os Estranguladores da India,* o drama em 5 actos *A cabana do pae Thomaz* e a comedia em 1 acto *No telhado.* Para o Principe Real traduziu as comedias *Se Deus quizer* e *O Priminho* e os dramas *Dama das Camelias* e *Terremoto das Antilhas.* Para D. Maria traduziu a comedia *Fogo no convento,* uma das corôas de Manuela Rey.

Tem traduzidas e ainda não representadas diversas peças, que destina aos theatros de D. Maria e Principe Real.

É talvez o decano dos nossos traductores theatraes.

Em 1875 e 1876 foi secretario-gerente da empreza Parisini, no theatro das Variedades, onde tinha muitas sympathias.

João Antonio Lopes é muito estimado nos nossos theatros, onde é conhecido pelo **Lopes marreca,** em consequencia da deformidade que tem nas costas.

É um bom caracter, um bom chefe de familia e muito intelligente.

1855 — Morre o actor **Lage.**

Poucos se lembram hoje d'elle. Era um excellente homem, muito estimado dos collegas. Não era actor brilhante, mas limpo; fazia com muita correcção os segundos *galans.*

1861 — Nasce em Marselha a distincta actriz franceza **Jane Hading.**

Estreiou-se aos tres annos, fazendo a boneca do drama *O Corcunda.*

Tem feito uma carreira brilhante nos theatros Palais-Royal, Renaissance, Gymnasio, Vaudeville, Porte-Saint-Martin e Comédie-Française. Actualmente está contractada no Gymnasio.

Tem um grande e variadissimo repertorio, tendo sobresahido nas seguintes peças: *Casta Suzanna, Anjo azul, Bella Persa, Em volta do casamento, Mestre de forjas, Principe Zilah, Sapho, Condessa Sarah, Deputado Leveau, Principe d'Aurec, Imperatriz Faustina, Heloisa e Abelard, Petite mariée, L'Œil crevé, Froufrou, Intimos, Thereza Raquin, Impudentes, Aventureira,* etc.

1861 — Morre **João de Aboim.**

Pela epocha em que sentou praça como aspirante a guarda-marinha e pela edade que se presumia ter na occasião do seu fallecimento, calcula-se que nasceu em 1814 **João Correia Manuel de Aboim.**

Em 1834 pediu baixa da marinha para ser secretario da bulla da cruzada e depois amanuense do ministerio do reino, de que o demittiram mais tarde por ser redactor do jornal satyrico *O Peneireiro.* Esteve alguns annos em commissão no Rio de Janeiro, na legação portugueza.

Voltando a Lisboa, foi empregado na primeira empreza que tentou fazer o caminho de ferro de Lisboa a Cintra, em 1857, na companhia setubalense de illuminação a gaz, e na fiscalisação do caminho de ferro do sul.

Morreu de uma congestão cerebral.

Entre diversas obras poeticas e litterarias, muito apreciadas aqui n'aquella epocha, mas principalmente no Rio de Janeiro, onde era muito estimado, deixou as seguintes peças: *Á tarde entre a murta,* comedia em 3 actos; *O recommendado de Lisboa,* comedia em 1 acto; *O homem põe e Deus dispõe,* comedia em 2 actos; *As nodoas de sangue,* drama em 3 actos; *Cada louco com a sua mania,* comedia em 1 acto.

A primeira d'estas peças foi representada no theatro de D. Maria; as outras deram-se no Gymnasio e nos theatros do Rio de Janeiro.

1871 — Estreia-se no theatro da Trindade, na opereta *O Capitão Negreiro,* o actor **Eduardo De-Vecchy.**

Filho da distincta actriz Gabriella, com ella veiu do Brazil, representando com bastante agrado nos theatros do Principe Real, Gymnasio e Rua dos Condes, mas fazendo melhor figura na Trindade por possuir uma bonita voz de barytono.

Entre outras, fez com bastante agrado as seguintes peças: *Amor e mysterio, Juramento, Sargento Frederico, Tio Braz, Nini, Equilibrios d'amor* e *Minhas duas mulheres.*

Em 1873 voltou ao Brazil, onde ainda hoje se conserva, na capital da Bahia, como proprietario e redactor do *Diario de Noticias,* que alli foi fundado pelo actor-auctor Lopes Cardoso, de quem já fallei na data da sua morte, a 22 de junho.

1893 — Morre em scena, estando a representar o primeiro acto da opereta *O Solar dos Barrigas,* n'um espectaculo da tarde, no theatro do Principe Real, do Porto, o excellente actor **Dias,** de quem tratei na data do seu nascimento, a 28 de março.

26

1836 — Nasce em Paris o notavel actor **Worms.**

Gustavo Worms era typographo. Nos seus estudos do Conservatorio, teve o 1.º *accessit* de tragedia e o 2.º premio de comedia em 1857. Estreiou-se no Theatro Francez no *Tartuffo* em 1858. Creou o *Duque Job* em 1859. Continuou fazendo o repertorio da casa e varias creações até 1864, em que sahiu por motivo de não ter o ministro approvado a sua nomeação de societario. Partiu para S. Petersburgo, onde esteve durante dez annos no theatro Miguel.

Voltou a Paris em 1875 e entrou para o Gymnasio, estreiando-se na *Dama das Camelias.* Tendo obtido um grande successo, a Comedia Franceza pagou a multa ao Gymnasio e contractou-o, fazendo-o estreiar, a 4 de junho de 1877, no *Marquez de Villemer.* Em 1878 foi nomeado societario. Tem alli creado muitos papeis, entre elles os das peças: *Rantzau, Dionisia, Antoinette Rigaud, Francillon, Souris, Flibusteiros, Margot, João Darlot, Cabotinos, Perdão,* etc.

Worms é professor do Conservatorio. Como actor é actualmente um dos primeiros e mais considerados.

1844—Primeira representação no theatro da Rua dos Condes da farça-lyrica em 1 acto, lettra de José Maria da Silva Leal, musica de Angelo Frondoni, **O Beijo.**

Foi esta a primeira tentativa de opera-comica portugueza. Agradou immensamente. Era n'esta peça que havia a celebre canção, que tão popular se tornou:

«Sou saloia, trago botas,
«Tambem trago meu mantéu,
«Tambem tiro a carapuça
«A quem me tira o chapeu.

E mais esta:

«Oh! saloia dá-me um beijo
«Qu'eu te darei um vintem.
«Os beijos d'uma saloia
«São poucos, mas sabem bem.

A peça teve um bello desempenho, em que tomaram parte os artistas: Van-Nez, Sargedas, Lisboa, Theodorico, Emilia Costa, Radice e Delphina.

1845 — Nasce em Lisboa **D. Guiomar Torrezão.**

Desde muito nova se dedicou com todo o amor ás lettras e desde muito nova começou a ser conhecida e apreciada.

Tem publicado muitos volumes de contos, viagens e critica; tem redigido e collaborado em grande numero de importantes jornaes; fundou o *Almanach das senhoras,* em que durante muitos annos teem colloborado os mais illustres litteratos portuguezes, tem, finalmente, traduzido innumeras peças, que se teem representado, muitas com successo, em todos os theatros de Lisboa, Porto e Brazil.

Como auctora de peças originaes tem sido talvez menos feliz, mas traducções tem que nos melhores theatros obtiveram grande successo, como *A Martyr, Dionisia, Gran-Galeoto, Toupinel, Menina do Telephone, Musotte, Noiva dos Girasoes, Mademoiselle Diabrete, Surcouff* e *Os dois garotos.*

Com esta ultima, de que tem a propriedade em Portugal, desenvolveu uma actividade extraordinaria e uma energia varonil, evitando que fosse expoliada dos seus direitos, quando um emprezario tentou prejudical-a nos seus interesses.

D. Guiomar Torrezão tem conseguido o que raros homens, mesmo os de grande talento, conseguem em Portugal, viver das lettras!

1868—Estreiam-se no theatro da Trindade na opera comica *Mancilio o tocador de flauta* as cantoras italianas **Amalia Fossa** e **Emilia Fossa,** irmãs.

Cantaram em seguida na *Bella Helena, Andador das almas, Os tagarellas, O 66* e *Canção de Fortunio.*

Tinham bella voz, principalmente a **Amalia**; mas pronunciavam mal o portuguez e tinham pouco desembaraço para a opereta.

Em 1869 partiram para a Italia, onde seguiram a carreira lyrica.

1871 — Nasce **José Francisco Alves.**

Estreiou-se n'uma recita do *Burro do sr. Alcaide*, no theatro da Avenida, e actualmente faz parte da companhia do theatro do Principe Real.

Ainda não tive occasião de o ver trabalhar, mas affiança-me pessoa competente que tem aptidões e promette fazer alguma coisa no theatro.

1880 — Morre em Lisboa o estimadissimo professor e emprezario do theatro de S. Carlos, **Guilherme Cossoul**, de quem fallei na data do seu nascimento, a 22 de abril.

27

1782 — Inaugura-se o theatro do **Salitre**, construido pelo architecto Simão Caetano Nunes.

Era proprietario do theatro João Gomes Varella.

Em todas as noticias, de diversas origens, sobre este theatro, encontro que elle foi construido por causa de ser exhibido ao publico o celebre equilibrista d'aquelle tempo, de nome Tersi. Isto não tem visos alguns de verdade. Que, depois de construido o theatro, se lembrassem de mandar vir o equilibrista, como grande novidade, e com elle abrissem o theatro, é natural; mas ainda assim não seria elle só a formar o espectaculo.

Se para tal fim apenas construissem aquella casa d'espectaculos, não teriam feito o palco de fórma, que logo depois pudessem alli dar peças de grande aparato.

Parece que o primeiro emprezario do theatro foi o proprio architecto Simão Caetano Nunes, seguindo-se Paulino José da Silva e depois o actor Antonio José de Paula, actor e auctor, que para o Brazil sahiu do theatro do Bairro Alto, e á volta tomou a empreza do **Salitre.**

Da primeira companhia do theatro do **Salitre** faziam parte os actores: Fernando José de Queiroz, Bernardino Antonio Cota, José Antonio Gentil, José Xavier, Manuel José, José Theotonio, Angela Thereza Azua, Victoria Candida de Araujo e Anna Felismina.

Quando Emilio Doux administrou e dirigiu litterariamente o theatro da Rua dos Condes e quando n'elle se estabeleceu a opera italiana, foi o **Salitre** o centro da comedia nacional.

A empreza de Antonio José de Paula, foi a mais florescente. Na data de 19 de maio fallei d'este actor-auctor e da sua empreza.

Por morte de Antonio José de Paula, em 1804 passou a empreza para Joaquim Francisco Nossa Senhora e Manuel José Fernandes. Continuaram as peças a ser montadas com grande luxo.

Em 1806 tomou a empreza um tal Faria que teve a feliz lembrança de pôr em scena uma peça com o titulo *As Covas de Salamanca*, com a qual ganhou muito dinheiro.

Em 1821 esteve no theatro do **Salitre** uma companhia franceza de declamação e dansa.

Mais tarde, quando Emilio Doux teve de sahir da Rua dos Condes, foi formar empreza para o **Salitre.**

Sahindo Doux para o Gymnasio, o **Salitre** cahiu em grande abandono, tendo sempre companhias irregulares até que, em 1858, uma associação tomou d'elle conta, chamando-lhe theatro das **Variedades.** Foi a associação que montou as magicas *Loteria do Diabo*, *Corôa de Carlos Magno* e *Reino das Fadas.*

Veiu depois a empreza Pinto Bastos com os seus esplendores dos *Amores do Diabo*, *Pera de Satanaz* e *Pomba dos ovos de ouro.*

Seguiram-se emprezas do actor Coelho de sociedade com o actor Izidoro e com o escriptor Eduardo Martins; do actor Fernando de Lima com o escriptor, hoje medico, Dr. Anacleto d'Oliveira, que puzeram em scena com grande aparato a peça phantastica *O anno 3000* e a magica *Lenda do Rei de Granada;* do escriptor Parisini com o Conde de Penamacôr, que montaram as magicas *Cofre dos encantos* e *Pomba azul;* diversas sociedades de actores, sendo uma

d'ellas dirigida pelo escriptor Avellar Machado e outra pelo popular Costa (marreco).

A 24 de agosto de 1879, para dar principio ás grandes obras da Avenida da Liberdade, começou a demolir-se o theatro das **Variedades**, antigo **Salitre**, um theatro de pessima construcção, um corredor tortuoso, mas que deixou saudades pelas alegres noites que alli se passaram com Izidoro, Antonio Pedro e outros bellos artistas, de que ainda nos restam Queiroz e Joaquim d'Almeida.

1888 — Morre no Brazil o actor **Montedonio**, de quem já tratei na data do seu nascimento, em 11 de agosto.

28

1859 — Estreia-se no theatro da Rua dos Condes o actor **Augusto José Pereira**, de quem já fallei na data do seu nascimento, em 1 de abril.

1862 — Morre o maestro **Casimiro Junior**, de quem já tratei na data do seu nascimento, a 30 de maio.

29

1825 — Nasce em Lisboa o notavel escriptor **José Maria Latino Coelho**.

Era uma das notabilidades mais illustres do nosso meio politico e litterario.

Depois de exercer os mais altos cargos, chegando a ministro, afastou-se dos grupos politicos militantes para, pela propaganda, advogar as suas idéas republicanas.

Militar graduado, professor illustre, academico distincto, disfructou até á hora da sua morte as maiores sympathias e homenagens.

Devem-se-lhe importantissimos trabalhos como militar, como academico, como investigador e como philologo. A sua morte foi uma verdadeira perda para a nação.

Deixou obras de enorme valor, que não são para aqui enumerar.

Para o theatro escreveu um proverbio em 1 acto com o titulo *A Opposição systematica;* traduziu do francez a magnifica comedia de Sardou *Les vieux garçons*, a que deu o titulo de *Solteirões* e que alcançou enorme successo quando representada pela companhia Santos nos theatros do Principe Real e D. Maria, e do allemão traduziu o drama *Gladiador de Ravenna,* um dos bellos trabalhos de Emilia das Neves.

1830 — Nasce em Lisboa **Alfredo Hogan.**

Alfredo Possolo Hogan foi empregado na repartição dos correios e morreu a 16 de abril de 1865.

Escrevia sobre o joelho as suas muitas peças, mais para as vender ao editor do que para as fazer representar. Poucas viram a luz da ribalta, mas algumas bastante agradaram.

Quando precisava arranjar dois ou tres *pintos* (a moeda de 480 réis que então corria) ou depois duas ou tres *meias corôas*, mettia-se em casa, fazia uma peça, que levava ao editor Lopes, da rua do Ouro. O Lopes, quasi analphabeto, tomava os originaes na mão, via-lhes o pezo e assim os pagava!

O **Alfredo Hogan**, que já lhe sabia das manhas, comprava um papel grosso, escrevia em letra graúda e com uns grandes espaços.

Alguns litteratos abusaram tanto do systema, que o Lopes, percebendo a esperteza, antes de lhes dar o dinheiro, dizia-lhes:

— A mim não me engana vossê. Se quer dinheiro, encha aqui o papel que está em branco.

E o pobre do auctor lá tinha que fazer entrelinhas para apanhar os dois *pintos*, que muitas vezes eram o jantar e a ceia do dia.

Alfredo Hogan fez romances pelo systema das peças. D'esses era quasi sempre editor o bom do Luiz Corrêa da Cunha, pouco mais intelligente do que o Lopes, mas com muito melhor coração.

Quando em Lisboa fez grande sensação o romance de Dumas *O Conde de Monte Christo,* **Alfredo Hogan** escreveu outro romance em continuação e com o titulo *A Mão do Finado.* Não lhe pôz o seu nome. A obra era assim annunciada no frontespicio: *A Mão do Finado, romance em continuação do Conde de Monte Christo por Alexandre Dumas.* Todos julgaram a obra de Dumas e assim se esgotaram rapidamente algumas edições. Quem menos ganhou no negocio foi o pobre **Hogan**, que não teve honra pelo trabalho e pouco proveito.

Outros romances seus tiveram voga e entre elles: *Os Mysterios de Lisboa* e *Marco Tullio ou o Agente dos Jesuitas.*

Para o theatro escreveu o seguinte: o drama extrahido do romance de W. Scott, *Ivanhoé;* outro drama original *O ultimo dia dos jesuitas em Portugal;* uma comedia heroica, *O dia primeiro de dezembro de 1640;* as comedias-dramas originaes: *As Brazileiras, Os Dissipadores, O Juizo do mundo, O Colono, Segredos do coração, A Roda da fortuna, Nem tudo o que luz é ouro* e a *Mascara social,* e as comedias *Ninguem julgue pelas apparencias, É melhor não experimentar, O marido no prégo, Não despreze sem saber* e *Pilatos no credo.*

30

1840 — Nasce em Inhambupe (Bahia), o escriptor brazileiro **Bellarmino Barreto.**

Filho de um padre, que o quiz dedicar á medicina, elle preferiu a vida jornalistica e litteraria, partindo para o Rio de Janeiro, onde foi escrivão de subdelegado de policia.

Escreveu um drama *As tres corôas* e fez na imprensa criticas theatraes. Morreu repentinamente a 22 de maio de 1882.

1849 — Estreia-se no theatro do Salitre, na comedia *Uma fraqueza,* o actor **Izidoro,** de quem já fallei na data do seu nascimento, a 2 d'este mesmo mez.

1855 — Primeira representação no theatro de S. Pedro d'Alcantara, do Rio de Janeiro, do drama de Castilho, **Camões.** O papel de protogonista foi desempenhado pelo grande actor brazileiro João Caetano dos Santos.

A peça tinha sido dedicada por Castilho ao imperador do Brazil.

1858 — O actor Taborda representa pela primeira vez, no theatro do Gymnasio, a scena comica *Effeitos do vinho novo,* original de **Domingos Monteiro.**

Esta scena obteve um grande exito e foi representada por Taborda centos de vezes.

Domingos Monteiro, que é hoje um magnifico empregado da Casa Burnay, e ha muitos annos ninguem o vê no theatro, foi por muito tempo a alma e vida do Gymnasio, para onde entrou como camaroteiro e depois ficou como guarda-livros pelo espaço de 25 annos.

É um homem honesto e modestissimo, ao ponto de me mandar pedir encarecidamente por amigos intimos para que o seu nome não figurasse n'este livro. Não posso de fórma alguma satisfazer-lhe os desejos, porque isso importaria uma grave lacuna para a obra, pois que **Domingos Monteiro,** que, creio, apenas escreveu uma comedia n'um acto, que muito agradou, com o titulo, se bem me recordo, de *Reconciliação,* foi o auctor engraçadissimo de quasi todos os monologos e cançonetas durante tantos annos desempenhados por Taborda, e que ainda hoje obteem um verdadeiro successo quando o impagavel artista se apresenta a dizel-os.

São de **Domingos Monteiro** as seguintes scenas representadas por Taborda, além de outras de que me não lembro: *Effeitos do vinho novo, Amor Londrino, Penca dupla, Que será?, O Tio Matheus, O mais infeliz dos candidatos, Negra côr, Ventura o bom velhote,* etc.

1864 — É nomeado professor de rudimentos no Conservatorio, **Eugenio Ricardo Monteiro de Almeida.**

Foi alumno premiado do nosso Conservatorio em rabeca, harmonia, melodia e contraponto.

Em 30 de janeiro de 1869 foi nomeado professor d'essas disci-

plinas; em 4 de janeiro de 1870 secretario do Conservatorio; em 15 de setembro de 1876 director interino; augmento do terço do ordenado por diuturnidade de serviços em 4 de janeiro de 1883; professor de 1.ª classe de contraponto e composição em 31 de dezembro de 1888, em virtude da reforma do Conservatorio.

Tendo nascido em 1826, conta hoje 72 annos de uma vida laboriosa e honesta.

Foi por muitos annos chefe de orchestra do theatro da Rua dos Condes, passando depois á Trindade e D. Maria.

É musico da Real Camara e tem diversas condecorações.

Escreveu diversas musicas religiosas, tornando-se notaveis uma missa para a festa de Santa Cecilia e um *libera-me*, em que Rossini pôz grande elogio pelo seu proprio punho, n'uma exposição que houve em Italia.

Durante muitos annos escreveu musicas originaes e coordenou outras para os nossos theatros, principalmente para a Rua dos Condes. É auctor festejado de muitas operetas e *couplets* de comedias.

Theatro da Trindade

1867—Inauguração do **Theatro da Trindade**, de Lisboa.

A Francisco Palha se deve o pensamento inicial da fundação d'este theatro; a uma sociedade de accionistas a sua realisação, e o risco e direcção da obra ao habilissimo architecto Miguel Evaristo.

O espectaculo de abertura constou do

drama em 5 actos, original de Ernesto Biester, *A Mãe dos pobres* e da comedia em 1 acto, traduzida por Francisco Palha, *O Xerez da Viscondessa*. O drama agradou, mas a comedia foi pateada.

A companhia era formada pelos seguintes artistas: Delphina, Emilia Adelaide, Marianna Ferraz, Rosa Damasceno, Emilia dos Anjos, Lucinda da Silva, Gertrudes Carneiro, Ernestina Duarte, Tasso, Izidoro, Queiroz, Leoni, Bayard, Brazão e Lima.

D'estes artistas, passados mais de trinta annos, felizmente só falleceram seis: Delphina, Gertrudes Carneiro, Tasso, Izidoro, Leoni e Lima.

No theatro da Trindade conserva-se apenas o actor Queiroz; em D. Maria estão: Rosa Damasceno, Brazão e Bayard; está no Brazil Emilia Adelaide, e retiraram-se da scena, Emilia dos Anjos, Marianna Ferraz, Lucinda da Silva e Ernestina Duarte.

1867 — Estreia-se na inauguração do theatro da Trindade, tendo papeis nas duas peças que se representaram, a formosissima actriz **Marianna Ferraz.**

Além da muita belleza, tinha uma voz agradavel, vestia elegantemente e por isso fez boa figura em muitas peças, entre as quaes: *Mãe dos pobres, Familia Benoiton, Tentações do Demonio, Medicos, Gata borralheira, Dalila, Rouxinol das salas, Xerez da Viscondessa, Pepe Hillo, Tempestade na familia, Contos de Boccacio,* etc.

Em 1871 abandonou o theatro.

DEZEMBRO

DEZEMBRO

1

1817—Nasce na Bahia **D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar.**

Recebeu uma primorosa educação artistica e litteraria, o que muito desenvolveu a sua rara intelligencia.

Bem nova ainda, era distincta concertista e conhecia perfeitamente as linguas franceza, ingleza e italiana.

Seguiu depois para o Rio de Janeiro, onde seu pae exercia a profissão de advogado, e ahi aprimorou os dotes do seu espirito esclarecido.

Redigiu o *Jornal das Senhoras*, o primeiro periodico escripto por uma senhora, publicado no Brazil.

Traduziu do italiano as comedias de Goldoni: *Pamella solteira* e *Pamella casada*. Obteve por essa occasião o diploma de socia honoraria do Conservatorio Dramatico Brazileiro.

Traduziu tambem do francez a comedia de Alexandre Dumas, *Chaile de cachemira*.

Publicou depois o periodico hebdomadario, *O Domingo*, em que deixou artigos interessantissimos.

Morreu no Rio de Janeiro, a 25 de maio de 1875.

1822 — Nasce em Lisboa **Paulo Midosi.**

Formou-se em direito na Universidade de Coimbra, em 1850, e veiu logo para Lisboa estabelecer mesa de advogado, que conservou até final da vida.

Era amigo intimo do actor Taborda, que lhe assistiu aos ultimos momentos.

O seu amor ao theatro provou-o nos jornaes *O Entreacto*, *Revista theatral* e *Raio theatral*, na sua assiduidade durante muitos annos no palco do Gymnasio, e nas peças qne escreveu para o mesmo theatro, Trindade e D. Maria, que são: os originaes *Entre a bigorna e o martello, Um dia de independencia, A Grande Duqueza no penultimo andar, A arte e o coração* (peça escripta para Emilia das Neves), e as scenas comicas

para Taborda: *O sr. José do Capote, Historia de um marinheiro, Tribulações d'um padeiro* e *Amigo dos artistas*. Tambem para Taborda imitou do francez a scena comica *Amor pelos cabellos*.

Ainda do francez imitou as seguintes peças: *O sr. Procopio Baeta fica em casa na noite de..., Questão do Oriente, Os advogados, Os dois cegos, O chapeu de chuva de Damocles, Os dois papalvos, O marido de duas mulheres, Á espera do omnibus, A tia Maria, Os dois annuncios, O Misantropo, A certidão de baptismo*, e as operetas: *O conselho das dez, A Marqueza* e *Qual dos dois?*

Do hespanhol imitou o drama *Os dois validos* e do inglez outro drama *Julio ou Julia?*

1850 — Nasce em Lisboa o actor **Eloy**. Filho de um ourives da rua da Prata, ourives continuou sendo na feira de Belem, depois em Alcantara, mais tarde em S. Paulo e agora tambem no Chiado.

Ao mesmo tempo que começava a sua vida de ourives, dedicava-se tambem ao theatro, sendo um apreciado amador dramatico. Por obsequio ia aos theatros publicos recitar a poesia de Thomaz Ribeiro, *As novas conquistas*, em que muito era applaudido.

Em 1871, convidado por Pinto Bastos, acceitou o seu primeiro contracto para o theatro do Principe Real, estreiando-se no drama de Baptista Machado, *O mil trovões*. Na epocha seguinte passou para a Rua dos Condes, onde entrou com bastante agrado na *Fragata Meduza, Cura Santa Cruz, Martyres da Polonia, Revista de 1873, Castello azul*, etc.

Em 1874 foi escripturado para o Gymnasio e até hoje lá se tem conservado, o que mostra que o publico e a empreza se não enfastiam d'elle. Estreiou-se alli na comedia de Maximiliano d'Azevedo, *Ave agoureira*, e tem entrado em quasi todas as peças do interminavel repertorio do Gymnasio.

Todos os artistas affirmam que é elle um bom collega e o publico que é um bom rapaz.

1860 — No theatro de D. Maria, em beneficio de Emilia das Neves, representa-se pela primeira vez a tragedia **Judith**, de Giacommetti, traduzida por José da Silva Mendes Leal.

É indescriptivel o enthusiasmo que n'essa noite causou a nossa grande actriz, que tinha sempre sido bella e grande no drama e passou a ser sublime na tragedia.

Na **Judith**, confrontando com a notavel Ristori, produziu um dos maiores enthusiasmos que tem havido nos theatros portuguezes.

1865 — Canta-se pela primeira vez, no theatro de S. Carlos, a opera de Gounod, **FAUSTO**.

Esta opera teve um successo brilhantissimo e deu grande numero de representações, salvando as depauperadas finanças da empreza.

Foi posta em scena com todo o esplendor, magnificamente ensaiada por Cossoul e primorosamente desempenhada por Volpini, Mongini, Squarcia e Junca, segundas partes, córos e orchestra.

Na epocha seguinte foi cantada por Volpini, Martelli, Corsi, Squarcia e Junca; em 1867 por De Maesen, Locatelli, Naudin, Bocolini e Petit; em 1868 por Rey-Balla, Corradi, Corsi, Merly e Bartolini; em 1869 por Ida Benza, Corradi, Campanini e Merly; em 1870 por Sonnieri, Carracciolo, Nicolini, Sterbini e Petit. Só na epocha de 1871-1872 se interromperam as representações do **Fausto** em S. Carlos; mas voltou logo em 1873, cantado por Cortesi, Tiozzo, Fancelli, Pandolphini e Castelmary.

1876 — Morre em Porto Alegre (Brazil) **Lobo Barreto**.

João da Cunha Lobo Barreto era natural de Porto Alegre, onde nascera em 1853 e ahi era empregado da secretaria do governo.

Com o pseudonymo de **Candido Silvio** escreveu em diversas folhas e deixou o drama em 3 actos *Estrellas e diamantes* e

as comedias, tambem em 3 actos, *O senhor Queiroz* e *Effeitos da aguardente.*

2

1809 — Nasce no Rio de Janeiro **Francisco de Paula Brito.**

Typographo de profissão, fundou uma officina e loja de encadernação no Rocio e ahi reunia grande numero de litteratos em amavel convivio.

Era intelligente e estudioso, tendo deixado quando falleceu, em 15 de dezembro de 1861, entre outras obras, o drama *O triumpho dos indigenas,* as scenas comicas *O sorvete, O fidalgo fanfarrão* e *A Maxambomba* e traduzido em quadras rimadas as operas *Norma* e *Puritanos.*

1817 — Nasce em Posen, na Prussia, **Bertholdo Goldschmidt.**

Partiu para o Brazil, onde se naturalisou e onde foi professor de allemão official e particular.

Além de diversos livros instructivos, escreveu n'alguns jornaes.

Para o theatro fez duas comedias: *O tenente Baiacú* e *O Ministro justiceiro.* Traduziu tambem os dramas de Schiller: *Joanna d'Arc, Maria Stuart* e *Dom Carlos.*

1824 — Nasce no Rio de Janeiro **Carlos Luiz de Saules.**

Medico pela escola da mesma cidade, alli ficou exercendo a clinica.

Foi membro do conservatorio Dramatico e escreveu o drama em 5 actos, *Manuel Beckman,* que foi representado pela companhia do notavel actor João Caetano.

Carlos Saules falleceu a 4 de novembro de 1880.

1875 — Estreia-se em Paris, no Alcasar Lyrico, a actriz **Leonor Rivero.**

Má cantora, sem ser boa actriz, mas uma boa mulher em toda a extensão da palavra; rosto formosissimo, fórmas irreprehensiveis, olhos fascinantes, sorriso estonteador e d'uma extrema affabilidade. São estas as qualidades que a sustentaram no palco e que lhe deram uma fortuna, que a tornou independente.

É hespanhola e o seu verdadeiro nome **Julia Rivero**; não sei por que motivos adoptou o de **Leonor,** por que é conhecida.

Em Paris conseguiu ser protegida, o que não admira attendendo á sua belleza, por um redactor do *Figaro,* que lhe obtinha logar nas companhias dos theatros de genero, em papeis secundarios.

Com uma d'essas companhias foi ao Rio de Janeiro, na epocha em que existia o Alcazar e em que abundavam os homens de dinheiro, que faziam luxo em se arruinarem pelas actrizes. A **Leonor** estava mesmo pintada para o caso. Arruinou não sei quantos, mas, quando eu alli cheguei, fallava-se muito de um que gastára com ella mais de quatrocentos contos, que estava reduzido quasi á miseria e ainda era o seu melhor amigo. Conheci depois outros nas mesmas condições; a **Leonor** arruinava-os em seu proveito, mas não fazia como outras muitas, que depois os despresam; ella, pelo contrario, sentava-os á sua meza, acompanhava com elles e tomava-os até para conselheiros.

Tendo um tal *réclame* a **Leonor,** de uma occasião, em 1883, quando ella de novo chegou ao Rio, fui convidal-a para fazer parte da minha companhia, representando em portuguez. Acceitou e tive-a contractada por dois annos, sem nunca me arrepender. Chamava realmente muito publico ao theatro, que ia mais para ver a mulher do que a actriz, e, além de tudo, era trabalhadora, disciplinada, o que no Brazil é raro, e muito boa companheira. Ainda hoje tenho por ella a maior estima e sem favor.

Leonor Rivero, representando em portuguez, chegou a fazer bella carreira no Brazil, onde é muito estimada.

Apresentei-a alli ao publico na vivandeira da *Filha do Tambor-mór,* depois na mulher do alcaide da *D. Juanita,* no tambor das *Amazonas do Tormes,* na criada das *Boas noites sr. D. Simão* e n'outros papeis.

N'um outro regresso de Paris contractou-se na empreza da actriz Ismenia, so-

bresaindo por essa occasião no vaudeville *Mimi Bilontra* e na magica *Frei Satanaz.*

Ainda n'outra epocha contractou-se com o emprezario Silva Pinto, para ir ao Norte do Brazil, levando por cavallo de batalha os 18 papeis do *Tim Tim por Tim Tim,* em que ella tambem agradára no Rio.

No anno passado recebi um convite para ir almoçar ao Hotel Central, fui; era a **Leonor** que passava novamente para o Rio de Janeiro; pareceu-me que fazia mal; o Brazil já não era o mesmo e a epocha da **Leonor** estava passando. Lá foi e pouco se demorou. No fim de quatro mezes recebia carta d'ella, já de Paris.

Leonor ha annos esteve em Lisboa de visita e tem tido immenss vontade de aqui representar. Esse desejo não lhe satisfaço eu, porque sou muito seu amigo e não quero vêl-a desapontada. Mas notem que ella não vale menos do que umas *estrellas fanées,* que para ahi andam assopradas pelos canudos das *reclames* tolas. Já basta ter cahido uma vez em apresentar a Rosa Villiot para servir de debique a essas nullidades, que desejariam valer uma perna da Rosa ou da **Leonor**.

3

1840 — Nasce em Limoges o illustre

litterato **JULES CLARETIE**, membro da Academia Franceza e administrador do Theatro Francez.

Tem um logar proeminente n'este livro **Jules Claretie**, pois que foi o redactor das excellentes chronicas dramaticas do *Figaro, Presse, Soir,* e do *Petit Journal;* entre innumeros volumes de alto valor litterario, publicou um com o titulo *Molière, sua vida e suas obras* e dois intitulados *A vida moderna no theatro*; são d'elle tambem as seguintes peças, algumas das quaes fizeram grande successo: *Famille des Gueux, Raymond Lindey, Muscadins, Un père, Régiment de Champagne, Mirabeau, Monsieur le Ministre, Prince Zilah, Américaine, Navarraise* e *Politiciens.*

Jules Claretie, ou **Arsène Arnaud Claretie**, como era o seu primitivo nome, entrou para director da Comedia Franceza em 23 de outubro de 1885, no momento em que reinavam grandes discordias entre os principaes artistas. Teve a rara habilidade de acalmar os animos e de elevar a casa de Molière ao maior grau de prosperidade artistica, litteraria e pecuniaria.

1860 — Morre em Paris o escriptor brazileiro **Caetano Lopes de Moura.**

Nasceu na Bahia em 1780. Formou-se em medicina pela universidade de Coimbra; transferiu-se depois para França, doutorando-se em Paris e residindo ahi até á hora da morte.

São bem conhecidos de portuguezes e brazileiros os innumeros trabalhos do **Dr. Caetano Lopes de Moura,** quasi todos editados pela casa Aillaud, de Paris.

Esses trabalhos versam sobre historia, artes, litteratura, religião, ensino, etc.

Figura n'este livro o **Dr. Moura** por haver traduzido os dramas: *Misanthropia e arrependimento* e *Arthur ou dezeseis annos depois.*

4

1836 — Nasce no Rio de Janeiro **Quintino Bocayuva.**

É um nome bem conhecido no mundo inteiro pela parte activa que tem tomado nos successos politicos da sua terra depois do estabelecimento da republica.

Antes era conhecido como distincto jornalista e pelos seus trabalhos poeticos e criticos.

Quintino Bocayuva tambem trabalhou para o theatro.

São seus os dramas: *Omphalia, O Trovador, Um pobre louco, Pedro Favila, Claudio Manuel, De la Viola* e *Uma partida de honra;* a opera comica *O Bandoleiro* e as traducções das operas, zarzuelas e operetas: *Dominó azul, Norma, Quem porfia sempre alcança, Diamantes da corôa, Sargento Frederico, Minhas duas mulheres, Valle de Andorra, Boas noites sr. D. Simão, Tramoia, Grumete, Estebanilho, Marina* e *Dama do véo.*

1841 — Nasce em Lisboa **Alfredo Oscar d'Azevedo May.**

Alumno distincto do Collegio Militar, é actualmente coronel d'infanteria.

Professor bastante apto de diversas disciplinas, regeu por muitos annos as cadeiras de portuguez e geographia no Collegio Militar e foi por diversas epochas examinador no Lyceu de Lisboa.

Em 1873 e 1874 seguiu ininterruptamente no Conservatorio as lições de declamação e arte de representar de Duarte de Sá.

Por essa epocha foi **Oscar May** critico theatral da *Democracia,* cargo que exerceu com muita sciencia, rectidão e honestidade, como raras vezes tem acontecido entre nós. Foi tambem depois critico theatral do *Commercio de Portugal.*

No jornal *O Contemporaneo,* publicou 24 *perfis theatraes,* que são verdadeiros e interessantissimos. No mesmo jornal publicou, entre outras, biographias dos artistas Leopoldo Carvalho, Julio Vieira, Delphina, Amelia Vieira e Maria Adelaide.

Quando a actriz italiana Paladini veiu representar em portuguez para o theatro de D. Maria, foi **Oscar May** quem a habilitou para tal commettimento, de que se sahiu o melhor que podia.

Foi tambem elle durante dois annos o guia theatral da malograda e talentosa actriz Margarida Cruz.

Oscar May recebeu sempre as maiores provas de consideração dos tres grandes mestres Dr. Luiz da Costa Pereira, José Carlos dos Santos e Duarte de Sá. Este ultimo, por sua morte, legou-lhe todos os seus trabalhos sobre a arte de representar.

Pertenceu **Oscar May** á commissão que dirigiu os trabalhos para a celebração do centenario de Calderon no palco de D. Maria.

Oscar May traduziu para o theatro do Gymnasio *Les Absents,* de Daudet; para os Recreios a *Miss Toutinegra,* com musica de Rio de Carvalho e para o theatro particular das Trinas *As subtilezas d'abbade,* de Theuriet.

É verdadeiramente um devotado e um bom amigo do theatro, que todos estimam e consideram.

1852 — Reapparece no theatro do Gymnasio, de que era societario, depois d'uma grave doença, sendo festejadissimo, o distincto actor **Moniz.**

Constou o espectaculo da comedia em 3 actos de Cezar de Lacerda *A Ultima carta,* continuação dos *Dois Mundos,* e das comedias em 1 acto, *O Misanthropo* e *Para obsequiar o meu amigo.*

1871 — Estreia se no theatro das Variedades, no papel de *Ibrahim* da peça phantastica *A Flor Magica,* o actor **José Bento.**

Entrára no começo do mesmo anno para comparsa da Trindade e lá lhe tinham dado depois uns papelinhos no *Rouxinol das salas, Contos de Boccacio, Fructo prohibido* e *Pepe Hillo.*

Como não tivesse esperança de passar tão cedo dos papelinhos, contractou-se nas Variedades, empreza Cezar de Lima, e ahi se estreiou logo por um *principe* de magica, entrando depois n'uma outra magica minha *O Diadema de fogo,* e em poucas mais peças, por ter findado a empreza.

Passou então para a Rua dos Condes e depois para o Principe Real, voltando novamente para a Rua dos Condes, quando d'elle foram emprezarios Santos e José Joaquim Pinto.

José Bento, que tinha magnificos dotes

para a scena, era um excellente *galan*, que chegou a fazer brilhante figura n'um variadissimo repertorio de dramas, comedias, magicas e operetas, e que mui longe poderia chegar, se a morte o não arrebatasse, a 27 de junho de 1880, não tendo ainda 30 annos de edade.

5

1829—Nasce no Maranhão **Sabbas da Costa.**

Foi empregado da repartição de fazenda do Pará e primeiro conferente da alfandega do Maranhão, onde morreu em outubro de 1874.

Francisco Gaudencio Sabbas da Costa dedicou-se muito á litteratura amena, escrevendo para o theatro os seguintes dramas: *Francisco II ou a liberdade da Italia*, *Garibaldi ou o seu primeiro amor*, *Pedro V ou o moço velho*, *O Barão de Oyapok*, *Bechman*, *A buena-dicha* e as comedias *O escriptor publico* e *Os bachareis*.

1873—Estreia-se no theatro do Gymnasio, na comedia *A Filha do Carvoeiro*, a actriz **Maria Peres.**

Já fizera um papelinho de creança no theatro de D. Maria. No Gymnasio creança era e além da *Filha do Carvoeiro*, entrou tambem no *Lenço branco* e talvez n'outras peças.

Em 1878 appareceu na Rua dos Condes, já mulher, fazendo a protogonista da peça phantastica *O Espelho da Verdade*. Mostrou muito merecimento n'esta peça e n'outras de maior responsabilidade.

Em 1879 contractei-a eu para o Principe Real, mas apenas a conservei uma epocha, porque era difficil aproveitar o seu muito merecimento pela vida desregrada que levava, importando-se muito pouco com o theatro.

Em 1880 voltou para a Rua dos Condes e, a 6 d'agosto de 1881, morria tisica.

Foi pena, porque o theatro perdeu n'ella uma ingenua dramatica de grande futuro. Quando falleceu ainda estava longe dos 20 annos! Pobre creança, tão mal encaminhada!

1885—Morre em Lisboa **Maria Rita Chiappe Cadet.**

Era natural do Alemtejo e escriptora de merecimento. Exerceu o professorado e, nos ultimos annos da vida, foi gerente de uma livraria que na rua do Thesouro Velho possuiu a casa Lallemant.

Maria Cadet figura n'este livro por ter publicado com o titulo *Theatro das creanças* diversas peças que compôz, imitou ou traduziu. Foram as seguintes: comedias *A recreação mallograda*, *O ultimo dia de férias*, *A voz da consciencia*, *O lunch na quinta*, *Os caprichos de Luizinho*, *A cegueira maternal*, *Preguiça e mentira*, *As fadas improvisadas*, *A mascarada infantil*, *O segredo de Gabriella*, *A boneca* e *Uma idéa de Clotilde;* os dialogos *Dia de annos da mamã* e *A vingança de Mathilde*, e os monologos *Á espera da priminha*, *Quem compra gallinhas*, *O segredo de Helena*, *Nem todas as verdades se dizem*, *Um dia de annos* e *O primeiro baile*.

1886—Morre em Lisboa o escriptor **Leite Bastos**, um excentrico cheio de talento, do qual já tratei na data do seu nascimento, em 17 de setembro.

6

1829—Nasce em Lisboa o actor-auctor **Cezar de Lacerda.**

Começou a sua vida por guarda-marinha, mas depois abandonou-a para tomar parte nas luctas da Maria da Fonte. Como não tivesse recompensa alguma dos seus serviços militares e nada herdasse de seu pae, que tudo perdera nas luctas politicas, resolveu fazer-se actor, estreiando-se no theatro de D. Maria, a 29 de abril de 1851, na peça *O Cavalheiro Duvernay*, traduzida por José Carlos dos Santos. Agradou, mas eram de tanto merito os artistas que n'aquelle tempo faziam parte da companhia, que difficilmente

lhe dariam papeis. Tratou elle de os arranjar, escrevendo as peças em que havia de sobresair; foi assim que fez a comedia em 2 actos *A assignatura d'el-rei* e a comedia em 4 actos *Duplice existencia.*

O repertorio de D. Maria era quasi exclusivamente composto de dramas pezados e **Lacerda** sentia-se atrahido para a evolução do moderno theatro francez. Isto animou-o a contractar-se no Gymnasio, onde teve a sua bella epocha de grande nomeada como actor e principalmente como auctor felicissimo. São d'esse tempo as suas peças *Cynismo, scepticismo e crença, Dois mundos, Ultima carta,* etc.

Organisou-se em 1856 uma sociedade emprezaria para o theatro D. Fernando. Foram feitas propostas vantajosas a **Cezar de Lacerda.** Elle acceitou-as e para lá foi, dando-se ahi as suas peças *O Martyr,* drama historico, *Palavra de rei,* opera comica com musica de Bramão e a comedia *Scenas de familia.*

No fim da epocha, **Lacerda** resolveu voltar para o Gymnasio a continuar os seus triumphos com *Os filhos dos trabalhos, Probidade, Mysterios sociaes, Aristocracia e dinheiro, Defensor da Egreja* e *Trabalho e honra.*

Em 1861 foi **Cezar de Lacerda** convidado a entrar para o theatro normal, então administrado por conta do governo; não podia nem devia recusar a garantia do seu futuro, que hoje disfructa como actor reformado, e para lá foi. No theatro de D. Maria continuou a sua feliz nomeada de actor correcto e auctor laureado com as suas peças *Joias de familia* e *Homens do mar.*

Em junho de 1863 resolveu definitivamente a sua partida para o Brazil, por tantas vezes annunciada. Foi lá recebido com verdadeiro enthusiasmo.

Uniu-se ahi á actriz Carolina Falco, com quem casou no Pará e de quem ha já alguns annos está separado judicialmente.

No seu regresso a Lisboa contractou-se com a empreza Santos, no theatro do Principe Real, dando ahi tambem dois origigaes seus, *O Monarcha das coxilhas* e a *Harpa de Deus.*

Terminado esse contracto, em 1870, associou-se com Manuel Machado e o Cruz do guarda-roupa para tomar d'empreza o Gymnasio, onde deu a sua peça *Os homens que riem.*

Foi depois passar alguns mezes ao Porto e voltou contractado para D. Maria, para onde escreveu ainda *Os Viscondes d'Algirão, Homens e feras, O botão d'ancora* e *O Asmodeu,* peça que foi premiada.

Mais tarde **Cezar de Lacerda** voltou ao Brazil, onde esteve gravemente enfermo e d'onde voltou impossibilitado de trabalhar.

Cezar de Lacerda é pae do escriptor dramatico Augusto Lacerda e do actor Carlos Lacerda.

O illustre actor-auctor teve a sua epocha como poucos; conheceu muito o publico do seu tempo e fez serviços importantes ao theatro como escriptor e como ensaiador.

1860 — Nasce **Collares Pereira.**

Desde creança foi o theatro a sua paixão, e ainda hoje, grande industrial, á testa de uma das primeiras fabricas de Lisboa, sempre que tem alguns momentos vagos, lê e estuda de preferencia tudo que se relaciona com a arte dramatica, para o que tem talvez a bibliotheca mais completa no genero, que existe entre nós.

Em 1885 fundou com Joaquim Miranda a *Revista Theatral.* Já fallei d'esta importantissima folha na data de 15 de janeiro.

Durante a interrupção d'aquelle jornal, **Collares Pereira** publicou bem notaveis folhetins de critica theatral no *Portugal,* no *Economista* e no *Tempo.* Estes folhetins eram esperados com anciedade e muito apreciados pela gente de theatro e pelos que se interessam por tal assumpto.

Em 1887 foi **Collares Pereira** á Italia e obteve auctorisação para visitar e frequentar os diversos conservatorios. Travou alli relações com o notavel critico da *Perzeveranza,* Filippo-Filippi, hoje fallecido, com Paolo Ferrari, que o auctorisou a traduzir as suas obras, offerecendo-lh'as com uma dedicatoria honrosissima, com Luigi Illica, o celebre auctor dramatico, actualmente tão admirado em Italia e com outros.

Depois de tres annos de lucta, com uma

admiravel e desinteressada dedicação pelo theatro, **Collares Pereira**, cançado de perder o tempo com quem lh'o não agradecia, affastou-se do jornalismo para se entregar exclusivamente á vida industrial. Foi pena, porque ainda poderia prestar ao theatro bons serviços. Mas .. se não lh'os sabiam agradecer!...

1863 — Emilia das Neves representa pela primeira vez, no theatro Baquet, do Porto, o drama **A Mulher que deita cartas**, que foi uma das suas maiores corôas de gloria.

Esta peça, de Victor Séjour, foi representada pela primeira vez em Paris, no theatro da Porte-Saint-Martin, em 22 de dezembro de 1850. Os tres grandes papeis de damas, que depois fizeram em Lisboa primorosamente Emilia das Neves, Josepha Soller e Manuela Rey, foram creados em Paris por Marie Laurent, Lia-Félix e Suzanne Lagier.

7

1846 — Nasce no Brazil **José Ricardo Pires de Almeida.**

Formado em medicina e direito, publicou muitos artigos em jornaes e diversas obras scientificas.

Para o theatro escreveu a *Historia do drama* e as seguintes peças: dramas *Tira-Dentes*, *A Educação*, *A festa dos craneos*, *Liberdade*, *Sete de setembro*, *Martyres da Liberdade*, *O mulato*, *O trafico*, *Tempestades do coração*, *Phyméa* e *Paschoa*, e as comedias *Retratos a bicos de penna*, *Centenario do sr. Semprevira* e *Um baptisado na cidade nova.*

1860 — Estreia-se na Comédie Française, no *Dépit amoureux*, o notavel actor **Coquelin** (ainé), de quem já tratei na data do seu nascimento, á 25 de janeiro.

1860 — Nasce o actor **Alfredo Miranda.**

Estreiou-se como amador no drama *Um naufragio nas costas da Bretanha* e depois como actor, no Porto, na magica de Sousa Rocha *O Sacarrolhas do Diabo.*

Está actualmente escripturado no theatro do Principe Real, de Lisboa, onde tem mostrado merecimento.

1865 — Nasce em Roma o maestro **Attilio Capitani.**

Tendo ido ao Brazil, começou alli a sua carreira como director musical da empreza Heller, em S. Paulo, em 1889.

Foi depois ensaiador de musica e director d'orchestra da empreza Mattos, na Phenix Dramatica, do Rio, sendo elle que pôz em scena a opera comica *Surcouf.*

Tem continuado no Rio de Janeiro, como director musical de diversas emprezas e em diversos theatros, mostrando sempre grandes aptidões.

8

1792 — Começa a construcção do **Theatro de S. Carlos,** emprehendida por uma sociedade de negociantes e capitalistas portuguezes. Tão gigantesca obra completou-se apenas no espaço de seis mezes!

O theatro foi inaugurado a 30 de junho de 1793. Veja-se esta data.

1832 — Nasce na Noruega o distincto dramaturgo **Björnstjerne-Björnson.**

Ao contrario do seu grande rival Ibsen, que quasi renegou a sua patria, **Björnson** escreveu: «Não sahirei da Noruega; é aqui que «quero luctar; quero cantar e morrer na Noruega, fiquem d'isso «convencidos».

O audaz escriptor pertence á cathegoria dos missionarios populares. Não são padres e com elles estão quasi sempre em divergencia, mas percorrem o paiz prégando o Evangelho. São homens do povo, com a sua clientella segura, ligados profundamente ao solo natal e á democracia.

Björnson entrou aos 17 annos para a Universidade de Christiania, onde se entregou de preferencia ao estudo da litteratura dinamarqueza. Em 1852 começou a compor poesias populares, que logo se tornaram celebres.

A sua reputação europêa foi adquirida como dramaturgo. Como Ibsen, tambem dirigiu um theatro e por vezes administrou os mesmos que o seu rival, o de Bergen e o de Christiania.

As suas principaes peças, quasi todas de enorme successo, são: *Maria Stuart, Noivos, Uma fallencia, O redactor, O Rei, Magnhild, Capitão Mansana, Novo systema, Leonarda, Uma luva, Além das forças* e *Geographia e Amor.*

Já em Paris se representaram tres peças de **Björnson**, *A fallencia, Uma luva* e *Além das forças.* Não tiveram exito porque foram realmente mal escolhidas, mal traduzidas e mal apresentadas.

1863 — Nasce em Paris o festejado escriptor dramatico **Jorge Feydeau.**

É official da Academia e cavalleiro da Legião de Honra.

Fez a sua estreia como auctor dramatico em 1883, no theatro do Atheneu, com duas comedias n'um acto, *Amor e piano* e *Diapasão.*

Tem tido uma carreira felicissima, sendo as suas peças mais festejadas: *Alfayate das senhoras, Lyceenne, Champignol á força, Perú* e *Hotel do livre cambio.*

1880 — Inaugura-se o **Theatro D. Maria Pia**, de Leiria.

Foi edificado no campo de D. Luiz. A architectura externa é simples, mas dentro o theatro é luxuoso e elegante. Tem um bom salão d'entrada, communicando com o bilheteiro, o botequim e as escadas que conduzem á parte superior do edificio. Tem 21 camarotes de 1.ª ordem e outros tantos de 2.ª, 132 cadeiras, 100 logares de geral e 16 frizas.

Os corredores dos camarotes são espaçosos, tendo *toilettes* e botequim especial.

A sala é elegante, em fórma de ferradura e bem illuminada.

O palco é espaçoso e tem bons camarins.

Foi este theatro edificado por uma sociedade, de que foi iniciador Miguel Joaqnim Leitão.

O espectaculo da inauguração foi desempenhado por amadores. Abriu com o hymno de D. Luiz, executado pela orchestra, e um hymno de saudação á Rainha D. Maria Pia, escripto por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, poeta leiriense, cantado pela sociedade dramatica. Seguiu-se o drama de Antonio Mendes Leal, *Abel e Caim.*

1706 — Nasce em Lisboa **Manuel José de Paiva.**

Formou-se em direito pela Universidade de Coimbra. Foi juiz de fóra em Odemira e Avis, vindo depois exercer a advocacia para Lisboa.

Ignora-se a epocha do seu fallecimento, mas sabe-se que ainda vivia em 1759.

Em estylo joco-serio publicou diversas obras, com boas doutrinas moraes, politicas e economicas, censurando os abusos do tempo.

Com o pseudonymo de que usava, *(Silvestre Silverio da Silveira e Silva)* escreveu em verso as seguintes peças: *Talhada está a ração para quem a ha de comer, A Fortuna não é como se pinta, Guardado é o que Deus guarda, Não ha bem que sempre dure nem mal que se não acabe, Só o amor faz impossiveis* e *Quem boa cama fizér n'ella se deitará.*

1892 — Morre no Rio de Janeiro o popularissimo actor **Vasques**, do qual já fallei na data do seu nascimento, em 29 de abril.

10

1827 — Nasce em Lisboa a actriz-escriptora **Maria da Conceição Singer Velluti.**

Ainda a fui encontrar no Rio de Janeiro, em 1881, envelhecida ao ponto de aparentar muito mais edade do que realmente tinha. Fallavam-me dos seus triumphos theatraes como actriz, citando-se o ultimo, que fôra ruidoso, a *Frochard* das *Duas Orphãs.*

Em Lisboa começou por dansarina e depois fez-se actriz, tendo estado no Gymna-

sio. A sua formosura estonteou a cabeça a muitos. Foi amante de um actor distincto e de varios escriptores, entre elles Garrett.

Não me foi possivel precisar a epocha em que partiu para o Brazil. Lá, além de continuar a sua carreira artistica, traduziu do francez e do italiano um numero incalculavel de peças, entre as quaes, as seguintes: *Vinda de uma actriz*, *Viuva das camelias*, *Inimigo das mulheres*, *Cigana de Paris*, *Carlota Corday*, *Ramo de Carvalho*, *Paulo e Virginia*, *Infernos de Paris*, *Adriana Lecouvreur*, *Maria Padilha*, *Primeiras proezas de Richelieu*, *Tres boticarios*, *Batalha de damas*, *Questão de dinheiro*, *Joanna d'Arc*, etc.

É forçoso confessar que, pelo menos, as sabia escolher. Nunca vi nenhuma das suas traducções, mas no Rio eram apontadas como boas.

1854 — Morre o illustre reformador do theatro portuguez, **VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT**, de quem fallei na data do seu nascimento, em 4 de fevereiro.

1891 — Estreia-se no theatro de S. Carlos, na opera *Fausto*, a cantora portugueza **Mary Arneiro**, que não desagradou.

11

1801 — Nasce em Lisboa **JOAQUIM PE-**

DRO QUINTELLA, 2.º BARÃO DE QUINTELLA e 1.º CONDE DE FARROBO.

Era filho do 1.º Barão de Quintella, proprietario dos terrenos em que foi edificado o theatro de S. Carlos.

O **Conde de Farrobo** foi o fidalgo mais opulento e cavalheiresco que Portugal tem possuido.

Pena foi que o desleixo que o dominava o fizesse perder a enorme fortuna, sacrificada n'essa interminavel demanda com o Pimenta do Contracto do tabaco.

O **Conde de Farrobo** foi um verdadeiro protector das bellas artes e um dedicado amigo dos artistas. Ainda até á morte os seus mais estimados convivas foram os notaveis actores Taborda e Izidoro.

Foi emprezario do theatro da Rua dos Condes, dando-lhe todo o brilho e esplendor compativel com a epocha. Foi o mais bizarro e enthusiasta emprezario que o theatro de S. Carlos jámais tem tido. Mandou construir na sua maravilhosa quinta das Laranjeiras o mais bello e confortavel theatro de Portugal, em que dava os mais extraordinarios e luxuosos espectaculos com distinctos amadores da alta sociedade e com os mais afamados artistas da epocha, que mandava vir do estrangeiro. Foi elle quem mandou vir para Portugal os maestros Coppola e Frondoni. Foi elle quem contractou as celebridades lyricas: Irmãs Ferlotti, tenor Conti, a Rosina Picco, a Barili, o tenor Patti, os baixos Mariani e Speck, a Boccabadati, o tenor Sinico, o barytono Varesi e o baixo Fornasari. Foi elle quem apresentou pela primeira vez com o maior luzimento e esplendor as operas *Roberto o Diabo*, *Muda de Portici* e o *D. João* de Mozart. Foi tambem elle quem apresentou os mais espectaculosos e lindos bailados: *Pelayo*, *Daphnis*, *Conquista de Malaca*, *Phedra*, *Odaliscas*, *Adoração do Sol*, *Sylphide*, *Ilha dos portentos*, *Echo e Narciso*, *Portuguezes em Tanger*, *Orpheu* e tantos outros. Foi elle quem escripturou as mais distinctas e formosas bailarinas.

Na sua quinta do Farrobo mandou fazer egualmente outro theatro; mas o das Laranjeiras foi o seu preferido, pois ahi se deram festas que rivalisavam com as mais opulentas dos principes da Europa.

O **Conde de Farrobo** tinha enorme paixão

pela musica. Tocava perfeitamente violoncello e contrabaixo, e era eximio na trompa.

Tinha sempre em casa uma banda de musica, formada pelos seus criados, aos quaes mandava ensinar qualquer instrumento, para o que tinha um mestre contractado.

Muito antes de haver gaz em Lisboa, já o havia para illuminar a quinta e theatro das Laranjeiras.

Sem que o seu nome fosse annunciado, representaram-se nos diversos theatros algumas traducções suas.

O **Conde de Farrobo** foi casado em primeiras nupcias com D. Marianna Carlota Lodi, filha do primeiro emprezario do theatro de S. Carlos, e em segundas com D. Magdalena Pinault. Deixou filhos de ambos os matrimonios.

Falleceu em Lisboa a 24 de setembro de 1869.

1803 — Nasce na Côte-Saint-André o notavel compositor e critico musical francez **Berlioz**.

Musico innovador, **Luiz Heitor Berlioz** expoz e defendeu as suas idéas sobre a esthetica musical, com a maior paixão, não só na sua obra technica, *Tratado d'instrumentação e d'orchestração modernas*, publicado em 1844, mas em innumeros escriptos litterarios.

Em 1845 publicou a sua *Viagem musical na Allemanha e na Italia*, em dois volumes; as *Soirées d'orchestra*, em 1853, e *Os grotescos da musica*, em 1859.

Escreveu muitissimos artigos na *Revista dos Dois Mundos* e collaborou com effectividade no *Jornal dos Debates*.

Fez elle mesmo as palavras para muitas das suas notaveis composições musicaes.

Berlioz morreu a 9 de março de 1869.

1838 — Nasce em Lisboa **Alfredo Soller.**

É filho da grande actriz Josepha Soller e irmão do actor Julio Soller.

Tem occupado quasi todos os cargos de theatro; foi corista em D. Maria e Gymnasio, depois ponto na Rua dos Condes e ahi mesmo actor, estreiando-se na *Restauração de Portugal*. Voltou a ser ponto nas Variedades e Gymnasio. Em seguida actor para os Açores. Regressando a Lisboa, entrou como ponto para o Principe Real, Rua dos Condes e Variedades. Em seguida foi para as provincias com a companhia Volckart, como actor e ensaiador. Depois contractou-se nas mesmas qualidades na companhia Soares e por lá andou 16 annos, tendo apenas o intervallo de um anno, em que esteve como ponto n'um theatro do Porto.

Voltando para Lisboa entregou-se ao mistér de copista de theatro e ensaiador de sociedades dramaticas e grupos de artistas. Já uma vez foi chamado a Coimbra para ensaiar a recita dos quintanistas, obtendo muitos applausos e louvores.

Foi n'um verão contraregra no theatro D. Amelia.

Tem sido infeliz e por vezes desaproveitado, o que o tem enchido de difficuldades, apesar de ter aptidões e ser intelligente, o que tem provado nas recitas que ensaia e em diversas peças que tem traduzido.

1860 — Nasce o actor **Joaquim Silva.**

Era estofador de carruagens e aproveitava as horas vagas para representar n'uma sociedade de curiosos que existia na calçada do Cabra; passou depois para outra sociedade, onde ensaiava Carreira, o actor-maneta, e em que **Joaquim Silva** já era notado como um bom curioso. Em seguida entrou para o grupo Eduardo Brazão, onde mais affirmou o seu merito.

A primeira vez que representou em publico foi na *Niniche lisbonense*, parodia de Jacobetty, que se representou n'um theatrinho da rua do Olival. Era uma sociedade de artistas modestos, que poz depois em scena uma revista, tambem de Jacobetty, *O reinado do Prior*.

D'alli passou **Joaquim Silva** para o Chalet do Araujo na feira das Amoreiras, onde se estreiou a 9 de maio de 1881. Com o Chalet foi depois para Belem, veiu para o

Salitre, voltou ás Amoreiras, e de feira em feira, acabou por assentar arraiaes na Avenida, no local onde hoje está o theatro da Rua dos Condes. Foi ahi que o actor **Silva** alcançou maior successo nas revistas *Macrobio, D. Quichote, Pontos nos ii,* na magica *Sombra do rei,* na farça *Manuel Mendes,* na parodia *Duque de Vizella,* etc.

O tal Araujo do Chalet tem de confessar que deve a fortuna que hoje disfructa ás peças do Jacobetty e á graça do **Joaquim Silva.**

Este tornou-se já tão notado, que Francisco Palha foi buscal-o para a Trindade para fazer primeiros papeis, ao lado de Leoni, Queiroz, Augusto e outros.

Na Trindade estreiou-se a 17 de setembro de 1887, na opera comica *Toutinegra do Templo.* Alcançou logo ahi a primeira victoria.

D'ahi por diante tinha um triumpho em cada peça em que entrava. Assim foi no *Boccacio, Nitouche, Moleiro d'Alcalá, Carneiros na sobreloja, Penhora, Homem da bomba, Coração e mão, Preço da bolacha, Cossaca, Almas do outro mundo, Cigarra, Trinta botões, Surcouf, Orthographia, Gato Preto, Perichole, Noiva dos Girasoes, Moira de Silves, Pato de tres bicos, Sorte grande, Collegio de meninas, Piparote, Herança do 103, Menina do Telephone, Tió Celestino, Defeito,* etc.

Em 1892 contractei-o para o Brazil, fazendo alli a sua estreia a 10 de Julho no papel de *Maduro* do *Burro do sr. Alcaide.* Foi um successo enorme, que se affirmou depois no *Lucas* e no *Deputado* do *Tim Tim por Tim Tim,* no toureiro da *Miss Helyett* e na *Grã-Duqueza, Moira de Silves, Huguenottes, Casamento simulado, Nossos rendimentos,* etc.

Posso garantir que ainda actor nenhum portuguez fez maior sensação no publico do Rio de Janeiro do que **Joaquim Silva,** que n'essa occasião foi ainda muito victoriado em S. Paulo.

Quando em 1890 regressou do Brazil, já eu dirigia o theatro da Trindade e elle para alli voltou, continuando a ter enormes sympathias e agradando immensamente nos *Tres dias na berlinda, 28 dias de Clarinha, Niniche, Sal e Pimenta, Fada do Amor,* etc.

Em 1895 voltou ao Brazil. Foi recebido como um artista querido; mas já sem o enthusiasmo da primeira epocha, porque na companhia iam como novidade outros artistas que muito agradaram e com quem o publico repartia os applausos. Isto desgostou-o um pouco e por isso trabalhava com menos gosto e enthusiasmo. Do Rio de Janeiro e S. Paulo partiu para o Pará, d'alli seguiu ao Maranhão, onde adoeceu, e, na viagem para Pernambuco, tendo-se o vapor demorado no Ceará, elle ahi falleceu a bordo.

Foi realmente pena perder-se um artista de tanto merito e ainda no vigor da vida, pois que, fallecendo a 4 de julho de 1896, contava apenas 36 annos incompletos.

Joaquim Silva tinha graça e naturalidade e era muito intelligente. Sendo quasi aphonico, tinha a habilidade de se fazer ouvir e entender de todos.

Cá fóra do theatro era um perfeito bohemio, um doidivanas, mas uma bella alma e muito amigo da mulher e dos filhos, que deploram a sua perda.

12

1850 — Nasce em Faro **Palermo de Faria.**

Veiu para Lisboa, em 1858, frequentar o lyceu e depois a Escóla Polytechnica.

Quando ainda era estudante, escreveu para o theatro das Variedades a comedia em 1 acto *Uma casa com tres portas;* traduziu para o mesmo theatro o drama *Os Cossacos* e fez o arranjo da peça hespanhola *El siglo qui viene,* que foi representada com o titulo *O Anno 3000.*

Palermo de Faria foi redactor effectivo do primeiro jornal, que appareceu com o titulo de *Novidades.* Collaborou em seguida n'outro jornal com o mesmo titulo, e passou para redactor effectivo do *Commercio de Portugal,* onde esteve 13 annos consecutivos.

Foi durante 9 annos secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa, e é contador do Tribunal de Contas. Fez parte da

commissão executiva do Centenario da India, onde prestou optimos e relevantes serviços.

Tem sido collaborador do *Amphion* e de diversos outros jornaes.

É cavalleiro de Christo, official da Instrucção Publica, de França, e possue a medalha militar de comportamento exemplar, tendo servido em artilheria n.º 1.

Em 1889 foi delegado do governo portuguez no Congresso Colonial e Geographico, em Paris.

É um bom caracter, trabalhador e intelligente. Pena é não continuar produzindo trabalhos theatraes.

1877—Primeira representação, no theatro da Trindade, em beneficio do actor Ribeiro, da opereta em 3 actos e 4 quadros, de Clairville e Gabet, traducção de Eduardo Garrido, musica de Roberto Planquette, **Os Sinos de Corneville.**

Na peça desempenhavam os principaes papeis os artistas: Florinda, Herminia, Ribeiro, Queiroz, Augusto e Verdial.

Obteve um enorme successo, fazendo uma bella carreira e tendo tido varias *reprises* felicissimas.

1880 — Morre em Lisboa **Ernesto Biester.**

Foi um homem de sociedade, que se deu com a primeira roda e ao mesmo tempo passava quasi a vida inteira no theatro.

Figurou no jornalismo, onde publicou alguns artigos criticos de pouco valor e algumas chronicas inferiores. Trabalhei ao seu lado na *Gazeta do Dia* e tive occasião de observar as difficuldades com que elle luctava para escrever qualquer artigo.

Rasgava vinte quartos de papel, fazia trinta emendas e muitas vezes acabava por nada escrever que se aproveitasse.

Quem o via trabalhar, pasmava de como elle tinha produzido tanto para o theatro.

A principio attribuiam as peças que apresentava a seu cunhado José Mendes Leal, mas tambem a má lingua indigena tinha attribuido as d'este a um tio padre.

O que é verdade é que **Ernesto Biester** teve a sua epocha no theatro, produzindo muito e sendo um *faiseur* de primeira ordem. A sua melhor qualidade era aproveitar os artistas das companhias, fazendo-lhes papeis em que elles obtivessem successo, e assim salvassem as peças.

O que não póde negar-se é que **Ernesto Biester**, soffrendo aliás muita guerra na imprensa e nos cavacos de botequins e bastidores, possuia o segredo de agradar ás platéas.

Não é facil obter a lista completa das suas obras, visto que muitas se perderam, desapparecendo dos archivos dos theatros, que estão quasi todos desmantelados. Com o da Trindade tenho eu o maximo cuidado, como creio que tiveram Francisco Palha e Mattoso da Camara, mas, apesar d'isso, quantas peças lá faltam, e, ainda assim, creio que é o da Trindade o mais completo.

As principaes peças originaes de **Ernesto Biester** são: *Rafael*, drama em 3 actos, *Um quadro da vida*, drama em 5 actos, *Duas epochas da vida*, comedia em 2 actos, *Primavera eterna*, comedia em 3 actos, *Redempção*, comedia-drama em 3 actos, *Nobreza d'alma*, drama em 2 actos, *Caridade na sombra*, drama em 3 actos, *Homens serios*, comedia drama em 4 actos, *Um homem de consciencia*, drama em 2 actos, *Um drama no mar*, drama em 4 actos, *Abnegação*, drama em 4 actos, *Fortuna e trabalho*, comedia-drama em 5 actos, *Os homens ricos*, comedia-drama em 5 actos, *Os operarios*, drama em 5 actos, *Os diffamadores*, drama em 5 actos, *O limpa chaminés*, drama em 5 actos, *O jogo*, drama em 5 actos, *A mãe dos pobres*, drama em 5 actos, *Um fidalgo do seculo XIX*, drama em 5 actos, *Pobreza dourada*, drama em 4 actos; com Rebello da Silva *A mocidade de D. João V*, drama em 5 actos; com Julio Diniz *As Pupillas do sr. Reitor*, drama em 5 actos; com Camillo Castello Branco *A Penitencia*, drama em 5 actos e *A Vingança*, drama em 5 actos.

Traduziu, entre outras, as seguintes peças: *A idiota*, *As mães arrependidas*, *Os mo-*

ços velhos, A mulher que deita cartas, Córa ou a escravatura, O maestro Favilla, As obras de Horacio, Peccadora e mãe, O anjo da meia noite, A familia Benoiton e outras.

Ernesto Biester foi emprezario do theatro de D. Maria, associado com o actor Eduardo Brazão e com D. João de Menezes, o socio capitalista. Foi para dar o theatro a esta empreza, então bem protegida por altos poderes, que o governo fez sair do theatro de D. Maria o grande Santos.

13

1802 — Nasce em Lisboa **João Francisco da Silva Utra.**

Foi muito novo para o Brazil e alli se applicou á medicina, que exerceu na cidade de Campos, onde morreu a 25 de outubro de 1873.

Cultivou a poesia, e para o theatro escreveu: *O vaticinio cumprido*, elogio dramatico, representado no theatro de S. Salvador, de Campos, para festejar a visita de D. Pedro II; *A gloria do Brazil*, elogio dramatico representado no mesmo theatro, no anniversario do Imperador; *Monologo* tambem recitado no mesmo theatro para solemnisar o anniversario da rainha D. Maria II; *O voto de Thémis*, elogio dramatico representado no theatro de S. Salvador, no anniversario da independencia do imperio; *Poesia* ao beneficio da actriz Deolinda Pinto da Silveira; e *Monologo* de gratidão recitado pela actriz Joaquina Rosa.

1866 — Brilhantissima recita de gala no **Theatro de S. Carlos** para festejar a visita a Lisboa da rainha de Hespanha, D. Izabel II.

A esta recita assistiram as familias reaes de Hespanha e Portugal e as suas côrtes.

Foi uma noite esplendida. O theatro estava decorado e illuminado com o maior brilho. Todas as senhoras estavam em grande *toilette*.

Foi deslumbrante a vista da sala quando as magestades chegaram á tribuna e todos os espectadores se puzeram de pé ao som do hymno hespanhol tocado pela orchestra.

Como houvesse para tal recita uma affluencia enorme de espectadores, a empreza obrigou os que a ella quizeram assistir, a comprar bilhetes para dez espectaculos!

E tudo se vendeu.

Eram emprezarios: Campos Valdez, Guilherme Cossoul e Guilherme Lima.

A companhia era n'essa epocha formada pelos notaveis artistas: Rey-Balla, Volpini, Martelli, Paganini, Mongini, Piccioli, Butti, Squarcia, Junca, Ordinas, Coppola e Cossoul.

1877 — Morre no Rio de Janeiro o notavel escriptor **José de Alencar,** do qual já fallei na data do seu nascimento, a 1 de maio.

14

1868 — Estreia-se na Comédie Française, na peça de Molière, *Les Femmes savantes*, a notavel actriz **Reichemberg**, da qual já tratei na data do seu nascimento, em 7 de setembro.

15

1857 — Nasce em Lisboa a actriz **Virginia Farrusca.**

É filha de um muito habilidoso funileiro de nome Santos, que trabalhou bastante em adereços para os theatros. O apellido **Farrusca** recebeu-o do actor d'esse nome de quem é viuva.

Estreiou-se em 1875 no Gymnasio, na comedia em 1 acto *Não tem titulo.* Alli se conservou até passar com a mesma empreza para a Rua dos Condes. Em ambos os theatros representou pequenos papeis em muitas peças.

Fez uma epocha, 1885-1886, no theatro do Principe Real.

Em 1890 contractei-a eu para entrar na *reprise* da revista *Tim tim por tim tim,* no theatro da Avenida.

D'ahi entrou novamente para o Gymnasio, onde se conserva, e já agora sem esperanças de progredir. Quem não adeantou aos vinte annos, difficilmente poderá fazel-o aos quarenta.

1861 — Nasce em Lisboa a actriz **Lucinda do Carmo.**

Depois de cursar as aulas de musica do Conservatorio, resolveu-se a seguir a carreira dramatica e, seja dita a verdade, desde principio mostrou que não errára a vocação.

Foi bem auspiciosa a sua estreia, a 22 de setembro de 1882, no theatro do Gymnasio, na comedia de Chivot e Duru, *La villa Blancmignon,* traduzida com o titulo *A Estação calmosa.*

Durante os annos que esteve no Gymnasio fez immensos progressos n'um enorme repertorio de comedias boas e más.

Sahindo d'este theatro, contractou-se no theatro dos Recreios, e ahi, fazendo talvez trabalho inferior, alcançou mais nomeada pelo successo que obteve o vaudeville *Mam'zelle Nitouche,* em que o publico muito gostou de a vêr. De lá passou para a Trindade, onde a *Nitouche* foi ainda o seu cavallo de batalha até que fez muito bem a *Cigarra.*

Sahindo da Trindade, entrou para a Rua dos Condes, onde nada se salientou, por não ter tido occasião de o fazer. Entrou depois para D. Maria, onde parece tinha achado finalmente o seu logar. Era na comedia uma bella actriz, utilissima á empreza e mais util ainda ao seu futuro.

Em 1893 foi com a sua companhia ao Brazil e por lá as tricas de bastidores e as rivalidades artisticas atiraram com **Lucinda do Carmo** para fóra do theatro de D. Maria.

Eil-a novamente na Rua dos Condes, n'uma empreza que tinha de procurar dramas violentos para dar que fazer a Amelia Vieira e peças com musica ou com primeiros papeis caracteristicos para Anna Pereira. N'um ou n'outro caso **Lucinda do Carmo** ficava na sombra com papeis inferiores ao seu merecimento ou muito fóra da sua indole artistica.

Terminada essa epocha foi com a companhia aos Açores. Á volta entrou n'uma sociedade artistica que deu espectaculos nos theatros da Trindade e D. Amelia e os seus trabalhos de resistencia foram ainda a *Cigarra* e uma imitação de Lucinda Simões na revista *Retalhos de Lisboa.*

Aproveitando um contracto vantajoso que lhe offereceu José Ricardo, fez duas epochas no theatro D. Affonso do Porto, onde muito agradou, como merecia.

Actualmente está contractada em Lisboa, no theatro Avenida, na nova empreza dirigida pelo distincto escriptor Gonsalves de Freitas.

Lucinda do Carmo não é isenta de defeitos; pouco a auxiliam a sua pequena figura e fórmas irregulares. Adquiriu o habito de fazer pieguices em scena quando se quer fazer ingenua, isto desde que fez a *Nitouche.* Mas, em compensação, é intelligentissima, instruida, estuda, sabe estudar e é incansavel no trabalho.

Nunca são os emprezarios que d'ella se queixam.

Isto já não é pouco.

1870 — Nasce em Lisboa a actriz **Carolina Santos.**

Conheci-a muito pequenina em casa da familia, que morava n'uma loja em frente do velho theatro da Rua dos Condes. Vi-a depois na praça da Figueira, ao lado da mãe, que vendia legumes. De repente espigou e apparece-nos feita actriz no Chalet do Araujo, na Rua dos Condes, entrando no *Microbio, Sombra do rei,* etc.

Pouco depois vi-a no theatro Alegria do Jacobetty, entrando na revista *Anno das pontas* e n'outras peças, mas já fazendo primeiros papeis. Andou em seguida pelas provincias, até que veiu para o theatro do Rato substituir Mercedes Blasco na revista *O Az de copas* e entrando depois n'outras peças.

Por essa occasião casou com o actor Santos Junior e desde então com seu marido tem percorrido as provincias e ilhas e tem representado em Lisboa nos theatros do Principe Real e da Avenida.

Carolina Santos não é para grandes commettimentos, mas em papeis, que não demandem elegancia e maneiras de sala, é util. Ha muito peior do que ella por esses theatros.

16

1857 — Nasce na Bahia **Affonso José dos Santos.**

É filho de um pharmaceutico chamado Santos da mesma capital e alli se formou em medicina.

Entre diversas obras que tem escripto, contam-se o drama em 4 actos, *Olivia* e a comedia em 2 actos, *Bodas do doutor Duarte*, extrahida do romance do mesmo titulo de Machado de Assis.

1869 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria o drama em 5 actos, original de Joaquim da Costa Cascaes, **A Lei dos Morgados.**

Do illustre auctor d'esta peça já fallei na data do seu nascimento, a 29 de outubro.

17

1804 — Nasce no Porto **Henrique Velloso de Oliveira.**

Formou-se em direito pela Universidade de Coimbra e, tendo concluido o seu curso, partiu para o Brazil em 1824.

Occupou ahi altos cargos da magistratura, a que renunciou mais tarde para se entregar exclusivamente ás suas locubrações scientificas e litterarias.

Tudo estudou e escreveu sobre variadissimos assumptos. Assim, ha obras suas sobre a escravatura, finanças, tratamento dos olhos, philosophia, jogos, poesia, magnetismo, natação, mnemonica, homeopathia, arte de guerra, instrucção popular, anatomia, materia medica, maravilhas da natureza, molestias venereas, lingua allemã, lingua franceza, canna d'assucar, morphéa, doutrina christã, creação do mundo, historia sagrada, armas de fogo, sabres, salchicharia, crimes celebres, romances, etc.!

Poucos assumptos houve de que não tratasse e com bastante proficiencia e por isso abordou tambem o theatro, traduzindo os libretos das operas *Traviata*, *Horacios e Curiacios*, *D. Sebastião*, *Trovador* e *Ernani*.

Morreu em Paris, em agosto de 1867.

1834 — Nasce em Lisboa o **Dr. Antonio Manuel da Cunha Belem.**

Sinto que o espaço de que disponho n'este livro me não permitta transcrever na integra tudo quanto o **Dr. Cunha Belem** chama *a sua odyssêa atravez dos palcos* e que me referiu elegante, litteraria, artistica e desenvolvidamente em resposta ao pedido que lhe fiz de apontamentos para a sua menção na *Carteira do Artista*.

N'um dos meus livros, mais proximamente a publicar, com o titulo *Documentos e depoimentos*, satisfarei o meu desejo de apresentar ao publico a interessante historia das relações do **Dr. Cunha Belem** com os theatros, escriptos com a elegancia e *verve* que todos lhe reconhecem. É um depoimento curioso, que lança muita luz sobre a vida intima dos nossos theatros.

Feita esta promessa, por agora limitar-me-hei a dizer que o **Dr. Cunha Belem**, que actualmente é cirurgião em chefe do exercito portuguez, se formou em medicina no anno de 1858.

Tem sido um jornalista distincto. Na especialidade de critico dramatico foi o que ha de mais circumspecto, justiceiro e bem intencionado.

Vejam como elle tem a consciencia da fórma por que praticou:

«Nunca fiz da penna punhal, nem mensageira de pretenções e soube escrever sempre com imparcialidade e com luva branca. Os artistas respeitavam-me, mas não me temiam; gostavam dos meus elogios e não se doíam com as minhas censuras. Quando tinha de dizer mal, mitigava o azedume da censura pela suavidade da phrase, pela recordação ou pela esperança de outras vezes em que houvesse ensejo de louvar, e sempre que censurei disse a razão por que e indiquei como me parecia dever-se corrigir o erro apontado.»

E tudo isto é bem verdadeiro, sempre assim procedeu.

Quando ainda estudante de preparatorios, escreveu a sua primeira comedia, *Os*

tres extravagantes, representada por elle e alguns condiscipulos n'uma festa de familia.

A sua primeira peça representada por actores foi a comedia, tambem em 1 acto, *José o engeitado*, que deu uma unica recita no theatro de D. Maria, apesar de ter sido muito applaudida.

Se a peça, por capricho de diversos artistas e não artistas, se representou no ultimo dia da epocha!

Escreveu depois para o Gymnasio a comedia em 2 actos, *Rapaziadas*, que agradou e foi representada muitas vezes.

Para este mesmo theatro traduziu duas magnificas comedias com os seguintes titulos: *Um marido que se multa* e *Um noivado amargurado*.

Para a Trindade traduziu a zarzuela *Como o diabo as tece*, que muito pouco deu e a opereta em 1 acto, *Equilibrios d'amor*, que foi victima da má vontade para com a actriz Josepha d'Oliveira que se estreiava n'ella.

Escreveu depois ainda para o mesmo theatro as comedias *As nupcias de Elesbão*, *As cataractas* e *Marido, mulher e .. primo.*

Em seguida traduziu para D Maria a lindissima comedia *Verão de S. Martinho*, que muito agradou quando representada na empreza do actor Santos.

Voltou á Trindade com duas comedias originaes, uma n'um acto, em verso, *Amores de primavera* e outra em 2 actos, em prosa, *Casca grossa*. Ambas agradaram, com especialidade a primeira. No mesmo theatro conseguiu fazer representar a opera comica em 3 actos, com musica do maestro Rio de Carvalho, *A Flor de laranjeira*. Poucas recitas deu.

A sua ultima peça representada foi o drama original em 3 actos, *O Pedreiro livre*, que tambem muito poucas recitas deu no Gymnasio.

A historia de todas estas peças e das que não chegaram a ser representadas é interessantissima, e a paciencia do leitor aguardará que se publique o livro em que já fallei, *Documentos e depoimentos* que sahirá immediatamente depois da *Carteira do Artista*.

1850 — Nasce em Lisboa a actriz **Lucinda Simões.**

É cedo para fazer a sua historia, que tem de ser longa e talvez um pouco escabrosa. Os que pretenderem de futuro biographar esta actriz, poderão mais livremente aprecial-a nas multiplas phases da sua vida artistica e aventurosa. A minha missão ficará cumprida com uns leves traços, que a mais não terei direito de avançar.

Lucinda Simões, como todos os seus irmãos, tiveram uma educação esmerada e desenvolvida, proporcionada por seu pae, o actor Simões. Quantas vezes o velho artista, que tanto se orgulhava da fórma por que ia educando e preparando os filhos, terá agora pensado que nem sempre esse excesso de cuidados e desvelos os fórma á vontade dos paes!

Este livro não é feito para lisonjear ninguem; aqui não póde haver o *réclame* que tão abandalhado anda ahi pela imprensa. Hão de ser verdadeiras as notas que terei de deixar como esclarecimento a duvidas futuras e apontamentos para trabalhos mais desenvolvidos.

Não destinava o velho Simões as suas filhas para o theatro, mas, sendo assim, levianamente andou fazendo-as representar como amadoras no theatro do Gymnasio, a que elle pertencia. Lembro-me de ter visto a **Lucinda** e a Amelia n'um espectaculo em que entraram tambem seu pae e o amador dramatico Araujo Assis. Representou-se, se bem me lembro, o *Amor londrino*, o *Cão e o Gato* e o *Izidoro o vaqueiro*.

Lucinda tomou-lhe o gosto e inquieta ficou até que o pae se resolveu a deixal-a estreiar como actriz na peça original de Manuel Domingues Santos, *Bemvinda ou a noite de Natal*.

Ainda hoje estremeço com o titulo d'esta peça, para cuja leitura fui convidado pelo seu auctor. Foram expedidos 50 convites para essa leitura, que se havia de realisar ás 9 horas da noite, em casa de Santos, no largo dos Caminhos de Ferro. Fui ás 10

horas, pensando já encontrar a sessão muito adiantada. Era eu o primeiro que chegava! Passou-se mais uma hora, e eu só com o auctor, que começou lendo e fazendo commentarios ás 11 e meia horas! Ás 4 da madrugada sahia eu de casa do Santos, do conhecido *maçador* Santos, que ainda me acompanhou com commentarios sobre a peça, amanhecendo-nos ás 6 horas, em frente do Terreiro do Trigo! Jurei nunca mais na minha vida assistir á leitura de uma peça e tenho cumprido religiosamente esse juramento, apezar da minha vida de emprezario por vezes me querer obrigar a tal sacrificio. Leio muitas peças, mas não ouço ler nenhuma.

A peça *Bemvinda ou a noite de Natal* foi dedicada pelo auctor á rainha D. Maria Pia, representada no anniversario d'essa princeza e tambem em obsequio a ella, segundo rezavam os cartazes, representava o principal papel **Lucinda Simões**. Que esta tinha grande vocação para a scena ficou logo bem manifesto.

Isto passava-se em 1867 e até 1870 **Lucinda** representou os principaes papeis do repertorio do Gymnasio. O ultimo que alli desempenhou foi o da comedia de Teixeira de Vasconcellos *O dente da Baroneza*, em que alcançou muito successo.

Por este tempo teve por ella uma *paixoneta* o actor Valle e parece que ella lh'a correspondia. O pae, que, apesar de ter já a filha havia tres annos no theatro, parecia querer ainda reserval-a para futuros grandiosos, o que se lhe não póde censurar, tratou de afastar o perigo, tirando a estopa do pé do lume, e foi para o Porto com as duas filhas. Lá tambem havia lume, e se a **Lucinda** escapou de queimar-se com o Valle, queimou-se a Amelia, casando com o emprezario e escriptor Moutinho de Sousa, que tambem fôra actor.

Partiu então o velho Simões para o Rio de Janeiro levando só a filha **Lucinda**. É claro que ahi foram maiores os perigos, como mais tarde foram tremendos. Se até lá estava já o Valle!

Simões não abandonava a filha um só momento, mas d'ahi a pouco era ella depositada judicialmente para cazar com o emprezario, escriptor, ensaiador e actor Furtado Coelho.

O que este artista valia n'esse momento sabem-n'o todos. Nos palcos portuguezes e brazileiros poucas ou raras aptidões teem apparecido como as de Furtado Coelho. Nas suas mãos **Lucinda**, conforme disse Gervasio Lobato, aprimorou os seus dotes artisticos, robusteceu a sua illustração, completando a sua educação litteraria e artistica com as viagens pela Europa, com o estudo e a observação dos primeiros actores, da primeira scena do mundo.

Lucinda Simões, ao lado de seu marido, tornou-se uma actriz verdadeiramente moderna. Abandonou quasi por completo o repertorio formado pelos dramas romanticos e começou interpretando com a maior distincção as peças empolgantes de Dumas (filho), Feuillet, Legouvé, Sandeau, Girardin, Barrière, Sardou e outros. Depois de alcançar no Brazil um nome justamente laureado, voltou á Europa em 1874, visitando Paris e Londres e, como não tivesse theatro em Lisboa, foi fazer uma epocha ao Porto. Tanto ella como Furtado Coelho alli agradaram immensamente. Chegado o verão de novo viajaram pelas principaes capitaes europêas. No inverno eil-os de volta a Lisboa e, á falta de outro theatro que os recebesse, foram trabalhar com a modesta companhia que estava no theatro das Variedades e ahi obtiveram o maior exito.

Regressaram depois ao Brazil para de novo serem festejadissimos.

Quando voltaram a Portugal, puderam então trabalhar no Gymnasio e nos Recreios. Não os abandonaram as sympathias e admiração do publico e da imprensa, a não ser n'uma recita desastrada da *Niniche* e n'outra recita em que os admiradores de Antonio Pedro quizeram tirar desforra de uns pretendidos aggravos feitos em Madrid ao grande artista por Furtado Coelho.

N'outra viagem ao Brazil, com companhia organisada em Lisboa, os dois esposos artistas alcançaram novos triumphos e lucros espantosos.

É proverbial no Brazil e em Portugal

que Furtado Coelho e **Lucinda Simões** poderiam ser hoje riquissimos e viver independentes, se outro caminho tivessem seguido.

Como já disse, não é agora a occasião de fazer a historia do viver dos dois artistas. Fizeram o que entenderam. Muitos censuram Furtado Coelho; eu não, porque sei a que loucuras arrasta a paixão e a cegueira por uma mulher intelligente e caprichosa.

Não quero, pois, avaliar o modo de proceder de Furtado Coelho e muito menos o de **Lucinda Simões**. É d'esta que estou tratando. Posso apenas dizer que, algum tempo aqui viveu em Lisboa sósinha indo depois com outra companhia ao Rio, para trabalhar juntamente com seu marido. Pouco tempo assim fez, deixando o theatro e separando-se de Furtado Coelho.

Voltou mais tarde para Lisboa na intenção de entrar para o theatro de D. Maria. Conseguiu que os jornaes levantassem uma campanha a seu favor e lá entrou para sahir logo depois, fazer empreza na Rua dos Condes, ir depois ás provincias, em seguida com uma companhia modestissima para o D. Amelia, depois com essa mesma companhia ao Brazil. No regresso voltou de novo para D. Maria até que .. novas desavenças a fizeram sahir a mal com a empreza. No verão de 1898 foi montar no theatro D. Amelia a celebre peça de Rostand, *Cyrano de Bergerac*. Foi muito honroso para ella o seu trabalho de directora, mas de grande prejuizo.

Lucinda Simões é instruida, intelligentissima, mas leviana, inconstante e prejudicando-se sempre pelos passos errados que dá. Tem a mania epistolar. A proposito de qualquer coisa manda cartas para os jornaes, que a indispõem com pessoas que depois acceita para conviver.

Sente-se bem onde não está e sempre mal onde está.

Como artista tem inquestionavelmente grande valor. Os que affirmam que no seu repertorio ha apenas a louvar o *Demi-Monde*, é porque não a viram na *Dalila*, na *Thereza Raquin*, no *Sapatinho de setim*, na *Estatua de carne*, e ainda ultimamente na *Mademoiselle de la Seiglière*, e em muitas outras peças.

Tem errado algumas vezes, como todos, mas tem acertado muitas. Se **Lucinda Simões** tivesse outro temperamento, conservasse a sua posição e estivesse sempre disposta a ouvir a voz do bom senso, não sei se no nosso theatro alguma se lhe poderia avantajar.

Talvez não devesse ser assim, mas ao publico é difficil separar a artista da mulher.

1875 — Nasce **Daniel Alves**.

Diz elle que é um *faz-tudo* theatral e tem sua razão. Ainda ha pouco o conheci, mas já ouvira fallar muito n'elle como actor de theatros de terceira ordem, secretario da antiga empreza do theatro do Rato, director de modestas companhias em excursões pelos arrabaldes de Lisboa, ponto, contraregra, aderecista, copista, emprezario do theatro Camões de Belem, e do Apollo de Alcantara, auctor das revistas *Belem por um oculo* e *De raspão*, collaborador de alguns jornaes de theatros e ultimamente bilheteiro no theatro Avenida. Tudo isto indica um trabalhador e já não é mau. Por querer ser tudo é talvez o motivo de se não ter salientado em coisa alguma. *Petrus in cunctis*...

1884 — Morre em Lisboa o distincto

actor **ROSA (Pae)**.

Era verdadeiramente uma alma de artis-

ta e quem, como eu, teve a satisfação de o ouvir, em longas horas de cavaco intimo, fallar de arte e artistas, tem o dever de attestar que **João Anastacio Rosa** sabia como poucos da profissão a que se dedicára. Era um artista theorico e pratico.

Rosa nasceu em Redondo, no Alemtejo. Os primeiros annos da sua vida, a sua meninice passou-a, em vez de garotar e divertir-se como os outros rapazes, a pintar em papel, em vidro, em louça, em tudo que apanhava á mão.

Aos quinze annos a familia enviou-o para Lisboa a fim de estudar na aula do Thesouro Velho. D'alli passou pouco depois para a Ajuda para aprender pintura sob a direcção do illustre professor Taborda.

O patriarcha Frei Francisco de S. Luiz, que era seu patricio, protegeu-o tambem na sua carreira, mas elle teve de abandonal-a para tomar armas em consequencia da guerra civil. Quando esta acabou, era elle sargento, mas deu baixa para se dedicar a tirar retratos. Faltavam-lhe elementos, fez alguns muito maus mas outros soffriveis, entre os quaes os de Epiphanio, Talassi e Delphina.

Rosa vivia modestamente do seu lapis quando Emilio Doux, que dirigia então o theatro da Rua dos Condes, annunciou que dava lições da arte de representar.

Rosa quiz experimentar se teria geito para actor e procurou Doux, que o recebeu perfeitamente e lhe deu logo um papel importante do drama *Torre de Nesle*, para fazer a experiencia. Estudou-o com todo o amor e tão bem o encaminhou, que immediatamente Emilio Doux o escripturou e o fez estreiar na parte de *lord Clyton* na *Maria Tudor*. Em seguida fez um papel de *tyrano* no *Estudante de S. Cyro* e tão ao vivo o fez, que, tendo de dar um tiro n'um outro personagem, lh'o deu á queima roupa, chamuscando a cara do collega, que por signal era outro actor de talento, o Lisboa, que lá foi morrer ao Brazil, como tantos.

Rosa d'ahi por diante fazia com agrado geral todos os tyrannos das peças.

Tanto gritou, tanto berrou, tanto gesticulou, como era de uso n'aquelle tempo, que acabou por adoecer gravemente, tendo escangalhados os pulmões e a garganta.

Partiu para as aguas de Cauterets, que lhe fizeram bem á saude, e de França trouxe outros ideaes artisticos.

Quando regressou, apresentou-se ao publico recitando a poesia de Palmeirim, que então estava na moda, *Camões*. Teve uma enorme ovação.

Foi isto em 1846 e d'esta data em diante começa a dar-nos o seu verdadeiro repertorio artistico.

Quantos papeis teve depois **João Rosa**, em que mostrava progressos extraordinarios, traços de um grande artista e estudo apuradissimo! Que o digam o *Primo e o Relicario*, a *Dalila*, as *Mulheres de marmore*, o *Cégo*, o *Maestro Favilla*, o *Marquez de la Seiglière*, o *Fidalgo pobre*, o *Morgado de Fafe*, o *Alfageme de Santarem*, o *Frei Luiz de Souza*, o *Ricardo III*, os *Mysterios de Paris*, o *Auto de Gil Vicente* e tantas outras peças em que teve creações notaveis.

João Anastacio Rosa foi ainda a Paris, subsidiado pelo governo, para aperfeiçoar-se na arte de representar. Conseguiu alli, o que é deveras difficil, conviver com os artistas da Comedie e ter por intimo o grande actor Samson.

Rosa era condecorado com a ordem de S. Thiago.

O que **Rosa** era como artista ninguem ignora. Estudava os papeis em todas as suas minuciosidades e apresentava-os na perfeição. Do que valia como mestre e guia na difficil arte de representar bastam para attestal-o os seus dois discipulos queridos, seus filhos João e Augusto, que tendo seguido as pisadas do pae, amigo e professor, se tornaram dos raros notaveis da nossa scena.

João Anastacio Rosa, artista na accepção da palavra, por curiosidade trabalhou tambem em esculptura, sendo seu o busto de Garrett, que se vê no salão do theatro de D. Maria.

Já reformado, continuou ainda fazendo parte da companhia do theatro Normal, d'onde sahiu quando as forças começaram a abandonal-o e, no seu bom senso, com-

prehendeu que chegára a inevitavel hora da decadencia. Ainda assim vimol-o fazer no theatro do Principe Real, no ultimo quartel da vida, o seu papel predilecto, o *Marquez de la Seiglière* e ainda foi distinctissimo.

Rosa era por vezes caturra, teimoso e comprazia-se em contrariar os que não eram da sua sympathia. Mas se, a proposito de qualquer insignificancia, brigava hoje com a Emilia das Neves, ámanhã com o Theodorico e depois com o Polla, em compensação estava sempre de bom humor e alma aberta para os que estremecia; que o digam os filhos, que tanto respeito teem pela sua memoria, que o diga Pedro Vidoeira, seu cunhado e verdadeiro amigo, que por elle sente ainda tanta saudade e reconhecimento, que o dissesse Pinto de Campos, que até á hora da morte confessou que tudo, na sua carreira, devia ao pae **Rosa**.

1884 — Victimado por uma phtisica de laringe, morre em Lisboa, na rua de S. Bento, o talentoso escriptor **Antonio de Menezes (Argus)**, de quem fallei na data do seu nascimento, em 9 de junho.

18

1826 — Nasce **Chatrian**, o inseparavel collaborador de Erckmann.

Para informações sobre os seus trabalhos veja-se a data de 20 de maio.

1839 — Estreia-se no velho theatro da Rua dos Condes, n'um pequeno papel do drama *Jaquelina de Baviera*, o notavel actor **Tasso**, de quem tratei na data do seu nascimento, a 22 de agosto.

1852 — Nasce em Setubal **Frederico do Nascimento**.

Setubal, a patria da grande cantora Luiza Todi, tem produzido muitos musicos distinctos, entre os quaes o Stichini, que ha pouco morreu no Brazil e que era um compositor de muito merecimento, Cardim, outro maestro de valor, o velho Nascimento, antigo professor e eximio director d'orchestra e, principalmente, o filho d'este, **Frederico do Nascimento**, que é um musico notabilissimo.

Em quasi todas as audições musicaes de Lisboa, desde 1874 a 1880 collocou-se em evidencia o violoncellista **Nascimento**.

De indole perfeitamente artistica, aperfeiçoou-se no seu instrumento querido com o inolvidavel e infeliz Sergio da Silva e com o illustre maestro Cossoul.

Em Lisboa era **Nascimento** um artista estimadissimo e indispensavel em todos os concertos.

Em 1877 fez uma viagem ao Brazil, sendo alli admirado e tratado por fórma, que para lá voltou em 1880 para fixar definitivamente a sua residencia no Rio de Janeiro, onde foi nomeado professor de violôncello e de harmonia do Instituto Nacional de Musica.

Na America fez uma viajem triumphal desde o Pará até Buenos-Ayres.

Frederico do Nascimento, myope ao ponto de ser quasi cego, é tambem um compositor muito distincto.

1878 — Morre em Lisboa o actor e notavel ensaiador **ROMÃO ANTONIO MARTINS**.

Fôra enfermeiro do hospital e bailarino em S. Carlos, depois de ter sido militar, epocha em que compôz um bailado que foi

muito applaudido no theatro particular das Escolas Geraes.

Quando Manuel Machado conseguiu que o barracão de cavallinhos da travessa do Secretario de Guerra, hoje rua Nova da Trindade, se transformasse n'um theatro, continuando a ser barracão, tratou de descobrir actores em toda a parte, tanta falta havia d'elles.

Machado era fiscal do theatro de S. Carlos, assistia a todos os espectaculos e ensaios e quiz-lhe parecer que o bailarino e mimico **Romão** havia de ter geito para actor. Desinquietou-o e conseguiu que o bailarino voltasse as costas a Therpsicore para se agarrar a Thalia. **Romão** fez-se actor e com felicidade. Se a sua pequena figura o prejudicava para a scena, em compensação dizia muito bem.

Quando Emilio Doux abandonou o Gymnasio, todos os socios escolheram **Romão** para seu ensaiador, porque viam n'elle a maior competencia, e não se enganaram.

Romão Antonio Martins foi por muito tempo a alma do Gymnasio. Com elle á frente nunca faltavam actores nem actrizes. Fez verdadeiros milagres, conseguindo que por muitos annos agradassem ao publico artistas que tinham a maior negação para a scena e que nas suas mãos chegavam a parecer bons, taes como: Ramos, Abreu, Cordal, Joaquina, Maria José, Antonio Ricardo, Marques, Assumpção e outros.

Quando encontrava que aproveitar, e o discipulo era intelligente e domavel, nas suas mãos tornava-se em pouco tempo artista distincto, como aconteceu ao Taborda, Izidoro, Braz Martins, Emilia Candida, Julio Soller, Valle, Silveira, Silva Pereira, Rodrigues, Marcolino, Bernardo Arejões e ainda tantós.

Montando uma peça de espectaculo, fazia verdadeiras surprezas, que ninguem podia esperar no acanhadissimo palco do Gymnasio. Ainda nos recordamos da *Familia do Colono, Santo Antonio, Georgianas, Defensor da Egreja, Lago de Kilarney, Evangelho em acção, Pastora dos Alpes,* etc.

Como actor teve tambem os seus papeis de muito agrado, entre elles os que fazia no *Pedro o tecelão, Filhos dos trabalhos, Coração de pae* e principalmente o *amigo dos mangericões* das *Duas bengalas,* papel que elle creou com immensa graça.

Em 1870 sahiu do Gymnasio por desintelligencias com os collegas e foi para o Porto, onde fez bella figura, especialmente na *mise-en-scene* da peça militar de grande espectaculo *Europa na China,* que só a **Romão** deveu o exito que teve.

Chamado para ensaiador do theatro de D. Maria, voltou a Lisboa, a occupar o posto onde de ha muito deveria estar, mas a morte bem cedo lhe terminou o soffrer que desde longo tempo o minava.

O Romão não era isento de defeitos, mas quem não os tem?

O seu principal defeito eram as mulheres. Apezar da deformidade physica, que poderia quando muito fazer d'elle um eunucho, apaixonava-se por todas as raparigas que appareciam no theatro, e ai! d'aquella que o não attendesse, que não dava mais um passo na scena.

Impossivel ir mais longe na descripção das scenas amorosas do **Romão**, o que tornaria este livro pornographico.

Ao escrever esta noticia sobre o **Romão** tinha acabado de fallar a seu respeito com o querido Taborda.

Eis as suas palavras:

—Era um ensaiador de primeira ordem; nunca vi explicar como elle. O começo da minha carreira no Gymnasio foi tormentoso por causa do Emilio Doux, que parecia detestar-me. Quando alli se ensaiou a comedia *A Namorada do Principe,* eu fazia um pequenino papel, em que tinha de entrar e dizer quatro palavras. Quando m'o fez repetir pela 17.ª vez, eu declarei-lhe que não o sabia fazer. «Pois vá-se embora, que vossê não serve para nada!» D'ahi a pouco entrava para ensaiador o **Romão** e eu caminhei. Tudo o que tenho sido devo-o a elle!

Creio que não poderia apresentar testemunho mais valioso e auctorisado que o do Taborda.

Quem déra que hoje os nossos theatros pudessem obter ensaiadores como era o **Romão**.

19

1772 — Nasce em Lisboa **D. Gastão Fausto da Camara-Coutinho.**

Era capitão de fragata, cavalleiro de Christo, bibliothecario da Bibliotheca da Marinha e socio do Conservatorio Real de Lisboa.

Tinha bastante erudição e era um poeta de estylo correcto e boa veia comica.

Escreveu as seguintes peças:

O juramento dos Numes, drama allegorico; *Leonide*, comedia famosa em 3 actos; *O estalajadeiro de Milão*, drama jocoso em 3 actos; *O Chale*, drama familiar em 2 actos.

D. Gastão da Camara morreu em Lisboa a 23 de junho de 1852.

Com a sua peça *O juramento dos Numes* foi inaugurado, a 12 de outubro de 1813, o theatro de S. João do Rio de Janeiro. Era o theatro que depois tomou o nome de S. Pedro d'Alcantara.

1855 — Estreia-se no theatro do Gymnasio, tendo 21 annos de edade, a actriz **Margarida Xavier.**

Esta actriz falleceu a 25 de fevereiro do corrente anno de 1898.

Pouco tempo antes da sua morte quiz obter d'ella alguns apontamentos; mas o estado das suas faculdades mentaes não lhe permittia fornecel-os.

Alguma coisa foi possivel alcançar por pessoa de familia.

No Gymnasio sobresaiu nos *Dois mundos* de Cesar de Lacerda e na magica *O cabo da caçarola.*

Em 1858 passou para a Rua dos Condes, agradando na peça de costumes *O que é o mundo* e na magica *Romã encantada.*

Em 1861 contractou-se nas Variedades, sobresaindo na magica *Ave do Paraizo* e n'outras peças.

Em 1864 foi fazer parte da companhia com que Pinto Bastos percorreu as provincias e com elle voltou para o theatro das Variedades em 1865, conservando-se alli até 1867 e fazendo papeis diversos nas peças *Amores do Diabo, Pera de Satanaz, Pomba dos ovos de ouro, Castigo e arrependimento, D. João I, Revista de 1865*, etc.

Em 1868 passou para o theatro do Principe Real, na empreza Santos & Pinto Bastos. No anno seguinte foi ainda com Pinto Bastos para a Rua dos Condes.

D'ahi por diante o seu contracto com o bom do Pinto Bastos não foi para ser cumprido no theatro, e por isso deixou a scena, aonde nunca mais voltou.

1883 — Morre em Lisboa, na sua casa da Avenida da Liberdade, a grande actriz **EMILIA DAS NEVES**, de quem fallei na data do seu nascimento, a 5 de agosto.

20

1803 — Morre no Porto **João Baptista Gomes Junior.**

No fim do seculo passado e no começo d'este teve este auctor a maior das popularidades com a sua tragedia *Ignez de Castro*, a que se ficou chamando *Nova Castro* para a ficar distinguindo da do mesmo titulo de Nicolau Luiz, da traduzida de Lamotte por José Pedro de Azevedo Sousa da Camara e ainda da *Segunda Castro* de Domingos dos Reis Quita. Esta ultima serviu para modelo a **Baptista Gomes.**

Este poeta não tinha de certo o valor que n'aquelle momento lhe quizeram attribuir, mas tambem não era uma nullidade como alguns pretendem; pois, se o fosse, d'elle não diria Garrett:

«Por meio de todas essas nevoas, brilha «muita luz de engenho, muita sensibilida- «de, muita energia de coração: predicados «que com o estudo da lingua que não ti- «nha, com a experiencia que lhe fallecia, «triumphariam ao cabo do mau gosto do «tempo, e viriam provavelmente a fazer de «**João Baptista Gomes** o nosso melhor tra- «gico. Atalhou-o a morte em tão illustre «carreira, e deixou orphão o theatro por- «tuguez que de tamanho talento esperava «reforma e abastança.»

Theophilo Braga affirma que o juizo de Garrett não seria tão benigno se conhecesse o plagiato da *Segunda Castro* de Quita.

Não se póde admittir que Garrett, tão conhecedor da nossa litteratura dramatica,

desconhecesse a obra de Domingos dos Reis Quita.

João Baptista Gomes traduziu em verso as tragedias *Fayel* de Arnaud e *Machabeos* de Lamotte.

1878 — N'uma recita dada por amadores, no theatro do Principe Real, com o drama *A mãe dos escravos*, representam **Livia de Castro** e **Elisa de Castro**, duas irmãs que depois foram para o Brazil com a companhia de Emilia Adelaide e ainda hoje são artistas no Rio de Janeiro, e Fernando de Lima, que depois foi actor e emprezario do theatro das Variedades e que em pouco tempo deixou de representar, voltando á sua antiga vida de operario no arsenal do exercito.

21

1639 — Nasce em Ferté-Millon o grande

poeta **JOÃO RACINE**.

Morrendo sua mãe quando elle contava apenas dois annos e seu pae quando fizera tão sómente quatro, ficou aos cuidados do avô, que mais tarde o mandou para Beauvais a fim de aprender latim. Era elle estudante quando rebentou a guerra civil e alistou-se no exercito como outros muitos collegas. Ficou desde essa occasião com uma cicatriz sobre o olho esquerdo. Foi a 1 de outubro de 1655 que sahiu do collegio eclesiastico de Beauvais. Esteve depois em Port-Royal até outubro de 1658, epocha em que foi mandado para Paris, a fim de estudar philosophia no collegio d'Harcourt.

Em Port-Royal fez progressos espantosos nos seus cursos, o que sem duvida era devido ao estudo aturado a que se entregava dos auctores gregos e latinos.

No meio dos seus estudos profundos e philosophicos, era atrahido principalmente para a poesia pelo seu genio. O seu maior prazer era occultar-se n'um bosque com o Sophocles e o Euripides, que elle quasi sabia de cór.

Ainda em Port-Royal compôz sete odes de pouco valor e que não faziam prever o seu brilhante futuro.

Quizeram fazel-o seguir a carreira da advocacia ou outra qualquer rendosa, mas **Racine** resistiu, oppondo-se a ter outra occupação que não fosse cultivar a poesia.

Em 1661 foi chamado a Languedoc por um seu tio materno, antigo geral da congregação de Santa Genoveva e que era conego e vigario com um bello beneficio. Era isto que elle queria transferir ao sobrinho; mas **Racine** declarou não querer acceitar o estado ecclesiastico. Por condescendencia para com seu tio, estudou theologia e lia S. Thomaz.

Foi em Languedoc que elle começou a sua *Thebaida*.

Cansado da vida contrariada que alli levava, partiu para Paris, onde fez conhecimento com Molière e onde acabou a *Thebaida*, que se representou em 1664.

Fez depois a tragedia *Alexandre*, que foi ler a Corneille. Este disse que lhe achava um grande talento para a poesia, mas não para a tragedia. Corneille enganou-se redondamente com **Racine**.

Havia n'aquelle tempo duas *troupes* de comediantes, a de Molière e a do Hotel de Bourgogne. A tragedia *Alexandre* foi representada por ambas e com muito successo.

Seguiram-se outras sempre com exito crescente. Essas peças ficaram immorredouras e conservam-se ainda hoje no repertorio da Comedia Franceza e do Odéon. Hão de viver no theatro francez como modelos do genero as obras sublimes de **Ra-**

cine: *Thebaida, Alexandre le Grand, Andromaque, Les Plaideurs* (comedia), *Britannicus, Bérénice, Bajazet, Mithridate, Iphigénie, Phédre, Esthér* e *Athalie*.

Racine foi desde os 18 annos até á hora da morte o companheiro e amigo inseparavel de Boileau.

Em resultado d'uma operação que soffreu no figado, falleceu a 21 de abril de 1699.

1833 — Nasce o actor **Pinto de Campos.**

Entrou muito novo para o collegio dos Inglezinhos, na rua do Machadinho e ahi, sem esperarem que elle soubesse o portuguez, começaram logo a ensinar-lhe inglez; a final sahiu de lá sabendo apenas dansar, que era ao que mais se applicava com o mestre Herculano Mercês, um preto antecessor de Justino Soares.

Foi depois para um collegio á Ribeira Velha e logo em seguida para a aula do Carmo, no local onde hoje existe o quartel.

Em setembro de 1845, tendo já perdido seu pae, entrou como marçano para a loja de um seu tio mercador, mas nas horas disponiveis estudava.

Pinto de Campos tinha grande paixão pelo theatro e quasi uma adoração pelo actor Rosa (pae). Uma vez que este adoeceu, resolveu-se a ir visital-o mesmo sem ter com elle relações. Rosa recebeu-o muito amavelmente e elle voltou por vezes a visital-o.

Nas horas vagas fez **Pinto de Campos** uma comedia com o titulo *Guardado está o bocado para quem o ha de comer*, que se representou com muito agrado no theatrinho dos Anjos, ensaiada pelo actor Moreira.

Sahindo de casa do tio, foi passar algum tempo a Villa Franca e depois voltou, empregando-se como caixeiro da alfayateria Reynaud. Poucos mezes alli esteve.

Por esse tempo representou em diversas sociedades de amadores, mostrando grande disposição para a scena.

Como se visse desempregado, lembrou-se de aprender a arte typographica. Em pouco tempo se tornou um bom official e d'isso viveu alguns annos.

Aconteceu haver grande crise de trabalho em 1854 e **Pinto de Campos**, sem ter que fazer, chegou a passar necessidades. Um dia contou ao Rosa (pae) a sua situação, e elle aconselhou-o a que seguisse a vida de actor, promettendo-lhe a sua protecção. Dispensou-lh'a effectivamente, dando-lhe lições bem proveitosas e intercedendo por elle perante o commissario regio do theatro de D. Maria, que o não escripturou por ser contra lei.

Rosa apresentou-o então á direcção do theatro da Rua dos Condes, que o admittiu.

A sua estreia realisou-se a 6 de março de 1855, na comedia em 3 actos *A Ramalheteira*, em que elle foi fazer o papel que já desempenhára Domingos d'Almeida. Foi muito bem recebido. Mais agradou depois no *galan* da comedia *Os aspirantes de marinha* e nas peças *Romã encantada, Samsão, Guilherme Colmann, Á procura d'um tenor, Tres inimigos d'alma, Aboletado, O que é o mundo, Feio de corpo e bonito d'alma*, etc.

Para um dos seus beneficios escreveu de collaboração com Alcantara Chaves o drama em 1 acto, *Martyrios e rosas*.

Em 1858 foi contractado para o Porto, para o theatro de S. João, por um tal Couto Guimarães e em 1859 para lá voltou contractado por Emilia das Neves. Em ambas as epochas agradou muito.

Em 1860 Rosa obteve-lhe contracto no theatro de D. Maria, estreiando-se ahi a 29 de outubro no drama *Culpa e castigo*. Seguiu representando com distincção pequenas partes até que, em 1862, desempenhou magnificamente dois papeis que lhe deram nome: o do velho piloto dos *Homens do mar* e o malvado *Kraig* da *Córa*. Sobresahiu em seguida nos *Homens ricos, Pedro, Operarios, Adelaide, Condessa de Manstein, Idéas da sr.ª Aubray, Dois surdos*, etc.

Em 1867 foi pelo conselho dramatico classificado actor de primeira classe.

Quando o governo entregou o theatro de D. Maria á especulação particular, **Pinto de Campos** sahiu e foi contractar-se no

Gymnasio, onde fez com muito exito, entre outros, os papeis das seguintes peças: *Afilhado de Pompignac*, *Longe da vista*, *Calumnia*, *Orphã d'Aldoar*, *Campinos*, *Como se enganam mulheres* e *Filha unica*.

Partiu em seguida para o Porto, onde fez parte com muito agrado das companhias da Trindade e Principe Real.

Em 1876 já **Pinto de Campos** tinha a sua reforma, mas voltou para o theatro de D. Maria contractado pela nova empreza Biester, Brazão & C.ª Ahi ficou depois, fazendo parte da sociedade artistica a que foi adjudicado o theatro. Um bello dia zangou-se com os socios e sahiu.

Pinto de Campos era mui facil em zangar-se.

Deixou então de representar, o que lhe augmentou o aborrecimento em que sempre andava, e um dia, inesperadamente, deixou de existir. Deu-se isto a 18 de janeiro de 1889.

Uma das grandes paixões de **Pinto de Campos** foram as touradas. Era n'este assumpto muito entendido; os toureiros muito ouviam a sua opinião.

1857 — Nasce em Faro **Lorjó Tavares**

Durante 11 annos foi **José Lorjó Tavares** redactor do *Correio da Noite*. Tem sido collaborador do *Correio Portuguez*, *Occidente*, *Illustração portugueza*, *Commercio Portuguez*, etc. Foi ultimamente redactor do *Diario da Manhã* e é proprietario com Jayme Victor e Ernesto Bartholomeu dos *Perfis Contemporaneos*.

Com muito agrado teem sido representadas as suas peças:

A moira de Silves, opera comica em 3 actos e 4 quadros, musica de João Guerreiro da Costa Junior, representada pela primeira vez no theatro da Trindade em 5 de janeiro de 1891.

O segredo da confissão, comedia-drama em 4 actos, representado pela primeira vez no theatro de D. Maria em 29 de outubro de 1892.

O Suicida, drama em 3 actos, representado pela primeira vez no theatro de D. Maria em 6 de abril de 1894.

Uma aposta, comedia em 1 acto, traduzida do hespanhol em verso e representada nos theatros de D. Maria, S. Carlos e Trindade.

Cabotinos! traducção da comedia de Pailleron, representada no theatro da Rua dos Condes pela companhia de Lucinda Simões.

Tem peças ainda não representadas e entre ellas a opera comica *João da Ermida*, que deu motivo a umas verrinas na imprensa e a uma scena de pugilato entre o auctor e o então director technico do theatro da Trindade, Mattoso da Camara.

1867 — Nasce em Tavira o actor **Antonio Pinheiro.**

Chegou a cursar até o 2.º anno da Eschola Polytechnica, matriculando-se tambem em 1885 nas aulas de declamação e arte de representar do Conservotorio, que então existiam e eram regidas por João Rosa e Gervasio Lobato. Este aconselhou **Pinheiro** a seguir a carreira dramatica, o que elle fez. estreiando-se no theatro do Gymnasio, a 28 de outubro de 1886, no drama *Nobres e Plebeus*. No mesmo theatro representou depois nas peças *Coupé 117*, *Bigamo*, *Nono não desejarás*, *Fidalgos da Casa Mourisca*, *Não me embaçam*, *Diabo atraz da porta* e *Como nós por nossa casa*.

Passou para o theatro de D. Maria, estreiando-se a 23 de novembro de 1887. Fez ahi com bastante agrado diversos papeis nas peças: *Velhacos*, *Duque de Vizeu*, *Fedora*, *Guerra em tempo de paz*, *Socrates e sua mulher*, *Luiz XI*, *Hamlet*, etc.

N'uma companhia organisada pelo actor Valle, foi n'esse mesmo anno ao Brazil, onde agradou em diversas comedias.

Na epocha de 1888-1889 voltou para o theatro de D. Maria e ahi fez grandes progressos, sobresaindo nas peças: *Rogerio Laroque*, *Estatua*, *Leonor Telles*, *Bibliothecario*, *Grande industrial*, *Affonso VI*, *Morta*, *Penedos do inferno*, *Alcacer-Kibir* e outras.

Voltou depois ao Brazil na companhia

dirigida por Lucinda Simões e Furtado Coelho, fazendo bella figura nas peças *Demi-Monde, Adriana Lecouvreur, Martyr, Obstaculo* e *Condecorado.*

Terminando inesperadamente a empreza, foi convidado pela actriz Ismenia a fazer parte da sua companhia e com ella representou nas operetas *Fausto o Petiz, Rei damnado* e *Mimi Bilontra.* Como lhe não agradasse o genero, formou companhia sua para representar no estado de S. Paulo, percorrendo quasi todas as cidades d'esse estado.

Regressando em 1893 a Portugal, organisou companhia que levou ao Algarve.

Em 1894 fez parte da companhia do theatro D. Affonso do Porto, empreza Coelho Ferreira, representando com muito agrado nas peças: *Surcouff, Regimento, Brazileiro Pancracio, Corda bamba,* etc.

Em 1895 voltou a Lisboa, entrando na revista *Zás Traz,* no theatro da Rua dos Condes. Foi em seguida escripturado para o theatro do Principe Real, sobresaindo no *Segredo do Padre, Tomada da Bastilha, Capital, Ignez de Castro, Carvoeira, Vivandeira do 16 de linha, Miguel Strogoff* e *Brazileiro.*

Seguiu depois com a mesma companhia para o Rio de Janeiro, indo tambem como director de scena. Lá representou no *Drama no fundo do mar, Duas orphãs, João José, Dama das Camelias, Tosca, Consciencia, Morgadinha de Valflor,* etc.

Organisou depois nova companhia com que percorreu o estado de S. Paulo e regressou a Lisboa em outubro de 1897, reentrando para o theatro de D. Maria, onde fez primeiramente o drama *O Regente,* substituindo o actor Ferreira da Silva, que sahira do theatro. Tem continuado a entrar no repertorio, sem ter ainda nova occasião de salientar-se.

Pinheiro é um actor intelligete, bem preparado, com disciplina e recursos para sempre progredir. É dos poucos actualmente no theatro que poderão de futuro ensaiar.

1867 — Realisam-se no theatro de D. Maria as **provas publicas dos alumnos da Escola Dramatica** do Conservatorio, que tinham concluido o curso. Esses alumnos eram: José Antonio Moniz, Carvella, Henrique Dias e Zitta Carneiro.

Foi o espectaculo formado pela comedia em 3 actos, *Maus conselhos,* imitação de Manuel Roussado, a comedia em 1 acto *O menino e a mãe vão bem,* imitação de Duarte de Sá e a comedia em 1 acto de Gondinet, *A gravata branca.* O principal papel d'esta comedia, traduzida em prosa, foi desempenhado pelo actor Vidal. Pinheiro Chagas fez da mesma comedia uma traducção em verso, que foi interpretada pelo grande Santos.

A segunda prova realisou-se no dia 24 do mesmo mez, sendo a comedia *Gravata branca* substituida por outra, traduzida por Duarte de Sá com o titulo *Duas lições n'uma só,* que no anno anterior tinha servido para provas publicas da actriz Jesuina Marques. Esta comedia já fôra representada no Gymnasio com o titulo *O autographo.*

Não se realisou a terceira prova, saindo uma portaria que a dispensou.

De todos os alumnos do sexo masculino, discipulos de Duarte de Sá, que deram provas no theatro de D. Maria, em diversos annos, unicamente foi classificado José Antonio Moniz.

22

1844 — Nasce em Lisboa o actor **Antonio dos Santos Pires.**

Depois de uma peregrinação como amador por diversos theatrinhos particulares, em que até representou na fabrica do Metrass no Campo Pequeno, e em casa do capitão de fragata Lima, n'uma peça de D. Guiomar Torrezão, em que ella tambem entrou, foi, por empenho de Izidoro, fazer a sua estreia na Rua dos Condes, na epocha em que alli esteve Francisco Palha.

Só alli representou tres noites, indo logo depois escripturado para D. Maria, a fim de subtituir Domingos Ferreira, que se aposentára. Em diversas peças agradou muito durante anno e meio e ia ser classi-

ficado quando o Bispo de Vizeu, de negra memoria para o theatro portuguez, tirou o subsidio a D. Maria e poz o theatro a concurso.

Pires contractou-se então no Gymnasio. N'essa epocha foi alli explorada a opereta com grande infelicidade, rebentando a empreza e caloteando os artistas.

Passou **Pires** para o Principe Real, empreza Cesar de Lima e Ruas. A magica *Pelle de Burro,* cahindo desastradamente, arruinou a empreza, que acabou antes de tempo.

Foi então **Pires** contractado para a Trindade e lá esteve durante seis annos, até 1877. Ahi sobresahiu em diversas peças, especialmente na *Amar sem conhecer.*

Sempre contrariado por não ser do seu feitio o genero que o theatro explorava, logo que teve ensejo sahiu para de novo entrar no theatro de D. Maria, empreza Biester, Brazão & C.ª Ahi fez magnifico trabalho e só de lá sahiu illudido por um contracto que lhe offereceu Emilia Adelaide, por cinco annos, para Lisboa e Pará, com grandes vantagens. A companhia desfez-se em poucos mezes e **Pires** ficou desempregado.

Partiu por essa occasião para o Porto e lá ficou, tendo immenso agrado como actor em papeis importantissimos. Tem sido tambem um habil ensaiador.

Ultimamente tem sido secretario das emprezas de Taveira, José Ricardo e Neves.

Antonio dos Santos Pires é um homem honestissimo, um bello caracter, com muitas aptidões e utilissimo ao theatro.

1853 — Inauguração da **Associação do theatro da Rna dos Condes.**

O espectaculo foi formado pelas seguintes peças: *Cosimo,* drama em 2 actos e as comedias em 1 acto: *Dois genios eguaes não fazem liga, Em mangas de camisa* e *O Meridiano.*

A companhia era assim formada:

Actores — Areias, Meira, Rollão, Faria, Gonçalves, Brêa, Domingos d'Almeida, Cesar de Lima, Florindo, José Carlos dos Santos e Caetano.

Actrizes — Anna Cardoso, Maria Emilia, Carolina Xavier, Irmãs Fialho, Carlota Velloso, M. Barral e Julia.

Ensaiador — Areias.

Maestro — José Maria do Carmo.

Ponto — José Manuel Alves Junior.

Contraregra — Costa Braga.

Ensaiador de bailados — Faria.

Esta associação durou até o anno de 1878, servindo apenas para alguns directores explorarem o theatro em seu proveito e ao sabor dos seus caprichos. Os artistas foram quasi sempre caloteados por ella. Quando já se não entendiam, acabaram por alugar o theatro e por fim tudo venderam sem que os accionistas recebessem um real.

1861 — Inaugura-se o **theatro D. Luiz** de Coimbra, no local onde existira a egreja de S. Christovão. A peça de abertura foi o drama *O Dia da Redempção.*

1882 — Estreia-se em San-Remo (Ita-

lia), cantando na opera *Aïda,* o distincto barytono portuguez **FRANCISCO DE ANDRADE.**

Teria de repetir aqui quanto disse de seu irmão Antonio, na data de 30 de setembro, visto que juntos estudaram, aproveitando as mesmas lições dos mesmos professores illustres de canto e da arte de representar.

Tenho, pois, unicamente de fallar de

Francisco Andrade depois da sua estreia, que já foi brilhante.

De San-Remo passou a Roma, Carrara, Cesena e por fim a Milão, a capital do mundo lyrico, onde foi definitivamente consagrado, quando se fez ouvir e admirar na sua soberba creação do *Rigoleto*.

Veio depois a Lisboa, contractado por Campos Valdez, e aqui teve as merecidas ovações que nunca lhe regatearam em Londres, Berlim e S Petersburgo.

Mais artistas do que **Francisco Andrade** poucos terá possuido o theatro lyrico.

Na Allemanha é elle o artista querido, assim como na Russia e na Hollanda.

Para lhe dar um logar proeminente na scena basta a interpretação, affirmada por todos os criticos allemães, que tem dado á legendaria figura do *D. João* de Mozart.

O seu repertorio é grande, como talvez o de nenhum dos barytonos que actualmente cantam; compõe se elle das operas: *Aïda, Fausto, Lucia, Poliuto, Trovador, Guilherme Tell, Rigoletto, Puritanos, Traviata, Ernani, Rei Manfredo, D. Branca, Linda di Chamounix, Africana, Gioconda, Roberto o Diabo, Carmen, Dinorah, Barbeiro de Sevilha, Força do Destino, D. Carlos, Somnambula, Simão Bocanegra, Mignon, Macbeth, Nabuchodonosor, Sapho, Propheta, Vesperas sicilianas, Martha, Mephistopheles, Ruy Blas, Promessi sposi, Baile de mascaras, Favorita, Lucrecia Borgia, Huguenotes, Hamlet, Maria di Rohan, Lituani, Palhaços, D. João, Lohengrin, Tanhauser, Mestres cantores* e *Walkyria*.

Ultimamente, contractado como verdadeira celebridade e por preço por que nunca viera a Portugal nenhum barytono, veio de novo a S. Carlos, mas, ao chegar a Lisboa adoeceu por fórma que só uma unica vez poude ser ouvido no nosso theatro lyrico, no *Rigoletto*, e em condições em que não poude ser apreciado infelizmente. Ainda assim, o nosso publico recebeu-o fidalgamente, como devia, e muito sentiu não ter ensejo de o festejar com delirio, como lá fóra tem sido, e de lhe não poder agradecer com bastantes applausos o quanto no estrangeiro tem honrado a arte portugueza.

1890 — Morre **João Francisco Pereira dos Santos**.

Era mais conhecido no mundo theatral pelo **João pinta-monos**. Era dos melhores aderecistas que temos tido, tendo feito os magnificos adereços para as magicas *Pera de Satanaz* e *Pomba dos ovos de ouro* e para muitas outras peças.

Tambem foi prestidigitador, sendo o primeiro artista portuguez d'esse genero que se apresentou em publico, trabalhando tambem como tal em Madrid.

No fim da vida teve por companheiras a miseria e a cegueira. Quando falleceu, estava recolhido por caridade n'um cubiculo do extincto convento de Sant'Anna.

23

1847 — Estreia-se no theatro do Gymnasio a actriz **Maria do Carmo**.

Tinha pouco valor, mas era formosissima e fez andar á roda as cabeças dos conquistadores da epocha. Foi depois para o Brazil e por lá ficou. Em Lisboa era conhecida pela **Maria do Carmo** *do Moraes do Conde das Galveias*.

1888 — Inauguração do novo **Theatro da Rua dos Condes**.

Occupa apenas a area de 32 metros de comprimento e 15 de largura.

O dono do terreno e edificio é o commerciante Francisco d'Almeida Grandella. O projecto de construcção foi do desenhador Dias da Silva, posto em pratica pelo constructor João *Calor*.

Houve uma emissão de titulos de dez mil réis amortisaveis em dez annos. Estão todos pagos.

A parte baixa do edificio é occupada pelo botequim e camarim d'artistas. A platéa é no andar superior.

A platéa é dividida em quatro classes, fauteuils, cadeiras, superior e geral. Junto ao palco ha 3 pequeninas frizas de cada lado. Tem duas ordens de camarotes com 21 em cada uma. O palco é acanhadissimo. A decoração da sala, que de principio foi infelicissima, nunca melhorou com as reformas que soffreu.

Os emprezarios no momento da inauguração eram Salvador Marques e Casimiro d'Almeida.

A primeira companhia que alli funccionou era assim formada: Director de scena e ensaiador, Sousa Bastos; Actrizes: Pepa, Guilhermina, Laura Godinho, Luiza d'Oliveira, Encarnação Reis e Izabel Ficke; actores: Alfredo Carvalho, Sergio d'Almeida, Roque, Salazar, Mathias d'Almeida, Carlos Rocha, Caetano Reis, Pinheiro, Pereira d'Almeida, Lima e Cruz; ponto, Francisco Pinto; contra-regra, Jacquet.

O espectaculo d'inauguração foi composto da allegoria *Hontem e hoje*, original de Baptista Machado e da opereta em 2 actos *As duas rainhas*, traducção de Joaquim Augusto de Oliveira e Sousa Bastos, musica de Luiz Dalhunty.

Não agradou este espectaculo, que ainda assim começou com bastantes applausos a um monologo de apresentação do theatro, recitado pelo grande actor Taborda.

Ao imprimir-se esta noticia, consta que o theatro vae soffrer nova e grande reforma. Oxalá melhore.

Theatro da Rua dos Condes

24

1503 — No mosteiro de Enxobregas, em presença da rainha D. Beatriz, faz Gil Vicente representar o seu auto da **Sybilla Cassandra.**

1504 — No paço d'Almeirim, perante el-rei D. Manuel, Gil Vicente faz representar o seu **Auto da Fé.**

1505 — Nos paços de Alcaçova, na capella de S. Miguel, na presença d'el-rei D. Manuel, Gil Vicente faz representar o seu **Auto dos Quatro Tempos.**

1534 — No paço d'Evora, ao rei D. João III foi representado o auto de Gil Vicente, **Mofina Mendes.**

1829 — Nasce **José Maria da Silva e Albuquerque.**

Era um homem do povo, um trabalhador, typographo, revisor e jornalista. Foi

sempre estimado e considerado pelas suas excellentes qualidades.

Era tambem um devotado ás associações populares de soccorro e instrucção, ás quaes prestou relevantes serviços.

O seu logar n'este livro está indicado porque, ainda em prol das suas idéas, escreveu o drama em 2 actos *O Operario e a Associação*, que foi muito festejado pela classe operaria.

Silva e Albuquerque morreu em Lisboa a 16 de abril de 1879.

1832 — Nasce no Rio de Janeiro **Francisco Pinheiro Guimarães**, filho do Dr. Francisco José Pinheiro Guimarães, tambem mencionado n'este livro.

Foi doutor em medicina e escreveu livros scientificos e litterarios.

No antigo theatro do Gymnasio do Rio de Janeiro se representaram dois dramas seus, que foram muito applaudidos, *A punição* e *Historia de uma moça rica*.

Falleceu no Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 1877.

1887 — Inauguração do **Real Colyseu de Lisboa**, na rua Nova da Palma, onde, além das companhias equestres, acrobaticas e gymnasticas, teem funccionado companhias de opera, opereta, zarzuela, mimica, etc.

Foi este theatro-circo construído em terreno da Condessa de Geraz de Lima, hoje do seu viuvo Conde da Folgosa, por meio de obrigações, estando á frente da empreza Antonio Manuel dos Santos Junior, Alexandre Mó e Silva e Henrique Diaz. Foi mais tarde requerida fallencia, ficando os obrigacionistas sem coisa alguma. Tomou conta do edificio o Conde da Folgosa, que escolheu para administrador do **Colyseu** o sr. Santos Junior.

25

1806 — Nasce em Paris **Anicet Bourgeois.**

Quando ainda estudante e bem novo, pois contava apenas 18 annos, obteve o seu primeiro successo, na Gaité, com o melodrama *Gustavo ou o Napolitano*.

Dotado de immensos dotes de escriptor dramatico e principalmente com uma facilidade extraordinaria, produziu, só ou em collaboração, mais de duzentas peças, agradando com especialidade os seus dramas. Despresando os primores de estylo e a logica da acção, sabia principalmente preparar situações empolgantes.

Entre as suas peças de maior exito, citam-se: *A alegria da casa, Casamentos de hoje, Napoleão, Robespierre, Marceau, Heloisa e Abélard, Nabuchodonosor, Dama de S. Tropez, Medico das creanças, Fugitivos, Ramalheteira dos Innocentes, Feiticeiro, Corcunda, Rocambole*, etc.

1854 — Nasce em Lisboa o actor **José Maria Corrêa.**

Era polidor de moveis e curioso dramatico de fama. quando sollicitou e obteve a entrada como artista para o velho theatro da Rua dos Condes, onde se estreiou n'uma revista do anno minha, em 1875. Seguiu, d'alli para as Variedades, onde começou fazendo papeis de importancia na magica *Lenda do rei de Granada*, no drama *Virtudes de D. Pedro V* na parodia *Processo do Fado* e n'outras peças.

Das Variedades passou **Corrêa** para D. Maria, mas como alli só fizesse papeis insignificantes, sahiu, contractando-se no theatro do Rato.

Fui alli assistir a um espectaculo e vi o **Corrêa** fazer o principal papel de uma parodia ao *Roberto o Diabo*. Achei-lhe valor e principalmente uma bonita voz, o que me levou a contractal-o para o Principe Real, onde bastante agradou nas *Cartas do Conde Duque. Filha do Tambor-mór, Sino do Eremiterio* e n'outras peças.

Quando no Rio de Janeiro formei a minha primeira empreza, em 1882, contractei logo para alli o **Corrêa**, que agradou immensamente e lá esteve no Brazil, em diversas terras, em diversas emprezas e fazendo papeis de generos diversos, até 1888, em que regressou á patria.

Á volta só representou em Lisboa, no

theatro da Avenida, na *Niniche, Intrigas no bairro* e n'um aproposito *A Companhia das Aguas*. Foi em seguida para o Porto, contractado por Cyriaco Cardoso e ahi cantou a *Carmen, Valle de Andorra, Fra-Diavolo, Garra d'açor*, etc.

Em 1889 veiu contractado para o theatro da Rua dos Condes, sobresahindo nos *Beijos do Diabo, Lobos do mar* e n'outras peças.

N'este theatro, no da Avenida e na Trindade, tem sido ultimamente por vezes contractado. Esteve ainda outra epocha no Porto, na empreza Taveira, e por duas vezes mais foi ao Brazil. Ultimamente fez tambem parte de uma sociedade artistica que explorou o Real Colyseu. Actualmente está contractado na Trindade.

Corrêa tem variadas aptidões e é por isso um actor util n'um theatro. Foi talvez sacrificado em trabalhar, em generos diversos, e com grande liberdade, nos theatros do Brazil, logo no começo da sua carreira. Adquiriu defeitos que o tem prejudicado, mas é innegavel que é util.

1870 — Nasce em Lisboa **Julio Verde**. É filho do emprezario theatral, ha pouco fallecido, que tinha o mesmo nome.

Estreiou-se no theatro da Trindade, a 16 de outubro de 1897, no drama *A Honra*.

Nunca tinha representado nem mesmo como amador.

Pequenos têem sido por emquanto os seus progressos. Pena será que não estude e não aproveite alguns dotes naturaes que possue. Veste bem e tem boa figura.

1888 — Morre em Lisboa **Paulo Midosi**, de quem já tratei na data do seu nascimento, em 1 d'este mez.

26

1857 — Inaugura-se o **Café Concerto**.

Este estabelecimento foi fundado por uma empreza de accionistas, no largo da Abegoaria, onde hoje está um estabelecimento de estofador.

O espectaculo de inauguração, em que se estreiaram os cançonetistas Aubigny, Merle, Norbert e Rossy, foi dado em beneficio das familias das victimas da febre amarella, que n'essa epocha devastava Lisboa.

O estabelecimento passou depois a denominar-se **Casino Lisbonense**. Deram-se alli concertos, realisaram-se conferencias e era a casa preferida para os bailes de mascaras.

1859 — Representa-se pela primeira vez, no theatro das Variedades, a magica em 4 actos e 21 quadros, **A Coroa de Carlos Magno**, imitação de Joaquim Augusto de Oliveira.

Esta peça teve n'esta primeira epocha um exito espantoso, dando enchentes consecutivas, a ponto de ser preciso guardar a porta do theatro por municipaes quando em cada dia se abria o *guichet* do bilheteiro.

A peça foi montada com muito aparato e luxo e era desempenhada pelos artistas: Faria, Maggiolly, Guerreiro, Rodrigues, Rosa Mattos, Queiroz, Brandão, Vidal, Izidoro, Antonio Pedro, João Ferreira, Joaquim d'Almeida, Roquete, Andrade, Gonçalves, Bernardo, Trancoso, Martins, Sousa, Maria da Gloria, Maria do Céo, Elisa, Eliziaria, Maria José, Henriqueta, Maria Joanna, Ludovina, Luiza Vidal, Francisca e Piedade.

1859 — Estreia-se no theatro das Variedades, na magica *A Corôa de Carlos Magno* o actor **Maggiolly**.

Caetano Eleutherio Maggiolly, que nasceu em Lisboa, estudou o curso de tachygraphia e foi escrevente de tabellião.

Estreiou-se como actor no theatro das Variedadas, na peça acima apontada, fazendo o papel de *Conde de Maugis*.

Das Variedades passou para a Rua dos Condes, voltou ás Variedades na empreza Pinto Bastos e com elle e Santos seguiu para o Principe Real. Entrou depois para D. Maria, onde fez magnificos pepeis, e

com a companhia de Emilia Adelaide seguiu para o Brazil, nunca mais de lá voltando. Morreu no Rio de Janeiro.

Foi casado com a actriz Livia, que se conserva no Brazil.

Maggiolly tinha deixado em Lisboa dois filhos do primeiro matrimonio. Ambos fôram actores mediocres e ambos morreram muito novos e phtisicos.

Em Lisboa foi **Maggiolly** um actor estimadissimo desde o começo da sua carreira, porque tinha realmente muito merito. As epochas que fez no theatro de D. Maria, sob a direcção de Santos, foram brilhantissimas.

No Brazil agradou tambem muito, mas começou desempenhando papeis de todos os generos sem os estudar, o que lhe apressou a decadencia, já provocada pela doença, principalmente produzida pelo excesso das bebidas alcoolicas, a que sempre se entregou e muito mais no fim da vida.

Como homem, realmente, não tinha muitas qualidades que o recommendassem e por isso fóra do theatro poucas sympathias tinha.

1863 — No theatro de D. Maria, em beneficio do grande actor Tasso, representa-se pela primeira vez o drama em 5 actos, original de Ernesto Biester, **Os homens ricos**.

A opinião geral da imprensa e do publico é que era esta a peça menos perfeita de Biester. Apesar de todos os defeitos que tinha, deu grandes enchentes pelo extraordinario desempenho que Tasso dava ao seu papel e tambem porque n'ella entrava o actor Taborda, que não pertencia ao theatro e alli foi exclusivamente para esta peça.

1867 — Estreia-se no theatro da Trindade, na *Familia Benoiton*, de Sardou, a actriz **Gertrudes Carneiro**.

Era uma actriz bonita, graciosa e que muito agradou ao publico nas peças em que entrou: *Nas armas do touro*, *Pupillas do sr. Reitor*, *Flor de Chá*, *Reconciliação*, *Criado feliz*, *Medico á força*, *Diario de Noticias*, *Bella Helena*, *Criado amo* e *Manhas de André Mattoso*. Isto nas epochas de 1867a 1868 e de 1868 a 1869.

Em 1870 passou para o theatro do Gymnasio, onde fez importantes papeis de comedia, entre os quaes *Moços e velhos*, *Lenço branco*, *Filha do carvoeiro*, etc.

Em 1874 voltou para a Trindade, onde se conservou até 1876, tendo representado, entre outras, nas seguintes peças: *Peior inimiga*, *O que o berço dá...*, *Um murro e um lenço*, *Creança de 90 annos*, *Primeiro eu*, *Proezas de D. Quichote*, *Quatro mulheres n'uma casa*, *Mãos de fidalgo*, *Corôa de Carlos Magno*, *Flor de Laranjeira*, *Néné*, etc.

Em 1877 voltou para o Gymnasio n'uma companhia dirigida por José Romano, e que pouco tempo durou.

Depois **Gertrudes Carneiro** engordou tão despropositadamente e começou pensando tão pouco no theatro, que teve de o abandonar. Foi pena, porque poderia ser uma boa dama de comedia.

Morreu em julho de 1898.

1877 — Morre em Lisboa, na rua do Salitre, o tabellião **João Baptista Ferreira**, afamado traductor de peças, de quem já fallei na data do seu nascimento, a 23 de outubro.

27

1845 — Nasce em Lisboa o maestro **Augusto Machado**.

Teve desde creança a maior vocação para a musica **Augusto d'Oliveira Machado**.

Foram os seus primeiros professores Osternold, Casimiro, Manuel Joaquim dos Santos, Emilio Lami e Daddi.

Concluiu depois o curso de harmonia e contraponto com Monteiro d'Almeida.

Em Paris aperfeiçoou-se com o professor Daunhauser na arte da composição e recebeu lições de piano de Albert Levignac, professor do Conservatorio da grande capital.

Augusto Machado é um pianista distinctissimo, eximio professor de canto e

Conservatorio, onde tem sido secretario e director interino e tem ainda a posição official de thesoureiro da Camara Municipal de Lisboa.

É um bello caracter, um homem intelligentissimo e um artista em toda a extensão da palavra.

Como compositor as suas obras são classificadas de primeira ordem pelos melhores musicos nacionaes e estrangeiros.

Em 1868 ouviram-se em S. Carlos as suas duas primeiras composições, duas *romanzas*, uma das quaes em portuguez e dedicada á *prima-donna* Massini.

Em 1869 foi muito applaudida a musica que fez para o bailado *Zeffiretto*.

Em dezembro de 1870 cantou-se no theatro da Trindade a sua primeira opereta, lettra de Alfredo Athayde, *O Sol de Navarra*, cuja musica salvou a deficiencia do libreto.

A 22 de outubro de 1873 obteve no mesmo theatro um grande exito com a sua musica da opereta *A cruz de ouro*.

Deu-nos depois **Augusto Machado** em 1875 *O Desgelo*, em 1876 *Os fructos de ouro*, em 1878 *A guitarra* e em 1879 *A Maria da Fonte*. Nas representações de todas estas peças na Trindade ouvia-se invariavelmente: «mal empregada musica para tal poema!»

Em 1880 foi **Augusto Machado** incumbido de pôr em musica uma ode symphonica, que intitulou *Camões e os Luziadas* e que difficuldades insuperaveis não deixaram ouvir, mas d'esta ode foi executado o trecho *Alma minha gentil que te partiste* nos concertos que Saint-Saëns deu no theatro de S. Carlos, e obteve um enorme successo do auditorio e da critica.

A sua primeira opera, o seu grande exito, a *Laureana*, subiu pela primeira vez á scena em janeiro de 1883 no Grand Théatre de Marselha. Foi um verdadeiro triumpho, sanccionado pela auctoridade de De Lapommeray, Pradelle e outros abalisados criticos francezes.

Em duas epochas successivas foi a bella opera cantada com egual exito no theatro de S. Carlos de Lisboa e depois tambem no theatro Lyrico do Rio de Janeiro.

Em 1887 subiu á scena em S. Carlos a segunda opera de **Augusto Machado**, intitulada *Os Dorias*, que teve egualmente um excellente exito, pois marcava progresso para a arte moderna.

Na epocha de 1897-1898, nova tentativa do illustre maestro com a opera *Mario Wetter*, que espantou um pouco o nosso publico pela intransigencia com os antigos processos, e que foi altamente prejudicada pelo desempenho, mas perante a qual a critica e os espectadores de ouvido apurado e intelligencia musical bem educada, se curvaram como obra de mestre.

Augusto Machado já compoz mais os bailados da *Fausta* por encommenda d'um emprezario francez e outras operetas: *Piccolino*, *Leitora da Infanta* e *Filhos do Capitão-mór*, todas cantadas no theatro da Trindade.

Pena é que os encargos da sua vida official não permittam a **Augusto Machado** entregar-se exclusivamente aos seus trabalhos musicaes.

Durante tres annos foi **Augusto Machado** administrador e director artistico do theatro de S. Carlos e é actualmente fiscal do governo junto da empreza do mesmo theatro. É tambem commendador de S. Thiago.

Actualmente não possuimos maior auctoridade musical pelos seus conhecimentos theoricos e praticos, pela sua capacidade e illustração e pelo seu caracter, modelo de honestidade.

1852 — Nasce no palacio dos Marquezes da Ribeira, á Junqueira, o primoroso poeta e laureado dramaturgo **D. João da Camara.**

Começou os seus estudos no collegio de Campolide e do Carreira de Mello, á Esperança, e foi depois para a Belgica continual-os. Por morte de seu pae, o Marquez da Ribeira, voltou a Lisboa e matriculou-se na Escola Polytechnica, visto que não tivera tempo de concluir lá fóra o seu curso de engenheiro.

Aqui, seja dita a verdade, **D. João da Ca-**

mara, mais do que com os seus estudos obrigatorios, se importava com a litteratura. Lia todos os poetas, romancistas e dramaturgos, antigos e modernos, que encontrava de valor. Foi assim que se educou o seu espirito finissimo.

Todos os trabalhos litterarios lhe sorriam, que para todos tem grandes aptidões, mas fascinava-o principalmente o theatro.

A sua estreia como auctor dramatiro foi no theatrinho do collegio de Campolide, no entrudo de 1873, com o drama em um acto *Nobreza* e um monologo *Charadas e charadistas*. Muito agradou o drama e mais ainda o monologo.

No entrudo de 1874, nova recita em Campolide e duas novas producções de **D. João**, duas comedias, *Bernarda no Olympo* e outra de cujo titulo nem o proprio auctor já se lembra.

A primeira peça de **D. João da Camara** que se representou em theatro publico foi em 1876, a deliciosa comedia em 1 acto, *Ao pé do fogão*, que se deu em D. Maria n'uma noite em que alli houve grande tempestade, provocada pela estreia de Maria Carolina, a filha de João Felix Pereira, caso de que a imprensa se occupára com escandalo. O publico estava ancioso pelo *clou* da noite, outra comedia em que estreiaria a tal senhora e quasi deixou passar desappercebida a pecinha de **D. João**, que n'outra noite teria feito ruido.

Houve uma pausa nos trabalhos litterarios do poeta, porque, tendo terminado o curso do Instituto Industrial, partiu como conductor d'obras para os trabalhos do Ramal de Caceres, deixando-se de theatro e litteratura.

Em 1879 **D. João da Camara**, concluidos os trabalhos de Caceres, foi mandado fazer serviço para a construcção da linha de Cintra. Tão proximo de Lisboa, vinha muito a miudo aos theatros e voltou a tentação da litteratura dramatica.

Em 1885 escreveu o monologo *Os gatos*, que Augusto Rosa recitou com muito agrado no theatro de D. Maria e, a pedido do actor Mello, a comedia em 1 acto *D. Brizida*, em verso, que deu uma unica recita por ter ido mal sabida e porque o theatro fechou durante alguns dias por haver fallecido el-rei D. Fernando.

D. João estava desgostoso com o theatro, mas sentia como n'elle poderia ser victorioso com maiores commettimentos, de que o inhibiam os seus trabalhos officiaes na construcção das linhas de Cintra, Torres e Cascaes.

Quando veiu definitivamente para Lisboa como chefe de repartição, começou a pensar seriamente nos seus trabalhos litterarios, e, em 12 de março de 1890, alcançou um dos maiores successos que em Portugal teem tido auctores dramaticos, com a representação no theatro de D. Maria do seu notavel drama em verso *D. Affonso VI*. É uma obra prima que tem de ficar como modelo na nossa litteratura.

Depois de consagrado por tal fórma, tem tido todas as homenagens nos seus posteriores trabalhos, que passo a mencionar: *Alcacer-Kibir*, drama em 5 actos, em verso, representado no theatro de D. Maria, a 14 de março de 1891; *Os velhos*, drama em 3 actos, em D. Maria, a 11 de março de 1893; *O pantano*, drama em 3 actos, no mesmo theatro, em novembro de 1894; *A triste viuvinha*, drama em 3 actos, no mesmo theatro, em 1897; *A Tutinegra real*, drama escripto expressamente para uma *tournée* da actriz Virginia, representado pela primeira vez no theatro do Principe Real, do Porto e depois em Lisboa no theatro de D. Maria; esta ultima peça foi traduzida em italiano e faz parte do repertorio de Novelli.

Em 1896 representou-se no Gymnasio, em beneficio da actriz Barbara, e no Principe Real, do Porto, em beneficio de Emilia Eduarda uma comedia sua com o titulo de *Ganha-perde*

A 24 de dezembro de 1896 subiu á scena na Rua dos Condes e em 1897 no theatro Carlos Alberto, do Porto, a opera comica de **D. João**, *O 8*, musica de Filippe Duarte.

Diversas poesias e monologos tem escripto **D. João da Camara**, entre elles *O Juizo Final*, recitado por Ferreira da Silva.

O illustre dramaturgo tem escripto tambem em collaboração o seguinte:

Com Gervasio Lobato: *O Burro do sr.*

Alcaide, opereta; *O valete de copas*, magica; *O solar dos barrigas*, opereta; *Cócó, Reineta e Facada*, opereta; *O testamento da velha*, opereta, e *Os annos da menina*, comedia.

Com Gervasio Lobato e Lopes de Mendonça: *Zé Palonso*, farça.

Com Lopes de Mendonça, Schwalbach, Moura Gabral, Batalha Reis e Fernando Caldeira, *O Burro em Pancas*, farça.

Depois da morte de Gervasio Lobato, **D. João** arranjou o *Cócó, Reineta e Facada*, que passou a chamar-se *Bibi & C.ª*, representado pela companhia Taveira no Porto e Brazil.

Sabem todos o muito que ha ainda a esperar de talento brilhantissimo de **D. João da Camara**.

1859 — Recita no theatro da Rua dos Condes em que tomam parte os artistas Josepha Soller e **Dr. Soares Franco**. Representou-se o drama em 1 acto de Camillo Castello Branco *O ultimo acto*. Esta peça fôra escripta expressamente para estreia de **Soares Franco** no theatro de D. Maria. Não chegou a representar n'outra.

Soares Franco representou tambem com muito agrado em alguns theatros uma scena de imitações, que elle mesmo escreveu. Teve paixão pela actriz Josepha Soller.

28

1831 — Nasce em Lisboa o distincto actor e ensaiador **Furtado Coelho**.

Natureza verdadeiramente privilegiada, organisação artistica de primeira ordem, estaria ainda hoje nas culminancias do theatro portuguez, se não tivesse passado a melhor parte da vida a phantasiar maravilhas, a satisfazer caprichos, a occorrer a umas enormes exigencias creadas por elle proprio.

Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho deixou em outubro de 1855 o logar de amanuense, que occupára no ministerio da guerra e partiu para o Brazil, a fim de quebrar os preconceitos de familia e seguir a sua vocação de actor.

Muito lhe deveu no Brazil a arte de representar, porque **Furtado Coelho** foi por muitos annos um escriptor dramatico festejado, um actor de notavel merecimento, um ensaiador primorosissimo e um emprezario arrojado e emprehendedor.

Dirigiu quasi todos os theatros do Rio de Janeiro e dois d'elles lhe deveram a existencia, o S. Luiz, que ha muito foi demolido, e o Lucinda, que vendeu a uma sociedade exploradora.

Ensaiador nunca por lá houve melhor, e as suas companhias eram sempre modelos.

Como escriptor, fez peças que tiveram exito, entre as quaes o drama *O Agiota*, o seu primeiro trabalho no genero e que foi representado no theatro de D. Maria; o *Remorso vivo*, em collaboração com Joaquim Serra, e que tem centos de representações no Brazil, *O Actor, A Actriz, Amor da arte*, etc. Tambem tem magnificas traducções de excellentes peças do moderno repertorio francez.

Como actor adquiriu no Brazil a fama de excellente, brilhante, correctissimo e principalmente de notavel *diseur*. Essa fama foi perfeitamente confirmada em Portugal, quando aqui veiu por tres epochas dar espectaculos nos nossos theatros.

Ajudado por uma memoria prodigiosa e muitas vezes impellido pela necessidade de variar os espectaculos, o seu repertorio é incomparavel com o de outro qualquer artista, pois que, durante muitos annos, invariavelmente representava duas ou tres peças novas por mez.

São dos seus melhores papeis os que representou nas seguintes peças: *Homens de marmore, Por direito de conquista, Pedro, Dalila, Demonio familiar, Vida de um rapaz pobre, Estatua de carne, Omphalia, Lucia Didier, Redempção, Anjo da meia noite, Amores de Bocage, Supplicio d'uma mulher, Solteirões, Morgadinha de Valflor, Lenço branco, Demimonde*, etc.

Furtado Coelho é tambem musico distincto, tendo composto diversas partituras para peças. É pianista e tocava tambem

na perfeição o *copophone*, um instrumento que elle tornou agradabilissimo ao ouvido.

Em 1872 casou no Rio de Janeiro com a actriz Lucinda Simões, de quem está separado ha alguns annos.

Juntos trabalharam os dois artistas infatigavelmente, conseguindo glorias que eram dos dois e algumas fortunas importantes que em seguida desbaratavam alegremente n'uma vida principesca, que por vezes se eclipsava para os obrigar a novos commettimentos, em que ambos ficavam sempre vencedores.

Foi uma fatalidade para o theatro, e talvez para os dois artistas, tal desunião. A cada um d'elles faltou o amparo que se acostumára a sentir no labutar da arte e da vida.

Furtado Coelho inconscientemente preparou talvez a sua situação; Lucinda deixou-se talvez tambem arrastar pela vaidade e *coquettismo*. Devem ambos ter horas amargas quando recordarem o passado.

Furtado Coelho, que já não representa, tem ainda ultimamente sido ensaiador de diversas companhias no Rio de Janeiro e annualmente alli realisa a sua festa artistica.

1832 — Nasce em Abrantes o escriptor **Avellar Machado.**

Conheci-o muito; fui mesmo seu intimo amigo e por isso posso affirmar que **Jeronymo Alves de Avellar Machado** era um caracter de ouro e uma intelligencia esclarecida.

Foi tambem um grande infeliz em todas as suas tentativas. Fundou sem resultado os jornaes populares *Gazeta do Povo* e *Novidades*. Administrou por algum tempo a importante casa editora de Pedro Corrêa. Ultimamente abrira uma pequena livraria na rua do Poço dos Negros, que ainda existe e é propriedade de seu filho Augusto.

Avellar Machado morreu a 21 de março de 1887. Por essa occasião citaram-n'o como auctor dramatico, que o era e de grande valor.

As suas peças apontadas foram as seguintes: *Brios militares*, comedia-drama, e as duas comedias em collaboração com Henrique Van Deitters, *Não envenenes tu a mulher* e *Scenas da vida intima.*

Faltou-lhes mencionar as peças de **Avellar Machado** que mais agradaram e mais representações deram no theatro da Rua dos Condes: o drama em 2 actos *Os homens do povo* e o drama maritimo em 3 actos, de collaboração commigo, *O Tormenta.*

1863 — Nasce no Porto a actriz **Emilia Lopes.**

Estreiou-se alli, n'uma empreza artistica que explorava o theatro Baquet, a 8 de dezembro de 1885, no drama *Nobres e plebeus.*

Veiu em seguida para Lisboa, escripturada para o theatro do Gymnasio, onde se estreiou a 3 de outubro de 1886, no drama *O Cunhado.*

Esteve depois por algum tempo no theatro da Avenida, em diversas emprezas, e fazendo pequenos papeis, até que em 1892 foi contractada para o theatro de D. Maria, onde se estreiou com agrado na comedia de Schwalbach, *O Intimo.*

N'este theatro progrediu bastante, sobresahindo, entre outros, nos papeis que desempenhou nas peças: *Amigo Fritz, Salto mortal, Os Velhos, Tio Milhões*, etc.

Passando para o theatro da Trindade como societaria, alli se distinguiu nos dramas *A Honra, Musotte, Martyr, Dois Garotos, João Darlot* e na comedia de Molière, *As Preciosas ridiculas.*

Emilia Lopes não será nunca uma notabilidade, mas é uma actriz conscienciosa, correcta e tirando partido da serenidade e sinceridade com que trabalha. N'um theatro de drama e comedia é sempre muito util.

1878 — Canta-se pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, a opera de Verdi, **Aïda**,

Foi posta em scena com grande apparato e luxo e brilhantemente desempenhada por Cepeda, Biancolini, Bollis e Aldighieri.

A **Aïda** teve um enorme successo e foi cantada n'essa epocha grande numero de

vezes, salvando os prejuizos que a empreza estava anteriormente soffrendo.

29

1834 — Estreia-se no theatro do Salitre a actriz **Ludovina Justiniana Rodrigues.**

Acompanhou o seu ensaiador Emilio Doux para o Gymnasio e mais tarde para o Brazil, onde morreu.

Era uma mulher formosa e muito viva.

1856 — Nasce no Rio de Janeiro **Arthur Barreiros.**

Cursou a antiga escola central só até o 2.º anno, abandonando-a depois para se entregar ao jornalismo, onde entrou com felicidade. Publicou romances, contos, poesias e um livro de polemica com Camillo Castello Branco.

Para o theatro traduziu as duas magnificas comedias: *Princeza Jorge* e *Primeiras proezas de Richelieu.*

1864 — Nasce na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (Brazil) **Augusto de Lacerda.**

É filho do distincto actor auctor Cezar de Lacerda e da apreciada actriz Carolina Falco, **Augusto Carolino Corrêa de Lacerda.**

Vindo muito novo com seus paes para Lisboa, entrou para a Escola Academica. D'ahi sahiu em 1882 para se matricular no Curso Superior de Lettras, ao mesmo tempo que entrava na carreira burocratica, sendo nomeado 3.º official da Camara dos Deputados.

Como jornalista fez a sua estreia em 1882 no *Diario Illustrado,* tendo collaborado até hoje na *Democracia, Dia, Jornal da Noite, Portuguez, Economista, Folha do Povo* e *Revista Theatral.* N'estes dois ultimos publicou muitos artigos de critica dramatica.

Tem publicado diversos volumes: *Religião do amor,* versos; *O Padre,* romance; *As filhas d'Eva,* contos; *A Pança,* contos satyricos; *A Lei da exautoração militar,* poemeto; *Cyrilleida,* verrina em defeza da *Velhice do Padre Eterno,* e *Juizo Final.* Este ultimo é considerado pela critica como o seu melhor livro. É um poema em prosa e verso solto sob a fórma de evangelho.

Augusto Lacerda trabalha actualmente n'um novo poema, continuação do *Juizo Final* e que terá por titulo *Consciencia libertada* e n'um livro de contos, *Myrtos.*

Na abertura da empreza Lucinda Simões, no theatro da Rua dos Condes, em 1895, **Augusto Lacerda** exerceu o cargo de ensaiador por algum tempo com bastante proficiencia.

Como escriptor dramatico não tem decerto **Augusto Lacerda** as faculdades de que dispunha seu pae, que foi um dos mais queridos e festejados dramaturgos da sua epocha; tem todavia dotes apreciaveis e bastante correcção nos seus escriptos. Não domina as difficeis platéas das *premières* de D. Maria, não as empolga, nem as enthusiasma, mas consegue contel-as em respeitoso silencio, o que já não é pouco.

Eis a lista dos seus trabalhos para o theatro: *Flor dos Trigaes,* um gracioso *lever-de-rideau* em verso, a sua primeira peça, que se representou pela primeira vez, no theatro de D. Maria, em janeiro de 1884, na festa artistica de sua mãe. *Aspasia,* drama original em 4 actos, representado em D. Maria, em março de 1885. *Samuel,* drama original em 4 actos, representado no mesmo theatro em dezembro de 1887. *O Vicio,* drama original em 5 actos, representado no Principe Real em fevereiro de 1888. *A Charada,* saynete original representado no Gymnasio em 18c8. N'este mesmo theatro, em 1890, a comedia original em 3 actos *Casados-solteiros.* O trabalho dramatico a que **Augusto Lacerda** tem mais amor é a peça *Judas,* destinada ao theatro de D. Maria, e que concorreu ao premio D. Luiz, da Academia Real das Sciencias, esperando-se a decisão da mesma Academia.

1869 — Estreia-se no theatro da Trindade a actriz **Julia de Castro.**

Era uma pequena, filha da Angelica, uma mulher que prestava serviços diversos no theatro. Entrou com a Estephania e outras creanças, figurando na magica *A gata borralheira.* De figurante passou a corista. De

pequena passou a rapariga fresca e bonitota. E, tendo cada uma d'aquelle bando gaiato que então havia na Trindade seguido o seu destino, a **Julia** não quiz ficar atraz e n'um bello dia ella ahi vae para o Brazil. Isto foi em 1873. Nunca mais se ouvira fallar da **Julia**, da filha da Angelica.

Quando, em 1881, fui pela primeira vez ao Rio de Janeiro, entre o bonito grupo de coristas e discipulas que tinha no theatro Phenix Dramatica o então afamado emprezario Heller, havia uma que dava nas vistas pelas fórmas, olhos e dentes. Perguntei quem era; responderam-me que eu devia conhecer, porque fôra actriz em Lisboa. Indaguei o nome, disseram-me que se chamava **Julia de Castro**. Cada vez menos conhecia.

Apurado o negocio, era a filha da Angelica, que fôra para a Bahia, fizera-se actriz dramatica, percorreu o Norte do Brazil e, chegada ao Rio, entrára como corista para a Phenix, porque queria apparecer e era aquelle o theatro da moda.

Explicaram-me ainda que no Brazil houvera outra actriz com certa nomeada e que se chamava **Julia de Castro**. Esta, como já era **Julia**, fez-se tambem **de Castro**.

Na Phenix tinha ella umas certas preferencias, mas, por motivos que não são para aqui, a protecção esfriou no momento em que eu estava formando companhia e tinha falta de damas.

Desinquietei a **Julia de Castro**, que acceitou o meu convite e contractei-a como actriz.

Eu era, além de emprezario, o ensaiador e por isso lhe devia dar lições, mas parece que mais lhe agradaram as lições particulares do meu tenor, o actor Corrêa, e a elle se ligou, continuando no Brazil, vindo depois para Portugal, onde tem estado n'alguns theatros de Lisboa e Porto, sendo mais conhecida agora pela **Julia do Corrêa**.

Tem sua utilidade no theatro, principalmente quando se precisa de uma nympha ou de uma fada de fórmas opulentas.

1887 — Despede-se do publico, representando pela *ultima vez* no theatro Sant'Anna do Rio de Janeiro, na opeta *A Toutinegra do Templo* o distincto actor brazileiro **Martins**.

Tem 62 annos de edade o festejado actor **Antonio de Sousa Martins**, visto que nasceu em 1836, na villa de Itaguahy.

Dedicavam-n'o os paes a pharmaceutico ou medico e por isso o enviaram para o Rio de Janeiro, a fim de estudar no collegio Victorio e em seguida matricular-se na Escola de Medicina.

Nada d'isto o satisfazia. O seu sonho era o theatro, e por isso um bello dia abandonou a carreira que o pae lhe indicava e, sob a direcção do grande João Caetano, estreiou-se no drama *Pedro Sem*, no theatro S. Pedro d'Alcantara, em abril de 1854.

Contractado depois para uma companhia que funccionava no Gymnasio, alli appareceu no drama *Demonio familiar*, n'um papel que para elle expressamente escreveu José de Alencar.

Passou em 1861 para o antigo theatro de S. Januario, de que se fez emprezario no anno seguinte. Correndo-lhe mal os negocios, como quasi sempre acontecia nas suas emprezas, dissolveu a companhia e foi para S. Paulo, d'onde voltou depois para fazer nova tentativa emprezaria no Eldorado, hoje Phenix, em sociedade com o seu collega De Giovanni.

Tres annos depois seguiu contractado para o Norte e lá se demorou até que Furtado Coelho, que dirigia o Gymnasio, o mandou escripturar, estreiando-se d'essa vez no Rio na comedia de Sardou *A Familia Benoiton*, que obteve um grande successo.

Em 1872 tornou a constituir empreza no theatro do Casino, hoje Sant'Anna, montando diversas peças brazileiras, que lhe não deram resultado.

Forçado a ceder o theatro para uma companhia franceza, tentou debalde encaminhar o publico para o theatro Vaude-

ville, onde apresentou uma revista do anno de Joaquim Serra.

Segundo os dados que estou aproveitando de uma publicação brazileira, em 1876 fez-se de novo emprezario; em 1877 esteve contractado com Furtado Coelho; em 1878 foi dirigir o Alcazar, com o titulo de theatro D. Izabel, onde fez subir á scena o drama *Lei de 28 de setembro*, de Fernando Pinto de Almeida e o *Martins no Inferno*, de Moreira Sampaio.

Condemnado o Alcazar, mudou-se em 1879 para o S. Pedro d'Alcantara, inaugurando ahi a sua epocha com a oratoria *Santa Izabel, Rainha de Portugal*. Ahi representou um drama de Vicente de Sousa.

Em 1880 inaugurou-se o theatro Lucinda e no elenco da nova companhia de Furtado Coelho figurava como uma das primeiras figuras o actor **Martins**.

Foi n'essa companhia que o vi pela primeira vez quando cheguei ao Rio de Janeiro. Era elle inquestionavelmente um dos primeiros artistas brazileiros, principalmente pelos processos realistas que empregava no seu modo de representar. Até o fim da sua carreira vi-o sempre correcto, afastando-se completamente da orgia que ia pelos theatros fluminenses, transformando a arte n'um *maxixe* desenfreado, constante e pervertido.

Em 1883 fez-se **Martins** de novo emprezario e, em prol do theatro nacional, empregou um ultimo esforço, montando as peças nacionaes, *A mãe* de Alencar e *Luxo e vaidade* de Macedo e outras. Então mais que nunca perdeu tempo e dinheiro.

Convencido de que não havia elementos nem publico para um theatro serio, contractou-se na companhia de operetas e revistas de Braga Junior, hoje o Visconde de S. Luiz de Braga, e ahi teve logo um grande exito na revista de Arthur d'Azevedo, *O Mandarim*.

Com essa companhia fez uma longa excursão ao Sul e Norte do Brazil, e, á volta, contractou-se no theatro Sant'Anna, na companhia Heller, representando pela ultima vez, como acima apontei, n'esta data, na opereta *A Toutinegra do Templo*.

Antonio de Sousa Martins é um correcto ensaiador e bastante intelligente. Escreveu diversas scenas-comicas e algumas comedias.

Em abril de 1888 foi nomeado almoxarife da Directoria Geral dos Correios, e deixou de vez a vida de actor.

Em 1896 foi nomeado director do futuro theatro Municipal, creado por uma lei da Intendencia. São passados dois annos e nada ainda se fez! Oxalá se aproveitem ainda com vantagem para a arte brazileira os ultimos annos da vida d'esse sympathico e intelligente homem de theatro, o actor **Martins**.

30

1798 — N'uma excavação a que se procedia em Lisboa na rua de S. Mamede, defronte da torre da Sé, acima da parochial de S. Martinho, appareceram ruinas de um **theatro romano**, dedicado a Nero e fundado por Caio Heio Primo, segundo a inscripção da frente do proscenio.

O terremoto que fez sumir debaixo da terra este theatro póde ter sido, e é mais provavel que o fosse, o do anno 382 de Christo, no tempo do Imperador Valente. A não ser este, o do anno de Christo 446 no Imperio de Theodosio II. Ambos estes foram geraes e destruiram cidades inteiras. Verdade seja que, em 1356 houve um terremoto que destruiu a capella mór da Sé, d'onde o theatro ficava perto.

O erudito professor Luiz Antonio de Azevedo publicou, 17 annos depois, isto é, em 1815, uma obra, dedicada ao Marquez de Bellas, sobre tal descoberta.

A obra, de que possuo um exemplar, e que foi publicada com licença da Mesa do Dezembargo do Paço, na imprensa da Viuva Neves e Filhos, tem o seguinte titulo: *Dissertação critico-filologico-historica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendiveis circumstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castello desta Cidade, com a intelligencia da sua Inscripção em honra de Nero, e noticia instructiva d'outras Memorias alli mesmo achadas, e atégora apparecidas.*

1824 — Nasce **AUGUSTINE BROHAN.**

Entrou para a Comédie-Française em 1841.

Era um talento de primeira ordem e uma actriz verdadeiramente notavel. Estreiou-se no *Tartufo* e fez em seguida as *Folies Amoureuses.* Os seus maiores triumphos foram no repertorio classico.

Era uma mulher de espirito e bastante illustrada.

A sua carreira durou apenas 27 annos, pois abandonou a scena para casar com o Barão Edmundo de Gheest, secretario da legação belga em Paris e magnifico esculptor.

Brohan morreu d'uma paralysia.

1875—Representa-se pela primeira vez, no theatro de D. Maria, o drama em 5 actos, original de Joaquim da Costa Cascaes, **Caridade.**

Vejá-se a data de 29 de outubro.

1890—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria, o drama original de Henrique Lopes de Mendonça, **A Morta.** Mais uma peça a que deu assumpto a tragica morte de D. Ignez de Castro.

Sobre o seu auctor fallei na data do seu nascimento, em 12 de fevereiro.

1890 —Morre o grande escriptor francez **Octave Feuillet,** de quem tratei na data do seu nascimento em 11 d'agosto.

31

1860—Estreia-se no theatro de D. Maria a companhia franceza do actor **Levassor.**

Ao lado de Alcide Tousez, filho da notavel actriz Tousez, da Comedie Française, e que era um comico de primeira ordem, brilhava egualmente no Palais Royal o illustre **Levassor,** que, com Achard, introduziu nos intervallos dos espectaculos, tornando-se moda, a cançoneta comica e a scena comica, de que tirava o maior partido.

Entre outras, ficaram memoraveis, desempenhadas por **Levassor,** as seguintes cançonetas: *Titi à la représentation de Robert le Diable, Le Postillon de Mam'Ablou, Le Marchand d'images, Le Père Trinquefort* e *Titi á la correctionelle.*

Levassor dizia coisas espantosas com um sangue frio e uma ingenuidade, que fazia rebentar a rir o mais sisudo.

Este notavel artista comico deu com a sua companhia 10 recitas no theatro de D. Maria, sendo a ultima a 16 de janeiro de 1861.

1870 — Inaugura-se o **Theatro Taborda.**

A **Sociedade Taborda** foi fundada em 16 de janeiro de 1870 por Jesuino Francisco Chaves, Augusto Freire, Gaspar Moreira, Francisco Homem, Augusto Cezar Vieira da Silva, Eduardo Coral e outros.

Entraram mais tarde para a mesma sociedade, tomando n'ella parte digna de menção: Eduardo Antonio da Costa, Julio Xavier, Portulez e outros.

Em seguida á fundação da sociedade, prestou-se João Augusto Vieira da Silva a mandar edificar o theatro, a que se deu o titulo da mesma sociedade.

Depois das obras começadas, no local da Costa do Castello, prestou-se obsequiosamente a dirigir a construcção e decoração do theatro o architecto Domingos Parente da Silva.

O espectaculo da inauguração foi o seguinte: *Hymno da Sociedade,* offerecido pelo

professor Augusto José de Carvalho; *A Sociedade aos seus convidados,* poesia de José Ignacio de Araujo, recitada por Jesuino Chaves; *O Mundo e o claustro,* drama em 3 actos, original de Thomaz Lino da Assumpção, desempenhado por Jesuino Chaves, Portulez, Gaspar, Fernando Lima, Verissimo Borges, Julio Xavier, Francisco Homem, G. Santos, Libanio Ferreira, Antonio Silva, Maria do Carmo e Augusta; a comedia *A Grammatica,* desempenhada por Portulez, Chaves, Gaspar, Verissimo e Augusta; e a comedia *O Morgado,* desempenhada por Chaves, Hygino Paulino, Fernando Lima, Portulez, Gaspar e Maria do Carmo.

O espectaculo foi ensaiado por João Gonçalves Portulez.

APPENDICE

Informações obtidas
depois de impressas as datas a que se referem

JANEIRO

2

1882 — Estreia-se no theatro do Principe Imperial, no Rio de Janeiro, na peça phantastica *O Espelho da Verdade,* o actor **Manuel Pinto de Sousa.**

Foi na minha primeira empreza do Brazil. Além de lhe encontrar merecimento, estimava-o pela sua dedicação e irreprehensivel comportamento.

Na minha companhia esteve até que voltei a Portugal e elle então se contractou na companhia Dias Braga. Fazia alli os principaes comicos. Começou então a ser conhecido pelo **Pinto do Recreio.**

3

1823 — Nasce no Rio de Janeiro **João José de Moraes Tavares.**

Antigo empregado da contadoria de marinha.

Traduziu as seguintes comedias: *O rapto da condessa,* de Maurice Podestat, *A estalagem da vida,* de Alphonse Karr, *O bello marechal,* de Adam, *O modo de pensar de Beaucornet,* de Siraudin, *A mania dos folhetins,* de J. Moinaux, *Os mysterios de um collete,* de Brisebarre e *O egoista,* de Octave Feuillet.

4

1810 — Nasce no Rio Grande do Sul (Brazil) a notavel actriz **ESTELLA SEZEFREDA.**

Em companhia de parentes foi aos 12 annos para o Rio de Janeiro. Pouco depois entrou para o corpo de baile do theatro de S. Pedro d'Alcantara; agradou mais pela graça e gentileza, do que pelo seu valor na arte de Therpsichore. Em 1830 sahiu da corporação de baile.

Foi o grande actor João Caetano dos Santos, depois seu marido, quem a chamou para a scena dramatica.

Estreiou-se no theatro de Vallongo, no drama *Camilla ou o subterraneo,* em 1833.

A companhia seguiu depois para Mangaritiba e em tal miseria, que até tiveram de fazer a viajem a pé.

Quando voltaram á capital, foi João Caetano dirigir uma empreza no S. Pedro d'Alcantara.

Joaquim Manuel de Macedo escreveu o seguinte a proposito da distincta actriz:

«**Estella** não era genio, que adivinhasse «a arte e bem que graciosa, e de corpo gen«til, não tinha o condão precioso da ex«pressão brilhante dos olhos nos lances «das paixões e no fervor dos sentimentos: «devia contrarial-a muito esta condição «physica desfavoravel. Tambem se resen«tia da falta de escola, porque não poderia «achar onde, nem com quem aprender; em «compensação, porém, ella possuia intelli«gencia notavel que aos poucos foi desen«volvendo com estudo desvelado da arte «dramatica, e com a leitura de poetas e «dramaturgos portuguezes, e dos melhores «escriptores francezes, nos quaes podia be«ber lições e conselhos para a pratica da «scena theatral.»

Quando Magalhães e Porto Alegre trabalharam, á volta da Europa, para a reforma do theatro no Brazil, fazendo alli entrar a escola romantica, então muito em voga na Europa, aproveitaram o genio de João Caetano e a intelligencia de **Estella Sezefreda**.

Começou a epocha do florescimento e do esplendor da grande actriz.

Creou ella então os papeis de *Catharina Howard*, de *Margarida* na *Torre de Nesle*, de *Desdemona* no *Othello*, de *Marianna* no *Antonio José*, de *Clotilde*, no drama d'este nome, da mãe na *Graça de Deus* e outros importantes papeis em mais de cincoenta peças.

Segundo ainda a valiosa opinião de Joaquim Manuel de Macedo, João Caetano dos Santos foi pelo seu prodigioso talento superior a **Estella Sezefreda**, mas esta foi mais artista e mais conhecedora dos preceitos da arte do que elle.

Contava-se que, pelo menos nos primeiros annos, **Estella** costumava fazer a primeira leitura a seu marido dos papeis que este se propunha desempenhar e que, com a mais apurada delicadeza feminina, com geitoso disfarce n'esse lêr de artista, insinuava as inflexões e expressões de sentimentos ao esposo que poderia ferir-se no seu orgulho de genio dramatico.

Em 1851 **Estella Sezefreda** obteve enorme triumpho no drama *Mysterios de Paris.*

Macedo diz d'ella n'esta peça:

«Não era papel da protogonista do dra«ma, era apenas parte secundaria de uma «unica scena ou quadro. Mas **Estella Seze«freda** fez da velha idiota a maravilha ar«tistica que impediu a merecida queda do «drama. Seu rosto exprimiu estupenda«mente o idiotismo; a dôr e os sentimen«tos fallavam com inexcedivel eloquencia «nas contracções dos musculos da face, e «a palavra, grito da fome, e as vozes in«articuladas que lhe rompiam da garganta, «penetravam em todos os corações. O thea«tro retumbava de applausos.»

Quando, em 1863, falleceu João Caetano, **Estella** retirou-se da scena.

Viveu ainda 11 annos de vida obscura ao lado de suas filhas, até que falleceu, na cidade de Nictheroy, a 13 de março de 1874.

Na opinião de Macedo, competentissimo no assumpto, o theatro dramatico do Brazil ainda não teve actriz que egualasse **Estella Sezefreda dos Santos.**

1837—Nasce em S. João da Barra (Brazil) **Casimiro de Abreu.**

Dedicado por seu pae ao commercio, **Casimiro José Marques de Abreu**, poeta de coração e por indole, vivia contrariadissimo, a ponto de adoecer e ter de vir passar algum tempo a Portugal; não melhorando, regressou á sua patria e alli morreu a 18 de outubro de 1860, tendo apenas 23 annos de edade.

Entre outras muitas obras poeticas, deixou a scena dramatica *Camões e o Jau*, que se representou com muito agrado no theatro de D. Fernando, de Lisboa, e depois em outros theatros de Portugal e Brazil.

São d'este poeta os versos que tanto se popularisaram em Portugal e Brazil:

«Minha terra tem palmeiras,
«Onde canta o sabiá.
....

1884 — Morre em Lisboa o erudito escriptor **Antonio da Silva Tullio.**

Era um litterato de primeira plana, um alto conhecedor do seu idioma e um abalisado investigador.

O seu logar n'este livro foi indicado por ter sido um excellente critico de theatro.

Silva Tullio foi tambem membro do Conservatorio Dramatico, estando a seu cargo o juizo e o parecer das peças que alli eram apresentadas, e no desempenho d'esta missão foi de uma honestidade pouco vulgar.

Todos os seus valiosissimos trabalhos litterarios estão dispersos pelos mais importantes jornaes da sua epocha e que podem ser consultados: *Revista Universal Lisbonense, Archivo Pittoresco, Epocha, Revolução de Setembro, Restauração, Carta, Tempo, Regeneração, Paiz, Civilisação, Jornal de Bellas Artes, Portugal Artistico, Revista Peninsular, Revista Contemporanea*, etc.

Em separado só publicou dois pamphletos critico-theatraes: *As trevas em S. Carlos* (1850) e *Rilhafolles em S. Carlos* (1854).

Ao morrer tinha entre mãos dois trabalhos valiosissimos: *Historia litteraria do jornalismo em Portugal* e *Memoria sobre a vida e escriptos do Padre Antonio Vieira.*

5

1842 — Nasce na Bahia **Francisco Antonio Filgueiras Sobrinho.**

Formou-se em leis pela faculdade de Pernambuco.

Publicou dois volumes de poesias, uma dissertação, um discurso e um volume em que fez a biographia do actor Furtado Coelho e varias considerações sobre o theatro e a arte dramatica no Brazil.

Deixou as seguintes peças: *Ouro é o que ouro vale*, proverbio; *Legenda de um pária*, drama; *Amor com amor se paga*, proverbio; *Penelope brazileira*, comedia, e *Escola dos paes*, comedia.

Falleceu em Paris, na casa de saude *Maison des Bois*, a 17 d'abril de 1878.

6

1861 — Nasce **Portugal da Silva.**

É principalmente jornalista **João Eduardo Portugal da Silva**, um rapaz cheio de talento, ao qual uma excessiva modestia, alliada a um feitio excentrico e propenso ao isolamento, tem impedido de occupar posição proeminente, a que de certo tinha direito.

Como jornalista, por mais que o tenham tentado deprimir, os proprios inimigos são constrangidos a reconhecer-lhe o valor.

As suas *Chronicas momentaneas*, publicadas no *Diario Illustrado* e no *Correio da Manhã*, deram-lhe grandes desgostos, devidos ao meio acanhado e mesquinho em que vivemos, mas deram-lhe tambem honrosas apreciações.

Abonam egualmente o seu superior talento de jornalista as *Notas & Impressões* da *Nação* e a bella secção *De relance...* da *Tarde.*

Além dos seus trabalhos n'estes jornaes, **Portugal da Silva** tem sido redactor do *Diario do Commercio, Caloiro, Correio de Noticias, Noticias da Noite, Democracia Portugueza* e *Folha do Povo.*

Trabalhador infatigavel, escrevendo com a maxima facilidade sobre variadissimos assumptos, chegou a collaborar conjunctamente na *Folha do Povo, Correio da Manhã, Tarde, Diario Illustado, Diario de Noticias* e *Diario Popular*. Por isso tem sido dos raros que n'esta terra conseguem viver do jornalismo, e, se as condicções da nossa imprensa fossem outras, além de ser muito mais apreciado, poderia viver largamente.

A critica theatral tem sido uma das suas paixões e com bastante competencia. Se por vezes as suas opiniões não são muito exactas, é que se deixa dominar muito pelo coração, pois é extremamente bondoso. Verdade, verdade, tambem em raras occasiões tira a sua desforra um pouco fóra de proposito. Se é assim a natureza humana!

Para o theatro traduziu o drama em 5 actos *Os Exploradores de Oiro*, que subiu á scena com muito agrado no theatro do Principe Real; uma poesia por occasião

do incendio do theatro Baquet, que foi recitada pelo actor Pedro Cabral no theatro da Avenida, muitos *couplets* para a peça de Jacobetty *O theatro por dentro*, e um drama original em um acto, com o titulo *Sacrificio*, que obteve geral approvação da commissão de leitura da ultima empreza dramatica do theatro da Trindade e que n'essa epocha devia ter sido representado. Chegou a ter os papeis distribuidos, mas difficuldades de repertorio impediram a sua representação. É uma peça de bastante valor, que as nossas platéas em breve hão de apreciar.

Portugal da Silva tem sido secretario de diversas emprezas theatraes.

É um bello caracter, um dedicado, que do coração ama o theatro e lhe deseja todas as prosperidades. É um dos bons, mencionados n'este livro.

1868 — Nasce **Ernesto da Silva.**

É distincto artista typographico da Imprensa Nacional **Antonio Ernesto da Silva**, que todas as suas horas vagas applica á propaganda socialista, partido em que se alistou, e ao estudo da litteratura, que o fascina. São os trabalhos dramaticos aquelles a que mais se entrega e já por duas vezes viu coroados os seus esforços, na representação dos seus dois dramas, *O Capital* e *Os que trabalham*. Ambos subiram á scena com bastantes applausos no Principe Real.

Escreveu um outro drama *A victima*, que foi interdicto pelo fiscal do governo junto ao theatro de D. Maria.

8

1865 — Nasce em Itú (S. Paulo), Brazil, **Francisco de Assis Pacheco.**

É formado em direito, mas é a musica a sua occupação predilecta.

A sua primeira obra no genero foi a *Moema*, poema e musica, que se cantou no theatro S. José, de S. Paulo, em 1889.

Foi depois para o Rio de Janeiro, onde tem composto com muito agrado musicas para diversas revistas, magicas e operetas. É tambem regente de orchestra.

10

1867 — Publica o *Diario do Governo* a portaria de 5 d'este mez, regulando a maneira de se realisarem no theatro de D. Maria as provas publicas dos alumnos da **Escola Dramatica** do Conservatorio de Lisboa.

13

1842 — Nasce no Ceará **João Franklin da Silveira Tavora.**

Formado em direito pela faculdade de Pernambuco, occupou importantes cargos politicos até á sua morte, em 18 de agosto de 1888, no Rio de Janeiro.

Escreveu diversas obras historicas e romanticas e os dramas: *Tres lagrimas*, representado com muito applauso no thestro Santa Izabel de Pernambuco, *Um mysterio de familia*, representado no mesmo theatro pela companhia do actor Coimbra, e *Antonio*, que representou a companhia de Furtado Coelho.

1849 — Nasce em Lisboa **Henrique Chaves.**

Aqui era tachygrapho e collaborador do *Diario de Noticias*, tendo estudado o curso superior de lettras.

Foi para o Rio de Janeiro em 1868. Alli continuou exercendo a tachygraphia e pertencendo á imprensa com muita distincção.

Com Raphael Bordallo Pinheiro foi collaborador effectivo do *Mosquito* e redactor principal do *Bezouro*.

Foi tambem redactor do *Diario de Noticias* e é-o desde a fundação da *Gazeta de Noticias*, onde é estimadissimo.

Para o theatro escreveu em Lisboa, em 1867, uma comedia com o titulo *Sou o que...*

não sou, que se representou no velho theatro da Rua dos Condes, na empreza de José Romano e Villar Coelho.

Para o theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro, traduziu com bello exito as seguintes peças: *Denise, La Glu, Francillon* e *Le Fils de Coralie.*

Henrique Chaves gosa no Rio de Janeiro das maiores sympathias pela sua extrema jovialidade e excellente caracter. É um jornalista habilissmo, um homem honesto e amigo do seu amigo.

No advento da Republica, quando a febre da jogatina invadiu o Rio de Janeiro, elle não se eximiu, como todos, ao jogo de bolsa e incorporação de companhias. A differença é que, por ser honesto, ficou sem fortuna, emquanto que outros, que se serviram do seu dinheiro, ficaram riquissimos. A differença é que elle anda por toda a parte de cabeça erguida.

15

1810 — Nasce na villa d'Avô, concelho de Oliveira do Hospital, o **Dr. Antonio Joaquim da Silva Abranches.**

É esta a verdadeira data do seu nascimento e não a que, por informação inexacta do *Diccionario Bibliographico*, citei a 24 de janeiro.

Foi vogal do Conselho Dramatico, membro do Conservatorio Real de Lisboa e commissario regio no theatro de D. Maria.

Já na data acima mencionada fallei do seu drama *O Captivo de Fez*, que teve grande exito em 1841 no theatro da Rua dos Condes. O parecer da commissão que votou o premio a esta peça póde ler-se nas *Memorias do Conservatorio* ou no *Diario do Governo* n.º 74 de 1841. N'esta mesma data o drama foi impresso. Teve uma reimpressão no Rio de Janeiro.

A sua farça *Barão de Gallegos* foi prohibida á terceira representação.

O **Dr. Silva Abranches** era tio dos escriptores dramaticos Aristides Abranches e José Abranches.

1826—Representa-se pela primeira vez, no theatro do Salitre, a comedia magica, original de Luiz José Baiardo, **O Moiro de Ormuz.**

A distribuição da peça era a seguinte: *Azem* — João Evangelista da Costa; *Genio do Bem* — Antonio Borges Garrido; *Alimur* — José Joaquim Arsejas; *Kaliba* — Joaquim José de Barros; *1.º Derviche* — João Evangelista; *Oreb* — Miguel João Vidal; *Safim* — Theodorico Baptista da Cruz; *Jacomo* — Sebastião José Ambrozini; *Barbuk* — Ignacio Caetano dos Reis; *Zelim* — Antonio José Pedro; *Elamira* — Ludovina Soares; *Brites* — Josepha Guilhermina de Mesquita; *Salléma* — Florinda Benevenuto de Toledo; *Zadige* — Gertrudes Angelica.

Foi ensaiador o actor João Evangelista da Costa. Scenographo e machinista foi Eugenio Joaquim Alves.

Sem que a peça tenha importancia ou valor litterario, apresento esta nota a fim de que se conheça o pessoal artistico d'aquella epocha no velho theatro do Salitre.

16

1859 — Nasce no Rio de Janeiro o **Dr. Valentim Magalhães.**

Tem o curso de direito pela faculdade de S. Paulo, é lente de economia politica e presidente da companhia de seguros *A Educadora.*

É um jornalista distinctissimo, um famoso poeta e um elegante prosador.

Valentim de Magalhães já esteve em Lisboa, onde foi justamente avaliado e onde recebeu as provas de consideração de que é digno.

Collaborando em grande numero de jornaes e publicando livros interessantes e de muito valor, tem ainda tido horas vagas para applicar ao theatro, onde tem sido bastante festejado n'algumas revistas do anno, entre ellas *A mulher-homem* em collaboração com Filinto d'Ameida, com o qual tambem traduziu as peças de Echegaray; *O Gran Galeoto* e *No seio da Morte.* Tem, entre outras peças originaes, as comedias: *Os Doutores* e *Casamento nullo.*

18

1803 — Morre a notavel actriz franceza

MADEMOISELLE CLAIRON, que nascera em Flandres, em 1723.

Clara Josepha Hypolita Legris de Latude, conhecida por **Mademoiselle Clairon,** tinha apenas treze annos quando começou a representar com successo os papeis de *soubrette* no theatro Italiano. Appareceu em seguida nos theatros de Rouen, Lille e outras terras da provincia.

A 19 de setembro de 1743 estreiou-se no Theatro Francez, no papel de *Phédra* e immediatamente tomou logar entre as mais illustres tragicas.

Era de rara belleza. Sem que a sua estatura fosse elevada, parecia crescer quando desempenhava papeis de heroinas. Tudo deveu á sua arte e ao estudo.

A sua escóla era declamatoria; mas a sua intelligencia e talento faziam esquecer o que havia de artificial na sua maneira de representar.

Por uma arbitrariedade commettida para com ella, pois que foi presa por se recusar, como outros seus collegas, a representar com um actor, que commettera uma acção indigna, abandonou o theatro em abril de 1765. Tinha apenas 42 annos; estava no vigor da vida e no esplendor da gloria; poderia ter ainda prestado grandes serviços ao theatro, pois que viveu 80 annos.

Teve muitas fraquezas amorosas, mas foi tambem muito calumniada. Sobre tal assumpto foi publicado o livro *Historia de Frétillon*, que é um verdadeiro libello accusatorio.

Em 1799 **Mademoiselle Clairon** publicou as suas *Memorias*, que valem mais, do que pelas anedoctas, pelas reflexões judiciosas sobre a arte dramatica e pela analyse dos principaes papeis que ella representou. Ha uma nova edição de 1822.

20

1898 — Estreia-se no Real Colyseu de Lisboa, na revista *As farroncas do Zé* o actor **Eduardo Salvador.**

Fez n'essa peça os papeis de: *1.º ministro, 2.º da commissão, 1.º mendigo, 2.º velho e O Camacho.*

Tinha 22 annos de edade quando se estreiou.

21

1699 — Nasce em Lisboa **Alexandre Antonio de Lima.**

Foi quem succedeu ao Judeu (Antonio José), fazendo as peças para o theatro do Bairro Alto.

É sua a opera *Novos encantos d'amor* e é provavel que suas sejam as que sem nome de auctor estão publicadas na collecção *Theatro Comico.*

Não se conhece a data do seu fallecimento, mas sabe-se que vivia ainda em 1759.

1842 — Nasce **Alfredo de Mello.**

Era intelligente, instruido e de fina educação.

Tinha grande enthusiasmo pelo theatro, o que o fez por muitas vezes representar como amador, no que era distinctissimo. Dizia com a maxima correcção.

Pelo seu amor ao estudo e á arte dramatica, seguiu o curso de declamação do Conservatorio, sem nunca pensar em ser actor.

Tendo obtido distincção nos exames de todas as disciplinas, em 1864 foi nomeado professor de declamação, e mais tarde de francez e italiano.

Imitou e traduziu diversas peças, que se representaram nos theatros do Gymnasio, Trindade e Rua dos Condes.

Na epocha de 1870 a 1871 foi ensaiador do theatro do Gymnasio, exercendo esse cargo com muita distincção.

Entrou como socio da empreza e tambem ensaiador em 1872, mas sahiu pouco depois por divergencias com os collegas.

Casou com a actriz Maria da Luz Velloso e pouco feliz foi com esse casamento, tendo de separar-se pouco depois. Elle queixava-se amargamente da esposa, e ella, por seu lado, tanto o odiava que, no dia em que recebeu a noticia de estar viuva, vestiu-se de vermelho e assim andou passeiando pelas ruas do Porto, o que lhe valeu grandes censuras.

Alfredo de Mello morreu a 3 de outubro de 1875.

22

1851 — Nasce em Lisboa o distincto escriptor **Urbano de Castro.**

Official da Direcção central do Ministerio da Justiça e antigo deputado ás Côrtes, **Arthur Urbano Monteiro de Castro** é um jornalista notavel e um escriptor primoroso.

Dedicado de alma, vida e coração ao seu partido, é um luctador incansavel. Caracter lealissimo, é modelo na amizade e na dedicação.

A sua penna é brilhantissima, em prosa ou verso, no sarcasmo ou na verrina. Escreve de luva branca, mas, quando é preciso, descalça-a para tomar o arrocho, e então, ai! do adversario!

Tendo tido sempre logar brilhante na imprensa, é actualmente proprietario e director do jornal *A Tarde.*

É um dedicado ao theatro. As suas criticas, que hoje raras vezes apparecem, são primorosissimas.

Para o theatro tem escripto: *O Mysterio da rua da Prata,* comedia em 2 actos, imitada de Halevy, que se representou com muito agrado no Gymnasio; *O camarim da actriz,* comedia original em um acto, tambem representada no Gymnasio, tendo tido varias *reprises; Lisboa por um oculo,* revista do anno de 1882, em que tomaram parte Antonio Pedro e Montedonio e que teve uma longa serie de representações; *Na aldeia,* comedia original em um acto, que está publicada. Collaborando com Gervasio Lobato, traduziu o verso das operetas: *Mam'zelle Nitouche, Lili* e *Rei de Ouros.*

1873 — Nasce em Alegrete, Rio Grande do Sul, Brazil, **Julieta dos Santos.**

Tinha seis annos quando pela primeira vez representou no theatro de Santa Catharina, fazendo o *Delphim* da *Maria Antonieta.*

Percorrendo diversas provincias, chegou a S. Paulo. Ahi, tendo dez annos de edade, na noite do beneficio de Eduardo Brazão, recitou por tal fórma uma poesia, que a Paladini lhe disse:

— Saúdo em ti, no futuro, a primeira artista dramatica do Brazil!

Brazão chamava-lhe a sua illustre collega.

Julieta dos Santos obteve grandes triumphos em S. Paulo e Minas e seguiu para o Rio de Janeiro, onde tambem muito agradou.

A creança era realmente um encanto e appellidavam-n'a de Gemma Cuniberti brazileira.

Foi crescendo e parecendo peior até que desappareceu! Acontece isto quasi sempre com os *meninos prodigios.*

24

1795 — Apezar de ser prohibido n'esta epocha representarem mulheres nos theatros de Lisboa, foi permittido cantar n'esta noite, no theatro de S. Carlos, **Joaquina Maria da Conceição Lapinha,** illustre cantora brazileira, que possuia uma excellente voz e grande agilidade no canto. Foi festejadissima.

25

1834—Nasce na Bahia **Agrario de Sousa Menezes.**

Era formado em direito pela faculdade de Pernambuco. Exercia a advocacia na terra da sua naturalidade e dedicava todas as suas horas vagas ao cultivo da litteratura, especialmente a dramatica.

Foi fundador e presidente do Conservatorio dramatico da Bahia.

Escreveu as seguintes peças: *Calabar*, drama em 5 actos, em verso, o unico premiado n'um concurso aberto no Conservatorio do Rio de Janeiro; *Mathilde,* drama em 5 actos, em verso; *Os Miseraveis,* drama em 5 actos; *Bartholomeu de Gusmão,* drama historico em 3 actos; *Os contribuintes,* comedia; *O dia da independencia,* drama; *S. Thomé,* drama; e as comedias *Uma festa no Bomfim, O boccado não é para quem o faz, A questão do Peru, O primeiro amor, O voto livre, O principe* e *O retrato do rei.* Quasi todas estas peças foram representadas e muito applaudidas no theatro de S. João da Bahia.

Sendo elle director d'este theatro e estando a assistir a uma recita da companhia lyrica, na noite de 23 de agosto de 1863, n'um camarote com sua esposa, applaudia enthusiasmado uma cantora, quando cahiu fulminado por uma apoplexia e alli morreu.

26

1865—Nasce no Porto a actriz **Encarnação Reis.**

Casou no Porto com o actor Caetano Reis e vindo para Lisboa, em 1887, estreiou-se no theatro da Alegria, onde então era emprezario Francisco Jacobetty, e alli agradou.

Em 1888 foi escripturada para a Rua dos Condes, entrando no *Casamento da Nitouche, Tim tim por tim tim* e n'outras peças, sem se salientar.

Em 1890 foi para o Porto, d'onde voltou em 1891 novamente para a Rua dos Condes.

Foi com a minha companhia ao Brazil em 1892 e lá agradou.

Regressando em 1893 ainda voltou para a Rua dos Condes e depois para o Porto, tendo já ido por mais duas epochas ao Brazil.

Esteve ultimamente na sociedade artistica que explorou por alguns mezes o Real Colyseu de Lisboa, e volta agora para o Porto, contractada para o theatro Carlos Alberto.

28

1835—Nasce em Lisboa **Francisco da Fonseca Benevides.**

Lente do Instituto Industrial de Lisboa e da Escola Naval, tem a graduação de capitão-tenente da armada, é commendador de Christo, cavalleiro de S. Thiago e socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Representou officialmente o governo na exposição internacional do Porto em 1865 e na universal de Paris em 1867.

Tem publicadas diversas obras scientificas e historicas de bastante valor.

Fonseca Benevides é actualmente talvez o nosso mais antigo e assiduo *dilettanti* do theatro de S. Carlos, onde ha muitos annos se vê sempre na friza n.º 23.

Publicou em 1883 um interessantissimo livro com o titulo *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa desde a sua fundação em 1793 até á actualidade.*

É alli narrada minuciosamente a historia da edificação do nosso theatro lyrico e a sua historia artistica, mencionados os nomes dos emprezarios, elencos das companhias, relação das operas representadas, companhias de baile e de declamação, recitas extraordinarias e outros acontecimentos que se têem dado no theatro de S. Carlos.

A edição do livro é luxuosissima, feita nas antigas officinas de Castro e Irmão, com illustrações sobre pedra e madeira, desenhos e gravuras de Alberto, Almeida, Cazellas, Macedo, Nunes, Pedroso, Raphael Bordallo Pinheiro e Severini; aguarellas de Raphael Bordallo Pinheiro e chromos de Justino Guedes.

29

1833 — Nasce a actriz **Francisca Queiroz.**

Começou no velho Salitre, passou para a Rua dos Condes, casando ahi com o actor Queiroz. Com elle passou para o theatro D. Fernando, Variedades e voltou á Rua dos Condes.

Morreu em 1866. Era actriz de boa vontade, mas pouco valor.

1836 — Nasce em Itaguahy (Brazil) o distincto actor **Martins**, de quem já fallei a 29 de dezembro.

1864 — Nasce **Dupont de Sousa.**

Seguindo de pequeno a vida commercial, desde os 14 annos applicava as horas vagas a representar em sociedades de amadores, tendo pertencido ás sociedades Taborda e Garrett.

Por vezes, em beneficios de caridade, com essas sociedades representou em publico.

Entrou como actor para o theatro Avenida, a convite de Salvador Marques.

Apezar de intelligente, não poderá ir muito longe, pelo defeito de pronuncia que tem.

Como auctor popular tem merecimento, e, nos theatros em que as platéas não são exigentes, algumas das suas peças têem feito carreira, assim por exemplo as revistas *Abre bem os teus olhos!* e *Roda viva* e as peças populares *20 mulheres do rei*, *Marinheiros de Bambocha* e outras.

30

1834 — Nasce no Rio de Janeiro **Antonio Achilles de Miranda Varejão.**

Formou-se em direito em S. Paulo, foi empregado superior do ministerio da justiça e advogado.

Foi redactor-chefe do *Diario Official* do Brazil e collaborou em diversos jornaes.

Entre outras peças theatraes, escreveu as seguintes: *A Epocha*, comedia em 5 actos; *A resignação*, drama em 3 actos; *O captiveiro moral*, drama em 5 actos; *Trevas e luz*, drama em 4 actos; *Os excentricos*, comedia em 4 actos; *An'ath*, drama em 3 actos; *A vida intima*, drama em 3 actos; e *A louca*, opera em 4 actos.

Quasi todas estas peças foram muito festejadas nos theatros do Rio de Janeiro.

1860 — Nasce o actor **Luiz Fialho.**

É sobrinho da fallecida e infeliz artista Luiza Leopoldina Fialho.

Estreiou-se em pequeninos papeis n'uma revista minha representada em 1881 no theatro do Principe Real.

Foi mais tarde escripturado para o Porto na inauguração do theatro Vasco da Gama, na Foz, na companhia dirigida por Jacobetty.

Em 1884 percorreu a provincia e algumas terras de Hespanha na companhia de José Rodrigues Chaves.

Tendo abandonado o theatro por algum tempo, a elle voltou em 1890, escripturando-se por diversas epochas nos theatros da Alegria, Rato, Gymnasio, Rua dos Condes e Avenida, onde está ainda hoje contractado.

É actor mediocre, mas que tem sido utilisado n'algumas peças, principalmente nas revistas: *F. F. e R. R.*, *Zigue-Zagues*, *Jiga-Joga*, *Cega-rega*, *Mulher do diabo*, *Poeta em Pancas*, *Trocas Baldrocas*, *Roda viva*, *Sonho de ventura* e *Carapuça.*

31

1862 — Nasce em Paris **Mademoiselle Brandès.**

Discipula de Worms, **Martha Josephina Brandès** obteve o primeiro premio de comedia no Conservatorio em 1883.

Estreiou-se no theatro do Vaudeville, na *Diana de Lys*, a 14 de janeiro de 1884.

Creou alli o *15.º de hussards*, a *Georgeta*, *Gerfaut* e *Renata.*

Contractada para a Comedia Franceza, estreiou-se alli na *Francillon* a 26 de setembro de 1887. Fez ainda a *Princeza Jorge* e o *Henrique III e a sua côrte.*

Deixou a Comedia Franceza em 1890 para voltar ao Vaudeville, onde fez a *Liliane* e a *Revoltosa*.

Reentrou na casa de Molière em 1893 e alli representou já na *Rainha Joanna, Cabotins, Amour brode* e *Ruy Blas*.

1877 — Estreia-se no theatro da Trindade, na comedia *Fortuna e Felicia,* a actriz **Adelina (grande)**.

Era assim conhecida pelo seu enorme formato. O peior é que o talento estava na razão inversa do corpo.

Tinha sido figurante na Trindade; quizeram fazel-a actriz, dando-lhe, além do papel na comedia *Fortuna e Felicia,* outro na opera burlesca *Os Bandidos*. Nada fez. Esteve depois por muitos annos no theatro do Principe Real, não conseguindo agradar em um unico papel.

Não morreu velha, nem deixou lacuna alguma no theatro.

FEVEREIRO

2

1807—Nasce no Rio de Janeiro o muito distincto escriptor e muito considerado professor **Antonio José de Araujo**.

Fez o curso de mathematica e entrou para lente da academia militar.

Chegou mais tarde, pelo seu alto valor e pela ordem que lhe competia, a alcançar mui honrosamente o posto de coronel do corpo de engenheiros.

Entre outros muitos trabalhos litterarios, fez para o theatro os seguintes:

Thelaira ou os hespanhoes no novo mundo, tragedia em 5 actos; *Entrada das tropas constitucionaes no Porto*, drama historico; *Elevação de D. Pedro II ao throno de Portugal*, drama; *A boa mulher*, drama.

Tambem traduziu muito primorosamente as seguintes peças: *Luiz XI*, de Casimiro Lavigne; *Cinna*, de Corneille; *O Alchimista*, de Alexandre Dumas, e *Hamlet*, de Ducis.

Antonio José de Araujo morreu em 16 de abril de 1869.

1847—Nasce em Lisboa **Augusto Alexandrino do Carmo**.

Era o conhecidissimo **Carmo**, livreiro da rua do Ouro.

Frequentára a Escola Polytechnica e fôra depois tentar fortuna ao Pará, onde arruinou a saude.

Á volta estabeleceu-se com livraria na rua do Ouro e era ahi um dos pontos da reunião litteraria da epocha, discutindo-se tambem o seu boccado de politica.

Já n'outro logar alludi aos frequentadores da livraria do **Carmo**.

O theatro era alli mais do que discutido. Alli eram julgadas as novas producções dramaticas, alli se aquilatava o valor dos artistas e alli se avaliava o andamento das emprezas. Verdade, verdade, tudo isto era feito com muito maior escrupulo, mais consciencia e menos perfidia, do que hoje se empregam no Martinho, no Suisso ou na Monaco.

Era talvez por isso que as opiniões da livraria do **Carmo** tinham cotação no publico e eram brilhantemente sustentadas na imprensa por Pinheiro Chagas, Gervasio Lobato, Guilherme d'Azevedo, Luciano Cordeiro e outros jornalistas distinctos que frequentavam a livraria, n'aquella epocha de mais sinceridade e menos egoismo.

Alexandrino do Carmo era um rapaz intelligente, instruido e de raro bom senso. As suas opiniões eram muito acatadas por todos os que reuniam no seu estabelecimento.

Falleceu a 28 de fevereiro de 1885, tendo apenas 38 annos de edade.

Casára com uma irmã de Gervasio Lobato, a qual egualmente já falleceu.

O **Carmo** escrevia tambem nos jornaes e fez representar duas peças suas, *As convicções do papá,* comedia em um acto traduzida do francez, e outra tambem em um acto, original, *Uma mulher de talento,* que serviu para se estreiar no theatro da Rua dos Condes um bohemio, de nome **Espada**, que demonstrou geito para a scena, mas d'ahi a pouco desappareceu para nunca mais se saber d'elle.

1890—Morre no Rio de Janeiro o actor **Martinho.**

Conheci-o bastante, mas nunca o vi trabalhar. Quando, em 1881, cheguei pela primeira vez ao Rio, já **Martinho Corrêa Vasques** tinha deixado o theatro, onde nunca mais quiz voltar, dizia-me elle, pelo estado de desmoralisação a que tinha chegado.

Fôra discipulo e companheiro de João Caetano. Com a morte d'este retirou-se da scena, esperando poder viver das suas economias; tinha, porém, o seu peculio depositado na Casa Souto, e, com a quebra d'esta, teve de novo de representar, mas só o fez em quanto não obteve o logar de cobrador da Companhia de Seguros «Confiança».

Quando da ultima vez esteve no theatro, trabalhou no S. Pedro d'Alcantara com Guilherme da Silveira e no S. Luiz com Furtado Coelho.

Na empreza d'este ultimo fez o *Rei Caramba* da *Pera de Satanaz,* fazendo Valle o *Vasco.* Foi uma série de enchentes consecutivas. O publico divertia-se immenso com a competencia entre o comico brazileiro e o comico portuguez. Havia um quadro em que ambos entravam embuçados; cada um chegava á bocca de scena e dizia para o publico quem era. As declarações variavam todas as noites. Em vez de dizerem sou o *Vasco* e sou o *Caramba,* diziam os primeiros nomes que lhes accudiam. De certa recita em diante, começaram, ao desafio, dizendo os titulos de peças conhecidas. Dizia um: Sou o *Conde Andeiro!* Accudia o outro: Sou o *Pagem de Aljubarrota!* N'outro dia: Sou o *Alfageme de Santarem!* Sou o *Frei Luiz de Sousa!* Em certa noite estavam já picados pelo partido que cada um tirava dos ditos que accrescentava e juraram ir até onde pudessem. Entram os embuçados. Diz o Valle: Sou o *D. Antonio de Portugal!* Responde o **Martinho**: Sou os *Dois Proscriptos!* Ao Valle pareceu muito uma só pessoa ser duas, não quiz collaborar na asneira e retorquiu: Sou o *Cavalheiro da Casa Vermelha;* o **Martinho** augmentou a dose e exclamou: Sou os *Sete Infantes de Lara!* o Valle enguliu em secco e gritou: Sou o *Alvaro Gonçalves o Magriço!* O **Martinho** berrou: Sou os *Sete degraus do crime!* O Valle não poude mais e largou: Pois eu só sou *As onze mil virgens!*

O **Martinho** tinha uma cara engraçadissima para a scena e toda a gente me affirmava que tinha uma extraordinaria veia comica.

Além do *Rei Caramba* da *Pera de Satanaz,* citavam-me com saudade os seus papeis no *Noviço, Recrutamento na aldeia, Boleeiro apaixonado, Principe Caiador, Corda sensivel, Graça de Deus,* etc.

O **Martinho** era da opinião do Guilherme d'Aguiar. Para elle nada havia como uma pretinha bem retinta. Tinha uma que tratava pela sua *teteia* e que julgo ficou sua herdeira, pois que elle ultimamente era proprietario.

Era irmão do **Vasques**, de quem fallei a 29 de abril. Detestava o irmão porque, di-

zia elle, na scena era um palhaço! Chegava até a renegal-o.

Victima d'uma lesão cardiaca, falleceu repentinamente, tendo 68 annos de edade. Ao seu funeral concorreram apenas tres artistas: Heller, Barbosa e Araujo!

Jaz no seu jazigo de familia, no cemiterio de S. Francisco Xavier.

4

1854 — Nasce no Rio de Janeiro **Frederico Carlos da Costa Brito.**

Distincto professor de geographia, historia universal, portuguez e mathematica, a sua particular predilecção desde creança é a magia branca, sendo um perfeitissimo prestidigitador, tendo sido muito victoriado em sessões publicas, dadas em espectaculos de caridade.

É tambem um escriptor distincto, sendo auctor das seguintes peças: *As duas namoradas*, comedia; *Os amores do menino de collegio*, scena comica; *As namoradeiras*, comedia; *O caipira no Rio de Janeiro*, scena comica; *Erro e salvação*, drama; *O suicida por amor*, scena dramatica, e *Consciencia e remorso*, scena dramatica.

1859 — Nasce em Lisboa a actriz **Palmyra Beatriz Ferreira**, mais conhecida pela **Palmyra loura**.

Em 1867 existia n'um primeiro andar da rua da Prata um hotel intitulado, se bem me recordo, da *Bella Estrella*. Estava alli hospedado o escriptor Bernardino José de Senna Freitas, que eu procurava frequentes vezes. Conheci então a dona da hospedaria e uma sua filha, creança lindissima, que tinha n'essa epocha oito annos.

Pouco depois a hospedaria deixou d'existir e não tornei a ver por muito tempo a mãe nem a filha.

Em 1873 frequentava eu muito a caixa do Gymnasio. Em certa noite vi alli uma bonita rapariga, que me disseram ia estreiar-se em breve. Pareceu-me não me ser desconhecido aquelle formoso rosto. D'ahi a pouco appareceu a mãe e reconheci então na estreiante a creança da hospedaria da rua da Prata.

Em poucos dias appareceu ao publico na comedia em um acto, traduzida pelo actor Izidoro, *Dois homens de bronze*. Passou quasi desappercebida e todos a julgaram uma negação para a scena.

Quando o theatro de D. Maria foi adjudicado á empreza Biester, Brazão & C.ª, para essa companhia entrou a **Palmyra loura**, estreiando-se n'um papel de guarda-marinha do drama *Botão d'Ancora*, entrando depois na *Côrte na aldeia* e poucas mais peças. Continuaram a julgal-a alli uma inutilidade.

Em 1879 foi para o Rio de Janeiro, contractada por Emilia Adelaide. Com ella seguiu para o Pará e com ella regressou a Lisboa em 1880. Trabalhou então no theatro dos Recreios, mas como a empreza terminasse, seguiu com Emilia Adelaide para o Porto.

Foi alli que começou a evidenciar-se nas *Duas orphãs*, *Dóra*, *Thereza Raquin* e n'outras peças.

Partindo Emilia Adelaide para Lisboa, **Palmyra loura** passou para outras emprezas do Porto e foi então n'um agrado crescente, distinguindo-se muito nas peças: *Filha do mar*, *Pedro*, *Mulher-Demonio*, *Livro negro*, *Mulheres de marmore*, *Nobres e plebeus*, *Mulher de gelo*, *Vida d'um rapaz pobre*, *Sereia*, *Princeza de Bagdad*, *Cardeal Dubois*, *Naná* e outras.

Teve varias propostas das emprezas de Lisboa. Só em 1887 se resolveu a vir para a capital, estreiando-se no theatro do Principe Real no drama de Zola, *Naná*. Foi a unica peça que alli fez. A doença de ha muito a minava e acabou por a matar a 31 de janeiro de 1888.

Palmyra era muito intelligente e educada; fallava perfeitamente o francez. Se tivesse sido menos bohemia e mais estudiosa, poderia ficar com um bello nome no theatro.

Deixou uma filha, que tem recebido cuidada educação n'um excellente collegio, a expensas de seu pae, um cavalheiro de posição distincta.

7

1849 — Nasce o actor **Ricardo Vieira da Silva.**

Começou a vida por estofador e ainda hoje é um bom forrador de casas a papel.

Entre os curiosos de Lisboa tinha um nome afamado, devido principalmente aos difficillimos confrontos que fazia com primeiros artistas e saindo-se sempre com muito brio. Os papeis que principalmente lhe deram nome foram os do Taborda no *Medico á força,* de Antonio Pedro nos *Ladrões de Lisboa,* de Abel no *Mestre Jeronymo* e de João Gil no *Paralytico.*

Muito aconselhado, resolveu-se a entrar para o theatro e não deve estar arrependido, porque, se trabalhar para o publico que paga e exige, não é o mesmo que representar para platéas de convidados indulgentes, o **Ricardo** tem já sido applaudido e festejado n'alguns papeis, em que tem mostrado bastante merito.

Como actor reappareceu no seu papel dos *Ladrões de Lisboa,* na Rua dos Condes, e recebeu toda a animação que se póde dar a quem começa. Fez logo depois no mesmo theatro com bastante agrado diversos papeis na revista *O Sarilho.*

Na Rua dos Condes, D. Amelia e Trindade tem por vezes mostrado que é um actor util e principalmente que ha uns pequenos papeis em que elle cria typos magnificos, que bastante concorrem para o agrado das peças.

Já foi com a companhia da Trindade ao Pará, tendo lá agradado tambem.

10

1894 — Morre em Madrid o distincto maestro **Emilio Arrieta.**

Foi um dos mais celebres musicos hespanhoes. Nascera na Navarra em 1823.

Completou os seus estudos em Italia, para onde partiu em 1838, a fim de cursar o Conservatorio de Milão. Ganhou alli o primeiro premio de composição e alli tambem escreveu a sua primeira opera, *Ildegonda,* que se cantou em Italia e no theatro particular que a Rainha Izabel tinha em Madrid. Foi então nomeado maestro e compositor do referido theatro e para elle escreveu a sua grande opera, *Conquista de Granada.*

Dedicou-se depois á zarzuela, genero em que obteve enormes triumphos. Foram victoriadissimas as suas obras: *Dominó azul, Grumete, Llamada y tropa, Un sarão y una soirée, Guerra santa* e principalmente a *Marina,* que ha de ficar como modelo.

Emilio Arrieta fez parte da redacção de alguns jornaes.

Em 1868 foi nomeado director da Escola Nacional de Musica e Declamação. Era gran-cruz de Izabel a Catholica, vice-presidente do Conselho d'instrucção publica e membro da Academia de Bella Artes de S. Fernando.

Foi muito sentida a sua morte.

11

1844 — Nasce em Lisboa, na rua direita dos Anjos, o talentoso maestro **Francisco Alvarenga.**

Filho de paes pobres, quando ficou orphão, como era creança, só pensava em garotar. O seu divertimento favorito era fazer gaitas de canna e andar tocando pelas ruas.

Ao passo que fizeram de seu irmão Nuno um excellente cosinheiro, a elle mandaram-n'o estudar para o Conservatorio.

Aos 19 annos entrou para a banda de marinheiros, mas continuou estudando.

No anno em que elle sahiu do Conservatorio sahiram tambem os dois distinctos artistas Del Negro e Perico Fernandes.

Começou escrevendo musicas para os theatros com a maior felicidade, porque realmente **Alvarenga** era dos poucos maestros que temos tido com verdadeira inspiração.

Em 1882 foi por convite meu para o Rio de Janeiro dirigir a parte musical na minha empreza. Foi mui bem recebido e agradou immensamente. Não soube, porém, regular a sua vida; entregava-se a excessos de bebidas e outras loucuras, sendo alli assassinado a 8 de março de 1883, quando, altas horas da noite, recolhia embriagado a uma casa solitaria em que morava, em S. Francisco Xavier. Foi assassinado por um francez amante de uma mulata que elle requestava e que o esperou, abrindo-lhe a cabeça com forte bengala. O crime foi abafado por conveniencias da empreza a que elle então pertencia e disse-se que morrera de febre amarella. Toda a gente soube o contrario.

Alvarenga deixou muitas partituras de valor, sendo as mais estimadas as das seguintes peças: *Amor e dinheiro,* a opereta em que se estreiou a Herminia; *Cofre dos encantos,* a magica de Parisini, que deu innumeras representações e em que Marcellino Franco e Ernestina Duarte cantavam o popularissimo duetto do *malmequer;* o *Maestro Bovi,* uma opereta que era cavallo de batalha do Costa da luneta; *Gil Braz,* uma opereta em 4 actos que se cantou na Trindade; *Beldemonio,* uma das suas mais bonitas partituras, que se cantou no Gymnasio e nas provincias; o libretto é o mesmo para que Offenbach escreveu musica e que tem em francez o titulo *Les Braconniers;* a *Filha do Tambor-mór,* traducção minha do libretto para que tambem escreveu musica Offenbach; *As cartas do Conde Duque,* opereta minha para a qual, além de **Alvarenga**, escreveram musica Rio de Carvalho e Apparicio da Matta, a musica de **Alvarenga** é inquestionavelmente a melhor; *Niniche,* a minha traducção do lindo vaudeville, para a qual **Alvarenga** escreveu em 24 horas musica, que agradou immensamente, preferindo-a muitos á partitura franceza de Mario Boullard; *O sino do Eremiterio,* musica que muito agradou em Lisboa, e no Rio de Janeiro obteve um enorme successo; *O Periquito,* libretto meu e de Costa Braga, cuja musica causou no Brazil um verdadeiro delirio e se tornou alli popularissima, com especialidade um celebre tango; *O Visconde,* outra opereta com muito agrado no Rio de Janeiro.

Era inquestionavelmente **Alvarenga** um dos nossos mais inspirados maestros e pena foi que a morte o roubasse tão cedo.

13

1856 — Nasce em Tavira o actor **Manuel Nobre.**

Estreiou-se no dia 13 de março de 1873 no theatro de D. Maria, empreza Santos e Pinto, e ahi se conservou até 1878, fazendo pequenos papeis, mas sobresaindo na *Duqueza de Caminha, Familia americana, Cunhado,* etc. Passou depois para a Rua dos Condes, onde se salientou na revista *Onde está o gato?* e no papel de *Fagulha,* do drama *Lord Canalha.* Tem estado depois no Gymnasio, Rato, D. Amelia e voltou á Rua dos Condes.

Tem tido epochas mais ou menos felizes, sem *furar paredes,* mas com utilidade e agrado do publico. É, pelo menos, consciencioso e bem comportado, qualidades que se não despresam no theatro.

14

1866 — Nasce em Lisboa **Cesar de Lima Junior.**

É filho do actor Cesar de Lima e da cabelleireira Camilla, dos quaes já fallei.

Começou estudando para padre no Seminario de Santarem. Apesar de, pelo feitio e pela indole, dever dar até um bom frade, preferiu seguir a carreira do seu progenitor, e por isso um bello dia appareceu de repente no cartaz do Gymnasio, em 1878, e foi alli desempenhar no drama *Fidalgos da Casa Mourisca,* o papel de Frei Januario, que fôra creado por seu pae. Verdade, verdade, elle nada mais fez do que caricaturar o pae em tal personagem. Entrou mal na vida artistica.

Foi depois para o theatro do Principe Real e lá, com o Brandão por ensaiador,

fez papeis maiores ou menores, conforme as circumstancias exigiam.

N'uma companhia, á frente da qual iam Alvaro e Amelia Vieira, seguiu para o Brazil em 1890 e por lá se deixou ficar, tendo trabalhado em diversas companhias de drama e opereta, percorrendo os diversos estados, sem ter nomeada como artista. Se no publico e entre os collegas tem adquirido algumas sympathias, póde gabar-se de que as antipathias são em numero muito superior. Serão justificadas? Ignoro. Muitos, principalmente collegas, se queixam d'elle. Eu declaro que não tenho razões para o fazer; devo-lhe até muita gratidão por ter sido meu dedicado enfermeiro n'uma doença grave, e devo-lhe mais em ter-me por vezes cosinhado alguns petiscos á portugueza com que regalei o estomago, quando me enfastiavam comidas brazileiras.

Que é um bello cosinheiro, posso garantir. Ah! que se elle fizesse papeis como faz acepipes!...

15

1855—Nasce em Torres Novas **Jayme Victor**.

É primeiro official archivista da Junta do Credito Publico.

Ao lado de Elias Garcia e Osorio de Vasconcellos fez na *Democracia* o seu primeiro tirocinio jornalistico.

Com Pinheiro Chagas, Urbano de Castro, Gervasio Lobato e outros, foi fundador do *Correio da Manhã*, depois do *Diario da Manhã* e agora é co-proprietario e redactor do *Reporter*.

Foi no principio da sua carreira iniciador de um jornal *As Novidades*, o segundo do nome, sendo o terceiro o que hoje ainda existe.

Foi n'essa folha que começaram a apparecer escriptos de Fialho d'Almeida.

Jayme Victor foi correspondente dos importantes jornaes brazileiros: *Cruzeiro*, *Liberdade*, *Diario Mercantil* e *Paiz*, e ainda hoje o é do *Jornal do Brazil*.

Em prosa e verso tem collaborado em muitas publicações litterarias do paiz; entre ellas, na *Revista Litteraria*, *Mulher*, *Brindes do Diario de Noticias*, *Renascença*, *Occidente*, etc.

Foi um dos directores da *Edição Illustrada do Jornal do Brazil* e é ainda um dos proprietarios e redactores dos *Perfis Contemporaneos*.

Em collaboração com Gervasio Lobato escreveu tres romances, que tiveram muita voga: *Os Invisiveis de Lisboa*, *Os dramas de Africa* e *Jack o Estripador*.

Juntamente com Magalhães Lima, **Jayme Victor** representou a imprensa portugueza, em 1897, na Suecia, no congresso internacional.

É actualmente secretario da Associação dos Jornalistas e do Congresso da Imprensa.

A sua estreia poetica foi com um folheto: *Herculano e Michelet*, que continha dois poemetos, um dos quaes foi recitado no theatro de D. Maria pelo actor Brazão, na noite da homenagem á memoria do grande historiador.

Jayme Victor collaborou largamente no *Diccionario Universal Portuguez* e no *Diccionario Contemporaneo*.

Na direcção politica do *Diario da Manhã* por muitas vezes substituiu Pinheiro Chagas e depois José d'Azevedo.

Em todos os jornaes que tem redigido, tem sido sempre o encarregado das criticas theatraes.

Os seus artigos n'este assumpto contam-se por milhares.

Com o Conde de Monsaraz traduziu em verso a notavel peça de Coppée, *Severo Torelli*, que foi representada pela companhia do theatro de D. Maria.

No mesmo theatro se representaram com muito agrado as comedias *Gendarme* e *Mulheres nervosas*, de que **Jayme Victor** adquiriu a propriedade em França e depois traduziu.

Para o theatro do Gymnasio traduziu o drama *Supplicio de mãe*.

Jayme Victor é dedicado ao theatro e aos seus artistas. Um e outros lhe devem serviços.

16

1889 — Suicida-se no Porto o notabilissimo esculptor **Soares dos Reis**.

Este triste desenlace era attribuido pelo eximio artista Leandro Braga a um drama de familia.

Soares dos Reis tem logar n'este livro pelo admiravel busto que executou da grande actriz Emilia das Neves, por encommenda de D. Luiz da Camara Leme.

O primoroso busto foi collocado no salão de entrada do theatro de D. Maria II.

18

1881 — Primeira representação no theatro de D. Maria da comedia em 4 actos, *O grande homem*, original de **Teixeira de Queiroz**.

Este primoroso escriptor, auctor de bellos contos e romances, publicados com o pseudonymo de *Bento Moreno*, é um dos litteratos de mais caracter da moderna geração. Fórma ao lado de Julio Diniz nos primores da linguagem naturalista e na observação dos costumes da sua terra.

Os seus livros são sempre recebidos com alvoroço pelos amantes da boa litteratura e louvados incondicionalmente pela critica.

Não lhe bastava isto. Da mesma fórma que o politico ambiciona a tribuna, o litterato deixa-se fascinar pelo theatro. Um e outro querem ver aos pés um publico enthusiasta a aclamal-os com delirio. E isto tem encantos na verdade.

Teixeira de Queiroz abordou o theatro com a sua unica peça *O grande homem*, cheia de bom humorismo de principio a fim. Se era simples e deficiente a acção para quatro actos, essa falta era bem supprida pelo esfuziar constante de ditos de espirito, de mais a mais carapuças que bem assentavam nos nossos politicos em evidencia.

Teixeira de Queiroz, que teve assim uma estreia brilhante no theatro, deveria ter lá voltado para honra do seu nome e proveito do theatro portuguez, tão falto de bons auxiliares.

19

1837 — Já n'esta data tratei de **Francisco Serra**. Completo hoje as informações.

Começou a sua carreira litteraria, fundando com Julio Cesar Machado, em 1855, *O Ecco Litterario*.

Entre os diversos jornaes que redigiu e em que collaborou, citam-se: *Doze d'agosto*, *Correio da Europa*, *Novidades*, *Jornal da Noite*, *Diario Illustrado*, *Jornal Illustrado*, *Santo Antonio de Lisboa*, *Gazeta de Portugal* e *Viriato*.

Na lista que publiquei das suas peças, faltam as seguintes: *Revista de 1856*, *Sete mulheres do Barba Azul*, *A Bocceta de Pandora*, *O atrevido na côrte*, *O casamento de Joanninha*, *A perola de Andaluzia*, *O Rei Sol*, *O medo guarda a vinha*, *A Providencia*, *Medéa* (parodia), *A filha do capitalista*, *A lenda do Diabo* e *A Mocidade de Nun'Alvares*. Estão ainda por representar a *Providencia*, drama original em 5 actos, a parodia da *Medéa*, *A filha do capitalista*, drama em 5 actos, *A Lenda do Diabo*, peça phantastica e *A Mocidade de Nun'Alvares*, opereta em 3 actos, o seu ultimo trabalho para o theatro.

1846 — Portaria dando a relação dos **artistas admittidos á associação do theatro de D. Maria II.**

1.ª classe

Epiphanio Aniceto Gonçalves, primeiro centro absoluto — Joaquim José Tasso, primeiro amoroso ou galan de ponta de theatro — João Anastacio Rosa, centro — Theodorico Baptista da Cruz, centro — Victorino Cyriaco da Silva, pae nobre ou velho serio — Emilia das Neves e Sousa, primeira dama absoluta — Carlota Talassi da Silva, primeira dama central absoluta — Chrispiniano Pantaleão da Cunha Sargedas, primeiro comico absoluto — Manuel

Baptista Lisboa, centro comico — Ignacio Caetano dos Reis, velho comico — Delphina Perpetua do Espirito Santo, primeira comica.

2.ª classe

Antonio Maria de Assis, segundo amoroso ou galan de ponta de theatro — Miguel Archanjo de Gusmão, segundo centro utilidade — José Caetano Vianna, segundo galan — José Maria Vannez, galan comico — João dos Santos Matta, caracteristico, utilidade — Antonio José Ferreira, caracteristico, utilidade — Josephina dos Santos, segunda dama amorosa — Fortunata Levy, segunda central — Josepha Soller, segunda dama — Maria José dos Santos, segunda central comica — Barbara Maria Candida Leal, primeira caracteristica — Joanna Carlota Frayão d'Andrade e Silva, segunda dama comica, utilidade — Maria da Assumpção Radice, dama comica e cantante.

Artistas com preferencia de escripturas

José Gerardo Moniz, Julio Baptista Fidanza, Vasco da Gama Cabral, José Antonio da Silva, Romão Antonio Martins, André Macedo, Antonio Joaquim Pereira, Joaquina Rosa da Costa, Carolina Emilia, Maria Candida Mendonça, Julia Eufemia Marques e Maria Veluti.

23

1775—Representa-se pela primeira vez na Comedie-Française o *Barbeiro de Sevilha,* de **Beaumarchais**.

Teve uma vida accidentada, turbulenta e cheia de perigos e inquietações **Pedro Augusto Caron de Beaumarchais**. Sustentou diversos processos, em que poucas vezes tinha razão, chegou a estar prezo, teve duellos, questões serias e acabou por morrer d'uma apoplexia em 1799, com 57 annos d'edade, pois nascera em Paris, em 1732.

Do seu theatro ficaram duas peças, realmente bellas, *O Barbeiro de Sevilha* e *O Casamento de Figaro*. Todas as outras passaram como dramas vulgares e sem condições que as recommendassem.

O Barbeiro de Sevilha e *O Casamento de Figaro* colloca-os a critica ao lado das melhores obras de Régnard e de algumas de Molière.

1833—Nasce em Lisboa a antiga actriz **Emilia de Abreu**.

Cursou o Conservatorio e entrou para o theatro de D. Maria, em 1857, estreiando-se no drama em 3 actos, *Lucia*.

Fez uma carreira modesta até 1868, anno em que abandonou completamente o theatro, onde era uma das ultimas actrizes para ser uma das primeiras modistas de Lisboa.

Cazou com o actor Bizarro, que por essa occasião abandonou tambem o theatro, como hei de referir a 17 de agosto d'este *Appendice*.

Emilia d'Abreu era graciosa, elegante e attrahente; ainda hoje, completamente branca e alquebrada, mostra vestigios das qualidades que seduziram o bom do Bizarro, obrigando-o a deixar a scena, para que tinha tão pronunciada vocação.

1859 — Nasce na cidade do Funchal, (Madeira), **Luiz Antonio Gonsalves de Freitas**.

Quando fui proprietario de uma pequena livraria na calçada do Carmo, reuniam-se alli em amavel cavaco e palestras artisticas e litterarias o Gervasio Lobato, o Salvador Marques, o Maximiliano d'Azevedo, o Antonio Menezes, o actor Izidoro, o Cezar de Lacerda, e outros muitos, principalmente dos que entravam no mundo das lettras ou artes, e entre elles alguns dos mais distinctos alumnos da Escola Academica, que ficava proxima. Era a este numero que pertencia o **Gonsalves de Freitas**. Isto passava-se em 1873 e 1874; não tinha portanto o nosso

rapaz mais de 15 annos; estava porém já a terminar os preparatorios, pois que no anno seguinte se matriculou na Universidade de Coimbra e d'ahi a cinco annos concluia brilhantemente a sua formatura.

Os trabalhos litterarios foram sempre a sua paixão. Aos 12 annos de edade (em 1871) publicava o seu primeiro livro original, *Phantasias, ensaios litterarios* e a sua traducção do *Monge de Kremsmanster* de Alphonse Karr.

Tem até hoje continuado a publicação regular de muitos volumes em prosa e verso, todos de valor, e tem redigido e collaborado em importantes jornaes, ao lado das pennas mais illustres da nossa imprensa.

Como funccionario publico tem honrado sempre a boa memoria de seu pae, o antigo director geral das contribuições directas, Antonio Gonsalves de Ereitas.

É actualmente chefe de repartição no Governo Civil de Lisboa, tendo já sido administrador de concelho, secretario do governador civil e deputado.

Gonsalves de Freitas tambem se tem dedicado ao theatro, que muito ama. O seu primeiro trabalho no genero foi a opereta-phantastico-burlesca, em 3 actos, em verso, *A Pupilla de Beltrão,* escripta expressamente para ser representada pelo curso do 5.º anno juridico de 1879 a 1880, e levada á scena pela primeira vez no theatro Academico em 17 de abril de 1880.

A 16 de janeiro de 1886, em beneficio de Leopoldo Carvalho, representou-se pela primeira vez no Gymnasio com grande successo o seu *lever-de-rideau, Noite de Nupcias,* que depois foi tambem representado nos theatros da Rua dos Condes e Avenida.

Em 31 de julho de 1897 subiu á scena no theatro da Rua dos Condes a opera comica de grande espectaculo, em 4 actos, *Pif! Paf!*

Tem publicadas as seguintes peças: *Á beira do abysmo, lever-de-rideau* em verso; *Sob as cinzas,* comedia em 1 acto, em verso, traduzida de Charles Méronvel; *O club dos perigosos,* drama em 5 actos e 8 quadros; *Rachel,* drama em 4 actos, traducção livre em verso.

Tem mais ineditas as seguintes: *Por causa d'um cabello,* comedia em 5 actos; *Peccados da mocidade,* drama em 5 actos; *Velha farça,* opereta em 3 actos.

Os apontamentos que **Gonsalves de Freitas** teve a amabilidade de fornecer-me, terminam pelas seguintes palavras: «E prou«vera a Deus que muitos mais peccados «no genero eu tivesse perpetrado, o que «succederia se, após a minha estreia, sob «tão bons auspicios realisada, algum em«prezario caridoso me houvesse dado a «mão. Por emquanto, só isto, e já não é «pouco para as decepções soffridas.»

Gonsalves de Freitas é socio e director da nova empreza que vae explorar o theatro da Avenida.

Para essa empreza traduziu commigo a opereta em 3 actos *Josephina vendida por suas irmãs.*

1897—Apresenta-se pela primeira vez ao publico de Lisboa, no theatro de S. Carlos, cantando a parte de barytono na opera *Os Palhaços,* **D. Manuel de Noronha.**

É filho do fallecido commissario de policia D. Antonio Maria de Noronha.

Uma especulação do emprezario Freitas Brito, que foi ao meio no negocio, fez com que **D. Manuel de Noronha**, apezar de ter estado a estudar em Italia, se apresentasse representando mal e cantando barytono como poderia ter cantado baixo ou tenor, porque quasi não se ouviu.

A indulgencia do publico tocou o extremo.

Ás censuras de parte da imprensa, respondeu o cantor que já tinha no bolso setecentos mil réis, que era o que lhe convinha!

Sem mais commentarios para a celebre empreza, que a tal se prestou.

24

1829—Nasce na Bahia **Francisco Manuel Alvares de Araujo.**

Primeiro tenente da armada brazileira, morreu no Rio de Janeiro, em 9 de abril de 1879, victima d'uma phtisica pulmonar.

Era auctor de dois dramas: *Dedicação,* em 4 actos, e *De ladrão a barão,* em 5 actos.

1839—Nasce em Lisboa n'esta data a actriz **Carolina Falco** e não na data que citei a paginas 80, por falsa informação.

Foi baptisada na egreja do Loreto por descender de italianos.

25

1863—Nasce em Lisboa a actriz **Branca de Lima**.

Era filha de uma afamada dona de um guarda-roupa, que por muito tempo forneceu os theatros do Rio de Janeiro.

Foi n'esta capital que **Branca de Lima**, conjunctamente com sua irmã Dores Lima, se estreiou, a 14 de maio de 1870, no theatro Phenix Dramatica, no entreacto para creanças, *Querem ser artistas*.

Foi alli contractada depois pelas emprezas de Guilherme da Silveira, Furtado Coelho, Martins e Ismenia. Actualmente trabalha fóra do Rio.

O publico de Lisboa sabe que ella não fura paredes, porque teve occasião de a vêr no theatro Avenida, na empreza de Cinira Polonio, em 1893.

27

1848—Nasce em Coventry a notavel actriz ingleza **Ellen Terry**.

Seus paes representavam pelas provincias, e estando casualmente em Coventry, nasceu **Ellen**.

Debutou aos seis annos e meio no Princess's Theatre, de que era director Charles Kean o filho do grande Kean.

Ellen Terry appareceu depois nos theatros Royalty e Haymarket.

Entrou depois para a companhia de Irving, estreiando-se na *Féra domesticada*.

Passou para o Queen's, depois para o Prince of Wales e ainda depois para o Court.

Em 30 de dezembro de 1878 entrou com Irving no Lyceum, e ahi contam-se as creações de **Ellen Terry** como verdadeiros exitos.

Ellen Terry é hoje considerada a primeira actriz ingleza.

MARÇO

I

1826 — Nasce em Lisboa **Joaquim José Annaya.**

Teve em tempos um collegio seu a Buenos Ayres. Em 1855 fechou-o e entrou para a Escola Academica como subdirector e lá esteve até que, por ordem dos medicos, sahiu em 1882.

Quantos alumnos d'aquella escola se recordam d'elle com saudade, porque era effectivamente um bom homem e amigo de todos!

O **Annaya** traduziu innumeras peças, algumas que foram representadas e outras que se publicaram n'uma bibliotheca theatral que elle editou.

Muitas das traducções eram feitas pelos rapazes da escola e por elle corrigidas, seja dita a verdade, ficando ás vezes peiores.

Das suas traducções representadas a que deu mais recitas foi a *Vida d'um rapaz pobre,* de Octave Feuillet.

1884 — Dansa pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, na opera *Laureana,* como segunda bailarina **Vicenta Polope.**

Nasceu em Valença (Hespanha) no anno de 1867.

Foi bailarina no theatro Real de Madrid e como bailarina veiu para Lisboa. Partiu depois para Italia, onde esteve cinco annos. Alli estudou canto.

Voltou para Lisboa como bailarina. Depois contractou-se como actriz no theatro da Avenida, estreiando-se na magica *A Lenda do Rei de Granada.*

Como pouco agradasse, voltou a ser bailarina em S. Carlos.

Em seguida, n'uma companhia lyrica que esteve no Real Colyseu, cantou segundas partes e chegou a fazer, n'uma substituição, a *Michaela* da *Carmen.*

2

1870 — Estreia-se em Lisboa, no theatro das Variedades, na revista *Coisas e Loisas*, o actor **Pedro Nunes**.

Tirou partido n'esta revista, caricaturando muito bem o escriptor Ramalho Ortigão.

Andou muito tempo nas provincias com a companhia do actor Soares.

Foi para o Brazil em 1888 com a companhia do theatro do Principe Real. Depois de se demorar por algum tempo no norte, foi para o Rio de Janeiro, onde tem feito quasi sempre parte da companhia do theatro Apollo.

Não é actor para grandes commettimentos, mas é utilidade no theatro.

Conta mais de quarenta annos de edade.

Casou com a actriz **Mathilde Sousa**, hoje **Mathilde Nunes**.

Esta actriz, que tem tambem mais de quarenta annos, era filha de um Sousa, aderecista e contraregra, que foi tambem director de companhias de provincia, e que egualmente andou com o Soares.

Mathilde tem a mesma cathegoria artistica do marido e tem-n'o acompanhado na sua modesta carreira de Portugal e Brazil.

Tambem esta **Mathilde** tem uma irmã, Maria José, que é viuva do actor Soares, e que na companhia d'este, na provincia, fez magnificos papeis. Agora representa com amadores.

3

1829 — Nasce na Biscaia (Hespanha) o poeta **Raymundo Antonio de Bulhão Pato**.

Apezar de nascido em Hespanha, é filho de pae portuguez e portuguez se considerou sempre. Desde 1837 que reside em Portugal.

De muito novo foi poeta, na convivencia dos nossos mais notaveis homens de lettras, Latino Coelho, Andrade Corvo, Alexandre Herculano, Zaluar, Garrett, Rebello da Silva, etc.

No tempo em que viram a luz da publicidade os *Canticos* de Mendes Leal, os *Cantos matutinos* de Gomes d'Amorim, as *Poesias* de Soares de Passos, appareceram tambem as *Poesias* de **Bulhão Pato**. E o successo litterario não foi menor para elle.

Foi por isso que depois vieram os seus *Versos*, a *Paquita*, as *Canções da tarde*, as *Flores agrestes*, os *Cantos e satyras* e as *Satyras, Canções e Idyllios*.

Bulhão Pato tem a sua reputação de poeta primoroso. Quero aqui apenas deixar notadas as suas versões do *Hamlet* e *Mercador de Veneza* de Shakespeare e do *Ruy Blas* de Victor Hugo.

Apezar de não estar notada no *Diccionario Bibliographico*, nem ser apontada na biographia que o Conde de Valenças publicou em o *Occidente*, posso affiançar que no theatro de D. Maria se representou uma comedia em 1 acto, original de **Bulhão Pato**, com o titulo de *Amor virgem n'uma peccadora*.

1855 — Nasce no Rio de Janeiro **Horacio Nunes Pires**.

Foi para Santa Catharina com sua familia e estudou com seu pae, que alli estabeleceu um collegio.

Empregou-se depois na directoria da fazenda de Santa Catharina.

Dedicando-se á litteratura tem escripto as seguintes obras theatraes:

A peccadora, drama em 7 actos; *Coração de mulher*, drama em 3 actos; *Helena*, drama em 5 actos; *Satan*, drama em 2 actos; *Honra*, drama em 3 actos; *Sogra*, comedia em 3 actos; *O Juca*, comedia em 2 actos; *Na vespera do espectaculo*, opereta em 1 acto; *Dois republicanos*, satyra em 1 acto. Traduziu o drama em 5 actos, *Os Bohemios*.

4

1843 — Nasce em Lisboa **João Volckart**.

Era filho de um fabricante de fogões, estabelecido na rua Nova do Carmo.

Começou a ser conhecido como secretario de Thomaz Price, quando este estabeleceu dois cir-

cos em Lisboa, despertando grande curiosidade e enthusiasmo.

O **Volckart** fazia o serviço da imprensa, vigiava por vezes a entrada dos espectadores; mas o seu principal serviço era acompanhar o rotundo e vermelho Price com o copo na mão. Dia e noite eram vistos á meza do café, sorvendo quantas bebidas fortes se podiam imaginar. De quando em quando refrescavam-se com boa cerveja. O Price, quanto mais bebia, mais vermelho ficava e mais se enthusiasmava; o **Volckart** acabava por quasi não poder levar o copo á bocca e por debaixo dos oculos avistavam-se-lhe uns olhos microscopicos, que já quasi não podia entreabrir. Mas nunca dava parte de fraco! E que a desse, que era logo demittido, porque o Price, mais do que para seu secretario, tinha-o para companheiro de libações.

O Price vinha todos os annos estar aqui cinco ou seis mezes, que eram outros tantos que o pobre **Volckart** se via obrigado a estar de môlho.

No outro semestre em que estava livre da tutela do beberrão do inglez, o **Volckart** não deixava de beber, para não perder o habito e depois estranhar, mas sempre bebia menos, mesmo porque só quem ganhava rios de dinheiro, como o Price, podia gastar algumas libras por dia em bebidas!

Nos mezes, pois, em que estava longe do Price, tinha o **Volckart** alguns momentos lucidos, que aproveitava, porque era bastante intelligente e ainda não estava embrutecido de todo, em arranjar peças para os theatros, e até de uma vez se fez emprezario.

Tenho aqui sobre a minha secretária, e estou olhando para elle, um grupo photographico da companhia do **Volckart**, companhia com que percorreu diversas terras da provincia.

São doze figuras. Ao centro está elle sentado, tendo á sua direita a Barbara, a festejada actriz do Gymnasio, que d'elle é viuva, tendo casado por essa occasião, em 1871, em Villa Real de Traz-os-Montes.

Ao lado da Barbara está sentado o João Diogo, seu irmão, que foi actor na provincia e morreu aderecista de D. Maria. Á esquerda do **Volckart** está a Silveria, irmã da Barbara, que ainda hoje pertence ao Gymnasio. Junto a esta está tambem sentado o Marques, o velho Marques do Gymnasio, que provavelmente o **Volckart** levou comsigo para substituir o Price nas horas das libações.

Na parte superior do grupo estão sete figuras de pé: mais duas irmãs da Barbara, a Luiza Mafra, que depois esteve na Trindade e casou com o irmão do maestro Gazul, e a Maria da Gloria, casada com o actor Domingos Godinho, que tambem pertencia á companhia e por isso está egualmente no grupo, assim como o Alfredo Soller, marido da Silveira, o Roque, o Guilherme, primeiro marido da Elvira Costa, e o ponto da companhia de quem não sei o nome.

Disse acima que o **Volckart** arranjava peças para o theatro, e não foram poucas, tendo mesmo algumas d'ellas feito successo.

Lembro-me das seguintes: *Scenas da guerra da Italia*, drama militar, que muito agradou no theatro das Variedades; tomava parte no desempenho com grande exito o Antonio Pedro. *O Rei do mundo*, drama em 3 actos, imitado do hespanhol e que se representou no Principe Real. *As Amazonas Piemontezas*, comedia em um acto, que fez grande successo no theatro da Rua dos Condes. *Os filhos da Republica*, drama em 5 actos, tambem representado nas Variedades. *Martyrios d'um emprezario*, zarzuela em 2 actos, imitada do *Campanone* e que muito agradou na Rua dos Condes. E mais os dramas, *Tribunal de Deus* e *Gloria do artista*, a comedia *Um noivo d'Alhos Vedros* e a zarzuela *Estreia d'uma actriz*.

Volckart morreu em Lisboa, a 31 de janeiro de 1878.

5

1841 — Nasce em Lisboa o actor **Victor Torres.**

Começou por ser um amador distincto de diversos theatros particulares e especialmente do theatrinho Garrett, na travessa do Forno, aos Anjos.

O seu cavallo de batalha, e que lhe dera

grande fama entre os curiosos, era o papel do *aleijado* na comedia de José Romano, *Feio no corpo bonito na alma.* N'esta peça alcançara grande successo nos theatros da Rua dos Condes e Gymnasio o actor Simões. Ainda assim havia muitas opiniões de que o **Victor** lhe era superior.

Gostando muito de theatro, o **Victor** fez-se actor de provincia e lá por fóra andou até que um emprezario das Variedades, o Monteiro d'Almeida, o escripturou, fazendo-o debutar na sua peça favorita, o *Feio no corpo.*

Lembro-me que **Victor** alli entrou com agrado na minha revista *Coisas e loisas de 1869* e na minha magica *O Primo de Satanaz.*

Quando a empreza terminou, **Victor** voltou para a provincia. Quando regressou, foi novamente contractado para o mesmo theatro pelo emprezario Parisini, entrando então nas magicas *Cofre dos encantos* e *Talismans do Diabo* e n'outras peças. Ficou depois ainda com as emprezas de Fernando de Lima e Anacleto d'Oliveira, representando nas magicas *Pomba Azul* e *Lenda do rei de Granada,* n'uma revista, comedias, etc.

Quando o theatro foi demolido para se começarem as obras da Avenida da Liberdade, **Victor** contractou-se no theatro Chalet, do tal Araujo.

Foi depois para a provincia, até que, em 1892, abandonou de todo o theatro. Hoje é empregado do consultorio medico do Dr. Jayme Neves, onde o fui descobrir para me dar estes apontamentos.

Victor não fez boa carreira como actor, porque o seu principal defeito era reproduzir em quasi todos os papeis o tartamudo do *Feio no corpo.*

6

1842 — Nasce em Paris o distincto actor **Berton.**

Neto do illustre Samson, com elle estudou e por isso nunca frequentou o Conservatorio.

Estreiou-se no Gymnasio, em abril de 1859, no papel de *Cypriane* da peça *Margarida de Sainte-Gemme.* Esteve n'este theatro durante dez annos. No Odéon foi contractado de 1869 a 1873; na Comedie Française de 1873 a 1875; no Vaudeville de 1875 a 1885. Depois apenas se tem contractado para fazer esta ou aquella peça na Porte-Saint-Martin, Vaudeville, Odéon e Ambigu.

É um actor distinctissimo. Foi director da Comedia-Parisiense.

São as seguintes as ultimas peças em que tem sobresahido: *Club, Aventura de Ladislau Bolski, Loucos, Nababo, Odette, Fédora, Conto d'abril, Gerfaut, Tosca, Gigolette, Collar da Rainha,* etc.

Pedro Francisco Samuel Berton é tambem distincto auctor dramatico. A sua primeira peça, a engraçadissima comedia *Les jurons de Cadillac,* que em Portugal tem sido representada innumeras vezes com o titulo *Pragas do Capitão,* deu-se no Gymnasio de Paris a 23 de abril de 1865. No mesmo theatro, a 1 de setembro de 1867, representou-se outra bonita comedia sua, *A virtude de minha mulher,* que em Lisboa se representou no theatro do Principe Real para estreia de uma irmã da actriz Virginia.

Tem mais a comedia em 3 actos *Didier,* representada no Odéon, a 10 de janeiro de 1868, *Lena,* peça em 4 actos, representada em 1889 nas Variedades, *Les Chouans,* drama extrahido de Balzac, *Tempestade* em collaboração com Armand Sylvestre e o libreto da opera *Sardanapalo.*

1860 — Nasce em Landim, concelho de Villa Nova de Famalicão, o actor **Silverio Cunha.**

Partiu para o Brazil na idade de 14 annos, afim de alli se empregar como caixeiro. Em 1884 entrou como discipulo para a companhia Dias Braga, no theatro Recreio Dramatico, no Rio de Janeiro; passou depois para a Phenix, empreza Pinto & Juca e ahi fez alguns progressos. Actualmente é emprezario de uma companhia que percorre os diversos estados do Brazil.

É casado com a actriz **Herminia Cunha,** nascida em Petropolis, em 1870. Na companhia de seu marido tem feito papeis importantes e com agrado.

7

1829 — Nasce **Edmond Gondinet.**

Era um trabalhador incansavel e um distinctissimo escriptor dramatico, que morreu em Neuilly, proximo de Paris, a 19 de novembro de 1888.

A sua ultima peça foi o *Dégommé,* que se representou no Gymnasio de Paris.

Gondinet era o feliz auctor da *Gravata branca, Mais feliz dos tres, Viagem de recreio, Clara Soleil, O Parisiense,* etc.

8

1852 — Nasce em Lisboa **João de Deus Paula Ferreira da Costa.**

Começou estudando no collegio de seu pae, e, quando elle terminou, passou para os collegios Godinho e Rœder.

Entregou-se á vida commercial, sendo um habilissimo guarda-livros, consultado em muitas questões importantes. Foi administrador da fabrica de fiação e tecidos de Torres Novas, fundador e guarda-livros da Associação dos empregados no commercio de Lisboa e egualmente um dos fundadores do Atheneu Commercial. É um devotado ás associações e n'ellas tem feito brilhante figura como orador e administrador.

Ferreira da Costa tem egualmente folha de serviços na imprensa jornalistica, do que dão prova as collecções da *Tribuna, Partido Constituinte, Figaro* e *Democracia.*

Tem tambem escripto muito para o theatro. No do Principe Real representaram-se com bastante agrado os seus dramas: *O Cardeal-Rei, A Beata, A Escravatura, O Cerco de Bilbau* e *A Gréve.*

Tem impressos dois dramas historicos, baseados nos escriptos de Alexandre Herculano, *O Monje de Cister* e *O Alfayate Fernão Vasques,* a comedia em 4 actos *O Revolucionario,* o monologo *Theoria do casamento* e o dialogo dramatico *A maripoza.*

Tem ainda meditas as seguintes peças: *Liberdade,* drama em 5 actos sobre os acontecimentos de 1640; *A Emigração,* drama de propaganda; *Guilherme,* drama em 5 actos; *O heroe da ilha Terceira,* quadro historico; *O voluntario de Lamego,* drama historico em 3 actos.

Tem traduzidas tambem as seguintes peças: *Renata,* a peça de Zola, de que tem a propriedade em Portugal; os dramas: *O Rei diverte-se* de Victor Hugo, *O crime de Passy, O enforcado, O sacrilegio, Os almiscarados, O caçador de toupeiras, A vida d'uma actriz* e *O vendedor de limonada;* a comedia *As duas velas.*

9

1850 — Nasce em Lisboa a actriz **Julia de Lima.**

Foi conhecida por muito tempo em Lisboa pela **Julia do Custodio** por ser a companheira de um antigo fiscal do Circo Price, o Custodio, homem mal encarado, rispido para os empregados, brutal para com o publico e só cheio de ternuras para a sua **Julia.**

Na empreza do José Torres, na Rua dos Condes, appareceu pela primeira vez a **Julia,** em 1874, sempre acompanhada pelo seu Custodio.

Lembro-me que realisou alli um beneficio, que deu que fallar.

A companhia estava desmantellada. A empreza não pagava, o publico não concorria, o theatro estava no maior abandono. Os ensaios do *Joven Telemaco* para o beneficio da **Julia** eram uma verdadeira pandega. O Custodio, que era analphabeto e tapado como uma porta, era o ensaiador da peça, porque, dizia elle, a tinha visto muitas vezes no Circo pela companhia hespanhola, e por isso ninguem a podia ensaiar melhor!

Os ensaios de musica estavam a cargo d'um tal Praxedes, o homem mais feio que tenho encontrado na vida. Era tão feio, que indo uma vez, por faltar o actor, representar o papel de diabo no *Santo Antonio,* foi sem caracterisação, unicamente com a cara que Deus lhe deu, e todos acharam que tinha carregado muito a pintura,

porque estava feio de mais para diabo! E o pobre homem era assim!

Este Praxedes pouco sabia, mas tinha o seu valor relativo e poderia remediar, se não pegasse as bebedeiras umas com as outras, a ponto de estar sempre *de vinha d'alhos.*

Eu e o Gervasio Lobato nunca perdiamos aquelles deliciosos ensaios, em que o Praxedes cahia a dormir para cima do piano e o Custodio tomava o seu logar, fazendo da bengala batuta e obrigando todos a cantarem o mais desafinado que podiam. Eu e o Gervasio ajudavamos os córos para augmentar à desafinação.

Chegou finalmente o dia da recita. O Custodio mandou imprimir uns programmas a côres, em que chamava á **Julia** a primeira actriz do mundo e promettia os maiores attractivos e surprezas durante o espectaculo. Mal sabia elle que assim havia de acontecer.

Os programmas foi elle mesmo com a **Julia** distribuil-os para o Rocio.

O que foi aquelle espectaculo, desempenhado pelo que havia de peior no theatro, ensaiado pelo Custodio e pelo Praxedes, e interrompido a todo o momento pelas pilherias dos espectadores, não é facil descrever.

Ao chegar a celebre *suripanta,* cantada por dez mulheres horrorosas e de vozes esganiçadas, o publico ria a bandeiras despregadas e ia sempre pedindo *bis*, ameaçando tornar aquella scena interminavel.

Pela decima vez as pobres mulheres iam cantar, quando no meio da platéa se levanta o velho Martins, porteiro do theatro de D. Maria, que assistia ao espectaculo. O infeliz suava por todos os póros, estava vermelho como um pimentão, e com voz tremula gritou para o palco:

— Oh! minhas senhoras! pelo amor de Deus não cantem mais, que eu morro d'alguma apoplexia!

Rebentou uma estrondosa e unisona gargalhada e as desgraçadas coristas fugiram do palco, assobiadas e apupadas.

O espectaculo assim foi continuando até que o Custodio perdeu de todo a cabeça e entrou na scena para levar a **Julia**, que resistiu e quiz acabar a peça no meio do maior *charivari.*

Eu assistia ao espectaculo do camarote de primeira ordem de bôcca em companhia do Gervasio Lobato, do Antonio Pedro, do Salvador Marques, do Pedro Vidoeira e do Augusto de Mello.

Fôramos primeiramente a casa do Antonio Pedro e trouxeramos de lá a mais rica corôa que elle tinha nas suas *vitrines.* Chegámos ao camarote e pendurámol a de fórma quo era vista do palco e da platéa.

A **Julia** ao entrar em scena viu aquella preciosidade e nunca mais deixou de deitar-nos os seus grandes olhos e abrir-nos em sorrisos a sua bôcca um pouco torta e original.

Ao terminar cada acto, um de nós pegava na corôa, deitava-a de fóra do camarote e os outros applaudiam desesperadamente e chamavam pela **Julia**. Vinha ella de braços abertos para o camarote, mas n'essa occasião a corôa tornava a ser dependurada! O publico morria a rir e a **Julia** lá ia, toda desapontada, agarrar-se ao seu Custodio, que dos bastidores nos ameaçava com a bengala, rodeado das horrorosas coristas que nos dirigiam os maiores insultos. Isto repetiu-se até final do espectaculo. Foi a corôa outra vez para casa do Antonio Pedro e nós, como de costume, fomos em alegre ceia festejar o acontecimento. Que saudades do bom Gervasio, do querido Antonio Pedro e principalmente da alegria que então enchia o espirito de todos os rapazes.

Foi assim que começou a carreira da **Julia de Lima**, que chegou a representar na feira de Belem, em diversos theatros de provincia, no Gymnasio, n'uma companhia de José Romano, nos Recreios, na ephemera companhia de Emilia Adelaide, etc... até que abandonou o seu Custodio, que morreu apaixonado, e foi para os braços de um doutor, que julgo colleccionar raridades pelos amores que tem tido com o que apparece de peior no theatro, uma feiissima cançonetista franceza, uma luveira ainda mais feia, uma corista da peior qualidade e a **Julia**, além de outras que não menciono.

D'uma vez a nossa actriz foi para o Norte do Brazil n'uma companhia dirigida pelo Antonio Pedro. O grande actor pagou cruelmente a parte que tomára na troça do camarote da Rua dos Condes, porque se apaixonou pela **Julia**!

D'outra vez, Furtado Coelho organisou em Lisboa companhia para o Brazil. Lá foi tambem a **Julia**. Assisti á estreia d'essa companhia no theatro Lucinda, com a *Fédora*. Quando a **Julia** entrou em scena com um vestido espectaculoso, cheio de fitas, laços, rendas, flores, o diabo, os brazileiros riram a bom rir, e os portuguezes choraram por se recordarem com saudade da *feira da ladra!*

Julia de Lima, em 1886, representou no Rio de Janeiro com a companhia do theatro de D. Maria, substituindo Amelia da Silveira, que adoecera.

Em seguida abandonou o theatro, diz ella, *em presença da decadencia a que chegou o genero dramatico, que ella tanto apreciara.*

Dedicou-se a dirigir casas de hospedes e, francamente, n'esse genero merece muito maiores applausos.

Não podia deixar de mencionar n'este livro os episodios comicos que se deram com **Julia de Lima**, que não aprecio como actriz, mas que estimo como excellente pessoa que é.

10

1870 — Nasce em Lisboa o actor **Amandio Holtremann.**

Estreiou-se no Gymnasio, em setembro de 1887, na comedia *Coração e estomago.* Fez alli algumas epochas sem grande progresso. Em 1893 foi ao Brazil com a companhia do Principe Real. Quando regressou foi contractado para o Porto pela empreza Verdial & C.ª Tem depois percorrido as provincias e ilhas com diversas companhias e fez uma epocha de verão com José Ricardo, no theatro da Trindade.

14

1847 — Nasce na Bahia o notavel poeta **Castro Alves.**

Estudava o curso de direito em S. Paulo, mas não chegou a concluil-o por fallecer quando estava no 4.º anno.

Era um talento de primeira ordem e um poeta distinctissimo. Se não morresse tão cedo, de certo viria a ser uma das mais brilhantes glorias litterarias do Brazil.

Tem logar honroso n'este livro, porque deixou dois magnificos dramas: *Gonzaga ou a Revolução de Minas* e *Don Juan.*

A sua excellente poesia *O Navio Negreiro* tem sido innumeras vezes recitada nos theatros do Brazil, especialmente pelo actor Eugenio de Magalhães, que tambem a recitou em Lisboa, no theatro da Avenida, n'uma recita que alli promovi em honra do Brazil, por occasião da abolição da escravatura.

15

1836 — Nasce no Rio de Janeiro o maestro **Henrique Mesquita.**

Tendo revelado muita vocação para a musica desde creança, aprendeu a tocar cornetim, instrumento em que se tornou eximio.

Discipulo distincto do Imperial Conservatorio de Musica, aos 15 annos alcançou a grande medalha de ouro e o premio de viajem á Europa.

No conservatorio de Paris, onde se matriculou, discipulo de Bazin, muito se distinguiu.

Estreiou-se como compositor com uma *ouverture* intitulada *L'étoile du Brésil,* que foi delirantemente applaudida. Escreveu depois, entre outras peças, a linda quadrilha *Les soirées brésiliennes,* que se tornou popularissima em França e no Brazil.

De Paris enviou **Henrique Mesquita** para o Rio de Janeiro a sua primeira opera, *O Vagabundo,* poema de De Simoni, que se cantou com muito exito pela companhia de opera nacional no theatro Provisorio.

Esta obra é ainda hoje o seu trabalho mais notavel e não fez outro que o valesse porque lhe faltou o libretto e a protecção official.

De volta ao Rio de Janeiro foi tocar piston para o Alcazar e ahi, aproveitando um libretto francez, compôz a opera-comica em 1 acto, *Une nuit au chateau*. Era um verdadeiro primor, que foi festejadissimo.

Em 1869 **Henrique Mesquita** passou para director musical, ensaiador e regente da orchestra do theatro Phenix, empreza Heller, logar que exerceu por muitos annos com a maior proficiencia, escrevendo para alli tambem as magnificas partituras das magicas e operetas: *Trunfo ás avessas, Ali-Babá, Princeza Flor de Maio, Corôa de Carlos Magno, Vampiro, Loteria do Diabo, Gata Borralheira* e outras.

No genero sacro, em romanzas, quadrilhas, polkas, valsas, etc., tem **Henrique Mesquita** innumeras composições de muito valor.

É professor do Instituto Nacional de Musica, organista da Capella de S. Pedro e possue o habito de Christo, de Portugal.

1861 — Nasce em Barcelona (Hespanha) o scenographo **José Canellas y Clavell**.

Foi discipulo dos scenographos Bussatto e Bonardi, em Madrid.

Partiu da Europa para a Republica Argentina e de lá para o Rio de Janeiro, onde reside desde 1891.

O seu primeiro trabalho no Rio de Janeiro foi o panno de bôcca do theatro Lucinda, representando o projecto do theatro Alhambra, que em projecto ficou. A primeira peça para que fez scenario foi a *Cabeça encantada*, representada no theatro Phenix.

Sem se lhe poder chamar um bom scenographo, tem aptidões e seriedade no trabalho.

1883 — Morre nos Olivaes, proximidade de Lisboa, onde residia, **Francisco Luiz Coutinho de Miranda**.

Era um jornalista violentissimo, um *meetingueiro* exaltado, um partidario acerrimo dos progressistas. Como politico era intransigente, mas faltavam-lhe qualidades e dotes que o elevassem ás altas regiões da politica. Antes de progressista foi reformista com o Bispo de Vizeu e *penicheiro* com o Marquez d'Angeja.

Em diversos jornaes foi critico dramatico, apaixonado e parcial, como o era na politica. Tinha uma qualidade boa, que era ser amigo do seu amigo, e assim era com os theatros. A sua casa de espectaculos predilecta era o Gymnasio; tudo quanto alli ia era bom incondicionalmente. Isto deu logar a um caso interessantissimo. Annunciara-se o beneficio da actriz Maria das Dores com uma primeira representação. **Coutinho de Miranda** já estava doente e morava nos Olivaes, não podia assistir á recita. Antes de partir, ás 4 horas da tarde, fez a noticia da peça avaliando-a pelo que vira no ensaio geral, accrescentando que fôra immensamente applaudida, tendo chamadas especiaes o auctor e os actores e principalmente a beneficiada, que fôra recebida no primeiro acto com uma grande ovação, que fôra chamada innumeras vezes e sempre com uma chuva de flôres. Que no seu camarim fôra visitada pelas summidades artisticas e litterarias, descrevendo os nomes, e que lhe tinham sido offerecidos valiosissimos brindes, alguns dos quaes tambem descrevia. Feito isto, entregou o artigo na typographia do *Progresso*, o jornal em que então escrevia, e lá foi para os Olivaes. Ás 5 horas da tarde adoece um artista e, á ultima hora, põe se contra annuncio, ficando o beneficio transferido para quando podesse ser. No dia seguinte o *Progresso* dava a noticia da festa, descrevendo tudo como acima notei! Calcule-se o desapontamento para o jornal, para o theatro e para a beneficiada!

Isto poderia ter acontecido mais vezes nos jornaes, porque é geralmente sabido a consciencia com que se fazem muitas vezes as noticias de theatro nos jornaes de Lisboa.

Já li uma vez uma tremenda descompostura a um artista pelo desempenho que dava a um papel, n'uma peça em que elle nem sequer entrava!

Se os jornaes olhassem com mais al-

guma attenção para o nosso theatro, bom serviço lhe poderiam prestar.

Coutinho do Miranda traduziu muitas peças para o theatro, mas, seja dita a verdade, traduzindo correctamente, escolhia-as mal, porque nenhuma fez grande carreira. Entre outras, lembro-me da *Heloisa Paranquet*, *Medico da viuva*, *Rival implacavel*, *Pesca de corações*, *Casar para não morrer*, *Noviciado conjugal*, *Discordias de Concordia*, *Rei dos bandidos*, *High-Life*, etc.

1898 — Morre no Rio de Janeiro o actor **Ignacio Vicente Rodrigues**, mais conhecido pelo **Vicente maluco**, e que alli nascera em 1848.

Era actor de limitado prestimo, mas que por vezes se soubera collocar, chegando a ser director d'uma companhia theatral que se fundou por occasião do estabelecimento da republica no Brazil e quando a febre das companhias accommetteu toda a população do Rio.

Era por vezes despropositado e inconveniente e por isso o alcunhavam de *maluco*. Escripturado em companhia minha, cheguei a ter de agarral-o e tirar-lhe das mãos um rewolver com que ameaçava um empregado da empreza.

A sua estreia foi em 1868, no theatro de S. Pedro d'Alcantara, em companhia dirigida pelo actor Martins, na peça phantastica *O Phantasma Branco*.

No fim da vida teve um acto bastante louvavel. Foi um dos fundadores da Caixa Beneficente Theatral e procurador vitalicio da mesma.

19

1859 — Canta-se pela primeira vez, em Paris, a opera de Gounod, **Fausto**.

Foi interpretada por Barbot, Balanqué e Miolan-Carvalho. Depois, na Grande Opera por Collin, Faure e Christina Nilsson.

20

1846 — Nasce **Pedro Maria Castello**.

Em 1853, tendo 7 annos de edade, representou pela primeira vez em D. Maria, no drama *Portuguezes na India*.

Não sei se continuou representando. Como actor, e por signal bem mau, apenas me lembro de entrar n'uma magica e revista minhas, representadas em 1869 no theatro das Variedades. Sei que tinha andado nas provincias com uma companhia organisada por Pinto Bastos.

Para o theatro tinha elle verdadeiro prestimo, se não como actor, como machinista, que é dos melhores que temos tido, do que deu provas nas Variedades, Rua dos Condes e Principe Real, onde se conserva ha bastantes annos.

Verdade, verdade, no theatro elle só é util como machinista; mas sem fazer muito má figura e mostrando muito boa vontade, tem sido tambem scenographo, actor, auctor, aderecista, contraregra e não sei que mais.

1852 — Nasce em Pernambuco **Antonio Ignacio de Torres Bandeira**.

Estudou com seu pae geographia, historia, philosophia e rhetorica e empregou-se na repartição de fazenda da sua terra.

Dedicou-se ao jornalismo e litteratura, escrevendo algumas peças, entre as quaes as comedias *Uma patuscada* e *Um engano conjugal*, o entre-acto *Dá Deus nozes a quem não tem dentes* e a scena comica *O sr. Gregorio meio critico*.

22

1839 — Nasce em Braga o notabilissimo entalhador e esculptor **Leandro Braga**.

Os admiraveis trabalhos de esculptura e talha de **Leandro de Sousa Braga** crearam-lhe um nome immorredouro entre os mais notaveis artistas portuguezes. A affirmal-o estão as admiraveis obras que deixou no *atelier*, *boudoir* e sala de mesa da rainha D. Maria Pia, na Ajuda; nas decorações em madeira no palacio real de Belem e no leito nupcial de el-rei D. Carlos; no palacio do Marquez da Foz, na Avenida; na sala principal, casa de jantar, gabinete e capella do chalet de

Frederico Biester, em Cintra; e nos preciosos moveis de estylo que possuem a rainha D. Amelia, Marquez da Foz, Duques de Palmella, Conde de Sabugosa, Conde de Cabral, Mendes Monteiro, Flamiano Anjos, Chamiço, Pachecos e outras pessoas.

Não é aqui o logar, falta-me mesmo a competencia de critico d'arte decorativa para fazer o elogio d'esse amigo querido, cuja morte ainda hoje deploro.

O meu fim, dando-lhe um logar n'este livro, é prestar-lhe a homenagem devida ao seu grande amor pelo theatro e pelos artistas dramaticos, com os quaes mais convivia. É, principalmente, deixar notado que, sem qualquer sombra de interesse, os melhores trabalhos de adereços que eram vistos nos nossos theatros eram devidos ás suas mãos, á sua direcção, ou aos seus conselhos. Foi elle quem fez a magnifica estatua que figurou no drama de Lopes de Mendonça, *A Estatua*, a qual hoje está em meu poder. Foi elle quem obsequiosamente fez para o theatro dos Recreios todos os pertences das espectaculosas peças *Miguel Strogoff* e *Luiz XI*.

Leandro Braga foi tambem o encarregado da ornamentação do excellente theatro Garcia de Rezende, de Evora.

O notabilissimo artista morreu repentinamente a 6 de abril de 1897.

23

1841 — Nasce em Lisboa **Guilherme Rodrigues.**

É um escriptor modesto, mas de valor, que tem collaborado nos jornaes litterarios: *O Despertador*, *O Archivo Litterario*, *A Aurora Litteraria*, *Album Litterario* e *Recreio*. N'este ultimo tem publicado importantes artigos historicos.

Guilherme Augusto Rodrigues traduziu os romances: *Cego da Fonte de Santa Catharina*, *Piquillo Alliaga*, *Mil e uma noites* e *Trapeiro de Paris*.

Por occasião do Centenario Antonino, em 1895, publicou um opusculo com o titulo *Estudo biographico de Santo Antonio e historia dos seus milagres*.

Para o theatro tem escripto varias peças que se representaram: Na Rua dos Condes, a opereta original em 3 actos, com musica de Freitas Gazul, *Loucuras de rapaz;* a comedia em 1 acto, traducção, *Contribuições indirectas:* a comedia em 1 acto, traducção, *Um beijo ao portador*. Nas Variedades, a comedia em 1 acto, original, *Qual d'elles é meu filho?:* a comedia-drama em 2 actos, traducção, *Tempestade e bonança* e a comedia em 1 acto, original, *Um retrato photographico*. Para theatros particulares traduziu as comedias em 1 acto: *A protegida sem o saber*, *Tal sogro! tal genro!* e *Sou genro do meu genro*.

Guilherme Rodrigues foi o auctor predilecto do imitador Trindade, pois para elle escreveu expressamente as comedias: *Porteiro da casa n.º 15*, *Fernanda* e *Uma mulher no poder* e as scenas comicas: *Viajem á roda do mundo em 80 dias* e *Cahiu o Carmo na Trindade*.

24

1845 — Nasce no Lumiar, arrabalde de Lisboa, o actor **Pedro de Sousa.**

Começou a vida aprendendo o officio de estofador.

Estreiou-se no velho theatro da Rua dos Condes no drama *A Padeira de Aljubarrota*, sendo emprezaria a Associação do mesmo theatro. Alli se conservou até que Francisco Palha foi emprezario. Quando este foi para a Trindade, **Pedro de Sousa** passou a outros theatros. Esteve contractado no Principe Real e nas Variedades e andou por muito tempo nas provincias com a companhia Soares.

A ultima peça em que representou foi o *Tim tim por tim tim*, n'uma *reprise* feita no theatro da Avenida.

Abandonou o theatro para exercer o emprego que alcançou na Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense e ainda hoje lá se conserva.

Durante a sua carreira de actor desempenhou alguns papeis importantes, mas nunca passou de mediocre.

1887 — Morre no naufragio do vapor *Bahia* entre Parahyba e Pernambuco, costa do Brazil, **Custodio de Oliveira Lima.**

Portuguez de nascimento, naturalisára-se brazileiro e entrára como piloto para o serviço da armada a 24 de abril de 1877. Deixára pouco depois esse serviço, casára e estabelecera-se no Pará. Era agrimensor e sectario fervoroso do espiritismo. Convenceu-se de que fazia versos sob a influencia dos espiritos, por signal que eram bem maus esses versos.

Escreveu os seguintes dramas, que talvez não fossem melhores do que as poesias: *O Anjo da caridade*, *O orphão e o escravo*, *Heroes portuguezes*, *O carcere do Rei* e *Eurico*, extrahido do romance de Alexandre Herculano.

25

1812 — Nasce no Rio de Janeiro **Carlos Antonio Cordeiro.**

Formado em direito pela faculdade de S. Paulo, foi um distincto advogado. Publicou muitos e importantes livros juridicos e dedicou-se muito á litteratura dramatica.

Deixou a comedia em 5 actos, *São estes os mais felizes* e os seguintes dramas: *Os milagres de S. Francisco de Paula*, *O reinado de Salomão*, *O escravo fiel*, *O filho do alfayate ou as más companhias*, *Os parentes desalmados*, *A rainha de Hespanha ou a vingança de um filho*, *Notavel coincidencia ou a justiça divina* e *Fatalidades da vida.*

Morreu a 23 de junho de 1866.

1892 — Representa-se pela primeira vez no theatro da Trindade a opereta em 1 acto, *Academicos e futricas*, letra de Baptista Machado, musica de **Dias da Costa**.

Nasceu em Cabo Verde, em 1860, **Dias da Costa,** e veiu muito novo para Lisboa cursar os preparatorios do Lyceu e ao mesmo tempo aprender musica com o habilissimo professor José Antonio Vieira.

Em 1876 foi para Coimbra fazer o curso de mathematica e por essa occasião compôz diversas partituras que se executaram no theatro Academico, sobresahindo entre todas a opereta em 3 actos *A Pupilla de D. Beltrão*, que foi enthusiasticamente applaudida.

Em 1881 regressou a Lisboa **Dias da Costa** a completar na Escola do Exercito o curso da arma de infanteria, onde actualmente tem o posto de capitão.

Aqui continuou a estudar musica e compôz a opereta *Academicos e futricas*, que se deu no theatro da Trindade e a musica da magica *O Cavalleiro da Rocha Vermelha*, que se representou no theatro da Avenida e que tinha trechos lindissimos.

Dias da Costa tem inspiração e oxalá nos apresente ainda outros trabalhos.

28

1812 — Nasce em Cabo Frio, proximo ao Rio de Janeiro, **Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa.**

Por falta de meios de seu pae, aprendeu o officio de carpinteiro, mas logo que poude, tendo já mais de 20 annos de edade, estudou humanidades, fazendo-se depois professor de instrucção primaria e mais tarde escrivão do tribunal commercial. Falleceu em 1 de dezembro de 1861.

Fernandes Pinheiro classifica-o, no seu *Curso de Litteratura*, distincto poeta lyrico e romancista. Deixou diversos volumes de versos, poemas e romances, duas tragedias originaes: *Cornelia* e *O Cavalleiro teutonico ou a freira de Mariemburg*, e uma traduzida de Ponsard, *Lucrecia.*

29

1855 — Nasce em Lisboa **Anacleto d'Oliveira.**

Apezar de ter interrompido o curso pela sua mania de theatro, concluiu-o depois, formando-se em medicina pela Escola Medica de Lisboa o **Dr. Anacleto Rodrigues d'Oliveira.**

Em 1876 tomou a empreza do theatro das Variedades, onde fez representar a magica de Joaquim Augusto de Oliveira, musica de Frondoni, *A Lenda*

do rei de Granada, a peça phantastica, musica de Caballero, *O Anno 3:000*, o drama militar *Os Cossacos* e outras peças.

Tem sempre tido a mania de amador dramatico e por isso tomou parte em diversas recitas dos theatros do Aljube, Taborda, Trinas, Club de Lisboa, Variedades e recita de estudantes em D. Maria, representando em muitas peças, entre ellas: *Os Campinos, Opio e Champagne, Ella ou a morte, Amor e dinheiro, Maestro Bovi, Ás Avessas, Filhas de Adão, Por um triz, Leonor Telles, Dinah, Dois timidos*, etc.

Como escriptor dramatico tem produzido o seguinte: *Anno 3:000*, imitação do hespanhol; *Cossacos*, imitação do francez; *Beldemonio*, opera burlesca imitada do francez representada no Gymnasio e Principe Real, estas tres em collaboração com Palermo de Faria; *Ás avessas*, comedia em 1 acto, original, em verso, representada no Club de Lisboa; *A Côrte do rei Pimpão*, opera burlesca em 3 actos, imitada do francez e representada no theatro da Trindade; *A Pata do Diabo*, magica representada no theatro da Avenida; *As Nymphas do rio d'Algés*, cantata lyrico-burlesca representada no Club d'Algés; *O camarada*, comedia representada em varios theatros da provincia. Tem concluidas, mas ainda não representadas as seguintes peças: *A Herança do Alcaide*, opera-burlesca em 3 actos; *O annel de Zoroastro*, magica; *A adela de S. Roque*, opera burlesca; *Entre o azul e o vermelho*, opera burlesca e *O Segredo terrivel*, comedia em 3 actos.

ABRIL

I

1807—Nasce em Paris o grande actor **REGNIER.**

Filho de uma antiga societaria da Comedie, Mademoiselle Regnier de la Briété, fez os seus estudos no collegio Juilly.

Estudou primeiro pintura e depois architectura na Escola de Bellas Artes. Desgostou-se por sahir reprovado n'um concurso em que tomou parte.

Resolvendo entrar no theatro, estreiou-se na scena de Montmartre e ahi passou desapercebido.

Mais tarde tomou parte n'uma recita que em seu beneficio deu Mademoiselle Duchesnois no theatro de Versailles e por tal fórma representou com Mars o papel de *Pasquin* no *Jeu de l'amour et du hasard*, que foi escripturado immediatamente para o theatro de Metz, começando ahi a sua brilhante carreira.

Em 1827 foi para Nantes e ahi esteve tres annos, sendo notado por Gontier, que o levou para o Palais-Royal de Paris, d'onde afinal sahiu para a Comedie, onde teve as suas maiores glorias.

Na casa de Molière estreiou-se a 6 de novembro de 1831, fazendo o protogonista do *Mariage de Figaro*, seguindo-se uma serie não interrompida de triumphos.

Regnier representava com grande naturalidade e era popularissimo, apezar de ser um pouco fanhoso.

Em 1854 foi nomeado professor do Conservatorio de Paris, substituindo Samson. D'alli sahiram discipulos seus de grande merito, entre os quaes: Judic, Baretta, Reichemberg, Dupont-Vernet e os dois Coquelin.

Deu a sua recita de despedida a 31 de março de 1872.

Em 1873 foi nomeado director de scena da Comedie, tendo já sido archivista. Teve tambem a direcção da Grande Opera.

Desempenhou em toda a sua brilhante carreira 251 papeis differentes.

Tinha grande erudição e conversa animada e instructiva.

Como auctor collaborou com Dumas

(pae) no *Romulus*, com Paulo Foucher na *Joconde* e auxiliou com a sua grande pratica theatral Jules Sandeau na sua *Mademoiselle de la Seiglière*.

Foi **Regnier** quem compôz a musica com que se canta *Au voleur* nas *Precieuses Ridicules*.

Regnier era cavalleiro da Legião de Honra.

1852 — Ultima representação no antigo barracão do **Gymnasio**, que começou a ser demolido no dia 5 d'este mez, para ser depois reedificado.

Vêr adeante a data de 16 de novembro.

1868 — Nasce em Marselha o notabilissimo litterato **Edmond Rostand**.

A sua primeira peça *Le Gant Rouge*, vaudeville em 4 actos, representou-se no theatro Cluny, a 24 d'agosto de 1888.

Em junho de 1891 entregou na Comedie Française a sua deliciosa comedia em 3 actos, em verso, *Les Romanesques*. A 14 de junho de 1892 o *comité* acceitou-a. Foi representada a 21 de maio de 1894. A Academia Franceza conferiu-lhe n'esse anno o premio de quatro mil francos, destinado á peça de maior successo.

A 5 de abril de 1895 representou-se na Renaissance a sua peça em 4 actos, em verso, *La Princesse Lointaine*.

A grande nomeada de **Rostand** foi-lhe conquistada pela sublime peça, em verso, *Cyrano de Bergerac*, que cônstitue o maior successo theatral da França nos ultimos annos. Coquelin (ainé) encontrou n'esta peça talvez o seu primeiro papel.

1898 — Estreia-se no theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro, no papel de princeza da opereta *Amor molhado*, **Augusta Massart**, filha da actriz Christina Massart, da qual terei occasião de fallar.

Augusta Massart nasceu no Rio de Janeiro em 1881. Conheci-a de pequenina e informam-me que tem aptidões para a scena.

3

1854 — É esta a data da primeira representação, a que me referi, do **Santo Antonio**, de Braz Martins, no Gymnasio.

Por informações colhidas mais tarde, posso agora dizer que o Ferreira que figurou na distribuição primitiva não era o irmão do Izidoro; mas o José Ferreira, que abandonou cedo a carreira e é hoje proprietario do armazem de moveis e estofos da praça de Luiz de Camões. A Ludovina não era a velha que depois esteve nas Variedades, mas uma bonita rapariga, que tambem cedo abandonou o theatro. E o Sargedas, que depois foi padre, não era primo, mas sim irmão do notavel actor Chrispiniano Sargedas.

1874 — Estreia-se no theatro de S. Luiz, do Rio de Janeiro, nas comedias *Miss Suzanna* e *Dois surdos* o actor **Peixoto**

Antonio Peixoto Guimarães nasceu em 1855, na cidade de Guimarães, em Portugal. Foi para o Brazil com destino ao commercio, mas, apaixonado do theatro, seguiu a carreira dramatica e em boa hora, porque é actualmente um dos actores mais distinctos e uteis do Brazil.

Tem pertencido a diversas companhias, occupando sempre um dos primeiros logares, seja qual fôr o genero em que trabalhe. É correctissimo na comedia, muito original na opereta, excentrico na opera burlesca ou na magica e com uma aptidão especial para papeis de revista, em que faz magnificas creações.

Sou insuspeito para fallar do actor **Peixoto**, porque, durante varias epochas e muitos annos que permaneci no Brazil, nunca o contractei, nem sequer com elle fallei, constando-me até que tinha por mim a maior antipathia. Nunca dei importancia á sua malquerença, mas fiz sempre justiça ao seu merecimento e, em favor da minha imparcialidade, folgo de ter esta occasião para lhe prestar a homenagem de reconhecimento do seu merito.

Peixoto foi o actor e o amigo mais dedicado que no Rio de Janeiro tiveram os infelizes e talentosos artistas Esther de Carvalho e Ribeiro.

5

1692 — Nasce em Damery (França) a

celebre actriz **ADRIANNA LECOUVREUR**.

Apaixonada desde a infancia pelo theatro, começou tomando parte em recitas particulares; recebeu depois lições do actor Legrand, representou durante um anno em Strasburgo, e debutou na Comedia Franceza a 14 de maio de 1717.

Tornou-se immediatamente notavel pela naturalidade com que representava, afastando-se da escóla declamatoria, que então era seguida. N'isto foi apenas guiada pelo seu instincto. Foi uma tragica bem notavel, uma comediante illustrissima. Os seus principaes papeis foram os de *Phédra, Cornelia, Electra, Bérenice, Hermionia, Paulina* e *Athalia*.

Apesar de ser pequena a sua estatura, era elegante e d'um rosto bastante expressivo.

Morreu a 20 de março de 1730, tendo apenas 38 annos de edade. Custou-lhe a vida a sua paixão pelo marechal de Saxe. Depois de soffrer muito com as infidelidades do amante, foi envenenada por uma rival.

Este acontecimento forneceu o assumpto de um drama a Scribe e Legouvé, sendo a protogonista pela primeira vez desempenhada pela grande Rachel.

Em Lisboa foi o drama interpretado pela celebre Ristori, depois por Emilia das Neves, e ultimamente por Lucinda Simões. De Ristori a Emilia das Neves haveria um pequeno degrau, que a nossa eminente tragica desceu com a maior facilidade, mas d'ella a Lucinda, foi tal o despenhadeiro, que o desastre foi cruel.

O cura de S. Sulpicio recusou enterrar **Adrianna Lecouvreur** em sagrado ; foi esse facto espantoso que inspirou os conhecidos versos de Voltaire:

«Sitôt qu'elle n'est plus, elle est donc criminelle!
«Elle a charmé le monde et vous l'en punissez...»

Adrianna Lecouvreur deixou as suas *Cartas*, de grande valor.

6

1870 — Nasce em Perugia (Italia) a actriz **Concetta**.

Ignoro a sua carreira antes de representar em portuguez, no vaudeville *Mimi Bilontra*, no theatro de Variedades, do Rio de Janeiro.

Tem feito depois variados papeis em magicas, revistas e operetas com certo agrado.

Não se poderá dizer que seja uma grande actriz, mas é uma grande mulher, e, no publico do Rio de Janeiro tem seu partido.

9

1861 — Arde o theatro **Lyceo de Barcelona**.

O sinistro foi de tal ordem, que apenas ficaram algumas paredes.

Era a mais vasta sala dos theatros da Europa, excedendo mesmo a do Scala, de Milão. Tinha 168 camarotes e 1:400 logares de platéa. O salão, ricamente ornamentado, tinha 4:500 pés quadrados.

Este bello theatro foi logo reconstruido. A não ser o Grande Theatro de Moscow, que é uma verdadeira brutalidade, pois

tem 20^{m} de largura de bocca da scena, 22^{m} de largura da sala e 65^{m},500 de comprimento da sala, é ainda hoje o maior, pois tem 16^{m},500 de largura de bocca de scena, 19^{m},500 de largura da sala e 23^{m},500 de comprimento da sala. O numero total de logares do theatro é de 3:507.

1888 — Pela segunda vez vem a Lisboa com a sua companhia **Sarah Bernhardt,** estreiando-se no theatro de D. Maria, na *Dama das Camelias.* Deu 8 espectaculos, quasi todos com limitada concorrencia. Foi felicissima da primeira vez no Gymnasio, e mais feliz da terceira em S. Carlos.

10

1895 — Estreia-se no theatro D. Amelia a companhia da actriz hespanhola **Maria Tubau.**

A companhia era devéras mediocre, mas tinha a dar-lhe prestigio a distincta actriz **Maria Tubau,** uma das primeiras da scena hespanhola.

Apesar de ser a primeira companhia que em Lisboa representava o *Thermidor* de Sardou, *O serviço obrigatorio*, traducção hespanhola da magnifica comedia de Feydeau, *Champignol malgré lui*, e o drama de Eugenio Sellés, *As Vingadoras*, a concorrencia de publico foi sempre limitada.

12

1778 — N'este dia obteve **Manuel Rodrigues Lopes,** actor do theatro da Rua dos Condes, auctorisação para se confessar e commungar, o que lhe era negado pelo prior de S. Lourenço.

É curioso e absolutamente inedito o documento que passo a apresentar:

«Ex.^{mo} e Revmo Sr. — Diz **Manoel Rodrigues Lopes,** comico no theatro da Rua dos Condes, e morador na freguezia de S. Lourenço d'esta cidade, que pretendendo satisfazer o preceito da Quaresma proxima do presente anno, e confessar-se ao seu Parocho o R. Dr. José Caetano de Mesquita, prior da dita Igreja, o não quiz este ouvir de confissão, e nem desobrigal-o respondendo ao supp.^{e}, que os homens da sua profissão andavão sempre em occasião proxima de peccado mortal, e q̃ assim o dizião os seus livros. Não advertiu, porém, que nem tudo quanto se acha nos livros é reduzivel á pratica, porq̃ as differentes circumstancias, e o differente modo de pensar faz com q̃ sejão licitas em hum tempo umas acções q̃ o não foram em outro. Os auctores canonistas ou theologos moraes condemnaram as comedias e quem as representava, ou olharam para os costumes do seu seculo, ou, faltos de experiencia, copiaram as doutrinas dos mais antigos, nos quaes havia razão sobeja para esta condemnação pois q̃ n'esses obscuros tempos eram as scenas obscenas, os comediantes chamados mimos, pessoas abjectas e vis, q̃ provocavam a luxuria nos theatros, e as pessoas cordatas e de bom senso nem iam, nem levavam as suas familias a estas assembléas, onde se promovia o peccado: Hoje, porém, são os theatros escola de costumes, corrigem-se os maos e louvam-se os bons, e póde ser q̃ similhantes espectaculos, onde se mette a ridiculo o vicio e se louva a virtude, façam mais commoção nos animos dos espectadores q̃ um sermão de Quaresma. Logo, como será possivel que quem concorre para metter pelos olhos dos seus concidadãos verdadeiro modo de proceder, sejam medidos pela mesma bitola dos q̃ algum dia fazião o contrario. As peças que se põem nos theatros são revistas e correctos por um tribunal Regio e Pontificio, e se este tribunal approva as peças reputando-as livres de todo e qualquer veneno, como não hade approva e reputar livres de veneno as boccas q̃ as representam; em uma palavra, as pessoas q̃ hoje vão aos theatros, de um e outro sexo, são de toda a circumspecção, e nem por isso incorrem no grave defeito de levianos, e até para remate, a Soberana, q̃ aliás é cofre de todos as virtudes, não se dedigna de ser tambem espectadora com toda a Casa Real; circumstancia q̃ sobeja para o Rev. Prior mudar de sentimentos: o mais não é isto, é q̃ o Senhor Rei D. José de gloriosa memoria, vendo q̃ os come-

diantes do seu tempo não mereciam a infamia q̃ a commum opinião, derivada dos seculos da ignorancia tinha espalhado contra os representantes, os livrou d'ella e collocou na classe dos homens puramente mechanicos; e se a profissão já hoje não é infame, como hade ella reputar-se peccaminosa?

«O mais é q̃ aquelle Reverendo Parocho acabou, ha poucos annos, de ser mestre de rhetorica e de poetica no Collegio dos Nobres, onde precisamente ensinou aos filhos da grandeza e da primeira nobreza do Reino os preceitos das comedias e mais dramas e as regras de as fazer segundo a arte; logo não podia agora reprovar a pratica d'aquella especulação, q̃ elle mesmo ensinou.

«E porq̃ o Supp.e quer da sua parte satisfazer com a sua obrigação e não devem servir-lhe de embaraço escrupulos do seu Revd.º Parocho tão mal fundados, n'estes termos requer a V. Ex.a se sirva mandar q̃ o seu Rev.º Parocho o desobrigue, ou q̃ o Supp.e possa desobrigar-se na Patriarchal ou na Sé ou em outra qualquer freguezia d'esta cidade.

«Pede a V. Ex.a seja servido assim o haver por bem e determinar como o Supp.e implora.

E. R. M.

Despacho:

«Damos ao Rev. Parocho da S.ta Igreja Patriarchal a commissão necessaria e a precisa jurisdicção para admittir o Supplicante ao cumprimento dos Santos Preceitos Quadragesimaes em termos, e o dito Rev. Parocho avise o R. Prior de S. Lourenço d'esta nossa providencia.

«Lisboa, 12 de abril de 1778.

«Arcebispo de Lacedemonia.
«Vigario geral do Patriarchado.»

1898 — Estreia-se no theatro D. Amelia a prodigiosa actriz **ELEONORA DUSE**, na peça de Dumas (Filho), *A Mulher de Claudio*.

Apezar dos preços elevadissimos, o theatro encheu-se completamente. A impressão não podia ser maior. O publico, tomado de assombro pela maior artista da actualidade, aclamou-a com delirio.

No dia 14 segunda recita com a *Magda* de Sudermann. A mesma enchente e ainda maior enthusiasmo pela sublime artista.

No dia 15 terceira recita de assignatura com a peça de Pinero, *A segunda mulher de Tanqueray*. Este drama, novo para Lisboa, agradou immensamente e a **Duse** teve delirante ovação.

No dia 17, em 4.a recita de assignatura, a *Dama das Camelias*. Enchente colossal; bilhetes á porta por preços elevadissimos; cadeiras a 12$000 réis, camarotes a 50$000 réis e galeria a 2$500 réis! A grande **Duse** foi verdadeiramente sublime na interpretação da Margarida Gauthier. Ha muito tempo se não fazia em Lisboa tão delirante ovação.

No dia 19, a quinta recita de assignatura, com o drama *Cavallaria Rusticana* e a comedia de Goldoni *A Locandeira*. Grande concorrencia de publico. Foi a noite de menor enthusiasmo, apesar de todos reconhecerem a superioridade com que a **Duse** fez o seu papel pequeno na *Cavallaria* e a graça com que representou a comedia.

No dia 20, a sexta e ultima recita de assignatura com egual concorrencia ás noites anteriores. A **Duse** representou superiormente a *Princeza de Bagdad* de Dumas (filho) e obteve enormes applausos.

No dia 22, em recita extraordinaria, encheu-se novamente o theatro. A **Duse** representava pela primeira vez a peça de Ibsen *Hedda Gabler*. Lisboa recebeu essa preferencia da grande actriz, que quiz crear esse difficillimo papel ante o nosso publico. Sobre a peça divergiram muito as opiniões da platéa illustrada que assistiu a esta recita. Sobre o desempenho da **Duse** foram todos unanimes em achal-o maravilhoso e demonstraram-no na mais significativa manifestação de enthusiasmo.

A 24, nova recita extraordinaria com a segunda representação da *Dama das Camelias*. Menor concorrencia do que na primeira representação, porém ainda maior enthusiasmo.

No dia 27, recita de despedida da **Duse**, fazendo ella o 2.º acto da *Mulher de Claudio* e o 5.º da *Adriana Lecouvreur*. A mesma concorrencia e enthusiasticos applausos á despedida.

N'este mesmo dia, ás 3 horas da tarde, descerrou-se a lapide, mandada collocar pela empreza no *foyer* do theatro em memoria da passagem da grande actriz por aquella scena. Assistindo grande numero de senhoras, artistas e escriptores, ao som do hymno italiano, executado por uma orchestra, entrou **Eleonora Duse**, vestida de branco e com uma longa capa de velludo côr de cobre. Uma interessante creança offereceu-lhe um lindissimo ramo de rosas. Em seguida a grande artista, a convite da empreza, descerrou a lapide, que estava coberta com a bandeira italiana e uma corôa de louro. A lapide é de marmore rosa com a seguinte inscripção gravada em letras de ouro: **ELEONORA DUSE, 12 de abril de 1898.** Discursaram diversos jornalistas.

É bom ficar aqui mencionado que, apezar de muito gritarem pela falta de escóla, raros dos nossos artistas assistiram ás representações da **Duse**. A desculpa dos preços elevados não póde colher, visto que poucas foram as recitas e bem merecido seria o sacrificio do artista para ver tal genio.

Tomaram assignatura apenas os seguintes artistas: do theatro de D. Maria, Lucinda Simões, Lucilia Simões e Christiano de Sousa; da Trindade, Virginia, Palmyra Bastos, Amelia Vieira, Augusto de Mello, Maria Pia e Ferreira da Silva; do Gymnasio, só Josepha d'Oliveira, e o grande Taborda.

N'uma ou outra recita isolada alli foram alguns artistas, bem poucos. É de notar que são muitas vezes vistos nas companhias de zarzuela e de cavallinhos. Fique isto assignalado sem mais commentarios.

No dia 28 de abril a illustre artista partiu para o Porto com a sua companhia. Deu o primeiro espectaculo na sexta feira, 29, com a *Dama das Camelias*, tendo apenas meia casa; no domingo, 1 de maio, deu a segunda recita com a *Magda* e pouco maior concorrencia. Tendo-se annunciado a terceira recita com a *Segunda mulher de Tanqueray*, não se realisou por falta de publico! A companhia retirou-se n'essa mesma noite para Italia.

13

1850 — Nasce na ilha Terceira **Antonio de Campos Junior.**

É tenente de infanteria e adjunto da secretaria da Guerra.

Desprovido de meios e tendo ficado orphão, conservou-se por muito tempo ignorado na terra da sua naturalidade e na provincia. Só tarde e em Lisboa se consagrou assiduamente ao jornalismo, de que é uma verdadeira illustração e honra.

Tem feito parte, com grande prestigio, das redacções da *Correspondencia de Leiria*, do *Districto de Leiria*, da *Revolução de Setembro*, da *Esquerda Dynastica* e da *Tarde*. Tem sido collaborador de outros jornaes, entre os quaes: *Diario de Portugal*, *Tempo*, *Diario Illustrado*, *Revista Theatral*, *Perfis Contemporaneos*, etc.

Em 1890, por occasião do *ultimatum* inglez, **Campos Junior** mandou anonymo para o theatro Alegria um aproposito dramatico, intitulado *A Torpeza*, pedindo que os direitos de auctor fossem entregues á grande commissão da subscripção nacional, o que afinal se não realisou por difficuldades que fizeram fechar o theatro, mezes depois de ter ido á scena, por cerca de cincoenta vezes aquelle aproposito de protesto patriotico, que era um modelo de estylo e vigor dramatico. Os principaes papeis da *Torpeza* foram desempenhados por Joaquim d'Almeida e Elisa Aragonez.

A *Revue Britannique*, publicação litteraria de Paris, deu noticia do grande exito da peça, esboçando a sua contextura.

Representou-se em theatros de provincia, sem que o auctor recebesse ou pretendesse receber quaesquer direitos. Foi levada para o Brazil pela companhia do theatro do Principe Real, mas a policia brazileira não a deixou representar, decer-

to para não ferir as susceptibilidades da colonia ingleza do Rio. Cedeu afinal, mas com a mudança de titulo e varias modificações no texto. Chamou-se então *A Historia* e John Bull passou a ser o *Rei Milhão!* O auctor de nada soube senão depois de effectuada a transformação, e tambem nenhuns direitos recebeu. Está impressa, tendo-se esgotado a edição.

Em 16 d'abril de 1892 representou-se no Gymnasio uma bella comedia em 3 actos, de **Campos Junior**, intitulada *A Filha do Regedor*, escripta expressamente para o beneficio do actor Valle. Esteve em scena durante duas epochas. O primeiro acto d'esta peça era extraordinariamente bem feito. Se os ultimos dois lhe correspondessem seria uma das melhores comedias portuguezas.

No mesmo theatro se representaram mais duas comedias de **Campos Junior**, que bastante agradaram: *O nariz de cêra* e *O filho do Major*.

Para o theatro do Principe Real escreveu o drama em 4 actos *A Consciencia*, que esteve duas epochas em scena e por duas vezes foi tambem levado no repertorio da companhia ao Brazil. Os principaes papeis foram desempenhados por Amelia Vieira, Maria das Dores, Adelina Ruas, Soller, Posser e Francisco Costa.

Em 1896 publicou **Campos Junior** um livro ácerca das campanhas de Moçambique, ao qual deu o titulo de *Victorias d'Africa*. É primoroso, como tudo que sae de tão brilhante penna.

Desde outubro de 1896 tem publicado no *Seculo* artigos de fundo, de grande valor, rememorando a historia e fazendo propaganda patriotica em favor das nossas colonias e dos interesses da industria nacional.

No mesmo jornal e com o maior exito está publicando o excellente romance *Guerreiro e Monge*.

Em collaboração com Mello Barretto, tem ainda inedita uma opereta patriotica, passada no tempo dos francezes, com o titulo *Em pé de guerra*.

Campos Junior é inquestionavelmente um dos melhores escriptores portuguezes contemporaneos, e pena é que não disponha de mais tempo, ou o não tenham incitado para honrar o theatro nacional com mais valiosas producções.

14

1849 — Nasce no Porto **Alberto Pimentel**.

É um distincto jornalista. Tem publicado algumas obras interessantissimas, que lhe tem dado justissima nomeada.

Os seus trabalhos para o theatro, especialidade d'este livro, têem sido os seguintes:

Que joven Telemaco! scena comica desempenhada pelo actor Valle; *Vestidos curtos*, *O nariz*, *Psciu!*, *A gréve*, monologos impressos no Porto; *Rindo*, monologo desempenhado pela actriz Julia Anjos; *Lirios*, poesia recitada pela actriz Emilia Adelaide, a 17 de julho de 1873, no theatro de S. João do Porto; traducção do *Mr. Alphonse*, de Dumas (filho), feita em tres noites, a pedido do grande actor Santos e representada no theatro de D. Maria; *Dispa-se*, comedia em 1 acto, imitada do hespanhol e representada innumeras vezes no Gymnasio por Taborda, Emilia Candida, Pereira e José Bento; *Depoïs do salsifré*, scena comica escripta para o actor Lamas, que a representou centos de vezes; *Os Calixtos*, monologo escripto expressamente para ser recitado pelo distincto amador Luiz Gama e depois o foi tambem pelo actor Simões; *High-life-mania*, comedia em 1 acto, representada no Gymnasio a 7 de março de 1877, em beneficio da actriz Jesuina Marques; *Grandes e pequenos*, monologo recitado innumeras vezes pelo actor Valle.

No theatro têem sido recitadas algumas poesias do livro de **Alberto Pimentel**, *Idyllios dos Reis*, como por exemplo: *A Jarreteira*, pelo actor Chaby Pinheiro e *D. João V em Odivellas*, pelo actor Augusto de Mello.

15

1760 — Nasce em Madrid **Luiz Raphael Soyé**.

Veiu muito creança para Lisboa e aqui foi educado sob a protecção do morgado da Oliveira, depois Conde de Rio Maior. Foram seus mestres os padres da congregação de S. Vicente de Paulo.

Estudou depois theologia na Universidade de Coimbra e professou na regra franciscana.

Em 1802 foi a França por ordem do nosso governo a fim de escolher livros para a bibliotheca publica de Lisboa. Por essa occasião resolveu ficar em Paris e ahi estabelecer-se como livreiro.

Mais tarde partiu para o Rio de Janeiro, onde conseguiu ser secretario da Academia das Bellas Artes.

Em 1828, atacado de uma paralysia, tendo-lhe fugido de casa um preto, unica pessoa que tinha comsigo, ficou ao desamparo e sem poder pedir soccorro, até que morreu de fome, encontrando-se depois o seu cadaver já putrefacto.

Era um escriptor correcto e instruido.

Fez duas peças para o theatro: *Beneficencia de Jove*, drama piscatorio-bachico, e *Os Lavradores*, drama campestre para musica.

18

1820 — Nasce na Dalmacia o notavel maestro **Franz Suppé**.

A familia fel-o entrar na Universidade de Vienna para seguir uma carreira scientifica; elle preferiu a musica por uma vocação irresistivel.

Além de tocar com perfeição diversos instrumentos, foi regente d'orchestra e ensaiador.

Onde, porém, **Suppé** obteve a maior gloria e um nome universal foi como compositor de opera comica e opereta. Em Lisboa são conhecidissimas e muito apreciadas as suas partituras: *Boccacio*, *D. Juanita* e *Fatinitza*.

Tem ainda outras magnificas, entre as quaes: *Dama de paus*, *Cavallaria ligeira*, *Viagem á Africa*, *Galathea*, etc.

Franz Suppé morreu em Vienna d'Austria, a 22 de maio de 1895.

20

1858 — Nasce **Frederico Ferreira**.

É um musico que não sabe musica, é um compositor que não sabe composição.

Confesso que não sei bem como classifical-o. Se o tivesse por um simples curioso, não lhe dava logar n'este livro, porque detesto os curiosos em qualquer manifestação.

Porventura não damos a classificação de artistas á maioria dos nossos actores, que apenas representam pelo instincto, pela vocação, pelo atrevimento, sem nunca terem recebido a mais pequena noção da arte de representar?

Por que motivo então não se ha de chamar artista a quem, apesar de desconhecer os mais rudimentares preceitos da divina arte, compõe as mais encantadoras melodias e dá todas as indicações para a fórma por que ellas hão de ser instrumentadas?

Quantas vezes nos temos enthusiasmado com as saltitantes zarzuelas de Chueca e Valverde? E todavia só Valverde é o musico; Chueca tem a inspiração que o seu collega aproveita, e a inspiração é tudo.

Quando Valverde, musico a valer, escreve uma partitura, sae semsaboria. Se aproveita as melodias de Chueca, sae uma obra deliciosa.

Se o que **Frederico Ferreira** faz não tivesse bastante merecimento, se por acaso fosse um attentado contra a arte, não teria certamente por cumplices os distinctos professores Filgueiras e Neuparth.

As musicas festejadas de **Frederico Ferreira** são: *A Côrte d'El-Rei Pimpão*, opereta em 3 actos, representada na Trindade em 1892; *A Herança do Alcaide*, opereta inedita em 3 actos; *El Sobresaliente*, zarzuela em 1 acto, representada pela companhia Ortiz no theatro de D. Amelia; *Semper virens*, valsa de concerto, executada pela Real Academia de Amadores de Musica; *Salão*

Neuparth, mazurka brilhante para piano; *As Economias*, mazurka; *A Vegetariana*, polka; *Il baccio*, miscellanea de valsas, executado pelo sextteto Rio de Carvalho.

1868 — Extraordinario espectaculo no theatro de S. Carlos, em beneficio do actor **Marcolino Ribeiro Pinto**, tomando parte por obsequio todas as companhias de Lisboa.

O espectaculo foi o seguinte:

O pianista Arthur Napoleão executou uma phantasia de sua composição.— Theatro de D. Maria II: a comedia em 1 acto, original de Manuel Roussado, *As sobrinhas do sr. Raymundo*.—Bufos madrilenos: a zarzuela em 1 acto, *La taza de thé*.—Theatro das Variedades: a scena comica original de Alcantara Chaves, desempenhada pelo actor Joaquim Bento, *Não volto a Lisboa!* — Theatro do Gymnasio: a comedia em 1 acto, imitação de Alfredo Sarmento, *A menina dos meus olhos*.— Theatro do Principe Real: a poesia comica de Eduardo Garrido, desempenhada pelo actor Santos, *O Prego*.— Theatro da Trindade: *A Judia*, poesia de Thomaz Ribeiro, recitada pela actriz Emilia Adelaide; *Reflexões d'um bailarino*, scena comica desempenhada pelo actor Taborda; *Para as eleições*, entreacto, original de Julio Cezar Machado, desempenhado pelos actores Taborda, Queiroz e Izidoro.

1890 — Representa-se pela primeira vez no theatro da Alegria a comedia em 2 actos, *O diabo no corpo*, original de **Raphael Ferreira**.

Tem sido **Raphael Ferreira** administrador e collaborador de diversos jornaes.

Para o theatro tem escripto mais o seguinte: *É dos enganos*..., comedia original em 1 acto, representada no theatro do Gymnasio; *O Sogro*, comedia em 3 actos, traduzida de Labiche, em collaboração com Santonillo, e representada no mesmo theatro. Ainda no Gymnasio, e com a mesma collaboração, a comedia em 3 actos *O sr. commandante*, traduzida de Gandillot. No Principe Real, em collaboração com Baptista Machado, deu a traducção do drama em 5 actos, de Dumas, *O fidalgo da montanha*. Mais no Gymnasio, a comedia original em 1 acto, *Diz a caldeira á certã*... No verão de 1897 representou-se na Trindade a sua opereta *O Principe Rubim*, extrahida de um conto francez e com musica de Sauvinet. Esta opereta já foi tambem no theatro D. Affonso, do Porto. Na Rua dos Condes a opereta *Á procura de contracto*, traduzida da zarzuela *Dos canarios de Café*.

Raphael Ferreira é intelligente, modesto e um excellente caracter.

21

1867 — Nasce em Lisboa **Carlos Calderon**.

Tem o curso completo do Conservatorio, que frequentou distinctamente durante 8 annos. É discipulo de Monteiro d'Almeida e Guerreiro da Costa.

No theatro da Avenida se cantou a sua primeira composição theatral, a musica da magica, *Ave do Paraizo*, que subiu á scena em 17 de janeiro de 1895. Depois, no mesmo theatro, a opereta *Coração de ouro*, a magica, *Loteria Infernal* e a revista *Poeta em Pancas*, e, no Real Colyseu, a revista *Trocas e Baldrocas*.

Tem ainda diversas producções ineditas.

Carlos Maria Ferreira Calderon está no começo da carreira e tem realmente valor.

1887 — Estreia-se no theatro de D. Maria com a sua companhia o grande actor francez **Coquelin ainé**, de quem já fallei a 25 de janeiro.

1896 — Morre no Rio de Janeiro o actor **Bernardo Lisboa**.

Era um artista muito intelligente, illustrado e consciencioso.

Contava 39 annos, nascera em Portugal e estreiára-se como actor no theatro S. Luiz do Rio de Janeiro.

Fez parte, com distincção, das companhias de Dias Braga, Ismenia e outras. Poderia ter alcançado muito maior renome, se a tuberculose que o minava o não obrigasse a deixar por vezes a scena e ou-

tras a ir trabalhar em Minas, Petropolis e n'outros climas beneficos.

O seu enterro foi uma manifestação de apreço da parte dos collegas e do publico.

Bernardo Lisboa escreveu diversas poesias e traduziu algumas peças.

22

1855 — Nasce em Avignon a notavel actriz da Comedie Française, **Mademoiselle Baretta.**

N'esse mesmo theatro se estreiou aos oito annos de edade, fazendo o papel de creança do *Supplicio de uma mulher.*

Entrou para o Conservatorio em 1868; obteve o segundo premio de comedia, classe de Régnier, em 1870.

N'este mesmo anno se estreiou no Odéon, no papel de *Martha* da *Salamandra.*

Depois de entrar em mais algumas peças, foi crear a *Dianah* ao Vaudeville.

Voltou para o Odéon em 1873, onde esteve dois annos com magnifico exito em diversas peças, entre as quaes: *Doutor Gorgibus, Mocidade de Luiz XIV* e *Amante legitima.*

Estreiou-se na Comedie Française em 1875 no papel de Henriqueta das *Femmes Savantes.*

Foi nomeada societaria a 26 de maio de 1876.

Tem alli um grande repertorio, em que sobresaem as peças: *Vers la joie, Filho natural, Antigona, Luthier, Uma familia, Daniel Rochat, Bucheronne, Barberine, Antonieta Rigaud, Córvos, Raymonde,* etc.

26

1846 — Estreia-se no theatro do Salitre, na comedia *O homem das fatalidades,* a actriz **Maria Izabel**, que mostrou bastante merecimento. Entravam n'esta peça os distinctos artistas Assis e Gusmão.

A comedia fôra ensaiada por Emilio Doux.

28

1812 — Nasce em Lisboa **Joaquim Vital da Cunha Sargedas.**

Depois de fazer exame de instrucção primaria, entrou em 1823 para a aula dos Congregados do Espirito Santo, onde aprendeu latim, indo em seguida estudar rhetorica para S. Vicente de Fóra.

Em 1827 entrou como noviço na Congregação do Oratorio, onde estudou philosophia, mathematica e theologia.

Com a extincção das ordens religiosas, **Sargedas** dedicou-se á vida do professorado. Em 1839 foi nomeado, precedendo concurso, amanuense do thesouro. Em 1840 passou para a administração geral de Santarem. Em 1846 voltou para Lisboa, empregado na repartição das contribuições directas. N'esse mesmo anno, tendo-se desempregado, a 27 de outubro de 1846 assentou praça como sargento no 2.º batalhão do commercio, passando, a 20 de maio de 1847, como brigadas para o batalhão do Joãosinho.

Por este tempo representava em theatros particulares, sendo sempre muito festejado.

Offereceram-lhe uma escriptura para o theatro de D. Fernando. Elle acceitou, estreiando-se em 1850 na opera comica *Barcarola,* em que muito agradou.

Apezar de nunca ter sido um actor á altura de seu irmão Chrispiniano Sargedas, de quem tratei a 27 de julho, teve ainda assim bastantes papeis em que alcançou nomeada.

Sahindo do theatro de D. Fernando, percorreu as provincias com companhias, e, no anno de 1854, escripturou-se no theatro do Gymnasio, onde bastante agradou.

Os seus principaes papeis foram nas peças: *Barcarola, Giralda, Trabalhos em vão, Porta falsa* e *Santo Antonio.*

Foi revisor do *Jornal do Commercio* e collaborador de diversos jornaes.

Em 1856 resolveu ordenar-se, dizendo missa nova na egreja da Encarnação. Pré-

gou pela primeira vez na egreja dos Caetanos, na festa a Nossa Senhora da Providencia.

No anno de 1857 foi nomeado cantor da Sé. N'esse anno prestou relevantes serviços por occasião da epidemia da febre amarella, sendo agraciado com a medalha de prata da Camara Municipal e o grau de cavalleiro da Torre e Espada.

Foi um prégador estimadissimo.

Era extremamente caritativo, sendo o amparo de todos os seus parentes.

Morreu a 10 de outubro de 1878.

A maçonaria, a que pertenceu como inspector geral do gráo 33, membro effectivo do Supremo Conselho, veneravel e fundador da Loja Capitular União Independente, prestou-lhe grandes honras funebres.

29

1724 — Nasce em Lisboa, na freguezia do Soccorro, **Pedro Antonio Correia Garção.**

Cursou humanidades nas aulas dos jezuitas e matriculou-se depois na faculdade de direito da Universidade, mas não concluiu o curso.

Pelo casamento com uma descendente dos Salemas de Alcacer, além dos bens rusticos e urbanos, entrou na posse do officio de escrivão da receita da Meza do Consulado geral da entrada e sahida da Casa da India.

Pela sua natural propensão para a poesia, cultivada com a leitura dos poetas classicos antigos e dos modernos francezes, inglezes e italianos, emprehendeu com outros poetas a reforma do Parnaso portuguez e a creação da Arcadia em 1757, na qual **Garção** tomou o nome de *Corydon Erymantheo.*

O illustre poeta **Garção**, sem causa conhecida e apenas por uma mesquinha vingança do Marquez de Pombal, a quem havia desagradado uma serie de artigos que o poeta publicára na *Gazeta de Lisboa*, foi encerrado durante oito mezes no segredo immundo de uma barbara prisão, d'onde sahiu arruinado ao ponto de morrer no proprio dia da soltura!

Na notavel collecção das *Obras poeticas* de **Pedro Antonio Correia Garção**, estão incluidos dois dramas de valor, especialmente o que tem por titulo *Assembléa,* que deveria ser ainda representado no nosso primeiro theatro, se alli se pensasse em conservar a memoria dos nossos illustres classicos.

José Maria da Costa e Silva affirmou que mais deixára **Garção** em manuscripto duas tragedias: *Sophonisba* e *Regulo,* que existiam com outros papeis na livraria da casa de Vimieiro.

MAIO

1

1890—Estreia-se no theatro do Gymnasio a pequena actriz italiana **Dora Lambertini** e a sua companhia no drama *A Cega*. Deu alli 15 recitas com exito muito inferior ao da Gemma Cuniberti.

No mesmo anno deu alguns espectaculos no theatro da Rua dos Condes, que o publico abandonou completamente.

2

1858—Nasce em Coimbra o actor **Fernando Portugal.**

Estreiou-se como actor no Rio Grande do Sul (Brazil) em 1882.

Representou pela primeira vez no Rio de Janeiro, no theatro Phenix Dramatica, a 3 de abril de 1883, desempenhando o papel de *Anacleto* no *Drama no alto mar*.

Tem feito parte de muitas companhias de drama e opereta no Rio de Janeiro e fóra. Tambem eu o tive por algum tempo contractado e posso affirmar que tem prestimo, e, principalmente, que é honesto e amigo do seu amigo. É grato e dedicado. Tem ainda a boa qualidade de se interessar a valer pelos seus patricios.

Será um pouco excentrico e por vezes desconfiado e irascivel, mas procurem-lhe o fundo, que é bom.

Como artista tem agradado em muitos papeis.

4

1836—Nasce em Milão a actriz brazileira **Jesuina Montani.**

Foi para o Rio de Janeiro em 1842, estreiando-se, ainda muito creança, como bailarina no theatro de S. Pedro, no bailado *Catharina Coll*, composição de seu pae, Luiz Montani.

Em 1847 estreiou-se como actriz n'uma companhia infantil, que funccionou no Tivoly, no Campo de Sant'Anna.

Entrou logo depois para a companhia dramatica de João Caetano, estreiando-se no drama *A graça de Deus*. Percorreu depois todos os theatros do Rio de Janeiro, sendo o ultimo em que trabalhou o Apollo.

Teve muito prestigio, foi bastante formosa e papeis fez com muito discernimento. Tive-a contractada algum tempo na

minha companhia, mas em pouco a aproveitei porque estava já na decadencia e porque não estava habituada a trabalhar na opereta, o genero que eu explorava.

Quando, em 1881, pela primeira vez visitei o Rio de Janeiro, vi annunciada no theatro Lucinda a reapparição da *primeira ingenua brazileira* (segundo rezava o cartaz ou taboleta pendurada á porta do theatro), **Jesuina Montani.** A peça da reapparição em 1881 era ainda a mesma da estreia em 1848, *A graça de Deus.* A differença era que em 1848 a sua formosura despontava em todo o esplendor e em 1881 desapparecia a olhos vistos; fôra-se tambem a frescura da voz e, o principal requisito para aquelle papel, o encanto da juventude. Tive, pois, um desapontamento com a *primeira ingenua brazileira*, mas não deixei de lhe reconhecer valor.

1847 — Morre de tisica pulmonar e febre perniciosa, no Rio de Janeiro, a prodigiosa actriz **LUIZA ANTONIA.**

Era filha da grande actriz brazileira Estella Sezefreda e enteada do notavel artista João Caetano dos Santos. Nascera no Rio de Janeiro em 1833.

Representou pela primeira vez aos 8 annos de edade, fazendo o pequeno *Piter-Pater* do drama *Kean.* Teve uma recepção brilhante n'esta parte, que desempenhou innumeras vezes.

O segundo papel que lhe distribuiram foi o de *Maria* no *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett. Tinha ella então 12 annos. Deram-lhe o papel tres dias antes da prova. Quando foi lêl-o, já o sabia todo de cór e deu taes inflexões, mostrou comprehendel-o por tal fórma, que a mãe, o padrasto e o velho e distincto actor portuguez Victor Porfirio de Borja, a abraçaram convulsivamente, chorando como creanças.

Foi no *Frei Luiz de Sousa* que **Luiza Antonia** fez a sua verdadeira estreia dramatica, maravilhando todos e obtendo o mais completo triumpho. No drama *A graça de Deus* foi egualmente festejadissima.

Diz Joaquim Manuel de Macedo que:

«Na historia biographica das mais cele-«bres actrizes das nações da Europa não «houve uma que aos doze annos de edade «operasse o prodigio de inspiração e de «genio que **Luiza Antonia** realisou, creando «por si só, sem mestre e sem conselhos, o «difficilimo papel de *Maria* no *Frei Luiz de «Sousa.*»

A prodigiosa creança, que de certo teria sido superior a sua mãe, morreu aos 14 annos de edade.

1726 — Nasce na Nova Colonia do Sacramento, da America do Sul, então pertencente a Portugal, o **Padre Manuel de Macedo Pereira de Vasconcellos.**

Colloco-o n'este livro por ter sido um dos grandes enthusiastas da cantora Zamperini, a celebre artista que tamanhos escandalos provocou em Lisboa, emquanto esteve contractada na Rua dos Condes.

Era um correcto escriptor e um muito apreciado orador sagrado.

Publicou no jornal *O Ramalhete*, em 1843, uma *Ode á cantora italiana Zamperini*, que deu causa a grande contenda poetica.

Era feio, tinha os olhos tortos e era accusado de pouco morigerado.

Apezar de ter sido muito estimado pelo rei D. José, morreu n'uma pobre enxerga d'uma ordinaria estalagem, que existia no fim da rua dos Canos.

1863 — Inaugura-se o **Theatro do Prin-**

cipe Affonso, de Madrid.

Foi inaugurado em circo pela Companhia equestre, gymnastica, acrobatica, mimica e comica de Ciniselli, que tambem esteve em Lisboa, na Praça do Campo de Sant'Anna.

Na companhia figurava o celebre Leotard, o rei dos trapezios, o artista querido do publico, que Thomaz Price já tinha trazido a Lisboa.

Até 1869 o theatro **Principe Affonso** funccionou como circo. Em 1870 começou a ser theatro e nunca mais voltou á sua primitiva. Foi a estreia em junho d'esse anno com uma companhia de opereta e opera franceza, reforçada depois com uma bella companhia de baile, de que fazia parte a celebre bailarina Emilia Pinchiara. Esta companhia esteve até setembro, indo para alli em seguida uma de opera italiana, de que faziam parte a Biancolini, o Stagno e David. Deu 46 representações.

Em junho de 1871 voltou para o **Principe Affonso** outra grande companhia de baile com a celebre Pinchiara, dando-se ao mesmo tempo pequenas zarzuelas em um e dois actos. Até 1874 o theatro esteve sempre occupado por companhias de zarzuela, mas n'esse anno funccionou alli uma companhia lyrica italiana e outra de declamação hespanhola.

Em 1875 foi o theatro arrendado ao popular Arderius para os seus espectaculos bufos, que produziram um enthusiasmo como nunca se vira em Madrid. Foi elle quem montou com luxo extraordinario, entre outras peças de grande espectaculo, a *Volta ao mundo*, *Chouriços e Polacos*, *O seculo que vem*, *Sobrinhos do Capitão Grant*, *Viagem á Lua* e *Doutor Ox*.

Em 1877 e 1878 alternaram com os Buffos Arderius duas companhias de opera italiana; da primeira faziam parte a Duval, a Sass, a Vitali, o Corsi, o Aldighieri, o Vidal e o maestro Kuon; á segunda pertencia a Donadio, que fez em Madrid verdadeiro fanatismo.

Em 1879 entrou de sociedade com Arderius o emprezario Felipe Ducazcal. Foi um anno mediocre.

Em 1880 foi o alegre theatro arrendado por D. Enrique Salas, que o abriu a 13 de junho e, por ter cahido a peça de abertura o fechou a 6 de julho. A 8 de agosto reabriu com melhor fortuna por ter á frente da companhia o excellente actor comico italiano, Ficarra. Este actor fôra a Madrid com a companhia da Frigerio e lá ficou representando em hespanhol. Já tive occasião de fallar d'elle n'este livro.

Em 1881 o theatro do **Principe Affonso** só abriu para os concertos que annualmente alli se davam pela *Sociedade de Concertos* e teem continuado a dar-se.

Em 1882 foi o theatro novamente arrendado por Felipe Ducazcal, que o inaugurou a 24 de abril com a excellente companhia de opereta italiana da Roselli, que depois esteve em Lisboa, no Colyseu dos Recreios Whittoyne, contractada por Freitas Brito. O grande successo d'esta companhia em Madrid, como em Lisboa, foi o *Boccacio* e o comico Poggi.

Em 1883 apenas esteve no **Principe Affonso** uma companhia lyrica e essa mesma muito má.

Em 1884, sendo emprezario D. Pedro Serra, funccionou alli uma irregular companhia de zarzuela, que pouca sorte teve.

Em 1885 o theatro só abriu em junho com uma companhia lyrica, formada pelo maestro Tolosa, que apenas deu 30 espectaculos. Em seguida uma companhia de zarzuela deu apenas 13 representações.

Esteve depois o theatro sem companhias regulares, dando apenas um ou outro espectaculo isolado, até que, em 1888, o emprezario D. Nicolás Noriega deu cinco mezes de zarzuela, com tres peças de exito, *Certamen Nacional*, *Tio... yo no he sido* e *La Cruz Blanca*.

Em 1889, o novo proprietario do theatro, Concha Alcalde, mandou-o restaurar, installou a luz electrica e fez-se emprezario d'uma grande companhia de zarzuela, que teve dois grandes exitos: *Habanos y Filipinos* e *El Cocodrilo*.

Em 1890 é o theatro vendido aos actuaes proprietarios, Danvila, Acebo e Hernandez. Ora com opera italiana, ora com zarzuela tem funccionado com intermitencias o **Principe Affonso**, mas sem um verdadeiro successo ou qualquer coisa de notavel.

8

1768 — Já n'esta data me referi a **Sebastião Xavier Botelho.**

Faço-o de novo para mencionar duas obras suas que foram por lapso omittidas, a sua tragedia *Ignez de Castro* e o melodrama *Zulmira*.

Nas *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa* vem publicado o elogio historico de **Sebastião Xavier Botelho**, que foi lido em sessão solemne pelo socio Alexandre Herculano.

10

1841 — Nasce em Lisboa, na primeira casa das portas de Santo Antão, fronteira ao theatro de D. Maria e que faz volta para o pateo do Regedor, o insigne poeta **Eduardo Vidal.**

É um distinctissimo empregado superior da Alfandega de Lisboa, um caracter de ouro, um notavel jornalista e um escriptor sempre primoroso **Eduardo Augusto Vidal.**

Na imprensa ha innumeros escriptos seus de grande valor, com especialidade na *Revista Contemporanea, Archivo Pittoresco* e nos folhetins do *Diario Popular*, entre os quaes se notaram os que tinham por titulo *Gordos e magros*, em discussão com Manuel Roussado.

Publicou um interessante livro em prosa *Contos da sésta* e tem outro em publicação, *Entre a murta.*

Livros de versos tem-nos valiosos como poucos e que se initulam: *Folhas soltas, Cantos do estio, Crepusculos* e *No Occidente.* Está tambem colligindo um outro volume.

Quando fundei a *Empreza Litteraria de Lisboa* com o editor Mattos, já fallecido, a nossa primeira edição foi a *Historia de Portugal Illustrada*, incumbindo logo de collaborar n'ella, além de Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Bernardino Pinheiro e outros, o illustre escriptor **Eduardo Vidal**, a cuja penna se deve o magnifico 5.º volume, que abrange o periodo decorrido de 1640 até fim do reinado de D. José.

Quando se debateu a celebre questão coimbrã, um dos mais interessantes opusculos, *Guelfos e Gibelinos* foi devido á penna de **Eduardo Vidal.**

Para o theatro o distincto litterato escreveu tres deliciosas comedias em verso: *O Saboiano,* que se não chegou a representar, mas esteve a ensaios por Tasso e Delfina; *Ao luar,* que subiu á scena com muito agrado no theatro de D. Maria; e *O que fazem as rosas,* traducção, que serviu para estreia do actor Alvaro no theatro do Principe Real.

13

1872 — Nasce no Rio de Janeiro **Luiz Moreira.**

É um talentoso e apreciado compositor. A primeira peça para que escreveu musica foi a opereta phantastica de Moreira Sampaio, *Amores de Psyché,* que se representou em 1891, no theatro de Variedades.

Foi em seguida completar os seus estudos musicaes no Conservatorio de Paris.

Voltou ao Rio de Janeiro em 1894, entrando para director musical de diversos theatros, tendo sempre cumprido rigorosamente e com muito louvor os deveres da sua profissão.

1877 — Estreia-se no theatro de S. Pedro, do Rio de Janeiro, na companhia de Emilia Adelaide e no drama de Pinheiro Chagas, *Magdalena*, a actriz **Elisa de Castro.**

Em Lisboa e provincias representára como amadora, juntamente com sua irmã Livia. Contractada por Emilia Adelaide, foi ao Porto, depois aos Açores e em seguida para o Brazil, d'onde não tornou a sahir.

Tem estado quasi sempre contractada no theatro Recreio Dramatico. O seu genero são as caracteristicas, para as quaes a auxilia a feia cara que possue. Tem incontestavelmente merecimento no genero em que trabalha.

Nasceu em Lisboa, em 1852.

1898 — Recita no theatro de D. Maria em commemoração do **4.º centenario da descoberta da India.**

Começou o espectaculo pela representação do prologo do drama de Cypriano Jardim, *De Portugal á India*, desempenhando os principaes papeis Brazão, João Rosa, e Carolina Falco.

Em seguida, com scenarios apropriados foram recitados trechos dos *Luziadas*. Por Brazão o *Episodio do Adamastor*, por Augusto Rosa *Os Doze de Inglaterra* e por João Rosa, Rosa Damasceno e Carolina Falco *O Velho do Restello*.

Terminou o espectaculo pelo *Auto pastoril portuguez* de Gil Vicente, desempenhado por Brazão, João Rosa, Augusto Rosa, Rosa Damasceno, Laura Cruz, Delphina Cruz e Augusta Cordeiro.

14

1897 — Morre no Rio de Janeiro o maestro **Adolpho Lindner.**

Nascera no Rio Grande do Sul em 1858. Era filho do allemão Gustavo Lindner, musico, e da brazileira Francelina.

Era um bello caracter, um bello talento, mas um bohemio incorregivel.

Compunha, ensaiava e dirigia a orchestra, sempre embriagado! Vivia para beber e era a *cachaça* a sua bebida predilecta.

Se não fôra este maldito vicio, seria de certo considerado dos primeiros musicos brazileiros. Compôz musica para diversas operetas e foi director musical de importantes companhias.

O seu cumprimento habitual para qualquer pessoa era este: «Não pagas nada?» Algumas vezes lh'o ouvi da cadeira da regencia para o publico!

Bom e infeliz **Adolpho**!

16

1835 — Nasce na Bahia a actriz **Clelia Freire de Carvalho.**

A sua estreia foi no theatro de S. João da Bahia, no drama *Latude ou 35 annos de captiveiro*, em 1850.

Em 1862 foi para o Rio de Janeiro, estreiando-se no theatro do Gymnasio, no papel de cega da comedia *Joanna que chora e Joanna que ri.*

Tem feito parte das melhores companhias brazileiras e, velha como está, ainda hoje nenhuma faz uma *roceira* como ella.

É tambem uma habilissima mestra de guarda-roupa, tendo sido postas sob a sua direcção apparatosas peças de grande espectaculo.

1853 — Nasce em Paris a actriz d'opereta **Marie Denis.**

Não é uma notabilidade, tem até em França uma carreira modesta; porém, teve tanto agrado no Alcazar do Rio de Janeiro e no Principe Real de Lisboa, que não posso deixar de mencional-a.

Entre nós chegou a rivalisar com a Preziosi e tendo talvez mais adoradores.

Estudou no Conservatorio de Paris. A guerra franco-prussiana obrigou-a a estreiar-se em Bruxellas, em 1871, nos *Pantins de Violette*. Foi depois para Marselha e Nimes e só mais tarde se estreiou nos Campos Elysios de Paris.

Em 1873 appareceu no Rio de Janeiro, ainda nos *Pantins de Violette*, fazendo depois com muito successo a *Clairette* da *Fille de madame Angot*, a *Giroflé-Giroflá*, *Jolie Parfumeuse*, *Braconniers*, *Timbale d'argent*, *Créole*, etc.

Em Lisboa agradou tambem immensamente n'essas peças e na *Petite Mariée*, *Brigands* e outras.

Foi notavel a epocha que fez no theatro do Principe Real a companhia franceza, que tinha como *estrellas* a Preziosi e a **Marie Denis.**

17

1835 — Nasce em Valença (Hespanha) o maestro **Catalá.**

Teve grande nomeada em Lisboa, principalmente como director d'orchestra **Juan Garcia Catalá.**

Como maestro compositor teve peças de bastante successo, entre as quaes, *Pillades e Orestes*, *Aventuras de D. Filippe IV* e *O Sacrificio.*

Foi em 1870 que pela primeira vez veiu a Lisboa, contractado por Carlos Krus para o Circo Price. Impôz-se logo ao publico, que o festejou como um dos seus predilectos directores de orchestra. Passou depois para S. Carlos, na empreza Cossoul e Valdez. Dirigiu depois as orchestras dos nossos theatros do Principe Real, Gymnasio e Recreios Whittoyne, sempre que n'elles funccionavam companhias de zarzuela.

Não podia deixar de o mencionar n'este livro, attenta a popularidade que entre nós teve.

19

1898 — Morre em Pedrouços, proximo de Lisboa, onde residia, o illustre poeta e escriptor dramatico brazileiro, **Luiz Guimarães**, de quem já tratei na data de 17 de fevereiro.

21

1872 — Estreia se no theatro de S. Carlos, fazendo parte da companhia do actor Mayeroni, a distinctissima actriz italiana **ELVIRA PASQUALI**.

Esta actriz era principalmente notavel na comedia. Fez com grande exito a *Soror Thereza, Estatua de carne, Adriana Lecouvreur, Dama das camelias, Demi-Monde, Clotilde, Locandeira* e *Frei Luiz de Sousa*.

Em abril de 1873 voltou a Lisboa, e tambem para o theatro de S. Carlos, a **Pasquali**, sendo ella a directora da companhia.

Foi notavel, entre outras, nas seguintes peças: *Cruz de ouro, Gaiato de Paris, Bolla de sabão, Visita de nupcias, Não ha fumo sem fogo, Familia do saltimbanco, Fernanda, Camões, Romance d'um rapaz pobre, Proezas de Richelieu, Viuva das camelias, Memorias do Diabo, Amor, Adelaide, Dama romantica* e *Morgadinha de Valflor.*

22

1857 — Nasce em Cascaes **Antonio Taborda**.

Assentou praça em 1870 e, mostrando desde creança muita vocação para a musica, frequentou as aulas de rabeca e harmonia do Conservatorio.

Em 1881 fez exame para mestre de musica, obtendo magnifica classificação. Continuou depois estudando no Conservatorio, sendo premiado em contraponto e fuga.

Desde 1885 que é mestre da banda de infanteria 7, uma das melhores da capital.

É primeiro trombone da orchestra de S. Carlos, onde tem prestado excellentes serviços. Alcançou alli merecida ovação no *solo* de trombone do 1.º acto do *Hamlet.*

Como compositor tem grande numero de peças para banda, trechos de musica religiosa, a marcha da Cruz Vermelha, a opereta *Os noivos da Morgadinha*, a revista *Da Parreirinha ao Limoeiro* e a opera em 3 actos, *Dinah*, que obteve grande successo no Club de Lisboa.

Antonio Taborda é official das ordens de S. Thiago e de Christo e possue a medalha de comportamento exemplar.

1867 — Estreia-se no theatro de D. Maria, fazendo provas publicas como discipulo do Conservatorio, o actor **Primo da Costa**.

Matriculára-se nas aulas de declamação, não com o intuito de ser actor, mas para se habilitar a

professor de uma das cadeiras da escola dramatica, o que não conseguiu.

Tendo sido approvado em todos os exames do curso, recebeu uma pensão que n'aquelle tempo era estipulada aos discipulos da escola dramatica, sendo porém obrigados a dar provas publicas no theatro de D. Maria.

D'estas provas eram dispensados os discipulos não subsidiados, os que fossem nomeados professores ou os que restituissem a pensão.

Alexandre Primo da Costa, não conseguindo ser professor, nem tendo meios para fazer a restituição, sujeitou-se á determinação da lei, fazendo as suas provas publicas nas comedias *O Mealheiro* e *Viagem á China*. Não foi classificado, nem o podia ser, porque, apezar de dizer muito bem, tinha grande carencia de dotes physicos para o theatro.

Em 1868 embarcou para o Rio de Janeiro, na intenção de seguir alli a vida commercial. Como esta, porém, lhe não agradasse, resolveu-se a seguir a carreira d'actor e principalmente a de ensaiador.

Para este ultimo cargo tinha bastantes aptidões, adquiridas no Conservatorio e na leitura a que se entregava.

Era tambem traductor correcto de muitas peças que se representaram em Portugal e Brazil.

Deveria ter alcançado boa posição no Rio de Janeiro, porque era alli preciso nos theatros, mas não o queriam, e com certa razão, porque se entregára a vicios repugnantes, sendo por vezes apanhado em scenas vergonhosas.

Infelizmente nos theatros de Lisboa ha ainda *collegas* do **Primo da Costa**, mas no Brazil são mais raros e por isso se estranha mais o uso de taes prendas.

Primo da Costa morreu repentinamente, no Jardim do Campo da Acclamação, no Rio de Janeiro, na noite de 27 de junho de 1896.

Estava sentado ao lado d'um sujeito, para quem disse: «A noite está fria, a lua ainda não appareceu.» Cahiu morto n'este momento.

Residiu por muitos annos n'uma casa de commodos, na rua de S. Pedro n.º 113, onde fôra o hospital do Bom Jesus.

Nascera na Ericeira, em 1839.

Deixou algumas economias e uma enorme porção de boquilhas de cigarros.

23

1823 — Nasce **Joaquim Antonio Moniz.** Era irmão do actor do Gymnasio, José Gerardo Moniz. Foi tambem actor no mesmo theatro, mas não conseguiu tornar-se notado.

Representou nas peças: *Quem tem mazella...*, *Corcundas*, *Garrafa monstro*, etc.

Era amigo intimo do actor Pereira do Gymnasio e seu companheiro inseparavel de muito tempo.

Atacado de uma pertinaz laryngite, retirou-se do theatro em 1852. Em 1853 partiu com sua familia para Vianna do Alemtejo, exercendo ahi durante annos o cargo de subdelegado do Ministerio Publico. Morreu alli a 9 de outubro de 1859.

1842 — Nasce em S. Paulo (Ilha Bourbon) a illustre actriz franceza **Blanche Pierson.**

Estreiou-se em 1853, em Rennes, em um papel de creança. Entrou depois para um convento em Besançon. Ao sahir, debutou em Bruxellas.

Para substituir uma artista que adoecera, entrou na *Consciencia*, no Odéon. Foi depois contractada para Toulouse. Tinha apenas quatorze annos e meio quando se estreiou no Ambigu. Em seguida escripturou-se no Vaudeville, onde representou no *Ninho d'amor* e *Vida d'um rapaz pobre*. Passou para o Gymnasio em 1864 e ahi representou brilhantemente nas *Curiosas*, *Conspiração na aldeia*, *Meninas grandes*, *Froufrou*, *Princeza Jorge*, *Dama das Camelias* e *Senhor Affonso*.

Volta para o Vaudeville em 1875, interpretando ahi o *Fromont*, *Dora*, *Burguezes de Pontarey*, *Nababo*, *Reis no exilio*, etc.

A sua estreia na Comedia Franceza foi em 17 de maio de 1884, no papel de *mis-*

tress Clarkson da *Estrangeira*. Representa desde então ahi em muitas peças do repertorio e faz notaveis creações.

É societaria desde 1885.

24

1897 — Morre no Rio de Janeiro o actor **Joaquim Maia**.

Nascera em 1844 em Santo Estevão, concelho de Villa do Conde, Portugal.

Fôra para o Brazil no começo do anno de 1856. Dez annos depois entrou para o theatro, começando por comparsa.

Em 1868 já fazia um dos principaes papeis do *Anjo da Meia Noite* na empreza Furtado Coelho.

Joaquim da Costa Maia foi um actor de merecimento, tendo mesmo papeis que fez muitissimo bem.

Chamavam-lhe o *Sete-sciencias*, porque de tudo queria saber e de tudo fallava.

Esquecendo-se da sua naturalidade, era o maior inimigo dos artistas portuguezes. Era raro que alli chegasse uma companhia portugueza e nos jornaes não apparecessem logo diatribes contra ella, quasi sempre attribuidas ao **Maia**.

Cheguei a contractal-o em bellas condições e a dar-lhe toda a consideração, mas elle, sempre que tinha occasião, mostrava que me detestava, unicamente por eu ser o que elle era, por mais que o não quizesse ser... portuguez!

D'uma occasião, sendo meu escripturado, vieram contar-me que o **Maia** estava á porta da celebre tabacaria do canto da rua Sete de Setembro, com um grande auditorio, pondo-me pelas ruas da amargura como emprezario e como auctor dramatico. Ri-me e confesso que gostei, como sempre me acontece quando dizem mal de mim os que não teem razão para o fazer. Esperei no jardim do theatro o **Maia**, que entrou alegre e risonho, me deu um abraço, mettendo ao mesmo tempo a mão no bolso. Acautellei-me porque julguei que ia dar-me um tiro, ou pelo menos uma facada. Tirou um *enveloppe*, que me entregou. Deixei-o afastar-se e abri o sobrescripto. Era uma magnifica photographia do artista com a sua assignatura. Tenho-a presente. Voltei o retrato e li, cheio de pasmo:

«*Ao distincto e talentoso litterato, inestima-*
«*vel emprezario e amigo Sousa Bastos, offerece*
«*o actor* **Joaquim Maia**. *16—1—93.*»

Emprestei o retrato a um collega para que o levasse á tabacaria da *má lingua* e o mostrasse a todos que tinham ouvido a opinião do **Maia** sobre a minha pessoa. Estava vingado.

Ninguem gostava do **Maia** como homem; eu. com franqueza, achava-lhe graça.

Repito: era um artista de muito valor e que fez falta á scena brazileira. Os seus collegas portuguezes terão sido os primeiros a lamentarem a sua falta.

Que Deus lhe leve em conta alguma acção boa que praticasse e lhe perdôe o odio que tinha aos seus patricios.

26

1854 — N'esta data referi-me ao notavel actor **Marcolino**. Houve equivoco. O papel que desempenhou no *Perdão d'acto*, foi o do *Cautelleiro*.

30

1875 — É esta a data do nascimento

da actriz **PALMYRA BASTOS**, da qual já tratei no logar competente.

Dois motivos me obrigam a fazer-lhe aqui nova referencia.

O primeiro é apresentar de novo o seu retrato, que sahiu defeituosissimo e sem similhança; o segundo é deixar assignalado o rapido e grande progresso d'esta artista.

Depois dos seus trabalhos, que citei, tomou parte no desempenho da peça premiada no concurso para o Centenario da India, *O Auto dos Esquecidos,* original de Sousa Monteiro.

A peça era em verso e difficillimo o papel que foi distribuido a **Palmyra Bastos.** Na opinião unanime da imprensa e do publico a ella couberam as honras do desempenho, apesar de ter ao lado Virginia, Mello e Ferreira da Silva.

Logo em seguida o theatro mudou para o genero de opera comica e opereta. A primeira figura da companhia é **Palmyra Bastos,** que tem alcançado enormes ovações e os mais rasgados elogios nos principaes papeis das operetas: *Noite e Dia, Solar dos Barrigas, Grã-Duqueza, Boccacio, 28 dias de Clarinha, Perichole* e *Reino das Mulheres.*

Dando-me por suspeito para fallar abertamente de minha esposa, transcreverei aqui a opinião auctorisadissima do notavel escriptor D. João da Camara, na sua chronica do *Occidente:*

«Abriu as portas o theatro da Trindade, «inaugurando a epocha de verão com a «opera comica *Noite e dia.* Boa filha a casa «torna, e a opereta lá voltou.

«**Palmyra Bastos,** que tanto provou o seu «valor como ingenua dramatica durante «este inverno, volta aos seus antigos pa- «peis. Innegavelmente é ella uma das nos- «sas primeiras estrellas no genero. Ainda «ha pouco cantou o principe da *Gata Bor- «ralheira,* como poucas o poderiam fazer. «Mas... afinal bom é que ella seja assim. «Quando está na opera comica faz falta no «drama; quando no drama faz falta na «opera comica. Talento e gentileza é o que «ninguem lhe contesta.

....

«O papel de Manuela no *Solar dos Barri- «gas* foi um triumpho para **Palmyra Bastos.**

....

«**Palmyra Bastos,** cujas aptidões vastis- «simas são de todos conhecidas, acaba de «obter dois triumphos, um na *Perichole* e «outro na *Grã-Duqueza.*»

JUNHO

2

1862 — Nasce no Rio de Janeiro o actor **Alfredo' Peixoto**, mais conhecido pelo **Peixotinho.**

Alfredo Gonçalves Peixoto falleceu com 34 annos, a 1 de novembro de 1896.

Começou a representar como amador na Barra do Pirahy. Estreiou-se como actor, no Rio, na peça *Macaco Azul*, n'uma sociedade dirigida por Adolpho de Faria.

Tive-o tambem contractado n'uma empreza minha. Reconheci-lhe habilidade e procurei fazer d'elle um actor util, mas nem eu, nem pessoa alguma o conseguiu, em consequencia da vida desregrada que levava, entregando-se á embriaguez, o que lhe abreviou a existencia. Foi pena, porque tinha qualidades boas, e poderia ter sido util ao theatro.

1898 — Ultima recita da **Sociedade de Artistas Dramaticos** (Sousa Bastos, Posser & C.ª), no theatro da Trindade, com a comedia de A. Dumas (filho), *Idéas de madame Aubray.*

A primeira recita d'esta sociedade fôra a 16 de outubro de 1897 com o drama de Sudermann, *A Honra.*

Eram socios capitalistas d'esta empreza Sousa Bastos e Domingos Gouveia e socios de industria os artistas: Virginia, Palmyra Bastos, Amelia Vieira, Amelia Barros, Maria Pia d'Almeida, Emilia Lopes, Amelia Vianna, Augusto de Mello, Carlos Posser, Ferreira da Silva, Francisco Costa, Joaquim Costa, Queiroz, Augusto e Ernesto Valle.

Durante a epocha representaram-se as seguintes peças: *A Honra,* drama em 4 actos, de Sudermann, traduzido por Maximiliano de Azevedo; *A Bohemia,* comedia-drama em 5 actos, imitação de Sousa Bastos; *A Martyr,* drama em 5 actos, de D'Ennery, traduzido por D. Guiomar Torrezão; *Musotte,* comedia em 3 actos, de Guy de Maupassant, traduzida por D. Guiomar Torrezão; *Os Dois Garotos,* drama em 5 actos e 8 quadros, de Pierre Decourcelle, traduzido por D. Guiomar Torrezão; *Os Nossos rendimentos,* comedia em 4 actos, de Brisebarre, traduzida por Sousa Bastos;

As Preciosas Ridiculas, comedia em 1 acto, de Molière, traduzida em verso por Eduardo Fernandes *(Esculapio)*; *João Darlot*, drama em 3 actos, de Legendre, traduzido por Fialho d'Almeida; *O Dentista ou a parteira anatomica*, antiga farça de Antonio Xavier; *O Auto dos Esquecidos*, drama em verso, original de Sousa Monteiro, premiado no concurso aberto pela Commissão Executiva do Centenario da India; e *Idéas de madame Aubray*, comedia em 4 actos, de Alexandre Dumas (filho), traduzida por Maximiliano d'Azevedo.

Esta companhia deu 4 espectaculos no theatro D. Amelia, de Setubal, sendo dois com o drama *A Honra*, um com a *Martyr* e outro com a *Musotte*. Deu outros 4 espectaculos no theatro Circo de Coimbra com as peças: *Honra, Martyr, Musotte* e *João Darlot*.

Deu, nas festas do Centenario da India, com o *Auto dos Esquecidos*, a recita de gala no Real Theatro de S. Carlos, e, no mesmo theatro, tomou parte em duas recitas de caridade, sendo uma para o cofre da Associação dos Jornalistas, em que representou na farça *Zé Palonso* e na comedia *Uma aposta*, e outra a favor das Officinas de S. José, em que representou a opereta *Intrigas no bairro*.

A direcção d'esta sociedade estava a cargo de Sousa Bastos e Carlos Posser.

Foi ensaiador o actor Mello.

No desempenho das diversas peças obtiveram principalmente exito: Virginia na *Musotte*, Palmyra Bastos na *Bohemia, Martyr, Musotte, João Darlot, Dois Garotos* e *Auto dos Esquecidos*; Amelia Vieira nos *Dois Garotos*; Amelia Barros na mesma peça; Mello na *Honra* e nas *Preciosas Ridiculas*; Francisco Costa na *Bohemia* e nos *Dois Garotos*; e Augusto nos *Dois Garotos* e na *Bohemia*.

Além dos socios fizeram parte d'esta companhia os artistas: Rosa Paes, Maria Costa, Antonia de Sousa, Elvira Costa, José Pinto de Campos, Sampaio, Ramos, Julio Verde, Monteiro, Rosa e Martins. D'estes sobresahiram: Rosa Paes nas *Preciosas Ridiculas* e Maria Costa nos *Dois Garotos*.

5

1764 — Nasce em Beja o padre **Henrique José de Castro.**

Estudou com os conegos regrantes de Santo Agostinho, em Mafra, e formou-se depois em theologia pela Universidade de Coimbra. Ordenou-se em Beja e veiu depois para Lisboa como prior de S. Lourenço e n'este cargo esteve até á morte, que se deu a 16 de fevereiro de 1829.

Foi auctor das tragedias: *D. Pedro regente de Portugal na menoridade de D. Affonso V*, *A Innocencia triumphante*, *Lauso* e *Priamo*. Esta ultima foi representada pelos estudantes da Universidade.

É tambem seu o drama *Luzitania triumphante*, que se representou no theatro da Rua dos Condes para solemnisar o anniversario natalicio do principe do Brazil, D. João.

1843 — Sóbe á scena pela primeira vez no theatro do Salitre a dansa em 3 actos, **Os Salteadores de Vitré**, composta e dirigida por Romão Antonio Martins, que depois foi o illustre ensaiador do Gymnasio e D. Maria.

Já no anno anterior subira á scena no mesmo theatro a dansa tragica em 4 actos **O Tyranno de Candia ou a Parricida**, tambem composta e dirigida pelo Romão, com musica de Casimiro Junior.

N'estas dansas tomaram parte os bailarinos e mimicos: João da Costa, Antonio Maria Paiva, Antonio Pedro de Sousa, Romão Antonio Martins, Antonio Beja, João Ribeiro, José Ribeiro, Emilia Candida e Maria da Gloria.

1888 — Estreia-se no theatro de Variedades, no Rio de Janeiro, empreza de Guilherme da Silveira, na comedia *O Chapeu alto*, o actor **Zeferino d'Almeida.**

Era portuguez, pois nasceu, em 1862, em Amarante.

Nunca tive occasião de o vêr representar, mas affiança-me pessoa competente que era um actor util.

Fôra em tempo cigarreiro.

Ultimamente, gravemente enfermo e im

possibilitado de trabalhar, passava privações e verdadeiras torturas por vêr soffrer os seus, que estremecia.

No dia 4 de junho de 1898, sem ter um real em casa, arrastou-se para a rua a fim de arranjar pão para os filhinhos. Faltaram-lhe as forças e cahiu morto.

Era um sabbado. No dia seguinte devia realisar-se no theatro Recreio Dramatico uma *matinée* a favor do infeliz artista, promovida pelos seus collegas Fernando Portugal, Nazareth, Louro, Cezar de Lima Junior e Campos.

O producto d'esse espectaculo e das esmolas angariadas no theatro pelos actores Brandão e Henrique de Lima, subiu a dois contos e trezentos mil réis, que foram entregues á pobre viuva.

10

1853 — Sóbe pela primeira vez á scena no theatro de D. Maria a peça lyrica **Haydée**, de que já fallei na data de 10 de maio.

12

1860 — Nasce na cidade de Rio Pardo, estado do Rio Grande do Sul, Brazil, **Óscar Pederneiras.**

Era formado em direito pela faculdade de S. Paulo.

Pertenceu ás redacções de diversos jornaes.

Falleceu em 26 de agosto de 1890.

Em poucos annos tornou-se distincto e festejado no theatro pelas suas producções.

Julgo que foram ellas apenas as seguintes: *Zé Caipora,* revista representada em 1886 no theatro de Variedades; *O Boulevard da Imprensa*, a proposito da *Gran-Via*, representado no Recreio Dramatico; *1888*, revista representada nas Variedades; *Bendegó,* revista representada no Recreio Dramatico.

Traduziu a comedia hespanhola, *O Chapéo alto* e com o titulo *O fructo prohibido*, a peça franceza *Le Parfum.*

Foi realmente pena que tão cedo morresse.

18

1853 — Nasce o escriptor dramatico **Francisco Jacobetty**, de quem já fallei na data de 16 de julho.

Jacobetty falleceu no Algarve a 22 de maio de 1889. Perdeu-se n'elle um escriptor popular de muito merito.

26

1869 — Despede-se do nosso publico, no theatro de S. Carlos, com o drama *Saul*, o grande tragico **SALVINI**, de quem já fallei a 30 de maio.

1882 — Estreia-se no theatro Principe Imperial, do Rio de Janeiro, o tenor **Eugenio Oyanguren.**

Nasceu em Hespanha, nas Vascongadas, em 1858.

Não sei a fórma por que foi para o Brazil; o que posso é relatar o começo da sua carreira, porque fui eu que o metti no theatro.

Na minha primeira empreza no Rio de Janeiro, explorando no theatro do Principe Imperial o genero opereta, luctava, como ainda hoje lucto em Lisboa, com a falta de vozes.

Em certo dia passava eu na rua do Visconde de Maranguape, quando vi grande ajuntamento em frente do quartel dos Permanentes da Policia. Approximei-me e observei que toda aquella gente estava alli para ouvir uma voz de tenor, que sahia de uma das janellas do quartel.

Perguntei quem cantava, disseram-me que um musico do batalhão, que tinha uma bella voz. Pedi licença para o ver. Subi e á queima roupa fiz ao homemsinho a proposta de entrar para o theatro. Sorriu-lhe logo a carreira, mas respondeu-me que havia difficuldade em alcançar-lhe a baixa.

Tomei o negocio á minha conta. Metti empenhos, gastei dinheiro, e, no fim de

tres mezes de muito trabalho e muita despeza, entrou-me o homem com a baixa na mão pela porta do theatro.

Chamei immediatamente o Arthur d'Azevedo para combinar com elle a peça em que o **Oyanguren** deveria estreiar-se. Assentámos que fosse a *Marina,* que em poucos dias foi traduzida e entrou em ensaios.

O homem fallava um hespanhol cerrado, a que era difficil dar volta para que fosse percebido. Com muito trabalho lá foi a peça para a scena.

Eugenio Oyanguren, apesar de fazer o *galan* da peça, apresentou-se ridiculamente caracterisado, parecia trazer uma mascara. Fôra o Ribeiro que se divertira tolamente com tal brincadeira. Entrou em scena o pobre diabo, provocando logo uma gargalhada. Depois, não sabia andar, não sabia onde ter os braços, não sabia mecher-se. A pronuncia era tão arrevesada, que ninguem entendia uma palavra do que elle declamava ou cantava. Depois de tudo isto, o Corrêa, que fazia um dos papeis importantes da peça, estava rouco, encheu-se de nervoso e, no meio de um acto, sahiu de scena para mais não voltar, deixando a peça por acabar!

A pateada e a gritaria foram estrondosas. Assim recebeu o **Oyanguren** o baptismo da scena.

A pateada não queria abandonal-o. Deixando a minha companhia para ir para a que inaugurou o Ribeiro, no Recreio Dramatico, logo na primeira recita, em que se representava a *Perichole,* o chinfrim foi de tal ordem, que foram presos os emprezarios e a peça não acabou.

Deixando Ribeiro para voltar á minha companhia, no theatro Lucinda, os partidarios d'aquelle foram pateal-o logo á entrada em scena.

Quando veiu contractado pelo Alves Rente para o Principe Real, do Porto, nunca fez peça nova, em que não fosse pateado! Com essa companhia veiu a Lisboa, representar no Real Colyseu. Cá estava a postos a pateada para o receber com estrondo.

Por ultimo já elle me dizia que não se sentia bem quando não o pateavam!

O publico foi-se habituando a elle, á falta de melhor, e lá continúa no Rio de Janeiro, n'um theatro ou n'outro, fazendo papeis importantissimos, e agora quasi sempre applaudido. *Quand-on a pas...*

28

1833 — Nasce em Lisboa **Pedro Wenceslau de Brito Aranha.**

É sobejamente conhecido o illustre jornalista e distinctissimo bibliographo.

A posição dignissima que tem occupado na imprensa jornalistica de Lisboa, onde é hoje o respeitavel decano, e a fórma valiosissima, por que tem continuado a obra prestimosa de Innocencio no proseguimento do *Diccionario Bibliographico,* bastariam para dar a **Brito Aranha** todas as honras que são devidas aos benemeritos da patria.

Dotado de um caracter essencialmente bom e honesto, trabalhador infatigavel, talento superiormente cultivado, todas as homenagens são devidas ao actual presidente da Associação dos Jornalistas.

Não é aqui o logar para escrever largamente, como muito o merecia, de **Brito Aranha.**

Modelo de jornalistas pela sua linha de conducta e pela sciencia do seu mister, mais do que eu poderia dizer, fallam as collecções dos importantes jornaes: *Annuario do Archivo Pittoresco, Jornal do Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas, Archivo pittoresco, Tribuna do operario, Gazeta dos empregados no commercio e industria, Revolução de setembro, Amphion, Liz, Diario illustrado, Leiriense, Correio da manhã, Diario do Recife, Correio da Europa, Gazeta de Noticias, Commercio do Porto, Civilisação, Artes e lettras, Rei e ordem, Occidente, Federação, Gazeta do povo, Jornal para todos, Gazeta de Portugal, Archivo familiar, Politica liberal, Correspondencia de Coimbra, Futuro, Jornal do commercio, Districto de Leiria, Revue espagnole, portugaise et américaine* e principalmente o *Diario de Noticias,*

onde escreve desde a sua fundação e de que é redactor principal desde a morte de Eduardo Coelho, em 1889.

É **Brito Aranha** auctor de importantes compendios de instrucção publica e de muitos trabalhos historicos, estatisticos, biographicos e bibliographicos, sobresaindo entre todos a continuação do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, de que já publicou oito volumes curiosissimos e do maximo valor e em que continúa trabalhando incessantemente.

Tem egualmente varios romances, contos, lendas e outros livros de litteratura, critica e politica.

N'este livro cumpre-me apenas apresentar **Brito Aranha** nas suas relações com o theatro. É o que vou fazer.

Antes de tudo agradecer-lhe o muito que sempre tem pugnado pelos interesses da Arte Dramatica e os serviços que pela imprensa tem prestado a auctores, actores e emprezarios. Ninguem tem d'elle uma offensa; todos lhe devem favores. A sua penna não se presta a louvaminhas ignobeis nem a despeitos desarrasoados. Ah! que se todos assim fossem no jornalismo!

São da lavra de **Brito Aranha** os folhetos: *Glorificação do actor,* trabalho offerecido ao grande Tasso, e *Emilia dos Anjos,* esboço biographico da distincta actriz.

São tambem suas as seguintes peças: *Ás armas pela França!* scena dramatica representada com muitos applausos no Gymnasio; *O habito não faz o monge,* opera comica em 3 actos, representada na Trindade; *Receita para casar,* comedia em 1 acto, representada em diversos theatros; *Pela bocca morre o peixe,* comedia em 5 actos, entregue no theatro de D. Maria; e *Amor á patria,* drama em 3 actos, ainda inedito.

1840 — Nasce na freguezia de Fão, provincia do Minho, **Antonio Lopes Cardoso.**

Partiu para o Brazil com 14 annos, residindo no Rio de Janeiro até 1858.

A 1 de janeiro de 1859 regressou a Portugal, estando apenas aqui alguns mezes. Em agosto do mesmo anno foi fixar residencia na Bahia e lá esteve até 1878.

Aos 18 annos escreveu o seu primeiro trabalho dramatico, *Lagrimas e sorrisos,* que entregou ao actor Simões. Este fel-o representar no Gymnasio de Lisboa, em 1885. Obteve muito agrado.

No theatro da Rua dos Condes representou-se uma opereta de **Antonio Lopes Cardoso,** intitulada *O 31,* com musica de Freitas Gazul. Isto foi em 1868.

Nos theatros do Brazil teem sido representadas muitas composições suas.

Ultimamente foi representado com grande successo na capital de S. Paulo o seu drama em 5 actos, *Os Caftens,* peça que por muitos annos esteve condemnada pela censura do Conservatorio e da Policia. O exito do drama em S. Paulo provocou da imprensa do Rio de Janeiro taes exprobrações e protestos contra a censura, que o governo resolveu acabar com ella. Graças a este facto, está hoje abolida a censura prévia da Policia e Conservatorio.

Os trabalhos originaes de **Antonio Lopes Cardoso** para o theatro são os seguintes: *Lagrimas e sorrisos,* drama em 3 actos; *Torpezas sociaes,* drama em 5 actos; *Lobo Cordeiro,* drama em 3 actos; *O Poeta e a Cortezã,* drama em 4 actos; *O Rei modelo,* drama em 4 actos; *Amor sonante,* opereta em 2 actos; *O Sacramento e a lei,* drama em 3 actos; *Dom Quichote de la Mancha,* comedia lyrica em 3 actos; *Progredior,* peça phantastica socialista em 3 actos; *A festa do Bomfim,* burleta de costumes bahianos em 3 actos; *O 31,* opereta em 1 acto; *O Russinho,* comedia em 1 acto.

Tem ainda, creio, mais comedias n'um acto e algumas revistas.

Antonio Lopes Cardoso era irmão do actor-auctor Manuel da Silva Lopes Cardoso, de quem fallei na data da sua morte, a 22 de junho.

1850 — Primeira representação no theatro do Gymnasio da farça lyrica em 1 acto, *O congresso da paz,* musica do maestro **Arthur Frederico Reinhardt.**

Este musico foi muito conhecido em Lisboa. Tomava parte em concertos,

tocando maravilhosamente sólos no contrabaixo, seu instrumento favorito.

Arthur Reinhardt foi mestre da charanga da Armada Real e n'esse tempo essa charanga era um modelo. O publico fazia-lhe verdadeiras ovações no Passeio do Rocio, onde ella ia tocar com frequencia.

Foi tambem o **Reinhardt** o amante d'uma celebre Valadão, que organisava recitas d'amadores, que ordinariamente se realisavam no Casino Lisbonense do Largo da Abegoaria.

Os interpretes das peças eram: a Valadão, a Dargis, a Maxima, o **Arthur Reinhardt**, o Thomaz Ferreira e ainda depois o Posser.

No repertorio d'estes amadores tinha o primeiro logar a comedia *As obras de Horacio,* em que o grande Tasso tanto agradára em D. Maria.

Era esta a peça predilecta da Valadão. D'uma vez, quando esta adoecera, a Maxima foi fazer o seu papel, e, para tomar mais a sério a substituição, foi entretendo amores com o **Reinhardt**. Tudo isto constou á Valadão, que cortou as suas relações com a Maxima.

Passou bastante tempo e a Valadão, já tisica e cada vez a peior, consentiu que na vespera da sua morte a Maxima a fosse vêr. Esta entrou muito chorosa, deitou-se-lhe aos pés e perguntou-lhe:

—Perdoas-me?

—Não! disse a Valadão, tomando energia.

—Sê boa, replicou a Maxima; é verdade que te atraiçoei com o **Arthur**, mas que queres? As mulheres são fracas, como sabes por experiencia, e elle perseguiu-me tão tenazmente, que não tive meio de lhe resistir! Perdoa-me!

—Não se trata d'isso, volveu a Valadão. Que me importam os teus amores com o **Arthur**!... O que te não perdôo, é teres feito o meu papel das *Obras de Horacio!*

E não perdoou até á morte!

Isto dá perfeitamente a nota dos despeitos, das invejas e dos odios, que muitas vezes, por taes ninharias, se levantam nos bastidores dos theatros.

JULHO

1

1831—Nasce em Lisboa **Antonio Mendes Leal.**

Estava pela intelligencia e illustração muito longe de seu irmão José, mas tinha realmente valor e muito poderia ter conseguido se não fôra um grande bohemio.

Nunca estudou a serio e nem parava quieto. Escrevia á pressa e sem meditar no trabalho que ia fazer.

Só queria theatro e isto ao ponto de se fazer actor de provincia e do Brazil. O seu emprezario foi o Macedo e com uma filha d'elle casou, a Florinda, que era uma rapariga de truz e mal empregada n'elle, que era feio a valer. De mais a mais ella era uma excellente rapariga e elle, bom rapaz, mas bohemio incorregivel. Florinda Mendes Leal ainda hoje vive, tem filhos e netos.

A maldita politica, servindo-se sempre de armas traiçoeiras, espalhou que o drama *Abel e Caim,* escripto por **Antonio Mendes Leal** era um desforço á maldade de seu irmão José, que o odiava. Era falsissimo. José Mendes Leal estimou sempre a sua familia.

Antonio Mendes Leal morreu a 4 d'agosto de 1871.

Deixou muitas peças, algumas originaes, mas na maioria imitações e traducções, tendo sido as mais festejadas as seguintes: *Abel e Caim, Uma victima, Por causa d'um romance, O que são apparencias, Mel e fel, Os Zuavos, Casamento em miniatura, Viagem á China, Flor de chá, Marido mulher e tio* e *Corda sensivel.*

3

1873—Nasce em Lisboa **Mello Barreto**

É principalmente jornalista **João Carlos de Mello Barreto.**

Além de collaborar em muitas folhas, principalmente em artigos de critica theatral e de musica, tem sido redactor effectivo do *Jornal da Noite, Arte Musical, Correio Nacional, Tarde* e *Reporter* e ainda hoje o é das *Novidades* e *Diario Illustrado.*

Tem collaborado tambem no *Gabinete dos Reporters, Revista Theatral, Amphion, Occidente, Gazeta dos Caminhos de Ferro* e *Echos da Avenida.*

Foi correspondente do *Paiz,* do Rio de Janeiro.

Para o theatro escreveu a opereta em 1 acto, *As Violetas,* musica de Freitas Gazul, que se representou na Trindade, a 6 de junho de 1892, e a opera-comica em 3 actos e 4 quadros, em collaboração com Campos Junior, *Em pé de guerra.* Esta ainda não foi representada.

Mello Barreto, um bello caracter e um trabalhador consciencioso, é socio effectivo da Associação dos Jornalistas de Lisboa e foi secretario da empreza do Real Theatro de S. Carlos, na epocha de 1897-1898.

É dedicadissimo ao theatro e sempre prompto a auxilial-o com a sua penna e boa vontade.

4

1843 — Publica-se em Braga o programma para uma assignatura de cinco recitas pela companhia do theatro de S João, do Porto.

Vou dar integralmente o programma:

«PROSPECTO

PARA A ASSIGNATURA DE CINCO RECITAS NO THEATRO DESTA CIDADE

A Sociedade Dramatica Portuense, penetrada do mais vivo reconhecimento pelas destinctas e claras provas de benevolencia e protecção que os civilisados e Illustres Habitantes desta Cidade lhe tem generosamente prodigalisado: convencida de que a exigencia de uma segunda assignatura de 5 Recitas não lhes será inteiramente honorosa, muito mais quando a Sociedade lhes offerece vantagens reconhecidas na variedade d'Espectaculos, ainda não vistos neste Theatro, e só compativeis de desempenhar em um periodo de pouca duração, por ser o remate de suas fadigas *sciencias* (provavelmente queriam dizer scenicas): tem a honra de propôr aos Illm.os Snr.es Assignantes o seguinte.

Far-se-hão cinco recitas no espaço de 15 dias, em cujas se darão, pelo menos quatro Comedias novas, e duas Farças.

Os Dramas que devem representar-se são os seguintes:

Os Corsarios de Crosolari, drama em 5 actos, ornado com coros.

O Banqueiro Hespanhol, ou *O Solitario,* drama em 3 actos.

A Abbadia d'Amersfoort, em 7 quadros, e de grande Espectaculo.

Miguel Perrim, em 2 actos.

Os 3 Gemeos, O Namoro Nocturno, Os Cegos Fingidos, dramas em 1 acto.

No intervalo das referidas 5 Recitas far-se-hão 3 Beneficios a que não são obrigados os Illm.os Snr.es Assignantes, por ser voluntario a acceitação de Camarotes, ou Cadeiras.

Braga 4 de Julho de 1843.

Os Directores

Miguel Archanjo de Gusmão.
Thomaz d'Almeida e Silva.
Antonio da Silva Gil.»

Os signatarios d'este prospecto eram tres actores de grande nomeada. Miguel Archanjo de Gusmão era o distincto actor dos theatros de Lisboa, que depois foi classificado para D. Maria. Seguiu para o Rio de Janeiro, onde foi muito considerado e alli morreu. Thomaz d'Almeida e Silva era n'aquella epocha o primeiro actor do Porto. Antonio da Silva Gil era o conhecido pae Gil, que teve tambem a sua epocha afamada.

5

1898 — Morre em Lisboa **Eduardo Augusto Gomes Caldas.**

Foi em 1875 escripturado como actor para o theatro da Trindade, do Porto, e alli se conservou até que o theatro ardeu.

Voltou depois para Lisboa e começou exercendo o magisterio.

Era genro do Padre Sargedas.

7

1866 — Inauguração da empreza de **Francisco Palha** no theatro da Rua dos Condes.

Tendo sahido de Commissario Regio do theatro de D. Maria, organisou na Rua dos Condes a companhia com que havia de ser inaugurado o theatro da Trindade, que ia construir-se.

O espectaculo de inauguração foi assim formado: *Hymno da Associação do Theatro*, pela orchestra; *As Novas Conquistas*, poesia de Thomaz Ribeiro, recitada pelo actor Tasso; *Comedia em casa*, comedia em 1 acto, traduzida pelo actor Santos e representada por elle e pela actriz Emilia Letroublon; *Não se casem assim*, comedia em 1 acto, original de Luiz de Araujo, desempenhada pelos artistas: Delphina, Santos, Izidoro e Joàquim d'Almeida; *Estou na rua*, scena comica de José Monteiro Torres, desempenhada pelo actor Queiroz; *Um sujeito e uma senhora*, comedia em 1 acto, traducção do actor Santos, desempenhada por elle e pela actriz Emilia Letroublou.

No dia seguinte, domingo, teve logar o segundo espectaculo, repetindo-se a comedia *Não se casem assim* e a scena comica *Estou na rua* e dando-se mais: *Um anno em 15 minutos*, comedia em 1 acto, traduzida pelo actor Moreira e representada pelos artistas: Delphina, Emilia dos Anjos, Tasso e Pedro de Sousa; *A Creada e o visinho*, comedia em 1 acto de Luiz d'Araujo, desempenhada por Queiroz e Luiza Candida; *As pragas do Capitão*, comedia em 1 acto, traduzida pelo actor Santos e desempenhada por elle e pela actriz Emilia Letroublon.

Depois só houve espectaculo no dia 14, fazendo-se *reprise* da comedia em 3 actos de Feijó, *O Camões do Rocio*, desempenhada por Tasso, Izidoro, Santos, Capistrano, Carlos de Almeida, Joaquim de Almeida, Queiroz, Delphina e Maria Adelaide, e da comedia em 1 acto de D. José d'Almada, *Um jantar amargurado*, desempenhada por Queiroz, Izidoro, Luiza Candida, Capistrano e José Maria dos Anjos.

Repetiu-se este espectaculo no dia seguinte, domingo.

No sabbado 21, quinto espectaculo da empreza, estreiou-se Emilia Adelaide, recitando a poesia de Bulhão Pato, *A José Estevão*. Subiu pela primeira vez á scena n'essa epocha a comedia em 2 actos, traducção de Annaya, *Matheus o Braço de ferro*, desempenhada por Maria Adelaide, Luiza Candida, Carlos de Almeida, Queiroz e Capistrano; repetiram-se as comedias *Um anno em 15 minutos* e *Um jantar amargurado*.

No dia seguinte, domingo, deu-se o mesmo espectaculo.

No sabbado, 28, foi a primeira representação do drama em 5 actos, de Barrière e Crisafulli, traduzido por Luiz Filipe Leite, *O Demonio do jogo*. Entraram os artistas: Tasso, Santos, Queiroz, Izidoro, Joaquim de Almeida, Carlos de Almeida, Capistrano, Pereira, Moraes, Pedro de Sousa, Anjos, Guedes, Emilia dos Anjos, Letroublon, Delphina, Maria Adelaide, Carolina Xavier e Justina. Esta peça teve um extraordinario agrado, principalmente pelo desempenho superior que ao seu papel dava o actor Tasso.

Seguiu esta peça representando-se todas as noites e assim entrou na sua carreira regular a empreza, que no velho pardieiro da Rua dos Condes montou a *Familia Benoiton*, que teve um exito extraordinario, o *Supplicio de uma mulher*, em que tanto se distinguiram Tasso e Emilia Adelaide, o *Anjo da Meia Noite*, o *Guerrilheiro*, o *Filho do Povo* e outras peças com superior desempenho; mas tendo no final da epocha um grave prejuizo.

As pessimas condições do theatro e a sua limitada receita não podiam comportar tamanha e tão pezada folha de companhia.

1867 — Parte para o Brazil **Luiz Alves Sardoeira.**

Nasceu em Amarante, no anno de 1854. Tem portanto 44 annos de edade.

Dois annos depois de estar no Rio de Janeiro entrou para o theatro de S. Pedro como empregado do movimento do palco. Passou mais tarde para o Gymnasio e correu diversos theatros, até que, em 1883, voltou para o S. Pedro como machinista e ainda alli se conserva. É um empregado activo e intelligente.

11

1846 — Nasce em Lisboa **Sabino Corrêa.**

É empregado do Supremo Tribunal de Justicia e com grande predilecção pelos theatros e touradas.

Foi sempre um rapaz estimadissimo pelas suas qualidades e muito intelligente.

Tem escripto para o theatro o seguinte: *Expiação,* drama em 3 actos; *Com a bocca na botija...* comedia em 1 acto; *A Morgada da Fonte Ruiva,* opereta em 1 acto; *Depois da tormenta,* comedia em 1 acto; *Um julgamento no Samouco,* comedia em 1 acto; *Fui ver o Trovador ao Price,* scena comica; *Quando menos se espera..*, comedia em 1 acto.

14

1863 — Nasce em S. Petersburgo a actriz **Blanche Grau.**

Apesar de ter sido fornecida por ella, não posso garantir que fosse 1863 a data do seu nascimento, porque todos julgam que fosse antes. Em todo o caso, ella sabe-o melhor do que ninguem e lá fica com a sua consciencia. Não lhe pezará muito, porque as senhoras entendem que diminuir a edade não é peccado grave.

O que é certo é que ella chegou ao Rio de Janeiro em 1881, fazendo insignificante parte da Companhia franceza de Mauricio Grau, que era uma bellissima companhia, que tinha como estrella a Paola Marié.

Deixou-se ficar no Rio de Janeiro, cantando por vezes nos theatros algumas cançonetas em francez.

Na companhia de Ribeiro e Esther, no theatro Recreio Dramatico, representou pela vez primeira em portuguez, fazendo o papel de *Josepha* no *Sino do Eremiterio.*

Esteve depois na companhia Braga Junior e em seguida n'outras, passando a fazer primeiros papeis, mas sem brilhantismo. Nunca fallou bem o portuguez; é fria em scena e sente pouco o que representa. Ainda assim tem por vezes agradado. Foi ella quem creou no Brazil o papel da Clarinha no *Rapaz de Saias,* ou *28 dias de Clarinha.*

16

1842 — Nasce em Avintes **Francisco de Oliveira Camões.**

Em 1850 embarcou para a Bahia. Voltou a Portugal em 1854, aprendendo no Porto o officio de entalhador. Por elle foi trabalhar para o Rio de Janeiro, até que, em 1873, o actor Valle o contractou como contraregra para o theatro S. Luiz.

Por esta occasião o scenographo Rocha convidou-o a trabalhar como seu ajudante; acceitou, mas o Rocha em breve se retirou para Portugal e **Camões** deixou o theatro.

Em 1884 contractei-o eu novamente como contraregra, e, reconhecendo-lhe merito, comecei a dar-lhe trabalho de scenographia. Fez bastantes progressos e hoje é um dos mais estimados scenographos do Rio.

17

1771 — Alvarà concedendo a instituição da Sociedade estabelecida para a subsistencia dos theatros publicos da Côrte.

Os homens de negocio representaram a el-rei que do estabelecimento dos theatros publicos, por serem estes, quando bem regulados, escola onde os povos aprendem as sãs maximas da politica, da moral, do amor da patria, do valor, do zelo e da fidelidade com que devem servir aos seus soberanos, civilisando-se e desterrando insensivelmente alguns restos de Barbaridade; resulta a todas as nações grande esplendor e utilidade. E por isso tinham determinado formarem entre si uma sociedade, que tivesse por fim sustentar os mesmos theatros com a pureza e decoro que os fazem permittidos e necessarios.

Foram juntamente apresentados os estatutos da sociedade em trinta e tres artigos, que el-rei louvou e approvou.

O fundo da sociedade era de cem mil cruzados, repartidos em acções de quatrocentos mil réis cada uma. Havia quatro directores por eleição, feita na presença do

presidente do Senado. Nenhum socio podia recusar o cargo de director.

O capital só poderia ser retirado no fim de seis annos.

Não poderia em Lisboa haver qualquer outro theatro além dos da sociedade, a qual se obrigou a conservar sempre dois, um para a opera italiana e outro para os dramas em portuguez.

Afim de beneficiar a sociedade, era expressamente prohibido a qualquer pessoa dar em sua casa ou em qualquer logar publico, espectaculo, baile, serenata, oratoria, fogo d'artificio, ou qualquer divertimento em que os espectadores entrassem por dinheiro, sob pena de prisão e duzentos mil réis de multa.

Nenhum artista se poderia contractar para fóra de Lisboa, a não ser por ordenado superior ao que a sociedade lhe dava.

Para não interromper os espectaculos da sociedade, durante o tempo das suas escripturas os actores não podiam ser presos por caso civil, nem podiam ser embargados os seus salarios, e nos casos crimes não podiam ser presos sem ordem dos inspectores dos theatros.

A sociedade podia mandar vir do estrangeiro quanto se precisasse nos theatros sem pagamento de direitos.

A direcção da sociedade determinava sobre escolha de peça, distribuição de papeis, dias de espectaculo, etc.

Assistia a cada recita um director, que tinha o supremo mando.

Era prohibido dar entradas de graça nos theatros, a não ser um camarote para o presidente da Camara, outro para os Directores e duas *forçuras* (camarotes de 1.ª ordem), uma para o ministro inspector e outra para o official militar.

Ninguem poderia entrar no theatro sem pagar duzentos e quarenta réis, além do preço do logar. As pessoas que tomassem camarote ou logar de platéa por um anno, teriam o abatimento de dez por cento. Quem tinha camarote ou logar fixo, pagava no fim do mez, mas se o não fizesse, a divida seria considerada como á fazenda publica.

Os actores, dansarinos ou outros empregados dos theatros, que não cumprissem com os seus deveres, teriam ordem de prizão, que os inspectores cumpriam por mandado dos directores, sem poderem indagar as causas.

Os preços determinados para os camarotes e logares dos theatros eram os seguintes: Theatro portuguez: *forçuras* de proscenio 2$000 réis, *forçuras* de frente 2$400 réis, *forçuras* de lado 1$200 réis. Segundo andar proscenio 2$400, frente 3$000 réis, de lado 1$600 réis. Terceiro andar proscenio 2$000 réis, frente 2$400 réis, lado 1$200 réis. Platéa superior 300 réis, inferior 240 réis, varandas 160 réis.

Theatro italiano: *Forçuras* de proscenio 2$400 réis, *forçuras* do fundo 3$200 réis, de lado 1$600 réis. Segundo andar proscenio 2$400 réis, fundo 3$200 réis, dos lados 3$200 e 2$000 réis. Terceiro andar proscenio 2$400 réis, fundo 3$200 réis, lado réis 1$600. Varanda do fundo 2$400 réis, proscenio 1$600 réis. Platéa superior 480 réis, inferior 400 réis, varandas 240 réis.

Para directores do primeiro anno foram nomeados Joaquim José Estulano de Faria, Anselmo José da Cruz, Alberto Mayer e Theotonio Gomes de Carvalho.

24

1803 — Nasce em Villers-Cotterets o

celebre auctor dramatico e romancista, **ALEXANDRE DUMAS** (pae).

Era filho do general e historiador Matheus Dumas.

Depois de uma educação bastante livre, que desenvolveu principalmente as suas qualidades physicas, entrou para casa do Duque d'Orleans como ajudante de secretario e mais tarde como bibliothecario.

Desde 1829 a vida de **Alexandre Dumas**, com os seus multiplos accidentes historicos e romanescos, póde seguir-se nas suas obras, de que elle é muitas vezes não só auctor mas heroe, pondo em scena e no livro a sua pessoa, os seus actos, as suas phantasias e a parte que tomou, ou julgou tomar nos acontecimentos do seu tempo.

Depois da revolução de julho, que não estava longe de considerar obra sua, ligou-se aos principes d'Orléans e foi condecorado com a Legião de Honra. Acompanhou o Duque de Montpensier a Hespanha, como chronista do seu casamento, assignando o contracto com todos os titulos da sua ascendencia parterna. Passou depois á Africa a bordo d'um vapor do Estado, posto ao seu serviço.

Depois de ter enchido todos os theatros de Paris com os seus dramas, fundou para si o theatro Historico.

Um côro de uma das suas peças, o Canto dos Girondinos, tornou-se a *Marselheza* da revolução de 1848, na qual em vão tentou tomar um papel.

Mais tarde entrou na revolução italiana, fez-se o chronista de Garibaldi e seu companheiro inseparavel, entrando com elle em Napoles e installando-se alli como conservador dos museus.

No meio de mil incidentes, nunca deixou de escrever romances, dramas e comedias. Calculou-se que o que apparecia diariamente assignado por **Alexandre Dumas**, mal poderia copial-o um homem, escrevendo assiduamente! É o mais fecundo escriptor que se conhece.

Se tinha raras e admiraveis qualidades de romancista, não as tinha menores de dramaturgo. Na concepção, no desenvolvimento, na analyse dos caracteres, na energia e na elegancia da linguagem, na facilidade de invenção e do dialogo, na *verve*, em todas as qualidades exigidas para o genero se mostrou eminente **Alexandre Dumas**.

As obras que maior nome deram ao grande escriptor, foram: *Os tres Mosqueteiros, O Visconde de Bragelone, Vinte annos depois* e *O Conde de Monte Christo.*

Dos seus magnificos trabalhos para o theatro os principaes são: *Henrique III e a sua côrte, Antony, Carlos VII, Napoleão Bonaparte, Thereza, Torre de Nesle, Angelo, Catharina Howard, Don João de Marana, Kean, Caligula, Mademoiselle de Belle Isle, Luiza Bernard, Os Mosqueteiros, Rainha Margot, Cavalleiro da Casa Vermelha, Conde de Monte Christo, Cavalleiro d'Harmental, Mocidade dos Mosqueteiros, Guerra das mulheres, Conde Hermann, Prisioneiro da Bastilha, Mohicanos de Paris, Madame de Chamblay, Brancos e Azues*, etc.

Alexandre Dumas morreu em Puys, proximo de Dieppe, a 5 de dezembro de 1870.

1841 — Nasce em Lisboa **João de Lacerda.**

Filho de um professor regio, sentou praça como aspirante a facultativo do ultramar logo que se matriculou no primeiro anno do curso da Escola Medica.

Foi um estudante distincto e tem tido uma carreira brilhante, tendo já sido governador de Cabo Verde, onde deixou vestigios honrosissimos da sua passagem.

Desde estudante cultivou a litteratura com esmero e além de traduzir para os theatros de D. Maria, Gymnasio e Rua dos Condes diversas peças, escreveu a comedia-drama original em 3 actos, *A corôa do artista*, que obteve um grande successo no Gymnasio, quando alli representada pela primeira vez, a 6 de agosto de 1863.

Tem ainda original uma engraçadissima scena-comica, *O estudante em dia de sabbatina*, que foi muito representada por amadores.

25

1875 — Nasce em Lorena, estado de S. Paulo (Brazil), de paes italianos, o maestro **Nicolino Milano.**

Tendo ido estudar para o Rio de Janeiro, aos 12 annos de edade, completou o curso do Club Beethoven, hoje extincto. Obteve alli duas medalhas de ouro e uma de prata.

Em 1889 entrou como primeiro violino para a orchestra da companhia de opereta de Musella. Tem depois feito parte de diversas orchestras.

Depois de compôr diversas obras de menor importancia, apresentou-se como maestro na revista *Pontos nos ii.* No anno de 1897 escreveu mais tres bonitas partituras para as peças: *Capital federal,* de Arthur Azevedo; *Conselheiro,* de Valentim Magalhães; e *Mil contos.*

Nicolino Milano é considerado hoje um dos melhores musicos do Rio de Janeiro, e muito longe poderia ir, se não fosse um incorregivel bohemio.

26

1834—Nasce em Lisboa o escriptor **Alfredo d'Athayde.**

Dedicou-se sempre á vida commercial como guarda-livros. N'esta qualidade partiu para França ha mais de vinte annos, residindo ainda hoje no Havre.

Foi sempre apaixonado do theatro, dedicando-lhe todas as suas horas vagas. Tem escripto um grande numero de peças, muitas só, e bastantes em collaboração com Duarte de Sá, Eduardo Garrido, Francisco Serra, Rangel de Lima e Eça Leal. Grande parte d'essas peças teem sido representadas em D. Maria, Rua dos Condes, Trindade, Gymnasio, Variedades, Porto e Brazil.

Os seus originaes são os seguintes: *Um genio enfreado, A Dama dos cochichos, O Tio Torquato, De noite todos os gatos são pardos, Rozario, batina e chambre, Sol de Navarra, Joanna do Arco, Arte, patria e caridade, E. Nordeste & C.ª, Uma familia portuense, Os quatro manos Ferreiras, Um quarto a dois, A morte d'um pae e d'um filho, Julia, A filha do artista, Um galheteiro incompleto, O collar, Que trapalhada!, D. Ignez de Castro, O Amuleto, A Dama das papoulas, Uma tempestade de verão, Quem quer carapuças?, Judith, Não vale a historia dez contos, Uma excentricidade, O cabello do Diabo, O Microbio, A Padeira d'Aljubarrota* e *O Padre Amancio.*

As suas imitações e traducções para o theatro são innumeras. Citarei apenas as de mais successo: *Casado por commodidade, Dois cães a um osso, Tio Antonio, Os tantos pòr cento, Tribulações de Mané Côco, Feitiço contra feiticeiro, Viver de Paris, Princeza de Trebizonda, Macaquinhos no sotão, Boceta de Pandora, Cruz de ouro, A Marechala, O Segredo do tio Vicente,* etc.

1854—Nasce em Paris a actriz **Delsol.**

Marie Louise Delsol estreiou-se na terra da sua naturalidade como cantora de cançonetas, no concerto dos Embaixadores, em 1873.

Como actriz fez a sua estreia em Kief, na Russia, em 1878; representou em seguida na Belgica, e partiu para Buenos Ayres, a 5 de março de 1879, com a companhia Cochelin. Com a mesma companhia seguiu depois para o Rio de Janeiro, onde se estreiou no theatro do Recreio Dramatico, na opereta *Sinos de Corneville.*

Ficando no Rio de Janeiro, representou pela primeira vez em portuguez na companhia do Heller, em 1883, na *princeza* da *Mascote.*

Percorreu depois diversos theatros. Tive-a contractada n'uma digressão que fiz ao sul do Brazil.

Ha alguns annos que está retirada de scena.

Tinha uma bonita voz, mas não era uma actriz de grandes recursos

AGOSTO

4

1896 — Morre em Nictheroy, estado do Rio de Janeiro, o **Dr. Augusto de Castro.**

Escriptor correctissimo e humorista, deixou na imprensa trabalhos interessantes, principalmente nas *Cartas d'um caipira,* no *Jornal do Commercio,* do Rio.

Fôra secretario da Estrada de Ferro D. Pedro II e ultimamente exercia o cargo de director da repartição de Estatistica do Estado do Rio de Janeiro. Era empregado modelo.

Para os seus trabalhos litterarios preferiu sempre o theatro.

A sua primeira comedia, bastante applaudida, chamava-se *A ninhada de meu sogro.*

Fez depois o aproposito *Tchang-Tcheng-Bung,* que teve grande successo.

Quasi todas as suas producções tiveram muito exito, entre ellas: *De Herodes para Pilatos, Bandidos de casaca, Paquita* e *Nem a tiro!*

Augusto de Castro morreu com 61 annos de edade.

1898 — Morre em Paris o notavel architecto da Opera, **Charles Garnier**, de quem já fallei.

Nascera em 1825.

O seu nome era universalmente conhecido pela sua obra monumental.

Na noite da inauguração da Opera o escolhidissimo publico de todas as nações fez-lhe uma ovação delirante. Foi uma verdadeira consagração.

5

1811 — Nasce em Metz o illustre compositor **Ambroise Thomas.**

Tinha apenas quatro annos quando recebeu de seu pae, que era professor de musica, as primeiras lições de solfejo.

Entrou para o Conservatorio de Paris em 1828. Em 1829 e 1830 obteve os primeiros premios nas classes de piano e de harmonia.

Em 1832 foi-lhe conferido o *grand-prix* de composição e com elle se lhe abriram em Roma as portas da Villa-Medicis. De lá enviou á Academia de Bellas-Artes, como producções obrigatorias, um quartetto e um quintetto para instrumentos de corda e uma missa de requiem.

Depois dos tres annos regulamentares, voltou a Paris em 1836, e dedicou-se exclusivamente á composição.

Em agosto de 1837 estreiou-se na Opera Comica com a *Double Échelle,* que foi um dos seus maiores triumphos.

As composições theatraes de **Carlos Luiz Ambroise Thomas**, representadas pela primeira vez na Grande Opera e na Opera Comica, de 1837 a 1889, são as seguintes: *La Gipsy,* bailado em 3 actos; *Le Comte de Carmagnolla,* opera em 2 actos; *Le Guerrillero,* opera em 2 actos; *Betty,* bailado em 2 actos; *Hamlet,* opera em 5 actos; *Françoise de Rimini,* opera em 5 actos; *La Tempête,* bailado em 3 actos; *La Double Échelle,* opera comica em 1 acto; *Le Perruquier de la Régence,* opera comica em 3 actos; *Le Panier fleury,* opera comica em 1 acto; *Carline,* opera comica em 3 actos; *Angélique et Médor,* opera comica em 1 acto; *Mina,* opera comica em 3 actos; *Le Caïd,* opera comica em 2 actos; *Le Songe d'une nuit d'été,* opera comica em 3 actos; *Raymond,* opera comica em 3 actos; *Le Torelli,* opera comica em 2 actos; *La Cour de Célimène,* opera comica em 2 actos; *Psyché,* opera comica em 3 actos; *Le Carnaval de Venise,* opera comica em 2 actos; *Le Roman d'Elvire,* opera comica em 3 actos; *Mignon,* opera comica em 3 actos; *Gille et Guillotin,* opera comica em 1 acto.

Ambroise Thomas era membro do Instituto desde 1851, em que succedeu a Spontini. Em 1871, por morte de Auber, foi nomeado director do Conservatorio de Paris.

Ambroise Thomas morreu a 12 de fevereiro de 1896.

10

1858—Nasce na Parahyba do Norte (Brazil) **Abdon Milanez.**

É engenheiro, mas tem grande predilecção pela musica e é um maestro inspirado. Entre as suas bellas e festejadissimas composições contam-se as magnificas partituras para as peças de Arthur Azevedo, *Heroe á força* e *Donzella Theodora.*

11

1898—Publíca n'esta data o *Diario do Governo* o decreto de 4 do mesmo mez para a **Organisação da Sociedade artistica do theatro de D. Maria II.**

Foi este trabalho feito pelo illustre escriptor Antonio Ennes, talvez com muito boa vontade e muito boas intenções, mas obtendo geraes antipathias dos artistas, escriptores dramaticos, e até do publico.

O trabalho é effectivamente deficiente, muito abaixo do talento do auctor e demonstrando completa ignorancia de administração theatral.

Se não ficar de todo inutilisado pela impossibilidade da organisação da sociedade, dentro em breve terá de ser completamente reformado. A pratica o demonstrará.

17

1841—Nasce em Rio Claro, então provincia do Rio de Janeiro (Brazil) **Luiz Nicolau Fagundes Varella.**

Victima d'uma apoplexia cerebral, morreu em Nictheroy, a 18 de fevereiro de 1875.

Foi um poeta inspirado e primorosissimo. Publicou diversos volumes de versos.

Depois da sua morte foi publicado o poema em 10 cantos, *Anchieta ou o Evangelho nas selvas,* que contém grandes bellezas.

Deixou manuscriptos tres dramas em verso: *A Fundação de Piratininga, Ponta Negra* e *O Demonio do Jogo.*

1846—Nasce em Lisboa **Clemente Bizarro.**

Pertence á conhecida familia **Bizarro**, em que ha medicos, delegados do thesouro, proprietarios, mercadores, proprietarios de lojas de modas, de casas d'estofador, typographias, tabacarias, etc.

Este **Clemente** traz-me á memoria gratas recordações dos bons tempos de rapazes, em que eramos inseparaveis e em que só pensavamos no theatro.

O **Clemente** era um curioso distinctissimo do antigo theatro do Aljube e da Sociedade Curiosidade Dramatica da rua de Vicente Borga, da qual já fallei quando tratei de Amelia Vieira.

Tinha realmente muito valor o **Clemente Bizarro** e demonstrou-o quando, aconselhado por todos os amigos, entrou para o theatro de D. Maria, em 1865, sendo commissario regio Francisco Palha e depois o Dr. Luiz da Costa Pereira. Estreiou-se, na noite do beneficio da actriz Gertrudes, na peça de Dumas (filho) *Demi-Monde*, dada alii n'essa occasião com o titulo de *Posições equivocas*.

Não chegou a estar tres annos no theatro, apezar de fazer magnifica figura em todas as peças em que tomou parte, principalmente nas *Posições equivocas*, *Redeas do governo*, *Gazeta dos tribunaes*, *Leviandade funesta*, *Doida de Montmayour*, *Joanna a Doida*, *Côrte na aldeia*, *Amores de Condé*, *Filippa de Vilhena*, *Anjo da Meia Noite*, *Duas lições n'uma só*, *Córa ou a escravatura*, *Morgadinha de Valflor*, *Viagem á China*, *Dois surdos*, etc.

Havia então no theatro uma rapariga engraçada, ladina e intelligente. Era uma actriz modesta, mas uma modista de primeira ordem. O **Bizarro** apaixonou-se por ella, casaram e combinaram deixar o theatro e entregarem-se ao seu amor e á vida commercial. Sahiu d'alli a afamada casa de modista da Emilia d'Abreu, que começou na calçada do Jogo da Péla, saltou para o Largo da Trindade, depois para o Chiado e ultimamente para a rua Ivens.

O **Bizarro** está quasi branco e a Emilia d'Abreu uma velha, mas lá continuam na sua faina com varia fortuna.

Ella nem gosta que lhe fallem nos theatros, nem mesmo os frequenta. Elle ainda soffre bastante com saudades da scena, que foi o seu encanto. Quem o quer vêr enthusiasmado é recordar-lhe os tempos do Santos, o seu artista querido, do Tasso, do Theodorico, do Rosa (pae), do Izidoro, da Emilia das Neves, da Delfina e da Manuela Rey.

Uma paixão o levou para o theatro, outra o afastou d'elle. Só eu e poucos mais sabem o que lhe vae n'alma. Muitos souberam que o theatro perdeu bastante com a sua falta.

20

1842 — Nasce em Paris **Alphonse Lemonnier.**

Figura n'este livro, não só como festejado auctor d'uma enorme quantidade de peças muito applaudidas, dramas, operetas, comedias, vaudevilles e revistas, mas como emprezario theatral, que ainda hoje o é do Theatro da Republica, antigo Château d'Eau, e como um verdadeiro homem de theatro, como ainda ha pouco o demonstrou, publicando o seu interessante livro *Les abus du théatre*.

21

1864 — Estreia-se no theatro do Gymnasio, na comedia, traduzida por Cesar de Vasconcellos, *A divida do escolar*, a actriz **Eliza Santos.**

É hoje conhecida pela **Eliza velha**, mas foi por muito tempo tratada pela **Eliza do Gymnasio**, pois n'este theatro esteve durante 21 annos.

Esteve depois contractada nos theatros Avenida, Alegria e Rua dos Condes.

De cara pouco expressiva e voz espingardada, não tem tido carreira feliz, mas acceitavam-n'a bem nos papeis de *soubrette* e de ha alguns annos a esta parte tem conseguido agradar mais nas caracteristicas.

1893 — Morre no Cartaxo o distincto actor **Leoni.**

Foi em Lisboa, no anno de 1842, que nasceu **Francisco Maria Cardoso Leoni.** Aqui estudou preparatorios e o curso do commercio.

Em 1861, aos 19 annos

de edade, foi para o Cartaxo, como professor de instrucção secundaria, habilitando muitos alumnos, que fizeram exames no lyceu de Santarem. Alli casou.

Em 1864 voltou para Lisboa, exercendo aqui o magisterio particular.

Tendo sempre tido paixão pelo theatro, entrou para a sociedade de amadores dramaticos que dava espectaculos no theatro do Aljube. Fazia alli *galans* e era muito applaudido.

Quando, em 1866, Francisco Palha deixou de ser commissario regio no theatro de D. Maria para ir fundar o theatro da Trindade, fez uma epocha na Rua dos Condes com os artistas que, para o acompanharem, haviam sahido do Normal. Precisou completar a companhia. Faltava-lhe principalmente um segundo *galan* para trabalhar ao lado do grande Tasso. Indicaram-lhe o *galan* do Aljube, o professor **Leoni**.

Immediatamente foi chamado e acceitou a proposta, porque era esse o seu ideal.

Estreiou-se n'um *galan*, depois n'outro, ainda n'outro, e o publico cada vez a gostar menos d'elle, e o Palha cada vez mais desapontado!

Leoni estava convencidissimo de que era um actor dramatico de primeira força e de que não fazia successo por serem insignificantes os papeis que lhe distribuiam. Já se queixava de que lhe estragavam a vocação.

Apparece um dia na tabella de serviço o ensaio de um dramalhão de fazer chorar as pedras e é distribuido ao **Leoni** um enorme *papelão* violento e tetrico.

Ficou radiante e julgou-se logo com a carreira feita. Foi a peça para a scena e o publico... e o Palha... e o proprio **Leoni** cada vez mais desapontados!

N'esse dramalhão havia uma scena em que o **Leoni**, antes de entrar, tinha de gritar, ainda nos bastidores:

—Meu pae! meu pae! meu querido pae!

Para que estes gritos lhe sahissem mais vivos, sinceros e sentidos, abraçava-se elle ao tangão mais proximo, a fim de ter mais força para gritar e mais alma para se commover.

Certa noite, estava longe do tangão paternal e perto do illustre actor Santos, que era tambem ensaiador. Ouviu a *deixa*, e, como não tivesse tempo de correr ao seu costumado apoio, agarrou-se desesperadamente ao Santos, a gritar:

—Meu pae! meu pae! meu querido pae!

Santos, quasi esborrachado, deu-lhe um empurrão enorme, atirou com elle para a scena, dizendo:

—Vá-se agarrar ao tangão, seu filho da...

—Foi providencial este empurrão, contava o **Leoni**: desde então fiquei percebendo que a tragedia não era o meu forte.

Terminada a epocha da Rua dos Condes, depois de alguns espectaculos pela companhia em S. Carlos e no Salão da Trindade, abriu finalmente o theatro da Trindade, em 30 de Novembro de 1867.

Pouco depois da inauguração, **Leoni** entregou-se completamente ao genero comico, tornando-se um dos nossos primeiros actores n'esse genero, de uma naturalidade primorosa, de uma veia comica inexgotavel, e, quando era preciso, de uma excentricidade maravilhosa. O seu logar ficou sendo um dos primeiros, não só na Trindade, mas na scena portugueza.

O seu repertorio era enormissimo e rara era a peça em qne não tinha uma creação admiravel. Citarei apenas algumas em que foi verdadeiramente extraordinario: *Collegio de meninas*, *Gato Preto*, *Nitouche*, *Moleiro d'Alcalá*, *Boccacio*, *D. Juanita*, *Noite e Dia*, *Mascotte*, *Dragões d'El-Rei*, *Barba Azul*, *Rouxinol das Salas*, *Perichole*, *Almas do outro mundo*, *Botija*, *Boas noites sr. D. Simão*, *Campainhas*, *Tire d'ali a menina*, *Tres Rocas de Crystal*, *Prineeza de Trebizonda*, *Viver de Paris*, *Gata Borralheira*, etc.

Como ensaiador, quando queria, era bom como poucos. Mettia bem em scena uma peça e apurava-a a capricho.

Como traductor, eram trabalho seu algumas das mais correctas e engraçadas versões das operetas que formavam o grande e escolhido repertorio da Trindade.

Como artista era estimadissimo; como homem tinha poucas sympathias, até mesmo entre os collegas. As emprezas não

podiam confiar muito na sua dedicação e os collegas na sua lealdade.

Quando a Trindade deixou de funccionar por conta da sociedade proprietaria, tomou a empreza uma sociedade de artistas, que escripturou **Leoni** na epocha de 1892-1893. Os socios estavam descontentes com elle e elle mais descontente com os socios, pelo que sahiu, indo contractar-se no theatro Avenida. Estava já muito doente n'essa occasião. Ainda ensaiou, mas não chegou a representar. Partiu para o Cartaxo, onde tinha uma filha casada com o pharmaceutico Francisco José Pereira. Lá peiorou e lá morreu em poucos dias. Foi uma grande perda para o theatro; desappareceu um excellente artista, um magnifico e correcto ensaiador e um bello traductor.

Leoni morreu com cincoenta e um annos de edade apenas e aparentava ter mais de setenta!...

Esteve vinte e sete annos no theatro, representando sempre com a mesma companhia. Era dos raros artistas portuguezes que nunca foram ao Brazil.

28

1850 — Nasce nos Olivaes, proximo a Lisboa, **Joaquim Franco de Mattos.**

É o illustre e estimado director da Agencia Havas em Portugal. Ninguem hoje o vê no theatro, mas muito se lhe dedicou quando novo.

Foi o festejado auctor das engraçadissimas comedias: *Neto dos Reis*, *Que entalação!*, *A mana Letras e o mano Tretas* e *Grande fogo em predio velho.*

29

1845 — Nasce em Lisboa, na sua propriedade denominada «A Quintinha» ao Beato, **João Baptista de Mattos Moreira.**

Seu pae possuiu no Rocio, á esquina do largo de Camões, um afamado botequim, que rivalisava então com o do Freitas, tambem no Rocio.

Por morte de seu pae, **Mattos Moreira** transformou a loja n'uma livraria e casa editora. Hoje ainda a casa lhe pertence, mas com a especialidade de papelaria, bijouterias e quinquilherias. É uma casa importante e muito frequentada.

Mattos Moreira tem ha bastantes annos tambem uma typographia. Foi elle o creador do *Jardim do Povo*, publicação interessantissima e que, por diminuto preço, vulgarisava boas traducções dos melhores romances estrangeiros e nacionaes.

Foi **Mattos Moreira** um grande dedicado ao theatro e para elle fez os seguintes trabalhos: *Um amigo de Lavater*, comedia em 1 acto; *O filho da sombra*, drama em 3 actos; *Rosto e coração*, comedia em 4 actos; *Guerra aos nunes*, comedia em 1 acto; *Guerra aos pares*, comedia em 1 acto; *Herança e amor*, idem; *Continuas suprezas*, idem; *Amor buscando amor*, comedia em 2 actos; *Desgostos de um homem feliz*, idem; *A parentella*, comedia em 1 acto; *Abaixo a palmatoria!*, comedia infantil. Todas estas peças são originaes. Fez diversas traducções e imitações, entre as quaes a comedia em 2 actos *O senhor meu filho.*

A sua comedia *Guerra aos nunes*, além de subir á scena no theatro de D. Maria, foi representada por todas as companhias de provincia e por todas as sociedades de amadores, tendo obtido um enorme exito.

31

1876 — Morre repentinamente em Lisboa, **Duarte de Sá.**

Nascera tambem em Lisboa, em 1823. Foi educado em Paris. Ao voltar á patria, veiu, como seu pae, conviver com a alta sociedade, pela qual era estimadissimo, em razão da fidalguia dos seus habitos e da sua animada e graciosissima conversação.

Pae e filho tiveram a mania dos *calembourgs*, que hoje se detestam, mas n'aquella epocha eram apreciadissimos. Tambem pae e filho foram apaixonados da arte dramatica e curiosos distinctissimos.

Na sua quinta do Pinheiro, proximo a Sete Rios, tinham um lindo theatrinho,

para o qual Garrett deu as primicias de algumas suas peças, e entre ellas o *Frei Luiz de Sousa*. N'esta representou **Duarte de Sá** e até o proprio Garrett.

Duarte de Sá fez grande numero de peças, que foram representadas com muito agrado. Muitas d'ellas foram imitadas do francez, mas elle dava-lhes um feitio e um sabor tão nosso, que quasi valiam originaes. N'algumas introduziu innumeros *calembourgs*, a sua mania predominante.

Não sei explicar a razão por que este illustre homem de lettras não figura no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Innocencio. Esperamos que mais tarde Brito Aranha remedeie esta falta.

Não tenho a lista completa das obras dramaticas de **Duarte de Sá**, mas as mais afamadas são: *Uma hora no Cacem, Maria da Fonte ou a Bernarda na rua, Um prato d'ovos mexidos, Luiza, O Mealheiro, Cinco pés e tres pollegadas, Lua de mel, Duas lições n'uma só, Por um cabello, Os Filhos do delirio, O Anjo da meia noite e um quarto, Trabalhos em vão, Um par de mortes ou a vida d'um par* e as duas scenas comicas em que Taborda foi tão notavel, *Os dois primos* e *Boas razões.*

Tambem, de collaboração com Alfredo Athayde, traduziu para a Trindade a opereta *La vie parisienne* com o titulo de *Viver de Paris.*

Por occasião da sua morte escreveu Pinheiro Chagas que o nome de **Duarte de Sà** devia conservar-se como o de um dos mais scintillantes e graciosos espiritos que brilharam na sociedade portugueza do seculo XIX.

Duarte de Sá, quando director do Conservatorio, consagrou ao desenvolvimento d'esse estabelecimento de instrucção artistica toda a sua actividade.

Estudou com afinco e verdadeiro amor a arte de representar. Baseando-se principalmente no Aristippe, organisou um methodo de ensino da especialidade, que realmente tinha bastante de aproveitavel. O estudo dos temperamentos e os complementos mentaes eram a verdadeira base d'esse methodo, que foi muito guerreado e por vezes até *troçado,* mas injustamente.

É claro que nem pelo seu methodo, nem por methodo algum do mundo se podiam crear genios e notabilidades, mas não é menos certo que quantos discipulos passaram pela escola dramatica de **Duarte de Sá**, mais ou menos, todos aproveitaram bastante para a sua carreira. E, se não, que o digam os ensaiadores dos theatros de D. Maria e Gymnasio, José Antonio Moniz e Leopoldo de Carvalho, o antigo e fallecido ensaiador Alfredo de Mello, e os artistas: Amelia Vieira, Emilia dos Anjos, Jesuina Marques, Posser e outros.

SETEMBRO

1

1862 — Nasce **José Pacini.**

É filho do antigo cantor e depois emprezario de S. Carlos, Pedro Jorge Pacini, de quem fallei na data de 31 de maio, e irmão da distincta cantora Regina Pacini, de quem tratei na data de 6 de janeiro.

José Pacini foi camaroteiro do Real Theatro de S. Carlos. Sahiu d'alli por indisposição com o emprezario Freitas Brito. Fundou uma companhia para a exploração de um grande armazem de pianos. Este estabelecimento ainda hoje existe, mas em muito menor escala.

No ultimo concurso para adjudicação do theatro de S Carlos, que se realisou em 1897, foi preferida a proposta de **Pacini,** dando-se-lhe o theatro por cinco annos.

A primeira epocha da sua exploração, 1897-1898, foi bastante prospera. O theatro foi todo assignado e os espectaculos realisaram-se dentro do prazo marcado.

Os mais festejados artistas d'esta epocha foram: Eva Tetrazini, Armida Parsi, Cartica, Grani, Ancona e o maestro Campanini.

Foram cantadas pela primeira vez em S. Carlos as operas: *André Chenier*, *Mario Wetter* e *Samsão e Dalila*.

Pacini é activo, emprehendedor e caprichoso.

Herdou de seu pae dotes administrativos e d'elle e d'outros aprendeu a sciencia difficil de dirigir uma companhia lyrica.

É possivel que por vezes commetta erros, mas a pratica e a edade hão de aconselhal-o de futuro.

3

1719 — Nasce em Lisboa o purissimo escriptor **Candido Luzitano.**

O **Padre Francisco José Freire,** mais conhecido pelo poetico nome de **Candido Luzitano,** foi um dos mais distinctos membros da Arcadia.

Depois de concluir os estudos de humanidades com os jezuitas, foi durante al-

guns annos familiar do patriarcha D. Thomaz d'Almeida. Vestiu depois a roupeta dos Congregados de S. Filippe Nery na casa do Espirito Santo de Lisboa.

Morreu em Mafra, d'uma paralysia, a 5 de julho de 1778, tendo 54 annos de edade.

Muito illustrou e importantes serviços prestou ás lettras patrias, publicando obras purissimas, que começaram reformando o estylo vicioso e o mau gosto, que então dominavam.

Nas *Reflexões sobre a lingua portugueza*, de Rivara, vem um completo catalogo das suas obras. Pertence-me apenas indicar o que **Candido Luzitano** fez para o theatro e que foi:

Ulysses em Lisboa, opera portugueza destinada a celebrar o feliz parto da Princeza do Brazil.

Traduziu de Racine a tragedia *Athalia*; de Euripides: *Iphigenia em Tauris*, *Iphigenia em Aulides*, *Hercules furioso*, *Hecuba*, *Phenicias* e *Medéa*; de Maffei *Merope*; de Seneca *Medéa* e *Edipo*; de Sophocles *Edipo*; de varios auctores italianos: a comedia *De bem para melhor* e as operas *Scandenberg* e *Lucio Papirio*.

4

1892—Representa-se pela primeira vez, no theatro da Rua dos Condes, a opera comica em 3 actos, original de Gervasio Lobato e D. João da Camara, musica de Cyriaco de Cardoso, **O Solar dos Barrigas.**

Obteve esta peça um grande exito e sempre tem agradado nas muitas *reprises* que tem tido no mesmo theatro e nos da Trindade, Gymnasio e D. Amelia.

Muito agradou egualmente no Porto e n'outras terras da provincia.

No Brazil tem tido innumeras representações, sendo pela primeira vez dada em dois theatros do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo, no Apollo e no Recreio Dramatico.

Na primeira representação desempenharam os principaes papeis os artistas: Angela Pinto, Barbara, Candida Palacio, Elvira Mendes, Valle, Cardoso, Alfredo Santos, Gomes e Lima.

O papel de Manuela tem sido em diversas epochas desempenhado por Angela Pinto, Palmyra Bastos, Cinira Polonio e Gina Conde.

14

1864 — Nasce em Canedo, provincia de Traz-os-Montes, o actor **Domingos Canedo.**

Em 1876 partiu para o Rio de Janeiro, a fim de empregar-se no commercio.

Estreiou-se como actor no theatro Lucinda, do Rio de Janeiro, em 1885, na revista *O Bilontra.*

Tem feito parte de muitas companhias no Rio e nos diversos estados. Tambem já eu o tive contractado por mais de uma vez e nunca me arrependi.

Tem este artista boas qualidades de caracter e excessos de dedicação pela empreza em que trabalha, o que não é muito vulgar, principalmente no Brazil.

Como actor tem um feitio original, que provoca a gargalhada. É pequenino, vivo, azougado e tem por vezes umas originalidades que agradam. Nas revistas é muito util.

18

1841 — Nasce em Lisboa o cabelleireiro de theatros **Coelho.**

Antonio José Coelho aprendeu com seu pae, o velho cabelleiro do largo do Poço Novo.

Tambem muito praticou com os antigos cabelleiros de theatro João Corrêa e José Felix.

É irmão do actor que foi do theatro de D. Maria e depois ensaiador do theatro das Variedades, Vicente José Coelho, de quem já tratei n'este livro.

Tem fornecido de cabelleiras quasi todos os theatros de Lisboa, desde S Carlos até ao Avenida. Sabe do seu officio e é estimado por todas as emprezas e artistas, porque é amigo de fazer vontades, e, quando quer, trabalha com muita perfeição.

Tem tambem muita popularidade nas sociedades d'amadores como cabelleireiro e caracterisador.

22

1821 — Morre em Paris a notavel actriz franceza **Madame Dugazon**.

Nasceu em Berlim, em 1755.

O seu nome de familia era **Luiza Rozalia Lefévre**.

Casou com o actor Dugazon.

Entrou como societaria da Comedia Italiana em 1776.

Agradou muito de começo nas *ingenuas* e nas *soubrettes;* mais tarde engordou por fórma, que só podia fazer damas centraes.

Era uma actriz que tanto fazia rir como chorar, pois que reunia os mais variados dotes para o drama e para a comedia. Agradava tambem immenso cantando, porque tinha uma voz deliciosa. Dois generos ficaram em França com o seu nome: as *ingenuas* **Dugazon** e as *mães nobres* **Dugazon**.

24

1800 — Morre em Lisboa, na rua Formosa, onde morava, **Theotonio Gomes de Carvalho**.

Julga-se que nascera no anno de 1730.

Foi um dos fundadores da Arcadia, em 1756. Era socio da Academia Real das Sciencias, Administrador das Sete-Casas, Director da Real Fabrica das Sedas, Deputado e Secretario da Junta do Commercio, Licenceado em leis pela Universidade de Coimbra, Cavalleiro de Christo, do Conselho da Fazenda do Ultramar e de Sua Majestade a Rainha Dona Maria I. Vê-se que era um dos *papões* d'aquella epocha, como ainda hoje os ha.

Está impressa uma obra sua com o titulo de *O monumento immortal,* drama allegorico para se cantar na sala da Junta do Commercio por occasião da inauguração da estatua equestre d'El-Rei Dom José I.

Attribue-se-lhe tambem o drama *Morte de Cesar,* representado em 1783.

Por occasião do arraial de Nossa Senhora do Cabo, representou-se uma tragedia sua, intitulada *O Cesar*.

25

1841 — Nasce **Cypriano Jardim**.

É official superior do exercito, tendo exercido importantes commissões.

O seu nome é principalmente conhecido pelos estudos e diversas tentativas que fez, auxiliado pelos poderes publicos, para dar a direcção aos balões.

N'este livro figura **Cypriano Jardim** como escriptor dramatico, que o tem sido e por vezes com bastante applauso.

Eis a lista das suas peças:

Camões, drama em 5 actos, representado no theatro de D. Maria em junho de 1880, por occasião das festas do centenario camoneano e com subsidio do governo; *O Casamento civil,* drama em 4 actos, tambem representado em D. Maria, em 1882; *O Soneto,* comedia em 1 acto em verso, no mesmo theatro; *O Processo da Luz Electriea,* opereta em 2 actos, representada no theatro do Principe Real em 1879; *O Doutor Tanner,* comedia em 1 acto, no theatro da Rua dos Condes; *O latim do sachristão,* opera comica representada no Porto; *De Portugal á India,* drama em 5 actos, escripto por occasião do 4.º centenario da descoberta da India, e de que se representou o primeiro acto no theatro de D. Maria; *A Pesca da Baleia,* comedia em 3 actos, representada no theatro do Gymnasio.

Com esta ultima peça deu-se um episodio engraçadissimo. N'uma das noites em que se estava representando a peça, foi vista n'uma friza uma senhora com um manuscripto na mão e que ia lendo ao mesmo tempo que a peça se ia representando. Em certa altura, a senhora levantou-se e declarou que a peça, annunciada do sr. **Cypriano Jardim**, era de seu marido, o fallecido escriptor Varella, e que ella tinha alli o manuscripto para o provar. Calcule-se o effeito de tal declaração.

As peças, confrontadas, pareciam a mesma. Discussão acalorada no palco, no salão e nos corredores do theatro, passando d'alli para a imprensa. Tambem tive de

intervir um pouco e estudar o caso. **Cypriano Jardim** nada roubára ao Varella e este tambem não tinha arrancado uma unica flor ao **Jardim** do sr. **Cypriano**. Ambos, porém, se tinham apropriado de um conto francez, e como este era quasi todo dialogado, ambos aproveitaram o dialogo, o que foi mais commodo.

1851—Nasce em Lisboa, na freguezia da Lapa, o popular escriptor **Pan-Tarantula.**

É este o pseudonymo por que é conhecido **Alfredo de Moraes Pinto,** que muitos tratam tambem pelo **Pinto do «Pimpão»**. Foi principalmente este jornal que lhe deu a maior popularidade. A principio era collaborador, passando depois a proprietario e redactor. Nas suas mãos e sob a sua intelligente direcção tem prosperado a engraçadissima folha, que é das emprezas jornalisticas mais rendosas, depois do *Diario de Noticias* e do *Seculo*. Entre nós obter tal, é um milagre que só **Pan-Tarantula** conseguiria para o seu *Pimpão*.

Tambem **Alfredo Pinto** tem trabalhado para o theatro n'um genero em que só vinga quem tem verdadeira graça. São suas as magnificas cançonetas e monologos: *Lili, A Pulga, Meios de transporte, A Lagartixa, Do outro lado, O Riso, Um golpe d'ar, O Cigarro, Os vencidos da vida, O Monoculo, A rir! a rir!* e *Mulher homem.*

Escreveu uma engraçada comedia, *No dia do casamento*, e collaborou commigo e com o fallecido *Argus* na revista de 1884, *O Juizo do anno.*

27

1778—Nasce na ilha de Itaparica (Brazil), **Damião Barbosa de Araujo.**

Filho de um pobre sapateiro, muito dedicado á musica, conseguiu que seu pae com grande sacrificio o mandasse iniciar nos segredos da arte.

Na Bahia chegou aonde podia chegar, sem escola em que se aperfeiçoasse. Era violino d'orchestra e compositor de arietas, duettinos e córos para as burletas e operas portuguezas que alli se representavam.

Em 1808 seguiu da Bahia para o Rio de Janeiro, fazendo parte da banda que acompanhou D. João VI.

Na capital do Brazil encontrou dois musicos illustres: Marcos Portugal e José Mauricio. Com elles aprendeu muito, mas não tanto como devera, por começar já tarde.

Compôz muitas musicas religiosas, a burleta italiana *Intriga amorosa*, quartetos, arias, concertos, romances, etc.

Nos romances, modinhas e lundús mostrou todo o seu sabor bahiano.

Um illustre critico diz d'elle:

«Grande artista da Natureza, **Damião «Barbosa de Araujo** fraqueou na pureza da «arte. Não foi d'elle a culpa. Brilhante pre-«ciosissimo, quiz, e não teve apurado la-«vor. Mas foi brilhante de muito alto qui-«late, apezar de imperfeitamente lavrado.»

30

1831 —Nasce em Sacavem, proximo de Lisboa, **Alfredo Carlos de Lima Subtil.**

Tendo-se dedicado ao commercio, partiu para o Rio de Janeiro a 4 de abril de 1868.

Foi alli guarda-livros de diversas casas importantes.

Tinha paixão pelo theatro, o que o levou, em 1881, a associar-se a uma empreza no theatro do Recreio Dramatico, de que era a *estrella* a Herminia. Ahi teve bastante prejuizo.

Em 1883 entrou para guarda-livros da minha empreza nos theatros do Principe Real e Lucinda. Foi depois tambem guarda-livros e empregado de confiança das emprezas de Guilherme da Silveira.

Mais tarde ficou como socio de Eduardo Garrido e depois elle só emprezario do theatro Apollo. Tambem n'essa empreza perdeu tudo quanto pudéra adquirir, a ponto de morrer, a 28 de setembro de 1895, quasi na miseria.

Era um bom homem e um dedicado a coisas de theatro, mas pouco d'ellas percebia e por isso teve sempre prejuizos.

1880 — Estreia-se no theatro de Santa Catharina, no Brazil, na companhia do actor Simões e no drama *Os Filhos,* o actor brazileiro **Roberto Guimarães.**

Tem feito depois parte das companhias de Furtado Coelho, Guilherme da Silveira, Galvão, Primo da Costa e Ismenia dos Santos.

É um actor util e um bom curioso de scenographia.

OUTUBRO

1

1805 — Nasce na ilha de S. Nicolau de Cabo Verde a escriptora **D. Antonia Gertrudes Pussich.**

Ainda a conheci muito bem, tendo-a por vezes ouvido fallar com uma energia e verbosidade sobre assumptos politicos e litterarios, que denunciavam um espirito forte e varonil.

Morreu com 78 annos de edade completos.

Luctou na imprensa e nas repartições a favor dos seus direitos á ilha das Gallinhas e obteve uma pensão do Estado.

Fundou tres periodicos litterarios: *A Beneficencia, A Assembléa Litteraria* e *A Cruzada.* Collaborou em muitos outros.

Figura aqui como auctora d'um drama em 3 actos, *Constança,* que corre impresso.

5

1858 — Grande festa no theatro de D. Maria, em beneficio do notavel actor **Tasso.**

Representou-se pela primeira vez o drama em 3 actos, original de Ernesto Biester, *A Caridade na sombra,* e tambem pela primeira vez as comedias em 1 acto *Manuel Pedro Milionario* e *Uma mulher economica.*

Tomaram parte no espectaculo os seguintes artistas: **Tasso,** Theodorico, Cezar de Lima, Sargedas, Moreira, Farruja, Domingos Ferreira, Coelho, Brandão, Josepha Soller, Emilia Adelaide, Manuela Rey, Delfina, Camilla e Gertrudes.

Apezar de haverem já decorrido quarenta annos, ainda hoje vivem cinco d'estes artistas, mas todos já retirados do theatro, Cezar de Lima, Moreira, Coelho, Emilia Adelaide e Camilla.

9

1835 — Nasce em Paris o grande musico **Saint-Saëns.**

Foi discipulo do Conservatorio de Paris, **Camillo Saint-Saëns,** tendo estudado piano com Stamaty, theorias com Madelen, orgão com Benoist e composição com Halévy, Reber e Gounod.

Em 1851 obteve o maior premio do Conservatorio. Em 1855 foi nomeado organista da egreja de S. Mérry e em 1858 transferido para a da Magdalena.

Dedicou-se activamente por esse tempo á composição e apresentou em breve grande numero de trabalhos orchestraes, vocaes e de piano, que lhe conquistaram a fama de um dos mais notaveis compositores contemporaneos da França.

Já de ha muito resignou o logar de organista para se entregar completamente á composição. Chegou a occultar-se em paragens longiquas para mais isoladamente se entregar aos seus notaveis trabalhos.

São innumeras as suas maravilhosas composições, entre as quaes sobresaem os poemas symphonicos: *Jeunesse d'Hercule*, *Phaëton* e *Rouet d'Omphale;* e as operas: *Princesse Jaune*, *Timbre d'Argent*, *Étienne Marcel*, *Henry VIII*, *Samson et Dalila* e *Déluge*.

De quando em quando **Saint-Saëns** emprehende algumas *tournées* de concertos. Nas noites de 5, 8, 10 e 13 de novembro de 1880 fez-se ouvir no nosso theatro de S. Carlos, tirando maravilhosos effeitos do velho orgão do nosso theatro lyrico. Infelizmente n'esses concertos a concorrencia de publico foi diminutissima, o que depôz bem desfavoravelmente sobre o nosso gosto artistico.

Saint-Saëns é um dos musicos mais considerados da actualidade.

10

1832 — Nasce n'esta data **Pedro Jorge Pacini**, do qual já tratei na data do seu fallecimento, a 31 de maio. Tambem alli apresentei o seu retrato.

13

1858 — Nasce em Lagos, no Algarve, a actriz **Izabel Pacheco**.

Esta data é fornecida por ella e com certeza ninguem sabe melhor a sua edade. O que é verdade, é que todos estão convencidos de que ella, em vez de quarenta annos, tem pelo menos cincoenta.

É possivel que pertença ao numero das creaturas que nunca tiveram mocidade. A **Izabel Pacheco** está em Lisboa ha, pelo menos, 14 ou 15 annos, e sempre pareceu velha a toda a gente, devendo ter, pelas suas contas, n'esse tempo 25 ou 26 annos!

Seja como fôr, a verdade é que em Lisboa sempre pareceu uma velha, fóra e dentro do theatro, e por isso foi sempre aproveitada para fazer caracteristicas.

Começou a representar em Faro, fazendo já ahi as velhas, em 1881.

Em Lisboa representou pela primeira vez no theatro dos Recreios na velha dos *Moços e velhos*. Poucas velhas mais fez ahi, passando para um theatro improvisado pelo Jacobetty, na rua da Alegria, no local onde depois se construiu o outro, que tambem já foi demolido.

Foi depois fazer as caracteristicas para o theatro da Avenida, entrando na magica *Diabo á solta* e nas revistas *Lisboa em camisa* e *Tim tim por tim tim*.

Fez uma epocha de verão no Principe Real, representando na peça *O Porto*, mau arranjo da *Cadiz*. Entrou depois por diversas vezes para a Rua dos Condes, onde continuou a fazer caracteristicas e parece que vae agora fazel-as de novo para o Avenida.

Já com diversas companhias, e principalmente no verão, tem percorrido as provincias e ilhas, fazendo velhas, apezar dos seus quarenta annos.

É baixa de mais e gorda de mais, assim como formosa e talentosa de menos.

16

1857 — Nasce em S. Petersburgo o distincto compositor e illustre professor **Victor Hussla**.

Era filho d'um musico do theatro imperial. Apezar de nascer na Russia, toda a sua familia é allemã.

Hussla passou a mocidade na Suissa e na Allemanha. Estudou, primeiro com seu

pae e depois com distinctos professores, musica, rabeca e composição.

Em Leipzig, Nice e Lugano foi primeiro violino e solista de grandes concertos.

Ha já onze annos que veiu para Lisboa, contractado pela Academia de Amadores de Musica, e aqui tem-se mostrado um professor habilissimo e um musico bem notavel.

Innumeros discipulos da Academia attestam o seu immenso valor. Os concertos que elle dirige são sempre de primeira ordem.

Ultimamente foi nomeado professor de primeira classe do Real Conservatorio de Lisboa, no que se fez verdadeira justiça ao seu merito e grande honra ao corpo docente d'aquelle estabelecimento.

Como compositor, além da bella partitura da operela *Viagem do Rei Carrapato*, que tão applaudida foi no theatro da Trindade, **Victor Hussla** tem escripto o seguinte:

In Memoriam, elegia por occasião do concerto em beneficio das familias das victimas do incendio do theatro Baquet; *Marcha triumphal*, dedicada ao rei D. Luiz; uma grande abertura; tres rhapsodias portuguezas, dedicadas ao rei D. Carlos; *Suite portugueza*, em 4 partes, dedicada á rainha sr.ª D. Amelia; uma symphonia em 4 partes, dedicada ao sr. D. Fernando de Sousa Coutinho; uma *Rêverie*, dedicada ao sr. dr. Korth; *Cantico das vagas*, ballada para orchestra e canto, letra do sr. Lopes de Mendonça, dedicada ao desventurado amador, sr. D. José d'Almeida; tres pequenas rhapsodias russas; phantasia *Stuck* para violino, orchestra ou piano, dedicada ao sr. Henrique Sauvinet; *Vasco da Gama*, poema symphonico, dedicado ao sr. duque de Loulé; estudos technicos para violino; e orchestrações de diversos trechos.

22

1811 — Nasce em Raidins, na Hungria, o notavel pianista **Franz Liszt**.

Era um dos que compunham a famosa trindade que ha cincoenta annos surgiu na Allemanha, luctando contra todo o mundo musical e acabando por conquistal-o. Essa trindade era composta de Schumann, Wagner e **Liszt**.

A grande reputação de **Liszt** affirmou-se primeiro como pianista em 1830, quando se achava em Paris, intimamente ligado com Berlioz. Mais tarde o festival de Bonn que elle escreveu para a inauguração da estatua a Beethoven valeu-lhe a reputação de excellente compositor e superior chefe de orchestra.

Foi em Weimar, depois de 1849, quando **Liszt** era mestre da capella do grão-duque de Saxe-Weimar, que se formou a alliança de **Liszt** com Schumann e Wagner. Foi em Weimar que **Liszt** alcançou que fosse cantado o *Lohengrin*, quando o nome de Wagner era ainda ignorado de todos.

Partindo para Roma, **Liszt**, para fugir á perseguição de duas damas que á força queriam com elle casar, fez-se padre, tomando ordens no Vaticano, a 25 de abril de 1865. D'ahi em deante foi conhecido pelo **Abbade Liszt** e só escreveu musica religiosa.

Foi em 1869 a Paris dirigir a execução da sua missa solemne.

O grande **Liszt** visitou Lisboa em 1845, dando o seu primeiro concerto no theatro de S. Carlos a 23 de janeiro. Produziu aqui enorme sensação, sendo victoriadissimo.

24

1868 — Primeira representação no theatro do Principe Real, empreza Santos, da opera burlesca em 3 actos, musica de Lecocq, **A Flor de Chá**, desempenhada pelas actrizes Virginia e Luiza Fialho e pelos actores Faria, Antonio Pedro e Menezes.

A peça agradou, mas não fez carreira.

26

1830 — Festejando o anniversario natalicio do rei D Miguel, representa-se pela primeira vez no theatro de S. Carlos o elogio dramatico **A Apotheose de Hercules**, original do padre José Agostinho de Macedo.

27

1495 — Nasce em Coimbra o notavel escriptor portuguez **FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.**

Doutor pela Universidade de Coimbra, commendador de Christo, é considerado o fundador em Portugal da escola poetica italiana.

Viajou muito em Hespanha e Italia e, no regresso, entrou na côrte de D. João III, mas d'ahi a pouco, para fugir a intrigas, foi habitar para a sua quinta da Tapada, junto a Ponte de Lima.

Entregou-se ahi até á hora da morte, em 15 de março de 1858, aos seus labores litterarios.

Sá de Miranda era versado em humanidades, conhecia a fundo os classicos latinos, e diz-se que sabia tão bem o grego, que não só lia correntemente os livros, como até os annotava á margem n'essa mesma lingua. Conhecia muito a litteratura italiana e hespanhola. Foi n'este idioma que elle escreveu uma das suas melhores obras, *A Fabula do Mondego*. Não consta que, emquanto vivo, se imprimisse qualquer obra sua.

As primeiras a verem a luz, por ordem do Cardeal D. Henrique, foram as suas comedias *Os Estrangeiros* e *Os Vilhalpandos*.

Ainda que de enredo insignificante, são modelos de estylo conceituoso, sem affectação e com a phraseologia da epocha. Devem ler-se e estudar-se.

29

1868 — Reabertura do **Theatro do Gymnasio**, depois da transformação por que passou.

Havia-se formado uma nova companhia de accionistas para fazer as obras e explorar depois o theatro. As acções eram do valor de 100$000 réis cada uma. A direcção era formada pelos srs. Visconde de Ribamar, Dr. Cunha Seixas e Marques Pereira.

A recita de inauguração foi com a opera comica em 3 actos, traducção de Eduardo Garrido, musica de Offenbach, *As Georgianas*.

A companhia era assim formada:

Actrizes — Anna Cardoso, Carolina da Conceição, Eliza da Conceição, Florinda Macedo, Emilia Candida, Guilhermina Rocha, Lucinda Simões, Maria Joanna e Maria José Noronha.

Actores — Antonio Capistrano, Antonio José da Silva, Antonio dos Santos Pires, Augusto Pedro Assumpção, Carlos Rodrigues, Eduardo De Vecchy, Francisco Maria de Sousa, Francisco da Silva Pereira, Guilherme da Silveira, João Osorio, José Antonio do Valle, José Lucio, José Gonçalves Ramos, José Simões Nunes Borges, Manuel De Vecchy e Manuel Hypolito Ferreira Marques.

31

1757 — Nasce em Leiria o popularissimo escriptor **José Daniel Rodrigues da Costa.**

Tendo ficado orphão muito creança, recebeu uma modesta educação d'umas senhoras caridosas. A protecção do desembargador Antonio Pina Manique, que era administrador das Sete Casas, obteve-lhe uma modesta occupação official para a sua subsistencia. Foi administrador das portas da cidade, em seguida tabellião de notas em Portalegre, depois ajudante de ordenanças em Alemquer, e por ultimo major da legião nacional do Paço da Rainha.

Tinha sempre bom humor e affaveis maneiras, o que o tornava bemquisto de todos. Sabia amoldar-se ás circumstancias politicas e por isso tanto louvava as idéas absolutas como as liberaes.

Publicou um sem numero de folhetos, de que fez varias edições e que eram procurados com anciedade.

As suas obras teem pouco valor, e são hoje desprezadas, mas n'aquella epocha achavam-n'as engraçadissimas e todos as desejavam. As que mais se popularisaram foram: *O Almocreve das petas*, *Comboio de mentiras*, *Espreitador do mundo novo*, *Noite de inverno*, *Conversação das senhoras*, *Portugal enfermo*, *Balão aos habitantes da lua*, *Tribunal da razão*, *Roda da fortuna*, *Camara*

optica, *Hospital do mundo* e *Barco da carreira dos tolos*.

Foram representados com muito agrado as suas farças e entremezes: *A menina discreta da fabrica nova*, *O mathematico e o naturalista*, *A casa desordenada*, *A junta dos cabelleireiros*, *A marujada*, *A casa da opera dos bonecos*, *O basofio ou os dois doutores*, *O Caes do Sodré*, *Anatomia comica*, *As desordens dos tafues*, *Os carrinhos da feira da Luz*, *O mau rabeca*, *Esparrella da moda*, *O morgado tolo na casa de pasto* e *O filho cavalleiro*.

José Daniel morreu a 7 de outubro de 1832, n'uma casa que lhe pertencia, situada na travessa do Forno, n.º 2, freguezia dos Anjos, em cuja egreja foi sepultado defronte do altar do Santissimo.

1875 — Nasce em Lisboa a actriz **Bemvinda Canedo.**

É filha do fallecido actor Rodrigues e irmã da actriz Judith Rodrigues.

Partiu para o Brazil em janeiro de 1896; casou alli com o actor Domingos Canedo.

Estreiou-se a 15 de agosto de 1896 no papel de *Mariquinhas* da *Morgadinha de Valflor*.

Fez depois muitos papeis em peças de diversos generos.

Tem percorrido diversas terras do Brazil, trabalhando sempre com agrado em grande numero de peças.

NOVEMBRO

5

1849 — Nasce em Lisboa **Leonildo de Mendonça e Costa.**

Aos 14 annos, orphão de pae e sem recursos para seguir quaesquer estudos, empregou-se na administração do *Jornal do Commercio* e depois no escriptorio de Marianno José Cabral, onde começou fazendo correspondencias para os jornaes dos Açores, d'onde era natural o Marianno.

Com outros rapazes dedicados ás lettras e artes fundou os jornaes *O Recreio* e *Rossi.* Tem collaborado em muitas folhas de Lisboa e fundou a *Gazeta dos Caminhos de Ferro,* importante quinzenario da especialidade.

De 1876 a 1878 publicou o *Almanach da Senhora Angot,* que teve grande voga.

Para o theatro tem **Mendonça e Costa** escripto o seguinte: *Uma mulher-homem,* comedia em 1 acto, em collaboração com Manuel Domingues Santos, representada nos theatros da Rua dos Condes e Baquet; *Safa, que susto!* comedia em 1 acto, que muito agradou no theatro de D. Maria; *O Primeiro de dezembro,* poesia patriotica, recitada em diversos theatros; *O Homem da bomba,* opereta em 3 actos, traducção em collaboração com Gervasio Lobato, representada no theatro da Trindade e no Porto; *Os escravos do trabalho,* drama original em 4 actos, de collaboração com Julio Howorth, representado no theatro do Principe Real.

Tem ainda ineditos: o drama *O segredo do medico,* em collaboração com Julio Howorth e algumas comedias e operetas.

Mendonça e Costa teve por muito tempo a mania do *calembourg,* abusando d'elle a proposito de tudo. Era por este motivo citado a toda a hora na imprensa e nos cavacos dos cafés e livrarias. Já se não dizia: um *calembourg,* mas uma *mendonçacostada.* Parece que se emendou, perdendo com isso popularidade, mas ganhando em se tornar menos massador.

16

1852 — Era uma terça feira. Reabre o **Theatro do Gymnasio**, transformado do immundo barracão n'uma casa de espectaculos decente. A obra custou quantia superior a 18 contos de réis. Foi dirigida pelo mestre d'obras Francisco Ruas, que foi emprezario de S. Carlos e que construiu o Principe Real.

O espectaculo de inauguração foi o seguinte: *Monologo de inauguração*, de Mendes Leal Junior, recitado pelo actor Braz Martins; *O Tio André que vem do Brazil*, comedia em 3 actos, original de Mendes Leal Junior; *O Homem das botas*, comedia em 1 acto, original de Braz Martins, musica de Casimiro; *O Misanthropo*, comedia em 1 acto, imitação de Paulo Midosi, musica de Casimiro. Foi nova a symphonia de abertura, composta por Filippe Joaquim Real, regente da orchestra.

Não houve n'esse dia bilhetes á venda por se terem vendido todos com dias de antecedencia.

No final dos annuncios do espectaculo, lia-se o seguinte: «Os camarotes acham-se forrados d'um papel ordinario provisoriamente, por não ter chegado ainda o que se escolheu e encommendou.»

18

1856 — Nasce em Lisboa o scenographo **Eduardo Reis**.

É filho do Reis, sapateiro do Chiado, onde se reunia muita gente de theatro.

Pouco estudou na Academia de Bellas Artes, indo logo para aprendiz do pintor Valle, irmão do actor Valle. Foi depois ser pintor de brocha, trabalhando nas obras dos Paços do Concelho e nos Recreios Whittoyne. Passou depois a pintar paredes, portas e letras.

Nas horas vagas pintava pratos, assignando-os com um nome estrangeiro e vendia-os na casa Péxe. Fez n'isto bastante dinheiro.

Sonhando sempre em ser scenographo, começou a aprender com os fallecidos Rocha e Barros, que trabalhavam juntos. Foi depois para ajudante do tambem já fallecido Lambertini.

Incumbido por Salvador Marques, foi pintar algumas scenas para o theatro de Alhandra. Entre ellas havia uma de mar. Quando appareceu, o Salvador, com a sua franqueza habitual, disse para o Reis:

— Aquelle mar é o melhor campo de nabos que tenho visto!

Passou depois a ajudante de Eduardo Machado, com quem trabalhou perto de tres annos.

Por sua conta começou a pintar para o theatro Chalet, em 1885; em seguida para o theatro dos Recreios para a revista *Reino de Pantana* e para o Principe Real as scenas dos dramas *Explosão da Nau Chagas* e *Noites da India*.

Em 1886 foi contractado por Francisco Palha para o theatro da Trindade, pintando com bastante agrado scenas para o *Moleiro d'Alcalá*, *Amor molhado* e *Gato Preto*. Foi ahi infeliz nas scenas da *Sexta parte do mundo*.

Trabalhou com felicidade para o theatro da Rua dos Condes, principalmente para as revistas *Tim tim por tim tim*, *Tam-tam* e *Fim de seculo*.

Seguiu depois para o Porto, fazendo para o theatro de S. João as scenas da *Africana* e da *Aida* e para outros theatros varias scenas de magicas, revistas e operetas.

Voltando a Lisboa, começou trabalhando aqui de novo para diversos theatros, sobresahindo na scenographia da magica *Valete de Copas* e diversas revistas, e principalmente na peça *Madame Sans-Gêne*.

Como decorador tem sido por diversas vezes festejado e ainda mais como ornamentador.

Foi ao Brazil, onde pouco se demorou, mas onde fez alguns trabalhos que agradaram.

Tem tambem pintado para muitos theatros da provincia, principalmente para os de Castello Branco, Thomar e Ponte de Lima.

Eduardo Reis tem realmente habilidade. Estudou pouco e por isso pouco sabe, mas tem phantasia e por vezes bom colorido. Depois de Eduardo Machado, é ainda o que por cá temos de melhor.

O **Reis** é conhecido por grande mentiroso; já mente por habito e creio mesmo que muitas vezes mente, convencido de que falla verdade.

O que elle tem tambem é graça. Chega a ser um repentista feliz.

Lá vae uma das suas ultimas:

Por occasião de ser contractado para o theatro de D. Maria o gordissimo actor Chaby, estavam armados andaimes em volta do edificio para se fazerem obras.

Perguntando alguem ao **Reis** que obras eram aquellas, respondeu:

—Alargam o theatro para lá caber o Chaby.

21

1852—N'este dia, que era um domingo, cantou na opera *Nabuchodonosor*, no theatro de S. Carlos, agradando muito, a alumna do Conservatorio de Lisboa, **Maria José da Cunha e Almeida.**

1857—Nasce em Lisboa o notavel artista **Columbano Bordallo Pinheiro.**

Da talentosissima familia **Bordallo Pinheiro**, é sem duvida **Columbano** um dos membros mais illustres. O seu nome aureolado de artista não é só conhecido em Portugal, mas principalmente no estrangeiro, nos grandes centros, onde a Arte tem verdadeiro culto.

Não é aqui o logar e falta-me a competencia para dizer quanto vale o pincel maravilhoso de **Columbano Bordallo Pinheiro** e fazer a critica de tantas obras primas de incalculavel valor, que hão de ficar attestando no futuro a existencia d'este grande artista, que no presente alguns zoilos se atrevem a desdenhar.

Cumpro apenas o dever de deixar aqui mencionado que a actual pintura do tecto da sala do theatro de D. Maria é de **Columbano Bordallo.** Sei que esse trabalho não agradou a muitos, mas sei tambem que n'elle está perfeitamente a maneira artistica e a escola severa de **Columbano**, e essa escola, essa maneira são respeitadas pelos criticos mais exigentes e pelos artistas mais considerados.

Entre os trabalhos primorosos que se observam no *atelier* de **Columbano** estão os magnificos retratos dos actores Taborda, João Rosa e Antonio Pedro.

28

1815—Nasce **Manuel Maria Bordallo Pinheiro.**

Para se deverem todas as homenagens á sua memoria, bastaria o ter sido elle o educador d'esses discipulos queridos, os seus talentosissimos filhos, honra da arte portugueza, Raphael Bordallo Pinheiro e Columbano Bordallo Pinheiro.

Foi, porém, egualmente grande artista, em toda a accepção da palavra, **Manuel Maria Bordallo Pinheiro.** A gravura, a esculptura e principalmente a pintura tiveram n'elle um devotado, que lhes prestou importantissimos serviços, trabalhando e luctando por eleval as quanto possivel no seu paiz.

O theatro deve-lhe tambem muita dedicação e por isso este livro honra-se apresentando o retrato e inscrevendo nas suas paginas o nome honroso do pae **Bordallo**, o chefe e educador d'essa gloriosa familia d'artistas.

Por muito tempo foi elle quem desenhou os costumes e fez os figurinos para os theatros de S. Carlos e D. Maria, alguns notabilissimos, como foram os do *Alfageme de Santarem*, *Prophecia* e *Templo de Salomão.*

Tambem traduziu algumas peças, entre as quaes uma phantastica, *Os Sete castellos do Diabo*, e a engraçadissima zarzuela *O Duende*, que se representou com immenso agrado em D. Maria, nas Variedades e na Trindade.

Manuel Maria Bordallo Pinheiro era official da secretaría da Camara dos Pares e em 1833 foi voluntario ao serviço da causa liberal.

Possuia medalhas de diversas exposições e a ordem de Carlos III de Hespanha.

Morreu a 31 de janeiro de 1880, contando portanto 64 annos de edade.

DEZEMBRO

12

1851 — Nasce **Frederico Napoleão da Victoria**

O nome dava para um heroe e a figura não se afasta muito da que devia ter o grande Napoleão, segundo reza a historia. Como, porém, aos 10 annos atirassem com elle para uma officina typographica, subiu aonde podia subir na sua arte, e creio que já não fez pouco.

É um typographo distinctissimo, tendo sido director de officinas importantes, incluindo a do *Diario de Noticias*.

Tem collaborado em muitas folhas, principalmente litterarias, e é proprietario da Livraria Economica, da travessa de S. Domingos, onde tem editado bastantes obras, especialmente dramaticas.

O theatro tem merecido a sua especial predilecção, tendo sido ensaiador de varias sociedades de curiosos, redactor e proprietario da folha *O Curioso Dramatico* e auctor festejado das seguintes peças, representadas com muito agrado em diversos theatros:

Jocelyn o pescador de baleias, drama em 4 actos; *A Expulsão dos jesuitas*, drama historico em 5 actos; *Miserias sociaes*, drama em 3 actos; *O Diabo côxo*, revista em 3 actos; *Tributo de sangue*, drama em 3 actos; *O Diabo em Lisboa*, revista; *Abençoados pontapés*, comedia em 3 actos; *Guerra aos primos*, opereta em 3 actos; *Situação complicada*, comedia em 3 actos; *Ninguem diga...*, comedia em 2 actos; as comedias em 1 acto: *Uma casa de estroinas*, *Um noivo de encommenda*, *Amor constipado*, *Um marido em calças pardas*, *Astucias de actriz*, *Os Medrosos*, *Casar por annuncio*, *O Abstracto*, *Dois estroinas*, *Morto e vivo*, *Gostos differentes*, *Minha mulher engana-me*, *Medico-mania*, *Milagres de Santo Antonio*: e os monologos e scenas comicas: *O Guarda-nocturno*, *Sem parar*, *A flor das creadas*, *Os Bombeiros*, *Que me diz minha senhora?*, *As primeiras conquistas*, *Educação religiosa*, *Entre a valsa e a quadrilha* e *O Gargarejo*.

23

1840—Nasce **Diogo Maria de Freitas Brito.**

Foi por muito tempo amigo inseparavel do fallecido escriptor e professor do Conservatorio, Alfredo de Mello, de quem fallei a 21 de janeiro d'este *Appendice.* Eram vistos e notados todas as tardes no Passeio Publico, caminhando muito empertigados. Conheço-o desde essa epocha.

Freitas Brito começou estudando para medico, abandonando a carreira para se fazer commissario de bordo.

Foi depois nomeado amanuense do ministerio da marinha, logar em que hoje está reformado.

N'essa epocha traduziu algumas peças para o theatro.

Tendo alcançado pelo casamento alguns meios de fortuna, em 1876 entrou como socio de uma empreza de accionistas, organisada por Pedro Jorge Pacini para explorar o Real Theatro de S Carlos.

Apezar de ser Pacini o director e haver uma administração de que faziam parte Barbosa e Albuquerque, Domingos d'Abreu e depois Jayme da Costa Pinto, a alma da sociedade e o senhor absoluto era **Freitas Brito.**

Dissolvida essa sociedade, em 1878 foi o theatro adjudicado a **Freitas Brito & C.ª** Depois d'elle voltou ainda Campos Valdez e uma administração nomeada pelo governo.

Mais tarde ainda tornou a ser emprezario **Freitas Brito**, que alli se conservou até 1897, em que o theatro foi adjudicado a José Pacini.

Freitas Brito foi tambem emprezario dos antigos Recreios Whittoyne, trazendo para alli diversas companhias que fizeram successo.

A sua administração no theatro de S. Carlos foi a principio e por vezes brilhantissima, trazendo a Lisboa verdadeiras notabilidades e fazendo cantar operas novas com bello exito.

Nos ultimos annos da sua empreza entendeu que devia recuperar o perdido, importando-se pouco com o publico, com os assignantes e com a cathegoria do theatro.

A sua ultima epocha foi deveras deploravel. Chegou a ter apenas um tenor e mau e a não ter soprano dramatico. As operas eram postas em scena com verdadeiros farrapos de scenario e guarda-roupa! Foi isto que atirou com elle para fóra do theatro.

Freitas Brito é intelligente, esperto e sabe tratar da vida. Perde-se ás vezes em querer tirar mais resultado d'uma empreza, do que é licito a uma boa administração.

Não é um emprezario perdido. Ao contrario, tem elementos para fazer ainda muita vista. Quem conhece **Freitas Brito** sabe que não é homem para abandonar a lucta e deixar-se privar das suas viagens, das suas carruagens, dos seus bons jantares e dos seus enormes e tão decantados charutos.

Tem inimisades como a maior parte dos emprezarios, mas tem tambem algumas dedicações, que se manifestam em signaes de desagrado á nova empreza.

27

1878—Nasce o actor **Carlos Leal.**

Era um amador dramatico estimado, que se estreiou como actor, a 16 de junho de 1895, no theatro do Principe Real, n'uma sociedade que se inaugurou com uma revista de Dupont de Sousa. A peça cahiu e a empreza durou tres noites.

Em fevereiro de 1896, por empenho de Taborda, entrou para uma outra sociedade no theatro da Trindade, depois para o D. Amelia e por fim para o theatro da Rua dos Condes, sempre sob a direcção do actor Valle. D'alli foi escripturado por Lucinda Simões para o theatro D. Amelia e com ella tem percorrido as provincias, pensando em seguir para as ilhas e Brazil.

É um actor no começo da carreira, mas que não é destituido de merito, e que, estudando, póde ser util ao theatro.

31

1896—Inaugura-se o theatro **Apollo**, de Alcantara, na rua do Alvito, subindo á scena um drama maritimo, desempenhado por uma modestissima companhia.

O theatro foi construido á custa de quatro socios, que tiveram grande prejuizo. Passou a novo proprietario, que o reabriu a 17 de outubro de 1897, n'uma empreza dirigida por Daniel Alves.

Todos os esforços têem sido inuteis para sustentar tal casa de espectaculos, como sempre aconteceu n'aquelle bairro e no de Belem.

Chama se agora theatro das **Variedades.**

SEM DATAS

Por não ter sido possivel obtel-as

SEM DATAS

GIL VICENTE

É o notavel fundador do theatro portuguez.

E escriptores afamados ha que declaram **Gil Vicente** não só fundador do theatro portuguez, mas tambem do theatro hespanhol, porque foi elle o modelo e o inspirador da obra de Lope de Vega e Calderon.

Das producções antigas e contemporaneas das outras nações europeas colheu **Gil Vicente** elementos que aperfeiçoou e adaptou para a fórma artistica do theatro nacional.

Gil Vicente, que foi intitulado pelos seus contemporaneos *Plauto portuguez,* floresceu em Lisboa nos reinados de D. Manuel e D. João III.

Não ha noticias exactas do seu nascimento e ascendencia. Barbosa, na *Bibliotheca Luzitana* diz que seus paes eram de illustre extracção.

Affirmam alguns que **Gil Vicente** nasceu em Guimarães, outros em Barcellos e ainda outros em Lisboa. Camillo Castello Branco certifica que **Gil Vicente** era filho de Martim Vicente, ourives, residente no Cazal da Lage, freguezia de Urgueses, junto a Guimarães.

O que se póde affiançar é que elle veiu ao mundo no ultimo quartel do seculo XV.

Pelas suas obras prova-se que elle vivia em Lisboa, onde frequentava a Universidade, que então se achava na capital, antes de 1495.

Parece que, com a morte de seu pae, abandonou o estudo da jurisprudencia, para se entregar unicamente aos seus talentos poeticos. Estes lhe valeram as sympathias que obteve na côrte.

Tendo agradado muito á rainha D. Beatriz, mulher de D. Manuel, o monologo que **Gil Vicente**, vestido de pastor, lhe foi recitar ao seu quarto por occasião do nascimento de D. João III, pediu-lhe que repetisse a sua composição em dia de Natal.

O pedido foi satisfeito com mais propriedade, compondo **Gil Vicente** para esse dia o seu primeiro auto.

Datam, pois, de 1502 os primeiros ensaios dramaticos do nosso grande poeta.

D'ahi em deante, durante os reinados de

D. Manuel e do seu successor, em todas as festas de anno, nascimento ou casamento de pessoa real, contribuia sempre **Gil Vicente** com o seu brilhante talento.

Dentro em pouco tempo em toda a Europa era o nosso poeta comico o mais afamado.

O grande Erasmo estudou cuidadosamente a lingua portugueza para poder avaliar com perfeita intelligencia as obras de **Gil Vicente**.

Os zoilos e os mesquinhos invejosos começaram a propalar que as obras do nosso poeta eram furtos litterarios aos estrangeiros. Chegando-lhe isto aos ouvidos, n'um sarau do paço, desafiou todos os seus detractores a que lhe dessem um assumpto qualquer, que immediatamente sobre elle faria uma farça.

Deram-lhe o rifão popular: «Antes quero burro que me leve, que cavallo que me derrube.»

Sobre este thema escreveu elle a farça *Inez Pereira*. Foi completo o triumpho pela engenhosa applicação do proverbio, as situações verdadeiramente comicas, os bem estudados caracteres de Inez, Pero e Escudeiro, a naturalidade, graça e fluencia do dialogo, a elegancia do estylo e a bella versificação.

Gil Vicente não só escrevia as peças, mas tambem a musica de que ellas precisavam e, na sua interpretação, era um actor de primeira ordem.

Parece averiguado, apezar de injustificadas opiniões em contrario, que **Gil Vicente** apenas teve dois filhos, Luiz Vicente, o editor das suas obras, e **Paula Vicente**, dama da infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor, que fez parte da academia de mulheres doutas que a illustrada princeza formou em sua casa.

Paula Vicente conhecia perfeitamente o latim e o grego, escreveu muitas comedias, collaborou com seu pae e foi uma das actrizes mais notaveis do seu tempo.

Gil Vicente no fim da vida cahiu em extrema pobreza. Deve ter morrido com mais de sessenta annos e julga-se que na cidade d'Evora.

As obras de **Gil Vicente** teem muito que admirar consideradas debaixo do ponto de vista dramatico e das bellezas lyricas em que abundam e não teem menos valor pelo lado moral e historico.

As suas obras de theatro são: *Visitação* ou *Monologo do Vaqueiro;* Autos: *Pastoril castelhano, Reis Magos, Sibila Cassandra, Fé, Quatro tempos, Mofina Mendes, Pastoril portuguez, Feira, Alma, Barca do Inferno, Barca do Purgatorio, Barca da Gloria, Historia de Deus, Cananea* e *S. Martinho; Dialogo sobre a Resurreição;* Comedias: *Rubena, Viuvo* e *Cidade de Coimbra;* Tragi-comedias: *Dom Duardos, Amadis de Gaula, Nau d'Amores, Fragoa d'Amor, Exhortação da guerra, Templo d'Apollo, Côrtes de Jupiter, Serra da Estrella, Triumpho do Inverno* e *Romagem de Aggravados;* Farças: *Quem tem farelos, Auto da India, Auto da Fama, Velho da Horta, Auto das Fadas, Inez Pereira, Juiz da Beira, Ciganas, Almocreves, Clerigo da Beira, Auto da Lusitania* e *Fisicos.*

FRÉDÉRICK LEMAITRE

Falleceu em 1876 este grande actor, uma

das boas glorias artisticas da França.

Era a organisação artistica mais vigorosa, o talento mais completo que tem apparecido na scena franceza.

Nasceu no Havre no começo do seculo.

Arrastado por uma irresistivel vocação, aos 19 annos de edade partiu para Paris a matricular se no Conservatorio.

A sua estreia foi no Odéon, onde pouco se demorou porque o acharam pretencioso e exaggerado.

Começou então representando em theatros de terceira ordem e passou até a dansarino de corda e gymnasta.

Em 1821 voltou para o Odéon, protegido pelo celebre Talma, que foi o unico a adivinhar o seu grande valor.

Passou depois ao Ambigu, onde começou por se tornar distinctissimo no melodrama *L'Auberge des Adrets,* fazendo o *Roberto Macario.* Elevou-se ás alturas do sublime no celebre drama *Trinta annos ou a vida d'um jogador.* N'esta peça, que representou quasi até ao fim da vida, chegava a aterrar no quadro em que, arrastado pelo vicio, commettia o crime de matar um viajante para o roubar e reconhecia depois que esse viajante era o proprio filho.

Passou á Porte-Saint-Martin, onde obteve o mais extraordinario exito na *Desposada de Lammermoor* e nos *Saltimbancos.*

Voltando ao Odéon, creou ahi notavelmente *A Mãe e a filha, Othello, Marechala d'Ancre* e *O Padre.*

Passando depois á Porte-Saint-Martin, Alexandre Dumas confiou-lhe o *Ricardo Darlington* e Victor Hugo a *Lucrecia Borgia.*

Seja o grande poeta quem falle do grande actor no desempenho da sua peça:

«**Frédérick Lemaitre**, escreveu Hugo, no «drama *Lucrecia Borgia*, realisou com o «seu genio o *Gennaro* que o auctor tinha «phantasiado. **Frédérick** é elegante e natu«ral, cheio de grandeza e de graça, terri«vel e meigo; é creança e é homem, en«canta e amedronta; é modesto, severo e «tremendo.»

Em 1833, na Renaissance, depois de ter escripto e representado brilhantemente o *Roberto Macario,* continuação da *Auberge des Adrets,* appareceu no *Ruy Blas,* talvez a sua maior gloria. Seja ainda Victor Hugo quem nos falle d'elle:

«As acclamações enthusiasticas da mul«tidão acolhem-n'o á sua entrada em scena «e seguem-n'o ainda depois de cahir o «panno. Scismador e profundo no primeiro «acto, melancholico no segundo, grande, «apaixonado e sublime no terceiro, eleva-se «no quinto a um d'estes prodigiosos effei«tos tragicos do alto dos quaes o actor «domina todas as recordações da arte. «Para os velhos é Lekain e Garrik, reuni«dos n'um só homem; para nós contempo«raneos, é a acção de Kean combinada «com o sentimento de Talma. E depois, «por toda a parte, atravez dos deslumbran«tes clarões do seu trabalho, **Frédérick** tem «lagrimas, d'aquellas verdadeiras lagrimas «que fazem chorar os mais, as lagrimas «de que falla Horacio; *si vis me flere do«lendum est primum ipsi tibi.* No *Ruy Blas,* «**Frédérick** realisa para nós o ideal do «grande actor. É certo que toda a sua «vida de theatro, tanto a passada como «a futura, será illuminada por esta creação «radiosa.»

O resto da sua carreira foi ainda de enormes triumphos, afivelando alternadamente e sempre com superioridade as mascaras da comedia ou tragedia. Se foi um verdadeiro actor shakespereano, tambem o seu nome ficará eternamente ligado á obra dramatica de Victor Hugo.

Frédérick Lemaitre abusou um pouco das suas forças. No palco era sempre o actor ardente, apaixonado e vigoroso; cá fóra, na vida real, procurava muitas vezes no vinho parte da inspiração que o elevava e o esquecimento de maguas profundas que o amor accumulára.

Miguel Antonio de Barros

Nasceu em 1772, nos suburbios de Braga. Veiu muito novo para Lisboa, onde aprendeu o officio de correeiro.

A natural propensão que tinha para a poesia desenvolveu-se com o trato de poetas e litteratos, taes como Bocage, Costa e Silva e outros.

Abandonou o officio para se entregar á litteratura, especialmente á dramatica, de onde tirou os meios de subsistencia, compondo e traduzindo muitos elogios e dramas.

São suas, entre outras muitas, as seguintes producções: *Ulysséa libertada*, drama allegorico representado no theatro do Salitre; *O Templo de Marte*, drama representado no mesmo theatro; *O Triumpho*, drama allegorico representado no theatro da Rua dos Condes; *Elogio ao anniversario do Principe Regente*, recitado no theatro de S. Carlos; *Elaire*, tragedia representada com grande exito; *O Preto vingativo*, drama tambem de grande exito; *A Apparição a el-rei D. Affonso Henriques ou a Batalha de Campo d'Ourique*, drama em 1 acto representado no theatro da Boa Hora, em Belem, etc.

Este **Barros** levava uma vida desregradissima e morreu desgraçado e minado por molestias syphiliticas n'uma pobre casa da rua dos Canos em 1827.

Manuel Joaquim Borges de Paiva

Natural de Esgueira, comarca de Aveiro. Formou-se em direito pela Universidade de Coimbra em 1818. Morreu em 1824, sendo ainda muito novo.

A prova do seu valor foi que o poeta Bingre fez uma elegia á sua morte.

Entre outros trabalhos, deixou quatro tragedias, uma d'ellas impressa em Coimbra, em 1818, com o titulo de *Nova Osmia* e tres ineditas intituladas: *Lucinda, Polidoro* e *Jonas*.

Alfredo Bastos

Nasceu no Pará, em 1854. Veiu estudar para Lisboa, mas por morte de seu pae regressou á terra da sua naturalidade, seguindo logo depois para o Rio de Janeiro, a fim de completar o curso da Escola Polytechnica.

Tem collaborado nas mais importantes folhas do Rio de Janeiro e publicado diversas obras.

Para o theatro tem escripto as seguintes comedias: *A madrasta, O daguerreotypo* e *Por causa do doutor Tannery*. Fez tambem a traducção da opera *Salvador Rosa*, de Carlos Gomes.

Desde 1881 reside no Rio da Prata.

Angelo Cardoso Dourado

É natural da Bahia, onde se formou em medicina no anno de 1880.

Quando estava no 4.º anno do curso escreveu o drama *O medico dos pobres*, que foi muito elogiado pela imprensa.

Annibal Teixeira de Sá

Este auctor dramatico é natural da Bahia.

São conhecidas as suas tres comedias: *O poeta Rangel, Os extremos* e *Um casamento da epocha ou molestia de muita gente.*

Antonio Bersane Leite

Nasceu em Lisboa este poeta, que foi amigo e companheiro de Bocage. Em 1805 era escrivão das decimas em Bucellas. Em 1807 partiu ara o Rio de Janeiro e lá falleceu mais tarde.

Escreveu para o theatro o elogio dramatico *A verdade triumphante* e o drama com musica *A união venturosa.*

O primeiro foi uma allegoria que se representou no real theatro do Rio de Janeiro no anniversario natalicio da rainha em 1811.

O segundo subiu á scena no mesmo theatro e no mesmo anno, por occasião do anniversario do principe regente.

Padre João Ayres de Moraes

Presbytero secular e capellão do hospital de Todos os Santos, de Lisboa. Este hospital tinha o privilegio exclusivo dos espectaculos.

O **Padre João Ayres**, segundo declara no prologo de uma das suas obras, nasceu em Abrantes. Ignora-se a data do nascimento, assim como a da morte.

Sabe-se que, apesar de completamente cego, ainda vivia em 1675, anno em que mandou imprimir o *Auto da Paixão de Christo*, cuja representação lhe foi prohibida.

É interessante este auto pela exhuberancia da linguagem seiscentista.

Auber

Este illustre compositor francez nasceu em Caen em 1782 e morreu em Paris em 1871.

Deixou no theatro notabilissimas obras, devendo especialisar-se: *Muda de Portici, Dominó preto, Filho prodigo, Fra-Diavolo, Cavallo de bronze, Embaixatriz, Diamantes da corôa, Duque d'Olonna, Parte do Diabo, Barcarolla, Haydée, Marco Spada, Primeiro dia de felicidade* e outras operas de grande valor. O seu librettista preferido foi Scribe.

No cemiterio do Père-Lachaise erigiu-se um monumento funebre a **Auber**, muito proximo dos elevados a Rossini e Musset.

Nicolau Luiz

Era natural de Lisboa, ignorando-se a data do seu nascimento e a da morte.

Foi um escriptor fecundissimo, que durante annos forneceu quasi todo o repertorio dos theatros de Lisboa.

Era tambem um bom ensaiador, dedicando-se a este mister, para o que abandonou o professorado que exercia na sua casa da rua da Rosa das Partilhas.

Possuo varios recibos passados por elle dos direitos de auctor que recebia das suas peças representadas nos theatros do Bairro Alto e da Graça. Como ensaiador não encontrei recibo algum seu, nem entrava nas folhas mensaes do pagamento aos artistas, das quaes possuo muitas.

Barbosa, na *Bibliotheca Luzitana*, nada falla a seu respeito, e d'isso conclue Innocencio que elle só começára a escrever depois de 1760.

O que não soffre duvida é que, na segunda metade do seculo passado, **Nicolau Luiz** foi um escriptor fecundissimo, que durante muitos annos abasteceu os theatros de Lisboà com dramas, que imitou ou traduziu do hespanhol e italiano.

O seu grande successo parece que foi o *Belizario* no theatro do Bairro Alto, onde tambem muito agradou a sua *Ignez de Castro*, desempenhando a protogonista a celebre actriz Cecilia Rosa d'Aguiar, irmã da grande Todi.

Era tambem sua outra peça de muito exito, *O Conde Alarcos*. Com o seu nome foi impressa a comedia *Maridos peraltas*.

Costa e Silva, que conviveu com alguns actores que entraram nas peças de **Nicolau Luiz**, affirma que são suas as seguintes: *Amor e obrigação, Aspasia na Syria, D. João de Alvarado, Alarico em Roma, O Escravo em grilhões de ouro, Cordova restaurada, Restauração de Granada, A Bella selvagem, A Ilha deshabitada, Ezio em Roma, Artaxerxes, Pharamundo na Bohemia* e *Heraclio reconhecido*. Accrescenta ainda Costa e Silva que podem considerar-se de **Nicolau Luiz** quasi todas as comedias d'este genero, escriptas em octosyllabos e que não trazem o nome do auctor.

A collecção das chamadas comedias *de cordel* é importantissima, havendo entre ellas muitas de incontestavel valor e sendo todas valiosos documentos para o estudo da nossa litteratura dramatica.

N'outro logar apresentarei a lista, o mais completa possivel, das comedias *de cordel*.

BARON

O celebre actor e auctor dramatico **Mi-**

guel Boyron, conhecido por **Baron**, nasceu em Paris em 1653 e alli morreu em 1729.

Entrou muito novo para a *troupe* dos co-

mediantes do Delphim. Molière, tendo ouvido fallar do seu promettedor talento, foi vêl-o representar e logo o contractou para a sua companhia, que então funccionava no theatro do Palais-Royal.

Pouco tempo depois sahiu d'alli por desintelligencias com a mulher de Molière, mas voltou depois para lá ficar até á morte do seu illustre mestre e protector.

Foi **Baron** o interprete dos grandes papeis das tragedias de Racine. Este tinha tal confiança na intelligencia e na inspiração de **Baron**, que, depois de ter dado as mais minuciosas explicações aos outros actores, lhe dizia: «Emquanto ao sr. **Baron** fica entregue a si mesmo; o seu coração dir-lhe-ha muito mais do que todas as minhas lições!»

Baron tinha um rosto expressivo e nobre, figura imponente, voz sonora e harmoniosa. A tudo isto juntava uma rara intelligencia e a maior distincção. Representava com a mesma superioridade a comedia e a tragedia; foi elle quem deu a conhecer em França a perfeição da Arte.

Este grande artista, que fôra proclamado a honra e a maravilha do Theatro Francez, deixou de representar em 1691, em todo o brilhantismo do seu talento. Só reappareceu em 1720. Tinha já 67 annos de edade e ainda trabalhou dez annos com grande exito!

Como auctor dramatico, **Baron** escreveu bastantes comedias, as melhores das quaes são: *Les Enlèvements*, em 1 acto em prosa, representada na Comedie Française, em 1685; *L'Homme à bonnes fortunes*, em 5 actos, em prosa, em 1686; *La Coquette et la Fausse Prude*, 5 actos, em verso, em 1687; *Le Débauché*, 5 actos, em prosa, em 1689.

Traduziu tambem em verso a *Adrianna* e os *Adelphos*, de Terencio.

Simão Caetano Nunes

Foi um celebre pintor e architecto, o primeiro decorador de Lisboa no seculo XVIII. Dirigiu por muito tempo os trabalhos artisticos do theatro do Bairro Alto. Inventou os machinismos e pintou o scenario para as magicas, que estavam na moda.

Foi tambem **Simão Caetano Nunes** o architecto do theatro do Salitre em 1782.

Morreu em Lisboa no anno de 1795.

Theodoro Barrière

Nasceu em Paris em 1823 e morreu em 1877.

Era um simples empregado do ministerio da guerra, mas obteve grande nomeada e bons interesses, com a sua activa collaboração em muitas peças de diversos generos para o theatro.

A escrever era desegual, incorrecto e violento, faltava-lhe um estylo verdadeiramente litterario, mas sabia desenhar e desenvolver os caracteres dos personagens e interessar o publico pelas situações e desenlaces.

A maior parte das suas peças foi escripta em collaboração com E. Capendu, Lambert Thiboust, Ed. Plouvier, Beauvallet, V. Sardou, etc

As suas ultimas obras foram: *Les Demoiselles de Montfermeil*, que estava em scena em 1877, por occasião da sua morte, e *Tête de linotte*, que foi depois concluida por Gondinet e representada em 1882.

O numero das suas peças é enorme. Apenas apontarei aqui os titulos das principaes: *Scandales d'hier*, *Sacrilège*, *Chic*, *Brebis galeuses*, *Jocrisses de l'Amour*, *Aux crochets d'un gendre*, *Une corneille qui abat des noix*, *Feu au couvent*, *Gens nerveux*, *Cendrillon*, *Heritage de monsieur Plumet*, *Fausses bonnes femmes*, *Faux Bonshommes*, *Filles de marbre*, *Vie de Bohème*, etc.

Capitão Manuel de Sousa

Socio da Arcadia, que viveu no ultimo quartel do seculo passado.

Além de varias obras sobre mathematica e historia que publicou, traduziu para o theatro do Bairro Alto, que alli foram representadas com muito agrado: *O Tartuffo* e o *Peão fidalgo*, de Molière.

Ambas as traducções estão impressas.

Beethoven

Nasceu em Bonn em 1770 e morreu em Vienna em 1827 **Ludwig van Beethoven**, um dos maiores genios musicaes do mundo.

Apezar de descender de uma familia de musicos, mostrou-se a principio rebelde ao estudo da sublime arte e só mais tarde tomou enthusiasmo pela profissão que o havia de tornar tão celebre e glorioso.

Posto que tivesse insignes professores, entre os quaes Haydn, como todos os homens superiores, tudo deveu, mais que aos mestres, ao seu estudo e genio.

Tinha 17 annos quando um dia, em Vienna, n'uma grande reunião da primeira sociedade, se encontrou em frente de Mozart, que muito ouvira fallar d'elle.

O grande compositor deu-lhe um thema cheio de difficuldades para desenvolver.

Beethoven sentou-se ao piano e desenvolveu-o com tal originalidade, com tal força de imaginação e tal vigor, que Mozart voltou-se para todos os assistentes, dizendo lhes: «Ouçam bem. Este rapaz ha de dar que fallar um dia!»

E assim foi.

Se não é considerado superior a Haydn e Mozart, no que respeita á musica instrumental, engrandeceu o que haviam creado aquelles dois genios.

Beethoven foi tão sublime, avançou tanto na sua epocha, que ainda hoje, um seculo depois, as suas obras parecem escriptas de hontem e ainda ninguem conseguiu egualal-as.

Beethoven affirmou o seu genio incomparavel em todos os generos: symphonias, numerosas composições de musica de camara, missas, oratorias, arias de baile, concertos de piano e a partitura de *Fidelio*, o seu unico ensaio de musica dramatica, d'onde se extrahiram as quatro soberbas aberturas, escriptas para essa magnifica obra.

O numero dos sublimes trabalhos de **Beethoven** excede a trezentos.

Leonardo José Pimenta

Era um mestre d'escripta do antigo Collegio dos Nobres **Leonardo José Pimenta e Antas.**

Não encontrei as datas do seu nascimento e morte, mas sabe-se que viveu nos fins do seculo passado.

José Agostinho de Macedo chamava-lhe um genio raro, que por fatalidade vivia ignorado.

Nos theatros de Lisboa representaram-se muitos entremezes seus de bastante valor, entre os quaes: *A ambição dos Tartuffos invadida, As desordens dos peraltas, O peralta malcreado, Chocalho dos annos de D. Lesma, Os casadinhos da moda, O uso das alcachofras e machinas volantes, A Assembléa do Isque* e *O velho impertinente e allucinado.*

Armanda Béjart

Nasceu em 1642 e morreu em Paris em 1700. Pertencia a uma familia de artistas, tendo representado todos na companhia e nas peças de Moliére.

Deram provas de verdadeiro talento comico os **Béjart**, que foram quatro: José, Luiz, Magdalena e **Armanda.**

Esta de que trato casou com Moliére. Todos a julgavam filha de Magdalena, que foi amante de Molière e por isso os inimigos do grande comico accusavam-n'o de ter desposado a propria filha.

Provou-se que **Armanda** era irmã de Magdalena e não sua filha. Foi Luiz XIV quem mais interesse tomou em desfazer a calumnia. Ha ainda muito quem julgue falsas as provas e apresente argumentos para provar que se deu o incesto. Estes dizem que quando **Armanda** nasceu, a mãe de Magdalena tinha mais de cincoenta annos e que esta era amante do duque de Módena, com quem pretendia casar e por isso foi que occultou a gravidez.

Luiz XIV, para protestar contra taes affirmativas, foi o padrinho do primeiro filho de Molière e **Armanda.** A certidão de

casamento diz que ella era filha de Maria Hervé, assim como Magdalena e por consequencia ambas irmãs.

Foi em 1662 que **Armanda** casou com Molière e appareceu pela primeira vez em scena em 1663, no papel de *Elisa* da *Critica da Escola das Mulheres*. Creou em seguida os de *Princeza* na *Princeza d'Elide*, de *Elmira* no *Tartufo*, de *Celimene* no *Misanthropo*, onde obteve grande triumpho e a sua melhor creação artistica, de *Elisa* no *Avarento*, de *Lucinda* no *Medico á força*, de *Angelica* no *Jorge Dandin*, de *Psyché* na *Psyché*, de *Henriqueta* nas *Sabichonas* e de *Angelica* no *Doente de scisma*.

Representou **Armanda Béjart** todos estes papeis com grande talento e perfeição.

Pouco tempo depois de enviuvar, **Armanda** casou com Guerin d'Estriché. um artista inferior, mas um perfeito homem. Retirou se do theatro em 1694.

Maximiano Ribeiro

Era professor de rhetorica em Lisboa **Maximiano Pedro de Araujo Ribeiro.**

Affirma Innocencio que elle vivia ainda em 1826, mas impossibilitado de trabalhar pela provecta edade e padecimentos chronicos.

Bemquisto por todos os homens de lettras do seu tempo, era só maltratado pelo atrabiliario José Agostinho, que lhe chamava parvo e demente.

Maximiano Ribeiro foi auctor das tragedias: *Montezuma rei do Mexico* e *Constantino o grande*, e traduziu outra tragedia de Crebillon, *Radamisto*.

Bellini

Nasceu em Catanea, em 1801, o divino compositor italiano **Vincenzo Bellini**, que morreu em Puteaux, perto de Paris, em 1835.

Foi um dos mais gloriosos representantes da escola italiana.

Ainda não terminára os seus estudos quando fez representar no pequeno theatro do Conservatorio de Napoles a sua opera *Adelson e Salvini*, cantada por tres dos seus condiscipulos.

Bafejado pela fortuna, foi logo incumbido de escrever para o theatro de S. Carlos, o primeiro de Napoles, a opera *Bianca e Gernando*, representada em 1826. Immediatamente foi convidado para compôr para o theatro Scala de Milão, o *Pirata*, que obteve um successo espantoso.

Em seguida **Bellini** deu, ainda no Scala, a *Estrangeira* (1829); em Parma, *Zaira* (1829) e em Veneza *Capuletos e Montechios* (1830).

Era já queridissimo, quando foi a Milão dar a sua obra prima, a encantadora *Somnambula*, que levou nas azas da fama o seu nome a toda a Europa.

No fim de 1831, e ainda em Milão, cantava-se a *Norma*, que não era inferior á *Somnambula*.

Em 1833 **Bellini** dava em Veneza a *Beatrice di Tenda*. Foi então que, pela iniciativa de Rossini, foi encarregado de compôr uma nova opera para o Theatro Italiano de Paris.

Foi n'esse momento para França, installou-se em Puteaux e ahi escreveu os *Puritanos*, que foram cantados em 1835 e obtiveram um successo estrondoso.

Poucos dias depois morreu o illustre maestro.

As melodias deliciosas de **Bellini** compensavam largamente a falta de sciencia musical, de que alguns o accusavam.

José Soares de Avellar

Ignoram-se as circumstancias especiaes d'este escriptor, que viveu no fim do seculo passado e que escreveu para o theatro do Bairro Alto uma comedia com o titulo *Loucuras da moda*, que foi representada em 1774.

Velloso Braga

Nasceu em Braga em 1860. Partiu para o Rio de Janeiro aos 11 annos de edade. No theatro de S. Pedro d'Alcantara, na empreza Valle, começou a trabalhar como ajudante de machinista. Passou a mestre

na empreza de Furtado Coelho, no antigo Casino, hoje Sant'Anna.

É actualmente um dos mais apreciados machinistas de theatro do Rio de Janeiro.

Mendes Braga

Tambem nasceu em Braga e tambem se apellida Braga este velho actor, que já fez sessenta annos de edade.

Este partiu para o Rio de Janeiro em 1852. Entrou como actor, em 1869, para o theatro de S. Pedro d'Alcantara, no papel de *Chopart* do drama *Correio de Lyão*, na empreza de Germano Francisco d'Oliveira.

Não é tão feio como o Flavio, mas pouco lhe fica a dever; é baixo e atarracado, e, como actor tem a sua utilidade. Tive-o contractado por bastante tempo e confesso que o **Mendes Braga** é d'aquelles artistas que deixam saudades, pelo seu exemplar comportamento e dedicação ás emprezas.

João Ayres

Nasceu este actor em Oliveira de Azemeis no anno de 1866.

Partiu para o Brazil em 1880.

Começou por corista, sendo a primeira peça em que tomou parte a magica *Princeza Azulina*, no theatro Principe Imperial.

Entrou como corista no theatro Sant'-Anna, em 1892, empreza dirigida pelo actor Mattos. Estava em scena a opera comica *Surcouf*. Em certa noite sahiu repentinamente do theatro o tenor Oyanguren, que desempenhava o protogonista da peça. **João Ayres** foi de improviso substituil-o; agradou muito e ficou sendo actor. Tem bonita voz e é aproveitavel, como o tem provado em diversas companhias.

Infante Dom Luiz

Nasceu em Abrantes, em 1506, filho de el-rei Dom Manuel e de sua segunda mulher a rainha Dona Maria.

No seu nascimento Gil Vicente inventou um novo festejo original, prégando um sermão em verso de muita graça e originalidade.

Dom Luiz tinha especial predilecção pela representação dos autos de Gil Vicente.

A elle se attribue a composição de diversos autos, o que não admira, porque eram do gosto da epocha, e **Dom Luiz** era poeta.

O *Auto dos Cativos* é d'elle sem duvida e muitos lhe attribuem o *Auto de Dom Duardos*. O Conde de Vimioso affirma que era do Infante, que o déra a Gil Vicente para o fazer representar.

Baron

Luiz Bouchêne, conhecido por **Baron**, nasceu em Alençon, em 1838.

Deu os primeiros passos na scena, no theatro da Tour-d'Auvergne, em 1857.

Estreiou-se no theatro das Variedades, de Paris, na comedia *O Photographo*, em julho de 1866. Sahiu pouco depois, para alli voltar em 1872, fazendo então uma epocha brilhantissima na creação das seguintes peças: *Os 30 milhões do Gladiador, Milho da padeira, Carvoeiros, Cigarra, Niniche, Grande Casimiro, Mulher do papá, Lili, Mam'zelle Nitouche, Fiacre 117, Condecorado, M. Betzy, Minha prima, Primeiro marido de França*, etc.

É um actor de grande merecimento. Ao seu lado tem a Judic feito todos os seus bons papeis.

Affonso Alvares

Era mulato. Foi famulo do Bispo d'Evora e depois, em Lisboa, mestre de ler e escrever. Ignora-se a data e local do seu nascimento e egualmente a da sua morte. Deve ter nascido no principio do seculo XVI; foi contemporaneo e rival de Gil Vicente e do poeta Antonio Chiado

São de **Affonso Alvares** os seguintes autos: *Santo Antonio, S. Thiago Apostolo, S. Vicente Martyr* e *Santa Barbara Virgem*.

Só consegui ver impresso este ultimo, na collecção de cordel.

Desclauzas

Nasceu em Paris em 1840 **Maria Ernestina Desclauzas.**

Entrou no Conservatorio aos 14 annos. Estreiou-se no theatro de Reims e logo depois passou para o Ambigu. Tem percorrido sempre com successo crescente o Chatelet, Folies-Dramatiques, Renaissance, Gymnase, Nouveautés, Porte-Saint-Martin, etc. Esteve em Bruxellas e fez uma brilhante *tournée* pela America.

É actriz egualmente notavel na opereta ou na comedia. Faz com o mesmo brilhante exito a *Filha da sr.ª Angot* ou o *Abbade Constantino*, o *Petit Duc* ou a *Musotte*, a *Camargo* ou a *Sapho, Heloisa e Abellard* ou o *Amor molhado.*

Lembro-me de vêl-a na Porte-Saint-Martin em 1889, representando brilhantemente um difficil papel na *Mam'zelle Pioupiou.*

É uma bella alma d'artista, respirando alegria e *verve.*

Antonio Ribeiro, o Chiado

Nasceu de paes humildes nos arrabaldes de Evora. A alcunha de **Chiado** suppõem Rivara, Innocencio e outros que lhe veiu da rua onde morava em Lisboa e onde morreu em 1591.

Chegou a ser frade franciscano, mas foi expulso da ordem pelos seus desregramentos.

Barbosa, na sua *Bibliotheca Luzitana*, diz que, apesar do **Chiado** não ter sido homem de muitas lettras, tinha uma admiravel propensão para improvisar e compôr trovas em estylo jocoso e burlesco, e que com seus momos fingia as vozes e gestos de diversas pessoas com tanta propriedade e galanteria, que parecia serem as proprias.

São d'elle os seguintes autos: *Auto de Gonçalo Chambão, Auto da natural invenção*, que foi representado na presença de el-rei D. João III, *Pratica doyto feguras, Auto das regateiras* e *Pratica dos Compadres.*

Pelo que tenho lido sobre o poeta **Chiado** convenço-me de que era um distincto poeta comico e um actor imitador de primeira ordem.

Jeanne Granier

Apesar de ser já hoje quarentona, pois que nasceu em Paris, em 1852, é ainda uma mulher encantadora.

Vi-a representar nas Variétés a *Clairette* da *Fille de Madame Angot* d'uma maneira assombrosa. É inquestionavelmente a rainha da opereta em França, ao mesmo tempo que é uma notabilidade na comedia, como ultimamente o tem mostrado.

Depois de enthusiasmar os parisienses na *Jolie parfumeuse, Giroflé, Marjolaine, Petit Duc, Madame le Diable, Béarnaise, Saturnales, Orphée aux enfers, Belle Hélene, Barbe-Bleu, Grande-Duchesse*, etc., eil-a a representar maravilhosamente os *Amants* e outras comedias, em que é superior.

Jeronymo Ribeiro

Era irmão do poeta *Chiado*. Segundo a opinião de Theophilo Braga, além de poeta dramatico, foi tambem actor.

Dos seus trabalhos apenas se conhece actualmente o *Auto do Physico*, que, apesar de muito inferior aos de Gil Vicente, tem bastante observação dos costumes da epocha.

Taillade

Nasceu em Paris em 1826 o notavel actor **Paulo Félix José Taillade.**

Estudou no Conservatorio, d'onde sahiu em 1847 para se estreiar na Comedia Franceza.

Sahiu depois, passando de anno para anno por todas as scenas francezas: Gaité, Circo, Ambigu, Porte-Saint-Martin, Odéon, Chatelet, Cluny, Chateau-d'Eau, Nações, etc.

Fez com grande brilho grande numero de creações e *reprises*, principalmente nas seguintes peças: *Mahomet*, *Marceau*, *Bonaparte*, *Rainha Margot*, *Maria Stuart*, *Monte de S. Bernardo*, *Torre de Nesle*, *Luiz XI*, *Ricardo III*, *Macbeth*, *Rocambole*, *Rei Lear*, *Drama da rua da Paz*, *Lucrecia Borgia*, *Erynnies*, *Maria Tudor*, *Duas orphãs*, *Noventa e tres*, *Cromwel*, *Vinte annos depois*, *Exilados*, *Othello*, *Caligula*, *Az de Paus*, *Tiberio em Caprea*, etc.

Foi um actor de grande merito e tambem um festejado escriptor dramatico, pois que escreveu e adaptou as seguintes peças, que fizeram boa carreira: *Carlos XII*, *As Catacumbas de Paris*, *André Rubner*, *É doido*, *Gladiador de Ravenna*, etc.

Morreu ultimamente em Paris, nunca tendo deixado de trabalhar.

Antonio Prestes

Ignora-se a data do seu nascimento, mas, pelas melhores indagações, sabe-se que foi contemporaneo do notavel escriptor dramatico e creador do theatro portuguez, Gil Vicente.

Nasceu em Torres Novas e exerceu o cargo de inqueridor do Juizo do Civel em Santarem, onde casou.

Antes de ser feita a segunda edição dos *Autos de Antonio Prestes* pela Casa Moré, do Porto, em 1871, pouco d'elles se fallava, porque eram rarissimos os exemplares.

São conhecidos apenas sete *Autos de Antonio Prestes*, ignorando-se se mais escreveu. Apenas um, o *Auto dos Cantarinhos* tem a indicação de ter sido representado em Lisboa; mas é provavel que os outros o fossem, visto que Affonso Lopes os publicou em 1587 n'uma collecção que deu á estampa juntamente com outros de Anrique Lopez, Jorge Pinto, Luiz de Camões e Jeronymo Ribeiro, de certo os que mais tinham agradado e mais procurados seriam.

Os sete autos de **Antonio Prestes** teem os seguintes titulos: *Ave Maria*, *Procurador*, *Desembargador*, *Dous irmãos*, *Ciosa*, *Mouro encantado* e *Cantarinhos*.

Luiz Varney

É um distincto compositor francez, educado musicalmente por

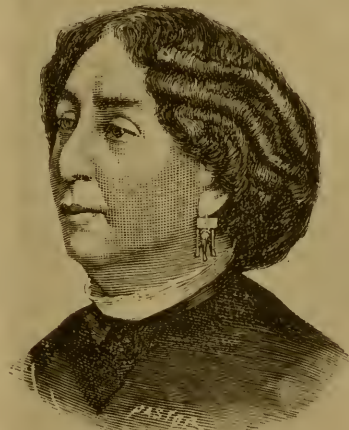
seu pae. Além do muito saber que denuncia nas suas partituras, são ellas de encantadoras melodias. Sobem a mais de trinta as suas composições para o theatro, mas bastará citar: *Coquelicot*, *Mosqueteiros no Convento*, *Fanfan la Tulipe*, *Babolin*, *Petits Mousquetaires*, *Amor molhado*, *Fada das Cabras*, *Papa de Francine* e *Falote*.

Jorge Pinto

Não dão noticia especial d'elle Innocencio nem Barbosa nos seus livros de investigação; apenas Theophilo Braga suppõe ser elle o capitão **Jorge Pinto** que em 1523 morreu barbaramente quando foi mandado atacar o porto de Tidore.

Na collecção dos autos, publicados por Affonso Lopes, apparece o *Auto de Rodrigo e Mendo*, de **Jorge Pinto**. É uma imitação dos autos de Gil Vicente, com lances comicos, mas bastante imperfeita no entrecho.

GEORGE SAND

Armandine Aurore Lucile Dupin, depois

pelo casamento **Dudevant**, foi sempre como escriptora conhecida por **George Sand**.

D'ella disse Victor Hugo: «Sois a grande mulher d'este seculo!»

Nasceu em 1804 e morreu na sua casa de campo de Nohaut, em 1876.

Começou a escrever depois dos 25 annos. Tornou-se logo celebre com a sua primeira obra, o romance *Indiana*. Simplificou depois a sua maneira na segunda obra, *Valentina*.

D'ahi em deante produziu uma torrente de obras valiosissimas. Durante quarenta e seis annos não deixou de escrever; tem centenares de livros.

No theatro foram mais discutidos os seus successos, mas ninguem lhe contestou o extraordinario valor da *Claudia* e principalmente do *Marquez de Villemer*.

A França pagou largo tributo a esta mulher genial, erigindo-lhe uma estatua.

Anrique Lopes

No volume publicado por Affonso Lopes em 1587, entre os autos de Camões e Prestes apparece um de **Anrique Lopes**. Com razão formula Theophilo Braga a hypothese de ser este **Anrique** parente de Affonso Lopes, pois que nenhum outro motivo induzia para dar á luz, ao lado das obras de Camões e Prestes, uma triste imitação dos autos de Gil Vicente, com o nome de *Cena Policiana*. Este auto tem toda a analogia com a farça *Quem tem farellos?*

Jacques Damala

Era grego de origem e começára a vida como addido da legação da Grecia em Paris. Apaixonou-se pela Sarah Bernhardt, fez-se actor e casou com ella.

Logo depois veiu a Lisboa, representando com Sarah no nosso Gymnasio.

D'ahi a pouco **Damala** separou-se de sua mulher, reconciliando-se mais tarde.

Como artista foi mediocre e teria passado desapercebido se o não popularisasse a união com a grande e desequilibrada actriz.

Morreu bem novo, parecendo nos ultimos tempos da vida uma mumia, elle que, ao casar, era um rapagão elegante, formoso e respirando saude. Não foram só as extravagancias e as loucuras da Sarah que o mataram, mas principalmente o abuso da morphina.

Um seu necrologista disse acertadamente: «O pobre rapaz nunca soube bem ao certo o que quiz. Era um espirito desequilibrado e inconsciente. O seu casamento com Sarah Bernhardt desarranjou-o de todo, e d'ahi em deante todas as rodas do seu mechanismo intellectual puzeram-se a girar como doidas»

Balthazar Dias

Natural da ilha da Madeira, viveu no reinado de D. Sebastião; é quanto d'elle se póde apurar.

Que tinham valor os seus escriptos provam-n'o as innumeras edições que d'elles se tem feito e ainda hoje pouca gente haverá que não conheça as seguintes obras: *Imperador Carlos Magno*, *Trovas da morte de D. João de Castro*, *Imperatriz Porcina*, *Malicia das mulheres*, etc.

Ha publicados os seus seguintes autos: *Auto do nascimento de Christo*, *Auto de Santo Aleixo*, *Auto da Paixão de Christo*, *Auto de Santa Catharina*, *Auto da malicia das mulheres* e *Auto da feira da ladra*.

Adam

O illustre compositor **Adolpho Carlos Adam**, filho de outro compositor e pianista João Luiz Adam, nasceu em Paris em 1803 e alli morreu em 1856.

Discipulo de harmonia e composição de Boildieu, obteve em 1825 o segundo premio no concurso do Instituto.

Durante mais de vinte annos foi um dos mais notaveis e festejados compositores de opera comica.

Os seus mais ruidosos successos na Opera Comica, e legitimos pelo grande valor,

foram: *Pierre et Catherine, Chalet, Marquise, Postillon de Lonjumeau, Brasseur de Preston, Régine, Reine d'un jour, Rose de Péronne, Roi d'Yvetot, Cagliostro, Toréador, Giralda* e *Sourd.*

Teve tambem grande nomeada como compositor dos bailes: *Giselle, Jolie fille de Gand, Diable a quatre, Filleule des Fées, Corsaire* e *Orfa.*

Em 1847 **Adam** tomou a direcção da Opera Nacional, onde se arruinou. N'este theatro deu tambem muitas obras: *Poupée de Nuremberg, Si j'etais roi, Bijou perdu, Muletier de Tolede,* etc.

Foi nomeado membro da Academia de Bellas Artes em 1844 e professor de composição em 1848.

Era tambem **Adam** um espirituoso e distincto escriptor, do que deu provas nas criticas do *Constitutionnel* e da *Assemblée Nationale.* Muitos dos seus importantes trabalhos de critica musical estão reunidos em dois volumes com o titulo *Souvenirs d'un musicien.*

Em 1877 o investigador A. Pougin, publicou um curioso livro com o titulo de *Adolphe Adam, sa vie, sa carrière, ses memoires artistiques.*

Jorge Ferreira de Vasconcellos

Cavalleiro professo de Christo, escrivão do Thesouro Real e da Casa da India.

Ignora-se a data do seu nascimento e com respeito ao local, querem uns que fosse em Coimbra, outros em Montemór-o-Velho e ha ainda quem affirme que foi em Lisboa.

O anno da sua morte está marcado pelos mais illustres investigadores em 1585.

As comedias de **Jorge Ferreira** são um riquissimo thesouro da linguagem classica e, em opiniões auctorisadissimas, levam grande vantagem ás de Sá de Miranda, Antonio Ferreira e outros.

Aos que estudam com amor as lettras patrias e as coisas de theatro, aconselho a leitura do que sobre **Jorge Ferreira** escreveram Theophilo Braga, Innocencio, Barbosa Machado e Diccionario da Academia.

As comedias de **Jorge Ferreira** são: *Comedia Eufrosina, Comedia Ulyssipo* e *Comedia Aulegrafia.*

Sophia Arnould

Celebre cantora, nascida em Paris em 1744 e morta em 1802.

Mulher bella, illustrada e de muito espirito, teve como cantora enormes successos, especialmente na opera *Castor e Pollux* de Rameau e na *Iphigenia em Aulide,* de Gluck.

Alfredo Lopes

Nasceu em Chaves em 1864. Partiu para o Rio de Janeiro em 1889. Estreiou-se como actor na cidade de Campos, n'uma companhia dirigida por Joaquim d'Almeida, em 1891. No Rio de Janeiro representou pela primeira vez, em 1892, no theatro Lucinda, desempenhando o papel de *José da Paula* no *Brazileiro Pancracio.* No Rio de Janeiro e n'outras cidades do Brazil tem continuado a fazer parte de companhias brazileiras e portuguezas.

Maria Maza

Nasceu em Madrid, em 1871. Fez a sua estreia em Barcelona na zarzuela *Reloj de Lucerna,* no anno de 1889. Em 1890 partiu para Buenos Ayres, onde se estreiou no *Gorro phrygio.*

Em portuguez representou pela primeira vez no Rio de Janeiro, no theatro Apollo, na opereta *Buena dicha.*

Não tive ainda occasião de a ver trabalhar, mas affirmam-me que tem voz e que é util na falta de actrizes com que se está luctando no Rio de Janeiro.

Maria da Piedade

É portugueza esta actriz e conta 22 annos de edade. Estreiou-se no Rio de Janeiro, no theatro de S. Pedro d'Alcantara, empreza do actor Cardoso da Motta, no

papel de *Sophia* do drama *Os dois sargentos*, no anno de 1894. Esteve depois nas companhias de Dias Braga, Jacintho Heller e Emilia Adelaide. Fez ultimamente parte de outra companhia de Cardoso da Motta, no theatro Sant'Anna. Tinha ahi o logar de primeira dama e creou com bastante exito um papel no drama de Eduardo Victorino, *O Guerrilheiro da morte.*

Antonio Scipião da Silva Jucá

Nasceu em 1835 na cidade de S. Miguel de Campos, Alagoas, Brazil.

Depois de cursar humanidades deu-se ao funccionalismo publico no estado da sua naturalidade.

As horas vagas emprega-as cultivando as lettras e principalmente a litteratura dramatica, tendo escripto as comedias: *Os amantes disfarçados*, *Pelos santos se beijam as pedras*, *Os tres dominós* e *Scenas escolares.*

Antonio de Sousa Pinto

Nasceu no Porto em 1843, partindo para Pernambuco em 1858. Exerceu alli o logar de sub-bibliothecario do Gabinete Portuguez de Leitura, estudando ao mesmo tempo. Recebeu o grau de bacharel em direito, em 1874, começando então a advogar. Em 1875 naturalisou-se brazileiro.

Entre diversas obras, escreveu as seguintes para o theatro:

S. Benedicto, drama de grande apparato, que depois foi representado com o titulo de *Monge negro*; *Santa Clotilde*, drama em 4 actos e 11 quadros; *O Judeu errante*, drama traduzido de Eugenio Sue.

Publicou um opusculo com o titulo *Cartas a Rangel de S. Paio*, em que se defendia das accusações que lhe fizeram por escrever duas peças sacras, tendo idéias tão livres. Declarou escrever por encommenda dos emprezarios, que tratavam dos seus interesses e nada mais.

Augusto de Andrade Valdetaro

Natural do Rio de Janeiro, falleceu na mesma cidade em 1870.

Completou o curso da academia de marinha e serviu como aspirante na esquadra em operações contra o Paraguay em 1867. Quando morreu era já official.

Quando era ainda academico, escreveu o drama em 3 actos *A Injustiça*, que foi impresso em 1866.

Guilherme d'Aguiar

Foi um grande actor de que o Brazil se ufanou.

Nasceu no Porto ou nas suas proximidades. Foi para o Brazil, como todos os annos embarcam milhares de patricios nossos, levando esperanças no futuro e uma pequena caixa de pinho por mala.

Era uma creança quando para lá foi e, como a maior parte, entrou como marçano para uma casa de commercio.

Pouco depois de permanecer no Rio de Janeiro, foi atacado de doença grave e teve de recolher-se a um dos hospitaes particulares, a que lá chamam *Ordens.*

Alli, durante a convalescença, tomou conhecimento com outro doente, que era actor da *roça*, o que equivale cá ao nosso actor de provincia.

Juntos sahiram da *Ordem*. Como n'esse momento não tinha onde empregar-se, **Guilherme** resolveu-se a seguir o seu novo amigo para a *roça* e a experimentar a sua vocação para o theatro. Feliz acaso que deu aos palcos brazileiros um dos mais pujantes talentos que por elles tem passado.

Guilherme d'Aguiar estreiou-se, em 1859, no drama *Alvaro Abranches*, em Arrosal, provincia do Rio.

De quando em quando fallava-se no Rio de Janeiro, que em tal ou tal ponto das provincias do Rio ou Minas apparecera um rapaz com grande habilidade para a scena.

Aconteceu d'uma vez chegar á capital **Guilherme d'Aguiar** na occasião em que, por desavenças, sahia da companhia de Furtado Coelho o actor Areias.

Houve quem, tendo visto trabalhar o **Guilherme** na *roça,* aconselhasse Furtado Coelho a que lançasse mão d'elle. Assim foi. D'um dia para o outro era o Areias substituido no importante papel do *Barão de Lambech* do *Anjo da Meia Noite* por **Guilherme d'Aguiar**, que obteve um enorme successo.

Continuou trabalhando por tal fórma, que dentro em pouco era um dos artistas mais queridos e mais disputados pelas emprezas theatraes do Rio de Janeiro.

Quando, em 1881, eu cheguei pela primeira vez á capital do Brazil, estava **Guilherme d'Aguiar** contractado no theatro Phenix Dramatica, empreza do Heller, que explorava a magica, a opera comica, a opereta e o vaudeville.

Á minha chegada o theatro não tinha em scena peça d'occasião, porque estava ensaiando a *Mascotte,* e por isso passava como que em revista o seu enorme repertorio. Tive, pois, occasião de admirar, em noites consecutivas, o talento prodigioso de **Guilherme d'Aguiar**, que, em cada papel, de qualquer indole, tinha uma soberba creação.

Antes de entrar para a Phenix, era notabilissimo no drama e na comedia. Alli era, ao lado do Vasques, um distinctissimo actor de opereta e um comico de primeira ordem no genero burlesco. O seu repertorio era d'uma elasticidade pasmosa. Lembro-me de o ter visto no *Gaspar* dos *Sinos de Corneville,* no *Simão* da *Mascotte,* no *Rei* da *Princeza dos Cajueiros,* no *Diplomata* da *Niniche,* no *Tenente-coronel* dos *Noivos,* no *Sultão* da *Donzella Theodora,* no *Larivaudière* da *Angot,* no *Governador* da *Falka,* na *Noite e Dia,* na *D. Juanita,* na *Loteria do Diabo,* na *Corôa de Carlos Magno,* na *Befana* e em muitas outras peças em que sempre foi insigne.

Era extremamente modesto, o que mais fazia realçar o seu grande talento.

Guilherme d'Aguiar era um excentrico. Nunca ninguem o viu na rua antes da uma hora da tarde. Não frequentava os theatros a que não pertencia, nem outros divertimentos quaesquer. Não tinha amigos intimos, não fazia visitas, não passeiava e nem mesmo tinha a má lingua, quasi indispensavel em gente de theatro!

Nos ensaios geraes das peças andava ainda de papel na mão, parecendo não saber uma palavra e todavia na noite seguinte sobresahia a todos no primor do desempenho!

Tinha apenas uma paixão, jogar o *sólo,* de dia, de noite, conversando, comendo, e até, o que muitas vezes fez, jogal-o sem descanso, dias e noites seguidas!

A sua excentricidade ia ao ponto de só acceitar a mulher negra, a preta bem retinta, como o ideal da formosura!

Nos grandes talentos ha sempre uma extravagancia.

A morte de **Guilherme de Aguiar**, em 1891, foi uma grande perda para o theatro brazileiro.

Padre José Angelo de Moraes

Foi conego regrante de Santo Agostinho. Publicou diversas obras com o pseudonymo de *José Maregelo de Osan.*

Era escriptor mediocre. Escreveu uma farça com o titulo: *Memorias de Peralvilho.*

Eduardo

Foi conhecido no theatro pelo *Soares Franco,* mas nunca assim se chamou.

Começou representando de creança em companhia da pequena Barbara, irmã da actriz Emilia dos Anjos.

Para os dois escreveu Alcantara Chaves os entreactos *Querem ser artistas* e *Mudança de posição.* Eram applaudidissimos.

A Barbara morreu muito nova. O **Eduardo** entrou então para o theatro a valer, mas poucos papeis fez, porque a morte o levou para junto da sua pequenina collega.

Francisco Lopes

Era natural de Lisboa e livreiro de profissão.

Escreveu diversas obras religiosas, inclusivè a *Vida de Santo Antonio, S. Gonçalo, S. Francisco Xavier*, etc.

É o auctor do *Auto e Colloquio do nascimento de Christo*, que se representou em 1785.

Augusto Pinto Pacca

Natural da Bahia e socio do Conservatorio bahiano.

Escreveu o drama em 4 actos. *O vicio em doutrina* e a comedia em 1 acto *A nuvem por Juno.*

Bernardo Taveira Junior

Nasceu em 1836 no Rio Grande do Sul, Brazil.

Desde muito novo dedicou-se ao cultivo das lettras e, sem frequentar qualquer academia, adquiriu os seus muitos conhecimentos pela sua força de vontade e estudo de gabinete.

Desde 1857 que exerce o professorado. É dos mais fecundos escriptores do Rio Grande.

Além de muitos livros d'ensino e romances, é auctor das seguintes obras dramaticas: *Paulo,* drama; *O anjo da solidão,* scena dramatica; *O guarda-livros,* comedia drama; *O novo jogador,* drama; *O heroismo feminil,* scena dramatica; *Coração e dever*, drama; *A visão de Colombo,* scena dramatica; *A soberba,* drama; *O voluntario,* scena dramatica; *A actriz,* drama; *O agiota*, scena dramatica; *Virtude,* drama; *O ciume,* scena dramatica; *Celina,* drama; *Luiza,* drama; e *Um uzurario,* drama. Tambem traduziu do francez o drama *A avó* e do allemão os dramas de Schiller: *Intriga e amor* e *Guilherme Tell.*

Camillo José do Rozario Guedes

Nasceu em Lisboa em 1780; foi aqui empregado da Camara Municipal. Partiu mais tarde para o Rio de Janeiro e alli falleceu depois de 1840.

Dado á litteratura, escreveu diversas obras e entre ellas muitas para o theatro. Posso mencionar as seguintes:

A pateada, nova farça; *O dia de jubilo para os amantes da liberdade ou a quéda do tyranno,* drama liberal em 3 actos; *O resultado de uma experiencia ou a disciplina militar,* drama em 3 actos; *O homem da selva negra,* drama em 3 actos.

Maria José Noronha

Apesar de viver ainda, nega-se a fornecer quaesquer apontamentos para a sua biographia artistica.

Sabe-se que era filha de um antigo porteiro do theatro do Salitre e que alli começou, passando depois para o Gymnasio, onde se conservou muitos annos. N'esse theatro a vi muitas vezes representar. Era uma actriz de voz *chorona* e de pouco valor, mas que o notavel ensaiador Romão fez por vezes parecer boa.

Esta actriz está de ha muito retirada do theatro. Tem sido a companheira de muitos annos do actor, tambem retirado, Rosa Mattos, do qual fallei na data de 1 de março.

Nuno José Columbina

Medico em Lisboa, onde morreu, julga-se que no anno de 1798.

Era dado ás Musas, tendo publicado diversas pequenas obras congratulatorias em verso.

Era tambem auctor da nova comedia heroica *Ulysses na Luzitania.*

Carlos d'Almeida

Nos theatros de segunda ordem foi um actor popularissimo.

Não me foi possivel colher quaesquer dados biographicos d'este actor. Julgo que lhe não restam parentes; pelo menos no mundo dos theatros ninguem d'elles tem conhecimento.

Começou no velho theatro da Rua dos

Condes, no tempo da Associação. Foi de principio muito troçàdo pelos collegas e quasi martyrisado pelo ensaiador José Romano.

Tomou depois impulso e chegou a ser o primeiro comico do theatro da Rua dos Condes, na empreza do José Torres.

Que tinha graça era innegavel; o seu defeito era o exaggero e as inconveniencias que por vezes dizia em scena. Lembro-me que em diversas peças minhas tive muitas vezes de me zangar com elle e outras que reclamar providencias do director de scena.

Quando tinha um ensaiador a quem respeitasse era um actor muito util.

O seu papel, que mais ficou accentuado pelo bom desempenho foi o do *Principe Cornelio Gil* na *Grã-Duqueza*, quando na primitiva esta peça foi ensaiada a capricho pelo actor Santos.

Teve outros papeis em que muito agradou: o criado dos *Dois dias no Campo Grande*, o aventureiro *José* do drama *A navalha*, o banheiro da *Niniche*, etc. Fazia tambem com muita graça duas scenas comicas *O sr. Narciso e os banhos do mar* e *Amanhã vou pedil-a.*

Esteve nos theatros da Rua dos Condes, Variedades, Principe Real e Gymnasio, e, por fim, quando já com tisica da laringe muito adiantada, representou no theatro Chalet, armado no local da Rua dos Condes.

Escreveu, imitando ou traduzindo, as comedias *Bravo de Veneza* e *Primo inesperado.*

Foi um dos Carlos da actriz Luiza Candida.

Pedro Antonio

Era assim conhecido e mais conhecido ainda pelo *Pedrinho*, mas o seu nome todo era **Pedro Antonio Pereira.**

Foi actor, principalmente tragico, muito estimado em Lisboa. Em 1768 representou o papel de *Tartufo* na celebre peça de Molière, no theatro do Bairro Alto.

Foi depois chamado ao Rio de Janeiro, onde organisou o theatro portuguez, fazendo actores dos amadores.

Era poeta e traduziu em verso a *Zaira* de Voltaire e uma outra peça hespanhola a que deu o titulo de *Honestos desdens de Amor.*

Escreveu tambem em verso dois entremezes: *O Outeiro ou os poetas fingidos* e *O Caçador.*

Morreu no Rio de Janeiro.

Ventura

Este actor teve muito prestigio. Os seus retratos vendiam-se lithographados e gravados, o que na epocha em que elle viveu e floresceu só se fazia ás verdadeiras notabilidades.

Era o primeiro *galan* da scena portugueza, o antecessor do grande Tasso. Fez a sua epocha brilhante no velho theatro da Rua dos Condes.

Candido José da Motta

Natural de S. Paulo, (Brazil), teve residencia em Santos.

Em 1853 publicou o seu drama historico *O Tiradentes.*

Candido Militão de Sousa Neiva

É natural do Rio de Janeiro.

Tem escripto as seguintes comedias: *A herança de meu tio, Morreu o meu cadaver, Maldito barbeiro, O nó gordio* e *Uma sogra amavel.*

Carlos Ferreira

Nasceu em 1846 em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (Brazil).

Reside actualmente em S. Paulo. É um jornalista modelo, um caracter finissimo e um illustre litterato.

Tem escripto para o theatro os seguintes festejados dramas: *A primeira culpa, Magdalena, Lucia, Martyres do coração, Arnaldo, A calumnia, Os pequenos e os grandes, O marido da doida* e *A esposa,* e á comedia *Peccado de Juventina.*

Colimerio Leite de Faria Pinto

Nasceu em 1852 na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. Ahi exerceu o magisterio e ahi morreu em 1887.

Muito dedicado ás lettras desde bem novo, collaborou em diversos jornaes litterarios, publicou alguns romances, contos e poesias e deu ao theatro as seguintes producções: *Mais vale calar que mal fallar*, comedia em 1 acto; *Caim*, drama em 5 actos; *Travessuras de um estudante*, comedia em 1 acto; *O voluntario*, drama em 4 actos; *Uma para dois*, comedia em 2 actos; *Roma e a familia*, drama em 5 actos; *Á espera da noiva*, comedia em 1 acto; *Albertina*, drama em 5 actos; *Que creança!* comedia em 1 acto; *Paulo e o bandido*, drama em 3 actos; *A ultima conquista*, comedia em 1 acto. Traduziu tambem muitas peças, entre ellas: *O rei de Roma*, *A mulher-homem*, *Catharina da Russia*, *Por um irmão*, *Os invisiveis*, *O agente secreto* e *Carmosina*.

TALMA

No começo d'este seculo a brilhante gloria do theatro foi para a Comedia Franceza, que, reformada em 1799, apresentava então um conjuncto de notabilidades, verdadeiramente incomparavel.

Acima de todos estava **Talma**, o sublime tragico, que recordava as noites enthusiastas da gloria de Baron e Lekain. **Talma**, cuja maneira heroica e viril, cheia de grandeza e altivez, ao mesmo tempo que de calor e paixão, levantava a admiração do publico, fazendo-o estremecer de enthusiasmo. E, não contente de mostrar a resplandecente superioridade do seu genio, não despresando coisa alguma que pudesse augmentar e completar a illusão scenica, dedicava-se principalmente, com um intelligentissimo escrupulo, á refórma racional do costume tragico, que soube accommodar da maneira mais feliz.

Nunca Racine, Corneille ou Voltaire haviam encontrado interprete ao mesmo tempo mais profundo, mais nobre e mais poetico.

Manuel Ferreira de Seabra

Nasceu em Coimbra, em 1793. Era formado em canones, foi juiz da Relação do Porto e deputado ás Côrtes em 1841.

Escreveu diversas obras bastante interessantes. Publicou principalmente muitas odes.

Figura n'este livro como traductor da tragedia de Voltaire, *Zaira*, impressa em 1815.

DÉJAZET

Quando, em 1810, se restabeleceu no theatro das Novidades, de Paris, o vaudeville, era magnifica a companhia que alli se reuniu. Entre os homens, Bouffé come-

çava a crear reputação, Joly, que sahira do theatro do Vaudeville, Jausserand, que havia pouco estivéra na Opera Comica, o excellente cantor Thénard e o promettedor Mergy, etc. Entre as mulheres, Madame Albert, uma encantadora comediante, dotada de voz deliciosa, Madame Génot, a digna irmã de Leontina Fay, e, principalmente, **Déjazet**, a alegria e a vivacidade em pessoa, actriz empolgante, dizendo admiravelmente, soltando as phrases mais escabrosas com uma simplicidade encantadora, cantando o *couplet* com uma finura e uma gaiatice sem egual. Sentia-se tanto á sua vontade no *travesti* do *Marquez de Lauzun*, como nas saias de *Mademoiselle Dangeville*.

Foi **Déjazet** quem fez a fortuna dos theatros Palais-Royal, Variedades e Vaudeville, representando a *Comtesse du Tonneau*, *Philtre champenois*, *Capitaine Charlotte*, *Fille de Dominique*, *Bonaparte á Brienne*, *Indiana et Charlemagne*, *Frétillon*, *Vert-Vert*, *Premières armes de Richelieu*, *Gardeuse de dindons*, *Gentil-Bernard*, *Moulin à paroles* e tantas outras peças a que **Déjazet** duplicava o valor.

Foi tão notavel, que o seu nome ficou classificando o genero de papeis em que ella era mais illustre, *travestis* e *soubrettes* desenvoltas.

Déjazet foi inquestionavelmente uma das actrizes mais originaes, mais interessantes e mais extraordinarias do seu tempo.

Balthazar Luiz da Fonseca

É o auctor do muito conhecido *Auto de Santa Genoveva, Princeza de Brabante*, que se representou em 1787.

Os vendilhões de livros pelas ruas ainda trazem á venda este auto, que realmente tem muito pouco valor.

D. Thereza de Mello Breyner

Pelo seu casamento, em 1767, com seu primo D. Sancho de Faro, ficou sendo **Condessa de Vimieiro**.

Foi uma escriptora distinctissima, que tem logar marcado n'este livro, pela sua tragedia *Osmia*, que foi premiada e mandada imprimir pela Academia Real das Sciencias.

Adolpho Faria

Nasceu em Pernambuco, em 1842. Começou a sua carreira de ensaiador em 1873, n'uma empreza sua e do actor Galvão, no theatro do Casino, hoje Sant'Anna.

Foi tambem ponto de diversas companhias. É bastante illustrado e intelligente.

No Brazil é inquestionavelmente **Adolpho Faria** um dos homens mais conhecedores de theatro e mais apto para cabo de companhia.

Sabe conservar a disciplina, escolher repertorio e é um bom ensaiador. Actualmente exerce este cargo no theatro Apollo, associado ao escriptor Moreira Sampaio e ao actor Mattos.

João Roberto du Fond

Parece de origem estrangeira pelo appellido. Viveu em Lisboa nos fins do seculo passado e no começo do actual.

Escreveu o drama allegorico *O novo Phebo em Lysia* e as comedias: *D. Elvira ou a noiva de si mesma* e *Academia dos Casquilhos*.

Christina Massart

É natural de Bruxellas. Estreiou-se na Belgica, no theatro Real de Liège, em 1868, no papel de *Euridice* do *Orpheo nos Infernos*.

Partindo para o Brazil, estreiou-se no Rio de Janeiro, no theatro do Alcazar, na *Filha do Regimento*, em 1880.

Tinha uma voz lindissima e sabia cantar.

Quando, em 1882, tive a minha primeira empreza no Rio de Janeiro, contractei **Christina Massart** para representar em portuguez, no theatro do Principe Imperial.

Fez uma estreia brilhantissima na *Archiduqueza*, traducção de *Madame L'Archiduc*.

D'ahi em diante, em diversas companhias, tem trabalhado sempre em portuguez, fazendo boa figura. Conserva-se no Rio de Janeiro.

Salvador Machado de Oliveira

Nos fins do seculo passado fez representar no theatro da Rua dos Condes alguns dramas, entre os quaes um allegorico, com o titulo *O prazer de Olisséa*.

Balbina Maia

É natural de S. Paulo, Brazil. O appellido **Maia** obteve-o do actor Joaquim Maia, com quem foi casada.

Estreiou-se em 1861, tendo 16 annos de edade, na comedia de Mendes Leal, *A Afilhada do Barão*.

Sempre a vi fazer caracteristicas. Apesar do defeito de representar sempre aos gritos, tem merecimento e em muitos papeis tem sobresahido.

Padre Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa

Presbytero secular e vigario em Almoster. Socio da Arcadia, onde tomou o nome de *Corydon Neptunino*, correspondente da Academia das Sciencias, foi um dos maiores antagonistas de Bocage, que egualmente o não poupou. Julga-se que morreu pelos annos de 1810.

Escreveu em 1791 a tragedia *Sesostris*.

Marietta Aliverti

Nasceu em Sondrio, na Italia, em 1862. Conta ella que era alli professora. Casou com um musico, e com elle partiu para o Brazil a tentar fortuna. Foi isto em 1880.

O marido começou tocando rabeca nas orchestras dos theatros, e ella, em 1882, resolveu-se, para ganhar a vida, a entrar como corista para o theatro Sant'Anna, do Rio de Janeiro, empreza Heller.

D'alli passou para a minha empreza, onde já fazia *papelinhos*; depois entrou para a companhia da Esther para fazer *papeis* e em seguida voltou para a minha companhia a fazer *papelões*.

Tinha voz e audacia como poucas. D'um momento para o outro, sem ensaios, substituia qualquer das primeiras actrizes. Assim fez na *D. Juanita*, substituindo de improviso a Manzoni, o que lhe valeu uma ovação e um primeiro ordenado.

Foi em seguida fazer uma longa *tournée* com a companhia Braga Junior, hoje Visconde de S. Luiz de Braga. Collocou-se ao lado da Rosa Villiot, que era então a *estrella* dos theatros do Brazil, e com todo o atrevimento fazia no dia seguinte os papeis que a Rosa fizéra na vespera.

A **Aliverti** teria feito uma fortuna, se não fosse uma desequilibrada. Mudava de amante como quem muda de camisa, e sem escolher a qualidade, passava as noites em orgias e fazia taes loucuras, que perdeu a voz bonita que tinha, chegando quasi a ficar aphonica!

Melhorou ainda, mas sem nunca voltar ao que fôra.

Podendo ser em todo o Brazil um bello elemento de agrado para as companhias, é, ao contrario, um descredito para os que a contractam, porque não sabe conduzir-se.

Eu que lhe fiz dar no theatro os primeiros passos mais firmes, tenho realmente pena de que malbaratasse a aura que chegou a ter e os proventos que poderia tirar dos seus elementos artisticos.

Cyrillo Eloy Pessoa de Barros

Este escriptor brazileiro nasceu na Bahia e falleceu no Rio de Janeiro.

Foi redactor de alguns jornaes, escreveu diversas obras scientificas e romanticas e compôz os dramas: *Zenobia*, *Maria* e *Alcibiades*.

Domingos Joaquim da Fonseca

Nasceu na Bahia em 1829. Estudando o curso de marinha, serviu na armada até o posto de primeiro tenente. Pediu a demissão em 1863 e foi empregado em diversas alfandegas brazileiras.

Foi auctor dos dramas: *Remorsos*, *A ambição*, *Mathilde* e *Manuel Beckman*.

Domingos da Fonseca foi membro do Conservatorio da Bahia.

Eugenio Maria de Azevedo

Nasceu em Lisboa e morreu pelos annos de 1836 ou 1838 na cidade de S. João da Barra, no Brazil, onde exercia o cargo de escrivão da camara municipal.

Fôra para o Brazil em 1807 na companhia da familia real.

Era orgulhoso, irascivel e perdulario.

Improvisava com enorme facilidade e era um poeta distinctissimo.

Foi um amador dramatico de primeira ordem; representava como um bom actor.

Escrevia com a maior facilidade, chegando a fazer uma tragedia n'uma noite!

Conta um seu amigo e contemporaneo que o vira por varias vezes com a garrafa de agua-ardente á frente, um maço de charutos, e passeiando na casa, declamar e improvisar scenas inteiras, de que um tachygrapho tomava as notas.

São conhecidas as suas tragedias *Zulima* e *Emilia*.

O original da primeira existia em poder do grande actor João Caetano.

Joaquim José Sabino

Bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, foi natural de Lisboa, indo mais tarde para o Brazil.

Foi auctor de duas tragedias que appareceram no começo d'este seculo: *Policena* e *Nova Castro*.

Esta *Nova Castro* era n'aquelle momento já a oitava peça que se escrevia sobre tal assumpto. Não era, pois, novo o thema, nem **Sabino** o tratou melhor do que os seus antecessores; antes pelo contrario.

Augusto Coutinho

Nasceu em Braga, em 1858, o habilissimo

machinista theatral **Augusto Lopes Coutinho**.

Ha já trinta annos que partiu para o Brazil e ha vinte e oito que trabalha no theatro. O primeiro theatro a que pertenceu, foi o de S. Luiz, do Rio de Janeiro, estando depois no S. Pedro d'Alcantara, Lucinda, Principe Imperial, etc.

Foi por muito tempo machinista das emprezas de Furtado Coelho e quasi sempre das minhas.

Desde a existencia do theatro Apollo que é elle alli o mestre e o *fac-totum*.

Além de ter muito valor, pois que para elle não ha impossiveis e o seu trabalho é sempre perfeitissimo, é um dedicado amigo das emprezas em que trabalha, podendo ellas confiar no seu machinista como no melhor amigo.

Para quem conhece theatro, esta qualidade é importantissima.

Luiz Ignacio Henriques

Estava em poder de Innocencio Francisco da Silva o manuscripto da comedia d'este auctor, *O Rei justo vem do ceu*, composta no anno de 1782.

Ao illustre bibliographo constava que **Luiz Ignacio Henriques** fôra actor dramatico nos theatros de Lisboa.

Anna Manarezi

Nasceu em Zanti, na Grecia, diz ella que

em 1864. Não a julgo velha, mas, ainda assim, parece-me que seria um pouco antes. Quando eu a contractei, em 1881, se tinha apenas 17 annos, a apparencia era de 34, os annos que ella diz hoje que tem.

Contava apenas dois annos quando foi para o Brazil.

Estreiou-se no Rio de Janeiro, no thea-

tro do Casino, hoje Sant'Anna, em 1875, no papel de *Cupido* do *Joven Telemaco.*

Tem sido no theatro uma utilidade. Faz tudo o que lhe mandam fazer e não se queixa. Os papeis em que mais tem agradado são aquelles em que póde *maxixar,* para o que tem um geito especial.

Tem feito milhares de vezes, com um requebro especial, o tango *Laranjas da Sabina.*

Tambem tem agradado bastante nas caracteristicas.

A sua historia galante, que é muito complicada, não vem para aqui.

José Paulo Rodrigues de Campos

Foi familiar do Santo Officio, segundo elle mesmo declara nos frontespicios das suas obras.

Nada mais se sabe da sua vida e morte.

Escreveu um drama allegorico, *O Auspicio feliz,* para se representar na abertura do theatro da Rua dos Condes.

Ha poesias suas no jornal *O Ramalhete.*

Arthur Louro

Este actor brazileiro nasceu em S. Paulo. Conta hoje 37 annos de edade. Estreiou-se no anno de 1879, em Campinas, na companhia Dias Braga.

É uma utilidade no theatro.

Estephania Louro

Casada com Arthur Louro. Nasceu tambem em S. Paulo. Conta 22 annos de edade. Estreiou-se na companhia Heller, no theatro Sant'Anna, em 1890.

No theatro tem valor egual ao marido.

Anna Leopoldina

É uma graciosa mulatinha, que nasceu no Rio de Janeiro e tem hoje 35 annos de edade. Estreiou-se em 1884, tendo 21 annos, no theatro S. Luiz, na peça de espectaculo *Os Filhos do capitão Grant.*

Não tem feito progressos, mas o publico acceita-a com agrado.

Felix Ferreira

Nasceu no Rio de Janeiro. Foi empregado da Bibliotheca Nacional e estabelecido com livraria na rua de S. José.

Muito dedicado ás lettras e ao jornalismo, creou um nome illustre na imprensa e na litteratura.

Para o theatro consta-me ter apenas escripto a comedia em 1 acto, em verso, *As deusas do Balão.*

Feliciano Prazeres

Nasceu em Pernambuco em 1850. Reside ha já alguns annos no Rio de Janeiro, onde tem honrosamente exercido a profissão de habil jornalista.

É um dedicado ao theatro. As suas criticas dramaticas são lidas sempre com interesse.

Tem escripto varias peças applaudidas. O seu primeiro original foi a comedia *Vida academica,* a sua primeira traducção foi o drama *O Juiz.*

Cunha Moniz

Filho de um official do exercito, **José Maria da Cunha Moniz** estudou no Collegio Militar, mas não chegou a concluir o curso. O mais que alli conseguiu, foi ensaiar os collegas n'algumas representações.

As informações mais antigas que d'elle tenho, são que, em 1866, tinha uma modesta empreza editora com um pequeno escriptorio na rua Augusta.

Ás noites era esse escriptorio frequentado por muitos rapazes, que para alli iam em busca da *cavaqueira.* Entre elles appareciam sempre o Abreu da Imprensa Nacional e o Carlos Cohen, que é hoje o conhecido *costumier.*

Esses rapazes, quando d'alli sahiam, dirigiam-se ao palco do theatro da Rua dos Condes, onde n'esse tempo funccionava a companhia do Francisco Palha, á espera

de que se concluisse o theatro da Trindade. O ensaiador era o actor Santos. Em certa noite teve este grave questão com o escriptor dramatico Ernesto Biester, e pediu a demissão do cargo que exercia.

Foi nomeado ensaiador interino o actor Izidoro, que logo declarou não acceitar o logar effectivo, por lh'o não permittir a sua saude.

Andava Francisco Palha desesperado por encontrar um ensaiador, o que entre nós sempre foi difficil e continua a ser.

Em certa noite fallava-se no mesmo assumpto no escriptorio do Moniz, e este declarou que, se o quizessem, acceitaria o cargo.

O Abreu e o Cohen participaram-n'o ao Palha, que logo pediu para lhe apresentarem o **Moniz**. Assim foi.

Mas o ensaiador dos espectaculos do Collegio Militar daria um ensaiador para um dos primeiros theatros de Lisboa?... Experimentar-se-hia.

A prova para a experiencia, ou, por outra, o exame de ensaiador, foi feito com a peça de Mendes Leal, *Alva Estrella*, que a companhia ia dar em S. Carlos. O resultado não podia ser melhor.

Cunha Moniz ficou desde logo contractado para ensaiador da Trindade e alli deu provas de muita competencia. As peças subiam á scena com excellente *mise-en-scene* e, no drama, na comedia, na opereta, ou na peça de espectaculo, affirmava **Cunha Moniz** o seu alto bom gosto, muita illustração e clara intelligencia.

Tambem para o mesmo theatro traduziu **Cunha Moniz** algumas peças.

Por uma insignificante questão com Francisco Palha, que era teimoso, não o sendo menos o **Moniz**, este despediu-se do theatro, onde tinha um amigo em cada artista e em cada empregado.

Foi o caso que, ao ensaiar-se a traducção da zarzuela *Madgyares*, exigia **Cunha Moniz** um certo numero de comparsas, com que o Palha não concordou. Ambos teimaram e, como de costume, a corda quebrou pelo mais fraco.

No dia seguinte já a Trindade tinha outro ensaiador, o José Romano, e o **Moniz** estava empregado no caminho de ferro do Minho e mais tarde em almoxarife da casa real, logar em que morreu.

Cardoso da Motta

Nasceu no Rio de Janeiro em 1858. Começou por amador dramatico; estreiou-se como actor no antigo theatro do Gymnasio, em 1881, no drama *A Filha do Lavrador*.

É um artista intelligente e illustrado, com boa apresentação e de caracter bastante independente. É dos artistas brazileiros de mais valor e que honra sobremodo a companhia a que pertence.

O seu genero especial é o de *galan* dramatico e por isso muitas vezes está desempregado, porque as companhias representam sempre de preferencia magicas, revistas e operas burlescas.

Amado

É natural de Lisboa e conta hoje 66 annos de edade. Era chapelleiro. Estreiou-se no velho theatro da Rua dos Condes, no drama de Avellar Machado *Os homens do povo*.

Durante vinte e cinco annos percorreu as provincias na companhia do Soares, fazendo os primeiros comicos. Com a mesma companhia esteve em Belem, no theatro Luiz de Camões e nas Variedades, n'uma empreza de Cezar de Lima. Ultimamente fez pequenos papeis no theatro da Trindade, seguindo com companhia minha para o Rio de Janeiro, onde ficou e onde ainda hoje reside.

Figueiredo Coimbra

Nasceu no Rio de Janeiro. Conta hoje 37 annos. Conheci-o estudante em S. Paulo e já talentoso jornalista.

Foi depois para o Rio de Janeiro continuar a vida de imprensa e escrever para o theatro, onde se estreiou, escrevendo uma bella comedia em verso *A carta anonyma* e outras peças depois, de muito valor.

É talentosissimo e o que se chama um bom rapaz, que todos estimam.

Margarida Preziosi

Fez uma verdadeira revolução em Lisboa, em 1876, esta cantora, que veiu para o theatro do Principe Real, como *estrella* de uma companhia franceza de opereta.

Na *Perichole, Timbale d'argent, Fille de Madame Angot, Giroflé-Girofiá, Madame l'Archiduc, Jolie parfumeuse*, etc., fez verdadeiro delirio.

Preziosi é americana de nascimento. O seu verdadeiro nome é **Margarida d'Orsay**. O nome por que é conhecida tirou-o da *Preziosilla* da *Força do Destino*, de Verdi, opera em que se estreiou em Milão.

A sua carreira começou em Paris, onde já foi brilhantissima, passando em seguida á Russia e depois á Italia, onde entrou para a opera séria.

Tendo-a admirado em 1876 no theatro do Principe Real de Lisboa como actriz e cantora de opereta franceza, via-a depois de novo em 1883, no Rio de Janeiro, nos theatros Pedro II e Recreio Dramatico, com uma companhia de opera e opereta italiana.

Estava muito mais nutrida, mas avolumara-se-lhe a voz e nada perdera dos seus dotes de artista.

Foi ella quem creou no Rio de Janeiro a opera comica de Suppé, *Dona Juanita*, em que obteve um exito enorme.

Francisco Soares Franco

Nasceu em Loures, de paes humildes, em 1772 ou 1773.

A expensas da Casa Pia frequentou a Universidade de Coimbra com grande aproveitamento.

Chegou a occupar posições eminentes e a ser consideradissimo.

Morreu em 1844, em Lisboa.

Publicou grande numero de obras scientificas, especialmente de medicina, politicas e litterarias.

Foi auctor da tragedia *Herminia*, que se publicou em 1793.

Maria del Carmen

Nasceu na Andaluzia. Consta que muito nova e gentil se estreiára em papel insignificante no theatro da Trindade de Lisboa.

Só me lembro de a ter visto no Porto, no theatro Baquet, no drama *O Palhaço*, em 1876.

Depois de permanecer no Porto por alguns annos, foi com uma companhia dramatica aos Açores e depois veiu contractada para o theatro do Principe Real, de Lisboa.

Com essa companhia foi ao Brazil, lá ficou e por lá se conserva. Tem feito parte de muitas companhias de drama, opereta, revista, etc.

Esteve já por duas vezes contractada em companhia minha no Brazil e mostrou sempre boa vontade no trabalho e aptidões para a scena.

Orlando Teixeira

Antes de o conhecer pessoalmente, foi meu correspondente no Rio de Janeiro para o jornal *Tim tim por tim tim*.

Lá o encontrei depois. Tinha pouco mais de 20 annos; hoje tem 25.

É um bohemio cheio de talento. Fez-se actor por extravagancia, mas d'ahi a pouco abandonou o theatro.

É habil jornalista, sensato critico theatral e auctor dramatico de valor. A sua primeira traducção repesentada, foi da comedia *Fourchambault;* o seu primeiro original foi a revista *Pão, pão, queijo, queijo.*

Cecilia Porto

É filha da fallecida actriz Izabel Porto. Nasceu no Rio de Janeiro em 1876.

Estreiou-se no theatro Sant'Anna, empreza dirigida por Jacintho Heller, no papel de *Fritella* da opereta *Amor molhado.* Logo pouco depois substituiu sua mãe no papel de caracteristica da zarzuela *Duetto da Africana.*

Nunca a vi representar, mas dizem-me ser util.

Ramon Rossell

Nasceu em Barcelona este notavel actor comico hespanhol.

Começou estudando preparatorios para a carreira de advogado, entrando depois para a classe commercial.

Notava-se n'elle grande vocação para a scena pela fórma brilhante por que imitava os mais distinctos actores. Entrou para as sociedades de amadores e ahi revelou-se verdadira utilidade para o theatro.

Arderius propoz-lhe escriptura, que elle acceitou. A sua estreia, no theatro Circo de Madrid, na *Genoveva de Brabante*, de Offenbach, foi auspiciosissima.

Salientou-se depois no *Robinson, Mephistopheles, Bella Helena, Potozi-Submarino, Pepe-Hillo, Volta ao mundo, Sobrinhos do Capitão Grant*. Pelo publico e pela imprensa estava consagrado actor comico de primeira ordem.

Percorreu depois as provincias em marcha triumphal, e regressou a Madrid já com a reputação de distinctissimo.

Este actor esteve em Lisboa em 1878, no antigo theatro dos Recreios, contractado pelo emprezario D. Juan Molina.

Appareceu ao nosso publico na apparatosa magica *Sonhos de Ouro*, obtendo logo um grande exito.

D. Felix Moreno de Monroy

Nasceu em Hespanha; mas domiciliou-se em Lisboa, onde falleceu.

Foi auctor da novella *Lances de ventura*. Traduziu a novella *Pamella Andrews* e o *Methodo pratico para fallar com Deus*.

Para o theatro escreveu a comedia *Frederico Segundo, Rei da Prussia*.

Actor Araujo

Nasceu em Portugal, em Marco de Canavezes, no anno de 1844, o actor **Joaquim Pereira de Araujo**.

Partiu para o Rio de Janeiro em 1856. Foi alli fundidor de typos e amador dramatico, tendo pertencido á Associação dos artistas portuguezes.

Estreiou-se como actor em 1871 no theatro Phenix Dramatica, fazendo o papel de *Gustavo* na magica *A Corôa de Carlos Magno*.

Foi depois contractado por Furtado Coelho e, sob a direcção d'este eximio artista, tornou-se um actor util.

Tem feito parte ultimamente de diversas companhias, onde muitas vezes tem justificado a sua utilidade.

Francisco Mesquita

É natural de Lisboa e conta hoje 42 annos de edade. Partiu para o Brazil em 1870.

É irmão do actor Augusto de Mesquita, de quem já fallei.

Francisco Mesquita entrou para o commercio no Rio de Janeiro, mas, dois annos depois, abandonava-o para entrar no theatro.

Foi isto em 1872, no theatro de S. Pedro d'Alcantara, empreza do actor Valle.

N'uma semana **Mesquita** foi comparsa, corista e *partiquino*. Passou logo a actor. Em 1881 encontrei-o como artista de Furtado Coelho e por muitos annos o vi em diversas companhias de diversos generos. Não passa, como actor, de uma utilidade, mas tem variadas aptidões que uma empreza aproveita. É bastante intelligente; sabe *reclamar* uma companhia ou uma peça.

Delmary

Esta actriz-cantora, que de ha muito abandonou a scena, reside actualmente em Lisboa.

Ignoro o começo da sua carreira, tendo apenas ouvido que fôra para o Rio de Janeiro n'uma companhia franceza, que deu espectaculos no Alcazar.

Tendo ficado no Rio, entrou para a companhia do Heller, na Phenix, e depois no Sant'Anna, representando em portuguez por muitos annos.

No theatro e fóra era estimadissima pelo seu exemplar comportamento. Foi sempre uma senhora em toda a accepção da palavra.

Como cantora era distinctissima, possuindo uma bella voz de soprano e excellente methodo de canto.

Como actriz tinha muitas deficiencias, que não a deixaram agradar. Nunca conseguiu pronunciar bem o portuguez e tinha uma affectação, que bastante a prejudicava.

José Eugenio de Aragão e Lima

Nasceu em Tavira, no Algarve, pouco mais ou menos pelos annos de 1763 ou 1764.

Foi professor de philosophia na cidade de Belem, do Pará.

Compoz dois dramas em verso, que se representaram no theatro do Pará com os titulos: *Aódia* e *Drama recitado a principio das operas e comedia postas no theatro do Pará.*

Estes dramas foram alli representados em 1794.

Francisco da Rosa Maciel

Este actor brazileiro conta 34 annos de edade. Estreiou-se no theatro Phenix Dramatica, do Rio de Janeiro, em 1890. Tem-se revelado comico de merito no papel de *Beija-Flor* do drama *A Cabana do Pae Thomaz* e no *Barnabé* do drama sacro *Milagres de S. Benedicto.*

Gabriella Montani

Nasceu no Rio de Janeiro em 1854; é filha da actriz Jesuina Montani.

Estreiou-se no theatro Lucinda, empreza de Furtado Coelho, em janeiro de 1890, no drama *Cão de cègo.*

Apezar de ter começado tão tarde e de ter a precocidade dos cabellos brancos, tem feito uma boa carreira, fazendo sempre bella figura nas companhias a que tem pertencido, quer dramaticas, quer de operetas e revistas.

Candido Nazareth

Nasceu no Rio de Janeiro em 1863. Estreiou-se em 1882, no antigo Polytheama, empreza Faria, na comedia *Moços e velhos.* Antes, só trabalhára na provincia.

Tem feito parte de diversas companhias onde tem sido utilidade.

Mario Arozo

Nasceu no Porto em 1857. Partiu para o Rio de Janeiro em 1873. Entrou para o theatro em 1880, estreiando-se no drama *Anjo da Meia Noite,* no theatro Recreio Dramatico, empreza Guilherme da Silveira.

Tem pertencido depois a diversas companhias, onde sempre tem prestado bons serviços, porque é intelligente e vale.

Joaquim Costa

Nasceu no Rio de Janeiro em 1870. É filho do fallecido aderecista Domingos Costa, do qual já fallei. Aprendeu com seu pae, de quem herdou a casa, que administra com zelo.

Rose Méryss

Nasceu em Paris. Estreiou-se como

creança em Cognac, na *Prece dos Naufragos* e depois na *Cabana do Pae Thomaz.* Foi isto no anno de 1854.

Um amigo de familia, antigo actor, deu-lhe algumas lições e fez com que recitasse os versos de Casimir Delavigne *Jeanne d'Arc devant ses juges* e varios trechos da *Medèa* de Legouvé. Teve um successo, mas o pae não se conformou com a sua entrada para o theatro. A mãe, ao contrario, auxiliou-a na sua pretensão e, passados quatro mezes, **Rose Méryss** estreiou-se n'uma acanhada scena do Petit-Théatre.

Fazia ahi pequenos papeis, até que, certa noite desappareceu a *estrella* da companhia e a pequena **Rose** se offereceu para a substituir.

A audacia foi coroada do melhor exito e **Rose Méryss** assegurou a sua carreira. N'este tempo, de combinação com sua mãe, representava ella com o nome de **Adèle**, a fim de que seu pae, que a suppunha trabalhando em Paris em casa de uma modista, ignorasse a sua entrada para o theatro.

Representando certa noite com grande successo o papel de *Zizine* nò *Carnaval dos Floristas*, viu na platéa seu pae e seus dois irmãos, que ficaram stupefactos.

Scena terrivel no final do espectaculo, mas terminando por o pae lhe perdoar e consentir que continuasse na sua carreira.

Finda a epocha no Petit-Théatre, **Rose Méryss** partiu para Bordeus, para um café concerto, onde obteve um contracto de duzentos e dez francos por mez. Isto que, n'aquella epocha era magnifico, pois que a grande Thérèsa, o unico astro d'então, ganhava por noite cinco luizes, preço que provocaria hoje uma gargalhada a Yvette Guilbert, animou a artista a outros commettimentos. Começou percorrendo a provincia com o nome de **Rose Marie**.

Alcançou tal fama, que fôi mandada contractar para o café concerto do Gigante, d'onde sahira Maria Sass, que creára a *Rainha Topazio* e a *Africana*. Aqui foi-lhe duplicado o vencimento. D'ahi a pouco com o triplo do ordenado entrou no Ba-Ta-Clan.

Um anno depois partiu para Lyon e Bordeus.

Foi em seguida para o theatro Louit, da rua Judaïque, estreiando-se com enorme successo na *Grã-Duqueza*.

Começou então a receber lições de Luiz Varney, pae, director do Conservatorio de Bordeus. N'esta cidade creou a *Périchole* e o *Pato de tres bicos*, fazendo tambem o *Barba Azul* e a *Bella Helena*. Alcançou enorme exito em Bordeus, Lyon, Toulouse e Rouen.

Quando, em 1870, ia estreiar-se no theatro das Variedades, de Paris, a guerra com a Allemanha obrigou a fechar todos os theatros. **Rose Méryss** viu-se obrigada a acceitar um contracto para o Rio de Janeiro, alcançando grande exito no Alcazar. Com o mesmo enthusiasmo foi depois recebida em Montevideo e Buenos Ayres.

Regressando a Paris, estreiou-se na *Clarinha* da *Senhora Angot*, nas Folies Dramatiques.

Foi em seguida a Bordeus para dar trinta representações da *Madame l'Archiduc* e recusou ir a Rouen afim de partir novamente para o Brazil. Ahi esteve durante tres annos.

Quando voltou a Paris, em 1878, no theatro das Fantaisies Parisiennes, creou com enorme successo o papel de *Paulo* da *Cruz do Alcaide*.

Não menor exito foi o que teve na opera comica *Droit du Seigneur*.

Subindo a mais altas regiões da arte de canto, fez com muito agrado a *Açucena* do *Trovador*.

Voltou depois ao Brazil e d'esta vez para ter um successo brilhantissimo, creando em portuguez no theatro Sant'Anna, empreza Heller, o *Boccacio*. Continuando a representar em portuguez, fez no mesmo theatro a *Ave Azul*, *D. Juanita*, *Mascotte*, *Bella Helena*, *Fausto o petiz*, etc., sempre com immenso agrado. Passou depois a empreza minha no theatro do Principe Imperial, onde desempenhou com extrema elegancia e graça os variadissimos papeis da magica *As tres Rocas de Crystal*.

Rose Méryss era tambem festejadissima no Rio de Janeiro nas cançonetas escriptas expressamente para ella: *Mamãe m'enganou*, *Ai, que Broma!*, *O signal da bella Yayá*, etc.

A illustre artista é uma apreciada amadora de pintura. Tem quadros de valor. Para os seus costumes de theatro fazia ella sempre os figurinos.

É tambem uma poetisa inspirada e a sua prosa é correctissima e elegante. Quasi todos os jornaes do Rio de Janeiro e S. Paulo teem publicado artigos e versos seus.

Afastada hoje do theatro pelos cuidados do seu excellente hotel situado na Tijuca, sente ainda as saudades dos triumphos obtidos na scena.

A edade e os desgostos teem-lhe transformado a physionomia, mas figurou n'um livro parisiense, que se intitulava *Les Jolies actrices de Paris*.

Francisco Dias Gomes

Nasceu em Lisboa em março de 1745. Tendo estudado humanidades, foi para Coimbra, afim de seguir o curso de jurisprudencia, mas nem chegou a concluir o primeiro anno, em consequencia de um seu tio o mandar chamar para estabelecel-o com loja de mercearia, por entender que assim dava melhor futuro ao sobrinho.

Dias Gomes nunca porém deixou de estudar e tornou-se um erudito e um primoroso escriptor, sendo tambem um critico de primeira ordem.

A sua mercearia era no Poço do Borratem.

Deixou duas tragedias, extrahidas da historia grega: *Ifigenia* e *Electra*. Foram propostas a premio á Academia das Sciencias, mas não o conseguiram.

Dias Gomes morreu pobre, em setembro de 1795.

José Anselmo Corrêa Henriques

Nasceu em Lisboa em 1777 e morreu em 1831.

Foi um escriptor fecundo, tendo deixado bastantes obras, principalmente poeticas. A sua especialidade foram os poemas heroe-comicos, entre os quaes: *Padeira de Aljubarrota*, *Perodana*, *Charlatanismo*, *Elysabetha triumphante* e *A Mariolada*.

Para o theatro compoz: *A revolução de Portugal*, tragedia e *Mesquita*, tragedia. Traduziu tambem do inglez a comedia de Sheridan, *A escola do escandalo*.

Aluizio Azevedo

É irmão do distincto escriptor dramatico brazileiro Arthur Azevedo. Como este, nasceu no Maranhão, de paes portuguezes.

Obrigado, ainda muito novo, a angariar os meios de subsistencia, empregou-se no commercio. A Arte, porém, attrahia o. Fez-se pintor, dedicando se a tirar retratos. Os seus conhecimentos eram apenas algumas noções de desenho; o resto fazia-o por intuição.

Resolveu partir para o Rio de Janeiro afim de cursar a Academia de Bellas Artes. N'essa epocha florescia na capital do Brazil um grupo de talentosos rapazes, a que pertenciam Arthur Azevedo, Arthur d'Oliveira, Theophilo Dias, Fontoura Xavier, Arthur Barreiros e outros. Para o grupo entrou **Aluizio Azevedo**, que em breve se salientou como litterato.

Obteve verdadeiro exito no mundo das lettras com os seus excellentes livros: *Lagrima de mulher*, *Philomena Borges*, *Mortalha de Alzira*, *Demonios*, *Mysterio da Tijuca*, *Memorias de um condemnado*, *O Mulato*, *Casa de pensão*, *O Coruja*, *O Homem*, *O Cortiço* e *O Livro de uma sogra*.

Ainda que com menor successo, são tambem seus os seguintes trabalhos theatraes: *O Mulato*, drama em 3 actos; *Philomena Borges*, comedia em 1 acto; *Os Sonhadores*, comedia em 3 actos. Em collaboração com Emilio Roede fez as seguintes peças: *Venenos que curam*, comedia em 4 actos; *O Caboclo*, comedia em 3 actos; *Um caso de adulterio*, comedia em 3 actos; e *Em flagrante delicto*, comedia em 1 acto. Com seu irmão, Arthur Azevedo, tem as seguintes: *Casa do Orates*, comedia em 3 actos; *Frotzmack*, revista do anno; *Flor de Liz*, opereta em 3 actos, imitação do *Droit du Seigneur* e a revista *Republica*. Com o notavel poeta Olavo Bilac traduziu com o titulo *Triboulet*, em alexandrinos rimados, *O Roi s'amuse*, de Victor Hugo.

Aluizio Azevedo, que é considerado um dos primeiros litteratos brazileiros da actualidade, entrou ha pouco para a carreira consular, tendo conquistado em concurso a sua nomeação.

É ainda bem novo e muito ha d'elle a esperar.

ARISTOPHANES

Celebre poeta comico grego, que morreu em Athenas no anno 387.

Uma lei prohibia escrever comedias antes da edade de trinta annos; por este motivo appareceram anonymas as suas primeiras producções.

As suas obras, censurando acremente os costumes e altos personagens, não eram mais do que verdadeiras *revistas* vehementes e esmagadoras.

Sabe-se que fez representar cincoenta e quatro comedias; hoje, porém, apenas se conhecem onze, que quasi formam o repertorio do theatro comico atheniense, e que teem sido divididas em comedias politicas, comedias sociaes e comedias litterarias.

A primeira edição das obras de **Aristophanes** appareceu em Veneza no anno de 1498.

O theatro de **Aristophanes** está traduzido em latim, francez, allemão, inglez e italiano.

Pereira do Gymnasio

Era assim conhecido o magnifico actor comico **Antonio Joaquim Pereira**, que no começo do Gymnasio alli tinha um dos primeiros logares ao lado do Moniz e do Vasco.

Antes de ser actor foi barbeiro. Estreiou-se no velho theatro do Salitre, passando depois para o Gymnasio.

Julio Cezar Machado descrevia-o assim: «Baixote, gorducho, cabello á escovinha, cachaço amplo, dois olhinhos como dois pontos finaes, nariz largo, bôcca grande, cara redonda, jocunda e cheia. Sempre de fato novo e n'um traje especial: casaca azul de botões amarellos e chapeu de palha, pela rua, a toda a hora. Arrastava um pouco de uma perna, firmava-se n'uma bengala grossa de canna da India e a mão na ilharga.»

Tinha a mania dos livros. Comprava quantos encontrasse e mandava encadernar todos, mas não lia nenhum.

A sua unica leitura era de comedias em que entrasse um actor francez d'esse tempo, o Sainville, que em Paris fazia papeis do genero dos que o **Pereira** representava em Lisboa.

Ia todos os dias jantar ás hortas. Vinha sempre de lá com *um grão na aza,* e era assim que representava.

Gostava de petiscos, bebidas e commensaes beberrões.

O que é innegavel é que tinha graça; uma graça discutivel, mas com que o publico muito se divertia. Era a graça na propria semsaboria. Um dos seus papeis mais notaveis foi o do *Misanthropo,* de Paulo Midosi. N'essa farça fazia o Taborda um *gallego* com muita graça tambem.

Diz ainda d'elle Julio Machado: «A graça d'elle, mais que a do papel, um estalar de palavras de morrer de riso, ditas um pouco ao acaso, e, por isso mesmo, mais burlescas. Pronunciava umas coisas, taramelava outras, engulia algumas; ria a gente sem o entender.»

Em 1857, imperava a febre amarella, matando a torto e a direito. Ao **Pereira** pouco se lhe dava d'isso. De aposta com outro beberrão, foi de Lisboa a Belem, e de lá outra vez para Lisboa, bebendo cada um meio quartilho de vinho em todas as tabernas que encontraram! Quando o **Pereira** entrou em casa, não era um homem, era uma pipa de vinho! Atirou comsigo, mesmo vestido, para cima da cama, alli adormeceu, alli lhe deu a febre amarella, e dentro de dois dias alli morreu, com a casaca azul de botões amarellos e ao lado da estante cheia de livros, que nunca leu.

Dias Braga

Já contei como, na minha chegada ao Rio de Janeiro, fui attrahido ao theatro Lucinda para vêr a *primeira ingenua brazileira* Jesuina Montani.

D'essa companhia era primeiro artista o **Dias Braga**, que logo depois vi confrontar com o Rossi nos *Dois sargentos.* Pareceu-me um actor cheio de defeitos, mas com muita audacia.

Dias Braga é portuguez de nascimento e agora brazileiro naturalisado. Nasceu nos Açores em 1845.

Dizem-me ter-se estreiado no antigo theatro de S. Luiz, no drama *Morgadinha de Valflor.*

Andou n'uma companhia formada pelo actor Simões. Não sei que fortes questões houve entre os dois, que deram em resul-

tado o velho Simões disparar um tiro sobre **Dias Braga**. Creio que este não chegou a ser ferido, mas o Simões esteve preso e respondeu perante um tribunal, que o absolveu.

Dias Braga fez depois parte de varias sociedades dramaticas até que conseguiu obter de arrendamento o theatro Recreio Dramatico. Ahi chegou a fazer fortuna, explorando todos os generos: drama, comedia, opera comica, opereta, vaudeville, magica, revista, etc.

Tem percorrido ultimamente diversos estados com a sua companhia, quasi sempre modesta em artistas de valor, mas de mui variado repertorio.

Aos que o accusam de mau actor, responde elle que o publico o applaude em papeis importantissimos; aos que lhe chamam mau ensaiador, diz elle que tem feito representar por actores muito mediocres peças de grande responsabilidade e ainda nenhuma foi pateada; aos que o censuram como emprezario, responde elle que tem tido epochas de ganhar muito dinheiro.

Perante os factos todos se curvam e são obrigados a vêr em **Dias Braga** um bom actor, um magnifico ensaiador e um optimo emprezario

Gomes Cardim

Nasceu em Setubal o maestro **João Pedro Gomes Cardim**. Era filho do piloto-mór da barra. Na terra da sua naturalidade começou estudando musica com o professor João de Deus Costa Soares.

Vindo para Lisboa foram seus mestres os notaveis musicos Casimiro Junior e Santos Pinto. Completou o curso do lyceu e ainda estudou o primeiro anno de philosophia e historia sagrada em S. Vicente de Fóra. Foi depois para o Seminario de Santarem, onde leccionou musica e onde compôz alguns trechos sacros.

Não querendo seguir a carreira ecclesiastica, embarcou para o Brazil, dirigindo-se logo para o Rio Grande do Sul e ahi se estabeleceu como professor de musica.

Quando rebentou a guerra do Brazil com o Paraguay, partiu para alli na qualidade de representante da firma Salles de Porto Alegre, como fornecedor do exercito brazileiro. Por essa occasião compôz um *Te Deum* em acção de graças por ter terminado a epidemia do cholera que devastava o exercito. Esse *Te Deum* foi executado sob a sua direcção e debaixo de uma verdadeira chuva de ballas, expedidas das baterias paraguayas.

Veiu depois para Lisboa, onde appareceu pela primeira vez, fazendo executar na egreja dos Paulistas uma *missa a grande orchestra* n'uma solemnidade.

Convidado pelo grande actor Santos, escripturou-se no theatro do Principe Real como compositor e director musical. Por essa occasião escreveu a musica da peça sacra *Harpa de Deus*, que tinha bellos trechos.

Escreveu depois para o theatro do Gymnasio a musica da opereta de Alfredo Athayde, *Joanna do Arco*, que fez successo alli e depois maior no Porto. Fez depois outra opereta, letra de Augusto Garraio, *Os Argonautas*, que nas duas cidades teve tambem um enorme exito. Ainda escreveu em seguida a opera comica *E. Nordeste & C.ª*

Durante esta epocha **Gomes Cardim** organisou diversas festas no Passeio Publico de Lisboa e no Palacio de Crystal do Porto, fazendo n'ellas executar a grandes orchestras e bandas peças notaveis, de sua composição.

Voltou mais tarde ao Brazil, fazendo cantar as suas operas e dando diversos concertos no Rio de Janeiro, sempre com o maior successo.

Em seguida foi estabelecer a sua residencia em S. Paulo, onde proseguiu nos seus trabalhos musicaes.

Convidado por Braga Junior, hoje Visconde de S. Luiz de Braga, tomou a direcção musical de uma companhia de opereta, que foi muito festejada no Brazil, do norte ao sul. Foi ahi que o maestro **Cardim** compôz a musica da revista de Arthur Azevedo, *O Bilontra*, que se tornou popularissima.

Ao terminar essa empreza, **Gomes Cardim** abandonou completamente o theatro, voltando para S. Paulo, onde casou em segundas nupcias. Alli tem dois filhos, o dr. Pedro Augusto Gomes Cardim, advogado, jornalista, vereador e intendente das obras da Camara Municipal, tambem auctor dramatico festejado, e Carlos Alberto Gomes Cardim, professor da Escola Normal.

O maestro **Cardim** teve em tempos uma fabrica de licores e depois carroças de aluguer e não sei se mais negocios; nunca, porém, abandonou a musica, tendo escripto ultimamente diversos trechos sacros. É elle quem dirige as mais notaveis festas de S. Paulo, tendo sob a sua batuta uma bella orchestra e bellas vozes.

Foi elle encarregado pelo governo de S. Paulo de dirigir as grandes orchestras dos funeraes de Floriano Peixoto e Carlos Gomes.

Ultimamente foi nomeado mestre de capella da Cathedral de S. Paulo, logar em que é muito estimado.

O illustre critico musical Joaquim de Vasconcellos, na *Actualidade*, do Porto, de 30 de agosto de 1874, é prodigo em elogios para o maestro **Cardim**.

O distincto maestro foi agraciado com o grau de cavalleiro de S. Thiago, em homenagem ao seu valor artistico.

Possue tambem **Gomes Cardim** a medalha de prata conferida ao merito, philantropia e generosidade, por salvar de um incendio, na rua de Santa Catharina, no Porto, o marçano Antonio de Oliveira e um menor.

Depois, em Campolide, proximo a Lisboa, tambem salvou n'outro incendio a entrevada D. Maria Gualdina Soledade e uma creança filha do negociante Gomes da Silva,

Gomes Cardim é um bom artista e um bello caracter.

Cyrano de Bergerac

Dá toda a actualidade a este escriptor francez do seculo XVII a notavel peça de Edmond Rostand, o maior successo theatral de Paris nos ultimos annos.

Cyrano de Bergerac nasceu em Paris em 1619 e morreu em 1655.

Desde a infancia teve um caracter independente e brigão, que o levou a uma infinidade de duellos.

O episodio da peça de Rostand, em que **Cyrano**, inimigo declarado do actor Montfleury, o prohibe de representar, é perfeitamente veridico, e descreve as audacias e inconveniencias d'aquelle espirito irrequieto, com tanta exhuberancia de vida e que tão cedo desappareceu do mundo.

Os trabalhos litterarios de **Cyrano** estão perfeitamente d'accôrdo com o seu caracter e qualidades; são brilhantes, cheios de *verve*, de audacias de estylo, d'atrevimentos de imaginação, mas, em geral, incorrectos, empolados, hyperbolicos, prenhes de phrases estranhas e excentricas e conceitos extravagantes, emfim, de defeitos enormes que, na phrase de um auctorisado escriptor francez, incommodam o paladar menos delicado.

Todas estas qualidades se revelam nas suas *Cartas* e *Historias comicas*.

Para o theatro escreveu duas peças mediocres, mas ainda assim com qualidades: a tragedia *Agrippine* e a comedia em prosa *Le Pédant joué*.

Leonardo

Não me foi possivel obter particularidades sobre a carreira d'este actor brazileiro e sobre a sua entrada para o theatro. O mesmo me aconteceu com muitos outros artistas, até dos que residem em Lisboa e parece temerem a publicidade. Eu, em todo o caso, vou dizendo, e deixando em apontamentos para o futuro, o que d'elles sei.

O **Leonardo** é um actor popular no Brazil, especialmente no Rio de Janeiro e no Norte. O seu ideal artistico é seguir a escola do Brandão, mas é preciso confessar que lhe é inferior.

Leonardo é propriamente um actor *maxixeiro* e tem a sua corôa de gloria no *Fandanguassú,* uma coisa que não sei classifi-

car, mas que elle canta, dansa, remexe, desequilibra e pula de tal fórma, que tem milhares de representações.

As platéas populares do Brazil gostam devéras do **Leonardo**; fazem-lhe ovações e por vezes correm a vêl-o. Alguma coisa terá de bom.

EURIPIDES

Como os indices, no fim da obra, hão de guiar os leitores na consulta d'estas paginas, muito de proposito, para satisfazer todos os paladares e não tornar o livro massudo, vou fazendo esta mistura de philosophos, actores notaveis e dramaturgos illustres com escriptores mediocres e artistas *maxixeiros*.

O acaso trouxe-me agora aos bicos da penna o illustre poeta tragico grego, **Euripides**, que morreu na Macedonia, no segundo anno da 93.ª Olympiada.

Era de muito humilde condição; filho de um taberneiro e de uma vendedeira de legumes. Foi a principio educado para atheleta, mas, desgostando-se com taes exercicios, entregou-se ao estudo da pintura, da eloquencia e da philosophia, tendo como mestres d'esta ultima Prodicus, Anaxagoras e principalmente Socrates.

Estreiou-se como auctor dramatico aos 30 annos, sendo a sua primeira obra *Os Peliades*. Consta ter escripto 92 peças. O talento de **Euripides** era apreciadissimo pelo povo atheniense.

Muitas obras de Aristophanes dão idéa do odio do partido aristccrata contra as doutrinas de **Euripides**, assim como da violencia das criticas contra os seus processos litterarios, sem contar com a animosidade das mulheres, excitada pelas suas frequentes invectivas contra o bello sexo. Ficou a lenda de que foram as mulheres que o mataram, cortando-o em pedaços, para se vingarem.

Dos tres grandes tragicos gregos, foi **Euripides** o menos maltratado pelo tempo, pois chegaram até nós dezenove peças suas, sendo dezoito tragedias e um drama satyrico. Este intitula-se *O Cyclope*. As tragedias são: *Alcestes, Medéa, Hypolito coroâdo, Hypolito* (2.ª), *Hecube, As Supplicantes, Heraclides, Andromaca, Hercules furioso, Os Troyannos, Electra, Helena, Ion, Iphigenia em Tauride, Os Phenicios, Orestes, Iphigenia em Aulide* e *Rhésus*.

Fortunato Pinheiro

Era filho de um antigo mercador de fazendas da rua dos Fanqueiros e regedor da freguezia da Magdalena.

Conheci-o durante muito tempo ao balcão, ao lado do pae, mas já com a mania dos theatros. Era um afamado curioso dos theatrinhos do Aljube e Taborda.

Um bello dia, convidado por Salvador Marques, entrou para a Rua dos Condes, estreiando-se n'um papel que muitas vezes desempenhára como amador, o *abegão Diogo* do drama *Os Campinos*.

Como tem acontecido a muitos, que entre os curiosos são distinctissimos e ao entrarem na carreira passam a ser actores mediocres, assim aconteceu ao actor **Pinheiro**.

Verdade, verdade, a sua principal preoccupação não era o theatro, mas as boas petisqueiras. Ia todos os dias para as hortas, levando sempre algum peixe, carne ou outra qualquer coisa de apetite, que elle mesmo lá cosinhava e depois comia com os amigos, bebendo todos o mais que podiam e até o que não podiam. Á noite chegava o **Pinheiro** ao theatro, vermelho como uma lagosta e a suar por todos os póros. No dia seguinte tornava á mesma. Assim é impossivel trabalhar com consciencia.

Succedeu o que muitas vezes se receiou. O pobre **Pinheiro** foi embrutecendo, acabando por perder a razão e morrendo em breve.

Não deixou grande lacuna no theatro, mas, se tivesse estudado, poderia ser um actor util.

Era pae do actor Chaby Pinheiro.

Esteve no velho theatro da Rua dos Condes, passou ao theatro dos Recreios e por ultimo ainda esteve no novo theatro da Rua dos Condes.

SOPHOCLES

O grande poeta tragico grego nasceu pelos annos de 495 ou 496 antes de Christo. São contradictorias as noticias sobre a sua ascendencia, que uns querem seja um pobre ferreiro e outros uma familia aristocrata.

Teve um grande talento precoce para a poesia, que cultivou com grande successo no genero lyrico.

Tendo 28 annos de edade, atreveu-se a apresentar-se n'um concurso dramatico, tendo como rival Eschylo, e obteve o premio.

Sophocles compôz para o theatro cento e trinta peças, tragedias e dramas satyricos.

Além de diversos fragmentos sem importancia, só chegaram até nós sete tragedias: *Antigona, Electra, Trachiniannos, Rei Œdipo, Ajax, Philoctete* e *Œdipo em Colonia.*

Sophocles representou no seu tempo a perfeição no genero dramatico, dando a justa medida entre Eschylo e Euripides.

Rey Colaço

É um artista notavel, consagrado por toda a Europa culta, **Alexandre Rey Colaço.**

Sobejamente conhecido pelo seu extraordinario valor como pianista sublime, quero apenas prestar n'este livro a devida homenagem ao seu superior talento e agradecer-lhe o muito que tem honrado Portugal no estrangeiro.

Rey Colaço é uma celebridade authenticada pelo publico de Paris, Berlim, Madrid e outras tantas capitaes dos mais illustres centros artisticos.

Helena Balsemão

É natural do Porto, onde nasceu em 1850. Em 1866 estreiou-se no theatro do Principe Real, de Lisboa, empreza Cezar de Lima e Ruas, no mesmo dia e na mesma peça em que se estreiou Virginia, *Mocidade e honra* ou *Precisa-se d'um preceptor.*

Foi d'ahi a pouco para o Gymnasio, onde representou, sem se tornar saliente, na peça de Cascaes, *Nem Cezar nem João Fernandes, Thesouro do tio Jacob,* opereta traduzida do *Mariage aux lanternes,* de Offenbach, e n'algumas comedias.

Por empenho do seu protector, o fallecido medico dr. Falcão de Carvalho, foi contractada para o theatro de D. Maria II, sendo commissario regio e ensaiador o dr. Luiz da Costa Pereira. Alli entrou nas peças: *Favorito da Favorita, Egas Moniz, Côrte na aldeia, Alfageme de Santarem, Amores de Leão,* etc.

Helena Balsemão era formosa e tinha uma bella figura; era egualmente uma muito acceitavel actriz de comedia, que hoje faria um figurão no nosso theatro *normal* ao lado das que lá existem.

Tendo o governo deixado a administração da nossa primeira scena para a entregar á exploração particular, de lá sahiram muitos artistas e entre elles **Helena Balsemão**, que em 1870 partiu para o Porto, contractada pelo emprezario Moutinho e alli agradou bastante.

A convite do actor Valle partiu para o Brazil, em 1874, estreiando-se alli, no theatro de S. Luiz, no drama *Apostolos do mal.* N'essa e n'outras peças agradou immensamente. Os seus principaes papeis eram nas *Duas orphãs, Judia, Morgadinha de Valflor, Mantilha de renda, Filha unica, Demi-monde, Dalila, Sergio Panine,* etc.

Percorreu mais tarde todo o Brazil, tendo-se feito emprezaria com bom exito de interesses e muito agrado das platéas.

Engordou depois extraordinariamente, fatigando-a o trabalho e só podendo fazer algumas damas centraes.

Com Furtado Coelho ainda alcançou exito no papel da *tapuya* do drama *Odio de raça.*

Em 1887 casou, em Manaus, com o actor portuguez Eduardo Rodrigues. Tendo deixado o theatro, vivem hoje na Mocóca, cidade do estado de S. Paulo, com casa de tabacos e loterias.

Henry

Com uma companhia franceza, de que era emprezaria Madame Philippe, foi ao Rio de Janeiro **Madame Henry**, que era realmente uma actriz de valor e uma boa cantora. Tendo ficado na capital do Brazil, em 1881 entrou para o theatro Phenix Dramatica, de que era emprezario o Heller. Com elle seguiu para o Sant'Anna. Contractada depois por mim, fez uma digressão ao Rio Grande do Sul, voltando depois para o Rio de Janeiro. Mais tarde partiu para Paris e lá morreu, segundo me constou.

Nunca pronunciou bem o portuguez, mas o publico desculpava-lhe essa falta, porque gostava de a ouvir cantar e principalmente declamar n'uma linguagem arrevezada, mas com uma expressão e um batido de phrase que lhe agradava. O papel em que primeiro se salientou e em que acima de todos mais agradou, foi o da *Mascotte*.

Encontrou a principio um bom amigo, o photographo Guimarães, que a estimava e lhe fez um bello peculio. Essas economias começaram a desapparecer quando ella, já velha e sem attractivos de mulher, voltou as costas ao seu protector, apaixonando-se por um barytono argentino, o Pollero, que esteve contractado pelo Heller e por mim, representando em portuguez o peior que podia, mas cantando bem. A **Henry** não lhe soube resistir, porque se o Pollero era mau actor e *abrutado*, era um rapagão capaz de encher o olho mesmo a uma *velha gaiteira*.

A **Henry** metteu-se por fim em negocios de bolsa e acabou por ficar arruinada. Deve ter morrido pobre.

Bernardo Arejões

Pouco tempo viveu e por isso foi depressa esquecido este actor, que tinha realmente muito merito e um bello futuro diante de si, se a morte o não rouba tão cedo.

Não me foi possivel encontrar familia ou qualquer pessoa intima que me fornecesse apontamentos a seu respeito, por isso limitar-me-hei a dizer o que a minha reminiscencia me fornece e bem pouco é.

Sei que se estreiou no theatro das Variedades, em 1859, na magica *A Corôa de Carlos Magno*. Depois de fazer n'aquelle theatro diversos papeis com bastante agrado, passou para o Gymnasio, onde muito se distinguiu ao lado dos primeiros artistas da casa e que n'esse tempo eram nada menos que Taborda, Izidoro, Santos, Cesar de Lima e outros.

Recordo-me de o ver agradar muito no drama de Cesar de Vasconcellos, *Pretos e Brancos*, na peça do mesmo auctor, *Italia*, na opera-comica de Julio Machado, *O filho-familias* e principalmente na comedia de Goldoni, *O Mentiroso*, em que Taborda e **Bernardo** eram impagaveis de graça.

O infeliz artista, que tanto promettia, fazendo uma viagem do Porto para Lisboa, sentiu-se repentinamente incommodado na estação de Sant'Anna, e, apeiando-se, alli morreu.

Thomás Breton

É um dos mais notaveis musicos hespanhoes da actualidade.

Entre as muitas producções suas de grande valor contam-se tres de excepcional agrado: *Amantes de Teruel*, *Dolores* e *Garin*.

Eduardo Rodrigues

Era filho do muito conhecido leiloeiro de Lisboa, Thomaz José Rodrigues.

Estreiou-se em 1874 no theatro do Principe Real, na peça popular *O que é o mundo*. Conservou-se alli durante dez annos fazendo com agrado diversos papeis nas peças: *Revista de 1877*, *Navalha*, *Mysterios de Lisboa*, *Ladrões de Lisboa*, *Niniche*, *Fada de Coral*, *Naufragio do Brigue Mondego*, *Nossos rendimentos*, *Pedro o pescador*, etc.

Em 1884, contractado por Furtado Coelho, seguiu para o Brazil, estreiando-se no Rio de Janeiro, no theatro Lucinda e no

drama *Fédora*. Com essa companhia esteve por algum tempo, desligando-se d'ella para se contractar com a actriz Helena Balsemão, com a qual casou em 1887.

Depois de percorrerem com companhia quasi todo o Brazil, estabeleceram-se com um hotel em Pelotas e por ultimo com casa de tabacos e loterias na Mocóca, estado de S. Paulo.

Verdade, verdade, na decadencia a que no Brazil chegou a arte dramatica, os dois anafados esposos, que ambos são bem gordos, não perderam muito em deixar o theatro, mas este tambem não deitou lucto pela perda.

Carvalho Lisboa

Já morreu este artista, que, apesar de ser portuguez, apenas representou poucas vezes em Lisboa, no theatro do Principe Real, no velho drama *A Cabana do pae Thomaz*. Agradou bastante, mas não nos deu tempo nem occasião a julgarmos com segurança do seu merito.

O papel que desempenhava era d'aquelles em que sempre tira partido até um actor vulgar, que tenha um bocado de esperteza.

Natural de uma aldeia da Beira, foi muito novo para o Brazil para labutar na vida commercial. Esta aborreceu-o e elle fez-se actor, estreiando-se no theatro de S. João da Bahia, sob a direcção de outro actor, tambem de appellido Lisboa.

A prova de que fez carreira foi confiarem-lhe muito importantes papeis no *D. João Tenorio*, *Roberto o Diabo*, *Phantasma branco* e em muitas outras peças.

Da Bahia passou para Pernambuco como primeiro *galan* de outra companhia. Foi depois ao Rio Grande com Germano d'Oliveira e voltou a Pernambuco com Furtado Coelho, fazendo importantes papeis na *Dalila*, *Mulheres de Marmore*, *Omphalia*, etc.

Em 1868 voltou ao Rio Grande do Sul, onde se demorou oito annos, sendo emprezario durante tres. Chegando ao Rio de Janeiro, foi contractado por Guilherme da Silveira para o theatro de S. Pedro d'Alcantara e ahi agradou bastante, conservando-se n'essa empreza tres annos.

Voltou depois a Pernambuco, representando na empreza Coimbra até que, ao fim de 30 annos, deixou o palco.

Veiu a Portugal n'uma das viajens de regresso de Antonio Pedro, que muito o estimava. Logo que chegou foi visitar a sua aldeia, deu poucos espectaculos em Lisboa e voltou ao Brazil, para alli morrer em breve.

Sobre o seu merito real obtive sempre informações contradictorias; havia quem muito o apreciasse e quem o julgasse sem valor. Parece que o maior numero de sympathias que obteve do publico foi em Pernambuco e depois no Rio Grande do Sul. A maioria da gente no Rio de Janeiro nem d'elle se lembra.

Catharina Talassi

Foi actriz afamada dos seus tempos, principalmente no Porto, **Catharina Talassi**, mãe da actriz Carlota Talassi, de quem fallei na data do seu nascimento, a 20 de setembro.

Catharina Talassi representou no velho theatro da Rua dos Condes, de Lisboa, além de outros papeis, o de *Joanna do Taco* no *Auto de Gil Vicente* de Garrett. Tambem já encontrei noticia de ter esta artista feito parte de uma companhia que funccionou n'um theatro a Buenos Ayres.

Catharina Talassi era filha do poeta Angelo Talassi, que veiu para Portugal ao serviço da rainha D. Maria I.

Antes de estar na Rua dos Condes, fez parte, em 1835, da companhia do Salitre, a que pertenciam tambem: Barbara (velha), Ludovina, Ignacio, Victorino, Bernardo Victor de Mendonça, Arsejas, Theodorico Junior, Gil (pae), etc.

MARIANNA TORRES

Não é possivel hoje obter informações exactas d'esta actriz, que fez epocha nos theatros de Lisboa.

Em 1812 representou com grande suc-

cesso no theatro do Salitre, no drama *Catharina 2.ª imperatriz da Russia*. Em 1815 ainda estava no mesmo theatro.

Adrien Balbi, fallando de **Marianna Torres** no seu *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal*, diz d'ella:

«É a primeira actriz portugueza, sobre«saindo muito nos papeis de paixão e na «tragedia.»

Alarcon

O celebre poeta dramatico hespanhol, **João Ruiz de Alarcon y Mendoza**, nasceu em Tasco, no Mexico, e morreu em 1639.

É quasi desconhecida a sua vida. Veiu para a Europa em 1622. Foi protegido pelo Duque de Medina de las Torres, a quem dedicou as suas obras.

Escreveu grande numero de peças em varios generos. **Alarcon** é superior a todos os poetas hespanhoes pela correcção do estylo e a poucos é inferior na originalidade dos pensamentos e na aptidão para enredar uma acção e desenvolvel-a.

Alarcon foi comparado a Terencio pela elegancia da phrase e pelas intenções moraes das suas peças.

É curioso transcrever os termos de despreso com que, no prefacio das suas obras, **Alarcon** se dirigia ao publico:

«É a ti que me dirijo, besta selvagem... «Procede com estas comedias como costu«mas; não como é justo, mas como te «apraz; ellas olham-te com desprezo e sem «receio. As que correram o perigo dos teus «assobios, podem agora arrostar com os «cantos para onde as atirares. Alegrar-me«hei que te desagradem, porque adquirirei «a certeza de que são boas. E o que me «vingará da convicção de que não prestam «é o dinheiro que te hão de custar.»

As principaes obras dramaticas de **Alarcon** são as comedias de costumes: *La verdad sospechosa*, *Tejedor de Segovia* e *El examen de maridos* e as peças tragicas: *La crueldad y el honor*, *El Dueño de las estrellas* e *Lo que mucho vale mucho cuesta*.

Conde de Monsaraz

Antes de ser titular era conhecido, e bem conhecido pelo seu formoso talento de poeta brilhante, por **Antonio de Macedo Papança.**

Nasceu em Reguengos, no Alemtejo, creio que no anno de 1854. Entrou para a Universidade de Coimbra aos 17 annos e lá se formou em direito. N'esse tempo publicou um livro de deliciosos versos com o titulo de *Crepusculares*, que teve successo litterario.

Outro livro seu de ruidoso exito foi o poema *Catharina d'Athayde*.

O **Conde de Monsaraz, Dr. Macedo Papança**, que é um distinctissimo poeta, traduziu brilhantemente para o theatro de D. Maria a peça em verso de Armand Silvestre, *Griselidis*, uma joia litteraria, que diversas causas fizeram cair perante o nosso publico.

É do **Conde de Monsaraz**, em collaboração com Jayme Victor, a traducção, egualmente em verso, do notavel drama de François Coppée, *Severo Torelli*, que teve bella execução no theatro de D. Maria. Tambem é sua a traducção do *Amigo Fritz*.

É realmente pena que o **Conde de Monsaraz** nos dê tão poucas occasiões de admirar o seu esplendido talento de poeta primoroso.

Belligrandi

Nasceu em Genova, na Italia, **Rozina Belligrandi.**

As informações que tenho dizem-me que ella foi para o Rio de Janeiro como bailarina de uma companhia lyrica e que o Heller a contractou para o seu theatro em 1881. Aqui ha por força engano. De 1881 a 1884 estive eu no Rio de Janeiro e nunca a vi em qualquer theatro.

Creio recordar-me bem de que foi em 1886 que **Belligrandi** chegou ao Rio de Janeiro com a companhia da Naghel, que ia do Norte. Desmanchando se ahi esta companhia, ficou ella no Rio. Não sei se esteve contractada como actriz do Heller. Quan-

do, depois de uma viajem ao Sul, regressei ao Rio de Janeiro, em principios de 1888, estava a **Belligrandi** no theatro Recreio Dramatico, empreza Dias Braga, por signal representando na peça de Jacobetty, *A Grande Avenida,* havendo todas as noites grande enchente e grande enthusiasmo entre os partidarios da **Belligrandi** e da Delorme.

Conservou-se por muitos annos n'aquelle theatro, onde quasi era considerada emprezaria e alli representou um grande repertorio de operetas, magicas, revistas e até opera. Lembro-me de a ouvir na *Cavallaria rusticana* sem fazer muito má figura.

Em 1897 foi representar ao norte do Brazil, partindo mais tarde para Italia, onde se aperfeiçoou por algum tempo na arte de canto, seguindo depois para Buenos Ayres com uma companhia lyrica.

Ultimamente estava em Assumpção, no Paraguay, sendo muito festejada, e pensava em voltar ao Brazil.

Rosina Belligrandi dispõe de recursos vocaes, que deve aproveitar de preferencia a trabalhar em idioma que desconhece e n'um genero para que lhe faltam muitos dotes e aptidões.

Maria Gonzalez

Era antes **Maria Gonçalves.** Nasceu em Elvas e por isso é portugueza. Indo para Hespanha, alli se fez actriz hespanhola, mas hespanhola a valer, com toda a graça, desenvoltura e *salero* de uma filha da Andaluzia.

Da zarzuela *chica* é inquestionavelmente **Maria Gonzalez** uma das primeiras estrellas.

Já por mais de uma vez tem vindo a Lisboa e sempre festejadissima.

Francisco Fernandes

Foi conhecidissimo em todo o Portugal e ilhas adjacentes e depois no Brazil este

Francisco Fernandes, de quem hoje já poucos se lembram e nenhuns fallam.

Parece que começou por bailarino, passando depois a máu actor e em seguida a emprezario ambulante. Esteve n'uma sociedade de artistas no theatro da Floresta Egypcia, na rua da Escóla Polytechnica, que d'antes se chamava rua do Collegio dos Nobres, e mais tarde andou como emprezario pelas nossas provincias e ilhas, sendo o primeiro que montou uma magica para ser representada em qualquer terra onde a companhia chegasse. A magica era arranjada pelo Joaquim Augusto d'Oliveira de outros seus trabalhos no genero e creio que se chamava *O Reino das joias.* Além da magica, havia no repertorio do **Fernandes** o *Santo Antonio* do Braz Martins e outras peças importantes.

Uma das terras que o **Francisco Fernandes** explorava de preferencia era a Praia da Nazareth, no tempo das festas.

Um bello dia resolveu-se elle a deitar vôo mais largo e foi até ao Brazil. De emprezario passou a aderecista e machinista dos theatros, fazendo principalmente bom negocio em armar os carros alegoricos para as sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro.

Quando pela primeira vez alli fui, encontrei o bom do **Fernandes** como machinista e aderecista do theatro de Furtado Coelho. Logo pouco depois morreu.

Deixou um filho, Anisio Fernandes, que não tem menos valor do que o pae e que é bastante estimado nos theatros.

Do irmão de **Francisco Fernandes,** o conhecido bilheteiro do theatro Lucinda, José Miguel Fernandes, já fallei n'este livro.

Caballero

É um dos mais estimados compositores de zarzuela na actualidade **Manuel Fernandez Caballero.**

Entre muitas outras obras festejadissimas, tem as duas tão notaveis no genero *Chateau Margaux* e *Duo da Africana.*

Carancini

Nasceu em Roma, em 1853, o distincto scenographo **Gaetano Carancini.** Trabalhou em Italia na companhia Tomba, desligando-se d'ella em 1884, epocha em que partiu para o Rio de Janeiro.

A primeira peça para que alli pintou foi a magica de Primo da Costa, *O Genio do Fogo*, que se representou no Polytheama. Foi por essa occasião muito festejado pelo publico e pela imprensa.

Durante alguns annos trabalhou depois exclusivamente para a empreza Heller, pintando a *Befana, Corça dos bosques, Princeza Flor de Maio, Amor molhado* e outras peças trabalhosas, sendo sempre muito applaudido.

Começou depois trabalhando para todas as emprezas e todos os theatros do Rio, que de preferencia o procuravam e procuram e tem sido sempre felicissimo nos seus trabalhos, especialmente quando se trata de scenas phantasticas.

M. A. Gaspar

É um artista de muito valor, que para Lisboa veiu do Porto como mestre da banda de infanteria n.º 5.

Tomou mais tarde o logar de mestre da banda da Guarda Municipal, que é a melhor que possuimos e é mesmo superior a muitas estrangeiras.

Manuel Augusto Gaspar tem composições suas de bastante merito e é um habilissimo instrumentador. Quasi todo o repertorio da banda da Guarda é instrumentado por elle, tirando magnificos effeitos de peças de pouco valor.

Gaspar occupa ha muito tempo e com muita distincção o logar de trompa no theatro de S. Carlos e tem dirigido com o maximo louvor o sexttetto do theatro de D. Maria.

Annualmente realisa a sua festa artistica, em que o publico lhe manifesta quanto o estima.

Ferreira de Sousa

Nasceu na ilha do Fayal **Francisco Ferreira de Sousa.** Partiu para o Rio de Janeiro aos 11 annos de edade, dedicando-se á vida commercial.

Principiou a representar como amador, indo mais tarde como actor com uma *troupe* para as provincias do Sul.

De regresso ao Rio de Janeiro, contractou-se com Guilherme da Silveira no theatro de S. Pedro d'Alcantara, onde se estreiou na *Volta ao mundo em 80 dias*. Seguiu depois com a mesma companhia ainda para o Sul.

Quando voltou ao Rio, entrou para a companhia de Furtado Coelho, que inaugurava o theatro Lucinda, fazendo elle um *galan* comico na comedia *Casamento de Olympia*.

Quando terminou a empreza de Furtado, voltou **Ferreira** para a companhia de Guilherme da Silveira, que então funccionava no theatro Recreio Dramatico.

Depois de mais algumas excursões ao Norte e Sul, contractou-se com Dias Braga, estando n'essa empreza durante nove annos. Acompanhou-o ainda ao Norte, e, na volta ao Rio de Janeiro, fez-se emprezario no theatro de Sant'Anna.

Em companhias dramaticas é **Ferreira de Sousa**, no Rio de Janeiro, dos actores mais uteis. Faz centros comicos ou dramaticos, galans, tyrannos, criados... tudo quanto é preciso. É portanto uma boa utilidade.

Santos Junior

O conhecido emprezario **Antonio Manuel dos Santos Junior** sabe do seu officio.

Depois de abandonar diversas carreiras, entre ellas a de jornalista, foi secretario da empreza Dias no antigo Circo Price e nos Recreios Whittoyne. N'esta casa tornou-se saliente nas assembléas geraes, em que elle tudo revolucionava.

Fez-se depois emprezario, ou só ou acompanhado, mas sendo elle quem tudo dirige.

Ninguem lhe póde negar um fino tacto administrativo e um *savoir faire* admiravel na gerencia das suas emprezas.

De qualquer parte insignificante dos espectaculos que prepara elle tira um partido enorme, que se traduz em bellas receitas.

Santos Junior tem a suprema direcção dos Circos de Lisboa e ninguem pense em desthronal-o, porque seria difficil a tarefa.

Sabe do seu officio, repito, como ninguem. É trabalhador, activo, emprehendedor, intelligente e, principalmente o que a sua profissão exige, esperto e conhecedor do publico para quem trabalha.

N'este livro da especialidade cumpre-me dizer que **Santos Junior** tambem é auctor dramatico, pois escreveu entre outras peças, a comedia *O pagem do Baile de mascaras,* o drama historico *Miguel de Vasconcellos* e a magica *O Castello da Rocha Negra.*

Adelaide Coutinho

Filha da actriz Dorothéa, nasceu em Lisboa, e muito nova, ainda creança, appareceu fazendo pequenos papeis no theatro do Principe Real.

Casou depois com o filho do actor Simões, o distincto professor de musica e eximio violinista, José Simões, de quem está separada ha alguns annos.

Foi para o Rio de Janeiro contractada pela companhia de Simões e Paladini, estreiando-se no theatro de S. Pedro d'Alcantara, em 1880, na comedia de Sardou *Dora* e fazendo depois mais alguns pequenos papeis. Em seguida retirou-se da scena, onde só reappareceu em 1889, no mesmo theatro de S. Pedro, n'uma companhia de Emilia Adelaide, fazendo uma das *ingenuas* do drama *Joanna Fortier.*

Passou mais tarde para o theatro Recreio Dramatico, empreza Dias Braga, tendo feito progressos e sendo uma actriz util no genero dramatico.

Guevara

Foi um notavel auctor dramatico **Luis Velez de Guevara**, que nasceu em Ecija, na Andaluzia, no anno de 1570 e morreu em Madrid em 1644.

Foi um dos escriptores mais populares e mais fecundos do seu tempo.

Entre as suas quatrocentas peças, que se julga ter escripto, sobresaem as seguintes: *Mas pesa el Rey que la sangre, La Luna de la sierra, El Ollero de Ocaña, Reinar despues de morir* (que teve por assumpto a morte de Ignez de Castro), *Los tres mayores portentos, La Corte de Satanás* e *El pleito del diablo con el cura de Madrilejos.*

Luiza Leonardo

Já me referi a esta artista na data de 7 de outubro, notando-a como eximia pianista e lamentando que trocasse a sua brilhante carreira pela de actriz modesta.

Acabo de receber novas informações, creio que partindo de pessoa suspeita, que lhe chama a primeira actriz brazileira. Que lhe perdoem Ismenia, Apollonia, Rosa Villiot e tantas outras.

Convenço-me de que terá feito progressos pelo estudo e persistente trabalho na interpretação dos principaes personagens de varias peças modernas, mas convenço-me tambem de que está longe de occupar o primeiro logar na scena brazileira.

Luiza Leonardo é natural do Rio de Janeiro, onde fez os seus primeiros estudos musicaes sob a direcção de Izidoro Bevilacqua.

A expensas do imperador D. Pedro II foi estudar no Conservatorio de Paris, onde obteve o primeiro premio de piano.

Deu alli brilhantes concertos em que foi muito elogiada por verdadeiras notabilidades.

Na sua passagem por Lisboa deu o concerto, a que já me referi na data acima mencionada. Foi festejadissima.

Ao chegar ao Rio de Janeiro foi classificada primeira pianista brazileira.

Compôz diversas musicas, que foram editadas pela casa Narciso & Arthur Napoleão.

Dedicou-se depois ao theatro, onde a principio a vi com grande carencia de dotes. Não conheço os seus ultimos progressos, mas é de estranhar que trabalhe quasi sempre fóra do Rio e com companhia modesta.

Florinda Toledo

Segundo a tradição, foi uma muito notavel actriz.

Em 1831 fazia parte da companhia do Salitre, e ainda alli estava em 1833 ao lado da velha Barbara, da Ludovina, da Catharina Talassi e outras.

Em 1835 fazia parte da companhia do theatro da Rua dos Condes com a Carlota Talassi, Josepha Mesquita, Maria Mesquita e mais algumas.

Representou ainda com Theodorico, Epiphanio, Matta, Dias, Lisboa e outros actores notaveis.

Foi com a actriz **Florinda Benevuto Toledo** que se deram varias scenas provocadas pelo padre José Agostinho de Macedo.

Este padre furibundo e insolente, além de descompôr bestialmente os auctores que o publico preferia, tratava os artistas como se fossem gallegos.

Florinda Toledo por mais de uma vez lhe respondeu asperamente e o fez entrar na ordem, obrigando-o a engulir as expressões indecentes que deante d'ella proferia.

Um dos ultimos papeis que fez **Florinda Toledo** foi o de *Thereza* no *Gaiato de Lisboa*.

Como de outros muitos, perderam-se desenvolvidos apontamentos sobre esta distincta actriz, que muito brilhou no começo do seculo actual.

Maria Augusta

Nasceu em Lisboa. Em 1880 entrou como corista e discipula para o theatro do Principe Real. Comprou á empreza um beneficio e, n'essa noite, ao terminar o segundo acto do espectaculo, procurou-me para me dizer que tinha estudado uma poesia, que pedia licença para recitar. Respondi-lhe que essa parte não estava annunciada e nem a julgava nos casos de tal poder fazer. Instou commigo, lavada em lagrimas, accusando-me de lhe querer cortar a carreira. Teimei em lhe não consentir o atrevimento, que poderia custar-lhe caro. Sabem o que ella fez? Nem o podem imaginar. Sahiu do palco, foi para um camarote de 1.ª ordem, e, quando a orchestra acabou de tocar o *entreacto*, levantou-se e dirigiu-se ao publico n'estes termos:

— Meus senhores, estudei uma poesia para recitar na noite do meu beneficio, que é hoje. A empreza não me quer consentir que o faça no palco, e por isso a recito d'aqui!

E effectivamente lá despejou o sacco, dizendo o peior que podia uma poesia, que pouco mais valia do que a recitadora.

A auctoridade que presidia ao espectaculo ficou embuchada como se tivesse engulido um marmello cru e embuchada se deixou ficar. A **Maria Augusta** foi despedida n'essa noite do theatro a bem da disciplina, mas a sua audacia merecia antes um premio.

Entrou depois para a Rua dos Condes, fazendo um papelinho na peça phantastica *O Espelho da Verdade*.

Em 1884 foi para o Porto, trabalhando no theatro do Principe Real d'aquella cidade, e, no anno seguinte, contractada pela Manzoni, foi para o Rio de Janeiro, estreiando-se no theatro Phenix Dramatica, na opereta *A Filha da sr.ª Angot*.

Lá está ainda no Brazil, tendo pertencido a diversas companhias e representando drama, comedia, vaudeville, opereta magica e revista! Tanto faz ingenuas como caracteristicas! Pelo começo da carreira já todos sabem que tem atrevimento para mais. O que é verdade, é que hoje está uma actriz util nos theatros do Brazil.

É boa rapariga, ao ponto de lhe passar de todo a zanga que teve commigo no theatro do Principe Real de Lisboa.

Quando estive gravemente enfermo no Pará, em 1895, chegou alli uma companhia em que ella ia contractada. Foi das primeiras a visitar-me, tratando-me com todo o affecto de amiga velha. Não guarda rancores, é por força boa.

Emilio Lami

Deve ter hoje approximadamente 64 annos o illustre professor e eximio pianista.

Começou a estudar com seu pae aos 4 annos de edade e a exercer o professorado aos 14. É professor, pois, ha 50 annos e dia a dia augmentando a sua reputação.

Um dos seus grandes dotes, tão raro entre os pianistas, é o de magnifico acompanhador. N'esta qualidade tem figurado innumeras vezes em todos os principaes concertos de Lisboa.

No tempo de Valdez foi contractado para acompanhador dos ensaios a piano no theatro de S. Carlos, sendo depois elevado á cathegoria de maestro ensaiador. Foi o *Propheta* a primeira opera que ensaiou e com um exito brilhante. Mostrou depois ainda o seu valor na fórma por que apresentou a *Traviata, Attila, Aroldo, Huguenottes, Dinorah,* etc.

Emilio Lami é auctor de um grande numero de composições sacras, arias, valsas, romanzas, marchas, phantasias, aberturas e peças concertantes de muito valor, que sommam ao todo perto de 400!

Julio Nadal

Este engraçadissimo actor hespanhol é natural de Valencia, onde começou a sua carreira de theatro, aos 15 annos de edade.

Em Lisboa, Corunha, Cordova, Malaga e em muitas outras terras de Hespanha o seu nome é popularissimo.

Além de ter uma graça inexcedivel e muito sua, é modesto, talentoso e infatigavel no trabalho.

Na companhia do emprezario Ortiz visita todos os annos o theatro D. Amelia de Lisboa e é aqui sempre esperado com anciedade e recebido com alvoroço.

Ainda não quiz ir representar a Madrid onde teria um triumpho certo.

A Lisboa difficilmente virá dar-nos o repertorio *chico* outro actor comico que tanto agrade como o sympathico e incansavel **Julio Nadal.**

José Maria do Carmo

Era um musico, talvez de pouco valor, conforme affirmam os da especialidade, mas que teve muita voga e trabalhava rapidamente.

Não tenho pormenores da sua vida e das suas obras. Sei que em 1850 esteve contractado no theatro de D. Fernando e que em 1854 escreveu musica para as comedias *Granja feliz, As Litteratas ou a reforma das saias* e *Bloqueio de Sebastopol.*

Ainda por alguns annos, até á hora da sua morte, trabalhou bastante para os theatros da Rua dos Condes e Variedades.

Silvas de Evora

Eram quatro irmãos, o Joaquim, o José, o Manuel e o Antonio. Tinham quatro dos nomes mais vulgares de Portugal; faltava mais um para ser o João.

Joaquim Maria da Silva, o mais velho, estudou na terra da sua naturalidade, fazendo alguns exames no lyceu de Evora. Alli foi por algum tempo escrevente de tabellião e depois seguiu para diversas terras como ponto da companhia dos irmãos, da companhia do Soares e, n'uma epocha, do theatro das Variedades de Lisboa. Conservou-se solteiro. Está actualmente empregado n'uma fabrica ingleza no Porto.

José Joaquim da Silva, outro que foi conhecido pelo **Silva pencudo**, fez parte de diversas companhias nos theatros do Principe Real e Rua dos Condes, de Lisboa, e n'outros do Porto. Foi auctor e traductor de bastantes peças de merecimento e o ensaiador da companhia dos **irmaos Silvas.** Começou estudando para padre, chegando a ter ordens menores. É actualmente mestre de meninos em Montemór-o-Novo. É casado com

Julia da Conceição da Silva, que tambem

fez parte da companhia dos **Silvas** como *dama-galan* e era uma boa e intelligente actriz.

Manuel Ricardo da Silva era o director da companhia, respeitado por todos pelo seu caracter e bom actor dramatico. Morreu no Porto, na rua de Santo Ildefonso, logo depois do incendio do theatro Baquet, com 44 annos de edade. Morreu arruinado pela syphilis. Era sogro do actor Gomes. Foi casado com

Adelaide Silva, que actualmente vive em Evora, e tambem fez parte da companhia. Tinha bonita voz, mas nenhuma disposição para a scena.

Antonio José da Silva, o mais novo de todos os irmãos, fez tambem parte da companhia, depois de ter sido alfayate em Evora. Quando a *troupe* terminou, foi para o Cartaxo como alfayate e depois para Evora, onde ha pouco morreu, arruinado pelo excesso de bebidas alcoolicas. Este tambem era casado com

Anna da Conceição, que fez egualmente parte da companhia, sem ter voz, nem geito, nem coisa alguma que a recommendasse.

Gualdino Gomes

Apezar de ter apparecido uma unica vez no theatro, como collaborador de Marcellino Mesquita na revista *A Tourada*, que se representou no theatro da Avenida, é bastante conhecido no mundo theatral por ser dos mais salientes manifestantes contra grande numero de originaes que se representavam no theatro normal. No café Martinho, á porta da Monaco, ou no *gallinheiro* de D. Maria é sempre elle o chefe da verrina. Poucas producções, pouco trabalho, pouca prudencia. . mas muito *má lingua.*

Guerra Junqueiro

É bacharel formado em direito; foi secretario geral, apparecendo raras vezes nos governos civis; foi deputado quasi sem ir á camara. O que elle foi sempre, é e não póde deixar de ser emquanto existir a lingua portugueza, é um grande poeta, conforme o attestam os seus livros brilhantissimos: *Velhice do Padre Eterno, Morte de D. João, Patria, Simples, Musa em férias* e *Crime.*

N'estes apontamentos para a historia do theatro portuguez tem elle tambem logar pela sua collaboração com Guilherme de Azevedo na revista *Viagem á roda da Parvonia*, estrondosamente pateada no theatro do Gymnasio, prohibida pela auctoridade, mas impressa e com successo de leitura.

Augusto Fábregas

Jornalista brazileiro, muito devotado ao theatro. O ultimo jornal em que escreveu foi o *Paiz* do Rio de Janeiro. Creio que o seu primeiro trabalho para a scena foi uma revista que se representou na Phenix com pouco agrado. Do romance de Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*, extrahiu um drama que fez grande successo no Rio de Janeiro e S. Paulo. Escreveu tambem um aproposito *Consequencias da Gran-Via*, a canção *Fandanguassú*, o grande exito do actor Leonardo, e os monologos *Festa no céo, Jogo dos bichos, Mãe Joanna* e *Quando a desgraça penetra...*

Morreu muito novo, mas a sua morte não foi surpreza, pelo seu mau estado de saude.

Ramalho Ortigão

Deixando aqui o retrato e o nome do eminente escriptor, um dos mais notaveis de Portugal na actualidade, não posso infelizmente apresental-o como escriptor dramatico, mas sim como traductor elegante e correctissimo de algumas peças representadas no theatro de D. Maria.

Os artistas dramaticos, que o respeitam como litterato illustre, não pódem ter por elle a sympathia que desejavam, em vista dos artigos que publicou, deprimindo a classe, a proposito da vinda a Portugal de companhias estrangeiras. Por essa occasião respondeu-lhe brilhantemente o illustrado actor Augusto de Mello.

Fialho d'Almeida

Este notavel escriptor tambem apenas appareceu uma vez no theatro, com a traducção do drama em 3 actos, de Legendre, *João Darlot,* que se representou na Trindade.

Este sim, que tem uma longa bagagem litteraria de alto valor, e por isso, porque trabalha, porque produz, tem mais direito a censurar o trabalho alheio. Pena é que por vezes desça da alta posição que occupa nas lettras para se nivelar com os *más linguas* dos cafés e tabacarias em artigos, embora artisticos, abaixo da sua penna pelas expressões pouco limpas e pouco correctas.

É tambem *habitué* do Martinho, da Monaco e não sei se de mais algum centro de *má lingua*, mas, como disse acima, tem mais direito a censurar o trabalho alheio, porque produz trabalho seu para a critica.

Maria Carolina Pereira

Filha do fallecido professor João Felix Pereira, entrou para o theatro a fim de procurar os meios de subsistencia quando teve de sahir de casa por questões de familia. A recita da sua estreia no theatro de D. Maria foi escandalosa, porque seu pae se oppunha á sua entrada para a scena e foi elle quem principalmente promoveu o escandalo. Quando sahiu do theatro de D. Maria, **Maria Carolina** foi para o dos Recreios e depois para o Gymnasio. Por morte de seu pae, entrando na posse da fortuna que lhe pertencia, abandonou a scena e casou com o distincto *sportman* e mestre de equitação Gagliardi.

Maria Carolina, muito formosa e sympathica, elegante, vestindo perfeitamente, intelligente e illustrada, tendo apenas um pequenino defeito de pronuncia, que lhe dava até certa graça, era utilissima nos nossos theatros de comedia. Pena foi que tão pouco estimasse a arte, que tão desprendidamente abandonou.

Arrigo Boito

Compositor, poeta e critico musical, deve ter hoje 58 annos d'edade. Estudou no Conservatorio de Milão desde 1853 a 1862.

Logo depois de deixar os estudos, tornou-se notavel pelos seus artigos de critica musical e pelos seus admiraveis versos.

A sua estreia como compositor dramatico foi com o seu primeiro *Mephistopheles*, que, no mez de março de 1868, teve no theatro Scala de Milão uma quéda estrondosa. Tinha escripto o poema e a musica da sua opera, reproduzindo exactamente, na fórma lyrica, o seguimento do *Fausto,* de Gœthe, sem se dar ao trabalho de attenuar certos episodios, que poderiam parecer audaciosos aos espectadores italianos. Desde a sua apparição a obra foi discutida na imprensa e no publico com ardor notavel e a segunda representação deu logar a uma tempestade indiscriptivel.

A notabilissima opera *Mephistopheles,* se cahiu tão desastradamente em Milão, em 1868, levantou-se em Bolonha em 1875, alcançando um successo ruidoso. No ponto de vista das idéas musicaes, é Bolonha a cidade mais avançada da Italia. Ella fez ao illustre compositor um acolhimento enthusiastico. Verdade é que **Boito** tinha completamente reformado a sua obra, hoje acclamada no mundo inteiro.

Um critico bem notavel escreveu: «*Mephistopheles* é uma obra de primeira ordem. Se **Boito** é inferior a Gounod na melodia, é-lhe infinitamente superior na interpretação do drama de Gœthe pela grandeza e elevação do estylo. **Boito** é um grande musico, e a sua musica em nada se parece com a de outro qualquer.»

Depois da queda do *Mephistopheles* em Milão, **Boito** escreveu o poema e a musica de uma pequena opera em 2 actos, *Ero e Leandro,* que nunca foi cantada. Actualmente, e ha já muito tempo, trabalha n'um grande drama lyrico, que terá por titulo *Nero.*

Arrigo Boito é um notabilissimo *librettista,* tendo fornecido a Ponchielli, em 1876, com o pseudonymo **Tobia Gorrio** o magnifico *libretto* da *Gioconda* e ao illustre Verdi, em 1867, o do *Othello* e em 1893 o do *Falstaff.*

Mucio Teixeira

É um distincto poeta brazileiro, que ultimamente vejo afastado das lettras.

Tem publicado livros de bastante valor, entre elles os seguintes de versos: *Vozes tremulas, Violetas, Sombras e clarões, Ondas e nuvens* e *Novos ideaes;* os poemas: *O inferno politico, Cerebro e coração* e *Fausto e Margarida,* e o livro de *Contos em cantos.*

Para o theatro escreveu a comedia em 3 actos *O sobrinho pelo tio* e os dramas: *A flor de um dia* (em verso), *O filho do banqueiro, O Farrapo* e *Uma paixão.*

ALPHABETICAMENTE

Pequenas notas de alguns artistas
e escriptores dramaticos portuguezes e brazileiros,
ainda não mencionados n'este livro

ALPHABETICAMENTE

ABREU.— Era conhecido pelo **Abreu do Gymnasio**, porque n'este theatro esteve durante bastantes annos.

Era um actor esguio e sombrio, no qual o ensaiador Romão fez muitas vezes assentar bem papeis centraes e de tyrannos.

Na ultima epocha da sua vida ainda trabalhou no theatro da Rua dos Condes. Lembro-me de vêl-o na *Restauração de Portugal,* ao lado do Bernardo Victor de Mendonça.

ACCACIA REIS.—Está no começo da carreira. Faz parte da companhia Taveira, do Porto. Não é desastrada.

ADELAIDE GUERREIRO.— Filha de um antigo actor Guerreiro, do theatro das Variedades. Tendo ido com o pae para o Brazil, lá ficou, entrando como corista no theatro Phenix e depois actriz em diversos theatros. Pouco vale.

ADELAIDE MAXIMA.— Foi actriz de theatros particulares e de provincia. Tendo ido com uma companhia ao Algarve, lá se deixou ficar, abandonando a scena, que nada sentiu com isso.

ADELAIDE PEREIRA.— Começou em Lisboa, no Gymnasio, indo logo depois para o Brazil. Vi-a no Rio de Janeiro, fazendo boa figura na companhia de Furtado Coelho. Tambem eu depois tive contractada esta actriz util e excellente rapariga. Ha já annos que deixou a scena, tendo casado com o conhecido e estimado negociante do Rio de Janeiro, A. Mont'Alverne.

ALFREDO MAGNO.—Foi sempre um doente. Começou a sua carreira no Brazil. Veiu depois a Lisboa, onde esteve nos theatros do Principe Real e Rua dos Condes. Regressou ao Brazil bastante mal e em breve morreu. Não era destituido de merito.

ALVARO CABRAL.— Era empregado na casa de commissões para os caminhos de

ferro do sr. Salazar. Dava-se muito com actores e, logo que se desempregou, aproveitando o ensejo, entrou para o theatro. Fui eu que lhe dei os primeiros papeis e o ensaiei na revista *Fim de Seculo*, no theatro da Rua dos Condes. Pareceu-me que nada faria como actor. Verdade, verdade, tendo entrado para a empreza Rosas e Brazão, no theatro de D. Maria, e fazendo parte de algumas *tournées* artisticas pelas provincias, durante os mezes de verão, se não tem feito enormes progressos, tem chegado ainda assim aonde eu nunca suppuz. Hoje está uma utilidade no theatro, fazendo parte ainda da companhia Rosas e Brazão, no D. Amelia.

Para os actores Joaquim Silva e Venancio escreveu **Alvaro Cabral** uns monologos engraçados. Cá fóra, na bohemia que tanto aprecia, tem ditos devéras espirituosos.

ALVES CRESPO.—É um medico illustre, que exerce a clinica na Ericeira. Escreveu em 1885 a comedia em verso *Um jogo de cartas*, que muito agradou. Parece que tem ineditas outras peças.

AMARAL (Humberto).—Era um curioso apreciavel, que se resolveu a entrar para o theatro. Começou, mostrando habilidade, nos theatros da Alegria, Rato e Alcantara. Fez uma epocha de verão no Principe Real e entrou depois para a Rua dos Condes, empreza do actor Valle. Vae agora para a Trindade. Tem aptidões e promette fazer carreira.

AMELIA ALVARENGA.—Foi para o Brazil na companhia de Emilia Adelaide. Casou alli com o actor Mauro Bellido, de quem é viuva. Tinha utilidade na comedia, mas uma doença de garganta a obrigou a deixar a scena ha já annos.

AMELIA MENEZES.—Foi casada com o actor Menezes, de quem se separou no Porto, vivendo depois alli com o ensaiador Moutinho de Sousa. Era actriz de muito pouco valor.

Ha já annos que falleceu.

AMELIA PEREIRA.—Não tive ainda occasião de ver trabalhar esta companheira do actor Setta da Silva. Representou em Lisboa, na companhia de Lucinda Simões e depois n'uma sociedade artistica que funccionou em 1897 no Real Colyseu. Foi já ao Rio de Janeiro e está actualmente contractada no theatro Carlos Alberto, do Porto. Affiançam-me que tem dotes para fazer carreira.

AMELIA PESTANA.—É casada com o actor Pestana Nasceu em Arrayolos. Estreiou-se no theatro do Principe Real, do Porto, no papel de ingenua do drama *Victimas e algozes*. Em 1893 foi para o Rio de Janeiro, onde já estava o marido e ahi se estreiou no theatro Phenix Dramatica no drama sacro *Rainha Santa Izabel*. Continúa no Brazil. É artista de poucos recursos.

AMELIA SIMÕES.—Filha do actor Simões e irmã de Lucinda Simões. Era muito galante no palco e tinha talento. Foi casada com o emprezario e ensaiador Moutinho de Sousa, de quem se separou. Deixou ha muito tempo o theatro e reside no Rio de Janeiro.

AMOEDO.—Foi actor de grande nomeada no Brazil; ainda o conheci na companhia de Furtado Coelho, mas já na decadencia. Fôra em tempos o primeiro *galan* do Rio de Janeiro. Deixou um filho, que é um distincto pintor.

ANDRÉ.—Actor brazileiro. Foi por muito tempo uma utilidade na companhia do Heller. Era feio como a noite feia. No theatro fazia todos os papeis que os outros artistas não queriam e substituia todos os actores que adoeciam ou sahiam da companhia, e até as actrizes! Vi-o uma vez substituir a Rosa Villiot no principe d'uma magica! Pobre André! estava sempre por tudo que a empreza queria!... Era tambem um bom copista.

ANISIO FERNANDES.—Filho do Francisco Fernandes. Bom machinista de theatro e melhor aderecista. Quando quér, sabe

trabalhar e livrar uma empreza de difficuldades. É muito querido nos theatros do Rio de Janeiro.

ANNA ALBUQUERQUE.— E' litterata. Collabora em jornaes e almanachs. Estreiou-se como actriz no theatro de D. Maria II, não fazendo má figura, porque é intelligente, formosa e tem boa apresentação. Retirou-se da scena para casar com D. Luiz da Camara Leme, companheiro que fôra de Emilia das Neves. É mau acostumar o corpo a actrizes.

ANNA FORTES.—É casada com o corista Fortes, de quem vive separada. Fez-se ella tambem corista e depois actriz de theatros secundarios e de companhias de provincia. Serve para os logares que tem occupado.

ANNA DE MELLO.— Mais nariz do que devia ter. Foi corista na Trindade no tempo do bello grupo e ahi a protegeu o actor Ribeiro. Passou depois para o Principe Real como actriz e com diversas protecções, sendo a principal a do actor Julio Vieira, que a deixou para ir morrer ao Brazil. Sahiu então do theatro, mas parece que esta epocha para lá volta. A arte pouco tem a ganhar com a sua reentrada.

ANNIBAL PINHEIRO.— É dos novos. Tem já pertencido a diversas companhias, fazendo mais ou menos, conforme a cathegoria d'ellas. Está agora escripturado no theatro da Avenida. Da alluvião de novos que ultimamente invadiram os theatros, quasi todos inuteis, é dos melhores. Tem figura, boa apresentação e merece ser ensinado.

ANTONIA MACEDO.— Era casada com o actor Macedo e com elle começou em tempos a sua carreira de actriz, acompanhando-o principalmente nas provincias, ilhas e Brazil. Segundo informações diversas, pouco valia.

ANTONIO ALMEIDA.— É filho adoptivo do actor Joaquim d'Almeida. Este bem o protegeu e chegou a impôr ás emprezas para o fazer seguir a vida de actor. Não houve meio, porque se não lucta contra a Natureza, que é quem distribue os dotes, e porque não é actor quem quer, mas quem tem lá dentro alguma coisa que o inspira. Parece que se desenganou afinal.

ANTONIO DUARTE.— Antigo picador da Casa Real, vereador da Camara Municipal de Lisboa, jornalista e critico d'arte. Em diversos jornaes da especialidade, no *Seculo* e n'outras folhas politicas tem publicado criticas dramaticas e especialmente musicaes.

Ensaiou e dirigiu a representação de algumas operas e operetas por amadores, mostrando realmente bastante valor. Podem attestal-o a execução do *Promessi Sposi*, *Sinos de Corneville*, *Mascotte*, *Giroflé-Giroflá*, *Perichole*, etc. Parece ter-se hoje afastado d'estes trabalhos, para onde a vocação o chamava.

APRIGIO ANTUNES.— Era o mais novo dos filhos do carteiro Antunes, chefe dos figurantes no theatro de D. Maria e que deu ao theatro muitos filhos, sem nenhum *furar paredes*. O **Aprigio**, de muito pequenino, como os seus irmãos, principiou a representar. Com sua irmã Judith desempenhava com certa graça umas pequenas parodias á *Niniche*, *Sinos de Corneville*, *Boccacio*, etc. Cresceu e... desappareceu.

ASSUMPÇÃO.— Uma actriz que ainda hoje vive, mas não representa ha muito. Esteve nos Açores durante algum tempo; percorreu as provincias e representou com amadores. Era amiga intima da actriz Maxima.

AUGUSTA ALVES.— Mulher de boas fórmas e de cara agradavel é sempre util nos theatros que exploram peças aparatosas e livres. Esteve na Rua dos Condes e está actualmente no Avenida.

Talento é que ainda não teve tempo de mo t ar.

AUGUSTA BRESD'LIND.— Nasceu na cidade de Coimbra, mas, pelo appellido, deve descender de estrangeiro e seria talvez militar, com quem ella tivesse aprendido a desembainhar a espada, que outra coisa não parece fazer quando na scena levanta os braços. Quando d'uma vez cheguei do Brazil e fiz empreza no theatro Avenida, a pedido de um amigo, lá fiz representar a **Bresd'lind.** Pouco fez. Julgo que começava então. D'ahi a pouco o mesmo amigo conseguiu mettel-a em D. Maria e, na verdade, tornou-se lá precisa.

Na comedia são indispensaveis artistas com boa figura, cara agradavel e que vistam com elegancia. Se fôr possivel juntar um bocadinho de talento, é oiro sobre azul. Mas o talento rareia tanto! Contentando-nos com o que póde ser, a **Bresd'lind** foi util em D. Maria aos Rosas & Brazão e por isso, fazendo a mudança para o D. Amelia, levaram comsigo a **Augusta Bresd'lind,** que, ainda assim, vale tanto como outras que custam muito mais a aturar.

AUGUSTA GUERREIRO.— Triste carreira tem tido esta actriz, aliás intelligente e com aptidões. Andou pelas feiras e pelas provincias, fazendo a *Morgadinha de Valflor* e outros papeis importantes. Apesar de já tarde, quando teve empenho, entrou para a Rua dos Condes, onde se conservou algumas epochas, nunca fazendo má figura. Depois, quasi sempre desempregada, teve intermittencias no D. Amelia, Trindade e no Porto. Agora está de novo sem contracto. Coitada! Teve sempre a peior recommendação para o theatro, ser muito feia e de grande nariz; agora, de mais a mais, é velha. Pobre **Augusta**!

AUGUSTA MARTINS.— Devia antes ser Martinez, porque assim se apellidava o pae, que era hespanhol, como o é a mãe. **Augusta** é irmã da actriz Palmyra Bastos. De pequena estatura, tem carinha engraçada, bons olhos para a scena e é intelligente. O seu grande defeito, que a inhibe de progredir, é fallar tão baixo, que só ella ouve as coisas que diz bem.

AURORA DE FREITAS.— Mulher grande, de olhos grandes, com grandes mãos carregando nas ilhargas, grandes pés carregando no chão e grande lingua carregando nos RR.

O cabello, que hoje deve ser branco e n'outro tempo foi preto, anda variando agora entre o amarello e o encarnado.

Começou a ser actriz no velho theatro da Rua dos Condes, foi depois para o Brazil e de lá regressou a Lisboa com o actor Valle, entrando então aquí para o Principe Real. Mostrou por essa occasião que poucos progressos fizéra e por isso tambem muito pouco se demorou por cá. Regressando ás terras de Santa Cruz, lá tem vivido quasi sempre no mais modesto recolhimento, sem o publico dar por ella quando está no theatro, nem sentir a sua falta quando está ausente. O que ella é sem questão, é muito boa pessoa. Ah! que se o talento acudisse aos bons!

AZEVEDO.— Este actor, que é tambem dos novos, começou quando eu estava no Brazil, e ultimamente eclypsou-se de fórma, que ainda me não foi possivel vêl-o trabalhar. Gósto pouco de curar por informações, mas, como não tenho agora outro remedio, direi que muitos me affirmam que o **Azevedo** é aproveitavel e pena foi deixar de seguir uma carreira regular para ir para as provincias fazer mais do que póde, o que é quasi sempre o caminho para estacionar ou andar para traz.

BARRETO.— Arripia-se-me o corpo ao ter de fallar d'este actor. Era brazileiro de nascimento e nunca do Brazil sahiu. Como actor tinha utilidade e se mais não fez na carreira, foi por não estudar nem dar importancia ao theatro, e abandonou-o logo que teve ensejo de ser qualquer outra coisa insignificante e casar n'uma cidade do interior do Paraná.

agora parece ir fazer parte de uma companhia que se está organisando para o Real Colyseu. Parece que devia ter preferido a vida commercial, uma vez que, não tendo logar em companhias lyricas, a sua voz de *baixo* não póde facilmente ser aproveitada na opereta, para a qual de mais a mais tem poucos dotes como actor.

CARLOS BARREIROS — Foi inspector geral dos incendios de Lisboa, muito conhecido e estimado pelo seu caracter. Traduziu diversas peças para o theatro de D. Maria. O theatro era uma das suas paixões. N'elle protegeu a distincta actriz Gertrudes Rita da Silva e depois a actriz Maxima, com a qual casou.

CARLOS PESTANA. — Nasceu em Estremoz. Estreiou-se como actor no theatro das Variedades, deve haver 25 annos, fazendo o papel de *Napoleão* no drama *Os Filhos da Republica*. Fez parte modesta de diversas companhias até que partiu para o Porto, contractado pelo emprezario Moutinho, estreiando-se no theatro do Principe Real, no drama *Côrte na aldeia*, em que entrava Emilia das Neves. Ahi fez melhor carreira até seguir para o Rio de Janeiro, escripturado pela Manzoni, estreiando-se no theatro Phenix, na opereta *Princeza das Canarias*. Sem se tornar saliente, tem feito parte de diversas companhias no Brazil e lá continúa vivendo. É pae da actriz Emilia Pestana.

CARLOTA (**dos joanetes**). — Assim é conhecida uma actrizita que começou nas Variedades e depois tem andado nas provincias e principalmente nas feiras. Poderia talvez ter sido aproveitada.

CARMEN VARELLA. — Foi um meteoro que passou na epocha de 1897-1898 pelos palcos do Real Colyseu e Rua dos Condes, de Lisboa. É hespanhola e pinta-se de louro. Na sua passagem não deixou quaesquer vestigios de talento.

CARMO. — É um actor pouco conhecido, mas que tem seu geito para papeis de revista, como tive occasião de observar nos *Pratos limpos*. O peior que elle tem a recommendal-o é a apparencia de beleguim.

CAROLINA XAVIER. — Foi uma actriz que teve bastante nomeada no theatro da Rua dos Condes. Esteve depois tambem no Principe Real.

Tinha realmente o seu merecimento, muito principalmente em caracteristicas e regateiras.

Na vida intima era uma boa mulher, mas disfructavel pelas suas pretensões amorosas. Já bastante velha, bexigosa e feia, se lhe puxavam pela lingua, narrava as suas ultimas *conquistas*, que eram sempre rapazes elegantes, e um d'elles conheci eu effectivamente, empregado n'uma companhia de seguros. A *conquista* que no ultimo quartel da vida mais a desvanecia era a do actor Santos, que a convenceu de que tinha uma paixão por ella! Extravagancias do Santos, que em questões d'amor as tinha ás vezes extraordinarias!

CARVALHO FLORES. — É um velho actor feio, quasi sem voz e que nunca teve geito para o theatro. Esteve nas Variedades e andou depois muitos annos nas provincias, na companhia do Soares e n'outras. É um pobre homem, que procura ganhar o pão de cada dia. Ultimamente trabalhava como ajudante do scenographo Machado. Na companhia do Soares era elle, além de actor, scenographo.

CARVALHO (**marceneiro**). — Trabalhava n'uma officina da calçada de Sant'Anna. Nunca deixou o officio, mesmo quando pertenceu ao theatro. Esteve nas Variedades, nas emprezas do Costa *marreco*, Avelar Machado e Monteiro d'Almeida. Lembro-me de o vêr n'uma opereta *O Caldeireiro*, na parodia á *Gata Borralheira*, na comedia *Taborda no Pombal*, etc. Era de pequena figura e só tinha grande o nariz. Tinha habilidade, graça e uma bella voz de tenor. Poderia bem ter continuado no theatro, que nunca lhe faltaria logar.

CASTILHO E MELLO.—Era um estimado funccionario publico, muito amante do theatro. Perdeu muito dinheiro na publicação de peças, suas e alheias. Muitas que traduziu se não representaram, por já o terem sido por outros com titulos diversos. Assim aconteceu com o drama de E. Souvestre, *A Cruz de prata*, que já o Annaya traduzira e se representára com o titulo *A Cruz de Magdalena,* e com a comedia *Em casa da avó,* que já o Oliveira das magicas traduzira com o titulo *A Costureira*, etc.

CECILIA CARVALHO.—É irmã da actriz Julia Anjos. Foi corista nos theatros da Rua dos Condes, Avenida e Alegria. Como corista seguiu para o Brazil na companhia que alli levei em 1892. Começou lá a fazer pequenos papeis. Lá ficou representando nos theatros do Rio de Janeiro e dos diversos estados, fazendo já papeis importantes e agradando. Fez-se elegante e fui encontral-a outra quando lá voltei.

CECILIA XAVIER. —Filha da Aurelia, uma antiga corista da Trindade, bem nova ella começou tambem a ser corista, indo na companhia que levei ao Brazil em 1894. É uma das caras mais bonitas e mais finas que teem apparecido nos nossos theatros. Começou fazendo papeis ainda no Brazil, depois em Lisboa, indo em 1897 contractada como actriz para o theatro Carlos Alberto, do Porto. Pouco tempo alli esteve, porque abandonou o theatro, fugindo nas azas do amor.

CHABY PINHEIRO.— Um actor que dava para meia duzia, tal é o seu enorme volume. E pena é que a sua descommunal gordura o torne quasi inadmissivel em scena, a não ser n'uns papeis muito especiaes, porque realmente diz muitissimo bem, mesmo bem como poucos dos nossos actores.

Era empregado telegraphico, mas creio que estudava ao mesmo tempo, porque apparecia sempre de capa e gorro como os estudantes e entre elles em quaesquer reuniões ou manifestações. Recitava poesias como amador e era muito victoriado. Foi isto que o fez desejar a scena e foi provavelmente tambem esse agrado que levou a empreza Rosas e Brazão a contractal-o para D. Maria. Esteve depois no D. Amelia e foi á provincia com a empreza Lucinda Simões. Actualmente está desempregado.

É filho do fallecido actor Fortunato Pinheiro, a quem já me referi.

CHRISTIANO DE SOUSA.—Formado em direito pela Universidade de Coimbra, delegado do Ministerio Publico, promovido a juiz, tudo despresou para seguir a carreira d'actor. Tendo de herdar uma boa fortuna, que o tornaria independente, tudo desbaratou para ser actor, para conviver intimamente com gente de theatro e para ser emprezario.

Estava no seu direito de fazer tudo isto, se tivesse outra voz e outros dotes, que, auxiliados pela sua intelligencia, pela sua illustração e por um fogo sagrado que o animasse, fizessem d'elle um primeiro artista, acclamado pelas multidões.

Não tinha o direito de estragar a sua carreira e a sua fortuna para ser um actor vulgar e principalmente para estragar peças como o *Cyrano de Bergerac.*

Sabe estar em scena, sabe dizer; é isto muito, mas não basta para sahir da vulgaridade. Estaria ainda a tempo de arrepender-se? Talvez. Ah! que se os amigos lh'o aconselhassem!... Se elle o fizesse!...

Um ultimo conselho meu: querendo continuar na carreira, chrisme-se. Os **Christianos** teem provado muito mal no nosso theatro. Além d'elle ha os seguintes:

CHRISTIANO TELMO. — Um cantor de egreja com linda voz de tenor, mas de uma completa negação para a scena. Começou no theatro Avenida, na magica *Lenda do Rei de Granada.* Não foi possivel aproveital-o.

Ha muito tempo sem theatro, parece entrar agora para uma companhia que começa a funccionar no Real Colyseu.

CHRISTIANO (de D. Maria).— Ainda outro **Christiano** e o mais infeliz de todos. Começou como actor nos bons tempos do theatro normal, foi descendo até acabar em comparsa!

CHRISTINA ANJOS.—Sobrinha da actriz Emilia dos Anjos. Começou fazendo pequenos papeis no theatro de D. Maria. Com a sahida da tia, sahiu ella tambem, e foi para a Trindade como corista e fazendo tambem *papelinhos*. N'esta qualidade seguiu com a companhia para o Brazil, deixando-se por lá ficar. Depois de andar pela *roça* dando espectaculos n'uma companhia em que ella era a *estrella* porque era a unica actriz e com dois unicos actores, o Pereira *ponto* e o Eduardo de Sousa, entrou para a companhia Dias Braga, que andava em *tournée*.

CISNEIROS.— Um curioso que se fez actor, entrando para o theatro da Rua dos Condes, em 1863. Era de uma altura descommunal, quasi um gigante. O seu *cavallo de batalha* no palco era a scena dramatica de Casimiro d'Abreu. *Camões e o Jáu*. Elle fazia o *Camões* e o *Jáu* era feito pelo Eduardo, um pequeno, que quasi lhe não chegava á cintura! Vi-o tambem fazer um *gigante* na magica *Rainha das flores*. Pouco tempo esteve no theatro, partindo para a Africa, onde falleceu.

CLAUDINA PAULA.— Filha de um actor Paula, que pertenceu ao velho theatro da Rua dos Condes, tem feito a sua modestissima carreira ao lado do actor Alfredo Carvalho e á sua sombra. Com elle esteve nas feiras, nos theatros populares, no Rato, no Avenida, na Rua dos Condes, e actualmente na Trindade.

CLAUDINA ROSA BOTELHO.— Uma distincta actriz, que muito brilhou no começo d'este seculo. Em 1808 fazia parte da companhia do theatro do Salitre.

COIMBRA.— Actor bastante estimado no Norte do Brazil e que, segundo me affirmam, tinha realmente bastante merito. Foi emprezario durante muitos annos. Era em Pernambuco que mais residia e onde dava mais espectaculos. Deixou um filho que continuou na carreira d'actor e que trabalha tambem no Norte.

COLAS. — Maestro brazileiro, bastante conhecido e que viveu no Norte do Brazil. É sua a musica da festejadissima comedia de costumes brazileiros, *Vespera de Reis*, original de Arthur Azevedo.

COLAS.— Filho do antecedente. É um actor brazileiro de bastante nomeada e que tem representado sempre com agrado em quasi todos os estados. Não me foi possivel obter informações exactas suas. Trabalha em companhias de todos os generos e consegue agradar. É sempre festejadissimo na canção *Matuto do Piauhy*, que realmente elle faz a primor. Foi o **Colas** quem mais cuidou do actor Vasques nos ultimos momentos e durante a grave doença que o matou, promovendo-lhe tambem um rendoso beneficio no theatro de S. Pedro.

COLIVA.— É um distincto scenographo italiano, que ha já bastantes annos reside no Rio de Janeiro, trabalhando para diversos theatros e agradando bastante. A especialidade do seu pincel é a architectura.

CONDE.— É uma utilidade no theatro este actor, que tem já uma carreira longa nas provincias, Porto, ilhas, Brazil e, em Lisboa, no Rato, Alegria, Avenida, Rua dos Condes, Principe Real e Trindade. Se não se torna distincto, nunca faz *fiasco* representando drama, co-

media, opereta, magica ou revista. É irmão de Ermelinda Conde, encarregada do guarda-roupa da empreza Rosas & Brazão, e tio da actriz Gina Conde.

CRUZ.— Seguiu sempre a carreira commercial, mas, em 1889, estreiou-se como actor no novo theatro da Rua dos Condes. Apenas alli esteve durante duas epochas, sobresaindo unicamente n'um papel que para elle escrevi expressamente no vaudeville *O Casamento da Nitouche*. Nunca mais voltou ao theatro.

CRUZ.— Era o dono do antigo guarda-roupa da rua de S. Roque, que ainda hoje existe, dirigido pelo Ganhado, que já o dirigia tambem no tempo do **Cruz**. Foi o fornecedor de vestuario para quasi todos os theatros de Lisboa, emquanto não appareceu Carlos Cohen, que operou uma completa refórma na arte de vestir no theatro.

Antonio Candido da Cruz era um verdadeiro typo, que ha de ter menção especial n'outro livro. Para se ajuizar do que era como mestre de guarda-roupa bastará contar que elle, em certo dia, affirmou na presença de varias pessoas que, para vestir o *Barba Azul*, perdera tres noites a ler os *Luziadas* de Camões!... Esta declaração provocou uma engraçada caricatura, creio que de Raphael Bordallo Pinheiro, que correu mundo.

O **Cruz (do guarda-roupa)**, associado a Cesar de Lacerda e Manuel Machado, foi durante uma epocha emprezario do Gymnasio. Foi tambem proprietario do theatrinho Garrett, na travessa do Forno, aos Anjos.

DANIEL COSTA.—Era tambem conhecido pelo **Costa sete cabeças**, porque realmente tinha uma cabeça despropositada. Era marceneiro e ainda não ha muitos annos esteve estabelecido na rua do Jardim do Regedor, de sociedade com o sr. Minde.

Teve diversas intermittencias de actor, representando mal nas Variedades e Rua dos Condes.

Tendo partido para o Brazil por transtornos da vida, lá se foi fazer actor, sem prestigio algum, indo morrer quasi repentinamente n'uma pequena cidade do Norte.

DELFINA CRUZ.— Mais conhecida pela **Salsa**, em consequencia de ter começado a sua carreira no theatro da Rua dos Condes, na minha revista *Tam Tam*, em que fazia, no quadro dos *temperos* a *Salsa*. Pouco deu n'essa occasião e pouco promettia. Tendo obtido ir para a companhia do theatro de D. Maria, empreza Rosas & Brazão, e tendo alcançado boas protecções, foi tendo papeis, foi tendo ensino, e chegou a ser util no theatro. Peças houve mesmo em que agradou. Ultimamente, estando já contractada para o theatro D. Amelia para seguir os seus mestres e protectores, resolveu requerer a sua entrada para o theatro D. Maria como societaria. A occasião era azada, porque a todo o custo procurava-se o numero para se poder constituir a sociedade. Foi classificada em segunda classe.

Para que se possa fazer o confronto das epochas e do progresso na arte dramatica entre nós, aqui fica assignalado o seguinte; Quando, não á porta fechada e por desconhecidos, mas por um jury competentissimo de homens de lettras, se fez a classificação das actrizes para a primeira sociedade artistica do theatro de D. Maria, foram collocadas *na segunda classe* as distinctissimas actrizes: Josepha Soller, Barbara Leal, Josephina dos Santos, Fortunata Levy, Maria José dos Santos, Radice e Joanna Carlota.

Hoje, *na segunda classe*, foram collocadas: Delfina Cruz, Laura Cruz, Emilia Lopes e Augusta Cordeiro. Mais adiante tratarei d'esta reforma para que ella fique na historia do theatro portuguez, descrevendo a epocha que atravessamos.

DELORME.— Filha do antigo e já fallecido cabelleireiro de theatros no Rio de Janeiro, o Narcizo, entrou para o theatro com aquelle nome. Era graciosa e tinha *quindins*. Uma das primeiras, senão a primeira peça em que entrou, foi a *Grande Avenida* de Jacobetty. Entre os diversos papeis que lhe distribuiram, tinha a commandante das marinheiras. Dava umas

taes voltas, fazia uns taes requebros luxuriantes, que a platéa levantava-se enthusiasmada a aclamal-a e cobria-a de flores! Era o delirio da libertinagem no theatro!

Nunca mais teve tamanhas ovações, porque nunca mais teve papel em que pudesse ir tão despida e em que tanto pudésse rebolar o que a Natureza lhe pôz do outro lado. Ultimamente não tem apparecido no theatro.

DIAS.— Foi um antigo actor muito distincto dos theatros do Salitre e Rua dos Condes **Francisco Fructuoso Dias**, que partiu depois para o Brazil e lá morreu.

DIAS (filho).—Dedicou-se ultimamente á carreira de actor o filho do Dias, o estimado comico que morreu no Porto. Tem-se contractado quasi sempre nas companhias formadas por Lucinda Simões. Ainda não teve occasião de se revelar. O pae era *peixe*... ah! que se este soubesse nadar!...

DIOGO JOSÉ SEROMENHO.— É um habilissimo solicitador encartado, muito conhecido e estimado em Lisboa. Tem grande predilecção pela arte tauromachica, sendo até presidente de uma associação de toureiros.

Foi editor de uma publicação theatral, que deu grande numero de dramas e comedias, na maioria escriptas ou traduzidas por **Seromenho**, que algumas tem visto representadas com agrado.

DOLORES.— O nome é hespanhol, mas, apezar de filha de um aguadeiro do chafariz da Alegria, era portugueza. Não sei como, partiu muito nova para Hespanha, vindo de lá já mulher. Entrou para corista da Trindade e depois, em 1876, para actriz da Rua dos Condes, onde foi n'essa epocha a *estrella*, fazendo os principaes papeis de diversas peças. D'ahi a pouco voltou para a sua terra adoptiva e nunca mais d'ella se ouviu fallar.

DOMINGOS BRAGA.— É irmão do emprezario do Rio de Janeiro, Dias Braga e tambem natural dos Açores. Em varias companhias e principalmente na de seu irmão, representando drama, comedia, magica ou revista, tem sido uma utilidade, mas d'isso não tem passado.

DOMINGOS GODINHO.— Fez em tempos nas Variedades seus papeis com graça e applauso. Foi para a companhia do Soares, andou nas provincias mais de vinte annos e esqueceu em Lisboa. Quando voltou, vinha gordissimo, velho, pesado e semsaborão. De quando em quando apparece n'algum theatro, fazendo papeis insignificantes para obter os meios de subsistencia. Acontece isto a tantos artistas dramaticos e nunca se lembam de constituir uma associação de soccorro mutuo! Era-lhes tão facil! Tomaram outras classes ter os elementos de que esta dispõe! Só em beneficios nas diversas casas de espectaculo podiam obter um bello patrimonio.

DORES BRÊA.— Filha do popularissimo actor Brêa, que morreu da febre amarella em 1857, ficou quasi ao desamparo e foi principalmente protegida pela actriz Maria do Céo. Logo que teve edade, entrou para o theatro, para o qual tinha geito, faltando-lhe, porém, o juizo para se conduzir. Por ahi andou aos tombos de theatro em theatro, de provincia em provincia, até que de todo deixou de se fallar n'ella.

Dizem-me ser viva, mas ignoro o seu paradeiro.

DORES LIMA.— Filha da Maria Lima, que foi dona de um guarda-roupa para theatros no Rio de Janeiro, fez-se actriz muito nova e logo demonstrando bastante talento. Casou com um actor, de quem me não lembra o nome, e do qual em breve se separou.

Dores Lima tem valor e poderia ter ido muito além da posição que occupa no theatro, se tivesse permanecido no Rio de Janeiro, fazendo trabalho regular. Tem gasto a melhor parte da sua mocidade em via-

gens infructiferas com companhias deficientissimas.

Foi pena.

DORINDA RODRIGUES.— Veiu para Lisboa n'uma companhia de zarzuela, que Santos Junior contractou para fazer um verão no theatro da Trindade. Era casada com um musico, que, ao sahir do espectaculo, em certa noite, foi assassinado por um cocheiro, no Rocio. **Dorinda** ficou em Portugal, indo como actriz para o Porto, nas companhias de Cyriaco de Cardoso e Alves Rente. Voltou mais tarde para Hespanha, onde tornou a ser *tiple* de zarzuela e vindo a Lisboa com mais de uma companhia hespanhola. Ha pouco veiu para aqui definitivamente, casando com o Conde de Mesquitella, de quem já tinha alguns filhos.

Foi uma actriz de merito, que desappareceu do theatro para se entregar aos seus cuidados de esposa e mãe. É hoje a sr.ª Condessa de Mesquitella.

DUARTE SANTOS.— Conheço o nome de este escriptor unicamente por ter imitado para o theatro de D. Maria uma comedia em 3 actos, que alli se representou com muito agrado com o titulo de *Mosca branca*. A comedia foi impressa, editada por Castilho e Mello.

DUARTE SILVA.— Começou como bom corista, dos que tem voz e cantam. No Porto começou fazendo papeis e veiu depois fazel-os tambem para Lisboa. N'uma companhia de opereta é util para papeis secundarios. Não os póde fazer primeiros porque as pernas, que são arqueadas, lh'o não permittem. Já por duas vezes foi ao Brazil, sendo a ulima ao Pará, onde agradou.

EDUARDO MACEDO.— Nasceu no Porto em 1875, indo para o Brazil em 1892, com mira no commercio. Entrou para o theatro em 1896, estreiando-se na cidade de Taubaté, estado de S. Paulo, no drama *Roubadora de creanças*. Continúa como actor da *roça*.

EDUARDO MOREIRA.— Sobrinho do actor Brandão, estudou musica e durante muitos annos tocou rabeca na orchestra do theatro do Principe Real. Ultimamente deu um pulo para o palco, arvorando-se ensaiador e chrismando-se em **Brandão Moreira.**

Nunca se tornou saliente como rabequista e creio que o mesmo lhe acontecerá como ensaiador. O que parece ter é audacia bastante, herdada do tio, que ainda assim valia muito mais do que elle. Tem composto diversas partituras, tem extrahido peças de romances, tem arranjado theatros de *fantoches* e, depois de ser ensaiador, poderá ser tudo quanto quizer no theatro. Pelo seu feitio e extrema gordura, é ha muito conhecido pelo *prior da Lapa.*

EDUARDO DE SOUSA.— Foi corista em Lisboa ao mesmo tempo que era chapelleiro; mudou a residencia para o Porto e lá continuou com as mesmas occupações. Passou depois a actor na companhia de Cyriaco e com elle veiu tambem para actor em Lisboa, no theatro da Avenida, entrando no *Burro do sr. Alcaide* e n'outras peças.

Em 1893 entrou para a Trindade, estreiando-se no *padre-cura* do *Brazileiro Pancracio*. Entrando depois com agrado no *Lobishomem*, *Nitouche*, *Tres dias na berlinda*, *Niniche*, *Sal e Pimenta*, *Dragões d'El-Rei*, *Fada do Amor*, *Nini*, etc.

Em 1895 foi com a minha companhia para o Brazil e lá se deixou ficar, tendo estado ultimamente contractado na companhia Dias Braga.

ELIZA ARAGONEZ.— É hespanhola. Começou nas barracas de feira com os Dallots. Passou depois ao Rato e Alegria, e mais tarde á Rua dos Condes e, por ultimo, está agora no Principe Real. Sem ter grande sorte no theatro, é forçoso confessar que tem valor. Dois papeis, pelo menos, tem feito muitissimo bem, o da *Torpeza* no theatro Alegria e o da parodia *José João* no Principe Real.

ELIZA DE SOUSA.— Foi uma actriz muito má dos theatros de terceira ordem e das

companhias de provincia, tendo pertencido tambem á do Soares. Foi casada com o Sousa contraregra.

ELIZA (velha).—Era brazileira e teve a sua epocha. Ainda a vi fazer muito acceitavelmente papeis de caracteristica na companhia de Furtado Coelho, no Rio de Janeiro, em 1881.

ELVIRA ROQUE.—Filha do antigo corista Roque, da Trindade, n'este theatro entrou tambem como corista e depois discipula. Foi com a companhia ao Pará. Ultimamente foi elevada a primeira dama de uma companhia ambulante, que anda pelas provincias sem resultado, como muitas outras.

ELVIRA SALDANHA.—Como mulher, sem ter dotes de formosura excepcionaes, tinha artes para trazer pelo beiço muita gente boa e quasi endoidecer os amantes. Conheci-lhe alguns que passaram verdadeiras torturas; taes foram: um celebre conselheiro, que fez as mais tristes figuras, um emprezario, um alfayate da baixa, varios actores, entre os quaes o Alvaro, que a aturou por muitos annos, chegando toda a gente a conhecel-a pela **Elvira do Alvaro.**

Como actriz teve a sua epocha. As platéas populares enthusiasmaram-se com ella muitas vezes, principalmente no theatro das Variedades, e, no Principe Real teve bons papeis, chegando a fazer a *Vida d'um rapaz pobre* ao lado do grande Santos!

Era uma desequilibrada, uma caprichosa, uma leviana. Não soube conservar a sua posição no theatro, não soube conservar um bom amigo, chegou á desgraça de estender a mão á caridade e, conforme ella o confessa, passar muita fome! Quando se lembrar do seu passado, deve ter grandes saudades e grandes remorsos. Pobre **Elvira!**

EMILIA CALEGAL.—Actriz pezada, espremida e de curta intelligencia. Foi no ultimo quartel da vida amante do actor Amaro. Era delicioso ouvil-os discutir, como algumas vezes ouvi no theatro da Rua dos Condes, a que ambos pertenciam em 1873. Parecia que estavam ao desafio de qual havia de dizer mais disparates.

EMILIA PESTANA.—Nasceu em Lisboa no anno de 1863. É filha do actor Carlos Pestana e da actriz Emilia Pestana Estreiou-se no Porto aos 7 annos de edade, no drama *O Palhaço.* Ainda muito nova foi para o Rio de Janeiro com seu pae, estreiando-se alli na scena comica de Emilia Eduarda *A doutora.* Como actriz estreiou-se no theatro Sant'Anna do Rio de Janeiro. Casou mais tarde com o actor Lino Rebello. Tem feito parte de diversas companhias e é util n'ellas.

EMILIA RIBEIRO.—Foi casada com o grande actor Ribeiro, de quem viveu separada muito tempo. Esteve em Lisboa no theatro da Rua dos Condes, fazendo papeis, sem mostrar habilidade alguma. Foi mais tarde ás ilhas nas mesmas condições.

Tendo-se ligado ao actor Soares, que a tomou para sua amante e primeira actriz da companhia que elle dirigia nas provincias, salientou-se fazendo importantissimos papeis em que lá fóra muito agradava. Lembro-me que Pinheiro Chagas me contou tel-a visto fazer nas Caldas a *Morgadinha de Valflor* e que a achára muito razoavel.

Era uma cara sympathica. Muito nova ainda, morreu tisica.

EMMA AMORIM.—Natural de Cabo Verde

e um pouco morena de mais, as feições acompanham a côr. Pouco juizo para se conduzir e pouca seriedade no theatro, quasi a tem inutilisado para a scena, o que é para sentir, porque realmente tem valor e poderia ter um logar bom. Não pára em nenhum theatro, tendo andado por quasi todos. Em ella promettendo ter juizo, é asneira certa. Teve alguma voz, mas escangalhou a garganta e... foi-se.

Já visitou por duas vezes o Brazil sem se salientar e vindo de lá peior do que foi.

Se cuidasse a sério da saude e do theatro, ainda poderia ter posição; mas se é tão bohemia!

ERNESTO VALLE. — Decididamente é o Principe Real com os seus dramalhões e o seu publico especial o theatro d'este actor. Esteve em D. Maria, no D. Amelia e na Trindade; sentiu-se mal e a mal sahiu de todos. Trabalhou no Brazil em mais de uma epocha com agrado. Esteve tambem uma epocha no antigo theatro dos Recreios. Agora está contractado de novo no Principe Real e de lá não deve sahir, porque, nos outros theatros com difficuldade encontra publico ao seu paladar e papeis que lhe agradem, porque tem medo de uns e acha outros inferiores ao seu merito.

ESPERANÇA VENTURA. — É uma hespanhola bonita, que foi corista de S. Carlos e depois entrou como actriz portugueza para o theatro da Avenida, na empreza do desditoso actor Diniz. Em seguida passou para a Trindade, onde esteve uma epocha, entrando na revista *Sal e Pimenta*. Com essa companhia foi ao Rio de Janeiro, onde pouco se demorou. No regresso a Portugal deixou o theatro para cuidar dos filhos, que são portuguezes. Reside actualmente em Coimbra. É uma excellente e digna rapariga.

ESTEPHANIA PINHEIRO. — Pertencia ao antigo grupo das bonitas coristas da Trindade. Era um rancho de aves graciosas que os caçadores não cessavam de perseguir. Todas levantaram vôo e a **Estephania** não havia de ficar atraz das companheiras.

Começou então a apparecer e a desapparecer, a ter altas e baixas, a ser modista de chapeus e cabelleireira, finalmente, a ser tudo que a necessidade a obrigava a ser. Foi ao Brazil n'uma companhia do Furtado Coelho; por lá se demorou algum tempo, passando peior do que em Lisboa e para cá voltou trazendo menos dinheiro e menos saude. Foi então cabelleireira nos theatros; mas, pouco disposta a aturar as impertinencias das collegas, fez-se outra vez actriz, conseguindo entrar para o theatro de D. Maria, onde fez papelinhos por algum tempo. Voltou depois para casa durante alguns annos, até que, não ha muito, reappareceu no theatro da Rua dos Condes, fazendo com certo geito e elegancia, e bem vestida, *rabulas* das revistas *Reino da Bolha* e *Formigas e Formigueiros*. Emquanto se fazem obras na Rua dos Condes e ella não tira de lá alguns *pintos*, está outra vez no *chôco*, fazendo chapeus de senhora. É uma boa rapariga.

ESTEVÃO MONIZ. — Este actor, que começou em companhias inferiores nos theatros populares e nas Variedades, alguma cousa terá de bom. Eu achei-o sempre um actor muito ruim. Tem a cara torta, figura acanhada, voz aspera e declama mal. O que é verdade, porém, é que tem percorrido muitas terras das provincias, foi aos Açores, foi ao norte do Brazil, sempre fazendo primeiros papeis em companhias de opereta e em toda a parte tem conseguido agradar. O publico lá sabe o que lhe encontra. Estou d'aqui a ouvil-o chamar-me coisas feias e a dizer que o publico é sempre quem tem razão. Pois é. Mas deixem-me desabafar.

EUGENIO DE MAGALHÃES. — Foi visto em Lisboa, no theatro de D. Maria, e toda a gente ficou julgando que era um mau actor. Pois não era. Façamos justiça á intelligencia do Brazão e dos irmãos Rosas, que do Brazil o trouxeram para o seu theatro.

Confessemos antes que era muito difficil a quem vinha de um meio, onde se trabalhava sem escola e sem peias, com outra mira artistica e pronuncia diversa, apresentar-se a hombrear com os nossos primeiros artistas no nosso primeiro theatro, onde o publico tanto exigia.

Se **Eugenio de Magalhaes** mais estudasse, fosse menos bohemio e tivesse tido mais saude em Lisboa, outra seria a impressão que teria deixado.

Vi-o por muitas vezes representar no Rio de Janeiro, nas companhias do Furtado Coelho, Guilherme da Silveira e Ismenia dos Santos, fazendo muito boa figura em papeis importantissimos. Poucos *galans* tem tido o Rio de Janeiro como **Eugenio de Magalhães.** Repito: Rosas e Brazão viram-n'o alli trabalhar e immediatamente o contractaram para o seu theatro.

Eugenio de Magalhães é portuguez; de certo julgaria ser recebido com muito agrado e sympathia pelos seus compatriotas. Enganou-se. Voltou para o Brazil logo que poude e creio bem cá não voltará.

Ha muito tempo não vejo nos elencos das companhias brazileiras o nome outr'ora festejadissimo de **Eugenio de Magalhães.** E ha por lá tão poucos que o valham! Faz pena.

EUSEBIO.— Começou nas feiras. Lá o foi buscar uma empreza que se estabeleceu no theatro da Avenida, fazendo-o estreiar-se n'uma *reprise* da magica *Ave do Paraizo.* Alli se conservou, no Avenida, com diversas emprezas e seguindo depois para a provincia. Diz-se que virá agora fazer parte da companhia que se organisa para o Real Colyseu. Este actor parece ter a preoccupação de imitar o fallecido Joaquim Silva. É sempre mau o processo. Em theatros populares é util, porque agrada ao publico menos exigente.

FARRUJA.— Vejam o seu retrato e a cara o está a dizer; era um triste. Fez parte da companhia de D. Maria nos bellos tempos dos grandes artistas, sendo alli aproveitado para o desempenho dos creados e outros papeis de menor importancia.

FARRUSCA.—Era o contraregra do Gymnasio e tambem actor de mediocre merecimento, como sempre acontece aos que accumulam o logar de contraregra. Deixou viuva a actriz Virginia Farrusca. Tinha pouco cuidado na saude, que não era muita e por isso morreu bem cedo.

FAUSTINO — Estreiou-se este actôr no velho theatro da Rua dos Condes, na empreza de José Romano e Villar Coelho. Fez alli muito boa figura como *galan* comico. Foi depois para o Porto, contractado para o theatro Baquet e muito lá agradou, trabalhando em diversos generos. Um dos seus melhores papeis foi o *De Profundis* do drama *Sargento-Mór de Villar.* Ainda muito novo e quando deixava prever um bom futuro, morreu em resultado de uma desastrosa queda, que deu quando subia uma escada em completo estado de embriaguez, o que muitas vezes lhe acontecia.

FELICIANO CORRÊA. — Teve em tempo a sua aura como escriptor popular. Collaborou em revistas e peças de costumes populares e fez algumas scenas comicas com graça para os actores Samuel e Corrêa. São d'elle as scenas que tiveram grande vóga: *O Bombeiro* e *Tribulaçoes de um correio.* Era tambem sua a opereta *O Caldeireiro.*

FERNANDO LIMA.— Operario do arsenal do exercito, tinha fama de bom curioso dramatico. Aconselhado, resolveu-se a entrar como actor para o theatro das Variedades, empreza Parisini. Ficou elle depois emprezario de sociedade com Anacleto de Oliveira. Fazia *principes* de magica e *galans,* chegando a fazel-os com Furtado Coelho e Lucinda Simões, quando estes dois artistas se juntaram á companhia das Variedades. Parece-me estar ainda a ver o pobre **Fernando de Lima,** muito pequeno, muito gordinho, muito deselegante, muito entalado entre os dois distinctos artistas na *Dalila,* na *Estatua de carne,* no *Demi-monde,* etc.

Desappareceu do theatro o **Fernando de Lima** para ninguem mais o ver nem n'uma platéa! É caso raro este.

FERNANDO DE LIMA.— Outro do mesmo nome. Era filho da notavel actriz Emilia Letroublon. Andou muito tempo pelo Brazil como actor. Veiu a Lisboa em 1879, tomando o logar de ponto no theatro do Principe Real. D'ahi a pouco voltou ao

Brazil, levando lá a vida desregrada que sempre tivera cá e lá e que muito cedo o matou.

FERNANDO MAIA.— É intelligente. illustrado, mas com poucos dotes para a scena. Não consegue agradar. Começou em D. Maria, na empreza Rosas & Brazão, e um bello dia desappareceu quando tinha que representar. Foi ao Brazil, nada fez e depressa voltou. Já esteve no Porto, na companhia de José Ricardo, onde representou revista e opereta e tem feito algumas *tournées* nas provincias. Agora acaba de ser admittido como actor de segunda classe para a sociedade artistica do theatro de D. Maria. Aproveitou com a falta de gente; chama-se a isto *pescar nas aguas turvas.* Requereu e obteve a sua entrada para o theatro de D. Maria, estando já contractado n'um theatro do Porto. Oxalá a classificação lhe eleve os meritos artisticos. O peior é que é o publico quem verdadeiramente classifica.

FERNANDO DE MELLO.— Outro bohemio que andou pelos theatros, sem aproveitar algum geito que tinha para a scena. Esteve no Chalet da Rua dos Condes, no Rato, no Alegria, no Avenida, foi ao Brazil, andou pelas provincias e por fim, ainda bem novo, morreu tisico, resultado de muitas extravagancias.

FERREIRA (bébé).— Filho de um sapateiro que era doido pelo theatro e fôra curioso dramatico afamado. Por vontade do pae, e sua tambem, entrou para o theatro **José Rodrigues Ferreira**, mais conhecido pelo **Ferreira (bébé)**. Esteve contractado nos theatros da Rua dos Condes e Variedades. Na scena, além de não ter valor, era um grande semsaborão. mas cá fôra tinha devéras graça e fazia partidas que deixavam a todos de cara á banda. Bastará contar uma: Em certa occasião, achandose desempregado, começou a desinquietar artistas para uma excursão ao Algarve, dizendo a todos ter um socio capitalista que se responsabilisava por todas as despezas. Formada a companhia. fizeram-se os ensaios e tratou-se dos preparativos da partida. N'aquelle tempo não havia caminho de ferro para o Algarve e as viagens para lá eram em vapor. O **Ferreira**, que tinha boa apresentação e muita labia, foi ao escriptorio da companhia dos vapores e, com muita cantiga, conseguiu que lhe dessem a passagem para toda a companhia, assignando elle uma obrigação para pagar no Algarve com o producto das recitas. Os artistas, antes de partirem, queriam adeantamentos. Elle reuniu-os e fallou-lhes assim:

— Meus amigos, nada ha mais justo do que os adiantamentos que pedem, e hão de tel-os, mas o meu socio capitalista, que é muito desconfiado, receia que algum, depois de receber o dinheiro, não parta. Está, pois, combinado que elle me dará o dinheiro á ultima hora e eu o distribuirei a bordo a todos.

— Mas as nossas familias hão de ficar sem dinheiro para comer?

— Mandem-n'as ir a bordo e lá recebem.

Combinado isto, no dia todos entraram para o vapor, sendo o ultimo o **Ferreira**, que chegava todo atarefado e disse para os collegas:

— Custou-me a apanhar o homem, mas cá está o dinheiro. E bateu fortemente no bolso do colete.

Os artistas e as familias approximaram-se todos. O nosso homem encosta-se á amurada e diz para um dos artistas:

— Ó Carvalho, tu de quanto precisas?

N'este momento mette a mão á algibeira, tira rapidamente uma bolsa que parecia de prata e atarracada de dinheiro e deixa-a escapar por entre os dedos e cahir ao mar!

Foi um grito unisono de horror e desespero! Todos se lamentavam, mas o **Ferreira (bébé)** ficou em um estado afflictivo, que mettia dó. Chorava, arrepellava-se e exclamava:

— Que contas hei de eu agora dar de mim ao socio capitalista?! Que vergonha! E que desgraça para estas pobres familias! Que ha de ser de nós?!

Acabou por dar-lhe um faniquito. O commandante do navio e todos os passageiros

condoeram-se da situação, abriram entre si uma subscripção, que produziu trinta mil réis.

O **Ferreira**, quando voltou a si, fingiu nada perceber e só gritava:

— Que desgraça! arranjem um mergulhador por caridade, que me vá buscar a bolsa ao fundo do rio!

Lá o resignaram conforme puderam e entregaram-lhe o producto da subscripção. Elle então disse para os collegas:

— Bem sabem que eu, como director da companhia e tendo a satisfazer as primeiras despezas, não posso ir sem dinheiro. Guardo, pois, quinze mil réis e tomem lá vossês outros quinze para dividirem pelos mais necessitados.

Assim foi. O **Bébé** chegou ao Algarve com quinze mil réis, com que fez figura. Apurado o negocio depois, confessou elle mesmo que a bolsa era de latão e estava cheia de tentos de jogar!

Era isto o **Ferreira** (**bébé**), que tinha realmente graça nas partidas que fazia.

Morreu muito novo.

FERREIRA BAPTISTA.— Um actor muito pequeno, mas com certo geito e graça. Esteve nos theatros populares e andou pelas provincias. Ha já bastantes annos que abandonou o theatro para se empregar na fabrica de louça da Vista Alegre.

FERREIRA NUNES.— Mais conhecido no theatro pelo **Pintasilgo**. Foi algum tempo actor, muito tempo ponto e no fim da vida ensaiador de companhias de terceira ordem. Com uma d'estas foi ao Pará e Manaus e lá morreu. Foi muito tempo companheiro da actriz Amelia Virginia. Era pae da actriz Belmira.

FILIPPE.— Um actor brazileiro, que durante muito tempo foi o tenor da companhia de opereta do Heller, na Phenix. Mais tarde foi para a companhia do Braga Junior, hoje Visconde de S. Luiz de Braga, e acabou por sahir do theatro por o publico o não poder supportar. Foi sempre muito máu actor. Cantava como os *capadocios* (cantores de noite nas ruas) ao som da viola. O celebre tango *Ataca, Filippe!* era dirigido a elle.

FILIPPE SILVA. — Musico de egreja e musico de theatro. Na egreja tem tido sorte e é lá preciso. No theatro, tendo aliás habilidade, tem sido infeliz. A musica sua que mais agradou foi a que escreveu para a minha revista *Tam Tam*. Essa partitura tem na verdade numeros bons.

FIRMINA AGUIAR.— Era bailarina e bonita. O grande Santos quiz aproveital-a, fazendo d'ella uma actriz. Estreiou-se no theatro do Principe Real, cantando uma das cartas do segundo acto da *Grã-Duqueza*. Pouco tempo esteve no theatro como actriz. Foi ser bailarina para Hespanha, para fugir ao pae e ao irmão, dois devassos do maior calibre, muito conhecidos no mundo da podridão social. A pobre **Firmina** lá morreu em Hespanha ainda bem nova.

FLORINDA MENDES LEAL.—Era uma bella mulher, filha do actor Macedo e da actriz Antonia Macedo, casada com o actor-escriptor Antonio Mendes Leal e prima da actriz Florinda Macedo. Já morreram todos estes seus parentes, vivendo só ella, que está hoje uma velha, mas mostrando ainda bellas ruinas. Só representou na companhia de seu pae e dizem que tinha merito.

FONSECA.— Foi actor das companhias de Furtado Coelho, Guilherme da Silveira e outras de declamação do Rio de Janeiro. Não passava de uma utilidade em papeis centraes.

Dizem-me que morreu doido.

FRANÇA.— Actor brazileiro de pequenos recursos, mas aproveitavel em papeis secundarios e em companhias sem genero definido, como por lá apparecem tantas. O **França** é um bohemio e um bom amador de cantigas ao violão.

FRANÇA.— Este é portuguez. Apezar de contraregra, faz tambem, o peior que póde, alguns papeis na companhia Taveira, do Porto, como já os fazia no tempo do Alves Rente.

FREDERICO. — Outro contraregra, que tambem tem sido actor. É claro que quando elles são bons contraregras, são maus actores. Este já esteve no Porto, já foi ao Brazil e ha annos que pertence aqui ao theatro do Principe Real.

É irmão da fallecida actriz Palmyra (loura).

FREDERICO.— Outro **Frederico**, que tambem foi actor, tambem foi contraregra e acabou em bilheteiro do theatro Sant'Anna do Rio de Janeiro. Era um bom homem, por muitos annos contractado com o Heller. Seguiu a regra de mau actor por ser bom contraregra e foi depois um honesto bilheteiro.

FREDERICO DE BARROS.— É um scenographo brazileiro com bastante habilidade. Fui eu que lhe dei as primeiras scenas a pintar; estimei fazel-o, porque lhe abri uma carreira proveitosa e nunca me arrependi, porque o tenho na conta de bom amigo. O **Frederico** é um bonito preto.

FREDERICO DE SOUSA.— Era brazileiro, natural do Rio de Janeiro. Estreiou-se em Lisboa, no theato do Gymnasio, onde fez alguns papeis com bastante merecimento e todos com limpeza. Casou aqui com a actriz Adelina Nunes e ambos depois seguíram para o Brazil. O **Frederico** fez lá bastantes progressos e era um actor estimadissimo. Em 1894 veiu visitar Lisboa, terra que elle tanto estimava e, mezes depois, regressando ao Brazil, foi para Campinas, fazendo parte da companhia do theatro Apollo, e alli morreu inesperadamente.

Causou sensação a sua morte nos theatros do Brazil e de Portugal, porque em todos era querido pelo seu trato afavel, genio obsequiador e excellentes qualidades de coração.

FREITAS. — Actor de feitio romantico, grande cabelleira, olhos carregados e passos tragicos. Ao mesmo tempo ares de bohemio. Andou pelos theatros populares até se reunir á companhia do Soares. Com a morte d'este, fez-se director da companhia e não descansou emquanto não acabou com ella. Ultimamente fez parte da companhia de Salvador Marques no theatro da Avenida, para onde veiu juntamente com a sua antiga amante Joaquina Vellez. Um bello dia appareceu uma *tricana*, vinda expressamente do Norte para o raptar. E elle deixou-se ir para justificar o seu ar romantico. Não se soube mais d'elle e para bem da Arte, oxalá se não saiba.

FREITAS.— Este actor era um tuberculoso cheio de talento e modestia. Appareceu em 1876 no velho theatro da Rua dos Condes, representando com muito valor diversos papeis. Mezes depois morria. Foi pena realmente.

GALLINI.— Assim se apellida uma mulher alta, elegante e que diz ter disposições para a scena. De quando em quando diz-se que ella vae entrar ou vae sahir d'este ou d'aquelle theatro. Na epocha passada esteve em D. Maria, onde poucos a viram. Agora não está em theatro algum e portanto está para entrar para todos. Quem porfia...

GASPAR.—É um actor do Porto, que lá nasceu, lá cresceu, lá se tem feito e creado dizendo os emprezarios que lhes é util, e isso já não é mau. O que é verdade é que doente, ferido, com a cara em misero estado, e de todas as fórmas, elle trabalha sempre para não dar prejuizo ás emprezas; isto costuma levar-se em linha de conta. De mais a mais trabalha indistinctamente no comico ou no dramatico, tanto faz n'uma tragedia ou n'um drama como n'uma magica ou n'uma revista. Nunca a palavra utilidade teve tão boa applicação. Eu declaro que, tendo-o visto trabalhar por muitas vezes, ainda não formei juizo seguro sobre o seu merito, e tendo de emittir a minha opinião, diria que não o aprecio

como actor; mas elle não trabalha para mim, felizmente, trabalha para o publico do Porto, que o applaude.

GASPAR.—Este era um estimado curioso da Sociedade Taborda. Quando, em 1876, formei empreza no velho theatro da Rua dos Condes, contractei-o. Fez alli muito boa figura, principalmente nos dramas: *Ruas de Lisboa* e *Lago de Kilarney* e na *Revista do anno.* Abandonou o theatro para se entregar ao commercio, sendo hoje proprietario da conhecida Casa da Bandeira, da rua Augusta.

GASPARINHO.—Ainda vive em Lisboa esta actriz, que ha muitos annos fez bellas epochas no Porto, chegando a ter alli muita nomeada.

GAZZANIGA.—Foi actriz no velho theatro da Rua dos Condes, tendo algum prestimo. A doença afastou-a da scena e nos ultimos annos da vida esteve na miseria, pedindo esmola pelos jornaes.

GAZZANIGA (filha).—Entrou para o theatro, principalmente porque era uma mulher bastante vistosa. Uma doença grave roubou-lhe a formosura. Sem talento nem belleza difficilmente encontra contracto e por isso está quasi sempre desempregada. É casada com o actor Pereira da Silva, de quem está actualmente separada.

GENOVEVA.—Quando, em 1891, esteve em Lisboa, no Colyseu dos Recreios, a formosissima funambula Geraldine, fazendo grande successo, tendo que alludir a ella na revista do anno, procurei para imital-a uma mulher que tivesse bastantes attractivos. Deparou-se-me a **Genoveva**, que estava então no esplendor de todos os seus encantos. Tinha dezoito annos, um rosto fresco e encantador e umas fórmas irreprehensiveis e deliciosas. Foi um achado, porque o publico julgou-a ainda superior á Geraldine. Quando acabaram as representações da revista, que se intitulava *Fim de Seculo*, ella retirou-se do theatro para só voltar quando fiz subir á scena na Trindade o *Sal e Pimenta.* A **Genoveva** tinha já perdido um pouco dos seus encantos, mas era ainda uma bonita mulher. Fez alguns papeis na peça e com a companhia seguiu depois para o Brazil, onde estonteou muitas cabeças. Está de novo afastada do theatro. Residiu ultimamente no Pará e consta-me que está agora refazendo a saude na ilha da Madeira.

GENTIL.—Foi um antigo actor da Rua dos Condes e Variedades, tendo começado n'este theatro quando ainda se chamava Salitre. Tinha pouco valor como artista e por isso abandonou o theatro, voltando á sua primitiva occupação, que era typographo. Morreu ha pouco, tendo trabalhado por muitos annos na imprensa de Mattos Moreira.

GEORGINA CARVALHO.—Filha da antiga actriz Carolina Pereira, uma inutilidade, e do bom actor Carvalho, de D. Maria, tambem ella, muito nova ainda entrou na carreira dramatica, no theatro da Rua dos Condes, empreza Pinto Bastos. Entre outras peças, representou com muito agrado a opera comica *O Fagulha.* Dentro de pouco tempo abandonou a scena para casar, separando-se tambem d'ahi a pouco do marido. Nos jornaes e almanaks começaram a apparecer versos e contos seus. Foi sempre uma romantica e uma estherica. Era em nova muito galante; depois engordou despropositadamente, o que a tornou menos formosa.

GEORGINA.—Conhecida no mundo dos theatros pela *Pescadinha.* É quasi transparente. Começou n'uma revista do Argus, no theatro dos Recreios e deu ahi esperanças de bello futuro, mas muito cedo começou a desandar e agora é do peior que ha em theatro, por isso raras vezes é contractada. Esteve no Porto, foi ao Brazil com a companhia da Manzoni e sempre a decahir. O que ainda hoje faz menos mal é cantar o fado.

GEORGINA PINTO.— Mulher vistosa e de boa plastica para a scena. Começou em pequenos papeis de revistas e operetas sem se tornar saliente. Ultimamente, na companhia Taveira, do Porto, revelou-se com bastante merecimento para o drama e parece terá futuro n'esse genero. É irmã do actor Pinto Costa.

GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA.— Um actor brazileiro de grande merito. Veiu a Lisboa, representando no theatro de D. Maria, em 1855. Fez ahi o protogonista do drama *A Gargalhada*. Entrou depois para o nosso Gymnasio, onde representou com muito agrado a comedia *O homem mais feio de França*.

GERMANO.— Outro actor d'este nome. É portuguez, mas só representou no Brazil. Tive-o em companhia minha, fazendo pequenos papeis de opereta e esteve depois n'outras companhias, fazendo alguns progressos, principalmente na do Dias Braga. Seguiu a correr os diversos estados com a actriz Apollonia e com ella casou.

GERTRUDES AMELIA.— Começou como corista do theatro da Rua dos Condes e ahi passou a fazer papelinhos. Esteve depois no Principe Real, no tempo do grande Santos, e ahi, entre outros papeis, fez uma substituição de Luiza Fialho na parte de *Wanda* da *Grã-Duqueza*. Voltou depois para a Rua dos Condes na empreza Pinto Bastos. D'ahi a pouco abandonou o theatro. Era conhecida nos bastidores pela **Gertrudes do Gazul**.

GINA CONDE.— Este **Gina** não é mais do que uma abreviatura de **Georgina**, que é o seu nome. É filha da Ermelinda, encarregada do guarda-roupa da empreza Rosas & Brazão, e sobrinha do actor Conde. A **Gina** principiou como corista e era uma boa corista; n'essa qualidade foi ao Rio de Janeiro com a companhia Taveira. Começou depois fazendo papelinhos e fazia-os muito bem. Aproveitando a bonita voz que tinha, fez então maiores papeis, caracterisando-se bem, chegando a parecer bonita, ella que nada deve á formosura. Agradou bastante, promettendo fazer carreira. De repente quiz guindar-se a *estrella* de primeira grandeza, tomou ares, fez-se exigente, atirou-se a papeis com que não podia, trepou muito e deu o inevitavel trambulhão. Ultimamente tem estado afastada do theatro. Voltará? Oxalá volte, mas unicamente para occupar o logar que lhe competir, sem vontade de expôr-se a outra queda.

GOMES.— Quando em 1896 regressei do Brazil, tendo lá estado ausente um anno, ouvi fallar em muitos actores novos. Fui vêl-os. De todos me pareceu que o melhor era este **Gomes**, baixinho, com o nariz um pouco ratado, voz roufenha, mas com disposição e feitio para papeis comicos. Tem estado durante estes dois annos na companhia do Valle, dando mostras d'aproveitamento. Creio que me não enganei com elle.

GONÇALVES.— Conhecido pelo **Gonçalves** *espingardeiro*, pois não ha ainda muito tempo tinha um estabelecimento d'esse genero na rua Augusta. Foi actor muitos annos e ainda hoje representa quando póde obter logar em qualquer theatro. Ainda por ahi lhe chamam, em vez de actor, *discipulo*, a elle que podia ser avô dos mestres. Estreiou-se com o Tasso e outros actores que foram notaveis, e o pobre **Gonçalves** ficou sempre na sombra. Lembro-me d'elle desde 1858, fazendo nas Variedades o *Nini Galifrão* da *Loteria do Diabo*, o *Senhorio* do *Marquez feito á pressa*, o *Rafe, seu Felix*, etc. Pobre **Gonçalves**! Se ao menos fosse até á morte *espingardeiro!*

GRAÇA.— Era um actor sem graça, com um vozeirão enorme e modos bruscos, que por vezes se salientou nas Variedades e ultimamente no Alegria, a fazer *diabos* e *tyrannos!*

Deu uma queda em scena, de que resultou fracturar uma perna, e d'ahi em deante pouco tem representado.

GRAÇA.—Um compositor de bastante merecimento, que ultimamente se revelou no theatro Avenida, fazendo musicas para peças populares. Parece ter futuro. É mestre de banda militar.

GUEDES.—Educado e filho de boa familia, uma força irresistivel o attrahia para a taberna e para os ultimos theatros. Tinha graça e poderia ter sido um razoavel actor comico, como o demonstrou nas Variedades.

Passou para as barracas de feira, vivendo n'uma constante orgia e desregramento, que o mataram em breve.

GUERREIRO.—Um actor feio, negro, bruto e de maus instinctos. Esteve no theatro das Variedades, entrando ainda na magica *Corôa de Carlos Magno*. Fôra militar e de maus precedentes.

Partiu para o Brazil e lá andou com companhias no Norte e por lá morreu sem deixar saudades. Tinha na sua vida um peccado contra a natureza e um crime perante a sociedade e a familia, que o tornaram execrando.

Deixou uma filha, a modesta actriz Adelaide Guerreiro, que vive no Rio de Janeiro.

GUILHERMINA TRINDADE.—Era filha da actriz Marianna Trindade. Fez *ingenuas* no antigo theatro do Salitre.

Esteve tambem depois no theatro da Rua dos Condes.

HEITOR.—Filho de um medico militar, foi tambem elle militar. Entrou depois para o theatro da Rua dos Condes como actor, e, sem se tornar notavel, mostrava aptidões. Um bello dia desappareceu do theatro.

Fui encontral-o no Rio de Janeiro tambem actor, e depois ensaiador, emprezario, director de guarda-roupa, auctor dramatico e não sei que mais. Veiu outra vez para Lisboa tirar retratos a *crayon* e empregou-se na Camara Municipal de Lisboa, onde se conserva, tendo novamente abandonado a carreira theatral.

HENRIQUE DUARTE.—Foi cortador de carne no talho de seu pae e official de relojoeiro n'uma officina da rua da Palma. Quiz ao mesmo tempo ser actor e obteve entrada para a companhia do Principe Real, a que pertenceu alguns annos, indo depois com ella ao Brazil e deixando-se lá ficar. Esteve por algum tempo no Norte, trabalhando com bastante agrado e foi depois para o Rio de Janeiro reunir-se á minha companhia, indo n'ella incorporado ao Sul e, no regresso, ficou em S. Paulo, empregado no commercio. Ultimamente percorria as diversas cidades d'aquelle estado com companhia da *roça*. A par do defeito de beber de mais, o que lhe tem prejudicado a saude, tem este actor excellentes qualidades. N'uma crise, a que já me referi, que atravessei no Brazil. foi o unico que me acompanhou até final. Se não é um bom actor, é intelligente e tem utilidade.

HENRIQUE MACHADO.—É dos novos, que teem algum valor. Vi-o pela primeira vez fazendo com certa graça e sem exaggeros o *compadre* de uma revista de Baptista Diniz no theatro do Principe Real Foi depois escripturado para o Porto pelo actor José Ricardo e não desagradou lá.

IGNACIO CAETANO DOS REIS.—Foi um actor comico de primeira plana. que esteve no theatro da Rua dos Condes e passou para o Salitre em 1834, estando ainda alli em 1840.

IGNEZ GOMES.—Uma portugueza muito grande, estrabica, com mãos e braços enormes e uns pés descommunaes, D'ella disse um espirituoso escriptor brazileiro: «Verdadeira obra do Porto; rija e forte. Mal «acabada, mas bem accentuada. Trabalhou «alli o escopro; falta agora o aperfeiçoa«mento do buril. Base não lhe falta; qua«renta e dois de comprimento sobre seis e «meio de altura. Não é um simples sóco; é «sóco, alicerce e embazamento. Vê-se que «quem a fez não era um artista. Estão alli

«os vestigios de algum curioso. Fel-a como «quem faz um leão ou uma pastora para o «alpendre de alguma quinta.»

Não sei como ella appareceu no Rio de Janeiro inculcando-se actriz portugueza. Nunca tinha dado por ella cá e a **Ignez** dá bem nas vistas. No Rio, esteve nas companhias de Furtado Coelho. Braga Junior e n'outras e o publico não a desfeiteava. Ha gente com muita sorte!

IVA RUTH.— Fallava-se muito d'ella em Lisboa quando andava pelas provincias, na companhia do Soares, a fazer grandes papeis de drama e comedia. Veiu depois para Lisboa, contractada para o theatro de D. Maria e pouco alli se demorou, porque se reconheceu que *eram mais as vozes do que as nozes.* Foi então para o Principe Real, onde todos fazem mais ou menos figura e com essa companhia foi ao Rio de Janeiro. A tisica, que de ha muito a minava, tomou proporções assustadoras. Promoveram-lhe lá um beneficio, que foi bastante rendoso, e voltou a Portugal, onde viveu ainda, contra toda a espectativa, tres annos. Afinal a doença teve o seu fatal desenlace em 1896. Nos ultimos annos da vida casára com o actor Holtremann, de quem pouco depois se separou.

IZABEL FICKE.— Quando, em 1888, regressei do Brazil, vi pela primeira vez esta actriz n'um theatrinho que o Jacobetty improvisára na rua da Alegria, na revista *O Anno das pontas*. Pareceu-me valer muito pouco. Foi depois contractada para a Rua dos Condes, onde eu era ensaiador e convenci-me então da sua impossibilidade de fazer carreira. Sahindo da Rua dos Condes, começou representando por sociedades de amadores até que a escripturei como corista da Trindade. Em 1894 foi com a minha companhia ao Brazil e lá ficou no Rio de Janeiro como actriz. Á falta d'ellas póde remediar.

IZABEL MARQUES. — É irmã da actriz Mercedes Blasco, parece-se com ella, tem alguns dos seus feitios, mas tem muito menos voz. É possivel que estudando possa vir a fazer alguma coisa no theatro; por emquanto pouco fez, mas tambem pouco tempo ha que se resolveu a seguir a espinhosa carreira. Deus a fade bem.

IZABEL D'OLIVEIRA.— Boa figura, bellos olhos, cara sympathica; mas voz pequenina para o corpo. Estava contractada no theatro do Principe Real e, póde dizer-se, no começo da carreira, dando esperanças, quando um bello dia, ha mais de um anno, ella ahi vae nas azas do deus Cupido e até agora por lá anda. Voltará á scena? Que venha e o theatro não perderá com isso.

IZABEL ROGALI.— Uma boa actriz dramatica que fez epocha, especialmente no theatro do Salitre, pelos annos de 1840.

IZOLINA MONCLAR.— Actriz com merito, pertencente a uma familia de artistas brazileiros. Tive-a contractada algum tempo na minha companhia de opereta em 1883, no Rio de Janeiro. Tem sempre feito melhor figura nas companhias dramaticas.

Esteve por algum tempo na de Furtado Coelho, mas quasi sempre é a primeira figura das companhias organisadas pelo actor Medeiros.

JACINTHA FREITAS.— Appareceu vantajosamente por algum tempo nas companhias dramaticas do Rio de Janeiro. É casada com o ponto Freitas. Era galante e tinha habilidade; por isso, era bem util. Julgo que anda em companhias de fóra.

JACQUET.— Já morreu este bom homem, empregado inferior do Governo Civil, que foi por alguns annos actor no velho theatro da Rua dos Condes, depois ponto na Trindade e por ultimo contraregra no novo theatro da Rua dos Condes. Não passava d'um bom homem, como acima disse. Apenas supportavel como ponto e como contraregra, mas intoleravel como actor.

JANE KAYLUS.—Uma elegante franceza, com uma cara engraçada, uma voz meiga e afinada, mas sem pontinha de talento

que a recommende como actriz nos palcos brazileiros, onde raras vezes apparece. É pena, porque, além dos dotes que acima apontei, é uma excellente pessoa.

JAYME SILVA.— Começou a sua carreira de actor modestamente, mas logo depois tornou-se conhecido em Lisboa e nas provincias, ilhas e Hespanha pela sua imitação do transformista Frégoli. O trabalho de **Jayme Silva** n'esta imitação tem realmente valor, mostrando muito estudo e muito boa vontade.

JESUS.— Foi socio do tal Araujo no theatro Chalet, então collocado n'um terreno ao Salitre. N'este livro tem o seu logar como scenographo, mesmo mau como é.

JOANNA CARLOTA.— Foi uma actriz de bastante merito, que pertenceu á antiga sociedade do theatro da Rua dos Condes. Foi classificada em segunda classe pelo Conselho Dramatico para o theatro de D. Maria, o que lhe deu direito á reforma, que ainda hoje recebe.

Voltou depois á Rua dos Condes, onde foi primeira dama central e caracteristica, e esteve mais tarde no Gymnasio. Mesmo depois de velha nunca fez má figura. Deixou de trabalhar ha mais de vinte annos.

JOANNA SALATE. — Vinda das provincias na companhia de um tal actor Ferreira, que deixou o theatro para ser prefeito de collegio, appareceu em 1875 no theatro da Rua dos Condes. Deixou o Ferreira para se juntar ao actor Sergio d'Almeida e mais tarde desappareceu. Fui encontral-a em 1896 no Pará, feita modista. Não deve estar arrependida de deixar a scena.

JOÃO COSTA.— Era mais conhecido pelo **Costa (da luneta)**. Era intelligente e tinha habilidade para tudo. Escrevia muito correctamente e algumas peças fez com valor. Pintava bem quadros e scenographia, fazia bons figurinos, dirigia guarda-roupas, sendo elle que cortava os fatos, ensaiva, fazia *réclames*, n'uma palavra, era uma utilidade. Como actor, dizia perfeitamente e alguns papeis fez com habilidade. Esteve nos theatros da Rua dos Condes, Variedades, Principe Real, Gymnasio e Recreios. Esteve tambem no Porto e nas provincias.

Morreu novo.

JOÃO DIOGO.— Actor foi principalmente na provincia e mau.

Era bom contraregra e muito bom aderecista. Era este logar que exercia no theatro de D. Maria, quando morreu. Era irmão da actriz Barbara e casára com a Carlota, irmã da Elvira Costa.

JOÃO EVANGELISTA.—Actor que fez epocha no começo do seculo nos theatros de Lisboa. Representava *centros* dramaticos. É apontado como dos primeiros no *Essai Statistique* de Adrien Balbi.

JOÃO DA SILVA MATTOS. — Um distincto advogado muito conhecido em Lisboa, onde fez epocha. Fez diversas traducções para o theatro e entre ellas a da bella comedia *Cosinha, casa de jantar e sala,* que se representou com grande successo no Gymnasio e depois na Trindade.

JOAQUIM ATHAYDE.— É brazileiro, pois nasceu na cidade de Campos, em 1864. Alli mesmo se estreiou, na empreza Apollonia e Moniz, em 1882, no drama *Paulo e Virginia.* No Rio de Janeiro appareceu pela primeira vez, em 1887, no theatro Phenix, empreza Primo da Costa e Pestana, na peça *Os milagres de Santo Antonio,* titulo com que alli se representa o mysterio de Braz Martins, *Gabriel e Lusbel.* Este actor tambem escreve, sendo o seu primeiro trabalho no genero o drama *A Ruina,* extrahido do romance de Pedro Zacone, *O homem das multidões,* que foi representado em Campos em 1883.

JOAQUIM TAVARES. — Era caixeiro da antiga casa de chapeos para senhora, do

Sette, da rua do Ouro. Gostou sempre de cantar e por vezes teve vontade de entrar para as companhias de opereta. Talvez tivesse feito bem. Levantou mais alto as suas vistas; depois de estudar musica em Lisboa, foi aperfeiçoar-se para Italia. Por lá se estreiou em companhias lyricas de terceira ordem e por lá andou. Quando veiu a Lisboa, cantou n'um concerto e tambem com companhia de opera no Real Colyseu. O publico teve para com elle a indulgencia de compatriotas, mas entendeu em sua consciencia que elle fizera mal em não optar pela opereta. Foi d'aqui n'uma companhia que se dirigia a Manáos e consta que voltou á Italia.

JOAQUINA DO GYMNASIO.— Conheci-a já no fim da carreira e achei-a muito má. Ouçamos a seu respeito Julio Cesar Machado, que muito a conheceu: «Verdadeira «rata sabia, encarregada dos papeis de tia, «de avó, de mãe nobre, de fidalga edosa, «declamando conforme o que lhe haviam «ensinado no Conservatorio, tirando titu-«los de orgulho em ser discipula d'esse «auctorisado estabelecimento, ferindo bem «nas palavras os *rr* e os *ff*, e merecendo a «um capitão de artilheria, muito conhecido «em Coimbra e Lisboa, o dizer d'ella n'um «artigo: — A sr.ª **Joaquina** é o modelo das «actrizes—; sahindo essa amabilidade com «um erro de imprensa, que a punha a pão «e laranja:— A sr.ª **Joaquina** é o *novêlo* das «actrizes!»

JOAQUINA VELLEZ.— Teve muita popularidade nos theatros de feira. Depois, como companheira do Freitas, andou muitos annos pelas provincias na companhia do Soares. Veiu para o theatro do Rato, onde a empreza não poude aguentar-se e ultimamente esteve no Avenida, na companhia do Salvador Marques. Tem feito muitos papeis e o publico tem soffrido muito ao ouvil-a e vêl-a.

JOLY.— Antigo ponto do theatro de D. Maria e por fim illuminador. Era um homem comprido como um cypreste e sujo como um trapeiro. Morreu tuberculoso, agarrado sempre a um pequeno cachimbo, mais porco do que elle.

JOSÉ FELIX.— Um antigo e bom cabelleireiro de theatro.

Foi muito estimado do Santos, Antonio Pedro, Maggiolly e outros bons artistas, que elle por vezes reunia em sua casa, em alegres banquetes.

JOSÉ FIALHO.— É irmão da actriz Luiza Fialho. Agora parece ter-se desenganado, mas teve por muito tempo a mania do theatro, sem a menor disposição para elle.

Esteve no Gymnasio, na Rua dos Condes e nas Variedades. O seu *cavallo de batalha* era a opereta de Offenbach, *O 66*, que elle tinha presumpção de cantar como ninguem. N'essa opereta ha uma tyrolesa em que elle se julgava insigne. Certa noite cantou no theatro da Rua dos Condes *O 66*; fez as primeiras scenas e nem uma palma. Disse elle quando entrou para os bastidores:

— Que publico de gelo! Que caras de carrascos! Nem se riem, nem applaudem!... Elles logo se mecherão em ouvindo a tyroleza!

Voltou para a scena, começou a dar no trabalho quanto podia, e o publico impassivel!... Chegou á tyroleza, cantou-a e... a mesma frieza! Sahiu então desesperado de scena, exclamando:

— Safa! Nem sahiram á tyroleza!

Esta phrase ficou memoravel no theatro, e, quando o publico assiste impassivel a qualquer scena muito dramatica ou muito comica, ha sempre quem diga:

— Safa! hoje nem á tyroleza!

Sempre serviu o **José Fialho** para deixar no theatro uma phrase.

JOSÉ FRANCO.— É um actor com alguma utilidade, que tem feito parte das companhias da Trindade, Gymnasio, Principe Real, Rua dos Condes, Rato, das feiras, do Porto, das provincias, e actualmente está escripturado no theatro Avenida. Ha peior do que elle com melhor collocação. Pouca sorte, mas algum prestimo.

JOSÉ MARIA DOS ANJOS. — Foi muito popular no mundo dos theatros. Era conhecido pelo *Cagaxiças*. Era muito feio, muito estupido e muito bebedo. Não sabia ler e não abria a bocca que não dissesse asneira; rivalisava n'esse ponto com o *Cagaraz*.

Com todos os defeitos fez parte das companhias de D. Maria, Principe Real, Rua dos Condes e Variedades. Era muito protegido pelo Alcantara Chaves e foi-o até pelo grande Santos.

Em qualquer theatro que se representasse a *Restauração de Portugal*, lá se apresentava, exigindo fazer o papel que elle creára e que era o *Tamaguelo*. Só entrava no quarto acto; a essa hora, á força de beber decilitros, já lhe custava a equilibrar-se. Quando dizia para outro actor: «Arrede-se usted para lá...» quasi sempre cahia de cocoras. Depois erguia-se e accrescentava n'um tom, que a platéa recebia á gargalhada: «Deixe usted ahi seu palo!»

Em certa occasião, fazia elle parte da companhia do actor Santos, no theatro do Principe Real, perguntaram-lhe como ia. Respondeu: «Mal, muito mal; depois que cá está o Rossi, não tenho feito nada!» A coisa explicava-se. Elle não tinha ordenado mensal; recebia em cada noite de recita. Havia quasi todos os dias espectaculos do Rossi e por isso, não trabalhando a companhia portugueza, elle nada recebia. Foi um dos bons typos do theatro.

JOSÉ MARIA CANDEIRA.— Foi ha muitos annos actor de muito limitado prestimo. Teve depois o bom senso de se fazer aderecista, para o que tem muito geito. Actualmente tem este cargo no theatro do Gymnasio.

JOSÉ PEDRO.— Nasceu em. Lisboa, em 1850. Era canteiro e curioso dramatico. Estreiou-se como actor no theatro das Variedades na empreza do Costa *marreco*, entrando na opereta *O Caldeireiro*, em 1868. Passou depois para a empreza Monteiro d'Almeida no mesmo theatro. Foi em seguida para Belem, onde esteve até 1874, no theatro D. Affonso, uma barraca de madeira armada na praça D. Fernando. Andou em seguida pela provincia até que em 1876 esteve contractado em empreza minha no theatro da Rua dos Condes. Em 1878 foi para o Porto escripturado pelo José Dallot e em 1880 contractou-se com o tal Araujo para o seu Chalet. Em 1885 voltou para o Porto, onde esteve escripturado com diversas emprezas. Em 1889 veiu para o theatro Avenida e em 1891 foi para os Açores associado com Pedro Cabral. No regresso foi novamente para o Porto, contractado pelo actor José Ricardo. Continúa no Porto.

JOSEPHA GUILHERMINA DE MESQUITA. — Foi uma boa actriz, que em 1829 estava no theatro da Rua dos Condes e ainda em 1836 lá fazia primeiros papeis sob a direcção de Emilio Doux.

JOSEPHINA CALVO.— É hespanhola, natural de Madrid. Estudou musica para se dedicar ao genero lyrico. Um bello dia appareceu no Porto, contractada na companhia Taveira, representando em portuguez e não desagradando. Voltou depois para Hespanha e, em 1894, a mandei buscar para ir com a minha companhia ao Rio de Janeiro. Não teve alli exito e por isso foi cantar zarzuela para a Republica Argentina. De lá regressou a Madrid, onde tambem cantou em zarzuela.

JUDICE.— Outro dos novos, que não é desastrado e é aproveitavel n'alguns papeis. Tem feito parte de varias companhias.

JUDITH CORRÊA. — Foi comparsa nos theatros e estreiou-se como actriz na magica *Ave do Paraizo*, no theatro da Avenida. Foi com ella que se deu um caso bem fallado. Quando o publico a chamou e a applaudiu, ella, dirigindo-se para o sr. Cezar da Cunha Belem, que a ensinára e assistia ao espectaculo no balcão, disse: «Essas palmas não me pertencem, são do meu mestre, o sr. Cunha Belem; *doü las todas!*»

Calcule-se o effeito da declaração e da grammatica!

Áparte este *rabo-leva* do *dou-las*, que lhe ha de ficar agarrado por muito tempo, a **Judith** tem figura airosa, cara interessante e póde ser aproveitada.

JUDITH RODRIGUES.—É a dama *loura*, que por alguns annos pertenceu á companhia do Gymnasio e agora anda lá pelo Brazil mal aproveitada. É filha do actor Rodrigues, que falleceu na Bahia. Tem boa figura e é aproveitavel na comedia, apezar da voz ingrata. No Gymnasio foi bastante util.

JULIA DA CONCEIÇÃO.—Era uma interessante rapariguinha, que fez pequeninos papeis nos theatros de Lisboa, indo depois para o Porto, onde pouco mais fez. Está actualmente em Lisboa, tendo feito parte da ultima companhia que Lucinda Simões teve no theatro D. Amelia.

JULIA GOBERT.—Uma enorme actriz, de fórmas descommunaes, que no Rio de Janeiro representava, quasi sempre com sociedades de amadores. De quando em quando apparecia nos theatros publicos, mas era intoleravel, porque toda a companhia ao pé d'ella parecia formada de pygmeus.

Quando ella se contractava em qualquer empreza, dizia um critico fluminense, que essa empreza estava para naufragar e precisava das boias da sr.ª **Julia Gobert.** Tambem para pouco mais servia.

JULIO D'ASSUMPÇÃO.—Filho de um antigo pintor conhecido pelo *Caçador*, dedicou-se á scenographia nos theatros de Lisboa. O seu trabalho era irregular; umas vezes parecia realmente de um homem de talento, outras era deploravel. Foi para o Porto tentar fortuna e parece que por lá tem feito mais trabalho.

JULIO MACHADO.—Outro scenographo com algumas aptidões, mas apresentando por vezes trabalho inferior, que lhe tem prejudicado a reputação de artista.

JULIO DE SOUSA.—Foi corista e passou a tenor de companhias de provincia e ilhas. Tem pouco valor, mas por vezes é util em grupos que não têem outros recursos. Esteve na ultima epocha no theatro Carlos Alberto, do Porto.

LAGO.—É um rapazote que parece feito de pó de pedra na fabrica do Lamego. Bonitinho, catita... mas com respeito a talento ainda não teve occasião de o mostrar na Trindade e em D. Maria, onde esteve e no D. Amelia, onde está.

LAMAS.—Era companheiro de folias da *jeunesse dorée*, que elle divertia com as suas imitações e as suas cantigas. Um bello dia appareceu na Trindade a representar em hespanhol com uma companhia de zarzuela, que alli esteve. Depois andou por todos os theatros a fazer uma scena, intitulada *Salsifré*, em que imitava animaes, gente, vento, o diabo! Agradou muito.

Foi depois contractado para o theatro Avenida e ahi, em diversos papeis, mostrou-se um semsaborão de primeira ordem. Um bello dia resolveu-se a ir para Hespanha. Apresentou-se lá como cantor excentrico e imitador e creou uma posição. Já veiu para Lisboa contractado por Santos Junior e no Colyseu foi muito applaudido. É effectivamente um bom numero de circo ou espectaculo de variedades.

LAMBERTINI.—Um magnifico scenographo italiano, que em Lisboa e Porto trabalhou por muitos annos, agradando principalmente quando esteve associado ao grande Procopio.

LAURA BRAZÃO.—É natural de Lisboa e irmã da fallecida actriz Emilia Brazão. De pequena estatura e pouco attrahente de physionomia, sem outros dotes que a recommendem, curta carreira fez em Lisboa, onde é conhecida no mundo dos theatros pela *Dona Mafarrica das Brazas Tinhosas*, papel que fez n'uma magica. Em 1893 foi para o Rio de Janeiro com o actor Pereira d'Almeida; morrendo este lá, deixou-se ella ficar, tendo feito parte de algumas

companhias. No Rio estreiou-se no theatro Lucinda, na comedia *As Noivas de Eneas.*

LAURA CRUZ.— É irmã da actriz Delfina Cruz, conhecida pela *Salsa.* Quando fallam das duas, dizem sempre as *Salsas.* Quando, n'uma epocha de verão, alguns artistas de D. Maria organisaram uma *tournée* ás provincias, ia a Delfina. Como houvesse falta de actrizes, apresentou ella a irmã, a **Laura**, que foi acceite e representou lá por fóra, mostrando mais geito e mais dotes que a Delfina. Em vista d'isto foi tambem contractada para D. Maria pela empreza Rosas & Brazão. Deu a principio grandes esperanças, mas ultimamente os progressos pequenos foram.

Ligaram-se as carreiras das duas irmãs Delfina e **Laura**, as *Salsas,* por fórma que teria de repetir aqui quanto disse sobre a Delfina a respeito da sua sahida da empreza Rosas & Brazão e da sua classificação para a sociedade artistica do theatro de D. Maria. Veja-se, pois, o artigo sobre a mana Delfina e applique-se á mana **Laura.**

LAURA FERREIRA.— Uma cara de velha em corpo de creança. Era dama de curiosos. Entrou como actriz para o theatro da Rua dos Condes n'uma revisla de Baptista Diniz. Esteve n'uma epocha de verão na Trindade e depois no Principe Real. É uma pequena utilidade em pequenos papeis, que demandem pequena figura.

LAURA GODINHO.— Uma formosa e interessantissima senhora, que passou nos nossos palcos, deixando a convicção de que no theatro póde haver mulheres honestas, como realmente as ha. Além de tudo, **Laura Godinho** era de uma bondade e de uma affabilidade que captivavam toda a gente. Interessante como era, graciosa, de extrema elegancia, muito intelligente e instruida, poderia ter tido uma bella carreira se não abandonasse o theatro para casar com o distincto photographo Carlos Coutinho, um dos primeiros de Lisboa.

Laura Godinho esteve nas companhias da Avenida e Rua dos Condes. Em ambas fez papeis em que sobresahiu, principalmente no *Gaiato de Lisboa* e *Tim tim por tim tim.*

Ainda hoje nos theatros se falla com saudade da **Laurinha**, como era tratada.

LAURA SIMÕES.— Ainda outra irmã de Lucinda Simões e filha do actor Simões. Foi esta, por ser a mais nova, a ultima a entrar para o theatro. Pouco representou em Lisboa e n'esse pouco ninguem poude vaticinar grande futuro. Foi com a companhia de sua irmã para o Brazil e por lá ficou.

LECHEVALIER.— Uma franceza, que appareceu no Rio de Janeiro, tomou parte em alguns espectaculos de companhias portuguezas, mostrando muito poucas aptidões.

LEOLINDA.— Foi por muitos annos uma boa actriz dramatica dos theatros do Brazil. Foi esposa do actor Amoedo e é mãe do distincto pintor brazileiro do mesmo appellido. Retirou-se da scena ha alguns annos e a sua falta foi bastante sentida na companhia do Recreio Dramatico, dirigida por Dias Braga, que tinha na **Leolinda** o seu braço direito e talvez o esquerdo.

LIBANIA.— Filha da actriz Julia Anjos, muito novinha começou trabalhando e mostrou habilidade, principalmente em D. Maria na creança do *Rogerio Laroque,* em que muito agradou, e na cançoneta *Ul la la!* que fazia com bastante graça. Foi crescendo, atravessando a edade em que se não é já creança nem ainda mulher, e então n'essa edade raras conseguem agradar, como lhe aconteceu a ella nos theatros de Lisboa. Foi depois contractada para o Porto pelo actor José Ricardo e ahi foi bem recebida, especialmente no papel de *Claudino* do drama *Os Dois Garotos.* Voltou agora a Lisboa.

LIMA.— Foi um scenographo de bastante merecimento, que muito trabalhou até á morte nos theatros de Lisboa, Porto e Açores. Começou no velho theatro da Rua dos Condes.

LINO REBELLO.— Nasceu em Lisboa e aqui era corista dos theatros. Como corista e fazendo uns pequeninos papeis foi na minha companhia para o Rio de Janeiro em 1892. Lá ficou como actor em diversas companhias de fóra e depois no Rio, no theatro Recreio Dramatico. Casou com a actriz Emilia Pestana.

LISBOA.— Um bom actor, que no Rio de Janeiro era respeitado pelo seu porte e pela correcção do seu trabalho. Apresentava-se em scena perfeitamente e era distincto na interpretação dos variados papeis de que o incumbiam. Vi-o trabalhar dignamente na empreza do Heller, nos theatros Phenix e Sant'Anna. Na mesma empreza tinha o cargo de director do guarda-roupa, no que se esmerava. Ha já annos que morreu.

LUCIANO.— Outro scenographo de muito merecimento que pintou pelos annos de 1873 a 1875 nos theatros de Lisboa. Tinha talento. Uma tisica o matou muito novo.

LUCINDA DA SILVA.— Filha da distincta actriz Gertrudes Rita da Silva e, dizem, do grande estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães. Se a tradição mente, tinha pelo menos uma certa razão de ser na similhança do rosto da actriz com o do notavel ministro.

Lucinda da Silva, apezar de feia, principalmente pelo nariz, que lhe grangeou ser conhecida pela **Lucinda pencuda**, tinha bastante vida em scena e papeis fez no theatro de D. Maria em que agradou. Passou depois para a Trindade, estreiando-se na abertura do theatro na comedia *Xerez da Viscondessa* e no drama *A mãe dos pobres*. Esteve na Trindade até 1870. Mais tarde foi ao Brazil e pouco por lá representou. Veiu annos depois para Lisboa e nunca mais aqui teve theatro. Fez-se cada vez mais feia e agora está bastante velha. Deve ter perto de sessenta annos, por mais que o pretenda occultar. Teve um filho que morreu; o pae era o actor João Rosa.

LUDOVINA RODRIGUES.— Foi uma antiga actriz do Salitre, que esteve depois no D. Fernando e por ultimo nas Variedades. Ainda alli a vi trabalhar nos annos de 1861 a 1864. Era uma velha baixa, de rosto expressivo e com muita vida. Agradava immensamente. Lembro-me d'ella na mulher do *Abdallah* da *Loteria do Diabo*, na *estalajadeira* do *Marquez feito á pressa* e na *velha do casacão* no *Duende*.

LUGAN.—Uma galante hespanholita, que appareceu no theatro do Principe Real, na empreza Santos, no anno de 1868. Estreiou-se na opereta de Offenbach *Lischten e Fritzchen*, que representou com o actor Menezes. Apezar de muito nova, de ter a voz fraquinha e fallar mal o portuguez, poderia ter feito carreira. Sahiu logo pouco depois do theatro e ruidosamente. Fallou-se muito n'uma tentativa de rapto com circumstancias agravantes, que fizeram com que a **Lugan** fosse levada para casa do ministro de Hespanha em Lisboa e depois mandada para o seu paiz. Instaurou-se um processo escandaloso, que deu em resultado irem presos para o Limoeiro um acreditado negociante e um photographo, então estabelecido na rua do Alecrim. Nunca mais se ouviu fallar da **Lugan**.

LUIZ FRANCISCO LOPES.— Filho do heroico patrão Joaquim Lopes, o salvador de tantas vidas no mar, tem sido guarda-livros de diversas e importantes casas. Teve epocha em que muito se dedicou ao theatro, escrevendo diversas comedias e peças populares, entre ellas o aproposito *A Grã-Duqueza e o Barba Azul na rua*.

LUIZ SOROMENHO.— Era provinciano e appareceu em Lisboa collaborando nos jornaes e fazendo comedias, algumas das quaes com merecimento, como *Os Estroinas*, *Resonar sem dormir*, etc.

LUIZA POMI.— Nasceu em Veneza. Foi para o Rio de Janeiro com 13 annos de

edade. Aos 14 entrou como corista para o theatro Phenix, empreza Heller. Voltou a Italia por motivo de doença e em 1881 regressou ao Rio. No anno seguinte contractei-a eu para o theatro Principe Imperial, entrando então já como actriz nas peças *Espelho da Verdade, Luz Electrica, Periquito, Tres rocas de crystal,* etc. Passou depois para a companhia Dias Braga, no theatro do Recreio. A doença afastou-a ultimamente da scena.

LUIZA VIDAL.— Era filha de uma mulher muito conhecida em Lisboa pela *Luiza do Frade*. Entrou para o theatro das Variedades, onde fazia *ingenuas* muito semsaboronamente. Casou com o actor Vidal. Já contei a causa de se separar do marido, na data de 20 de setembro. Ella, que padecia de tuberculose, pouco mais tempo viveu.

LUVINI.— Uma actriz que teve um certo nome no Brazil, tendo pertencido á companhia de Furtado Coelho e a outras. Era aproveitavel na comedia, apesar de declamar com muita affectação. Deixou o theatro para casar em S. Paulo com um empregado da estrada de ferro.

MACHADINHO.— O diminuitivo por que o tratam não quér dizer que elle seja muito novo, mas sim que é quasi transparente. Trabalha no genero comico e é aproveitavel. Em Lisboa esteve nos theatros da Rua dos Condes, Avenida e Rato. Esteve tambem no Porto e em diversas companhias de provincia.

MAGALHÃES.— Era um actor brazileiro, que esteve em Lisboa trabalhando com pouco agrado na Rua dos Condes. Seguiu d'aqui para o Porto, onde fez os primeiros *galans* n'uma companhia que funccionava no theatro Baquet. Deixou depois o theatro e estabeleceu-se no Porto com fabrica de perfumarias. Como a sorte lhe não sorrisse, partiu novamente para o Brazil, indo estabelecer residencia no Maranhão. Sem deixar de ter merecimento, este actor era prejudicado pela declamação afectada que tinha, e por uns olhos espantados, que causavam impressão.

MAGDALENA VALET.— Uma actriz que ultimamente tem andado pelos theatros de opereta e revista do Rio de Janeiro, percorrendo tambem outras terras do Brazil. Voz pequena e algum prestimo para a scena.

MAGGIOLLY (Filhos).— Eram dois os filhos do actor **Maggiolly** que se dedicaram ao theatro, tendo sido contractados no Principe Real e Rua dos Condes e até um d'elles em D. Maria. Seguindo a regra quasi geral no theatro, nenhum d'elles sahiu ao pae. Eram perfeitas nullidades para a scena. Ambos morreram muito novos e ambos tuberculosos, doença que herdaram da mãe, a primeira mulher do Maggiolly.

MAIA (ponto). — Era um rapaz intelligente que foi por vezes actor de provincia e depois ponto de varias companhias, acabando em ponto do Gymnasio. Era dos melhores pontos que temos tido, mas prejudicava-o muito, acabando por matal-o, o vicio da embriaguez.

MALDONADO.— Um actor mediocre, mas pretencioso, que fez parte das companhias da Rua dos Condes e Variedades e de algumas de provincia. Deixou a scena para ser professor d'instrucção primaria, morrendo pouco depois.

MANUEL D'AZEVEDO CORRÊA.— Foi por muitos annos actor de diversos theatros, salientando-se unicamente nas revistas, em que caricaturava o fallecido ministro e jornalista Antonio Rodrigues Sampaio. Copiava-o admiravelmente, mesmo porque o seu physico a isso se prestava. Muita gente o conhecia pelo *Sampaio*. Accumulava por vezes a profissão de actor com a de contraregra, e foi só

n'este cargo que ultimamente serviu no theatro do Gymnasio. Cedeu depois o logar a um filho. É ha bastantes annos empregado publico.

MANUEL BAPTISTA LISBOA. — Foi um antigo e bom actor dos theatros do Salitre e velha Rua dos Condes. Era homem de grande estatura e bella apparencia.

Em 1840 trabalhava na Rua dos Condes ao lado do velho Theodorico, do Matta, do Dias, do Epiphanio, do Ventura, do Fidanza, da Florinda Toledo, da Carlota Talassi e d'outros artistas notaveis e era um dos primeiros. Na classificação, feita por um jury illustrado e competentissimo, para a primeira sociedade artistica que abriu o theatro de D. Maria, foi collocado na primeira classe.

MANUEL BENJAMIM.— É um apreciado compositor, que esteve por muito tempo no Porto, onde foi tambem emprezario do theatro D. Affonso. Entre outras musicas, muito agradou alli a que escreveu para a opereta *Licor de ouro.* Como professor residiu depois alguns annos em Vizeu e actualmente está em Lisboa, tendo composto já a musica para a peça *Tyranno da bella Urraca.* A peça cahiu, mas a musica foi elogiada.

MANUEL JOSÉ D'ARAUJO.— Foi ourives e n'esse tempo conhecido pelo **Araujo da Felicidade** por ser amante da actriz Felicidade, que hoje está no Brazil. Teve os seus revezes por não saber conduzir a vida e entrou para actor da Rua dos Condes, protegido pelo Brandão. Nos intervallos de representar nos theatros, representou nas feiras, e n'ellas começou tambem a vender petiscos nas casas de comidas. Namorou-se ahi da filha dos donos de uma barraca, os Pinxas, e com ella cazou. Abriu depois um modesto guarda-roupa na rua nova da Palma, que foi augmentando e ainda hoje conserva. Teve a boa inspiração de, associado com outros, fazer um theatro de madeira, a que deu o nome de Chalet, que d'ahi a pouco era só d'elle e que, andando de Belem para o Rato e d'ahi para o Salitre, foi afinal parar ao local onde estivera o velho theatro da Rua dos Condes e onde hoje está o novo. Ahi, tendo encontrado uns actores que se tornaram populares, entre elles o infeliz Joaquim Silva, e um escriptor que foi popularissimo, o Jacobetty, com a revista *O Microbio,* a magica *A Sombra do Rei* e mais outras peças, ganhou muito dinheiro. Teve uma desmedida protecção da Camara Municipal, que lhe deixou estar durante annos a immunda barraca n'aquelle bello local; sustentava o theatro com insignificante despeza e fez assim fortuna, sendo hoje proprietario.

MANUELA LUCCI.— Ainda hoje vive retirada, no Pará, esta actriz que teve grande nomeada no Norte do Brazil. Foi casada com o emprezario dos theatros do Norte, Vicente Pontes d'Oliveira e, depois de ter este morrido, foi ella tambem emprezaria.

MARIA AZEVEDO. — Foi casada com o actor Apollinario Azevedo. Com companhias que o marido dirigia esteve representando no Porto, em Coimbra e n'outras terras da provincia. Em Lisboa fez parte da companhia do theatro da Rua dos Condes em 1875 e 1876 e do Principe Real em 1877. Retirou-se depois para o Porto, onde enviuvou. Consta ter-se feito irmã da caridade.

Como actriz, fez papeis importantes com bastante discrição.

MARIA DA CONCEIÇÃO. — É mulher do actor José Pedro e tem-n'o acompanhado nos ultimos annos da sua carreira. São ambos de egual valor. Veja-se o que disse de um e applique-se á outra.

MARIA EMILIA. — Era conhecida nos theatros pela **Maria Emilia do José Manuel,** porque foi uma das muitas mulheres que pertenceram ao ponto, ensaiador e escripturario d'aquelle nome, do qual já fallei. A **Maria Emilia,** sem valer muito, tinha seu pres-

timo no theatro e quando morreu, ainda bem nova, fazia parte da companhia de D. Maria.

MARIA DA GLORIA.— Outra irmã da Barbara do Gymnasio, casada com o actor Domingos Godinho. Trabalhou quasi sempre na provincia, principalmente na companhia do Soares, a que pertenceu muitos annos.

Está bastante velha e raras vezes apparece fazendo pequenos papeis nos theatros de Lisboa.

MARIA (Hespanhola).— Era assim conhecida uma actriz por nome **Maria das Dores**, que fez parte das companhias do theatro das Variedades, ainda no tempo da Associação e depois n'outras emprezas inferiores.

Pouco valia.

MARIA JOANNA PEREIRA.— É viuva do actor portuense Pereira José. Está ha muito tempo retirada do theatro. Foi uma boa actriz dramatica, tendo a sua epocha de grande nomeada no Norte.

MARIA JOSÉ D'ALMEIDA.— Foi uma sympathica actriz, que muito agradou pelos annos de 1840 no theatro do Salitre, especialmente nas peças *Rei e aventureiro, Conde João* e *Fidalga no tempo de Napoleão.* Esteve ainda depois tambem no Gymnasio com muito agrado.

MARIA JOSÉ DOS SANTOS.— No genero dramatico foi uma primeira dama de grande valor, que possuiu o theatro do Salitre nos annos de 1842 e 1843, na empreza de José Vicente e Cyriaco, sendo ensaiador Silva Vieira.

MARIA JOSÉ SOARES.— É viuva do actor e emprezario de provincia, Manuel Maria Soares, do qual estava separada havia muito. É irmã da actriz Mathilde Nunes, que está no Brazil. A **Maria José** fez nas provincias, na companhia do marido, um figurão em primeiros papeis. Ha annos, em Lisboa, tem-se dedicado mais a representar com amadores. Raras vezes tem pertencido agora a companhias de theatros publicos.

MARIA LUIZA FIALHO.— Irmã da infeliz Luiza Leopoldina Fialho. Não era feia e tinha habilidade, principalmente para o genero dramatico. Lembro-me de a vêr agradar no *Meridiano* e no *Grumete.* Abandonou depressa a scena para casar com um facultativo militar.

MARIA MAIA.— Representou pela primeira vez em Lisboa no theatro da Rua dos Condes, em 1874, fazendo pequenos papeis. D'ahi a pouco foi para o Brazil e lá fui encontral-a mais tarde em diversas companhias, *fazendo vista,* o que não admira por ser mulher vistosa e de boa figura.

MARIA RITA MESQUITA.— Filha da excellente actriz Josepha Mesquita, tinha tambem valor e alcançou nomeada no velho theatro da Rua dos Condes, desde 1829 a 1840.

MARIA DA ROCHA.— Uma boa rapariga, mas uma desequilibrada.

Tendo casado com o notavel pintor José Rodrigues, constituiu uma familia que a estimava e lhe dava toda a consideração. Tudo abandonou para se entregar á carreira theatral, já n'uma edade um pouco tardia para começar e sem grandes disposições para a scena. Estreiou-se no Gymnasio, onde muito pouco fez; foi ao Principe Real, onde fez menos, e por fim á Rua dos Condes, onde nada fez. Resolveu-se a ir para o Brazil, onde tambem não conseguiu fazer carreira e onde muito breve encontrou a morte.

MARIA TRINDADE.— Viuva do actor imitador Trindade. Com elle percorreu por muito tempo as provincias e ultimamente tem feito modesta parte de companhias no theatro da Avenida e no da Rua dos Condes.

MARIANNA TRINDADE.—Foi actriz dramatica de muito valor, que fez primeiros papeis pelos annos de 1830 e 1840 nos theatros do Salitre e Rua dos Condes. Era mãe da actriz Guilhermina Trindade, que, nos mesmos theatros e pela mesma epocha, fazia *ingenuas* dramaticas.

MARINHA CORRÊA.—Nos theatros do Rio de Janeiro e da *roça* appareceu uma actriz de muito pouco valor com este nome. Nunca se apurou bem se era realmente o seu, ou se o adoptou como *réclame* por ser tambem o da protogonista de um drama que teve por theatro o Porto.

MARION ANDRÉE.—Uma franceza que muito representou em portuguez nos theatros do Rio de Janeiro e dos diversos estados. Tinha merecimento e principalmente uma bonita voz de soprano.

MARTINS (da Thereza).—Antigo actor do theatro das Variedades, onde apenas o vi agradar na comedia *Corda sensivel*. Foi para o Brazil, e como lá pouco fizesse pelo theatro, fez-se ourives ambulante e por fim procurador.

Alli morreu ha poucos annos.

MASSEY.—Era uma bonita mulher, com uns lindissimos braços, sem ter grande talento, mas estudando com amor os seus papeis. Teve nomeada e fez excellente figura nos primeiros annos do theatro do Gymnasio. Retirou-se depois da scena. Ainda hoje vive, muito pobre.

MATHILDE CAMINHA.—Quando, em 1881, cheguei pela primeira vez ao Rio de Janeiro, fazia ella as centraes e as caracteristicas da companhia do Heller, na Phenix. Achei-a de uma semsaboria atroz, mas o Heller e ainda outros artistas fallavam-me d'ella com todo o respeito por ter sido uma actriz muito considerada. Declaro que nunca vi por onde ella perdesse ou ganhasse.

Ia para a scena dizer os papeis como quem tem uma penitencia a cumprir. É possivel que estivesse na decadencia.

MATTOS (Barbeiro).—Tinha uma loja de barbeiro na rua do Poço dos Negros e lá mesmo agenciava assignantes para diversas publicações litterarias. Um bello dia matriculou-se no Conservatorio como alumno subsidiado da Escola Dramatica. Terminado o curso, em 1867, deu provas publicas no theatro de D. Maria, nas comedias *O Mealheiro* e *Viagem á China* e não foi classificado. Estreiou-se depois nas Variedades n'uma revista minha, copiando bem Francisco Palha. Pouco tempo depois partiu para o Brazil e lá o fui encontrar, na cidade de S. Paulo, estabelecido com casa de tabacos e loterias. Creio que fez alguma fortuna. Regressou ha pouco a Portugal.

MAXIMA FERREIRA.—Já me referi a esta actriz quando tratei do Arthur Reinhardt e da Valadão. A **Maxima** estudou no Conservatorio e deu provas publicas, não sendo classificada. Andou depois em companhias de provincia e das ilhas. Por fim casou com o inspector dos incendios e traductor de peças, Carlos José Barreiros, de quem hoje é viuva.

MEDEIROS.—Um dos poucos actores brazileiros que ainda não transigiram com o gosto do publico. Ha muitos annos que representa drama ou comedia; tem dirigido diversas sociedades artisticas, tem sido emprezario e não sahiu ainda da linha que traçou. Vi-o pela primeira vez em 1881 na companhia de Furtado Coelho e depois em diversas emprezas suas ou alheias, e sempre correcto no proceder, como é correcto no modo de trajar. N'aquelle clima ardente, no pino do verão, ainda não houve quem o visse senão de sobrecasaca, chapeu alto e collarinhos muito baixos e muito engommados, deixando-lhe a descoberto um quasi nada do peito. Auxiliado pela luneta de aros de ouro, chega a parecer um diplomata. O seu braço direito é a actriz Izolina Monclar. Como actor e ainda como ensaiador, o **Medeiros** tem merito.

MENDES.—Foi discipulo do Conservatorio e tem-se dedicado sempre a ensaiar re-

citas de amadores, mostrando que alguma cousa aproveitou das horas que consumiu estudando.

MENDES.—Este, que era cego d'um olho, foi contraregra nos theatros de Lisboa e do Porto. Era pae das actrizes Amelia Garraio e Delmira Mendes.

MENEZES.— Quando o grande actor Santos, de volta de uma viagem a Paris, veiu com todo o enthusiasmo para fazer subir á scena no Principe Real a *Grã-Duqueza*, que era então o enorme successo theatral da França, procurou por todas as fórmas um tenor, que era o unico elemento que lhe faltava. Não sei de que modo descobriu o **Menezes**, que tinha ou fingia ter um bom tenor, e que elle, á força de trabalho e da sua extraordinaria aptidão de ensaiador, fez parecer um bom actor! O **Menezes** agradou deveras. O peior era que, de quando em quando, enrouquecia a ponto de ter de ser substituido por um corista. O **Menezes** continuou a trabalhar n'outras peças e o publico ia tendo novo desapontamento de cada uma que subia á scena. O **Menezes** mudou de theatro, mudou para o Porto, mudou de genero, mudou tudo quanto podia mudar, até que um dia se convenceu de que o *tenor* que possuia dentro em si só era acceitavel para a occupação que hoje tem, pregoeiro de leilões! Era esta afinal a sua vocação, que fez bem aproveitar, porque está a caminho de conseguir o que o theatro nunca lhe daria. O publico ainda ás vezes se deixa enganar com as *cantigas* dos leiloeiros, mas em se tratando de *cantigas* no theatro, exige mais afinação e mais arte.

MESQUITA.— É outro novo, que mostrou habilidade e vontade de estudar e progredir. Agradou durante duas epochas no theatro do Principe Real e está agora contractado para o theatro de D. Maria.

MESQUITA (Barbante).— Foi actor em diversas companhias do Rio de Janeiro. Tambem eu o tive alli contractado. Percorreu depois com companhias os diversos estados e por ultimo deixou a scena, onde pouca falta fez, para ser agente da Empreza Theatral do Brazil, onde tem feito bom serviço.

MIOLA.— É uma cantora italiana de boa figura e boa voz, que muito tem agradado, cantando e representando em portuguez nos theatros do Rio de Janeiro, S. Paulo, Pará e outros. Foi a primeira que confrontou com a Pepa nos dezoito papeis do *Tim Tim*, sendo bem recebida pelo publico. Das muitas estrangeiras que, ha bastantes annos, teem invadido e ajudado a estragar a scena brazileira, esta é uma das melhores, porque ao menos canta bem.

MORAES.— Já uma vez se zangou por eu n'outro livro dizer que elle era ha vinte annos *discipulo*, tendo já tempo de ser mestre. No mundo theatral de Lisboa são assim denominados os que representam pequenos papeis, ganhando ás noites. Em *discipulos* morreram de velhos o *Cagaxiças*, o *Cagaraz* e outros. Melhor sorte tenha o **Moraes**, que é um bom homem, bem comportado e não tem culpa de não ter talento.

O **Moraes** costumava fazer todos os annos um beneficio, em que representava uma comedia que elle mesmo escreveu para si. Tem feito parte das companhias do Principe Real, Rua dos Condes e Recreios.

NICOLAU.— Foi um infeliz até á morte. Appareceu no theatro com um bello typo de actor comico e com pretensões a imitar o Antonio Pedro, de quem effectivamente dava alguns ares. Não se salientou em um unico papel, antes andou sempre para traz. Desenganado, empregou-se no guarda-roupa do Araujo e depois no de Carlos Cohen, onde esteve até á morte. Era alfayate. Se tivesse continuado no theatro, seria mais um dos que morrem em *discipulos*.

NOGUEIRA JUNIOR.— Foi, no tempo de estudante, curioso dramatico, por signal que representou commigo no theatro da Graça, fazendo o centro do drama *O Judeu*, de Bordallo. Seguiu a carreira do profes-

sorado, em que era distincto. De collaboração com um antigo condiscipulo, o Véron, fez bastantes peças para o theatro, tendo algumas com exito, como *Os Heroes de 1820,* drama historico, outros maritimos, uma revista que se representou no Gymnasio, etc.

Morreu ha poucos annos. O seu amigo inseparavel e collaborador effectivo, o Véron, nunca mais escreveu para o theatro.

OLIVEIRA MASCARENHAS.— Não o conheço nem ás suas obras. Fez representar no theatro do Principe Real um drama, que não fez carreira. Para o concurso aberto pela Commissão do Centenario da India escreveu um drama, que não foi premiado. Nenhumas outras informações tenho a seu respeito.

OLYMPIA.— Foi uma actriz de theatros de terceira ordem e de sociedades de curiosos, que andou tambem nas provincias, acabando nas feiras.

Valia bem pouco.

OLYMPIA.— Esta é nova e bonita, podendo fazer carreira, se com mais attenção se dedicasse ao theatro. Ultimamente tem estado retirada da scena; mas já pertenceu ás companhias da Trindade, Principe Real, Rua dos Condes e Rato.

OSCAR GUANABARINO. — Redactor da importante folha, *O Paiz,* do Rio de Janeiro, tem a especialidade das criticas theatraes e de musica. Principalmente n'estas ultimas é insigne pelos seus muitos conhecimentos do assumpto. Os seus artigos são lidos com anciedade e as suas opiniões são respeitadas, porque tem auctoridade.

OSORIO.— Estreiou-se no Gymnasio em 1868, na opera burlesca de Offenbach, *As Georgianas.* Era um bonito rapaz e com uma linda voz de tenor. Agradou immensamente e poderia ter uma excellente carreira nos nossos theatros de opereta, se a vida desregrada que levava o não atirasse logo para as feiras, acabando alli mesmo, a representar sempre embriagado e no fim quasi paralytico. Morreu muito novo e desgraçado, como não podia deixar de ser.

PALMYRA AUGUSTA DE SOUSA. — Foi actriz apenas durante uma epocha, no theatro da Rua dos Condes, em 1874. Estreiou-se no drama maritimo *Senhora da Bonança.* Era alta, mas deselegante e com uma bocca horrorosa. O que ella tinha era uma bonita voz, que, pelo genero que o theatro explorava, foi pouco aproveitada. Foi tirada da scena pelo secretario da empreza e morria d'ahi a pouco.

PALMYRA MARTINS.— Filha do actor Martins e da actriz Thereza. Era muito feia, porque se parecia com o pae, que era medonho. Aqui em Lisboa fez apenas em creança uma scena comica, em que o pae a apresentava como *menina-prodigio.* Passava como creança. Ao Brazil levou-a tambem o pae e, crescendo lá, fez outros papeis em que agradou. Casando, retirou-se logo da scena.

PALMYRA URSPRUNG.— Era galante e parecia ter habilidade. Fez papeis muito discretamente, com especialidade na empreza do actor Santos. Entre outras peças fez com muito agrado a comedia em 3 actos *O Laço de fitas.* Tendo casado e enchendo-se de filhos, para cuidar d'elles teve de abandonar a scena. Esteve contractada em D. Maria, Principe Real e Rua dos Condes.

PAULA.— Foi um actor de pouco merecimento que houve no velho theatro da Rua dos Condes. Lembro-me de o ver representar na comedia de Alcantara Chaves, *A Visinha Margarida.*

O Paula era tambem auctor de algumas comedias.

PEDRO MARIA DA SILVA COSTA.— Era um homem muito baixo e muito magrinho, que dava nas vistas por essas ruas

por ter casado e andar de braço dado com uma mulher muito alta e muito gorda. O pobre homem parecia que andava dependurado. Traduziu muitas peças para o theatro da Rua dos Condes e nas noites das primeiras representações apresentava-se sempre no theatro de casaca para ir á scena agradecer os applausos do pulico. Traduzia regularmente.

PEPITA ANGLADA.— Era uma hespanhola bastante engraçada, que perdeu um bocadinho dos seus encantos por ter agora engordado de mais. O publico de Lisboa teve occasião de a ver uma noite no Real Colyseu, cantando um duetto hespanhol e um tango brazileiro. Não deve avalial-a por aquelle quasi *fiasco*. Apresentou-se em pessimas condições n'aquella má casa d'espectaculos.

No Rio de Janeiro, representando em portuguez nos diversos theatros de opereta e revista, agradou bastante e é uma das artistas com mais popularidade.

PEREIRA D'ALMEIDA. — Era um actor que dizia bem e representava alguns papeis com bastante discernimento. Estreiou-se na inauguração do novo theatro da Rua dos Condes e alli representou satisfactoriamente em bastantes peças. Passou depois para o Avenida, onde fez ainda melhor figura.

Em 1893 foi para o Rio de Janeiro juntar-se á minha companhia, que seguiu até Pernambuco. Não querendo voltar a Lisboa, seguiu d'alli para o Rio de Janeiro na occasião em que lá grassava a epidemia da febre amarella e por ella foi victimado.

PEREIRA JOAQUIM.— Foi um actor antigo do Porto, que no physico tinha grandes similhanças com Fréderick Lemaitre. Trabalhava no dramatico e teve a sua epocha.

PEREIRA JOSÉ.— Irmão do Pereira Joaquim. D'estes dois actores tem-me sido difficillimo obter informações. Os que as podiam dar negam-se a isso. Ainda conheci o **Pereira José** e, pelo que lhe ouvi e pelo que me dizem, como artista e como homem, era um bello *pendant* do pae Gil. Tinha pilhas de graça e fazia partidas magnificas. Foi casado com a velha actriz Maria Joanna Pereira.

PEREIRA LOBATO. — Chegou um bello dia de Braga, trazendo na sua bagagem os manuscriptos de alguns romances, para que obteve editores e de algumas peças, conseguindo fazer representar no Gymnasio uma, que agradou, com o titulo *Vida alheia*. Entre outras que lhe ficaram sem ser representadas contavam-se duas de certo valor: *O Tio Rezende* e *As Quarentonas*. **Manuel Pereira Lobato** foi para a provincia e nunca mais d'elle ouvi fallar.

PEREIRA (ponto).— Era um bom ponto que tinha o Gymnasio. Sabia do seu officio; mas era bastante prejudicado pelo vicio da embriaguez. Foi para o Rio de Janeiro em 1892 e alli mais se deixou dominar pelo terrivel vicio. A febre amarella matou-o em 1894.

PEREIRA (ponto). — Este era ponto da Trindade e por vezes representava em substituição de algum actor que faltava. Foi ao Brazil e lá se deixou ficar como actor de uma pequena companhia ambulante, entrando depois para a empreza Dias Braga, que andava em digressão pelo norte. É bom ponto, mas não quer occupar esse logar; teima em ser actor, para o que tem completa negação.

PEREIRA RODRIGUES.— Foi fundador e redactor do jornal *Chronica dos theatros,* que durou alguns annos e era perfeitamente redigido.

Publicou em jornaes e volumes as biographias de artistas notaveis, e, entre el-

las, as de José Carlos dos Santos, Auber, Mongini, Rossi-Cacia, Fricci, Ristori, Stagno, Nery-Baraldi, Volpini e Beneventano.

Escreveu duas comedias originaes: *Uma troca de maridos*, que se representou em D. Maria e *Boa desforra*, representada na Trindade. Em collaboração com Eduardo Coelho traduziu tambem para D. Maria o drama *O Prestidigitador*.

PEREIRA DA SILVA.— Tem muita similhança com o distincto actor francez Galipaux. O peior é que a similhança é só no physico. Sinceramente, quem o vê aprumado e com certa *pose*, dá muito por elle, mas com certeza fica roubado, porque o **Pereira da Silva** não dá o que a sua apparencia promette. Tem andado pelas provincias e tem estado nos theatros secundarios, mas não ha meio de evidenciar-se. Emfim, é limpo, apresenta-se e por vezes é preciso.

PHILOMENA DA SILVA.—Foi companheira do popular escriptor Jacobetty e assistiu-lhe aos ultimos momentos, no Algarve. Era actriz de provincia e fez primeiros papeis nos theatros do Rato, Alegria e Chalet. Não morria moura unicamente porque tinha padrinho.

Depois d'este morrer não foi vista mais no theatro.

PINTO COSTA.— Esteve por duas epochas contractado na empreza do actor José Ricardo, no Porto, e por duas vezes, no verão veiu a Lisboa com a companhia, fazendo papeis superiores ás suas forças. Actualmente está contractado no theatro do Principe Real de Lisboa. Tem boa figura e póde ser que, progredindo, venha a ser um actor util.

PINTO (Da Phenix).— Nascera em Portugal, mas fizera-se actor no Brazil. Era um homemzarrão, que se caracterisava perfeitamente e fazia muito bem papeis curtos. Se entrava só n'um acto era primoroso; se entrava em dois, já começava no segundo a desmanchar o que fizera a principio; e se o papel se estendia a um terceiro acto, era desastre certo. Ha mais actores n'estas condições.

POLLERO.— Barytono argentino, o que não quer dizer que tinha uma garganta de prata, mas sim que cantava barytono e nasceu no Rio da Prata. Não póde lembrar-me com que companhia lyrica foi ao Rio de Janeiro, mas sei que lá ficou contractado pelo Heller para cantar em portuguez e depois tambem eu o contractei como contrapezo da Henry. Figura boa tinha elle, e, para opereta, voz de mais; nunca, porém, foi nem dava esperanças de ser um bom actor. Não sei se para fugir á febre amarella ou á Henry, foi-se outra vez para a terra da sua naturalidade. Mais tarde por duas vezes me escreveu, uma para o Rio de Janeiro e outra para Lisboa, pedindo-me contracto. É que se não déra mal, trabalhando em portuguez. Eu é que me não dei muito bem em atural-o.

PORTO.—Actor brazileiro, marido da Izabel Porto, de quem se separou. Era apenas uma utilidade no theatro.

PRAXEDES.— Um compositor e ensaiador de musica, que tinha inquestionavelmente valor, mas que o vicio da embriaguez inutilisou. Era o musico a quem me referi quando tratei da Julia de Lima. Foi n'uma epocha director musical da empreza Cezar de Lima, no theatro das Variedades, escrevendo ahi, entre outras partituras, a da magica *Diadema de Fogo*. Foi parte de uma epocha ensaiador do theatro da Rua dos Condes, empreza José Torres. Esteve no barracão da Trindade, no Porto; esteve n'um theatro popular de Belem, onde, tendo adoecido o actor, elle á ultima hora fez o *diabo* do *Santo Antonio*. Andou pelas provincias e ilhas e poderia, que tinha habilidade para isso, ter uma carreira bonita, se não fosse o maldito vicio a que acima me referi. Deixou nos theatros do Porto duas filhas coristas.

PROCOPIO.— O mais distincto scenographo que temos possuido. Estudou com

Rambois e Cinatti. Trabalhou por muito tempo com Lambertini, sendo elle a alma da sociedade. Por bastante tempo foi o **Procopio** o pintor exclusivo do theatro da Trindade e ainda hoje alli restam trabalhos seus admiraveis. **Procopio** e Lambertini foram sempre acclamadissimos quando apresentavam os seus trabalhos, merecendo especialisar-se os dos *Fructos de ouro*, *Rosa de sete folhas*, *Fausto o petiz*, *Pepe Hillo*, *Tres rocas de crystal* e *Gata Borralheira*, havendo n'esta ultima uma scena de cosinha, que ficou memoravel. **Procopio** foi o melhor mestre de Eduardo Machado.

RACHEL.—Uma actriz vinda do Brazil, estapafurdiamente vestida, burlescamente pintada e que representou caricatamente na Rua dos Condes, Variedades e na provincia. A sua estreia foi no theatro de Alhandra! Dizia-se brazileira, mas soube-se depois que era portugueza e que no Brazil representára em palcos desconhecidos.

RAMOS (Torto).—Um actor que nunca passou dos theatros do Rato, feiras e provincias. No seu meio era util. Parece que a doença o afastou do trabalho.

RAUL PLANTIER.—Um dos filhos do conhecido relojoeiro da rua do Ouro. Como amador entrou n'alguns espectaculos, sobresahindo nas operetas *Burro do sr. Alcaide* e *Dragões d'El-Rei*. N'esta epocha contractou-se como actor no theatro da Avenida, estreiando-se na peça da inauguração da empreza, a opera comica *Viagem á China*, em que bastante agradou. Tem uma acceitavel voz de barytono e parece ter realmente disposição para a scena.

RENTINI (Dolores).—Estreiou-se no Porto, na companhia Taveira, na ultima epocha e alli agradou. Actualmente está contractada em Lisboa no theatro da Avenida, tendo-se estreiado na opera comica *Viagem á China*, em que alcançou bastante exito. É galante e sympathica em scena, canta deliciosamente e talvez com a pratica e com o estudo se faça uma actriz acceitavel. É hespanhola.

RENTINI (José).—Irmão de Dolores Rentini. Com ella se estreiou em Lisboa, no theatro Avenida, na opera comica *Viagem á China*, em que conseguiu ser applaudido. Ao contrario de sua irmã, tem má cara para a scena e grande acanhamento de gestos que o prejudica muitissimo. A declamar tem uma voz esganiçada que arripia e não dá uma inflexão no seu logar. Cantando, tem um bonito *tenorino*, que o faz applaudir.

RICARDO JOSÉ DE SOUSA NETTO.—Um verdadeiro folgazão, um homem bem posto, baixote, gordo, que viveu muito nos theatros e que durante alguns annos foi um dos mais assiduos traductores de engraçadas comedias. Foi elle quem traduziu para o Gymnasio a popular comedia *Duas bengalas*, que tem centos de representações em diversas epochas e em diversos theatros.

RITA.—Filha do notavel actor Pedrinho, que morreu no Rio de Janeiro, onde tinha sido chamado para dirigir o theatro. A Rita foi uma actriz de nomeada no Rio de Janeiro, principalmente nos papeis violentos. Isto pelos annos de 1820.

ROCHA.—Um pintor de carruagens, que era curioso dramatico e depois entrou como *discipulo* em diversos theatros. Era dos taes que tambem promettia ficar *discipulo* toda a vida. Ultimamente não tem por felicidade apparecido em scena.

ROCHA (Antonio José da).—Um scenographo com muito merecimento, que teve uma epocha muito feliz em Lisboa. Tinha realmente valor. Um bello dia foi ao Rio de Janeiro com intenção de fazer fortuna. O seu trabalho agradou lá bastante, mas como pintava pouco e bebia muito, acabou por não ter quem lhe désse trabalho e teve de voltar a Lisboa. Foi recebido com sa-

tisfação e todos ou quasi todos os theatros lhe abriram as suas portas. Fui eu um dos que lhe encommendei algumas scenas e entre ellas uma de cemiterio, egual á que elle n'outro tempo pintára e muito tinha agradado. Fez a scena por fórma, que tive de inutilisal-a! Era deploravel! A mão tremula e a vista turva não o deixavam trabalhar. Averiguado o caso, o **Rocha** associara-se com o Barros para fazerem scenographia, mas dia e noite o que elles principalmente faziam era beber ao desafio!

D'ahi a pouco o **Rocha** estava completamente inutilisado e por caridade foi recebido no Asylo da Mendicidade, onde morreu. Já n'outro logar fallei tambem do fim do infeliz Barros.

ROMANA.— Uma mulher formosissima, filha de um correio de ministro, de appellido Moreira. Nasceu em Lisboa. Estreiou-se no theatro do Principe Real, na magica *Lampada Maravilhosa*, no papel de *Venus*. A sua entrada em scena fazia sempre sensação, porque alli ainda parecia mais bonita! Tinha uns bellos olhos azues, uns lindos dentes e abundantes cabellos d'um louro brilhante. Pouco depois foi contractada pelo emprezario Moutinho de Sousa para o Porto, sendo o seu melhor papel ahi a *Córa*. Agradava principalmente pela belleza.

ROQUE.— Um antigo corista da Trindade, que passou a fazer alguns papeis, sendo o maior o *gallego* das *Intrigas no bairro*. Deixou no theatro uma filha, Elvira Roque.

ROQUETTE.— Um actor muito máu que andou nos theatros sempre protegido pelo actor Izidoro. Com elle esteve no Gymnasio e nas Variedades. Em toda a carreira de bastantes annos não teve um unico papel em que sobresahisse. Teve por isso de deixar a scena e acabou em guarda da alfandega.

RORICK.— Era um tenor de boa figura, mas estupido. Tinha uma voz acceitavel. Foi contractado para o theatro de D. Fernando para cantar a opera comica da moda, *Giralda*. Esta peça teve tanta vóga, que até os notaveis actores da sociedade artistica do theatro de D. Maria contractaram cantores para tambem a pôr em scena.

O **Rorick** passou depois para o Gymnasio, escripturado para cantar a opera comica *O Chalet*, mas antes d'ella subir á scena, fugiu, vendo-se a empreza obrigada a ir contractar por alto preço o Celestino, que era *barytono*, mas foi cantar de *tenor*, como já por vezes cantára de *baixo*. Para isto foi preciso que o Celestino, que então estava contractado em D. Maria para cantar a *Giralda*, lá fizesse o mesmo que o **Rorick** fez aos do Gymnasio. Que partidinhas! As de hoje não serão peiores, mas são mais numerosas. Na epocha actual fugiram, só para a tal sociedade de D. Maria, duas artistas dos Rosas & Brazão, a Laura Cruz e a Delfina Cruz, um do Gymnasio, o Carlos Santos e outro do Carlos Alberto do Porto, o Fernando Maia!

ROSA LEMOS.— Estreiou-se em Lisboa no theatro do Rato. Tinha soffrivel voz; mais nada, porém, tinha. Foi para o theatro Chalet, do Porto, e lá passou torturas com o emprezario Coelho Ferreira, que para se ver livre d'ella, até em scena a mandou desfeitear por todos os módos. As partidas e as proezas d'este emprezario, incluindo as que fez á Rosa Lemos, fórmam um capitulo de outro livro, que em breve apparecerá.

ROSA D'OLIVEIRA.— É do Porto e é alli a *estrella* obrigada do theatro Chalet. Não lhe tem faltado papeis importantes, que a teriam elevado se tivesse merito real.

RUFO.— Um optimo machinista de theatro, que o foi notavel no theatro das Variedades e depois no Rio de Janeiro, onde foi muito apreciado e onde morreu.

SÁ ALBERGARIA.— É jornalista no Porto. Alli fez algumas peças que tiveram agrado, com especialidade uma revista. Em Lisboa é principalmente conhecido

pela sua peça de costumes populares *O Brazileiro Pancracio*, que tem grande numero de representações, isto devido em grande parte ao desempenho que alguns artistas, e especialmente o Augusto, deram aos seus papeis, tornando-os quasi outros.

SALLES.— Foi collaborador dos jornaes *O Dia* e *O Commercio de Portugal*. Ultimamente fez-se actor, estreiando-se no theatro da Rua dos Condes. É intelligente e não tem má figura. Se estudar, é possivel que venha a ser um actor util.

SANTA RITA. — Um escriptor que foi muito fallado pelas difficuldades que encontrou em fazer representar a sua peça, *O Bezerro de ouro*. Afinal conseguiu vel-a em scena uma unica noite no theatro do Principe Real, mas representada no meio da maior troça e do mais indecente *charivari*, que se tem presenceado. Nunca tal se fizera a peças de muito menos valor.

Até hoje não voltou ao theatro e decerto lhe não ficaria vontade de encontrar-se de novo cara a cara com esse monstro incomprehensivel, que se chama publico.

SANTOS GONÇALVES.— Um doido cheio de talento, com grandes aptidões para o jornalismo, mas que perdeu todo o prestigio pela fórma por que procedia na imprensa, tecendo exaggerados elogios ou deprimindo acintosamente ao sabor das suas paixões e dos seus interesses de momento, que nos futuros nunca elle pensou. Teve como ultimo recurso partir para a Africa, onde a principio se collocou bem, mas, continuando no seu systema de insultar e deprimir, viu-se na necessidade, para angariar os meios de subsistencia, de ir trabalhar como typographo, classe a que pertenceu n'outro tempo em Lisboa, Coimbra e Figueira.

Este infeliz, quando queria fazer uma critica theatral desapaixonada e severa, fazia-o como poucos. Para o theatro escreveu, de collaboração com Libanio da Silva, uma opereta, *A Roseira encantada*, que foi representada no theatro da Avenida pela companhia de Cinira Polonio. Escreveu tambem um drama, que diziam ser parte da sua vida, e que só foi representado por amadores no theatro Taborda.

SANTOS MIGALHAS. — Estreiou-se no theatro barraca D. Luiz, que esteve armado no largo de Belem, durante a feira e depois. Foi para o Porto contractado pelo emprezario Dallot, trabalhando no antigo barracão dos Carmelitas, que depois se chamou theatro de Variedades. D'alli seguiu para o theatro Baquet, fazendo pequenos papeis. Passou para o Principe Real, onde arrematou todos os estalajadeiros das operetas. Sahiu d'ahi descontente e voltou para o Baquet, onde fez com agrado o *Migalhas* da revista *Porto por um canudo*. Foi por essa occasião que ficou cenhecido pelo **Santos Migalhas**. Com a companhia de Taveira foi depois aos Açores. No regresso entrou para o theatro dos Recreios, hoje D. Affonso e ahi ficou como emprezario, associado a José Ricardo e Taveira. N'essas condições ainda foi para o Principe Real, ficando mais tarde Taveira emprezario unico e o **Santinhos** ou **Santos Migalhas** escripturado com elle, como ainda hoje está. Que o **Santos** tem valor é inquestionavel. Quem o vê representar pela primeira vez, acha-o um actor comico muito apreciavel, principalmente pela naturalidade com que trabalha. Depois, com a continuação de vel-o em diversos personagens, modifica-se um pouco o juizo, porque é sempre o mesmo homem e bastante monotono. Não varia os papeis, prejudicando-lhes o effeito por falta de individualidade; a naturalidade que se lhe observa é a que lhe é propria e não a do individuo que figura. O actor deve desapparecer ante o personagem. O **Santinhos**, invertendo a applicação d'este preceito salutar, faz desapparecer os personagens perante os seus dotes pessoaes. Mais não posso dizer d'este artista; de mais disse já, em vista da sua obstinação em recusar apontamentos para estas notas. Se a recusa era motivada em não declarar ter começado a sua carreira por uma barraca de feira, fez mal, que n'isso nada ha de deshonroso; antes pelo contrario. Alfredo Carvalho e Joaquim

Silva nas feiras começaram e chegaram aonde o **Santinhos** não chegou e provavelmente não chegará.

SARMENTO.— É já ha annos *discipulo* do Gymnasio. Parece querer enfileirar ao lado do Moraes, do Gonçalves, do Amado e de outros eternos *discipulos*. Oxalá o trabalho e o estudo o melhorem de posição.

SEBASTIÃO AMBROSINI. — Na opinião auctorisada de Adrien Balbi, este **Ambrosini** era um dos primeiros comicos dos theatros de Lisboa em 1820.

SEPULVEDA. — Parece ser natural do Porto. Em consequencia de uma aventura amorosa que alli teve, veiu para Lisboa e fez-se actor no theatro do Principe Real. Só alli esteve uma epocha, seguindo com a companhia de Furtado Coelho para o Brazil. Tinha a mania de ser *galan* fóra da scena, o que lhe valeu uma bofetada, applicada em pleno palco pela Lucinda. Até hoje ainda não sahiu do Brazil, andando de empreza para empreza, fazendo-se elle mesmo emprezario com a Dores Lima, seguindo de terra para terra com mais ou menos fortuna. Por vezes faz interesses, mas bebe-os. Se tivesse estudado e seguido uma carreira regular, poderia ter alcançado uma posição no theatro, porque tem dotes para a scena.

SILVA CARVALHO.— Teve diversos empregos, acabando em negociante de moveis. Foi por muito tempo dedicado ás lettras, publicando um volume de versos e collaborando nos jornaes. Tambem fez algumas comedias, e, entre ellas, uma com o titulo *A Republica,* que se representou com muito agrado no theatro das Variedades.

SILVA CARVALHO.— Filho do antecedente. A este deu-lhe para ser actor, estreiando-se no Gymnasio, passando depois á Trindade e por ultimo percorrendo as provincias. Ainda não conseguiu sobresahir em papel algum, mas estudou tambem as imitações do Frégoli, com que se apresentou no Real Colyseu e n'outros theatros, conseguindo agradar bastante. Na verdade, esse trabalho é bem feito.

SILVERIO GIL.— Filho do pae Gil e irmão do actor João Gil. Tem ha muitos annos um estabelecimento de alfayate na rua Augusta, mas antes, foi com seu pae actor de provincia e depois escripturado no velho theatro da Rua dos Condes, onde fazia alternadamente *galans* e *tyrannos*. Teve muito juizo em deixar a scena, trocando-a pela alfayateria, em que fez sempre mais interesses e melhor figura.

SUZANA CASTERA.— Conhecidissima de ha muitos annos no Rio de Janeiro. É franceza e foi contractada para o theatro do Alcazar. Fez-se uma heroina temida pelas suas inconveniencias e desatinos, chegando uma vez a subir ao camarote onde presidia ao espectaculo a auctoridade e ahi chicotear um delegado de policia! Mulheres e homens, todos a temiam, porque para ella o escandalo era o prato predilecto. Fez uma fortuna no Rio de Janeiro, mas não abandona essa sua terra predilecta. Passa mezes em França e annos no Brazil. Começou a representar em portuguez para recitas de beneficios e annualmente faz tambem ella a sua recita, a que eleva muito os preços, conseguindo sempre enormes enchentes. Foi muito galante, mas engordou despropositadamente e... os annos não passam debalde.

TAINHA.— Foi um actor de feira e de provincia, que depois veiu parar ao Principe Real e em seguida ao Avenida. Agora percorre outra vez as provincias. Pouco vale.

É o pae dos filhos da actriz retirada Izabel d'Oliveira.

TEIXEIRA (Caveira ou Morte-certa).—Os epithetos vaticinaram-lhe a sorte; morreu cedo. Tinha seu geito e era util n'alguns pequenos papeis, como o mostrou em diversos theatros do Rio de Janeiro. Ás vezes ajudava-o no trabalho a figura, que era quasi transparente.

THEODORCIO (velho). — Um actor de grande nomeada dos velhos theatros do Salitre e Rua dos Condes. Em 1820 já Balbi o apontava como um dos primeiros a fazer *centros*. Em 1836, na companhia dirigida por Emilio Doux, era o **velho Theodorico** um dos mais notaveis artistas da Rua dos Condes, ao lado do Matta, Fidanza, Dias, Lisboa, Epiphanio, Talassi, Mesquita e outros. O seu nome era **Theodorico Baptista da Cruz**, nome que tambem depois adoptou o seu afilhado, o actor Theodorico, que tanto se distinguiu em D. Maria.

THEODORICO (contraregra).— Da mesma fórma que o Theodorico Junior adoptára todo o nome de seu padrinho, o velho Theodorico, este, que era afilhado do novo, quiz tambem ser **Theodorico Baptista da Cruz**, suppondo talvez que bastaria o nome para fazer um bom artista. Enganou-se redondamente, porque nunca passou de uma mediocridade na scena. Para viver fez-se contraregra e n'essa posição morreu, sendo ainda bem novo.

THEREZA.— Era uma corista do Porto com bella voz. Veiu para Lisboa tambem como corista e entrou no theatro Avenida. Ahi agradou cantando a *toada* popular do segundo acto do *Burro do sr. Alcaide*. Passou para a Trindade onde, além de corista, fazia tambem papelinhos. A protecção que n'esse momento tinha fez com que a escripturassem no theatro de D. Maria, onde era perfeitamente inutil. Contractou-se depois com José Ricardo para o Porto. Se de lá viera gorda, ia então gordissima! Filha gorda á terra torna. Os portuenses, ao vêrem-n'a tão anafada, não puderam deixar de exclamar: *Caracoles!* Por lá está e por lá se conserve.

THEREZA DO MARTINS.— Era uma antiga actriz do theatro das Variedades, que tinha merecimento e muitas sympathias do publico. Começou a salientar-se na magica *Ave do Paraizo*, em que cantava com muita graça umas coplas no *Reino da Pedraria*. Foi com o Martins para o Brazil e lá morreu pouco depois.

TITO MARTINS.— Um rapaz intelligente e modesto, collaborador de diversos jornaes, pertencendo actualmente á redacção do *Jornal do Commercio*. Tem trabalhado bastante para o theatro, conservando ineditas algumas peças em diversos generos. Com agrado se representou no theatro da Rua dos Condes a sua opereta *O Harem d'El-Rei* e, em collaboração com Baptista Machado, no Real Colyseu, a revista *Farroncas do Zé*. Á nova sociedade artistica do theatro de D. Maria entregou o drama *Soror Marianna*, que foi regeitado.

TORRES.— Actor que faz parte da companhia do theatro do Principe Real, tendo alli começado no verão de 1896, n'uma empreza dirigida por Salvador Marques. Pouco o tenho visto trabalhar, mas affigura-se-me que não é destituido de geito.

TORRES.— Um actor brazileiro, casado com a filha do machinista e aderecista Francisco Fernandes. Era uma utilidade no theatro, mas abandonou-o para se estabelecer com uma fabrica de manequins para modistas. Nunca mais o vi em theatro e consta-me ter fallecido no Rio de Janeiro.

VALERIA.— É assim conhecida, mas affiançam-me que o seu appellido é **Vallerio.** Começou nos theatro do Porto e veiu depois para Lisboa, apresentando-se espectaculosamente nos theatros e passeios. Salvador Marques quiz aproveital-a quando foi emprezario do velho theatro da Rua dos Condes; fel-a estreiar-se no papel de *Verdade* da peça phantastica *O Espelho da Verdade*. Apresentou-se quasi nua, como convinha ao personagem, mas nem assim mesmo conseguiu agradar.

VANNEZ.— Cunhado do Ferrari da confeitaria da rua Nova do Almada. Era um antigo *galan* comico do velho theatro da Rua dos Condes. O seu nome era **José Maria Vannez.** Tinha um bello aspecto, que o tornava sympathico ao publico. Como actor não consta que fosse notabilidade, mas decerto tinha valor, porque o jury compe-

tentissimo, que classificou os artistas para a primeira sociedade artistica na abertura do theatro de D. Maria, collocou-o na segunda classe. E essa segunda classe não era a insignificante que hoje se fez, mas uma segunda classe honrosissima a que pertenciam actores e actrizes notaveis, como eram o Assis, o Gusmão, o Vianna, o **Vannez**, o Matta, a Fortunata Levy, a Josepha Soller, a velha Barbara, a Radice e outros.

VARELLA.— Um escriptor dramatico que teve diversas peças representadas com bastante agrado e que, em diversos jornaes, escreveu varios artigos sobre arte dramatica. Morreu novo. Foi com a sua viuva que se deu o caso engraçado que referi quando tratei do escriptor Cypriano Jardim, a proposito da sua comedia *A Pesca da Baleia.*

VASCO.— Era um bonito homem. Ensaiador de sociedades particulares, depois primeiro *galan* no theatro do Salitre, em 1843, n'uma empreza de José Vicente, do guarda-roupa e do Cyriaco, irmão do actor Victorino. Da companhia faziam parte, entre outros, a Izabel Rogali, Marianna Trindade, Guilhermina Trindade, Maria José dos Santos, Reis, Vasco, Pereira, Moniz, Gama, Bernardo de Mendonça, o velho Ignacio, Ferreira e Moreira.

Em 1846, **Vasco da Gama Cabral** foi para a abertura do Gymasio, sendo ahi o primeiro *galan*. Cursára as aulas do Conservatorio e tinha andado na provincia com companhias. Foi depois para o Brazil e lá morreu.

VENANCIO.— Nunca passou dos ultimos theatros, incluindo os da feira. Já uma vez se escripturou na Rua dos Condes e nada fez. O que elle tem é habilidade, porque, além de actor, é escriptor popular, sendo elle o auctor de algumas peças applaudidas nas feiras, especialisando-se o *Processo do Rasga*, que das feiras passou para outros theatros, inclusivé o theatro Principe Real, do Porto, onde foi representado pela sociedade dos bombeiros voluntarios e o theatro Sant'Anna, do Rio de Janeiro, empreza Heller. O **Venancio** é tambem scenographo e aderecista.

VERON.— O collaborador effectivo do Nogueira Junior. Veja-se o artigo referente a este, desde os bancos da escola até aos theatros. O **Veron** ainda vive felizmente, mas nunca mais escreveu depois da morte do seu collaborador.

VIANNA.— Foi um bom actor do velho theatro da Rua dos Condes e que depois foi classificado em segunda classe para o theatro de D. Maria.

VICENCIA DE MOURA.— Uma actriz brazileira que tinha um certo nome. Só a vi representar uma vez. Era já bem velha, muito baixa, muito feia e com pessima pronuncia. Representou com o actor Machado um entreacto, em que ella tinha de se vestir de militar! Tive dó d'ella.

VICENTE PONTES D'OLIVEIRA.— Foi um muito afamado emprezario do norte do Brazil. Ouvi fallar bastante d'elle, mas já não o conheci. Deixou viuva a actriz Manuela Lucci, que foi actriz de fama e depois tambem emprezaria e ainda hoje vive retirada no Pará.

VICTORINO.— Foi um afamado actor dos velhos theatros do Salitre e Rua dos Condes e depois classificado em primeira classe para o theatro de D. Maria. Pelo que se póde apurar, foi um puro actor de dramalhão, que por entre algumas imperfeições tinha lampejos de talento vigoroso. O seu maior defeito eram uns meneios de corpo, que o tornavam um pouco ridiculo, isto em resultado de, no começo da sua carreira, ter desempenhado muitos papeis de dama.

VILLAR.— Foi um modesto actor nos theatros do Rio de Janeiro. Não tinha grandes aptidões, mas apresentava-se bem e era utilidade. Retirou da scena para ser corrector de fundos, com o que se tem dado melhor.

VILLAR.—É emprezario de theatros de feira, tendo egualmente sido actor em theatros populares. Já seu pae, um antigo cabelleireiro da rua do Loreto, construira tambem em Belem um theatro de feira.

VILLELA.—Um scenographo que trabalhou por muito tempo para os theatros de Lisboa, ou só, ou de sociedade com o Barros. Era muito mau artista.

VIRGINIA NERY.—Irmã do Nery, que teve o antigo restaurant e botequins dos Recreios Whittoyne e teve outros mil negocios, acabando em camaroteiro do theatro de S. Carlos.

A **Virginia** foi ser actriz para os theatros do Porto e por lá se conserva ainda com muito modesto logar nas companhias portuenses. Está actualmente no theatro Carlos Alberto.

ALGUNS RETRATOS

Obtidos depois de impressos
os artigos com que teem relação

ALGUNS RETRATOS

LABICHE.—Já tratei d'este notavel auctor dramatico na data da sua morte, a 24 de janeiro de 1888. Queira ler-se a paginas 46.

Apezar de ser um auctor dramatico apreciadissimo, as suas magnificas peças nunca fizeram grande carreira em Lisboa.

MARIA FAVART.—A paginas 78, na data do seu nascimento, a 23 de fevereiro de 1833, fallei da carreira brilhante d'esta notabilissima actriz. Tambem a ella me referi a paginas 141, por occasião da sua estreia no theatro de D. Maria, de Lisboa, a 10 de abril de 1883.

ROSSINI.— A este notabilissimo maestro, honra e gloria da arte italiana, referi-me a paginas 85, na data do nascimento do immortal auctor do *Barbeiro de Sevilha*, em 29 de fevereiro de 1793.

Este retrato é de 1843.

DOMINGOS D'ALMEIDA.— Foi um bonito rapaz o antigo *galan* do velho theatro da Rua dos Condes, hoje já um velho desdentado, fiscal do theatro do Principe Real, do Porto. Já d'elle me occupei na data do seu nascimento, a 6 d'abril de 1825.

JOÃO DE LEMOS.— A paginas 173, na data do seu nascimento, a 6 de maio de 1819, já dei informações d'este notabilissimo poeta, que tão querido foi da geração sua contemporanea. Era sua a tão popular poesia *A Lua de Londres*.

MOREIRA.— D'este correctissimo actor do Salitre, Gymnasio e D. Maria, já ha bastantes annos reformado, escrêvi a paginas 218, na data do seu nascimento a 6 de junho de 1821.

Este retrato foi tirado no anno de 1863.

RODRIGO FELNER.— D'este erudito escriptor, socio do Real Conservatorio, secretario da inspecção dos theatros, membro do jury da classificação de artistas, censor regio do theatro de D. Maria e traductor abalisado de diversas peças, tratei a paginas 223, no dia 11 de junho, data do seu nascimento. Como já affirmei, era homem de vasta erudição.

CHARLES GOUNOD.— D'este muito illustre maestro francez, o immortal auctor do *Fausto*, fallei a paginas 227, na data do seu nascimento, a 16 de junho de 1818. Viveu este notavel musico 75 annos.

MATTA.— Na mesma data anterior, isto é, a 16 de junho, mas do anno de 1873, data da sua morte, referi-me ao actor **Matta castelhanos.**

Agora quero unicamente apresentar o seu retrato.

FERREIRA DE MESQUITA.— A paginas 289, na data do seu nascimento, a 6 de agosto de 1842, já me occupei d'este escriptor, que muito trabalhou para o theatro.

Tinha 30 annos quando tirou este retrato.

DR. LUIZ DA COSTA PEREIRA.— São poucas todas as homenagens prestadas a este illustre litterato, professor do Conservatorio, director de scena e commissario regio junto ao theatro de D. Maria. Queira ler-se o que sobre elle disse a paginas 304, na data do seu nascimento, a 19 de agosto de 1819.

ANTONIO VICO.—Já dei informações a

respeito d'este distinctissimo actor hespanhol a paginas 310, na data da sua primeira estreia em Lisboa, no theatro do Gymnasio, a 27 de agosto de 1892.

HERMINIA.—D'esta distinctissima actriz

tão popular nos theatros de Portugal e do Brazil, já escrevi na data da sua estreia no theatro do Principe Real, a 27 de setembro de 1874, a paginas 346.

Quero agora apenas apresentar de novo o seu retrato, porque o outro que acompanha o artigo sahiu sem similhança alguma.

JOSÉ ANTONIO.—Actor do theatro de

D. Maria, amigo e companheiro inseparavel do actor Leal, de quem já dei o retrato. Era injustiça não o dar tambem do **José Antonio**. Com respeito a informações suas veja-se a data da sua morte, a 9 de outubro de 1873, a paginas 366.

FLORENCIO SARMENTO.—Só tarde me

foi possivel obter o retrato d'este escriptor dramatico, do qual tratei na data do seu nascimento, a 7 de novembro de 1827, a paginas 406. É o auctor do drama *No tempo dos francezes.*

BIANA DUHAMEL.—Quero deixar aqui o

retrato da graciosissima actriz, que tanto se evidenciou em Paris, conseguindo o enorme exito que teve a peça *Miss Helyett*, nos Bouffes Parisiens.

Já d'este successo fallei a 12 de novembro, a paginas 412.

Realmente, se a peça *Miss Helyett* é bonita e tem valor e se a partitura é uma das mais bellas de Ed. Audrand, ainda assim nunca obteria o enorme exito que teve em Paris se não fosse o graciosissimo desempenho que á protogonista deu **Biana Duhamel**.

EMILIA FOSSA.—Na data da sua estreia no theatro da Trindade, a 26 de novembro de 1868, a paginas 424, já me referi a esta distincta cantora, de quem hoje apresento o retrato. Era mais formosa do que sua irmã.

AMALIA FOSSA.—Na mesma data e na mesma pagina da anterior, referi-me tambem a esta artista, que egualmente se estreiou no theatro da Trindade. Era menos formosa do que sua irmã Emilia, mas era-lhe muito superior no canto.

DORA LAMBERTINI.—Por só agora o ter obtido apresento o retrato da pequena actriz, rival da Gemma Cuniberti. Occupei-me d'ella a paginas 521, no *Appendice*. Resta-me dizer que percorreu tambem as nossas provincias.

CANDIDA PALACIO.—Eis o retrato d'esta actriz no papel do *Burro do sr. Alcaide,* quando era graciosa e elegante. Veja-se na secção *Alphabeticamente,* a paginas 624.

Esta hespanholinha tomou as fôrmas d'uma hespanholona. Como actriz pouco vale.

NOTICIAS

Sobre diversos theatros portuguezes e estrangeiros

NOTICIAS SOBRE THEATROS

O VELHO THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Lisboa)

Não está definitivamente averiguado, divergindo as opiniões, se o **Theatro da Rua dos Condes** foi construido no mesmo local, em que existiu o *Pateo* dos Condes, ou se no sitio em que foi a cadeia do Tronco. Em todo o caso os locaes eram muito proximos um do outro. Ainda n'este livro hei de fallar do *Pateo* dos Condes, em que se

O velho Theatro da Rua dos Condes

representou em hespanhol, francez e italiano e em que se deram espectaculos de *marionettes*. O *Pateo* foi arrazado pelo terremoto de 1755.

O Theatro da Rua dos Condes foi depois construido pelo architecto Petronio Mazzoni, entre os annos de 1756 a 1765. Muita e muita gente se recorda ainda d'esse acanhado e perigosissimo edificio, pois que só foi mandado demolir em 1882.

Desde a inauguração parece que funccionaram a principio n'aquelle theatro sempre companhias italianas de canto, sendo a mais notavel a da Zamperini, que começou a funccionar em 1770. Com a Zamperini succederam-se aventuras e escandalos de tal ordem, que, no fim do anno de 1774, foi expulsa do Reino por uma ordem do Marquez de Pombal.

Foi depois emprezario do theatro Paulino José da Silva até 1782, anno em que começaram a funccionar uns estrangeiros, que representavam peças com bonecos. O intendente Pina Manique prohibiu depois estes espectaculos por indecentes.

Foram-se variando os espectaculos estrangeiros até que se reuniu uma companhia portugueza, que representou uma peça sacra, *O Martyr Santo Adrião* e outras diversas. Além de não prestarem os actores, ainda havia a attender á prohibição de que representassem mulheres!

Um distincto escriptor inglez descrevia da seguinte fórma as representações no **Theatro da Rua dos Condes** em 1787:

«O theatro é baixo e estreito e os actores, pois não ha actrizes, estão abaixo da critica.

«Havendo as absolutas determinações de Sua Majestade expulsado as mulheres do palco, são os papeis d'estas desempenhados por desenxabidos rapazes. Julgue-se o curioso effeito que esta metamorphose produzirá, especialmente nos dançarinos. Aqui, vê-se uma alentada pastora de candidas vestes virginaes, ostentando macia barba azulada e proeminentes claviculas, empunhar um ramilhete com uma mão capaz talvez de derrubar Goliath. Um rancho de leiteiras segue-lhe as enormes passadas, levantando a cada movimento as saias acima das cabeças. Estiramentos, saltos e olhadellas assim, nunca eu tinha visto nem espero tornar a ver.»

Para rebaixar ainda o theatro começou então a estupida usança dos elogios dramaticos. N'essa epocha as peças tinham principalmente custoso scenario e complicado machinismo.

A gente de theatro não tinha n'esta epocha a menor importancia; era até despresada ao ponto do intendente Pina Manique dirigir um officio ao ministro, em que dizia:

«Tambem devo pedir a V. Ex.ª que queira informar o Principe Nosso Senhor da qualidade de gente que é comicos e emprezarios, que de ordinario é a mais infima, e que para os conter, e conservar a boa ordem e policia do theatro, é necessaria a força, sem a qual nada se póde fazer, porque é uma gente sem melindre ou capricho, e o interesse é o que tem no seu coração. São susceptiveis de tudo aquillo que é mau para o adoptarem, ou seja contra os bons costumes, ou contra a honra, o ponto é que elles tenham interesse. Além de que não cumprem o que devem para satisfazerem o publico, e muitas vezes é preciso contel-os para não *enxerirem* algumas palavras menos decentes, que não vêem na peça que executam; e de ordinario tambem, para poderem prevenir-se e a seu salvo praticarem estas desordens, procuram sempre protectores, para á sombra d'elles se abrigarem e poderem denegrir a policia, e com macaquices e visagens ganham os mesmos protectores para este fim, os quaes, na presença de Sua Alteza Real e de seus ministros d'estado, poderão dar as côres que lhes parecerem, para desgostarem os executores das reaes ordens e ficarem elles na sua liberdade, vindo por este modo a conseguir o seu fim.»

Já antes o cavalheiro de Oliveira nos seus *Amusements periodiques* escrevia:

«Os portuguezes, a exemplo dos romanos, teem os actores em grande desprezo. A profissão de comediante é a mais vergonhosa de todas. Consideram-n'a ainda abaixo das que são realmente infames e cirminosas. Para nos convencermos d'isto,

basta dizer-se que negam sepultura em sagrado aos actores, e que a dão aos salteadores e facinoras.»

Até 1792 estiveram no **Theatro da Rua dos Condes** companhias lyricas, sendo nos dois ultimos annos emprezario o Lodi, que foi depois emprezario de S. Carlos.

D'esta data em diante foi o theatro explorado por companhias nacionaes. N'esse anno a abertura do theatro foi feita com o drama allegorico de Henrique de Campos *O Auspicio Feliz.*

Em 1800 era emprezario do theatro o actor Antonio José de Paula, que requereu e conseguiu que as mulheres tornassem a representar, sendo as primeiras que se apresentaram no palco, depois de revogada a estupida ordem de D. Maria I, as actrizes Leocadia Maria Serra e Anna Izabel.

Em 1804, tendo morrido Antonio José de Paula, passou a empreza da **Rua dos Condes** para Manuel Baptista de Paula, que se intitulava herdeiro do seu antecessor. Conservou-se esta empreza até 1809, em que o Manuel Paula passou a dirigir uma sociedade de actores, que se formou no mesmo theatro. Em 1812 um decreto juntou a exploração dos theatros da **Rua dos Condes** e S. Carlos por artistas portuguezes e italianos com subsidios e privilegios varios e isto assim foi até que em 1818 a sociedade dos artistas ficou só com o **Theatro da Rua dos Condes.**

Com grandes difficuldades e sempre luctando, ora com falta de artistas, ora com falta de recursos, mas sempre com falta de espectadores, a sociedade foi-se arrastando, com o pomposo titulo de theatro nacional, até que em 1826 teve de fechar as portas do theatro pelo espaço de tres mezes, em seguida á morte de D. João VI.

N'este intervallo os artistas reuniram-se, formaram um plano de sociedade e reabriram depois os theatros da **Rua dos Condes** e Salitre com um resultado deploravel. Valeu-lhes um subsidio de 8:000$000 réis concedido pelo governo de D. Miguel.

Em 1829 partiram para o Brazil as tres irmãs, Ludovina Soares, Thereza Soares e Maria Soares, a Maria Candida de Sousa, Maria Amalia da Silva, João Evangelista,

Lisboa, Barros e outros actores, deixando fraquissima a companhia da **Rua dos Condes**, que teve de ser reforçada com Victorino, Matta e outros.

Com os successos politicos de 1833 fecharam todas as casas d'espectaculos, dando-se mais tarde, de quando em quando, uma recita festiva ou a beneficio de algum artista.

No fim do anno de 1834 chegou a Lisboa e foi trabalhar para a **Rua dos Condes** uma companhia franceza, conhecida pela companhia de Mr. Paul e Madame Charton. Vinha tambem Emilio Doux. A companhia estreiou-se a 4 de janeiro de 1835, alcançando grande exito. As recitas foram intercaladas com as da companhia portugueza, que bastante proveito tirava do estudo que os nossos artistas faziam com o modo de representar dos francezes, alguns bem distinctos.

A companhia franceza retirou-se em abril de 1837. Ficou Emilio Doux, que escripturou diversos artistas, attrahiu alguns discipulos e começou a dar em portuguez a melhor parte do repertorio, que o publico já vira em francez. Emilio Doux prestou relevantissimo serviço ao nosso theatro. O exito dos seus esforços foi notavel na **Rua dos Condes**, depois no Salitre e por fim no Gymnasio e D. Fernando, até á sua partida para o Rio de Janeiro, onde tambem a arte dramatica lhe deveu assignalados serviços.

Com a intelligente direcção de Emilio Doux se aperfeiçoaram os já então distinctos artistas: Florinda Toledo, Carlota Talassi, Victorino, Matta, Theodorico (velho), Lisboa, Vannez e Epiphanio, e se crearam os que depois foram ornamentos celebres do nosso theatro, como Emilia das Neves, Theodorico Junior, Rosa (pae), Tasso, Sargedas, Delphina e outros.

Até 1840 esteve Emilio Doux dirigindo a **Rua dos Condes**, dando grande prosperidade ao theatro. Seguiu-se a empreza do Conde de Farrobo, que teve enormes prejuizos, não só pela má direcção que dava ao theatro, mas pelas conhecidas larguezas do Conde, que fazia verdadeiras extravagancias na montagem das peças e dava

aos artistas ordenados verdadeiramente fabulosos.

Em 1844 passou o **Theatro da Rua dos Condes** a ser gerido por uma sociedade de artistas, á frente da qual estavam o Matta, o Sargedas e Caetano José da Silva, marido de Carlota Talassi. Sahiu do theatro Emilio Doux, ficando ensaiador o notavel actor Epiphanio.

Os principaes artistas sahiram em 1846 para irem inaugurar o theatro de D. Maria. N'esse anno ainda a **Rua dos Condes** abriu algumas vezes para espectaculos da prestidigitadora franceza Mademoiselle Auguinet.

Esteve o theatro fechado por alguns annos, até que, depois de lhe fazer algumas obras, o reabriu a empreza do José Vicente, do guarda-roupa. Foi isto em 1852. Formou-se depois uma associação, que o explorou por bastantes annos, chegando a ter alli bellas companhias, de que fizeram parte: Anna Cardoso, Luiza Fialho, Simões, Areias, Queiroz, Brêa, Pires, Marcolino, Augusto, Rodrigues, Santos, Cesar de Lima, Rollão, Faria e outros muitos. Montaram-se alli muitas magicas, oratorias e outras peças de espectaculo

Em 1866 foi o theatro alugado a Francisco Palha, que alli deu uma serie de representações com a excellente companhia que mais tarde inaugurou o theatro da Trindade. Depois seguiram-se as emprezas de Villar Coelho e José Romano, Pinto Bastos, José Torres, Desforges, Sousa Bastos, José Joaquim Pinto e actor Santos e por fim a de Salvador Marques. As grandes receitas do theatro nos ultimos annos foram conseguidas pelas minhas revistas *Coisas e loisas* (1873), *Lisboa no palco* (1874), *Scenas de Lisboa* (1875), *Cosmorama de 1876* e pela revista de Argus *Tutti-li-mundi*.

A ultima epocha theatral da velha **Rua dos Condes** foi a de 1881 a 1882. As duas peças que n'essa epocha obtiveram maior exito foram os dramas: *A Taberna* de Zola, traduzido pelo actor Santos e o *Noventa e tres* de Victor Hugo, traduzido por Fernando Leal.

Todos, ou quasi todos estes apontamentos sobre o **Velho Theatro da Rua dos Condes** foram colhidos do magnifico e importante trabalho de investigação, que durante dois annos publicou em o jornal *O Occidente* o distincto escriptor Maximiliano de Azevedo. Conta elle ainda que a ultima recita n'aquelle theatro se realisou a 20 de maio de 1882, em beneficio dos actores Roque e Costa (da luneta). O espectaculo foi formado por diversas comedias e operetas em um acto. A ultima a representar-se foi a minha opereta-parodia *Sinos de Corneville*, desempenhada pelo beneficiado Costa e pela actriz Guilhermina Macedo.

Accrescenta Maximiliano d'Azevedo:

«Houve uma coincidencia curiosa. As «ultimas palavras que se dizem nos *Sinos* «*de Corneville* são «*Olé se sou!*», ás quaes «se segue a copla final. Com ellas *cessou* «o velho pardieiro a sua carreira artistica. «Foi aquelle o ultimo *calembourg* da **Rua** «**dos Condes**, que tanto vivera á custa d'el«les.»

THEATRO DO GYMNASIO

(Lisboa)

Nas datas de 17 de maio e 19 de outubro já tratei da construcção e inauguração d'este sympathico theatro, que tem tido epochas brilhantissimas.

Na antiga travessa do Secretario de Guerra, hoje rua nova da Trindade, foi edificado um immundo barracão, que era circo de cavallinhos, arlequins, bailarinos, gymnastas, etc. Era dono d'esse circo o proprietario de uma typographia do Rocio, de nome Motta.

Manuel Machado, que então era fiscal do theatro de S. Carlos e que ainda hoje vive entrevado e sem recursos, tendo já completado noventa e dois annos de edade; foi ter com o Motta e convenceu-o a transformar o circo n'um modesto theatro. Fizeram-se rapidamente as obras indispensaveis e dentro em pouco, a 17 de maio de 1846, inaugurou-se a nova casa d'espectaculos com o titulo de **Theatro do Gymnasio**. Julio Cesar Machado, que assistiu a essa inauguração, descreve-o assim: «Era um theatrinho de cartas, sem proporções,

sem espaço, sem commodidades, mas alegre, sympathico, especie de creança do povo, pobre, rotinha e risonha, que dá mais gosto ver, que alguns moninhos frizados, embiocados em arminhos, de olhos franzinos e carinhas de asnos. Theatrinho de occasião, que parecia sahir de uma habilidade de breliques e breloques ! Tinha duas vistas, uma de bosque, outra de sala. Como nos theatros particulares, devia caber tudo e fazer-se tudo alli.»

O theatro abriu com o melodrama de Cesar Perini de Lucca, professor do Conservatorio de Lisboa, *Os fabricantes de moeda falsa.*

Da companhia faziam parte os artistas: Pereira, Moniz, Vasco, Romão, Ramos, Assumpção, Marques, Maria José d'Almeida, Emilia Costa, Emilia Candida, Massey, Paula Mairé, Maria Izabel, Ludovina, Fortunata Levy, Joaquina e Josephina. Estreiava-se na noite da inauguração o grande Taborda.

Theatro do Gymnasio

Com a revolução da Maria da Fonte o theatro fechou, mas reabriu logo depois, indo os socios buscar para os ensaiar o Emilio Doux.

A sociedade melhorou muito. Doux estabeleceu um genero novo em Portugal, o *vaudeville,* que agradou immensamente. Os socios entenderam que deviam ir além ainda e quizeram explorar a opera comica, por conselhos do maestro Miró. Emilio Doux oppoz-se tenazmente, allegando que os artistas d'aquelle theatro não estavam em condições de cantar. Miró insistiu, tomando a responsabilidade do exito da tentativa, e a sociedade, reunida em sessão, approvou a proposta do maestro. Doux, despeitado, pediu a exoneração dos cargos de director e ensaiador, abandonando assim aquelle gremio. Foi n'essa occasião nomeado ensaiador o actor Romão, que depois tão grande competencia mostrou para o cargo.

Por capricho os actores do **Gymnasio** redobraram de energia e ensaiaram rapidamente a opera comica de Miró, *A Marqueza,* que obteve grande exito. Depois d'esta subiram á scena com egual successo a opera comica tambem de Miró, *Conselho dos Dez* e a farça de Francisco Xavier,

egualmente com musica de Miró, *A velhice namorada sempre leva surriada.* Era n'esta peça que Taborda tinha um exito espantoso, copiando admiravelmente no *Simplicio Paixão* um muito conhecido fiel de feitos da Boa Hora.

Seguiram-se depois as operetas francezas *Capellão do Regimento, Moinho das Tilias, Chalet* e outras.

Francisco Palha, com a sua inexgotavel *verve*, deu por essa occasião ao **Gymnasio** bellas receitas com uma engraçada revista, em que, entre outros papeis, principalmente agradavam os de *Candieiro do Gaz* pelo Moniz, *Respeitavel Publico* pelo Pereira, *Candieiro d'Azeite* pelo Marques e *D. Pateada*, filha do *Respeitavel Publico* pela Emilia Candida.

Francisco Palha deu ainda por essa occasião para o **Gymnasio** a tragedia burlesca *Fabia*, que já tinham representado os estudantes de Coimbra no theatro Academico, a peça em 4 actos *Doidices Dramaticas* e a *Republica das Letras* em 1 acto, além de outras que subiram á scena mais tarde.

O **Theatro do Gymnasio**, onde todas as noites se reunia a primeira sociedade de Lisboa, seguia prosperamente. Suas Majestades haviam manifestado desejos de assistir áquelles espectaculos, mas o theatro era de tal ordem, que não podia recebel-as. Começaram então os socios a pensar em demolir o nojento barracão, sujo, tortuoso, de escadas ingremes e corredores acanhados e no mesmo local mandarem construir uma decente e commoda casa d'espectaculos. Eram bons os desejos, mas faltavam os recursos. Os artistas tinham o maior empenho em ser agradaveis ao publico; este só queria auxilial-os.

Já contei como o Manuel Machado, que resolvera o Motta a transformar o circo em theatro, conseguiu que o ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães auxiliasse agora a construcção, dando credito á empreza. Os scenographos illustres Rambois e Cinatti prestaram-se gratuitamente a fazer o risco do novo theatro e a dirigir os trabalhos. O mestre d'obras Ruas, avô dos actuaes emprezarios do theatro do Principe Real, tomou conta da construcção, fornecendo todo o material e pagando os jornaes aos operarios.

As condições foram estas: o empreiteiro obrigou-se a dar o theatro prompto a funccionar no praso de sete mezes pela quantia de 12:000$000 réis, paga no praso de doze annos, em prestações semestraes de 600$000 réis, sendo 500$000 réis de capital e 100$000 réis de juros de móra. Faltavam ainda os meios para fornecer o theatro de scenario, mobilia e outras coisas indispensaveis. Todos os fornecedores se promptificaram a entregar tudo, esperando pelo pagamento. Suas Majestades tomaram os camarotes, que ainda hoje conservam, dando 600$000 réis por anno, que ainda hoje dão, e mandaram-os decorar e mobilar a expensas suas. El-Rei D. Fernando e seus filhos D. Pedro e D. Luiz foram visitar o theatro em obras, tal era o interesse que por elle tomavam. A sociedade artistica obteve ainda do Banco de Portugal um credito de 5:000$0000 réis.

Concluidas as obras no praso marcado, em que os artistas deram espectaculos no Porto e outras terras para obterem os meios de subsistencia, fez-se a inauguração do novo **Theatro do Gymnasio** a 18 de novembro de 1852 com a comedia em 3 actos, original de José da Silva Mendes Leal, *O tio André que vem do Brazil* e as comedias em 1 acto: *O homem das botas*, original do actor Braz Martins e o *Misantropo*, imitação de Paulo Midosi. Abrira-se assignatura para 15 recitas e em poucos dias estava completa.

Os socios do **Gymnasio** n'esse momento eram: Taborda, Pereira, Moniz, Braz Martins, Areias, Romão, Marques, Ramos, Assumpção, Emilia Candida, Joaquina, o Rocha scenographo, o Manuel Machado, fiscal e Izidoro Lima, camaroteiro e thesoureiro. Eram escripturados os artistas: Abreu, Cesar de Lima, Joaquim Moniz, Santos, Margarida Lopes, Emilia Letroublon, Maria José Noronha, Ludovina, Magdalena e outros insignificantes. O ponto era o Fidanza. Os directores da sociedade eram Taborda, Moniz e Manuel Machado. A orchestra era dirigida pelo professor Filippe Real.

Os preços do theatro eram os seguintes: Camarotes de 1.ª ordem, 1$920 réis; 2.ª ordem, 1$440 réis; 3.ª ordem, 960 réis; platéa superior, 320 réis; geral, 240 réis; varandas, 160 réis.

Os escriptores que mais peças forneceram ao **Gymnasio** desde 1852 até 1860, foram: Cesar de Lacerda, Julio Cesar Machado, Cesar de Vasconcellos, Alfredo Hogan, Francisco Palha, José Mendes Leal, Manuel Roussado, Paulo Midosi, Braz Martins, José Carlos dos Santos, Aristides Abranches, Ricardo José de Sousa Netto, Joaquim Augusto d'Oliveira e Domingos Monteiro.

A peça que deu maior numero de recitas e alcançou maior successo foi o mysterio de Braz Martins, *Gabriel e Lusbel ou o Thaumaturgo*, vulgo *Santo Antonio*. O scenario foi pintado pelo socio Rocha e o guarda-roupa feito sob a direcção do socio Marques, com figurinos de Bordallo Pinheiro (pae).

Em 1856 a sociedade luctou com difficuldades por causa da epidemia do cholera, difficuldades que augmentaram no anno seguinte, motivadas pela epidemia da febre amarella. Por essa occasião o governo auxiliava-os, dando-lhes vinte e quatro mil réis por cada espectaculo.

N'este momento venceu-se uma das letras de 600$000 réis, que estava então em poder de um capitalista de apellido Silva. Como não houvesse dinheiro para a pagar, foram Taborda e Marques procural-o e pedir-lhe a reforma. O possuidor da letra rasgou-a e disse que lh'a pagassem quando pudessem. A sociedade honradamente a pagou no praso de tres mezes.

Até 1860 o theatro caminhou mais ou menos desassombradamente, mas, n'essa epocha, estando pagas todas as letras da construcção do theatro, deviam-se ainda os 5:000$000 réis ao Banco de Portugal. Reorganisou-se a sociedade e contractou-se com o capitalista Veiga um emprestimo de 12:000$000 réis a juro e a cedencia do camarote n.º 17 até final pagamento.

D'esse dinheiro pagaram a divida ao Banco, satisfizeram algumas contas pequenas e distribuiram a cada socio de primeira classe 300$000 réis e 200$000 réis a cada socio de segunda. O resto do dinheiro ficou em cofre para fundo da sociedade.

Como as direcções não satisfizessem os socios, foi a gerencia dada exclusivamente a Taborda, que, além de ser o primeiro artista da casa, era honradissimo. Na sua epocha os actores, empregados e fornecedores foram pagos em dia e nunca se augmentou a divida. Já era muito; mas o grande artista, á força de desgostos, exonerou-se do cargo, sendo substituido por Manuel Machado. Durante a administração d'este cresceram as difficuldades, as dividas amontoaram-se, alguns socios falleceram e outros abandonaram a casa. Ficou a sociedade reduzida a cinco membros: Emilia Candida, Romão, Marques, Assumpção e Manuel Machado.

Correndo mal os negocios, propoz o Machado aos consocios desistirem todos dos seus direitos ao theatro a favor de um capitalista, que lhes garantia 18$000 réis mensaes a cada um até á hora da morte. Emilia Candida e Romão não acceitaram, mas os restantes concordaram e assignaram uma escriptura n'esse sentido. Decorreram mezes, o capitalista não appareceu, o theatro funccionava sob a firma do Machado e os socios estavam lesados. Nada podiam reclamar sobre a propriedade, porque ella respondia pela divida ao Veiga e a outros muitos.

Como salvaterio formou então o Machado uma companhia de accionistas, em acções de 100$000 réis cada uma, cuja primeira direcção foi formada pelo Visconde de Ribamar, Dr. Cunha Seixas e Marques Pereira. O Machado recebeu 25 acções beneficiarias. A direcção declarou aos pensionistas Marques, Ramos e Assumpção que nenhum direito tinham á pensão mensal, allegando que o antigo contracto estava nullo, em vista do ultimo celebrado com a companhia, mas offereceu-lhes escriptura. Os pobres artistas assignaram a desistencia aos seus direitos, acceitando contractos de 24$000 réis mensaes, não lhes pagando a direcção d'ahi a pouco para os obrigar a sahir do theatro, que elles

tinham mandado edificar com tanto trabalho e sacrificios!

A nova companhia emprezaria empregou logo todo o capital em dar maiores dimensões á sala dos espectaculos e na compra de ricas mobilias e custosas tapeçarias.

Conforme disse na data de 29 de outubro de 1868, no *Appendice*, a peça d'abertura da nova empreza foi a opera burlesca de Offenbach, *As Georgianas*, posta magnificamente em scena pelo ensaiador Romão. N'esse artigo mencionei todo o elenco da companhia.

A nova empreza começou a decahir de mez para mez, de fórma que succediam-se umas ás outras as direcções e cada vez peior. A tal companhia de accionistas viu-se impossibilitada por falta de recursos e de credito, a gerir o theatro e começou alugando-o a diversas emprezas.

De 1 de setembro de 1870 a junho de 1871 foram emprezarios Manuel Machado com o Cruz do guarda-roupa e com o actor Cezar de Lacerda. Acabou a empreza antes de tempo por falta de cumprimento dos seus contractos. A mesma sorte teve Manuel Machado, que alugára elle só o theatro desde 1 de julho de 1871 a maio de 1872. De 1 de junho de 1872 a 30 de junho de 1873 foram emprezarios Alfredo de Mello, Couto d'Almeida e Xavier d'Almeida. Esta empreza foi honestissima, assim como a que funccionou de 1873 a 1874 e que era só de Xavier d'Almeida. De 1874 a 1876 foi emprezaria uma sociedade artistica de que faziam parte Cezar Polla, Joaquim d'Almeida, Leopoldo Carvalho, Emilia dos Anjos e Maria das Dores. Esta sociedade satisfez todos os seus compromissos e ganhou dinheiro, devido ao exito das peças *Lazaristas*, *Engeitados* e *Bola de sabão*. Em 1876 foi juntar-se á sociedade o grande actor Santos, que o governo injustamente atirára para fóra do theatro de D. Maria. Esta sociedade liquidou em junho de 1877.

A 1 de setembro d'esse mesmo anno foi o **Theatro do Gymnasio** alugado a Ernesto Desforges, que o abriu com a companhia italiana de opereta de Achille Lupi e Maria Frigerio, a qual apenas alli poude aguentar-se durante algumas semanas. Seguiu-se a empreza de José Romano, que tambem durou poucos mezes.

Finalmente, em julho de 1878, tomou conta do theatro o emprezario José Joaquim Pinto, que ha vinte annos alli está, cumprindo religiosamente os seus contractos e por isso administrando o theatro conforme entende e é da sua vontade. Tem sempre sido ensaiador Leopoldo de Carvalho. Da sua companhia têem feito parte artistas muito distinctos, como: Taborda, Valle, Joaquim d'Almeida, Polla, Montedonio, Marcellino Franco, Augusto de Mello, Silva Pereira, Emilia Candida, Telmo, Jesuina Marques, Cardoso, Barbara, Ignacio, etc.

Foram estas notas, na sua maioria, colhidas nas informações que para o *Diario de Noticias* forneceu o fallecido actor e antigo societario do **Gymnasio**, Manuel Hypolito Ferreira Marques.

O theatro é actualmente propriedade dos irmãos Andrade, os illustres barytono e tenor portuguezes.

THEATRO GARCIA DE REZENDE

(Evora)

Já na data de 1 de junho fallei d'este magnifico theatro. Foi n'esse dia, em 1892, a sua inauguração.

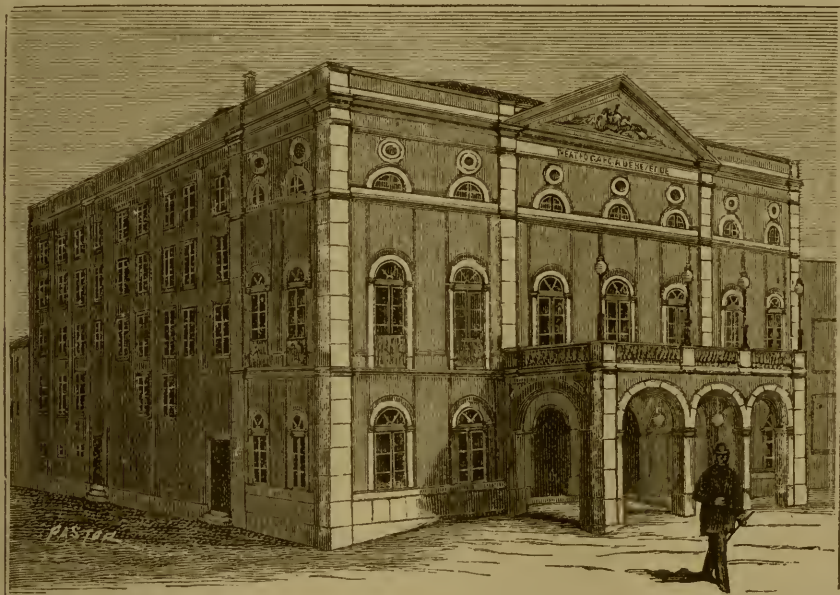
A direcção da sociedade Companhia Eborense, fundada em 1880, para dotar a cidade de Evora com um bom theatro era composta dos srs: Domingos Antonio Fiuza, Ignacio da Conceição Ferreira, Joaquim Sebastião Limpo Esquivel, José Maria Ramalho Diniz Perdigão e Thomaz Fiel Gomes Ramalho.

A commissão technica que devia dirigir os trabalhos ficou composta dos srs: Adriano Augusto da Silva Monteiro, Francisco Ignacio de Calça e Pina, Joaquim Sebastião Limpo Esquivel, Manuel José Carreta e Simão da Fonseca Lemos Monteiro.

O terreno escolhido foi o de umas hortas, junto ao lado occidental da praça de D. Pedro. Cedeu esse terreno, abrangendo tres mil metros quadrados, o sr. Conde da Costa pelo fôro annual de 15$000 réis. Para

o mesmo fim comprou a sociedade uma casa ao sr. Pereira Rosa pela quantia de 240$000 réis.

Duraram tres mezes os estudos de gabinete, em que cooperaram os srs. Carreta e Esquivel, sendo o projecto do edificio elaborado pelo engenheiro Silva Monteiro.

Como já disse, na data acima notada, no fim do anno de 1881, por falta de recursos, parou a obra. Só em 1888 se recomeçaram as obras com todo o desenvolvimento, graças á protecção e á iniciativa do Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso, que se promptificou a concluir o edificio, fazendo todas as despezas. Alem de tudo, faltava a parte decorativa do edificio, o scenario, mobilia e mais pertences para o theatro poder funccionar.

Theatro Garcia de Rezende em Evora

A parte decorativa da sala de espectaculos, incluindo o panno de bocca, foi confiada aos artistas Antonio Ramalho e João Vaz. O tecto da sala é tambem de Ramalho. É uma alegoria, em que se vê por entre nuvens as muzas e genios da poesia que cercam a Tragedia e a Comedia, desenhando-se ao centro a esphera armilar d'El-Rei D. Manuel, em que está escripto o nome de **Garcia de Rezende**.

O panno de bocca representa um jardim, em que se vêem typos de architectura manuelina, tendo pintada uma larga escada, pela qual desce o pagem **Garcia de Rezende** com a sua guitarra.

Já disse n'outro logar que o scenario para dotação do theatro foi pintado pelo notavel scenographo Manini.

Inquestionavelmente o **Theatro Garcia de Rezende** é dos melhores de Portugal, e nenhum se lhe avantaja nas decorações, todas executadas por artistas portuguezes.

No outro artigo a que me referi, disse que o theatro, depois de concluido, foi cedido ao municipio de Evora.

A camara municipal, em sessão de 11 de abril de 1892, mandou inserir na acta o seguinte:

«A camara municipal d'esta cidade, interpretando o sentimento de subido reconhecimento do povo que representa, para com o Ex.mo Dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso e sua Ex.ma esposa D. Ignacia Angelica Fernandes Ramalho de Barahona, pelo acto de notavel bizarria e

amor civico á esta cidade, demonstrado com a conclusão do **Theatro Garcia de Rezende**, que no seu genero é um dos primeiros edificios do paiz, resolve consignar na acta d'esta sessão o seu profundo reconhecimento áquelles benemeritos cidadãos pelo donativo feito á cidade de Evora, esperando que se dignarão continuar a auxilial-a em tudo que possa concorrer para o seu engrandecimento moral e material. Resolve mais esta camara tirar copia d'esta parte da acta, para officialmente a ir entregar nas mãos d'aquelles dignos benemeritos cidadãos. Evora e Sala das Sessões da Camara Municipal, aos 11 de abril de 1892. O vice presidente, Julio Victor Machado.»

Com respeito ao espectaculo de inauguração veja-se o artigo da data de 1 de junho.

Foram quasi todas estas notas colhidas de um desenvolvido artigo do *Occidente*.

THEATRO ROMANO

(Lisboa)

Na data de 30 de dezembro referi-me ás ruinas do **Theatro Romano**, encontradas n'uma excavação a que, em 1798, se procedia em Lisboa, na rua de S. Mamede, defronte das torres da Sé. Essa referencia foi baseada na obra que em 1815 publicou o erudito professor Luiz Antonio de Azevedo, o qual, no decurso do seu trabalho, chama sempre **Theatro Lisbonense** ao edificio soterrado. Veja-se na data apontada o titulo completo da obra.

O notavel investigador Ribeiro Guimarães publicou em tempo no *Jornal do Commercio* uma desenvolvida memoria sobre o **Theatro Romano**, a que me estou referindo. Seguirei tão sabia e conscienciosa opinião.

A existencia do **Theatro Romano** é authentica. Um dos muitos terremotos que soterraram tantos edificios fez desapparecer o theatro construido pelos romanos na famosa *Felicitas Julia Olisipo*. As ruinas d'esse theatro foram descobertas casualmente em 1798.

O padre oratoriano Joaquim de Foyos, socio da Academia Real das Sciencias, leu, na sessão da mesma Academia de 17 de maio d'aquelle mesmo anno, uma pequena *Memoria* ácerca do achado das ruinas, na qual diz:

«Ha pouco mais de quinze dias, na Costa do Castello, junto da rua que chamamos da Saudade, abrindo-se cabouco para edificar casa particular, se começaram a descobrir ruinas que indicavam ter havido alli edificio grande e publico; logo depois se achou uma estatua, e pelas pedras que se foram desenterrando, viu-se uma inscripção, da qual parece constar bastantemente que alli foi o theatro da antiga *Felicitas Julia Olisipo*...»

A memoria pouco mais importante é porque n'aquelle tempo ainda a excavação estava muito atrazada; apenas se descobrira uma das inscripções e essa ainda não estava decifrada. Proseguiu depois a excavação e foram-se descobrindo importantes ruinas. Fez o padre Foyos differentes supposições para determinar a epocha da fundação do theatro, mas todas mais ou menos arbitrarias.

Na *Dissertação* do professor Azevedo vem minuciosamente descriptos os restos que se encontraram do theatro romano e estudados á luz da historia. Diz elle:

«... descobriram-se no anno de 1798 umas ruinas do **Theatro Lisbonense**, as quaes se reduzem a uns fragmentos do mesmo theatro, comprehendendo os degraus ou assentos da platéa e o pavimento da orchestra; n'uma base mixtilinea ou envasamento de marmore (banqueta se lhe podera tambem chamar) alternadamente formado em quadrangulos e semicirculos, ou meias laranjas, a qual base era do proscenio, sobre o qual estava o chamado pulpito ou tablado, em que representavam os actores; uma inscripção em honra de Nero, gravada em letras ferraes na face do proscenio, que olhava á parte circular do theatro na correspondencia dos assentos da platéa; outra inscripção de certos libertos n'uma lapide, ou mais propriamente cippo de cinco palmos de comprimento e dois e meio de largura; duas estatuas marmoreas

de Sileno, das quaes uma se achava muito mais bem conservada do que a outra; algumas columnas estriadas e capiteis da ordem jonica; uma enfiada de pedras de silharia sem se lhes divisar rasto de que tivessem sido unidas com precintas de cal ou argamaçadas.»

Foi o architecto Francisco Xavier Fabri o encarregado de dirigir as excavações.

Pelas inscripções encontradas sabe-se que foi Caio Heio Primo que fez erigir, em honra de Nero Claudio, o primeiro theatro de que ha memoria ter existido em Lisboa. Sabe se portanto tambem a epocha da fundação, que é provavel fosse no anno 57 da era de Christo e 810 da fundação de Roma.

Ribeiro Guimarães pergunta no seu trabalho o que foi feito d'aquellas ruinas? Ninguem o sabe. As estatuas, os preciosos capiteis e fragmentos de pedras, tijolos, argamaça, tudo foi parar não se sabe aonde. No proprio logar onde o theatro existiu, na rua Nova de S. Mamede, no ultimo predio do lado esquerdo, que tem frente tambem para a rua da Saudade, havia ainda ha pouco uma cocheira baixa e de abobada, que tinha e deve ainda ter do lado esquerdo, como que a sustentar um arco, parte do fuste de uma columna estriada e, mais para dentro, n'um recanto, outro fuste egual, assim como outro n'um outro recanto ao fundo. Todos tres estão embebidos na parede!

É este **Theatro Romano** ou **Theatro Lisbonense** como lhe quizerem chamar, o mais antigo de que ha memoria em Lisboa.

THEATRO DA PAZ

(Pará-Brazil)

Deixo aqui a gravura representando o **Theatro da Paz**, do Pará, que é inquestionavelmente o primeiro do Brazil. Pertence ao Estado e é cedido ás emprezas para darem os seus espectaculos, mediante as condições estabelecidas pelo governador. É um amplo edificio, situado no local mais aprazivel da cidade de Belem, no Pará.

Tem grandes commodidades para o publico e para os artistas. A decoração é magnifica e o theatro é illuminado a luz electrica, tendo machinas proprias.

Theatro da Paz, no Pará

PATEO DA BITESGA

(Lisboa)

É este o primeiro pateo de comedias, de que ha noticia em Portugal. Não se sabe a data exacta em que começou a funccionar; sabe se apenas que existia em 1591, porque a 6 de julho d'esse anno começou o emprezario Fernão Dias Latorre a pagar a parte que dos espectaculos pertencia ao Hospital de Todos os Santos, pelo privilegio que este tinha de auctorisar esses espectaculos.

Fica assim rectificada a noticia que dei a 11 de julho, fazendo obra por falsa informação.

A 27 de novembro do mesmo anno cobrava o hospital egualmente de outro emprezario de nome Manuel Rodrigues.

Diversos investigadores contradizem-se sobre ser o **Pateo da Bitesga** o mesmo que depois se chamou **Theatro da Mouraria.** Querem uns que não, porque a rua da Bitesga era a mesma que hoje existe e a Mouraria começava mais além; mas affirmam outros com razão que não era crivel que n'aquella epocha existissem dois theatros tão proximos um do outro. Nunca se encontraram referencias aos dois na mesma epocha. Em que sitio da rua da Bitesga era o pateo ou theatro nunca se poude apurar. A opinião de Ribeiro Guimarães é de que um theatro nada tinha com o outro e que o **Pateo da Bitesga** foi extincto de 1595 a 1600.

PATEO DA RUA DAS ARCAS

(Lisboa)

O Hospital de Todos os Santos, por escriptura de 9 de maio de 1591, contractou com Fernão Dias Latorre construir dois *pateos* em sitios convenientes. Um d'estes foi sem duvida o **Pateo da Rua das Arcas,** pois que, por escriptura de 31 de maio de 1593, Latorre comprou ao commendador D. Diniz de Alencastre umas casas e quintal que possuia na praça da Palha e rua das Arcas. No cartorio do Hospital de S. José só se encontra rendimento d'este *pateo* de 1601 em deante. A escriptura era muito explicita e foi cumprida até ao anno de 1698, em que o hospital adquiriu a propriedade do *pateo.* Durou, pois, mais de um seculo o contracto.

As representações no **Pateo da Rua das Arcas** deviam começar pela Paschoa e acabavam no entrudo seguinte, mas annos havia em que começavam mais tarde.

Pelos annos de 1620 a 1630 representaram-se as comedias de Jacintho Cordeiro. Vinham alli frequentemente companhias hespanholas com actores notaveis. Alli esteve a celebre Damiana Riquelme, que floresceu no seculo XVII, da qual escreveu D. Cassiano Pellicer no seu *Tratado historico:* «Comparavel na formosura com as mais celebradas de formosas, nos tempos antigos e modernos; egual no representar ás gregas e romanas, e superior a todas pela virtude.»

D. João Casamuel fazia d'ella o seguinte elogio: «Moça, formosa, dotada de tão vehemente imaginação, que, quando representava, mudava, com admiração de todos, a côr do rosto, porque, se o poeta narrava successos prosperos e felizes, ouvia-os com semblante risonho, e se algum caso infausto e desafortunado, logo se tornava pallida, e n'este cambiar de affectos era inimitavel.»

No **Pateo das Arcas** se representaram as comedias de Jacintho Cordeiro *El juramento ante Dios y lealtad contra el amor*, *El hijo de las batallas*, *Amor per fuerza de estrella y portuguez en Hungria* e *El mal inclinado.* D'este auctor terei ainda occasião de fallar n'este livro.

Tambem n'este theatro esteve a companhia de Thomas Fernandez, que trazia o comediante mais engraçado que teve o theatro hespanhol, de nome Cosme Perez, conhecido por João Rana.

Não ha duvida de que ao **Pateo das Arcas** vinham representar as melhores companhias hespanholas, entre 1619 e 1640.

Quando se deu a restauração de Portugal, em 1640, funccionava n'este theatro a companhia hespanhola de Manuel Alvares de Vallcejo. Apesar do estado da idade e

do odio contra os castelhanos, a companhia ainda funccionou até ao fim do anno. Depois, durante a guerra da restauração, o **Pateo das Arcas** esteve fechado. A companhia de Vallejo era numerosa e de primeira ordem e foi talvez isso que a salvou de qualquer manifestação hostil. Os actores e actrizes todos representavam, cantavam e dansavam. Os mais notaveis eram: Vallejo e sua mulher, a Riquelme, Damião Arias, Miguel Jimenez e Bernarda Teloy.

Depois de assignada a paz com Castella, a 13 de fevereiro de 1668, reabriu com companhias hespanholas o **Pateo das Arcas**. Em 1672 veiu para aquelle theatro uma das melhores companhias, a do Escamilla. N'este anno o theatro foi augmentado com 14 camarotes, sendo o rendimento de 10 para o hospital e de 4 para o dono do *pateo*, que era então Manuel de Oliveira Azevedo.

Por documentos que existem no cartorio do Hospital de S. José vê-se: que o **Pateo das Arcas** estivera por bastante tempo como propriedade dos frades do Carmo; que os predios contiguos tinham janellas sobre o *pateo;* que havia assignaturas de camarotes; que o preço de cada camarote era de 320 réis, e que já n'aquelle tempo havia grande numero de *borlistas.*

Nos *pateos* havia communicação dos predios para os camarotes; havia camarotes no fundo da scena; nas platéas, que eram empedradas, não havia assentos; emfim, era uma estructura completamente diversa da de hoje.

N'este *pateo* esteve em 1673 e 1674 a acreditada companhia de Felix Paschoal, de Saragoça.

Depois vieram outras companhias hespanholas, melhores ou peiores, até que, a 10 de dezembro de 1697, ardeu o **Pateo da Rua das Arcas**. Foi grande o incendio, que devastou diversos predios e muitas fazendas, causando prejuizos de mais de um milhão.

O hospital, para não perder os lucros que o *pateo* lhe dava, reedificou-o em melhores condições, começando de novo a funccionar em 12 de abril de 1700. Tinha o novo *pateo* 20 camarotes *(forçuras)* no 1.º andar, seis camarotes e assentos geraes com cinco degraus em roda de todo o *pateo* no 2.º andar, 21 camarotes no 3.º andar e outros 21 no 4.º andar.

O local em que ficava este theatro era no sitio em que hoje está a rua Augusta, junto ao Rocio. Era ahi um largo com o nome de praça da Palha, que deu depois o nome á travessa da Palha, hoje rua dos Correeiros. Seguia até S. Nicolau com o nome de rua das Arcas. A egreja de S. Nicolau era então mais para o lado da actual rua Augusta. O theatro devia ficar, pouco mais ou menos, onde hoje está o segundo quarteirão da rua Augusta.

Até 1703 esteve o theatro arrendado a Manuel Rodrigues da Costa, que mandava vir as companhias por sua conta. Em 1704 deram-se alguns bailes e trabalhou a companhia de Domingos Labraña, que aqui morreu. Foi n'esta companhia que veiu o actor Diogo Rodriguez, que fazia *vegêtes* e graciosos, o qual, estando um dia á beira do Tejo, ouviu um portuguez fallar mal dos castelhanos; d'aqui se originou uma rixa, cujo resultado foi Diogo Rodriguez matar o portuguez. O assassino escondeu-se em casa de um ourives, com o qual aprendeu o officio, fugindo depois de Lisboa n'um bahu da bagagem de uns comediantes e voltando a Madrid a ser comico.

Desde 1710 até 1725 foi emprezario das companhias do **Pateo das Arcas** um tal José Ferrer. Depois, de 1726 a 1729 esteve uma companhia de que faziam parte os artistas Francisca de Castro e José Garcez, que, além de grandes ordenados, tinham percentagem nos lucros, que lhe eram distribuidos todas as semanas. Os ordenados dos dois artistas, para aquella epocha eram fabulosos. Francisca de Castro ganhava 90$000 réis por mez e José Garcez 45$000! Apesar d'estes artistas, o theatro ia n'uma grande decadencia, a ponto do hospital ter de acabar com a exploração por causa dos prejuizos.

Esteve o **Pateo das Arcas** fechado desde 1729 até 1735. Foi então arrendado por nove annos a Francisco Luiz Valente pela quantia annual de 40$000 réis! Assim mesmo o contracto não foi cumprido e, em

1740 fez-se novo arrendamento com Luiz Trinité pela quantia de seiscentos mil réis annuaes.

São estas em resumo as informações que foi possivel colher do consciencioso trabalho de investigação de Ribeiro Guimarães sobre o **Pateo da Rua das Arcas.**

THEATRO DE WAGNER

(Bayreuth)

Quando, na data de 22 de maio me referi a Ricardo Wagner, fallei tambem do theatro que o rei Luiz da Baviera mandou edificar expressamente para serem executadas com todo o rigor e apparato exigido as obras immortaes do illustre reformador.

Contei alli que a côrte se oppozera tenazmente a que a grandiosa obra fosse levantada na capital e que então o maestro escolheu Bayreuth. A importante somma dispendida com a construcção foi coberta pelas subscripções publicas abertas em Londres, Pesth, New-York, Chicago, Milão, etc., e principalmente pelo rei da Baviera.

A prímeira pedra foi lançada a 22 de maio de 1872 e o theatro ficou concluido em 1875.

Representou-se ahi completo *O Annel do Nieblung* em 4 noites, sendo o prologo *O Ouro do Rheno* a 13 d'agosto de 1876, a 1.ª parte *A Walkiria* a 14, a 2.ª parte *Siegfried* a 16, e a ultima *O Crepusculo dos Deuses* a 17.

Theatro de Wagner, em Bayreuth

No **Theatro de Bayreuth** se representou o ultimo drama musical de Ricardo Wagner, *Parsifal.*

A idéa que presidiu á construcção do **Theatro de Wagner** foi a de conformar o interior do edificio ás necessidades estheticas as mais elevadas do moderno espectador. Derivou d'aqui o ter de se fazer invisivel a orchestra. A sala tem a forma oblonga de um sector de circulo, comprehendendo pouco mais ou menos a 6.ª parte da circumferencia. Está cheia de degraus em amphitheatro, á moda antiga, mas com menor inclinação, terminando, na parte superior e só ao fundo por uma unica ordem

de camarotes. Os lados da sala são formados por uma serie de paredes parallellas á scena, cada uma d'ellas terminada por uma columna decorativa. Um espectador sentado n'um ponto qualquer d'este amphitheatro acha-se como se estivesse sob a columnata d'um vasto portico que a pouco e pouco se vae tornando mais estreito até terminar no quadro da scena. De distancia em distancia estas columnas veem pelas bases das pilastras sobre que assentam, terminar nos degraus do amphitheatro. A linha d'essas bases corresponde á linha da rampa. Pilastras e columnas formam, pois, á scena uma serie de quadros successivos. D'esta disposição deriva a illusão optica que faz parecer a scena mais afastada e os personagens maiores que o natural. A orchestra invisivel, pois que toca n'um grande rebaixamento entre a sala e o palco, completa a illusão. Quando o panno se ergue o espectador já está disposto á visão do mais maravilhoso espectaculo.

As prevenções para começarem os actos são dadas por clarins. Logo que os espectadores occupam os seus logares, fecham-se as portas do amphitheatro. Durante os actos ninguem entra nem sae. É prohibido interromper o espectaculo, mesmo com applausos.

O **Theatro de Bayreth** é um verdadeiro templo d'Arte.

PATEO DAS FANGAS DA FARINHA

(Lisboa)

No local em que hoje é o tribunal da Boa Hora e antes foi convento de frades da Ordem de Santo Agostinho, sob a invocação de Nossa Senhora da Boa Hora, é que existiu o **Pateo das Fangas da Farinha.**

Foi fundado por D. João Hiranço e Luiz de Castro, no anno de 1619, por occasião das festas com que em Lisboa foi recebido o rei D. Filippe III. D. João Hiranço era sobrinho de Fernão Dias Latorre, de quem já fallei a proposito do *pateo* da rua das Arcas. Luiz de Castro era senhor da Casa de Barbacena e possuia um palacio nas Fangas da Farinha, no qual se fabricou o *pateo*.

Durou muito pouco e com vida tormentosa pelas desavenças entre o senado, o hospital e o proprietario.

O **Pateo das Fangas da Farinha** nunca teve popularidade. Em 1633 Luiz de Castro fez doação d'elle a uns religiosos, que transformaram os camarotes em pequenas cellas e o palco ou tablado em capella. Os padres hibernios alli estiveram até 1659. Entraram depois os padres do Oratorio até 1674. Por fim, por doação, entraram na posse do *pateo* os Agostinhos descalços, que alli fundaram o Convento de Nossa senhora da Boa Hora.

Nada absolutamente se sabe sobre os espectaculos que foram dados no **Pateo das Fangas.**

THEATRO DO BAIRRO ALTO

(Lisboa)

O primeiro que por este nome foi conhecido, o mais importante para a historia do theatro em Portugal, foi situado no fim da rua da Rosa, no pateo do Conde de Soure. Existiu quasi durante todo o seculo XVIII e teve epochas brilhantes.

Foi n'este theatro que primeiro appareceu, representando em portuguez, a notavel actriz, natural de Setubal, Luiza de Aguiar, que, estando ahi, casou com um musico da orchestra, de appellido Todi, e depois foi a notabilissima cantora, Luiza Todi, a primeira do seu seculo, e que enthusiasmou o mundo inteiro. N'este theatro foi tambem primeira actriz a irmã de Luiza Todi, a celebre actriz Cecilia Rosa de Aguiar, da qual, assim como de sua irmã, fallei nas datas dos respectivos nascimentos.

Foi para o **Theatro do Bairro Alto** que escreveram as suas peças Antonio José, o *Judeu* e Alexandre Antonio de Lima. Puzeram-se em scena n'este theatro peças de grande espectaculo com toda a sumptuosidade. Algumas magicas alli subiram á scena, e, entre ellas, *O Magico de Salerno* com vistas e machinismos assombrosos,

no que trabalharam os artistas italianos Silverio e Stopani e principalmente o distincto pintor e architecto portuguez Simão Caetano Nunes.

Tambem n'este theatro esteve com grande exito a companhia hespanhola de Annio Rodriguez, homem finissimo e muito estimado pelo clero, pela nobreza e principalmente pelas damas. Além de actor, era poeta, philosopho e historiador.

Por muito tempo o **Theatro do Bairro Alto** foi explorado com *bonifrates e presepios.*

Depois collocou-se á frente d'elle o professor Nicolau Luiz, que, auctor do *Belizario, Ignez de Castro* e outras peças de grande successo, foi tambem um excellente ensaiador. Costa e Silva affirma que fallára com muitos artistas ensaiados por elle e que o tinham informado de que ensaiava primorosamente.

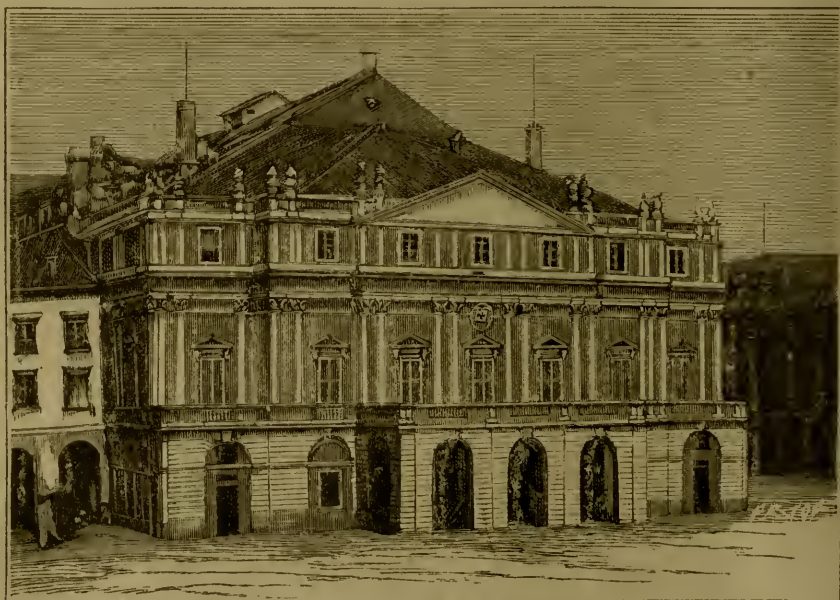
Os artistas mais estimados do **Theatro do Bairro Alto** foram: Antonio José de Paula, José Felix da Costa, Victorino José Leite, João Ignacio Henriques, José Antonio Ferreira, Victor Porphyrio de Borja, Antonio Borges Garrido, Silvestre Vicente, Francisco Antonio de Sousa, Rodrigo Cesar, João de Almeida, Lourenço Antonio, José da Cunha de Moraes, José Arsenio da Costa, Cecilia Rosa de Aguiar, Luiza de Aguiar, Maria Joaquina, Joanna Ignacia da Piedade e Francisca Eugenia.

Quando mais adeante fallar das *farças de cordel,* apontarei algumas dadas n'este theatro.

THEATRO SCALA

(Milão)

Foi este theatro, um dos maiores do mundo, edificado em 1778, no local onde existia a egreja dedicada a Santa Maria della Scala e d'ahi lhe veiu o nome. Foi augmentado em 1814 pelo architecto Canomia, tendo sido primeiramente edificado por Piermarini.

O feitio da sala é o de uma ferradura de curva graciosa, com cinco ordens de camarotes, tendo ainda por cima o *paraizo.* Tem excellente acustica. As primeiras ordens têem 36 camarotes e as outras 39 cada uma. A differença é occasionada por

Theatro Scala de Milão

serem as primeiras interrompidas pelas entradas na platéa e pelo camarote real. No proscenio tem ainda mais 8 camarotes, prefazendo uma totalidade de 197 camarotes, sem contar o real. A platéa mede 24^{m},85 por 22^{m}. A largura da bocca de scena é de 16^{m},36. O espaço para a orchestra é enorme. Na sala cabem á vontade 3:800 espectadores. Em frente do theatro, cuja fachada se parece com a do nosso theatro de S. Carlos, ha um jardim, em que, no meio, está a estatua de Leonardo de Vinci, feita pelo esculptor Magni e inaugurada em 1872.

A sala do espectaculo é illuminada por 360 luzes.

A orchestra é composta de 100 professores; a banda tem 30 musicos; ha 100 coristas de ambos os sexos, 104 bailarinas e 150 figurantes.

Este theatro, celebre entre todos por ser elle que dá a lei ao mundo lyrico sobre o valor das operas e dos artistas, tem ouvido todos os grandes cantores e tem alcançado as primicias das mais notaveis obras lyricas, como ainda não ha muito aconteceu com o *Othello* e o *Falstaff* do illustre Verdi.

THEATRO DE LOANDA

(Africa portugueza)

Foi fundado pela associação denominada «31 de Outubro». O edificio, situado na espaçosa, arborisada e bella rua de Salvador Corrêa, está bem acabado e apresenta um aspecto agradavel. A sala dos espectaculos é bonita e bem decorada. Tem duas ordens de camarotes e logares para 300 pessoas na platéa. O palco não é de grandes dimensões, mas está apto para as exigencias do theatro. Tem um magnifico salão nobre com janellas na frente do edificio. N'esse salão costumavam reunir semanalmente as familias dos socios. Terminaram depois essas reuniões. Ainda no edificio ha outra sala espaçosa onde se encontram dois bilhares.

As representações alli são sempre por amadores.

THEATRO DE S. ROQUE

(Lisboa)

Este theatro, tambem chamado **Theatro do Pateo do Patriarcha**, foi mais conhecido, e ainda hoje o é, por **Theatro do Bairro Alto**, o segundo que existiu com este nome, porque o primeiro, a que já me referi, era o situado no Pateo do Conde de Soure, ao fundo da rua da Rosa.

Não se sabe ao certo a data da inauguração d'este theatro, mas com todos os visos de verdade se póde dizer que foi pelos fins do anno de 1815,

No local onde está a Companhia de Carruagens Lisbonense, havia um pateo onde estava situado o palacio dos Nizas e onde residiram por muito tempo as nobres casas de D. Henrique de Noronha e D. Estevam de Faro. Foi esse palacio mais tarde adquirido pelo conde almirante. Lá residiram depois o primeiro patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida e o seu successor D. José Manuel de Atalaya e por isso o povo chamava ao pateo *do Patriarcha.*

Com o terremoto de 1755 padeceu muito o palacio. Aquelles vastos cazarões alugavam-se depois a diversos inquilinos.

Forneceu o dinheiro para a edificação do theatro, que não passou de um arranjo nas salas, pois que toda a obra importou em 2:400$000 réis, um tal Dionysio José Monteiro de Mendonça. O fundador foi Roberto José de Mattos; o mestre d'obras Joaquim da Costa, que tambem pintou o scenario. Manuel Joaquim da Rocha pintou o panno de bocca.

A casa foi alugada para tal fim pelo procurador da casa Niza, sem que a marqueza, a proprietaria, fosse ouvida e tendo até com isso grande desgosto. O theatro fechou em 1833 e em 1836 a marqueza perdoou todas as rendas em divida, mas demolindo o arrendatario o theatro á sua custa e removendo d'alli tudo quanto lhe pertencesse. Assim se fez immediatamente.

Este novo **Theatro do Bairro Alto**, ou de **S. Roque**, abriu em 1815 com uma companhia formada quasi toda por curiosos, mas com os actores Antonio José Ferreira, An-

tonio Borges Garrido e o machinista de theatros Vicente Romano, que já representára em theatros particulares. Era a primeira dama da companhia a notavel actriz Barbara Maria Candida Leal, que depois esteve na Rua dos Condes e ainda passou para D. Maria. Director e ensaiador era o escriptor dramatico Francisco de Paula Nolasco, que escrevia, imitava e traduzia pèças com grande acceitação.

Pouco tempo depois de estar aberto este theatro, falleceu a rainha D. Maria I, a 20 de março de 1816, fechando os theatros por um anno, que tanto durava n'aquella epocha o lucto pelos soberanos! Além do exaggero do tempo, D. Maria I não merecia que os theatros tivessem por ella qualquer consideração, visto que bastante concorrera para os prejudicar, prohibindo que as mulheres representassem!

Com melhor companhia abriu o **Theatro de S. Roque** em 1817. Entrou para primeiro *galan* o Matta *castelhanos,* que então começava a sua carreira.

Tendo a companhia d'este theatro feito juncção com a do Salitre, no carnaval de 1818, fez-se uma sociedade que durou dois annos.

Para o **Novo Theatro do Bairro Alto** veiu então trabalhar uma companhia de zarzuela e baile hespanhol.

Em 1820 voltou para **S. Roque** a companhia que se tinha ido juntar á do Salitre, reforçada com alguns actores da Rua dos Condes, ficando director e ensaiador o Matta. Pouco depois a companhia juntou-se á da Rua dos Condes e para o **Theatro do Pateo do Patriarcha** veiu outra companhia hespanhola.

A 29 de setembro de 1821 n'este theatro subiu á scena pela primeira vez a tragedia de Almeida Garrett, *Catão,* sendo representada por estudantes de Coimbra, entrando tambem o auctor, que então contava 22 annos de edade. A tragedia tinha sido escripta expressamente para esta recita particular no **Theatro de S. Roque.**

Na mesma noite se representou, depois da tragedia, a farça *O Corcunda por amor,* tambem escripta por Garrett.

Esteve por bastante tempo o **Novo Theatro do Bairro Alto** sem companhia effectiva, indo alli dar algumas recitas sociedades de curiosos, até que, a 4 de janeiro de 1823, se estreiou alli a companhia franceza de Mr. Jourdain, que estivera durante dois annos no Salitre.

Foi n'este theatro, a 8, 9, 10 e 11 de fevereiro de 1823, que se deram os primeiros bailes de mascaras publicos em Lisboa. O preço da entrada era de 960 réis, ou dois *pintos* na moeda de então e 4$800 réis, ou uma *moeda,* os camarotes com 4 senhas.

A companhia franceza *deu á casca* n'este theatro, vendo-se obrigada a passar quatro beneficios para obter os meios de se retirar.

Pouco durou e má sorte teve este theatro, apenas digno de menção por n'elle ter subido á scena a tragedia de Garrett, a que acima alludi.

Apezar de pequeno, o **Novo Theatro do Bairro Alto** tinha 24 camarotes, divididos em duas ordens e uma galeria por cima. Havia platéa superior e geral. O palco era pequeno, mas como para o lado da calçada do Duque tinha um andar por baixo, deram-se alli alguns espectaculos com muito machinismo e tramoias.

THEATRO DE S. CARLOS

(Napoles — Italia)

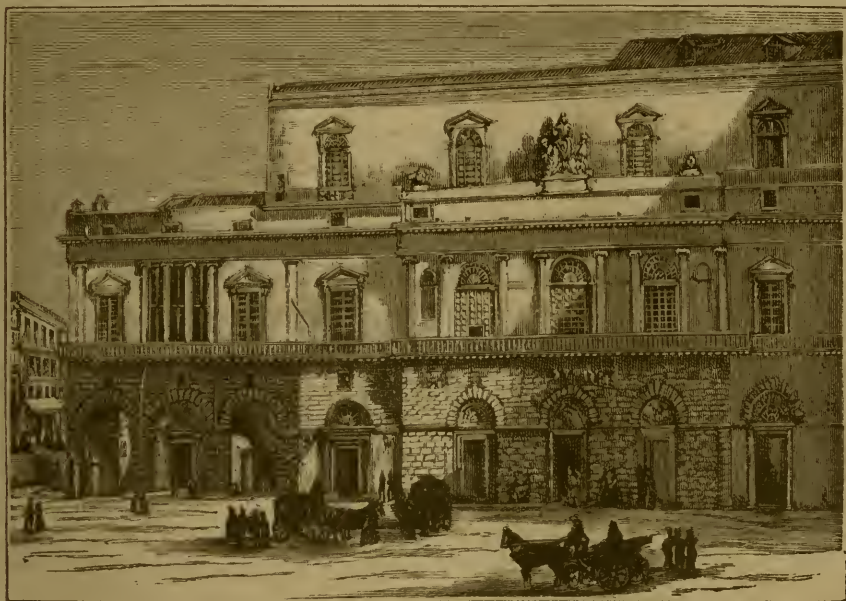
É um dos maiores theatros da Europa. Foi construido no tempo de Carlos III, que, apezar de nenhuma paixão nem gosto ter pela musica, mandou edificar o **Theatro de S. Carlos** para satisfazer o desejo de sua mulher, que elle muito estremecia e que era doida pela musica.

Por muito tempo foi este theatro o maior do mundo; depois excedeu-o o Apollo de Roma, Hof-Operntheater de Vienna, Theatro Regio de Turim, Gran-Theatro de Stuttgart, Gran-Theatro de S. Petersburgo, Academy of Music de Philadelphia, Grande Opera de Paris, Hof Theater de Munich, Gran Theatro de Moscow, Scala de Milão, Vittorio Emmanuele de Messina, Teatro Real de Madrid, Covent-Garden de Londres, S. Carlos de Lisboa, Stadttheater de

Hamburgo, Carlo Felice de Genova, Pergola de Florença, Opernhauss de Berlim e Lyceo de Barcelona.

Em **S. Carlos de Napoles** se estreiaram muitos cantores e maestros, verdadeiras celebridades.

O projecto foi feito pelo engenheiro militar Medrano, e a sua execução deve-se a Angelo Carazale. Foi depois chamado de Firenze o notavel architecto Antonio Niccolini, que concluiu a obra e fez a decoração. Na recita d'abertura Niccolini teve grande ovação.

Em 1816 um incendio terrivel reduziu o theatro a um montão de ruinas. Foi approvado para a reedificação um novo projecto de Niccolini, que foi posto em pratica em menos de sete mezes! A decoração do

Theatro de S. Carlos de Napoles

theatro ficou lindissima, assim como o panno de bocca, pintado pelo illustre scenographo Mancinelli.

Foi este theatro o campo de gloria de Rossini, Donizetti, da Malibran, Rubini, Lablache, etc.

O nosso theatro de S. Carlos foi construido á similhança do antigo. O tecto do **Theatro de S. Carlos**, de Napoles, é um enorme quadro representando Apollo que conduz Minerva e os primeiros poetas do mundo, Homero e Alfieri. Foi pintado pelo notavel artista Giuseppe Camnazaro.

A sala é illuminada por 2:100 luzes. Ha 156 fauteuils, 164 cadeiras, 406 logares de platéa e 166 camarotes em 6 ordens. Cada ordem de camarotes tem 32. O proscenio tem de altura 20 metros. Na orchestra ha 96 musicos. Tem tambem 85 coristas de ambos os sexos e 84 bailarinas.

ACADEMIA DA TRINDADE

(Lisboa)

Foi este o primeiro theatro publico de Portugal, onde se cantou opera italiana. Intitulava-se **Academia** e foi arranjado em uma sala do palacio de Fernão Alvares de Andrade, na praça da Trindade, que hoje se chama largo da Abegoaria, em frente do Convento da Trindade. Começou em 1735. Póde calcular-se a vastidão do palacio, sabendo-se que alli se deram operas

adornadas com grandissimo aparato. Entre estas, conta-se, em 1736, o *Alexandre na India* de Metastasio e Schiassi. O scenographo foi Roberto Clerici. No mesmo anno foi o *Artaxerxes* dos mesmos auctores. No anno seguinte foi a *Olimpiada*, depois a *Semiramis*, etc.

O emprezario do theatro era o italiano Paghetti, bolonhez. A companhia era formada pelos artistas: Helena Paghetti, Angela Paghetti, Thereza Zanardi, Lorenza Fortini, Anna Ronzi, Domingos Galletti, Francisco Grisi, Giacomo Ferrari, Felix Checcacci, José Fortini, Caetano Valletti e Alexandre Veroni.

Este theatro muito pouco durou, pois em 1739 já a opera italiana estava no theatro da Rua dos Condes, de cuja companhia faziam parte, segundo resam os *librettos*, quasi todos os artistas que tinham estado na **Academia da Trindade**.

Esta merece menção especial por ter sido o primeiro templo da arte lyrica, onde o publico tinha ingresso.

THEATRO DA GRAÇA

(Lisboa)

No seu magnifico trabalho de investigação, que bastante pena foi ficar incompleto, *Memorias para a historia dos theatros de Lisboa*, o erudito Dr. Ribeiro Guimarães menciona todos os *pateos* e theatros, inclusivè os regios, e não falla do **Theatro da Graça**. Que elle existiu não ha a menor duvida.

O sr. Theophilo Braga diz apenas na sua *Historia do Theatro Portuguez*: «Entre os theatros do seculo XVIII encontramos tambem memoria do **Theatro da Graça**, construido por Simão Caetano Nunes.»

Entre os muitos documentos que possuo dos nossos antigos theatros, bastantes tenho do **Theatro da Graça**, dos quaes posso tirar bastantes informações.

Eis o primeiro documento:

«Recebi dos senhores directores dos theatros publicos da Côrte quarenta e oito mil réis, por conta de cento e vinte mil réis, que por tanto me arrendaram os ditos senhores o meu theatro, sito na Calçada de Nossa Senhora da Graça, cujo arrendamento é pelo tempo de seis mezes, que principiaram em setembro d'este presente anno e findam em dia de entrudo do anno proximo futuro de 1772. E de como recebi dos ditos senhores a dita quantia lhes passei o presente recibo para sua guarda e segurança minha. Lisboa 19 de novembro de 1771. Henrique da Costa Passos.»

Está reconhecida a assignatura pelo tabellião José Antonio Soares.

Por este documento fica-se sabendo que o theatro era situado na calçada da Graça e que funccionava na epocha chamada de entrudo. Possuo eguaes recibos d'outros annos.

O theatro não era pequeno, pois, nas notas que tenho das receitas chega a haver uma de 242$240 réis, tendo os bilhetes os preços de 300 réis, 240 réis e 160 réis e custando os camarotes de 1.ª e 3.ª ordem 600 réis e os de 2.ª de frente 1$200 réis e de lado 800 réis.

Na epocha de 1774 a 1775 teve alli muita concorrencia uma companhia hespanhola, que tinha um grande repertorio, entre o qual: *S. Gil de Portugal*, *Santa Barbara*, *Trabalhos de Job*, *Para acrisolar a sua honra*, *Bruto de Babylonia*, *Principe perseguido*, *Diabo prégador*, etc.

Em 1773 a companhia portugueza representou, entre outras as seguintes peças: *O pae prudente*, *O creado fiel*, *A assembléa*, *D. João de Espina*, *Amantes ardilosos*, etc.

Outro documento:

«Recebi dos srs. directores dos theatros publicos da Côrte a quantia de quatro mil e oitocentos réis para os officiaes de justiça, que por ordem do sr. Dr. Guilherme Baptista Garbo assistem de guarda em o theatro da Calçada da Graça, pertencente a dita quantia a todo o mez de dezembro de 1771. E para constar se passou o presente por mim assignado. Lisboa 31 de dezembro de 1771. Antonio José Pereira.»

Vê-se que, por ordem superior, assistiam aos espectaculos officiaes de justiça, que eram remunerados pela empreza.

Entre outros documentos, tenho presen-

tes os seguintes: um de Joaquim Pereira Caroço, na quantia de 72$000 réis, pelas obras que fez no **Theatro da Graça**; outro de Antonio Manuel Byadna, da quantia de 7$200 réis de direitos de uma comedia intitulada *A Creada brilhante,* que no mesmo theatro se representou em 1772; ainda outro de Antonio José de Sousa, no valor de 6$400 réis, direitos do entremez *O Licenciado,* diz o recibo: *«com toda a sua solfa que lhe pertence e partitura»;* outro ainda de Francisco Lopes, da quantia de 800 réis *por um par de sapatos de bezerro pintado,* que fez para o comico do **Theatro da Graça**, Francisco de Sousa; ainda mais outro, no valor de 3$080 réis, do copista Eugenio Gonçalo Nogueira pela copia de uma aria para Maria Joaquina, outra para Joanna Ignacia e duas para o actor Antonio José de Paula; outro finalmente de João Pereira de Sousa, da quantia de 5$425 réis, importancia de comida e vinho que, para a comedia *Condessa Carlota,* forneceu para o **Theatro da Graça**.

OPERA DE VIENNA

(Austria)

O **Hofoperntheater** de Vienna d'Autria, unicamente destinado á opera, é um edificio soberbo. Muitos criticos o julgam superior á Grande Opera de Paris, pela sua simplicidade. Tem riquissimas decorações

Opera de Vienna

interiores, magnificas escadarias, com estatuas em marmore, representando as bellas artes,

O *foyer* está lindissimamente ornamentado com scenas d'operas, perfeitamente pintadas e bustos dos mais celebres compositores.

Em volta do *foyer* ha uma explendida galeria com espaçosas janellas para a rua.

A sala póde conter tres mil espectadores; o seu interior é resplandecente de doirados e pinturas.

O panno de bôcca é tambem magnifico e pintado pelo notavel e distincto artista Rahl.

Em frente das fachadas lateraes ha duas bellas fontes monumentaes com figuras de marmore.

THEATRO DE S. JOSÉ

(S. Paulo — Brazil)

Ardeu em 1897 este theatro, situado no largo Municipal. A primeira pedra para a sua fundação fôra lançada em 1858, realisando-se a inauguração a 7 de setembro de 1861. Levou, pois, tres annos a construir e teve de duração 36 annos.

No anno de 1875 um parecer de engenheiros declararam o **Theatro de S. José** em imminente ruina e o governo resolveu mandal-o demolir. Por contracto com o illustre paulista, o Dr. Antonio Prado, mandou este proceder ás obras precisas e continuou o theatro funccionando até que um terrivel incendio o destruiu. Consta que o governo do Estado o vae reedificar, o que é indispensavel para aquella importante capital, constantemente visitada por importantes companhias e pelas maiores celebridades artisticas.

Na cidade não existe outro theatro conveniente.

O antigo **Theatro de S. José** tinha 28 camarotes de 1.ª ordem, 29 de 2.ª, 29 de 3.ª, 74 poltronas, 285 cadeiras, 164 geraes e 300 galerias. Cabiam n'elle á vontade 1:250 pessoas.

Representaram no **Theatro de S. José** grandes notabilidades, entre as quaes a Duse, a Sarah Bernhardt, a Patti. o Coquelin, o Rossi, o Gayarre, a Cuniberti, a Pezzana, a Borghi-Mamo, a Judic, o Novelli, a Paladini, a Preziosi, a Ristori, o Salvini e os distinctissimos artistas portuguezes: Emilia das Neves, Emilia Adelaide, Virginia, Taborda, Antonio Pedro, Valle, Brazão, João Rosa, Augusto Rosa e Joaquim d'Almeida.

THEATRO DA BOA HORA

(Belem)

Poucas ou nenhumas noticias se encontram d'este theatro, a que muitos investigadores se não referem e outros n'elle fallam de passagem.

Do que não ha duvida é que existiu o **Theatro da Boa Hora**, em Belem, logo no começo do seculo e sabe-se que ainda existia em 1814, porque alli foi representado o drama de Miguel Antonio de Barros, *Apparição de D. Affonso Henriques.*

O que parece tambem averiguado é que este theatro pouco tempo durou, que tinha pouca importancia e que só n'elle se representava quando fechava algum dos theatros de Lisboa, pois eram os actores da Rua dos Condes ou do Salitre que alli iam representar e muitas vezes as mesmas peças dos repertorios d'aquelles theatros.

THEATRO DE D. FERNANDO

(Lisboa)

Este theatro, que existiu no largo de Santa Justa, no sitio onde depois o Santos da louça, da rua da Prata, edificou um predio, em que de ha muito está estabelecido o hotel Pelicano, julgo ter sido mandado construir por uma associação que alli foi emprezaria.

O **Theatro de D. Fernando** era mal construido, de má apparencia e com uma sala d'espectaculos defeituosa e de má ornamentação.

Foi inaugurado no anniversario do rei D. Fernando, a 29 de outubro de 1849.

A primeira companhia, á frente da qual estava o habil ensaiador Emilio Doux, tinha como primeira figura a notabilissima artista, a grande Emilia das Neves. Representavam com ella Domingos Ferreira, Fortunata Levy, Brêa, Magdalena, Matta, Rollão, Gil (pae), Amaro e outros.

A peça de inauguração foi o afamado drama de Scribe, *Adrianna Lecouvreur,* que em França fôra notavel creação da sublime Rachel.

Foi uma noite de festa e enthusiasmo, especialmente para Emilia das Neves. Publico e imprensa unanimemente saudaram o trabalho da nossa illustre artista como a sua melhor corôa até alli. Garrett foi assistir a uma das primeiras representações. N'um dos intervallos foi ao palco abraçar a grande actriz, dizendo-lhe: «Não se póde representar melhor!»

Apezar de pouco durar a empreza, Emilia das Neves representou com immenso agrado os dramas *Simão o ladrão* e *Castello de Montluvier* e as comedias *Um episodio no reinado de Jacques I* e *O Ramo de violetas*.

No fim de sete mezes a empreza quebrou. Os artistas quizeram trabalhar em sociedade, explorando o theatro por sua conta, mas Emilia das Neves não concordou.

Ainda com a direcção de Emilio Doux, o **Theatro de D. Fernando** reabriu a 22 de julho de 1850, pondo em scena com grande successo a opera comica *Barcarola*, para o que escripturou os artistas: Luiza Persolli, Lisboa, Rorick, Faria, Simões e o Sargedas, que depois foi padre.

N'este theatro trabalharam intercaladamente companhias portuguezas e estrangeiras. D'estas houve uma de comedia franceza, outra de opera comica tambem franceza e mais do que uma zarzuela.

Das companhias portuguezas fizeram parte artistas de valor, como Emilia das Neves, Santos, Cezar de Lacerda, Macedo, Faria, Braz Martins, Luiza Fialho, Domingos Ferreira, Brêa, Matta, Simões, Queiroz, Anna Cardoso, Rosa Pinto, Feliciano Silva Pinto, Maria do Céo, Sargedas, etc.

Representaram-se muitas peças, sendo as de mais agrado: *Palavra de rei*, de Cezar de Lacerda; *Scenas de familia*, do mesmo auctor; *Abençoada diabrura*, de Braz Martins; *O Rei e o eremita*, do mesmo auctor; *Anjo da paz*, de José Carlos dos Santos; *O Martyr*, de Cezar de Lacerda; *Revista de 1856*, de Joaquim Augusto d'Oliveira, etc.

A despeito de todos os attractivos, o publico antipathisou com o theatro e não o frequentava, pelo que houve sempre graves prejuizos.

O **Theatro de D. Fernando** foi demolido em 1859.

O NOVO THEATRO DA COMEDIA

(Vienna — Austria)

Dou a gravura d'este theatro, porque é elle dos mais bellos que existem no mundo, tanto interior como exteriormente. É completamente isolado. A decoração é caprichosa, artistica e deslumbrante. No *foyer* ha a mais notavel collecção de retratos de artistas illustres. Como se vê da gravura, a fachada do theatro é de apurado gosto.

Novo Theatro da Comedia, de Vienna

THEATROS REGIOS

(Queluz — Salvaterra — Ajuda)

Apezar de ter a opera italiana apparecido pela primeira vez em Portugal no anno de 1720, no **Theatro dos Paços da Ribeira**, onde se cantou a opera *Il triunfo delle virtu* e de alli se terem cantado por muito tempo diversas operas, muito poucas informações existem a respeito de tal theatro, que muitos até confundem com a **Opera do Tejo**, o grandioso edificio que foi arrasado pelo terremoto de 1755, tendo acabado de construir-se poucos mezes antes. D'este sumptuoso theatro já fallei na data competente.

Segundo os dados aproveitados pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, o **Theatro da Ajuda** data da construcção do mesmo palacio e alli se representou pela primeira vez a 4 de novembro de 1737. Entre outras, cantaram-se lá as seguintes operas: De David Perez: *Eroe Cinese*, *Ipermestra* e *Solimano;* de Piccini: *Cavalieré per amore;* de Paesiello: *I francese brillanti;* de Haydn: *Il Ritorno di Tobia;* de Jomeli: *Clemenza di Tito*, *Armida abbandonata*, *Olympiade* e *Demofoonte;* e de Cimarosa: *Le Trame deluzo.*

Esta ultima foi cantada em 1790, o que prova que o theatro existiu até quasi ao fim do seculo.

O **Theatro de Salvaterra**, construido como o anterior por Bibiena, deu, desde 1753 até 1792, entre outras as seguintes operas: *Didone abbandonata* e *Demetrio*, de David Perez; *Iphigenia in Tauride*, de Jomelli; *Lucio Papirio* e *Socrate imaginario*, de Paesiello; *La Fantesca*, de Hasse; *L'Italianna in Londre* e *Gli Due Baroni*, de Cimarosa; e *Ricardo, Cor di Leone*, de Gretry.

O **Theatro de Queluz** era em construcção e belleza melhor que os dois anteriores e n'elle se cantaram as melhores operas da epocha e muitas portuguezas, entre as quaes as seguintes: *Gli orti esperide* e *Palmira di Tebe*, de Luciano Xavier dos Santos; *Teseo*, de J. Francisco de Lima; *Endimione* e *Adrasto*, de J. de S. Carvalho; *Il Ratto di Proserpina* e *Archelao*, de J. Cordeiro da Silva; *L'isola desabitata* e *Ritorno di Ulysse in Itaca*, de David Perez.

Segundo a opinião do sr. Theophilo Braga, as companhias que cantavam nos theatros regios eram formadas pelos cantores da Capella Real. El-rei D. José mandou vir d'Italia um librettista chamado Gaetano Martinelli, que foi muito considerado.

Cyrillo Machado diz que Bibiena mandára de Italia o desenho para o **Theatro de Salvaterra** e depois aqui fizera o do **Theatro da Ajuda**. Depois da morte de Bibiena, em 1760, teve a direcção dos theatros regios o decorador Ignacio de Oliveira.

COMEDIA FRANCEZA

(Paris)

Com razão se orgulham os francezes d'esta notabilissima instituição artistica, que em si resume e personifica, pelas obras primas que apresenta e pelo pessoal artistico que alimenta, uma das glorias mais puras, mais resplandecentes e mais incontestadas d'um grande povo, que marcha sempre na vanguarda da civilisação.

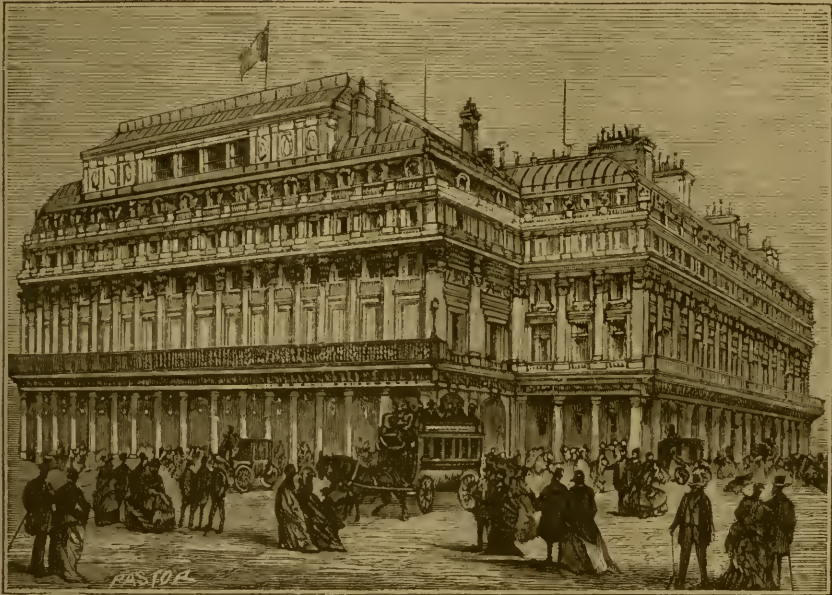
Com razão affirma Arthur Pougin que a **Comedia Franceza** é um theatro unico em todo o mundo, da mesma fórma que existiu um unico Moliére, e que as obras immortaes d'esse grande comediante e litterato só aquella companhia é capaz de as executar á altura do seu valor.

Avança o mesmo escriptor que, se um inacreditavel cataclysmo fizesse desapparecer um dia todos os theatros da França e ficar só de pé a **Comedia Franceza**, triumphante no meio das ruinas accumuladas, o genio dramatico francez conservar-se-hia intacto. Com a **Comedia Franceza**, com Moliére e os seus illustres interpretes ha mais de duzentos annos, a França teria sempre o maior poeta comico, os maiores comediantes e o mais admiravel theatro do mundo.

A **Comedia Franceza**, como está constituida desde 1680, epocha official da sua creação, tem como naturaes antepassados os tres theatros, quasi egualmente cele-

bres: *Hotel de Bourgogne,* do *Marais* e do *Palais-Royal,* este dirigido por Moliére.

O mais antigo dos tres e o mais antigo dos theatros regulares da França foi o *Hotel de Bourgogne,* situado, como o seu nome indica, no antigo palacio dos duques de Bourgogne, morada que fôra de Carlos, o *Temerario.* A sala d'espectaculo, arranjada n'aquelle palacio, situado na rua Mauconseil, tinha pertencido aos Irmãos da Paixão, que, no meado do seculo XVI, a alugaram a uma *troupe* de comediantes que alli se installou, representando ao mesmo tempo farças e peças heroicas. Era alli que se representavam as tragedias de Jodelle e as *palhaçadas* de Turlupin, Gros-Guillaume e Gauthier-Garguille.

Diversas tentativas houve para estabelecer n'esse tempo em Paris outras companhias, mas a isso se oppunham os actores do *Hotel de Bourgogne,* que tinham obtido privilegio e receiavam a concorrencia. Não conseguiram ainda assim impedir que em 1600 uma *troupe* de comediantes, vinda da provincia, estabelecesse no *Hotel d'Argent,* na rua de La Poterie, um theatro a que deu o nome de *Theatro do Marais;* verdade seja, com a condição de pagar um imposto aos comicos do *Hotel de Bourgogne.* Passaram depois para uma sala da rua do Templo, e mais tarde ainda para a rua Michel-le-Comte.

Comedia Franceza

O proprio Moliére, chegado da provincia em 1650, installou-se durante tres annos com a sua *troupe* no jogo da pella da *Croix-Blanche,* no bairro Saint Germain, voltando depois para as suas excursões.

O *Hotel de Bourgogne* e o *Marais* eram os unicos senhores da situação quando Moliére, de volta a Paris, em 1658, se estabeleceu no theatro do *Petit Bourbon,* passando mais tarde para o *Palais Royal.* Em 1665 foi auctorisado a dar á sua companhia a denominação de *troupe du Roi* e concedeu-se-lhe uma importante pensão annual.

Por morte de Moliére, Lully, que tinha a opera mal accommodada no theatro que se lhe havia mandado construir na rua de Vaugirard, obteve do rei auctorisação para tomar conta do *Palais-Royal,* passando os comediantes de Moliére para a rua Guénégand, isto em 1673.

Luiz XIV ordenou depois a juncção da companhia do *Marais* com a dos comediantes de Moliére, de sorte que, em vez de tres theatros de comedia, que houvera durante quinze annos, ficaram apenas dois, o da rua Guénégand e o *Hotel de Bourgogne*. Sete annos depois, em 1680, Luiz XIV mandou juntar ainda as duas companhias e é d'esta ultima fusão que data officialmente a existencia da **Comedia Franceza**. Assim, o theatro que se honra com a denominação de *Casa de Moliére* só appareceu sete annos depois da morte do grande artista.

Em 1689 a **Comedia Franceza** passou para um theatro da Rua Nova de Saint Germain-des Prés, mandado construir pelo architecto François Orbay. Ahi esteve durante mais de oitenta annos, até que, em 1770, se foi instalar nas *Tulherias*, que abandonou em 1782 para tomar posse d'um novo theatro edificado nos terrenos do *Hotel de Condé*, onde hoje está o Odéon.

A Revolução produziu tambem os seus fructos na **Comedia Franceza**. A differença de opiniões politicas produziu graves divergencias entre os artistas. Os mais avançados, Talma, Dugazon, Grandmesnil, Madame Vestris, irmã de Dugazon e alguns outros, separaram-se dos seus companheiros e, com o nome de *Theatro da Republica*, foram occupar a sala das *Variétés Amusantes*, no *Palais-Royal*, a mesma onde está ainda hoje a **Comedia Franceza**.

Ao mesmo tempo, os que se conservaram fieis ao theatro do bairro *Saint Germain*, que tomára o nome de *Theatro da Nação*, isto é, Molé, Dazincourt, Fleury, Vanhove, Saint-Prix, Naudet, Madame Suin, la Chassaigne, Rancourt, Contat, Devienne, etc., tinham contas a ajustar com o povo, que achava o seu repertorio reaccionario. Já muitas peças tinham exasperado os jacobinos e, entre ellas, *O Amigo das Leis* de Laya. A representação da *Paméla*, de François Neufchâteau, levou tudo ao desespero. O *Theatro da Nação* era todas as noites um fóco de scenas tumultuosas; os jornaes incessantemente o denunciavam á vingança publica. Um incidente mais grave deu á situação um fim violento; a 3 de setembro de 1793, todos os artistas foram presos e o theatro fechado. Onze mezes estiveram no carcere. D'aqui por diante a sua historia não é facil. Durante muitos annos, sob a direcção successiva da Montansier, de Mademoiselle Rancourt, de Picard e de Sageret, abriram e fecharam por diversas vezes o theatro do bairro Saint-Germain, que tomára o nome de *Odéon* e que ardeu a 18 de março de 1799. Depois representaram nos theatros de *Louvois, Cité, Marais, Feydeau* e foram mesmo á provincia.

Finalmente, a 30 de maio de 1799, teve logar no edificio actual a reunião dos antigos artistas do *Theatro da Nação* e dos que tinham formado o *Theatro da Republica*. Desde então nunca mais um acontecimento qualquer extraordinario perturbou o regular andamento, a tranquillidade e a boa administração do glorioso theatro, conhecido no mundo inteiro por **Comedia Franceza**.

Napoleão I completou e fortaleceu a organisação da **Comedia Franceza** pelo celebre decreto de 15 de outubro de 1812, mais conhecido pelo titulo do *Decreto de Moscow*. Este decreto, que regulava em todos os seus detalhes a administração do **Theatro Francez**, poucas disposições tem hoje em vigor. Modificado, por muitas vezes, pelos muitos governos que se tem succedido em França desde 1812, o verdadeiro decreto que actualmente rege a **Comedia Franceza** é o de 27 de abril de 1850, que resume toda a legislação d'este theatro. Convém acrescentar ainda o decreto de 19 de novembro de 1859 e a resolução ministerial de 22 de abril de 1869. São estes os documentos legislativos, que regem a **Comedia Franceza**.

No livro *Code des Théâtres* publicado e annotado por Charles Constant, encontra-se o texto de todos os decretos, circulares, regulamentos e grande numero de decisões juridicas sobre theatros. Foi publicado em Paris pelo editor G. Pedone-Lauriel, em 1882.

O illustre administrador da **Comedia Franceza**, notavel academico e homem de lettras, Julio Claretie, escrevia ainda ha pouco o seguinte:

«N'um artigo consagrado á **Comedia Franceza**, Emilio Augier saúda n'ella um dos restos gloriosos da antiga França. Com a Academia, é o que lhe parece restar do antigo regimen. Poderia ter dito que a velha França, fundando essas duas instituições de que se honra a França moderna e que lhe asseguram perante o estrangeiro um prestigio indiscutivel, a França de nossos paes adivinhára o espirito moderno e o livre suffragio dos academicos, chamando a si os confrades, e a instituição d'essa sociedade cooperativa, que é a **Comedia**, essas duas organisações, que datam de dois seculos e funccionam segundo as leis sonhadas pelos reformadores de hoje.

«Em certo dia, fiz admirar muito um deputado socialista, de quem poderia citar o nome, dizendo-lhe que Molière, esse admiravel Molière, tão bom organisador como escriptor, desde o reinado de Luiz XIV, fez socialismo em acção, instituindo essa *Sociedade*, essa companhia de comediantes francezes, que, aristocratica na apparencia, é, na realidade, a mais democratica do mundo. Selecção de talentos, seja; mas egualdade na dedicação á obra commum e na recompensa aos serviços prestados. *Todos por um e um por todos*, é pouco mais ou menos a traducção da divisa latina que, nas senhas de presença, dadas aos membros do *comité* estava gravada em volta da colmeia symbolica.

«A velha divisa continúa a ser posta em practica. Os societarios válidos trabalham para os collegas doentes. Os illustres artistas tiram da sua parte de lucros o preciso para garantir as pensões aos servidores da casa, aos actores que prestaram serviços ao theatro, aos machinistas que alli empregaram a sua actividade. Na sociedade franceza actual não ha exemplo de mais fraternal e mais admiravel cooperativa.

«O rei Jorge da Grecia, espirito liberal e litterato illustre, pensou fundar em Athenas um theatro, uma associação artistica pelo modelo da **Comedia Franceza**. Este bello sonho evaporou-se no fumo dos canhões de Tournovo e de Pharsalia! Mas bem demonstrou quanto a organisação da *Casa de Molière* parece incomparavel no estrangeiro.

«E estes comediantes que, a despeito das paixões do homem exacerbadas pela vida do theatro, trabalham uns para os outros, são encontrados ainda em todas as recitas de caridade, levando como que um obulo de oiro do seu talento. Apparecem em toda a parte, onde é preciso trabalhar para os pobres, e esta ubiquidade do seu espirito caritativo faz-me esquecer e perdoar a ubiquidade do seu desejo de viajar. Eu disse uma vez (a Gladstone e elle sorriu da minha opinião) que Mr. Thiers apreciava principalmente os caminhos de ferro por gostar muito da **Comedia Franceza**; via n'elles a possibilidade de fazer grandes viagens, afastando-se rapidamente de Paris e voltando depressa.

«Em todos os tempos os artistas da **Comedia** teem viajado e para d'isso nos convencermos basta folhear os catalogos da venda de autographos. Todas, ou a maior parte das cartas de Talma, de Mademoiselle George, de Rachel, são datadas de uma cidade de provincia ou do estrangeiro. Mas, antigamente, não existiam os *emprezarios*, que tentam a toda a hora os artistas, offerecendo-lhes para qualquer *tournée* vantagens que excedem muito os lucros ordinarios. Os costumes theatraes teem soffrido, como toda a vida contemporanea, profundas modificações. Vae longe o tempo em que o *comité* da **Comedia Franceza** prohibia que Mademoiselle Rachel fosse recitar os seus versos—adivinhem a casa de quem? — a casa de Madame Récamier. Existe um relatorio do meu predecessor, queixando-se ao ministro, depois da primeira demissão de Mr. Coquelin *ainé*, da facilidade com que os novos artistas sustentam o principio—o que muito admirou os antigos, diz elle — de que todo o tempo não occupado pelo serviço do theatro pertence ao artista, podendo dispor a seu bel prazer da sua pessoa e do seu talento. Este reparo tem sempre actualidade, e quando, com a lei na mão, o actor é chamado á ordem, é-lhe facil dar uma demissão escandalosa, prompto a afrontar processos, em que a

opinião publica toma muitas vezes partido contra o administrador, que não soube conservar o illustre comediante ou a admiravel tragica.

«—Nunca fui actor *para festas*—dizia-me para explicar o seu afastamento das *soirées* particulares, Mr. Got com o seu accento gaulez. Sei d'outros que se consideram no direito de tomar a palavra e recitar versos em qualquer salão, rodeados de amigos e admiradores. É mesmo esta popularidade, esta solicitude em volta dos artistas, que tornam a nossa companhia de comediantes uma especie de aristocracia muito amimada, habituada ás caricias, e que por isso mesmo recebe com estranheza, no dia seguinte aos applausos enthusiasticos e immediatos dos espectadores d'uma *soirée* particular, as advertencias, as admoestações e os conselhos do director ou do ensaiador.

«O que é certo é que, apesar das constantes censuras que em todos os tempos lhe tem sido dirigidas, e das quaes o montão de brochuras, livros e pamphletos formaria uma bibliotheca especial, a **Comedia Franceza** gosa sempre d'uma reputação e d'um prestigio, de que eu não tenho o direito de fornecer as provas. Sei perfeitamente que as cifras não são tudo n'esta vida, mas, na phrase de Gœthe, ellas não só governam o mundo, mas deixam ver como o mundo é governado. A **Comedia** attrahe actualmente n'um mez quasi tantos espectadores como d'antes attrahia n'um anno. As entradas gratuitas eram menos numerosas, por exemplo, ha cincoenta annos do que hoje; os lyceus e collegios não tinham entrada nas *matinées* classicas que eu instituí, e a receita d'um anno elevava-se a 425:000, a 331:000 e a 319:000 francos. Hoje, em um só mez, guardamos em caixa 200, 240 e 260 mil francos.

«Verdade é que as despezas são esmagadoras. A reducção dos subsidios, o augmento da cifra das pensões pagas aos societarios aposentados, que calculadas á taxa de 5 por cento, representam uma somma muito mais consideravel que outr'ora, tornam mais difficil a administração e obrigam a multiplicar os esforços para realisar as receitas necessarias. No primeiro de janeiro, ao começar um exercicio, o administrador, com um orçamento muito mais elevado, têm menores recursos. Todavia a **Comedia Franceza** tem o seu publico, que é o seu fiel associado e o seu soberano senhor.

«Apenas aqui posso tratar superficialmente questões, que demandariam ser estudadas largamente, o que faria de muito bom grado, bem que seja difficil a qualquer homem defender a sua propria causa e pleitear *pro domo sua*. Não tivesse eu a suspeição — e a honra, a grandissima honra— de ser encarregado de dirigir essa *troupe* superior, onde tive a rara fortuna de encontrar talentos novos dignos dos mais gloriosos antepassados, não fosse eu, n'uma palavra, administrador da **Comedia Franceza**, louvaria com a mesma convicção (mas talvez com menos certeza) a instituição unica, de que *sir* Henry Irving admirava ainda ha pouco o principio e o mechanismo; essa casa de que o filho de Björn Björnston me dizia hontem: «Quando aqui entro, parece-me entrar n'um templo.»

«Não acredito que, apesar das necessidades da epocha, algum outro theatro offereça aos auctores e aos artistas as vantagens d'esta casa de generosidade e de confiança. Nem sempre são recompensados os seus esforços. Aquelles mesmos que disfructam os beneficios da casa, não tem por ella profundo reconhecimento. Mas interrogae qualquer que tenha estudado os seus regulamentos, a fórma por que tudo alli é administrativamente limpo e claro— como n'uma casa de pleno sol — e societarios ou espectadores, empregados ou caminhantes, todos vos dirão, de boa fé, que é este theatro o que a todos offerece mais garantias e, a despeito das imperfeições de toda a obra humana, o que tem menos inconvenientes, e, finalmente, que se a **Comedia Franceza** não existisse, seria preciso invental-a.

«Mas, n'esse caso, era preciso tambem um Molière! — *Jules Claretie*, da Academia Franceza.»

A fachada principal do edificio da **Come-**

dia Franceza, construido pelo architecto Louis, deita para a rua Richelieu. Compõe-se d'um peristylo dorico, sustentando uma ordem de columnas corinthias que emolduram as janellas do primeiro andar. Os andares superiores são guarnecidos de pilares. Esta fachada foi reproduzida nas outras faces do edificio, de modo que ficou rodeado por uma galeria. No vestibulo, de fórma eliptica e ordenado de duas fileiras de columnas doricas, existem duas estatuas da celebre tragica Rachel e de Mademoiselle Mars, personificando a Tragedia e a Comedia. No *foyer* do publico ha bustos dos principaes auctores que teem escripto para aquelle theatro, uma bella estatua de Voltaire, feita em marmore por Hondon e quatro medalhões pintados por Hédouin: Escola dos maridos, Horacio, Phedra e Alzira. No *foyer* dos artistas ha uma admiravel collecção de retratos dos melhores artistas que a **Comedia Franceza** tem possuido, desde Moliére até á actualidade. Tambem este theatro possue uma preciosa collecção d'objectos que pertenceram a Moliére e a outras celebridades artisticas.

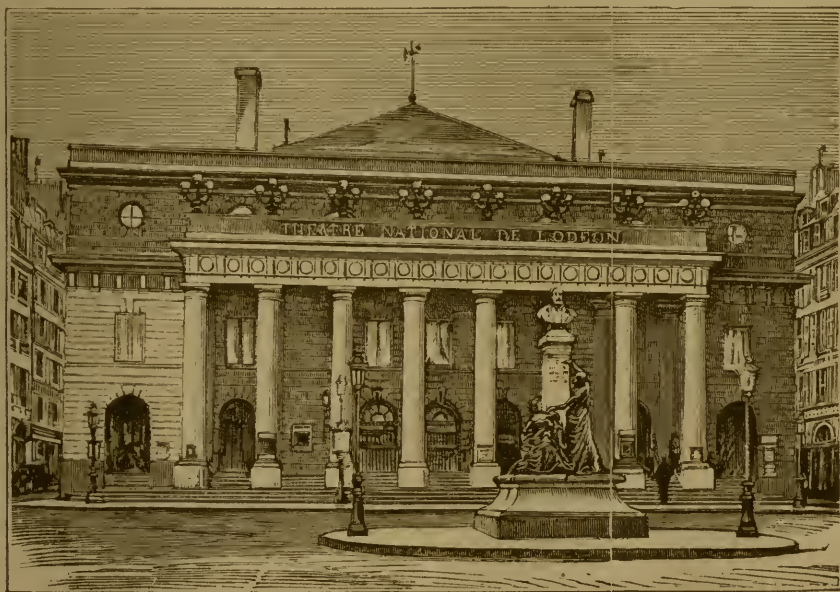
O theatro tem sempre o repertorio classico e o repertorio moderno, compostos das obras primas da litteratura dramatica franceza.

A sala dos espectaculos é ricamente adornada e tem logares para 1:500 pessoas. Os preços são: Fauteuils d'orchestra, 6 francos; logares de balcão, 7 francos; nas *baignoires*, 7 francos; na platéa, 2 francos e 50 centimos; cada logar de camarote de 1.ª ordem, 8 francos; de 2.ª ordem, 6 francos; de 3.ª ordem, 3 francos e 50 centimos.

THEATRO DO ODÉON

(Paris)

Em 1791 os acontecimentos politicos produziram grave divergencia entre os societarios da Comedia Franceza, conforme relatei no artigo anterior.

Os aristocratas da Comedia ficaram no *theatro da Nação*. Foi aqui que em 1793, depois de graves desordens, foram presos todos os societarios e quasi subiram ao cadafalso. Sahindo das prisões bastantes mezes depois, foram alguns reabrir, com o nome de *theatro da Egualdade* a sala do bairro Saint Germain, emquanto que os

Theatro do Odéon, de Paris

outros, sob a direcção de Mademoiselle Rancourt, iam para o *theatro Louvois*. Paris encontrou-se então com tres grandes theatros consagrados á tragedia e á alta comedia e nos quaes se representava todo o grande repertorio classico. Todavia, no fim de tres ou quatro mezes o *theatro da Egualdade* foi obrigado a fechar as suas portas em frente da indifferença publica. Só as reabriu a 20 de maio de 1797, epocha em que tomou o nome de **Theatro do Odéon**. Novamente as fechou tres mezes depois, reabrindo-as de novo e fechando-as ainda no primeiro de junho de 1798. Por fim, os artistas do *theatro Luvois*, juntando-se aos do **Odéon** fizeram com elles uma nova tentativa a 31 de outubro de 1798 e continuaram as representações até 18 de março de 1799, dia em que um terrivel incendio reduziu a cinzas o **Odéon**. Os infelizes artistas d'este theatro, vendo-se sem asylo, representaram durante muitos mezes em diversas salas: *Luvois*, *Cité*, *Marais* e *Feydeau*. O excellente actor-auctor Picard era n'essa epocha o director da *troupe*, e em 1801, fazendo-se a reunião na sala *Feydeau* das duas companhias de canto de Favart e Feydeau, o governo concedeu o *theatro Louvois* á *troupe* de Picard, que tomou d'elle posse a 5 de maio do mesmo anno.

Em 1804 juntou-se á *troupe* de Picard, e sob a sua exclusiva direcção, a companhia de opera italiana, alternando-se as representações.

Foi pouco depois que o *theatro Luvois*, assim reconstituido, tomou o nome de *theatro da Imperatriz* e se tornou uma dependencia da Comedia Franceza.

Em 1807 Picard abandonou-o para tomar a direcção da Opera, e Alexandre Duval foi collocado á frente do *theatro da Imperatriz*, cuja *troupe*, a 15 de junho de 1808, deixou a sala *Louvois* para se installar no **Odéon**, já reconstruido.

A direcção de Alexandre Duval não foi brilhante e o **Odéon** tornou-se então o alvo das diatribes que o perseguiram durante muito tempo.

Em 1816 volta Picard a ser director do **Odéon**, que arde pela segunda vez a 20 de março de 1818. Picard leva então os seus artistas para a sala *Favart*, onde está até 6 de janeiro de 1820, em que faz a reabertura do **Odéon**, que toma então o titulo de *Segundo Theatro Francez* e retira-se em 1821.

A existencia do **Odéon** torna-se então accidentada. Gentil succede a Picard; é substituido no anno seguinte por Gimel. A 2 de abril de 1824 o theatro fecha as suas portas para as reabrir a 27 do mesmo mez sob a direcção de um dos seus melhores artistas, o tragico Eric-Bernard, que o transforma em um novo theatro de opera. O privilegio concedido a Eric-Bernard dava-lhe com effeito a faculdade de representar a tragedia, a comedia, antigas operas francezas e traducções de operas estrangeiras. Foi então que Castil-Blaze e alguns outros fizeram representar no **Odeon** traducções ou adaptações do *Barbeiro de Sevilha*, da *Pêga ladra*, da *Dama do lago*, do *Othello* e do *Tancredo*, de Rossini; depois o *D. João* e o *Casamento de Figaro*, de Mozart; o *Freischütz*, de Weber; *Margarida d'Anjou*, de Meyerbeer; o *Sacrificio interrompido*, de Winter, etc. Foi n'essa occasião que se tornou conhecido em Paris o celebre tenor Duprez. Todavia, apezar de alguns successos no genero, Eric-Bernard cedeu a direcção a Sauvage em junho de 1827. Este encontrou-se no fim d'um anno na situação mais critica; não podendo pagar aos artistas, estes fizeram tal escandalo a 13 de julho de 1828, que no dia seguinte o theatro foi fechado por ordem da policia, e só reabriu a 5 de outubro seguinte, sob a nova direcção de Lemétheyer, que supprimiu a opera. A 4 de março de 1829, este ultimo desappareceu, e o theatro fechou. Seis mezes depois, a 2 de setembro reabriu sob a direcção de Harel.

Desde este momento o **Odéon** voltou a ser o *Segundo Theatro Francez*, destinado principalmente a crear artistas e auctores para a Comedia Franceza. Qualificado de theatro nacional e como tal subsidiado, dedica-se á tragedia, ao drama, á comedia e representa numerosas obras de Casimiro Delavigne, Ancelot, e mais tarde de Ponsard, Emilio Augier, Alexandre Dumas, George Sand, Luiz Bouilhet, etc. Depois

de Harel tem tido por directores Augusto Lireux, Bocage, Altaroche, Affonso Royer, la Rounat, Chilly, Duquesnel, Vizentini, Porel, Marck, Desbeaux, Antoine e Paulo Ginisty, que é o actual.

O **Odéon** é hoje um dos primeiros theatros de Paris. A companhia é sempre numerosa, pois que todos os annos recebe novos elementos dos premiados do Conservatorio.

Está situado na praça do Odéon, proximo do Luxembourg, na margem esquerda do Sena.

Fica complétamente isolado e tem 56 metros de comprimento, 36 de largura e 21 de altura. A fachada principal é precedida d'uma escadaria de pedra no cimo da qual se eleva um portico formado por 8 columnas doricas. Largas galerias com arcadas de pedra rodeiam o edificio. O salão de entrada e a sala dos espectaculos estão adornados com gosto.

Os preços d'este theatro são: Fauteuils d'orchestra, 5 francos; logares de balcão, 5 francos; nas *baignoires*, 4 francos; cada logar nos camarotes de 1.ª ordem, 6 francos; na 2.ª ordem, 3 francos; e logares de 2.ª galeria, 2 francos e 50 centimos.

SÓBRE THEATRO

Algumas noticias interessantes

SOBRE THEATRO

Gil Vicente e a Custodia de Belem

No antigo e interessante jornal *Artes e Letras* encontrei uns curiosos artigos, em que se pretende provar com valiosos argumentos que o creador do theatro portuguez foi tambem o ourives que fez a celebre **Custodia de Belem**, essa extraordinaria reliquia da ourivesaria religiosa do seculo XVI, á qual se prende o successo mais fecundo da nossa historia, qual foi a descoberta do Oriente.

Que o auctor d'essa obra prima se chamava **Gil Vicente**, d'isso não ha duvida, porque está expresso n'uma clausula do testamento de el-rei D. Manuel. Será esse **Gil Vicente** o mesmo que com os seus autos fundou o theatro portuguez? Ha divergencias n'este ponto.

O articulista das *Artes e Letras*, depois de largas investigações, conclue por affirmar que o creador do nosso theatro e o ourives da **Custodia de Belem** é sem duvida o mesmo **Gil Vicente.** E prova-o com os seguintes convincentes argumentos:

1.º Pela *Sedatura lusitana*, manuscripto genealogico de Christovão Alão de Moraes, **Gil Vicente** era natural de Guimarães, filho de Martim Vicente, *ourives da prata.*

2.º Pelo alvará de 15 de fevereiro de 1509, el-rei D. Manuel nomeou védor de todas as obras de ouro e prata feitas para o mosteiro de Belem, Hospital de Todos os Santos e convento de Thomar a **Gil Vicente**, *ourives* da senhora rainha D. Leonor.

3.º Os principaes autos de **Gil Vicente** foram escriptos a pedido da rainha D. Leonor, como vem declarado nas rubricas iniciaes; e a epocha em que começa a figurar na côrte fixa-se em 1492, pelo processo jocoso de Vasco Abul do *Cancioneiro geral,* onde se lhe chama **Mestre Gil Vicente**.

4.º No prologo da tragicomedia *D. Duardos,* edição de folha volante, dedicada a D. João III, declara **Gil Vicente** que fez os seus autos e moralidades em serviço da rainha D. Leonor.

5.º No fragmento do testamento da rainha D. Leonor, vem citados dois calices

legados ao mosteiro da Madre de Deus com *o que corregeu* **Gil Vicente**, *e o outro dos que elle fez*, e que eram da capella da dita rainha.

6.º No testamento de el-rei D. Manuel, de 7 de abril de 1517, cita-se a **Custodia dos Jeronymos**, d'onde **Gil Vicente** era védor, como tendo sido feita por **Gil Vicente** e bem assim uma *grande cruz*, feita pelo mesmo.

7.º O estylo da **Custodia dos Jeronymos** é o mesmo da Custodia offerecida por Gonçalo Annes á collegiada da Oliveira, de *Guimarães;* o que se explica pelo facto produzido por Alão de Moraes.

8.º O Relicario de Mestre João, o Engenhoso de *Guimarães*, possuido pela rainha D. Leonor, trabalho de esmalte preto admiravel, revela-nos que o *laurante* da Rainha foi talvez o primeiro a reconhecer o talento do seu patricio.

9.º Na *Farça dos Almocreves*, **Gil Vicente** introduz como typo principal um ourives, victima dos fidalgos que lhe não pagam as obras que encommendam; na *Fragoa de Amor*, figura em scena uma bigorna e forja, onde os frades veem pedir para serem caldeados em guapos namorados; no *Auto da Alma*, o poeta descreve, com conhecimentos technicos de ourivesaria, as joias com que o diabo vem seduzir a Alma.

10.º **Gil Vicente** não só escrevia os seus autos, como era musico e actor; pertence á pleiade dos espiritos encyclopedicos do fim do seculo XV, como Miguel Angelo ou Leonardo de Vinci, ou mesmo Garcia de Rezende, que possuiam quasi todas as fórmas da Arte; portanto não repugna moralmente o julgal-o chefe da escola da ourivesaria portugueza.

11.º Os filhos de **Gil Vicente**, Luiz, Paula e Valeria Borges, já pelos seus enlaces matrimoniaes na principal aristocracia, já pelas suas posições honorificas no paço, é que fizeram esquecer que seu pae era o assombroso *laurante da rainha D. Leonor*, para se nobilitarem pelos seus talentos litterarios.

12.º Em grande parte dos seus autos, **Gil Vicente** dá a entender que elles são um trabalho accidental; tiveram origem casualmente, nem se escreveram para serem representados deante do povo. Logo, a occupação principal para elle era a de ourivesaria.

Manuel de Sousa e o Marquez de Pombal

O capitão de infanteria e professor da lingua franceza, **Manuel de Sousa**, auctor de uma grammatica e de um diccionario d'aquella lingua, traduziu o *Tartufo*, de Moliére, traducção que com o seu nome foi publicada em 1768 e depois anonyma em 1835 no *Jornal de Comedias*. José Maria da Costa e Silva nega que esta primeira traducção seja de **Manuel de Sousa** e attribue-a a Filinto Elisio.

O que é certo é que o **Marquez de Pombal** se serviu da peça de Moliére como arma de propaganda anti-jezuitica, e **Manuel de Sousa** era creatura do **Marquez** e por elle protegido.

Traduziu tambem *Le bourgeois gentilhomme* com o titulo de *Peão fidalgo*, de Moliére, traducção que não prima pelas bellezas do estylo.

Quem sabe se na traducção do *Tartufo*, feita por ordem do **Marquez** e na sua animosidade contra os jezuitas, não estará o germen da lei da rehabilitação do theatro e dos artistas dramaticos?

Na primeira exhibição da peça, no theatro do Bairro Alto, o protogonista appareceu em scena vestido com a roupeta dos padres da Companhia de Jesus.

Esta particularidade encontra-se n'uma *Vida do Marquez de Pombal*, manuscripto que existe na Bibliotheca Nacional, de auctor anonymo, evidentemente jezuita, ou familiar d'estes padres, que se exprime assim:

«Consentiu a Meza Censoria se tradu-«zisse, accrescentasse e se representasse «por muitas vezes repetidas, em diversos «tempos, no theatro publico do Bairro «Alto, a comedia intitulada *O Tartufo*. Era «idéa do auctor d'aquella composição fran-«ceza mostrar a perversidade d'um hypo-«crita, para se acautellarem de seus enga-«nos. Este hypocrita que no original re-«presentava um ermitão, inculcando-se vir-

«tuoso, *se constituiu na versão e accrescenta-«mento um Jezuita, que, com um leigo por com-«panheiro, ambos com o habito da Companhia,* «se figurava admittido na casa d'um gran-«de da côrte,» etc.

TRES GRANDES COMICOS

Estão reunidos n'este grupo os tres notabilissimos artistas **Taborda, Izidoro** e **Pereira**.

É copia de uma photographia tirada no Porto, em julho de 1857. Estava alli a companhia do Gymnasio, a que pertenciam os tres distinctos artistas, fazendo as delicias do publico.

Pereira morreu n'esse mesmo anno em Lisboa, victimado pela febre amarella, conforme já relatei. **Izidoro** falleceu tambem em Lisboa em 1876. Felizmente vive ainda o mais notavel dos tres, o grande actor **Taborda**, acclamado sempre com sincero enthusiasmo quando por vezes apparece em scena, mostrando que, apezar da sua avançada edade, ainda nenhum ha que se lhe compare.

Tres grandes comicos

As pateadas

Do 5.º volume do excellente jornal *O Panorama,* que era redigido pelos mais notaveis escriptores portuguezes, transcrevo o seguinte:

«Na Grecia antiga os espectadores, quan-«do não estavam contentes com os acto-«res, atiravam-lhes com figos, azeitonas, «engaços d'uvas e coisas similhantes, como «consta da apostrophe que Demosthenes, «no seu discurso *de Corona,* dirige a Es-«chines, que fôra actor. Não era isto bom, «mas sempre era melhor do que arremes-

«sar contra aquella pobre gente moedas «de bronze de 40 réis. Parece que a pratica «de assobiar para reprovar, como a de ba- «ter palmas para applaudir, começára em «Roma, no tempo d'Augusto. O uso de dar «pateada, ou escoucear como as bestas, «não sabemos quando teve principio.»

Parece que em 1841, data em que sahiu este artigo, havia a moda de atirar com *patacos* para o palco. Felizmente isso passou ha muito. O que é para lamentar, é que ainda se use fazer em salas onde deve estar gente bem educada e onde sempre estão senhoras, o que o articulista do *Panorama* chamava escoucear como as bestas.

José Agostinho de Macedo, tratando tambem das **pateadas** do theatro, já dizia que o espectador, ao ler o cartaz de peça nova, vae para casa e manda ao serralheiro calçar de novo os ferrados bordões com que ha de applaudir o auctor.

O publico de Lisboa tem predilecção e diverte-se com as **pateadas** nas primeiras representações, sem se lembrar dos gravissimos prejuizos que a maior parte das vezes causa ás emprezas. Felizmente no Brazil rarissimas vezes se ouve patear. O publico alli, se gosta da peça e do desempenho, frequenta o theatro, se não, abandona-o, mas sem dar provas de malcreado...

Theatro da Rua dos Condes

A origem do titulo d'este theatro e do nome da Rua, é ter elle sido edificado em terrenos pertencentes aos **Condes** da Ericeira, morgados da Annunciada, que em todo aquelle local e proximidades tinham o seu palacio, com 10 pateos, 120 casas, jardim e horta. A denominação do primitivo theatro era **Pateo da Horta dos Condes**.

Autographo importante

Segundo está descripta no catalogo impresso da livraria de Fernando Palha, hoje propriedade dos seus herdeiros, com o n.º 4:658, existe alli uma **carta autographa** do celebre Samson, carta que pertenceu a Francisco Palha.

Quando José Romano voltou de Paris, fez constar em Lisboa que recebera lições de declamação de Samson, aprendendo tambem com elle regras de *mise-en-scène*. Alguem escreveu de Lisboa ao Visconde de Castello de Paiva, então residente em Paris, pedindo informações n'este sentido. Respondeu Samson que nunca ouvira fallar de tal artista e *«quant à ses pretendues études faites sur sa direction et relatives aux répétitions et à la mise-en-scène aucune étude de ce genre n'a eu lieu.»*

Uma companhia do Theatro D. Fernando

Em 1855 a companhia do infeliz theatro do largo de Santa Justa era composta dos seguintes artistas: Ensaiador — João dos Santos Matta, o conhecido Matta-castelhanos, actor que foi do Salitre, Rua dos Condes e D. Maria; Ponto — José Manuel Alves Junior, que depois foi ensaiador das Variedades e Rua dos Condes e era escripturario do theatro de D. Maria quando morreu; Contraregra — Francisco Angelo da Silva Velloso, pae das actrizes Vellosos, o qual escreveu um pequenino e insignificante livro sobre a arte dramatica; Actrizes — Anna Cardoso, que fez uma bella carreira e morreu em actriz do theatro de D Maria; Luiza Fialho, a talentosa e infeliz artista, que morreu depois de estar por muitos annos paralytica; Eliziaria, que foi muito formosa, teve a sua epocha em D. Maria e nas Variedades e ha pouco morreu, estando ha bastante tempo retirada da scena; Maria do Céo, que passou para as Variedades, depois para a Rua dos Condes e Recreios, a cuja companhia pertencia quando morreu; Magdalena, uma actriz de pouco valor, que cedo desappareceu do theatro; Carlota Velloso, que fez boa carreira nos theatros de Lisboa e Porto e ha annos alli vive retirada; Francisca, que foi a primeira mulher do actor Queiroz e morreu nova; Actores — José Antonio Brêa, que viéra da Rua dos Condes e morreu da febre amarella em 1857; Justinianno Faria, um excentrico, mas um actor burlesco de grande merito, o creador em Portugal do *general Boum* da *Grã-Duqueza*

e que mais tarde morreu no hospital; Carlos Rodrigues, um artista de bastante merito, que fez bella carreira na Rua dos Condes, Variedades e Gymnasio e ha pouco morreu na Bahia: Rollão, outro actor de merecimento, que morreu ainda novo; José Carlos dos Santos, que foi depois o grande actor Santos, mas que já alli se evidenciou; Raymundo de Queiroz, hoje o estimadissimo Queiroz da Trindade; Manuel de Sousa, conhecido pelo Souza *Vaqueiro* por ter feito magnificamente o papel do *Izidoro o vaqueiro*, não fazendo depois mais nada e tendo acabado em corista; Marcolino Pinto, que depois no Gymnasio e em D. Maria foi um actor distinctissimo e morreu novo; Gonçalves, o *espingardeiro*, que fez modestissima carreira e ainda de quando em quando faz *rabulas* nos theatros.

Companhia do Theatro de D. Maria em 1853

Estava brilhantemente organisada com os seguintes artistas: Emilia das Neves, Josepha Soller, Carlota Talassi, Gertrudes Rita da Silva, Delphina, Barbara (velha), Carolina Emilia, Maria da Gloria, Radice, Guilhermina Trindade, Epiphanio, Theodorico, Rosa (pae), Tasso, Sargedas, Corrêa, Carvalho, Domingos Ferreira, Victorino, José Antonio, Lage, Leal, Amaro e Cesar de Lacerda.

Entristece-nos pensar que ha 35 annos se organisou uma tão extraordinaria companhia, que seria primeira em toda a parte do mundo, e que hoje as companhias dos nossos theatros são deficientissimas, com especialidade aquella de que mais se devia exigir, a de D. Maria.

Uma companhia do Salitre

Em 1808 era o seguinte o elenco da companhia que funccionava no theatro do Salitre: Actores — Roque Jeronymo Monteiro, Victor, Sebastião José, Xavier Ultra e Antonio Cheavari; Actrizes — Claudina Rosa Botelho, Rosa Maria e Carolina Bossi; Dansarinos—Carlos Bienchini, Antonio Pechi e Montinhiani; Dançarinas — Rosina Lorenzani, Annunciata Evangelista e Maria San-Martin.

O Theatro em Portugal

Do livro *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal*, escripto por Adrien Balbi e publicado em Paris em 1822, vou traduzir a parte que diz respeito á arte dramatica em Portugal e Brazil, e que dá preciosas informações do atraso do nosso theatro n'aquella epocha:

«Póde dizer-se que os portuguezes não tiveram theatro nacional antes do rei José, porque não se poderia dar esse nome ás farças imperfeitas e fastidiosas e ás peças pseudo-religiosas (autos sacramentaes), que antes d'esta epocha lhes serviam de espectaculo ordinario. e que eram no genero das que se representavam em toda a Europa, quando esta ainda jazia mergulhada no barbarismo.

«Os actores nacionaes representavam as comedias de Simão Machado e as operas comicas de Antonio José (o Judeu) que tinham sido compostas para o theatro do Bairro Alto, então occupado por *fantoches*. As peças hespanholas, representadas de quando em quando, na capital e nas provincias, formavam os melhores espectaculos. Só no reinado do rei José alguns particulares conceberam o projecto de crear um theatro nacional, e o Marquez de Pombal, disposto a proteger tudo que era grande, bello e util, empregou todos os esforços para secundar as disposições favoraveis que se manifestaram então para chegar a tal fim.

«A *Arcadia*, que tanto mereceu da litteratura nacional, acudiu tanto quanto lhe era possivel á reforma do theatro, já em relação a peças, como a actores.

«Portuguezes e estrangeiros, bastante instruidos, que tinham visto representar comedia e tragedia em Paris e em Londres, asseguraram-nos que desde os primeiros annos muitos actores e actrizes portuguezes chegaram a um grande grau de perfeição. Citam-se entre outros a *Cecilia* na tragedia, a sua rival *Maria Joaquina*

no comico e mesmo n'alguns papeis tragicos e muitos actores não menos distinctos. A celebre *Todi*, de quem toda a Europa admirou a voz, o methodo de canto e principalmente a bella declamação, representou durante alguns annos os papeis de *soubrette* no theatro da Rua dos Condes, e estava longe de occupar o primeiro logar n'aquelle theatro. A *Cecilia*, irmã da *Todi*, representou tão bem os dois primeiros papeis da *Alzira* e da *Zaïra* de Voltaire, traduzidas pelo medico Seixas, um dos membros da *Arcadia*, que este sabio, traduzindo o poema da *Declamação* de Bernard, applicou-lhe os louvores do poeta francez á famosa Clairon. O merito real d'estas duas actrizes, do *Pedrinho* e de alguns outros actores, levou a nobreza da côrte a proteger a carreira dramatica.

«Em 1771, um edito real declarou honrosa a profissão dos actores comicos e proclamou as vantagens que o povo podia tirar do theatro, quando fosse bem dirigido. Estas medidas liberaes do governo foram secundadas pelos particulares que, é dever dizel-o, cooperaram sempre para encorajar os progressos de muitos ramos da litteratura nacional. Pedegache, Quita e Seixas trabalharam na tragedia de *Megare*, que foi composta segundo as mais strictas regras do theatro grego, e que foi impressa com uma dissertação analytica no genero d'aquellas de que Voltaire fazia preceder as suas tragedias.

«Durante a curta existencia do theatro nacional, dirigido pelo bom gosto de alguns litteratos zelosos pelos seus progressos, uma enormidade de excellentes traducções das melhores comedias e tragedias francezas, inglezas e italianas, foram publicadas e representadas.

«Uma circumstancia digna de ser apontada é que o Marquez de Pombal mandou fazer pelo Capitão Manuel de Sousa a traducção do *Tartufo*, que foi representada com muita satisfação do publico; o ministro assistiu á primeira representação. Este mesmo Manuel de Sousa traduziu tambem o *Peão Fidalgo* de Molière, e Feliciano Moraes, empregado na secretaria d'estado, compôz comedias agradaveis e muito comicas.

«Deve-se tambem notar que muitos amadores da boa comedia algumas escreveram, fazendo-as representar n'um theatro de sociedade, pertencente a um tal Ludovici. Era ao mesmo tempo uma escóla para a arte dramatica e para a composição. Foi n'essa occasião que alguns contos de Marmontel foram postos em scena, assim como muitos outros assumptos fornecidos pelo quadro movimentado da sociedade.

«Depois da morte do rei José, escrupulos de consciencia decidiram a rainha sua filha a prohibir as mulheres de entrarem no theatro, o que o fez cahir em grande decadencia. Nada havia mais desagradavel do que ver os principaes papeis de princezas e apaixonadas, representados por actores de barba negra, dos quaes o que tinha mais talento, o Filippe, era de uma fealdade notavel e de uma edade bastante avançada quando representava as ingenuas. Nada então encorajava os auctores dramaticos, e lei nenhuma assegurava a propriedade litteraria. Não é, pois, de admirar que o primeiro esforço empregado por alguns litteratos no reinado anterior, afrouxasse então. O rei actual, sendo ainda regente, permittiu de novo ás mulheres que apparecessem na scena. Todavia, apesar do talento natural de algumas actrizes que entraram na carreira, o mau gosto de declamação e a falta total d'instrucção entre os actores que respresentavam até alli, impediram o theatro portuguez de sahir de um estado tão inferior em relação áquelle em que se acha o theatro em todas as nações civilisadas. Podem encontrar-se em Lisboa alguns *paradeurs* (comicos das paradas das barracas de feira) bastante geitosos; mas apenas existe n'esta cidade um actor que merece ser comparado aos de segunda ordem dos outros póvos, na tragedia ou na comedia. Os auctores que trabalham para o theatro estão, com pequenas excepções, ainda abaixo dos actores que representam as suas desgraçadas composições originaes ou as suas más traducções do allemão, do hespanhol e do francez.

«O publico habituado desde longa data a só ouvir composições dramaticas mal con-

cebidas e muitas vezes ainda peior representadas, não poude adquirir a delicadeza de gosto, que indica aos auctores o caminho a seguir para chegarem á perfeição. Os sabios e os litteratos despresam bastante o theatro nacional para d'elle se occuparem seriamente, e não recrear-se de preferencia na opera italiana, ou nos seus gabinetes, lendo boas obras dramaticas.

»Depois do que acabamos de dizer, os nossos leitores podem avaliar o estado de imperfeição em que se acha o theatro entre os portuguezes. Vamos ainda assim, á falta de grandes nomes dramaticos, citar alguns actores que, apesar de mediocres, passam agora pelos primeiros do theatro nacional de Lisboa: **João Evangelista** nos papeis de *centro;* **Sebastião Ambrosini** nos de *gracioso;* **Victor** nos de *peralta espertalhão* e nos papeis de *espirito;* **Theodorico** nos de *velho.*

«Na companhia nacional do Porto, que é ainda inferior á de Lisboa, os que se distinguem são: **Josepha** nos papeis serios e apaixonados; **José Duarte** nos papeis de *centro;* **Pomada** (o pae) nos de *gracioso;* **Talassi** menina de treze a quatorze annos, que representa já muito bem papeis de sentimento e que promette tornar-se uma boa actriz.

«Na companhia do Rio de Janeiro os artistas mais distinctos são: **Marianna Torres**, a primeira actriz portugueza. É magnifica principalmente nos papeis apaixonados e nos tragicos; **Manuel Alves**, bom actor, principalmente nos papeis de *velho,* nos quaes conhecedores muito instruidos o collocam acima de todos os seus compatriotas e o egualam mesmo aos bons actores estrangeiros, no seu genero, ainda que nunca sahiu do Rio de Janeiro, sua patria; **Pedrinho,** morto no Rio de Janeiro, para onde tinha sido chamado de Portugal a fim de organisar o antigo theatro portuguez; teve o merecimento de formar os primeiros actores, que alli representaram e que eram todos amadores; era principalmente bom nos papeis tragicos; **Rita**, filha do precedente, era principalmente boa nos papeis que exigem exaltação e colera.»

Balbi cita depois os principaes theatros de Portugal e Brazil, que eram os seguintes:

Em Lisboa: *S. Carlos, Rua dos Condes, Salitre, Bairro Alto, Boa Hora* (em Belem). Cita tambem a *praça do Salitre,* onde se davam corridas de touros e uma outra praça mais pequena, do *Poço Novo,* para cavallinhos e outros espectaculos. Cita egualmente os theatrinhos particulares nos palacios dos Condes de Sampaio e d'Almada, da Viscondessa d'Anadia, do barão de Quintella e principalmente o do Morgado d'Assentis.

No Porto apenas cita o theatro de *S. João.* Refere-se depois aos theatros de Setubal e de Elvas e diz que os das outras terras nem merecem ser mencionados.

Havia ainda um theatro bom no Funchal. Nos Açores não havia nenhum.

Falla Balbi com louvor dos theatros do Brazil, n'essa epocha, citando o *S. João* do Rio de Janeiro, onde hoje existe o *S. Pedro,* outro ao pé d'este com o nome de *Theatrinho,* construido em 1815, e o de *Luiz de Sousa Dias*, edificado em 1820. Louva ainda os theatros da Bahia, feito em 1810, o de Pernambuco, o do Maranhão e o de Villa Rica, antiga capital de Minas Geraes, que era o mais antigo do Brazil.

Emilia das Neves e Ristori

Em 1860 trabalhava **Emilia das Neves** no theatro Baquet do Porto. Appareceu alli a companhia da **Ristori.**

O *Diario de Lisboa* de 17 de fevereiro d'esse anno dizia o seguinte:

«As folhas d'esta cidade continuam a fazer menção das scenas de verdadeiro enthusiasmo e fraternidade artistica que se teem dado entre as duas insignes actrizes, **Ristori** e **Emilia das Neves.** Quiz a sorte que na presença da grande tragica europêa se encontrasse o grande vulto da scena portugueza, e que para gloria d'este paiz podesse aquella apreciar os dotes artisticos da sr.ª **Emilia das Neves.** Tambem coube em partilha ao Porto o poder fazer, com singular galhardia, as honras devidas ás duas sublimes artistas, no que lhe deve caber muita satisfação.

«Na representação da tragedia de Shakespeare, *Macbeth*, deu-se um d'esses factos que fazem saltar dos olhos lagrimas de verdadeiro prazer. Quando, no final da scena do banquete, **Madame Ristori** foi chamada á scena com Mayeroni, appareceu no palco a primeira actriz portugueza **Emilia das Neves**, e apresentou á rainha da scena europêa uma rica corôa de louro. **Ristori** commovida abraçou a actriz, que, com tanta usura, lhe pagava os applausos que d'ella recebera na noite anterior! Era um bello quadro! O enthusiasmo do publico tocou as raias do delirio, chamando tres vezes ao palco as duas grandes artistas, que appareciam de mãos dadas e visivelmente commovidas!»

UM ENSAIO NA COMEDIA FRANCEZA

Representa esta gravura um ensaio de apuro da *Frédégonde* na Comedia Franceza. Está o ponto no seu nicho e as actrizes apurando uma scena. Dentro do *guignol*, que assim se chama o recinto reservado por detraz da cupola do ponto, estão o auctor da peça, Mr. Dubout, o ensaiador Mounet-Sully e o administrador Jules Claretie.

Um ensaio na Comedia Franceza

Opinião de Francisco Palha sobre alguns espectadores portuguezes

«A terra é de má lingua. Em coisas de theatro sobretudo ha uns certos doutores que muito sabem e muita asneira deixam sahir da bocca onde lhes entra o pão! Mal empregado. Para elles não ha actor que preste senão quando falla francez ou italiano.

«Tiradas as inquirições, é porque os não entendem. A um dos que adormecia assistindo á representação de um drama no theatro nacional, e quebrava lanças pelo que vinha importado das provincias francezes com o falso rotulo de artistas parisienses, ouvi eu dirigir a prima dona d'alto cothurno a seguinte algaraviada:

«—*J'ai dans ma logê beaucoup de flores para deitar a vocemecê.*—

«Outro conheci, que foi assignante no theatro de D. Fernando, quando alli funccionava a companhia com que o Détry nos regalou, e ria quando os outros riam, e es-

preitava o olho do que lhe ficava ao lado, de sorte que á primeira lagrima do visinho deitava elle carêta e soluço, e berreiro muitas vezes. Era o seu modo de fingir que percebia os versos de Molière ou a prosa de A. Dumas.

«Por esse mundo de Christo desejava leval-os pelo cabresto — para que apreciassem no estrangeiro o que temos em nossa casa.»

Versos de Anthero do Quental

Feitos em 1864, em Coimbra,
em honra da grande actriz Emilia das Neves

Pois que? Se n'um volver d'esses teus olhos,
Quando alegres os volves; quando altivos,
Orgulhosos chamejam; quando ternos
Promettem todo um mundo de venturas,
Arrastas almas mil; dizes e inspiras
O horror, a compaixão, o amor, a raiva,
Delirios da mulher, que amou e acorda,
Vendo murchas por terra as flores da vida;
Se suspensas dos labios — a teu mando —
Tens almas mil escravas, que te obedecem,
Que choram se tu choras, e que exultam
Com tuas alegrias, com teus risos;
Se és mulher, se és rainha e se és artista,
Póde alguem intentar dizer com fallas
O que sente, o que vae lá dentro n'alma?!...

O silencio diz tudo e é muda a lyra:
Distendidas as cordas, humedece-as
Uma lagrima santa, que as orvalha
D'amor, d'aspiração, d'affecto infindo.
A lagrima diz tudo — diz que á terra
D'heroicos feitos mil, de mil grandezas,
De nobres, fraternaes e santas crenças,
De esp'rança e sentimento e dos amores,
— «E dos amores d'Ignez que alli passaram» —
Faltava inda um laurel. Hoje essa lagrima
Diz ao peito, que sabe recolhel-a,
Que, morrendo ámanhã, morre contente
Essa terra, que as outras avassalla,
Porque achou o laurel, que os mais enfeixa,
Uma gloria immortal, que as domina,
Um nome, que não morre, quando os sec'los
Lhe dobrarem no pó a altiva fronte!...

Carta do Visconde de Castilho ao grande actor Santos

Logo depois da representação do *Tartufo*, de Moliére, traduzido pelo **Visconde de Castilho** e representado no theatro de D. Maria pela companhia do **Santos**, este recebeu a seguinte carta:

«Lisboa, 28 de janeiro de 1873. Meu caro sr. **José Carlos dos Santos**. — Quando antes d'hontem, domingo, ia para o nosso theatro, enganado como tanta gente, levava-lhe, para lh'a offerecer para a sua pasta, a carta que n'essa manhã recebera do meu Camillo Castello Branco, e que hoje lhe remetto inclusa na presente, renovando-lhe por esta occasião os meus parabens.

«Na manhã do mesmo dia cá recebi tambem os bilhetes de visita de todas as senhoras e de todos os homens da nossa inexcedivel companhia. Foi um novo e grande favor com que todos e todas me deixaram empenhado para sempre em gratidão. Peço que os abrace por mim a um e um, emquanto o não posso ir fazer pessoalmente em suas proprias casas ou no theatro, testemunha dos applausos que pelos esforços d'elles tenho recebido.

«A quem com tanto acerto emprega as suas horas todas para a civilisação artistica da patria, não é bem que se roubem nem minutos; por isso termino já aqui, assignando-me, com verdadeira ufania, do primeiro actor portuguez, e agora creador do nosso theatro normal e classico — Consocio, collaborador e servo gratissimo. — **Castilho.**

Emilia das Neves e Salvini

Em 1869 realisou **Emilia das Neves** a sua festa artistica no theatro de D. Maria com a primeira representação do drama *Faustina*, traduzido por Eduardo Vidal.

A *Revolução de Setembro*, de que era principal redactor Antonio Rodrigues Sampaio, escrevia no dia immediato o seguinte:

«Salvé, grande artista! Salvé, primeira actriz do palco portuguez! Salvé, unica mulher, que entre nós realisas, attinges, personificas a suprema concepção da arte theatral!»

O notabilissimo actor **Salvini** assistiu á festa de **Emilia** e foi n'um dos intervallos saudar a sua irmã na arte, offerecendo-lhe um rico broche e um exemplar da tragedia *O Gladiador de Ravenna*, para que a representasse, o que a distinctissima actriz fez depois, mandando-a traduzir pelo distincto escriptor Latino Coelho.

UMA SCENA DO «CYRANO DE BERGERAC»

Representa a nossa gravura a scena final do 3.º acto da notavel peça de Edmond Rostand, **Cyrano de Bergerac**. Merece esta distincção a obra theatral de maior valor dos ultimos tempos. O publico illustrado de todas as scenas em que a peça se representa, ergue-se n'um fremito de enthusiasmo para acclamar o brilhantissimo poeta dos *Romanesques;* a critica curva-se respeitosa ante tão sublime manifestação artistica e litteraria. A peça é um conjuncto de encantadoras bellezas, em que sobresae a linda scena da varanda do 3.º acto.

Terceiro acto do *Cyrano de Bergerac*

Santos e os directores de scena

Quero deixar aqui mencionada a opinião do grande mestre, do notabilissimo artista, que o theatro portuguez ha de sempre chorar:

«É preciso que se saiba uma coisa: tanto nos theatros de Paris como nos de Londres contribue n'uma grande parte para o exito das peças o *ensemble,* a afinação, a *mise-en scène*... finalmente, a boa direcção. Está visto e provado que sem um bom e intelligente director de scena, a quem todos obedeçam, reconhecendo-lhe a auctoridade... nada se faz... As grandes batalhas para se ganharem precisam de bons generaes.

«Nós tambem por cá tivemos quem entendesse da materia, e bem a fundo, o mestre dos mestres: Epiphanio Aniceto Gonçalves. Não vá esquecendo o busto que se lhe prometteu ao lado de Garrett; já é tempo de lhe pagar o muito que lhe devemos. Depois d'elle ficou o Rosa (pae) que, áparte algumas caturrices, prestou grandes serviços á Arte; sabia do seu officio, e quando se lhe pedia um conselho não se perdia o tempo. Este grande actor tinha distracções impagaveis, e contava historias que faziam rebentar de riso. Teve sempre a mania de que todo o collega que fosse para a scena levasse o seu sello artistico; por exemplo: estavamos no camarim ao cavaco, e de repente sentiamos na face o contacto da cabeça d'um dos dedos da sua mão, corriamos ao espelho e via-

mos nas faces mais duas dedadas de carmim sobre a caracterisação já feita. Furiosos com elle, diziamos:— Que fez vossê?... — O que tu não sabias; representas n'esta peça um *galan*, e essas duas dedadas aos cantos dos olhos fazem-te mais novo dez annos.

«As mulheres ás vezes desesperavam-se... mas depois agradeciam-lhe. Via-se quasi sempre ás portas dos camarins das actrizes, contando-lhes anedoctas do seu repertorio, e ellas, encostadas aos humbraes, á espera da *deixa*, riam, achando-lhe muita graça. De repente, zás! como um gato deitava-lhes as unhas á cabeça, tirava-lhes dois ganchos e transformava-lhes o penteado...

«—Vossê endoideceu... escangalhou-me o cabello...

«— Olha para o espelho, rapariga; então, hein? . agora sim... agora é que tens a formosa cabeça da altiva Antonietta.

«Rodava sobre os calcanhares, voltando-lhe as costas, e, de bengala ao hombro, ia por alli fóra resmungando:

«— Não entendem nada...

«Ellas corriam atraz d'elle, abraçando-o, beijando-o e rindo. Rosa sabia o que valia. Nunca conheci actor que melhor vestisse á epocha e que melhor se caracterisasse. Não posso resistir a contar um episodio que se passou commigo. Eu teria então dezeseis para dezesete annos, fazia umas traducções mascavadas onde elle quasi sempre tinha o papel principal; entre ellas recordo-me da *Herança de um tio russo*, *Se Deus quizer* e *Fidalgo pobre*. Elle, que nada o contentava, queria tudo a seu modo e facil para dizer; chamava-me para os cantos e obrigava-me a emendar, substituir e trocar as fallas dos papeis como entendia e lhe parecia; eu exasperava-me, mas fazia-lhe todas as vontades; depois, para me adoçar a bocca, dizia-me:

«— Agora vae lá para fóra, para o fundo da geral; tu és o meu povinho, vê que effeito produz este acto, e depois vem-me dizer se vou bem e se gostaste.

«Fazia de mim a sua Lafouret! Sempre artista! Depois que morreu tem-se fallado muito das suas creações. No meu entender ha cinco papeis que teem a *griffe* do leão: o *imperador Vespasiano Augusto*, o *Morel* dos *Mysterios de Paris*, o *Primo e o Relicario*, o *Rei e Duque*, o grotesco *Morgado de Fafe* e um *bout* de *rôle*, que, a meu ver, vale mais que todo o *Seiglière*, é o *Marquez de Marialva* dos *Amores de Bocage*. Não ha typo mais perfeito nem creação mais completa! Que magestosa e soberba entrada, rodeado dos seus picadores, no terceiro acto! Alli não faltava nada, desde a cabelleira até á espora!... Com que elegancia de fidalgo endireitava com os dedos as rendas da sua camisa de bofes!.. como no arqueado das pernas nos dava a perceber que estava alli o calção de ferro que domava a fogosa raça d'Alter! Como brincava com a varinha de marmeleiro e nos fazia recordar o poder e valentia d'aquella mão de redea!... Ninguem em duas palavras é capaz de fazer mais. A morte derribou este carvalho gigante, mas felizmente não levou as raizes que hão de continuar, espero, as suas gloriosas tradicções.

«Ainda tivemos ultimamente um bom director, o Dr. Luiz da Costa Pereira, um erudito. Não representava, foi sempre ensaiador; os auctores e actores do seu tempo devem-lhe muito; serão ingratos, mal agradecidos e invejosos os que o não confessarem.

«Houve um homem que, em theorias, talvez fosse superior a todos: Duarte de Sá; mas o muito que sabia foi que o perdeu. Podia ter deixado de si um nome glorioso entre os artistas e ter concorrido para o engrandecimento da Arte, mas não soube ser modesto nem esperto; na sua bocca nunca houve um artista completo; a todos tinha que censurar... elles sabiam-n'o. Ainda assim, apezar de tudo, deixou discipulos que muito honram a sua memoria, mas os actores já feitos, quando um dia os chamou a si, voltaram-lhe as costas. Quando quiz apostolos para a propagação das suas theorias, esqueceu-se que tinha primeiro de lhes lisonjear a vaidade, não se lembrou que, para lhe acceitarem a sua arte de representar, tinha, primeiro que tudo, de representar com os actores.»

O Beijo

Versos do notavel poeta brazileiro Moniz Barreto, dedicados a Emilia das Neves

Como, sendo tu das—Neves,—
Musa, que vieste aqui,
Assim queima o peito á gente
Um beijo dado por ti?!

O que na face me déste,
Que me accendeu o coração,
Não foi osculo de—neves,—
Foi um beijo de vulcão.

—Neves—tenho eu na cabeça,
Do tempo pelos vaivens;
Tu és só—Neves—no nome,
Té nos labios fogo tens.

Beijando, não és das—neves,—
Do sol, Emilia, tu és;
Como—neves se derretem
Os corações a teus pés

O meu, que—neve—já era,
Ao toque do beijo teu,
Todo arder senti na chamma
Que da face lhe desceu.

Errou-o quem o sobrenome
De—Neves—te pôz, actriz:
Qu'és das—lavas,—não das—neves.
Minh'alma, accesa, me diz.

Das—Neves—chamem-te, embora;
Vesuvio—te hei de eu chamar,
Em quanto a impressão do beijo
Que me déste, conservar.

Oh! se de irmã esse beijo
Produziu tamanho ardor,
Que incendio não promovera,
Se fosse um beijo—de amor?!

Se me promettes, Emilia,
De hora em hora um beijo egual,
Por sobre—neves,—ou fogo,
Dou commigo em Portugal...

Não te chames mais—das Neves,—
Mulher que abraças assim;
Chama-te antes das—Luzes—
E... não te esqueças de mim!

Emilia das Neves e Rossi

O notabilissimo actor italiano que muito ouvira fallar de **Emilia das Neves**, quando pela primeira vez visitou Lisboa, quiz ver a tão afamada actriz e para isso deixou de dar uma noite espectaculo no theatro do Principe Real e foi para D. Maria assistir á representação da *Doida de Montmayour*, em que **Emilia** era extraordinaria.

Logo no fim do primeiro acto foi **Rossi** ao camarim do grande astro da scena portugueza e, saudando-a, disse-lhe: «Basta ouvir a sua voz e ver a sua physionomia para se reconhecer que é uma grande actriz!»

O Emprezario

Francisco Palha descreve-o assim nas suas *Cartas do Outro Mundo,* quando pede a Deus um logar no Céo pelo muito que soffreu na terra:

«—Senhor, fui emprezario!—
E pôz-se Deus a rir d'um tal descôco.
—Sabes acaso o que isto significa?
Pôdre alimaria em fétida estrumeira;
manjar, piteu, da mosca varejeira.
Tudo alli poisa; tudo alli debica;
tudo alli faz real e verdadeira
a phrase de Cambronne! Pifias pégas
com sangue e gesto e voz de regateira
que, enumerando as glorias pelas rugas,
mais renome teriam, maior fama
que todas as cantadas artes gregas;
escorpiões da scena, sanguesugas
de cófres sem vintem, molles seresmas
com pernas feitas d'algodão em rama,
—caurim pregado a quem lh'as vê na cama;—
essas foram, Senhor, sim, essas mesmas
que ouzáram pôr-me o sal na moleirinha.
Ora um capricho; logo a bella ceia
e a cólica, depois, que a uncção reclama.
Ora uma intriga, um rabo de sardinha
que toma as proporções d'uma baleia:
logo por agua abaixo a casa cheia,
pois que está rouca a rouca de nascença,
ou, por perra, inventou qualquer doença!...
Uma quer que a seus pés a Empreza roje,
felpudinho tótó que lambe a dama;
não quer outra um papel e amúa e foge...
e o burro pôdre a patinhar na lama!...
Vem, appendice á pêga, o author carraça.
Adula sorridente; estende a massa,
ageitando o seu ninho, *põe* um drama,
ôvo de inepcias causticas, requinte
da lingua portugueza mascavada.
Implacavel, tenaz, chorão pedinte,
de quarto em quarto d'hora assalta a escada
do misero emprezario, e, se fechada
encontra a porta, não desiste; escreve
cartinhas d'alfenim. A imprensa clama
que á scena suba a peça e muito breve;
pois ás lettras um bronzeo monumento
em seu trabalho o author, sublime, erguêra;
e o bom empenho, posto em movimento
com tão ruim defuncto a gastar cêra!
Quebra-se a casca ao ôvo finalmente!

Sae chôco. O author então berra que um trama
urdido no theatro, concorrêra
para o *fiasco* enorme, e toda a gente,
mesmo a que mais pedira, mesmo a imprensa,
diz que o triste emprezario está demente,
e cospe-lhe na face um epigramma!
Importa bom dinheiro esta sentença!...
e o burro pôdre a patinhar na lama!...

Peças de cordel

O erudito investigador Rodrigo Felner, á custa de muito trabalho e muita paciencia conseguiu reunir grande numero de *peças de cordel*, que hoje pertencem aos herdeiros de Fernando Palha.

Do catalogo d'aquella importante livraria extrahimos a lista d'essas peças, collocando-as agora pela ordem da sua antiguidade. São ellas:

1753 — *O Juiz novo das borracheiras.*

1761 — *O Gallego lorpa e os tolineiros.— A Clemencia de Tito.*

1763 — *Ha mortes que dão mais vida.*

1764 — *Entre amorosos enredos o amante mais desvelado.— Mais póde a creação que o sangue.—O Fidalgo rustico.*

1765 — *A Locandeira.— A mulher prudente e o jogador confundido.*

1766 — *A mais constante fineza, perseguida e triumphante.*

1768 — *A confusão de um retrato.— O cavalheiro e a dama.*

1769 — *A criada mais generosa.*

1770 — *Peregrina.— A assembléa do isque.— O cavalheiro de bom gosto.*

1771 — *Os amantes zelosos. — A serva amorosa.*

1772 — *O marido de bom humor e o velho passeador.*

1773 — *O amante jardineiro.— Alzira, ou os americanos.*

1774 — *O doente imaginativo.*

1775 — *Themistocles.— A herdeira venturosa. — O pae de familias.*

1776 — *Corriola.— O velho cioso.*

1777 — *Ulysses na Luzitania.— Beverley.*

1778 — *O damno dos miseraveis e a astucia de cosinheiras.—O velho scismatico.—O aventureiro honrado. — As damas zelosas do seu pundonor.*

1779 — *Cordova restaurada ou Amor da patria.— Olinta.— Destemperos de um basofia.*

1780 — *O criado sagaz.— A peta de nova invenção ou o cioso enganado.— Amar não é para nescios.— Não ha bem que sempre dure nem mal que se não acabe.— Guardado é o que Deus guarda.*

1781 — *O criado de dois amos.— Casquilharia por força.— Assembléa.— O capitão Belizario.*

1782 — *Dom João de Alvarado.— Escola moderna.— Francezia abatida.— Amor artifice —Tributos da mocidade.— Basofia no publico e a fome escondida.— Dido desamparada.—O escravo em grilhões d'ouro. — O Conde Nestor ou a Condessa Carlota.— O peralta malcreado.*

1783 — *A gloria luzitana ou a Restauração de Cambre.— O orphão da China.— Os successos do filho prodigo.— A escola de amor. —Alarico em Roma.—Zaira.— A casa de dança.— Chocalho dos annos de D. Lesma.— Comedia imaginaria.— A doutoura Brites Martha.— O entrudo desabusado em Lisboa. — Loucuras da moda. — Os bons amigos.— Reinaldos de Montalvão.— Latino Scitia.— A ilha deshabitada.*

1784 — *As desordens do Peralta.— O enganador enganado ou o testamento supposto.— Esparrella da moda.— Maior ventura de amor.—Os amantes amarrados.—A doente fingida.— O lavrador honrado. — Os namorados zelosos.— Sifaces e Veriate.— O Indiscreto.— Os velhos amantes.— Eurene perseguida e triumphante.— Só piedoso é meu filho.—Affonso d'Albuquerque em Goa. —As lagrimas da belleza são as armas que mais vencem.— O cavalheiro da virtude e a mulher extravagante.— Amor e obrigação.*

1785 — *Laura reconhecida.— Selva de Diana. — Semiramis reconhecida.— Sezostris no Egypto. — Vencer odios com finezas.— O castigo da ambição.— O convidado de pedra.— Honestos desdens de amor.— Namorar por moda nova.— O heroe da China.— O velho honrado e prudente.— Entremez da desgraçada pei altrice.*

1786 — *A constancia tudo vence, ou Faramundo na Bohemia.— Apparato de um casquilho para sahir a dar as boas festas.—*

Tristes lamentações das mães embusteiras.—A vinda inopinada.— Grande bulha e algazarra a uma velha pelas anquinhas e lenço á peralta.— Os noivos de um mez.— Os desenganos do amor.— Grande desordem de uma velha com um peralta por não querer casar com ella.— As desordens da feira.—A idéa de casquilhar.— As industrias dos casquilhos.— A graciosa logração.— As loucuras da velhice.— Ircana em Hispaan.— O simples sapateiro machinista.—As regateiras bravas.—Os freguezes do Caes do Sodré.—Os poetas por força.—Os peraltas castigados.—As peraltas rafadas.

1787 — *Contra amor não ha encantos.—As girias das cosinheiras.— Dois marujos e o peralta.— O critico ignorante.— Desengano.— Criada brilhante.— O baptismo no Jordão.— As anquinhas de arame.—Emira em Suza.— Emendar erros de amor, ou Cosdroas em Africa.— Novo entremez do trapaceiro castigado.— As rigorosas leis da amisade compridas em Olimpiade.— Os dois prodigios de Roma.— O sabio em seu retiro.— O contentamento dos pretos por terem a sua alforria.— O criado astuto.— Os amantes engraçados.— Novo modo de se jogar o entrudo.— O velho surdo.—Odio, valor e affecto, ou Farnace em Eraclea.— Glaudemira.— Trapalhadas do tolo desesperado e da mulher logrativa.— A receita de ser peralta.*

1788 — *O macaco guarda-portão ou o Demo em casa do Alfacinha.— A velha garrida.—A casa desordenada ou o Barbeiro de bandurra.—A criada ladina.—Os maridos peraltas e as mulheres sagazes.—O remedio mais apurado para curar mal de amores.—O miseravel enganado.—O casamento sem esperanças.*

1789 — *Anatomia comica.—O libertino castigado.— Stocles na Albania.— As rabuges das velhas.— Ezio em Roma.— Despresos de um filho peralta.— José no Egypto.— Academia dos casquilhos.— Polinardo na Suecia.—A Sociedade da moda.— Os desgostos que teve uma secia de Lisboa por amor do seu amante.*

1790 — *Os peraltas mascarados em Almada.— A gloria de Portugal.— Impertinencias das mulheres.— As industrias de galopim.—A astuciosa idéa com que o criado enganou o amo.— Destruição de Troia.—As industrias de bandalho.— Novo entremez da mulher extravagante e do amante desesperado.—O quanto soffrem os amos ás criadas d'este tempo.—O Principe pastor.—A virtude sempre triumpha.—A virtuosa Pamella.— A viuva sagaz.— O modo de castigar os filhos.— Os tafues sem dinheiro.—Galan desvanecido.—O poder do lindo sexo.—Antigono em Macedonia.—Amar por força de estrella um portuguez em Hungria.— Grande bulha por amor das alcaxofras.*

1791 — *O desdem contra desdem.—D. Floriano em Lisboa.— A valerosa Judith.— O Caes do Sodré.— Entremez das industrias de Celestina para lograr os amantes atoleimados.—A jornada de Bemfica feita em burrinhos á moda.— A desordem dos noivos de oito dias.—O esposo fingido.— As vinganças de Hermione.— Raras astucias d'amor.— O opio das marrafinhas.— Encantos de Escapim em Argel.— Os dois amantes em Africa.— O rustico disfarçado.—Industrias contra finezas.— O mudo ou as astucias de Frontin.— Enganar para reinar, a louca para os outros e discreta para si.— Morte de Cesar.—O doido feito por força.—A grande desordem que teve o marido com a mulher por não querer que trouxesse o tupéte á Marraffe.*

1792 — *O Conde Alarcos.— Quando a mulher se não guarda, guardal-a não póde ser.— A Restauração de Granada.—Os amantes desconfiados.— O Calote divertido.— Alexandre na India.—A toleima castigada.—A esposa persiana.— Grande bulha e desordem de uma saloia com uma secia.— Os tres casamentos gostosos.—A cosinheira amorosa.— Acertos de um disparate.—Assombros de constancia.— A manhã de S. João na Praça da Figueira — Aspacia na Syria.— Eneas em Getulia — Inconstancias da fortuna.—O Viajante.—Récipe de pau para curar com quatro arroxadas as casas desordenadas.— Quanto soffre quem se casa.— O negociante imprudente.—A defesa das madamas a favor das suas modas.*

1793 — *Mais vale amor do que um reino.— Novas industrias de amor.—A curiosidade das mulheres e a cautella dos homens.— O medico fingido.—Nas amorosas finezas os mais constantes realces.—Desencantos de um encanto.*

1794 — *Os tragicos effeitos da impaciencia ou Tamorlão na Persia.— As grandes magicas e astucias de Joanna Rabicortona.— As industrias de Sarilho.—Os successos de Sepulveda.—Os Troianos desgraçados.— A romaria ou à funcção de S. Martinho. —Frederico II, rei da Prussia.—Frederico no campo de Trugau.—A afronta castigada.—A casa de pasto.*

1795 — *Escola de casados.—Porfiar errando. —A amisade em lance.—O doente imaginativo e o medico astucioso.*

1797 — *Ninguem fie o seu segredo.*

1799 — *A segunda parte do velho namorado.*

1802 — *A Griselda ou a rainha pastora.—O outeiro nocturno mal concertado.—O Miseravel.—A doente namorada para conseguir casar.*

1804 — *A aldeia de loucos.—O carroceiro de Londres ou a dama desenterrada.— D. Maria Telles.*

1808 — *A batalha de Otta.*

1809 — *A velha namorada.*

1814 — *Entremez das aguas ferreas.— A encamisada ou o amante labrego.—A semceremonia com que os homens enganam as raparigas.*

1815 — *O amante militar.*

1816 — *D. Brazia e o periquito ou a mulher extravagante.*

1818 — *Os malsins logrados.*

1819 — *A correcção das vaidosas.— Astucias de Zanguizarra.— Os dois procuradores ou o velho entalado.—O bazofio miseravel.*

1820 — *O gato por lebre.— Manuel Mendes.— Amor, traição e ventura.*

1821 — *A arte de tourear ou o filho cavalleiro. —As astucias de Falcete.— O sapateiro surdo.*

1823 — *O chale.—Optima receita com que o marido curou os maleficios de sua mulher.*

1824 — *O amor professor de escripta.—O criado astucioso.—O estalajadeiro de Milão. —Disparates da loucura na enfermaria dos doidos.—O Esganarello ou o casamento por força —Medico e boticario.*

1825 — *O beato ardiloso.—Cae no logro o mais esperto.— O doutor Sovina.— Grande bulha que teve uma mulher com seu marido por deitar o dinheiro nas sortes e lhe sahir em branco.—Os dois mentirosos.—A Mestra Abelha.— Caro custa o querer bem.— Os mestres charlatães.*

1826 — *Ir buscar lã e vir tosquiado ou os livreiros maniacos.*

1827 — *A recepção de um maçon.*

1833 — *O plano mallogrado.*

1836 — *O amor do patriotismo ou os Tyrolezes.*

1837 — *Os infelizes de Londres.*

1838 — *A Mulher amorosa.— Demofoonte em Tracia.*

1840 — *A beata fingida.*

1844 — *A impostura desmascarada.*

1845 — *O alardo na aldèa.*

1846 — *A casa sem cruzes nem cunhos.*

1847 — *A menina instruida.*

1853 — *O barbeiro pobre.*

Sem datas.— *A donzella virtuosa.— O caçador.— A castanheira ou a Brites papagaia.— O matrimonio por concurso ou o morgado de bota-abaixo.—Os namorados da fabrica nova ou a Fidalga imaginaria.—Izipile em Lemnos ou os erros de Learco premiados.— O Mentiroso por teima.—Neocle na Persia.—Primeiro que o sangue a honra ou Adastiro na Tartaria. —O mais heroico segredo ou Artaxerxe— Os amantes arrufados.—O damno da mulher apetitosa e o rigor do homem paciente.— O Eunucho.— As impertinencias das mulheres e a paciencia dos maridos.—Tagio reconhecido na edificação de Lisboa.— A vingança de Atreo, rei de Micenes.— O grande governador da ilha dos lagartos.— A ratoeira em que amor pilha os pobres namorados.— O Rustico desprezado.— O alcaide de si mesmo.—A mais heroica lealdade ou o valeroso Annibal.—Zenobia no Oriente.—Astréa triumphadora ou modo novo de encantar.— A grande bulha e desordem dos amantes dentro do Passeio Publico —Os casadinhos da moda.—O casamento de uma velha com um peralta e a má vida que elle lhe deu.—O velho namo-*

rado impertinente e enganado.—O bruto de Babylonia.—Os effeitos da poesia varia.—Os Malaquecos ou os costumes brazileiros.— O Mezinheiro venturoso, constrangido a curar como cirurgião approvado.—O velho presumido e enganado e por fim chorando e vendo.—Virou-se o feitiço contra o feiticeiro.—O heroico luzitano principe constante e martyr.—A criada agradecida e a madrasta endiabrada.—A innocencia triumphante pelos extremos de amor.—O velho louco de amor e a criada astuciosa.—O triumpho da peraltice.—As girias das moças para casarem.

Regalias dos artistas

Por varios documentos que possuo, prova-se que os artistas dos theatros do Bairro Alto, Rua dos Condes e Graça, no seculo passado, além de serem muito bem pagos, com ordenados exaggerados para a epocha, tinham carruagem para espectaculos e ensaios, casa paga e mobilada, fato e calçado para a scena, etc. Vejam-se adeante alguns documentos.

Direitos de auctor

Pelo documento que possuo, e que abaixo transcrevo, sabe-se que no seculo passado se pagava nos theatros de Lisboa 1$200 réis de direitos de auctor de cada acto, o que pouco menos era do que hoje, em que a moeda tem menor valor. Eis o recibo:

«Recebi dos srs. Directores dos theatros publicos d'esta Côrte o contheudo de trinta e um mil e duzentos réis, de vinte e seis recitas dos entremezes que se tem representado no Theatro do Bairro Alto, até á recita de 28 de setembro de 1774, e para constar passei o presente. Lisboa 28 de setembro de 1774.— *A. Theodoro Clemente S.ª e Torres.*»

Direitos de musica

Parece que a musica não era tão bem paga, pelo documento que transcrevo, assignado por um compositor pouco conhecido e que nem vem mencionado no livro do sr. Vasconcellos, *Os Musicos Portuguezes.* Eis o recibo:

«Recebi dos srs. Directores dos theatros Publicos da Côrte a quantia de dezenove mil e duzentos réis, da fadiga da minha composição da musica para o entremez intitulado *Os Amantes ardilosos.* E para assim constar passei o presente. Lisboa 6 de fevereiro de 1774. *José Joaquim de Lima.*»

Uma folha mensal do Theatro do Bairro Alto

Em 1772 era a seguinte a folha mensal de pagamento aos artistas do *Theatro do Bairro Alto:* Actrizes: Cecilia Rosa de Aguiar, 60$000 réis; Maria Joaquina, 48$000 réis; Joanna Ignacia da Piedade, 28$800 réis; Francisca Eugenia, 24$000 réis. Actores: Silvestre Vicente e sua filha Antonia Henriqueta, 38$400 réis; José Felix da Costa, 28$800 réis; Antonio José de Paula, 20$000 réis; Francisco Antonio de Sousa, 20$000 réis; Rodrigo Cezar, 17$000 réis; João de Almeida, 16$000 réis; Lourenço Antonio, 16$000 réis; José da Cunha Moraes, 17$000 réis; José Arsenio da Costa, 14$400 réis; Antonio Manuel Byadnal, 14$400 réis. Ponto: Manuel José Neves, 12$000 réis. Contraregras: Fernando Antonio de Miranda, 4$800 réis; Francisco Theodoro dos Santos, 4$800 réis. Dansarinos: Dupré, 88$885 réis; Victorio Perini, 60$000 réis; a sr.ª Mercadet e sobrinha, 53$330 réis; Gertrudes Guadagnini, 24$000 réis; José Constantini, 33$333 réis; Anna Soccoli, 30$359 réis; Beatriz Berdalli, 20$000 réis; Thereza Tironi, 26$666 réis; João Baptista Bedotti e sua irmã Maria Bedotti, 67$866 réis; José Arsenio da Costa, 36$000 réis. Importancia mensal dos adiantamentos dados em Italia aos dansarinos, réis 155$000. Total da folha mensal da companhia 979$839 réis, isto é, pouco menos do que hoje se paga!

Tambem nas folhas d'aquella epocha figuram os musicos, mas esses recebiam nos fins dos mezes tantas recitas quantas se tivessem dado. Os vencimentos dos professores da orchestra em cada recita variavam entre 2$000 réis e 700 réis.

As creanças que entravam na tragedia *Ignez de Castro* e n'outras peças ganhavam em cada recita 1$200 réis. Tenho diversos recibos que o confirmam. Os homens que ajudavam a vestir os artistas ganhavam o mesmo que hoje ganham, isto é, 160 réis por noite.

UMA SCENA DO «ABBADE CONSTANTINO»

Esta deliciosa peça, que tão grande exito obteve em Lisboa, quando, traduzida por Pinheiro Chagas, foi representada pela companhia Rosas & Brazão, no theatro de D. Maria e ultimamente no theatro D. Amelia, teve tambem um successo extraordinario em Paris, quando pela primeira vez subiu á scena no theatro do Gymnasio, a 9 de novembro de 1887, direcção de Koning.

A encantadora comedia foi extrahida do bello romance de Ludovic Halevy por Hector Cremieux e Pierre Decourcelle.

Na gravura que acompanha este artigo apresento os primeiros interpretes do *Abbade Constantino* e que são: Lafontaine, Marais, Mademoiselle Magnier e Mademoiselle Darlaud. Sobresahiu entre todos Lafontaine, incumbido do protogonista, em que se houve brilhantemente. Além de um distincto actor, é tambem um festejado auctor dramatico.

Sabem todos que em Lisboa a parte do *Abbade Constantino* é uma das maiores corôas do distincto actor João Rosa.

Uma scena do *Abbade Constantino*

Direitos de peças e musicas

Pelos seguintes recibos se póde avaliar como eram pagos os trabalhos litterarios e artisticos no seculo passado.

Conforme se verá, os escriptores dramaticos e musicos pouco teem lucrado até esta epocha.

Vejam-se os documentos:

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros publicos d'esta Côrte a quantia de dezenove mil e duzentos réis da composição que fiz, de tres arias novas com seus recitativos e um quartteto, duetto e final, tudo para a tragicomedia intitulada *D. Affonso de Albuquerque*. E para constar passei o

presente Lisboa 10 de novembro de 1772. *Fr. Manuel de S.to Elias.*»

«Recebi dos srs. Directores seis mil e quatrocentos réis por um entremez intitulado *O Licenceado*, com toda a sua solfa que lhe pertence e partitura. Lisboa 4 de novembro de 1771. *Antonio José de Sousa.*»

«Recebi dos srs. Directores sete mil e duzentos, procedidos de uma comedia minha que se fez no theatro da Calçada da Graça, cuja se intitulava *A Criada brilhante*. Lisboa 18 de janeiro de 1772. *Antonio Manuel Byadnal.*»

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros publicos d'esta Côrte a quantia de quarenta mil réis de vinte recitas da minha comedia intitulada *D. João de Espina*, que se fizeram no theatro do Bairro Alto. E para constar passei o presente. Lisboa 15 de fevereiro de 1774. *Antonio José de Paula.*»

«Recebi dos srs. Directores das casas da Opera a quantia de vinte mil réis, que me pagaram por dez recitas que se representaram pela companhia dos comicos portuguezes no Theatro do Bairro Alto da minha tragedia intitulada *Belizario*. Lisboa, 4 de dezembro de 1774. *Nicolau Luiz da Silva.*»

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros a quantia de vinte e dois mil réis procedidos de oito vezes que se representou a comedia intitulada *Dama Bizarra* e tres da intitulada *Os Peraltas mascarados em Almada*, e para clareza fiz o presente recibo. Lisboa, 25 de julho de 1774. *Antonio José de Paula.*»

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros a quantia de cinco mil réis por cinco recitas que se fizeram no theatro do Bairro Alto da minha tragedia *D. Ignez de Castro* e de como os recebi passo o presente. Lisboa 8 de janeiro de 1773. *Nicolau Luiz da Silva.*»

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros a quantia de seis mil e quatrocentos réis, pela traducção da comedia de Goldoni intitulada *O Conde fingido*. Lisboa, 5 de janeiro de 1772. *Nicolau Luiz da Silva.*»

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros publicos d'esta Côrte a quantia de doze mil réis, procedidos das seis recitas que se fizeram da tragicomedia intitulada *D. Affonso de Albuquerque em Gôa*, no theatro do Bairro Alto. E para constar passei o presente. Lisboa 6 de dezembro de 1772. *Antonio José de Paula.*»

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros dezeseis mil réis das oito recitas da comedia do *Pae prudente*, a razão de dois mil réis cada recita. Lisboa 10 de dezembro de 1773. *José Thomaz de Aquino Bandeira.*»

Rendas dos theatros

No seculo passado os theatros da Rua dos Condes e do Bairro Alto custavam de aluguer tres mil cruzados por anno, ou seja um conto e duzentos mil réis. O theatro da Graça era decerto muito inferior e muito menos frequentado, pois que só pagava dezenove mil e duzentos réis por mez e isto só do dia 1 de junho ao dia de entrudo.

A BOHEMIA

O delicioso livro de Murger, que já déra a Theodoro Barrière ensejo de fazer a interessante peça *Vida de Bohemia*, de que ultimamente se fez *reprise* na Comedia Franceza, obtendo ainda grandes louvores, entre outros, do critico Sarcey, forneceu aos librettistas italianos Illica e Giacosa um libretto magnifico, de que tirou grande partido o já muito illustre maestro Puccini.

A moderna escola musical italiana, de que são representantes Mascagni, Puccini, Leoncavallo e Giordano, repudiou os seus illustres antepassados Rossini, Bellini e Donizetti. Ficou Verdi, porque esse é de todos os tempos; primeiro entre os antigos, mestre entre os modernos.

A extraordinaria impressão produzida no mundo lyrico pela *Cavalleria Rusticana*, só agora foi egualada com o exito da *Bohemia*, que póde ter defeitos á luz da Arte e ser mediocre em frente de qualquer escola com outros ideaes, mas que impressiona agradabilissimamente qualquer publico mais ou menos illustrado.

A opera tem caminhado triumphalmente de theatro em theatro, de paiz em paiz. Lembram-se todos do enorme exito que obteve em Lisboa, no theatro de S. Carlos,

depois no D. Amelia, voltando ainda a S. Carlos.

No anno passado foi cantada com um exito honrosissimo no theatro da Opera Comica, de Paris, onde foi posta em scena com todo o rigor e propriedade.

Os quatro bohemios, Schaunard, Marcel, Rodolphe e Colline, que representa a nossa gravura, foram desempenhados magnificamente pelos artistas: Fugère, Bouvet, Maréchal e Isnardon. São quatro bellos typos.

Grupo da *Bohemia*

Alguns documentos curiosos

São interessantes os seguintes, que vou transcrever.

Como já disse, as emprezas alugavam casas e mobilavam-n'as para as primeiras actrizes. Foi assim que, tendo sido mandada sahir do reino pelo Marquez de Pombal a celebre Zamperini, foram recolhidos os seus trastes, como se vê do documento seguinte:

«Trastes que ficarão da *Zamparina:* 2 cravos, 12 cadeiras azues, 3 cadeiras azues e brancas, 9 cadeiras amarellas, 6 ditas inferiores, 2 mezas de páu de Caixiha de Assuere, 1 meza redonda de páo santo, 3 papeleiras, 1 *almairo* de pinho, 1 espelho, 2 placas, papeis de quatro casas, 1 banca de pinho de Cosinha e pequena, 2 cabides de dito. Lisboa 4 de outubro de 1775. *Ambrosio Pollet.*»

Parece que tambem nas condições dos contractos se dava fato aos artistas e empregados, porque o recibo que em seguida transcrevo é assignado por Domingos de Almeida, o guarda do theatro. Eis o recibo:

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros da Côrte dezenove mil e duzentos que me dão para fazer um vestido cada um anno do meu trabalho que tenho conforme o meu ajuste, o qual se venceo pelo entrudo d'este anno em 23 de fevereiro de 1773 e por estar pago do dito vestido passei este para sua e minha lembrança em 23 do dito mez e anno de 1773. Do guarda do Theatro — *Domingos d'Almeida* »

Parece que este Domingos d'Almeida, além de guarda do theatro, como se declara no recibo anterior, era tambem alfayate ou mestre do guarda-roupa, como se vê do documento que segue:

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros da Côrte a quantia de dezoito mil réis do vestido preto de tafetá que fiz para a Cecilia Rosa, de fazenda e feitio e aviamentos e os mais concertos que precisos foram para a comedia do *Viajante,* que tudo fiz de empreitada por minha conta para o theatro do Bairro Alto de que estou pago. Lisboa 13 de janeiro de 1773. *Domingos d'Almeida.*»

Em todos estes recibos conservo a redacção, alterando apenas a orthographia que, junta á calligraphia dos sugeitos, os torna quasi inintelligiveis.

Agora alguns documentos provando que a empreza pagava o calçado para os artistas:

«Rol da obra que se tem feito para o Theatro do Bairro Alto — 1 par para a Cecilia de homem para a comedia, 700 réis. 6 pares de sapatos para os rapazes para a dansa, 2$400 réis. Somma 3$100 réis. Vale 3$000 réis. Recebi esta quantia da mão dos srs. Directores. *André dos Santos.*»

Este recibo não traz data, mas é da epocha em que alli estava a Cecilia Rosa de Aguiar.

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros publicos da Côrte a quantia de 2$400 réis de tres pares de sapatos que fiz para francezas, uns azues outros côr de rosa e outros pretos. Lisboa 11 de dezembro de 1772. Vale só 1$800 réis por se descontarem os sapatos pretos. *João Antonio.*»

A dansarina Marcadet tambem passou o seguinte documento:

«Certifico que o mestre sapateiro João Antonio me tem feito tres pares de sapatos, uma azul, uma cor de rosa e um preta, tanto pelo uso de minha sobrinha que pelo meu, a respeito de Theatros todas as tres pares de seda em fé de que lhe dei esta certidão para que o sr. Thesoureiro da Direcção dos Theatros lhes pudesse pagar. Lisboa 8 de Novembro de 1772. *Veuve Marcadet.* Vale este recibo só 1$800 réis dos dois pares por se descontarem os pretos.»

Esta insistencia no desconto dos sapatos pretos faz suppôr que a empreza não tinha obrigação de dar calçado preto.

Ainda outro recibo de calçado:

«Recebi dos srs. Directores por mão do sr. Theodoro Clemente a quantia de oitocentos réis de um par de sapatos de bezerro pintado que se fizeram para o comico Francisco de Sousa para servirem no Theatro da Calçada de Nossa Senhora da Graça e de como estou pago e satisfeito passei o presente por mim assignado. Lisboa 24 de janeiro de 1772. *Francisco Lopes.*»

Segue um dos documentos que possuo, pelos quaes se prova que a direcção dos theatros pagava a renda da casa, pelo menos aos principaes artistas.

Já n'outro documento, que mais atraz fica publicado, se viu que tambem as primeiras artistas tinham mobilia fornecida pela empreza. Eis o recibo:

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros da Côrte a quantia de 30$000 réis do aluguer das casas em que móra Cecilia Rosa de Aguiar, dos seis mezes que se venceram pelo S. João proximo passado d'este presente anno, e por ser verdade lhes passei este. Lisboa 2 de julho de 1772. *João Gomes Varella.*»

Que havia um certo cuidado e escrupulo nos ensaios, vê-se pelo documento seguinte:

«Recebi dos srs. Directores dos Theatros publicos d'esta Côrte a quantia de 6$400 réis da fadiga que tive na explicação dos periodos da lingua franceza para a representação da comedia intitulada *O Viajante*, e para constar passei o presente. Lisboa 13 de janeiro de 1773. *José Pereira.*»

O documento que segue é tambem curioso, porque se vê que a empreza fornecia caracterisação aos artistas e porque parece que para se lavar o theatro era preciso que alli fosse pessoa real:

«Despezas feitas por mão do Administrador dos Theatros em o do Bairro Alto. Por lavagem dos corredores do Theatro na recita em que veiu Sua Magestade, 300 réis; em 25 de novembro côr para a Dupré, 300 réis; uma mascara para a Bedote, 200 réis; arco para a dança da Dupré, 180 réis. Somma réis 980. Recebi dos srs Directores dos Theatros publicos d'esta Côrte o contheudo de novecentos e oitenta réis para as despezas mencionadas. Lisboa 11 de janeiro de 1773. *João Teixeira Pinto.*»

Um ultimo documento para se provar que na scena se comia e bebia a valer.

«Recebi do sr. João Pedro Tavares réis 5$425, importancia do comer e vinho que foi para o theatro da Graça para a comedia da *Condessa Carlota*, que foram 12 noites. Lisboa 29 de fevereiro de 1772. *João Pereira de Sousa.*»

Tratado litterario e artistico entre Portugal e Hespanha

(Convenção de 9 de agosto de 1880 e confirmada em 4 de julho de 1881)

(Parte relativa ao theatro)

Os auctores dramaticos ou musicaes, ou as pessoas que os representarem em um dos dois estados contractantes gosam dos direitos correspondentes no outro estado e poderão exercel-os n'elle da mesma maneira e nas mesmas condições legaes que os nacionaes.

Estes direitos são garantidos aos auctores dos dois paizes durante toda a sua vida, e depois do seu fallecimento durante cincoenta annos aos herdeiros.

Os representantes legaes ou aquelles em quem os auctores deleguem os seus direitos disfructam dos mesmos direitos que os proprios auctores.

É prohibida a representação de obras dramaticas e a execução em publico de composições musicaes em cada um dos dois estados sem auctorisação do proprietario da obra original.

Os auctores de cada um dos dois paizes gosam no outro do direito exclusivo de traducção das suas obras.

Os traductores de obras antigas ou modernas, pertencentes ao dominio publico, gosam, pelo que respeita ás suas traducções, do direito de propriedade, mas não podem oppôr-se a que as mesmas obras sejam traduzidas por outros escriptores.

São prohibidas as imitações das peças e os arranjos das obras musicaes sem o consentimento do auctor.

Os tribunaes ordinarios de cada paiz são os encarregados de applicar as penas determinadas pelas respectivas legislações nos casos de contravenção.

Os effeitos d'este tratado são applicaveis ás obras, cuja propriedade estava garantida pela convenção de 5 de agosto de 1860, durante a vida do auctor e cincoenta annos depois do seu fallecimento, e se o auctor tivesse já fallecido em 1880, os herdeiros gosam esse direito pelo tempo que faltasse para completar o periodo de

cincoenta annos posteriores ao fallecimento.

Este ultimo beneficio é exclusivamente concedido a favor dos auctores das obras ou dos seus herdeiros e de modo nenhum extensivo aos concessionarios cujo contracto fosse anterior á epocha em que começou a vigorar o ultimo convenio.

Este tractado litterario e artistico durará até que seja denunciado por qualquer das partes contractantes e um anno depois da denuncia.

Convenção litteraria e artistica entre Portugal e a França

(Feita a 11 de julho de 1866 e approvada em 14 de maio de 1867)

(Parte relativa ao theatro)

Os auctores de obras dramaticas, composições musicaes e arranjos de musica gosam reciprocamente, em cada um dos paizes, das vantagens que são ou forem conferidas pela lei á propriedade das obras litterarias ou artisticas e teem a mesma protecção e acção legal contra qualquer offensa dos seus direitos, como se tal offensa fosse commettida em relação aos auctores de obras publicadas pela primeira vez no proprio paiz.

Para que as peças ou musicas publicadas pela primeira vez em um dos dois paizes obtenham o direito de propriedade no outro, além das formalidades prescriptas pelas leis, serão registradas no Ministerio do Reino em Lisboa ou no Ministerio do Interior em Paris. Este registro será feito sobre declaração escripta dos interessados, a qual poderá ser respectivamente, quer aos sobreditos ministerios quer ás legações nos dois paizes. Em todo o caso a declaração deve ser apresentada no praso dos tres mezes que se seguirem á publicação da obra no outro paiz.

Os interessados podem exigir uma certidão authentica do registro, que lhes será passada unicamente pela despeza do sello.

A certidão com a data exacta em que se tiver feito a declaração, fará fé e constituirá o direito exclusivo de propriedade e reproducção.

São expressamente equiparadas aos originaes as traducções feitas em um dos dois paizes, tanto de obras nacionaes como estrangeiras. Estas traducções gozam da mesma protecção no que respeita á sua reproducção não auctorisada no outro estado. Esta protecção ao traductor é quanto á versão por elle feita da obra original e não confere o direito exclusivo de traducção ao primeiro traductor de uma obra qualquer.

O auctor de uma obra dramatica publicada em um dos dois paizes que quizer reservar para si o direito exclusivo e o de fazer representar a sua traducção nos theatros do outro paiz, durante o periodo de cinco annos, deve publicar a sua traducção no idioma do outro paiz, ou fazel-a representar em um theatro d'esse mesmo paiz dentro do praso de tres mezes, a contar da declaração feita.

Os mesmos direitos que pertencem aos auctores são garantidos aos mandatarios legaes ou representantes dos auctores.

Em caso de transgressão, proceder-se-ha á apprehensão dos objectos contrafeitos e os tribunaes applicarão as penalidades determinadas pelas respectivas legislações.

Esta convenção foi feita por doze annos e continuará em vigor até ser denunciada por qualquer dos dois paizes e por mais um anno depois da denuncia.

Codigo Civil Portuguez

(Alguns extractos com relação ao trabalho litterario e artistico em referencia ao theatro)

Artigo 570 — É licito a todos publicar pela arte scenica qualquer trabalho litterario seu, independentemente de censura prévia, de caução ou de alguma restricção mais, que directa ou indirectameute embarace o livre exercicio d'este direito, sem prejuizo da responsabilidade a que ficam sujeitos em conformidade da lei

§ unico — O disposto n'este artigo é applicavel ao direito de traducção.

Artigo 574 — A obra manuscripta é pro-

priedade do seu auctor e não póde em nenhum caso ser publicada sem consentimento d'este.

Artigo 577, § 2.º — O traductor, quer seja portuguez, quer estrangeiro, de obra que tenha cahido no dominio publico, gosa durante trinta annos do direito exclusivo de reproduzir a sua traducção, salva a qualquer outro individuo a faculdade de traduzir de novo a mesma obra.

Artigo 579 — Depois da morte de qualquer auctor, conservam os seus herdeiros, cessionarios ou representantes o direito de propriedade por espaço de cincoenta annos.

Artigo 581 — Quando uma obra tiver mais de um auctor, e cada um d'estes collaborar n'ella sob as mesmas condições, e em seu proprio nome, permanecerá a propriedade da obra nas pessoas de todos os seus co-auctores, e o primeiro periodo da duração d'esta propriedade se estenderá até á morte do ultimo collaborador que sobreviver aos outros, quinhoando, porém, este os proventos da dita propriedade com os herdeiros dos collaboradores fallecidos, e o segundo periodo começará quando fallecer aquelle ultimo collaborador.

Artigo 595 — Nenhuma obra dramatica póde ser representada em theatro publico, em que se pague entrada, sem consentimento, por escripto, do auctor ou dos seus herdeiros, cessionarios ou representantes na fórma seguinte:

§ 1.º — Se a obra está impressa, este consentimento só é necessario, sendo o auctor fallecido durante o tempo em que os seus herdeiros, cessionarios ou representantes tiverem a propriedade d'ella.

§ 2.º — Se a obra é posthuma, não póde ser representada sem consentimento de qualquer herdeiro, ou outra pessoa a quem pertença a propriedade do manuscripto.

§ 3.º — A auctorisação para representar uma obra dramatica póde ser illimitada ou restricta a certo praso, a certa terra ou terras, ou a certo numero de theatros.

Artigo 596 — Quando, sendo restricta a auctorisação, a obra dramatica fôr levada á scena em theatro, não auctorisado, reverterá em beneficio d'aquelle ou d'aquelles, cuja licença é para isso necessaria, o producto liquido da recita ou recitas.

Artigo 597 — A parte, que pertence aos auctores no producto das recitas, não póde ser penhorada pelos credores de qualquer empreza do theatro.

Artigo 598 — O auctor dramatico, que contractou a representação da sua obra, gosa dos seguintes direitos, se os não tiver renunciado expressamente:

1.º — De fazer na sua obra as alterações e emendas, que entender serem necessarias, contanto que, sem consentimento do emprezario, não altere alguma parte essencial d'ella.

2.º — De exigir que a obra, sendo manuscripta, não seja communicada a pessoas estranhas ao theatro.

Artigo 599 O auctor, que contractar com qualquer empreza a representação da sua obra, não póde na mesma localidade cedel-a, nem alguma imitação d'ella, a outra empreza, emquanto durar o contracto.

Artigo 600 — Se a peça não fôr representada no tempo ajustado, ou, não havendo sobre isso expresso accôrdo, dentro de um anno, póde o auctor retirar livremnte a sua obra.

Artigo 601 — Todas as questões, que se suscitarem entre os auctores e os emprezarios, serão resolvidas no foro civil.

Artigo 602 — O auctor de qualquer obra de musica tem direito exclusivo de fazer reproduzir a sua obra, por qualquer modo, em conformidade do que fica estabelecido para a propriedade litteraria.

§ unico — As disposições a favor dos auctores dramaticos são inteiramente applicaveis aos auctores de obras musicaes pelo que respeita á sua execução nos theatros, ou em outros quaesquer logares, onde o publico seja admittido por dinheiro.

Artigo 604, § 1.º — Para garantir a propriedade de qualquer obra dramatica ou de musica, deve ser registrada no Conservatorio Real de Lisboa, depositando dois exemplares.

RECTIFICAÇÕES

E

AMPLIFICAÇÕES

RECTIFICAÇÕES E AMPLIFICAÇÕES

JANEIRO

1

Emilia Eduarda.—Está actualmente contractada no theatro Carlos Alberto, da cidade do Porto.

8

Actor Taborda.— Com a companhia Rosas e Brazão representou ultimamente no theatro D. Amelia, sendo victoriadissimo nas peças: *Medico á força, Os Medicos* e *Ditoso fado.*

9

Actor Coelho.— Depois de sahir do theatro de D. Maria, ainda foi ensaiador e socio da empreza do theatro das Variedades.

11

Sociedade Thalia.— Era effectivamente no Campo de Santa Clara, mas não no local onde hoje existem os tribunaes militares. Era no palacio do Conde de Rezende.

12

Casamento da Nitouche.— Feito e ensaiado em 15 dias e não em 5 como sahiu por erro typographico e de revisão.

13

Actor Flavio.— O seu appellido é **Wandeck.**

Actor Santos.— Foi desde muito novo conhecido, em consequencia da sua pouca altura, pelo **Santos Pitorra.**

19

Dias Guimarães.— Mencionei como sendo este o actor que conheci no Rio de Janeiro e do qual um filho foi meu corista. Houve engano. O actor a que queria referir-me, chamava-se **Salles Guimarães.**

24

Carlos de Moura Cabral.— Traduziu ulti-

mamente para o theatro de D. Maria a peça de Alexandre Dumas, *Questão de dinheiro,* para o Gymnasio a comedia de Hennequin, *Alegrias do lar* e com Maximiliano d'Azevedo, para o Principe Real o drama de Decourcelle *Gigolette* com o titulo *A Galderia.*

FEVEREIRO

9

José Ricardo.— Terminando a sua empreza no Porto, veiu para o theatro da Trindade de Lisboa como socio, director de scena e actor.

11

Theatro da Avenida. — Depois da empreza de Salvador Marques, fez uma epocha de verão n'este theatro a empreza Taveira, do Porto, tirando resultado com a revista *Alli... á preta!*

Seguiu-se a empreza Gonsalves de Freitas e Serrão, que abriu com a opera comica *Viagem á China.*

23

Izaura Ferreira.—Voltou finalmente para a scena, contractando-se no theatro da Avenida em 1898.

27

Cypriano.-- Continúa empregado de confiança da empreza Rosas & Brazão no theatro D. Amelia.

MARÇO

2

Carlos Posser.— É actualmente societario de 1.ª classe e gerente da Sociedade Artistica do theatro de D. Maria.

9

Actor Oliveira.—Deixou de ser socio e gerente do theatro Carlos Alberto, do Porto, mas ficou escripturado na mesma empreza.

19

Actriz Virginia.— A sua estreia foi em 1866 e não em 1869. É actualmente actriz de 1.ª classe no theatro de D. Maria.

ABRIL

13

Festa no Conservatorio.—Não foi no Conservatorio, mas no theatro do Salitre, que se realisou a grande festividade para solemnisar o anniversario da rainha D. Maria II.

20

Jesuina Marques.— Deixou o theatro do Gymnasio, escripturando-se com o actor Valle para a Rua dos Condes.

22

Guilherme Cossoul.—Compôz a musica da opereta em 1 acto, *A Cisterna do Diabo,* letra de José Romano, representada no Gymnasio em 1850.

27

Rosa Villiot.— Tem novamente representado com exito no theatro Apollo, do Rio de Janeiro.

29

Joaquim Costa.— É actualmente actor e ensaiador do theatro da Avenida.

MAIO

12

Massenet.— A sua ultima opera de grande successo foi a *Sapho.*

18

Emilia Candida.— Acha-se actualmente cançada, velha, com pouca vista e menos memoria. N'esta situação a empreza Rosas & Brazão, tendo sahido do theatro de D. Maria, prescindiu dos seus serviços, e a

nova empreza do theatro normal tambem não a contractou! Triste o futuro dos nossos artistas. **Emilia Candida** tantos serviços prestou ao theatro emquanto poude trabalhar assiduamente, para no fim da vida se ver abandonada!

22

Theatro D. Amelia.— Depois da grande Duse voltou a este theatro o insigne Novelli, seguindo-se uma companhia de zarzuela de Riquelme e depois varias tentativas infructiferas de companhias portuguezas, até que alli foi assentar arraiaes a empreza Rosas & Brazão com grande exito.

30

Casimiro Junior. — Transcrevo em seguida a sua auto-biographia, publicada no volume 9.º, n.º 38 do antigo jornal *A Federação:*

«Nasci no dia 30 de maio de 1808 n'uma pequena casa da rua dos Gallegos. Meu pae era o copista das musicas da Casa Real e do Real Theatro de S. Carlos; vivia pobre, porém, com tal rigidez de honra e probidade, que em toda a sua vida se lhe não poude notar uma só acção que ponha em duvida esta verdade. Primeiro filho de um casamento de inclinação, concentrava em mim todo o amor e ternura de meus paes, e como elles sabiam que a maior prova de amor que um pae deve dar a seus filhos é a educação, logo que completei os cinco annos, fizeram-me entrar para uma aula estabelecida na mesma rua e que era regida por um excellente homem chamado Rodrigues Palma. Os castigos n'esta aula eram rarissimos, as admoestações frequentes e os conselhos continuos; porém, como a sciencia não andava a par d'estas eminentes qualidades, tratou meu pae da minha transferencia para a aula dos frades do Carmo, onde entrei pela primeira vez no dia 20 de maio de 1814.

Havia n'esta aula um mestre e um substituto; o mestre era um santo frade, modelo perfeito de paciencia e bondade; o substituto, porém, era d'estes homens que vem ao mundo para flagello das creanças; não se passava um dia em que este *Nero de rabicho* (como nós lhe chamavamos) não fizesse uso da palmatoria.

Devo a estes mestres toda a minha educação primaria, e sobretudo as crenças religiosas que tão profundamente se arreigaram em meu coração, que circumstancia alguma até hoje tem podido abalar, felicidade que todos os dias agradeço a Deus, porque em todos os perigos e tribulações da minha vida é só na religião que tenho achado abrigo e consolação.

Frequentei esta aula por espaço de tres annos com a unica interrupção de quatro mezes que uma perigosa doenca me reteve em casa. Acabados estes tres annos matriculei-me na aula de musica da Sé de Lisboa; o mestre chamava-se José Gomes Pincetti; era um velho e bom mestre, e ninguem ensinava principios de musica com melhor methodo. Fui tão feliz que no fim de sete mezes era já o segundo decurião, e no fim de um anno tinha solfejado toda a musica dos archivos da aula e mais alguma que diversos me emprestavam.

Passei depois para a direcção de um tal Frei Antonio, frade paulista, que me ensinou a cantar, o que no curto espaço de oito mezes me habilitou para fazer um exame publico, em consequencia do qual entrei para a corporação dos musicos. Alguns mezes depois vagou um logar de soprano no coreto da Real Capella da Bemposta; conforme o uso d'aquelle tempo, o logar pôz-se a concurso, apresentei-me, fiz o meu exame, tive tres oppositores; porém os examinadores deram-me a preferencia.

Em recompensa d'estes progressos que enchiam de jubilo a meu pae, comprou-me elle um piano de Arthur (piano que ainda hoje conservo) e um methodo de Pleyel e Duosech, auctores, então, da moda. Tinha, pois, um piano e um methodo, mas não tinha mestre; não obstante consegui tocar alguma cousa e para isso não tive muito trabalho.

N'este tempo tomei amizade a um rapaz da minha edade, que tocava flauta menos mal, e chamava-se Jorge Titel (ainda hoje vive); todas as tardes nos reuniamos em

casa de meu pae para tocar duettos, mas que duettos... o meu amigo tocava na flauta os meus solfejos e outras musicas que podiamos apanhar e eu improvisava o acompanhamento no piano. Em pouco tempo estagnaram-se estes recursos, e achando-me sem materia para os nossos pequenos concertos, tratei de a tirar de mim mesmo, e comecei a escrever duettos para os dois instrumentos; foram estas as minhas primeiras composições, que tenho muita pena não ter conservado como recordações da infancia.

Estes ensaios deram-me coragem e atrevimento e animado por meu pae compuz os córos de uma oratoria que se representou no theatro da Rua dos Condes; foi esta a minha primeira composição para orchestra.

Havia na Carreira dos Cavallos um hospicio de frades que tinha um orgão, e uma vez que alli fui cantar pedi licença para o tocar; era a primeira vez, porém de tal modo me houve, que os frades me pediram para lhes acompanhar d'alli em deante todas as suas festas, o que não só fiz, mas tambem compuz a musica para algumas d'ellas; foram as minhas primeiras composições para vozes e orgão.

Sempre feliz nos meus atrevimentos, pouco admira que tendo adoecido ambos os organistas da Real Capella da Bemposta, e achando-se por consequencia o côro sem acompanhamento, eu me offerecesse para os substituir, o que teve effeito por mais de seis mezes com geral satisfação. Como eu visse que o sr. rei D. João VI se mostrava satisfeito com o meu serviço, e me honrava tratando-me com muita affabilidade, pedi-lhe que me mandasse ensinar pelo mestre da capella, frei José de Santa Ritta Marques. O sr. D. João VI levou a bondade a ponto de escrever de seu proprio punho uma ordem em que assim o determinava.

Comecei então a aprender com o sapientissimo mestre frei José Marques, e n'esse dia principiou para mim uma nova epocha; a arte veiu denunciar-me todos os erros das minhas defeituosas composições; á luz da sciencia vi claramente o tortuoso caminho que havia trilhado, envergonhei-me de me ter julgado compositor, e fiz o firme protesto de apagar com o meu futuro todo o meu passado.

Estudei, e estudei como era preciso estudar debaixo da direcção do mestre de mais mau genio que tenho conhecido; o meu adeantamento tambem caminhava a par do meu estudo, e tão rapido era elle que em 1826, vinte mezes *apenas* decorridos, tendo vagado o logar de organista que eu servia como supra, e achando-se o visconde de Magé pouco disposto a dar-me a propriedade por causa de alguns requerentes que se haviam apresentado com habilitações que elle julgava superiores ás minhas; instigado por meu mestre pedi o concurso, que teve logar, ficando eu victorioso em todos os tres artigos do exame; foram examinadores os mestres Gaião, Soares e Manuel Innocencio. Foi um dia de felicidade para mim e de gloria para meu mestre.

Continuei a estudar ainda com mais fervor, sempre dirigido pelo mesmo frei José Marques, a cuja memoria serei sempre grato, porque foi elle que me abriu as portas da sciencia e me habilitou para comprehender os seus mysterios. Foram muitas as peças de musica sacra que compuz até 1832, avultando entre ellas as matinas de Santa Luzia, de Reis, e a missa e credo para grande orchestra; a minha carreira era rapida e sabe Deus onde chegaria, se o cataclysmo politico que inverteu todas as cousas do nosso paiz a não tivesse cortado. Victima da minha lealdade ao soberano que havia jurado defender, fui preso e depois solto, obrigado a emigrar, e assim decorreram os annos até 1837, epocha em que de novo tornei a apparecer, e desde então até hoje não tenho cessado de trabalhar, ora compondo, ora ensinando, ora praticando... trabalhar, sempre trabalhar.

De tanto trabalho alguma cousa havia de sahir, e com effeito não dei pouco, porque, fazendo a resenha de toda a musica que tenho composto, encontro noventa e sete peças de musica sacra ou propria para egreja, e duzentas e nove partituras de musica para dramas, oratorias, magicas, comedias e farças. De todas estas compo-

sições, as minhas filhas predilectas, são as matinas da Conceição, a missa da Arruda, os officios que escrevi para a cathedral, e o *Stabat mater* a tres vozes. Lego-as á posteridade, que saberá apreciál-as devidamente, quando eu já não existir.

Tenho cincoenta e dois annos, nasci e sou artista, tenho em minha alma a convicção de ser esta a missão de que Deus me encarregou. Trabalhei até hoje para gloria e engrandecimento da minha arte. Fui leal aos meus principios politicos, e fiel na minha crença religiosa. Puz sempre á disposição dos meus collegas o meu nome e a minha influencia; em todas as minhas composições afastei-me sempre do centro para que todos os meus antecessores e contemporaneos convergiam. O couplet portuguez é meu filho: ninguem o tinha escripto assim antes de mim: finalmente deixo ao meu paiz mais um nome para o seu catalogo de artistas.

Na minha vida publica muita gloria conquistada á custa de um sem numero de vigilias e parcos e mesquinhos interesses; na minha vida privada tristeza e desgosto. A fortuna bafeja-me os sentidos, porém o destino matou-me o coração, roubando-me as caricias de todos os entes que mais amava; hoje só tenho a alma para soffrer, e a cabeça para meditar; não é a primeira vez que penso no suicidio.—(Campo Grande, 10 de março de 1860).—*Joaquim Casimiro Junior.*

JUNHO

1

Caetano da Silva.— Este excellente rapaz e um dos melhores pontos portuguezes falleceu, victima de uma lesão cardiaca, no dia 8 de novembro de 1898. Era ponto do theatro da Trindade. Deu-se a coincidencia de no mesmo dia morrer tambem o outro ponto do mesmo theatro, Antonio Ricardo.

5

Thomaz Del Negro.— Voltou para director musical do theatro Carlos Alberto, do Porto.

22

Maria Pia.— Esta actriz está actualmente contractada pela empreza Rosas & Brazão, no theatro D. Amelia.

JULHO

3

Alfredo Keil.— Está já annunciada para se cantar esta epocha, no theatro de S. Carlos, a sua nova opera *Serrana.*

7

Arthur Azevedo.— Acabo de ler uma outra obra dramatica sua, *O Badejo*, primorosa comedia em 3 actos, em bellos versos.

13

Augusto de Mello.— É actualmente societario de primeira classe e ensaiador da nova Sociedade artistica do theatro de D. Maria.

14

Actor Gomes.— Está como actor, ensaiador e director technico do theatro Carlos Alberto, do Porto.

16

Francisco Jacobetty.— Não foi uma commissão de escriptores que promoveu uma recita, n'esta data, no theatro da Rua dos Condes, em beneficio dos orphãos do fallecido escriptor popular, mas sim os seus antigos amigos Alfredo Santos, Constantino Rodrigues, Eliziario Caldas e Manuel José de Araujo. O espectaculo constou das peças de **Jacobetty**: *Grande Avenida, Cabeço de bolla ao pé do quartel* e *Theatro por dentro.* O actor Posser leu uma sentida poesia de José Ignacio de Araujo e foi distribuida outra impressa, de Machado Corrêa.

Com o producto d'esta recita mandou-se construir o jazigo que está no cemiterio de Faro e o saldo foi para auxiliar os orphãos.

18

O Reino das Mulheres.—Com bello exito se fez *reprise,* no theatro da Trindade, d'esta peça. N'esta epocha (1898-1899) o papel da Pepa foi desempenhado por Palmyra Bastos, o de Carmen Cardoso por Aurelia dos Santos, o da Barbara por Amelia Barros, o de Candida Palacio pela Rosa Paes, o do Dias por José Ricardo, o do Telmo pelo Ignacio e depois Francisco Costa, o de Setta da Silva por Alfredo Carvalho; Corrêa conservou o seu papel.

27

Anna Pereira.-- Acompanhando a empreza Rosas & Brazão, faz tambem parte da companhia que funcciona esta epocha no theatro D. Amelia.

AGOSTO

18

Antonio Ricardo.— Pertencia á companhia da Trindade, onde era muito estimado, quando um typho o matou em 3 dias, a 8 de novembro de 1898. Já contei como no mesmo dia morreu tambem o outro excellente ponto da Trindade, Caetano da Silva.

21

Luiz Filgueiras.— É actualmente o director musical do theatro da Trindade, de Lisboa.

SETEMBRO

3

Joaquim Miranda.— A peça, traduzida por este escriptor, *Adorado Celimare,* não é de Scribe, como se disse por engano, mas de Labiche.

5

Maria do Céo.— Equeceu mencionar que esta actriz esteve tambem no theatro de D. Fernando, fazendo ahi com muito agrado as damas *galans.*

16

Velha Barbara.— Sahiu alterado o nome d'esta distinctissima actriz, que era **Barbara Maria Candida Leal.**

19

José Antonio Moniz.— Acompanhando a empreza Rosas & Brazão, é actualmente ensaiador da excellente companhia, que trabalha no theatro D. Amelia.

27

Actriz Herminia.— Está effectivamente representando de novo com muito agrado no Rio de Janeiro. Esteve primeiramente na empreza Brandão no theatro Recreio Dramatico, passando depois para o Apollo, onde se conserva.

OUTUBRO

28

Aurelia dos Santos.— Está actualmente contractada no theatro da Trindade, de Lisboa.

NOVEMBRO

11

Jesuina Saraiva.— Sahindo do Gymnasio, foi esta actriz contractada para o theatro D. Amelia pela empreza Rosas & Brazão.

19

Adelaide Pessoa.— Antes de representar na Rua dos Condes, esta actriz fizera a sua estreia no Gymnasio, na comedia em 1 acto, *Minha mulher perturba-se,* a 24 de junho de 1862.

26

D. Guiomar Torrezão.— Esta distincta escriptora falleceu a 22 de outubro de 1898, depois de um prolongado soffrimento. Além dos seus trabalhos theatraes que apontei, tinha a comedia original em 3

actos, *Educação moderna*, que foi representada no Gymnasio e as peças traduzidas: *Clara Soleil, Condessa Sarah, Furias d'Amor, Pela bôcca morre o peixe*, etc.

30

Eugenio Ricardo Monteiro d'Almeida.— Este distincto professor de musica falleceu a 24 de novembro de 1898.

DEZEMBRO

1

Actor Eloy.— Ao findar a epocha de 1897-1898 abandonou a carreira theatral para se entregar exclusivamente ao seu commercio de ourivesaria. Empreza e collegas sentiram a falta da sua boa camaradagem.

3

Jules Claretie.— O illustre administrador da Comedia Franceza esteve em Lisboa no verão de 1898, por occasião do Congresso Internacional da Imprensa.

Por estarem em férias os nossos theatros, não assistiu a espectaculo algum, em que tivesse occasião de admirar os nossos primeiros artistas.

15

Lucinda do Carmo.— Tendo requerido a sua entrada para a nova Sociedade Artistica do theatro de D. Maria, foi classificada, mas ficou contractada no theatro da Avenida.

23

Novo Theatro da Rua dos Condes.— Conforme se dizia, este theatro acaba de passar por grande transformação. Dessappareceu o botequim, descendo a platéa ao nivel da rua. O pouco terreno não permittiu que se dessem aos artistas e espectadores as precisas commodidades. Gostaram uns da reforma por que passou, outros não; em todo o caso o theatro ficou com maior rendimento.

APPENDICE

JANEIRO

8

Assis Pacheco.—Compoz uma nova opera com o titulo de *Flora*, que foi pela primeira vez cantada no theatro lyrico do Rio de Janeiro, pela companhia Tomba, em recita de gala por occasião de tomar posse da presidencia da Republica, em 1898, o sr. Campos Salles.

ABRIL

14

Alberto Pimentel.— Foi nomeado commissario do governo junto da nova Sociedade Artistica do theatro de D. Maria, cargo que actualmente exerce.

31

Duarte de Sá.—A musica das peças d'este auctor, *Hora no Cacem* e *Par de mortes ou a vida d'um par*, foi composta pelo professor José Miguel Sanz.

SEM DATAS

Dias Braga.— O nome todo d'este actor-emprezario é **José Dias Braga**; nasceu no Funchal, Ilha da Madeira, a 31 de dezembro de 1846.

Madame Henry.— Era natural da Normandia.

Em 1863 fazia *successo* n'um café-concerto do Havre, intitulado Alcazar. Cantava trechos de grande opera, d'opera-comica, romanzas e cançonetas. Tinha uma cara expressiva e bellos olhos para a scena. Em 1874 fazia parte da companhia do theatro Renaissance, de Paris, obtendo exito, entre outros, no papel de *Nanette* da *Familia Trouillat.* Foi em 1875 que partiu para o Brazil, onde se estreiou no theatro D. Pedro II, hoje theatro Lyrico, na *Gata Branca,* obtendo extraordinario successo. Como

disse a paginas 606, entrando para a companhia do Heller, no theatro Phenix Dramatica, salientou-se extraordinariamente na *Mascotte*. Entre os seus melhores papeis do Rio de Janeiro, citam-se: *Princeza dos Cajueiros, Gillette de Narbonne, Principe Saphir, Boccacio, Gata Borralheira, Corça dos Bosques, D. Juanita*, etc. Uma terrivel surdez a afastou da scena, partindo para a Europa.

Voltou ao Rio de Janeiro dois annos depois; fez ahi alguns dos seus antigos papeis. Foi recebida friamente, desanimou e regressou á Europa, indo viver para Bois-Colombes, arrabalde de Paris.

Florinda Toledo.— Esta muito notavel actriz portugueza foi a unica que alcançou a honra de ter o seu retrato no *foyer* da Comedia Franceza.

ALPHABETICAMENTE

Izabel Rogali.— Foi, antes de ser actriz, primeira bailarina do theatro da Rua dos Condes, em 1830.

Jane Kaylus.— Morreu em setembro de 1898 no Rio de Janeiro, rua dos Invalidos n.º 145. Foi sepultada no cemiterio de S. João Baptista. Foi bastante concorrido o seu enterro.

Costa (da luneta).— Antes de entrar para o theatro, foi empregado judicial e amador dramatico, recitando quasi sempre poesias da sua lavra. Estreiou-se no theatro da Rua dos Condes, em 1881, empreza Salvador Marques, no papel de *Belmare* no drama *Fidalgos e Operarios.*

Com a mesma empreza passou para o theatro dos Recreios, onde esteve até 1884. Para uma epocha de verão, d'esse theatro, escreveu **João Costa** uma magica intitulada *O Diabo Negro,* que tinha alguns quadros realmente bem feitos. Foi por algum tempo tambem ensaiador em Lisboa e no Porto. Quando esteve n'esta ultima cidade, foi desenhista de um jornal de caricaturas. Morreu em Lisboa, sendo o seu enterro feito por subscripção aberta nos theatros da Rua dos Condes e Principe Real. A unica pessoa que o acompanhou ao cemiterio foi Salvador Marques.

Massey.— O nome todo d'esta actriz é **Luiza Adelaide Massey.**

Pereira Joaquim.— Foi este actor o casado com a actriz Maria Joanna Pereira e não o Pereira José. Era elle o pai do actor Carlos Pereira, de quem hei de fallar ainda.

Pereira José.— Não era irmão do Pereira Joaquim, como disse por engano, nem foi casado com a actriz Maria Joanna. Viveu por muitos annos com a actriz Hedwiges, com a qual se uniu quando foi *galan* do antigo theatro Camões, do Porto.

ULTIMAS

INFORMAÇÕES OBTIDAS

Por datas—Sem datas—Alphabeticamente

ULTIMAS INFORMAÇÕES OBTIDAS

POR DATAS

JANEIRO

4

1866—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria II, em beneficio da actriz Manuela Rey, o drama **O Cura d'almas**, original de João Ricardo Cordeiro. Esta peça, que é um primor, foi muito applaudida.

14

1865—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria II o drama em 5 actos, original de Ernesto Biester, **Os Diffamadores**. A peça agradou, mas não fez grande carreira. Esta recita foi em beneficio do actor Tasso e n'ella se estreiou o actor Cezar Polla.

19

1866—**Trasladação dos restos mortaes** dos actores Epiphanio, Carvalho, Meyrelles e da actriz Soller para o jazigo dos actores do theatro de D. Maria, no cemiterio dos Prazeres. Da ermida do cemiterio do Alto de S. João para o coche, foram as borlas distribuidas a Julio Soller, filho da actriz Soller, Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna, filho do actor Epiphanio, Rodrigo Felner, membro do conselho dramatico, Luiz Augusto Rebello da Silva, membro do conselho dramatico, D. Carlos da Cunha e Menezes, secretario da inspecção geral dos theatros, Freitas, director da Associação Musica, Ernesto Biester, auctor dramatico e Vieira da Silva, presidente do Centro Promotor dos melhoramentos das classes laboriosas. Do coche para a ermida dos Prazeres a Luiz Augusto Palmeirim, censor dramatico, Delphina Perpetua do Espirito Santo, actriz, José da Silva Mendes Leal, auctor dramatico, Pinto Carneiro, antigo ensaiador do theatro normal, José Maria Pereira Rodrigues, director da *Chronica dos Theatros*, Guilherme Cossoul, professor do Conservatorio, Oliveira, presidente da Associação Typographica, e Duarte de Sá, director da Escola Drama-

tica. Da ermida para o jazigo a Francisco Palha, commissario regio no theatro de D. Maria, actores Tasso, Theodorico, Izidoro, Cezar de Lima, Queiroz, e ás actrizes Carolina Emilia e Georgina de Carvalho, filha do actor Carvalho.

A oração funebre foi recitada pelo padre Sargedas, antigo actor.

1869 — Nasce em Lisboa **Eduardo Vieira**, filho do antigo director da typographia do *Diario Popular* e escriptor publico, Silva Vieira. Era, como seu pae e seu irmão, typographo. Estreiou-se no novo theatro da Rua dos Condes, onde fez pequenos papeis. Seguiu depois para o Brazil e lá tem feito parte de diversas companhias, estando ultimamente contractado na de Dias Braga.

20

1779 — Morre o celebre actor inglez **GARRICK.** Nascera em Lichfield em 1716, pertencendo a uma familia franceza refugiada em Inglaterra.

Foi o primeiro actor do seu tempo e o mais patriotico interprete do drama sakesperiano. Foi sepultado em Westminster, ao lado do grande poeta. Havia comprado o theatro de Drury Lane e dirigiu-o com grande habilidade e orientação litteraria, que muito o honrou. Compôz talvez quarenta peças, mas apenas duas, escriptas no gosto francez, *O Creado mentiroso* e *Menina antes dos vinte annos*, ficaram como excellentes comedias. Nos prologos e epilogos que escreveu, mostrou-se poeta cheio de espirito. A sua *Correspondencia* foi publicada em 1831 com uma noticia biographica.

27

1872 — Nasce em Alcobaça o scenographo **Augusto Pina.**

Cursou algumas cadeiras da Academia de Bellas Artes de Lisboa e depois, em Paris, a Academia Julien.

Quando regressou a Lisboa, dedicou-se á scenographia, praticando algum tempo com Manini. A sua primeira scena, em collaboração com Samarani, appareceu em julho de 1894 no theatro da Trindade. Era o quadro da Imprensa da revista *Sal e Pimenta*. Debaixo da direcção de Manini e tambem em collaboração com Samarani pintou depois uma boa scena para o drama *Pantano*, no theatro de D. Maria. N'este theatro esteve em seguida contractado pela empreza Rosas & Brazão, pintando as scenas para as peças: *Henrique III*, *Judeu polaco*, *Immaculavel*, *Regente*, *Mademoiselle de la Seigliére* e *Familia Americana*.

Tem pintado mais para os seguintes theatros: para a Trindade, panno de bôcca e retoques de scenas para a *Gata Borralheira*: para a Rua dos Condes, algumas scenas para as revistas *Reino da Bolha* e *Formigas e Formigueiros*; para a Avenida, *Loteria Infernal* e revista *Poeta em Pancas*; para o Principe Real, do Porto, *Bibi & C.ª*; para o Carlos Alberto, a *Galderia*; para o D. Amelia, de Lisboa, o *Cyrano de Bergerac*. Pintou tambem scenas para os theatros de Coimbra e Setubal.

Augusto Pina tem illustrado alguns jornaes e livros. É intelligente, tem uma certa cultura litteraria e é pena que mais não tivesse estudado, especialmente com Manini, de quem muito poderia ter aproveitado.

29

1860 — Nasce em Alcobaça **Marianno Pina.**

Estudou preparatorios no Lyceu de Lisboa e em 1878 fez a sua estreia de escriptor no *Diario do Commercio*. N'esse mesmo anno entrou como redactor effectivo para o *Jornal da Manhã*, de Pinheiro Chagas.

Em 1882, depois do fallecimento de Guilherme d'Azevêdo, partiu para Paris a fim de substituir aquelle scintillante chronista nas correspondencias parisienses para a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro. Em Paris fundou o excellente jornal *Illustração Portugueza*, que fórma uma preciosa collecção em 8 grandes volumes. Publicou tambem uma serie de pamphletos, intitulada *O Espectro*.

Quando regressou de Paris entrou como redactor gerente do *Diario Popular,* d'onde sahiu por questões com Marianno de Carvalho, e passou para o *Jornal do Commercio,* do qual ainda é redactor-gerente.

Em toda a sua vida jornalistica, **Marianno Pina** tem sido um apreciado critico d'arte, merecendo-lhe o theatro especial predilecção. Representaram-se no theatro de D. Maria as suas traducções da *Arlesianna* e do *Filho natural.* Tambem alli se representou a peça *Rantzau,* extrahida por elle do romance *Les deux amis.*

Marianno Pina é um jornalista intelligentissimo e muito habil e um trabalhador infatigavel.

30

1868 — Nasce no Rio de Janeiro a actriz **Deolinda Rodrigues**.

Tem pertencido a varias companhias do Rio de Janeiro e dos diversos estados, não passando de uma utilidade.

Actualmente faz parte da companhia Dias Braga. Não *fura paredes* nem tem dotes physicos, mas remedeia e muitas vezes agrada, porque tem em scena uma certa vida.

FEVEREIRO

3

1861 — Nasce no Porto o actor **Arnaldo Bragança**. Só tenho a informação da sua naturalidade e data do nascimento. Fez-se actor no Brazil e não é dos inuteis. Pertence actualmente á companhia Dias Braga.

4

1865 — Primeiras **provas publicas** da **Escola da Arte Dramatica**, methodo Duarte de Sá, no theatro de D. Maria II. As peças escolhidas para essas **provas** foram as comedias: *Por um cabello, Luiza* e *Tio Simplicio.* Foram approvadas as actrizes Emilia dos Anjos, Marianna Rochedo e Maxima Ferreira, e reprovado o discipulo Rodrigues.

Já n'este livro fallei das tres actrizes.

6

1748 — Nasce em Rio de Mouro, proximo de Cintra, **Domingos Maximiano Torres**.

Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, herdou o logar de seu pae na Casa da India, depois encorporada na Alfandega. Todo o tempo que lhe deixavam as occupações do serviço publico, consumia no cultivo da poesia e no estudo das bellas-lettras. Na Academia de Humanidades foi consocio de Bocage, Caldas Barbosa, Joaquim Severino, José Agostinho e outros. Foi amigo intimo de Francisco Manuel do Nascimento, *Filinto Elisio.*

Sendo revisor da officina typographica da Academia Real das Sciencias, foi eleito socio correspondente da mesma Academia. Tinha no mundo litterario o nome de *Alfeno Cynthio.*

Professando os principios politicos proclamados pela revolução franceza de 1789, aos francezes se mostrou affeiçoado na invasão de 1807. Foi preso e depois enviado para o presidio da Trafaria, onde morreu a 5 de outubro de 1810.

Este distincto escriptor deixou grande numero de obras ineditas em poder da sua viuva, ignorando-se aonde foram depois parar. Ficaram tambem impressas bastantes de muito valor, e, entre ellas, o drama pastoril, *O Alvoroço,* que se representou em obsequio ao nascimento de D. Antonio, Principe da Beira.

7

1812 — Nasce em Portsmouth o celebre romancista inglez **Charles Dickens**, que morreu em Broadstaires a 9 de junho de 1870.

Abandonou a advocacia pela vida de jornalista. A sua grande nomeada começou pela publicação do romance *O Club Pichwick.* Poucos auctores teem tido em Inglaterra tamanha popularidade e alcançado tão colossal fortuna pelos seus escriptos.

Transformou muitos dos seus romances em peças, que tiveram exitos mediocres em comparação do successo alcançado pelos livros; mas um drama teve de bastante effeito, *O Abysmo*, que, traduzido em portuguez, foi representado pela companhia do actor Santos nos theatros do Principe Real e D. Maria.

8

1823 — Primeiro **baile de mascaras** publico em Lisboa, no segundo Theatro do Bairro Alto, de S. Roque.

O annuncio publicado no *Diario do Governo*, de 8 de fevereiro do mesmo anno, dizia assim:

Theatro francez, no Bairro Alto

«Á imitação dos bailes que se costumam dar n'esta estação do carnaval, em França, Italia e mais paizes civilisados, haverá no theatro, nas noites de sabbado 8, domingo 9, segunda feira 10 e terça feira 11 de fevereiro, *Grand bal masqué et paré* (baile de mascaras e de apparato, etc.). A platéa será posta ao nivel da scena, a sala será bem adornada e muito illuminada. Preço da entrada por uma pessoa, 960 réis. Cada camarote, com cuja chave se receberão 4 bilhetes de uma pessoa cada um, e que servirão para a entrada na porta principal, 4$800 réis.

«As pessoas que estiverem em camarotes podem egualmente passeiar por todas as partes do edificio.

«Adverte-se tambem que para commodidade do publico se encontrará por preços acommodados, fatos e tudo quanto é necessario para se mascarar, tendo-se preparado quarto para esse fim.

«Haverá egualmente casa de refrescos dentro do edificio, e as providencias são tomadas, a fim de que a maior decencia reine n'este divertimento.»

Copiado textualmente do annuncio por me parecer curioso, e por ser, sem duvida, a primeira noticia de bailes de mascaras publicos, em Lisboa.

De 1823 até 1836, não houve mais bailes publicos.

N'este mesmo anno de 1836, porém, deu-se em S. Carlos, de que era emprezario A. Lodi,

O primeiro baile de mascaras no Theatro de S. Carlos

que mais foi um ensaio, do que um completo baile.

A auctoridade não permittia que os homens se mascarassem.

O regulamento para os bailes, assignado pelo inspector do theatro, Francisco de Sena Fernandes, que era provedor de um dos bairros da cidade, é tambem muito curioso. Começa assim:

«Para que o divertimento das danças do carnaval, que nos dias proximos, vão a formar-se no theatro de S. Carlos, segundo as instrucções annunciadas, possa servir de verdadeiro recreio, etc.»

Esta redacção harmonisava com o mais.

No artigo 4.º do regulamento, dizia o atilado inspector:

«Durante o divertimento os *interessados* teem o direito de apontar e levantar a voz *fóra!* contra todo o individuo que se descomedir por acções, porte, ou palavras, etc.»

12

1862 — Nasce em Paris **Alberto Brasseur.**

É este inquestionavelmente um dos primeiros actores comicos parisienses da actualidade. É o continuador da tradição dos Volange, dos Tiércelin, dos Perlet, dos Alcide Tousez, dos Brunet, dos Levassor, finalmente, dos Brasseur, porque seu pae foi tambem um comico distinctissimo.

Alberto Brasseur é verdadeiramente um actor extraordinario; na comedia é fino, distincto, correctissimo e até superior, como ultimamente o demonstrou no *Nouveau Jeu;* mas na *charge* d'uma revista ou de uma peça phantastica, fazendo um *travesti* ou creando um typo burlesco, ninguem o eguala nas extravagancias ultra-

comicas; n'este genero faz quanto quer, e o publico, longe de se aborrecer, acclama-o pelas suas phantasias, que fazem despedaçar de riso!

Alberto Brasseur começou estudando para seguir a carreira militar, mas o theatro attrahia-o e, contra vontade de seu pae, que então dirigia o theatro das Novidades, ahi se estreiou em dezembro de 1879, na peça de Hennequin e Granger, *Flôr de Larangeira*, fazendo o papel do *collegial*. Obteve logo grande exito. A sua carreira tem sido triumphal nas revistas, na opereta, no vaudeville e na comedia. O seu segundo papel foi na opereta de Boucheron com musica de Hervé, *Viajem na America*. Seguiram-se novos successos nas operetas: *Vivandeira*, *Direito de primogenitura*, *Rei de ouros*, *Capuzinho vermelho*, *Ave azul*, *Adão e Eva*, *Babolin*, *Juramento d'amor*, *Amor molhado*, *Castello de Tire-Larigot*, *Vida parisiense*, *Madame Satan*, *Caderno do Diabo*, *Bombeiro de serviço* e ainda n'outras, muito principalmente no *Reino das Mulheres*, em que fez verdadeira sensação.

Na opereta já **Alberto Brasseur** se manifestára um excellente actor de comedia, mas n'esta excedeu toda a espectativa. A sua primeira revelação no genero foi na peça de Bisson *Nos jolies Fraudeuses*. Seguiu-se depois a *Mimi* de H. Raymond, *Ménages Parisiens* de Valabrègue, *Primeiro marido de França*, *Criada para todo o serviço* e outras até o *Nouveau Jeu* das Variedades, o seu ultimo grande successo.

Nas revistas tem **Alberto Brasseur** feito inolvidaveis creações; ainda nenhum actor o excedeu n'este genero. Desde a primeira em que entrou, *As Novidades de Paris*, de Blum, Toché e Wolff; depois no *Paris-Attractions*, no *Paris Porto de Mar*, na *Premiers-Paris*, na *Semana em Paris*, na *Paris que marcha*, na *Paris-boulevard* e ainda n'outras, creando typos extraordinarios de Cadet Rousselle, a bailarina Grille d'Égout, o *camelot*, o gymnasta, o bicyclista, o cabo d'infanteria, a bruxa, a boneca, o general americano, a *ouvreuse* da Opera Comica, a *somnambula* e tantos outros personagens comicos ou burlescos, mostra o excellente artista os seus inexgotaveis recursos.

Alberto Brasseur faz annualmente as suas digressões ás cidades de provincia com um escolhido repertorio, em que é festejadissimo.

Alberto Brasseur honra sobremodo a memoria de seu pae,

Brasseur, cujo verdadeiro nome era Julio Dumont. O velho **Brasseur** tinha um dom especial para se caracterisar e para imitar.

Depois de estudar o curso de commercio, entrou como caixeiro para uma luvaria; mas bem depressa tudo abandonou para entrar no theatro. Estreiou-se em 1847 no theatro de Belleville. Passou depois aos Délassements-Comiques e ás Folies-Dramatiques, até que, entrando para o Palais-Royal, ahi obteve o maior exito no *Misanthrope et l'Auvergnat*, no *Célebre Vergeot*, *Sur la Terre et sur l'Onde*, *Mariée du Mardis Gras*, *Doit-on-le dire?*, *Plus heureux des trois*, *En avant les Chinois!*, *Um Merlan à bonnes fortunes*, *Cagnotte*, etc.

O velho **Brasseur** foi um actor comico e tambem burlesco de primeira ordem. Sendo director do theatro das Nouveautés, vi-o alli fazer com immensa graça e naturalidade, nos ultimos tempos da sua carreira, o pequeno papel de Thomas, no *Reino das mulheres*, ao qual elle dava um enorme valor.

16

1833 — Nasce em Lisboa o **Dr. Guilherme Celestino.**

É primeiro official da administração politica no Ministerio do Reino.

Foi director da Associação do velho theatro da Rua dos Condes, tendo alli prestado bons serviços. Quando assumiu esse cargo, conta elle: «Fui encontrar o «velho templo da Arte completamente «transformado em hotel para pernoitar! «Comia-se, bebia-se, dormia-se alli; mas «a unica coisa que se não fazia era repre«sentar, e os raros espectaculos annuncia«dos salientavam-se pela completa ausen-

«cia de publico. Puz tudo no olho da rua, «desde o emprezario até ao ultimo ser«vente, fechei a porta e levei para casa a «chave que, por signal, tinha taes dimen«sões, que bem podia servir de bengala a «qualquer fantoche de estatura regular. «Houve reclamações, protestos, fui quei«mado em estatua, mas o bruto a nada se «moveu. Escusado é dizer que o bruto era «eu. Um mez depois, fiz desinfectar o thea«tro e adjudiquei a sua exploração a Sousa «Bastos.................. ....»

Não continúo a transcripção pelas palavras excessivamente amaveis e lisongeiras em extremo que me são dirigidas.

O que é certo é que o **Dr. Celestino** livrou n'aquella epocha o velho theatro da Rua dos Condes do estado de miseria a que chegára.

O **Dr. Guilherme Celestino** é intelligentissimo, illustrado, e foi sempre um dedicado ao theatro.

Não tem peças originaes, mas excellentes adaptações e traducções, na sua maioria recebidas com muitos applausos nos theatros de D. Maria, Trindade, Gymnasio, Avenida, nos do Porto e do Brazil.

Dou em seguida a lista d'esses trabalhos, todos de valor: Dramas — *A Doida de Montmayour* e *A Estalajadeira de S. Pithon.* Comedias — *Na cosinha, Amor com ervilhas, Um beijo, Casamento á pressa, O meu Martins, Por musica, Á procura d'um tenor, Uma aposta, Caçada ao Leão. A senhora está a banhos, É no primeiro andar, Um annuncio no «Diario de Noticias»* e *Meus olhos, meu nariz, minha bocca.* Operas-comicas — *A Mosqueteira, Capitão Carlota, A Embaixatriz* e *Caïd.*

17

1816 — Nasce na freguezia de S. João do Ipanema, antiga provincia de S. Paulo, Brazil, o erudito e notavel escriptor **Francisco Adolpho de Varnhagen.**

Encarregado de negocios e ministro residente em diversas côrtes da Europa e republicas americanas, foi este illustre litterato muito conhecido e estimado.

Varnhagen foi educado em Portugal, para onde veiu muito novo e entrou no Collegio Militar.

É grande e importantissima a lista das suas obras. Sobre ellas e sobre o auctor pódem consultar-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio nos tomos 2.º e 9.º, o *Archivo Pittoresco,* volume 2.º pag. 356 e seguintes, a *Revista Universal Lisbonense,* tomo 3.º da 2.ª serie, pag. 431, o *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro n.ºs 235 e 245. de 1858, *Memorias do Conservatorio* de 1843 e *Diccionario Bibliographico Brazileiro,* vol. 2.º, pag. 371.

Tenho aqui apenas de noticiar as suas duas obras:

Relatorio e parecer apresentado ao Conservatorio Real da Arte Dramatica por uma commissão especial, ácerca das peças submettidas ás provas publicas em 1841.

Amador Bueno, drama epico-historico-americano em 4 actos e 3 mutações.

Varnhagen falleceu em Vienna d'Austria, a 29 de junho de 1878.

21

1817 — Nasce em Valladolid o notabilissimo poeta hespanhol **D. JOSÉ ZORRILLA.**

Falleceu em 23 de janeiro de 1893. Em 1827 entrou em Madrid para o Collegio dos

Nobres e de lá sahiu em 1833. Foi depois estudar leis para Toledo. Poeta de raça, os seus primeiras versos a *Elvira* agradaram logo immensamente. A sua nomeada, porém, alcançou-a a 15 de fevereiro de 1837. Havia-se suicidado D. Mariano José de Larra, o primoroso estylista e grande pamphletario. Madrid inteira, altamente commovida, fez-lhe solemne funeral, indo fallar á beira do tumulo os mais abalisados escriptores. Ahi foi tambem **Zorrilla**, que apenas contava vinte annos e a todos excedeu, commovendo extraordinariamente o auditorio e ficando desde logo consagrado como grande poeta, o primeiro da Hespanha. Essa lyra brilhante só a deixou cahir das mãos quando a morte lh'a arrebatou, aos 76 annos de edade.

Ao grande poeta hespanhol se deve essa obra prima da litteratura dramatica, conhecida no mundo inteiro, *D. Juan Tenorio.*

23

1836 — Nasce em Lisboa o intelligentissimo e distincto escriptor **D. Thomaz de Mello.** Filho de opulenta e illustre familia, nasceu na abundancia e n'ella passou a sua primeira mocidade; luctou depois com a adversidade, mas nunca desanimou. Trabalhando sempre corajosa e intelligentemente, arrostando com todos os revezes, tendo de conviver com meios diversos, conservou sempre a fidalguia de caracter que tanto o afasta de muitos com quem convive.

Tem tentado mil meios de fazer fortuna, sem nunca a alcançar. Idéas tem elle como poucos, mas quasi sempre outros tiram d'elias os resultados.

D. Thomaz de Mello tem sido o modelo da nossa *bohemia.* As memorias da sua vida dariam interessantes e graciosissimos volumes.

Entre as suas tentativas variadissimas, algumas vezes se tem feito emprezario de theatro, mas sempre emprezario infeliz.

Em diversos jornaes de Lisboa ha dispersos artigos seus de muito valor e tambem ha publicados diversos volumes de romances, que teem sido recebidos com alvoroço. Ainda ultimamente obteve exito o seu livro curiosissimo *Bohemia antiga.*

Tambem abordou o theatro, obtendo o maior agrado a sua parodia ao *Othelo,* intitulada *O Negro d'Alcantara,* que por duas epochas se representou no theatro da Rua dos Condes. No Gymnasio representaram-se duas peças suas: *O Condemnado* e o *Apostolo de Khune.* Tambem no antigo Circo Price se representou a sua *pochade* em 3 actos *Diga-o ella ou a Conspiração canina.*

28

1646 — Morre em Lisboa **Jacintho Cordeiro.** Nascera em Lisboa, em 1606. Foi alferes de ordenanças da Côrte e considerado um bom poeta comico.

Parece que em Portuguez só escreveu duas obras, uma em honra de um embaixador francez e outra de D. João IV.

Escreveu muito em castelhano para o theatro, podendo citar as seguintes comedias: *Duarte Pacheco* (1.ª e 2.ª parte), *El secretario confuso, Con parte nunca ay ventura, El mal inclinado, Los doce de Inglaterra, Vitoria por el amor, De lo que es privar, Historia del amor, Amar por fuerza, El juramento ante Dios, El hijo de las batallas, El mayor trance de amor, El soldado revoltoso* e *El valiente negro en Flandres.*

1820 — Nasce em Munf, na Suissa, a

celebre tragica franceza **RACHEL.**

Elisa Rachel Felix, descendente d'uma humilde familia judia, cantou nos cafés e nas ruas antes de estudar musica na escola de Choron, que nenhumas disposições musicaes lhe reconheceu.

Começou na tragedia, no pequeno theatro Moliére, onde a notou o director do Theatro-Francez, Jouslin de la Salle, que fez com que ella entrasse para o Conservatorio.

Estreiou-se no Gymnasio, na *Vendeana*, a 24 de abril de 1837, e depois, com bastante difficuldade, entrou para a Comedia Franceza, estreiando-se no papel de *Camilla* dos *Horacios*, a 12 de junho de 1838. O critico Julio Janin adivinhou o seu futuro e, pelos seus elogios, deu o rebate de um enthusiasmo universal. **Rachel** appareceu successivamente na maior parte dos papeis do repertorio classico e tirou da sombra e do abandono a tragedia, despresada em consequencia da victoria da reforma romantica. Os seus principaes triumphos foram na *Cinna*, *Andromaca*, *Mithridates*, *Bajazet*, *Polyeucte* e muito especialmente na *Phedra*. Tambem eguaes triumphos obteve no repertorio da epocha: *Virginia*, *Joanna d'Arc*, *Maria Stuart*, *Angelo*, *Mademoiselle de Belle-Isle*, etc. Creou egualmente muitos papeis escriptos expressamente para ella na *Judith*, *Cleopatra*, *Lady Tartufo*, *Lucrecia* e *Adrianna Lecouvreur*.

Durante o tempo de férias e com licenças concedidas pela Comedia Franceza, percorreu toda a França e as principaes cidades da Europa. Em 1855, depois de longas e escandalosas discussões com a administração do Theatro-Francez, organisou uma grande *tournèe* dramatica para a America. Ahi foi mediocre o successo, apesar de ter juntado á tragedia o canto da *Marselheza*, que lhe valera em 1848 as mais extraordinarias ovações.

A sua saude, já gravemente alterada, arruinou-se por completo, e nem a viagem ao Cairo, nem o sol do meio dia da França conseguiram restabelecel-a. Morreu em Canet, perto de Toulon, a 3 de janeiro de de 1858.

O talento de **Rachel** impressionava pelo sublime e ao mesmo tempo pela sobriedade. O desenho da sua figura, a majestade do seu andar, os seus gestos, a sua voz, tudo concorria para provocar, com uma espantosa simplicidade de meios, os mais poderosos effeitos. A expressão da sua physionomia era principalmente notavel. Tornava as paixões susceptiveis d'uma concentração violenta. O ciume e o odio estavam no fundo de todos os seus melhores papeis, e, interpretados por ella, impressionavam menos pelo que dizia, do que pelo qne deixava adivinhar de soffrimento ou de cólera.

Uma circumstancia notavel foi a rapidez com que ella chegou á plenitude do seu talento, indo, do primeiro vôo, e como que pelo instincto, ao ponto de que não podia passar, expondo-se a ficar estacionaria e monotona na perfeição.

Sobre a grande tragica **Rachel** vejam-se as seguintes obras francezas: *Diccionario dos Contemporaneos*, 1.ª e 2.ª edição; *Rachel e o novo Mundo*; *Rachel e a Tragedia*, de Julio Janin; *Conferencias parisienses*, de Legouvé.

MARÇO

2

1869 — Nasce em Lisboa **Francisco de Paula Cardoso de Almeida e Vasconcellos.** Era mais conhecido pelo **Morgado de Assentis** aquelle bello caracter.

Foi membro do Conservatorio de Lisboa e festejado escriptor dramatico, tendo deixado as seguintes peças: *Astucias de Merlim*, comedia em 5 actos; *O Africano generoso*, drama em 2 actos; *Os sucios da mesma laia*, entremez de visualidades; *O Doutor Patusca*, farça; *O qui pro quo*, farça em 1 acto; *A prova á militar*, comedia em 3 actos; *Julia ou o Perfeito amigo*, drama em 3 actos; *O Convite*, comedia em 4 actos; *O Alcaide de Saragoça*, magica em 3 actos; *Aurora, ou a filha do prestigio*, drama em 4 actos; *O Castello do Diabo*, drama em 4 actos; *O naufragio venturoso*, pequena peça; *O Derviche por amor*, farça; *O Casamento dito e feito*, farça; *O Alcaide de Saragoça*, peça magica para bonecos; *A criada ama*, peça magica para sombrinhas; *A leva da náu da*

India, peça magica para bonecos e *O exterminio do Fanatismo*, elogio dramatico.

Fez tambem as seguintes traducções, de Casari: *A heroina de Vienna*, *A ida a Fokemburgo*, *O direito de hospitalidade* e *O assassino por amor filial;* de Beaumarchais: *O Barbeiro de Sevilha;* de Camillo Frederici: *As minas de Delacarlia;* de Holbein: *Conrado ou o Torneio de Kromberg;* de Pixerecourt: *O Conde dos Castellos;* anonyma: *O Filho do alcouce;* de Alfieri: *Filippo*.

1868 — Estreia da primeira **companhia franceza** que representou no theatro da Trindade, com o seguinte elenco: Actrizes —Irma Baittig, Marie Reynaud, Heymann, Douclas, Dargent, Dorsan, Valentine Desbordes, Villebecors, Marie e Estillac. Actores — Paul Labu, Mangin, Baudy, Trescal, Bataille, Miral, Bestal, Laroche, Voyer e Chevalier *(régisseur)*. A recita de despedida foi em 29 de maio do mesmo anno. A companhia deu 41 espectaculos, sendo 36 recitas de assignatura e 5 beneficios.

4

1864 — Nasce em Lisboa **Eduardo Coelho Junior.**

É filho de Eduardo Coelho, fundador do *Diario de Noticias*, do qual já tive occasião de fallar. Tem hoje parte na propriedade do jornal e é um dos seus redactores.

Estreiou-se como escriptor dramatico em 1886, traduzindo para o Gymnasio a comedia *A galinha e os pintos*. Para o mesmo theatro fez depois a comedia original *Uma lição*.

A 10 de novembro de 1887 representou-se no theatro da Alegria a sua comedia em 2 actos, em collaboração com Julio Rocha, *Os remorsos d'Aniceto*.

Depois, no Gymnasio, subiu á scena outra comedia sua, original, *Idéas do Braz*.

A 15 de fevereiro de 1898 ainda no mesmo theatro se representou outra comedia, tambem original, *Pobreza, Miseria & C.ª*

São seus os seguintes monologos e cançonetas, alguns dos quaes já representados com bastante agrado: *Um amador de S. Carlos O gato e o cão*, *Siga sempre a direito*, *Meio kilo de manteiga*, *O gato pingado*, *Uma prelecção*, *Audaz conquistador*, *Fiquei espantado*, *A minha commandanta*, *Isso sim e isso não*.

Para theatros d'amadores escreveu o drama em 3 actos *Os dois irmãos* e as comedias *Um dia na Outra Banda* e *Por causa d'um annuncio.*

Eduardo Coelho está actualmente trabalhando em duas comedias que destina ao Gymnasio: *Ratoeira matrimonial*, em 3 actos e *O heroe de Cacilhas*, em 1 acto. Tem egualmente entre mãos outra comedia em 3 actos, cuja acção se passa no Norte, que destina á empreza Rosas & Brazão.

7

1874 — Em beneficio da actriz Emilia dos Anjos, sóbe pela primeira vez á scena no theatro do Gymnasio a comedia **Doente de scisma**, traduzida pelo Visconde de Castilho do *Malade imaginaire* de Voltaire.

8

1869 — Estreia da segunda **companhia franceza**, que veiu ao theatro da Trindade. Era o seguinte o elenco: Actores — Molina, Mangin, Chatillon, Doria, Didier, Bruno, Acelly, Angello, Ducerf, Lelong e Joanny. Actrizes — Camille Dortet, Helene Petit, Esther Bedard, Hadamard, Berthe Leclerc, Lucille, Chatillon, Bruno e Ungidos-Angello. Regisseurs — Mangin e Ducerf. A recita de despedida foi a 1 de junho do mesmo anno. A companhia deu 45 espectaculos, sendo 30 recitas de assignatura, 9 beneficios, 4 recitas extraordinarias e 2 em D. Maria.

9

1871 — Parte pela primeira vez para o Brazil a actriz **Emilia Adelaide**, que regressou em outubro do mesmo anno. No Rio de Janeiro trabalhou na empreza de Furtado Coelho. Foi acompanhada ao Brazil pelo escriptor dramatico Ernesto Biester, seu amante durante muitos annos.

12

1894—Representa-se pela primeira vez no theatro Kölner Stadttheater de Colonia a peça em 5 actos, em verso, de Joseff Lauff, **Ignez de Castro.**

13

1863 — Nasce no Rio de Janeiro a actriz **Olympia Amoedo.**

É filha dos artistas dramaticos Jesuina Montani e Manuel de Giovanni, irmã da actriz Gabriella Montani, e viuva de um filho do actor Amoedo e da actriz Leolinda. O seu nome todo é **Olympia Montani de Giovanni Amoedo.**

Só depois de enviuvar, em 1893, se resolveu a entrar para o theatro, estreiando-se na empreza da actriz Ismenia, no theatro de Variedades, no papel de princeza *Estrella d'Alva*, na magica *O Diabo Côxo*. Conseguiu agradar immediatamente.

Tem agradado depois nos papeis de drama, comedia, magica e operetta, sobresahindo comtudo muito nos *typos nacionaes;* faz uma *roceira* na perfeição. O seu melhor papel até agora encontrou-o na festejada peça de França Junior, *Trunfo ás avessas.*

Pela sua boa plastica muito agrada tambem nos papeis de phantasia, como lhe aconteceu no *Bico de Papagaio* e *Borboleta de ouro.*

Olympia Amoedo, apezar de ter começado um pouco tarde, recuperou bem o tempo perdido.

16

1844 — Nasce em Lisboa o escriptor **Ludgero Vianna.**

Começou estudando no collegio dos Inglezinhos e passou depois para o lyceu de Lisboa, onde completou o curso, na idéa de seguir a carreira de marinha. Revezes da fortuna lhe impediram o intento. Não só não poude seguir, mas teve de trabalhar para auxiliar o sustento de sua familia. Fez-se typographo. Passou a director de typographia e collaborador de diversos jornaes, pertencendo agora á redacção do *Seculo*. Foi fundador e primeiro presidente da Associação da Imprensa Portugueza, de que hoje é presidente honorario e tambem presidente da direcção.

Ludgero Vianna, activo e trabalhador, tem-se tambem dedicado ao theatro, escrevendo bastantes peças, entre as quaes as mais applaudidas foram: *O Povo,* drama representado no theatro dos Recreios, *Os Malhados,* drama dado no theatro do Rato, n'este theatro a revista *Az de cópas,* no Chalet da Rua dos Condes a revista *Seis mezes na Parvonia* e em diversos theatros populares a opereta de costumes portuguezes, *A Filha do sr. Chrispim,* que conta innumeras representações.

17

1796 — Nasce em Charolles o distincto auctor dramatico francez **Bayard.**

Foi estudante de direito e escrevente de advogado **João Francisco Alfredo Bayard.**

Depois de escrever com grande paixão para o theatro, em 1828 obteve enorme successo no Gymnasio com a sua peça *Rainha de dezesseis annos.*

Foi um dos mais habeis vaudevillistas da epocha e um dos principaes collaboradores de Scribe, casando com uma sobrinha d'este. Trabalhou em mais de duzentas peças, tristes e alegres.

Bayard foi por algum tempo director do theatro de Variedades.

Citam-se as seguintes como as melhores das suas peças: *A mania dos logares, Luiza, O meu logar e minha mulher, A perola dos maridos, Dois fazem um par, Primeiro amor, Lar do operario, Frétillon, Filha do avarento, Mathilde, O octogenario, Gaiato de Paris, Demonio da noite, O marido da dama de copas, O Cavalheiro d'Eon, Suzette, O pae da actriz, Os tres bailes, Primeiras proezas de Richelieu, Indiana e Carlos Magno, Visconde de Letorières, Casamento Parisiense, O marido no campo, Filho familia, Uma bofetada nunca é perdida, Camara ardente, Uma mãe* e *a Filha do Regimento.*

O seu theatro completo está publicado em 12 volumes, edição de Paris de 1855 a 1859.

1862 — **Francisco Palha** toma posse do logar de Commissario regio junto ao theatro de D. Maria.

É conhecida a bella administração que **Francisco Palha** fez durante o tempo que alli esteve.

25

1847 — Nasce no Rio de Janeiro o **Dr. Ferreira de Araujo.**

É um dos mais notaveis jornalistas brazileiros, proprietario e director da importante folha *Gazeta de Noticias*. Devellhe a imprensa brazileira o ter transportado para a sua patria o systema parisiense, o systema moderno de fazer jornaes.

A *Gazeta de Noticias* é um jornal modelo, que se póde collocar ao lado dos mais avançados em todo o mundo. É primorosamente feito em interessantissimas secções e com uma *reportage* de primeira ordem.

Os artigos do **Dr. Ferreira de Araujo** são modelos.

Ainda hoje, apezar de doente, conserva a sua antiga secção intitulada *Balas d'estalo*, que é apreciadissima e sempre lida com extrema curiosidade.

Tambem o **Dr. Ferreira d'Araujo** tem sido um critico theatral de primeira ordem, apreciando com todo o conhecimento do assumpto e com uma critica justa e finissima auctores, actores e cantores. Nos theatros do Rio de Janeiro appareceram tambem algumas peças brilhantemente traduzidas pelo **Dr. Ferreira d'Araujo.** Cabelhe, pois, um honroso logar n'este livro.

1866—Nasce no Rio de Janeiro o actor **Alfredo Silva.**

Pertence actualmente á companhia Dias Braga.

Nunca o vi trabalhar, nem tenho outra qualquer informação a seu respeito.

26

1860 — Nasce em Barcellos **Jayme de Séguier.**

Depois de concluir o curso do Lyceu, fez o Curso Superior de Lettras, **Jayme de Amorim Sieuve de Séguier.** É actualmente consul portuguez em Bordeus.

Foi por bastantes annos jornalista, pois começou aos 14 de edade no *Jornal da Noite*, sob a direcção de Teixeira de Vasconcellos. Collaborou tambem na *Revolução de Setembro*, jornal de seu avô Rodrigues Sampaio, no *Diario da Manhã*, de Pinheiro Chagas, no *Diario de Noticias*, no *Diario de Portugal*, *Revista Litteraria*, *Folha Nova*, *Occidente*, *Jornal do Domingo*, *Arte*, *Pantheon* e *Economista*. Foi um dos fundadores e redactores do *Reporter*, folha que appareceu com uma notavel feição litteraria, que produziu sensação no nosso meio.

Em quasi todas as folhas que redigiu ou em que collaborou, tinha a seu cargo a critica dramatica, em que foi sempre correcto e digno, mostrando grande competencia no assumpto.

Usou por vezes dois pseudonymos, o de *Iriel* e o de *Oberon*.

Jayme Seguier é um poeta primoroso, como o tem demonstrado em versos magnificos publicados em diversas folhas e no volume *Alegros e Adagios*.

Para o theatro, entre outros trabalhos do genero, traduziu para o theatro de D. Maria as comedias *O Desquite* e *O Ramo de lilazes*.

Tambem escreveu a poesia *A Camões* para ser recitada no sarau litterario do Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro, na solemnidade do terceiro centenario de Luiz de Camões.

31

1852 —Nasce no Rio de Janeiro o **Juca do Recreio.**

José Sebastião da Silveira, mais conhecido pelo **Juca do Recreio**, é irmão do em-

prezario e actor Dias Braga e do actor Domingos Braga. Tem sido por muitos annos fiscal e quasi administrador das emprezas de seu irmão, principalmente no theatro do Recreio.

É de grande actividade e esperteza theatral e tem muitas sympathias no publico, que lh'o demonstra nas festas que elle realisa annualmente.

ABRIL

2

1864 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria II, em beneficio da actriz Emilia Adelaide, o drama em 3 actos e 1 prologo, **Nobreza**, original de José Augusto Corrêa de Barros. A peça foi muito bem recebida. Corrêa de Barros, entre outras traducções, fez a da peça de Sardou, *Os Intimos*.

3

1865 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria, em beneficio do grande actor Santos, o notavel drama de Octave Feuillet, traduzido por Joaquim José Annaya, **A Vida d'um rapaz pobre**. A peça agradou extraordinariamente, para o que muito contribuiu o excellente desempenho em que sobresahiram Santos no protogonista e Tasso no papel do *Sr. Laroque*. Este drama conservou-se sempre no repertorio de Santos.

Mais tarde tem tido deploravel interpretação no theatro do Principe Real.

4

1866 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria, em beneficio da sublime actriz Emilia das Neves, o drama **Coração e Arte**, de Leão Fortis, traduzido pelo illustre litterato D. Antonio da Costa.

Esta peça fôra offerecida á grande actriz pelo notavel actor italiano Mayeroni.

Emilia das Neves alcançou n'ella mais um triumpho. Sobre o seu trabalho no **Coração e Arte**, ouçamos um auctorisado critico da epocha:

«O typo da princeza *Gabriella* está desenhado com bastante vigor e é um papel de grave responsabilidade de que só o talento brilhante da nossa primeira actriz poderia sahir victorioso.

«No primeiro acto é a mulher caprichosa e encantadora, cercada de opulencia, do prestigio do fausto, da grandeza e de mil adorações.

«A sr.ª Emilia teve o condão de se apresentar com todo o encanto das graças de uma bella creatura, cheia de vida e mocidade. *(N'esta epocha já Emilia das Neves tinha perto de cincoenta annos!)*

«Dir-se-ia ao contemplal-a, na viveza do olhar, no sorriso provocador, nos traços da physionomia, no porte gentil e na voz meiga e suave, que as seducções da formosa princeza brilhavam na actriz com todo o esplendor da realidade.

«No segundo acto, na elegancia do vestuario, no irresistivel poder dos seus attractivos, consegue, com a arte especial nas damas d'aquelle tempo, captivar o coração do austero Conde S. Lourenço.

«No terceiro é magnifica de abnegação, salvando a irmã, exposta ás murmurações na entrevista com Frederico da Prussia, quando toma o logar d'ella e apparece de cabeça erguida pelo braço do monarcha aos cortezãos que a esperavam á sahida para a motejarem e são obrigados a curvarem-lhe a cabeça, mas não sem ficar compromettida no conceito do homem que ama. Este lance soube desempenhal-o a sr.ª Emilia com grande energia, conservando-se á altura da dignidade que reclamava o seu papel, sem baixar a explicações que não podiam acceitar-se, e fazendo constituir o seu amor na mais illimitada prova de confiança que saberia dar a respeito do homem que verdadeiramente amava, se aos seus olhos o acaso o fizesse parecer culpado.

«No quarto acto, desfigurada pelas bexigas, sente todo o desespero da mulher que já não póde prender pelos dotes da belleza o coração do homem para quem não ha um unico pensamento que lhe não seja votado. O desgosto, as lagrimas, a afflicção e o impeto com que a sr.ª Emilia arremessa para

longe de si o espelho em que contempla, depois da enfermidade lhe roubar os encantos, são tudo commoções e transportes em que o seu genio se manifesta vigoroso e deslumbrante.

«E quando o desespero começa a dominar aquelle grande espirito que se amofina, vendo-se pobre de merecimentos para readquirir o amor desvanecido que o seu coração tem necessidade de sentir, agora inflammado para arder na mesma chamma, é bello o momento em que a actriz, possuida de um unico empenho, renuncía á mão de um monarcha, deixa sem pesar a ostentação de princeza, o seu nome, os seus haveres, tudo, para se entregar á arte que ha de conquistar-lhe a gloria, que dá o prestigio, a belleza e a adoração.

«Inspirada por este nobre sentimento, passa de princeza a rainha da scena, e a sublimidade do seu genio attrae-lhe na representação em Versailles as ovações da côrte. O homem que ella ama é um dos espectadores, e os triumphos e a similhança da artista com a princeza, conseguem despertar-lhe a saudade e a recordação do antigo amor. A arte tem já quasi realisada a conquista, mas a desillusão vem destruir os seus effeitos, e o conde é obrigado a deixar a França.

«A sr.ª Emilia é então sublime, quando ao sahir da scena, as palmas e os bravos a acclamam com enthusiasmo; mas que lhe importa este ruido festivo que deve ensoberbecer o coração da actriz, sentindo as vozes do publico responderem aos anceios da sua alma, se o ente por quem o seu genio se irradiára, não está já alli para participar dos grandes affectos e commoções! A lucta do amor com a victoria dos applausos, é maravilhosa, e n'esse lance provou a distincta actriz mais uma vez a immensa vastidão dos seus portentosos recursos.

«No ultimo acto, ao ensaio da *Sapho*, esperando desenganar o conde de que é a verdadeira princeza Gabriella, que se tornou celebre para lhe não parecer menos bella, declama a parte com todo o vigor da tragedia, é imperiosa no gesto e sublime nas attitudes magestosas; ahi, foi como Ristori, imponente e divina. Nos instantes finaes, já nos braços do amante, exhala n'uma doce agonia o derradeiro adeus.

«A sr.ª Emilia das Neves foi em toda a peça a creatura magnifica que o auctor desenleou com a maior firmeza.»

Quem viu representar Emilia das Neves, quem a admirou em variadissimos papeis, sabe que todas estas palavras de louvor são nada em comparação do muito que valia aquelle talento brilhante, aquelle genio sublime.

5

1871 — Nasce em Belem **Pedro Pinto.**

Tem collaborado em varios jornaes de Lisboa e provincias e foi um dos fundadores do quinzenario litterario, musical e de theatros, *O Encanto*, que teve tres annos de existencia e foi substituido por outra folha do mesmo genero, *Gil Braz*, de que **Pedro Pinto** é tambem redactor. Dirigiu egualmente o *Almanach do Encanto*, publicado em 1897 e 1898, onde muito fallou de gente de theatro.

Pedro Pinto é empregado na Caixa Geral de Depositos.

Tem escripto algumas comedias e dramas e principalmente monologos e cançonetas. D'estes estão muitos publicados.

É tambem critico theatral e tem feito muitas biographias artisticas. São da sua lavra algumas ephemerides theatraes, publicadas nos jornaes *O Encanto* e *Palcos e Letras.*

7

1851 — Nasce na Parahyba do Sul, antiga provincia do Rio de Janeiro, **Antonio Soares de Sousa Junior**.

De 1869 a 1871 estudou na Escola Central do Rio de Janeiro. Voltou depois á terra da sua naturalidade, onde fundou o jornal *O Agricultor*. Depois d'este terminar, collaborou no *Eleitor* e na *Republica.*

Occupou varios cargos de eleição popular e cultivou diversos ramos de litteratura. Ha alguns volumes seus publicados, entre elles: *O Pandego, O bom do sr. Leitão, Contos jocosos* e o livro de poesias *Alma negra.*

Para o theatro muito trabalhou **Soares de Sousa**. É seu o drama *Sete peccados*, a comedia *Um par de galhetas*, o arranjo da peça *Viagem aos Pyrineos*, as magicas *Frei Satanaz* e *Diabo côxo* e ainda outras que deram centenares de representações.

Soares de Sousa dirigiu por alguns annos a empreza da actriz Ismenia, dando ao seu theatro grandes interesses e muito esplendor. A morte do infatigavel escriptor foi uma fatalidade para a distincta actriz, que desde logo cahiu em grande decadencia.

10

1849 — Nasce no Maranhão o distincto escriptor **José Antonio de Freitas**.

Veiu para Lisboa, ainda creança, estudando preparatorios na Escola Academica. Concluiu o curso de artilheria da Escola Polytechnica e o Curso Superior de Lettras. Emquanto frequentou as escolas superiores, exerceu o magisterio, ensinando latinidade, mathematica e introducção á historia natural na Escola Academica.

Tem publicado livros valiosissimos como o *Lyrismo Brazileiro*, primeiro volume de estudos criticos sobre a litteratura do Brazil; *A razão na guerra*, critica da evolução historica do direito das gentes; *As pretensões argentinas*, serie de estudos sobre a questão de limites do Brazil com a Republica Argentina, publicada com outros estudos do Barão de Capanema.

José Antonio de Freitas é auctor de muitas composições litterarias e magnificos artigos scientificos, disseminados por diversos jornaes. Entre estes destaca-se uma serie de artigos que, sob a designação de *Sciencia Popularisada*, foi publicada no *Jornal de Domingo*, de que era director Pinheiro Chagas.

Desde 1886 é **José Antonio de Freitas** distincto collaborador effectivo do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, para o qual envia magnificas chronicas politicas, artisticas e litterarias da vida portugueza; e essas chronicas são feitas com tão superior criterio e fina delicadeza, que agradam indistinctamente a brazileiros e portuguezes. Teem ainda o grande merecimento de serem comprehendidas por todos, ao mesmo tempo que satisfazem os mais escrupulosos paladares litterarios. Na collecção preciosa d'essas excellentes chronicas ha soberbos retratos das principaes individualidades contemporaneas, como el-rei Dom Luiz, Camillo Castello Branco, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Anthero do Quental, Antonio Pedro, Sousa Martins, João de Deus, Theophilo Braga, Marianno de Carvalho, Latino Coelho, Manuel Bento de Sousa, Rey Collaço, Guerra Junqueiro, Marquez de Penalva, rainha D. Amelia, Pinheiro Chagas, Francisco Palha, etc.

Quando era ainda estudante, tendo 18 annos de edade, escreveu uns versos para serem cantados com a musica do fado. D'esses versos fez depois a cançoneta *São horas... vou-me raspando*, que o actor Valle cantou innumeras vezes no theatro do Gymnasio.

A pedido do actor Brazão, que bem lhe conhece a competencia, fez uma bella traducção do drama de Alexandre Dumas, *Kean*. Tambem a pedido do mesmo actor traduziu do original inglez e accommodou á scena moderna o *Othello* e o *Hamlet*, de Shakespeare. Todas as tres notaveis peças se conservam no repertorio da empreza Rosas & Brazão.

As traducções completas das duas immortaes tragedias shakespeareanas foram publicadas em volume, precedidas de extensos e magnificos artigos, provocando o estudo sobre o *Hamlet* uma viva e interessante discussão, em que tomaram parte alguns dos mais notaveis escriptores portuguezes, como Pinheiro Chagas, Sousa Monteiro, Oliveira Martins e D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

O consciencioso estudo do caracter de *Hamlet* foi feito por **José Antonio de Freitas** á luz da doutrina de Charcot sobre a hysteria. Tres ou quatro annos depois a sua sempre valiosa opinião foi fortalecida por varios sabios francezes e allemães, que apresentaram estudos, classificando tambem o *Hamlet* como um nevrotico.

A pedido do emprezario Celestino da Silva, **José Antonio de Freitas** traduziu e arranjou admiravelmente as duas comedias

Guerra em tempo de paz e *O Bibliothecario*, que ha annos se conservam no repertorio da empreza Rosas & Brazão, agradando sempre extraordinariamente e dando bellas receitas.

12

1751 — Nasce em Setubal o fecundo e infeliz poeta **Thomaz Antonio dos Santos e Silva.**

Começou a ser educado por seu padrinho, cursando em Setubal os estudos primarios e secundarios, de chimica e pharmacia, com destino a seguir os de medicina na Universidade de Coimbra; mas, tendo fallecido o seu protector, para obter os meios de subsistencia, entrou como official de uma botica na sua terra è alli esteve por alguns annos, até que, tendo soffrido um enorme desgosto com a morte da mulher com quem estava para casar, veiu para Lisboa em 1781.

Entrou como official de uma botica a S. Paulo, mas sendo muito versado nas linguas latina, italiana, franceza e ingleza, abriu uma aula particular, ao mesmo tempo que fazia peças em prosa e verso, para o theatro do Salitre. Foi socio da Nova Arcadia com o nome de Thomino Sadino. Alguns annos mais tarde, atacado de uma horrivel ophtalmia e não tendo meios de tratar-se convenientemente, a 17 de dezembro de 1798 entrou para o hospital de S. José. D'ahi sahiu completamente cego. N'esta tristissima situação ainda viveu 17 annos resignado e distrahindo-se do seu infortunio compondo diversas poesias.

Morreu a 19 de janeiro de 1816.

Publicou varios poemas, satyras, odes, eclogas e poesias diversas.

Para o theatro escreveu: *El-rei D. Sebastião em Africa*, tragedia, talvez o seu melhor trabalho; *Viriato e Osmia*, outra tragedia; os dramas: *D. Nuno Alvares Pereira, A Conquista de Ceuta, A Restauração de Pernambuco, A Madrasta, Egas Moniz, Vasco da Gama* e *A virtude laureada*; as comedias: *O Ministro syndicante, O inimigo das mulheres, Os irmãos rivaes* e *O magico em a locanda.*

Traduziu do francez *O Emprezario de Marselha, A Condessa de Gyvry* e *O Matrimonio em mascara.* Do inglez tambem traduziu o *Catão* de Adisson, *Vingança, Busiris* e *Os Irmãos* de Young; *Eduardo e Leonor* de Thompson.

Escreveu tambem: *Ao muito respeitavel publico, prefação para recitar-se sobre a scena em a noute que se destinar ao meio-beneficio de Thomaz Antonio dos Santos e Silva.*

14

1848 — Nasce em Lisboa o illustre publicista **Silva Pinto.**

Talento de primeira ordem, escriptor puro e notabilissimo, tem por vezes sido accusado de *azedo* nos seus escriptos e no seu trato. Leiam-se as primeiras paginas da publicação que elle intentou com o titulo *Noites de Vigilia* e diga-se depois se outro qualquer nas suas circumstancias, em vez de um *azedo*, não seria um criminoso.

Siva Pinto é principalmente um caracter. Com o seu talento superior, com a sua penna de oiro, poderia estar disfructando uma elevada posição social e todos os confortos. Tem um modestissimo emprego, em que presta relevantissimos serviços, e quasi lhe não dão com que mate a fome!

Que mal conhecem **Silva Pinto** os que o olham como um *azedo* e nada mais! Leiam-se as paginas a que me referi e alli se descobre um coração dulcissimo para a sua boa *velhinha* para o seu querido Marius! Se estes teem sido os unicos verdadeiramente bons para elle! Procurem-n'o nas suas occupações de sub-director da Casa de Correcção e admirem aquella grande alma para abrigar e proteger as infelizes creanças que o destino e a crueldade para alli atiraram!

Tenho por **Silva Pinto** todo o respeito que se deve aos honestos e aos talentos superiores. Não terá elle por vezes errado nas suas opiniões, nos seus escriptos? Quem o duvida? Nem elle proprio. A in-

tenção das suas palavras é que é sempre boa.

No theatro, assumpto d'este livro, tem elle sido accusado de parcial. É possivel que o canto seductor de uma qualquer *sereia*, para não dizer *seresma*, o tenha seduzido a ponto de o obrigar a ver *arte* onde só ha *artificio;* mas o que é tambem verdade, é que nas grandes campanhas, nos grandes combates que elle travou com denodada furia a favor de artistas, combates em que empenhou toda a sua estrategia, toda a sua arte de guerra, essas artistas tinham os nomes gloriosos de Emilia das Neves, Sarah Bernhardt e Lucinda Simões.

Silva Pinto tem sido cognominado de discipulo amado de Camillo Castello Branco. Nada poderia ser mais honroso para elle. Era difficil ser amado por Camillo, esse espirito superior, que tanto conhecia as miserias do mundo e que tanto despreso tinha pela maioria das creaturas. Se elle, como é certo, tanto amou **Silva Pinto,** foi porque o comprehendeu, porque viu n'elle uma alma capaz de comprehender a sua.

Discipulo de Camillo é sem duvida **Silva Pinto,** porque ainda não vi penna que mais egualasse a d'elle na vernaculidade da phrase, na pureza do estylo, na elegancia da fórma, na indole do talento, na gala dos escriptos, na correcção das figuras, no véo de tristeza provocada pelas privações e desalentos do começo da vida, finalmente na energia para lançar mão do azorrague com que fustiga os seus detractores. Estes hão de acabar como os de Camillo; a plebe dos insultadores, na phrase eloquente de Rebello da Silva, ha de tornar-se em sequito do triumphador.

Tem uma importantissima bagagem litteraria **Silva Pinto**; nada menos de quarenta volumes a attestarem o seu logar proeminente nas lettras.

A justificação, que muito me apraz, da sua entrada n'este livro é attestada pelos seus trabalhos de muito valor que vou citar: *Emilia das Neves e o Theatro Portuguez,* opusculo que já conta duas edições, *Os homens de Roma,* drama representado no Porto, *Do realismo na Arte,* livro que vae na terceira edição, *O Padre Gabriel,* drama representado no Porto e Lisboa.

8

1867 — Morre em Lisboa a formosa e intelligente actriz **Margarida Clementina,** da qual fallei na data de 28 de setembro.

19

1773 — Nasce em Elvas **José Joaquim Bordalo.**

Foi durante muitos annos professor de instrucção primaria em Lisboa. Valeram-lhe a troça da critica duas obras que publicou: *Collecção de cinco novellas, em cada uma das quaes se não admitte uma lettra vogal* e *Collecção de novas cartas alphabeticas e vocabularios para guia completa dos meninos e meninas.* Este ultimo inculcava quasi demencia, pois que tinha perto de 80 annos quando o escreveu; o primeiro era pueril e nem sequer apresentava originalidade, pois que já em 1641 o portuguez Affonso de Alcalá e Herrera publicára em castelhano uma obra com este titulo: *Varios effectos de Amor en cinco Novellas exemplares y nuevo artificio de escrivir prosas y versos sin una de las cinco letras vocales.*

Parece que no theatro foi **José Joaquim Bordalo** mais feliz, porque, além de varias farças em prosa, escreveu a tragedia em verso *Jesualdo,* que foi louvada pela Academia Real das Sciencias, a comedia, tambem em verso, *Amizade, rectidão, e constancia* e o drama, egualmente em verso, *A protecção de Venus,* facto historico dedicado ao anniversario da restauração de Portugal.

1872 — Parte pela primeira vez para o Brazil a actriz **Lucinda Simões,** acompanhada por seu pae, o actor Simões.

20

1844 — Morre em Lisboa **Pedro Alexandre Cavroé.**

Aqui nascera em 1776, filho de um fabricante de moveis francez, que esteve estabelecido no largo do Calhariz. Apesar de

destinado a seguir a profissão de seu pae, teve uma regular educação, chegando a ter o curso de preparatorios.

Por ser sectario das doutrinas liberaes, teve de emigrar para o Brazil em 1828. Regressou a Portugal alguns annos depois e foi nomeado demonstrador do Conservatorio de Artes e Officios. Morreu em consequencia da fractura de uma perna na região superior da côxa.

Além de muitas outras peças, representadas nos theatros publicos, escreveu as seguintes: *O Zeloso de 1810* (1.ª e 2.ª parte), *A Batalha do Salado*, *A Tomada da Figueira*, *Santa Catharina*, *Adela de Val de Taro*, *Sinval e Mathilde*, *Verdadeira mãe*, etc.

29

1839 — Data do nascimento do distincto actor brazileiro **Francisco Corrêa Vasques**. Já d'elle fallei largamente no logar competente, apresentando tambem o seu retrato. Quero apenas agora accrescentar ás suas producções dramaticas, que então indiquei, as seguintes: *O sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar*, scena comica, *O Vasques em Machambomba*, comedia em 1 acto, *O fim do anno*, scena comica, *O Zé Pereira carnavalesco*, scena comica, *Viagem á roda do mundo a pé*, scena comica, *Amor em liquidação*, scena comica, *Ahi! cara dura!*, novella comica, *Dá cá tabaco, compadre!*, scena comica, *Os capoeiras*, oportunidade comica, *Imperador e republica*, episodio comico.

MAIO

1

1839 — Nasce o illustre artista e distincto escriptor **Manuel de Macedo**.

Melhor, e muito melhor do que eu poderia fazel-o, dou informações suas, publicando a auto-biographia que me enviou em resposta aos meus instantes pedidos de apontamentos para este livro, em que elle não podia deixar de apparecer honrosisissimamente.

Segue a sua apreciabilissima carta, que muito e muito agradeço, em meu nome e dos leitores:

«Lisboa, 14 de outubro, 98.— Meu caro Sousa Bastos.

«Ahi vae finalmente o meu aranzel auto-biographico.— Demorei-o, por não me ser coisa facil recopilar os factos geraes de carreira em extremo complexa, e que já vae longa como a bréca, accrescentando ainda a difficuldade o eu ter sido sempre renitente á excessiva publicidade — desadoro o reclamo — sou dos velhos — artista intrincheirado por detraz da obra — e sêbo para as saturnaes de palhaços a saccudirem chocalhos e guizos nos degraus da barraca, na feira.— Quanto a retrato, não tenho; durante o meu periodo de desenhista, não me mordeu a pulga — desenhei o retrato de toda a gente — creio eu, á excepção do proprio — mas, que quer? você não tem sabido de cosinheiros que teem horror ao cheiro dos môlhos, e que, quando lhes dá a fóme, jantam fructa? — ora ahi está. Sem mais preambulo, ahi vae a folha corrida:

«— Nasci em maio de 39 — de estirpe illustre, succedendo-me o mesmo que succedeu a tanto herdeiro de casa antiga, desde 35 até hoje; um bello dia, achei-me sem um real. Não podendo, portanto, completar carreira, aos 19 annos, resolvi obedecer á vocação, o que fiz, incondicionalmente — dediquei-me ao desenho — de que já tinha principios, mediante lições de professores estrangeiros. Recebido no atelier de Annunciação, alli estudei cêrca de um anno, 1857 a 1858, epoca em que fui para o Porto, onde muito devi aos conselhos e lições de Rezende, Correias, Pinto da Costa, e de A. Howell, distincto aguarelista inglez, e meu prezado amigo. — Vivi (milagrosamente) durante dois annos, residindo na Foz n'uma especie de casa de pescador, vendendo, a estrangeiros principalmente, albuns de desenhos humoristicos, quadros de costumes populares do norte, n'essa epoca ainda muito pouco adulterados, etc., etc.

«Em 61 vim para Coimbra, onde residi dois annos, continuando a estudar confor-

me podia,—e onde me estreiei como pintor de theatro, nos theatros de D. Luiz e Academico.— Em 64, já estava em Lisboa, em companhia de meu irmão Henrique, hoje Conde de Macedo, e onde poucos mezes depois da minha chegada, appareci a publico (é um modo de dizer) na qualidade de *scenographo* (vá lá este barbarismo) nas magicas de Eduardo Garrido.

«Juntei-me ao grupo de *scenographos* portuguezes—Rocha, Villela, e, eventualmente, Lima, e a minha entrada na profissão teve sua utilidade: muito aprendi com os collegas, bons praticos, sob o ponto de vista technico; consegui tambem encaminhar a Arte scenica, (no sentido mais largo, abrangendo trajes, accessorios, etc.), para terreno mais artistico, attendendo-se mais á côr local, verdade historica, effeito pitoresco, etc.

«Pintei decorações theatraes durante nove annos, em Lisboa, Porto, etc.— preparei, por iniciativa de Santos Pitôrra, espectaculos completos, no Principe Real e D. Maria (taes como *João Carteiro*, *Abysmo*, *Patria)* e, nas horas vagas, lá ia cedendo á veneta de desenhador humorista, circumstancia que deu em resultado, em 1874, anno em que se operou um renascimento da publicação illustrada, eu resolver-me a abandonar o theatro, aborrecido por varios desastres pecuniarios, e dedicar-me á illustração. Metti-me em bôa, não tenha duvida ! — Saltei da certã para o fogo — Larguei uma profissão em que é tradicional a faina, para adoptar outra em que se trabalha para ali sem destino — á mercê das exigencias da publicação.— A quantidade de bonecos que eu produzi — afigura-se-me, hoje, fabulosa.

«— Ia-me custando caro — uma doença dos olhos, assaz grave e demorada, obrigou-me a parár no caminho — e... por causa da tal historia de bens de sacristão — etc. e tal, acceitei o logar de conservador do Museu nacional de Bellas Artes, quando este abriu, e, d'ali a dois annos, tendo o conselheiro Navarro ampliado o ensino do Instituto Industrial de Lisboa, houve por bem prover-me na cadeira de desenho do mesmo Instituto.

«Continuei ainda a desenhar para o publico durante alguns annos, occupando-me, eventualmente de desenhos e projectos para espectaculos theatraes, fornecendo indicações e figurinos a actores, etc., e data d'essa época a veneta (bôa ou má, os outros o dirão) de substituir a penna ao lapis, vulgarisando assumptos relativos ás Artes: collaborei na Bibliotheca do Povo e das Escolas, publicando livros—5 ou 6—sobre desenho, pintura, armaria, artes scenicas, etc., etc., e recentemente a *Arte para todos* — tentativa de orientação de *esthetica pratica*. Collaborei na bella revista *Arte portugueza*, com artigos n'este sentido, collaboro ainda no *Occidente*, vulgarisando assumptos de Arte pratica, e transladando obras escolhidas das litteraturas ingleza e allemã. Algumas tenho traduzido e accommodado para o theatro, já só, já de collaboração com Maximiliano de Azevedo e Freitas Branco (dois sãos e solidos) e... continuar-se-ha emquanto houver folego, e me durar outra veneta: a de me insurgir contra o predominio incondicional quanto insensato, de esthetica franceza, gôsto francez, ideias francezas, em tudo que se produz e se apresenta ao publico portuguez, com grave prejuizo do cerebro dos infelizes aggremiados em torno da bandeira azul e branca, que nem a propria lingua já falam em termos, expressando-se as mais das vezes em *galli-parla*, essa irmã mais nova do *pigeon-english*, dos caes de Cantão e Shanghai.— Não havendo mais assumptos a tratar, está levantada a sessão, como se diz em *Frigideiroland*.

«E agora, adeus, até á vista.— Am.º velho e sempre obg.º

Manuel de Macedo.

«*PS.*— O meu pseudonymo litterario é (hoje) *Pin-Sel.* Até ha 4 annos, adoptára o de *Spectator*.»

Manuel Macedo foi modestissimo na sua exposição. O theatro deve-lhe importantissimos serviços. Basta dizer-se que os poucos dos nossos artistas, que estudam deveras e que teem desejos de acertar, o consultam sempre com grande proveito. **Manuel Macedo** sabe de theatro e de arte, como poucos entre nós.

2

1865—Primeira representação, no theatro de D. Maria, em beneficio do actor Rosa (pae), da comedia em 5 actos, **Os Hypocritas**, traduzida por Pedro Vidoeira.

3

1862 — Nasce **Cruz Moreira (Caracoles)**.

É essencialmente um jornalista humoristico. Começou demonstrando-o na *Folha do Povo*, na secção *Ridiculos*, feita em prosa e verso. Durante dez annos, dia a dia, todos os assumptos politicos, litterarios e artisticos, alli foram tratados com uma pasmosa fecundidade e com uma *verve* que ainda não encontrou egual. Muitos e muitos leitores tinham nos *Ridiculos* do **Caracoles** o seu mais apetitoso pratinho.

Collaborou tambem na *Tarde* e creou dois jornaes satyricos, *Os Ridiculos* e o *Petiz-Jornal*, que foram tambem muito apreciados.

Creio que pelo seu systema de escrever rapidamente e sobre o joelho, não tem trabalhado mais para o theatro, onde apenas lhe conhecemos uma cançoneta que foi cantada pela actriz Cinira Polonio e a collaboração com Ernesto Desforges na revista *Lisboa em camisa*, que se representou sem exito no theatro da Avenida.

As suas criticas theatraes, algumas das quaes bastantes engraçadas, são prejudicadas muitas vezes por serem escriptas ao sabor das suas paixões.

10

1858 — Nasce em Lyon o distincto actor francez **Huguenet**.

É actualmente um dos artistas mais queridos de Paris, um dos que estão na moda. Tem feito, desde 1876, uma bella carreira nos theatros: Menus-Plaisirs, Renaissance, Palais-Royal, Bouffes Parisiens, Gymnase e por ultimo no Vaudeville.

Tem no seu repertorio peças em que alcançou grande exito, como são: *Torre de Nesle*, *Mulher de Narciso*, *Brilhante Achilles*, *Veglione*, *Mademoiselle Carabin*, *Forasteiros*, *O rapto da Toledad*, *Duqueza de Ferrara*, *Miss Helyett*, *Villa Gaby*, *Divorciemo-nos*, *Marido da Debutante*, *Carreira* e ultimamente a *Pamela*.

19

1876 — Nasce em Lagos o talentoso poeta **Julio Dantas**.

É filho do poeta e jorlista Casimiro Dantas. Cursa actualmente o 5.º anno de medicina na Escola de Lisboa.

Os seus versos são primorosos, como o demonstrou no livro *Nada*, que, com prefacio de Lopes de Mendonça, foi publicado em 1896 e na brilhante satyra em resposta a Fernandes Costa, *Auto da Rainha Claudia*, publicada em 1897.

Em collaboração com Manuel Penteado, publicou tambem em 1897, um bello volume de contos, intitulado *Doentes*.

Tem publicado artigos nas *Novidades*, *Correio da Manhã* e *Renascença*.

Para o theatro traduziu, egualmente com Manuel Penteado, a notavel peça de Rostand, *Cyrano de Bergerac*.

Concluiu um drama em 4 actos, passado no seculo XIII, com o titulo *O que morreu d'amor*, que deve ser ainda n'esta epocha representado no theatro D. Amelia, pela companhia Rosas & Brazão. Está despertando curiosidade esta representação.

Muito ha a esperar do brilhantissimo talento de **Julio Dantas**.

26

1866—Representa-se pela primeira vez, no theatro de D. Maria, em beneficio da actriz Gertrudes Rita da Silva, a notavel comedia de Dumas (filho), *Demi-monde*, traduzida com o titulo **Posições equivocas** pelo antigo ensaiador do mesmo theatro, Pinto Carneiro.

27

1854 — Nasce no Porto o actor **Antonio Marques.**

Fez-se actor no Brazil, estando actualmente na companhia Dias Braga. É artista de utilidade.

1871 — Embarca para o Rio de Janeiro o grande actor **Taborda**, que regressou a 10 de setembro do mesmo anno.

28

1888 — Estreia-se no Rio de Janeiro a actriz **Amelia Lopiccolo**, da qual fallarei adeante, na data do seu nascimento, a 24 de setembro.

JUNHO

5

1864—Representa-se pela primeira vez, no theatro de D. Maria, em beneficio do actor Theodorico, o drama em 4 actos, **Pobreza dourada**, orignal de Ernestos Biester. A peça agradou mediocremente.

7

1865—Representa-se pela primeira vez, no theatro de D. Maria, em beneficio da actriz Emilia Adelaide, a comedia em 5 actos, **Os primeiros amores de Bocage**, original de José da Silva Mendes Leal Junior. Apesar de ser um dos melhores trabalhos do illustre dramaturgo, a peça não teve exito, para o que decerto não concorreu o desempenho, que foi magnifico, especialmente por parte de Santos e Rosa (pae).

11

1867 — Por decreto d'esta data é agraciado com o grau de cavalleiro da ordem de S. Thiago o distincto actor **Rosa (pae).**

18

1844 — Morre em Lisboa **Vicente Pedro Nolasco da Cunha.**

Nasceu nas Caldas da Rainha em 1773. Foi bacharel em medicina e philosophia pela Universidade de Coimbra. Poeta estimado e erudito escriptor, deixou grande numero de obras, entre as quaes, as seguintes de theatro: *O triumpho da Natureza*, tragedia, que depois foi reimpressa com o titulo de *Cora ou o Triumpho da Natureza*, *A rainha de Corintho*, tragedia, *A tomada de Lisboa por Affonso Henriques*, melodrama, e as traducções das seguintes peças: *Morte de Cesar*, de Shakespeare, *Andromacha*, *Phedra*, de Racine, *Electra*, de Crebillon, *Os Bandidos* e *Intriga e amor*, de Schiller.

1875—Morre em Lisboa o grande poeta e illustre interprete de Molière, o **VISCONDE DE CASTILHO**, do qual fallei na data do seu nascimento, a 26 de janeiro.

19

1893 — Morre no Porto a actriz **Dores Aço.**

Era irmã da actriz Thereza Aço, de quem fallei na data de 18 de maio e esposa do distincto actor José Ricardo, de quem tambem tratei a 9 de fevereiro.

Dores Aço nascera em Silves, no Algarve, em 1866 e viera para Lisboa quando sua irmã e seu cunhado, o actor Taveira, vieram contractados para o theatro de D. Maria. Com elles seguiu para o Porto e alli se estreiou auspiciosamente, no theatro Baquet, em 1885, na peça traduzida por Borges d'Avellar, *O Cardeal Dubois.*

Ficou desde esse momento sendo a ingenua do theatro Baquet. Tinha uma bella e sympathica physionomia. figura elegante e todos os attractivos para o genero que cultivava.

Em 1888 foi aos Açores, n'uma companhia organisada por seu cunhado Taveira, agradando ahi immensamente no *Kean*, *Medico das creanças*, *Mademoiselle de la Seigliere*, *Cabo Simão* e n'outras peças.

Ao fim de dez mezes voltou para o theatro Baquet, do Porto, tornando-se ahi no-

tavel o seu desempenho da *ingleza* na comedia *Tres mulheres para um marido* e da *ingenua* no drama *A Martyr*.

Fazendo seu cunhado Taveira empreza no antigo theatro dos Rereios, hoje D. Affonso, para ahi passou.

Tendo todos os theatros do Porto fechado as suas portas por occasião do incendio do theatro Baquet, seguiu com a companhia novamente para os Açores. Ahi augmentou o seu successo nas *ingenuas* do *Paralytico, Martyr da victoria, Honra por honra, Milhões do criminoso, Morgadinha de Valflor*, etc.

Na volta ao Porto, entrou para a empreza Alves Rente, no theatro do Principe Real. Por essa occasião casou com o actor José Ricardo.

Tendo a companhia d'esse theatro vindo a Lisboa, em 1892, dar alguns espectaculos no Real Colyseu, sua irmã Thereza Aço soffreu aqui uma melindrosissima operação, de que foi victima. **Dores**, que estremecia essa irmã, que para ella fôra tambem mãe, apaixonou-se de tal fórma, que nunca mais teve alegria nem saude. Viveu apenas um anno, atormentada pelos horriveis soffrimentos de uma tisica mesentherica. Foi sepultada no Porto no mesmo jazigo de sua irmã. Era modelo de honestidade e bondade e muito promettia no theatro.

22

1878 — Nasce no Rio de Janeiro o actor **Olympio Nogueira**.

Nunca o vi trabalhar, nem tenho a seu respeito outras informações que não sejam as de pertencer actualmente á companhia Dias Braga, que está funccionando no theatro de Variedades, do Rio de Janeiro.

26

1888 — Morre o distincto jornalista e dramaturgo brazileiro **Arthur Rocha**.

Era natural do Rio Grande do Sul e foi empregado publico. Tinha um bello talento poetico e jornalistico. Redigiu por muitos annos a importante folha rio-grandense *O Artista*.

Para o theatro escreveu os seguintes dramas: *O Filho bastardo, O Anjo do sacrificio, José, Os filhos da viuva, Deus e a natureza, A filha da escrava* e *Luctar é vencer;* as comedias *O Distrahido* e *Por causa de uma camelia* e o vaudeville *Não faças aos outros...*

30

1825 — Nasce em Houdain o distincto compositor francez **Hervé**.

Luiz Florimundo Ronger, conhecido por **Hervé**, foi para Paris ainda muito novo, tomando o logar de menino do côro em S. Roque, onde aprendeu musica e orgão.

Contractou-se como actor no theatro Montmartre, e foi ahi que tomou o nome de **Hervé**. Foi para esse theatro que elle escreveu a sua primeira peça, palavras e musica. A peça foi destinada para o beneficio do seu collega Desiré, que era baixo e gordo. Como **Hervé** era alto e magro, deu á sua composição o titulo *D. Quichote e Sancho Pança*.

Adolpho Adam, que dirigia então a Opera Nacional, no boulevard do Templo, foi ouvir **Hervé** e contractou-o para o seu theatro, onde se estreiou no *D. Quichote*, fazendo José Kelm o *Sancho Pança*. A peça teve alli um successo louco.

Contractado para o Palais-Royal como director d'orchestra, deixou o seu logar de organista de Santo Eustaquio e abandonou completamente a egreja pelo theatro. **Hervé** compôz ahi as operetas *Parsiflor e Cactus, O dente do sizo* e outras. Escreveu grande numero de vaudevilles com palavras de Labiche, Thibaut, Barrière, Decourcelle, Dumanoir, Clairville, etc.

Em 1853 **Hervé** deixou o Palais-Royal para tomar a direcção das Folies-Concertantes, a que mais tarde deu o nome de Folies-Nouvelles. Ahi **Hervé** deu curso a toda a sua phantasia, escrevendo varias operetas de successo. Em 1861 passou para chefe da orchestra dos Délassements-Comiques; ahi se deram novas composições

suas. Em 1863 compôz para as Variedades a musica do *Tocador de flauta* e passou a ser chefe de orchestra do Eldorado com o vencimento de 1:200 francos mensaes.

Depois d'esta epocha fez as suas peças de grande exito: *Œil crevé, Table ronde, Chilpéric, Petit Faust, Turcs, Veuve de Malabar, Mére des Compagnons, Marquise des rues, Panurge, Lili, Femme á Papa, Mam'zelle Nitouche, Gavroche,* etc.

Foi depois em Londres chefe d'orchestra do Empire-Théatre. Quando regressou a Paris fez cantar varias peças suas, que não tiveram o exito que elle esperava, o que lhe deu um grande desgosto.

Hervé, que havia muito tempo padecia de ataques de asthma, cahiu gravemente enfermo em outubro de 1892 e morreu em Paris a 4 de novembro d'esse anno. Trabalhou emquanto poude. Deixou grande espolio artistico.

JULHO

3

1872—Nasce o actor **Antonio Gomes**, do qual já fallei na secção *Alphabeticamente*, a paginas 638.

Foi empregado no commercio. Entrou depois como figurante para o theatro do Principe Real. N'uma *reprise* do drama *Mil Trovões* fez um pequenino papel em que agradou e por isso lhe foram dando outros, até que foi contractado pela sociedade artistica que funccionava no theatro D. Amelia, seguindo depois com ella para a Trindade e por fim para a Rua dos Condes. Ultimamente tem sido, n'este theatro, contractado do actor Valle, com o qual continúa. Como disse n'outro logar, é este um dos artistas novos mais uteis.

4

1731—Nasce em Lisboa, na freguezia de Santa Catharina, um dos mais notaveis cultores das letras no seculo XVIII, o distinctissimo poeta **Antonio Diniz da Cruz e Silva**, conhecido na Arcadia por *Elpino Nonacriense*.

Era cavalleiro professo da Ordem de S. Bento de Avis e formado em direito pela Universidade de Coimbra. Seguiu a carreira da magistratura, chegando a chanceller da Relação do Rio de Janeiro, onde morreu em 1800.

Formam 6 volumes as suas *Poesias*. O seu poema heroi-comico *O Hyssope* deu-lhe a maior nomeada. D'elle disse Garrett *que era o mais perfeito poema do seu genero que ainda se compôz em lingua nenhuma!*

O logar de *Elpino Nonacriense* n'este livro é-lhe marcado pela sua comedia original *O Falso heroismo* e pela traducção da tragedia *Iphigenia em Tauride.*

9

1763—Nasce na freguezia de S. Thomé de Canellas, districto de Aveiro, o distincto poeta **Francisco Joaquim Bingre**.

Foi um dos fundadores da Nova Arcadia, onde tomou o nome de *Francelio Vouguense*.

Deixou obras poeticas de grande valor, especialmente odes, sonetos, epigrammas, elegias, epistolas, etc.

Para o theatro escreveu o *Drama allegorico,* que se representou no theatro do Salitre a 13 de novembro de 1801.

Morreu a 26 de março de 1856, tendo quasi 93 annos de edade.

20

1850—Reabertura do **Theatro D. Fernando** com a opera comica *Barcarola.* A antiga companhia fôra reforçada com os artistas: Persolli, Luiza, Lisboa, Rorick, Sargedas, Faria e Simões.

25

1836—Nasce **Marianno Cyrillo de Carvalho.**

É sobejamente conhecido o notabilissimo jornalista, o habil politico, para que me demore a biographal-o. Tem admiradores sinceros e enthusiastas, da mesma fórma que tem quem o

deteste. Acontece isto á maioria dos politicos da nossa terra. O que ninguem lhe póde negar é um talento vigorosissimo e superiores faculdades de estadista e de escriptor. A sua apreciação tem sido feita quasi sempre apaixonadamente; mais tarde ha de fazer-se-lhe a justiça que merece.

O seu logar n'este livro é apenas indicado pela magnifica traducção que fez do italiano da engraçadissima comedia a que deu o titulo de *Bola de sabão* e que foi representada innumeras vezes no Gymnasio com grande exito.

1859—Nasce no Rio de Janeiro o auctor-actor **Moreira de Vasconcellos.**

Frequentou os collegios Victorio e Pedro II. Foi depois amador dramatico distincto. Estreiou-se como actor em Itaborahy. Começou tambem logo escrevendo, sendo a sua primeira peça, *O Inundado*, representada com muito agrado no theatro de D. Luiz. Era a peça em 1 acto e allusiva ás inundações de 1877 em Portugal.

Ha já annos que é director de companhias, tendo percorrido com ellas quasi todo o Brazil. De pequenos elementos tira grande partido, sendo um apaixonado da *réclame.*

Tem habilidade levada a este ponto: escreveu d'uma vez em S. Paulo uma revista para ser alli representada com o titulo *A Paulicea.* Essa peça, com algumas alterações, dá elle na capital de qualquer estado a que chega com a sua companhia, mudando-lhe o titulo para outro que interesse á localidade; assim a *Paulicea* de S. Paulo, é no Paraná *Os Revoltosos,* no Pará e Amazonas *Amapá,* em Pernambuco *O Lamarão,* em Santa Catharina *Florianopolis em camisa* e ainda depois *Ribeirão Preto.*

No theatro do Principe Real, de Lisboa, representou-se a sua peça *Os Portuguezes em Africa,* que cahiu redondamente.

Nos diversos estados teem sido, entre outras que seria longo enumerar, representadas com agrado as suas seguintes peças: *Um quadro de casados, O mulato, Um diabrete de 9 annos, Néné, Honra na miseria, A filha do marinheiro, Joanna Ferraz, A sombra de Magdalena, Liberaes e conservadores, A festa de Congonhas, Tira-dentes, Os comicos na roça, Jack o estripador, D. Ignez de Castro, A irmã de caridade,* etc.

AGOSTO

4

1521—Por occasião do consorcio da Infanta D. Beatriz com o Duque de Saboya, e na vespera do embarque da Infanta, se representou n'um serão, em uma sala do Paço, armada de tapeçarias d'oiro, a tragi-comedia **As Côrtes de Jupiter,** de Gil Vicente, expressamente escripta para esta festa.

6

1863—Morre a pequena actriz **Barbara da Conceição,** irmã da actriz Emilia dos Anjos. Era muito galante e talentosa. Foi festejadissima representando com o actor Eduardo, que falleceu pouco depois, os entreactos de Alcantara Chaves, *Querem ser artistas* e *Mudança de posição.*

15

1838—Representa-se pela primeira vez no velho theatro da Rua dos Condes o drama em 3 actos de Almeida Garrett, **Um auto de Gil Vicente,** para festejar o anniversario natalicio da rainha D. Maria II.

Os artistas que tomaram parte no desempenho foram os seguintes: Victorino, Theodorico (velho), Lisboa, Matta, Theodorico Junior, Vannez, Fidanza, Ventura, Rosa (pae), Farruja, Emilia das Neves, Carlota Talassi, Catharina Talassi e Maria da Luz. Em papeis insignificantes ainda entraram: Tasso, Reis, Vianna, Sargedas, Marianna Trindade e Guilhermina Trindade.

Foi n'esta peça que se estreiou Emilia das Neves. O scenario foi todo novo e feito pelo scenographo do theatro de S. Carlos, Palluci.

28

1749—Nasce em Francfort o illustre escriptor allemão **GŒTHE.**

Aos 16 annos entrou para a universidade. Entregou-se com paixão ao estudo das linguas e da litteratura e, além do latim e grego, estudou hebreu para beber na sua origem as bellezas biblicas, e inglez para ler Shakespeare no texto original. Com o francez muito se familiarisára pela convivencia d'officiaes d'aquella nação na casa de seu pae. O seu maior prazer era estudar e comprehender as producções litterarias de todas as linguas, de todas as nações, de todos os climas, e entrever, pelas suas diversidades, uma litteratura universal e humana.

João Wolfgang Gœthe passou tres annos em Leipzig, sempre estudando e o mesmo fez depois mais um anno que passou em Francfort, ao lado de sua familia. Partiu em seguida para Strasburgo, onde redobrou de ardor nos seus estudos litterarios. O seu principal mestre foi Herder.

Nos fins de 1771 voltou ainda a Francfort, onde então se demorou quatro annos, publicando as obras que começaram a dar-lhe reputação. Em 1775, cedendo ás instancias do principe Carlos Augusto, foi residir para Weimar, onde, durante onze annos quasi só produziu librettos d'operas, em consequencia da vida de prazeres e dissipações que levava. Em 1782, além do titulo de membro do Conselho, exerceu as funcções de presidente da Camara. Isto acarretou-lhe desgostos, que o fizeram voltar aos seus trabalhos litterarios. Em 1786 sahiu clandestinamente de Weimar para percorrer a Italia e voltou em 1788. Demittiu-se de alguns cargos para trabalhar com mais desafogo. A epocha mais interessante da vida de **Gœthe** foi a das suas relações com Schiller.

Em Weimar foi **Gœthe** director do theatro da côrte. Era ahi senhor absoluto, com direito de tentar todas as experiencias dramaticas sem preoccupação pelo exito ou pelos resultados financeiros. Tinha pelo publico allemão o mais profundo desprezo e abusava do prestigio do seu nome e da auctoridade do Duque e dos seus soldados para impôr silencio ás manifestações da platéa ou ás opiniões da critica.

Em 1825 um solemne jubileu celebrou o quinquagessimo anniversario da chegada de **Gœthe** a Weimar. Morreu a 22 de março de 1832 na avançada edade de 83 annos.

Para os criticos allemães **Gœthe** representa o realismo na Arte e, como elles dizem, a objectividade na poesia. A sua penna tocou todos os generos litterarios, deixando sempre traços profundos e n'alguns verdadeiros modelos. Assim foi na poesia lyrica, no romance, nas descripções de viagens, e principalmente na litteratura dramatica, em que teem o primeiro logar *Iphigenia em Tauride*, *Torquato Tasso* e *A Filha natural.*

A sua obra immortal, sempre admirada, é o *Fausto* que a critica classifica de toda a phylosophia da natureza traduzida em poesia e o poema encyclopedico da erudição moderna, o digno fructo de oitenta annos de observação, uma maravilha de suprema intelligencia, tratando-se de religião, d'historia e de politica, n'uma palavra, a verdadeira maravilha da sua epocha.

31

1811—Nasce em Tarbes o illustre poeta e critico francez **Theophilo Gautier.**

Tendo ido muito novo para Paris, logo que concluiu os seus estudos no collegio Carlos Magno, entregou-se com mais vontade do que successo á pintura e depois á poesia, abraçando a nova escola romantica e sendo um dos mais acerrimos defensores de Victor Hugo nas luctas a que deu logar a representação das suas peças.

Como escriptor procurou levar o pittoresco aos ultimos limites, e, em prosa ou verso, renovou os processos litterarios da descripção pelos effeitos de coloridos arrancados á theoria das artes plasticas Poeta, romancista ou jornalista, foi um dos chefes da moderna escola da arte pela arte.

Gosando de grande reputação no jornalismo e no meio extranho ás influencias da orthodoxia litteraria, era mal visto nas regiões classicas e a Academia repelliu muitas vezes a sua candidatura, imposta pela opinião.

São primorosos os seus romances e as suas poesias. Para o theatro fez em collaboração algumas peças mediocres, mas alcançou grande successo nos librettos para os bailes: *Giselle, Péri, Gemma* e *Sacountala.*

Theophilo Gautier foi um notavel critico d'arte e folhetinista dramatico na *Revue de Paris, Artiste, Figaro, Presse, Moniteur* e *Journal Officiel.*

Morreu em Neuilly-sur-Seine, a 23 de dezembro de 1872.

SETEMBRO

2

1876 — Inauguração da empreza Oliveira & Lima no **Theatro das Variedades.**

Eram socios Anacleto d'Oliveira, hoje medico, e Fernando de Lima, então actor.

Representou-se pela primeira vez a magica em 3 actos e 14 quadros, arranjada por Joaquim Augusto d'Oliveira, musica de Angelo Frondoni, *A Lenda do rei de Granada.*

O elenco da companhia era o seguinte: Actrizes: Elvira Saldanha, Maria do Carmo, Luiza Candida, Ernestina Duarte, Maria Ferreira, Adelaide Douradinha, Eugenia Moniz e Adelaide Chaves. Actores: Carlos d'Almeida, Julio Rodrigues, Silva *presilhas,* Sergio d'Almeida, Florindo, Victor Torres, Pedro de Sousa, Estevão Moniz e Almeida. Ponto, Alfredo Sette. Ensaiador, Moreira.

7

1877 — Nasce em Penafiel **Joaquim Pereira Grijó.**

Não o conheço, nem sei o que vale como actor, que o é actualmente da companhia Dias Braga no Rio de Janeiro.

8

1833 — Nasce em Lisboa **Miguel Gomes.**

Quando tinha onze annos de edade, era já musico effectivo da Sé, d'onde é hoje reformado.

Em 1847 cantava de dentro dos bastidores, no theatro do Gymnasio, a *chacara* do drama *Fernando ou o Juramento.* Foi depois corista no theatro de S. Carlos.

Tem sido ensaiador de musica e regente de orchestra nos theatros do Gymnasio, Variedades, Principe Real e Trindade.

N'este ultimo ainda hoje é ensaiador de côros, logar que exerce com muita competencia. Dirigiu musicalmente com grande habilidade as operas-comicas *Viagem á China, Georgianas, Falote, Grã-Duqueza,* etc.

1873 — É a data indicada para marcar o nascimento de **Maria Alonso.**

Creio que haverá engano e nasceria um pouco antes; mas em todo o caso é nova. Nasceu em Hespanha, na villa de la Puebla de la Barca, provincia de Alava, bispado de Vitoria.

Foi para o Brazil com uma companhia de zarzuela contractada pelo emprezario Milone, estreiando-se no Rio de Janeiro, no theatro Polytheama, a 20 de dezembro de 1889, na zarzuela *El annillo de hierro* e agradando bastante. Com certeza quando alli se estreiou não tinha apenas 16 annos e por isso duvido da data que me forneceram do seu nascimento.

Desligou-se da companhia de zarzuela, ficando no Rio de Janeiro contractada para representar em portuguez. Tem feito parte de diversas companhias, agradando, mas sem grande exito.

Parece que é um pouco turbulenta e inconveniente, pois que, n'um jornal do Rio de Janeiro encontrei a seguinte noticia:

«PRISÃO CORRECIONAL

«O Delegado que presidio hontem á noite o espectaculo do theatro Eden Lavradio, observando que em um dos camarotes do mesmo theatro se achava uma mulher, acompanhada de dous individuos, attrahindo a attenção publica pelos seus desregramentos, ordenou que fosse a mesma e os referidos individuos postos fóra do theatro.

«Tanto bastou para que a mencionada mulher proferisse alguns insultos á aucto-

ridade, pelo que foi presa por um Agente de Policia e apresentada ao Dr. Pennaforte Caldas, Delegado da 7.ª Circumscripção Urbana.

«A inconveniente mulher, que declarou chamar-se **Maria Alonso**, e ser actriz, foi immediatamente recolhida ao xadrez por ordem d'esta auctoridade.»

24

1869 — Nasce em Roma **Amelia Lopiccolo.**

Filha de bailarinos, ainda creança começou fazendo parte de uma companhia infantil de dança. Partindo para Paris, fez-se alli cançonetista, percorrendo depois as principaes cidades de França e de Hespanha. Como cançonetista partiu em 1887 para Buenos Ayres e em 1888 para o Rio de Janeiro, estreiando-se alli no Eldorado. Agradou bastante, principalmente n'umas cançonetas que dizia em portuguez. Valeu-lhe isto ser immediatamente contractada para o theatro Sant'Anna, a convite do Heller, e estreiar-se alli, representando em portuguez, na revista de Moreira Sampaio, *Dona Sebastiana.* Foi muitissimo bem recebida.

No Brazil trabalhou durante 10 annos, creando com muito agrado papeis principaes nas peças: *Dona Sebastiana, Josephina vendida por suas irmãs, Garra d'Açor, Cavalleiros Andantes, Venus d'Arles, Tentação, Rosa de Diamantes, Sourcuf, Pasteis do Rei, O Ovo, Patife do calor, Paquita, Fogo no convento, Diabo côxo, Cigarra e a formiga, Fanfan, Zoé, Champignol á força, Bico de papagaio,* etc.

Em abril de 1898 regressou a Italia, sendo contractada pela companhia Gargano. Estreiou-se em Milão na *Miss Helyett,* fazendo depois a *Lili* e a *Mascotte.* Com essa companhia esteve tambem em Roma e Turim.

Partindo para Lisboa em setembro d'este mesmo anno, foi contractada pelo actor Valle para o theatro da Rua dos Condes, onde brevemente o publico portuguez terá occasião de a applaudir.

OUTUBRO

3

1790 — Nasce em S. Pedro de Colvello, districto de Braga, **Francisco de Alpoim e Menezes.**

Em 1814 estava em Londres, empregado na legação portugueza. Voltou a Lisboa em 1820. Em 2 de junho de 1822 foi preso como um dos chefes da conspiração da rua Formosa, que tinha por fim a queda do governo constitucional. Quando, em 1823, foi restabelecido o governo absoluto, entrou de novo na carreira diplomatica. Quando D. Miguel foi desthronado, foi **Francisco de Alpoim** residir para Paris e não quiz voltar á patria. Foi miguelista intransigente.

Não é grande o merito das obras d'este escriptor.

Deixou duas tragedias: *O fructo da ambição* e *Erminia, ou a conquista de Jerusalem pelos Cruzados.*

9

1547 — Nasce em Alcalá, velha Castella, o notavel escriptor hespanhol **Miguel Cervantes Saavedra.**

A sua vida é um longo e doloroso romance, aliás bem conhecido.

A obra que lhe deu grande renome universal foi o celebre *Engenhoso cavalleiro Dom Quichote de la Mancha.*

Deu no theatro hespanhol grande numero de peças, sobresahindo entre todas a tragedia *Numancia.*

Morreu em Madrid a 23 de abril de 1616.

11

1616—Nasce na Silesia o celebre poeta dramatico allemão **Gryphius.**

Apesar de se haver distinguido em todos os generos de poesia, foi principalmente no drama que se tornou notavel e

por isso o intitulam creador do theatro allemão. As suas tragedias, muitas das quaes imitadas do francez, do italiano, do inglez, do hollandez, e algumas ainda do latim e do grego, foram as primeiras na Allemanha com regras, situações fortes, caracteres definidos, estylo facil e linguagem correcta. Encontra-se n'ellas o maravilhoso de mistura com o horrivel; apparições de espectros, assassinatos e execuções capitaes em plena scena. Ha tambem n'ellas córos e apparição de personagens allegoricos, como o Amor, as Virtudes, os Vicios, as Estações e a Eternidade. Em todo o caso o assumpto é sempre historico. As suas melhores tragedias são: *O assassino d'um principe*, *O Regicida* e *Os amantes desgraçados*. Muitos criticos collocam acima das tragedias as suas excellentes comedias, em que teem o primeiro logar: *Majuma*, o *Senhor Squens* e *O pastor estravagante*.

Gryphins morreu a 16 de julho de 1664 na terra da sua naturalidade.

15

1898 — Estreia-se no theatro de D. Amelia a **Companhia Rosas & Brazão.**

Constou o espectaculo da magnifica comedia em 3 actos, *O Amigo Fritz*, desempenhada por Brazão, Augusto Rosa, Augusto Antunes, Alfredo Santos, Henrique Alves, Bayard, Rosa Damasceno e Anna Pereira, e da comedia em 1 acto do Barão de Roussado, *Ditoso fado*, desempenhada, como na primitiva, vinte e tantos annos antes, por Rosa Damasceno e pelo grande Taborda.

Era enorme a enchente no theatro e fez-se a todos os artistas, com especialidade aos tres emprezarios, uma das maiores ovações que se tem feito em theatros portuguezes.

O publico manifestava por esta fórma o seu desgosto por ver afastados do theatro de D. Maria os maiores vultos da scena portugueza, e ao mesmo tempo, com essas ovações aos artistas repellidos, protestava contra a infeliz reforma que se fizera, só em prejuizo da arte.

16

1839 — Nasce no Porto o distincto professor de musica **Marques Pinto.**

Talento de primeira ordem e caracter de ouro, eram os seus caracteristicos.

Seu pae, que era pintor, destinava-o a esta profissão, mas era a musica e especialmente o violino a sua vocação irresistivel.

Aos 19 annos de edade já era concertino na orchestra do theatro de S. João, do Porto. Teve ahi bastantes ovações e muito maiores as teve tomando parte em concertos, em que tocava a solo.

Quando o Principe de Galles esteve em Lisboa, foram ao Porto buscar **Marques Pinto** para tomar parte nos concertos que se realisaram no theatro de S. Carlos. Ficou depois fazendo parte principal da orchestra d'este theatro.

Marques Pinto, que a enfermidade quasi nunca abandonou, morreu muito novo, deixando, além da sua memoria honrada e de artista superior, bellas composições musicaes, entre ellas: uma *phantasia popular*, uma *scena maritima*, uma phantasia sobre o *Baile de mascaras*, uma *missa*, um *methodo de rabeca*, etc.

1874 — Nasce em Faro **Manuel Penteado.**

Fez com distincção em Lisboa o curso de medicina, que terminou em 1898.

É um bom poeta e um dos talentos mais promettedores da moderna geração.

Tem publicado versos e artigos nos jornaes: *Diario Popular, Tarde, Reporter, Correio da Manhã* e *Renascença.*

Em collaboração com Julio Dantas publicou um livro com o titulo *Doentes*. Com a mesma collaboração traduziu a notavel peça *Cyrano de Bergerac*, que a companhia de Lucinda Simões representou no theatro

de D. Amelia, e com Luiz Galhardo o drama *Papá Lebonnard*, que se representou no Gymnasio.

Muito ha a esperar ainda do seu bello talento.

21

1869 — Nasce em Lisboa a actriz **Adelina Nunes.**

É filha do photographo Henrique Nunes, que tão afamado foi em Lisboa e que ao Brazil foi em companhia do actor Taborda, e de Emilia Macedo, irmã da actriz Florinda.

Adelina Nunes de Sousa, conhecida nos theatros de Lisboa e Brazil pela **Bita**, nasceu na rua das Chagas n.º 9 e foi baptisada na freguezia dos Paulistas. É de pequenina estatura, esperta, viva, de olhar expressivo e bastante intelligente.

Os *vaevens* da sorte torceram-lhe a carreira, que poderia ter sido muito mais brilhante.

Estreiou-se no theatro do Gymnasio de Lisboa, a 5 de outubro de 1887, na comedia em 3 actos, *Receita dos Lacedemonios.* Ahi esteve alguns annos, fazendo com distincção bastantes papeis de comedia; tinha todos os dotes para uma boa ingenua.

Por essa epocha casou com o actor Frederico de Sousa, brazileiro, que se estreiou em Lisboa, no Gymnasio. Com seu marido partiu para o Brazil. Lá a carreira da **Bita** tem sido muito accidentada por episodios diversos, que lhe fizeram perder bastante do seu valor como actriz. Por vezes desempregada, luctando com falta de meios, cheia de desgostos pela morte do marido, dos irmãos e da mãe, descurou muito o seu futuro. Tão depressa representando drama, como comedia, agora opereta, logo magica ou revista, e muitas vezes sem direcção intelligente, em vez de progredir, retrocedeu. Ainda assim, é util n'uma companhia quando n'ella tem persistencia, o que ultimamente lhe não tem acontecido.

28

1864—Representa-se pela primeira vez, com um successo de estima, no theatro de D. Maria, o drama em 2 actos, **A Mãe dos Engeitados**, original de Thomaz Ribeiro.

NOVEMBRO

11

1861—Nasce em Ourique a actriz **Georgina Vieira.**

Poucas informações tenho a seu respeito, além da data do nascimento. Casou com o actor Eduardo Vieira. É actriz no Brazil, fazendo ultimamente parte da companhia do theatro de Variedades, empreza Dias Braga. Dizem-me que tem algum prestimo.

12

1865—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria, em beneficio do actor Theodorico, o drama original de Ernesto Biester, **Os Operarios.** Agradou, mas sem causar enthusiasmo.

17

1766—Nasce em Paris o distincto actor **Brunet.**

O seu verdadeiro nome era **João José Mira**, mas foi sempre conhecido por **Brunet.**

Desde 1795 representou na *troupe* de Mademoiselle Montansier no Palais-Royal, depois no theatro da Cité. Em seguida passou para as Variedades, sendo um dos proprietarios e administradores d'esse theatro até 1832.

Desgraças de familia obrigaram-n'o ainda a dar algumas representações em 1841, na edade de 75 annos.

Poucos actores teem mostrado tal actividade; creou mais de seiscentos papeis. Foi principalmente a sua naturalidade que o tornou muito popular e querido. O seu repertorio era variadissimo. Aos cincoenta

annos de edade ainda fez com muita felicidade um *travesti* na *Gata borralheira*.

19

1898 — Primeira recita da **Nova Sociedade Artistica do Theatro de D. Maria.**

Subiu á scena a comedia em 5 actos de Alexandre Dumas (filho), traduzida por Moura Cabral, *Questão de dinheiro*.

Era grande a curiosidade do publico por ver como a nova empreza se sahia das difficuldades de apresentar uma companhia tão falta de elementos n'um theatro onde sempre tinham figurado muitos de primeira ordem e que, de mais a mais, agora se organisára com pretensões a theatro-escola.

A peça, escripta mais de trinta annos antes, apezar de conservar no dialogo o vigor e a *verve* do mestre, estava completamente fóra do gosto moderno e acabou por *massar* o publico. Foi posta em scena com bastante luxo e propriedade, ricas mobilias e notavel scenario de Manini, Machado e Pina.

Todos os louvores cabiam a Augusto de Mello pela fórma primorosa por que ensaiou a peça. A marcação do primeiro acto dar-lhe-ia n'nm concurso as honras de excellente ensaiador. Nos outros actos mostrou tambem a sua muita pericia e ainda revelou bellas qualidades de mestre da arte de representar no desempenho acceitavel que conseguiu fazer dar a alguns artistas que o publico mal supportára antes em papeis de menor responsabilidade.

Com respeito ao desempenho da peça, ainda as honras couberam a Augusto de Mello, que foi perfeitissimo na interpretação que deu ao personagem de que se incumbiu. Teve mesmo scenas primorosas. Depois d'elle couberam louvores a Virginia, que fez com a sua correcção costumada papel inferior ao seu muito merecimento, e Fernando Maia que se apresentou perfeitamente caracterisado e disse muitissimo bem a sua *tirada* do primeiro acto.

Carlos Santos, em papel cuja responsabilidade o estava esmagando, mostrou ainda assim progresso.

O resto do desempenho foi, em parte, correcto. Succedeu assim com Posser, que se apresentou bem caracterisado e disse as coisas no seu logar, como costuma; com Emilia Lopes, que é sempre correcta e mostra a utilidade que tem n'uma companhia de comedia, o que aliás já por muitas vezes demonstrára na empreza Rosas & Brazão e na sociedade artistica do theatro da Trindade; e ainda com Augusta Cordeiro, que se apresentou perfeitamente vestida, como o personagem exigia, e mostrou tambem ter ouvido com cuidado o ensaiador Mello.

Deixou muito a desejar Delfina Cruz em papel bastante superior ás suas forças, e Ferreira da Silva, que esteve muito abaixo do seu incontestavel valor. A critica de botequim louvou-o, mas deve elle convencer-se, pelas vezes que ultimamente tem errado, de que precisa amparo e conselho.

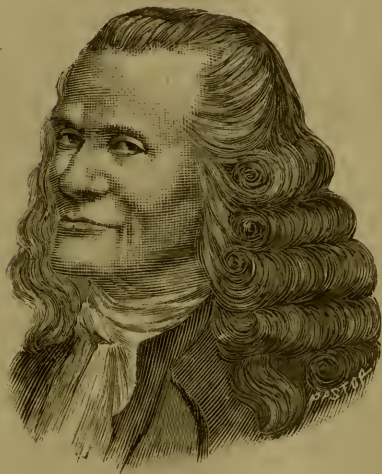
Em resultado, a recita de inauguração da **Nova Sociedade Artistica do Theatro de D. Maria** deu ao publico um sentimento de tristeza por ficar convencido de que no nosso primeiro theatro de declamação ha falta de tantos elementos de primeira ordem, que rarissimas peças alli poderão ter um desempenho completo. Só peças feitas de encommenda, em que haja apenas tres ou quatro papeis principaes e esses adquados ás aptidões dos poucos bons artistas que lá existem.

Era talvez agora a occasião de cumprir a promessa que fiz, de mostrar que a ultima reforma do theatro de D. Maria foi feita n'umas condições deploraveis, inspirada em mesquinhos sentimentos de vingança e produzindo a ultima enxadada na cova da pobre arte dramatica portugueza, que já agonisava.

Quando essa reforma devia principalmente tender a unir todos os elementos de valor, dispersos pelos varios theatros, produziu maior scisão, afastando-os completamente. A longa e minuciosa analyse d'essa desgraçada reforma não cabe n'este logar. Fal-a-hei n'um dos livros que tenho entre mãos e que será dos primeiros a ser publicado com o titulo *Documentos e depoimentos*.

20

1694 — Nasce em Paris o celebre es-

criptor e philosopho **VOLTAIRE.**

Não é aqui o logar para apresentar a biographia do homem illustre que, durante perto de um seculo, que tanto viveu, fez epocha na historia litteraria e intellectual da Europa inteira.

Na sua mocidade, logo ao sahir do collegio, **Francisco Maria Arouet de Voltaire** manifesta-se o creador da epopêa, o renovador da tragedia, o corypheo do deismo. Na sua residencia em Inglaterra inicia-se nas sciencias naturaes, na liberdade economica e politica, voltando d'ahi para a França confirmado na incredulidade em materia religiosa. No seu retiro de Cirey, junto de Madame du Châtelet, foi a epocha fecunda da sua actividade scientifica e litteraria, em que os triumphos do poeta e do historiador não adormeceram a *verve* aggressiva do philosopho. Continuou os seus triumphos nas relações com Frederico II e na sua estada em Berlim. Indo depois para Ferney, a sua residencia tornou-se a capital do mundo litterario. Quando voltou a Paris, já octogenario, em breve succumbiu á embriaguez das suas victorias.

São innumeros os volumes publicados no mundo inteiro sobre a vida, obras e influencia de **Voltaire.**

A sua primeira tragedia, escripta no collegio e que elle proprio queimou, intitulava-se *Amulius e Numitor*. Quando, aos 17 annos, estudava jurisprudencia, escreveu a tragedia *Œdipo,* que foi representada a 18 de novembro de 1718 com enorme successo, sendo logo classificado como rival de Corneille e de Racine.

Dos seus notaveis trabalhos para o theatro basta citar os titulos: *Mariamne*, tragedia, *O Indiscreto*, comedia, *Brutus,* tragedia, *Eriphyle,* tragedia, *Zaira,* tragedia, *Tanis e Zelida,* opera, *Alamira,* opera, *Alzira,* tragedia, *Filho prodigo,* comedia, *Morte de Cesar*, tragedia, *O Invejoso*, comedia satyrica, *Zulima,* tragedia, *Pandora,* opera, *O Cambio*, comedia, *Mahomet,* tragedia, *O Conde de Boursoufle,* comedia, *Merope,* tragedia, *A Princesa de Navarra,* comedia, *O Templo da Gloria,* opera, *A Devota,* comedia, *Nanina,* comedia, *Orestes,* tragedia e ainda outras peças em generos diversos.

Voltaire morreu em Paris a 30 de maio de 1778.

21

1824 — Morre em Evora, onde era commissario do exercito, **José Antonio de Araujo Velloso.** Nascera em Barcellos em 1779.

Traduziu a tragedia de Crebillon, *Rhadamisto,* a de Legouvé, *Abel,* e a de Voltaire, *Leis de Minos.* Era um talentoso poeta da escola bocagiana, apurado na metrificação.

22

1865—Primeira representação no theatro de D. Maria, em beneficio da actriz Gertrudes Rita da Silva, do drama **Amores de Leão,** traduzido por José da Silva Mendes Leal. Não fez carreira.

25

1562 — Nasce em Madrid o celebre e fecundo escriptor dramatico **Lope de Vega.**

Foi secretario do Duque d'Alba e n'essa posição casou. Tendo tido um duello e matando o seu adversario,

refugiou-se em Valença, onde o theatro estava então bastante florescente. Enviuvando, tomou parte na expedição da Invencivel Armada e casou segunda vez. Perdendo a segunda mulher e o filho, ordenou-se sacerdote, entregando-se a extremos de devoção. Foi depois familiar da Inquisição. Teve ainda uma filha natural, que se fez tambem religiosa.

Lope de Vega era um talento superior e um escriptor brilhante em todos os generos. Para se aquilatar do seu alto valor, basta recordar o que d'elle dizia Cervantes:

«Poeta insigne, á cuyo verso o prosa
«Ninguno le avantaja, ni aun le llega.»

É d'este notavel escriptor a celebre obra dirigida á Academia, *Nova arte de fazer comedias*.

Foi extraordinarissima a fecundidade de **Lope de Vega**, que chegou a fazer uma peça n'um dia! Deixou 400 autos e 1:800 comedias!

Calcularam varios auctores que entre todos os seus trabalhos de diversos generos, escreveu 133:000 paginas e 21 milhões de versos!

Os criticos que estudaram as suas obras dramaticas dividiram-n'as em oito cathegorias: comedias de costumes, de capa e espada, pastoris, heroicas, tragicas, mythologicas, santas e philosophicas.

Das peças extrahidas de varios assumptos conhecidos citam-se principalmente: *O rapto de Dina, Os trabalhos de Jacob, A sahida do Egypto, Historia de Tobias, A belleza de Rachel, Perseo, Adonis e Venus, A mocidade de Bernardo del Carpio, O casamento na morte, A vingança de Gaiferos, A ponte de Mantibla, Tello de Menezes, Christovão Colombo, Fuente-Ovejuna, Os Benavides, A corôa merecida, O Principe perfeito, A judia de Toledo, Peribañez e o Commendador d'Ocaña, O Duque de Vizeu* e *Luctar até á morte*.

As suas principaes comedias de pura invenção são estas: *Amar sem saber quem, O camponez no seu canto, O cão do jardineiro, Se as mulheres não vissem!, A Agua ferrea de Madrid, As flores de D. João, O anzol de Fenisa, A escrava do seu apaixonado, Amar a propria desgraça, Os milagres do despreso, O premio de fallar bem, Pela ponte Joanna, O certo pelo duvidoso, A pateta para os outros e discreta para si* e *A Estrella de Sevilha*.

Entre os autos sacramentaes devem citar-se: *Viagem da alma, Aventuras do homem, A ponte do mundo, O herdeiro do céo, O Nascimento de Christo* e *A Volta do Egypto*.

As comedias de **Lope de Vega** foram publicadas em Madrid, em 25 volumes, de 1604 a 1647.

Lope de Vega morreu em Madrid, em 1635.

1865—Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria, em beneficio da actriz Emilia Adelaide, e com grande exito, o drama em 5 actos, **Nobres e Plebeus**.

29

1806 — Nasce na cidade de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, Brazil, **Manuel de Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo**.

Era um distinctissimo escriptor brazileiro e um enthusiasta pelas bellas artes. Foi professor de pintura historica e director da Academia de Bellas-Artes, professor de architectura na Escola Militar do Rio de Janeiro e por fim seguiu a carreira consular. Quando morreu, a 29 de dezembro de 1879, era consul do Brazil em Lisboa.

Entre as suas obras destaca-se o bello poema em 20 cantos, *Colombo*.

Para o theatro deixou as seguintes peças: *Angelica e Firmino*, comedia em 5 actos, *A Estatua Amazonica*, comedia archeologica, e as operas lyricas, *A Noite de S. João* e *O prestigio da lei*.

DEZEMBRO

2

1877 — Nasce em Lisboa, a actriz **Medina de Sousa**.

Tomou parte como amadora n'algumas

recitas de opera. Foi depois contractada para actriz do theatro D. Affonso, do Porto, onde agradou. Escripturada por Taveira, foi com a companhia d'este ao Brazil e lá se tem conservado, representando no Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia, Pernambuco e Pará. Actualmente é uma das *estrellas* da empreza Silva Pinto, no theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro.

Tem bella voz, sabe cantar e dia a dia se desenvolve como actriz, tendo já agradado muito, entre outras, nas seguintes peças: *Capital Federal*, *Amor molhado*, *Joven Telemaco, Rio Nu*, *Abel Helena* e *Maria Angú.*

Casára com o actor Virgilio de Sousa, que morreu em Manáos

4

1857 — Nasce no Porto o distincto escriptor **Filinto de Almeida.**

Aos dez annos de edade partiu para o Brazil, a fim de seguir a carreira commercial. Era ainda caixeiro quando começou a escrever para o theatro. Fazia parte de um grupo de rapazes que representavam comedias aos domingos de tarde, no theatro S. Pedro de Alcantara, do Rio de Janeiro. Escreveu para esse grupo dramatico varias scenas comicas em prosa e verso, comedias em 1 acto e um drama em dois actos.

Os seus primeiros versos que viram a luz da publicidade, foram timidamente lançados na caixa da correspondencia do *Mosquito,* folha de caricaturas que alli por 1876 ou 1877 contractou Raphael Bordallo para ir desenhal-a. A redacção escolheu os menos maus e publicou-os com elogio. Depois, em janeiro de 1878, um livreiro da rua de S. José, M. da Costa Honorato, lembrou-se de fundar um jornal para caixeiros, *O Domingo,* e convidou **Filinto** para collaborador... gratuito. No primeiro numero d'esse semanario appareceu o seu primeiro folhetim. N'esse mesmo anno deixou o commercio para se dedicar exclusivamente ao jornalismo. Continuou na redacção do *Domingo,* que se extinguiu em fevereiro de 1879. Depois foi redactor litterario do *Jornal da Noite* e do *Combate;* voltou ainda ao commercio, para tornar a sahir em 1880, quando, com A. Mascarenhas e L. da Costa Faria, fundou e redigiu *A America*, uma revista litteraria e scientifica que durou pouco. Redigiu depois o *Binoculo,* folha illustrada, e *O Meio-Dia,* diario da tarde.

Mais tarde, com Valentim Magalhães e Alfredo de Sousa, fundou e redigiu *A Semana,* que durante tres annos foi o centro intellectual da mocidade brazileira. N'essa folha alcançaram grande voga as suas chronicas semanaes — «Historia dos sete dias», assignadas *Filindal.* Com Valentim Magalhães iniciou-se no theatro a serio, traduzindo em verso *O Gran Galeoto* de Echegaray, que foi o maior successo dramatico da epocha (1884), *No seio da morte,* tragedia do mesmo auctor, e *O que se não póde dizer,* em prosa, ainda de Echegaray. Estas tres peças e a comedia original *Amostra de sogra,* foram representadas successivamente no Recreio Dramatico pela companhia do actor Dias Braga, então excellente.

Em 1887 publicou a *Lyrica,* volume de versos enthusiasticamente recebido pela critica. N'esse mesmo anno, a 28 de novembro, casou-se em Lisboa com a illustre escriptora brazileira D. Julia Lopes de Almeida, auctora dos *Contos Infantis, Traços e illuminuras, A familia Medeiros, A viuva Simões* (editada em Lisboa por Antonio Maria Pereira), *Memorias de Martha* e *Livro das Noivas.*

Em 1888 escreveu para o theatro de D. Maria II a comedia em 1 acto, em verso, *O Defuncto,* que foi n'este theatro representada pela primeira vez em 26 de setembro de 1891, para estreia de Lucinda do Carmo, com Ferreira da Silva e Christina. A comedia agradou francamente ao publico e á critica e ficou até agora no repertorio da empreza Rosas & Brazão, que ainda no anno passado a deu 18 vezes.

Com Valentim Magalhães, além das peças citadas, escreveu duas revistas de

anno, uma das quaes, *A mulher-homem*, foi representada com muito exito em 1886, no theatro Sant'Anna.

Depois de casado voltou **Filinto** ao Rio de Janeiro, e entrou para a redacção do *Diario do Commercio*. Quatro dias depois de proclamada a Republica, **Filinto**, que já era correspondente da *Provincia de S. Paulo*, foi chamado a tomar a redacção d'esse antigo jornal republicano.

Já em S. Paulo, **Filinto**, que era republicano radical, e já de facto brazileiro, mas a quem sempre repugnára *pedir* naturalisação, acceitou, em declaração publica, a lei de 15 de Dezembro de 1890 em que o governo provisorio realisava um dos pontos do programma republicano, que era a grande nacionalisação tacita. A de **Filinto**, porém, foi expressa. D'ahi por deante foi de facto e de direito cidadão brazileiro. Além de redactor principal da *Provincia*, que de 1890 por deante passou a denominar-se *Estado de S. Paulo*, foi **Filinto** redactor dos debates da Camara paulista, durante um anno apenas, porque no seguinte, 1892, foi eleito deputado para a primeira legislatura republicana do Estado depois da constituinte (1892 a 1894).

Em julho de 1895 deixou S. Paulo e a politica, e voltou ao Rio de Janeiro onde actualmente reside. Em 1896 e 97 foi redactor da *Noticia*, a brilhante folha fluminense.

Agora está um tanto afastado do jornalismo activo. Apenas escreve correspondencias litterarias para o *Diario de Santos* e collabora na *Noticia* e em outras folhas, espaçadamente.

Para theatro traduziu mais um vaudeville, *O armario do Diabo*, que foi representado por uma companhia da actriz Pepa, e está concluindo uma comedia original, em verso, que provavelmente terá por titulo *O beijo*.

Escreveu tambem um monologo em verso, *Os Mosquitos*, que Augusto Rosa disse muitas vezes no Brazil e em Portugal.

Como prosador é sobretudo um humorista; como poeta é escrupuloso cultor da fórma; a sua feição predominante é um sensualismo delicado e suave. Nos jornaes que tem redigido fez quasi sempre a critica theatral, por ser no Brazil dos que mais conhecem o theatro; as suas opiniões deram-lhe, entre auctores e artistas, fóros de excepcional competencia.

Procura sempre escrever com a maxima vernaculidade, haurida na leitura frequente dos classicos portuguezes. Julio Ribeiro, o eminente philologo brazileiro, professor de portuguez e latim, citava-o em aula como exemplo de que para se escrever a lingua com a necessaria correcção não era indispensavel estudar grammatica.

É membro da Academia Brazileira de Lettras.

Precisa ter muito merito, elle que, sem sombra de instrucção escolar e tendo vivido por mais de quatorze annos no *meio* hostil do commercio, conseguiu um logar na primeira fila dos escriptores brazileiros do seu tempo.

1873 — Nasce na ilha do Fayal a actriz **Laura Corina**.

É neta do actor Paulo Martins. Começou como figurante no theatro da Trindade; passou para a Rua dos Condes como corista e depois discipula.

Em companhia minha foi ao Rio de Janeiro como actriz. Lá agradou e lá se deixou ficar.

Tem feito parte de diversas companhias, não progredindo muito porque pouco estuda e principalmente por querer estar em descanço a maior parte do tempo. É muito galante, bastante sympathica e intelligente. Veste com muita elegancia e não lhe faltam adoradores.

10

1829 — Foram recebidos em audiencia por el-rei D. Miguel, **Manuel Baptista de Paula** e **Toeodorico Baptista da Cruz**, administradores do theatro da Rua dos Condes e pediram para o socio do mesmo theatro, **José Joaquim Arsejas**, a graça de poder usar a medalha de ouro com a real effigie. Foi concedido.

14

1848 — Nasce em Lamego o actor **Rangel.**

Fez se actor no Brazil **João de Sequeira Rangel**, que tem feito por bastantes annos parte da companhia do actor Dias Braga. Não tenho pormenores da sua carreira, mas, por o ter visto representar algumas vezes, pareceu-me ser util em varios papeis.

18

1821—Nasce no Porto a distincta actriz **Gabriella De-Vecchi.**

Era filha da actriz-escriptora Gertrudes Angelica da Cunha, da qual fallei na data de 29 de maio.

Aos 14 annos de edade estreiou-se **Gabriella** n'um theatro do Porto e depois seguiu com sua mãe para o Brazil.

Foi a primeira *ingenua* do seu tempo no theatro de S. Pedro d'Alcantara, do Rio de Janeiro, e depois do Gymnasio Dramatico da mesma cidade, onde se inaugurou a escola moderna, sendo emprezario Joaquim Heliodoro dos Santos.

Gabriella foi por muito tempo o idolo das platéas brazileiras e a imprensa sempre, com toda a justiça, a collocou entre as primeiras.

A celebre cantora Anna de Lagrange, que em 1859 esteve no Rio de Janeiro, dirigiu a **Gabriella** uma honrosissima carta em que lhe dizia, entre outras phrases amabilissimas, que era ella «a artista dra«matica predilecta do publico, a eminente «artista que havia tantos annos conservava «o segredo de commovel-o, ennobrecendo «a arte e a classe a que pertencia.»

Gabriella casou no Rio de Janeiro com José De-Vecchi, que fôra primeiro mimico do theatro de S. Carlos, de Lisboa, em 1843, e depois do theatro lyrico e S. Pedro d'Alcantara, do Rio de Janeiro.

D'esse matrimonio houve uma filha e quatro filhos, que tiveram esmerada educação. A filha, Ludovina De-Vecchi, já aos 7 annos representava no theatro de S. Pedro e depois no Gymnasio. Retirada de scena para concluir os seus estudos, voltou ao theatro aos 14 annos, occupando logo um proeminente logar na scena brazileira. Aos 15 annos casou com Moutinho de Sousa, que então era actor no Rio de Janeiro, e falleceu depois na Bahia, tendo apenas 14 annos de edade.

Com a morte da filha e doença de outros filhos, **Gabriella De-Vecchi** resolveu-se a voltar para Portugal, o que effectuou em novembro de 1865.

Logo que chegou a Lisboa, Francisco Palha, que então era commissario regio no theatro de D. Maria, offereceu-lhe logar na companhia do Normal, sendo classificada em primeira classe e estreiando-se com muito agrado no drama de Ernesto Biester, *Os homens serios.*

Esteve depois nos theatros do Principe Real e Rua dos Condes e por fim voltou ao Brazil, indo residir para a Bahia, onde falleceu a 7 de julho de 1882.

Gabriella De-Vecchi era uma senhora em toda a extensão da palavra. De uma finissima educação, instruida, fallando e escrevendo perfeitamente o portuguez, o francez e o italiano, algumas peças traduziu para o theatro e diversos artigos publicou em jornaes.

Na vida intima do palco, além de estimadissima pelo seu bello caracter e affabilidade, era olhada com o maior respeito. Ninguem lhe dava o *tu* proverbial do theatro; foi sempre para emprezarios, ensaiadores, collegas e empregados a **Dona Gabriella.**

N'uma carta que Furtado Coelho me dirigiu, em 1895, dizia-me, entre muitas considerações sobre arte e sobre artistas o seguinte:

«Emilia das Neves e **Gabriella** eram artistas sagradas pela natureza, ás quaes o instincto do bello na arte, jámais deixa ser falsas na expressão de um sentimento, menos verdadeiras na explosão de uma paixão.

. . . .

«Sobresahiam n'essa companhia alguns artistas notaveis pelo seu muito amor ao

estudo, e, entre elles, destacava-se a depois notabilissima actriz **Gabriella De-Vecchi**. Esta inspirada, que veiu a ser primeira entre as primeiras, possuia um talento e uma organisação theatraes, como, em toda a minha vida, só me recordo de ter admirado em Portugal na grande Emilia das Neves.

«Nenhuma das actrizes, que chegaram a obter, cá e lá, momentanea nomeada, poude nunca rivalisar com aquellas duas verdadeiras sacerdotisas do theatro dramatico.»

Sabem todos quanto é insuspeita e valiosissima a opinião de Furtado Coelho.

Por occasião do fallecimento de **Gabriella** dizia o *Commercio de Portugal:*

«**Gabriella De-Vecchi**, em Portugal e no Brazil, foi o que todo o mundo sabe: uma senhora de peregrinos dotes espirituaes e uma artista de surprehendente e victorioso talento. Foi a Maria Dorval portugueza.

«Genio teve-o essa mulher eleita, coração grandioso, meigo como o das creanças e magnanimo como o dos heroes.

«No dia em que o feretro de **Gabriella da Cunha De-Vecchi** atravessou as ruas da Bahia, dirigindo-se ao seu ultimo asylo, acompanhava-o a pé uma multidão de amigos, e tambem o acompanhava uma multidão de pobres.

«Foi a completa mulher e a perfeita actriz: a alma e o talento.»

1855 — Nasce em Campos (Brazil) o actor **Mauro Bellido**.

Aos 12 annos de edade apresentou-se no theatro de S. Pedro d'Alcantara, do Rio de Janeiro, tocando copophone. Fez-se depois actor com bastante felicidade. Já n'outro logar alludi a este artista, que falleceu no Rio de Janeiro, a 30 de março de 1886.

20

1727 — Pelas **festas** que se fizeram no baptismo do primeiro filho varão dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, **em Ponte de Lima**, no palacio dos mesmos, representaram pessoas de distincção uma nova comedia, composta por Luiz Calixto da Costa e Faria, abbade de S. Pedro de Rubiães, secretario dos viscondes. A comedia era adornada de varias contradanças, ordenadas por um distincto mestre de dança allemão que se achava na dita villa.

21

1869 — Morre **Domingos Augusto Pires**. Destinava-se á carreira de marinha, que não continuou devido ao seu mau estado de saude.

Quando falleceu tinha pouco mais de 20 annos de edade.

Traduziu muitas peças que se representaram com agrado, e entre ellas: *Montjoie*, drama em 5 actos, e as comedias em 1 acto: *Um actor de provincia, Que bons visinhos!* e *Um capricho de mulher.*

23

1874 — Nasce em Lisboa **Luiz Galhardo**.

É sobrinho segundo do Coronel Galhardo e de Alexandre Herculano.

Seguiu a carreira militar e é alferes de infanteria desde 1897.

Na vida de escriptor estreiou-se, em prosa e verso, em varios jornaes, entre os quaes *A Renascença.*

Para o theatro, traduziu com Manuel Penteado o *Papá Lebonnard,* que se representou no Gymnasio.

Tambem para este theatro traduziu a peça de Ibsen *O Inimigo do Povo,* que ainda se não representou, e fez dois originaes, que em breve alli hão de ser representados, um drama social em 4 actos, *A Primeira pedra,* que está a ensaios para beneficio de Joaquim d'Almeida, e uma comedia-drama em 3 actos, *Os Pelintras,* para a festa artistica do actor Telmo.

Com destino ao theatro D. Amelia traduziu tambem a peça de Guimerá, *O Padre Juanico.*

Luiz Galhardo conta apenas 24 annos, tem talento e é estudioso; muito ha a esperar d'elle.

SEM DATAS

MARIA GUERRERO

É actualmente a primeira figura da arte dramatica hespanhola.

Um critico hespanhol disse ha pouco d'ella que «o seu talento, em lucta com to-«dos os tradicionalismos e reacções que «no elemento official costuma encontrar o «verdadeiro artista, soube e poude impôr-«se. É a interprete do thesouro litterario «com que nos orgulhamos quando trata-«mos de elevar o nosso theatro sobre o «das outras nações; defendeu as tradições «artisticas que outros despresaram e ulti-«mamente pôz o seu theatro á disposição «de todos os que sonham em fazer da Hes-«panha uma nação que defenda as velhas «tradições da arte, tanto n'esta como em «qualquer outra manifestação.»

Maria Guerrero fez no theatro da Comedia um enorme repertorio ao lado de Mario e de Thuiller. Muito se evidenciou áhi em varias peças, sobresahindo na *Marianna* de Echegaray.

Separando-se de Mario, fez-se emprezaria do Theatro Hespanhol.

Como lhe faltasse *galan*, resolveu-se a casar com o que lhe appareceu, um fidalgo authentico, um marquez, Dias de Mendoza, que hoje faz os primeiros papeis ao seu lado. Em Madrid affirma-se que este casamento foi exclusivamente para obter o artista, porque nunca lhe conheceram paixão por qualquer homem.

O que é verdade, é que no dia do casamento, ao sahir da egreja, foi para o theatro, para um ensaio de apuro.

Em 1897 fez com a sua companhia uma *tournée* na Republica Argentina, que lhe produziu uma quantia superior a oitenta contos de réis. Pensa em voltar alli brevemente.

Este anno realisou uma *tournée* pela Italia e França, que tem sido para ella um verdadeiro triumpho.

Em Paris, no theatro da Renaissance, o successo de **Maria Guerrero** e da sua companhia não podia ser maior. Teve exito superior a tudo a peça classica de Zorrilla, *D. Juan Tenorio*. Notavel exito foi tambem o das peças do grande repertorio hespanhol: *La Dama boba*, de Lope de Vega, *El desden con el desden*, de Moreto, e *Casa con dos puertas, mala es de guardar*, de Calderon de la Barca. Das peças modernas as de maior agrado foram: *Mancha que limpia* e *El estigma*, ambas de José Echegaray, a *Terra baja*, de Guimera, *Juan José*, de Dicenta e *Dolores*, de Cordina.

Sousa Rocha

É natural do Porto e alli residente. É jornalista, fazendo parte da redacção do *Jornal de Noticias*. Tem escripto bastante para o theatro. As suas peças, representadas no Porto, quasi todas com muito agrado, são: as revistas *Á vol d'oiseau, O Porto em camisa, O que por ahi vae..., O Diabo á soltá, O Reino da mentira, O Jogo do Diabo, O Zé n'um sarilho* e *Tudo côr de rosa;* os dramas *Os Lobos de Paris* e *Os dois herdeiros*, ambos extrahidos de romances francezes, e as peças phantasticas *O annel prodigioso, O saca-rolhas do Diabo, A Ilha do Diabo* e *A Fada Branca*.

ZAMPERINI

Cantora veneziana que veiu a Lisboa em 1770 como prima-dona de uma companhia lyrica, contractada pelo notario apostolico

da nunciatura e banqueiro em negocios da curia romana, Galli.

Funccionou essa companhia no theatro da Rua dos Condes. A **Zamperini** fez um successo louco e uma verdadeira revolução em Lisboa. A diva vinha acompanhada de tres irmãs e do pae.

Um dos apaixonados da **Zamperini** foi o Conde de Oeiras, filho do Marquez de Pombal e presidente do Senado da Camara de Lisboa. Elle, de combinação com diversos negociantes nacionaes e estrangeiros, arranjou uma sociedade com o fundo de cem mil cruzados, repartidos em 100 acções de quatrocentos mil réis cada uma.

Foram nomeados administradores Ignacio Pedro Quintella, Alberto Mayer, Joaquim José Estulano de Faria e Theotonio Gomes de Carvalho.

O fim principal da sociedade era sustentar com o luxo que sempre aqui teve a provocadora **Zamperini.**

Quando o pae d'ella morreu, a administração do theatro fez-lhe um sumptuoso funeral e magnificas exequias na egreja do Loreto.

A esta egreja ia todos os domingos ouvir missa a **Zamperini** e era enorme a multidão que alli se aglomerava para a admirar.

Todos os poetas, e entre elles o P.e José Agostinho de Macedo, lhe dedicavam laudatorios e apaixonados versos. Tornaramse principalmente notaveis os de Mr. de Montigny, encarregado dos negocios de França.

Em dois annos o fundo da sociedade estava exhausto. Os escandalos com a **Zamperini** augmentavam a ponto de se ver obrigado o Marquez de Pombal a expulsal-a do reino, o que se deu em 1774.

Porque a prima-dona usava uns chapéos muito extravagantes e póstos sempre ao lado, ficou o uso entre o povo de dizer, quando vê alguem de chapeu á banda, *traz o chapéo á Zamparina!* Alludia sem duvida á moda da **Zamperini.**

Borges d'Avellar

Nasceu na Regua, mas viveu quasi sempre no Porto, onde exerceu o professorado livre e onde foi jornalista, tendo feito parte da redacção do antigo *Diario da Tarde* com Urbano Loureiro e Agostinho Albano, e do *Commercio Portuguez.*

Foi emprezario do theatro Baquet e ensaiador d'esse theatro e do D. Affonso. Acabava de ensaiar a *Carmen* na empreza Cyriaco de Cardoso, quando, ao regressar a casa, morreu repentinamente.

Escreveu muito para o theatro. Original teve apenas um, a peça phantastica *A Corôa de Fogo.* Imitou e traduziu innumeras peças, dramas, comedias e operetas, entre as quaes: *O Palhaço, O Cunhado, O Cardeal Dubois, O Cão do Cego, Naná, As Fidalgas de Grantier, A Mascotte, Gilette de Narbonne, Dragões de Villars, Martyr da victoria. Pastora d'Ivry, Na guerra dos francezes, O Capitão Paulo, O Padre, Miguel Strogoff, O Gato Preto, O Porteiro da casa n.º 15,* etc.

Dicenta

Fallar do dramaturgo hespanhol **Joaquim Dicenta** equivale a fallar da magnifica peça *João José,* que lhe deu a extraordinaria nomeada, de que disfructa.

O *João José* chegou a representar-se na mesma noite em dezoito theatros de Hespanha. Depois da *Pasionaria* de Lepoldo Cano, foi o maior exito de dinheiro. O auctor representou o principal papel da sua peça em Madrid.

Depois do *João José* escreveu o *Senhor Feudal,* peça de maior valor, mas que não teve o mesmo exito.

Joaquim Dicenta é um bohemio. Diz-se que o primeiro acto do *João José* foi escripto na taberna, onde a acção se passa.

Firmino Pereira

É natural do Porto e alli empregado na administração do bairro occidental. É um jornalista muito considerado, sendo actualmente secretario da Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras do Porto. Foi redactor da *Lucta,* depois da morte de Urbano Loureiro, da *Actualidade,* do *Jornal*

da Manhã, do *Commercio Portuguez* e é agora redactor do *Diario da Tarde.*

Para o theatro tem escripto as seguintes peças originaes: *O Cerco do Porto*, drama em 5 actos, *A primeira nuvem, Trovoadas de Maio* e *O Cartão de visita,* comedias em 1 acto; os arreglos: *Não cubiçarás,* comedia em 3 actos, *Os Especuladores da honra,* drama em 4 actos, *A Rainha do Deserto,* em 5 actos e *A' Gloria de Portugal,* em 3 quadros, allegoria á descoberta da India; as traducções: *O Crime de Faverne, O poeta Aretino, João o cocheiro, O Segredo da Pastora, Se eu fosse rei!...* (em collaboração com Forbes Costa) e *Giralda* (com Antonio Cruz).

Borges Garrido

Foi um actor bastante distincto do principio do seculo, tendo feito parte das companhias dos theatros do Salitre e Rua dos Condes.

Em 1814 ainda trabalhava n'este ultimo theatro.

Viveu mais de oitenta annos. Tendo ficado completamente cego, recolheu-se a um asylo, mas recebeu sempre a pensão de quatro mil e oitocentos réis mensaes, dada pelos seus antigos collegas e sustentada por Emilo Doux, quando tomou posse da Rua dos Condes.

Lopes Teixeira

Jornalista portuense. Critico theatral, e correspondente no Porto do jornal de Lisboa, *O Seculo.*

Traduziu a opereta *As doze mulheres de Japhet.* Arranjou com Antonio Cruz outra opereta com o titulo *Rosario.* Transformou em vaudevilles as comedias *Capitão Lobishomem* e *Tres mulheres para um marido*, do fallecido e querido escriptor Gervasio Lobato.

Arranjou tambem o drama *Fanfan,* extrahido do romance de Pierre Decourcelle e que deu causa á celebre questão theatral, por se suppôr que a peça fôra antes arranjada do drama *Os Dois Garotos,* de que tinha a propriedade em Portugal a fallecida escriptora, D. Guiomar Torrezão.

Emilio Mario

É o veterano do theatro hespanhol.

Actor frio, mas intelligente, conhece todos os recursos da scena, sendo sempre correctissimo. No theatro da Comedia, onde actualmente lucta com a serenidade de um marinheiro que aguenta o temporal, tem tido epochas só de socego e triumphos. Os annos passam sem deixarem estragos no sempre applaudido interprete do *Cura de Longeval.*

Emilio Mario pertence á classe dos actores que só comprehendem e só acceitam no theatro o que agrada ao escolhido publico da Comedia.

A sua especialidade é representar de casaca, de *smoking* ou apurado fraque. Parece que faz bem, porque assim tem ganho grande reputação e muito dinheiro.

Antonio Cruz

É natural do Porto, empregado no Caminho de ferro e estimado jornalista, escrevendo de ha muito no *Jornal de Noticias.* Para o theatro tem escripto diversos monologos, a revista *O Porto por um canudo* em collaboração com Sá d'Albergaria, e, só ou com varios collaboradores, tem traduzido grande numero de operas-comicas e operetas, entre as quaes: *Princeza das Canarias, Toutinegra do Templo, Amor molhado, Cem virgens, Juramento d'amor, Chapeu de tres bicos, Caçador Negro, Estrella do Norte, Filha do Regimento, Marina, D. Cesar de Bazan,* etc.

Henrique Zumel

Morreu em Madrid, em 1897, este distincto e infatigavel escriptor hespanhol. Apesar de contar já 75 annos de edade, a sua morte a todos surprehendeu, porque era muito saudavel, forte, robusto, alegre e deixando prever ainda longa duração. Trabalhava com todo o ardor dos vinte annos, sem nunca cansar.

Quando novo, foi um bom actor; deixou porém cedo a carreira para se entregar de coração ao jornalismo e á litteratura dramatica.

Saboreou como poucos a gloria e a popularidade no theatro. Cada peça sua que se representava era um verdadeiro triumpho. Deram-lhe muita nomeada as suas excellentes magicas, entre as quaes *A Lenda do Diabo*, *O talisman de Sogras* e a *Batalha de Nimphas*, mas ainda maior as peças sacras *A Paixão* e o *Natal*.

As suas obras dramaticas, que mais o elevaram e que realmente tinham maior merito foram as comedias: *As Redeas do Governo*, *Viva a liberdade!* e *Outro galo me cantára!*

Mariares da Silva

Professor e jornalista portuense. Escreveu a revista do anno, *Tres vezes nove...*, a comedia em 1 acto *Os amigos do boticario* e traduziu varias operetas, entre ellas, *As Amazonas do Tormes*.

Fernando José de Queiroz

Natural de Aveiro. Abandonou os estudos e a carreira a que sua familia o destinava, para seguir a vida de actor por que tinha paixão. Representou por alguns annos nos theatros de Lisboa, com bastante agrado e sendo estimado pelos collegas, que o respeitavam como auctoridade. Foi tambem auctor dramatico, tendo escripto perto de cincoenta peças. Apenas está impressa uma, *O verdadeiro heroismo ou o annel de ferro*, drama em 3 actos, que se representou no theatro da Rua dos Condes em janeiro de 1821.

Em consequencia de estar arruinado de saude, deixou a vida do palco em 1822, tomando o logar de carcereiro da cadeia da cidade. Em 1824 foi nomeado pelo Contracto do Tabaco administrador do partido do Algarve e alli morreu em 1826.

Guedes de Oliveira

É photographo e jornalista portuense. É auctor de varias cançonetas e de algumas peças, entre as quaes, um arranjo da *Gran-Via*, a peça que se representava no theatro Baquet quando se deu a grande catastrophe de 1888; uma revista em collaboração com Jayme Filinto, *Na corda bamba* e mais duas: *O Cosmorama* e *Alli... á preta*. Esta ultima agradou bastante no Porto e depois no theatro da Avenida de Lisboa.

Vital Aza

Estimadissimo auctor dramatico hespanhol, collaborador effectivo de Ramos Carrion. São innumeras as suas peças, sempre recebidas com enthusiasmo. Citarei ao accaso: *O martyr S. Sebastião*, *Chapéo alto*, *As Codornizes*, *Casamento e baptisado*, *Filho da Neve*, *Collegio de meninas*, *Padrão municipal*, *Periquito*, *Almas do outro mundo*, *Côro de senhoras*, *O leilão do 3.º*, *Roubo em despovoado*, *Calandria*, *Adeus, Madrid!*, etc.

Bastavam estas para fazer a reputação de um auctor.

Jayme Filinto

É jornalista portuense e empregado da Misericordia do Porto. Collaborou na traducção de algumas operas-comicas que Cyriaco Cardoso fez subir á scena na sua antiga empreza e com Guedes d'Oliveira na revista *Na corda bamba*.

Bazilio José Chaves

Foi typographo na Imprensa Nacional e pae do escriptor dramatico Pedro Carlos d'Alcantara Chaves. Em 1851 escreveu para o Circo de Madrid, que era situado no largo da Annunciada, a dança sacra em 5 actos com ficção choreographica, *A morte dos Innocentes*, que corre impressa. Foi posta em scena por João da Costa e os bailados ensaiados por um tal Polleti, que depois andou pelas ruas com passarinhos, que tiravam sortes a dez réis e era pae d'uma corista do mesmo appellido, que

trabalhou nos theatros das Variedades e Rua dos Condes.

Manuel Maria Rodrigues

Natural do Porto. Jornalista distincto, foi por muitos annos redactor do *Commercio do Porto*. De collaboração com Luiz Botelho, traduziu a zarzuela *Dolores*. Escreveu duas operas comicas, uma que foi representada no antigo theatro da Trindade com musica de Alves Rente, *O Schah em Pancas*, que muito agradou, e outra phantastica, representada no antigo theatro-circo do Principe Real, com musica de Miguel Angelo, *Na Lua*, que cahiu redondamente na primeira e unica recita.

ECHEGARAY

É poeta, estadista, orador, dramaturgo, mathematico, engenheiro, finalmente uma verdadeira gloria da Hespanha actual, **D. José Echegaray.**

A representação de uma peça sua é sempre um grande acontecimento theatral. Parece que lhe faltam interpretes para a sua inspiração. Para Vico escreveu *De mala raza* e *Vida alegre y morte triste*. Tambem para Vico e Calvo fez *Lo sublime en lo vulgar*, que se representou pela vez primeira em Barcelona e foi em cincoenta e nove noites consecutivas.

A sua peça *Ó loucura ó santidad* foi traduzida em allemão.

Em portuguez teem sido representados com bastante agrado os seus dramas: *O grande Galeoto, Loucura ou santidade, De má raça* e vae brevemente representar-se a *Marianna.*

Julio Gama

Foi redactor da *Actualidade* do Porto e é actualmente alli secretario do hospital de alienados do Conde de Ferreira. Traduziu o drama *A Falsa adultera*, representado no Porto e no theatro do Principe Real, de Lisboa, a comedia *Em palpos de aranha*, representada no Porto e no Gymnasio, de Lisboa, e o drama *O Centenario*, representado no Porto pelo actor Valle, no theatro Baquet.

ZACCONI

É considerado hoje um dos mais notaveis artistas, não só da Italia, sua patria, mas do mundo inteiro.

Ermete Zacconi, ou por calculo ou de seu natural, é extremamente modesto, sentindo-se vexado quando lhe fazem grandes elogios, que aliás são merecidissimos.

A sua ultima *tournée* na Russia tem sido, além de lucrativa, verdadeiramente triumphal. No anno proximo fará uma digressão artistica juntamente com a grande Duse. Deve ser este um dos mais extraordinarios acontecimentos artisticos de todos os tempos. Será um verdadeiro encanto para o espirito poder-se admirar na mesma noite e na mesma peça dois dos maiores genios dramaticos do seculo.

Zacconi é o grande e superior interprete das obras de Ibsen e de Björnson. No seu repertorio figuram, além das melhores peças do moderno repertorio, as obras primas de Shakespeare.

Agostinho Albano

É natural do Porto e jornalista. Traduziu para o theatro Baquet a opera burlesca *Orpheu nos Infernos*, a zarzuela *Os orgãos de Mostoles* e o drama, que teve grande exito, *Os Apostolos do Mal.*

EMANUEL

Um grande artista italiano, conhecido no mundo inteiro. Póde haver outros de mais valor, mas nenhum tão discutido como este. Talento de primeira ordem, educação primorosa, grande illustração, bella figura, todos os requisitos para ser superiormente aquilatado e ainda assim muitos lhe negam o valor que realmente tem. Em compensação alguns ha que o collocam acima de todos os sacerdotes da Arte.

A sua entrada para o theatro foi verdadeiramente extraordinaria. Além de enge-

nheiro, era distincto jornalista e critico theatral. Viu Ernesto Rossi desempenhar o *Othello,* não lhe agradou; viu depois Salvini, tambem o não satisfez. Manifestou essa opinião na imprensa. Houve quem o provocasse a explicar como se devia interpretar o difficil papel do mouro de Veneza. **Emanuel** respondeu que mostral-o-hia praticamente. D'ahi a um mez apresentava-se n'um dos principaes theatros a representar o *Othello.* A critica dividiu-se, mas elle ficou tão bem com a sua consciencia, que não mais deixou de ser actor. Tem percorrido o mundo inteiro com sorte varia, mas sem que alguem se atreva a negar-lhe um talento superior. No Rio de Janeiro e S. Paulo foi acclamado como grande artista. Em Lisboa, onde esteve no theatro de D. Amelia, o publico não se enthusiasmou com elle e a imprensa dividiu-se em opiniões contrarias.

A interpretação que **Emanuel** dá ao *Othello* é quasi sempre o pomo de discordia na opinião publica sobre o valor d'este grande artista. Foi com essa peça que se apresentou ao publico de Lisboa e isso prejudicou-o. Peças ha em que todos são unanimes a julgal-o extraordinario, como, por exemplo, no *Rei Lear,* na *Morte civil* e *Mercador de Veneza.*

Urbano Loureiro

Era natural do Porto. Lá nasceu e lá morreu. Foi um jornalista vehemente, que redigiu o *Diario da Tarde* e a *Lucta.* Escreveu para o theatro algumas operetas que tiveram vida ephemera e o drama *Victimas e algozes*, que agradou no antigo theatro da Trindade.

Machado Corrêa

Era ponto de theatro em Lisboa, onde tambem foi habil jornalista, escrevendo na *Tarde,* no *Dia* e nas *Novidades.*

É auctor de varias poesias e monologos, alguns dos quaes elle recita com perfeição.

Escreveu uma opera comica, que teve musica de Freitas Gazul e que se representou no theatro da Avenida com o titulo *Roupa de Francezes.* Não agradou.

Tem arranjado, só, ou em collaboração, algumas peças que obtiveram bastante exito nos theatros de Lisboa. Entre ellas destaca-se a *Cigarra, Russinha, Beijos do Diabo, Princeza Colombina, Mancha que limpa* e outras.

Em companhia por mim organisada partiu como ponto e secretario para o Pará. Tendo ficado lá como jornalista, entrou depois para a companhia Dias Braga, da qual ainda hoje faz parte no Rio de Janeiro.

Machado Corrêa é talvez um pouco desequilibrado, mas não lhe faltam talento e coração.

Augusto Mesquita

Morreu no Porto, em maio de 1896, este excellente rapaz, que era um primoroso poeta e um scintillante prosador.

Escrevia com os pseudonymos de *Fra Diavolo* e *Stefelio* bellas criticas de theatro e principalmente musicaes. Foi director do *Correio do Porto.* Deixou impressas as seguintes producções theatraes: *D. Sebastião, Egas Vicente, D. Affonso VI, Os Bandidos, Sua eminencia* e collaborou na opereta *Sonho de um bacharel,* que foi representada com grande successo pelos estudantes de Coimbra.

VIRGINIA REITER

É considerada hoje uma das mais notaveis actrizes italianas, trabalhando actualmente na companhia de Ermete Zacconi. Conheci-a no Brazil, no começo da sua carreira, demonstrando já muito talento e deixando prever o bello futuro que lhe estava reservado. N'aquella epocha era discipula e amante do notavel artista Emanuel.

Antonio Corrêa

É um correcto escriptor com bellas qualidades dramaticas. No theatro Baquet,

do Porto, se deram as suas peças: *Os homens de bem, Os apostolos da luz, Os Missionarios* e a *Independencia.*

Manini

Um distincto scenographo italiano, que tem feito a sua carreira em Lisboa. Depois de Rambois e Cinatti ainda cá não tivemos melhor.

Luiz Manini, discipulo de Ferrari, veiu muito novo contractado para o theatro de S. Carlos. O seu trabalho agradou immensamente e todos os theatros de Lisboa o disputavam para as suas peças, principalmente as de grande espectaculo.

Nos theatros de S. Carlos, D. Maria e Trindade ha trabalhos de **Manini**, que são de primeira ordem. Encarregado tambem da direcção e ornamentação de obras importantissimas, tem em todas mostrado o seu muito valor.

Manini, além de deixar na historia da arte em Portugal um nome honrosissimo, tem alcançado pelo seu trabalho entre nós uma fortuna importante.

Gualdino Campos

É tambem um escriptor portuense distincto e um jornalista alli considerado. Para o theatro tem collaborado com outros escriptores no arranjo e na traducção de varias peças.

Laferrière

Foi um distinctissimo actor francez, de uma rara aptidão e elegancia, fazendo com bastante successo os primeiros *galans.* Era um dos artistas mais queridos de Paris pelos annos de 1840 a 1850.

Depois de estreiar-se na Comedia Franceza, percorreu a Porte Saint Martin, o Odéon, onde teve talvez o seu melhor papel na *Honra e dinheiro,* e o Theatro Historico, sob a direcção de Alexandre Dumas, onde tanto sobresahiu na *Rainha Margot,* no *Cavalheiro da Casa Vermelha, Conde de Monte Christo, Mocidade dos Mosqueteiros, Irmãos corsos, Guerra das mulheres, Cavalleiro d'Harmental,* etc.

Theatro do Pateo do Tijolo

Foi construido de madeira no antigo pateo do Tijolo, junto á rua do Moinho de Vento, hoje rua de D. Pedro V. Pouco tempo durou, porque o publico alli não concorreu.

Era seu proprietario o Villar, cabelleireiro da rua do Loreto e pae do Villar que ainda hoje tem theatro nas feiras. O ensaiador era o actor Barreto, que pertenceu á companhia de D. Maria e depois foi com Emilia Adelaide para o Brazil e lá morreu.

Da companhia faziam parte, além do Barreto: Gil (pae), Alfredo Carvalho, Estevão Moniz, Oliveira *(Bomburro)*, Eduardo (filho da Olympia), Alves, Ferreira, Praxedes, Nascimento, Eduardo (typographo), Anthero, Olympia, Anna Eliza, Candida Praxedes, etc.

Entre outras peças, representaram-se as seguintes: *Tropelias d'um macaco, Criado distrahido, Opio e Champagne, Oppressão e liberdade* e *Mãe dos escravos.* Esta ultima foi a unica que deu ainda alguma concorrencia.

O theatro muito pouco tempo alli esteve.

ALPHABETICAMENTE

ALFREDO SETTE.—É empregado publico. Foi por muitos annos ponto de diversos theatros e depois ensaiador das Variedades, Rua dos Condes e Principe Real. É intelligente e traduziu algumas comedias. Ha muito tempo que a doença o afastou do theatro.

Foi por muitos annos companheiro da actriz Guilhermina Macedo, que d'elle teve uma filha.

ALMEIDA.—Ponto que foi da companhia do Soares nas provincias e é actualmente ponto do theatro da Trindade. Tem aptidão.

ASSUMPÇÃO.—Foi machinista do theatro das Variedades. Era um excentrico, chegando mesmo a ser um malcreado, mas tinha bastante habilidade e era pontual no trabalho. Esteve tambem algum tempo no Gymnasio. Morreu quasi ao desamparo por não consentir que o tratassem.

CANDIDA.—Era figurante no theatro da Trindade. N'esse mesmo theatro se estreiou n'um pequenino papel da opereta *Os Filhos do capitão-mór*. Passou depois para D. Maria e está agora no D. Amelia. É galantinha e serve em pequenos papeis.

CARLOS PEREIRA. — Actor que foi do Porto e n'outras terras do Norte. Fez com agrado o *Santo Antonio,* de Braz Martins. É filho do actor Pereira Joaquim e da velha actriz portuense Maria Joanna. Deixou a scena para trabalhar como ajudante do scenographo Eduardo Machado. Tem habilidade.

CAROLINA MEIRA.—Veiu do Porto. Escripturou-se no theatro do Principe Real de Lisboa, em 1878. Começava com pouca habilidade, mas não era feia. Morreu n'esse mesmo anno.

CLEMENTINA.—É uma actriz brazileira com merecimento para a comedia, mas que ultimamente tem estado afastada da scena. Foi por vezes emprezaria.

CONCEIÇÃO BORGES.—Padre prégador, que teve grande fama em Lisboa. Era tambem bello organista e musico distincto. Escreveu para o theatro da Trindade uma opera comica original, passada no tempo de D. João V, com o titulo *Vamos a ellas!* A musica era tambem sua. A peça não agradou.

CONCHA GARCIA.—Uma hespanhola de grande formato, parecidissima com o toureiro Pescadero. Representou pela primeira vez em portuguez n'uma companhia minha, no theatro do Principe Real e n'um papel da minha revista do anno de 1879. Esteve depois no Chalet da Rua dos Condes, fazendo o *Microbio* da revista do mesmo titulo. Esteve tambem nos theatros dos Recreios e da Avenida, no Porto e nos Açores. É casada com o actor Pedro Cabral, de quem ha muito está separada.

ELIZIARIO CALDAS.—É empregado da Companhia dos Tabacos. Arranjou do hespanhol algumas comedias para os theatros do Chalet e do Rato.

ELVIRA MENDES.—Filha de uma antiga corista dos theatros de Lisboa, a Marianna, começou representando muito nova, demonstrando habilidade e principalmente uma bonita voz. Tem feito quasi toda a sua carreira no Porto. Já foi ao Rio de Janeiro e S. Paulo com a companhia Taveira e com esta companhia está de novo. Esteve no theatro da Rua dos Condes nas duas epochas de 1890 a 1892. Tem perdido na voz e pouco deve á formosura, mas ainda é util.

EUGENIA MONIZ.—Morreu bem nova, mas era já uma actriz muito acceitavel e muito sympathica. Representou nos theatros das Variedades, Rua dos Condes e Principe Real. O appellido Moniz era do actor Estevão Moniz, mas nos ultimos annos de vida fôra companheira do actor Augusto José Pereira.

FERNANDO LEAL.—Um poeta de muito valor, apaixonado de Victor Hugo, cujas obras tem traduzido com esmero. Entre ellas, verteu o drama *Noventa e tres* para o theatro da Rua dos Condes.

FIDANZA.—Antigo ponto do theatro do Gymnasio.

GERVASIO CORRÊA.—É empregado no commercio. Amador da Sociedade Taborda desde a sua fundação. Era estimado como amador. Resolveu-se agora a seguir a arte,

contractando-se com o actor Valle para o theatro da Rua dos Condes. Não será um pouco tarde?

GRAZIELLA.— De nacionalidade brazileira, veiu fazer-se actriz em Lisboa. Entrou para o theatro da Rua dos Condes, empreza do actor Valle. É galante, veste bem, mas ainda não teve ensejo de mostrar valor artistico.

JOÃO D'AMIL.—Antigo e bom machinista dos theatros de Lisboa. N'essa qualidade foi para o Porto e lá morreu.

JOÃO SILVA. — Nasceu em Lisboa no anno de 1869. Depois de ser muito tempo curioso dramatico, estreiou-se como actor em 1890, no theatro do Rato, dirigido então pelo actor Salazar, fazendo o *Rei da Madureza* n'uma revista. Foi depois para o Principe Real entrar na peça popular *As Filhas do Zaranza.* Em seguida contractou-se com o actor Valle e ainda hoje faz parte da companhia d'este artista-emprezario, no theatro da Rua dos Condes. Póde progredir.

JUDITH.— Uma actriz de muito pouco valor, mas bastante formosa, que por algum tempo fez parte da companhia de Salvador Marques no theatro da Rua dos Condes. É filha da fallecida actriz Eliziaria, de quem já fallei.

JULIO RODRIGUES.—É um bom marceneiro e foi um artista que teve a sua epocha, agradando muito nos papeis comicos no theatro das Variedades. Esteve tambem depois no theatro da Avenida. Foi elle o constructor do theatro de S. Pedro de Cintra.

Ultimamente tem estado afastado da scena.

LINO.--Um bom machinista do velho theatro da Rua dos Condes e depois da Trindade. Abandonou essa carreira, onde fez bastante falta, para ir estabelecer-se como fabricante de moveis na rua do Crucifixo.

LUCEY.— Uma cantora franceza com bonita cara e bonita voz, que começa agora a sua carreira como actriz portugueza. Estreiou-se no verão de 1898 no theatro do Principe Real, na revista *Nun xe xabe* e foi depois contractada pelo actor Valle para o theatro da Rua dos Condes.

LUIZ DA LUZ.— Um dos machinistas de theatro de maior valor que temos tido e que a tisica matou ha pouco, ainda muito novo. Estava ultimamente contractado no theatro D. Amelia.

LUIZ VIEIRA.— Outro bom machinista theatral, mas que está quasi sempre afastado d'esses trabalhos. Foi elle quem ultimamente montou, em Lisboa e Porto, o drama *Os Dois Garotos* com a difficil scena das aguas e a *reprise* da magica *Pera de Satanaz,* no theatro da Avenida.

MANUEL ALVES.— Um actor brazileiro que muito agradou no Rio de Janeiro no começo do seculo. Em 1820 era alli um dos primeiros artistas, sobresahindo principalmente nos *centros.*

OLIVEIRA.—É conhecido pelo **Oliveira Bomburro.** Esteve nos theatros da Rua dos Condes e Variedades e começou depois a andar pelas provincias e pelos theatros de feira, para onde escreve umas peças populares, que bastante agradam.

OLYMPIA MONTANI.— Faz actualmente parte da companhia do theatro Apollo, do Rio de Janeiro. É filha da actriz Balbina Maia e d'um irmão de Jesuina Montani. É uma utilidade.

PHEBO. — Foi primeiramente actor no Brazil. Esteve depois algum tempo no Porto e muito pouco em Lisboa. Voltando ao Rio de Janeiro alli continuou a carreira, casando com a actriz Dores Lima, de quem ha muito está separado. Era uma

utilidade no theatro, mas de ha muito que não figura nos elencos das companhias do Brazil.

RESGATES.—Houve duas nos theatros de Lisboa. Uma, muito feia, muito magra e sem geito algum, representou a maior parte da vida com sociedades de curiosos e nas provincias. Ha já alguns annos que morreu. A outra, de grande estatura, de fórmas mais regulares, mas não devendo tambem nada á belleza, representou ainda não ha muito nos theatros da Alegria e Avenida. Fazia *caracteristicas* na medida das suas limitadas forças. Tendo cegado, está hoje quasi na miseria.

SEIXAS.—Foi um actor de theatros de terceira ordem e que acabou nas feiras, quasi sempre embriagado. Foi o deboche que o matou, pois tinha figura e aptidões para fazer alguma coisa no theatro.

SOARES FRANCO.—Padre e conego. Era bastante illustrado e bom prégador. Escreveu a peça sacra *Rainha Santa Izabel,* que se representou no Gymnasio de Lisboa e em quasi todas as terras da provincia.

VIRGILIO DE SOUSA.—Filho de um escrivão da Boa Hora, que tinha o mesmo appellido e já morreu, é irmão da actriz Laura Corina. Estudou musica com intenção de seguir a carreira lyrica, sem que para isso tivesse voz. Casou com a actriz Medina. Com ella foi contractada para o Porto e depois para o Brazil, onde ficou, fallecendo em Manáos, em 1898.

WANMEYL.—Foi o tenor obrigado de innumeras operettas que se deram durante bastantes annos nos theatros Baquet e Principe Real, do Porto, com a Josepha d'Oliveira, a Manzoni, a Amelia Garraio, a Thomazia Velloso e outras. Com a companhia da Manzoni foi para o Rio de Janeiro, onde pouco agradou. Abandonou lá a arte e seguiu para o Pará, onde tinha um parente, e lá morreu em 1898, contando apenas 48 annos de edade.

DATAS RETARDADAS

JANEIRO

1

1863—É esta a data do nascimento da actriz **Izolina Monclar**, da qual fallei a paginas 640, na secção *Alphabeticamente.* Tenho só a accrescentar que esta actriz é casada com o actor Eugenio de Magalhães, do qual está separada ha muito tempo.

4

1895—Foi n'esta data que falleceu em Campinas o actor **Frederico de Sousa**, do qual tratei na mesma secção, a paginas 636. A estreia d'este actor foi no theatro do Gymnasio de Lisboa, em outubro de 1888, na comedia em 1 acto *Presente e passado.*

14

1869—Nasce no Porto o actor **Henrique Machado**, que se fez artista no Brazil e faz actualmente parte da companhia Silva Pinto, do Rio de Janeiro. Este actor nada tem de commum com outro do mesmo nome, que mencionei a paginas 639.

27

1756—Nasce em Salzbourg o illustre compositor **Mozart**.

Posto que a sua assignatura apparecesse de diversas fórmas, a maior parte das suas cartas e obras estavam firmadas por **João Chrisostomo Wolfgang Theophilo Mozart**.

Foi a mais extraordinaria organisação musical que tem apparecido. Aos tres annos de edade seguia com a maior curiosidade as lições dadas a sua irmã Maria Anna por seu pae, que tambem era musico distincto.

Aos quatro annos já tocava no cravo com gosto e expressão notaveis pequenas peças, que aprendia em menos de meia hora e já compunha minuetes e pequenos

trechos, que o pae ouvia e escrevia. Dos quatro aos seis annos fez as suas primeiras composições, em numero de 22. Embasbacavam todos á vista das primeiras producções d'esse genio, que se engrandeceu sempre até á morte.

Quando tinha seis annos deu um concerto em Munich, que produziu verdadeiro pasmo. Em seguida o mesmo succedeu em Vienna. Por essa occasião approximou-se do cravo o imperador, a quem **Mozart** pediu com todo o sangue frio que lhe voltase a folha. Isto mostrou logo o caracter do artista.

Aos sete annos de edade, sem professor, tocava admiravelmente violino. Em 1763 voltou a Munich e causou verdadeiro delirio como compositor, como pianista e tambem como violinista.

Percorreu depois triumphantemente as principaes cidades da Europa, causando o maior pasmo e enthusiasmando o publico com o seu precoce e extraordinario talento musical.

Nos ultimos dias de 1768 **Mozart** voltou á terra da sua naturalidade e ahi se demorou um anno, estudando o idioma italiano. No mez de dezembro de 1769 partiu para Italia e não podia ser maior o exito obtido em Verona, Mantua, Milão, Florença, Napoles, Roma, etc. Nos seus admiraveis concertos **Mozart** executava trechos de sua composição, entre os quaes symphonias, sonatas, arias, etc., e executava á primeira vista as mais difficeis musicas que lhe apresentassem.

Não cabe aqui mencionar a vida artistica e traçar a biographia do grande **Mozart**. São innumeras as noticias que a elle se referem em todos os idiomas. O catalogo das suas obras é enorme, sobresahindo entre todas a immortal opera *D. João*.

Fétis, a grande auctoridade no assumpto, diz que: «Nenhum musico de qualquer «tempo possuiu, como **Mozart**, o genio uni«versal da arte. **Mozart** foi o maior pia«nista do seu tempo na Allemanha, o fun«dador da escola de Vienna, continuada «por Beethoven e Hummel. Em toda a arte «de musica se elevou **Mozart** ao mais alto «grau.»

O notabilissimo musico morreu á meia noite de 5 de dezembro de 1791, tendo vivido apenas 35 annos, nos quaes contou 32 de verdadeira gloria!

MARÇO

10

1877 — Nasce em Lisboa **Santos Tavares**.

É tambem um dos novos **Francisco dos Santos Tavares** e de bastante valor.

Por emquanto tem apparecido principalmente na imprensa, revelando talento e apresentando uma fórma de escrever muito sua. Nos seus artigos, principalmente de critica, ha explosões de adjectivos e phrases, que lembram uma peça de fogo de vistas. Tem tambem bellos versos.

No theatro deu um *lever-de-rideau*, que se representou na Rua dos Condes com o titulo *Na trapeira*. Escreveu mais uma comedia em 1 acto, em verso, *Os Famintos*.

Tem collaborado effectivamente nos jornães *Correio da Manhã*, *Vanguarda* e *Reporter*.

29

1856 — Nasce no Maranhão o actor **João Colas**. Já d'elle fallei na secção *Alphabeticamente*, a paginas 627. Este artista faz actualmente parte da companhia do emprezario Silva Pinto, no theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro.

JUNHO

29

1868 — Nasce em Milão a actriz-cantora **Elodia Miola**.

Não tenho plena confiança n'esta data de nascimento que me forneceram e que julgo deve ser anterior.

Foi bailarina, cantora d'opera e passou depois á opereta. Já d'ella fallei tambem na secção *Alphabeticamente*, a paginas 651.

JULHO

4

1867 — Nasce na Parahyba do Norte (Brazil), o actor **Luiz França**, do qual fallei a paginas 635.

AGOSTO

11

1867 — Nasce em Guaratinguetá (S. Paulo — Brazil) o actor **Leite**.

Em 1888 estreiou-se como actor **Eduardo Corrêa Leite** no theatro Recreio Dramatico, empreza Dias Braga, na peça de Braz Martins, *Santo Antonio*.

Tem feito parte de diversas companhias no Rio de Janeiro e n'outros estados, mostrando sempre merito.

29

1855 — Nasce em Ponta Delgada (Açores) o actor **João Antonio Soares de Medeiros**.

Chegou ao Rio de Janeiro a 4 de setembro de 1866. Estreiou-se a 2 de abril de 1873 no theatro de S. Pedro d'Alcantara, empreza Valle.

Fallei d'este artista na secção *Alphabeticamente*, a paginas 650.

NOVEMBRO

25

1850 — Nasce o actor **Domingos Braga** no Rio de Janeiro, e não nos Açores, como disse por engano.

Tratei d'elle a paginas 629.

DEZEMBRO

19

1898 — Morre **Manuel Machado**, o antigo director do Gymnasio, de quem fallei na data de 19 d'outubro. Completava n'este dia 92 annos e 2 mezes. Morreu pobrissimo.

20

1898 — Reapparição, no theatro da Trindade, da revista de Sousa Bastos, **Tim tim por tim tim**. Teve novamente um grande exito. O papel de *Lucas*, por doença do actor Alfredo Carvalho, foi desempenhado por José Ricardo e o de *Ullysses* pelo actor Augusto. Em 20 papeis diversos teve um enorme successo a actriz Palmyra Bastos. Veja-se o que disse a paginas 115, na data de 23 de março, sobre esta peça, que continua tambem em scena no Brazil, tendo alli mais de 1:000 representações.

AUCTORES DRAMATICOS

E

EMPREZARIOS

Que ainda não foram mencionados n'este livro

AUCTORES DRAMATICOS E EMPREZARIOS

AUCTORES DRAMATICOS

A. CORRÊA.— Auctor de um drama em 5 actos, *Os homens de bem.*

ALBERTO CARLOS ESTANISLAU DE BARROS.— Veiu do Porto; foi jornalista em Lisboa, onde creou uma folha com o titulo *A Monarchia.* Encontrei-o depois no Rio de Janeiro. Escreveu um drama em 5 actos, com o titulo *O Olhão d'ouro.*

ALFREDO CALLEYA.— Entre outras peças, fez a comedia em 1 acto, *A Corda do enforcado.*

ALFREDO SARMENTO.— Era jornalista e traductor de muitos romances. Entre outras comedias suas, representou-se com muito agrado no Gymnasio a que tinha por titulo *A menina dos meus olhos.*

ANTAS BARBOSA.— Era um rapaz intelligente, que viveu pobrissimo e morreu com pouco mais de 20 annos. Lembro-me que escreveu as comedias *Amores d'um marinheiro* e *Doido por conveniencia.*

ANTONIO CASTILHO.— Foi jornalista e fundador do importante jornal *O Brazil.* Era sobrinho do Visconde de Castilho. Para o theatro escreveu as comedias: *Uma noiva em dois volumes, Amor de ingenua, Depois de velhos gaiteiros* e *Rapaziadas.*

ANTONIO FIRMINO DA SILVA CAMPOS MELLO.— É auctor do drama em 5 actos, *D. Rodrigo.*

Nada mais sei a seu respeito.

ANTONIO JOSÉ ALVES.— Foi em Lisboa escrevente de tabellião; no Porto, jornalista; ultimamente veiu para Lisboa para a redacção do *Correio da Noite* e agora empregado no *Diario do Governo.* É auctor das comedias: *Confusão geral, Um amigo fatal* e *Ventura ignorada.*

ANTONIO MARTINS DOS SANTOS.— É seu o entreacto *Influencias eleitoraes.*

AUGUSTO CEZAR VASCONCELLOS.— Foi conhecido nos theatros como amante da actriz Firmina Aguiar. Traduziu varias comedias e entre ellas: *A cabelleira de minha mulher* e *Preciosidade de familia.*

AUGUSTO LOUREIRO.— Escreveu o drama em 4 actos, *Justiça de Deus.*

BARTHOLOMEU DE OLIVEIRA DIAS E SOUSA.— É auctor do drama em 5 actos, *Salvador Rosa.*

CARLOS BUSCH. — Escreveu a comedia *Obras posthumas do capitão Wolfram.*

CONDESSA DO CAZAL.— É auctora do drama em 5 actos, *Branca.*

CORRÊA DE LACERDA.— É seu o drama em 5 actos, *Rainha e a aventureira.*

DIAS PEREIRA.— Fez o entreacto, *Por causa da Marselheza.*

EDUARDO CARVALHO. — Era militar e morreu muito novo. Traduziu do hespanhol a comedia *Um cavalheiro particular.*

EDUARDO MARTINS.— Tambem morreu novo. Era empregado da alfandega e foi por pouco tempo socio d'uma empreza do theatro das Variedades. Com Augusto Garraio collaborou na comedia em 2 actos, *As pennas d'um pavão* e escreveu a scena comica *Ai! que buffos!*

EUGENIO ROCHA.— Escreveu em diversos jornaes. A doença afastou-o do trabalho e, por fim, vivia ou no hospital, ou cá fóra de esmolas. Padeceu muito de hydropesia; foi furado desoito vezes. Escreveu algumas comedias e, entre ellas: *Nem um nem outro* e *Por causa d'um papagaio.*

GUILHERME AUGUSTO GUTIERRES DA SILVA.— Foi dono d'uma typographia, que chegou a ser importante, imprimindo-se n'ella alguns jornaes diarios, foi proprietario d'um collegio de meninas, que era dirigido por sua esposa e ultimamente tinha uma relojoaria no largo do Conde Barão. Escreveu para o theatro as comedias: *Uma mulher de juizo, Que dois sabios!, Matar-se para casar, Um taful em calças pardas, Atraz da noiva, Casaca e libré, Ganhei a partida,* e imitou o drama de D'Ennery, *Fausto.*

HENRIQUE D'OLIVEIRA JUNIOR.— Traduziu a comedia *O Chaile XBT.*

JOÃO AUGUSTO VALLADAS.— Auctor da comedia em 1 acto, *As apparencias enganam* e da operetta *A menina do balão.* Creio que nenhuma d'ellas foi representada.

D. JOÃO D'AZEVEDO.— É d'este auctor o drama em 6 actos, *O Conde João ou a Côrte de Versailles.*

JOÃO GUILHERME TEIXEIRA. — Empregado publico. Agora completamente retirado; mas escreveu ha mais de 30 annos as comedias: *O pae do noivo, Respeito pela memoria d'um pae, A' procura de si mesmo, Uma intriga na côrte, Tribulações d'um tutor* e *Tudo por causa do dinheiro d'um tio.*

JOÃO PEDRO NORBERTO FERNANDES.— Sei apenas que escreveu o drama em 5 actos, *O Ministro constitucional.*

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA LEAL.— Representou-se no theatro de D. Maria, com bastante agrado, um drama d'este auctor, intitulado *O Mordomo d'Harville.* Tinha apenas um acto.

JOSÉ JACOB DE CARVALHO JUNIOR.— Auctor da farça em 1 acto, *O Monstro admiravel.*

J. SILVA JUNIOR.— Escreveu o drama em 3 actos, *Noemi ou a filha do judeu.*

LOPES FRANÇA.— Fez uma comedia em 1 acto e 2 quadros, *O Conde de Santo Ildefonso.*

D. MARIA CANDIDA ASSIS VIANNA.— Auctora da comedia-drama em 3 actos, *Amor e perfidia.*

MIGUEL COBELLOS.—Era filho do velho actor Theodorico e foi livreiro, estabelecido no fim da rua Augusta. Era muito intelligente e excessivamente modesto. Traduziu as comedias *Romance de uma hora* e *Graças a Deus está a mesa posta*.

P. J. DE MATTOS.—D'este auctor apenas conheço a comedia-drama em 1 acto, *Por causa de Beatriz*.

REBELLO PALHAES.—Escreveu a comedia em 1 acto, *Por ser economica*.

RODRIGUES LOPES.—Auctor da comedia em 1 acto, *Amor com amor se paga*.

TEIXEIRA DE MAGALHÃES.—Conheço d'elle a comedia em 1 acto, *O primeiro amor d'uma viuva*.

THEOTONIO D'OLIVEIRA.—Tem diversas peças representadas e outras ainda ineditas. Lembro-me apenas d'estas duas comedias: *Mestre Francisco* e *Morrer nem por graça!*

TRAVASSOS LOPES.—Auctor da comedia em 1 acto, *O nariz de meu tio*.

XAVIER HOLTREMANN.—Escreveu a comedia em 1 acto, *Uns por outros*.

EMPREZARIOS

ANTONIO PORTO.—Foi o successor do Lodi na empreza do theatro de S. Carlos. Deu a sua primeira recita a 4 de janeiro de 1837 com a opera de Donizeti, *Torquato Tasso*. Eram os principaes artistas da companhia: Tavola, Galvi, Mathey, Fabbrica, Maggioroti, Regoli e, sobre todos, o grande barytono Coletti. Foi epocha de grande animação, motivada principalmente pelas scenas amorosas de grande escandalo. **Antonio Porto** ainda organisou a companhia para 1838, mas não concluiu a estação, sendo adjudicado o theatro ao Conde de Farrobo.

Por portaria de 15 de dezembro de 1842 o theatro de S. Carlos foi adjudicado á empreza Lima & C.ª, ficando **Antonio Porto** director da nova administração.

Antonio Porto era professor de piano e canto, mestre da rainha D. Maria II, homem intelligente, conhecedor de coisas de theatro, gostando de escripturar bons artistas e sabendo usar da *réclame;* faltava-lhe, porém, o dinheiro. Tinha sempre de procurar socio para as primeiras despezas.

Em 1843 foi elle organisar a companhia de que faziam parte os distinctos artistas: prima-dona Rossi-Caccia, tenores Flavio e Zoboli e mais tarde o celebre Tamberlick, que estava no começo da carreira. Apezar de tudo, a empreza dirigida por **Antonio Porto** ainda d'esta vez não concluiu a sua segunda epocha e o theatro foi adjudicado a Vicente Corradini.

Ainda conseguiu **Antonio Porto** obter o theatro de S. Carlos pelas epochas de 1852 e 1853, associando-se com o negociante Domingos José Marques Guimarães, sob a firma Guimarães & C.ª Entre os artistas contractados vieram: a Castellan, a Rossi-Caccia, a Ersilia Agostini, o Bartolini e o Dell'Aste. Houve grandes e injustas pateadas contra **Antonio Porto** por elle ser sempre *galan* com as artistas e especialmente n'esta epocha com a Ersilia Agostini. Esta era a victima das raivas do publico contra o **Porto**. Na epocha seguinte os principaes artistas eram: Castellan, Miraglia, Fortuni, Bartolini e ainda a Ersilia Agostini. Foi a ultima epocha da empreza de **Antonio Porto**.

CASIMIRO D'ALMEIDA.—Um caracter de ouro, um excellente coração e um verdadeiro amigo dos seus artistas. Era um considerado empregado do commercio. A paixão que teve pela actriz Guilhermina Macedo foi que o obrigou a ser emprezario, associando-se a Salvador Marques nos theatros dos Recreios e Rua dos Condes. Morreu muito novo. Foi elle quem fez subir á scena com bastante luzimento as pe-

ças: *Miguel Strogoff*, *Mam'zelle Nitouche*, *Luiz XI*, *Tim tim por tim tim*, *Beijos do Diabo* e *Filhos do Capitão Grant.*

CELESTINO DA SILVA.—É portuguez de nascimento; residiu muito tempo no Rio de Janeiro e actualmente passa lá alguns mezes do anno, vivendo o resto em Lisboa, Porto, Paris ou em Italia, onde tem propriedades.

Além de o ter sempre bafejado a fortuna nos seus negocios theatraes, é atiladissimo, sabe do seu officio e por isso ainda ninguem poude rivalisar com elle nos contractos de companhias estrangeiras para o Brazil.

Seria difficillimo enumerar todas as que alli tem levado, em todos os generos, tendo sempre obtido optimos resultados. Sabe ver como poucos e administrar como raros. Por sua conta teem ido ao Brazil excellentes companhias lyricas, as melhores de opereta, de zarzuela, drama, comedia, equestres, de excentricidades, etc.

De Portugal tambem alli apresentou por diversas vezes as melhores companhias, indo á frente d'ellas: Brazão, Augusto Rosa, João Rosa, Virginia, Amelia Vieira, Valle, Alvaro, Lucinda Simões, Taveira, José Ricardo, etc.

COELHO FERREIRA.— Emprezario portuense em theatros que não tem alugador e com companhias pouco exigentes. Quando tem, paga, sendo elle o primeiro a receber como director; quando não tem, não paga e já ninguem estranha. Para elle não ha difficuldades. Se apparece alguem a querer comprar-lhe um beneficio com peça que não tenha no repertorio, faz de conta que a tem e vende-o. Assim, por exemplo, fallaram-lhe um dia na *Maria Antonietta*, prometteu dal-a e lá poz o cartaz com esse titulo, fazendo representar o drama *O Povo.* Em certa occasião adoeceu-lhe um actor que tinha papel principal na peça que se representava; não se incommodou; mandou para a scena um porteiro e foi elle receber os bilhetes. D'outra vez, n'uma noite de Natal, fazia representar o *presepio.* Á ultima hora faltou o boi; foi outro porteiro substituir o animal! Quando punha em scena o *Santo Antonio*, não tinha os peixes machinados que deviam apparecer na scena do sermão. Comprava sempre uma duzia de sardinhas, pregava-as n'uma ripa, que apparecia no momento opportuno e depois do espectaculo assava-as e comia-as! Para se ver livre de uma actriz que tinha contractada, a Rosa Lemos, fel-a ensaiar um duetto, depois mandou-a para a scena cantar sósinha, mandando a interromper constantemente com quantas inconveniencias lhe lembraram. D'essa vez custou cara a brincadeira ao dono do theatro, porque o publico quasi o deixou escangalhado. Ainda não conheci quem tivesse maior *aplomb* do que elle. Commigo deu-se o caso de ter representado no seu theatro as minhas peças *Ladrões de Lisboa*, parodia dos *Sinos de Corneville* e traducção da *Niniche.* Por mais que o meu procurador se apresentasse e quizesse exigir os direitos, nunca conseguiu receber d'elle um real. Pois, logo em seguida, quando soube que eu tinha dado para a empreza Taveira e José Ricardo o *Reino das mulheres*, procurou-me em Lisboa para eu lhe dar a peça de preferencia e que depois pagaria tudo junto!... Tudo isto descreve o homem e o emprezario.

COUTO D'ALMEIDA.—Foi, durante uma epocha, emprezario do theatro do Gymnasio, associado a Xavier d'Almeida e Alfredo de Mello. A empreza foi correctissima.

DOMINGOS GOUVEIA.— É o proprietario da casa de cambio da rua da Assumpção sob a firma D. E. Gouveia & Silva. Sempre, mais ou menos, fez negocios em theatro. Em 1895 foi eleito director thesoureiro da Sociedade proprietaria do theatro da Trindade, logar que ainda hoje exerce. Na exploração da empreza do mesmo theatro é socio desde 1894. Na epocha de verão de 1897 teve a direcção da companhia de operetas que foi trabalhar no Pará.

FIGUEIREDO FRESCATA.— Foi conhecidissimo em Lisboa como jogador fino e

dando-se com a alta roda. Foi o socio capitalista da empreza Vicente Corradini & C.ª, do theatro de S. Carlos, na epocha de 1860 a 1861, e depois com campos Valdez, na empreza **Frescata & C.ª**, de 1861 a 1864. O theatro não teve grande rendimento e os prejuizos foram graves.

FRANCISCO ANTONIO LODI.—Foi o constructor do theatro de D. Maria. Foi tambem o primeiro emprezario do theatro de S. Carlos, de sociedade com André Lenzi desde 1793 até 1799, e voltou a sel-o de 1834 a 1836. Em todos os seis primeiros annos da sua empreza só teve homens contractados porque D. Maria I havia prohibido que as mulheres representassem; fizeram, pois, parte da companhia os castrados Caporalani, Rossi, Cavanna, Onesti, Rossetti, Boscoli, Olivieri e outros. Tambem dansavam homens vestidos de mulheres.

Durante algum tempo da empreza **Lodi** os espectaculos lyricos foram alternados com a representação de dramas e comedias em portuguez. As tres epochas da ultima empreza de **Antonio Lodi** foram brilhantes pelo esplendor com que as operas foram postas em scenas e pelos notaveis artistas que mandou vir do estrangeiro, entre os quaes sobresahiram: a celebre Mathey, a incomparavel interprete da *Norma*, a magnifica contralto Fabbrica, o illustre bailarino Vestris e os grandes scenographos Rambois e Cinatti. N'esta empreza esteve tambem o excellente primeiro bailarino e mimico Montani, que depois foi para o Rio de Janeiro e era pae da actriz Jesuina Montani e avô de Olympia Amoedo.

Tambem n'esta empreza foram bailarinas: a Moreno, que tanta bulha fez em Lisboa, a Josepha Soller, que depois foi a distinctissima actriz que tanto brilhou no theatro de D. Maria e Izabel Rugalli, que tambem como actriz se distinguiu no theatro da Rua dos Condes.

Francisco Antonio Lodi era cunhado do então poderoso Barão de Quintella, depois Conde de Farrobo e por isso disfructava muita protecção.

FRANCISCO RUAS.— Era filho do velho Ruas, que construiu os theatros do Gymnasio e Principe Real e foi tambem emprezario de S. Carlos. Por morte do pae, elle e seu irmão Julio ficaram arrendatarios do theatro do Principe Real. Por vezes o subarrendaram, mas quasi sempre foram emprezarios, sendo escrupulosos no cumprimento dos seus deveres e dando ao theatro uma administração proveitosa. **Francisco Ruas** morreu ainda novo.

JOÃO DE MENEZES (D.).—Ainda hoje vive felizmente este bello exemplar da antiga fidalguia portugueza e modelo de elegancia e cavalheirismo. Quem desejar conhecer a vida alegre, movimentada e resplandecente d'este gentil-homem, queira procurar na colleção do *Correio da Manhã* a descripção que d'elle fez D. Thomaz de Mello com a penna brilhante que todos lhe conhecem. Aqui, quero apenas deixar assignalado que tambem **D. João de Menezes** foi emprezario do theatro de D. Maria II, associado ao escriptor dramatico Ernesto Biester e ao actor Brazão. Entrou n'esse negocio mais para satisfazer o capricho de Ernesto Biester. Não lhe faltaram desgostos, que o deviam ter feito arrepender bastante. Os prejuizos pecuniarios deviam tambem ter sido grandes. Logo que poude, abandonou o encargo, ficando então emprezaria a sociedade artistica, de que faziam parte: Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Virginia, João Rosa, Falco, Augusto Rosa, Pinto de Campos, Emilia dos Anjos e Emilia Candida.

JOSÉ ANTONIO DA ROSA.—Conheci-o no collegio; era filho de uma capellista do largo da Graça. Um bello dia foi para os Açores como ponto de uma companhia e lá cazou com uma das actrizes. D'ahi a pouco herdou fortuna importante, que lhe dava independencia. Parece que o seu primeiro cuidado foi procurar os meios de desbaratal-a. Empregou todos que lhe

occorreram; entre elles, fez-se emprezario em Lisboa e na provincia. Mandou vir companhias estrangeiras e contractou outras portuguezas. Morreu não ha muito tempo sem ter com que acudir ás suas mais instantes necessidades. Era um bom rapaz, sem cabeça para se dirigir; confiou no futuro e elle não lhe sorriu. Era pae de Faustino da Rosa, marido da cantora Salud e actualmente agente theatral na Europa e America.

JOSÉ (D.) CARCOMO LOBO.—Foi durante uma epocha emprezario do theatro do Principe Real. Era intelligente, escrevendo com aptidão em alguns jornaes. Morreu ha pouco. Era muito bohemio. Como emprezario nada fez e por isso não voltou a sel-o.

JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO.—É emprezario no Brazil, mais conhecido pelo **Juca**. É portuguez. No Rio de Janeiro contractava companhias para dar espectaculos na *roça* e com essas mesmas ou outras dava recitas nos theatros do Rio, recitas que eram alcunhadas de *tiros*, porque eram preparadas para agarrarem publico só pela *réclame*. Começou mais tarde a contractar companhias estrangeiras para o Brazil, tendo feito negocio com muitas companhias dramaticas, de opereta, de zarzuela, equestres e de variedades. De Lisboa levou por duas epochas a minha companhia, obtendo da primeira vez grande exito com o *Tim tim por tim tim* e com o *Burro do sr. Alcaide* e da segunda com o *Sal e pimenta*: levou a companhia de D. Maria, em que pela primeira vez foi a actriz Rosa Damasceno, a companhia do Principe Real com Amelia Vieira á frente, etc.

Ultimamente tem residido no Pará, onde tem levado varias companhias portuguezas, entre ellas a do theatro da Trindade, de Lisboa.

JULIO RUAS.—Era irmão de Francisco Ruas e com elle associado nas emprezas do theatro do Principe Real. Tinha tambem alli o cargo de camarateiro. Morreu tambem novo.

MATTOSO DA CAMARA.—Negociante de Africa e antigo deputado.

Por morte de Francisco Palha foi eleito director technico da Sociedade proprietaria do theatro da Trindade.

Administrou esta casa de espectaculos desde janeiro de 1890 até junho de 1892.

É bastante intelligente e pena foi que se afastasse de negocios de theatro.

SILVA PINTO.—Era mais conhecido no Rio de Janeiro pelo **Pinto dos tiros**, porque sabia bem preparar os taes espectaculos de occasião. Foi por muito tempo socio do Juca, no Rio ou na *roça* e entrou com elle na exploração de companhias estrangeiras. É elle ultimamente quem organisa as melhores companhias do Rio de Janeiro e dos diversos estados. Não faz fortuna, porque os negocios de theatro estão no Brazil cada vez peiores para as companhias nacionaes. O **Pinto** tem inquestionavelmente actividade e um certo tacto administrativo... para fazer receita; o peior é que muitas vezes não obedece ás leis do equilibrio... e perde quando devia ganhar. A sua companhia funcciona actualmente no Rio de Janeiro, no theatro Recreio Dramatico, e conta com alguns dos melhores elementos que por lá ha: a Pepa, a Medina de Sousa, a Ismenia Mateos, o Brandão, o Machado, o Colás, etc., etc.

VICENTE CORRADINI.—Foi emprezario do theatro de S. Carlos, com Domingos Lombardi, de janeiro a abril de 1843; com o mesmo de 1844 a 1846; sósinho de 1846 a 1850, e representante da firma **Vicente Corradini & C.ª**, de 1860 a 1861. A primeira empreza só durou quatro mezes, não podendo proseguir por falta de publico. A segunda epocha de **Corradini** começou a 8 de dezembro de 1844 e terminou em 1846.

N'este tempo os assignantes eram extremamente exigentes; a empreza chegava a dar-lhes oito operas novas n'uma epocha e elles nem assim ficavam satisfeitos! As pateadas eram constantes. Verdade é que os artistas que vieram foram quasi todos insignificantes. O successo artistico foi unicamente para o grande pianista Liszt. Apesar de ter **Vicente Corradini** o theatro de S. Carlos adjudicado por quatro annos, a começar em 1846, os acontecimentos politicos da Maria da Fonte só permittiram que elle fosse aberto a 24 de janeiro de 1847 e sem que ainda estivesse organisada a companhia lyrica. **Corradini** aproveitou diversos artistas que em Lisboa estavam sem dinheiro para se transportarem ás suas terras e com elles começou os espectaculos. Toda a epocha foi má. A seguinte, de 1848 a 1849, melhorou muito, porque a companhia contava os excellentes artistas: Gresti, Fiori, Baldanza, Benedetti e Volpini. Com pequena alteração de artistas para peior se fez a epocha seguinte, de 1849 a 1850. **Vicente Corradini** não tinha dinheiro nem dispunha de elementos para apresentar boas companhias lyricas, mas sabia viver e fazer-se querido. Deixava toda a gente entrar nos ensaios e ir ao palco, abraçava todos, pedia-lhes protecção e ia sempre promettendo que as coisas haviam de melhorar. Sempre com cara risonha para todos, quando era preciso chorava tambem e conseguia que o não desfeiteassem. Quasi sem elementos alguns, sabia ganhar dinheiro.

O governo, farto de perder dinheiro com a administração do theatro de S. Carlos, pôl-o novamente a concurso por um anno, sendo adjudicado a **Vicente Corradini & C.ª**, de 1860 a 1861.

O capitalista que forneceu os fundos á empreza foi o Frescata. Da companhia faziam parte: a Gazzaniga, que, apezar de boa cantora, estava cançada, a Kenneth, que fez grande fiasco pelo seu desastramento em scena, e a Fricci, que mais tarde se tornou notavel, mas que n'aquella epocha não passava d'uma principiante. Veiu tambem a cantora Hensler, que foi depois Condessa d'Edla e esposa de el-ei D. Fernando. A contralto era a Galli Marié, que tanto se distinguiu depois na Opera Comica de Paris. Eram segundas damas a Canaria, que acabou em corista da Trindade, e Carolina Falco, hoje actriz da companhia Rosas & Brazão. Como tenores estavam o Nery-Baraldi, que muito agradou, o Agresti e o Fabri; o barytono era o Fagotti, e baixo o Antonucci. Além de Carolina Falco, faziam n'essa epocha parte da companhia os portuguezes: tenor Andrade Ferreira, barytono Celestino e o baixo Lisboa. Foi esta a ultima epocha em que foi emprezario **Vicente Corradini.**

VILLAR COELHO.—Chegou a fazer figura em Lisboa, vivendo com luxo e até prodigalidade. Teve uma casa de emprestimos sobre penhores no largo da Annunciada e negociou em grande escala em objectos antigos. Tinha suas pretensões a litterato, chegando a escrever algumas comedias, que se representaram. Foi emprezario do theatro da Rua dos Condes com José Romano e tambem do theatro D. Augusto, de Alcantara. Ultimamente, para angariar os meios de subsistencia, tirava copias. Não tirou lucro algum das suas emprezas; antes pelo contrario.

VISCONDE DE S. LUIZ DE BRAGA.—Filho de portuguez, nasceu no Rio Grande do Sul, Brazil. É bastante intelligente e tem muita aptidão para administrador theatral. No Rio de Janeiro, mesmo depois de feito Visconde, continúa a ser conhecido por **Braga Junior.** Como já disse n'outro logar, foi ponto de theatro e depois socio de uma empreza artistica no theatro Recreio Dramatico, do Rio. Mais tarde fez-se emprezario, tendo adquirido o espolio da empreza de Esther de Carvalho. Com a companhia que organisou percorreu o Brazil do Norte ao Sul, fazendo principalmente dinheiro com as operettas *O Periquito* e *D. Juanita,* que não deviam ser as minhas, porque nunca recebi os direitos. **Braga Junior** associou-se depois a Celestino da Silva n'algumas emprezas e n'ellas teve lucros.

Com o advento da republica ao Brazil,

Braga Junior foi atacado da febre de companhias e outros negocios que se tornaram epidemicos no Rio de Janeiro. Eu não estava lá n'esse momento e por isso não sei a origem, de certo muito honrosa, da grande fortuna que em poucos mezes realisou **Braga Junior**, transportando-se com ella para Lisboa, d'onde nunca mais sahiu, a não ser para dar uns curtos passeios pelas cidades europeas. Aqui fez-se visconde e é um dos proprietarios do theatro D. Amelia e socio da empreza exploradora do mesmo theatro com Guilherme da Silveira, Antonio Ferreira Ramos e Celestino da Silva.

XAVIER D'ALMEIDA. — Foi emprezario do theatro do Gymnasio com Couto d'Almeida e Alfredo de Mello durante uma epocha, e depois ficou elle só com a empreza durante outra epocha. Foi fiel cumpridor dos seus deveres e teve alli organisada uma bella companhia, de que faziam parte, entre outros artistas, os seguintes: Taborda, Izidoro, João Rosa, Augusto Rosa, Pinto de Campos, Polla, Joaquim d'Almeida, Leopoldo, Maria das Dores, Emilia dos Anjos, Maria Adelaide, Jesuina Marques, Margarida da Silva, Joanna Carlota, etc. **Xavier d'Almeida** era pae do actual jornalista do mesmo appellido.

ULTIMAS

RECTIFICAÇÕES

E

AMPLIFICAÇÕES

ULTIMAS RECTIFICAÇÕES E AMPLIFICAÇÕES

ACTOR MATTOS (Pag. 90).—Foi agraciado pelo governo portuguez com o habito de Christo.

Foi uma recompensa justissima ao seu muito merecimento e bello caracter.

FREITAS GAZUL (Pag. 107).—É actualmente regente da orchestra do theatro de D. Maria.

HELENA CAVALIER (Pag. 161).—É natural de Barcelona, onde nasceu em 1855. Veiu para Lisboa com tres annos de edade. Voltou agora ao theatro, contractando-se na companhia Dias Braga, onde estivera por muitos annos.

Esta actriz tinha bastante prestigio, e pena foi que por tanto tempo estivesse afastada da scena.

THEATRO DE S. CARLOS (Pag. 240).—Estão annunciadas, para serem cantadas pela primeira vez na epocha theatral de 1898-1899, as tres novas operas *Sapho* e *Werter* de Massenet, e *A Serrana*, do maestro portuguez Alfredo Keil, com libretto de Lopes de Mendonça.

ARTHUR AZEVEDO (Pag. 252).—Está annunciada no theatro Recreio Dramatico do Rio de Janeiro, empreza Silva Pinto, uma nova revista d'este distincto escriptor com o titulo de *Gavroche*.

Este titulo é o pseudonymo com que **Arthur de Azevedo** firma as suas obras.

ALBERTO BRAGA (Pag. 360).—Traduziu agora para o theatro de D. Maria a comedia de Augier *Les Lionnes pauvres*, com o titulo *As Elegantes pobres*.

INTRIGAS NO BAIRRO (Pag. 385).—Esta popular opereta de Luiz de Araujo foi representada pela primeira vez em 1864 e não em 1854, como sahiu por erro typographico.

AUGUSTO MACHADO (Pag. 465).—Este illustre maestro trabalha actualmente n'uma opera com o titulo *Leão Amoroso* e n'uma opereta *O Tição negro*, extrahida por Lopes de Mendonça das obras de Gil Vicente.

LEONARDO (Pag. 603).—Dizem-me que a data do seu nascimento foi 1861. Diz elle

ser natural do Rio de Janeiro, mas ha quem affirme que nasceu nos Açores.

Ultimamente não tem figurado nos elencos das companhias do Rio de Janeiro. Consta estar no Pará.

CONDE DE MONSARAZ (Pag. 608).—Tambem é sua a traducção da comedia *Dom Cezar de Bazan*, do repertorio do actor Augusto Rosa.

O **Conde de Monsaraz** tem ultimamente abandonado bastante as letras, o que é para sentir.

HUMBERTO AMARAL (Pag. 620).—Entrou effectivamente em 1898 para o theatro da Trindade. Tem merecimento e deante de si um bom futuro, se estudar. Na revista *Tim tim por tim tim* desempenha alguns papeis com graça e correcção.

COIMBRA (Pag. 627).— O nome d'este actor, estimadissimo no norte do Brazil, era **Antonio José Duarte Coimbra**. Era o proprietario do pequeno theatro de Santo Antonio, de Pernambuco, onde, principalmente de 1872 a 1875, a arte dramatica teve bastante esplendor.

COLÁS (Pag. 627).— O nome todo d'este distincto compositor e regente de orchestra era **Francisco Libanio Colás**. Foi auctor da musica da peça de Macedo *A Torre em concurso* e de muitas operetas que se representaram em Pernambuco, terra onde pela primeira vez no Brazil se cantaram operetas em portuguez.

DELORME (Pag. 628).— O seu nome é **Aurelia Delorme**. Nasceu no Rio de Janeiro em 1869. Voltou agora para o theatro, fazendo parte da companhia Dias Braga.

Como já fiz notar, esta actriz, sem ter grande merito, é muito sympathica e tem popularidade.

EUGENIO DE MAGALHÃES (Pag. 632).— Nasceu em Braga em 1853. Tinha 12 annos de edade quando partiu para o Brazil e entrou para o theatro aos 19. Continúa agora na companhia Dias Braga, no theatro de Variedades, do Rio de Janeiro, onde tem feito o seu antigo repertorio.

MANUELA LUCCI D'OLIVEIRA (Pag. 648).—Natural de Italia, foi para Pernambuco com 3 annos de edade. Foi discipula do distincto actor Germano e casou com o actor-emprezario, Vicente Pontes de Oliveira.

Foi uma bella actriz, que teve por muito tempo immensa preponderancia em todo o norte do Brazil. Além de intelligente, tinha bella dicção e grande mobilidade physionomica.

Teve os seus principaes papeis na *Morgadinha de Valflor*, *Estatua de carne*, *Graça de Deus*, *Maria Joanna*, *Judeu errante*, *Bastardo d'El-Rei*, *Dama das camelias*, *Recordações da mocidade*, *Anjo da Meia Noite*, etc.

RICARDO JOSÉ DE SOUSA NETTO (Pag. 655).—Entre as suas innumeras traducções de comedias, que muito agradaram, posso citar as seguintes: *Ambos sem calças*, *Anna Barraca*, *A' porta da rua*, *Capellão do regimento*, *Desejos de minha mulher*, *Duas bengalas*, *Emilia Travêssa*, *Ha tantos assim*, *Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga*, *Octogenario*, *Pequenas miserias*, *Roseira*, *Sim ou não?*, *Um baile* e *Uma mulher que perde as ligas*.

SÁ ALBERGARIA (Pag. 656).— Escreveu as revistas: *O Porto por um canudo*, *As pastilhas do Diabo*, *Bicha de sete cabeças* e *Filho do Diabo*; a magica *O Ovo da galinha pinta*, cujo primeiro acto aproveitou para o *Brazileiro Pancracio*, porque foi o unico acto que agradou; o aproposito *O Carvalho milagroso*, e a opereta *O Diabo loiro*, com que em 1897 se inaugurou no Porto o theatro Carlos Alberto.

A. J. I. P. VARELLA (Pag. 660).—No jornal *A Arte Dramatica* publicou uma serie de artigos muito interessantes com o titulo *Os Actores e o clero no seculo XVII.*

Entre outras muitas, eram suas as seguintes peças, na maioria imitadas: *Um marido que rapta sua mulher*, *Margarida ou o herdeiro desherdado*, *No Limoeiro*, *A bom*

servidor boa paga, *Amor e toleima, Desejos de dois casados, Por causa d'um papagaio, Dansarino encóberto, O que a ambição faz praticar* e *O Silvestre e o selvagem.*

VICENTE PONTES DE OLIVEIRA (Pag. 660).— Foi um bello actor comico do norte do Brazil e um afamado emprezario, que deu alli grande brilho á arte dramatica, tendo sempre contractados artistas de valor, como Xisto Bahia, Joaquim Infante da Camara, Santos, Florindo, Flavio, Vicente, Emilia Camara, uma excellente *ingenua*, Maria Bahia, Joanna Januaria, Olympia Valladas, Cecilia Augusta, Josephina de Azevedo, Rosa Manhonça, Pontes, Silva, Eduardo Alvares, etc.

O repertorio d'este emprezario era sempre escolhidissimo e posto em scena a primor.

Foi elle quem fez representar pela primeira vez as notaveis peças: *Torre em concurso*, de Macedo; *Nunes Machado,* de Aprigio Guimarães; *Julia,* de Domingos Olympio; *Maçons e jezuitas,* de Carneiro Villela e ainda as obras melhores de Magalhães, Penna, Macedo, Alencar, Castro Alves, Domingos Olympio, Aprigio Guimarães, etc.

CARNEIRO VILLELA.— Distincto escriptor dramatico brazileiro, actor e ensaiador, que teve muita popularidade no norte do Brazil.

JULIO XAVIER.— Outro artista do norte do Brazil. Era correcto, instruido e um magnifico ensaiador. Morreu no Rio de Janeiro.

GIL VICENTE E A CUSTODIA DE BELEM. — Apezar de todas as considerações e argumentos, que á primeira vista parecem convincentes, e que apresentei a paginas 705, extrahidos do importante jornal *Artes e Letras,* diversas auctoridades que consultei affirmam que o ourives **Gil Vicente** era tio de **Gil Vicente** poeta. Não resta a menor duvida.

ULTIMOS
RETRATOS OBTIDOS

ULTIMOS RETRATOS OBTIDOS

CATULLE MENDÉS.—Já fallei d'este dis-

tincto escriptor, a paginas 194, na data de 22 de maio, anniversario do seu nascimento. Agora quero apenas apresentar o seu retrato e citar o seu ultimo trabalho para o theatro, a tragedia em 3 actos, *Medéa,* que Sarah Bernhardt fez representar na Renaissance. A peça, como todos os trabalhos do notavel poeta, é uma verdadeira obra d'arte.

D. THOMAZ DE MELLO.—Já d'elle trate

a paginas 747, na data do seu nascimento, a 23 de fevereiro. Apresento tambem agora o seu retrato e menciono que é elle o proprietario da Agencia universal de annuncios, a unica incumbida por contractos especiaes, de affixar nas esquinas os cartazes de todos os espectaculos de Lisboa.

VICTOR ROGER.—Já foi citado a pagi-

nas 269, na data do seu nascimento, a 21 de julho. Deixando aqui o seu retrato, citarei ainda algumas das suas bellas partituras, que não mencionei e que são: *Mademoiselle Irma, Oscarine, Cendrillonette, Le Fétiche, Samsonnet, Le Coq Caterinette, Pierre et Paul, Nicol-Nick, La Dot de Brigitte, Voyage de Corbillon, Chez le Couturier, Sa Majesté l'Amour* e *Les Quatre Filles Aymon.*

SOARES.—Foi um emprezario conhecidissimo nas nossas provincias, onde teve companhia por muitos annos. Tinha immenso credito, porque era honestissimo e sabia angariar sympathias. Como actor tinha merito muito relativo, mas fazia com applauso das platéas todos os principaes papeis do seu repertorio. Referi-me a elle a paginas 278, na data de 30 de julho.

FRANZ LISZT.—Só agora me é possivel dar o retrato do insigne pianista, de quem escrevi a paginas 559, na data do seu anniversario, a 22 de outubro do *Appendice*. Nada mais tenho a accrescentar ao que então disse do **Abbade Liszt**, que em Lisboa, como em todas as grandes cidades, produziu fanatismo, quando aqui esteve dando concertos no theatro de S. Carlos, em 1845.

PLACIDO STICHINI.—Veja-se a seu respeito a pagina 32, a data de 12 de janeiro, data em que se representou pela primeira vez o vaudeville *Casamento da Nitouche*, para que elle compôz a musica. **Stichini** tinha na realidade talento e inspiração e a sua morte foi bastante prejudicial aos theatros populares.

JULIO VERNE.—A paginas 63, na data de 8 de fevereiro, anniversario do seu nascimento, fallei d'este escriptor francez, muito popular em todo o mundo pelos seus extraordinarios romances de viagens maravilhosas. Desejo deixar aqui tambem o seu retrato, que é não só de um romancista, mas d'um escriptor dramatico, em collaboração com Carré, Sardou, Cadol, Mortier, Gille e principalmente D'Ennery.

SILVA VIEIRA.—A classe typographica, que tem tido em Portugal bastantes cultores das letras, deu-nos, entre muitos, **Silva Vieira**, esse amigo, cuja perda ainda hoje deploro, que, como Alcantara Chaves, Silva e Albuquerque, Eduardo Coelho e outros, tambem escreveu para o theatro. Era pae do actor Eduardo Vieira, que actualmente representa na companhia Dias Braga, do Rio de Janeiro. De **Silva Vieira** já fallei a paginas 329, na data do seu anniversario, a 14 de setembro.

JORGE OHNET.—Entra aqui o retrato d'este escriptor francez, do qual já tratei a paginas 131, na data de 3 d'abril. É principalmente romancista, mas já citei d'elle bastantes peças de successo. Nos theatros de Lisboa já se representaram traducções das suas peças: *Serge Panine, Maitre de forges, Comtesse Sarah* e *Grande Marnière*.

SILVA (Pencudo).—Era assim conhecido o actor **Antonio Eduardo da Silva Junior**, de quem dou o retrato e de quem já fallei a paginas 338, na data da sua estreia no theatro da Trindade, em 20 de setembro. Foi uma grande utilidade, como o demonstrou em muitas peças, especialmente na *Niniche, Boccacio, Sinos de Corneville, Volta ao mundo, Duende*, etc.

EDMOND AUDRAN.—Este notavel maestro francez foi citado na pagina 143, na data do seu anniversario, a 11 de abril. É filho do cantor Marius Audran. Estudou na Escola Niedermeyer, onde obteve o premio de composi-

ção em 1859. Foi mestre de capella na egreja de S. José de Marselha, em 1861. Além das obras de que fallei, tem as seguintes: *Chercheuse d'esprit, Nivernaise, Petit Poucet, Sulamite, Saint-Valentin, Dormeuse éveillée, Pommes d'or, Pervenche, Cigale et la fourmi, Puits qui parle, Miette, Fille à Cacolet, Lune, Oeuf rouge, Article de Paris,* etc.

FRANCISCO EMILIO SALAZAR. — Referi-me a este actor na pagina 49, na data do seu nascimento, a 27 de janeiro. Nunca foi nem poderia ser um grande actor; tinha porém alguns dotes aproveitaveis que fizeram d'elle um curioso distincto, depois lhe deram um bom logar nos theatros populares e até o fizeram ser aproveitavel em boas companhias. A doença concorreu depois muito para a decadencia a que chegou no fim da vida.

HERMINIA BORGHI-MAMO. — Escrevi a seu respeito a paginas 70, na data do seu nascimento, a 14 de fevereiro. Em Lisboa estreiou-se esta notavel cantora, na noite da abertura da epocha de 1879 a 1880, a 29 de outubro de 1879, na opera de Meyerber, *A Africana*. Teve logo um brilhante successo e foi a artista querida do nosso mundo lyrico, de 1879 a 1881. Como já disse, era filha da grande cantora Adelaide Borghi-Mamo, que tambem fanatisára o nosso publico, quando estivéra em S. Carlos.

ROSA PAES. — Veja-se, a paginas 224, a data de 12 de junho, que é a do seu anniversario. Os dotes que lhe notei teem-se desenvolvido e promettem fazer d'ella uma das nossas boas actrizes no genero. Ultimamente muito se salientou nas operetas *Noite e dia, Solar dos Barrigas, Principe Rubim, Sinos de Corneville, Boccacio, Hotel da barafunda* e na revista *Tim tim por tim tim.*

ROLLÃO. — Tive agora ensejo de apresentar o retrato do actor **Joaquim Antonio Rodrigues Rollão**, de quem tratei na pagina 188, na data de 18 de maio. Era a este artista, que o excellente curioso dramatico e hoje actor, Carlos Antonio Bayard, tinha a mania de imitar, conseguindo-o com muita felicidade. **Rollão** tinha uma declamação especial, muito sua, que por vezes o prejudicava.

MARIA PIA D'ALMEIDA. — Referi-me a esta actriz, de quem agora apresento o retrato, na pagina 235, na data do seu nascimento a 22 de junho. Faz ella actualmente parte da companhia Rosas & Brazão, no theatro D. Amelia. Tem alli um logar saliente, porque no repertorio d'essa empreza muitos papeis ha que reclamam dotes de elegancia e distincção, que a actriz **Maria Pia** tem em abundancia.

LIBANIO DA SILVA. — Quero tambem deixar aqui o retrato d'este intelligentissimo e correcto escriptor, distincto typographo e proprietario da imprensa da rua do Norte, d'onde saem trabalhos de primeira ordem e do qual fallei a paginas 391, na data de 29 de outubro. **Libanio da Silva**, além dos seus trabalhos que apontei para o theatro, acaba de traduzir uma comedia em 3 actos, que deve subir á scena esta epocha no Gymnasio, no beneficio de Marcellino Franco, e o verso da opera comica *Juramento de Amor*, que será representada na Trindade.

LISBOA.— Veja-se a paginas 80, na data de 23 de fevereiro, que é a da morte do actor **Joaquim Pedro Lisboa,** o que sobre elle disse. Era irmão do grande actor Antonio Pedro. **Lisboa** morreu muitissimo novo e por isso não teve occasião de salientar-se; todavia demonstrou nos papeis que fez aptidões comicas, que decerto se desenvolveriam.

MARIA PINTO.— Fallei d'esta actriz na pagina 93, na data do seu nascimento, a 4 de março. Contei como a vira representar em Vizeu, terra da sua naturalidade, e como a fizera escripturar no theatro da Rua dos Condes, onde foi util. Tem-se ultimamente salientado no Porto, nos theatros D. Affonso e Carlos Alberto, em muitos papeis importantes.

LIMA.— Tratei do actor **Joaquim Gregorio de Sousa Lima,** tambem conhecido pelo **Lima (pae),** porque teve um filho tambem actor do mesmo appellido, e ainda mais conhecido pelo **Lima da Trindade,** porque foi n'este theatro onde começou e onde mais tempo esteve; tratei d'elle a paginas 319, na data da sua morte, a 2 de setembro. Hoje apenas apresento o seu retrato.

MARIA COSTA.— Foi citada n'este livro esta actriz, de quem hoje apresento o retrato, na pagina 398, na data do seu nascimento, em 1 de novembro. **Maria Costa** continúa no theatro da Trindade, tendo voltado ao genero opereta e mostrando sempre que tem habilidade e um futuro risonho diante de si, se continuar estudando.

GIL (Pae).— Estimei immensamente ter o ensejo de apresentar aqui o retrato do actor **Antonio da Silva Gil,** que muito conhecido foi no theatro por **Gil (pae).** Era assim denominado por ser pae dos actores João Gil e Silverio Gil. Da vida accidentada e engraçadissima d'este antigo artista já prometti fallar n'outro volume que publicarei brevemente. Para outras informações leia-se o que escrevi a paginas 42, na data da sua morte, em 18 de janeiro.

ESTEPHANIA PINTO.— Já tratei d'esta actriz na pagina 319 e na data do seu nascimento, a 2 de setembro. Dando agora o seu retrato, cumpre-me certificar que tem ella muito mais valor do que á primeira vista se suppõe. O publico viu-a começar em corista, fazer depois pequeninos papeis e acostumou-se a julgal-a uma nullidade; não é assim. A **Estephania** nada deve á formosura, mas arranja-se perfeitamente para a scena; tem vida e desembaraço e livra muitas vezes a empreza de difficuldades, substituindo qualquer collega de um momento para o outro.

MURTEIRA.— Foi citado a paginas 76, na data da sua morte, a 18 de fevereiro, este modesto artista, de quem agora dou o retrato. Como então fiz notar, foi actor mediocre, mas teve a sua epocha de agrado no velho theatro da Rua dos Condes. Percorreu depois as provincias por largo tempo na companhia do Soares, até que morreu em 1885, em Vianna do Castello.

RAPHAEL CRONER.—Do insigne clarinetista **Raphael José Croner**, irmão de outro artista notavel, Antonio Croner, escrevi a paginas 117, na data de 26 de março. Hoje apresento o seu retrato, porque todas as homenagens são devidas a esse artista distincto, que tanto brilhou nos concertos e tanto honrou as primeiras orchestras dos nossos theatros.

JOSÉ FIALHO.— O leitor ha de ter curiosidade em conhecer a physionomia do auctor da phrase: *Não sahiram nem á tyroleza!* Apresento, pois, o seu retrato sem mais commentarios, visto que já d'elle fallei bastante a paginas 642, na secção *Alphabeticamente.* Esqueci-me de mencionar que **José Fialho** tem-se occupado ultimamente muito em fazer retratos a *crayon.*

LUIZA LOPES.— Referi-me a esta actriz, da qual apresento agora o retrato, na pagina 181 e na data da sua morte, a 12 de maio. Foi esposa do actor-auctor Baptista Machado. Como já disse, era uma actriz modesta, mas era uma verdadeira utilidade no theatro, porque nunca era incorrecta e muitas vezes livrava as emprezas de difficuldades, substituindo qualquer collega.

CARMEN CARDOSO.— Veja se o que escrevi a respeito d'esta actriz na pagina 156, a 21 d'abril, data da sua estreia no theatro da Trindade. Apresentando o seu retrato, só tenho agora a accrescentar que continua escripturada na companhia Taveira, no Porto. Na epocha passada vi-a alli representar drama, o que foi um desastre completo. Deixe-se estar na opereta, onde a sua carinha engraçada e voz bonitinha a salvam da falta de aptidões e dotes artisticos, mas não volte ao drama, onde chega a metter dó.

GALVÃO.— Fica tambem aqui o retrato d'este actor, de quem escrevi a paginas 81, na data de 24 de fevereiro. Como então disse, o actor **José Antonio Galvão**, se tivesse tido o bom senso de aproveitar os dotes que possuia, poderia ter chegado a obter um logar saliente nos theatros de opereta. **Galvão** continua no Brazil, mas não tem apparecido agora o seu nome nos elencos das companhias do Rio de Janeiro.

ANTONIO DE SÁ.—Já escrevi d'este actor-tenor na pagina 422, na data do seu nascimento, em 23 de novembro. No theatro da Trindade, de Lisboa, onde está contractado actualmente, o Sá tem feito boa figura e promette progredir. A sua voz de tenor, sã e bem timbrada, dá-lhe bastante valor. Ultimamente agradou muito no *Principe Rubim, Boccacio, Hotel da Barafunda, Solar dos Barrigas* e na revista *Tim tim por tim tim.*

FLORINDO.—Este velho actor, que actualmente é empregado da Camara Municipal, e é visto por ahi com umas compridas barbas brancas, teve tambem a sua epocha no theatro. Tornou-se saliente por pretender imitar o actor Epiphanio, o que lhe a carretou uma alcunha muito extravagante.

Do actor **Antonio Florindo da Costa** fallei n'este livro a paginas 265, na data de 19 de julho.

FERREIRA (Bebé).—A este referi-me na secção *Alphabeticamente*, na pagina 634. Apresento o seu retrato pela curiosidade que naturalmente devia despertar o que a seu respeito contei. Se na scena era muitas vezes semsaborão e sempre um actor mediocre, cá fóra tinha pilhas de graça e era nos palcos, com as suas boas pilherias, a alegria dos collegas.

ANTONIA DE SOUSA.—Esta estimada e intelligente actriz foi citada n'este livro, na pagina 90, na data do seu anniversario natalicio, a 1 de março. Ao que então disse, tenho a accrescentar que, na epocha que fez no theatro da Trindade, continuou mostrando que tinha valor, e que actualmente se acha escripturada pela nova sociedade artistica do theatro de D. Maria, onde póde ser util, se estudar.

EDUARDO DE SOUSA.—D'este actor, de quem hoje apresento o retrato, tratei na secção *Alphabeticamente*, a paginas 630. Continua representando no Brazil, ignorando eu agora a que companhia pertence ou em que parte da Republica está vivendo. Não é actor de grandes meritos, mas é uma boa utilidade nos theatros d'opereta.

EDUARDO DE-VECCHI.—Já foi citado este artista na pagina 423, na data da sua estreia no theatro da Trindade, em 25 de novembro. Não mais voltou ao theatro, porque, como disse, é actualmente proprietario e redactor do importante jornal *Diario de Noticias*, da Bahia. É filho da distincta actriz Gabriella da Cunha De-Vecchi.

CARLOS BORGES.—Referi-me a este escriptor a paginas 96, na data do seu nascimento, a 8 de março. N'esse artigo notei-o como escriptor dramatico, professor, commerciante e emprezario. Resta-me dizer que, todos os annos, na epocha de verão, organisa companhia de comedia, com que percorre diversas terras do reino, e que o faz tão acertadamente e com tanto tino, que obtem sempre bons lucros, na epocha e em terras em que os mais quasi sempre teem prejuizos.

MAURICIO ORDONNEAU.—D'este distincto escriptor dramatico francez, de quem só agora posso apresentar o retrato, já fallei a paginas 230, na data do seu nascimento, a 18 de junho. Além das peças que já citei, tem outras muitas, e entre ellas: *Peregrinação*, *A Boneca*, *Primo-prima*, *Fanoché*, *Madame Suzette*, *A mulher do commissario*, *Viagem de Berluron*, *A virtude de Lolotte*, *Os Boulinard* e ainda bastantes, em numero superior a sessenta.

MANINI.—Já foi citado na pagina 782 o notavel scenographo italiano **Luiz Manini**, de quem apresento agora o retrato. Nasceu em Crema, pequena cidade da Lombardia. Foi alumno da Academia de Bellas Artes de Milão. Já disse que, como scenographo, foi discipulo do celebre Ferrari. Foi em 1879 que veiu contractado para o theatro de S. Carlos de Lisboa. Entre os melhores trabalhos de Manini nos theatros de Lisboa, citam-se os que fez para as peças: *Guarany*, *Mephistopheles*, *Aida*, *Lohengrin*, *Estrangeira*, *João de Thomeray*, *Rantzau*, *Othello*, *Drama no fundo do mar*, *Miguel Strogoff*, *Sal e pimenta*, *Regente*, *Questão de dinheiro*, *Dois Garotos*, etc.

MACHADINHO.—A paginas 647, na secção *Alphabeticamente*, fallando d'este actor, já disse que o diminutivo no seu nome não é porque elle seja muito novo, mas porque assim se lhe chamava no theatro por ser bastante franzino e, como então disse, quasi transparente. Está quasi sempre fóra das companhias de Lisboa este actor. que aliás tem merecimento e faz alguns papeis comicos com graça.

COQUELIN (Cadet).—Tendo ensejo de o fazer, não podia deixar de apresentar aqui o retrato do notavel artista, societario da Comedia Franceza, **Alexandre Honorato Ernesto Coquelin**, do qual tratei na pagina 105 d'este livro, na data de 16 de março, anniversario do seu nascimento em Boulogne-sur-Mer.

SEBASTIÃO JOSÉ ALVES.—É o *pequenino* actor do Gymnasio, alli incumbido de fazer todos os papeis de *meninos*, que apparecem em grande numero n'aquelle enorme repertorio. Apezar de já ter completado vinte e sete annos de edade, tem apparencia de muito mais novo. Já disse que tinha valor este artista, de quem escrevi a paginas 298, na data de 14 de agosto.

EDUARDO MACHADO.—Dou agora o retrato do distincto scenographo **Eduardo Machado**, a quem me referi a paginas 179, na data do seu nascimento, a 8 de maio. Como então disse, dos scenographos portuguezes é este actualmente o de maior valor e ainda ultimamente o tem demonstrado nas scenas que pintou para os theatros de D. Maria, Trindade e Gymnasio.

JULIO LEMAITRE.—Esta gravura é copia da ultima photographia de **Lemaitre**, feita pelo celebre photographo Nadar. O notabilissimo escriptor francez fez representar ultimamente no Gymnasio a comedia em 4 actos e 5 quadros, *A mais velha*, que levantou muita discussão, que não fez grande carreira, mas que trazia o cunho do pulso vigoroso do excellente comediographo, do qual fallei na pagina 163 d'este livro, na data de 27 de abril.

A sua comedia em 3 actos *O Perdão*, é notavel tambem por ser passada entre tres unicos personagens.

CASIMIRO JUNIOR.—Não só para prestar homenagem ao seu muito valor artistico, mas tambem como protesto á injusta apreciação que d'elle fez o sr. Joaquim de Vasconcellos no seu livro *Os Musicos portuguezes*, apresento hoje, tão fiel quanto possivel, visto que não existe em photographia, o retrato do notavel e inspirado compositor **Casimiro Junior.**

Veja-se o que d'elle disse na paginas 203, na data do seu nascimento, a 30 de maio, e depois a sua auto-biographia que tambem publiquei a paginas 733, na mesma data e na secção *Rectificações e amplificações*.

CAROLINA FELGAS.—Não foi uma actriz de nomeada; a passagem d'este astro na scena não deixou rastro luminoso; todavia era uma actriz util que a Trindade possuiu por alguns annos, e uma mulher de certa elegancia que era agradavel ver em scena. Tratei d'ella resumidamente quando citei a sua estreia a paginas 331, a proposito da primeira representação da magica *Gata Borralheira*, no theatro da Trindade, em 15 de setembro. **Carolina Felgas** ainda vive.

DOROTHEA.—Uma vez que o encontrei, dou-o aqui, mais como curiosidade, o retrato da actriz **Dorothea das Dores**, que passou nos theatros secundarios e particulares de Lisboa, sem nunca ter tido mocidade e sendo apenas notada pelo papel que desempenhou no velho theatro da Rua dos Condes, a *Bicha feia* no drama de José Romano *Os Bombeiros*. Veja-se a pagina 380, na data de 22 de outubro.

RUBINSTEIN.—D'este notabilissimo artista, o tão celebre pianista **A. Rubinstein**, veja-se o que escrevi a paginas 102, na data de 14 de março. Como então fiz notar, foi uma verdadeira vergonha para a nossa illustração e bom gosto deixar quasi vasio o theatro de D. Maria, quando se annunciára a estreia em Lisboa d'essa justificada celebridade europea.

CINIRA POLONIO.—Na data da sua estreia no theatro da Trindade, em 12 de fevereiro, na pagina 68, já fallei d'esta elegante actriz, que ultimamente tem estado afastada da scena, como quasi sempre acontece ás *estrellas*, feitas mais pela *réclame* do que pelos verdadeiros meritos. Ultimamente tem-se annunciado muito que **Cinira Polonio**, por falta de voz, abandona a opereta e irá dedicar-se ao drama!

VICENTE JOSÉ COELHO.—O retrato que apresento d'este actor foi tirado na força da vida, quando elle pertencia á companhia do theatro de D. Maria, fazendo alli os segundos *galans*, ao lado do Tasso, que era o primeiro entre todos os primeiros. A doença ha muitos annos que prende em casa o actor **Coelho**, que foi citado a paginas 28, na data do seu nascimento, em 9 de janeiro.

MORAES.—Nem todos pódem ser primeiros actores. No theatro ha diversas cathegorias, e na dos *discipulos* é o **Julio Moraes** um dos primeiros. Foi por isso talvez que elle se deixou ficar em *discipulo* para ser dos primeiros e não quiz passar a mestre para não ser dos ultimos. O que é, em todo o caso, um excellente homem e de um comportamento exemplar no theatro o bom **Julio Moraes**, a quem me referi na secção *Alphabeticamente*, a paginas 651.

AUGUSTA MARTINS.—Já d'ella fallei na secção *Alphabeticamente*, na pagina 622. É irmã da actriz Palmyra Bastos. É bastante nova, começou agora e tem dotes para progredir se quizer estudar e seguir os passos de sua irmã. Como já disse, é intelligente, diz bem e tem um rosto engraçado; falta-lhe apenas habituar-se a fallar n'um tom em que seja ouvida.

FRANÇOIS COPÉE.—D'este notabilissimo poeta tratei a paginas 32, na data do seu nascimento, em 12 de janeiro. Deixar aqui o seu retrato é uma justissima homenagem ao illustre archivista da Comedia Franceza. Além das obras primas que citei, muitas outras tem escripto para o theatro, entre as quaes: *La Bénediction*, *Les Bijoux de la délivrance*, *Le Pater* (prohibida pela censura) *La Guerre de Cent Ans*, *Maitre Ambros*, *Jacobites*, *L'Homme et la Fortune*, *Madame de Maintenon*, *La Korrigane*, *Le Trésor*, *Le Luthier de Crémone*, *Le Prologue*, etc.

CHRISTIANO.—Entre outros retratos dos velhos artistas do theatro de D. Maria, nos felizes tempos da bella companhia, acha-se este, que não quero deixar de dar, apezar de ser dos mais modestos de então. Acabou no mesmo theatro em comparsa esse pobre homem, que foi aqui citado na secção *Alphabeticamente*, na pagina 627.

DIEUDONNÉ.—Tem para nós um certo e justificado interesse a carreira do distincto actor francez **Affonso Emilio Alfredo Dieudonné**, pois que foi em Lisboa, no theatro de D. Maria, que elle fez a sua estreia, tendo-se contractado com uma companhia franceza que nos visitou. Referi-me a elle a paginas 28, na data do seu nascimento, a 9 de janeiro.

LUIZA D'OLIVEIRA.—Já escrevi a respeito d'esta actriz na pagina 371, na data do seu nascimento, a 12 de outubro. Andou ultimamente nas provincias, tendo ido ha duas epochas para o Porto, onde se conserva. Como disse, tem certa utilidade em companhias populares, principalmente em revistas, porque é boa a sua plastica.

HENRI BLONDEAU.—Veja-se o que a seu respeito escrevi a paginas 288, na data do seu nascimento, a 5 d'agosto. Fallei então da sua collaboração com Monréal em innumeras revistas, magicas, parodias, operetas e comedias. **Henri Blondeau** é actualmente um dos mais populares e queridos auctores do genero ligeiro, que a França possue.

THEODORICO (Contraregra).—Na secção *Alphabeticamente*, a paginas 650, póde ver-se que já fiz menção d'este **Theodorico**, afilhado do actor do mesmo nome. Tambem elle começára como actor no velho theatro da Rua dos Condes e sob a protecção do ensaiador Alcantara Chaves; como fosse uma verdadeira negação para a scena, resolveu-se a tomar o logar de contraregra.

ALBERTO VANLOO.—Tratei d'este distincto escriptor dramatico francez a paginas 326, na data do seu nascimento, a 10 de setembro. Citei por essa occasião algumas das suas peças que fizeram successo no theatro da Trindade, de Lisboa. Além de muitas outras, é tambem auctor das seguintes: *O tio Bidochon*, *O paiz do ouro*, *A Fada das cabras*, *A Garota de Paris*, *A Bearneza*, *Arvore do Natal*, *Camargo*, *Mangerona*, etc.

LUCILIA SIMÕES.—Veja-se o que, na pagina 131 e na data do seu nascimento, em 2 de abril, disse de **Lucilia Simões**, a actriz de quem fica agora aqui o retrato. Que tem merito e é util no theatro ainda ninguem contestou. Pena é não ter desde começo seguido uma carreira regular, bem dirigida, com trabalho propriamente do genero, que a sua indole artistica acceita, e com o tempo preciso para pensadamente e com reflexão estudar os personagens que desempenha. Mal tendo tempo para decorar papeis diversissimos, sem mestre da arte para a guiar, trabalhando quasi sempre mal acompanhada e muitas vezes para espectadores que a lisonjeiam sem lhe reconhecerem o merito, milagre quasi seria não se estiolar logo á nascença. É realmente pena.

AFFONSO DOS REIS TAVEIRA.—Este actor-ensaiador-emprezario foi citado n'este livro a paginas 22, na data do seu nascimento, a 6 de janeiro. Como emprezario continúa dirigindo o theatro do Principe Real, do Porto, fazendo no verão digressões ás provincias, a Lisboa ou ao Brazil.

No estio de 1898 deu com felicidade a revista *Ali... á preta* no theatro da Avenida, de Lisboa.

DELAUNAY.—Referi-me a este illustre artista francez, na pagina 111 e na data do seu anniversario natalicio, em 21 de março. **Luiz Arsenio Delaunay,** depois de prestar importantissimos serviços ao theatro com o seu notavel talento, é reformado da Comedia Franceza desde 1886. É professor do Conservatorio de Paris desde 1877.

CARLOS DOS SANTOS.—Já fallei d'este actor na pagina 181, na data de 12 de maio. Ha já alguns annos que faz parte das companhias da cidade do Porto, tendo conseguido salientar-se alli em diversas peças. Em Lisboa nunca teve ensejo de mostrar valor. A sua carreira desenvolveu-se n'uma digressão que fez aos Açores e Madeira com uma companhia organisada pelo maestro Stichini.

BRUNO DE MIRANDA.—Dou o retrato d'este verdadeiro dedicado ao theatro, de quem tratei já a paginas 234, na data do seu nascimento, em 22 de junho.

O excellente caracter e especiaes qualidades moraes de **Francisco Bruno de Miranda,** tornam-n'o querido de todos. É além d'isso intelligentissimo. As suas criticas theatraes são sempre feitas na imprensa com uma honrada sensatez. Além das suas peças que apontei, traduziu ultimamente a zarzuela *Coro de señoras* e o drama *Hedda Gabler*.

ARAUJO ASSIS.—É d'uma photographia antiga o retrato que aqui deixo de **José Bento de Araujo Assis,** de quem escrevi a paginas 28, na data do seu nascimento, em 9 de janeiro. Mostrei alli que tinha elle o seu logar n'este livro como escriptor dramatico, como critico theatral e ainda como curioso distincto de diversas sociedades de amadores.

Araujo Assis ha muito tempo anda afastado de tudo quanto diz respeito a theatro.

BISSON.—Fallei d'este distincto escriptor dramatico francez a paginas 141, na data do seu nascimento, a 9 de abril. Além das peças que então apontei, tem muitas outras, e, entre ellas, as seguintes: *Disparu*, *Erreurs du Mariage*, *Un coup de tète*, *L'heroique le Cardunois*, *Le Véglione*, *Sanglier*, *Nos Jolies Fraudeuses*, *Mam'zelle Pioupiou*, etc.

HENRIQUE ALVES.—Da nova camada de artistas que de ha muitos annos para cá invade os palcos dos nossos theatros, raros teem sido os de valor, de verdadeiro merito; entre esses, porém, alguns ha que já são utilissimos na scena e promettem bello futuro.

N'este numero deve contar-se o actor **Henrique Alves,** que faz parte da companhia Rosas & Brazão, e do qual fallei na pagina 269, na data de 20 de julho.

BENSAUDE.— Já a paginas 107 d'este livro, na data da sua estreia no theatro da Trindade, fallei do distincto barytono portuguez **Moysés Bensaude**, que actualmente percorre as principaes cidades da Europa e America, com companhias lyricas, em que tem sempre um bello logar, não só pela sua bella voz, mas principalmente pelos seus dotes de actor, que já aqui demonstrára no theatro de D. Maria e no da Trindade.

CHRISTIANO DE SOUSA.— O diabo não é tão feio como o pintam, dirá o leitor ao ver a gravura que aqui apresento do actor **Christiano de Sousa**; é preciso, porém, confessar que o gravador, que por vezes tornou antipathicas algumas das nossas actrizes bonitas, favoreceu agora este artista, que na realidade é muito feio. D'elle tratei na secção *Alphabeticamente*, a paginas 626.

PESSOAL ARTISTICO

DOS

THEATROS DE LISBOA

Durante a epocha de 1898-1899

PESSOAL ARTISTICO DOS THEATROS DE LISBOA

REAL THEATRO DE S. CARLOS

Empreza e direcção de José Pacini

Sopranos e meios sopranos: Armida Parsi, Bianchi-Capelli, Eva Tetrazzini, Livia Berlendi, Luiza Pagin, Martelli, Rosa Garavaglia e Stuarda Savelli.

Primeiros tenores: Cartica, Delmas, De Lucia, Giraud e Ibos.

Primeiros barytonos: Mario Ancona e Polese.

Primeiros baixos: Giuseppe De Grazia e Luigi Degrain.

Baixo generico: Archangelo Rossi.

Comprimarios: Lina Garavaglia, Luigi Fiesoli, Carlo Ragni e Emanuele Candela.

Maestros directores d'orchestra: Cleophonte Campanini e Giusepe Barone.

Maestro de córos: Almiñana.

Primeira bailarina: Ignez Caldi.

THEATRO DE D. MARIA II

Sociedade artistica

Commissario régio: Alberto Pimentel.

Gerente: Carlos Posser.

Director de scena: Augusto de Mello.

Actrizes: Virginia, Emilia Lopes, Laura Cruz, Augusta Cordeiro, Delfina Cruz, Antonia de Sousa e Amelia Vianna.

Actores: Augusto de Mello, Ferreira da Silva, Carlos Posser, Carlos Santos, Cardoso Galvão, Fernando Maia, Manuel Nobre, Mesquita, José Campos e F. Sampaio.

Ponto: Leopoldo Duarte.

Contraregra: Pinheiro Brandão.

Machinista: Antonio Coelho.

Cabelleireiro: A. J. Coelho.

Fiscal: Chagas Roquette.

Director d'orchestra: Freitas Gazul.

THEATRO D. AMELIA

Empreza Rosas & Brazão

Actrizes: Rosa Damasceno, Carolina Falco, Amelia Vieira, Anna Pereira, Maria Pia, Maria Falcão, Augusta Bresd'lind, Jesuina Saraiva, Elvira Santos, Amelia O'Sullivand e Candida de Sousa.

Actores: Eduardo Brazão, João Rosa, Augusto Rosa, João Gil, Augusto Antunes, Antonio Pinheiro, Henrique Alves, Alfredo

Santos, Carlos Bayard, Luiz Pinto, Carlos d'Oliveira, F. Lago, Salles e Carlos O'Sullivand.

Director de scena: José Antonio Moniz.
Ponto: Candido Gualdino.
Contraregra: Carlos O'Sullivand.
Aderecista: J. Valdez.
Cabelleireiro: Carlos Magalhães.

THEATRO DA TRINDADE

Empreza e direcção de Sousa Bastos

Actrizes: Palmyra Bastos, Amelia Barros, Aurelia dos Santos, Rosa Paes, Maria Costa, Estephania Pinto, Julia de Castro, Augusta Martins, Laura Ferreira, Carolina e Hortense Rochedo.

Actores: José Ricardo, Queiroz, Augusto, Alfredo Carvalho, Francisco Costa, Joaquim Ferreira, Correia, Roldão, Antonio Sá, Ricardo, Sequeira, Humberto Amaral, Monteiro, Carmo e Pereira.

Director de scena: José Ricardo.
Ponto: José Faria d'Almeida.
Contraregra: José Alves Sequeira.
Machinista: Joaquim Carvalho.
Director musical: Luiz Filgueiras.
Ensaiador de córos: Miguel Gomes.
Cabelleireiro: Julio Nunes.

THEATRO DO GYMNASIO

Empreza José Joaquim Pinto

Actrizes: Barbara Volckart, Beatriz Rente, Josepha d'Oliveira, Sophia Santos, Virginia Farrusca, Julianna Santos, Adelia Soller, Alda Soller e Silveria Soller.

Actores: Joaquim d'Almeida, Marcellino Franco, Telmo Larcher, Antonio Cardoso, Ignacio Peixoto, Alexandre Ferreira, Sebastião Alves, Sarmento, Senna e Luiz Ramos.

Director de scena: Leopoldo de Carvalho.
Ponto: A. Malheiro.
Contraregra: Silva Porto.
Aderecista: José Maria Candeira.
Director musical: Joaquim Cordeiro Fialho.

THEATRO DO PRINCIPE REAL

Empreza Ruas & Irmão

Actrizes: Maria das Dores, Adelina Ruas, Elvira Costa, Eliza Aragonez, Julia d'Assumpção e Rita Machado.

Actores: Pato Moniz, Luciano, José Baptista, Eduardo Soares, Ernesto Valle, A. Torres, M. Ferreira, A. Machado, H. Peixoto, Julio Moraes e F. Mendonça.

Director de scena: Eduardo Moreira.
Ponto: Avellar Pereira.
Contraregra: Frederico Ferreira.
Machinista: Pedro M. Castello.
Cabelleireiro: Pinto Correia.
Director musical: Carlos Araujo.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

Direcção do actor Valle

Actrizes: Jesuina Marques, Amelia Lopiccolo, Gabriella Lucey, Emilia Rochedo, Izabel Marques, Libania, Judith Correia e Beatriz Santos.

Actores: Valle, Silva Pereira, A. Gomes, Alfredo Miranda, Gervasio Correia, João Silva, Carlos Leal, José Alves, M. Santos e Rebocho.

Director de scena: Valle.
Ponto: A. Rosa.
Contraregra: Vianna.
Machinista: Manuel Marques.
Director musical: Filippe Duarte.

THEATRO DA AVENIDA

Empreza Gonsalves de Freitas & Serrão

Actrizes: Lucinda do Carmo, Izaura, Izabel Pacheco, Dolores Rentini, Eliza Santos, Augusta Alves, Adocinda Lobato e Anna de Mello.

Actores: Joaquim Costa, F. Roque, Raul Plantier, José Rentini, Annibal Pinheiro, Duarte Silva, José Franco, Hypolito Costa e Antonio Alves.

Director de scena: Joaquim Costa.
Ponto: A.º Couceiro.
Contraregra: A. Alves.

Aderecista: João Annunciação.
Machinista: José Maria Annunciação.
Director musical: Carlos Calderon.

REAL COLYSEU DE LISBOA

Empreza Salvador Marques e Pedro Cabral

Actrizes: Mercedes Blasco, Carolina Santos, Elvira de Jesus, Francisca Martins e Maria José Soares.

Actores: Santos Junior, Christiano Telmo, Carlos Lopes, Antonio Salvador, Salvador Braga, Luiz Fialho e Pedro Cabral.

Director de scena: Salvador Marques.
Ponto: J. Almeida.
Contraregra: J. Benoit.
Machinista: J. Salgueiro.
Cabelleireiro: Pinto Correia.
Director musical: Rio de Carvalho.

COLYSEU DOS RECREIOS

Empreza Santos Junior

Companhia gymnastica, equestre, acrobata e comica.

Tem epochas de companhias de canto.

ALGUNS LIVROS

Que devem ser consultados pelos escriptores
e artistas dramaticos

ALGUNS LIVROS

Abus (Les) du Théatre, par Alphonse Lemonnier. Paris, 1895.

Acteurs et Actrices d'autrefois, histoire anecdotique des théatres a Paris depuis trois cents ans, par Arthur Pougin. Paris, Juven & C.ie, editeurs.

Album do actor Santos, repositorio de curiosidades dramaticas. Lisboa, 1885.

Annales du Théatre et de la Musique, par Edouard Noël e Edmond Stoullig, 21 volumes publicados de 1875 a 1895 em Paris.

Art de bien dire, par H. Dupont-Vernon. Paris.

Art du Comédien, principes généraux, par Aristippe. Paris, 1818.

Arte Dramatica, por Manuel de Macedo. Numero 116, 15.ª serie, 5.º anno da «Bibliotheca do Povo e das Escolas». Lisboa, David Corazzi, editor.

Arte no theatro, n.º 77, 10.ª serie, 4.º anno da «Bibliotheca do Povo e das Escolas. Lisboa, 1864.

Bozzetti di Teatro per Giuseppe Costetti. Bologna, 1887.

Bréviaire des Comédiens, par Lelion-Damiens. Paris, 1858.

Choses et gens de théatre, par Paul Ginisty. Paris, 1892.

Code manuel des artistes dramatiques, par Agnel. Paris, 1851.

Code des théatres a l'usage des directeurs, des artistes, des auteurs, des maires et adjoints, de la magistrature et du barreau, par Charles Constant. Paris, 1882.

Comédie (La) aprés Moliere et le Théatre de Dancourt, par Jules Lemaitre. Paris, Hachette & C.ie

Comédie de Salon, comment on la monte et comment on la joue. Paris, Ernest Kolb.

Contemporains et successeurs de Shakspeare, par A. Mézières. Paris, 1864.

Curiosités dramatiques et littéraires, par Hippolyte Lucas. Paris, 1855.

Des theatres, par De Molinari. Bruxelles, 1861.

Dictionnaaire historique et pittoresque du Théatre et des arts qui s'y rattachent, par Arthur Pougin. Paris, 1885.

Diseurs et Comédiens, par H. Dupont-Vernon. Paris, 1891.

Droit privé du Théatre ou Rapports des

Directeurs avec les auteurs, les acteurs et le public, par Joseph Astruc. Paris, 1897.

Encyclopédie Théatrale. Paris, 1860.

Enseignement moral dans les Comédies de Moliére, par Alphonse Leveaux. Paris.

Envers du Théatre, par M. J. Moynet. Paris, Bibliotheque des Merveilles.

Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, par Adrien-Balbi. Paris, 1822. Tome second. Deuxième partie. Coup-d'œil sur l'état actuel des sciences et des arts parmi les portugais.

Essai sur l'histoire du théatre, par Bapst Germain. Paris, 1893.

Étude sur Moliére, par Alphonse Leveaux. Paris.

Études sur les Tragiques Grecs, par M. Patin. Paris, 1865.

Études théatrales, par H. Dupont-Vernon. Paris.

Figures d'opéra-comique, par Arthur Pougin. Paris, Tresse, editeur.

Gil Vicente, pelo Visconde de Ouguella. Lisboa.

Histoire anecdotique du Théatre, de la Litterature et de Diverses Impressions contemporaines, par Charles Maurice. 2 vol. Paris, 1856.

Histoire de l'Art Dramatique en France, depuis vingt-cinq ans, par Theophile Gautier. Paris, 1858.

Histoire de la Littérature Dramatique, par Jules Janin. Paris, 1855.

Histoire du Théatre français, par les Fréres Parfaict. 7 vol. Paris, 1735.

Historia do Theatro Portuguez, por Theophilo Braga. Seculo XVI, Vida de Gil Vicente e sua escola.— Seculos XVI e XVII, A Comedia classica e as tragicomedias.— Seculo XVIII, A Baixa Comedia e a Opera.— Seculo XIX, Garrett e os Dramas romanticos. 4 vol. Porto, 1870-1871.

Impressions de Théatre, par Jules Lemaitre. 8 vol. Paris, 1895.

Machinerie au Théatre depuis les grecs jusqu'a nos jours, par E. M. Laumann. Paris, Maison Didot.

Madrid de los recuerdos, por Enrique Sepulveda. Madrid, 1897.

Manual do Ensaiador Dramatico, por Augusto de Mello. Numero 187, 24.ª serie da «Bibliotheca do Povo e das Escolas. Companhia Nacional Editora.

Memoires de Mademoiselle Clairon. Paris.

Memorias de litteratura contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça. Lisboa, 1855.

Mille et une nuits du Théatre, par Auguste Vitu. 9 vol. Paris, 1894.

Mocidade de Gil Vicente (o Poeta), quadros da vida portugueza nos seculos XV e XVI, por Julio de Castilho. Lisboa, 1897.

Moliére et l'opéra-comique, par Arthur Pougin. Paris, Baur, editeur.

Nos Artistes, portaits et biographies, par Jules Martin. Paris, 1895.

Nos Auteurs et Compositeurs Dramatiques, par Jules Martin. Paris, 1897.

Nos Théatres de 1800 a 1880, par Alphonse Leveaux. Paris, 1886.

Obras de Gil Vicente, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. Gomes Monteiro. 3 vol. Hamburgo, 1834. A primeira edição é de Lisboa, 1562.

Œuvres complétes de Regnard, nouvelle edition. Paris, 1875. A primeira edição é de 1731, em 5 vol.

Œuvres de Moliére, avec des notes de divers commenteurs. Paris, 1833. Além d'esta bella edição, ha innumeras outras desde a de 1674, em 7 vol.

Origem da Arte Dramatica, estudo historico-litterario, por Licinio F. C. de Carvalho. Está publicado conjunctamente com o drama heroico *O Rajah de Bounsoló.* Porto, 1854.

Origines du théatre antique et moderne, par Ch. Magnin. Paris, 1868.

Ours et Fours, théatre en chambre, préfaces et études dramatiques, par Émile Bergerat. Paris, 1886, 2 vol.

Paris dilettante au commencement du siécle, par Adolphe Jullien. Paris, 1884.

Petits Mystéres de la vie théatrale, souvenir d'un homme de théatre, par Alphonse Lemonnier. Paris.

Platéa (A), importante folha theatral que

se publicou em Lisboa, de fevereiro de 1875 a março de 1876.

Premières Illustrées, notes et croquis. 7 vol. Texte de Raoul Toché; prefaces de Meilhac, Henri Becque, Valabrègue, Sardou, Jules Claretie, Halévy e Henry Buguet. Collaboration de Sarcey, Auguste Vitu, Saint-Mór, Lapommeraye, Camille Lemonnier, Fouquier, Jules Lemaitre, etc.

Premières de Moliére, par Alphonse Leveaux. Paris.

Princesses de Comédie et Déesses d'Opera, par Arséne Houssaye. Paris.

Propos de Ville et propos de Théatre, par Henry Murger. Paris, 1858.

Real Theatro de S. Carlos de Lisboa desde a sua fundação em 1793 até á actualidade, estudo historico por Francisco da Fonseca Benevides. Lisboa, 1884.

Recherches sur les théatres de la France, par De Beauchamps. Paris, 1735.

Revista Contemporanea de Portugal e Brazil, importante folha que foi collaborada pelos mais distinctos escriptores da epocha. Sahiram 5 vol. de 1859 a 1865.

Revista Theatral, importante folha de assumptos de theatro, creada por Collares Pereira e Joaquim Miranda. O primeiro volume sahiu em 1885. Sahiram depois outros dois volumes em 1895 e 1896.

Rudimentos da Arte Dramatica, pelo Dr. Luiz da Costa Pereira, antigo ensaiador do theatro de D. Maria. Lisboa.

Sifflet au théatre, par Arthur Desjardins. Paris, 1877.

Soirées parisiennes, par Un Monsieur de l'Orchestre (Arnold Mortier), 10 vol. Paris, 1875-1884.

Souvenirs de Théatre, d'Art et de Critique, par Théophile Gautier. Paris, 1883.

Sur l'art du comédien, par Failly. Paris, 1852.

Teatro in Italia, storia dedicata agli artisti teatrali e agli allievi dei Conservatori, da Vittore Ottolini. Milano.

Teatro por dentro, estudios del natural por Eduardo Saco. Madrid, 1879.

Théatre, interessante publicação em que collaboraram: F. Coppée, Jules Bonnassies, Thierry, Champfleury, Marescot, Listener, E. Fournier, Jules Claretie, A. Pagès, Paul Foucher, Théodore de Banville, Sarcey, Léo Lespès, Pinard, Dherbois, Louis Ulbach, etc. Bellas gravuras e autographos. Paris, 1874.

Théatre, interessantissima publicação illustrada, que teve começo em janeiro de 1898 e continúa a sahir com a maxima regularidade.

Théatre a côté, par Adolphe Aderer, préface par F. Sarcey. Paris, 1894.

Théatre a l'Exposition Universelle de 1889, notes et descriptions, histoire et souvenirs, par Arthur Pougin. Paris, 1890.

Théatre a Paris, par Camille Le Senne. Paris, editeur-Sondier.

Théatre au Portugal, par Henry Lyonnet, ouvrage illustré de 45 photogravures. Paris, 1898.

Théatre français au XVI^e et au XVII^e siècle, par Edouard Fournier, ouvrage couronné par l'Academie Française et illustré de portraits en pied coloriés. Paris, editeurs Laplace, Sanchez & C.^ie

Théatre français avant la Renaissance — 1450-1550, par Edouard Fournier. Paris, editeurs Laplace, Sanchez & C.^ie

Théatre choisi de Racine, nouvelle édition avec une introduction, des notices et des notes, par L. Petit de Julleville. Paris, 1888.

Théatre de Pierre et de Thomas Corneille, avec notes et commentaires. Paris, 1843.

Théatre de la Cour á Compiégne pendant le règne de Napoleon III, par Alphonse Leveaux. Paris.

Théatre des Grecs, par Le Pére Brunoy. Paris.

Théatre et le peuple, esquisse d'une organisation théatrale, par Jules Bonnassies. Paris, 1872.

Théatres de Paris, biographies d'artistes. Paris.

Theatro Comico Portuguez, ou collecção das operas portuguezas que se representaram na casa do theatro publico do Bairro Alto de Lisboa. 4 vol. con-

tendo as obras de Antonio José, o *Judeu*, e outras.

Theatro de Manuel de Figueiredo, 14 vol. Lisboa, de 1804 a 1815. Contém interessantissimos prologos e notas.

Theatro no Rio de Janeiro, interessante e instructivo artigo de Mello Moraes (filho), publicado como prologo ao volume das *Comedias* de Martins Penna. Rio de Janeiro, editor Garnier.

Théorie de l'art du comédien, ou Manuel Théatral, par Aristippe. Paris, 1826.

Traité de la legislation et de la jurisprudence des Théatres, par Adolphe Lacan. 2 vol. Paris, 1853.

Trucs et Décors, explication raisonnée de tous les moyens employés pour produire les illusions théatrales, par Georges Moynet. Paris.

Vie au théatre, par Giffard. Paris, 1888.

Vie moderne au Théatre, causeries sur l'art dramatique, par Jules Claretie. Paris, 1875.

Vrais Créateurs de l'Opera française, par Arthur Pougin. Paris, editeur Charavay.

AGRADECENDO NOVAMENTE

Ao findar a publicação d'este livro, reitero os meus mais sinceros agradecimentos a todos os cavalheiros que mencionei na pagina 13 e que me auxiliaram com as suas informações, devendo aqui especialisar com profundo reconhecimento mais os seguintes:

Acacio Antunes, o illustre escriptor dramatico, actualmente residindo no Rio de Janeiro.

Firmino Pereira, distincto jornalista portuense.

José Granado Junior, meu querido genro e bom amigo, que foi incansavel em procurar informações.

Leopoldo de Carvalho, o eximio ensaiador do theatro do Gymnasio.

José Maria dos Passos Valente, prestante funccionario publico e escriptor dramatico.

Dr. Vicente Ferrer de Barros W. Araujo, illustre jornalista pernambucano.

Victorino Ribeiro, um sincero e apaixonado investigador de coisas de theatro.

INDICES ALPHABETICOS

De todas as materias contidas n'este volume,
classificadas e com referencia
ás diversas paginas em que é tratado o mesmo assumpto

INDICES ALPHABETICOS

Actores portuguezes e brazileiros

Actrizes portuguezas e brazileiras

Aderecistas

Architectos, auctores de figurinos e decoradores

Artistas dramaticos estrangeiros

Benemeritos do theatro

Cabelleireiros de theatro

Cantores portuguezes

Companhias diversas

Contraregras

Curiosidades theatraes

Decretos, portarias, tratados e outros documentos referentes ao theatro

Diversos empregados de theatro

Dramas, comedias, tragedias, operas-comicas, revistas e peças phantasticas notaveis pelo seu merecimento ou pelo successo que obtiveram.

Emprezarios theatraes

Ensaiadores portuguezes e brazileiros

Escriptores dramaticos e criticos theatraes, portuguezes e brazileiros.

Escriptores dramaticos estrangeiros

Operas e dansas

Pontos

Scenographos

Theatros estrangeiros

Theatros portuguezes e brazileiros

Indice das gravuras

ULTIMAS ERRATAS

A pagina 821, no elenco da companhia do Theatro de S. Carlos, onde se lê: *Bianchi-Capelli,* leia-se: *Bianchini-Capelli.*

A pagina 822, no elenco da companhia do Theatro da Trindade, onde se lê: *Cabelleireiro — Julio Nunes,* leia-se: *Cabelleireiro — Antonio José Coelho.— Fiscal — Julio Nunes.*

OBRAS DE SOUSA BASTOS

Coisas de Theatro. — O que suscitou o livro — União dos Emprezarios — Ordenados dos artistas — As estrellas — Companhias estrangeiras Companhias do Porto — O Conservatorio Dramatico — As primeiras representações — Ensaiadores e maestros — Auctores novos e velhos — Os amigos dos emprezarios — Mães, paes e amantes das actrizes — A imprensa e os theatros — Socios capitalistas — Os discipulos — Os direitos de auctor — Beneficios de artistas e vendidos — Os professores das orchestras Ensaios geraes — A claque — Os proprietarios dos theatros — Os guarda-roupas — Machinistas, aderecistas e scenographos — Coristas, figurantes e comparsas — Outros empregados do theatro — Bilheteiro e porteiros — Descanços para ensaios — Os borlistas — Preços dos logares nos theatros — Theatros particulares — Cartazes, programmas e annuncios — Contractadores de bilhetes — Os cafés de theatro — Os impostos dos theatros — As escripturas dos artistas — Conclusão. 1 volume... Réis 500

O Casamento da Nitouche, vaudeville original em 3 actos, em continuação ao vaudeville *Mam'zelle Nitouche*, representado com grande exito no theatro da Rua dos Condes.......... 300

Um creado brioso, comedia em 1 acto, representada com muito agrado nos theatros de D. Maria, Gymnasio, Rua dos Condes e Avenida... 160

Niniche, vaudeville em 3 actos, traducção, representada com enorme successo nos theatros da Trindade, Gymnasio, Principe Real, Rua dos Condes e Avenida........... 300

O Periquito, opereta em 3 actos, com grande successo nos theatros do Brazil...................... 300

Uma casaca castanha com botões amarellos, comedia em 1 acto, representada no theatro do Gymnasio. 120

A Valsa, comedia em 1 acto, representada no theatro da Rua dos Condes.......................... 120

A Prima Francisca, comedia em 1 acto, representada no theatro do Principe Real................... 120

NO PRELO

Documentos e Depoimentos (para a historia do theatro).

Gente de theatro (biographias).

O Actor, drama em 4 actos.

A SEGUIR

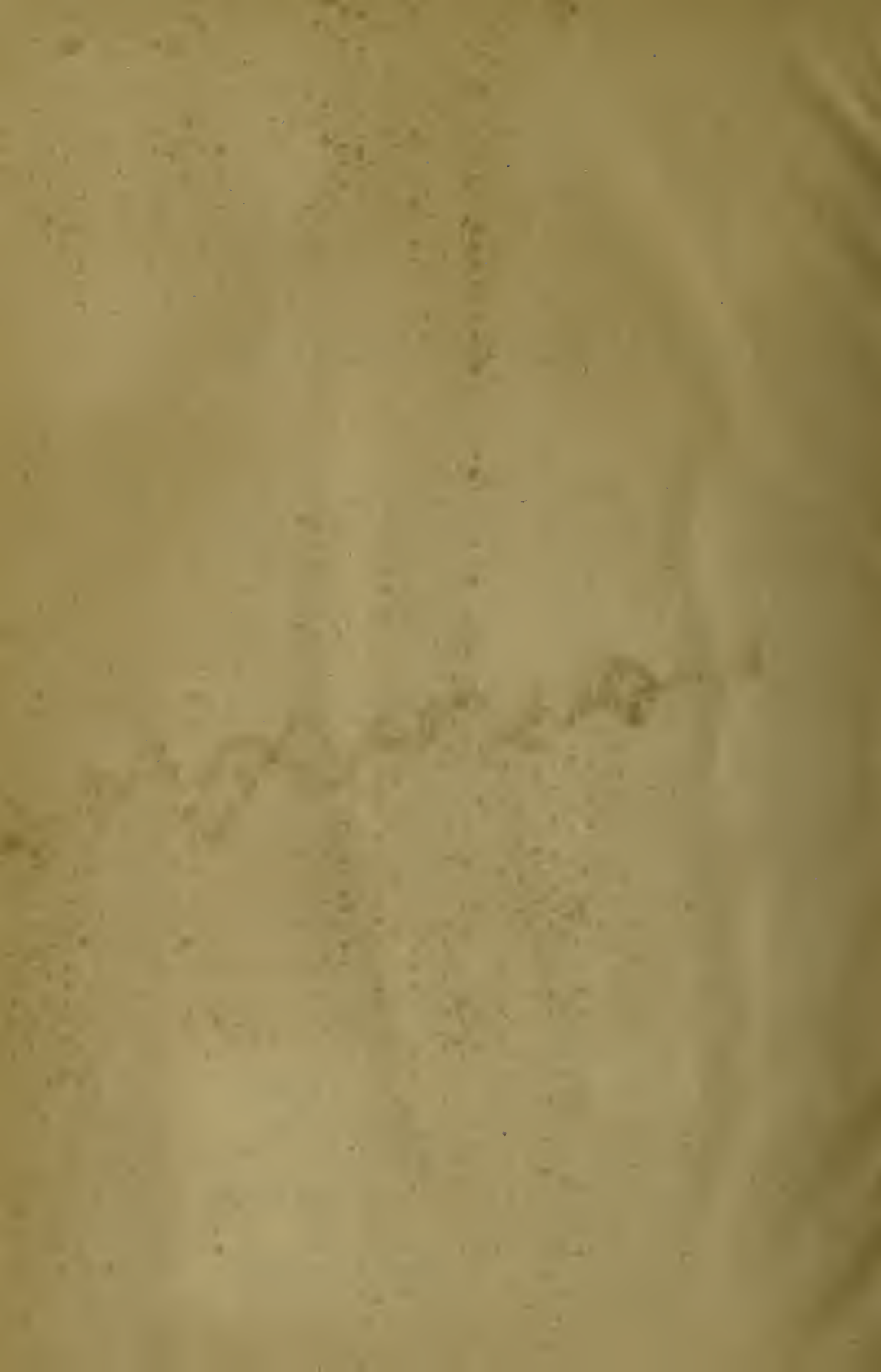
O theatro do meu tempo.

Historia anedoctica do theatro.

EM PREPARAÇÃO

Diccionario theatral.

Typos dos nossos theatros.

Os bons e os ruins do theatro.

ACABADO DE IMPRIMIR

NA

IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA

aos 31 dias do mez de janeiro

anno

M DCCC XCIX